Sermões II

Santo Agostinho

Santo Agostinho
Sermões II

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR Teodoro Editor
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2020

Sermões II

Santo Agostinho

Sermão 115 - A humildade na prece.

Propôs-lhes Jesus uma parábola, para mostrar que é necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo. Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava pessoa alguma. Na mesma cidade vivia também uma viúva que vinha com frequência à sua presença para dizer-lhe: “Faze-me justiça contra o meu adversário”. Ele, porém, por muito tempo não o quis. Por fim, refletiu consigo: “Eu não temo a Deus nem respeito as pessoas; todavia, porque esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, senão ela não cessará de me molestar”.
Prosseguiu o Senhor: “Ouvis o que diz este juiz injusto? Por acaso não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que estão clamando por ele dia e noite? Porventura tardará em socorrê-los?
Digo-vos que em breve lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a terra?”

Jesus lhes contou ainda esta outra parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos e desprezavam os outros:
Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: “Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas: ladras, injustas e adúlteras; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros”.

O publicano, porém, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!”
Digo-vos: este voltou para casa justificado e não o outro. Pois todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado.

Trouxeram-lhe também criancinhas, para que ele as tocasse. Vendo isto, os discípulos as repreendiam.
Jesus, porém, chamou-as e disse: “Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais, porque o Reino de Deus é daqueles que se parecem com elas.
Em verdade vos declaro: quem não receber o Reino de Deus como uma criancinha, nele não entrará”[1].

Análise

Nosso Senhor nos exorta, da maneira mais enfática, a rezarmos sempre. Mas, para rezar é preciso a fé. No entanto, a prece precisa obter o fortalecimento da própria fé.

Por consequência: como somos pobres!

Assim, precisamos rezar não com o orgulho do fariseu, mas com a humildade profunda do publicano.

O que pensar então dos heréticos que, ao se atribuírem o mérito de suas boas obras, conseguem ir além, com seu orgulho, dos próprios fariseus? Nem só as criancinhas precisam da graça de Deus.

01 – Fé e prece precisam uma da outra.

Esta leitura do santo Evangelho nos leva à prece e à verdadeira fé, sem nos permitir nos apoiarmos em nós

mesmos, mas no Senhor. Pode haver uma exortação mais contundente do que esta comparação com o juiz iníquo? Ele não temia Deus e nem ninguém, mas, vencido pelo incômodo e não pela humanidade, ele acaba, no entanto, por escutar a pobre viúva que recorrera a ele.

Se então esse juiz ouviu a viúva, embora considerasse suas reclamações muito importunas, como não nos ouvirá Aquele que nos pressiona a rezar?

Mas, ao nos estimular, com esta parábola tirada dos opostos, *orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo*, o Senhor questiona: *Mas, quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a terra?*

Sem a fé, nada de prece. Como pedir o que não se acredita?

Desta forma, o bem-aventurado Apóstolo não deixa de dizer, ao exortar à prece: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*. Depois, para mostrar que a fé é a fonte da oração e que o riacho não pode fluir se a fonte estiver seca, ele questiona: *Porém, como invocarão aquele em quem não têm fé?*[2]

Assim, então, para rezar é preciso acreditar e, para obter a conservação da fé gerada pela prece, é preciso rezar. A fé espalha a prece e a prece, ao se espalhar, obtém o fortalecimento da fé.

Eu repito: a fé espalha a prece e a prece, ao se espalhar, obtém o fortalecimento da fé. De fato, foi para não deixar nossa fé se enfraquecer no meio das tentações que o

Senhor disse: *Levantai-vos, orai, para não cairdes em tentação*[3].

Levantai-vos, orai para não cairdes em tentação, eu repito. O que é cair em tentação, se não é deixar a fé? A tentação ganha o que a fé perde e a fé ganha, por sua vez, o que perde a tentação.

Efetivamente, para melhor convencer suas caridades de que, ao dizer: *Levantai-vos, orai para não cairdes em tentação*, o Senhor forneceu um meio de impedir o enfraquecimento e a perda fé, ele acrescenta, na mesma passagem do Evangelho: *Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça*[4]. Quando Aquele então que sustenta suplica, aquele que está em perigo não suplicará?

Observemos, no entanto, que as palavras: *quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a terra?* se aplicam à fé perfeita, pois ela é bem rara neste mundo.

Vocês veem que a Igreja de Deus está cheia. Ora, quem poderia entrar nela se não tivesse fé e se essa fé fosse perfeita, quem não transportaria montanhas?

Pensem nos próprios Apóstolos. Eles não abandonariam tudo, não pisotearíam nas esperanças do mundo para seguir o Senhor se eles não tivessem uma grande fé. No entanto, se essa fé fosse perfeita, eles não pediriam ao Senhor: *Aumenta-nos a fé!*[5]

Pensem também nessa dupla confissão: a fé que existe realmente, mas que não é perfeita, na boca daquele pai que

apresenta o filho ao Senhor, para que este o liberte do demônio. Perguntado se ele tinha fé, ele responde: *Creio, Senhor! Mas, ajude minha incredulidade!*[6]

Eu creio! Eu creio, Senhor! Ele tem, portanto, fé. *Mas, ajude minha incredulidade!* Sua fé não era, portanto, ainda perfeita.

02 – A parábola do fariseu e do publicano.

Não sendo esta fé para os orgulhosos, mas para os humildes, o Senhor conta esta outra parábola, para alguns que confiam neles mesmos como sendo justos e desprezam os outros: *Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas*.

Ele deveria dizer pelo menos, "como muitas pessoas". O que significa: *como as demais pessoas*, se não é como todas as outras pessoas, exceto eu?

"Eu sou, portanto, justo" __ ele disse __ "e os outros são pecadores".

Não sou como as demais pessoas: ladras, injustas e adúlteras.

Ele vê um publicano que lhe dará motivo para se ensoberbecer ainda mais.

Nem como o publicano que está ali, ele disse. "Ele faz parte da maioria. Mas eu, eu sou de outra espécie. Eu não me pareço com ele, graça às minhas obras de justiça, que me preservam de toda iniquidade. *Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros*".

O que ele pede então a Deus? Examinamos suas palavras e não encontramos nada. Ele subiu para rezar, mas, invés de rezar, ele se louva. Não satisfeito em não rezar e se louvar, ele também insulta quem reza.

O publicano, porém, mantendo-se à distância, estava perto de Deus. Os remorsos de sua consciência o afastavam de Deus, mas sua devoção o ligava a ele.

O publicano mantinha-se afastado, mas Deus o olhava de perto, pois o Senhor é grande e volta seu olhar para os humildes, enquanto que vê de longe os soberbos, como esse fariseu. Ele vê de longe os soberbos[7], mas não os esquece.

Pensem também na humildade do publicano. Pouco contente em se manter afastado, *não ousava sequer levantar os olhos ao céu*. Para ser olhado, ele não olhava. Ele não ousava olhar para cima. Sua consciência o curvava, mas a esperança o levantava.

Reparem também: ele *batia no peito*. Ele punia a ele mesmo e, assim, o Senhor perdoou sua confissão de culpa. Ele *batia no peito, dizendo: "Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!"*

Aí está uma pessoa que reza. O que há de espantoso que Deus o perdoe, já que ele se conhece tão bem?

Depois de terem prestado atenção às queixas do fariseu e do publicano, escutem a sentença. Depois de ter visto o orgulho no acusador e a humildade no acusado, escute o Juiz: *Digo-vos*. É a Verdade, é Deus, é o Juiz quem fala: *Digo-vos, este* publicano *voltou para casa justificado e não o outro*, o fariseu.

“Por que, Senhor? Eu vejo o publicano, mais do que o fariseu, sair do templo justificado. Por quê?”

Por quê? Eu digo o porquê. *Todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado*.

Você acaba de ouvir a sentença. Tome cuidado, portanto, para não se colocar em uma má situação. Caso contrário, você acaba de ouvir a sentença. Tome cuidado com a soberba.

03 – Contra os pelagianos.

Que abram os olhos agora, que prestem atenção os zombadores ímpios, as pessoas que presumem de suas próprias forças e que dizem: “Deus me fez humano, mas eu me fiz justo!”

Isto não é ser pior e mais detestável do que o fariseu? O fariseu, em sua soberba, se dizia justo, mas ele dava graças a Deus por sua justiça. Ele se dizia justo, mas dava graças a Deus.

Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas.

Graças te dou, ó Deus. Ele agradeceu a Deus por não ser como as outras pessoas, mas, no entanto, ele é censurado por seu orgulho e sua soberba. Seu erro não foi dar graças a Deus, mas se ver como não precisando de mais nada.

Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas, que são injustas. Você é justo, você! E, por isso, você não pede mais nada? Você é então perfeito e a vida

humana não é mais uma luta sobre a terra[8]. Você é então perfeito, você é rico e não precisa mais pedir: *Perdoai as nossas ofensas*[9].

Ora, se somos culpados por darmos graças com orgulho, o que não merecemos ao atacar a graça com a impiedade?

04 – Aos bebês é necessário o batismo de Cristo.

Depois destas queixas e desta sentença, apresentam-se __ ou melhor, são apresentadas __ ao Senhor criancinhas, para que ele condesceda tocá-las.

Se ele deve tocá-las, não é porque ele é o Médico? E, se essas crianças não possuem nenhum mal, por que pedir que ele as toque?

A quem essas crianças são apresentadas? Ao Salvador. Se ele é seu Salvador, é porque ele deve salvá-las. Não foi ele que veio *procurar e salvar o que estava perdido*[10]? Como eles se perderam?

No que me diz respeito, eu as vejo inocentes. Como considerá-las culpadas? Ouçamos a voz do Apóstolo: *Por um só homem entrou o pecado no mundo*. *Por um só homem*, ele diz, *entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[11].

Venham então criancinhas, venham! Que se escute o Senhor! Ele diz: "*Deixai vir a mim as criancinhas*. Venham, pequenos doentes, ao seu Médico! Perdidos, ao seu

Redentor! Venham e que ninguém os impeça. Eles não produziram ainda nenhum fruto em seus ramos, mas já estão mortos na raiz”.

Que o Senhor abençoe os pequenos e os grandes; que o Médico toque assim uns e outros. Nós recomendamos aos mais velhos a causa dos mais novos. Falem por eles, já que eles não falam. Rezem por eles, já que eles choram.

Para que não sejam mais velhos inúteis, sejam seus tutores. Proteja-os, já que eles não conseguem cuidar dos seus próprios interesses. Eles se perderam como nós, mas, que eles, conosco, se salvem. Nós perecemos juntos; salvemo-nos juntos em Cristo.

Os méritos são desiguais, mas a graça é comum. Não há mal neles que eles não tenham trazido da fonte. Não há mal neles que eles não trouxeram ao nascer.

Ah! Que eles não sejam afastados da salvação por aqueles que acrescentaram tantos males ao pecado original. Aquele que tem mais idade tem também mais iniquidades. Mas a graça de Deus apaga, ao mesmo tempo, o que vem da origem e o que vem da vontade. Ela superabundou onde tinha abundado o pecado[12].

Sermão 116 - A economia da fé.

Enquanto ainda falavam dessas coisas, Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco!”
Perturbados e espantados, pensaram estar vendo um espírito.

Mas ele lhes disse: “Por que estão perturbados e por que essas dúvidas em seus corações? Vejam minhas mãos e meus pés. Sou eu mesmo. Apalpem e vejam. Um espírito não tem carne nem ossos, como veem que tenho”.
E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. Mas, vacilando eles ainda e estando transportados de alegria, perguntou: “Tendes aqui alguma coisa para comer?”
Então ofereceram-lhe um pedaço de peixe assado. Ele tomou e comeu à vista deles. Depois lhes disse: “Isto é o que vos dizia quando ainda estava convosco: era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos”.
Abriu-lhes então o espírito, para que compreendessem as Escrituras, dizendo: “Assim é que está escrito e assim era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”13.

Análise

Ao aparecer aos seus Apóstolos após sua ressurreição, Jesus Cristo se empenha em lhes provar que não se trata de um espírito puro que se mostra a eles, mas que é ele mesmo na realidade de seu corpo.

Quão culpados são então os maniqueístas que não acreditam na realidade da carne de Cristo, apesar de todas as provas contrárias que ele deu neste mundo!

Após ter demonstrado aos seus discípulos que estava real e fisicamente ressuscitado, o Salvador lhes profetizou a difusão do Evangelho e da Igreja por todo o mundo. Eles

viam Jesus Cristo, mas eles não viam ainda a Igreja Católica e acreditaram nisto sob o testemunho do Salvador. Da mesma forma, sob o testemunho da Igreja que vemos, nós acreditamos no Salvador que não vemos.

Os Apóstolos, no entanto, logo viram o cumprimento das divinas promessas e a própria perseguição serviu para propagar o Evangelho, sendo que um dos mais ardentes dos seus perseguidores acaba se tornando um dos mais generosos dos seus pregadores.

01 – Cristo ressuscitado aparece em seu corpo.

O Senhor, como acabamos de ouvir, apareceu aos seus discípulos, depois de sua ressurreição e os saudou, lhes dizendo: *A paz esteja convosco!*

Esta é a paz e a saudação do próprio Salvador. Saudação vem de *saúde*, mas, há coisa melhor do que a própria Salvação saudando a pessoa? Cristo, de fato, é nossa salvação. Ele é nossa salvação, já que, para nos salvar, ele foi ferido, pregado na madeira, retirado dela em seguida e colocado em um sepulcro.

Ao sair do sepulcro ele tinha curado suas feridas e conservado suas cicatrizes. Ele julgou, de fato, dever conservá-las em favor dos seus discípulos, para curar as chagas feitas em seus corações.

Feitas por quem? Pela infidelidade.

Assim, ele apareceu aos olhos dos seus discípulos, lhes mostrando a realidade de sua carne. Mas, eles acreditaram

ver um espírito, o que não deixou de provar o quanto seus corações estavam feridos e aqueles que conservaram esta ferida se tornaram os autores de uma heresia funesta.

Acreditemos que, por terem sido prontamente curados, os verdadeiros discípulos não estavam feridos!

Que suas caridades reflitam: se eles tivessem conservado esta ferida; se eles tivessem permanecido acreditando que o corpo do Salvador não tinha saído do túmulo e que um espírito tinha assumido a forma de um corpo humano para enganar os olhares; se eles tivessem mantido esta fé __ ou melhor, esta falta de fé __ nós teríamos que chorar, não por causa de suas feridas, mas por causa de suas mortes.

02 – A dúvida dos discípulos.

O que diz então o Senhor Jesus? *Por que estão perturbados e por que essas dúvidas em seus corações?* Se estas dúvidas se levantam, elas se levantam da terra.

O que é vantajoso para o ser humano não é que pensamentos se ergam em seus corações, mas que seus corações se ergam para o alto, onde o Apóstolo buscou estabelecer os corações dos crentes, quando lhes disse: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória*[14].

Em que glória? Na glória da ressurreição.

Em que glória? Escute o Apóstolo falando de nosso corpo: *Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível; semeado no desprezo, ressuscita glorioso; semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso; semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[15].

Ora, os Apóstolos não quiseram conceder esta glória ao seu Mestre, ao seu Cristo, ao seu Deus. Eles não acreditavam que ele pudesse ressuscitar seu corpo do sepulcro e viam nele um espírito, mesmo vendo sua carne. Eles não acreditavam em seus próprios olhos, enquanto que nós, nós acreditamos em sua palavra, seja o que for que nos mostre a realidade.

Cristo se mostrou pessoalmente a eles e eles não acreditaram!

Que ferida! Ó divinas cicatrizes, venham curá-la!

"*Por que estão perturbados e por que essas dúvidas em seus corações? Vejam minhas mãos e meus pés*. Foi por eles que fui pregado".

Apalpem e vejam. Mas vocês veem sem ver.

Apalpem e vejam. O quê? *Um espírito não tem carne nem ossos, como veem que tenho*. *E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés*. Como acabamos de ouvir.

03 – Como os Apóstolos se convenceram da ressurreição de Cristo.

Mas, vacilando eles ainda e estando transportados de alegria. Ei-los na alegria, mas, no entanto, ainda tremendo.

É que uma coisa incrível tinha acontecido, embora realmente acontecida.

Hoje em dia é um fato inacreditável que o corpo do Senhor tenha saído do túmulo? Mas o mundo inteiro acredita e somos culpados em não acreditar.

Então, pelo contrário, sendo o fato inacreditável, Jesus se mostrou, não somente aos olhos, mas também às mãos, para fazer a fé entrar nos corações por meio dos sentidos e para que essa fé descida assim aos corações pudesse se anunciar ao mundo e se impor com firmeza a pessoas que acreditariam sem ver e sem tocar.

Tendes aqui alguma coisa para comer?, perguntou o Salvador.

Bom Mestre, ele não negligencia nada para fortalecer a fé. Ele não tinha fome, mas pediu comida. Ele comeu então porque ele podia, não porque precisava.

Que os discípulos reconheçam aqui a realidade do seu corpo, já que o mundo acreditará nas palavras deles mesmos.

04 – Contra aqueles que negam a realidade da ressurreição de Cristo.

E ainda há heréticos que imaginam que, mesmo se mostrando aos olhos, Cristo não tinha um corpo verdadeiro? Que eles se livrem desta ideia e se deixem convencer pelos Evangelhos. Não os censuramos por terem esta ideia, mas Cristo os condenará, se a mantiverem.

Quem é você então para acreditar que era impossível para o corpo do Salvador sair vivo do túmulo? Você é um maniqueísta? Ao não acreditar na realidade de sua morte na cruz e nem na realidade do seu nascimento, você o acusa de sempre ter enganado.

Então, ele engana e você diz a verdade? Sua boca não mente, mas todo seu corpo é mentiroso? Você afirma que ele mostrou aos olhos o que ele não tinha; que só tinha um espírito sem corpo?

Escute-o. Ele o ama e não quer condená-lo. Escute-o; é a você que ele fala. Sim, infeliz, é a você que ele diz: *Por que estão perturbados e por que essas dúvidas em seus corações? Vejam minhas mãos e meus pés. Sou eu mesmo. Apalpem e vejam. Um espírito não tem carne nem ossos, como veem que tenho*.

Assim falou a própria Verdade. Ela enganava? Era um corpo verdadeiro e uma carne real. Via-se o que estivera no túmulo. Que a dúvida desapareça e dê lugar a louvores legítimos.

05 – Cristo mostrou-se como a cabeça e prometeu a Igreja como seu corpo.

O Senhor se mostrou então aos seus discípulos. Ele; o que se pode dizer? Ele, o cabeça de sua Igreja. Ele via que essa Igreja iria se espalhar pelo mundo; o que seus discípulos ainda não viam.

Mas, ao se mostrar o Cabeça, Jesus prometeu mostrar o corpo. De fato, o que ele disse em seguida? *Isto é o que vos*

dizia quando ainda estava convosco.

O que significa: *quando ainda estava convosco*? Ele não estava com eles, quando disse isto? O que significa então: *quando ainda estava convosco*?

“Quando eu estava mortal com vocês; o que já não sou mais. Eu estive com vocês quando devia morrer. Estava convosco, mortal entre mortais, mas, daqui por diante, não morrerei mais. Era isto o que eu dizia a vocês”.

O que ele lhes disse: *Era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos*.

“Eu lhes disse que tudo isto devia se cumprir”.

Abriu-lhes então o espírito.

Venha então, Senhor! Faça chaves e abra nossos espíritos, para nos dar inteligência!

O Senhor disse tudo e não acreditam nele. O Senhor é visto como um espírito. O Senhor é tocado, apalpado e, mesmo sendo tocado, ainda se tem dúvidas. O Senhor cita as Escrituras e não é compreendido. Os corações estão fechado; abra-os e entre!

E foi o que ele fez. *Abriu-lhes então o espírito*.

Abra, Senhor! Abra esse coração que ainda duvida de Cristo. Abra o espírito que ainda vê Cristo como um fantasma.

Abriu-lhes então o espírito, para que compreendessem as Escrituras.

06 – Está prometido que a Igreja vai espalhar-se por todos os povos.

E ele lhes disse. O que foi que ele lhes disse? *Assim é que está escrito e assim era necessário*.

O que era necessário? *Que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia*.

Os Apóstolos foram testemunhas disto. Eles viram Cristo sofrendo, preso à cruz e, após sua ressurreição, eles o viram presente e pleno de vida.

Mas, o que eles não viram? Seu corpo, ou seja, sua Igreja. Eles o viram, mas não a viram. Eles viram o Esposo, mas a Esposa estava ainda invisível. Que o Esposo lhes prometa vê-la também.

Assim é que está escrito e assim era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia. Aí está o que diz respeito ao Esposo.

Mas, e quanto a Esposa? *E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*.

Aí está o que não viam ainda os discípulos. Eles não viam a Igreja espalhada por todas as nações, a começar por Jerusalém. Eles viam a Cabeça e na palavra desta Cabeça, eles acreditaram no Corpo.

O que eles viam os levou à fé no que não viam. Nós mesmos nos parecemos com eles, pois vemos o que eles não viam e não vemos o que eles viam.

O que vemos que eles não viam? A Igreja espalhada por todas as nações.

E o que eles viam que nós não vemos? Cristo vivo em carne e osso. Assim como, ao vê-lo, eles acreditavam no que

ele ensinava sobre seu Corpo Místico, da mesma forma, ao vermos este Corpo, acreditamos no que está dito sobre sua Cabeça.

Apoiemo-nos ambos sobre o que vemos. Eles se apoiam no Cristo que veem e nós nos apoiamos, do nosso lado, sobre a Igreja que vemos, para acreditarmos na ressurreição de Cristo.

O que eles acreditavam se cumpre e o que nós acreditamos se cumpre igualmente. O que eles acreditavam sobre a Cabeça se cumpre e o que nós acreditamos sobre o Corpo também se realiza.

Assim, a eles e a nós se manifesta Cristo inteiro, mas, nem eles e nem nós o vimos inteiro. Eles viram a Cabeça e deram fé na existência do Corpo. Nós vimos o Corpo e damos fé na existência da Cabeça.

Cristo, no entanto, não falta a ninguém. Ele está completo em todas as partes, embora ainda faltem alguns membros para serem recolhidos.

Os Apóstolos acreditaram e, através deles, muitos moradores de Jerusalém, bem como da Judeia e da Samaria.

Que venham então os membros ainda separados. Que o edifício venha se assentar sobre seu fundamento. Disse o Apóstolo: *Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo*[16].

Que os judeus se dediquem à fúria e se deixem levar pelo ciúme; que se apedreje Estevão e que as roupas dos carrascos sejam guardadas por Saulo, que se tornará o

apóstolo Paulo; que Estevão seja levado à morte e que se tumultue a Igreja de Jerusalém[17]; que tições ardentes sejam jogados longe, para espalhar o incêndio.

Os fiéis da Igreja de Jerusalém não eram, de fato, como que tições acesos pelo Espírito Santo, quando tinham em Deus um só coração e uma só alma[18]? Com a morte de Estevão essa fogueira foi espalhada, os tições se dispersaram e o mundo se inflamou.

07 – Saulo se torna pregador do Evangelho.

Foi então que, descarregando contra eles sua fúria, Saulo pediu cartas de autorização aos príncipes dos sacerdotes e se lançou com raiva, respirando a carnificina e alterado pelo sangue. Em toda parte onde podia ele levava correntes, arrastava ao suplício, saciando-se com o sangue que derramava[19].

Onde estava Deus? Onde estava Cristo? Onde estava Aquele que coroara Estevão? Onde, se não no céu?

Que ele voltasse seu olhar então para esse Saulo e zombasse dos seus projetos de fúria, clamando do alto do céu: "*Saulo, Saulo, por que me persegues?*[20] Eu estou no céu e você na terra. No entanto, você me persegue. Você não atinge a Cabeça, mas esmaga os membros com os pés. O que você está fazendo? O que você ganha com isto? *Duro te é resistir ao aguilhão*[21]. Quanto mais você resiste, mas você se fere. Basta então de fúria. Volte-se para ideias saudáveis. Basta de maus projetos. Procure agora uma ajuda útil".

Com estas palavras, ele cai por terra. Quem caiu por terra? O perseguidor. A voz de Cristo o venceu.

Para onde você ia? Para onde o levava sua raiva?

Ei-lo agora seguindo aqueles que você perseguia. Agora você sofre perseguição por aqueles que você perseguia. Caiu o perseguidor e se levantou o Apóstolo.

Ele ouviu a voz do Senhor. Seu corpo se tornou cego para iluminar sua alma e, levado até Ananias, instruído sobre a maior parte das verdades santas, ele recebe o batismo e se lança como Apóstolo[22].

Fale agora; pregue Cristo; faça-o ser conhecido longe, ó cordeiro generoso que há pouco não passava de um lobo predador!

Vejam, escutem esse homem que perseguia com tanta fúria: *Não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*[23].

Espalhe o Evangelho; que seu lábios lancem bem longe o que enche seu coração. Que os gentios o escutem; que eles acreditem que os cristãos se multiplicam e que, do sangue dos mártires, nasça para o Senhor uma Esposa toda púrpura de sangue.

Esta Esposa então; quantos filhos ela não gerou? Quantos membros ela não uniu à Cabeça? Membros fiéis, cuja fé permaneceu pura. Estes são batizados e muitos outros também nos seguirão.

Então, no fim dos séculos as pedras se reunirão ao fundamento; pedras vivas, pedras santas. Assim, o edifício

inteiro desta Igreja primitiva estará então construído; ou melhor, desta Igreja atual, que canta hoje, enquanto se forma, o cântico novo.

Lemos, de fato, no início de um Salmo: *Enquanto a casa era construída, depois do cativeiro*. O que mais fazer? *Cantai ao Senhor um cântico novo. Cantai ao Senhor a terra inteira*[24].

Como esta casa é grande! Mas, quando ela canta o cântico novo? Enquanto está sendo construída.

Quando acontecerá sua consagração? No fim dos tempos.

Seu Fundamento já está consagrado, já que ele subiu ao céu e não morre mais. Nós seremos consagrados, por outro lado, quando ressuscitarmos também, para não mais morrermos.

Sermão 117 - O Verbo de Deus.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus.
Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.
Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todos. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu.

Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.
Mas, a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus[25].

Análise

Para adquirir o Verbo de Deus é preciso se doar. Ao se doar, adquire-se, pois o Verbo é a forma suprema que repara e aperfeiçoa todo aquele que se une a ele. É em vão que se contesta sua eternidade e sua igualdade com seu Pai.

O testemunho das Escrituras não basta? No entanto, se se desejar descobrir na natureza imagens da eternidade e da igualdade do Verbo com Deus, embora estas comparações não sejam provas, é possível encontrá-las.

A luz do fogo não é tão antiga quanto o fogo? Se o fogo fosse eterno, a luz que ele produz não seria igualmente eterna? Um filho não é da mesma natureza que seu pai e tão humano quanto ele?

Mas, invés de procurar tão curiosamente escrutar esses profundos mistérios, purifique o olho do coração, aproveite a condescendência e a encarnação do Verbo. Seja humilde como ele e você se elevará até ele.

01 – A que preço se obtém a compreensão do Verbo de Deus.

A passagem do Evangelho que acaba de ser lida, meus caríssimos irmãos, precisa, para ser compreendida, que o olho do coração seja bem puro.

Acabamos de ver, de fato, Jesus Cristo Nosso Senhor em sua divindade criador de todo o universo e em sua humanidade restaurador da natureza decaída.

O evangelista João nos mostrou este espetáculo. O próprio Evangelho nos mostra a espantosa grandeza deste historiador e a dignidade do servidor nos indica de que valor é o Verbo que ele mostra, ou melhor, o quanto este Verbo não tem preço, já que ele é mais valioso do que tudo.

O que se compra vale exatamente o preço que se paga ou vale mais ou vale menos. Quando o objeto vale o preço, há igualdade entre o objeto e o preço. Se o objeto vale menos, ele está abaixo do seu preço e acima, se ele vale mais.

Mas, nada pode se igualar ao Verbo de Deus, nem estar acima ou abaixo dele em valor. Tudo, sem dúvida, está abaixo dele, já que *tudo foi feito por ele*. Mas, nada poderia ter um preço mais inferior a ele.

Todavia, se podemos falar assim, se a razão ou o hábito nos permitem expressar desta forma, o preço a se pagar para adquirir o Verbo é o próprio adquirente que, ao se dar a ele, se enriquece.

Se queremos adquirir alguma coisa procuramos o que podemos dar em troca do que desejamos e o que damos em troca está fora de nós. O que está em nossas mãos nós nos desfazemos para receber em troca o que nós adquirimos.

Assim, seja qual for o valor da aquisição, é preciso ceder para obter o que se tem em vista. Não cedemos, portanto, a nós mesmos, mas adquirimos o objeto que pagamos.

Quanto ao Verbo, não é preciso, para obtê-lo, procurar fora de nós. Precisamos doar a nós mesmos e, ao nos doarmos, não nos perdemos, como perdemos o objeto que damos em troca de uma aquisição.

02 – A própria pessoa é o preço do Verbo.

Desta forma, o Verbo de Deus se oferece a todos. Adquire-o quem pode e se pode com uma vontade piedosa. Nele, de fato, está a paz e esta paz passa sobre a terra às pessoas de boa vontade.

Para consegui-lo, portanto, é preciso se doar; cada um é seu preço. Mas, podemos empregar esta expressão quando, ao se doar para adquirir o Verbo, não se perde e, pelo contrário, ganha-se, ao se abandonar a ele?

E o que é que se dá a ele, ao se doar? Não se dá a ele algo que lhe seja estranho. Devolve-se a ele o que ele mesmo fez, pois, *tudo foi feito por ele*.

Se, de fato, ele fez tudo, ele, sem nenhuma dúvida, fez o ser humano, como todo o resto. Se é a ele que devem a existência o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contém e todas as criaturas, enfim, está claro então que ele é o autor do ser humano; feito à imagem de Deus.

03 – O Verbo de Deus é pura forma não formada, eterna e imutável.

Neste momento, meus irmãos, não procuramos explicar como podem ser entendidas estas palavras: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*. Elas podem ser entendidas no silêncio da meditação; as palavras humanas não podem fornecer sua compreensão.

Trata-se aqui do Verbo de Deus e nós queremos dizer o que impede conhecê-lo. Observe que não tentamos fazê-lo ser compreendido; nós expomos o que impede ter uma ideia perfeitamente justa dele.

É que o Verbo é uma forma, mas uma forma que não é formada e que, pelo contrário, formou tudo o que existe. Formado imutável, sem declínio, sem defeito, sem tempo, sem lugar, superior a tudo, que está em toda parte, que serve ao mesmo tempo de fundamento, para apoiar tudo e de cumeeira, para tudo coroar.

Dizer que tudo está nele não é um erro, pois esse Verbo é chamado de Sabedoria de Deus e está escrito: *Feitas todas com sabedoria, a terra está cheia das coisas que criastes*[26].

Assim, tudo está nele; no entanto, porque ele é Deus, tudo está abaixo dele.

O que acaba de ser lido é incompreensível e se foi lido, não foi para fazer com que seja compreendido pelo espírito humano, mas para inspirar a lamentação por não compreendê-lo, para fazer com que seja compreendido o que o intelecto impede, para levar a afastar os obstáculos e

suspirar, após o conhecimento desse Verbo imutável, mudando esta situação de pior para melhor.

O Verbo, de fato, não se beneficia e nem ganha nada ao ser conhecido. Ele permanece sempre o mesmo. O mesmo se se aproxima dele e o mesmo se se permanece junto a ele; o mesmo se se afasta dele e o mesmo se se retorna a ele. E, ao permanecer sempre o mesmo, ele renova tudo.

É assim que ele é a forma de tudo, mas uma forma incriada, independente, como já dissemos, do tempo e do espaço. De fato, o que está em um espaço qualquer, está necessariamente circunscrito a esse espaço.

Uma forma circunscrita tem limites; limites que a prendem ao seu início e a levam ao seu fim. Além disso, o que está contido em um espaço, o que possui volume e uma extensão qualquer, é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

Permita o céu que vocês me compreendam!

04 – Íntegro tanto nas partes como no todo.

Com a visão, corpos que estão sob nossos olhos, que tocamos e no meio dos quais vivemos, podemos constatar diariamente que cada um eles, qualquer que seja sua forma, ocupa um espaço.

Ora, tudo que ocupa um espaço é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

Uma parte do corpo humano, como o braço, é seguramente menor do que o corpo todo. Mas, se o braço é menor, ele ocupa um espaço menor.

Assim, a cabeça, outra parte do corpo, ocupa igualmente um espaço menor, porque ela não tem o mesmo volume que o corpo inteiro.

Da mesma forma, todos os objetos contidos em um espaço são menores em uma de suas partes do que em seu todo. Mas, não imaginemos, não representemos nada de parecido com o Verbo de Deus. Não consultemos as impressões da carne para representar as coisas espirituais. O Verbo Divino, esse grande Deus não é menor em uma de suas partes do que em seu todo.

05 – Tocar Deus, sem compreendê-lo já é uma grande felicidade.

Não é possível representar esta propriedade divina e há mais devoção em não compreendê-la do que presumir ter um conhecimento racional dela.

De fato, falamos de Deus. Está dito: *O Verbo era Deus*. Falamos de Deus; é de se espantar que não compreendamos? Se compreendêssemos seríamos Deus.

Admitamos então devotamente nossa ignorância, invés de pretender temerariamente ter um conhecimento racional. Alcançar Deus apenas um pouco que seja é uma grande felicidade; compreendê-lo é coisa absolutamente impossível.

Deus é, ao espírito, o que o corpo é aos olhos; conhecemos Deus como vemos o corpo. Você acha que o olho é capaz de penetrar tudo o que vê? Você se enganaria estranhamente; você não vê nenhum objeto totalmente.

Ver uma pessoa de frente é vê-la também, ao mesmo tempo, por trás? E vê-la por trás é vê-la também, ao mesmo tempo, de frente?

Falando propriamente: você não compreende então o que você vê e se a memória não conservasse em você a lembrança do lado que você viu, você não poderia, ao olhar de um lado, dizer que você compreende o que quer que seja, mesmo de uma maneira superficial.

Para ver uma coisa, você a manipula e a vira de um lado para o outro. Ou então, você vira você mesmo para examiná-la por todos os lados. Você não consegue, só com uma olhada, ver o objeto todo. Ao virá-lo você vê suas diferentes partes e, para se convencer de que o viu inteiro, você precisa se lembrar de que viu todas as partes, uma a uma. Não é, portanto, o olho, mas a memória que principalmente age aqui.

O que se pode então, meus irmãos, dizer sobre o Verbo de Deus? Dos corpos expostos aos nossos olhares, dizemos que a visão não pode penetrá-los inteiramente. Como então o olho do coração poderia compreender Deus? É suficiente para ele, se ele for puro, alcançá-lo e alcançá-lo é, de alguma maneira, tocá-lo de uma maneira toda espiritual, mas sem compreendê-lo e, mesmo assim, a pureza é necessária.

Ora, a felicidade do ser humano consiste em alcançar assim, pelo coração, o que é sempre feliz, o que é a eterna beatitude, o que é a vida, o que é a sabedora perfeita e,

para o ser humano, a fonte da sabedoria; o que é a luz eterna e, para o ser humano, o lar de toda a luz.

Observe então como esse tato invisível o transforma, sem alterar o Ser misterioso que você toca. Em outros termos: como Deus não ganha nada em ser conhecido e como você se beneficia ao contemplá-lo.

Dissemos, é verdade, que pagamos por Deus. Mas, não imaginemos, meus caríssimos irmãos, que nós o enriquecemos. O que lhe damos que pode ser acrescentado ao seu ser? Ele não é o mesmo, se você se aproxima dele ou se afasta dele?

Se ele deseja que o contemplemos, não é para fazer a felicidade daqueles que o olham e para atingir com a cegueira àqueles que se afastam dele? A cegueira é a primeira vingança, o começo das penas que ele inflige à alma que se afasta dele.

Não é cair na cegueira, se afastar da luz verdadeira, ou seja, de Deus? Essa dor não é sensível, mas, nem por isso, menos real.

06 – O Verbo é coeterno com o Pai.

Assim, meus caríssimos irmãos, saibamos que, sem falar do seu nascimento temporal, foi com um nascimento todo espiritual, que o coloca ao abrigo de toda alteração e de toda mudança, que o Verbo de Deus nasceu de seu Pai.

Mas, como convencer certos infiéis de que não há nada de mais contrário à verdade, à doutrina católica, do que o que defendem os arianos, infatigáveis inimigos da Igreja de

Deus? Pessoas carnais não acreditam mais facilmente no que veem?

Ousaram dizer: o pai é maior e mais antigo do que o Filho; o Filho é inferior ao Pai e menos antigo que ele. Eles raciocinam assim: se o Filho nasceu, evidentemente o Pai existia antes dele.

Fiquem atentos! Que Deus venha em nossa ajuda! Implorem seu socorro com suas preces e com vossa devota aplicação no que ele mesmo nos dará, nos inspirará para vocês. Que ele nos ajude a explicar de alguma maneira o mistério que nos propusemos expor.

Eu suplico, no entanto, meus irmãos, que se eu não conseguir isto, atribuam a falta não à razão, mas ao ser humano.

Rezem, portanto! Eu peço a vocês, eu suplico a vocês! Sensibilizem a misericórdia divina, para que ela coloque em nossos lábios as palavras necessárias para vocês entenderem e nós pronunciarmos.

Se o Verbo é filho de Deus, dizem os arianos, ele nasceu.

Sem dúvida nenhuma, pois, se ele não tivesse nascido, ele não seria Filho. Nada de mais claro. Este raciocínio é admitido pela fé, é aprovado pela Igreja Católica e é justo.

Mas, eles acrescentam: se o Pai tem um Filho, ele existia seguramente antes do nascimento desse Filho.

Aí está o que é reprovado pela fé; o que rejeitam os ouvidos católicos. Isto é uma doutrina condenada. Quem pensa assim está fora; não pertence e nem participa mais da comunhão e da sociedade dos santos.

Por consequência, eles prosseguem, mostre-nos então como o Pai pode ter um Filho tão antigo quanto ele.

07 – É difícil explicar coisas divinas a pessoas carnais.

Como, meus irmãos, explicar coisas totalmente espirituais a pessoas carnais? Não somos nós mesmos pessoas carnais, quando nos propomos fazer compreender essas ideias espirituais a pessoas carnais, a pessoas que só conhecem nascimentos carnais e que veem invariavelmente neste mundo diferentes idades entre o que substitui e o que se vai, entre aqueles que geram e aqueles que são gerados?

Entre nós, de fato, o filho nasce após seu pai, para sucedê-lo após sua morte e, seja entre os humanos, seja entre os animais, sempre vemos os pais mais antigos do que os filhos.

Este espetáculo perpétuo leva os arianos a fazer a mesma ideia no plano espiritual e, quanto mais eles se aplicam às coisas carnais, mais facilmente eles se desgarram. Não é a razão que os guia, quando anunciam essas doutrinas erradas. Eles se deixam levar pelo hábito e é este hábito também que inspira seus mestres à mentira.

O que fazer então? Calar-nos?

Ah, se pudéssemos! A meditação silenciosa parece convir a este mistério inefável, pois, o que é inefável, por sua própria natureza, não pode ser expresso.

Ora, Deus é inefável! Se, de fato, o apóstolo Paulo, arrebatado até o terceiro céu, afirma ter ouvido lá palavras

inefáveis, quão mais inefável é Aquele de quem vem essas ideias inexprimíveis por aquele que as recebe!

Assim, meus irmãos, seria preferível nos calarmos, se nos fosse autorizado isto e nos limitássemos a dizer: “É isto o que ensina a fé. É isto o que acreditamos. Se você não pode compreender, é porque você é ainda um dos pequeninos. Tenha paciência até que ganhe asas. Se você quiser voar sem elas, você pode, não voar livremente, mas cair imprudentemente”.

Mas, o que eles replicariam? “Ah, se eles pudessem responder, não faltariam respostas. Isto é uma desculpa para encobrir a impotência. Se há a recusa em responder, é porque se está vencido pela própria verdade”, eles diriam.

De fato, mesmo que o silêncio não provasse que eu não tenho nada a replicar, ele poderia prejudicar nossos irmãos que ainda não têm uma fé muito firme. Ao ouvirem esta objeção, eles poderiam imaginar que não há mesmo nada a responder, embora se possa não ter também nada a responder, mesmo tendo o sentimento da verdade. Não se pode expressar nada sem sentir, mas se pode sentir sem poder expressar.

08 – Semelhanças que podem ser usadas para refutar os arianos.

Se, no entanto, sem infringir a inefabilidade dessa Majestade suprema, empregássemos comparações para refutar esses heréticos, que ninguém veja essas comparações como fazendo conhecer completamente o que

os fracos não poderiam expressar e nem mesmo pensar, pois, mesmo aos espíritos mais avançados, eles só podem compreender em parte, como em um enigma e através de um espelho[27].

Façamos então essas comparações para refutar os heréticos e não para explicar o mistério. O que eles fazem, aliás, para nos combater, quando sustentamos a possibilidade de o Verbo nascer do Pai e ser tão antigo quanto ele?

Eles fazem comparações; comparações tiradas das criaturas. Um ser humano, eles dizem, existe antes de ter um filho. Ele é, portanto, mais antigo que seu filho. O mesmo acontece com o cavalo, o carneiro, todos os outros animais. Estas são comparações tiradas das criaturas.

09 – Nossa fé, no entanto, não se baseia em similitudes.

Devemos então nos dedicar a descobrir similitudes para estabelecer as verdades com as quais nos ocupamos? E se eu não conseguisse, eu não poderia dizer que na geração do Criador não há nada de semelhante na criatura?

De fato, na mesma medida em que sua natureza divina ultrapassa as naturezas criadas, sua geração ultrapassa as gerações naturais. Tudo foi feito por Deus; o que há, portanto, comparável a ele? Tudo também nasce com sua ajuda e não é tão impossível assinalar similitudes que representem sua geração, quanto assinalar aquelas que representem sua natureza, sua imutabilidade, sua

divindade e sua majestade? O que há aqui que possa nos dar uma ideia destes atributos?

Se então eu não posso indicar também nenhuma geração semelhante à de Deus, eu estaria derrotado por isto? Eu deveria me desesperar por não encontrar nada nas criaturas que seja comparável ao Criador?

10 – Semelhanças inadequadas ao Filho de Deus.

Não, meus irmãos, não descobrirei no tempo nada que possa se comparar com a eternidade. E você, o que descobriu? Que comparações você descobriu?

Você descobriu que um pai é mais antigo que seu filho e, porque, no tempo, um pai é mais antigo que seu filho, você pretende dizer que na eternidade o Filho também seja mais novo que seu Pai?

Mas, para estabelecer uma comparação verdadeira, mostre-me aqui um pai eterno. É no tempo que você me mostra um filho mais novo que seu pai. O pai e o filho estão submetidos ao tempo, mas, você pode me mostrar um pai que seja eterno, com seu filho mais novo do que ele?

A característica da eternidade é a própria estabilidade e a variedade é a característica do tempo. Na eternidade tudo é imutável e no tempo tudo vem e vai. Se nesta evolução do tempo você vê o filho suceder o pai, é porque o pai, por sua vez, sucedeu seu próprio pai, que não era também eterno.

Como vocês querem, meus irmãos, que reconheçamos na criatura alguma coisa de coeterno, já que somos incapazes de, no tempo, perceber qualquer coisa eterna?

Mostre-me no mundo criado um pai eterno e eu indicarei um filho coeterno a ele. Mas, se você não descobre nada de eterno, se o pai e o filho são diferentes em idade, não basta, para estabelecer uma comparação, que nos limitemos ao que é de mesma idade?

Mas, uma coisa é o que é eterno e outra coisa é o que é de mesma idade. Chamamos de pessoas de mesma idade aquelas que vivem desde o mesmo momento. Uma não nasceu antes da outra e ambas, no entanto, nasceram.

Pois bem! Se conseguirmos encontrar um ser produzido que seja da mesma idade que aquele que o produziu; se for possível apontar dois seres de mesma idade: um que gera e o outro que seja gerado, não poderemos ver aí uma imagem do que é coeterno?

Ao vermos aqui um ser gerado começar a existir ao mesmo tempo que seu pai, não compreenderemos que o Filho de Deus, tanto quanto seu Pai, jamais teve um começo?

Sim, meus irmãos, se reconhecemos que um ser produzido começou a existir ao mesmo tempo que aquele do qual emana, se um começou com o outro, por que o Filho não seria sem começo e tão antigo quanto seu Pai? Haveria lá contemporaneidade e aqui coeternidade.

11 – Nas coisas contemporâneas há uma certa semelhança com o Verbo.

Suas santidades entenderam, sem dúvida, o que eu acabo de dizer: que não se pode comparar o que é temporal com o que é eterno, mas que se pode estabelecer alguma pequena e ligeira semelhança entre o que é contemporâneo e o que é coeterno. Procuremos então seres contemporâneos e peçamos às Escrituras a mesma ideia dessa aproximação.

Nas Escrituras lemos que a Sabedoria *é uma efusão da luz eterna, um espelho sem mancha da atividade de Deus e uma imagem de sua bondade*[28]. Assim, a Sabedoria é chamada de *efusão da luz eterna e imagem* do Pai. Tiremos daí, do que é criado ao mesmo tempo, aproximações que nos deem a compreensão do que é coeterno.

Ó ariano, se constato que um ser produtor não é mais antigo que o ser produzido por ele e que o ser produzido não tem menos idade do que aquele do qual procede, você deverá concordar comigo que, na natureza criadora, duas pessoas podem ser coeternas, já que, de fato, dois seres são absolutamente contemporâneos na natureza criada.

Alguns dos meus irmãos, eu creio, já compreendem todo meu pensamento. Muitos, de fato, já o adivinharam quando relembrei estas palavras: *é uma efusão da luz eterna*.

O fogo produz a luz e a luz irradia do fogo. Acendemos a lamparina diariamente. Se examinarmos então como a luz nasce do fogo, nossas mentes se reportariam a um mistério invisível e inefável e a chama de nossos intelectos também poderia se acender na espessa noite do mundo.

Pensem com atenção em um pessoa que acende sua lamparina. Antes que essa lamparina seja acesa, não vemos nem o fogo e nem o brilho que irradia dele.

Digam-me então: é a luz que vem do fogo ou o fogo que vem da luz? Todos me responderão, pois Deus semeou em todas as mentes as ideias primeiras da inteligência e da sabedoria. Todos então me responderão __ e me responderão sem hesitar __ que é a luz que vem do fogo e não o fogo da luz.

Suponhamos então que o fogo seja o pai dessa luz e não esqueçamos que procuramos aqui fenômenos contemporâneos e não coeternos.

Pois bem! Quando quero acender minha lamparina, não há nem fogo e nem luz e, assim que o acendo, o fogo se mostra ao mesmo tempo que a luz. Mostre-me aqui o fogo sem a luz que acreditarei que no céu o Pai está sem seu Filho.

12 – Outro exemplo de coexistência: a imagem e a realidade que a origina.

Observem bem que expressamos este grande mistério na medida em que nos foi possível. O Senhor voltou seu olhar para as preces de vocês e para as disposições de seus corações e vocês me compreenderam na medida das forças de vocês.

Estas verdades, no entanto, são inefáveis. Não considerem minhas palavras como proporcionais ao tema, pois me faltou comparar o que é contemporâneo com o que

é coeterno, o que é temporal com o que sobrevive para sempre, o que se extingue com o que é imortal.

Todavia, já que o Filho é chamado também de imagem de seu Pai, tiremos também daí uma aproximação, embora haja tanta diferença, como já dissemos, entre estes diversos objetos.

Quando uma pessoa está diante de um espelho, vemos sua imagem. Mas, isto não poderia nos ajudar a tornar sensível este mistério que procuramos explicar mesmo que seja um pouco, pois, pode ser objetado que aquele que está diante de um espelho já existia, tinha nascido antes. Sua imagem só é refletida no momento em que ele se coloca diante do espelho, mas ele existia antes de se aproximar do espelho.

Como então estabelecer uma comparação semelhante àquela que nos ofereceram o fogo e a luz? Interroguemos o que há de mais fraco.

É fácil observar como a água reproduz as imagens dos corpos. Assim, quando uma pessoa passa ou para em cima da água, ela vê sua imagem. Se então uma planta, um arbusto ou uma erva nascesse em cima da água, ela não nasceria com sua imagem?

Sua imagem começaria a existir ao mesmo tempo que ela. Ela não estaria minimamente no mundo antes dela. É impossível que me mostrem que uma planta tenha nascido em cima de um corpo d’água e que só depois __ e não ao mesmo tempo __ sua imagem surgiu. Ela surge no mesmo instante e, no entanto, a imagem vem da planta e não a

planta da imagem. A planta nasce então com sua imagem. A existência da imagem e a existência da planta começam então ao mesmo tempo.

Você não admite que a imagem é produzida pela planta e não a planta pela imagem? A imagem vem, assim, da planta; o que gera e o que é gerado começam ao mesmo tempo e, por consequência, são contemporâneos e, por consequência ainda, se a planta tivesse sempre existido, sempre teria existido também a imagem que ela produz, a imagem que ela gera. Donde se segue ainda que o que gera pode existir sempre e sempre também existir, ao mesmo tempo, o que é gerado.

Todo o esforço e todo o trabalho de nossa mente tendeu a nos fazer uma ideia de uma geração eterna e, aí está a ideia!

Concluamos também que o Filho de Deus é chamado assim porque ele tem um Pai que lhe deu a vida e não para significar que o Pai lhe seja anterior.

O Pai sempre existiu e sempre existiu igualmente o Filho que procede dele. E, como ao proceder dele, o Filho nasce dele, podemos dizer que o Filho nasceu sempre do Pai. O Pai existiu sempre e sempre a imagem que ele produz.

Assim, a imagem da planta é produzida pela planta e, se a planta tivesse sempre existido, sempre igualmente teria existido a imagem que ela forma.

Você não pôde descobrir seres coeternos gerados de pais eternos e você acaba de encontrar seres

contemporâneos produzidos por seres temporais.

Assim, tenho a ideia do Filho coeterno do Pai que o gera eternamente. Entre o coeterno e o eterno há a mesma relação que entre o contemporâneo e o temporal.

13 – Da semelhança apresentada resulta a dessemelhança.

Meus irmãos, cabe aqui, para evitar as blasfêmias, uma pequena observação. Constantemente se repete: “São comparações, mas a luz produzida pelo fogo é menos brilhante do que o próprio fogo e a imagem do arbusto não tem, certamente, a mesma realidade que o arbusto”.

Sem dúvida que há aqui uma semelhança, mas não igualdade absoluta e é por isso que eles não parecem ter a mesma natureza.

O que responder então se nos dissessem: “O Filho é então ao Pai o que a luz é ao fogo e a imagem ao arbusto”?

Vejo que o Pai é eterno e o Filho é coeterno ao Pai, mas dirão que ele se parece com a luz, na medida em que ela é menos brilhante do que o fogo e à imagem, na medida em que ela tem menos realidade do que o arbusto? De forma alguma; há aqui igualdade perfeita.

Dizem: “Não creio em nada disso, já que você não mostra nada de semelhante”.

Pois bem! Acredite no Apóstolo, pois ele pôde ver o que eu ensino. Cristo, ele diz, *não julgou ser um furto sua igualdade com Deus*[29].

Igualdade implica coincidência em todos os aspectos. Mas, que digo? Ele *não julgou ser um furto sua igualdade*. Por quê? Porque furto é se apropriar de algo que não lhe pertence.

14 – Duas ordens de similaridade: o Filho de Deus coeterno e igual.

Reunamos agora estas diversas relações e estas duas espécies de seres. Talvez encontremos nas criaturas alguma similitude que nos ajude a compreender como o Filho é coeterno ao Pai e, ao mesmo tempo, seu igual.

Mas, nos é impossível ver esta verdade em uma mesma espécie de comparação. Reunamos então comparações retiradas de duas espécies de seres.

Quais? Uma compreende as similitudes invocadas pelos heréticos e a outra compreende as comparações indicadas por nós.

Os heréticos tiraram suas comparações do que nasce no tempo e é, por consequência, mais novo que o ser gerador. Assim, o ser humano nascido de outro ser humano é mais novo do que seu pai e, no entanto, o filho, como o pai, é um ser humano, ou seja, é da mesma natureza, pois um ser humano gera um ser humano, assim como um cavalo produz um cavalo e um animal qualquer produz seu semelhante.

Estes seres comunicam suas semelhanças, mas eles não comunicam sua idade. A idade é diferente, mas a natureza é a mesma.

O que constatamos então neste tipo de nascimento? Sem nenhuma dúvida, a igualdade de natureza.

E o que não encontramos nele? A igualdade de idade.

Não nos esqueçamos então desta igualdade de natureza que encontramos.

Quanto às comparações que nós tiramos da luz produzida pelo fogo e da imagem gerada pelo arbusto, se não encontramos nelas a igualdade de natureza, nelas vemos a igualdade de idade.

O que contatamos então nelas? Igualdade de idade. O que não descobrimos nelas? A igualdade de natureza.

Pois bem! Una estas duas características, pois, se nas criaturas falta alguma qualidade, no Criador não pode faltar nenhuma, já que dele vem tudo o que possui a criatura.

Não é preciso então atribuir a Deus o que é encontrado nos seres contemporâneos, como é necessário não atribuir a essa Majestade, que é sem defeito, o que faltam nos seres?

Peguem os dois seres geradores de mesma idade que os seres gerados por eles (o fogo e a luz, o objeto e sua imagem). Ao reconhecer neles a igualdade de idade, constatamos a desigualdade de naturezas.

Não atribua a Deus qualquer defeito. Pelo contrário, atribua-lhe as perfeições das criaturas. Para nos mantermos inicialmente nas criaturas de mesma idade, vejamos em sua contemporaneidade a coeternidade do Filho com o Pai.

Quanto às outras criaturas que são igualmente obra de Deus e que devem também louvar seu Criador, o que constatamos nelas? A igualdade de natureza.

As primeiras criaturas nos ensinaram a atribuir a Deus a coeternidade; que estas nos determinem a admitir nele a igualdade de natureza.

Então! Não seria, meus irmãos, o cúmulo da tolice não celebrar no Criador o que eu celebro nas criaturas?

Eu louvo no ser humano a igualdade de natureza e não a admito Naquele que fez o ser humano? O que nasce do ser humano é um ser humano e o que nasce de Deus não seria Deus?

Pouco me importam as obras que não são as obras de Deus, mas vejo que todas as obras do Senhor bendizem seu Criador e, já que, em suas obras, eu vejo a contemporaneidade, concluo disto que há em Deus coeternidade e, já que, nessas mesmas obras, eu constato a igualdade de natureza, eu reconheço em Deus a igualdade de substância.

Eu reúno em Deus o que encontro espalhado em cada uma de suas criaturas e, sem me prender ao que descubro nestas, eu lhe atribuo todas as perfeições, mas, como Criador, eu as atribuo a ele de uma maneira tão mais eminente quanto mais visíveis são essas perfeições aqui e nele invisíveis. Aqui elas são temporais e nele elas são eternas. Aqui elas são mutáveis e nele elas são imutáveis. Aqui elas são corruptíveis e nele elas são incorruptíveis.

Por fim, para nos limitarmos aos seres humanos, o pai e o filho são dois seres humanos, enquanto que, em Deus, o Pai e o Filho são um só Deus.

15 – Para ver Deus é necessário purificar o olho do coração.

Dou ao Senhor nosso Deus inefáveis ações de graça por ter me tirado, a pedido de vocês, desse perigoso e difícil embaraço. Mas, não nos esqueçamos jamais de que o Criador elevou até uma altura infinita, acima de tudo, o que nossos sentidos ou nossas meditações podem observar nas criaturas.

Vocês querem então se elevarem interiormente até ele? Purifiquem suas mentes, purifiquem seus corações, purifiquem o olho interior que exclusivamente pode contemplar o que ele é. Purifiquem o olho do coração, pois, está escrito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*[30]

No entanto, como o coração não estava purificado, era impossível para Deus se mostrar mais misericordioso com relação a nós do que propiciar a encarnação do Verbo, do qual tanto falamos, sem poder, apesar de nosso esforços, dizer nada que seja digno dele.

O Verbo, de fato, fez todas as coisas e, para nos ajudar a alcançar o que não somos, ele se fez o que não somos. Não somos Deus, mas podemos pensar nele com nossas mentes e fixar nele o olhar de nossos corações.

Neste momento, é verdade, os pecados que nos sobrecarregam e cegam, bem como a fraqueza que nos mantém abatidos, nos reduzem ao simples desejo de ver Deus. Mas estamos no tempo da esperança e não na época da realidade.

Desde agora somos filhos de Deus. Isto foi dito por João; aquele que disse: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*. Aquele que repousava no peito do Senhor e tirava de seu coração esses segredos divinos.

Ele disse então: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[31].

É isto o que nos está prometido.

16 – Na encarnação o Verbo se fez como leite, para que pudéssemos absorvê-lo.

No entanto, para que consigamos isto e porque não podemos ainda contemplar a divindade do Verbo, escutemos sua humanidade, carnais que somos. Prestemos atenção ao Verbo feito carne, pois, se ele veio para junto de nós, se ele vestiu nossa fraca natureza, foi para nos permitir ouvir suas fortes palavras.

E não foi com razão que suas palavras foram comparadas ao leite? Não damos leite aos pequeninos para que, quando forem grandes, possamos lhes dar o pão da sabedoria?

Aceite então que lhe deem leite, para que um dia você possa comer com avidez.

Observe também como se forma o leite que é dado às crianças. Esse leite não era, inicialmente, na mesa, um alimento comum? Mas a criança não poderia absorver esse alimento colocado sobre a mesa. O que faz então a mãe? Ela o incorpora e o transforma em leite, para que a criança possa se alimentar.

Da mesma forma, o Verbo se fez carne, para que, incapazes de absorver ainda qualquer alimento sólido, vivêssemos de leite, como as criancinhas.

Há, no entanto, esta diferença: quando a mãe forma o leite com o alimento que ela ingere, esse alimento se transforma realmente em leite, mas o Verbo permaneceu inalterado, quando tomou um corpo para se vestir com ele. Ele então não alterou e nem transformou sua natureza e, sem se transformar em ser humano, ele quis nos falar, se fazendo visível como nós. Absolutamente imutável e inalterável, ele se tornou alguém como nós, sem deixar de ser semelhante ao seu Pai.

17 – A humildade deve ser aprendida com o Verbo encarnado.

O que ele disse, de fato, aos pequeninos, para lhes ensinar a recuperar a visão e a se erguerem, de alguma maneira, até o Verbo que fez tudo?

Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre

vós e aprendam comigo, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve[32].

O que faz aqui o Mestre soberano, o Filho de Deus, a Sabedoria de Deus, por quem tudo foi feito? Ele chama para ele todo o gênero humano: *Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e aprendam comigo*.

Talvez você não esperasse ouvir a Sabedoria divina dizer: "*Aprendam comigo* como eu formei os céus e os astros; como tudo surgiu em minha mente antes de ser formado e, como eu vejo, à luz das ideias imutáveis, até mesmo o número dos fios dos seus cabelos[33]".

Você esperava então ouvi-la falar assim? Você se enganava, ela dirá inicialmente. *Aprendam comigo, porque eu sou manso e humilde de coração*.

Pensem, meus irmãos, no que você devem aprender primeiro. Seguramente é pouca coisa. Aspiramos ao que é grande e, para conseguirmos isto, unamo-nos ao que é pequeno.

Você gostaria de se ocupar com as grandezas de Deus? Ocupe-se primeiro com sua humildade. Não deixe de se tornar humilde, para seu próprio bem, já que, em seu próprio interesse também e não no dele, Deus condescendeu em se fazer assim.

Alimente-se então com a humildade de Cristo. Aprenda a ser humilde e evite o orgulho. Admita sua doença e permaneça pacientemente junto ao seu Médico.

Quando você for humilde como ele, você se erguerá como ele. Não que ele mesmo se erga considerado como Verbo. É mais você que ele erguerá para conhecê-lo mais e mais.

Inicialmente você só o enxerga tremulamente, mas, hesitando, você o verá em seguida com um olho mais firme e com mais clareza. Ele não cresce; é você que se beneficia e ele parece se erguer com você.

Sim, meus irmãos, esta é a verdade. Tenham fé nos mandamentos de Deus e cumpram-nos. Deus fortificará então seus intelectos.

Nada de presunção. Não queiram colocar a ciência antes dos preceitos. Isto seria uma maneira de permanecer pequeno sem se fortalecer.

Pensem em uma árvore. Ela procura descer para subir. Ela enterra suas raízes bem fundo, para erguer sua cabeça para o céu. Ela não se apoia na humildade?

Mas você, você quer, sem o amor, compreender os mistérios sublimes e se lançar aos ares sem ter ainda raízes? Isto é perecer e não crescer.

Que Cristo então habite em vocês pela fé. Enraízem-se e estabeleçam-se no amor, para serem *plenificados com toda a plenitude de Deus*[34].

Sermão 118 - A eternidade do Verbo de Deus.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio

junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito.[35].

Análise

As primeiras palavras do Evangelho de São João provam a eternidade do Verbo de Deus e se houver o questionamento sobre como o Verbo gerado de Deus pode ser eterno como Deus, basta se lembrar do brilho irradiado do fogo. Produzido pelo fogo, ele é tão antigo quanto o próprio fogo.

01 – O Verbo eterno de Deus foi gerado, não criado.

Vocês que amam tanto ouvir o ser humano falar, ouçam o Verbo único de Deus: *No princípio era o Verbo*.

Sem dúvida que no princípio Deus fez o céu e a terra, mas o Verbo já estava lá. Reconheçamos nele o Criador, pois foi o Criador que fez tudo e as criaturas são sua obra. Essas criaturas, que são sua obra, nem sempre existiram, como sempre existiu o Verbo Divino, do qual elas são sua obra.

Mas, onde estava esse Verbo, sobre o qual está dito que *Ele estava no princípio*? Evidentemente que ele estava junto do Pai, pois o Pai não o criou e nem formou, mas o gerou.

De fato, *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[36]. Através de quem Deus os criou? Através do Verbo, que, *estava no princípio junto de Deus e o Verbo era Deus*.

Mas, quem era esse Verbo, essa Palavra? Era uma palavra que ressoa e que passa? Uma palavra pensada e

desaparecida? Uma palavra pensada e pronunciada?

De forma alguma. Que palavra então era essa? Por que me dirigir estas questões?

Esse *Verbo* __ essa Palavra __ *era Deus*.

Ora, ao dizermos: *O Verbo era Deus*, nós não transformamos Deus em dois? Nós o chamamos de Filho de Deus, pois o Verbo de Deus é seu Filho. E se ele é Filho, ele não é Deus? No entanto, *O Verbo era Deus*.

O que é o Pai? Ele é Deus, sem nenhuma dúvida.

Se o Pai é Deus e o Filho é Deus igualmente, não há então dois deuses?

Não. O Pai é Deus e o Filho é Deus, mas o Pai e o Filho são um só Deus.

Efetivamente, o Filho único de Deus não foi feito; ele foi gerado.

No princípio, Deus criou os céus e a terra, mas o Verbo já tinha nascido de seu Pai.

“Isto não é uma prova então de que ele foi feito por ele?”

Não. *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*.

“Se tudo foi feito por ele, ele não fez também ele mesmo?”

Não confunda o que foi feito com Aquele que fez tudo. Se, de fato, ele tivesse sido feito, ele não teria feito tudo e teria sido feito como todo o resto.

Você diz que ele foi feito; mas foi por ele mesmo? Quem pode fazer a si mesmo? Se ele foi feito, como então ele fez tudo?

Concordemos com você que ele foi feito. Eu digo que ele foi gerado. Se, então, ele foi feito, ele foi feito pelo quê ou por quem? Foi por ele mesmo? Mas, para fazer ele mesmo, ele teria que já existir antes de existir. E, como tudo foi feito por ele, seguramente ele não fez ele mesmo.

Você não consegue compreender? Creia e compreenderá, pois a fé precede a compreensão e, como disse o Profeta: *Se não acreditares, não compreendereis*[37].

Então, *o Verbo estava*. Não pergunte quando. *O Verbo estava*.

Você questiona então: "Houve uma época então em que ele não estava".

Esta é uma falsa afirmação. Você não a lê em nenhum lugar, mas eu leio: *No princípio era o Verbo*. O que você procura antes do princípio? Se você descobrisse alguma coisa antes do princípio, esta coisa não seria o próprio princípio? Não é ter perdido o senso, procurar seja o que for antes do princípio?

O que poderia ter então existido antes do princípio?

No princípio era o Verbo.

02 – Com uma semelhança se explica que o Filho é coeterno ao Pai.

"Mas, o Pai era também", você diz. "Então ele era antes do Verbo".

O que você quer saber? *No princípio era o Verbo*. Compreenda o que você vê e não procure o que você não

pode encontrar. Não havia nada antes do princípio. *No princípio era o Verbo*.

O Filho é a efusão do Pai, pois, está dito sobre a Sabedoria de Deus, ou seu Filho: *Ela é o esplendor da luz eterna*[38].

Você quer o Filho sem seu Pai? Mostre-me uma luz sem seu esplendor. Se houve um tempo em que o Filho não existiu, o Pai era então uma luz tenebrosa, pois, como ele não teria sido uma luz tenebrosa, se você disse que ele era uma luz sem esplendor?

Desta forma então, o Pai sempre existiu e o Filho sempre existiu igualmente. Um não existiu sempre sem que o outro não existisse sempre também.

Você me pergunta se o filho nasceu. Eu respondo que sim, pois se não tivesse nascido, ele não seria um Filho e se, por toda a eternidade, ele é Filho, ele nasceu por toda a eternidade.

“Quem compreenderá o que nasceu por toda a eternidade?”

Mostre-me um fogo que seja eterno e eu lhe mostrarei uma luz que também é eterna.

Como bendizemos o Senhor por nos ter dado as Santas Escrituras! Diante da luz, não sejam cegos!

Não é verdade que o esplendor é produzido pela luz e que, no entanto, ele é tão antigo quanto a luz? Se a luz tivesse sempre existido, seu esplendor teria sempre existido igualmente.

A luz gera seu brilho, mas, em algum momento ela existiu sem ele? Permitamos então que Deus gere eternamente.

Lembrem-se, eu lhes peço, de quem nós estamos falando. Agucem os ouvidos e fiquem atentos. Acreditem e compreendam. Nós falamos de Deus! Nós confessamos e acreditamos que o Filho é coeterno ao Pai.

Mas, dizem, quando uma pessoa gera um filho, o pai é mais velho e o filho mais novo. Sem dúvida que é fácil observar entre as pessoas que o pai é mais velho e o filho mais novo e que este precisa adquirir, através de etapas, a força de seu pai.

Por que isto acontece, se não é porque um se desenvolve e o outro envelhece? Se o pai conseguisse não ser arrastado pelo movimento do tempo, o filho logo o encontraria e seria igual a ele.

Mas, aqui há algo que pode explicar melhor. Enquanto que o brilho da luz tem o mesmo tempo que o fogo que o produz, entre os humanos, só vemos pais com mais tempo de vida do que seus filhos. Nunca eles têm a mesma idade.

Pensem então, como eu já disse, que o brilho da luz tem a mesma idade que o fogo que o produziu. Isto é incontestável, já que o fogo que o gera jamais existe sem ele. Mas, enquanto você vê o brilho da luz tão antigo quanto o fogo que o produziu, você não permite que Deus gere um Filho tão antigo quanto ele?

Vocês que compreendem, rejubilem-se! E vocês que não compreendem, acreditem! Estas palavras do Profeta não

podem deixar de ser consideradas: *Se não acreditares, não compreendereis*.

Sermão 119 - O Verbo de Deus feito carne.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus.
Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.
Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todos. Esteve no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.
Mas, a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade[39].

Análise

Por maior e eterno que seja o Verbo de Deus, ele se fez carne e desceu até nós, para nos elevar até ele.

01 – O Verbo eterno de Deus.

Nunca deixamos de anunciar e a fé de vocês jamais deixou de acreditar que Nosso Senhor Jesus Cristo se fez humano para buscar os seres humanos desgarrados e que este mesmo Senhor, que se fez humano por nós, sempre foi Deus, no seio de seu Pai e que ele o será __ ou melhor, é __ sempre, pois não há passado e nem futuro onde não há a mobilidade do tempo.

De fato, o passado não existe mais e o futuro não existe ainda, enquanto que o Senhor existe sempre, pois ele existe verdadeiramente. Em outros termos: porque ele é imutável.

Este é o grande e divino mistério que acaba de nos lembrar a leitura do Evangelho.

Foi de São João que jorrou, por assim dizer, este início do Evangelho, que ele havia tirado do coração de seu Mestre. Lemos esta passagem não faz muito tempo e vocês se lembram então de como este santo evangelista repousava sobre o seio do Senhor, ou melhor, *sobre o peito de Jesus*[40], como diz expressamente o Evangelho.

Ora, ao repousar assim sobre o peito do Senhor, o que ele não tirava de lá? Não procuremos tanto imaginar, mas sim aproveitar, já que nós também acabamos de ouvir sublimes verdades.

02 – O Verbo de Deus não foi criado.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.

Que pregação! Que efusões divinas brotaram do peito do Senhor!

No princípio era o Verbo. Por que procurar o que havia antes dele, já que ele era o princípio?

O Verbo não foi criado, já que *tudo foi feito por ele*. Se ele tivesse sido criado a Escritura diria: “No princípio, Deus criou o Verbo”, como está dito no Gênesis: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[41].

Deus, portanto, não criou o Verbo no princípio, pois, *No princípio era o Verbo*.

Mas, onde estava este Verbo, que era o princípio? Prossiga e descobrirá: *o Verbo estava junto de Deus*.

Acostumados a ouvir cotidianamente a palavra humana, será que avaliamos suficientemente o termo Verbo, que significa *palavra*? Não façam pouco caso disto, pois, *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*.

03 – O incompreensível Verbo de Deus.

Empenhem seus corações! Supram a insuficiência de minhas palavras! Escutem o que eu possa dizer e reflitam no que eu não direi.

Quem pode compreender uma palavra que permanece? Todas as nossas palavras ressoam e passam. Para imaginar então o Verbo que persiste, não seria preciso permanecer nele?

Vocês querem compreender então como esse Verbo permanece? Não sigam então a correnteza da carne. Nossa carne é como um rio, já que ela jamais está imóvel.

As pessoas, de fato, nascem das fontes misteriosas da natureza. Elas vivem e elas morrem sem saber de onde vieram e nem para onde elas vão.

Da mesma forma, as águas são invisíveis até o exato momento em que elas jorram, escorrem e vão para os leitos dos rios, onde se perdem novamente no mar.

Ah! Desprezemos esse fluxo que jorra, escorre e desaparece.

Toda criatura é como a erva e toda a sua glória como a flor dos campos! A erva seca e a flor fenece quando o sopro do Senhor passa sobre elas. Você não quer secar e fenecer? *A erva seca e a flor fenece, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente*[42].

04 – O Verbo encarnado.

Então, para vir em nossa ajuda, *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*.

O que quer dizer: *o Verbo se fez carne*? Quer dizer que o ouro se fez erva; ele se fez erva para se queimar. A erva, de fato, se queimou, mas o ouro permaneceu e, longe de se consumir com a erva, ele a transformou.

Como ele a transformou? Ressuscitando-a, restituindo-lhe a vida, elevando-a até o céu, colocando-a à direita do Pai.

Mas, o que precedeu as palavras: *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*? Recordemos brevemente. *Esteve no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas, a todos aqueles que o receberam, aos que*

creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, porque eles ainda não o eram, enquanto que ele já o era desde o princípio.

Ele então deu *o poder de se tornarem filhos de Deus* àqueles que acreditaram em seu nome, que *não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas de Deus*.

Qualquer que seja sua idade, propriamente dita, eis o que são: crianças. Observe-os e seja feliz. É isto o que são; mas crianças que têm Deus como pai e o ventre de suas mães é a água do batismo.

05 – O mistério da encarnação.

Longe daqui a pobreza do coração e a indigência dos pensamentos.

Que ninguém diga: "Como?! *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*. Mas, eis que este mesmo *Verbo se fez carne e habitou entre nós*!"

Saiba o porquê. Seguramente que, aos que acreditam em seu nome, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus e vocês, a quem ele deu este poder, não considerem essa transformação como sendo impossível.

O Verbo se fez carne e habitou entre nós. É de se espantar que vocês possam se tornar filhos de Deus,

quando, por vocês, o Filho de Deus se tornou Filho do Homem?

Se ele se rebaixou, ele não pode nos elevar? Se ele desceu até nós, é impossível que sejamos erguidos até ele? Ele se sujeitou à nossa morte e não pode nos dar sua vida? Por nós ele suportou os males que nos eram devidos e ele não pode nos comunicar os bens que lhe pertencem?

06 – A encarnação é obra do Verbo onipotente.

No entanto, objetam, como foi possível que o Verbo de Deus, que governa o mundo, que criou e ainda cria tudo, se apequenasse no ventre de uma Virgem, deixasse seu mundo e os anjos para se fechar no corpo de uma mulher?

Você não entende nada das coisas de Deus. Lembre-se, ó criatura, que eu falo da onipotência do Verbo de Deus. O Verbo de Deus pôde, portanto, sem dificuldade, fazer tudo isso. Igualmente onipotente para permanecer junto ao Pai, para vir até nós, para se mostrar a nós em um corpo humano e para permanecer invisível a ele.

Ele não deve a vida ao seu nascimento corpóreo. Ele existia antes de tomar um corpo. Foi ele que criou sua mãe. Ele fez a escolha daquela que o concebeu. Ele criou aquela que haveria de criá-lo.

Por que a surpresa? É de Deus que eu falo, pois *o Verbo era Deus*.

07 – E encarnação do Verbo explicada com uma similitude.

Trata-se aqui da questão do Verbo, da Palavra de Deus. A palavra humana não poderia fornecer qualquer ideia de seu poder. Que diferença!

Não há nenhuma comparação a estabelecer. No entanto, não podemos assinalar alguma semelhança?

Assim, a palavra que eu dirijo a vocês estava inicialmente em meu coração. Eu a lanço para você, mas ela não me deixa. Ela não estava com você e agora está. Mas, ao ir até você, ela permanece comigo. Da mesma forma então que ela atinge seus sentidos sem deixar meu coração, assim também o Verbo divino se mostrou a nós sem deixar seu Pai.

Minha palavra estava em mim e se tornou minha voz. O Verbo de Deus estava em seu Pai e se tornou carne. Mas, eu posso fazer com minha voz o que ele pode fazer com sua carne?

Minha voz ecoa pelos ares e eu não posso retê-la. O Verbo, pelo contrário, completamente senhor de sua carne ao nascer, ao viver e ao trabalhar, a ressuscitou depois de sua morte e a conduziu ao céu como a carne com a qual tinha vindo para junto de nós.

Dê a essa carne o nome de vestimenta, de carne ou de animal de carga, como é possível que ele mesmo tenha desejado nos mostrar, ao fazer ser colocado sobre a montaria o infeliz que tinha sido ferido pelos ladrões[43].

Dê-lhe, enfim, o nome de templo, que ele mesmo deu expressamente[44]. Esse templo, depois de ter sido destruído,

está agora sentado à direita do Pai e ele virá nesse templo julgar os vivos e os mortos.

Mas, o que ele ensinou com seus preceitos, ele mostrou com seus exemplos e você deve esperar, para seu corpo, o que você vê no dele.

Este é o objetivo da fé. Prenda-se ao que você não vê ainda. É necessário que a fé o mantenha ligado ao que você não vê, para que você não tenha do que se envergonhar, quando estiver face a face.

Sermão 120 - O Verbo onipresente de Deus.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus.
Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito[45].

Análise

Para compreender um pouco como o Verbo de Deus está presente em toda parte, lembrem-se, não do sol que está ao mesmo tempo em toda parte, mas da palavra humana, que está simultaneamente naquele que a pronuncia e em todos aqueles que a ouvem.

01 – O incompreensível Verbo de Deus é revelado no Evangelho.

São João começa assim seu Evangelho: *No princípio era o Verbo*. Isto foi o que ele viu.

Erguendo-se então acima de todas as criaturas, acima das montanhas e das regiões aéreas, acima dos céus e dos astros, acima dos Tronos, das Dominações, dos Principados, das Potências, de todos os Anjos e de todos os Arcanjos, erguendo-se acima de tudo, ele viu o Verbo desde o princípio e ele foi penetrado por ele.

Ele viu o Verbo superior a toda criatura e foi este mistério, cujo conhecimento ele tirou do coração do Senhor, pois este santo evangelista era especialmente amado por Jesus e amado a ponto de repousar em seu peito[46] e foi dali que ele tiraria este segredo, para divulgar em seu Evangelho.

Felizes aqueles que o escutam e compreendem! Felizes também, mas menos felizes, aqueles que acreditam nele sem compreendê-lo!

Que palavra humana poderia explicar a imensa felicidade de ver o Verbo de Deus?

02 – O Verbo de Deus é tudo em tudo.

Ergam seus corações, meus irmãos! Ergam-nos o quanto vocês puderem. Afastem toda imagem corpórea, se ela se apresentar a vocês.

Não imaginem o Verbo de Deus semelhante à luz deste sol que nos ilumina. Por mais longe que você estenda, que você leve essa luz e mesmo que você a representasse sem limites, perto do Verbo de Deus ela não seria nada.

Objetos assim são menores, de fato, em uma de suas partes do que em seu todo, enquanto que o Verbo de Deus

está inteiro em tudo.

Entendam bem o que digo. Em emprego todas as minhas forças para me conter, por amor a vocês, nos limites de minha fraqueza. Entendam então o que digo.

Vejam então esta luz que desce do céu e que é chamada de luz do sol. Ao se mostrar, ela ilumina a terra, forma o dia, dá aos objetos sua beleza, faz com que sejam distinguidas as diversas cores. Essa luz é um grande bem; um grande bem concedido por Deus a todos os mortais.

Ah! Louvemos o Senhor por suas obras! Se o sol é tão belo, não há nada de mais belo do que Aquele que o fez!

Façamos, no entanto, uma observação, meus irmãos. Sim, o sol espalha seus raios sobre toda a terra e penetra todos os corpos transparentes. Mas, ele penetra os corpos opacos? Sua claridade passa através da janela, mas ela atravessa a muralha?

Ao Verbo de Deus, pelo contrário, tudo é acessível; nada está escondido para ele.

Pensem numa outra característica e compreendam o quanto as criaturas corpóreas estão distantes do Criador. Se o sol está no Oriente, ele não está no Ocidente. Sem dúvida que a luz que escapa desse globo imenso chega até o Ocidente, mas o sol, propriamente, não está lá. Ele estará lá quando chegar a hora do seu poente, pois, se ele está no Oriente quando se levanta, ele está no Ocidente quando se põe. É mesmo do seu levantar e do seu deitar que vem as denominações Oriente e Ocidente, pois ele está então nestes lugares.

Mas, em nenhuma parte o sol é visto à noite. O mesmo acontece com o Verbo de Deus? Ele não está no Oriente ao mesmo tempo em que está no Ocidente e no Ocidente quando está no Oriente? Em algum momento ele deixa a terra para ir para debaixo ou para longe da terra? Ele está inteiro em toda parte.

Mas, quem pode explicar isto? Quem vê isto? Quem pode dar uma prova desta verdade?

Eu sou um ser humano que falo a seres humanos; um enfermo falando aos que são mais enfermos ainda. No entanto, meus irmãos, ouso bem lhes dizer: eu vejo *como por um espelho*[47] e em enigma. Eu vejo e compreendo muito pouco do que lhes digo e só há uma palavra em meu coração para expressar isto. Esta palavra procura sair dele para chegar até vocês, mas ela não encontra um veículo adequado. O veículo da palavra é o som da voz. Eu procuro então lhes dizer o que eu digo a mim mesmo, mas as palavras me faltam, pois é do Verbo de Deus que quero falar com vocês.

E que Verbo! *Tudo foi feito por ele*.

Pensem em suas obras e tremam diante dele! *Tudo foi feito por ele*.

03 – Entender o Verbo divino através das palavras humanas.

Volte-se para si, enfermidade humana, volte-se para si! Compreendamos as coisas humanas, se é que somos capazes disto, no entanto.

Somos todos humanos; nós que falamos e vocês que prestam atenção. Além disto, nós emitimos sons vocais. Levamos estes sons até os ouvidos e, através deles, na medida do possível, ao intelecto, à mente.

Pois bem! Falemos deste fenômeno na medida de nossas forças e esforcemo-nos para compreender. Se não compreendermos este fenômeno da palavra humana, como compreenderemos o Verbo de Deus?

Neste momento, vocês escutam e eu falo. Se algum de vocês saísse agora e lhe perguntassem o que fazemos aqui, ele diria: “O bispo fala”.

Sim, eu falo do Verbo de Deus. Mas, qual é minha palavra e qual é esse Verbo? A palavra é mortal e o Verbo é imortal; a palavra é móvel e o Verbo é imóvel; a palavra passa e o Verbo permanece eternamente.

Examinem, no entanto, esta palavra. Eu disse a vocês: o Verbo de Deus está inteiro em toda parte. Reparem: eu falo e minha palavra é comunicada a todos. Mas, para que ela se comunicasse a todos, ela foi partilhada por todos?

Se eu alimentasse, não suas almas, mas seus corpos e se, para saciar a fome de vocês, eu colocasse alimentos diante de vocês, vocês não seriam obrigados a dividi-los entre vocês? Cada um de vocês poderia ficar com tudo? Não é claro que, se um de vocês ficasse com tudo, os outros não ficariam com nada?

Pois então! Eu distribuo a vocês minha palavra, todos vocês a ouvem, a possuem e a possuem inteira. Ela chega inteira a todos e a cada um particularmente.

Como é maravilhosa minha palavra! O que não se dirá então do Verbo de Deus?

Outra observação. Eu enuncio um pensamento e este pensamento chega até vocês sem me deixar. Ele chega até vocês sem se separar de mim. Antes de expressá-lo eu o tinha e vocês não o tinham. Eu o expresso e vocês passam a tê-lo, sem que eu o perca.

Como é prodigiosa minha palavra! O que não se dirá então do Verbo de Deus?

Que as pequenas coisas elevem vocês até às grandes. Contemplem as maravilhas da terra e admirem as maravilhas do céu.

Eu sou uma criatura e vocês também. Se minhas palavras produzem tais prodígios em meu coração, em meus lábios, em minha voz, em seus ouvidos e em seus corações, o que pensar do Criador?

Ó Senhor, escute-nos! Reparai-nos, pois sois vós que nos fizestes. Tornai-nos bons, pois já nos iluminastes.

Este fiéis vestidos de branco, que vós iluminastes, ouvem vossa palavra em minha boca. É a luz de vossa graça que os mantém aqui diante de vós, neste dia que o Senhor fez.

Ah! Que eles trabalhem e que eles rezem para não se tornarem trevas depois desta solenidade, pois neles reluzem hoje os prodígios e as benesses divinas.

Sermão 121 - Os dois nascimentos.

Esteve no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas, a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus.
E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade[48].

Análise

O mundo que rejeitou Jesus Cristo não é, necessariamente, o mundo criado por ele. São as pessoas carnais que as Escrituras chamam de mundo, para expressar o quanto elas são presas às coisas do mundo.

Quanto às pessoas que receberam o Salvador, elas são aquelas que, além de sua natureza humana, receberam de Deus e da Igreja um nascimento todo espiritual e todo divino, como Jesus Cristo recebeu a vida através da união do Espírito divino e da Virgem Maria.

01 – O mundo foi feito pelo Senhor, mas não o reconheceu.

O mundo foi feito pelo Senhor, mas *o mundo não o reconheceu*. Que mundo é este que foi feito por ele e qual foi o mundo que não o reconheceu? O mundo feito por ele não é aquele que não o reconheceu.

Qual é, efetivamente, o mundo feito por ele? O céu e a terra. Mas, como o céu não o reconheceu, se, por ocasião

de sua morte, o sol escureceu? Como a terra não o reconheceu, se ela tremeu quando ele foi pendurado na cruz?

O mundo que não o reconheceu é aquele que tem como líder o mau espírito, sobre o qual foi dito: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[49].

Os maus e os infiéis é que são chamados de mundo e esta denominação lhes vem do que eles amam. Ao amarmos Deus nos tornamos deuses e ao amarmos o mundo somos chamados de mundo.

No entanto, Deus estava em Cristo e se reconciliou com o mundo[50].

Portanto, nem todos formam o mundo que não o reconheceu.

02 – O Senhor veio para sua própria gente, mas ela não o reconheceu.

Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Tudo lhe pertencia, mas ele estava mais especialmente entre os dele, o povo ao qual pertencia sua mãe, onde ele tinha assumido seu corpo, a quem ele fez ser anunciado muito tempo antes sua vinda futura, a quem ele tinha dado sua Lei, que ele tinha libertado do cativeiro egípcio e onde seu pai carnal Abraão tinha sido escolhido por ele, pois ele pôde dizer com toda verdade: *Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, eu sou*[51].

Ele não disse: “Sou antes que Abraão fosse” e nem “Eu fui feito antes que Abraão fosse feito, pois *No princípio era*

o Verbo”[52]. Ele existia sem ter sido feito.

Então, ele *veio para o que era seu* __ para os judeus __ *mas os seus não o receberam*.

03 – Os que o acolheram.

Mas, a todos aqueles que o receberam. Dele, de fato, eram todos os Apóstolos que o receberam. Dele também eram aqueles que carregavam ramos diante de sua montaria, caminhando diante dele e atrás dele, cobrindo toda a estrada com suas roupas e cantando bem alto: *Hosana ao filho de Davi! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!*[53]

Disseram-lhe os fariseus: *Mestre, repreende os teus discípulos*. Ele então respondeu: *Digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!*[54]

O que entender aqui por pedras, se não os adoradores das pedras? Se os pequenos judeus se calarem, os pequenos e os grandes clamarão dentre os gentios.

O que entender por pedras, se não o que entendeu João Batista, esse grande homem que *veio como testemunha, para dar testemunho da luz*[55]? Um dia, de fato, vendo os judeus se orgulharem por serem da descendência de Abraão, ele os chamou de *raça de víboras!*[56] Eles se diziam filhos de Abraão e ele os chamou de *raça de víboras*.

Isto não foi ultrajar o próprio Abraão? De forma alguma. Ele lhes deu o título que mereciam seus costumes. Filhos de Abraão eles teriam sido se imitassem seu pai, como os lembrou o próprio Salvador.

Nosso pai é Abraão, disseram os judeus ao Salvador. Este lhes respondeu: "*Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão. Mas, agora, procurais tirar-me a vida; a mim que vos falei a verdade que ouvi de Deus! Isso Abraão não o fez*[57]. Vocês vieram de Abraão, mas degeneraram".

O que lhe disse então João Batista? *Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera vindoura? Dai, pois, frutos de verdadeira penitência. Não digais dentro de vós: 'Nós temos a Abraão por pai!' Pois eu vos digo: Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos a Abraão*[58].

Destas pedras, das pedras que ele via em espírito, pois ele falava aos judeus, como vimos.

Deus é poderoso para suscitar destas pedras filhos a Abraão.

Quais pedras? Aquelas que clamarão, se forem calados os que louvam o Senhor.

Vocês acabaram de ouvir estas palavras e as clamaram. Assim, se verificou o oráculo: *clamarão as pedras!* Nós todos viemos da gentilidade e adoramos as pedras, nas pessoas de nossos pais.

Foi por este motivo também que fomos comparados a cães. Vocês se lembram, de fato, daquela mulher que gritava atrás do Senhor. Como ela era cananeia, dedicada ao culto aos ídolos e presa a serviço dos demônios, o que lhe disse Jesus? *Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos*[59]. Nunca observaram como os cães lambem as pedras untadas com gordura?

Assim são os adoradores de ídolos. Mas a graça de Deus desceu sobre vocês. *A todos aqueles que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*.

Aqui estão os filhos recém-nascidos. Ele *deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*.

Por quê? Porque eles acreditaram *no seu nome*.

04 – O duplo nascimento.

Como eles se tornam *filhos de Deus*? Não nascendo *do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade humana, mas sim de Deus*.

Depois de terem recebido o poder de se tornarem filhos de Deus, eles nasceram de Deus. Observem bem: eles nasceram de Deus, não *do sangue*, como na primeira geração; geração cheia de miséria e produzida pela miséria.

O que eram, de fato, esses novos filhos de Deus? Como eles tinham nascido inicialmente? Da mistura dos sangues de seus pais e de suas mães, da aproximação dos corpos. E hoje em dia? Eles nasceram *de Deus*. Seu primeiro nascimento foi devido a um homem e a uma mulher. O segundo é devido a Deus e à Igreja.

05 – Filho de Deus e Filho do Homem. No alto e em baixo.

Desta forma, eles nasceram de Deus.

“Como eles nasceram de Deus, depois de terem recebido um nascimento humano?”

Como? De que forma? É que *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*.

Que contraste! Ele se fez carne e eles se tornaram espíritos.

Que condescendência, meus irmãos! Preparem sua almas para esperar recolher benesses mais importantes ainda. Não se prendam às paixões do mundo. Pagou-se caro pelo resgate de vocês. Por vocês *o Verbo se fez carne*. Por vocês o Filho de Deus se tornou Filho do Homem. Assim, ele quer que os filhos dos homens se tornem filhos de Deus.

O que ele era e o que ele se tornou? O que vocês eram e o que vocês se tornaram? Ele era Filho de Deus. Ele não se tornou Filho do Homem? E vocês, que eram filhos do homem, o que vocês se tornaram? Filhos de Deus. Ele compartilhou de nossos males para nos transmitir seus bens.

Mesmo em sua qualidade de Filho do Homem, ele está bem elevado acima de nós. Nós devemos nossa vida humana à concupiscência da carne. Ele deve a dele à fé de uma Virgem. Todos nós nascemos de um pai e de uma mãe, mas Cristo nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Mas, ao se aproximar de nós, ele não se afastou muito dele mesmo. Ou melhor, ele não se afastou de sua natureza divina e somente acrescentou nossa natureza à sua, pois, ao se unir ao que ele não era, ele não sacrificou o que ele era. Sem deixar de ser o Filho de Deus, ele se tornou o Filho do Homem.

Desta forma, ele se estabeleceu Mediador. Mediador, ou seja, o que fica no meio, nem no alto e nem em baixo. Não no alto porque ele é humano; não em baixo porque ele não é pecador. No entanto, ele está no alto, enquanto Deus, pois, ao vir para junto de nós, ele não deixou seu Pai. Da mesma forma, ao subir ao céu, ele não nos deixou e ao retornar para nós, ele não deixará também seu Pai.

Sermão 122 - Jesus e Natanael.

Filipe encontra Natanael e lhe diz: “Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e que os profetas anunciaram; é Jesus de Nazaré, filho de José”.
Respondeu-lhe Natanael: “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?” Filipe retrucou: “Vem e vê”.
Jesus vê Natanael, que lhe vem ao encontro e diz: “Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade”. Natanael pergunta-lhe: “Donde me conheces?” Respondeu Jesus: “Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira”.
Falou-lhe Natanael: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel”. Jesus replicou-lhe: “Porque eu te disse que te vi debaixo da figueira, crês! Verás coisas maiores do que esta”.
E ajuntou: “Em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”[60].

Análise

Jesus diz a Natanael que o tinha visto sob a figueira e que ele mesmo veria o Filho do Homem servido pelos anjos. O que significa tudo isto?

A figueira lembra o pecado de nossos primeiros pais. Jesus quer dizer então que ele viu Natanael em seu estado de pecado.

Natanael verá depois o Filho do Homem em sua glória, servido pelos anjos. Esta é uma alusão ao sonho tão misterioso de Jacó, onde tudo simbolizava Cristo; seja a pedra perfumada da unção, seja o anjo que se deixou vencer voluntariamente, seja o próprio Jacó, que representa, ao mesmo tempo, o povo judeu em sua parte reprovada e em sua parte fiel, pois o patriarca é, ao mesmo tempo, coxo e abençoado por Deus; o povo cristão, que suplantou o povo judeu e que verá Deus em sua glória e, por fim, Cristo, pois os anjos descem e sobem, ao mesmo tempo, para ele, já que Cristo está, ao mesmo tempo, no céu e na terra.

01 – Natanael na figueira e a humanidade no pecado.

Se compreendermos bem o que Jesus Cristo Nosso Senhor acaba de dizer para Natanael, veremos que suas palavras não se dirigem somente a ele. Foi, de fato, a humanidade inteira que o Senhor viu sob a figueira.

A figueira, nesta passagem, significa, evidentemente, o pecado. A figueira não tem este significado em todo lugar, mas aqui ela tem, como já disse. O que nos leva a acreditar nisto é que os primeiros seres humanos, depois de seu pecado, se cobriram com folhas de figueira e vocês não ignoram isto. Na perturbação que lhes inspirou seu crime,

nossos primeiros pais cobriram com estas folhas os membros que Deus lhes havia dado e que elas tinham acabado de transformar em membros vergonhosos.

Seguramente que não se deve ter vergonha da obra de Deus. É somente o pecado que produz essa perturbação e, sem o pecado, a nudez somente não inspiraria nenhuma vergonha. Eles viviam nus e não se envergonhavam.

Por que estas reflexões? Para que compreendamos como a figueira nos lembra do pecado.

O que significa então: *Eu te vi quando estavas debaixo da figueira*? “Eu o vi quando você estava sujeito ao pecado”.

Recordando-se então de um fato particular, Natanael se lembra de que, efetivamente, esteve sob uma figueira e de que Jesus não estava lá. Não, ele não estava lá fisicamente; mas onde não alcança o olhar do seu espírito?

Natanael sabendo então que havia estado sozinho sob a figueira e que Cristo não estava lá, mesmo tendo lhe dito: *Eu te vi quando estavas debaixo da figueira*, compreendeu que ele era Deus e clamou: *Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel*.

02 – O sonho simbólico de Jacó.

O Senhor responde: *Porque eu te disse que te vi debaixo da figueira, crês! Verás coisas maiores do que esta*.

“Quais?”

Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.

Recordemos de uma antiga história contada em um dos nossos livros santos, no Gênesis[61].

Jacó, querendo dormir, colocou sob a cabeça uma pedra. Ele viu então em sonho uma escada que ia da terra até o céu. No alto da escada estava o Senhor e, por seus degraus, os anjos subiam e desciam.

Foi isto o que viu Jacó. Este sonho não estaria nas Escrituras se ele não simbolizasse um profundo mistério e se ele não contivesse alguma profecia importante. Assim, Jacó, tendo compreendido isto, colocou naquele lugar uma pedra sobre a qual espalhou óleo.

Vocês conhecem a natureza do crisma. Aqui então vejam também Cristo. Ele *é a pedra rejeitada pelos arquitetos* e que *se tornou pedra angular*[62]. Ele é a pedra sobre a qual ele mesmo disse: *Aquele que tropeçar nesta pedra, far-se-á em pedaços e aquele sobre quem ela cair será esmagado*[63]. Choca-se contra ela quando ela está sobre a terra e ela cairá quando vier do céu, julgar os vivos e os mortos.

Infelizes dos judeus que se chocaram contra Cristo, quando ele esteve na terra em sua humildade! *Este homem não é o enviado de Deus, pois não guarda o sábado*[64], eles disseram. *Se és o Filho de Deus, desce da cruz!*[65]

Insensatos! Riem porque a pedra está na terra. Mas demonstram, ao rirem, o quanto são cegos e, em sua cegueira, vocês se chocam e, ao se chocarem, vocês se despedaçam contra esta pedra que está neste momento na

terra. Depois serão esmagados por ela quando ela vier do alto.

Diante disto, Jacó ungiu a pedra. Foi para fazer dela um ídolo? Foi para fazer um monumento, não para adorá-la.

Retornemos então a Natanael, pois foi com este encontro que Jesus Nosso Senhor quis nos explicar a visão de Jacó.

03 – Os dois nomes e a luta de Jacó.

Vocês são instruídos na escola de Cristo e sabem que Jacó também se chama Israel. O mesmo homem possui dois nomes. O primeiro significa *suplantador* e lhe foi dado no momento do seu nascimento.

Esaú, de fato, foi o que nasceu primeiro dos dois irmãos gêmeos e observou-se que a mão de Jacó segurava seu pé. Ele segurava seu pé, enquanto Esaú sai primeiro do ventre materno; só saindo ele mesmo depois. Foi porque ele segurava assim a planta do pé de Esaú que ele foi chamado de Jacó[66], ou seja, *suplantador*.

Mais tarde, quando retornava da Mesopotâmia, ele lutou na estrada contra um anjo. Uma pessoa pode realmente lutar contra um anjo? Há aqui então um mistério, uma espécie de sacramento, uma profecia, um símbolo, que devemos tentar compreender.

Além disso, observem, de fato, como lutou Jacó. Ele venceu o anjo na luta e isto possui um significado profundo. E, depois de tê-lo vencido, ele o reteve. Sim, o homem vencedor reteve o anjo vencido e lhe disse: *Não te deixarei partir antes que me tenhas abençoado*.

Que imagem de Jesus Cristo nesta bênção dada pelo vencido ao vencedor!

Foi então que esse anjo, em quem vemos Jesus Nosso Senhor, disse para Jacó: *Teu nome não será mais Jacó, tornou ele, mas Israel, por que lutaste com Deus e com os homens e venceste*. Israel, "aquele que vê Deus".

Em seguida o anjo tocou o nervo da coxa de Jacó em toda sua extensão e esse nervo secou, transformando Jacó em coxo[67].

Aí está o que fez o vencido. Mesmo após sua derrota ele foi capaz de tocar a coxa do seu vencedor e torná-lo coxo. Não foi então voluntariamente que ele foi derrotado? Ele tinha o poder de se livrar de suas forças e de retomá-las[68].

Se ele não se irrita por ser vencido, ele não se irrita também por ser crucificado. Ele até mesmo abençoa seu vencedor, lhe dizendo: *Teu nome não será mais Jacó, mas Israel*. Assim, o suplantador viu Deus.

Eu já mencionei que o anjo, ao tocar Jacó o tornou coxo. Vejam em Jacó a figura do povo judeu. Vejam nele, primeiramente, aqueles milhares de pessoas que seguiam e precediam o Senhor em sua montaria, que se uniram aos Apóstolos para adorar o Senhor e que clamavam: *Hosana ao filho de Davi! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!*[69]

Aí está Jacó quando recebeu a bênção. Se ele ficou coxo foi para representar os judeus que permaneceram no judaísmo. A extensão do nervo ferido designa o grande número de judeus que não são cristãos.

Há um Salmo que fala deles. Esse Salmo prevê primeiro a conversão dos gentios. *Povos que eu desconhecia se tornaram meus servos. Gente estranha me serve abnegadamente e me obedece ao me ouvir*. Assim então, a fé vem pela audição e a audição da palavra de Cristo[70].

O Salmo continua: *Filhos rebeldes mentiram para mim. Meus filhos rebeldes se endureceram e mancaram pelos caminhos*[71].

Aí está Jacó; o Jacó abençoado e o Jacó coxo.

04 – Abraão não conserva o primeiro e nem o segundo nome.

Não nos esqueçamos, neste momento, de examinar uma questão que poderia se apresentar a algum de vocês e lhe causar preocupação.

Abraão também, o ancestral de Jacó, mudou seu nome. Ele primeiramente se chamava Abrão e Deus lhe deu outro nome, lhe dizendo: *De agora em diante não te chamarás mais Abrão e sim Abraão*[72].

Por que, dali por diante, ele não se chamaria mais Abrão?

Folheiem as Escrituras e vocês observarão que, antes de receber um nome novo, ele era chamado de Abrão e que, depois de ter recebido um novo nome, passou a se chamar Abraão.

Para mudar o nome de Jacó foi lhe dito, como para Abraão: *Teu nome não será mais Jacó, mas Israel*.

Pois bem! Folheiem as Escrituras e vocês observarão que Jacó sempre usa estes dois nomes: Jacó e Israel. Mas Abraão, depois da mudança do seu nome, não foi mais chamado de Abrão. Depois de ter igualmente mudado de nome, Jacó era chamado ao mesmo tempo de Jacó e Israel.

Isto aconteceu porque o significado do nome de Abraão deveria receber sua realização neste mundo. Este nome significa, de fato, que Abraão se tornou o pai de numerosos povos, enquanto que o nome Israel nos reporta para outro mundo, onde veremos Deus.

Assim, o povo de Deus, o povo cristão é agora, ao mesmo tempo, Jacó e Israel; Jacó na realidade e Israel na esperança.

Este povo mais novo não suplantou, de fato, o irmão mais velho? Não suplantamos o povo judeu? Podemos dizer que os suplantamos porque foram suplantados por nossa causa. Se eles não tivessem permanecido na cegueira, eles não teriam crucificado Cristo. Se Cristo não tivesse sido crucificado, seu sangue precioso não teria sido derramado. Se seu sangue não tivesse sido derramado, ele não teria resgatado o mundo todo. E, como sua cegueira nos serviu, o mais velho teve que ser suplantado pelo mais novo e que foi chamado, por este motivo, de suplantador.

Mas, por quanto tempo ele o será?

05 – A Israel que se tornar crente no fim dos tempos é prometida a visão de Deus.

Virá um dia, virá o fim do mundo e todo Israel se converterá; não os israelitas de hoje em dia, mas seus descendentes. Se prosseguirem seus caminhos, eles caminharão para a queda e chegarão à condenação eterna.

Mas, quando esse povo inteiro tiver entrado na unidade, então se cumprirá o que cantamos: *Eu, confiado na vossa justiça, contemplarei a vossa face; ao despertar, saciar-me-ei com a visão de vosso ser*[73].

Quando se realizar a promessa que nos foi feita, de vê-lo face a face. Vemos hoje como em um espelho, em enigma e em parte somente. Mas quando, igualmente purificados, ressuscitados, coroados, feitos imortais e incorruptíveis para sempre, os dois povos verão Deus face a face e não haverá mais Jacó, somente Israel. O Senhor então o contemplará como ele contemplou o santo Natanael e lhe dirá: *Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade*.

Ao ouvir estas palavras: *Eis um verdadeiro israelita*, lembre-se de Israel e, ao se lembrar de Israel, lembre-se daquele sonho em que Israel viu uma escada que ia da terra até o céu, com o Senhor apoiado nessa escada e os anjos subindo e descendo por ela.

Foi depois desse sonho, algum tempo depois, quando retornava da Mesopotâmia, durante a própria viagem, que Jacó recebeu o nome de Israel. Jacó então __ Jacó ou Israel __ tendo visto essa escada misteriosa e Natanael sendo, por sua vez, um verdadeiro israelita, sem nenhuma falsidade, você não compreende o motivo pelo qual o Senhor lhe disse: *Verás coisas maiores do que esta* e porque motivo ele

lhe recordou o sonho de Jacó, quando ele o viu espantado com estas palavras: *Eu te vi quando estavas debaixo da figueira*?

A quem, de fato, o Senhor falou assim? A um homem que ele acabara de chamar de *um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade.* Foi então como se ele lhe tivesse dito: "Você verá se realizar em você o sonho daquele ao qual dei o nome. Basta dessa admiração prematura, pois você verá *coisas maiores do que esta*. *Em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem*".

Aí está o que viu Jacó. Aí está porque ele espalhou óleo sobre a pedra. Aí está porque, ao se tornar Profeta, ele ergueu um monumento como símbolo de Cristo, pois tudo isto foi profetizado.

06 – Cristo está presente na terra e no céu.

Eu sei o que vocês esperam agora. Eu compreendo o que vocês pedem de mim. Direi igualmente em poucas palavras e como Deus me conceder esta graça.

Os anjos de Deus subiam e desciam *sobre o Filho do Homem*. Se eles desciam sobre ele, ele não estava em baixo? Se eles subiam sobre ele, ele não estava em cima? E, se eles desciam e subiam sobre ele ao mesmo tempo, ele não estava ao mesmo tempo no alto e em baixo?

Não, não é possível que anjos subissem e descessem ao mesmo tempo, se ele não estivesse ao mesmo tempo no

alto, para onde eles subiam e em baixo, para onde eles desciam.

Mas, como provar que ele está, ao mesmo tempo, aqui e lá? Paulo nos responderá. Ele tinha inicialmente o nome de Saulo e era inicialmente um perseguidor. Então, ele compreendeu este problema e se tornou pregador.

Jacó primeiramente e Israel em seguida. *Da raça de Israel, da tribo de Benjamim*[74], ele nos mostrará que Cristo está, ao mesmo tempo, no céu e na terra. Não é o que dá a entender a grande voz descida do céu: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*[75]

Paulo, de fato, tinha subido ao céu? Ele tinha, pelo menos, lançado contra o céu uma pedra?

Eram os cristão que ele perseguia, eram os cristão que ele encarcerava, eram os cristãos que ele arrastava para a morte, tentando descobri-los em toda parte em seus abrigos e jamais lhes perdoando, quando os encontrava.

Cristo Nosso Senhor clamou então para ele: *Saulo, Saulo!*

De onde lhe clamou o Salvador? Do alto do céu. Ele está lá então.

Por que me persegues? Ele está então sobre a terra.

Eu expliquei tudo, mesmo que em poucas palavras e como eu pude, às suas caridades. Eu lhes dei como sou obrigado a fazer. Cabe a vocês agora se ocuparem com os pobres, de acordo com a obrigação de vocês.

Sermão 123 - A humildade de Cristo.

Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia e achava-se ali a mãe de Jesus. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos.
Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: "Eles já não têm vinho".
Respondeu-lhe Jesus: "Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou".
Disse, então, sua mãe aos serventes: "Fazei o que ele vos disser".
Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas. Jesus ordena-lhes: "Enchei as talhas de água". Eles encheram-nas até em cima.
"Tirai agora" __ disse-lhes Jesus __ "e levai ao chefe dos serventes". E eles levaram.
Logo que o chefe dos serventes provou da água transformada em vinho, não sabendo de onde era (se bem que os serventes o soubessem, pois tinham tirado a água), chamou o noivo e disse-lhe: "É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora".
Este foi o primeiro milagre de Jesus. Realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele[76].

Análise

O orgulho iniciou nossa perdição e pela humildade devemos iniciar nossa salvação. Assim, que exemplos de humildade nos deu Jesus Cristo!

Ele, que transforma, para os outros, água em vinho, nas bodas de Caná, não transforma, para ele mesmo, pedras em pão, no deserto. Ele, que se mostra tão poderoso em seus

milagres, se abandona voluntariamente às mais supremas indignidades durante sua paixão e ainda hoje ele se humilha nas pessoas de seus pobres.

Ah! Compreendamos, finalmente, que nós mesmos somos pobres e que nos enriquecemos ao assistirmos aos pobres.

01 – A humildade de Cristo é o remédio para nossa soberba.

Vocês sabem, meus irmãos, vocês aprenderam quando começaram a acreditar em Jesus Cristo e nós lembramos vocês constantemente no cumprimento de nosso ministério: o remédio para nosso orgulho é a humildade do Salvador.

De fato, o ser humano não teria perecido se não tivesse se deixado tomar pelo orgulho. Como diz a Escritura: *O princípio de todo pecado é o orgulho*[77].

Ora, a este princípio de todo pecado foi preciso opor o princípio de toda justiça. Se, então, o orgulho é o princípio de todo pecado, teria possível curar essa praga ruim, se Deus não tivesse condescendido se fazer humilde?

Envergonhe-se, ó criatura, de sua soberba, diante da humildade de Deus!

Somos convidados então a nos tornarmos humildes, mas não levamos em conta esta recomendação e o orgulho leva o ser humano a se vingar dos ultrajes que recebeu.

Sim, é porque não aceita se tornar humilde que o ser humano busca se vingar, como se fosse possível se beneficiar da dor provocada nos outros!

Mas, ao aspirar nos vingar das faltas e injúrias que sofremos, procuramos um remédio no castigo alheio e só encontramos nisto um cruel tormento.

Foi por isto que Cristo Nosso Senhor condescendeu ser humilde em todas as coisas. Ele nos mostrou assim o caminho. Cabe a nós não nos recusarmos caminhar por ele.

02 – Por que não transformar pedra em pão e transformar água em vinho.

Eis que esse Filho nascido de uma Virgem aparece em uma festa de casamento. Ele, que, no seio de seu Pai, estabeleceu o casamento.

Tendo sido a primeira mulher, a mulher que introduziu o pecado entre nós, tirada do homem sem a ajuda de nenhuma mulher, convinha que o homem que viria destruir o pecado, nascesse de uma mulher sem a ajuda de nenhum homem. Tendo ela nos feito cair, ele nos ergueu.

O que fez ele então na festa de casamento? Ele transformou água em vinho.

Que testemunho do seu poder!

No entanto, ele se rebaixou até se reduzir à indigência.

Ele, que transformou a água em vinho, não poderia ter transformado pedras em pão? Ele não precisaria de um poder maior.

Sem dúvida. Mas, se ele não fez isto, foi porque o diabo o levou a isto.

Vocês sabem, de fato, que o diabo o aconselhou a isto, quando tentou Nosso Senhor Jesus Cristo. O Senhor estava com fome e sofria isto voluntariamente, pois isto também foi um ato de humildade. Foi o Pão da Vida necessitando de alimento.

Então, o vemos esgotado, mesmo ele sendo o Caminho; coberto de feridas, embora fosse a Saúde e até mesmo a própria Vida.

No momento então em que ele teve fome, o tentador lhe disse, como vocês sabem: *Se és Filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem pães*[78].

Para nos ensinar a responder ao tentador, ele lhe responde, como um general combatendo para ensinar uma lição a seus soldados. O que ele lhe respondeu: *Não só de*

pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus[79].

Então, ele não transformou as pedras em pão. Ele podia fazê-lo tão facilmente quanto ele havia transformado água em vinho. Ele precisava do mesmo poder, mas ele não o usou, para demonstrar seu desprezo pela vontade do tentador, pois só se pode vencer o tentador desprezando-o.

Depois de ter derrotado o tentador, os anjos se aproximaram e o serviram[80].

Por que, podemos questionar, por que com tanto poder, ele fez um milagre e não fez o outro?

Leia __ ou melhor, recorde-se __ o que foi dito sobre um destes milagres, o da transformação da água em vinho. O que diz então o Evangelho? *E os seus discípulos acreditaram nele*.

Mas o demônio acreditou nele?

03 – A humildade de Cristo é o caminho para a Pátria.

Sim, apesar de tanto poder, ele teve fome, ele teve sede, ele esteve cansado, ele dormiu, ele foi enforcado, dilacerado por golpes, crucificado e levado à morte. Aí está o caminho traçado. Siga este caminho de humildade para chegar à eternidade feliz.

Cristo nosso Deus é a Pátria a qual aspiramos e o Cristo que se fez humano é o caminho que leva a ela. Através dele chegamos então a ele. Não devemos temer nos afastar dele?

Sem deixar seu Pai, ele veio para junto de nós. Ele estava no ventre de sua mãe e sustentava o mundo. Ele estava deitado no estábulo e era, ao mesmo tempo, o alimento dos anjos. Deus e humano, ao mesmo tempo. A humanidade está nele unida à divindade e a divindade está unida à humanidade.

Sua humanidade, no entanto, não tem o mesmo princípio que sua divindade. Ele é Deus porque é o Verbo e humano porque é o Verbo feito carne. Mas ele continuou Deus, mesmo assumindo um corpo humano e, ao se tornar o que ele não era, ele não perdeu nada do que ele era.

Foi por isto que, após ter sofrido, após ser morto e ter sido sepultado em sua humildade, ele ressuscitou e subiu ao céu, onde está agora sentado à direita do seu Pai.

Aqui, no entanto, ele ainda tem necessidades, nas pessoas de seus pobres.

Ainda ontem eu falei sobre este tema com suas caridades, a propósito destas palavras para Natanael: *Verás coisas maiores do que esta. Em verdade, em verdade vos digo: vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem*[81].

Nós procuramos entender este texto e nos estendemos longamente. Seria preciso repeti-lo hoje? Aqueles de vocês que estiveram aqui ontem só precisam despertar suas lembranças.

No entanto, vou relembrá-lo em poucas palavras.

04 – Cristo está no céu e na terra e é rico e pobre.

Ele não diria: *subindo sobre o Filho do Homem*, se ele não estivesse no alto e nem *descendo sobre o Filho do Homem*, se ele não estivesse em baixo. Ele está, ao mesmo tempo, no alto e em baixo. No alto, em sua pessoa e, em baixo, nas pessoas dos seus; no alto, junto a seu Pai e em baixo, entre nós.

Daí vem também estas palavras dirigidas a Saulo: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*[82] Jesus não diria: *Saulo, Saulo*, se ele não estivesse no alto e, como Saulo não o perseguia no céu, as palavras: *por que me persegues?* significam, seguramente, que, se ele estava no céu, ele estava também, ao mesmo tempo, sobre a terra.

Temam então Cristo no céu e saibam reconhecê-lo sobre a terra. No céu ele dá; aqui ele tem necessidades; no céu ele é rico e aqui ele é pobre.

Que aqui em baixo, em nossa terra, ele é pobre, ele memo é que o diz: *Tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; era peregrino e não me acolhestes; nu e não me vestistes; enfermo e na prisão e não me visitastes*.

Ele diz para alguns: “Você me assistiu” e para outros ele diz: “Você não me assistiu”.

Estas não são provas da pobreza de Cristo?

Agora, quem não sabe o quanto ele é rico? Sem sair do nosso tema, ele não se mostrou rico, ao transformar água em vinho? Se a posse do vinho é uma riqueza, o poder de criá-lo não é maior ainda?

Cristo é, portanto, rico e pobre, ao mesmo tempo. Como Deus ele é rico e como humano ele é pobre. Como humano, ele é rico também, mas, em sua humanidade, ele subiu ao céu e está sentado à direita do Pai. No entanto, ele ainda é um pobre aqui, sofrendo com a fome, com a sede e com a nudez.

05 – Todos somos pobres e mendigos perante Deus.

E você, o que você é? Você é rico ou pobre?

Muitos me dizem: “Eu sou pobre” e eles falam a verdade. Mas eu conheço pobres que possuem muito e conheço ricos que não possuem nada.

Alguém possui abundantemente ouro e prata. Ah! Se ele percebesse o quanto ele é pobre! Ele o perceberia, se olhasse o pobre ao seu lado.

Seja qual for sua opulência, você que é rico, você não passa de um mendigo perante Deus.

Vem a hora da oração e é aí que eu o pego. Você pede. Você não é pobre; por que você pede?

E eu digo mais: você pede pão!

Você não diz, de fato: *O pão nosso de cada dia nos daí hoje*[83]?

Quem pede o pão de cada dia é rico ou pobre?

No entanto, Cristo não teme dizer a você:

“Dê-me o que eu dei a você. De fato, o que você trouxe ao vir ao mundo? Tudo o que você encontrou aqui fui eu quem criou. Você não trouxe nada e não levará nada. Por

que você não me dá o que eu dei a você, já que você está na abundância e o pobre está na miséria?

“Pense em como foi a origem dos dois. Ambos nasceram igualmente nus. Tanto você quanto ele. Mas você, você encontrou muito aqui. O que você trouxe?

“Eu só lhe peço o que veio de mim. Dê e eu devolvo. Eu sou seu benfeitor; torne-me seu devedor. Torne-se meu credor. Você me dará pouco e eu devolverei muito a você. Pelos seus bens terrestres eu lhe dou bens celestes. Pelos seus bens temporais, eu lhe dou bens eternos. Eu devolverei, enfim, você mesmo a você mesmo, quando você se der a mim”.

Sermão 124 - A piscina de Betesda I.

Há em Jerusalém, junto à porta das Ovelhas, uma piscina, chamada em hebraico Betesda, que tem cinco pórticos.
Nestes pórticos jazia um grande número de enfermos, de cegos, de coxos e de paralíticos, que esperavam o movimento da água. Pois, de tempos em tempos, um anjo do Senhor descia ao tanque e a água se punha em movimento. E o primeiro que entrasse no tanque, depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que tivesse.
Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. Vendo-o deitado e sabendo que já havia muito tempo que estava enfermo, perguntou-lhe Jesus: “Queres ficar curado?” O enfermo respondeu-lhe: “Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; enquanto vou, já outro desceu antes de mim”.

Ordenou-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”. No mesmo instante, aquele homem ficou curado, tomou o seu leito e saiu andando[84].

Análise

A saúde devolvida ao paralítico deveria durar tão pouco, como a vida humana, que Nosso Senhor, evidentemente, tinha um propósito mais elevado ao operar esse milagre.

Ele queria nos mostrar que tinha vindo para nos assegurar a salvação eterna, por intermédio de sua paixão.

Da mesma forma, de fato, que os paralíticos só podem encontrar a saúde na piscina no momento em que a água é agitada, assim também, só há salvação para a humanidade nos sofrimentos suportados pelo Salvador.

01 – Foi simbólica a cura do paralítico na piscina.

Acaba de ressoar em nossos ouvidos uma lição evangélica muito santa. Nossa atenção foi despertada e gostaríamos de saber o que ela significa. De mim, sem dúvida, vocês esperam a explicação e eu prometo empregar todos os meus esforços para isto, com a ajuda do Senhor.

É certo que milagres assim não aconteciam sem grandes motivos e eles se reportavam, de alguma maneira, à salvação eterna.

Quanto deveria durar, de fato, a saúde física devolvida àquele paralítico?

A Escritura questiona e responde: *Pois que é a vossa vida? Sois um vapor que aparece por um instante e depois se desvanece*[85].

Assim, a saúde física devolvida ao doente terá a mesma duração assegurada a um leve vapor e não deve, portanto, ser muito valorizada, *porque é vã a saúde humana*[86].

Lembrem-se também, meus irmãos, deste testemunho profético e, ao mesmo tempo, evangélico, já que ele está reproduzido também nos Evangelhos: *Toda criatura é como a erva e toda a sua glória como a flor dos campos! A erva seca e a flor fenece quando o sopro do Senhor passa sobre elas. A erva seca e a flor fenece, mas o Verbo de nosso Deus permanece eternamente*[87].

E este Verbo de Deus cobre de glória até mesmo a erva e esta glória não é passageira; ela é a imortalidade conferida à carne.

02 – Toda esta vida é uma tribulação.

Antes, no entanto, passarão as aflições das quais nos livra Aquele a quem pedimos: *Dai-nos auxílio nas tribulações*[88].

Para quem sabe compreender, de fato, esta vida não é toda ela uma teia de angústias? A alma possui nela dois carrascos. Dois carrascos que a torturam, não juntos, mas alternadamente. Estes dois carrascos chamam-se medo e dor. Se você está feliz, você tem medo. Se você está infeliz, você tem dor.

Você é uma pessoa que não se deixa seduzir pela prosperidade e nem se abater pela adversidade do mundo? É preciso então, enquanto durar esta erva vã, se manter no caminho mais seguro, prendendo-se ao Verbo de Deus, pois, depois das palavras: *Toda criatura é como a erva e toda a sua glória como a flor dos campos*, parece que perguntamos ao Profeta: "Que esperança pode ter o que não passa de uma erva?" e ele responde: *o Verbo de nosso Deus permanece eternamente*.

Mas, essa Palavra, esse Verbo de Deus, como eu posso chegar a ele? *O Verbo se fez carne e habitou entre nós*[89]. Ele mesmo nos diz: "Não despreze minhas promessas, pois eu não desprezei me fazer erva como você".

Ora, o que nos concedeu o Verbo __ ou a Palavra __ de Deus, para nos manter junto a ele e para não nos deixar passar como a flor da erva; o que ele nos concedeu ao se fazer carne, ao tomar uma carne sem se transformar em carne, permanecendo o que ele era e se unindo ao que ele não era; o que ele nos concedeu está representado também pela piscina que examinamos.

03 – O significado da piscina probatória.

Algumas palavras apenas: essa água representa o povo judeu e os cinco pórticos representam a Lei dada por Moisés em cinco livros e estes cinco livros eram um freio para este povo, como os cinco pórticos eram um dique para aquela água.

Se a água se agitava era para designar a paixão suportada pelo Senhor no meio dos judeus.

Dentre aqueles que desciam à piscina, só um seria curado; isto é um símbolo da unidade.

Aqueles que rejeitam a paixão do Senhor são soberbos. Eles se recusam descer e não são curados.

Podem dizer: “Oras! Eu poderia acreditar em um Deus encarnado; um Deus nascido de uma mulher; um Deus crucificado, morto, dilacerado e sepultado? Longe de mim acreditar isto de Deus; é indigno”.

Muito teimoso, faça calar seu coração!

Os soberbos veem a humildade como indigna de Deus. É isto o que afasta esses infelizes da cura!

Não suba na soberba. Se você quiser se curar, desça!

Sua devoção deveria se assustar, se disséssemos que Cristo encarnado se tornou mutável. Mas, a própria Verdade clama que, considerado como Verbo, Cristo é imutável.

Está escrito: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[90]. Não se trata da palavra que ressoa e que passa, pois *o Verbo era Deus*. Assim, seu Deus permanece imutável.

Ó, devoção sincera! Seu Deus permanece. Não tema nada, ele não perece, ele não o deixará perecer também. Ele permanece.

Ele nasce de uma mulher, mas, como humano, pois, como Verbo, ele criou sua própria mãe. Ele, que existia

antes de nascer, deu a existência àquela de quem ele recebeu a vida.

Ele foi criança, mas segundo a carne.

Ele tomou um ventre e cresceu. Ele se alimentou com alimentos sólidos e percorreu todas as idades, até a de um homem feito, mas segundo a carne.

Ele se cansou e dormiu, mas segundo a carne.

Ele sofreu fome e sede, mas segundo a carne.

Ele foi preso, garroteado, flagelado, coberto de ultrajes e, por fim, preso à cruz e levado à morte, mas segundo a carne.

Do que você tem medo? *O Verbo de nosso Deus permanece eternamente*.

Rejeitar esta humildade de um Deus é não querer se curar do inchaço mortal do orgulho.

04 – Cristo se tornou mortal para conceder a imortalidade.

Foi assim que, em sua carne, Jesus Cristo Nosso Senhor deu esperanças à nossa. Ele se sujeitou ao que conhecemos, ao que nos é comum nesta terra: nascer e morrer, pois o nascimento e a morte é o que todos nós nela partilhamos.

Mas, não eram encontradas aqui a ressurreição e nem a vida eterna. Em troca então de coisas vis e terrenas, ele trouxe riquezas preciosas e celestes e, se você teme sua morte, ame sua ressurreição. Em sua pobreza, ele veio em seu socorro, pois sua salvação estava sem apoio.

Agarremo-nos então, meus irmãos, a essa salvação que o mundo não pode dar e que é eterna. Vivamos aqui como peregrinos. Pensemos que aqui só fazemos passar e pecaremos menos.

Invés de nos queixar, rendamos graças ao Senhor Nosso Deus por ele ter desejado que o último dia da vida fosse, ao mesmo tempo, próximo e incerto. Da primeira infância até a decrepitude, o espaço de tempo é curto.

Do que teria importado a Adão ter vivido até agora; se ele tivesse morrido hoje?

Podemos chamar de longo o que termina?

Ninguém se lembra do dia de ontem e o amanhã pesa sobre o hoje para fazê-lo desaparecer.

Já que estamos aqui por tão pouco tempo, apliquemo-nos em viver bem, para chegar ao lugar de onde não sairemos mais. Neste momento mesmo, enquanto falamos caminhamos para ele.

As palavras se precipitam e as horas voam. Assim é em toda nossa vida, em todos os nossos atos, em todas as nossas honrarias, em todas as nossas adversidades e em todas as nossas prosperidades presentes.

Tudo passa, mas não temamos, pois, *o Verbo de nosso Deus permanece eternamente*.

Sermão 125 - A piscina de Betesda II.

Há em Jerusalém, junto à porta das Ovelhas, uma piscina, chamada em hebraico Betesda, que tem cinco pórticos.

Nestes pórticos jazia um grande número de enfermos, de cegos, de coxos e de paralíticos, que esperavam o movimento da água. Pois, de tempos em tempos, um anjo do Senhor descia ao tanque e a água se punha em movimento. E o primeiro que entrasse no tanque, depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que tivesse.
Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. Vendo-o deitado e sabendo que já havia muito tempo que estava enfermo, perguntou-lhe Jesus: "Queres ficar curado?" O enfermo respondeu-lhe: "Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; enquanto vou, já outro desceu antes de mim".
Ordenou-lhe Jesus: "Levanta-te, toma o teu leito e anda". No mesmo instante, aquele homem ficou curado, tomou o seu leito e saiu andando[91].

Análise

Santo Agostinho lembra que ele já tratou deste tema. Ele foi, de fato, objeto do sermão precedente.

É provável, no entanto, que não seja a este que o santo doutor faz alusão, já que nele não está o que ele lembra ter dito. Aqui, efetivamente, ele explica bem mais longamente o sentido figurado das circunstâncias que acompanharam a cura do homem que estava doente há trinta e oito anos.

Os cinco pórticos onde jaziam os doentes representam os cinco livros da Lei mosaica, que mostravam os pecados sem poder curar os pecadores. A água, nos livros santos, é o símbolo do povo cuja emoção se eleva muito facilmente e o movimento provocado na água da piscina representa a

perturbação e a agitação do povo judeu quando desceu em suas fileiras o Anjo do Grande Conselho.

Vemos aqui que o que perturba os judeus é o que Senhor diz sobre o sábado e sobre sua igualdade pessoal com seu Pai.

O homem curado estava doente há trinta e oito anos. O número quarenta é o algarismo da perfeição. Ao jejuarem quarenta dias, Moisés, Elias e o Salvador quiseram nos ensinar que a perfeição consiste primeiro em se abster do amor desregrado pelas coisas do mundo. Sendo o amor como a mão do coração, ele não pode pegar e segurar os bens eternos se ele estiver cheio com os bens temporais.

Mas faltavam ao doente dois anos para completar quarenta anos de doença. Duas coisas são o que faltam aos pecadores, dos quais ele é o símbolo: o duplo amor, tão recomendado; o amor a Deus e o amor ao próximo.

Desta forma, desapeguemo-nos do mundo e apeguemo-nos a Deus.

01 – Não é inútil retomar temas já tratados.

Ao repetirmos o que não é novo aos seus ouvidos e nem aos seus corações, reanimaremos seus sentimentos e despertaremos lembranças que nos renovam, de alguma forma. Não se cansem de ouvir novamente o que vocês já conhecem, pois o que vem do Senhor é sempre cheio de doçura.

Existe a explicação das divinas Escrituras e existem as divinas Escrituras propriamente. Mesmo que conheçamos

as Escrituras, nós as lemos para nos recordarmos delas. Da mesma forma, é preciso recordar a interpretação, para fazê-la ser conhecida por aqueles que podem não tê-la ouvido, para reavive-las, se elas foram esquecidas em alguns e para colocá-la na impossibilidade de ser esquecida naqueles cuja memória é fiel.

Eu me recordo então de já ter conversado com suas caridades sobre esta passagem do Evangelho. Mas, se não hesitamos em relê-la, não hesitaremos também em repetir sua explicação.

Diz o Apóstolo em uma de suas Epístolas: *Tornar a escrever-vos as mesmas recomendações, a mim por certo não me é penoso e a vós vos é conveniente*[92].

Falar com vocês então das mesmas coisas, como disse o Apóstolo, não me custa e é uma precaução segura para vocês.

02 – Os cinco pórticos representam a Lei mosaica.

Os cinco pórticos onde jaziam os doentes designam a Lei que foi dada primitivamente aos judeus e ao povo de Israel, por intermédio de Moisés, o servidor de Deus. Foi, de fato, Moisés, o promulgador da Lei, que escreveu os cinco livros simbolizados pelos cinco pórticos da piscina.

No entanto, a Lei não era destinada a curar os doentes; ela deveria somente descobri-los e mostrá-los. Diz o Apóstolo: *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei. Mas a Escritura encerrou*

tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem[93].

É então por este motivo que os doentes jaziam sob os pórticos, sem encontrar ali a cura. Não é este o sentido dado pelo Apóstolo: *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar*? Assim, aqueles pórticos, que relembravam a Lei, não podiam curar os doentes.

Pode-se questionar: "Por que então Deus promulgou essa Lei?"

O mesmo Apóstolo explica. Ele diz: *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*.

Os doentes então acreditavam que tinham saúde. Foi lhes dada então uma lei que eles não podiam cumprir. Eles souberam então o quanto estavam atingidos e imploraram a ajuda do médico e este desejo de cura veio do fato de que passaram a se sentir doentes, sentindo-se incapazes de cumprir a Lei que tinham recebido.

O ser humano antes se sentia inocente e este orgulho enganador só fazia agravar seu mal. Para domar então este orgulho e colocá-lo à mostra, Deus lhes deu sua Lei. A Lei não tinha então por objetivo curar o doente, mas convencê-lo de sua soberba.

Que suas caridades observem isto com cuidado: foi para revelar e não para retirar o mal, que Deus promulgou sua Lei. Assim, os doentes mencionados pelo Evangelho

poderiam ter mantido suas doenças escondidas, se ficassem em suas casas. Mas eles se mostravam a todos, ficando sob os pórticos, que, no entanto, não os curavam.

A vantagem dessa manifestação dos pecados pela Lei consistiu em que, tornado mais culpado por tê-la violado, o pecador sentia seu orgulho abatido e podia implorar o socorro da misericórdia divina.

Escute o Apóstolo. Ele diz: *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça*[94].

O que significa: *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*? Significa o que está dito em outra passagem: *Onde não existe Lei, não há transgressão*[95].

Antes da Lei, podia-se chamar o ser humano de pecador, mas não de transgressor, enquanto que, depois do advento da Lei, ele é, ao mesmo tempo, pecador e transgressor e a transgressão acrescentada ao pecado mostra como a iniquidade abundou.

Tendo a iniquidade abundado desta forma, o orgulho humano aprendeu enfim a se abaixar, a bendizer Deus e lhe dizer: *Tende piedade de mim, Senhor, porque sou doente*[96]. E a repetir também estas palavras de outro Salmo, que só convém a uma alma que se tornou humilde: *Piedade para mim, Senhor! Curai-me, porque pequei contra vós*[97].

Fale então assim, ó alma doente, pelo menos convencida de sua enfermidade por suas transgressões, mas esclarecida e não curada pela Lei. Escute também Paulo e

ele lhe mostrará, por um lado, que a Lei é boa e, por outro, que ela só livra do pecado pela graça de Cristo.

A Lei pode muito bem proibir e ordenar. Mas ela não consegue apresentar o remédio necessário para curar o vício interior que não permite ao ser humano observar a Lei. Por isso, a graça é necessária.

De fato, afirma o Apóstolo: *Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser*. Ou seja: "Sei que o que a Lei proíbe é um mal e o que ela ordena é um bem".

Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros[98].

"Isto é o castigo do pecado. Isto é a morte que se transmite. Isto é a condenação recebida por Adão e que resiste à lei do meu espírito e me sujeita à lei do pecado, se fazendo sentir em meus órgãos".

Aí está uma pessoa convicta. É à Lei que ele deve esta convicção. Veja agora o quanto esta convicção lhe é saudável: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[99]

03 – A cura de um só enfermo por vez.

Observem bem: esses pórticos simbolizavam a Lei, colocavam o mal às claras e aplicavam nele o remédio.

Quem então se curava desses males? Aquele que descia à piscina.

E quando é que se descia à piscina? Quando o anjo avisava, colocando a água em movimento.

Esse lugar, de fato, era tão santo que um anjo ia até lá movimentar a água. As pessoas viam essa água, cujo movimento as avisava da presença do anjo e desciam até lá então, onde encontravam a cura.

Por que então nosso doente não havia sido curado ainda? Examinemos as palavras: *Não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; enquanto vou, já outro desceu antes de mim*.

Se uma pessoa já havia descido, outra não podia descer depois? A linguagem do doente indica que só uma pessoa podia ser curada por vez. O primeiro que descia era curado e quem descesse depois não encontraria a cura e deveria esperar a água ser agitada novamente.

O que significa esse mistério? Isto não está aqui sem uma razão profunda.

Que suas caridades redobrem a atenção. No Apocalipse, as águas representam os povos. De fato, João, tendo visto grandes massas d'água, perguntou o que elas significavam e lhe foi respondido que essas massas d'água eram os povos[100].

A água da piscina designava então o povo judeu. Este povo estava contido pela autoridade dos cinco livros de Moisés, como esta massa d'água estava contida pelo recinto dos cinco pórticos.

Em que momento essa água foi perturbada? No momento em que aconteceu a perturbação entre os judeus.

E, quando isso aconteceu entre eles, se não foi na época em que veio a eles Nosso Senhor Jesus Cristo?

Que perturbação no momento da paixão! Que emoção entre os judeus, quando o Salvador suportou os maiores suplícios!

Essa perturbação já não é observada no que acabamos de ler? Os judeus queriam levar o Senhor à morte, não somente porque ele fazia milagres nos sábados, mas também porque ele se dizia Filho de Deus, estabelecendo-se como igual a Deus.

Jesus, efetivamente, tomava o título de Filho de Deus de uma forma diferente do que aquela concedida aos seres humanos nestas palavras: *Eu disse: "Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo"*[101], pois, se ele se chamasse Filho de Deus somente no sentido que permite este título ser dado a uma pessoa qualquer, quando ela tem a graça, os judeus não se enfureceriam.

Mas eles compreendiam que Jesus se dizia Filho de Deus numa forma diferente, no sentido destas palavras: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[102]. No sentido também deste texto do Apóstolo: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser um furto sua igualdade com Deus*[103]. Vendo nele um homem, os judeus se irritaram por ele ousar reivindicar essa igualdade com Deus.

Mas Jesus sabia ser igual a Deus por um lado que não estava ao alcance dos judeus. Estes quiseram crucificar o que viam nele e o que eles não viam nele os julgou.

O que eles viam? O que viam também os Apóstolos, quando Filipe lhe disse: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*.

E o que eles não viam? O que não viam os próprios Apóstolos, quando o Senhor respondeu: *Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai*[104].

Na incapacidade então de vê-lo desta maneira, os judeus o consideraram como um orgulhoso e um ímpio que ousava se fazer igual a Deus. Era a água que se agitava, pois o anjo havia entrado nela.

Da mesma forma, o Senhor também é chamado de *Anjo do Grande Conselho*[105], pois ele veio anunciar a vontade de seu Pai.

Anjo significa *anunciador* e o Senhor não disse que ele anunciava o Reino dos Céus?

Esse Anjo do Grande Conselho __ ou melhor, esse Senhor de todos os anjos __ havia então descido, pois, se ele é chamado de anjo por ter se encarnado, ele é o Senhor dos anjos, pois, *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*[106].

Tudo e, por consequência, os anjos, mas não ele mesmo, pois foi por ele que foi feito tudo o que tem existência. Ora, se nada do que foi feito foi feito sem ele, aquela que estava destinada a ser sua mãe não pôde ter nascido sem ter sido criada por Aquele que mais tarde deveria nascer dela mesma.

04 – O repouso de Deus no sétimo dia.

Os judeus então ficaram agitados e questionavam: “Que comportamento é esse? Por que ele faz essas coisas num sábado?”

O que os irritava acima de tudo eram as próprias palavras do Senhor: *Meu Pai continua agindo até agora e eu ajo também*[107].

O que os escandalizava era que eles compreendiam em um sentido totalmente carnal o repouso de Deus no sétimo dia, após ter terminado todas as suas obras[108]. Este repouso é mencionado no Gênesis. É uma passagem tão magnificamente escrita quanto profundamente foi pensada. Mas os judeus imaginavam que, se Deus tinha repousado no sétimo dia, era porque ele tinha se cansado ao trabalhar e que, se ele tinha abençoado este dia, era porque ele tinha se recuperado nele desse cansaço.

Tolos! Eles não compreendiam que, se ele tinha feito tudo com palavras, ele não podia ter se cansado. Que eles leiam e expliquem como Deus podia ter se cansado ao dizer: “Que isto seja feito!” E a coisa acontecia.

Até mesmo entre os seres humanos, quem se cansaria hoje se agisse como Deus agiu no momento da criação? Ele disse: "*Faça-se a luz!*" *E a luz foi feita*[109]. *Faça-se um firmamento!*[110] E o firmamento surgiu.

Talvez ele se cansasse se ordenasse e não fosse obedecido.

Em outra passagem a Escritura fala disto mais brevemente ainda: *Ele disse e tudo foi feito, ele ordenou e tudo existiu*[111].

Agir assim cansa?

No entanto, se Deus não se cansa, por que ele descansou?

Este repouso do Senhor, depois de ter terminado todas as suas obras, é símbolo do repouso que desfrutaremos no repouso de Deus, pois o fiel estará como que em um dia de sábado, quando tiverem decorrido as seis eras do mundo.

Essas seis eras são, de fato, como os seis dias. O primeiro dia vai de Adão até Noé; o segundo, do dilúvio até Abraão; o terceiro, de Abraão até Davi; o quarto, de Davi até a transmigração da Babilônia; o quinto, da transmigração da Babilônia até o advento do Messias.

Estamos no sexto dia, ou seja, na sexta era. Então, já que no sexto dia o ser humano foi criado à imagem de Deus[112], restabeleçamos em nós esta imagem.

Deus nos formou; cabe a nós nos reformarmos. Ele nos criou; criemo-nos novamente.

Depois deste dia, depois da era que atravessamos neste momento, virá o repouso prometido aos santos e representado desde o começo.

Assim, Deus, depois de ter produzido todas as suas criaturas, não fez mais nada de novo no mundo, onde suas obras só fazem se suceder e se transformar, sem que nenhuma espécie nova tenha se estabelecido aqui deste a Criação.

No entanto, se o mundo não fosse dirigido por seu Criador, ele recairia no nada. Deus pode se recusar a dirigir o que ele criou?

Mas, como ele não estabeleceu mais nada de novo, diz-se, por este motivo, que ele repousou de todos os seus trabalhos e, como ele não deixa de governar o que ele fez, o Senhor disse com razão: *Meu Pai continua agindo*[113].

Que suas caridades entendam bem isto. Quando se diz que Deus repousou após seu trabalho ter terminado, quer-se dizer que ele não acrescentou mais nada ao que ele havia feito inicialmente e, quando se diz que ele *continua agindo*, isto quer dizer que ele governa tudo.

Um governo tão pouco trabalhoso quanto foi a Criação. Não creiam, meus irmãos, que, de fato, se Deus não se cansou ao criar, ele se cansa ao governar, como se cansam aqueles que constroem e aqueles que conduzem um navio. Estes são pessoas, mas, na medida em que foi fácil para Deus criar através das palavras, também é fácil governar tudo com a autoridade de seu julgamento e através de seu Verbo.

05 – A providência de Deus na disposição dos males.

Se a desordem se revela nas coisas humanas, não concluamos disso que falte a elas direção. Todos estão em seus lugares, embora ninguém acredite estar. Ocupe-se somente do que você quer ser, pois o divino Artesão saberá colocar você lá, por consequência.

Pensem nesta pintura aqui diante de vocês, com diversas cores. O pintor não soube onde colocar cada uma delas?

Certamente que o pecador desejou ser da cor negra. O critério do Criador não soube onde colocá-la? Quantos ornamentos ele não faz com ela? Ele faz cabelos com ela, a barba, os supercílios. Mas a testa ele faz com o branco.

Pense então no que você quer se tornar e não se preocupe em saber onde o colocará Aquele que não se engana jamais. Ele sabe.

Não é o que nos ensinam as leis deste mundo? Alguém quis ser um ladrão. A lei do império sabe que foi ultrajada por ele, ela sabe o que fará com ele e ela o coloca perfeitamente em seu lugar.

O culpado se comportou mal, mas a lei que o pune não é benevolente; ela o condena às minas e em quantos trabalhos ela não vai empregá-lo? Seu castigo servirá para decorar a cidade.

Deus igualmente sabe onde colocar você. Não pense que, ao pensar em praticar o mal, você perturba os desígnios de Deus.

Aquele que soube criá-lo não saberá onde colocá-lo? É bom para você fazer esforços para conseguir estar em um bom lugar.

O que o apóstolo Pedro falou de Judas? *Judas, que se desviou, para ir para o seu próprio lugar*[114].

Assim ordenou a divina providência, para puni-lo por ter desejado teimosamente praticar o mal, sem que Deus mesmo o tenha tornado mal.

Este infeliz quis ser pecador, fez o que quis e sofreu o que não quis. Seu crime foi ter feito o que quis e a glória de

Deus foi tê-lo feito sofrer o que ele não quis.

06 – A dupla causa de indignação dos judeus.

Por que estas reflexões? Para fazer com que vocês compreendam, meus irmãos, o quanto Jesus Cristo Nosso Senhor tinha razão em dizer: *Meu Pai continua agindo até agora*, já que ele não abandona as criaturas saídas de suas mãos.

E, ao acrescentar: *e eu ajo também*[115], ele indica ser igual a Deus.

Meu Pai continua agindo até agora e eu ajo também.

Assim é combatida a ideia carnal que os judeus faziam do sábado. Eles pensavam então que Deus tinha repousado do seu trabalho para não fazer mais nada.

Mas, com estas palavras: *Meu Pai continua agindo até agora*, eles se perturbam e, com estas, que mostram o Salvador igual a Deus: *e eu ajo também*, eles se perturbam ainda mais.

Ah! Não temam. É a água que se agita; é um doente que precisa ser curado.

O que isto quer dizer? A perturbação que toma conta deles levará o Senhor à morte. O Senhor sofre, de fato, seu sangue precioso é derramado, os pecadores são resgatados e a graça é concedida ao culpado que clama: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[116]

Que tratamento é preciso seguir? É preciso descer.

Aquela piscina, de fato, foi construída de maneira que era preciso descer até ela e não subir.

Por que ela tinha esta forma? Porque a paixão do Salvador exige humildade.

Humilde, desça! Se você quer ser curado, evite a soberba.

Por que também só um doente era curado por vez? Porque só há uma Igreja em todo o mundo. Esta é uma recomendação em favor da unidade. A cura concedida somente a um doente é um símbolo dessa unidade.

Veja então aqui a unidade e, para não continuar doente, evite se afastar dela.

07 – O amor ao mundo não é conciliável com o amor a Deus.

Então, por que a doença daquele homem já tinha trinta e oito anos?

Eu sei, meus irmãos, que eu já disse a razão disto. Mas, se esquecemos quando lemos o texto, o que não acontece quando só o ouvimos raramente? Que suas caridades prestem então um pouco mais de atenção.

O número quarenta representa a perfeição da justiça. De fato, como vivemos aqui no meio de trabalhos, na penúria, na continência, em jejum, nas vigílias e nas tribulações, o exercício da justiça consiste em suportar o peso da vida e em jejuar, num certo sentido, renunciando ao mundo. Em se privar, não de alimentos corpóreos, o que

fazemos raramente, mas do amor ao mundo, o que sempre devemos fazer.

Desta forma, cumprimos a Lei quando renunciamos ao mundo. Como, aliás, amar o que é eterno, se não se deixa de amar o que é temporal?

Pensem no amor natural. Ele não é como uma mão do coração? Se essa mão pega um objeto, ela não pode pegar outro. E, para receber o que lhe dão, ela precisa largar o que tinha.

Pois bem! Ouçam-me! Eu falo claramente. Aquele que ama o mundo não pode amar Deus, pois já está com a mão cheia.

“Pegue o que lhe dou”, diz o Senhor. Mas, sem querer jogar fora o que se tem em mão, não se pode receber o que é oferecido.

Estou dizendo que ninguém deve possuir nada?

Se for possível e se a perfeição da justiça exige isto, que se renuncie a tudo. Mas, se não se for capaz disto, se se estiver impedido por algum obstáculo intransponível, que se possua, mas sem se deixar possuir; que se tenha propriedades, mas não se seja uma propriedade; que se seja senhor e não escravo dos próprios bens, de acordo com estas recomendações do Apóstolo: *Mas eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. O que importa é que os que têm mulher vivam como se não a tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque*

a figura deste mundo passa. Quisera ver-vos livres de toda preocupação[117].

O que significa este conselho: “Evite amar o que você possui nesta vida”? Que suas mãos não estejam presas, pois é com elas que você deve se agarrar a Deus. Que seu amor não esteja comprometido, pois é com ele que você pode se lançar rumo a Deus e se unir ao seu Criador.

08 – O que se recebe deve ser multiplicado e distribuído.

Mas, você argumenta: “Deus sabe que não me torno culpado por ter o que tenho”.

E a tentação diz a você: “Que se conteste sua propriedade e você logo blasfema!”

Fomos submetidos, há pouco tempo, a provas assim. É só nos contestar a propriedade e já não somos os mesmos de antes! Nem mesmo falamos como falávamos na véspera!

Ainda que você se contentasse em defender, mesmo ruidosamente, o que pertence a você, sem se esforçar para usurpar audaciosamente o bem alheio e, o que é pior, sem recorrer, para escapar dos processos, a formas de reivindicar como seu o que não lhe pertence!

É preciso dizer mais? Estes são conselhos, meus irmãos! Conselhos fraternais que eu lhes dou. Deus me ordena isto e eu transmito a vocês, pois eles me são dados para vocês.

As palavras de Deus me assustam e não me permitem ficar calado. Deus reclama o que me deu, pois ele me deu para distribuir e se eu escondesse para conservar, ele logo

me diria: *“Servo mau, pelas tuas palavras te julgo. Sabias que sou rigoroso, que tiro o que não depositei e ceifo o que não semeei. Por que, pois, não puseste o meu dinheiro num banco? Na minha volta, eu o teria retirado com juros”*[118].

Do que me serviria não ter perdido nada do que foi confiado a mim? Isto não é suficiente para meu Senhor, pois ele é avaro, mas avaro para nossa salvação. Sim, ele é avaro; em toda parte ele procura suas moedas. Ele procura o que possui sua imagem gravada.

Ele questiona: *Por que, pois, não puseste o meu dinheiro num banco? Na minha volta, eu o teria retirado com juros.*

Aliás, mesmo que eu me esquecesse de prevenir vocês, as provas e calamidades que sofremos não seriam elas uma advertência para vocês?

Mas, você ouvem as palavras de Deus. Que o Senhor seja abençoado por isto! Ele e sua glória. Eu vejo vocês reunidos e com os olhares fixados nos lábios daquele que as dispensa em nome do céu. Não prestem atenção ao órgão exterior que as distribui. Os esfomeados não se preocupam mais com a bondade dos alimentos do que com a pobreza do vaso em que são apresentados?

Deus prova vocês e, reunidos aqui, ouçam suas palavras. Mas a própria prova mostrará quais são suas disposições. Ele enviará questões a vocês que mostrarão o que vocês são. De fato, muitos que hoje gritam blasfêmias, ontem ouviam com prazer.

Por este motivo, meus irmãos, eu os advirto antecipadamente. Eu digo a vocês e repito que o momento do exame virá.

Diz a Escritura: *O Senhor sonda tanto o justo quanto o ímpio*.

Vocês não acabaram de cantar; não cantamos juntos: *O Senhor sonda tanto o justo quanto o ímpio*?

E o que está dito em seguida? *Aquele que ama a iniquidade odeia sua alma*[119].

Em outra passagem, também lemos: *Os próprios pensamentos do ímpio serão cuidadosamente examinados*[120].

Então, Deus não interroga como eu interrogo. Eu interrogo suas palavras e Deus interroga seus pensamentos. Ele sabe com quais disposições vocês me escutam. Ele sabe, da mesma forma, com que rigor ele reclamará o que ele me obriga a distribuir.

Ele quer que eu distribua, mas ele se reserva o direito de exigir contas. Cabe a nós aconselhar, ensinar, corrigir, mas não salvar, coroar, condenar e nem lançar aos tormentos. É o juiz que entregará o culpado ao carcereiro e este o colocará na prisão[121].

Em verdade te digo: dali não sairás antes de teres pago o último centavo[122].

09 – Os quarenta dias de jejum de Moisés, Elias e Cristo.

Retornemos ao nosso tema. A perfeição da justiça é representada pelo número quarenta. O que é completar este número? É se abster do amor ao mundo e se abster das coisas temporais, para evitar amá-las de uma maneira perigosa. É, num certo sentido, jejuar.

Assim, o Senhor, Moisés e Elias jejuaram quarenta dias[123]. Se o Senhor deu aos seus servidores o poder de jejuar quarenta dias, ele mesmo não poderia jejuar oitenta ou mesmo cem?

Por que ele não quis jejuar mais tempo do que eles, se não foi porque o número quarenta é a representação misteriosa do jejum do qual falamos: a renúncia ao mundo?

E no que consiste essa renúncia? No que diz o Apóstolo: *O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*[124]. Assim se completa nele o significado do número quarenta.

Mas, enfim, o que pretende o Senhor?

Tendo Moisés e Elias jejuado tanto quanto o Senhor, a Lei e os Profetas divulgam o mesmo ensinamento que o Evangelho e não se deve ver neste o contrário do que dizem os Profetas e a Lei.

Todas as Escrituras, de fato, só recomendam a renúncia ao amor ao mundo, para fazer nosso amor alçar voo rumo a Deus.

Esta espécie de jejum é representada na Lei pelo jejum de Moisés durante quarenta dias; nos Profetas, pelo jejum de Elias, durante quarenta dias igualmente e no Evangelho, pelo jejum do Senhor, também de quarenta dias.

Isto explica também porque o Senhor aparece na montanha tendo ao seu lado Moisés e Elias. É porque a Lei e os Profetas dão testemunho do Evangelho[125].

Examinemos agora como o número quarenta expressa a perfeição da justiça. Lemos em um Salmo: *Ó Deus, cantar-vos-ei um cântico novo, louvar-vos-ei com o saltério de dez cordas*[126].

Este saltério lembra os dez preceitos da Lei que o Senhor não veio abolir, mas aperfeiçoar. Além disso, tendo esta Lei se espalhado por toda parte, ela tem quatro apoios: o Oriente, o Ocidente, o Sul e o Norte, como fala a Escritura.

Isto também se deduz daquela espécie de toalha misteriosa onde estavam as imagens de todas as espécies de animais e que foi mostrada a Pedro, ao mesmo tempo em que uma voz dizia: *Levanta-te, Pedro! Mata e come*[127], para mostrar que todos os povos deveriam acreditar e serem incorporados à Igreja, como o que comemos se torna parte dos nossos órgãos. Essa toalha descia do céu *segura pelas quatro pontas*, representando as quatro partes do mundo e marcava assim a futura conversão do mundo inteiro.

É desta forma que o número quarenta expressa a renúncia ao mundo e esta renúncia compreende a plenitude que consiste ela mesma no amor.

Daí vem também que jejuamos quarenta dias antes da Páscoa. Este jejum é a representação desta vida penosa, onde precisamos cumprir a Lei no meio de trabalhos, aflições e privações de todo tipo.

Após a Páscoa é o contrário, ou seja, após a ressurreição do Senhor. Esta é uma época que representa nossa própria ressurreição e compreende cinquenta dias, porque, ao quarenta, se acrescenta o denário[128] da recompensa e se obtém a soma de cinquenta.

Por que dizer denário da recompensa? Vocês não se lembram de que os trabalhadores da vinha, tanto os da primeira, quanto os da sexta, quanto os da undécima hora só receberam um denário?[129]

Quando então nossa justiça tiver recebido sua recompensa, teremos completado o número cinquenta e só teremos que louvar a Deus.

Assim, cantaremos então: Aleluia! A aleluia, de fato, é o louvor a Deus. Mas, neste momento, durante esta vida frágil e mortal; durante esta quarentena gememos na prece como antes da ressurreição, para louvar Deus mais tarde. Agora é a época dos desejos, então será o tempo dos abraços e dos prazeres.

Não faltemos com nossos deveres durante a quarentena, para desfrutarmos da felicidade durante a cinquentena.

10 – A Lei não pode ser cumprida sem o amor.

Mas, quem pode cumprir a Lei sem o amor? Interrogue o Apóstolo e ele dirá: *O amor é o pleno cumprimento da Lei*[130]. *Porque toda a Lei está encerrada num só preceito: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*[131].

E este preceito do amor é duplo: *Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo*. Assim fala o Senhor no Evangelho e ele acrescenta: *Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas*[132].

Sem este duplo amor não se pode cumprir a Lei e, se não a cumprirmos, nos tornamos doentes.

Aí está porque faltavam dois anos àquele que estava doente há trinta e oito anos.

O que quer dizer que lhe faltavam dois anos? Quer dizer que ele não cumpria estes dois preceitos. De que serve observar os outros se não forem observados estes dois? Mesmo que você cumpra trinta e oito, se não cumprir estes dois, nada de recompensa para você. Estes dois que você viola são aqueles que levam à salvação e sem eles os outros não possuem nenhum mérito.

Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria![133]

Assim fala o Apóstolo e tudo o que ele enumera aqui pode ser considerado como os trinta e oito anos. Mas, como falta o amor, é como se fosse uma enfermidade. E quem curará esta enfermidade, se não é Aquele que veio dar o amor? Ele disse: *Dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado*[134].

Foi porque ele veio estabelecer o reino do amor e porque o amor aperfeiçoa a Lei, que ele pôde dizer: *Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim para aboli-los, mas sim, para levá-los à perfeição*[135].

Depois de ter curado nosso doente, ele lhe disse: *Levanta-te, toma o teu leito e anda*. Ele disse o mesmo ao paralítico, depois de ter-lhe devolvido a saúde[136].

Mas, o que quer dizer *toma o teu leito*? É rejeitar as volúpias carnais onde jazemos como que doentes em um leito.

Quando estamos curados, dominamos e domamos nossa carne, invés de sermos dominados por ela. Você então, que está em boa saúde, supere a fragilidade da carne, cumpra o jejum de quarenta dias renunciando ao mundo e você completará assim a quarentena, como esse feliz doente que foi curado por Aquele que não veio abolir, mas aperfeiçoar a Lei.

11 – A alma deve ser desapegada das coisas temporais.

Depois de terem ouvido estas reflexões, elevem seus corações para Deus. Não se iludam. Examinem-se quando o

mundo sorrir para vocês. Examinem-se se vocês não amam o mundo e aprendam a deixá-lo antes que ele os deixe.

O que é deixar o mundo? É amá-lo desapegadamente. Enquanto você ainda tem o que precisará deixar __ ou durante a vida ou no momento da morte, pois você não pode manter tudo para sempre __ desapegue seu coração. Esteja pronto para tudo o que lhe exigir a vontade divina. Mantenha-se como que pendurado em Deus. Mantenha-se unido Àquele que, se você não quiser, você não pode perder. E, se acontecer de você ser privado das coisas temporais, você poderá dizer: *O Senhor deu, o Senhor tirou. Bendito seja o nome do Senhor!*[137]

Se acontecer, pelo contrário, de Deus querer que você conserve seus bens até o fim de sua vida, uma vez libertado dos laços deste mundo, você receberá o denário da cinquentena e atingirá a felicidade perfeita. E você não deixará de cantar a celeste Aleluia!

Não perca de vista o que acabo de recordar a você e que esta lembrança o impeça de amar o mundo. Esta amizade é prejudicial, enganosa e provoca a inimizade de Deus.

Infelizmente basta uma tentação para o ser humano ofender Deus e se tornar seu inimigo. Ou melhor: para mostrar que o era, pois ele já o era quando o louvava e acreditava amá-lo, mas sem seu conhecimento ou o conhecimento dos outros.

Se surgir uma tentação, toque o pulso e constate a febre. Assim, meus irmãos, a amizade e a afeição ao mundo

nos tornam inimigos de Deus.

Além de tudo, este mundo jamais dá o que promete. Ele é um mentiroso e enganador.

É por este motivo que jamais deixamos de esperar dele? Mas, quem é que obtém tudo o que espera dele? E, seja o que for que obtenhamos, logo desprezamos e começamos novamente a desejar com ardor e a esperar outras coisas. E estas também, nem bem chegam e logo as desprezamos também.

Agarre-se então a Deus! Ele jamais perde seu encanto, porque sua beleza é sem igual.

Se os bens do mundo se desvalorizam tão rápido é porque eles não têm nada de estável; é porque eles não são Deus; é porque falta a você, ó alma humana, nada menos do que Aquele que criou você à imagem dele.

Assim, foi dito a ele com razão: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*[138]. Somente aí está a segurança e com ela uma espécie de saciedade insaciável. Esta saciedade, no entanto, jamais dirá: “Basta!” Jamais também existirá algo do qual se possa sentir necessidade.

Sermão 126 - O olhar do Verbo de Deus.

Em verdade, em verdade vos digo: o Filho não pode fazer coisa alguma; ele só faz o que vê o Pai fazer e tudo o que o Pai faz, o faz também, semelhantemente, o Filho[139].

Análise

Destas palavras de Nosso Senhor: "o Filho não pode fazer coisa alguma; ele só faz o que vê o Pai fazer", os arianos concluem que o Verbo não é igual ao Pai.

Santo Agostinho, para refutá-los, precisará o sentido destas palavras. Mas, antes, ele estabelece que a fé deve preceder e preparar a compreensão; que o que vemos deve nos assegurar do que não vemos; que o espetáculo do mundo prova a existência de Deus e que os milagres do Salvador demonstram sua divindade.

Segue-se daí que, se muitos não compreendem suficientemente a explicação que ele vai dar da dificuldade levantada pelos arianos, eles não devem ser menos inabaláveis na fé católica.

O que significam as palavras citadas? Elas não significam que o Filho, após ter visto seu Pai em ação, produz ele mesmo ações semelhantes, já que as três pessoas da Santíssima Trindade fazem ao mesmo tempo todas as obras atribuídas a somente uma delas.

O que elas significam então? É preciso ter uma ideia exata do olhar do Verbo de Deus. Nós conhecemos no que consiste o olhar humano, mas o que é o olhar da divindade e como, enquanto Deus, ela vê seu Pai agir?

Como a natureza divina é muito ampla, é certo que o olhar do Verbo não é diferente dele mesmo e que estas palavras: "o Filho só faz o que vê o Pai fazer" remetem a estas: o Filho não seria filho, se não tivesse nascido do Pai.

01 – A fé deve preceder a compreensão.

Os mistérios e os segredos do Reino de Deus pedem que se acredite neles, antes que se revelem ao intelecto. A fé leva à compreensão e a compreensão é merecida pela fé. Isto é o que diz claramente um Profeta a todas as pessoas que procuram compreender prematura e desordenadamente, sem se preocupar em acreditar. *Se não acreditares, não compreendereis*[140], ele diz.

A fé é então esclarecida assim: pelas Escrituras, pelos Profetas, pelo Evangelho, pelos escritos dos Apóstolos. E todos os testemunhos que lemos neste momento são como chamas que se acendem na escuridão para nos preparar um grande dia.

Assim se expressa o apóstolo Pedro: *Assim, demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a estrela da manhã se levante em vossos corações*[141].

02 – É um absurdo não querer acreditar no que se vê.

Vocês veem, meus irmãos, o quanto são perversa e desordenadamente apressados esses espíritos que podemos comparar aos embriões imaturos que procuram abortar antes de nascer.

Eles questionam: “Por que me ordenar acreditar no que não vejo? Faça-me ver para me levar a acreditar. Você me ordena acreditar sem que eu veja, mas eu quero ver e acreditar depois; acreditar vendo e não ouvindo”.

Mas o Profeta diz: *Se não acreditares, não compreendereis*.

Oras! Você quer subir sem apoio? Isto não é um mal?

Ah! Se eu pudesse, meu amigo, mostrar a você e fazê-lo ver, eu não me preocuparia em fazê-lo acreditar.

03 – Das coisas criadas visíveis, deve-se voltar para o Criador.

Assim, *A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê*[142], está definido em outra passagem.

“Se não se vê, como se convencer?”

De onde vem o que você vê, se não é do que você não vê? Você vê uma coisa para acreditar em outra e o que você vê o leva a acreditar no que você não vê.

Não seja ingrato para com Aquele que concedeu a visão a você, pois essa visão o leva a acreditar no que você não pode ver ainda. Deus deu olhos ao seu corpo e a razão à sua alma; desperte essa razão; ela está, num certo sentido, encerrada no olho interior da alma; que ela venha à janela para contemplar as criaturas de Deus.

Sim, precisamos de alguma coisa em nós para que possamos ver através do órgão da visão.

Se você está diante de mim, absorto em seus pensamentos, não é verdade que sua mente distraída não pode ver o que está diante dos seus olhos? Em vão a janela está aberta quando o espectador está ausente. Portanto, é

bem verdadeiro que não são os olhos que veem, mas algo que se serve deles. Desperte esse algo! Pressione-o!

Ah! Você não está deserdado. Deus fez de você um animal racional. Ele colocou você acima dos outros animais e o formou à imagem dele. Você deve então enxergar simplesmente como enxergam os animais, somente para alimentar o corpo e não para iluminar a alma?

Abra, então, os olhos da razão. Olhe como um ser humano. Contemple o céu e a terra, as belezas do céu e a fecundidade da terra, o voo dos pássaros, os peixes que nadam, os vegetais que brotam e as estações que se sucedem com tanta ordem. Contemple estas obras e procure conhecer seu Autor.

Olhe o que você vê e procure Aquele que você não vê. Por causa dessas obras que você vê, acredite Nele, embora você não o veja.

Se você não quer seguir meus conselhos, preste atenção à voz do Apóstolo. Ele diz: *Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência por suas obras; de modo que não se podem escusar*[143].

04 – Cristo realizou milagres extraordinários para que Deus fosse reconhecido na vida cotidiana.

Você esfregou com os pés essas obras e as olhou não como um ser humano, mas como um animal irracional. O Profeta clamou em vão para você: *Não queiras ser sem*

inteligência como o cavalo, como o muar, que só ao freio e à rédea submetem seus ímpetos[144].

Você via então essas obras e desdenhava delas. Essas maravilhas que Deus produz a cada dia tinha perdido para você todo encanto. Não que elas não o tivessem, mas porque você tinha se acostumado a esse espetáculo.

Oras! O que há de mais difícil para compreender do que o nascimento e a morte de uma pessoa? O desaparecimento de quem existia e o aparecimento de quem não existia. Há algo mais admirável e menos fácil de explicar? Mas, para Deus não há nada de mais fácil de ser feito.

Admire essas maravilhas! Saia desse entorpecimento!

Sua admiração só se volta para o que é extraordinário. Há menos grandeza no que é ordinário?

Admira-se que Jesus Cristo tenha saciado a fome de vários milhares de pessoas com cinco pães e não se admira que alguns grãos bastam para cobrir os campos de colheitas[145].

Com a visão da água transformada em vinho ficou-se tomado de espanto[146], mas, ao passar pelas raízes da videira, a água do céu não se transforma igualmente?

O autor dessas maravilhas é o mesmo. Ele fez algumas para alimentar você e outras para admirar você. Ambas, no entanto, são igualmente admiráveis, porque são obras de Deus.

Uma pessoa vê uma coisa extraordinária e fica espantada. Mas, de onde vem essa pessoa que fica espantada? Onde ela estava? De onde ela saiu? De onde lhe

vem a forma do seu corpo, seus diversos membros, essa aparência distinta? Qual foi sua origem? Não foram todas circunstâncias desprezíveis? Ela fica espantada, mas ela mesma é um grande objeto de espanto.

Enfim, de onde vêm todas essas maravilhas que você vê, se não é Daquele que você não vê?

Mas, como eu disse, você não sabia apreciá-las. Foi então que o Autor se mostrou e, ao fazer coisas extraordinárias, ele quis se revelar a você nas coisas mais ordinárias.

Foi pedido a ele: *Renovai vossos prodígios, fazei milagres inéditos*[147] e também: *Mostrai a vossa admirável misericórdia*[148]. Sem dúvida que ele os espalhou em profusão, mas ninguém ficou admirado com isso.

Ele então se fez pequeno para vir para junto dos pequenos. Médico, ele visitou seus doentes. Ele estava livre para vir quando quisesse, fazer o que lhe agradasse e julgar como bem entendesse, pois sua vontade é a própria justiça.

Sim, seu querer é a justiça. O que ele quer não pode ser injusto e nem justo o que ele não quer.

Ele veio então ressuscitar os mortos e as pessoas ficaram admiradas por vê-lo devolver a luz àqueles que já desfrutavam dela, quando ele a dava diariamente àqueles que jamais a tinham visto!

05 – O milagre do nascimento virginal se revelou em Cristo.

Apesar dessas maravilhas, muitos o desprezaram, já que estavam menos atentos à grandeza de suas obras do que à sua humildade. Eles pareciam dizer a eles mesmos: “Essas ações são divinas, mas ele é apenas um homem!”

Aqui então você vê duas coisas: um homem e atos divinos. Mas, se só Deus pode realizar atos divinos, esse homem não seria um Deus escondido?

Pense bem no que você vê e acredite no que você não vê. Ao convidá-lo a acreditar, o céu não o deixou sem ajuda. Se ele ordena você a acreditar no que você não pode ver, ele não faz você ver o que pode levá-lo a acreditar no que você não vê?

Na própria criação; que sinais reveladores Daquele que é seu Autor!

Ele fez mais: ele veio pessoalmente e realizou milagres!

Você não podia ver Deus, mas podia ver um homem. Deus então se fez homem, para reunir na pessoa dele o que atinge seus sentidos e é objeto de sua fé.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus[149]. Ao ouvir estas palavras você não vê nada ainda.

Mas esse Verbo desceu, nasceu e nasceu de uma mulher. Ele, que tinha feito o homem e a mulher. Embora ele tenha feito o homem e a mulher, ele não nasceu de um homem e de uma mulher.

Se você o despreza ao vê-lo nascer, você pode desprezar a maneira como ele nasce, já que antes de nascer ele existia eternamente?

Ele tomou então um corpo, se revestiu de carne e saiu do ventre materno.

Agora você o vê? Você o vê?

Eu falo a uma pessoa de carne, mas também eu lhe mostro uma pessoa de carne. Você vê nele uma coisa, mas há nele outra coisa que você não vê.

Sim, desde seu nascimento há nele duas coisas: uma que você vê e outra que escapa à sua visão. Mas aquela que você vê deve levá-lo a acreditar naquela que você não vê.

Ao vê-lo nascer, você se pôs a desprezá-lo. Acredite no que você não vê nele: ele nasceu de uma Virgem.

Como ele era pequeno ao nascer, dizem! Como ele é grande, pelo contrário, já que nasceu de uma Virgem!

Ora, ao nascer de uma Virgem, ele nos mostra um milagre, já que, sem ter pai, um pai humano, nem por isso ele deixou de nascer de nossa carne.

Como, aliás, seria impossível para ele ter uma mãe e não um pai, se ele criou o ser humano antes que o ser humano tivesse pai e mãe?

06 – Do milagre do nascimento de Cristo somos levados a acreditar no Verbo de Deus.

Seu nascimento então é um milagre que ele fez no tempo, para levá-lo a procurá-lo e a admirá-lo em sua eternidade. Foi ele, de fato, que, ao se lançar de seu leito nupcial[150], ou seja, do ventre de uma Virgem, onde se consumou a santa união do Verbo com a humanidade, fez um milagre temporal.

Mas ele mesmo é eterno, coeterno com o Pai. Ele é o Verbo que estava no princípio; o Verbo que estava em Deus; o que Verbo que era Deus.

Mas, ele se fez humano para curá-lo e permitir a você ver o que você não via. O que nele parece desprezível a você não é o que contempla o olho curado, é o que cura o olho doente.

Não procure ver muito cedo o que veem os olhos curados. Os anjos o veem, sem dúvida; eles o veem com arrebatamento e este espetáculo os alimenta e lhes dá vida e este alimento jamais se esgota ou diminui.

Sim, em seus tronos sublimes, no alto dos céus e acima dos céus, os anjos veem o Verbo e ele é sua felicidade. Eles vivem dele e ele permanece sempre o mesmo, mas, para preparar os seres humanos para comer esse pão dos anjos, o Senhor dos Anjos teve que se fazer humano.

Assim, ele é nossa salvação, remédio para quem está doente e alimento para quem se porta bem.

07 – Falar do que se acredita e do que se sabe.

Ele ensinava as pessoas e lhes dizia, como vocês acabam de ouvir: *o Filho só faz o que vê o Pai fazer*.

Você pode pensar: “Alguém pode compreender isto?” Existe uma pessoa já suficientemente curada pela visão da humanidade do Salvador, para poder contemplar, por pouco que seja, o brilho de sua divindade?

Portanto, como ele já falou, falemos nós também. Ele falou porque é o Verbo; falemos nós agora, já que devemos falar do Verbo.

Mas, como ousaremos falar do Verbo? É que ele mesmo nos fez à imagem dele. Assim então, falemos dele, na medida em que somos capazes disto. Falemos dele na medida em que podemos falar do que é inefável. Falemos e que ninguém nos contradiga.

Assim, eu falo do que acredito. Será que vejo um pouco que seja? O Verbo sabe melhor do que eu, mas vocês, vocês não podem constatar isto.

O que me importa, aliás, se veem o que eu vou dizer e se acreditam ou não no que eu mesmo vejo?

Vejam claramente e pensem de mim o que quiserem.

08 – O erro dos arianos nas palavras do Senhor.

O Filho só faz o que vê o Pai fazer. Aqui se levanta com orgulho um erro dos arianos, mas ele se levanta apenas para cair, pois ninguém se torna humilde elevando-se.

O que você pretende então? Que o Filho é menos que o Pai e você se apoia nestas palavras: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*? É daí que você quer supor a inferioridade do Filho.

Eu sei, eu sei que esta passagem é embaraçosa. Pois bem! Acredite que o Filho não é menos do que o Pai. Se você não pode compreender ainda, acredite; foi o que eu disse agora há pouco.

Mas você argumenta: “Como aceitar suas palavras? Foi ele mesmo quem disse: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*”.

Sem dúvida. Mas leia também o que se segue: *Tudo o que o Pai faz, o faz também, semelhantemente, o Filho*. Ele não diz que ele faz o mesmo.

Que suas caridades se recolham um pouco, para que não fiquem atordoados. É preciso aqui um coração tranquilo, uma fé devota e aplicada, uma atenção religiosa, não em mim, pobre instrumento, mas Naquele que me dá, para distribuir, o pão da vida.

Então, um pouco de atenção.

Vocês ouviram com felicidade e com alegria; vocês compreenderam facilmente o que dissemos para estimulá-los à fé, para propiciar-lhes essa fé que dispõe para compreender. Vocês se rejubilaram ao ouvirem isto, me seguiram e compreenderam perfeitamente.

Alguns, sem dúvida, compreenderão também o que me resta ainda a dizer. Mas, temo que nem todos compreendam. No entanto, foi Deus mesmo que nos indicou, pela leitura do Evangelho, o tema que, todavia, temos que tratar e não podemos ignorar as ordens do Mestre.

Mas temo também ser acusado de ter falado inutilmente para aqueles que não compreenderão e talvez haja muitos deles. No entanto, como haverá também muitos que compreenderão, minhas palavras não serão completamente estéreis.

Que não se rejubilem então por terem compreendido e, se não compreenderem, que tenham paciência. Que se sofra com calma por não terem compreendido, para poderem compreender mais tarde.

09 – As obras do Pai só se realizam através do Filho.

Jesus então não diz: “Seja o que for que o Pai faça, o Filho faz o mesmo”, como se as obras do Pai fossem identicamente as mesmas que as do Filho. Ele parece expressar esta ideia nas palavras já citadas: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*.

No entanto, observem que ele também não diz: “O que ele ouve o Pai ordenar”, mas: *o que vê o Pai fazer*.

Vamos dar a estas palavras um pensamento __ ou melhor, um sentido __ carnal. Vejamos aí dois trabalhadores: o Pai e o Filho. O Pai que trabalha sem ter ninguém como modelo e o Filho que trabalha olhando o Pai.

Este olhar, sem dúvida, seria também carnal, mas, para compreender bem o que foi dito, não deixemos de descer até estas baixas e abjetas suposições. Coloquemos então diante de nossos olhos um espetáculo totalmente material. Imaginemos dois trabalhadores: um pai e um filho.

O pai acaba de fazer um móvel que o filho não teria podido fazer se ele não tivesse visto o pai fazer. O filho olha esse móvel e faz outro igual e não aquele que o pai fez.

Antes de passar ao que se segue, eu me dirijo ao ariano. Você faz ideia do que eu acabo de dizer? Você consegue

imaginar o Pai fazendo um trabalho e o Filho fazendo um semelhante, porque viu como o Pai fez?

Não é isto o que parecem significar as palavras sobre as quais você se deteve? Você não concorda que não foi dito que o Filho só pode fazer o que o Pai lhe ordena, mas sim que *o Filho só faz o que vê o Pai fazer*?

Se for este o sentido que você dá a estas palavras, é preciso admitir que o Pai trabalhou e que o Filho olhou para aprender a trabalhar e a fazer uma obra diferente, mas, no entanto, semelhante à do seu Pai.

Mas, esta obra do Pai, através de quem ele a executou? Se não foi através do seu Filho, através do seu Verbo, ei-lo em guerra contra o Evangelho, onde está dito: *Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*[151].

Desta forma, tudo o que o Pai fez, ele o fez através do seu Verbo, ou seja, seu Filho.

Que outro então via, para aprender a fazer o que ele via seu Pai fazer? Não é dito costumeiramente que o Pai teve dois filhos. Ele só teve um, que foi gerado por ele, mesmo que, em sua misericórdia, só ele possuindo sua divindade, ele não é seu único herdeiro. Ele admitiu como seus coerdeiros, aqueles que ele não gerou, como seu Filho unigênito, de sua substância, mas que adotou como membros de sua família, já que, de acordo com o testemunho das santas Escrituras, nossa vocação é sermos seus filhos adotivos[152].

10 – É a Trindade que realiza as mesmas obras.

O que você diz então? É o Filho Unigênito que fala. É o Filho Unigênito que fala no Evangelho. É o próprio Verbo que nos dirige a palavra e que nos diz: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*.

Mas, o Pai já agiu. O Filho o viu agir e, no entanto, o Pai não faz nada sem o intermédio do Filho. Eu o vejo confuso, herético! Eu o vejo perturbado, mas esta perturbação, como o movimento produzido por uma erva medicinal, será para você uma perturbação salutar.

Parece-me que você já não se reconhece e você mesmo condena sua interpretação e seu sentimento carnal. Deixe de lado esse olhar físico e se você tem alguma coisa no coração, eleve-se para a contemplação das coisas divinas.

É verdade que são palavras humanas que são dirigidas a você por uma pessoa, por um Evangelista. Por meio do Evangelho você escuta palavras humanas, próprias de um ser humano. Mas, quanto ao Verbo de Deus, você escolhe, afinal, ouvir palavras humanas para conhecer coisas divinas.

Foi o Mestre que perturbou você para instruir você; que colocou uma questão para você para chamar sua atenção. Ele disse: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*.

Consequentemente, ele deveria acrescentar: “Seja o que for que o Pai faça, o Filho faz também”. No entanto, não foi isto o que ele disse, mas: *Tudo o que o Pai faz, o faz também, semelhantemente, o Filho*.

As obras do Pai não são diferentes daquelas do Filho, pois tudo o que o Pai faz, ele faz por intermédio do Filho.

O Filho ressuscitou Lázaro[153]. O Pai não o ressuscitou ao mesmo tempo?

O Filho curou o cego de nascença[154]. O Pai não o curou com ele?

O Pai age por intermédio do Filho, no Espírito Santo. Isto é uma Trindade de pessoas e uma só ação. É a mesma majestade, a mesma eternidade, a mesma coeternidade e são as mesmas obras.

Não existem algumas pessoas criadas pelo Pai, outras pelo Filho e outras ainda pelo Espírito Santo. A mesma pessoa é criada pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um só e mesmo Criador.

11 – Uma Trindade enquanto Pessoas, mas uma unidade enquanto Natureza Divina.

Se você vê aqui pluralidade nas pessoas, reconheça também que há unidade na divindade. Por causa da pluralidade das pessoas, lemos: *Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança*[155].

Deus não disse: “Vou fazer o ser humano”. Fique atento para você mesmo fazer um semelhante seu. Mas ele disse: *Façamos*. Aí está a pluralidade. *Nossa imagem*; novamente a pluralidade.

Onde está então a unidade de Deus? Prossiga: *Deus criou o ser humano à sua imagem*[156].

Depois de: *Façamos o ser humano*, não está dito: “E os Deuses fizeram o ser humano”. A unidade se revela nestas palavras: *Deus criou o ser humano*.

12 – O significado das palavras de Cristo deve primeiro ser buscado com a fé justa.

No que se tornou então sua interpretação carnal? Que ela se envergonhe, que ela se esconda, que ela desapareça.

Ó Verbo de Deus, fale conosco!

Nós todos que já temos alguma devoção e que acreditamos; nós que temos uma fé penetrante e que já estamos, por pouco que seja, dispostos a compreender, voltemo-nos para o Verbo __ o lar de toda luz __ e digamos: “Senhor, vosso Pai faz as mesmas coisas que vós, já que ele faz tudo através de vós. Desde o princípio vós éreis seu Verbo. Nós não vimos isto, mas isto nos foi ensinado e nós acreditamos. Neste ensinamento nós aprendemos também que tudo foi feito por vós e, segue-se daí que, tudo o que fez o Pai foi através de vós que ele o fizeste e vós fizestes tudo o que ele fez. Por que então vós dissestes: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*? Eu vejo bem que vós tendes com vosso Pai uma certa igualdade, quando ouço estas palavras: *Tudo o que o Pai faz, o faz também, semelhantemente, o Filho*. Sim, eu reconheço e compreendo aqui uma certa igualdade e a vejo, na medida de minhas forças, o mesmo pensamento nesta outra frase: *Eu e o Pai somos um*[157]. Mas, por que não podeis fazer nada que não vedes fazer vosso Pai? O que quereis dizer com isto?”

13 – A dificuldade de compreender a visão do Verbo, por não poder conhecê-la.

Ele não poderia me responder, ou melhor, responder a todos nós?

Nestas palavras: *O Filho só faz o que vê o Pai fazer*, que sentido você dá ao verbo *ver*? O que você entende por *meu olhar*?

Esqueçamos um pouco a natureza de servo que ele assumiu por nós. Considerado em sua natureza, o Senhor tinha, como nós, olhos e ouvidos, um corpo e órgãos como nós.

Sua carne lhe veio de Adão, mas, que diferença entre ele e Adão! Seja ao caminhar sobre a terra ou sobre o mar __ pois ele podia tudo que ele queria, tudo o que lhe agradava __ ele olhava como bem queria. Ele direcionava os olhos e via; ele os afastava e não via. O que caminhava diante dele, ele via com os olhos do seu corpo. O que caminhava atrás dele, ele não via, embora nada estivesse oculto à sua divindade.

Abstraia-se então; abstraia-se desta natureza de servo e considere nele a natureza de Deus; a natureza que ele tinha antes da criação do mundo e que o fazia igual ao seu Pai. Assim como disse e que deve fazer você entender Aquele sobre quem foram ditas estas palavras: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*[158].

Considere-o nesta natureza, se você puder, para poder compreender no que consiste seu olhar.

No princípio era o Verbo. Como olha o Verbo? Ele tem olhos? Ele tem olhos como os nossos? Ele não tem olhos do

corpo, mas os olhos desses corações pios, sobre os quais está dito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus*[159]?

14 – Em Cristo era visível aos humanos a forma de servo e aos bem-aventurados era visível a forma de Deus.

Cristo é, ao mesmo tempo, Deus e humano. Ele mostra, hoje em dia, a você, sua humanidade, mas reserva para mais tarde sua divindade.

Aqui está a prova: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai*, ele disse. Depois, como se lhe tivessem perguntado: “O que vós dareis àquele que vos amar?”, ele acrescenta: *Eu o amarei e manifestar-me-ei a ele*[160].

O que significa isto, meus irmãos?! Como assim?! Seus discípulos o viam e ele prometia se mostrar a eles?!

A quem, de fato, ele prometia se mostrar? Àqueles que o viam ou àqueles que não o viam?

Lembremo-nos do que ele respondeu a um de seus discípulos que pediu, como suprema felicidade, ver o Pai e que disse expressamente: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*[161].

De pé, então, em sua natureza humana, diante dos olhos desse Apóstolo e se reservando para lhe mostrar sua natureza divina quando este mesmo estivesse divinizado, o que o Senhor lhe respondeu?

“*Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai*[162]. Você procura ver meu Pai; veja-me! Você me vê sem me ver. Você vê a natureza que tomei por você, mas não vê aquela que reservo para você. Observe meus preceitos e purifique sua visão, pois: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por* mim. E, porque observou meus mandamentos e se curou com este recurso, *eu o amarei e manifestar-me-ei a* você”.

15 – O olhar do Verbo não é diferente do Verbo.

Infelizmente, meus irmãos, se não podemos compreender no que consiste o olhar do Verbo, aonde chegaremos?

Não estamos exigindo compreendê-lo muito cedo? Por que pedir que nos seja mostrado que não podemos ver?

Assim, quando falamos desse olhar do Verbo, falamos do que desejamos e não do que podemos contemplar.

De fato, ver o olhar do Verbo, se fôssemos capazes disto, seria ver o próprio Verbo. O Verbo não é diferente de seu olhar. Não fosse assim, ele seria de uma natureza misturada e complicada; dupla e composta, enquanto que ele é simples e de uma simplicidade inefável.

O olhar humano é diferente do próprio ser humano, pois o olhar pode se extinguir sem que o ser humano venha a morrer. Mas isto não é assim com o Verbo.

Aí está o que anunciei como não podendo ser compreendido por todo mundo. Ainda que o Senhor concedesse a alguns compreendê-lo!

O que é exigido de nós, meus irmãos, é que reconheçamos pelo menos que esse olhar do Verbo ultrapassa nossa capacidade de compreensão e, como essa compreensão é fraca, apliquemo-nos em fortificá-la, em aperfeiçoá-la.

Por que meio? Pela observação dos mandamentos.

Quais? Aqueles sobre os quais está dito: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama*.

Que preceitos são estes? Afinal, queremos crescer, nos fortificar e nos aperfeiçoar, até o ponto de ver o olhar do Verbo.

Ó Senhor, diga-nos então quais são esses preceitos!

Dou-vos um novo mandamento: "Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado"[163].

Assim, então, meus irmãos, peguemos esse amor na própria fonte de onde ele jorra. Busquemo-lo e alimentemo-nos de amor. Peguemos o quanto formos capazes.

Que o amor o gere, o nutra, o desenvolva, o fortifique e o torne capaz de ver que o olhar do Verbo não é diferente dele mesmo; que este olhar é o próprio Verbo.

Você compreenderá então facilmente que estas palavras: *o Filho só faz o que vê o Pai fazer*, remetem a estas: o Filho não seria filho, se não tivesse nascido do Pai.

Basta, meus irmãos! Meditando no que eu acabo de dizer, muitos poderão compreender. Eu poderia complicar

ainda mais, se repetisse mais vezes.

Sermão 127 - A vida eterna.

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida.
Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora __ e já está aí __ em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão. Pois, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo e lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem.
Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz. Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados[164].

É como está escrito: "Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou" (Isaías 64:4), tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam[165].

Análise

É impossível termos uma ideia exata das promessas que nos esperam na vida futura. Então, de fato, viveremos eternamente, viveremos sem cansaço e sem sofrimento, mas teremos muito mais ainda: teremos a felicidade que consiste na visão de Deus.

O Filho de Deus, que é eterno como o Pai, o Filho de Deus, cuja voz poderosa anima com a vida sobrenatural

todos os corações que lhes são dóceis, o Filho de Deus ressuscitará todos no último dia, julgará em seguida os vivos e os mortos e concederá aos justos, como recompensa suprema, a felicidade de ver Deus.

Sem dúvida que os pecadores, como os justos, o verão em sua humanidade, mas somente os justos o contemplarão no esplendor de sua divindade.

Por que colocar em dúvida a realidade da ressurreição dos corpos? Deus não pode, com a mesma facilidade, devolver a vida a quem já a teve, quanto dá-la a quem jamais desfrutou dela?

01 – A esperança dos cristãos está nas coisas invisíveis.

Nossa esperança, meus irmãos e irmãs, não está neste tempo, nem neste mundo, nem nos prazeres pelos quais se mostram tolamente atraídas as pessoas que se esqueceram de Deus.

O que devemos saber primeiro e nos lembrar sempre com um coração devoto, é que não nos tornamos cristãos com vistas às felicidades da vida presente, mas com vistas a uma outra felicidade que Deus nos promete e que não podemos compreender ainda, pois é sobre esta felicidade que está escrito: *Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam*.

Assim, não tendo o ser humano jamais desfrutado de uma felicidade tão grande, tão excelente, tão inefável,

precisamos da promessa de um Deus.

Não, a escuridão em que vive hoje em dia o coração humano, não lhe permite compreender as divinas promessas e não é possível imaginar, no estado atual, o que nos tornaremos mais tarde.

Veja uma criança que acaba de nascer. Ela não pode falar, caminhar e nem fazer nada. Mas, suponhamos que ela possa compreender o que se diz a ela, como vemos comumente nas crianças fracas, que mal podem ficar deitadas e são incapazes de ficar sem a ajuda de alguém, embora, segundo nossa suposição, ela compreenda o que se diz a ela.

Imaginemos então que se diga a essa criança: “Assim como você me vê hoje caminhar, trabalhar e falar, assim você será em alguns anos”.

Considerando, de um lado, a fraqueza dessa criança e, de outro, o estado daquele que diz isto, ela não acreditaria. No entanto, ela tem diante dos olhos a realidade da promessa que lhe é feita.

A nós também __ que somos como crianças, retidos neste corpo cheio de enfermidades __ nos são feitas grandes promessas, mas não vemos a realidade delas e, para acreditar no que não vemos e merecer ver o que acreditamos, precisamos fortalecer nossa fé.

Se ultrajamos esta fé, se imaginamos que não precisamos acreditar no que não vemos, que confusão será, quando aparecer o que nos recusamos acreditar! Essa

confusão bastará para separar os eleitos e uma fé separada é a danação.

Ao acreditarmos, pelo contrário, mereceremos ser colocados à direita e ficaremos, cheios de confiança e de alegria, no meio daqueles aos quais foram dirigidas estas palavras: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[166]. E o Senhor, depois desta sentença, conclui assim: *E estes irão para o castigo eterno e os justos, para a vida eterna*[167].

Essa vida eterna é aquela que nos é prometida.

02 – O quanto deve ser amada a vida eterna que nos é prometida.

Assim, as pessoas amam viver nesta terra e lhes é prometida a vida. Elas temem singularmente a morte e lhes é assegurada a vida eterna.

O que você ama? “Viver”. Então você viverá.

O que você teme? “Morrer”, Então você não morrerá.

Parece que a fragilidade humana deveria se contentar com a promessa de viver eternamente. O que se passa aqui mostra, de alguma maneira, ao espírito humano, o que nos está reservado para o futuro.

No entanto, que desproporção! Aqui, de fato, porque se vive e porque não se quer morrer, ama-se a vida e se quer viver para sempre, sem nunca morrer. Aqueles, no entanto, que vivem nos lugares de castigos, desejam morrer e não podem.

Assim, o importante não é viver muito e muito menos viver pra sempre, mas viver feliz.

Amemos, no entanto, a vida eterna e saibamos o quanto devemos trabalhar por ela, considerando o quanto trabalham para a vida presente, para esta vida passageira e perecível, aqueles que são apegados a ela e o quanto também, quando são ameaçados de morte, eles se apressam em fazer tudo o que podem para impedir que isto aconteça e adiar a passagem.

Que sacrifícios não se faz, de fato, quando se vê a morte se aproximar, para fugir dela, para evitá-la! Sacrifica-se tudo para se preservar dela. Não se recua diante dos incômodos e da tortura, recorre-se aos médicos, tenta-se, enfim, tudo o que é possível.

Ora, ao que levam todos esses gastos e todas essas dores? Viver um pouco mais e não para sempre.

Ah! Se são dedicados tantos trabalhos, se são feitos tantos esforços e tantos gastos, se são realizadas tantas tentativas, tantas vigílias e tantos cuidados para prolongar um pouco a vida, o que não se deve fazer para viver eternamente?

Se são chamados de prudentes aqueles que empregam assim todos os meios para adiar a morte, para viver, para não perder alguns dias, o quanto são insensatos aqueles que vivem de maneira a perder a própria eternidade?

03 – O preço da vida eterna.

Para apreciarmos então o dom de Deus, basta compararmos o que ele nos promete com o que ele nos concede agora, pois é a ele a quem somos devedores pela vida e pela saúde.

Assim, imaginemos, quando falamos da vida eterna, uma vida isenta de tudo o que suportamos nesta, pois nos é mais fácil descobrir o que ela não é, do que saber o que ela é.

Aqui vivemos, lá viveremos também. Temos aqui a saúde, quando não sofremos nenhuma doença física. Lá também teremos saúde. Quando, enfim, estamos bem aqui é porque não temos nenhum sofrimento. Lá também não os teremos.

Suponha agora uma pessoa que tem a vida, a saúde e que está livre de qualquer sofrimento. Suponha ainda que lhe é concedido estar para sempre neste estado, sem perder jamais sua felicidade; qual não seria sua felicidade, seu arrebatamento? Ela poderia controlar seu êxtase, sentindo-se assim sem sofrimento, sem tormento, sem ter que temer a morte?

Assim, mesmo que Deus não nos prometesse a felicidade que acabo de descrever, que tratei de pintar com minhas palavras e de colocar diante dos olhos de vocês, o quanto não seria necessário para comprá-la, se ela estivesse à venda; o quanto não seria preciso dar para adquiri-la? Seria suficiente dedicar-lhe tudo o que se tem, mesmo que se possuísse o mundo inteiro?

Pois bem! Essa felicidade está à venda. Compre-a, se quiser. Não se preocupe muito em saber como pagar um bem tão precioso. Afinal, o preço dela não é o que você tem.

Se você quisesse adquirir uma grande e rica propriedade, você procuraria ouro, prata, somas consideráveis. Talvez você desse também os lucros de seus rebanhos e de suas terras. No entanto, você só desfrutaria dessa propriedade vasta e opulenta durante sua vida terrena.

Compre também, se você se interessar, aquela que eu proponho a você. Para pagá-la, não procure o que você possui, mas o que você é, pois é você o preço dela e ela vale o que você vale. Doe-se e você a terá.

Por que então se perturbar? Por que se inquietar? Você precisa ir muito longe para se encontrar ou para comprá-la? Entregue-se tal como você é e você a obterá.

Talvez você diga: “Eu não presto. Não me aceitarão”.

Entregando-se com este objetivo, você se tornará bom. A bondade consiste em se entregar inteiro à fé e à promessa de um bem tão grande. E, quando você tiver se tornado bom, você bastará para pagá-lo e não apenas você desfrutará das vantagens que eu enumerei __ uma saúde perfeita, a vida e uma vida que não termina __ mas também você estará ao abrigo de muitos outros males.

Então, de fato, não haverá mais cansaço, sono, fome, sede, crescimento e nem velhice, pois não haverá também nascimento. Sendo tudo sempre completo e sendo o número dos eleitos sempre o mesmo, não haverá

necessidade de aumentá-lo, já que ele não sofrerá nenhuma diminuição.

Que dores afastadas!

Eu não disse ainda o que será esta felicidade. Lá haverá a vida, a saúde, a ausência de toda dor, da fome, da sede, da fadiga, de todos estes sofrimentos.

Eu já disse, mas não enumerei ainda o que *os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*. Se eu os tivesse enumerado, isto não seria verdadeiro, pois *os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*.

Se *o coração humano* não *imaginou*, como o meu teria imaginado, para eu poder falar disto com vocês?

Nós acreditamos nessa felicidade; nós não a vemos. Não apenas não a vemos, como não podemos falar sobre ela.

Mas, então? Podemos acreditar no que não é falado? Como acreditar no que não se ouve falar?

Se, pelo contrário, foi ouvido e acreditado, é porque foi dito. Se foi dito, foi pensado. Se foi pensado e dito, entrou nos ouvidos humanos. O que não foi dito e nem pensado, não foi imaginado pelo coração humano.

Assim, nossas ideias se perturbam diante das questões relativas a essa felicidade imensa. Não podemos explicá-la da mesma forma como podemos acreditar nela.

Como então explicar no que consiste essa felicidade?

04 – A geração eterna do Filho.

Por isso, interroguemos o Evangelho e pratiquemos o que o Senhor acaba de nos ensinar nele. Ele diz: *Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida. Vem a hora __ e já está aí __ em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão. Pois, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo*[168].

Foi ao gerá-lo que ele lhe deu essa vida. A própria geração é a comunicação da vida. O Filho, de fato, vem do Pai e não o Pai do Filho, pois o Pai é Pai do Filho, como o Filho é Filho do Pai.

O Filho é gerado pelo Pai e não o Pai pelo Filho e, como o Filho existe eternamente, eternamente ele é gerado.

Mas, quem pode compreender um Filho gerado eternamente? Diante da palavra *gerado*, cada um naturalmente se diz: “Não se é gerado sempre”.

O que responder? Longe daqui este pensamento. A geração do Filho não foi precedida de nenhum tempo, pois, *tudo foi feito por ele*[169]. Se ele fez tudo, ele fez todos os tempos, como o resto e se ele fez todos os tempos, que tempo pôde existir antes dele?

Antes dele, então, não suponha nenhum tempo. Esse Filho existiu sempre com seu Pai. Se ele existe sempre com seu Pai e sempre como Filho, ele também foi sempre gerado e se ele foi sempre gerado, ele existiu sempre, como o Pai que o gerou.

05 – A geração eterna do Filho não pode ser explicada.

Você diz: “Eu nunca vi nada assim. Eu nunca vi um filho tão velho quanto seu pai. O pai é sempre mais idoso que seu filho”.

Você tem razão em dizer: “Eu nunca vi nada assim”, pois este é um dos mistérios que *os olhos não viram*.

“Como explicar isto então?”

Não se pode, pois, *os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*. É preciso acreditar e respeitar. Ao se acreditar, se respeita; ao se respeitar, beneficia-se e, ao se beneficiar, acaba-se por compreender.

Enquanto estivermos revestidos com esta carne, enquanto peregrinarmos longe do Senhor, somos, com relação aos anjos que contemplam essas maravilhas, como que crianças que precisam do leite da fé, antes de receberem o alimento sólido da contemplação face a face.

Assim, de fato, se expressa o Apóstolo: *Sabemos que todo o tempo que passamos no corpo é um exílio longe do Senhor. Andamos na fé e não na visão*[170].

Um dia, de fato, chegaremos à clara visão que São João nos promete nestes termos, em uma de suas Epístolas: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[171].

Somos filhos de Deus, desde agora, pela graça, pela fé, pelos sacramentos, pelo sangue de Cristo, pela redenção do Salvador.

Somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é.

06 – Deus é o alimento do espírito devoto.

Aí está com que objetivo somos aleitados: é para nos tornarmos capazes de tomar, de absorver, de digerir esse outro alimento; um alimento misterioso que fortifica maravilhosamente, sem diminuir nas mãos daquele que o toma.

Os alimentos que tomamos agora nos sustentam, sem dúvida, mas eles diminuem na medida em que nós os comemos. Pelo contrário, quando estivermos vivendo da justiça e da sabedoria, comendo o pão imortal, ele nos sustentará sem diminuir.

Observem o olho. Ele vive da luz, mas ele não diminui a luz, pois ela permanece a mesma não importa quantos desfrutem dela. Por mais numerosos que sejam os olhos que ela ilumina, ela permanece o que ela é; ela alimenta sem diminuir.

Ora, se Deus deu um poder assim para a luz, em favor dos olhos que dirigem nossos corpos, o que não pode fazer ele mesmo para os olhos da alma?

Se louvassem um rico alimento que você pudesse consumir, sem dúvida que você prepararia seu estômago para recebê-lo. É Deus que está sendo louvado. Prepare então sua alma.

07 – A alma é ressuscitada pela fé.

Eis o que diz a você seu Senhor: *Vem a hora __ e já está aí*. E o que acontecerá nesta hora? Nesta hora *os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão.*

Segue-se que aqueles que não a ouvirem não viverão.

"O que isto quer dizer?" Isto quer dizer obedecer.

O que isto quer dizer? É acreditar na voz e segui-la, para poder ter, assim, a vida.

"Então, antes de acreditar e obedecer, estava-se morto?" Sim. Em pé ou deitado, estava-se morto. Mas, do que servia a esses mortos caminhar?

Infelizmente, se algum desses mortos viesse a morrer fisicamente, os outros se apressariam a lhe preparar um funeral, o prepararíam, o levariam e esses mortos, por fim, sepultariam um morto.

Assim, está escrito: *Deixe que os mortos enterrem seus mortos*[172].

Pois bem! São esses mortos que a palavra de Deus ressuscita e que faz viver pela fé[173]. A infidelidade os tinha feito mortos e a palavra de Deus os fez vivos.

Quando? O Senhor disse: *Vem a hora __ e já está aí*. Desta forma, sua palavra ressuscitou essas vítimas da infidelidade.

A essas vítimas também se dirige o Apóstolo: *Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará*[174].

Esta espécie de ressurreição é a ressurreição dos espíritos, a ressurreição do ser humano interior, a ressurreição da alma.

08 – A ressurreição do corpo é um bem para alguns e uma danação para outros.

Há também outra ressurreição: é a ressurreição do corpo. Quando a alma ressuscitar, o corpo ressuscitará para sua felicidade.

Nem todas as almas ressuscitarão, mas todos os corpos ressuscitarão. Nem todas as almas ressuscitarão, mas somente aquelas que acreditarem e obedecerem, pois está escrito: *os que ouvirem viverão.*

Por outro lado, o Apóstolo observa que *nem todos possuem a fé*[175]. Assim, se nem todos possuem a fé, nem todas as almas ressuscitarão.

Todos, no entanto, ressuscitarão fisicamente quando vier a hora da ressurreição dos corpos. Bons ou maus, todos ressuscitarão, mas com a diferença de que, se a alma já estiver ressuscitada, o corpo ressuscitará para a felicidade dela, enquanto que, se a alma não estiver ressuscitada, será para a infelicidade dela que o corpo ressuscitará.

Se a alma estiver ressuscitada, o corpo ressuscitará para a vida e se a alma não estiver ressuscitada, será para seu suplício que o corpo ressuscitará.

Depois de ter nos falado dessa ressurreição das almas, para a qual devemos todos correr, para a qual devemos todos trabalhar para viver e viver de maneira a perseverar assim até o fim, não convinha que o Salvador nos instruísse também sobre a ressurreição dos corpos que acontecerá no fim do mundo?

Escutem como ele nos fala disto.

09 – Causa e objetivo da encarnação do Filho de Deus.

Ele havia dito: *Vem a hora __ e já está aí __ em que os mortos* (ou seja, os infiéis) *ouvirão a voz do Filho de Deus (*o Evangelho) *e os que a ouvirem* (que a obedecerem) *viverão (*serão justificados e não serão mais infiéis)*.*

Após então ter falado assim, ele observa que deve também nos instruir sobre a ressurreição da carne e não nos deixar na ignorância.

Ele prossegue então seu sermão. *Como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo*. Isto também se reporta à ressurreição, à justificação das almas.

Jesus acrescenta: *E lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem*. Assim, o Filho de Deus é, ao mesmo tempo, Filho do Homem e, se ele tivesse permanecido Filho de Deus sem ter se tornado Filho do Homem, ele não salvaria os filhos dos homens.

Mas, após ter feito o ser humano, ele se tornou o que ele fez para não deixá-lo perecer. No entanto, ao se fazer

humano, ele permaneceu Filho de Deus, pois, ele se fez humano assumindo o que ele não era, sem sacrificar o que ele era; permanecendo Deus, ele se fez humano.

Ele assumiu o que você é, sem se perder e foi assim que ele veio para o meio de nós: Filho de Deus e Filho do Homem, tudo ao mesmo tempo, formador e formado, criador e criatura, criador de sua mãe e criatura do seu sangue. Foi assim então que ele se apresentou a nós.

Foi como o Filho de Deus que ele disse: *Vem a hora __ e já está aí __ em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus*. A voz do Filho de Deus e não do Filho do Homem, pois se tratava aqui da verdade e, como Verdade, o Filho é igual ao Pai.

Os que a ouvirem viverão. Pois, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo. A vida nele mesmo e não em outro.

Mas nós, se temos a vida, não é em nós, mas em Deus, enquanto que o Pai tem a vida nele e, ao gerar o Filho, ele lhe concedeu ter também a vida nele mesmo, ser ele mesmo uma fonte de vida na qual devemos nos vivificar. Sim, ter a vida nele mesmo e ser ele mesmo a vida.

Quanto à sua qualidade de Filho do Homem, isto foi de nós que ele recebeu. Considerado nele mesmo, ele é Filho de Deus e, por nós, ele é Filho do Homem. Filho de Deus por sua natureza e Filho do Homem por nossa natureza.

Mas, se ele recebeu de nós o que ele tem de menor, ele nos comunicou o que ele tem de maior. Ele morreu, de fato, não enquanto Filho de Deus, mas enquanto Filho do

Homem e, no entanto, foi o Filho de Deus que morreu. Morreu segundo a carne e não sendo o Verbo que se fez carne e que habitou entre nós[176].

Ele morreu então; morreu no que ele tinha de nós e, se estamos vivos, é a ele que somos devedores. Assim como ele não podia morrer por ele mesmo, nós não podemos viver por nós mesmos.

É então como Deus, como Filho único de Deus, como igual ao Pai, que o Senhor Jesus nos promete a vida, se nós o escutarmos.

10 – Cristo é um juiz em forma de servo.

Ele continua: *e lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem*. Assim, é como homem que ele virá julgar e foi para nos ensinar que ele disse: *e lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem*.

O Filho do Homem será então nosso juiz; a natureza que foi julgada nele julgará, por sua vez. Quer uma nova prova disto? Escute. Um Profeta havia dito antes: *Olharão para aquele que transpassaram*[177].

Sim, eles olharão para essa mesma natureza que atingiram com uma lança. Eles verão estabelecido como juiz Aquele que tinham visto de pé diante de um juiz e verão condenar os verdadeiros culpados, Aquele que tinha sido falsamente condenado como culpado. Ele virá em pessoa e em sua natureza humana.

Isto é o que ensina também o Evangelho. No momento em que ele subia ao céu, sob os olhos de seus discípulos,

estes permaneciam de pé e o olhavam, quando, subitamente, ouviram estas palavras que lhes foram dirigidas por anjos: *Homens da Galileia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu*[178].

O que significa: *do mesmo modo*? Ele virá com a mesma natureza, pois recebeu *o poder de julgar, porque é o Filho do Homem*.

Vejam se não é necessário, se não é justo que a humanidade veja seu Juiz? Diante dele devem comparecer os bons e os maus. Mas, está dito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*[179]

É preciso então que, no momento do julgamento, a natureza humana seja mostrada aos bons e aos maus e que aos bons somente seja reservada a visão da natureza divina.

11 – Ver Deus é a felicidade maior.

O que receberão, de fato, os bons? Eu vou dizer finalmente o que eu não disse ainda e que, mesmo dizendo, não posso dizer nada.

Eu disse que teremos então a vida, a saúde e uma saúde perfeita, que estaremos livres de todo sofrimento, não tendo mais que sentir fome, nem sede, nem nenhuma fraqueza e nem o medo de perder a visão.

Eu disse tudo isso, mas não disse o que teremos além disso. Nós veremos Deus. Ora, essa visão de Deus é uma benesse tão alta e tão grande, que nada se compara a ela.

Eu disse que teremos a vida, a saúde e uma saúde perfeita, não suportaremos a fome, a sede, o abatimento do cansaço e nem o entorpecimento do sono. Mas, o que é tudo isto diante da felicidade de ver Deus?

Assim, não sendo Deus visível para nós hoje, tal como ele é, já que nós o veremos, todavia, não é por este motivo que *coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou* serão contempladas pelos bons, contempladas pelas pessoas devotas, contempladas pelos corações compassivos, contempladas pelos fiéis, contempladas, enfim, por aqueles que tomarão parte, de forma feliz, da ressurreição dos corpos, por terem, de forma feliz, obedecido quando se tratava da ressurreição das almas?

12 – A natureza de servo se manifestará a todos, mas a natureza divina somente aos crentes.

Os maus também verão Deus? Isaías diz sobre isto: *Que o ímpio desapareça e não veja a glória de Deus*[180].

Assim, os devotos e os ímpios verão sua natureza humana, mas, segundo esta sentença: *Que o ímpio desapareça e não veja a glória de Deus*, será preciso que se cumpra, com relação aos devotos e aos justos, a promessa feita pelo Senhor, quando vivia na terra e que os maus o vejam tanto quanto os bons.

Então, de fato, ele fez sua voz ser ouvida no meio dos bons e dos maus. Todos o viam; viam sua humanidade, mas não sua divindade. Enquanto sua divindade dirigia

secretamente os seres humanos, ele apareceu no meio deles como um deles e lhes disse: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei*. E, como se lhe tivessem perguntado: “O que o Senhor lhe dará em troca?”, ele acrescenta: *manifestar-me-ei a ele*[181].

Quando ele falou isto? Quando a humanidade o via.

Quando ele falou isto? Quando o viam até mesmo aqueles que não o amavam.

De que maneira então ele se mostraria àqueles que o amavam, se não seria sob uma forma que eles mesmos não viam nele. Seria como Deus, pois eles o viam como humano.

Assim, então, como humano ele falou aos humanos e se mostrou ostensivamente aos bons e aos maus. Mas, como Deus, ele se reservou aos que o amam.

13 – Depois da ressurreição, a vida eterna na visão de Deus.

Quando ele deve se revelar aos que o amam? Depois da ressurreição dos corpos, quando os ímpios desaparecerão, para não verem a glória de Deus. Então, de fato, quando ele *se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[182].

Nisto consiste a vida eterna e tudo que já dissemos não é nada. O que é, efetivamente, a vida presente? O que é a saúde? Mas, ver Deus; isto é que é importante e é nisto que consiste a vida eterna.

Ele mesmo disse isto. Ele disse: *Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*[183].

Sim, a vida eterna é conhecer, ver, compreender, penetrar o que se acreditou possuir e que não se podia desfrutar até então.

Ó alma humana! Veja finalmente o que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu, o que o coração humano não imaginou, pois, no fim, será dito aos justos: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[184].

Enquanto os maus *irão para o castigo eterno*, os justos irão para onde? *Para a vida eterna*[185].

E o que é a vida eterna? *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*.

14 – O que será a ressurreição da carne.

É então da futura ressurreição dos corpos que fala o Salvador, quando, para não nos deixar na ignorância, ele diz: *E lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora*.

Ele não diz aqui: *e já está aí*, porque a hora que ele fala só acontecerá mais tarde, no fim dos tempos, porque essa hora é a última hora e soará com a última trombeta.

"*Não vos maravilheis* com o que eu disse: Ele *lhe conferiu o poder de julgar, porque é o Filho do Homem.*

Não vos maravilheis disso. Pois é preciso que o homem seja julgado pelo homem”.

Mas, quem são aqueles que Jesus Cristo julgará? Aqueles que ele encontrará vivos? Não somente estes.

Quais então? *Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz*.

Como ele se refere àqueles que estão mortos fisicamente? Ele se refere a eles como *os que se acham nos sepulcros*. Aqueles cujos cadáveres jazem sepultados; aqueles cujas cinzas estão cobertas e os ossos espalhados; aqueles, enfim, cuja carne não é mais carne, embora, para Deus, ela ainda esteja em sua integridade.

Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz. Bons e maus, todos ouvirão sua voz e todos sairão, pois todos os laços da morte serão rompidos e tudo o que estiver destruído __ ou melhor, tudo o que parecer estar destruído __ será restabelecido.

Se Deus fez o ser humano, quando o ser humano não existia, ele não pode refazer o que já existiu?

15 – A ressurreição dos mortos por parte de Deus não é menos crível do que a criação.

Sem dúvida não é inacreditável que Deus possa ressuscitar os mortos. É Deus quem age e não os seres humanos.

Que obra! Ela pode mesmo parecer incrível, mas, para acreditar nela, pense Naquele que será seu autor.

Quem ressuscitará você? Aquele que o criou. Você não existia, mas agora existe e, uma vez criado, você não será mais? Não acredite nisto.

Ao fazer o que não existia, Deus fez algo muito espantoso e aqueles mesmos que ele fez quando não existiam, não acreditam que ele possa refazer o que já existiu?

É este nosso reconhecimento por Aquele que nos formou quando não existíamos? Nossa gratidão para com ele é acreditar que ele é impotente para ressuscitar o que ele criou? Esta é a recompensa que ele recebe de sua criatura?

O Senhor clama a você: “Ó criatura! Se eu dei a você a existência, quando você não existia, se você pôde se tornar o que você não era, é não acreditando em minhas palavras que você tornará a ser o que já foi?”

No entanto, questionam: “No sepulcro eu só vejo cinzas, poeira e ossos. Tudo isso recobrará vida, forma, carne e beleza? Tudo isso ressuscitará? O que são então essas cinzas? O que são esses ossos?”

Pois bem! No sepulcro você só vê cinzas e ossos. Mas, o que havia no ventre de sua mãe? Lá você também só via cinzas e ossos. Mas você, antes de receber a existência, não era nem cinzas e nem ossos. Você não era absolutamente nada e se tornou alguma coisa. E, depois de ter recebido o que você não tinha, você não acredita que esses ossos __ que, apesar de tudo, ainda são alguma coisa __ retomarão a forma que tinham?

Acredite! Pois, ao acreditar, sua alma ressuscitará e se sua alma ressuscitar agora, agora que sua hora chegou, seu corpo ressuscitará de forma feliz. Ele ressuscitará quando chegar a hora em que todos aqueles que estiverem nos túmulos ouvirão a voz do Senhor e sairão dele. Mas, não basta, para se entregar à alegria, ouvi-la hoje e levantar a cabeça. Escute o que se segue: *Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*.

Sermão 128 - O combate espiritual.

Se eu der testemunho de mim mesmo, não é digno de fé o meu testemunho. Há outro que dá testemunho de mim e sei que é digno de fé o testemunho que dá de mim.
Vós enviastes mensageiros a João e ele deu testemunho da verdade. Não invoco, porém, o testemunho de homem algum. Digo-vos essas coisas, a fim de que sejais salvos.
João era uma lâmpada que arde e ilumina. Vós, porém, só por uma hora quisestes alegrar-vos com a sua luz[186].

Toda a Lei está encerrada num só preceito: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Mas, se vos mordeis e vos devorais, vede que não acabeis por vos destruirdes uns aos outros. Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne. Porque os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis[187].

Análise

Embora o testemunho que Jesus Cristo deu dele mesmo fosse indubitavelmente verdadeiro, no entanto, ele apelou para o testemunho que havia dado sobre ele São João Batista e isto foi para confundir os judeus.

Mas, São João Batista, como os mártires, só confessou Jesus Cristo porque estava animado por seu Espírito e é este mesmo Espírito que deve nos ajudar na luta que temos que manter contra nossas concupiscências.

Podemos esperar não senti-las? Não. Mas podemos, com a ajuda do Espírito Santo, não nos submetermos a elas e não consenti-las. Podemos mesmo, se elas nos deram a morte, recuperar a vida, como a recuperaram os três mortos mencionados especialmente no Evangelho.

01 – Quão verdadeiro é o testemunho de Jesus Cristo sobre ele mesmo.

Acabamos de ouvir algumas palavras do santo Evangelho e o que poderia nos surpreender é esta afirmação do Senhor Jesus: *Se eu der testemunho de mim mesmo, não é digno de fé o meu testemunho*.

Como não poderia ser digno de fé o testemunho da própria Verdade? Não foi, de fato, o próprio Senhor quem falou: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*[188]?

A quem se deveria recorrer, se não se pode acreditar na própria Verdade?

É evidente que, se não recorrermos a ela, estaremos confiando na mentira.

Mas, ao falar assim, Cristo entrou no pensamento dos seus interlocutores e o sentido de suas palavras foi este: "*Se eu der testemunho de mim mesmo, não é digno de fé o meu testemunho*, segundo vocês".

Ele sabia, sem dúvida, o quanto era fundamentado o testemunho que ele dava dele mesmo, para esclarecer aquelas pessoas doentes e incrédulas que não o compreendiam. Assim, o Sol recorreu a uma chama, já que os olhos sujos deles não podiam suportar o brilho do próprio Sol.

02 – O porquê do testemunho de São João Batista.

Assim, ele apelou para o testemunho de São João Batista e vocês ouviram em que termos: *Vós enviastes mensageiros a João e ele deu testemunho da verdade. João era uma lâmpada que arde e ilumina. Vós, porém, só por uma hora quisestes alegrar-vos com a sua luz*.

Essa chama estava destinada a cobri-los de confusão e isto estava profetizado há muito tempo nos Salmos: *Prepararei uma lâmpada para o que me é consagrado.*

Oras! Uma chama para o Sol?

Cobrirei de confusão seus inimigos. Em sua fronte, porém, brilhará meu diadema[189].

Assim, o próprio João Batista serviu para humilhá-los, quando eles disseram ao Senhor: "*Com que direito fazes isso? Quem te deu esta autoridade?*, diga-nos".

Rebateu o Senhor: *Donde procedia o batismo de João: do céu ou dos homens?*

Mas, eles se calaram, pois pensaram: *Se respondermos: 'Do céu', ele nos dirá: 'Por que não crestes nele?' E se dissermos: 'Dos homens', é de temer-se a multidão, porque todo o mundo considera João como profeta*.

João Batista, de fato, havia dado testemunho de Cristo.

Pressionados interiormente por estas questões e presos em suas próprias armadilhas, *eles responderam a Jesus: 'Não sabemos'*.

Que outro grito poderia ter escapado dessas trevas?

Quando se ignora algo, é preciso responder: "Não sei". Mas, quando se sabe a resposta e se diz: "Ignoro", depõe-se contra si mesmo.

Aqueles judeus conheciam, seguramente, a grandeza de João Batista e a origem celeste de seu batismo, mas eles não queriam se abandonar Àquele a quem João Batista tinha dado testemunho. Desta forma, assim que eles disseram: *Não sabemos*, Jesus acrescentou: *Pois eu tampouco vos digo com que direito faço estas coisas*[190].

Assim, eles foram confundidos, de acordo com esta profecia: *Prepararei uma lâmpada para o que me é consagrado. Cobrirei de confusão seus inimigos. Em sua fronte, porém, brilhará meu diadema.*

03 – Nos mártires, Cristo dá testemunho dele mesmo.

Os mártires também não são testemunhas de Jesus Cristo e não dão testemunho da Verdade?

Mas, se examinarmos com cuidado, veremos que, quando eles dão testemunho do Messias, é ele também que dá testemunho dele mesmo, pois ele está nesses mártires, para animá-los a depor em favor da Verdade.

Escute um deles: o apóstolo Paulo. Ele questiona: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim?*[191]

Desta forma, quando João Batista dá testemunho de Cristo, é Cristo, nele, que dá testemunho dele mesmo e pouco importa quem fala em sua honra. Seja Pedro, seja Paulo, sejam os Apóstolos ou seja Estevão, é sempre ele que se dá testemunho, já que ele habita neles todos.

Ele é Deus sem eles; mas eles, o que são sem ele?

04 – O amor é dado através do Espírito Santo.

Está escrito sobre ele: *Quando subiu ao alto, levou cativo o cativeiro e cumulou de dons os seres humanos*[192].

O que significa *levou cativo o cativeiro*? Ele venceu a morte. O diabo deu-lhe a morte e, pela morte de Cristo, o diabo se tornou seu cativo.

Subiu ao alto. Conhecemos algo que seja mais alto do que o céu? Pois bem! Ele subiu ao alto visivelmente e diante dos olhos dos seus discípulos[193]. Sabemos isto, acreditamos nisto e confessamos isto.

Ele *cumulou de dons os seres humanos*. Que dons são esses? O Espírito Santo. Quando ele concede um dom assim, não é ele mesmo que está sendo concedido?

O quanto é, então, generosa, a misericórdia de Deus!

Ele dá um seu igual, já que o dom que ele concede é, nada mais nada menos, do que o Espírito Santo. E o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou a Trindade, formam um só Deus.

Por sua vez, o que nos deu o Espírito Santo?

Escute o Apóstolo. Ele diz: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[194].

Como então, ó mendigo, o amor de Deus foi derramado em seu coração? Como esse amor pode inundar o coração humano?

Temos este tesouro em vasos de barro, diz também o mesmo Apóstolo. Por que em vasos de barro? *Para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós*[195].

Depois de ter dito: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações*, ele imediatamente acrescenta, para impedir que cada um se atribua a felicidade de amar Deus: *pelo Espírito Santo que nos foi dado*.

Assim, para amar Deus, é preciso que Deus permaneça em você e que ele se ame por você. Em outros termos: é preciso que ele estimule você a amá-lo, que ele o abrase, que ele o ilumine, que ele o anime.

05 – A luta entre o espírito e a carne.

Há uma luta em nosso próprio corpo. Nossa vida inteira é um combate e, o combate, um perigo. Assim, só podemos vencer com a graça Daquele que nos ama[196].

Não foi deste combate que se tratou na leitura do Apóstolo que acabou de ser feita? Ele disse: *Toda a Lei está encerrada num só preceito: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*. Ora, esse amor vem do Espírito Santo.

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Veja primeiro se você sabe amar a você mesmo. Depois eu recomendaria que você amasse seu próximo, como você se ama.

Mas, se você não sabe se amar, você não enganará seu próximo, como você se engana?

Ao amar o pecado você não se ama. Um Salmo comprova isto. Ele diz: *Aquele que ama a iniquidade odeia sua alma*[197].

Se você odeia sua alma, do que lhe serve amar seu corpo? Sem dúvida que, com esse ódio à sua alma e esse amor ao seu corpo, seu corpo ressuscitará, mas ele ressuscitará para castigo de sua alma.

É então a alma que é preciso amar primeiro e submeter a Deus, para que tudo seja ajustado segundo a subordinação. Que a alma obedeça a Deus e que o corpo obedeça à alma.

Você quer que seu corpo seja submisso à sua alma? Que a alma em você se submeta a Deus. Para governar, você precisa ser governado, pois a luta é terrível e sem uma direção superior, a derrota é certa.

06 – O testemunho de Paulo sobre a luta entre a carne e o espírito.

No que consiste essa luta? *Se vos mordeis e vos devorais, vede que não acabeis por vos destruirdes uns aos outros. Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito.*

Estas são as palavras do Apóstolo, que acabam de ser lidas em sua Epístola. *Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo*

Espírito e não satisfareis os apetites da carne.

Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne. Ele não disse: “Não tenham, não sintam esses apetites”, mas sim: *não satisfareis os apetites da carne*.

O que ele quer dizer com isto? Vou dizer da melhor maneira possível, com a ajuda do Senhor. Esforcem-se para compreender, se vocês são conduzidos pelo Espírito.

Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne.

Prossigamos então, pois é possível que encontremos mais à frente palavras que joguem uma luz sobre o que está obscuro aqui.

Não foi sem razão, como eu já mencionei, que o Apóstolo não quis dizer: “Não tenham” e nem “Não sintam”, mas, *não satisfareis os apetites da carne*. É, de fato, nisto que consiste a luta que precisamos sustentar, o combate em que nos exercitamos, se fazemos parte da milícia de Deus.

O que encontramos então mais à frente? *Os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*.

Se não compreendermos bem estas palavras, elas são muito perigosas de se ouvir. Foi por medo de que se perca ao compreendê-las mal que eu resolvi, com a ajuda do céu, explicá-las às suas caridades.

Afinal, temos tempo. A manhã só começou e a hora do almoço não nos pressiona. Além disso, é hoje, sábado, que

principalmente vemos aqueles que estão esfomeados pelas divinas palavras.

Escutem então atentamente. Vou me expressar o mais exatamente possível.

07 – O perigo da interpretação errada do ensinamento do Apóstolo.

Por que esta observação que acabo de fazer: estas palavras são perigosas de se ouvir, se não forem bem compreendidas?

É que muitos, vencidos pelas paixões danosas da carne, se deixam levar para todo tipo de crime e infâmia e se deleitam em tão execráveis impurezas que seria vergonhoso enumerar, repetindo o que o Apóstolo disse.

Eles se dizem: “Pense no que diz o Apóstolo: *É por isso que não fazeis o que quereríeis*. Eu não quero fazer o mal, mas sou forçado, violentado, derrotado. Eu faço o que não quero, como diz o Apóstolo, pois, *os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*”.

Vocês veem o quanto estas palavras são perigosas de se ouvir, se não forem bem compreendidas. Vocês veem o quanto um pastor é obrigado a descobrir as fontes cobertas e saciar a sede de suas ovelhas com uma água pura e inofensiva.

08 – O combate interior deve ser conduzido de modo que o espírito não seja subjugado pela

carne.

Não se deixe então vencer, ao combater. Veja a que luta, a que confusão somos chamados. Ela acontece no interior, no interior de cada um de nós.

Os desejos da carne se opõem aos do espírito. Se o espírito, por sua vez, não se opõe à carne, aí está o adultério cometido. Mas, se o espírito se opõe à carne, é a luta, é o combate, não é a derrota.

Quando *os desejos da carne se opõem aos do espírito*, somos levados à impureza, somos levados pelo deleite. Quando, por sua vez, os desejos do espírito se opõem aos desejos da carne, é a castidade que faz sentir seus encantos.

Ah! Que o espírito triunfe então sobre a carne ou que, pelo menos, ele não se deixe domar por ela.

A impureza procura as trevas e a pureza acontece à luz do dia. Viva como você gosta de ser conhecido. Sim, mesmo longe do olhar das pessoas, só faça o que você quer que elas saibam, pois Aquele que criou você o vê mesmo na escuridão.

Por que os elogios públicos feitos à castidade, enquanto que os próprios adúlteros não louvam o adultério? É porque *aquele que pratica a verdade vem à luz*[198].

Mas, quando acontecer a atração pelos prazeres vergonhosos, que não se consinta com eles, que se resista a eles, que eles sejam rejeitados. Você não tem os meios para isso, já que seu Deus está em você, já que você recebeu o Espírito Santo, que é a fonte de todo bem?

É verdade que, mesmo com sua presença, a carne não deixa de conspirar contra o espírito, insinuando nele pensamentos perversos e fazendo-o sentir atrativos muito naturais. Que se siga então a recomendação do Apóstolo: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[199], ele diz.

Ele não diz: “Que o pecado não exista”, pois ele existe e dá-se a essa desordem o nome de pecado porque ele é devido ao pecado. No Paraíso a carne não desejava contra o espírito. Não havia lá esse combate, mas uma paz sem perturbação. Foi somente depois da transgressão, depois que os seres humanos se recusaram a obedecer a Deus e foram abandonados a eles mesmos, sem poder ser senhores deles mesmos, já que se sujeitaram àquele que os seduziu, que a carne começou a desejar contra o espírito.

É sobretudo nos bons que se faz sentir essa conspiração. Ela é sem objetivo nos ímpios, pois, sem o Espírito, não pode haver desejos contrários ao Espírito.

09 – Combater os desejos da carne é um dom do Espírito Santo em nós.

Não pense, de fato, que nas palavras: *os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne*, trata-se unicamente do espírito humano. É o Espírito de Deus que combate em você o que há em você de oposto a você mesmo.

Você não quis permanecer unido ao Senhor, caiu e se quebrou como um vaso que escapa das mãos e que se faz

em pedaços. É porque você está quebrado que você se transformou em inimigo de você mesmo e oposto a você mesmo. Destrua essa oposição e você se reparará.

Para mostrar a você que essa reparação deve ser obra do Espírito Santo, o mesmo Apóstolo diz, em outra passagem: *De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer, mas se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*[200].

Com estas palavras, a pessoa já se ergue e já se acredita capaz de mortificar, com seu próprio espírito, as obras da carne.

Se viverdes segundo a carne, haveis de morrer, mas se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis.

Mostre-nos então, ó Apóstolo, de que espírito você está falando aqui. Todos, de fato, possuem um espírito natural que o caracteriza e é este espírito que faz o ser humano. É deste espírito que se fala, quando se pergunta: *Quem conhece as coisas que há no ser humano, senão o espírito do ser humano que nele reside?*[201]

Assim, o ser humano possui um espírito que faz parte de sua natureza, mas você, Apóstolo, diz: *Se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*. Que espírito é este? É o meu espírito ou é o Espírito de Deus? Eu escuto e, nem por isso, fico menos em suspense.

O que eu digo? A palavra espírito não se aplica somente ao ser humano. Ele também é mencionado nas Escrituras referente aos animais. Nelas lemos que o dilúvio fez perecer toda carne que tinha nela *espírito de vida*[202].

É bem verdade então que esta expressão cabe tanto aos animais quanto aos seres humanos.

Algumas vezes também o vento é designado pela mesma palavra. Assim, lemos em um Salmo: *Na terra, louvai o Senhor, cetáceos e todos das profundezas do mar; fogo e granizo, neve e neblina; espírito proceloso dócil às suas ordens*[203].

Tendo então a palavra espírito tantas acepções diferentes, em que sentido, ó Apóstolo, você disse que o espírito deve mortificar as obras da carne? Trata-se aqui do meu espírito ou do Espírito de Deus?

Escute o que se segue e você compreenderá, pois o Apóstolo acrescenta palavras que destrincham a questão. Depois das palavras: *Se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*, está escrito imediatamente: *pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*[204].

Para agir, você precisa ser conduzido e você age bem quando é conduzido por um bom espírito. Se, então, você não compreendeu de que espírito tratava as palavras *se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*, veja aí seu Mestre e reconheça seu Redentor nas palavras seguintes. Foi seu Redentor, efetivamente, que deu a você seu Espírito, para que, através dele, você mortifique as obras da carne, *pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*.

Não são filhos de Deus os que não são conduzidos pelo Espírito de Deus. Mas os que são conduzidos pelo Espírito

de Deus combatem, pois eles possuem uma força auxiliar.

Ah! Deus não se contenta em contemplá-los, como o povo contempla os gladiadores. O povo pode, sem dúvida, aplaudir um gladiador, mas não pode tirá-lo do perigo.

10 – Como pode ser que nesse combate os santos não façam o que querem.

Este é então o sentido que se deve dar também a estas palavras: *os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne*.

Mas, o que significam estas: *É por isso que não fazeis o que quereríeis*?

É aqui que está o perigo em compreender mal e quem interpretar, quem quer que seja, deve se esforçar para cumprir seu dever.

É por isso que não fazeis o que quereríeis.

Escutem, ó santos lutadores! Eu me dirijo aos lutadores. Aqueles que lutam me compreendem. Só não sou compreendido por aqueles que não lutam.

O que digo? Aqueles que lutam não se contentam em compreender meu pensamento; eles se antecipam a ele.

O que gostaria uma pessoa casta? Que não surgisse em seus órgãos absolutamente nenhuma sensação contrária à castidade. Ela gostaria de paz, mas não a possui ainda. Para não sentir absolutamente nenhuma sensação má, é preciso chegar à morada feliz onde não temos nenhum inimigo para combater e nem nenhuma vitória para esperar, já que lá se triunfa sobre o inimigo derrotado.

Saiba com o Apóstolo no que consistirá essa vitória: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória"*. Escute também os cantos de triunfo: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[205]

Você nos atingiu, ó morte, nos feriu, nos abateu. Mas meu Criador mesmo se deixou ferir por mim. Ó morte, ó morte! Sim, meu Criador mesmo se deixou ferir por mim e, com sua morte, ele venceu você e agora nós não deixaremos de repetir em triunfo: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*

11 – O ser humano não quer os desejos da carne e não faz o que quer.

Mas hoje, quando *os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne*, a morte luta e nós não fazemos o que queremos. Por quê? Porque gostaríamos de não sentir nenhuma sensação da concupiscência e não podemos conseguir isto.

Querendo ou não, essas sensações estão em nós. Querendo ou não, elas surgem, nos seduzem, nos estimulam, nos corrompem, querem nos dominar. Elas são reprimidas, mas não são extintas, enquanto *os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne*.

Elas se farão sentir mesmo após a morte? Deus queira que não! Pois, você se livra então da carne, como poderia conservar os desejos?

Combata bem e você desfrutará do repouso; de um repouso que será sua coroa e não sua condenação, pois você conseguirá então reinar.

É isto, meus irmãos! É isto o que existe na vida presente. Até mesmo nós que envelhecemos nesta luta sentimos contra nós inimigos menos poderosos, mas, no entanto, ainda os sentimos.

Pode-se dizer que a idade os cansou, mas, mesmo cansados eles não deixam de perturbar como podem o repouso de nossa velhice.

Sabemos que a guerra é mais ardente para os jovens. Sabemos disso, pois passamos por isso.

Assim, *os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne* e, *por isso, não fazeis o que quereríeis*.

O que vocês desejam, de fato, ó santos, ó generosos combatentes, ó valentes guerreiros de Cristo? O que vocês querem? Não experimentar absolutamente nenhum desejo descontrolado?

Infelizmente isto não é possível!

Entre na guerra então e espere a vitória! Estamos no tempo dos combates.

Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne e, *por isso, não fazeis o que quereríeis*.

Ainda há em vocês desejos carnais.

12 – A arma que nos foi dada para lutar.

Mas façam tudo o que vocês puderem. Façam o que recomenda o Apóstolo nesta outra passagem que comecei a relatar: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[206].

Não queremos, mas desejos culposos surgirão. Não cedam a eles. Armem-se! Peguem os instrumentos de guerra. Os mandamentos divinos serão suas armas. Se vocês me escutarem como convém, se apoiarão no que eu digo: *Não reine o pecado em vosso corpo mortal*.

De fato, enquanto vocês estiverem carregando esta carne mortal, o pecado lutará contra vocês. Mas, que ele *não reine*!

Que ele *não reine*! O que isto quer dizer?

Não *ofereçais os vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal*[207].

Vocês começaram a ceder a ele? Ele reina.

E, o que é ceder a ele, se não é oferecer *os vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal*?

O que há de mais claro do que estas palavras? Por que pedirem ainda que eu as explique? Façam o que acabam de ouvir. Não coloquem seus órgãos a serviço do pecado, como instrumentos de iniquidades.

Deus concedeu a vocês, através do seu Espírito, o poder de reprimir seus sentidos. Se a paixão surgir, controlem seus sentidos! Do que lhe servirá então ter surgido?

Controlem seus sentidos! Não ofereçam *vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal*. Não arme seu inimigo contra você.

Controlem seus pés, para que eles não corram para o mal e se a concupiscência se fizer sentir, controlem seus sentidos!

Afastem suas mãos de toda má ação; seus olhos de todo mau olhar; seus ouvidos de toda atenção voluntária às palavras impuras. Controlem, por fim, seu corpo todo e todos os seus sentidos, tanto os mais nobres quanto os que são menos.

O que faz a paixão? Ela pode atacar, mas não pode vencer. E, de tanto atacar sem resultado, ela aprende a permanecer calma.

13 – Em que consiste satisfazer os desejos da carne.

Voltemos às palavras do Apóstolo onde vimos obscuridades e constataremos agora o quanto elas são claras.

Eu tinha observado que o Apóstolo não havia dito: “Caminhe segundo o Espírito e vocês não terão desejos carnais”, pois é necessário que os tenhamos.

Por que ele não disse também: “Não os sinta”? Porque nós os sentimos e senti-los é produzi-los. Mas, como disse o mesmo Apóstolo: *Não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita*[208].

Então, o que você deve evitar? Seguramente, evitar executar os desejos culposos.

Uma paixão descontrolada surge em você. Ela surge e fala com você. Não a escute.

Ela se inflama, longe de se extinguir e você gostaria que não se inflamasse. Você se esqueceu destas palavras: *É por isso que não fazeis o que quereríeis*?

Recuse-lhe qualquer ajuda! Se ela queimar sem encontrar alimento, ela se extinguirá.

Em você, então, surgem os desejos. Não negue isto. Mas, lembre-se do que o Apóstolo disse: *não satisfareis os apetites da carne*[209]. Não os satisfaça!

Satisfazê-los é, por exemplo, estar determinado a cometer um adultério e não cometê-lo somente porque não se encontrou a ocasião, o momento favorável ou por encontrado um obstáculo na castidade da pessoa que se tinha em vista.

Essa pessoa então permanece casta, mas você, você é culpado de adultério.

Por quê? Porque você satisfez seus maus desejos.

Como você os satisfez? Consentindo em sua alma em cometer o adultério.

Então, que o céu o poupe deste mal! Mesmo sem ter praticado o ato, você caiu sob os golpes da morte.

14 – Os três mortos ressuscitados por Cristo simbolizam três graus de pecados.

Cristo ressuscitou em casa a filha morta de um chefe de sinagoga[210]. Essa menina ainda estava na casa de seu pai; ainda não a tinham levado.

Assim é a pessoa que consentiu em seu íntimo em cometer o pecado. Ela está morta, mas ainda não foi levada.

Se o pecador tivesse chegado ao ponto de realmente colocar seus órgãos a serviço do pecado, ele teria saído de sua casa.

O Senhor não ressuscitou também o jovem filho da viúva, no momento em que ele era levado já do lado de fora da cidade?

Eu ouso dizer então: se depois de ter tomado em seu íntimo uma má resolução, você se arrepende do que acaba de fazer, você se curou antes de cometer o ato propriamente.

Sim, se você se penitenciou por ter consentido com uma ação má e criminosa, ignominiosa e indesculpável, você ressuscitou interiormente, da mesma forma como estava morto interiormente.

Por outro lado, você está quase consumando o crime; já está sendo levado para longe de sua casa, mas você tem alguém para lhe dizer: *Moço, eu te ordeno, levanta-te!*[211] Mesmo que você tenha cometido o pecado, arrependa-se! Retorne imediatamente. Não chegue até o túmulo.

No entanto, eu encontro também uma terceira espécie de morto; um morto que já chegou ao túmulo. Já pesa sobre ele a carga do hábito. Ele está coberto por um monte de terra, pois já está há muito tempo dedicado às desordens e está preso por hábitos tirânicos.

Mas também a ele Cristo se dirige e ordena: *Lázaro, vem para fora!*[212] Com seus hábitos perversos, essa pessoa já exala um odor infecto, mas Cristo também clama para ela e clama *em alta voz*.

Com essa voz poderosa, esses pecadores, embora já mortos, embora já sepultados, embora já cheirando mal, eles ressuscitarão.

Eles ressuscitarão! Qual é o morto que precisa se desesperar com um Redentor assim?

Sermão 129 - A credibilidade de Jesus.

Vós perscrutais as Escrituras, julgando encontrar nelas a vida eterna. Pois bem! São elas mesmas que dão testemunho de mim. E vós não quereis vir a mim para que tenhais a vida...
Não espero a minha glória das pessoas, mas sei que não tendes em vós o amor de Deus. Vim em nome de meu Pai, mas não me recebeis. Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo... Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros e não buscais a glória que é só de Deus? Não julgueis que vos hei de acusar diante do Pai. Há quem vos acusa: Moisés, no qual colocais a vossa esperança. Pois se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, porque ele escreveu a meu respeito. Mas, se não acreditais nos seus escritos, como acreditareis nas minhas palavras?[213]

Análise

Na passagem que acaba de ser lida, Nosso Senhor dirige aos judeus duas censuras que a Igreja pode aplicar perfeitamente aos donatistas.

Primeiro ele lhes censurou por não estudarem com cuidado as Escrituras que dão testemunho sobre ele. E, se os donatistas quisessem abrir os olhos, eles observariam

um número considerável de passagens sagradas onde é falado, ao mesmo tempo, de Jesus Cristo e da universalidade da Igreja.

O Salvador censurou também os judeus por se apoiarem em sua própria justiça e não na justiça de Deus. É desta forma que os donatistas pretendem que a graça dos sacramentos depende deles mesmos e do ministro que os conferem, embora o contrário seja ensinado pelo próprio Jesus Cristo. Assim, eles desprezam o Salvador em sua glória, como os judeus o desprezaram em sua obscuridade.

01 – Enunciação da passagem evangélica.

Que suas caridades meditem na leitura evangélica que acaba de soar em seus ouvidos, enquanto nós dirigimos a vocês algumas palavras que Deus nos inspira.

Foi aos judeus que o Senhor Jesus falou e lhes disse: *Vós perscrutais as Escrituras, julgando encontrar nelas a vida eterna. Pois bem! São elas mesmas que dão testemunho de mim*. E, após algumas palavras, ele continua: *Vim em nome de meu Pai, mas não me recebeis. Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo*. E ele prossegue: *Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros e não buscais a glória que é só de Deus?*

Ele termina dizendo: *Não julgueis que vos hei de acusar diante do Pai. Há quem vos acusa: Moisés, no qual colocais a vossa esperança. Pois se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, porque ele escreveu a meu respeito. Mas,*

se não acreditais nos seus escritos, como acreditareis nas minhas palavras?

Foi Deus mesmo quem nos fez ouvir estas palavras pela boca do leitor, depois de nos tê-las comunicado pelo ministério do Salvador. Escutem também algumas reflexões que adicionarei a elas e reflitam sobre elas, mas não levem em conta o número delas.

02 – As palavras de Cristo aos discípulos também dizem respeito a nós.

Sem dúvida que é fácil aplicar tudo isso aos judeus. Mas, é de se temer que, ao pensarmos muito neles, afastemos os olhos de nós mesmos.

Aliás, foi diante de seus discípulos que falou o Senhor e o que ele lhes disse ele dirigiu a nós também, ao mesmo tempo, pois somos seus sucessores.

De fato, é somente a eles que se aplicam estas palavras: *Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*[214]? Não é também a todos os cristãos que se sucederiam até o fim dos tempos?

Um dia, então, ele disse aos seus discípulos: *Guardai-vos com cuidado do fermento dos fariseus e dos saduceus*[215]. Eles pensaram que ele falara assim para lembrá-los de que não tinham levado pão e não compreenderam que as palavras: *Guardai-vos com cuidado do fermento dos fariseus e dos saduceus* significava então: “Desconfiem das doutrinas deles”.

Qual era a doutrina dos fariseus e dos saduceus, se não era a que vocês acabam de ouvir nestas palavras: *vós que recebeis a glória uns dos outros e não buscais a glória que é só de Deus*?

É deles também que fala o apóstolo Paulo, quando ele diz: *Pois lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*[216].

"Sim, eles *têm zelo por Deus*. Eu sei. Eu vivi no meio deles e já fui o que eles são. Eles *têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*".

Ó Apóstolo! O que significam estas palavras: *um zelo sem discernimento*? Faça-nos compreender que discernimento é este que você nos recomenda, que o deixa penalizado por não ver neles e que você gostaria de ver em nós.

O Apóstolo continua e explica claramente o que inicialmente ele havia dito de uma maneira um pouco obscura.

O que quer dizer: Eles *têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*? É que, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[217].

Desta forma, ignorar a justiça de Deus e querer estabelecer sua própria justiça ou um esperar do outro sua glória e não somente de Deus, isto é o fermento dos fariseus e dos saduceus; este é o fermento do qual o Senhor ordena desconfiar.

Desconfiemos então, pois é aos seus servidores que o Senhor ordena isto em pessoa, para não nos expormos a ouvir esta reprimenda: *Por que me chamais: Senhor, Senhor... e não fazeis o que digo?*[218]

03 – A infidelidade dos judeus.

Deixemos então um pouco os judeus, aos quais o Senhor se dirigira então. Eles não estão aqui e eles se recusam nos ouvir. Eles odeiam o próprio Evangelho e, se para condenar o Senhor quando ele estava vivo, eles invocaram contra ele falsos testemunhos, eles também pagaram outros para deporem contra ele após sua morte.

Creiam em Jesus, nós lhes dizemos.

“Vocês acreditam em um homem morto?”, eles nos questionam.

Mas ele ressuscitou.

“De forma alguma. Foram seus discípulos que o levaram do sepulcro”.

Esses judeus corruptores amam a mentira e desdenham da sinceridade do Senhor Redentor.

O que você diz, ó judeu, foi comprado pelos seus ancestrais. Eles deixaram para você o fruto do tráfico deles. Olhe mais para Aquele que o resgatou do que para aquele que comprou para você a mentira.

04 – As palavras de Cristo contra os judeus e a união da Igreja contra os donatistas.

Mas, repito: deixemo-los e ocupemo-nos mais com nossos irmãos, com os quais lidamos.

Cristo é, ao mesmo tempo, a Cabeça e o corpo ao qual pertencemos. Como Cabeça, ele está no céu; como corpo, ele está sobre a terra. Como Cabeça ele é nosso Senhor e como corpo, a Igreja cristã[219].

Vocês se lembram destas palavras: *Os dois constituirão uma só carne. Este mistério é grande; quero dizer, com referência a Cristo e à Igreja*[220], disse o Apóstolo.

Mas, se ambos têm a mesma carne, ambos também têm a mesma voz e, já que, ao se dirigir aos judeus (como nos foi lembrado pela leitura do Evangelho) o Senhor Jesus, nossa Cabeça, falou aos seus inimigos, que seu corpo (ou a Igreja) fale igualmente aos seus.

Então, é a eles que ela falará. O que lhes dirá?

Eu não direi de mim mesmo, já que, formando com Cristo uma única e mesma carne, ela não deve ter uma voz diferente da dele.

Falemos então. Falemos em nome da Igreja.

“Ó irmãos! Ó filhos dispersos! Ó ovelhas desgarradas! Ó ramos cortados! Por que me ultrajam? Por que não me reconhecem? Examinem *as Escrituras*, já que julgam *encontrar nelas a vida eterna*. *São elas mesmas que dão testemunho de mim*. O que disse nossa Cabeça aos judeus seu corpo? Ele disse: *Buscar-me-eis sem me achar*[221]. Por quê? Por que vocês não examinam as Escrituras, que dão testemunho sobre mim”.

05 – Os testemunhos do Antigo Testamento sobre Cristo e a Igreja.

Aqui está um testemunho sobre a Cabeça: *As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: aos seus descendentes, como se fossem muitos, mas fala de um só: "em sua descendência", isto é, a Cristo*[222].

E aqui, sobre o corpo, o testemunho dirigido a Abraão, como foi lembrado pelo Apóstolo: *Juro por mim mesmo, diz o Senhor, já que fizeste isto e não me recusaste teu filho, teu filho único, eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos e todas as nações da terra serão benditas em sua descendência, porque obedeceste à minha voz*[223].

Assim, um testemunho para a Cabeça e outro para o corpo. Preste agora atenção a um testemunho que é expresso em menos palavras, mas que abrange, quase em uma só frase, o que é relativo à Cabeça e o que é relativo ao corpo.

Um Salmo fala assim da ressurreição de Cristo: *Elevai-vos, ó Deus, no mais alto dos céus*. Depois, ele acrescenta imediatamente em favor do seu corpo: *e sobre toda a terra brilhe a vossa glória*[224].

Aqui está para a Cabeça: *Traspassaram minhas mãos e meus pés. Poderia contar todos os meus ossos. Eles me olham e me observam com alegria. Repartem entre eles as minhas vestes e lançam sorte sobre a minha túnica*[225].

Algumas palavras mais abaixo, é dito sobre o corpo: *Hão de se lembrar do Senhor e a ele se converter todos os povos da terra e diante dele se prostrarão todas as famílias das nações, porque a realeza pertence ao Senhor e ele impera sobre as nações*[226].

Aqui, para a Cabeça: *qual esposo que sai do seu tálamo*. E, no mesmo Salmo, é dito sobre o corpo: *por toda a terra se espalha o seu ruído e, até os confins do mundo, a sua voz*[227].

06 – Os testemunhos do Novo Testamento sobre Cristo e a Igreja.

Estes testemunhos são para os judeus e para nossos irmãos desgarrados. Por quê? Porque estes recebem tão bem quanto os judeus estes livros sagrados do Antigo Testamento. Mas, vejamos se é verdade que nossos irmãos recebem Cristo, rejeitado pelos judeus.

Fale, ó Cristo! Fale por você, que é a Cabeça e por sua Igreja, que é seu corpo, já que, em nós, a cabeça fala por todo o corpo.

Aqui está o que está dito sobre a própria Cabeça: ele ressuscitou de entre os mortos, encontrou seus discípulos hesitando e na dúvida, com a própria alegria os impedindo de acreditar.

Ele abriu-lhes então o espírito, para que compreendessem as Escrituras, dizendo: "Era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos". Isto foi sobre a Cabeça.

Agora, para o corpo: “*E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”*[228].

Desta forma, a Igreja pode dizer aos seus inimigos; ela pode lhes dizer; ou melhor, ela lhes diz, pois ela não se mantém em silêncio e cabe a eles escutar:

“Meus irmãos, vocês ouviram os testemunhos que me dizem respeito. Reconheçam-me, então! *Vós perscrutais as Escrituras, julgando encontrar nelas a vida eterna. Pois bem! São elas mesmas que dão testemunho de mim*.

“O que acabo de dizer não vem de mim, mas do meu Senhor e, no entanto, vocês ainda se afastam e ainda contestam. *Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros e não buscais a glória que é só de Deus?*

“Vocês *têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*. De fato, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[229].

“O que é, afinal, ignorar a justiça de Deus e procurar estabelecer a sua própria, se não é dizer: ‘Sou eu que santifico; sou eu que justifico; sou eu que dou a própria santidade’?

“Ó criatura! Deixe com Deus o que é de Deus e não se atribua o que não lhe pertence. Você ignora a justiça de Deus e quer estabelecer a sua. Você está então tentando se justificar.

“Ah! Que seja suficiente para você ser justificado comigo”.

07 – A imitação da impiedade do Anticristo.

Está dito sobre o Anticristo e todos compreendem neste sentido estas palavras do Senhor: *Vim em nome de meu Pai, mas não me recebeis. Se vier outro em seu próprio nome, haveis de recebê-lo*.

Ouçamos também o apóstolo João:

"Vós ouvistes dizer que o Anticristo vem. Eis que já há muitos anticristos, por isto sabemos que é a última hora[230].

"Mas, o que tememos no Anticristo, se não é a honraria que ele exigirá para seu nome e o desprezo que ele terá pelo nome de Cristo?

"Faz outra coisa, aquele que diz: 'Sou eu que justifico'?

"Eu respondo. Eu cheguei até Cristo não pelo movimento dos meus pés, mas pelos sentimentos do meu coração. Onde eu estava, eu ouvi o Evangelho. Lá também eu acreditei e recebi o batismo. Quem acredita em Cristo em Deus acredita.

"'Você não está purificado', dizem.

"Por quê?

"'Porque eu não estava lá, quando isto aconteceu'.

"Mas isto não explica porque não estou justificado. Eu, que recebi o batismo em Jerusalém. Eu, que fui batizado, por exemplo, como os efésios, para quem o Apóstolo enviou uma carta que você leu, mesmo desdenhando estar em comunhão com a Igreja.

"Sim, o apóstolo escreveu aos efésios. Ele fundou sua Igreja e até hoje esta Igreja existe, se enche de graças, multiplica seus filhos, conserva a doutrina que recebeu do

Apóstolo, de acordo com o que ele mesmo disse: *Se alguém pregar doutrina diferente da que recebestes, seja ele excomungado!*[231]

"E você ousa me dizer que não estou purificado? Foi lá que recebi o batismo e não estou puro?

"'Não, você não está'.

"Por quê?

"'Porque eu não estava lá, quando isto aconteceu'.

"Mas aquele que está em toda parte estava lá. Aquele que está em toda parte estava lá e foi em seu nome que eu dei minha fé. E você, que vem de não sei onde __ ou melhor: que vem de lugar nenhum, mas que pretende fazer com que eu vá até você __ você ousa me dizer: 'Você não está batizado porque eu não estava lá?'

"Mas, pense Naquele que estava lá. O que ele disse para João Batista? *Sobre quem vires descer e repousar o Espírito, este é quem batiza no Espírito Santo*[232].

"É este que você procura. Ou melhor: porque você me censura por ter sido batizado por ele, é este que você perdeu".

08 – A doutrina católica e a doutrina donatista.

Assim, meus irmãos, comparem nossa doutrina com a deles e vejam a escolha que vocês devem fazer.

Nós dizemos a vocês: "Somos santos?" Deus é quem sabe. "Somos pecadores?" É a ele, sobretudo, que cabe

saber, mas, seja o que formos, não coloquem em nós suas esperanças.

Se somos gente de bem, sigam esta recomendação: *Sejais meus imitadores, assim como eu imito Cristo*[233].

Se somos maus, não se desesperem também. Vocês não estão abandonados e nem privados de conselhos. Escutem Aquele que disse: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*[234].

Mas eles, pelo contrário, dizem: "Se eu não for bom, você está perdido".

Isto não é dizer que um outro deve responder em seu nome? Então, minha vida depende da sua e minha salvação está vinculada à sua?

Você acredita que esqueci a este ponto Aquele que quis me servir de fundamento?

Não é Cristo a pedra[235] e aquele que constrói sobre a pedra não está em segurança contra o vento, contra a chuva e contra as ondas[236]?

Ah! É melhor vir comigo se apoiar nessa pedra, sem querer ser minha pedra.

09 – A injustiça contra Cristo.

A Igreja pode então dizer isto, para terminar: "*Se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, porque ele escreveu a meu respeito*, já que eu sou o corpo Daquele sobre o qual ele escreveu".

Moisés também falou da própria Igreja, já que são dele estas palavras: *todas as nações da terra serão benditas em*

sua descendência, porque obedeceste à minha voz[237], que lemos no primeiro dos seus livros.

Sim, se vocês acreditassem em Moisés, acreditariam também em Cristo. Mas, como vocês desdenham da autoridade de Moisés, necessariamente vocês desprezam também a autoridade de Cristo.

"Eles lá têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos!", está escrito.

"Não, pai Abraão, mas, se for a eles algum dos mortos, arrepender-se-ão". "Se não ouvirem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite algum dos mortos"[238], responde o Patriarca.

Isto se refere aos judeus; também não pode ser aplicado aos hereges?

Estava ressuscitado dentre os mortos Aquele que disse: *Era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia*[239].

"Eu acredito. Eu acredito nisto também", diz o herege.

Você acredita? Por que então não acredita igualmente no que está dito em seguida?

Você acredita que *era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia*. Isto é dito sobre a Cabeça.

Acredite também no que é dito sobre o corpo, ou seja, a Igreja: *E que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*[240].

Por que acreditar no que se diz sobre a Cabeça e não acreditar no que se diz sobre seu corpo? O que a Igreja fez para você, para que você queira decapitá-la?

Você quer tirar sua Cabeça para colocar sua fé no lugar e deixar o corpo como que um cadáver sem vida. É em vão que você tenta lisonjear a Cabeça como se fosse um servidor devotado. Ao procurar decapitar seu corpo, você comete um atentado tanto à vida da Cabeça quanto à vida do corpo.

Eles se envergonham em renegar Cristo, mas não se envergonham em renegar suas palavras.

Nem eles nem nós vimos Cristo com nossos próprios olhos. Os judeus o viram e o levaram à morte. Nós não o vimos, mas acreditamos nele e guardamos suas palavras.

Eles se acham semelhantes aos judeus? Os judeus o desprezaram quando ele estava pendurado na cruz e eles o desprezam quando ele reina no céu.

Apesar de suas reclamações, eles mantém o título de cristãos. Mas, com seus esforços, eles aniquilam o batismo de Cristo.

O que nos resta então a fazer, meus irmãos, se não é rezar para esses orgulhosos? Rezar para esses soberbos que se exaltam e se vangloriam dessa maneira.

Digamos a Deus, para eles: "*Que reconheçam que só vós* __ e nenhum humano __ *cujo nome é Senhor, sois o Altíssimo sobre toda a terra*[241]".

Sermão 130 - O pão da vida.

Jesus levantou os olhos sobre aquela grande multidão que vinha ter com ele e perguntou a Filipe: “Onde compraremos pão para que todos estes tenham o que comer?”
Falou assim para tentá-lo, pois bem sabia o que havia de fazer.
Filipe respondeu-lhe: “Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pedaço”.
Um dos seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: “Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes... mas que é isto para tanta gente?”
Disse Jesus: “Fazei-os assentar”.
Ora, havia naquele lugar muita relva. Sentaram-se aquelas pessoas em número de uns cinco mil.
Jesus tomou os pães e rendeu graças. Em seguida, distribuiu-os às pessoas que estavam sentadas e igualmente dos peixes lhes deu quanto queriam.
Estando eles saciados, disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca”.
Eles os recolheram e, dos pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram, encheram doze cestos.
À vista desse milagre de Jesus, aquela gente dizia: “Este é verdadeiramente o profeta que há de vir ao mundo”[242].

Análise

Os cinco pães se multiplicam nas mãos dos Apóstolos que os distribuem, como os ensinamentos da Lei, quando eles a divulgam.

Assim como no trigo a farinha está escondida no meio do farelo, Jesus Cristo está encerrado em toda a Lei e, ao se fazer humano, ele se tornou para nós o pão da vida eterna.

Quando nós vemos o que ele fez para nos resgatar, é possível que não tenhamos nele a mais completa confiança?

E, quando meditamos nas maravilhas que ele realizou em nosso favor, seja na pessoa do pai dos crentes, seja em sua própria pessoa, seja em nós, como não ver que o que ele nos promete é tão prodigioso quanto o que ele nos concedeu e que o passado responde invencivelmente pelo futuro?

Apoiemo-nos com alegria sobre este incomparável protetor.

01 – O significado do milagre.

Aí está um grande milagre, meus amigos! Cinco pães e dois peixes bastaram para saciar cinco mil pessoas e os restos dos pedaços encheram doze cestos.

Que milagre! No entanto, não ficamos muito surpresos, quando pensamos em quem foi seu Autor. Se ele multiplicou cinco pães com suas mãos que os dividiam, não é ele também que multiplica as sementes que germinam em toda a terra, em que poucos grãos bastam para encher os celeiros?

Mas, como este prodígio se renova a cada ano, ninguém se admira! O que afasta a admiração não é a pouca importância do fato, mas é que ele é comum.

Quando o Senhor operava esses milagres, ele falava ao intelecto, não somente com sua voz, mas também com seus atos. Os cinco pães significavam para ele os cinco livros da Lei de Moisés, pois esta Lei está para o Evangelho o que a

cevada está para o trigo. Há nesses cinco livros profundos mistérios relativos a Cristo.

Assim, Cristo disse: *Se crêsseis em Moisés, certamente creríeis em mim, porque ele escreveu a meu respeito*[243]. Mas, assim como na cevada o grão está escondido sob a casca, assim também Cristo está velado sob os mistérios da Lei. Quando são expostos esses mistérios que escondem o Pão da Vida, eles parecem se expandir, assim como se multiplicavam os cinco pães quando eram partidos.

Eu mesmo não parti o pão para vocês, quando lhes fiz estas observações?

As cinco mil pessoas designam as pessoas submetidas aos cinco livros da Lei. Os doze cestos são os doze Apóstolos também enchidos com os pedaços dessa mesma Lei.

Quanto aos dois peixes, eles representam os dois preceitos do amor a Deus e do amor ao próximo, ou os judeus e os gentios, ou as duas funções sagradas do império e do sacerdócio.

Expor esses mistérios é partir o pão e compreendê-los é comer o pão.

02 – Pela encarnação Cristo tornou-se pão, mercador, redentor e libertador.

Contemplemos agora o Autor dessas maravilhas. Ele *é o pão que desceu do céu*[244], mas é um pão que alimenta sem diminuir, que se pode comer sem que ele seja consumido.

Este pão também foi chamado de maná. Assim, está escrito: *Fez chover o maná para saciá-los, deu-lhes o pão do*

céu. As pessoas comeram o pão dos anjos[245].

Que pão do céu é este, se não é Cristo? Mas, para permitir que os humanos comessem o pão dos anjos, o Senhor dos anjos teve que se fazer humano. Se ele não tivesse feito isto, não teríamos sua carne e se não tivéssemos sua carne, não teríamos o pão que comemos no altar.

Ah! Já que temos uma promessa tão preciosa, corramos para tomar posse de nossa herança. Sim, meus irmãos, desejamos viver com Cristo, já que tivemos esta promessa em sua morte.

E como ele não faria parte desses bens; ele que sofreu de nossos males?

Neste mundo e neste tempo perversos, o que nós mais vemos, se não é nascer, sofrer e morrer? Examinem as coisas humanas e digam-me se minto. Examinem se todas as pessoas não estão aqui para outra coisa que não seja nascer, sofrer e morrer. É isto o que produz nossa terra e é isto o que se encontra nela em abundância.

Ora, foi para nos comprar que desceu o divino Mercador. Quem compra, dá e recebe. Ele dá o que ele tem e recebe o que não tem. Para pagar, ele dá seu dinheiro e recebe o bem pelo qual pagou. Assim aconteceu aqui com Cristo; ele deu e ele recebeu.

Mas, o que ele recebeu? O que é produzido largamente em nossa terra: o sofrimento e a morte.

E o que ele deu? O renascimento, a ressurreição e o reino eterno.

Ó Mercador generoso! Compre-nos!

Por que dizer compre-nos, quando devemos dar graças por ele nos ter comprado? Ele não entregou o valor da nossa compra? Nós não o recebemos quando bebemos o sangue dele? Além disso, lemos no Evangelho o documento da nossa aquisição.

Assim, somos, ao mesmo tempo, seus escravos e suas criaturas, já que ele nos formou e comprou.

Todo mundo aqui pode comprar seu escravo, mas ninguém pode criá-lo. Mas o Senhor criou e comprou seus servos. Ele os criou ao lhes dar a existência. Ele os comprou para tirá-los da escravidão.

Nós caímos sob a autoridade do príncipe deste mundo, que tinha seduzido e escravizado Adão e ele nos reteve como escravos de nascença.

Veio o Redentor e ele derrotou o sedutor.

E o que ele fez contra esse tirano? Para nos resgatar, ele fez de sua cruz uma armadilha. Ele colocou nela seu sangue como uma isca. O inimigo pôde derramar esse sangue, mas sem merecer bebê-lo. E, ao derramar o sangue de quem nada lhe devia, ele foi condenado a libertar seus devedores. Por ter derramado o sangue inocente, ele perdeu todo direito sobre os culpados.

O Salvador, efetivamente, consentiu em derramar esse sangue para apagar nossos pecados e foi assim que o sangue do Redentor apagou os documentos de posse do nosso inimigo. Este só nos mantinha sob seu jugo por causa

de nossas iniquidades. Essas iniquidades eram como as correntes dos cativos.

Chegando o Libertador, ele amarrou o homem forte[246], armado com sua paixão e penetrou em sua casa, ou seja, nos corações em que ele morava e levou os vasos que lhe pertenciam, ou seja, nós mesmos.

Esse tirano tinha nos enchido com seu amargor e ele quis mesmo que nosso Redentor o bebesse, ao lhe apresentar seu fel. Mas, ao levar e se apropriar dos vasos, que ele encheu com ele mesmo, o Senhor jogou fora o líquido amargo e encheu os vasos com a doçura do seu espírito.

03 – Cristo deve ser amado e, pelo que ele fez, ele fez ser digno de fé o que ele prometeu.

Ah! Amemo-lo, pois ele é muito doce! *Provai e vede como o Senhor é doce*[247]. É preciso temê-lo, mas amá-lo mais ainda.

Ele é, ao mesmo tempo, Deus e humano. Há na pessoa de Cristo a humanidade e a divindade, como há, em uma mesma pessoa, a alma e o corpo. Mas a divindade e a humanidade não formam em Cristo duas pessoas. Há nele duas naturezas: a natureza divina e a natureza humana, mas uma só pessoa. Isto faz com que, mesmo com a encarnação, não haja uma quaternidade em Deus, mas somente uma trindade.

É possível então que Deus não tenha compaixão por nós, já que ele se fez humano por nós? Ele fez muito e o que

ele fez é mais admirável do que o que ele prometeu e suas obras devem nos determinar a contar com suas promessas.

Se nós não tivéssemos visto, teríamos dificuldade para acreditar no que ele fez. Onde vimos? Dentre os povos que acreditam nele; na multidão de nações que ele soube cativar.

Assim, vemos realizado o que ele prometeu a Abraão e esse espetáculo nos leva a acreditar no que não vemos. Abraão, de fato, não passava de um homem e ele lhe disse: *Todas as famílias da terra serão benditas em ti*[248].

Se tivéssemos pensado somente em Abraão, teríamos acreditado? Ele era somente uma pessoa e uma pessoa já idosa. Além disso, sua esposa era estéril e já de idade bem avançada. Somente a idade sem a esterilidade já teria sido um obstáculo para a concepção.

Assim, nada podia legitimar nossa esperança. Mas o Patriarca considerou o Autor da promessa e ele acreditou sem ver. Mas nós, nós vemos o que ele acreditou e, por isso, devemos acreditar no que não vemos.

Abraão gerou Isaac; nós vimos isto. Isaac gerou Jacó; nós também vimos isto. Jacó gerou seus doze filhos, que nós igualmente vimos. Seus doze filhos, por outro lado, geraram o povo de Israel e nós vemos hoje em dia este grande povo.

Já que eu comecei a falar do que nós vemos, eu acrescento que, do povo de Israel saiu a Virgem Maria, mãe de Cristo e sob nossos olhos todas as nações são abençoadas no Cristo. Há algo de mais verdadeiro, de mais certo, de mais manifesto?

Ó você que saiu da gentilidade comigo! Deseje comigo a vida futura. Se neste mundo Deus não faltou com a promessa que ele fez a Abraão, com relação à sua posteridade, ele não cumprirá também muito mais amplamente sua promessas eternas com relação a nós, que somos, por sua graça, a posteridade mesma de Abraão?

Diz expressamente o Apóstolo: *Ora, se sois de Cristo, então sois verdadeiramente a descendência de Abraão; herdeiros segundo a promessa*[249].

04 – O que Cristo nos deu é tão maravilhoso quanto o que ele nos prometeu.

Ah! Começamos a nos tornar algo grande! Que ninguém se engane: éramos nada, mas agora somos alguma coisa.

Dissemos: O Senhor *sabe de que é que somos feitos e não se esquece de que somos pó*[250]. Mas, desse pó ele fez um ser humano. A esse pó ele deu a vida e, na pessoa de Cristo Nosso Senhor, ele elevou até o trono dos céus esse mesmo pó.

Aqui, de fato, ele assumiu a carne, se uniu à terra e, após ter feito a terra e o céu, ele elevou a terra até o céu.

Imaginemos então que nos falem hoje, pela primeira vez, dessas duas coisas, supondo que elas ainda não tenham se realizado e que nos perguntem: “O que há de mais impressionante: que Deus se faça humano ou que o ser humano se torne o filho de Deus? De que lado está a maravilha maior, a dificuldade maior?”

O que nos prometeu Cristo? O que não vemos ainda, ou seja, nos tornarmos seus filhos, reinarmos com ele e não morrermos jamais.

O que parece difícil de acreditar é que o ser humano, saído do nada, chegue a uma vida que não termina. No entanto, é no que acreditamos, quando sacudimos de nosso coração a poeira do mundo; essa poeira que fecha nossos olhos para a luz da fé.

Somos mesmos obrigados a acreditar que, após nossa morte, entraremos com estes corpos, vítimas da morte, na vida de onde a morte foi banida para sempre.

Isto é uma coisa admirável. E o que é ainda mais foi o que fez Cristo. O que há de mais inacreditável, de fato, ver o ser humano viver eternamente ou ver Cristo morrer um dia? Não é mais fácil acreditar que os seres humanos recebem de Deus a vida do que ver esses mesmos seres humanos darem a morte a Deus?

Este último fato, em minha opinião, é mais difícil de admitir. No entanto, ele aconteceu. Acreditemos então que o outro fato igualmente acontecerá.

Tendo Deus feito o que há de mais incrível, ele não nos concederia o que é menos? Deus, de fato, pode fazer de nós anjos, já que, de uma terra abjeta ele nos fez humanos.

O que nos tornaremos? Anjos. O que fomos? Temos vergonha de lembrar, mas, sou forçado a pensar nisto e me envergonho em dizer.

Do que fomos feitos? Do quê? Deus não formou os seres humanos? O que éramos antes de sê-lo? Nada. O que

éramos no ventre de nossas mães? Não preciso dizer mais nada.

Do que vocês eram, elevem agora seus espíritos ao que vocês são hoje. Vocês vivem, como as árvores e as plantas também vivem. Vocês sentem, como os animais sentem igualmente. Vocês são humanos e o que os ergue bem acima dos animais é que vocês possuem a inteligência, um dom imenso que Deus nos concedeu.

Sim, vocês vivem, vocês sentem, vocês compreendem, vocês são humanos. O que há de comparável a tantos favores? É que vocês são cristãos. E, se não tivéssemos recebido esta graça, do que nos serviria sermos humanos?

Somos, então, cristãos. Pertencemos a Cristo. Que o mundo se corrompa; ele não nos domará, pois pertencemos a Cristo. Que o mundo nos lisonjeie; ele não nos seduzirá, pois pertencemos a Cristo.

05 – A segurança dos Cristãos é a proteção de Cristo.

Encontramos, meus irmãos, um poderoso protetor. Vocês sabem como as pessoas se apoiam em seus protetores.

Ameaça-se o protegido de alguém poderoso deste mundo. “Enquanto Fulano, meu senhor, tiver a cabeça sobre os ombros, você não pode nada contra mim”, diz essa pessoa ameaçada. E nós não poderíamos dizer com muito mais força e segurança: “Enquanto nossa Cabeça estiver viva, você não pode nada contra nós”?

Nosso protetor, de fato, é nossa Cabeça. Aliás, aqueles que se apoiam em um protetor comum não passam de protegidos. Nós somos os membros do nosso Protetor.

Enquanto ele continuar a nos comunicar a vida, ninguém pode nos arrancar dele, quaisquer que sejam os males que tenhamos que sofrer neste mundo, pois tudo o que passa não é nada e nós conseguiremos bens que não passarão e chegaremos a eles através do sofrimento e uma vez que tenhamos chegado lá, quem nos privará deles?

Fecham-se as portas de Jerusalém e até colocam-se ferrolhos nelas e podemos dizer a essa cidade: *Louva, ó Jerusalém, ao Senhor. Louva o teu Deus, ó Sião, porque ele reforçou os ferrolhos de tuas portas e abençoou teus filhos em teu ventre. Estabeleceu a paz em tuas fronteiras e te nutre com a flor do trigo*[251].

Ora, quando as portas são fechadas e os ferrolhos passados, nenhum amigo sai e nenhum inimigo entra. É lá então que desfrutaremos de uma tranquilidade verdadeira e segura, contanto que aqui não abandonemos a Verdade.

Sermão 131 - Sobre a graça.

Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o

Pai que me enviou vive e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não como o maná que vossos pais comeram e morreram. Quem come deste pão viverá eternamente".
Tal foi o ensinamento de Jesus na sinagoga de Cafarnaum. Muitos dos seus discípulos, ouvindo-o, disseram: "Isto é muito duro! Quem o pode admitir?"
Sabendo Jesus que os discípulos murmuravam por isso, perguntou-lhes: "Isso vos escandaliza? Que será, quando virdes subir o Filho do Homem para onde ele estava antes? O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida. Mas há alguns entre vós que não creem". Pois desde o princípio Jesus sabia quais eram os que não criam e quem o havia de trair.
Ele prosseguiu: "Por isso vos disse: ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lho for concedido".
Desde então, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com ele[252].

Análise

Por mais vantajosa que fosse a promessa da Eucaristia, muitos não acreditaram nela. É que a graça é necessária para acreditar, para levar uma vida santa e para perseverar no bem.

Por que voltar tão frequentemente sobre este tema? É que muitos, mesmo entre os cristãos, o desconhecem.

Já os judeus atribuíam à graça a remissão dos pecados, a cura dos problemas da alma, a ausência de corrupção e o coroamento dos méritos.

E, hoje em dia, que o Senhor espalhou a graça por todo o mundo, podemos desconhecê-la, como a desconheciam os fariseus?

Mas, a causa está julgada; Roma falou.

01 – O sacramento do corpo e do sangue de Cristo.

Ouvimos o Mestre da Verdade, o Redentor divino, nosso Salvador recomendar ao nosso amor o sangue que nos resgatou, pois, ao nos falar do seu corpo e do seu sangue, ele disse que um seria nosso alimento e o outro seria nossa bebida.

Os fiéis reconhecem aqui o sacramento dos fiéis, mas, o que veem aqui os outros ouvintes?

Para nos estimular então para um alimento e uma bebida tão divinos, o Salvador disse: *se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos*. Foi a própria Vida que falou assim da vida e, aquele que acusar a Vida de mentir, essa vida se torna morte.

Foi então que se escandalizaram, não todos, mas um grande número de discípulos e estes pensaram: *Isto é muito duro! Quem o pode admitir?*

Mas o Senhor vê tudo em espírito e ele ouviu o ruído de seus pensamentos. E, para lhes mostrar que ele havia ouvido seus murmúrios interiores e induzi-los a terminar com aquilo, ele lhes respondeu antes mesmo que eles falassem.

O que ele lhes disse? *Isso vos escandaliza? Que será, quando virdes subir o Filho do Homem para onde ele estava antes?*

O que quer dizer: *Isso vos escandaliza?*

“Vocês acreditam que eu vou cortar meus membros em pedaços para dá-los a vocês? E, *que será, quando virdes subir o Filho do Homem para onde ele estava antes?* Vocês seguramente compreenderão, ao vê-lo subir inteiro, que ele não era consumível”.

Assim, ele nos dá, com seu corpo e seu sangue, uma refeição saudável e resolve, em algumas palavras, a importante questão de sua incorruptibilidade.

Vocês que comem, comam então realmente. Bebam também, vocês que bebem. Tenham fome, tenham sede. Comam a Vida, bebam a Vida. Comer esse corpo é se alimentar, mas se alimentar sem nada retirar do que alimenta.

O que é assim, beber esse sangue, se não é vivificar-se? Coma a Vida, beba a Vida, assim você a incorporará, deixando-a inteira. Mas, para conseguir isto, para encontrar a vida no corpo e no sangue de Cristo, todos devem comer e beber verdadeiramente e de uma maneira totalmente espiritual o que se recebe no sacramento de uma maneira concreta.

Efetivamente, ouvimos o Senhor dizer: *O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida. Mas há alguns entre vós que não*

creem. Ele se referia àqueles que pensaram: *Isto é muito duro! Quem o pode admitir?*

Sim, isto é duro; mas para os duros. É inacreditável; mas para os incrédulos.

02 – A fé é um dom de Deus e a graça possui uma suave violência.

Para nos ensinar que a própria fé é gratuita e não merecida, Jesus acrescenta: *Por isso vos disse: ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lho for concedido*.

Quando foi que o Senhor dissera isto? Ao nos lembrar isto, no mesmo Evangelho observaremos que ele dissera: *Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair*[253].

Não lemos: "não o conduzir", mas sim: *não o atrair*. Isto é um impulso dado ao coração e não ao corpo. Por que então se espantar com estas palavras? Acreditar é vir; amar é ser atraído.

Não pense que este impulso é cansativo e desagradável. Ele é suave e dá prazer. É o próprio prazer que atrai.

Não atraímos a ovelha que tem fome lhe mostrando a erva? Sem dúvida que não somos violentos com ela, mas a cativamos ao lhe estimular seus desejos.

Venha a Cristo da mesma maneira! Não pense que o caminho é longo. Acreditar é vir, seja de que lugar você estiver. Ele está por toda parte e para chegar até ele não são necessários navios, mas somente o amor.

É preciso reconhecer, no entanto, que não se deixa de encontrar, nessa espécie de travessia, ondas, tempestades, tentações. Então, para colocar sua fé em segurança no porto seguro da salvação, acredite no Crucificado e, levado pela cruz, você não naufragará jamais.

Foi assim que navegou nas ondas deste mundo o Apóstolo que clamou: *Não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*[254].

03 – Nem à fé e nem à vida boa se atribua a própria força.

No entanto, o que é admirável é que, de cada duas pessoas que ouvem pregar sobre Cristo crucificado, uma despreza e a outra é cativada por ele.

Aquele que despreza deve se creditar seu desprezo, mas aquele que é cativado por Cristo não deve se atribuir nada. O Mestre da Verdade não disse: *Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair*? Que ele se regozije pelo que recebeu e que dê graças com um coração realmente humilde e sem orgulho, pois o orgulho o faria perder o que obteve com a humildade. Aqueles mesmos que seguem o caminho dos justos, logo se afastam dele, se atribuem sua virtude a eles mesmos e às suas próprias forças.

Assim, a Escritura santa, para nos ensinar a humildade, nos diz, através do Apóstolo: *Vós que sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor*. E, temendo que, diante do verbo *trabalhai*, se

atribuísse o que quer que fosse, o Apóstolo logo acrescenta: "*Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[255]. É Deus quem opera em vós. Tema então e trema. Tornem-se vales, para receberem a chuva".

Os terrenos baixos são penetrados pela chuva, enquanto que os altos secam e essa chuva é a graça. Por que se espantar então que Deus resista aos soberbos e conceda sua graça aos humildes[256]?

Temam então e tremam, ou seja, sejam humildes. *Não te ensoberbeças, antes teme*[257]. Tema para ser penetrado pela graça. Não busque a elevação, para evitar a secura.

04 – A graça é necessária para o batizado caminhar na via reta.

Mas, você replica: "Eu já estou no caminho reto. Eu precisei ser instruído sobre ele. Eu precisei aprender, com os ensinamentos da Lei, o que eu devia fazer. Eu tenho a liberdade; o que me afastará do caminho reto?"

Ao ler a Escritura com atenção, você verá ali uma pessoa se orgulhar primeiramente das riquezas espirituais, que, no entanto, ela havia recebido. O Senhor, para lhe inspirar a humildade, retirou dele, em sua compaixão, o que havia lhe dado. Ele, caído subitamente na pobreza, se lembrou do passado e descreveu assim as divinas misericórdias: "Na minha prosperidade, *eu disse, seguro de mim: Não serei jamais abalado*"[258].

Eu disse isto em minha prosperidade, mas, fui eu quem disse também, eu, que não passo de um ser humano: *Todo ser humano é um mentiroso*[259].

Eu disse então, em minha prosperidade: *Não serei jamais abalado*. Essa felicidade era tão grande que eu ousei dizer: *Não serei jamais abalado*.

E depois?

"*Senhor, foi por favor que me destes honra e poder, mas, quando escondestes vossa face, fiquei aterrado*[260]. Vós me haveis mostrado que toda minha riqueza vinha da vossa. Vós me haveis mostrado a quem eu devia pedir, a quem eu devia reportar o que havia recebido, a quem eu devia dar graças e para quem eu devia correr para saciar minha sede e para me fortalecer; perto de quem, enfim, eu poderia conservar as forças que eu sentia penetradas em mim. Pois, está escrito: *Ó vós que sois a minha força, é para vós que eu me volto. Porque vós, ó Deus, sois a minha defesa*[261]. Sois vós que me enriqueceis e é somente por vós que não perderei minhas riquezas. *Vós sois a minha força* e, para me convencer disto, *escondestes vossa face* e *fiquei aterrado*. Fiquei aterrado porque sequei e sequei porque me elevei".

Ó terreno seco e árido! Diga então, para conseguir ser irrigado: *Minha alma, como terra árida, tem sede de vós*[262]. Repita: *Minha alma, como terra árida, tem sede de vós*.

Foi você, então e não o Senhor que disse primeiro: *Não serei jamais abalado*. Você disse isto em sua presunção, mas

sua felicidade não vinha de você. Mas você não se via um pouco como sendo seu autor?

05 – Se quem trilha o caminho dos justos se atribui o mérito, acaba se desviando.

O que ensina então o Senhor: *Sirva o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor*[263].

Este é também o sentido destas palavras do Apóstolo: *Trabalhai na vossa salvação com temor e tremor*. *Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[264].

Por isto também, *sirva o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor, para que ele não se irrite e você não se perca no caminho*[265].

Entendo que, com a aclamação de vocês, vocês já se anteciparam às minhas palavras. Vocês já sabem o que vou dizer. A aclamação de vocês já disse isto.

Mas, como vocês já sabem isto, se não por causa dos ensinamentos Daquele a quem vocês deram fé? Ele os ensina de fato, Escutem então o que vocês já sabem.

Eu não ensino nada a vocês. Minha pregação só faz vocês se recordarem. Em outras palavras: eu não os ensino, já que vocês já sabem. Eu também não faço vocês se lembrarem, já que vocês já estão com a ideia presente.

Desta forma, repitamos juntos o que vocês conhecem tão bem quanto eu. Aqui estão as palavras do Senhor: *Compreendei isto; instruí-vos. Sirva o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor*, para que, sempre humildes,

vocês conservem o que receberam. *Para que ele não se irrite*[266]. Sem dúvida, contra os soberbos; contra aqueles que se atribuem o que possuem e que não dão graças ao seu Benfeitor. *Para que* o Senhor *não se irrite e você não se perca no caminho*.

Está escrito: *Para que* o Senhor *não se irrite e você não se perca no caminho*.

Está escrito: *Para que* o Senhor *não se irrite e você* não seja conduzido ou admitido ao caminho correto*?* Você já está trilhando o caminho dos justos. Então, para não se afastar dele, evite o orgulho, para que *você não se perca no caminho*, *quando se acender subitamente sua cólera*[267], sobre você. Esta cólera não irá procurá-lo muito longe. Ao se orgulhar, você perde o que já tinha recebido.

E, como se esta pessoa assustada dissesse: "O que tenho então que fazer?", o autor sagrado prossegue: *Felizes, no entanto, todos os que nele confiam*[268]. Os que confiam Nele e não neles mesmos.

Foi então a graça que nos salvou. Ela não vem de nós. Ela é um dom de Deus[269].

06 – A remissão dos pecados no batismo e o estado da enfermidade após o batismo.

Talvez você questione: "Por que retornar tão frequentemente ao mesmo assunto? Esta já é a segunda ou terceira vez e quase nunca ele prega sem falar disto".

Ah! Se ao menos eu não fosse forçado a isto... Há, de fato, pessoas muito ingratas para com o benefício da graça

e valorizam muito a fraqueza da nossa natureza ferida.

Sem dúvida que o livre arbítrio era poderoso no momento da criação. Mas ele perdeu sua força, ao se deixar levar pelo pecado. O ser humano então ficou ferido de morte, enfraquecido, quase sem vida no caminho e foi preciso que o Samaritano, ou seja, que o Guardião que passava, o colocasse em sua montaria e o levasse até à hospedaria.

Como pode o ser humano se encher de orgulho?! Ele ainda está em tratamento!

Ele diz: “Foi o suficiente eu ter recebido no batismo o perdão de todos os meus pecados”.

Mas, porque suas iniquidades foram apagadas no batismo, segue-se que não haja mais enfermidades?

“Eu recebi o perdão de todos os meus pecados”, ele insiste.

Isto é incontestável. Sim, todos os pecados são apagados pelo sacramento do batismo. Todos, sem exceção; pecados das palavras, pecados dos atos, pecados dos pensamentos; tudo é extinto.

Mas isto é o óleo e o vinho derramados, no próprio caminho, nas feridas do doente. Vocês não se esqueceram, meus caríssimos irmãos, como aquele viajante ferido e deixado semimorto pelos ladrões ficou aliviado, ao receber aquele óleo e aquele vinho em suas feridas[270]. Isto foi o perdão concedido pelos seus desregramentos, mas ele permanece doente e precisa de cuidados na hospedaria.

A hospedaria, se você reconhece bem, é a Igreja. Ela é hoje em dia uma hospedaria porque nossa vida não passa de uma viagem. Ela será um lar e um lar de onde não sairemos mais, quando, perfeitamente curados, tivermos conquistado o Reino dos Céus.

Enquanto esperamos, fiquemos felizes por sermos cuidados na hospedaria e, convalescentes ainda, não nos vangloriemos de termos recuperado toda a saúde. Esta soberba poderia nos levar a nos afastarmos de todo remédio e de toda cura.

07 – Os quatro benefícios da graça.

Bendiga, ó minh'alma, ao Senhor.

Diga a esta alma, diga-lhe: "Você ainda está nesta vida, sobrecarregada ainda por uma carne frágil, um corpo corruptível que pesa sobre você[271], obrigada ainda a tomar o remédio da prece, apesar da inteira remissão de suas faltas, pois, para obter a cura do que resta a você de males, você repete: *Perdoai nossas ofensas*[272]".

Vale humilde, mais do que montanha orgulhosa, diga à sua alma: *Bendiga, ó minh'alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todos os seus benefícios*[273].

Que benefícios são esses? Diga-os, enumere-os, dê graças por eles.

Que benefícios são esses então? *É ele que perdoa as tuas faltas*.

Isto aconteceu no batismo. E agora? Ele *cura as tuas enfermidades*[274]. Sim, isto acontece agora, eu reconheço.

Mas, enquanto eu estiver aqui, este corpo pesa sobre minha alma.

Diga então o que se segue. *É ele que salva tua vida da morte*[275].

Depois desta salvação, o que ainda esperar?

Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirão as palavras da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória". "Onde está, ó morte, a tua vitória"?

Ele desafia também com autoridade: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[276] Você procura os traços dele e não encontra.

O que significa o aguilhão da morte? O que significa: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*

Isto quer dizer: "Onde está o pecado?" Ele é procurado e não existe mais.

Ora, o aguilhão da morte é o pecado[277], diz expressamente o Apóstolo e não eu.

Repitamos então: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* Não haverá mais pecado, nem para surpreender, nem para atacar e nem para ferir sua consciência.

Não se dirá mais também: *Perdoai nossas ofensas*.

E o que se dirá então? *Senhor, proporcionai-nos a paz! Pois vós nos tendes tratado segundo o nosso procedimento*[278].

08 – O último benefício da graça: a coroa da justiça.

O que haverá também, depois que se tiver livrado de toda corrupção, se não é a coroa da justiça[279]? Sim, ela será recebida também. Mas, para usá-la, não se pode ter a cabeça erguida.

Pense em como este mesmo Salmo expressa esta verdade. Depois de haver dito: *É ele que salva tua vida da morte*, ele acrescenta: *e te coroa em misericórdia e compaixão*[280].

Eu vejo aqui o soberbo a ponto de dizer: "Ele me coroa, mas, de acordo com meus méritos. É minha virtude que exige isto. Isto é um pagamento e não uma doação".

Preste mais atenção à voz do Salmo, com o qual você mesmo disse: *Todo ser humano é um mentiroso*[281].

Escute o que Deus mesmo ensina a você: Ele *te coroa em misericórdia e compaixão*. Sim, ele coroa você, mas é por *misericórdia e compaixão*.

Você não era digno de ser chamado e, uma vez chamado, de ser justificado e, uma vez chamado e justificado, de ser glorificado[282].

Subsiste um resto, segundo a eleição da graça. E se é pela graça, já não o é pelas obras. Não fosse assim, a graça deixaria de ser graça[283]. *Ora, o salário não é gratificação, mas uma dívida ao trabalhador*[284].

Diz o Apóstolo: *não é gratificação, mas uma dívida*. Enquanto que é em sua *misericórdia e compaixão* que Deus coroa você.

No entanto, talvez você diga que tinha méritos. Deus dirá a você: "Examine-se bem e verá que esses méritos

também foram dons de minha bondade”.

09 – A justiça ignorada e a graça oculto no Antigo Testamento e revelada no Novo Testamento.

Aqui está no que consiste a justiça de Deus. Dizemos: *A salvação é do Senhor*[285]. Isto não é para dizer que é o Senhor que desfruta da salvação, mas para dizer que é ele que faz desfrutar dela aqueles que ele salva.

Assim, a graça divina merecida por Jesus Cristo Nosso Senhor é chamada de justiça de Deus, não pela justiça que o torna justo, mas a justiça que ele concede àqueles que ele torna justos, de ímpios que eram.

Hoje em dia, no entanto, há pessoas que se dizem cristãs, mas que, como os judeus de antigamente, ignoram a justiça de Deus e querem estabelecer suas próprias justiças[286]. Sim, hoje, nestes tempos em que a graça se mostra às claras; nestes tempos em que ela se revela, depois de ter estado inicialmente escondida; nestes tempos em que a vemos na eira, depois de ter estado escondida no velo.

Eu percebo que poucos de vocês me compreenderam. Devo me explicar para a maioria e não deixarei de fazê-lo.

Um dos antigos justos pediu ao Senhor um sinal de sua vontade e lhe disse: *Eis que vou estender um velo de lã na eira; se o orvalho cair só no velo, ficando toda a terra seca, reconhecerei que é por minha mão que livrareis Israel, como o dissestes*[287].

Aconteceu então do velo ficar molhado e a eira ficar totalmente seca. De manhã, Gedeão espremeu o velo em cima de uma bacia. Isto é a representação da graça que se derrama sobre os humildes. Vocês sabem também o que fez Nosso Senhor aos seus discípulos, com uma bacia à mão.

Gedeão pediu um segundo sinal. *Peço que só a lã fique seca e o orvalho molhe toda a terra em redor*[288]. Isto também aconteceu.

Lembrem-se da época do Antigo Testamento. A graça não estava escondida na nuvem, como o orvalho no velo?

E agora, na época do Novo Testamento, pensem nos judeus. Eles se parecem com o velo seco, enquanto que o mundo inteiro se parece com a eira de Gedeão, cheio da graça, que se revela nele com esplendor.

Isto nos força a lamentar amargamente aqueles de nossos irmãos que disputam contra a graça, no momento mesmo em que ela se manifesta e se mostra à descoberto.

Perdoamos os judeus, mas, os cristãos? Por que eles são inimigos da graça de Cristo? Por que tanta presunção? Por que tanta ingratidão? Cristo veio sem motivo? Não tínhamos a natureza, essa natureza que vocês enganam ao exaltá-la? Não tínhamos também a Lei?

Mas, diz o Apóstolo: *Em verdade, se a justiça se obtém pela Lei, Cristo morreu em vão*[289].

O que o Apóstolo disse sobre a Lei, aplicaremos à natureza e diremos a esses soberbos: “Se a justiça foi estabelecida pela natureza, foi em vão que Cristo morreu”.

10 – Questão encerrada.

Assim, observamos neles o que foi observado nos judeus. Eles têm zelo por Deus. *Dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento.*

O que quer dizer: *um zelo sem discernimento*?

É que, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[290].

Meus irmãos! Tenham piedade deles, como eu. Quando vocês encontrarem esses espíritos, não os escondam! Não tenham essa compaixão perniciosa. Sim, não os escondam quando os encontrarem.

Refutem suas contradições. Tragam-nos a nós, quando resistirem. Efetivamente, nós já enviamos, sobre este assunto, duas atas de dois concílios na Sé Apostólica, das quais já recebi as respostas.

A causa está encerrada! Que o erro termine!

Assim, os aconselhamos a voltarem-se para eles mesmos. Nós pregamos para lhes mostrar a verdade e rezamos para obter sua mudança.

Sermão 132 - A pureza e a santa comunhão.

A minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu[291].

Análise

Depois de haver estimulado os catecúmenos a fazerem suas profissões de fé, receberem o batismo e serem iniciados no conhecimento do que a Escritura chama de corpo e sangue de Jesus Cristo, Santo Agostinho lembra os fiéis da necessidade da pureza para comungar.

Que todos, então, a pratiquem, tanto aqueles que são casados, quanto aqueles que ainda não são e, sobretudo, aqueles que fizeram o voto e que devem guardá-la com uma perfeição maior.

Ele termina dizendo que gostaria de ser menos severo, mas que seu dever não lhe permite isto.

01 – Os catecúmenos são convidados à graça da regeneração.

Acabamos de ouvir, durante a leitura do santo Evangelho, que, ao nos prometer a vida eterna, Jesus Cristo Nosso Senhor nos exorta a comer sua carne e a beber seu sangue.

Todos vocês ouviram, mas nem todos entenderam. Vocês, que são batizados e que já são fiéis, conhecem o pensamento do Senhor. Quanto àqueles que ainda são catecúmenos ou apenas ouvintes, eles ouviram suas palavras, mas entenderam seu sentido?

Assim, nós nos dirigimos a ambos.

Aqueles que já comem a carne do Senhor e bebem seu sangue, devem pensar no que comem e no que bebem, para

não se arriscarem __ como diz o Apóstolo __ a comer e beber sua própria condenação[292].

Quanto àqueles que não comungam ainda, que eles se apressem em se aproximar desse divino banquete para o qual são convidados.

É nesta época que os senhores apascentam. Cristo apascenta diariamente e aqui está sua mesa posta no meio deste recinto.

O que impede vocês, ó ouvintes, ao verem esta mesa, de se sentarem para este banquete? Talvez vocês tenham pensado, durante a leitura do Evangelho: "Que ideia fazer destas palavras: *A minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida*? Como se come a carne e como se bebe o sangue do Senhor? O que isto quer dizer?"

Mas, quem fechou a vocês a entrada a este mistério? Vocês veem aí um véu e este véu, se vocês quiserem, será levantado. Venham à profissão de fé e esta questão será resolvida para vocês, pois, aqueles que a fizeram sabem o que quer dizer Nosso Senhor Jesus.

Oras! Vocês são chamados de catecúmenos e são chamados de ouvintes, mas vocês são surdos! Vocês abriram os ouvidos do corpo, já que ouviram o som das palavras, mas vocês ainda mantém fechado o ouvido do coração, pois não compreendem o sentido das palavras.

Eu falo, mas não explico. Estamos na Páscoa. Inscrevam-se para o batismo. Se a festa não basta para estimulá-los, deixem-se levar pela curiosidade mesmo, pelo desejo de

saber o que significa: *Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*. Para aprenderem comigo o sentido destas palavras, *Batei e vos será aberto*[293].

Eu digo a vocês: *Batei e vos será aberto*!

Eu também bato. Abram para mim!

Eu produzo som para os ouvidos, mas eu bato no coração.

02 – Os fiéis casados devem observar a castidade antes da comunhão.

Meus irmãos, se devemos estimular os catecúmenos a não adiarem a recepção dessa graça imensa da regeneração, que esforços não devemos consagrar para levar os fiéis a desfrutarem do que eles recebem e não comerem e nem beberem sua condenação nessa mesa divina! Que eles vivam, então, bem, para se preservarem desse mal.

E vocês, exortem, não com suas palavras, mas com seus comportamentos, aqueles que não são batizados, a seguirem seus exemplos, sem encontrar aí a morte.

Esposos, mantenham com suas esposas a fidelidade nupcial. Façam para elas o que vocês exigem para vocês.

Maridos, vocês exigem de suas esposas a guarda da castidade. Dê-lhes o exemplo e não apenas com palavras. Vocês são os esposos; vejam por onde andam, pois vocês só devem andar por onde ela pode segui-los sem perigo.

O que digo? Por toda parte onde vocês queiram que elas coloquem os pés delas, vocês devem colocar os seus.

Do sexo fraco vocês exigem a força. Como ambos experimentam as concupiscências da carne, cabe ao mais forte vencer primeiro.

No entanto, não é deplorável ver tantos homens derrotados pelas mulheres? Mulheres guardam a castidade que homens se recusam observar. Eles até mesmo colocam sua honra masculina em não observá-la, como se seu gênero só fosse mais forte para se deixar mais facilmente domar pelo inimigo.

Há uma luta, há um combate, há uma batalha. O homem é mais forte do que a mulher, da qual ele é a cabeça[294].

A mulher combate e triunfa e você sucumbe! O corpo permanece de pé, mas a cabeça caiu!

Quanto a vocês que não são ainda casados, mas que, no entanto, se aproximam da mesa do Senhor para ali comerem sua carne e beberem seu sangue, conservem-se para suas futuras esposas, se vocês querem conseguir uma. Elas não devem encontrá-los tal como vocês desejam encontrá-los? Qual é o rapaz que não deseja uma esposa casta, que não exige a integridade mais perfeita na virgem com a qual quer se unir?

Seja o que você quer que ela seja. Se você a deseja pura, seja puro. Você não consegue ser o que ela é capaz de ser? Se a virtude é impossível, como ela a pratica?

E, se ela a pratica, não é para ensinar a você que ela é praticável? É Deus, sem dúvida que a dirige para torná-lo

capaz disso.

Lembre-se, no entanto, que você terá mais glória do que ela. Por que mais glória? Porque ela é coagida pela vigilância dos pais dela, constrangida pelo pudor do seu sexo fraco, retida, enfim, por leis que você não tem que temer.

Aqui está porque você terá realmente mais glória em permanecer casto: a pureza será em você a prova de que você teme a Deus. Ela tem muito mais a temer, além de Deus.

Assim, Aquele que você teme é maior do que tudo. É preciso temê-lo em público e é preciso temê-lo em segredo.

Se você sai, ele o vê; se você entra, ele também o vê. Se sua lâmpada está acesa, ele o vê; se ela está apagada, ele o vê também. Ele o vê quando você entra em seu quarto e ele o vê também quando você reflete em seu coração.

Tema, tema esse olho que não perde você de vista e que o medo ao menos o mantenha casto. Ou então, se você está determinado a pecar, procure um lugar onde ele não o veja e faça lá o que você quer fazer.

03 – O voto de castidade.

Quanto a vocês que já fizeram o voto de pureza, castiguem mais severamente seus corpos e não deixem que a concupiscência chegue até mesmo ao que é permitido. Não se contentem em se abster de todo contato impuro; saibam rejeitar até mesmo um olhar lícito.

Qualquer que seja seu sexo, lembrem-se de que vocês levam nesta terra uma vida de anjos, já que os anjos não se casam. Depois da ressurreição seremos todos como eles[295]; mas, como vocês levam vantagem sobre os outros! Vocês que começaram a ser, antes da morte, o que eles só serão depois da ressurreição.

Sejam fiéis aos seus compromissos diversos, como Deus será fiel em glorificar vocês diversamente. Os mortos são comparados às estrelas no céu. Diz o Apóstolo: *Uma estrela difere da outra na claridade. Assim também é a ressurreição dos mortos*[296]. Um será o brilho da virgindade, outro o da castidade, outro ainda o brilho da viuvez santa.

A glória será diversa, mas todos os eleitos terão a sua. O esplendor não é o mesmo, mas o céu é comum.

04 – Todos devem perseverar no seu próprio estado.

Reflitam então em seus deveres. Sejam fiéis aos seus diversos compromissos e recebam a carne e o sangue do Senhor. Que não se aproxime deles quem não estiver com a consciência em bom estado.

Que minhas palavras levem vocês cada vez mais à contrição. Elas levam a alegria àqueles que sabem dar às suas esposas o que eles pedem delas e àqueles também que observam com perfeição a continência que eles devotaram a Deus.

Mas, há outros que se afligem ao me ouvirem dizer: “Não se aproxime do pão sagrado você que não está puro”.

Eu bem que gostaria de não precisar dizer isto; mas, que fazer? Terei medo das pessoas a ponto de não dizer a verdade?

Se aquele servo não teve medo do Senhor eu também não terei? Como se eu não soubesse o que foi dito a ele: *Servo mau e preguiçoso! Devias levar meu dinheiro ao banco e, à minha volta, eu receberia com os juros o que é meu*[297].

Ah! Eu levei, Senhor meu Deus! Sim, perante vós; perante vossos anjos; perante vosso povo, eu coloquei vossas riquezas para render, pois temo vossos julgamentos. Eu as apliquei, como vós exigis. Mesmo que não digais, vós o fareis.

Então, é melhor eu dizer isto: "Eu coloquei vossas riquezas para render. Cabe a vós converter, cabe a vós perdoar. Torne puros os que são impuros. Assim, no dia de vossas sentenças, estaremos todos na alegria; tanto aquele que deu, quanto aquele que recebeu".

Vocês querem isto, meus irmãos? Vocês querem? Ó impudicos, corrijam-se enquanto estão vivos. Eu posso muito bem anunciar as palavras de Deus, mas eu não posso livrar do julgamento e da condenação suprema os impuros que perseveraram em suas infâmias.

Sermão 133 - Jesus acusado de mentira.

Aproximava-se a festa dos judeus chamada dos Tabernáculos.
Seus irmãos disseram-lhe: "Parte daqui e vai para a Judeia, a fim de que também os teus discípulos vejam

as obras que fazes. Pois, quem deseja ser conhecido em público, não faz coisa alguma ocultamente. Já que fazes essas obras, revela-te ao mundo". Com efeito, nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele.
Disse-lhes Jesus: "O meu tempo ainda não chegou, mas para vós a hora é sempre favorável. O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me, porque eu testemunho contra ele que as suas obras são más. Subi vós para a festa. Quanto a mim, eu não irei, porque ainda não chegou o meu tempo".
Dito isto, permaneceu na Galileia. Mas quando os seus irmãos tinham subido, então subiu também ele à festa, não em público, mas despercebidamente[298].

Análise

Convidado por seus parentes a ir à festa dos tabernáculos, o Salvador respondeu: "Subi vós para a festa. Quanto a mim, eu não irei". Mas, quando seus irmãos se afastaram, ele se pôs a caminho.

A fala de Jesus não está aqui em contradição com seu comportamento? Não podemos ver aqui uma espécie de mentira?

Santo Agostinho expõe primeiro várias razões prejudiciais para afastar do Filho de Deus a acusação de mentira.

Primeiramente, ele questiona, é mentir prometer sinceramente uma coisa que não se pode cumprir? Diremos que o Senhor não conhecia então o futuro? Não podemos admitir que ele o ignorou e acreditar que ele mentiu? Você, acusador, quer que eu tenha fé em suas palavras e desconfie das palavras de Cristo? Por fim, ao tomar

literalmente a narrativa evangélica, você não está considerando o discípulo mais digno de fé do que o Mestre?

Por estes motivos, condene primeiro sua acusação. Depois, se você quiser compreender a verdade, observe que pediram ao Salvador que se expusesse, indo à festa dos tabernáculos. Como sua vida estaria em um perigo maior e sua hora ainda não havia chegado ainda, ele esperou que os peregrinos fossem mais numerosos e que ele mesmo estivesse ao abrigo de surpresas. Foi por isto que ele só se colocou a caminho depois da partida de sua família e seu comportamento não esteve, de forma alguma, em contradição com sua fala.

Poder-se-ia dizer também que ele falava então em nosso nome e para dizer que não devemos tomar parte nas solenidades judias.

01 – Exposição da leitura do Evangelho.

Nós nos propomos, com a ajuda do Senhor, examinar a passagem evangélica que foi lida por último. Nela está uma grave questão. Evitemos colocar a verdade em perigo e glorificar a mentira. Mas a verdade não pode perecer e nem a mentira triunfar.

No que consiste a questão? Vou lhes dizer em poucas palavras e, uma vez despertada a atenção de vocês, rezem para que possamos resolver o problema.

A cenopégia era uma festa dos judeus. Eles a comemoravam __ eu creio __ e eles ainda a comemoram hoje em dia na época que eles chamam de “as tendas”.

Então, de fato, eles erguiam tendas (*tabernaculi*). Tenda em grego é *skene* e *scenopegia* é construção de tendas.

Essa época era então uma festa entre os judeus e eles a chamavam simplesmente de “o dia da festa”. Isto não significa que a festa só durasse um dia, já que ela se estendia por vários dias consecutivos. É como dizemos o dia “a festa da Páscoa”, ou o dia ou “a festa dos ázimos”, embora estas festas, como sabemos, durem vários dias.

Essa festa então estava sendo celebrada na Judeia e o Senhor estava na Galileia, onde ele tinha crescido e onde estavam seus pais e seus próximos, chamados de seus irmãos, pela Escritura.

Como acabamos de ouvir, *seus irmãos disseram-lhe: “Parte daqui e vai para a Judeia, a fim de que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Pois, quem deseja ser conhecido em público não faz coisa alguma ocultamente. Já que fazes essas obras, revela-te ao mundo”*.

O Evangelista faz em seguida esta reflexão: *Com efeito, nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele*. E, por não acreditarem nele, lhe disseram estas palavras dolorosas.

Disse-lhes Jesus: “O meu tempo ainda não chegou, mas para vós a hora é sempre favorável. O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me, porque eu testemunho contra ele que as suas obras são más. Subi vós para a festa. Quanto a mim, eu não irei, porque ainda não chegou o meu tempo”. Dito isto, permaneceu na Galileia. Mas quando os seus irmãos tinham subido, então subiu também ele à festa, não em público, mas despercebidamente.

É disto que se trata nossa questão; o resto é claro.

02 – Cristo não mentiu nesta passagem.

O que é tratado então aqui? Onde está a dificuldade? Onde está o perigo? O que se teme é que se acuse de mentira o Senhor. Ou, para falar mais claramente, que se acuse a própria Verdade de mentir.

Admitir que ele mentiu é autorizar a mentira junto à fraqueza humana.

Ora, nós ouvimos esta acusação ser levantada contra ele e ela foi formulada assim: “Jesus disse que não iria à festa, mas ele foi”.

Então, examinemos primeiro, na medida em que o pouco tempo que dispomos permitir, se é mentir prometer fazer uma coisa e não fazê-la.

Por exemplo: eu digo a um amigo que o verei amanhã. Compromissos sérios me impedem de cumprir este compromisso. Eu não menti. Eu fui sincero ao fazer a promessa e, antes de surgirem os obstáculos maiores que me impediram de cumpri-la, eu não tinha a intenção de mentir. Faltaram-me condições para cumprir a promessa.

Vocês veem, me parece, que não foi preciso muito esforço. Bastou-me chamar a atenção da sabedoria de vocês, para lhes mostrar que não há mentira em prometer sem cumprir, quando surgem obstáculos maiores. Esses obstáculos impedem o cumprimento da promessa e não provam a mentira.

03 – Mentir é mais sério do que enganar-se.

Mas, dentre meus ouvintes, alguém questiona: “Podemos dizer que Cristo era incapaz de cumprir o que desejava ou que ignorava o futuro?”

Muito bem! Esta é uma excelente ideia e uma excelente abertura. Mas, meu amigo, entenda meu embaraço. Ousaremos acusar de mentiroso Aquele a quem não ousamos recusar a onipotência?

Eu, na verdade, na medida pelo menos que permite apreciar e julgar minha fraqueza, prefiro ver uma pessoa se enganar do que vê-la mentir sobre o que quer que seja. Pois, se o erro é uma fraqueza, a mentira é uma iniquidade.

Está escrito: *Fazeis perecer todos aqueles que mentem.* E, logo após: *a pessoa cruel e dolosa vos é abominável, ó Senhor*[299].

É preciso admitir que a iniquidade e a mentira têm a mesma gravidade ou que fazer perecer é mais grave do que ser abominável. De fato, a pena de morte não segue imediatamente o ódio.

Mas, deixemos de lado a questão de saber se algumas vezes é necessário mentir. Não vou examinar isto neste momento. Esta questão é obscura e possui uma infinidade de detalhes. Eu não posso explorar todos e nem penetrá-los profundamente. Aguardemos outro momento para abordá-la. Talvez a ajuda divina, sem a intermediação de minhas palavras, mostre a vocês a verdade claramente.

Compreendamos somente e distingamos bem o que eu quero examinar hoje e o que eu estou adiando. Algumas

vezes é preciso mentir? Isto é o que eu chamo de uma questão difícil e obscura e hoje eu a adio.

Cristo mentiu? A Verdade enunciou uma falsidade? Isto é o que eu proponho tratarmos hoje, determinados a isto pela leitura do Evangelho.

04 – Qual é a diferença entre enganar-se e mentir.

Digamos primeiro, em poucas palavras, que diferença há entre mentir e enganar-se.

Enganar-se é acreditar que é verdadeiro o que se diz; é dizer porque se acredita que é verdadeiro. Se o que se disse então era verdadeiro, não se enganou. Para não mentir, não basta que o que se diz seja verdadeiro; é preciso também que se saiba que é verdadeiro.

Enganar-se consiste então em acreditar que é verdadeiro aquilo que é falso e dizer somente porque acredita que é verdadeiro. Isto vem da fraqueza humana e não fere a consciência. Mas, avaliar uma coisa como falsa e dá-la como verdadeira, isto é mentir.

Entendam bem isto, meus irmãos. Façam esta distinção com cuidado, vocês que se alimentam no seio da Igreja e se instruem com as divinas Escrituras; vocês aos quais não faltam a educação, a distinção e nem a ciência, pois há, dentre vocês, mentes instruídas, mentes educadas, pessoas que não são mediocremente versadas em todo campo de saber.

Há também aqueles que não são versados nas artes liberais, mas que possuem uma vantagem maior. Foi o de terem sido criados no conhecimento da palavra de Deus.

Se tenho então que me esforçar para explicar meu pensamento, ajudem-me! Ajudem-me escutando com atenção e refletindo com prudência.

Mas, vocês não me ajudarão se não ajudarem a vocês mesmos. Por isso rezemos uns para os outros e juntos esperemos um socorro comum.

Então, enganar-se é acreditar que é verdadeiro o que se diz, embora seja falso. Mentir é afirmar que é verdadeiro o que se acredita que seja falso. Pouco importa, aliás, que o que se diz é verdadeiro ou falso.

Observem bem isto: sim, seja falso ou verdadeiro o que se diz, há mentira quando se apresenta algo como verdadeiro mesmo acreditando que seja falso, pois se tem então a intenção de enganar.

Do que adianta ao mentiroso que o que ele diz seja verdadeiro, já que ele acredita que é falso e o apresenta como verdadeiro? Sem dúvida que o que ele diz é verdadeiro, considerado propriamente. Mas, em seu espírito é uma falsidade e sua consciência desmente suas palavras. Ele dá como verdadeira uma coisa que ele acredita que seja falsa.

Esta pessoa não é simples, pois tem um coração duplo. Ela não diz o que pensa e há muito tempo o coração duplo é reprovado por Deus.

Uns não têm para com os outros senão palavras mentirosas; adulação na boca, duplicidade no coração[300].

Não bastava dizer: *duplicidade no coração*? Por que acrescentar: *adulação na boca*?

No que consiste a enganação? Em mostrar uma coisa diferente do que se fez. Quem tem *adulação na boca* não tem um coração simples e o coração não sendo simples se tem: *duplicidade no coração*. Duas coisas no coração; daí o coração duplo.

05 – Cristo não pode enganar e nem mentir.

Pensaremos então que Jesus Nosso Senhor mentiu? Se há menos mal em se enganar do que em mentir, ousaremos acusar de ter mentido Aquele que não ousamos acusar de se enganar?

Mas, ele não se engana e nem mente e é dele que se ouvem e que devem ser entendidas literalmente estas palavras escritas em algum lugar: “Nada de falso se diz ao rei e nada de falso sai da boca do rei”[301]. Se o rei mencionado aqui é um rei comum, certamente que, a este rei, devemos preferir Cristo, o Rei supremo.

Se, ao contrário, trata-se aqui de Cristo __ o que é mais plausível __ pois não se diz nada de falso a ele, já que ele não se engana e nada de falso sairá de sua boca, já que ele não mente, pesquisemos que sentido dar a esta passagem do Evangelho que estudamos e evitemos invocar uma autoridade celeste para cavar o abismo da mentira.

Não é repugnante procurar estabelecer a verdade com o propósito de dar crédito a uma mentira?

Você que me explica o texto evangélico, o que você pretende me ensinar? O que você quer me ensinar?

Você não ousaria, sem dúvida, responder: “Eu quero ensinar o que é falso”, pois, se você me desse esta resposta, imediatamente eu desviaria meus ouvidos, eu os fecharia com espinhos e se você quisesse forçar a entrada, eu me afastaria todo machucado, antes de ouvir sua explicação mentirosa do Evangelho.

Diga-me o que você quer me ensinar e a questão será resolvida. Diga-me, eu lhe peço. Estou aqui, com os ouvidos abertos e o coração preparado. Fale! O que você vai dizer? Sem desvios. O que você vai me ensinar?

Qualquer que seja a doutrina que você queira expor publicamente, quaisquer que sejam as provas que você invoque em seu apoio, diga-me somente isto, responda a esta questão: você quer ensinar-me a verdade ou a mentira?

O que ele vai responder para me impedir de me afastar, de deixá-lo sem hesitação, no mesmo instante em que ele abre a boca e procura falar comigo?

Ele não prometerá me dizer a verdade? Eu o escuto então, fico imóvel, espero e espero com a maior atenção.

E esse homem que promete me dizer a verdade ousa acusar Cristo de mentira?

Como ele dirá a verdade se ele representa Cristo como um mentiroso?

Se Cristo mente, eu posso esperar que você não minta?

06 – Da própria verdade do Evangelho se reivindica a verdade em Cristo.

Outra observação. O que diz meu adversário?

“Que Cristo mentiu?”

Como mentiu?

“Dizendo que não iria à festa, mas indo”.

Eu gostaria primeiro de examinar esta passagem. Talvez eu descubra que Cristo não mentiu.

Estou mesmo seguro de que Cristo não mentiu e, ao examinar suas palavras, chegarei a compreendê-las ou então, se não compreendê-las, prometo retornar a ela mais tarde. Mas, jamais direi que Cristo mentiu.

Sim, eu não as compreendo. Eu admito minha ignorância. Junto com a piedade, ela é preferível à presunção tola.

Tentemos, no entanto, nos aprofundar nesta passagem. É possível que, ajudados por Aquele que é a própria Verdade, descubramos aí alguma luz que nos edifique. O que descobrirmos não pode ser uma mentira emanada da Verdade e, se virmos aí uma mentira, podemos estar seguros de que não vemos nada.

Quando então você acha que Cristo mentiu?

“Quando ele disse que não iria à festa, mas foi”.

Onde você ficou sabendo que ele disse isto? E se fosse eu que dissesse isto. Ou melhor, se outra pessoa que não eu dissesse isto, pois Deus não queira que eu diga isto!

Que Cristo não tenha falado isso. Como você refutaria isto? Como lhe demonstraria seu erro? Você abriria o livro santo, procuraria a página, mostraria a essa pessoa.

Ou então, para vencer suas resistências, você lhe daria orgulhosa e bruscamente o livro sagrado, lhe dizendo: “Tome! Olhe e leia! Aí está o Evangelho!”

Quanto a mim, eu peço a você: não coloque tanta animosidade nisto, tanta indignação. Fale com calma. Diga em tom baixo: “Aqui está o Evangelho. Examinemos”.

Você diz ao seu adversário: “Aqui está o Evangelho. Atribua a Cristo o que você nega”.

“Porque o Evangelho diz, você acreditará?”

Sem dúvida. Eu me admiro que você, estranhamente, acredite que Cristo seja culpado de mentira e não o Evangelho.

Mas, por Evangelho não entenda o livro, nem o pergaminho e nem a tinta. Recorra à etimologia grega. Evangelho significa bom mensageiro ou boa nova.

Assim, esse bom mensageiro não mente; e Aquele que o envia?

Responda: esse mensageiro, esse evangelista e, para dizer seu nome, esse escrivão sagrado chamado João, mentiu ou disse a verdade, ao falar aqui de Cristo?

Admita o que quiser; eu estou igualmente pronto para ouvi-lo. Se João mentiu, você não pode mais provar que Cristo teve essa linguagem que é atribuída a ele. E, se ele disse a verdade, como a verdade pôde jorrar de uma fonte mentirosa? Que fonte é essa?

Cristo mesmo, do qual João não passa de um pequeno riacho. Esse riacho corre rumo a mim e você me diz: “Beba com toda segurança”. Mesmo me fazendo temer a fonte, mesmo pretendendo me mostrar uma mentira nela, você repete: “Beba com toda segurança”?

E o que eu beberei? O que disse João?

“Que Cristo mentiu”.

E quem enviou João?

“Cristo”.

Oras! O mensageiro diz a verdade, mas Aquele que o enviou é mentiroso?

Eu li expressamente no Evangelho: *Um dos discípulos, a quem Jesus amava, estava à mesa, reclinado ao peito de Jesus*[302].

Sem dúvida ele bebia ali a verdade; mas que verdade ele bebia? O que ele bebeu ali, se não foi o que ele nos fez ouvir:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida e a vida era a luz dos seres humanos. A luz resplandeceu nas trevas e as trevas não a compreenderam.

A luz resplandece e, se meus olhos ainda estão na obscuridade, se não posso compreender perfeitamente, nem por isso ela resplandece menos.

Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da

luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz[303].

"Quem não era a luz?"

João.

"Qual João?"

João Batista, pois é dele que João Evangelista diz que: *Não era ele a luz*, enquanto o Senhor diz, pelo contrário, que: *João era uma lâmpada que arde e ilumina*[304].

Mas, uma chama pode se acender e se apagar. Não há aqui uma distinção? Onde encontrá-la?

Nestas palavras: Aquele sobre o qual a chama dava testemunho é que *era a verdadeira luz*[305].

E você procura a mentira no que João chama de *a verdadeira luz*?

Escute também o mesmo evangelista nos dizer novamente o que ele viu.

Vimos sua glória, ele clama.

O que ele viu? Que glória ele viu?

A glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade[306].

Veja agora; veja se não devemos sufocar discussões levantadas pela fraqueza ou pela imprudência; se não devemos deixar de atribuir qualquer mentira à Verdade e nos apressarmos para dar ao Senhor o que lhe é devido?

Ah! Para bebermos com segurança, vamos dar graças Àquele que é a fonte do verdadeiro.

Deus há de ser reconhecido como veraz e todo ser humano como mentiroso[307].

Isto quer dizer que o coração de Deus está pleno e o do ser humano está vazio. Para encher então seu coração, que o ser humano se aproxime de Deus.

Aproxime-se dele e ilumine-se[308].

Ah! Se o coração do ser humano está vazio, porque a Verdade não está nele, não é justo que ele procure enchê-lo, que ele corra para a fonte com pressa e avidez?

Ele tem sede e quer beber, mas você, o que você lhe diz? Para desconfiar dessa fonte, porque dela jorra a mentira. Isto não é o mesmo que dizer que ela está envenenada?

07 – A solução do problema.

Você retoma: “Basta! Estou repreendido, estou castigado. Mostre-me, enfim, como não há mentira em dizer que não se vai a uma festa e ir”.

Eu o farei, se puder. Reconheça, no entanto, que, se ainda não lhe mostrei a verdade, foi para lhe prestar um pequeno favor, preservando-o de qualquer julgamento imprudente.

Falemos, mas, se você se lembra das palavras que citei, eu só farei expressar o que você, certamente, já compreendeu. A resposta da questão está no próprio texto.

Efetivamente, a festa duraria vários dias e o Salvador quis dar a entender que não iria à festa no próprio dia em que seus parentes gostariam que ele fosse, mas no dia em que ele mesmo se dispôs a ir.

Assim, pense no que se segue: *Dito isto, permaneceu na Galileia*.

Naquele dia então, ele não foi à festa. Seus irmãos queriam que ele fosse logo para lá e, assim, lhe disseram: *Parte daqui e vai para a Judeia*.

Eles não disseram: “Partamos daqui”, como se eles tivessem que acompanhá-lo. Nem disseram também: “Siga-nos para a Judeia”, como se eles quisessem ir à frente. Eles queriam somente que Jesus os precedesse.

Ele, pelo contrário, queria que eles fossem antes dele e, não cedendo aos seus desejos, ele tinha o propósito de esconder sua divindade e revelar a fraqueza de sua natureza humana, como ele fez ao fugir para o Egito[309].

Isto não foi, da parte dele, uma prova de impotência; foi uma medida de prudência traçada pela própria Verdade. Jesus, de fato, ensinava, com seu exemplo, aos seus discípulos, a não dizerem, quando é necessário fugir: “Não fugirei, porque seria vergonhoso”.

De fato, mais tarde ele diria aos seus discípulos: *Se vos perseguirem numa cidade, fugi para uma outra*[310] e ele mesmo deu o exemplo. Ele foi preso quando quis e, quando quis, ele nasceu.

Para evitar que seus inimigos fossem prevenidos por seus parentes; para evitar que eles anunciassem sua chegada e impedir assim que lhe fossem armadas armadilhas, ele disse: *Eu não irei, porque ainda não chegou o meu tempo*.

Eu não irei. Isto foi para esconder sua ida.

Ainda não chegou o meu tempo. Isto foi para evitar a mentira.

Assim, ele diz uma coisa, afasta outra e adia uma terceira. Mas, ele não diz nada de falso. Nenhuma mentira sai de sua boca.

Depois disto e *quando os seus irmãos tinham subido*. É o Evangelho quem fala; escute! Leia esta passagem que você usava como arma contra nós. Pense se a solução não está no próprio texto e se eu tirei minha resposta de outro lugar.

Então, para impedir que seus irmãos anunciassem sua chegada, o Senhor esperou que seus parentes partissem primeiro.

Quando os seus irmãos tinham subido, então subiu também ele à festa, não em público, mas despercebidamente.

Por que *despercebidamente*? O Senhor age *despercebidamente*? Por que *despercebidamente*?

Não era realmente *despercebidamente*. Não, ele não procurava verdadeiramente se esconder, já que dependia dele não ser percebido quando ele queria. Ao se esconder desta maneira, ele só queria, repito, servir de modelo à fraqueza de seus discípulos, que não tinham o poder de se livrar quando não queriam ser presos e lhes ensinar a desconfiar das armadilhas de seus inimigos.

Assim, logo em seguida ele se mostrou em público. Ele até mesmo ensinou no meio do templo e muitos disseram:

Não é este aquele a quem procuram tirar a vida? Todavia, ei-lo que fala em público e não lhe dizem coisa alguma[311].

08 – Outra solução.

Agora, consideremos nós mesmos. Pensemos que somos seu corpo e que ele somos nós. Se, de fato, não formamos com ele uma só pessoa, poderia ele dizer: *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*[312]?

Poderia ele dizer também: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*[313]

Desta forma, ele somos nós, pois somos seus membros, somos seu corpo, ele é nossa cabeça[314] e Cristo inteiro compreende o corpo e a Cabeça.

Não se poderia dizer também que ele nos tinha em vista e que, ao dizer: "*eu não irei* à festa", ele queria dizer que nós não celebraríamos as festas dos judeus?

Assim, nem Cristo e nem o evangelista mentiram e se fosse preciso reconhecer alguma mentira em um deles, o evangelista me perdoaria por não acreditar que ele seja mais verdadeiro do que a própria Verdade e por não preferir o enviado Àquele que o enviou. Mas, graças a Deus, o que estava obscuro agora está claro, eu creio. Que sua piedade me ajude junto a Deus.

Resolvi como pude a questão relativa a Cristo e o evangelista.

Comigo, meu amigo, agarre-se à Verdade e abrace o amor sem contestar mais.

Sermão 134 - A verdadeira liberdade.

Jesus dizia aos judeus que nele acreditaram: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos livrará”.
Replicaram-lhe: “Somos descendentes de Abraão e jamais fomos escravos de alguém. Como dizes tu: ‘Sereis livres?’”
Respondeu Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que se entrega ao pecado é seu escravo[315].

Análise

Àqueles que se interessam por sua palavra, Jesus promete a verdadeira liberdade, a libertação do jugo do demônio e da tirania do pecado.

Tendo o demônio, de fato, levado à morte o Salvador, sem ter sobre ele nenhum direito, mereceu perder os direitos que o pecado dera a ele sobre nós e Jesus Cristo conquistou, ao se submeter à morte, o direito de tornar livres todos aqueles que se ligam a ele.

01 – O mestre de todos é Cristo.

Suas caridades não ignoram que todos nós temos um único e mesmo Mestre e que, sob sua autoridade, somos todos condiscípulos. Por dirigirmos a vocês a palavra de uma posição mais elevada, nem por isso somos mestres de vocês. O Mestre de todos nós é Aquele que mora em cada um de nós.

É ele que acaba de nos falar através do Evangelho. Ele nos disse ali o que vou repetir, pois éramos nós a questão ali e ele me disse, como a vocês: *Se permanecerdes na minha palavra*. Não na palavra de quem está pregando a vocês neste momento, a minha palavra, mas na dele, a palavra Daquele que acaba de nos ensinar no Evangelho.

Ele disse: *Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos*.

Para ser um discípulo, não basta ouvir a palavra do Mestre; é preciso permanecer nela. Assim, o Salvador não disse: “Se ouvires minha palavra, se procurardes recolhê-la, se a aplaudirdes”, mas, observem bem: *Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos livrará*.

Que observação fazer aqui, meus irmãos? É difícil ou não permanecer na palavra de Deus? Se for difícil, considere a grandeza da recompensa e, se não for, a recompensa lhe é concedida gratuitamente.

Ah! Permaneçamos Naquele que permanece em nós! Não permanecer nele, para nós é cair e, para ele, se ele não permanecer em nós, nem por isso ele fica sem um lar, pois, ele sabe permanecer nele mesmo, já que ele jamais sai dele mesmo.

O ser humano, pelo contrário, depois de ter se perdido, deve evitar permanecer em si mesmo e se é a necessidade que nos leva a permanecer nele, ele, por outro lado, é determinado pela compaixão a permanecer em nós.

02 – O prêmio de quem permanece fiel à palavra de Cristo.

Agora que ele nos mostrou o que devemos fazer, examinemos que recompensa nos é oferecida, pois, se Jesus ordenou, ele também prometeu.

O que ele ordenou? *Se permanecerdes na minha palavra*, ele disse. É pouca coisa; pouca coisa dita, mas muito para fazer.

Se permanecerdes na minha palavra. O que significa *Se permanecerdes*? Se construirdes sobre a rocha.

Ó meus irmãos! O que há de mais importante do que construir sobre a rocha?

Aquele que ouve minhas palavras e as põe em prática é semelhante a uma pessoa prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa. Ela, porém, não caiu, por que estava edificada na rocha[316].

O que é então permanecer na palavra de Deus, se não é não ceder diante de nenhuma tentação?

E que recompensa se receberá por isso? *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*.

Tenham compaixão de mim, porque, como percebem, minha voz está fraca.

Conhecereis a verdade e a verdade vos livrará. Que recompensa!

Mas, podem questionar: “Do que me serve conhecer a verdade?”

A verdade vos livrará. Se você não ama a verdade, ame pelo menos a liberdade.

O verbo *livrar*, em nossa língua, pode ser entendido de duas maneiras. Ele é tomado mais costumeiramente para dizer que se salvou algo do perigo, que se tiroi algo de um

problema. Mas, em seu sentido próprio, *livrar* significa tornar livre.

O que é salvar, se não é assegurar a salvação? O que é curar, se não é devolver a saúde? Assim, livrar significa tornar livre e aí está porque eu disse: “Se você não ama a verdade, ame pelo menos a liberdade”.

Este termo em grego expressa este sentido mais claramente ainda e não se pode entendê-lo de outra forma. O que prova isto é que os judeus replicaram ao Senhor: “*Jamais fomos escravos de alguém. Como dizes tu: ‘Sereis livres?’* Como é que você diz: *‘A verdade vos livrará’*? Como é que você diz isto, se jamais fomos escravos de alguém? Você sabe que não nos sujeitamos à nenhuma escravidão. Como então você nos promete a liberdade?”

03 – A escravidão do pecado.

Eles ouviram bem, mas agiram mal.

O que eles ouviram? “Eu disse: *A verdade vos livrará* e, considerando que vocês não são escravos de ninguém, vocês clamaram: *Jamais fomos escravos*. Mas, *todo aquele*, judeu ou gentio, rico ou pobre, pessoa comum ou pessoa pública, imperador ou mendigo, *todo aquele que se entrega ao pecado é seu escravo*”.

Sim, *todo aquele que se entrega ao pecado é seu escravo* e, se esta escravidão for reconhecida, será concedida, a quem pedir, a liberdade.

Uma pessoa livre é capturada pelos bárbaros e, de livre que era, se torna escrava. Um rico compassivo fica sabendo

e, considerando que tem dinheiro, resolve resgatar essa pessoa. Ele vai até os bárbaros, lhes dá dinheiro e resgata a pessoa.

Mas, libertá-la completamente seria livrá-la do pecado. Quem faz esta libertação? É uma pessoa que liberta outra pessoa?

Essa pessoa que imaginamos sob o jugo dos bárbaros foi resgatada por seu benfeitor e há entre ambos uma grande diferença. É possível, no entanto, que ambos sejam igualmente escravos da iniquidade.

Eu pergunto ao escravo resgatado: “Você tem algum pecado?”

“Tenho”, ele responde.

E você, redentor, você também tem?

“Também tenho”, ele diz.

Então, não se vangloriem. Nem um e nem o outro. Nem você que foi resgatado e nem você que resgatou. Corram ambos ao verdadeiro Libertador!

Não é suficiente chamar de escravos aqueles que estão sujeitos ao pecado; eles são mortos! A iniquidade fez contra eles o que eles temiam do cativeiro.

Se eles parecem vivos, não se conclui que o Salvador teve razão em dizer: *Deixe que os mortos enterrem seus mortos*[317].

Assim, todos aqueles que estão em estado de pecado estão mortos; são escravos mortos. Eles estão mortos porque são escravos e são escravos porque estão mortos.

04 – Somente Cristo liberta da escravidão do pecado e da morte.

Quem pode livrar da morte e da escravidão, se não é Aquele que permaneceu livre dentre os mortos; Aquele que permaneceu sem pecado no meio dos pecadores?

Vem o príncipe deste mundo, diz nosso Redentor, nosso Libertador. *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[318].

Esse príncipe mantém cativos aqueles que ele enganou, aqueles que ele seduziu, aqueles que ele levou ao pecado e à morte. *Mas ele não tem nada em mim*.

Venha, Senhor! Venha, ó Redentor! Seja reconhecido pelo escravo e que, diante de vós, o tirano fuja. Ah! Seja meu Libertador!

Eu estava perdido quando encontrei Aquele em quem o demônio não encontrou obras da carne. O príncipe deste mundo bem que encontrou carne nele; mas, que carne? Uma carne mortal que ele podia pegar, crucificar e levar à morte.

Mas, afaste-se, ó sedutor! No Redentor não há nenhuma falta. Você está enganado.

Você vê no Senhor uma carne mortal, mas não é uma carne de pecado; ela é só parecida, pois, Deus enviou *o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado*. Era uma carne verdadeira, uma carne mortal, mas não uma carne de pecado.

Sim, Deus, *enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado,*

condenou o pecado na carne.

Sim, Deus enviou *o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado*. Era mesmo uma carne, mas não uma carne de pecado. Era somente *uma carne semelhante à do pecado*.

Mas, por quê?

Para *condenar o pecado na carne*, que, no entanto não existia nele. *A fim de que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que vivemos não segundo a carne, mas segundo o espírito*[319].

05 – Os pecados e os sacrifícios pelos pecados.

Se, portanto, Cristo tinha, não uma carne de pecado, mas uma carne semelhante a uma carne de pecado, como ele pôde *condenar o pecado na carne*, pelo próprio pecado?

Costumeiramente damos a uma imagem o nome do que ela representa. Sabemos o que é chamado de uma pessoa, em seu sentido próprio. Mas, se perguntarmos o que é aquilo que está pintado na muralha, vão nos responder que é uma pessoa.

Da mesma forma, o Apóstolo chama de pecado a carne que se parece com uma carne de pecado e que deve ser sacrificada para apagar o pecado.

O mesmo Apóstolo diz, em outra passagem: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós*[320].

Aquele que não conheceu o pecado. Quem é este, se não é Aquele que disse: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[321]?

Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós. Sim, é o próprio Cristo; o Cristo estranho ao pecado, que *Deus fez pecado por nós*.

O que significa isto, meus irmãos?

Se tivesse sido dito: “Deu pecou contra ele” ou “Deus o fez cair no pecado”, a coisa pareceria intolerável. Como então suportamos estas palavras: *Deus o fez pecado por nós*?

Cristo é o próprio pecado?

Aqueles que conhecem os livros do Antigo Testamento compreendem esta linguagem. Não é raro, de fato, e acontece mesmo muito frequentemente de ali os pecados significarem os sacrifícios oferecidos para apagar os pecados.

Oferecia-se, por exemplo, um bode, uma ovelha, qualquer outra coisa para representar o pecado. A vítima, fosse ela qual fosse, era chamada de pecado e o pecado era tomado no sentido de sacrifício pelo pecado. Assim, a Lei dizia que o sacerdote *porá a mão sobre a cabeça da vítima oferecida pelo pecado*[322].

Consequentemente, as palavras do Apóstolo: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós* querem dizer que o Salvador se fez vítima por nossos pecados.

O pecado se ofereceu e o pecado foi apagado. O sangue do Redentor correu e terminaram as obrigações do devedor.

Este sangue não foi aquele que foi derramado pela remissão dos pecados?

06 – Conclusão.

Por que então, meu tirano, essa alegria insensata com a visão da carne mortal que revestia meu Libertador? Veja se ele é culpado e, se você encontrar nele alguma coisa que lhe pertença, prenda-o.

O Verbo se fez carne[323]. Quem diz Verbo diz Criador e quem diz carne diz criatura.

O que há aqui que lhe pertença, ó cruel inimigo? O Verbo é Deus. Sua alma humana, sua carne e mesmo sua carne mortal, são criaturas de Deus. Procure aí o pecado.

Mas, por que procurar? A própria Verdade disse: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[324]. Não é a carne que ele não encontrará; é seu bem: o pecado.

Você seduziu inocentes e os fez culpados. Mas, você também levou à morte o Inocente. Você o levou à morte sem ter nenhum direito sobre ele. Devolva então o que estava em sua posse.

Por que você se vangloriou no momento em que descobriu a carne mortal em Cristo? Isto era uma armadilha para você e o que fez sua alegria fez sua perdição. Você se empolgou ao encontrá-la, mas agora lamenta por ter perdido tudo.

Quanto a nós, meus irmãos; nós, que acreditamos em Cristo, permaneçamos em sua palavra. Ao permanecermos nela, seremos verdadeiramente seus discípulos, pois, não existem somente os doze Apóstolos como discípulos; há também todos aqueles que permanecem em sua palavra.

Desta forma, conheceremos a Verdade e a Verdade, ou seja, Cristo, o Filho de Deus, disse: *Eu sou a Verdade*[325]. A Verdade nos livrará. Ela nos tornará livres. Ela nos libertará, não do jugo dos bárbaros, mas da tirania do demônio. Não do cativeiro que pesa sobre o corpo, mas da iniquidade que acorrenta a alma. Somente ela, aliás, pode nos propiciar essa liberdade.

Que ninguém então se acredite livre, se não quiser permanecer escravo. Mas nossa alma não permanecerá na escravidão, pois diariamente a Verdade perdoa nossas ofensas.

Sermão 135 - O cego de nascença I.

Caminhando, viu Jesus um cego de nascença. Os seus discípulos indagaram dele: “Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem este pecou nem seus pais, mas é necessário que nele se manifestem as obras de Deus. Enquanto for dia, cumpre-me executar as obras daquele que me enviou. Virá a noite, na qual já ninguém pode trabalhar. Por isso, enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”.
Dito isso, cuspiu no chão, fez um pouco de lodo com a saliva e com o lodo ungiu os olhos do cego. Depois lhe disse: “Vai, lava-te na piscina de Siloé (esta palavra

significa enviado). O cego foi, lavou-se e voltou vendo”[326].
“O que é de admirar em tudo isso é que não saibais de onde ele é e, entretanto ele me abriu os olhos. Sabemos, porém, que Deus não ouve a pecadores, mas atende a quem lhe presta culto e faz a sua vontade. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse homem não fosse de Deus, não poderia fazer nada”[327].

Análise

Este sermão é a solução de duas dificuldades levantadas perante Santo Agostinho sobre a história do cego de nascença.

Jesus Cristo, ao dizer então que ele era obrigado a fazer as obras de seu Pai, não provou que ele é inferior ao seu Pai? Não, pois outros textos provam claramente que as obras e a natureza do Pai são também as obras e a natureza do Filho.

É verdade, como diz o cego de nascença e, em um sentido absoluto, que Deus não ouve os pecadores? Não, pois, fosse assim, ninguém deveria rezar, pois todos, até mesmo os mais santos têm faltas dignas de serem censuradas e se pede perdão para elas rezando.

01 – Todos são cegos de nascença.

A leitura do santo Evangelho acaba de nos lembrar que o Senhor Jesus abriu os olhos de um cego de nascença. Se pensarmos, meus irmãos, no castigo que herdamos, o

mundo inteiro é esse cego e se Cristo veio lhe devolver a visão, foi porque o demônio o havia cegado. Ao enganar o primeiro ser humano, ele fez de todos nós cegos de nascença.

Corramos então Àquele que nos devolverá a visão! Corramos, acreditemos, recebamos em nossos olhos a lama feita com sua saliva. A saliva não é como o próprio Verbo e, a terra, como sua carne?

Lavemos o rosto na piscina de Siloé. O que significa Siloé? O próprio evangelista nos diz: Siloé, segundo ele, *significa enviado*.

E que *enviado* é este, se não é Aquele que disse em nosso Evangelho: *Cumpre-me executar as obras daquele que me enviou*?

Aí está o verdadeiro Siloé! Lave nele sua face, receba seu batismo, recupere a luz e passe a enxergar, você que não enxergava até então.

02 – Uma passagem interpretada erroneamente.

Mas, primeiro abra os olhos a estas palavras: *cumpre-me executar as obras daquele que me enviou*.

Eis que surge um ariano e diz: “Observe bem que Cristo não faz suas próprias obras, mas as obras do Pai que o enviou”.

Este ariano não falaria assim se ele enxergasse claramente; se ele lavasse o rosto em Siloé, Naquele que foi enviado.

O que você diz então, ariano?

“É ele mesmo quem diz”, ele responde.

O que ele afirma?

Cumpre-me executar as obras daquele que me enviou.

Então, não são as obras dele?

“Sem dúvida”.

Por que então; por que esse Siloé, esse enviado, esse Filho de Deus, esse Filho Unigênito que você olha com dor, como um filho degenerado, por que ele disse: *Tudo o que o Pai possui é meu*[328]?

Você afirma que ele não fazia suas próprias obras, porque ele se apresentou como fazendo *as obras daquele que* o *enviou*. Eu poderia replicar isto me apoiando nos princípios de que o Pai possuía os bens do outro. Como você provaria, todavia, que as palavras *Cumpre-me executar as obras daquele que me enviou* indicam que essas obras não eram, ao mesmo tempo, as de Cristo?

03 – O Pai e o Filho executam as mesmas obras.

Eu apelo a vós, Senhor Jesus! Decida esta questão! Acabe com esta disputa!

O Salvador responde: *Tudo o que o Pai possui é meu*.

Se é seu, posso concluir então que não é do seu Pai?

Jesus não disse: “Meu Pai me deu tudo o que ele possui”. Todavia, falar assim só provaria sua igualdade com o Pai.

Ele disse: *Tudo o que o Pai possui é meu*. Como explicar isto?

No sentido de que tudo o que é do Pai é do Filho e tudo o que é do Filho é do Pai.

Veja, de fato, o que ele diz em outra passagem: *Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu*[329].

Assim, com relação ao que possuem o Pai e o Filho, a questão está resolvida: eles possuem pacificamente tudo em comum. Por que provocar mais debates?

Quanto às obras do Pai, o Filho diz também que elas são suas obras. Elas são suas, pois elas são do Pai, a quem ele disse: *Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu*. Não se conclui disto, de fato, que "minhas obras são suas e as suas são minhas"?

Em outra passagem, ele também diz; ele, o próprio Senhor, o Filho, o Filho Unigênito de Deus, a Verdade Suprema. O que ele disse então? *Tudo o que o Pai faz, o faz também, semelhantemente, o Filho*[330].

Que raio de luz! Que verdade! Que igualdade!

Não bastaria dizer: *Tudo o que o Pai faz, o Filho faz também*?

"Não. Eu acrescento: *também, semelhantemente*".

Por que acrescentar: *também, semelhantemente*?

Por que há mentes pouco inteligentes, que caminham sem ter os olhos abertos e que gostam de repetir que o Pai age ordenando e o Filho age obedecendo, concluindo que um não age como o outro.

Mas as palavras *também, semelhantemente* indicam que um age como o outro e que um faz o que o outro faz.

04 – O Filho de Deus é da mesma substância do Pai e, como ele, eterno.

“No entanto, o Pai ordena o Filho agir”, insistem.

Que ideia carnal! Pois bem! Sem prejudicar os direitos da verdade, eu aceito.

O Pai então ordena e o Filho obedece. Entende-se então que o Filho que obedece não é da mesma natureza que o Pai que ordena?

Suponhamos duas pessoas: um pai e um filho. Um ordena e é um ser humano. O outro obedece e é também um ser humano. Ambos têm uma só e mesma natureza. Aquele que ordena não comunicou, na concepção, sua natureza ao seu filho? E aquele que obedece, ao obedecer, perdeu essa natureza?

Provisoriamente então, considere como dois seres humanos o Pai que ordena e o Filho que obedece, sem esquecer, no entanto, que ambos são Deus. Mas, há a diferença de que os dois seres humanos são realmente dois seres humanos, enquanto que o Pai e o Filho formam juntos um só Deus, o que é uma propriedade maravilhosa e totalmente divina.

Você quer então que eu atribua, como você, a obediência ao Filho?

Admita primeiro, como eu, que ele é de mesma natureza que seu Pai. O Pai gerou outro ele mesmo: seu

Filho. Não fosse assim, ele não seria seu Filho verdadeiro.

O Pai lhe disse: *Desde o ventre, eu te gerei antes da aurora*[331].

“O que quer dizer: *antes da aurora*?”

Antes da aurora quer dizer antes do tempo e, por consequência, antes de tudo o que precedeu o que quer que seja; antes de tudo o que não existe ainda e antes de tudo o que já existe.

Assim, o Evangelho não diz: “No princípio Deus fez o Verbo”, como é dito em outro lugar: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[332].

Ele não diz também: “No princípio nasceu o Verbo” e nem: “No princípio Deus o gerou”.

“O que ele diz, então?”

Era, estava, era. Com estes verbos, ele era, eu creio.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus[333].

A cada repetição destes verbos, está afastada toda ideia de tempo, pois ele era sempre. Assim, então, como Deus sempre foi e sempre foi com seu Filho, como também ele pode gerar fora do tempo, foi ele que disse ao seu filho: *Desde o ventre, eu te gerei antes da aurora*.

“O que significa: *Desde o ventre*? Deus teria um ventre? Daremos a ele uma forma e membros físicos?”

De forma alguma. Se ele disse: *Desde o ventre*, não foi para nos dizer que ele gerou de sua própria substância? Seu ventre produziu assim outro ele mesmo. Entendido

que, se o Filho fosse de natureza diferente da de seu Pai, ele não seria seu Filho, mas um verdadeiro monstro.

05 – Assim como o Filho faz as obras do Pai, o Pai faz as obras do Filho.

Neste sentido então, o Filho pode realizar as obras Daquele que o enviou e o Pai, as obras do Filho.

Sim, o Pai quer e o Filho executa. Não posso mostrar também que o Filho quer e o Pai realiza?

“Como você vai mostrar isto?”, você questiona.

Aqui está. *Pai, quero*. Eu não poderia também acusar o Filho de querer e o Pai de executar?

O que você quer, Senhor? *Pai, quero que, onde eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste*[334].

Aqui estamos nós tirados do perigo. Estaremos então onde ele estiver. Sim, estaremos lá. Quem pode anular este querer do Onipotente?

Depois de ter constatado a vontade do seu poder, constate agora o poder de sua vontade.

Ele diz: *Da mesma forma como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer*[335].

A quem ele quer. Não diga então que o Filho vivifica aqueles que o Pai lhe ordena vivificar. *O Filho dá vida a quem ele quer*. Por consequência, aqueles que o Pai quer como ele, pois, sendo o poder o mesmo, a vontade também é a mesma.

Desta forma, não tenhamos o coração cego e reconheçamos no Pai e no Filho uma só e mesma natureza, pois o Pai é verdadeiramente o Pai e o Filho verdadeiramente o Filho. O Pai gerou outro ele mesmo, pois o Filho não é um Filho degenerado.

06 – As orações dos pecadores também são ouvidas.

Há, nas palavras do cego de nascença algo que pode inquietar e, talvez mesmo, levar ao desespero, se não forem bem compreendidas. Depois de ter recuperado a visão ele diz, entre outras coisas: *Sabemos, porém, que Deus não ouve a pecadores*.

Oras! O que seria de nós de Deus não ouvisse os pecadores?

Se Deus não ouvisse os pecadores, ousaríamos rezar?

Pois bem! Mostre-me alguém que reze e eu mostrarei que ele é ouvido. Mostre-me alguém que reze. Examine o gênero humano. Vá dos imperfeitos aos perfeitos, da primavera ao verão, pois acabamos de cantar: *Vós estabelecestes o inverno e o verão*[336]. Ou seja: "Sois vós que fizestes as pessoas que já são espirituais e aquelas que ainda são carnais", pois o Filho de Deus também disse: *Cada uma de minhas imperfeições vossos olhos viram*. Eles viram o que há de imperfeito em mim.

Prossigamos. Aqueles que são imperfeitos podem esperar alguma coisa? Seguramente, pois lemos em seguida: *e todas elas foram escritas em vosso livro*[337].

Talvez acreditemos, meus irmãos, que os espirituais rezem e sejam ouvidos porque eles não são pecadores. O que seria então dos que ainda são carnais? O que seria então? Eles estariam perdidos? Eles não devem mais rezar ao Senhor?

Longe de nós este pensamento!

Lembremo-nos do publicano do Evangelho.

Venha, publicano! Venha para junto de nós, para impedir que os fracos percam toda a esperança. Mostre-nos a esperança que sustentou você.

Aquele publicano subiu ao templo, para ali rezar com o fariseu. Ele prostrou seu rosto contra a terra, ficou afastado do santuário e bateu no peito, dizendo: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*[338] Depois disto, ele voltou justificado, muito mais do que o fariseu.

Ao clamar: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*, o que ele disse era verdade; ele era um pecador. No entanto, nem por isso ele deixou de ser ouvido e ser justificado.

Como então você pôde dizer, você, cujos olhos foram abertos pelo Senhor: *Sabemos que Deus não ouve a pecadores*? Acabamos de ver aqui que ele os ouve.

Lave então sua alma. Faça para o seu coração o que você fez para seus olhos e você reconhecerá que Deus ouve os pecadores. Você está enganado por uma imaginação fútil. Você ainda não está curado completamente.

Esse cego tinha sido expulso da Sinagoga. Jesus soube disso, foi até ele e lhe perguntou: *Crês no Filho do Homem?*

Respondeu ele: "Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?"

Ele enxergava então, mas não via. Ele via com os olhos, mas não com o coração.

Disse-lhe Jesus: "Tu o vês; é o mesmo que fala contigo!"

"Creio, Senhor", disse ele. E, prostrando-se, o adorou.

Agora sim, seu olho do coração estava purificado.

07 – Ninguém é sem pecado neste mundo.

Pecadores, dediquem-se então a rezar! Confessem seus pecados, rezem para apagá-los, rezem para diminuir o número deles, rezem para conseguir que eles desapareçam, na medida em que vocês progridem. Não se desesperem e rezem, mesmo pecadores que são.

Infelizmente, quem é que não tem pecado?

Comecemos pelos sacerdotes. É dito aos sacerdotes: ofereçam *todos os dias sacrifícios; primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo*[339].

Esses sacrifícios depõem contra os sacerdotes e se um deles se afirmar justo e isento de pecado, pode-se dizer a ele: não levo em conta o que você diz, mas o que você faz; a vítima em suas mãos contradiz você. Por que oferecer sacrifícios pelos seus pecados, se você é sem pecado? Você pretende enganar a Deus, mesmo sacrificando a ele?

Talvez se argumente que, se os sacerdotes do povo antigo eram pecadores, os sacerdotes do novo povo não são.

Acreditem em mim, irmãos! Como Deus quis, sou sacerdote de vocês e, no entanto, sou pecador. Como vocês, eu bato em meu peito. Como vocês, eu peço perdão. Como vocês, eu espero que Deus tenha misericórdia de mim.

“Mas, os santos Apóstolos, os primeiros condutores do rebanho cristão, aqueles primeiros pastores, membros do Pastor Supremo, não eram sem pecados?”

Não, eles não eram sem pecados. Eles realmente tinham pecados e, se dizemos isto, eles não se irritam, já que eles mesmos confessam.

Não vou dizer mais nada, mas, prestem atenção à voz do Senhor. Ele lhes disse: *Eis como deveis rezar*. Esta oração deporá contra eles, como os sacrifícios da Lei antiga depunham contra os sacerdotes.

Eis como deveis rezar e, entre outros pedidos prescritos, o Senhor incluiu este: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos quem nos ofendeu*[340].

“O que dizem os Apóstolos?”

Eles pedem diariamente o perdão por suas faltas. Culpados, eles se apresentam à prece, saem dela absolvidos e retornam a ela novamente culpados.

Nesta vida, não somos isentos de pecado, pois pedimos perdão todas as vezes em que rezamos.

08 – Os Apóstolos foram expostos ao pecado mesmo depois da ressurreição de Cristo.

O que dizer mais? Eu direi que eles ainda eram doentes, quando esta oração foi ensinada a eles? Direi, como se pode

dizer, que, no momento em que o Senhor Jesus lhes ensinou esta oração, eles ainda eram pequenos, fracos e ainda carnais e não eram os espirituais que não cometem pecados?

Mas, meus irmãos, eles deixaram de rezar, quando se tornaram espirituais? Cristo então deveria ter dito a eles que aquela era a maneira de rezar naquele momento e depois mostrar outra fórmula de oração para o momento em que eles tivessem se tornado espirituais.

Mas, não. Só há na Igreja esta fórmula dada pelo Senhor. Sigam-na, ao rezarem.

Vamos dar o último golpe nos adversários. Mesmo sustentando que aqueles santos Apóstolos eram espirituais, vocês terão que admitir que, até o momento da paixão do Senhor, eles eram carnais ainda.

Não é verdade que eles vacilaram quando viram o Senhor pendurado na cruz e se desesperaram no momento mesmo em que o bom ladrão acreditava nele?

Pedro ousou segui-lo, quando ele era conduzido ao suplício. Ele ousou segui-lo, foi até a casa do pontífice, entrou todo cansado no pátio e ficou junto ao fogo, onde seu zelo esfriou. Foi o medo que o gelou junto ao fogo.

Questionado por uma criada, uma primeira vez ele negou Cristo. Interrogado uma segunda vez, ele tornou a negá-lo. Ele o negou ainda uma terceira vez, quando uma terceira vez foi questionado[341].

Bendito seja Deus por terem parado de interrogá-lo! Quanto tempo mais ele continuaria a negá-lo?

Foi só depois de sua ressurreição que o Senhor confirmou seus Apóstolos e fez deles pessoas espirituais.

Mas, então eles passaram a ser sem pecado? Aqueles homens escreviam e enviavam às Igrejas cartas totalmente espirituais. Então eles eram sem pecados, você afirma.

Não creio em suas palavras. Vou interrogar eles mesmos.

Diga-nos então, santos Apóstolos, se vocês não cometeram faltas depois da ressurreição do Senhor, quando o Senhor confirmou vocês, enviando do alto do céu o Espírito Santo. Diga-nos isto, eu lhes peço!

Escutemos, meus irmãos e que os pecadores não se desesperem e deixem de rezar por não serem sem pecados

Que eles falem, então.

Aqui está um deles.

“Qual?”

Aquele que o Senhor amava especialmente. Aquele que descansava sobre seu peito[342] e que dali tirava, para transmitir para nós, os segredos do Reino dos Céus. É este que eu interrogo.

Você era ou não sem pecado?

Aqui está a resposta dele: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*.

Observem que este é o mesmo João Evangelista que disse: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*.

Que caminho ele percorreu para chegar até o Verbo!

Pois bem! Foi este grande homem, este grande homem que se ergueu como uma águia acima das nuvens e que, com um olhar sereno, contemplou o Verbo que era *no princípio*; foi ele que disse: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade*[343].

Então, rezemos!

Sermão 136 - O cego de nascença II.

Caminhando, viu Jesus um cego de nascença. Os seus discípulos indagaram dele: "Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?" Jesus respondeu: "Nem este pecou nem seus pais, mas é necessário que nele se manifestem as obras de Deus. Enquanto for dia, cumpre-me executar as obras daquele que me enviou. Virá a noi-te, na qual já ninguém pode trabalhar. Por isso, enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo".
Dito isso, cuspiu no chão, fez um pouco de lodo com a saliva e com o lodo ungiu os olhos do cego. Depois lhe disse: "Vai, lava-te na piscina de Siloé (esta palavra significa enviado). O cego foi, lavou-se e voltou vendo"[344].
"O que é de admirar em tudo isso é que não saibais de onde ele é e, entretanto ele me abriu os olhos. Sabemos, porém, que Deus não ouve a pecadores, mas atende a quem lhe presta culto e faz a sua vontade. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se esse

homem não fosse de Deus, não poderia fazer nada”[345].
Jesus soube que o tinham expulsado e, havendo-o encontrado, perguntou-lhe: “Crês no Filho do Homem?”
Respondeu ele: “Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?”
Disse-lhe Jesus: “Tu o vês; é o mesmo que fala contigo!”
“Creio, Senhor”, disse ele. E, prostrando-se, o adorou[346].

Análise

Ao curar o cego de nascença e, sobretudo, ao abrir-lhe a alma para a luz da verdade, o Salvador mostrou que tinha vindo para dissipar a cegueira dos judeus.

Os judeus tomavam a Lei muito literalmente e só conheciam a impotência dela. Foi preciso que Jesus Cristo viesse ensinar seu espírito e dar vida às pessoas, se fazendo humano como elas.

Feliz é aquele que aproveita seu ensinamento e suas graças!

01 – A iluminação do cego de nascença.

Ouvimos, como de costume, esta leitura do santo Evangelho. Mas, é bom reavivar nossas lembranças e preservá-las do entorpecimento que gera o esquecimento. Aliás, esta passagem, que conhecemos há muito tempo, nos deu tanto prazer como se ela fosse nova para nós.

Por que se espantar que Cristo tenha feito o cego de nascença ver a luz? Cristo é nosso benfeitor e ele concedeu

a esse homem, como um benefício, o que ele não lhe deu ao criá-lo.

Ele o desprezara então, ao não tê-lo criado com a visão? Não, ele quis dá-la mais tarde, miraculosamente.

“Como você sabe disto? Você perguntou a ele?”

Eu soube dele mesmo. Ele acabou de dizê-lo e todos nós ouvimos. Seus discípulos, de fato, tinham perguntado a ele: *Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?* E ele respondeu, como vocês acabaram de ouvir comigo: *Nem este pecou nem seus pais, mas é necessário que nele se manifestem as obras de Deus*.

Aí está o motivo pelo qual ele adiou lhe dar a visão. Ele não lhe dera a visão ao nascer porque deveria dá-la mais tarde, porque ele sabia que lhe daria no momento oportuno.

Não pensem, meus irmãos, que seus pais não tinham nenhum pecado ou que ele mesmo não tinha contraído, ao nascer, o pecado original, para a remissão do qual se confere às crianças o batismo, destinado a apagar os pecados.

Sua cegueira não foi ocasionada pelos pecados de seus pais e nem dele mesmo; ela era para servir à manifestação nele das obras de Deus.

De fato, todos nós, ao nascermos, trazemos o pecado original, mas, nem por isso nascemos cegos. No entanto, pensando com mais atenção, somos todos cegos de nascença. Quem de nós, de fato, ao nascer, não era cego, cego de coração?

Criador da alma e do corpo, o Senhor Jesus cura ambos.

02 – O cego errou ao dizer que os pecadores não são ouvidos.

A fé mostrou a vocês esse homem cego, inicialmente e, depois, enxergando. Vocês o viram também cometendo erros.

Seu primeiro erro foi achar que Cristo era um profeta e ignorar que ele era o Filho de Deus. Depois, ele deu uma resposta certamente falsa, quando disse: *Sabemos que Deus não ouve a pecadores*.

Se Deus não ouve os pecadores, que esperança nos resta? Se Deus não ouve os pecadores, por que rezamos a ele? Por que confessamos nossos pecados nos batendo no peito?

O que dizer daquele publicano que subiu ao templo com o fariseu e que, mantendo-se afastado e com os olhos fixados no chão, se batia no peito e confessava seus pecados, enquanto que o fariseu se vangloriava e enaltecia seus méritos? O publicano, no entanto, depois de ter confessado suas faltas, saiu do templo justificado e o fariseu não[347]? Isto não é uma prova de que Deus ouve os pecadores?

Mas o cego, ao falar assim, ainda não tinha lavado o olho do coração em Siloé. Ele já tinha esfregado nos olhos a lama misteriosa, mas a graça não tinha ainda produzido efeito em seu coração.

Quando foi que ele lavou o olho do coração? Quando, depois de ter sido expulso pelos judeus, ele foi chamado pelo Senhor.

O Senhor, de fato, o encontrou e lhe perguntou: "*Crês no Filho do Homem?" Respondeu ele: "Quem é ele, Senhor, para que eu creia nele?"*

"Ele enxergava o Senhor com os olhos do corpo, mas não o enxergava com o olho do coração?"

Não, mas espere e logo ele o enxergará. Jesus lhe diz então: *Tu o vês; é o mesmo que fala contigo!*

"Esse homem duvidou?"

No mesmo instante ele lavou sua alma, pois se comunicou com Siloé, ou seja, o Enviado. E quem era o Enviado, se não o próprio Jesus? Ele mesmo disse isto várias vezes: *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou*[348].

Assim, ele é Siloé e, ao se aproximar dele, ao ouvi-lo, ao acreditar nele, ao adorá-lo, esse cego purificou seu coração e recuperou a visão.

03 – A cegueira dos que acusaram Cristo de desrespeitar o sábado.

Quanto àqueles que expulsaram o cego, eles permaneceram cegos. Vimos isto quando eles censuraram Cristo por ter violado o sábado, fazendo a lama com sua saliva e colocando-a sobre os olhos do cego.

Sem dúvida que a acusação era manifestamente falsa, pois eles reprovavam o Salvador por fazer curas somente

com suas palavras. Era trabalhar no dia de sábado, simplesmente dizer para alguém fazer algo?

Era uma evidente calúnia acusar por uma simples ordem, acusar simplesmente por palavras. Eles mesmos deixavam de falar, então, no sábado?

Eu poderia dizer quer eles não falam nem no dia de sábado e nem em nenhum outro dia, já que deixaram de louvar o Deus verdadeiro. Mas é verdade, no entanto, que eles caluniaram abertamente o Salvador, como eu já mencionei.

O Senhor disse a um homem: *Estende a mão!* Esse homem se curou e o acusaram de ter violado o sábado[349].

Mas, o que fez Jesus? Que trabalho ele executou? Que fardo ele carregou?

Quando Jesus cospe na terra, forma uma lama e a coloca sobre os olhos de um cego, ele trabalha a verdade. Ninguém deve duvidar disto. Ele trabalha, abole o sábado e, no entanto, ele não se torna culpado.

Por que eu disse que ele abole o sábado? Porque ele era a luz que veio para afastar as sombras.

O sábado, de fato, tinha sido estabelecido pelo Senhor nosso Deus e pelo próprio Cristo unido ao Pai, para a promulgação dessa Lei. Mas ele a tinha estabelecido como a sombra do que devia chegar.

Ninguém, pois, vos critique por causa de comida ou bebida, ou espécies de festas ou de luas novas ou de sábados. Tudo isto não é mais que sombra do que devia vir. A realidade é Cristo[350].

Viu-se chegar Aquele que essas instituições anunciavam. Por que se queixar ainda das sombras?

Judeus, abram os olhos! Vejam o sol!

“Sabemos!”. O que vocês sabem, ó corações insensatos? O que vocês sabem?

Que *este homem não é o enviado de Deus, pois não guarda o sábado*[351].

O sábado, infeliz, o sábado! Mas este preceito foi estabelecido pelo próprio Cristo, que vocês afirmam não ser Deus! Ao observarem o sábado de uma maneira carnal, vocês não serão santificados pela saliva de Cristo.

Vejam no sábado a marca do Messias e vocês compreenderão que o sábado é uma profecia que o anuncia. Mas vocês não têm sobre os olhos a lama feita com a saliva de Cristo e, por isso, vocês não foram até Siloé, para ali se lavarem, permanecendo então cegos e só contemplando a felicidade do cego que recuperou a visão do corpo e do espírito.

Foi esse cego que recebeu sobre os olhos a lama feita com a saliva. Ele se aproximou então de Siloé, se lavou nele, acreditou em Cristo, o enxergou e não permaneceu sob a coerção dessa formidável sentença.

Vim a este mundo para fazer uma discriminação: os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos[352].

04 – Como piorou a cegueira geral com a vinda de Cristo.

Que ameaça!

Eu gosto de ouvir: *os que não veem vejam*. Um salvador, um médico deve fazer com que *os que não veem vejam*.

Mas, por que, Senhor, acrescentar: *e os que veem se tornem cegos*?

Se compreendermos bem, nada nos parecerá mais verdadeiro e mais justo.

"O que devemos entender por *os que veem*?"

Os judeus.

"Os judeus veem então?"

Eles acreditam que sim, mas, na realidade, eles não veem.

"O que significa então *os que veem*?"

Os que pensam ver, os que acreditam ver. Pois eles acreditavam ver, quando defendiam a Lei contra Cristo.

"Sabemos", eles diziam. Aí está como eles viam.

"Sabemos" não significa "vemos"? Por que acrescentar: *Este homem não é o enviado de Deus, pois não guarda o sábado*?

É porque esses supostos videntes viam literalmente a Lei, onde estava escrito para apedrejar todo aquele que violasse o sábado[353] e, por este motivo, eles sustentavam que *este homem* não vinha de Deus.

Mas, aqueles videntes eram cegos e não viram que o futuro Juiz dos vivos e dos mortos já tinha chegado ao mundo para julgar.

"Que sentença ele lhes deu?"

Os que não veem vejam. Ou seja: aqueles que reconhecem sua cegueira sejam esclarecidos.

Os que veem se tornem cegos. Ou seja: aqueles que não admitem sua cegueira, que fiquem mais endurecidos ainda do que já eram.

Assim, vejam o cumprimento desta última sentença: os defensores da Lei, os comentadores da Lei, os doutores da Lei, os sábios na Lei crucificaram o próprio Autor da Lei.

Que cegueira! E uma parte de Israel foi acometida por ela. Caiu nela aqueles que fizeram Cristo ser crucificado e entrou a totalidade dos gentios.

"O que significa: *os que não veem vejam*?"

Esta cegueira de uma parte de Israel só durará até que haja entrado a totalidade dos pagãos[354].

O mundo inteiro estava tomado pela cegueira, mas o Salvador veio para que *os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos*.

Os judeus o desconheceram, os judeus o crucificaram, mas ele, com seu sangue, fez um remédio para os cegos.

Cada vez mais teimosos e cada vez mais cegos, aqueles que se vangloriavam de ver a luz crucificaram a própria Luz.

Que cegueira, apagar a própria Luz!

Mas essa Luz, apagada na cruz, iluminou os cegos.

05 – O testemunho de Paulo sobre a impotência da Lei.

Escute um ex-cego agora iluminado. Reconheçam o quanto eles foram infelizes por se chocarem contra a cruz, ao se recusarem confessar ao Médico sua cegueira.

Eles conservaram a Lei, mas, o que pode a Lei sem a graça? O que pôde a Lei, infeliz, sem a graça?

O que pode a terra sem o tempero da saliva de Cristo?

A Lei sem a graça pode alguma coisa além de fazer culpados?

“Por que isto?”

Porque, ao escutar a Lei sem cumpri-la, somos, não apenas pecadores, mas também transgressores.

A anfitriã do homem de Deus acaba de perder seu filho. O Profeta envia seu servo para colocar seu bastão sobre o rosto da criança, mas ele não lhe devolve a vida[355].

O que pode a Lei sem a graça? Escute um ex-cego. Hoje ele é um vidente, um Apóstolo. O que ele diz?

Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei[356].

Observem bem. Repetimos: o que disse o Apóstolo? *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei*.

Mas, se a Lei não podia dar a vida, ela servia para quê?

O Apóstolo diz, na continuação, nestes termos: *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*[357].

Então, para cumprir em favor dos crentes, pela fé em Jesus Cristo, as promessas que assegurariam às pessoas a luz e o amor, a Escritura __ ou a Lei __ *encerrou tudo sob o império do pecado*.

“O que quer dizer: *encerrou tudo sob o império do pecado*?”

Significa que a Lei tornou o pecador um transgressor, já que ela não pôde curá-lo.

A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, com a esperança da graça, com a esperança da misericórdia.

Você recebeu a Lei e você quis cumpri-la, mas você não conseguiu. Assim, você caiu do alto do seu orgulho e experimentou sua fraqueza.

Corra então para o Médico. Lave seu rosto. Apele para Cristo em suas confissões. Confesse e acredite nele. Assim, o Espírito se juntará à letra e você será curado.

Se você afastar o Espírito da letra, *a letra mata*. Se a letra o matar, que esperança lhe resta? *Mas o Espírito vivifica*[358].

06 – O que representa Eliseu ao tentar restituir a vida a um morto?

Que o servo de Eliseu, Giezi, tome então o bastão do seu senhor, como Moisés, o servo de Deus, recebeu outrora a Lei. Que ele pegue então o bastão, que ele corra, que ele vá à frente do seu senhor, que chegue antes dele e que coloque o bastão no rosto da criança morta.

Já está feito. Giezi recebeu o bastão, correu e o colocou sobre o rosto do morto. Mas, para que serviu isto?

Para que serviu esse bastão? *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar*, o bastão teria ressuscitado a criança.

Mas, *a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado* e a criança permaneceu morta.

“Por que *a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado*?”

Para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem.

Chega então Eliseu. Para constatar a morte, ele enviou seu servo com seu bastão. Mas, que ele mesmo vá; que ele vá. Que ele entre na casa de sua anfitriã, que ele suba até o quarto de cima e que ali, encontrando a criança morta, ele aplique sobre cada um dos membros desse morto, cada um dos membros vivos do seu próprio corpo.

Ele fez isso, de fato. Ele colocou seu rosto sobre o rosto do defunto, seus olhos sobre os olhos do defunto, suas mãos sobre as mãos do defunto, seus pés sobre os pés do defunto[359]. Ele como que se retesou, contraiu, encolheu. Ele se fez pequeno, se reduziu, por assim dizer; diminuiu-se.

Assim, *sendo ele de condição divina, não julgou ser um furto sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[360].

“Vivo, ele se colocou sobre a criança morta. O que isto quer dizer?”

Você quer saber? Escute o Apóstolo: Deus enviou *o seu próprio Filho*.

“Mas, se colocar sobre uma criança morta?”

O Apóstolo vai explicar. Ele, de fato, continua: *numa carne semelhante à do pecado*[361].

Colocar-se vivo sobre o morto é então vir a nós, não com uma carne de pecado, mas com uma *carne semelhante à do pecado*.

Estávamos mortos em nossa carne de pecado e Cristo se aproximou de nós com uma *carne semelhante à do pecado*. Ele morreu sem ser condenado à morte. O único livre dentre os mortos morreu porque todos estavam condenados à morte pelo pecado.

Como reviveríamos se Aquele único que era sem pecado não tivesse vindo para se colocar sobre nós com uma carne semelhante à carne de pecado?

Ó Senhor Jesus! Vós que sofrestes por nós e não por vós; vós que não cometestes nenhuma falta e que se submeteste à pena, fizestes isto para nos libertar da culpa e da pena!

Sermão 137 - O bom pastor I.

“Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no redil, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Mas quem entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as ovelhas pelo nome e as conduz à pastagem. Depois de conduzir todas as suas ovelhas para fora, vai adiante delas e as ovelhas seguem-no, pois lhe conhecem a voz. Mas não seguem o estranho; antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos”.

Jesus contou-lhes esta parábola, mas não entendiam do que ele queria falar.
Jesus tornou a falar-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim foram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem. O ladrão não vem senão para furtar, matar e destruir. Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas. O mercenário, porém, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge; o lobo rouba e dispersa as ovelhas. O mercenário, porém, foge, porque é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor[362].

Análise

Somos levados a crer, sobretudo ao lermos o final deste sermão, que muitos estariam se queixando da severidade das advertências dadas por Santo Agostinho ao seu povo. Com a explicação do Evangelho do bom pastor lhe fornecendo a oportunidade de explicar sua conduta, ele se aproveita dela.

O que é então o bom pastor? Jesus Cristo se chama, ao mesmo tempo, de porta e de bom pastor. É nele mesmo e

considerado como líder da Igreja, que ele é a porta. É em sua Igreja mesmo que ele é o bom pastor. Ao dizer que o bom pastor deve entrar pela porta, ele quer dizer que todo bom pastor deve receber dele sua vocação e ser preenchido com seu amor.

Além disso, o bom pastor não deve ser um mercenário. O que é um pastor mercenário? Um pastor mercenário, embora se dizendo um eclesiástico, é aquele cuja conduta, semelhante a dos escribas e fariseus, está em oposição com seu ensinamento. Ele não cumpre seu dever de amor a Jesus Cristo, mas por interesse e é por isso que ele não resiste com vigor aos ataques do inimigo, aos maus conselhos e às doutrinas perversas.

O pastor mercenário deve ser suportado na Igreja e mesmo os ensinamentos saudáveis que ele ministra em nome da Igreja devem ser aproveitados, mas não se deve imitar sua covardia.

É para não fazer como os pastores mercenários e ser condenado como eles no tribunal supremo que Santo Agostinho repreende com firmeza, só visando o bem espiritual do seu rebanho.

01 – A saúde dos membros na unidade e no amor.

A fé de vocês não ignora, meus bem-amados e sabemos mesmo que vocês aprenderam com o Mestre que ensina do alto do céu e em quem vocês depositaram suas esperanças: Aquele que por nós sofreu e ressuscitou, Jesus Cristo Nosso

Senhor é a Cabeça da Igreja, a Igreja é seu corpo e a saúde desse corpo é a união de seus membros e o laço do amor.

Se o amor vier a esfriar, ficamos doentes, mesmo fazendo parte do corpo de Jesus Cristo. É verdade que Aquele que exaltou nossa Cabeça divina pode também curar seus membros, mas é com a condição de que um excesso de impiedade não faça com que eles sejam cortados do seu corpo e que eles permaneçam unidos a ele até que fiquem completamente curados. Não deve perder as esperanças aquele que permanece unido a este corpo e não se pode tratar e nem curar aquele que está separado dele.

Ora, sendo Cristo a Cabeça da Igreja e sendo a Igreja seu corpo, Cristo inteiro compreende a Cabeça e o corpo. Mas a Cabeça ressuscitou e temos então, no céu, nossa Cabeça, que intercede por nós e que, isento de todo pecado e libertado da morte, acalma Deus irritado com nossas iniquidades.

Ele quer assim que, nós mesmos ressuscitados no fim dos tempos, transformados e penetrados pela glória celeste, cheguemos até onde ele está. Os membros, de fato, não devem seguir a cabeça?

Já que, desde já, somos seus membros, não nos desencorajemos! Sigamos nossa Cabeça!

02 – A unidade de Cristo e dos membros.

Contemplemos, meus irmãos, o quanto somos amados por essa Cabeça divina! Ela está no céu, mas sofre na terra todo o tempo em que sofre sua Igreja. Aqui, de fato, ela tem

fome, ela tem sede, ela está nua, ela é peregrina, ela está doente, ela está na prisão.

Ele não disse que sofre tudo o que sofre seu corpo e que, no fim dos tempos, ao colocar esse corpo à sua direita e à sua esquerda os ímpios que o pisam nele hoje em dia, ele dirá aos eleitos de sua direita: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*? E por quê? Ele enumera toda assistência prestada a ele: *Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim*[363].

Mas os próprios eleitos não o compreendem e questionam: *Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e fomos te visitar?* E ele lhes responde: *Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*[364].

Nosso corpo mesmo apresenta algo semelhante. A cabeça dele está no alto e os pés embaixo. No entanto, se no meio de uma multidão cerrada alguém pisa em nosso pé, a cabeça não diz: “Você está me machucando”?

Não é nem a cabeça e nem a língua que está sendo pisada. Elas estão no alto, elas estão em segurança, ninguém as atinge. Mas com o laço do amor unindo todo o

corpo, da cabeça aos pés, a língua não separa sua causa da dos outros membros e ela grita: “Você está me machucando”, embora ninguém esteja tocando-a.

Se então, nossa língua, sem ser tocada, pode dizer então que a estão ferindo, Cristo, nossa Cabeça, não pode dizer, sem sofrer pessoalmente: *Tive fome e não me destes de comer*? Ele não pode também dizer àqueles que se recusaram cuidar de seus membros: *Tive fome e não me destes de comer*?

Como então ele conclui? Aqui está: *Estes irão para o castigo eterno e os justos, para a vida eterna*[365].

03 – Pedro, em sua fraqueza, desconhece a si mesmo.

Nas palavras que acabamos de ouvir, o Senhor se apresentou ao mesmo tempo como sendo o pastor e como sendo a porta. Ele disse expressamente: *Eu sou a porta* e disse expressamente: *Eu sou o bom pastor*. É como Cabeça que ele é a porta e é para seus membros que ele é o bom pastor.

Da mesma forma, ao estabelecer a Igreja sobre Pedro somente, ele perguntou: *“Simão, filho de João, amas-me?” Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”*[366]. Como o Senhor perguntou três vezes: *“Simão, filho de João, amas-me?”* Pedro se entristeceu.

Se o Mestre podia ver, em sua consciência, que Pedro o negaria, ele não podia ver, em sua fé, o quanto ele era

sincero ao confessá-la?

Mas Jesus nunca deixou de conhecer Pedro. Ele o conhecia mesmo quando Pedro não se conhecia e ele não se conhecia quando disse: *Senhor, estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte*[367]. Ele não sabia então até onde ia sua fraqueza.

Acontece muitas vezes de os doentes não saberem o que se passa com eles, enquanto que o médico sabe, embora não sofra do mal que acomete o doente. Um explica melhor o que se passa no outro do que este nele mesmo. Foi isto o que aconteceu entre Pedro __ doente então __ e o Senhor, seu médico.

Pedro afirmava ter forças e, no entanto, não tinha. Mas, sentindo as pulsações do seu coração, Jesus anunciou que ele o negaria três vezes. Sabemos como esta profecia do Médico se realizou e como se confundiu a presunção do doente[368].

Se então o Salvador interrogou Pedro depois de sua ressurreição não foi porque ele ignorava o quanto era sincero o amor que ele professava por ele, mas porque ele quis que, ao confessar seu amor três vezes, ele apagasse a tripla negação que o medo arrancaria dele.

04 – O que é exigido de Pedro: entrar no redil através da porta.

Assim, quando o Senhor pergunta a Pedro: *Simão, filho de João, amas-me?*, é como se ele perguntasse: “O que me

darás? O que me concederás como testemunho do seu amor?”

E, o que poderia Pedro dar ao Senhor ressuscitado, quando ele estava a ponto de subir ao céu e se sentar à direita do Pai?

Jesus parecia então lhe dizer: “O que me darás, o que farás por mim, se tu me amas, é apascentar minhas ovelhas; é entrar pela porta, sem subir por qualquer outro lugar”.

Foi dito, durante a leitura do Evangelho: *Quem não entra pela porta no redil, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Mas quem entra pela porta é o pastor das ovelhas*.

O que é entrar pela porta? É entrar através de Cristo. O que é entrar através de Cristo? É imitá-lo em seus sofrimentos; é reconhecê-lo em sua humildade e Deus feito humano; é admitir que se é humano e não Deus.

De fato, é imitar um Deus feito humano, querer parecer Deus, quando se é apenas humano?

Não se está convidando você a se tornar menos do que você é, mas se está dizendo a você: “Reconheça que você é humano, que você é pecador; reconheça que Deus justifica e que você está maculado. Admita suas máculas com todo seu coração e você fará parte do rebanho de Jesus Cristo, pois esta admissão de culpa levará o Médico a curá-lo, na mesma medida em que se afasta dele o doente que pretende estar em boa saúde”.

O fariseu e o publicano não tinham subido ao templo? Um se vangloriava de sua boa saúde e o outro mostrava

suas chagas ao Médico. O primeiro disse, efetivamente: *Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas: ladras, injustas e adúlteras; nem como o publicano que está ali*. Assim, ele se erguia soberbamente acima dele mesmo e se o publicano não estivesse doente, sem condições de se preferir a ele, o fariseu o teria odiado.

Com tais condições para a inveja e o ódio, em que condições se encontrava então o fariseu ao subir ao templo? Seguramente ele estava doente e, ao se dizer em boas condições, ele não foi curado quando deixou o templo.

O publicano, pelo contrário, tinha os olhos voltados para o chão, sem ousar levantá-los para o céu e se batendo no peito, ele disse: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*

O que o Senhor conclui disto? *Digo-vos: este voltou para casa justificado e não o outro. Pois todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado*[369].

Aqueles então que se exaltam querem subir por outros lugares até o redil, enquanto que aqueles que se humilham entram nele pela Porta. É por isso que se diz que um entra e o outro sobe.

Subir, vocês veem, é procurar as grandezas; não é entrar, é cair. Enquanto que se abaixar é entrar pela Porta; não é cair, é ser pastor.

05 – As três pessoas que vão ao redil: o pastor, o ladrão e o mercenário.

No entanto, o Senhor apresenta no Evangelho três personagens que devemos estudar: o pastor, o mercenário e o ladrão. Sem dúvida que vocês observaram, durante a leitura do Evangelho, as características descritas por Jesus Cristo do pastor, do mercenário e do ladrão.

O pastor, ele diz, dá sua vida por suas ovelhas e ele entra pela porta. O ladrão e o salteador entram *por outra parte*. Quanto ao mercenário, ele foge quando vê o lobo ou o ladrão, porque, sendo mercenário e não pastor, ele não cuida de suas ovelhas.

Um entra pela porta e, portanto, é o pastor. Outro sobe *por outra parte* e, portanto, é um ladrão. O terceiro treme e foge, quando vê predadores que querem se apoderar das ovelhas e é, portanto, um mercenário, pois, sendo mercenário, ele não cuida do rebanho.

Se conseguirem reconhecer bem estes três tipos de personagens, suas santidades saberão quem devem amar, quem devem suportar e de quem devem se afastar. Será preciso amar o pastor, suportar o mercenário e evitar o ladrão.

Há, de fato, na Igreja, pessoas que o Apóstolo diz que anunciam o Evangelho por oportunismo, buscando junto às pessoas seus próprios benefícios, dinheiro, honrarias, louvores humanos[370]. O que eles querem são presentes de qualquer natureza e visam menos a salvação dos ouvintes do que seus interesses pessoais.

Quanto ao fiel a quem a salvação é anunciada por uma pessoa que não tomará parte dela, se ele acredita Naquele

que é anunciado, sem se apoiar no pregador, haverá proveito para um e perda para o outro.

06 – O que Cristo diz sobre os fariseus se aplica também aos maus pastores da Igreja.

O Senhor disse sobre os fariseus: *Sentaram-se na cadeira de Moisés*[371]. Ele não tinha em vista somente os fariseus e sua intenção não era enviar à escola dos judeus aqueles que acreditassem nele, para ali aprender o caminho que leva ao Reino dos Céus.

Ele não tinha vindo, efetivamente, para formar sua Igreja, para separar do resto da nação, como se separa o trigo da palha, os Israelitas que eram de boa fé, que tinham uma boa esperança e um amor verdadeiro, para fazer da circuncisão como que uma muralha, para a ela juntar, como outra muralha, a gentilidade e para servir ele mesmo de pedra angular para estas duas paredes que chegam a ele de direções opostas[372]?

Não foi da união futura desses dois povos que ele disse: *Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil*? O redil dos judeus. *Preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor*.

Assim, foi de dois barcos que ele chamou seus discípulos. Esses dois barcos representam os dois povos que deveriam entrar na Igreja , quando os apóstolos, depois de terem jogado suas redes, pegaram a grande quantidade peixes cujo peso quase rompeu as redes e com os quais

encheram ambas as barcas, de modo que quase iam ao fundo[373].

Havia mesmo duas barcas, mas só há uma Igreja, formada por dois povos diferentes que se uniram em Cristo.

Isto é o que também estava simbolizado por Lia e Raquel, as duas esposas de um mesmo marido: Jacó[374]. Também pelos dois cegos sentados na beira da estrada e que o Senhor restituiu a visão[375].

Se, enfim, vocês estudarem com atenção as Escrituras, frequentemente vocês encontrarão figuras dessas duas Igrejas que formam uma só, como indicam a pedra angular que une duas paredes e o pastor que une dois rebanhos.

Ao vir, então, para ensinar sua Igreja e para estabelecer sua escola fora do judaísmo, como vemos estabelecida hoje em dia, o Senhor não quis tornar discípulos dos judeus aqueles que acreditassem nele.

Sob os nomes de escribas e fariseus, ele quis designar aqueles que um dia, em sua Igreja, diriam e não fariam.

Quanto a ele mesmo, ele foi prefigurado na pessoa de Moisés. Moisés, efetivamente, simbolizava Jesus Cristo e se, ao falar ao povo, ele cobria seu rosto com um véu, era para indicar que, ao procurar na Lei as alegrias e as volúpias carnais e ao ambicionar um império terrestre, os judeus tinham diante dos olhos um véu que os impedia de reconhecer Cristo nas Escrituras.

Então o véu caiu depois da paixão do Senhor e vimos então os segredos do santuário. Foi por isso que, no momento em que o Salvador estava pendurado na cruz, *o*

véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo[376] e o Apóstolo Paulo diz expressamente: *Esse véu só será tirado quando se converterem ao Senhor*[377].

Pelo contrário, como também diz o mesmo Apóstolo, quem não se converte a Cristo, ainda que leia Moisés, *um véu cobre-lhes o coração*[378].

Para então anunciar que haveria em sua Igreja esses doutores perversos, o que diz o Senhor? *Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*[379].

07 – Os maus clérigos falsificam a verdade e induzem ao pecado.

Ao ouvir este texto que os condena, há maus eclesiásticos que procuram corromper seu sentido. Eu até mesmo ouvi alguns que realmente queriam alterá-lo. Se eles pudessem, não apagariam esta frase do Evangelho? Como não podem fazer isto, eles querem pelo menos falseá-lo. Mas, por sua graça e por sua misericórdia, o Senhor não lhes permite isto também. Todas as suas palavras estão rodeadas pelo muro protetor de sua verdade. Elas estão tão bem colocadas que, se um leitor ou um intérprete infiel quiser cortar ou acrescentar o que quer que seja, uma pessoa de bom coração, para restabelecer o sentido que se procurava perverter, só tem que comparar a Escritura com ela mesma, lendo o que precede o que se segue.

Como então interpretam aqueles sobre os quais tratam estas palavras: *Fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles*[380]? É aos leigos que isto se refere, eles dizem.

É verdade! O que faz um leigo que quer se conduzir bem, quando vê um eclesiástico se conduzindo mal? O Senhor disse, ele se lembra: *Fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles*. Vou então seguir o caminho traçado pelo Senhor, sem imitar essa pessoa em seus costumes. Receberei, quando ela falar, não suas palavras, mas as palavras de Deus. Que ela se dedique à sua paixão. Eu me pegarei a Deus, pois, se para me defender perante Deus, eu dissesse um dia: "Senhor, eu vi essa pessoa, que é um clérigo seu, se conduzir mal e então eu me conduzi mal", o Senhor não me responderia: "Servo mal. Eu não disse a você: *Fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles*?"

Quanto ao leigo mau, infiel, que não faz parte nem do rebanho de Cristo e nem do trigo de Cristo e que se suporta simplesmente como se deixa a palha na eira, o que ele replica, quando é pressionado, ao se citar as palavras de Deus?

"Deixe-me! Por que me falar assim? Os próprios bispos e os eclesiásticos não fazem o que dizem. E você quer que eu faça?!"

Isto é procurar, não um advogado de uma má causa, mas um companheiro de suplício. Como ser defendido no dia do julgamento por um ímpio que se quis imitar?

Quando o diabo consegue seduzir, não é para reinar, é para ser condenado com aqueles que ele engana. Desta forma, ao se seguir os passos dos ímpios, associa-se a eles para o inferno e não se consegue protetores para o céu.

08 – Uma interpretação distorcida do Evangelho.

Como então esses eclesiásticos que se comportam mal falsificam o pensamento do Senhor, quando lhes dizemos que ele teve razão em dizer: *Fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles*?

Eles dizem: "A frase é irrepreensível. É dito que se faça o que dizemos e que não se faça o que fazemos. É porque nos é permitido oferecer o sacrifício que oferecemos".

Que enganação desses... desses mercenários! Se eles fossem verdadeiros pastores eles não falariam assim!

Mas, para lhes calar a boca, basta observar toda a sequência das palavras do Senhor.

Os escribas e os fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem[381].

O que significa isto, meus irmãos? Se se tratasse aqui do sacrifício a oferecer, não leríamos: "Eles *dizem e não fazem*", pois o sacrifício é uma ação, é uma oferenda a Deus.

O que é então que eles *dizem e não fazem*? Vejamos nas palavras que seguem: *Atam fardos pesados e esmagadores*

e com eles sobrecarregam os ombros das pessoas, mas não querem movê-los sequer com o dedo[382].

Aí estão censuras manifestas e claramente ditas. Mas, ao quererem falsificar o pensamento do Senhor, esses infelizes mostram que na Igreja eles só procuram suas próprias vantagens e que não leram o Evangelho. Se eles conhecessem somente uma página dele e tivessem lido o texto inteiro, não diriam o que ousam dizer.

09 – Os maus pastores são semelhantes aos fariseus.

Vejam mais claramente ainda que há, na Igreja, desses maus doutores. Poderiam nos argumentar que o Senhor só falava dos fariseus, dos escribas e dos judeus e que não há entre nós ninguém que se pareça com eles.

Quem eram aqueles então que visava o Senhor, quando clamou: *Nem todo aquele que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no Reino dos céus?* E quando ele acrescenta: *Muitos me dirão naquele dia: "Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?"*

É em nome de Cristo que os judeus fazem tudo isto? É evidente, no entanto, que só se trata aqui daqueles que são chamados cristãos.

E o que diz em seguida o Salvador? *Eu lhes direi: "Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!"*[383]

Prestem atenção à queixa do Apóstolo sobre eles. Ele diz: *Aqueles, ao contrário, pregam Cristo por espírito de intriga e não com reta intenção*[384].

O Evangelho é reto, mas eles não são. O que eles anunciam é reto, mas eles não são retos. Por que eles não são retos? Porque procuram na Igreja outra coisa que não é Deus. Eles não procuram Deus propriamente. Se eles procurassem Deus, eles seriam puros, já que Deus é o legítimo esposo da alma e procurar em Deus outra coisa que não seja Deus mesmo não é procurar de forma pura.

Aqui está uma prova, meus irmãos. Uma esposa não é pura se ela ama seu marido porque ele é rico. Não é ele que ela ama, mas seu dinheiro. Mas, se ela o ama verdadeiramente, ela o ama até na simplicidade e na pobreza.

Ao amar seu marido porque ele é rico, o que ela fará se, por causa das vicissitudes humanas, ele vier a ser proscrito ou jogado subitamente na miséria? É possível que ela o deixe. Isto seria a prova de que ela não o amava, mas que amava seus bens, pois, se ela o amasse realmente, ela o amaria mais vivamente ainda, quando ele caísse na pobreza, já que a compaixão se juntaria nela ao amor.

10 – Deus deve ser buscado fielmente.

No entanto, meus irmãos, nosso Deus não pode jamais cair na pobreza. Ele é rico; foi ele que fez tudo: o céu e a terra, o mar e os anjos. Tudo o que vemos e tudo o que não vemos, foi ele que fez.

Mas, não devemos amar suas riquezas; devemos amar ele mesmo; ele, que é o autor de tudo, pois ele só nos prometeu ele mesmo. Mostre-lhe alguma coisa de mais precioso do que ele e ele lhe dará. A terra é bela, o céu e os anjos são belos, mas seu Criador é mais belo ainda.

Assim então, aqueles que anunciam Deus com amor, aqueles quer anunciam Deus por ele mesmo, esses são verdadeiros pastores e não mercenários.

Sua alma é pura, como exigiu Nosso Senhor Jesus Cristo, quando perguntou a Pedro: *Simão, filho de João, amas-me?* Ou seja: "Você é puro? Você não tem um coração adúltero? São os seus interesses e não os meus que você procura na Igreja? Ah! Se você é puro, você me ama, então, *apascenta os meus cordeiros*[385]. Você não será um mercenário, mas um verdadeiro pastor".

11 – De que modo são úteis os mercenários.

Aqueles que provocavam os lamentos do Apóstolo não pregavam o Evangelho com pureza. O que diz, no entanto, o Apóstolo? *Mas não faz mal! Contanto que, de todas as maneiras, por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado, nisto não só me alegro, mas sempre me alegrarei*[386].

Isto era tolerar os mercenários. O pastor anuncia Cristo com um verdadeiro zelo; o mercenário o anuncia por oportunismo e com outras intenções. Mas ambos, no entanto, o pregam.

Escute este grito de um verdadeiro pastor. Paulo diz: *Contanto que, de todas as maneiras, por pretexto ou por verdade, Cristo seja anunciado*. Este bom pastor deixa os mercenários agirem. Eles fazem o bem como podem e são úteis na medida em que são capazes.

Havia, em outras circunstâncias, necessidade de alguém para servir de modelo aos fracos? Ele escreveu: *Para isso é que vos enviei Timóteo, meu filho muito amado e fiel no Senhor. Ele vos recordará as minhas normas de conduta, tais como as ensino por toda parte, em todas as igrejas*[387].

O que isto quer dizer? "Eu enviei a vocês um pastor que deve lembrar vocês da minha conduta, porque ele se comporta como eu me comporto".

O que ele diz ainda desse pastor que ele enviou para tão longe? *Não há ninguém como ele, tão unido comigo em sentimento, que com tão sincera afeição se interesse por vós*.

"Mas, ele não tinha muitos discípulos?" Sim, mas, *todos os demais buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo*[388].

Em outros termos: "Eu quis enviar a vocês um pastor, pois há muitos mercenários e não é preciso enviar mais um neste momento".

Pode-se, em outras ocasiões e outros assuntos, enviar mercenários, mas era preciso enviar um pastor naquele momento, para o que Paulo tinha em vista. Infelizmente, ele mal e apenas encontrou um no meio de tão grande número

de mercenários. Efetivamente, há muitos mercenários e poucos pastores.

No entanto, o que ele diz sobre os mercenários? *Em verdade, eu vos digo: já receberam sua recompensa*[389].

Sobre o pastor, ao contrário, o que nos ensina o Apóstolo: *Quem, portanto, se conservar puro e isento dessas doutrinas, será um utensílio nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para todo uso benéfico*[390]. Não para alguns usos, mas *para todo uso benéfico*.

Aí estão os pastores.

12 – O mercenário fujão, os lobos e os bandidos.

Quanto aos mercenários. *O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge*. Isto é o que diz o Senhor.

“E por que o mercenário foge?” *O mercenário foge, porque é mercenário e não se importa com as ovelhas*. Assim, o mercenário só presta serviços quando não vê lobos, ladrões e salteadores.

“E quando ele os vê?” Ele foge.

Que mercenário não foge, não sai da Igreja, quando vê um lobo ou um ladrão? Os lobos e os ladrões são numerosos.

“São estes que sobem *por outra parte*? Quem são aqueles que sobem *por outra parte*?”

Os partidários de Donato, que querem apresar as ovelhas de Cristo. Eles sobem *por outra parte*, eles não entram através de Cristo, pois não são humildes. Eles são orgulhosos e eles sobem.

“O que quer dizer eles sobem?” Eles se exaltam.

De onde eles se exaltam? De *outra parte*, pois afirmam levar o nome de uma seita. Não estando na unidade, eles fazem parte de uma seita e é desta seita que eles se exaltam, que eles sobem para levar as ovelhas.

Vejam como eles se exaltam. Eles dizem: “Somos nós que santificamos, somos nós que justificamos, somos nós que fazemos os justos”. Aí está como eles sobem. Mas, *todo aquele que se exaltar será humilhado*[391]. O Senhor nosso Deus pode humilhá-los.

O lobo simboliza o diabo. Ora, o diabo e aqueles que seguem seus passos procuram enganar. Assim, está escrito que eles vivem *disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos arrebatadores*[392].

Pois bem! Se um mercenário ouve alguém falar mal, ter sentimentos perniciosos com relação à salvação, praticar ações culposos e obscenos, apesar de sua autoridade conferida pela Igreja, onde, no entanto, ele não passa de um mercenário, já que procura os seus interesses, esse mercenário, mesmo vendo uma pessoa perecer no pecado, presa pela garganta e arrastada pelo lobo ao suplício, não lhe dirá: “Você está se comportando mal” e não lhe fará nenhuma censura, visando aos seus próprios interesses.

Isto não é fugir quando se vê um lobo? Ao não dizer: “Você está se comportando mal”, não é o corpo, mas é a alma que foge. O corpo permanece imóvel, mas o coração se vai, quando se vê um pecador e não se diz a ele: “Você está se comportando mal” e até mesmo se vai confraternizar com ele.

13 – Colher uvas no meio de espinhos.

Não vemos frequentemente, meus irmãos, subirem aqui sacerdotes e bispos e, do alto deste púlpito, se comprometerem a nada que não seja se absterem de tomar os bens alheios, cometerem fraudes e praticarem crimes? Sentados na cátedra de Moisés, eles não poderiam falar de outra maneira e é muito mais ela que fala do que eles mesmos.

Não está escrito, afinal: *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos?*[393] E também: é pelos frutos que se conhece a árvore.

Como então um fariseu pode ensinar a virtude? O fariseu é o espinho; como colher uvas em espinhos?

Ah! Mas vós dissestes, Senhor: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*[394]. Desta forma, vós me ordenais colher uvas em espinhos, embora tenhais questionado pessoalmente: *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos?*

Então o Senhor responde: “Eu não ordenei você colher uvas em espinhos. Mas, examine, olhe bem se não acontece

muitas vezes de uma videira, quando se espalha pelo campo, se entrelaçar com espinhos”.

Muitas vezes vemos, meus irmãos, ramos de videira apoiados em figueiras selvagens que formam moitas espinhosas. Essas videiras espalham seus ramos, que se entrelaçam nos espinhos e, no meio desses espinhos, vemos pender cachos de uva. Nestes casos, é sobre os espinhos que se colhem as uvas ou é sobre a videira que se entrelaçou aos espinhos?

Sim, os fariseus são moitas de espinhos. Mas, uma vez sentados na cátedra de Moisés, a vinha se prende a eles e deles pendem cachos de uvas: excelentes conselhos e saudáveis preceitos. Colham essas uvas e vocês não se ferirão nos espinhos, se ficarem atento a estas palavras: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*. As ações deles são espinhos, mas os sermões deles são uvas produzidas pela videira que é a cátedra de Moisés.

14 – Os mercenários fujões favorecem os ímpios.

Esses mercenários fogem então, quando veem os lobos, quando veem os ladrões. Mas, como eu disse, eles só podem, do alto desta cátedra, repetir a vocês: “Façam o bem, não cometam perjúrio, não enganem e não fraudem ninguém”.

Há, no entanto, pessoas tão perdidas que chegam a consultar o bispo sobre as maneiras de se apoderar de

propriedades alheias. Sabemos disto por experiência própria e não acreditaríamos se nos contassem. Muitos então querem que lhes demos conselhos perversos, que lhes ensinemos a mentir e a enganar, imaginando que estão nos agradando.

Mas, pela graça de Cristo e, se o Senhor me permite falar assim, jamais nenhum deles conseguiu nos tentar e obter de nós o que desejavam, pois, contando com a graça Daquele que nos chamou, somos pastores e não mercenários.

No entanto, o que diz o Apóstolo? *A mim pouco se me dá ser julgado por vós ou por tribunal humano, pois nem eu julgo a mim mesmo. De nada me acusa a consciência. Contudo, nem por isso sou justificado. Meu juiz é o Senhor*[395].

Não são os louvores de vocês que colocam minha consciência em bom estado. Por que vocês louvam o que não veem? Cabe Àquele que vê louvar. A ele cabe também repreender, se ele vê em mim alguma coisa que desagrade seu olhar. Estamos muito longe de nos acreditar perfeitamente curados e batemos no peito ao dizer a Deus: "Ajude-me, em sua misericórdia, a não pecar!"

Creio poder dizer, no entanto, já que falo na presença de vocês e só tenho como objetivo a salvação de vocês: nós nos entristecemos muito frequentemente por causa dos pecados de nossos irmãos. Esses pecados nos abatem e nos atormentam o coração. Nós repreendemos de tempos em tempos os autores. Ou melhor: não deixamos de repreendê-

los. Eu invoco o testemunho de todos aqueles que quiserem despertar suas lembranças. Quantas vezes não repreendemos e repreendemos fortemente nossos irmãos em desordem!

15 – As contas que os pastores devem prestar pelas ovelhas.

Eu revelo agora propósitos para suas santidades. Vocês são, pela graça de Cristo, o povo de Deus; um povo católico, os membros do Salvador. Vocês não estão separados da unidade, mas em comunhão com aqueles que estão com os Apóstolos, com aqueles que honram a memória dos santos mártires que estão espalhados por todo o mundo. Vocês estão sob nossos cuidados e devemos prestar boas contas de vocês. Vocês sabem no que consistem essas contas.

Quanto a vós, ó meu Deus, vós não ignoreis que eu falei, que eu não mantive silêncio. Vós sabeis com que disposições eu falei e o quanto eu chorei perante vós, quando não escutavam minhas advertências. Não são estas todas as contas que são de minha responsabilidade?

O que nos tranquiliza, de fato, é o que o Espírito Santo fez ser dito ao profeta Ezequiel. Vocês se lembram da passagem relativa à sentinela. Está escrito: *Filho do homem, eu te constituí sentinela na casa de Israel. Logo que escutares um oráculo meu, tu lhe transmitirás esse oráculo de minha parte. Se eu disser ao pecador que ele deve morrer e tu não o avisares para pô-lo de guarda*

contra seu proceder nefasto, ele perecerá por causa de seu pecado, mas a ti pedirei conta do seu sangue.

Por quê? Porque a sentinela não transmitiu o aviso.

Todavia, se depois de receber tua advertência para mudar de proceder, nada fizer. Ou seja, o avisado não se corrigir para escapar do suplício com que Deus o ameaça. *Ele perecerá devido a seu pecado, enquanto tu salvarás a tua vida*[396].

Não é isto o que também ensina a passagem seguinte do Evangelho?

Disse o servo preguiçoso: *Senhor, aqui tens a tua mina, que guardei embrulhada num lenço; pois tive medo de ti, por seres homem rigoroso, que tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste.*

Replicou o Senhor: "*Servo mau, pelas tuas palavras te julgo. Sabias que sou rigoroso, que tiro o que não depositei e ceifo o que não semeei...* A própria avareza que você me atribui devia ensiná-lo que eu quero que meu dinheiro gere frutos. *Por que, pois, não puseste o meu dinheiro num banco? Na minha volta, eu o teria retirado com juros*"[397].

O Senhor diz aqui: "Você devia aplicar meu dinheiro e devolvê-lo com juros".

Somos nós, meus irmãos, que aplicamos o dinheiro do Senhor e é ele que virá pegá-lo de volta. Rezemos então para conseguirmos estar prontos então.

Sermão 138 - O bom pastor II.

“Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no redil, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Mas quem entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as ovelhas pelo nome e as conduz à pastagem. Depois de conduzir todas as suas ovelhas para fora, vai adiante delas e as ovelhas seguem-no, pois lhe conhecem a voz. Mas não seguem o estranho; antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos”.
Jesus contou-lhes esta parábola, mas não entendiam do que ele queria falar.
Jesus tornou a falar-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim foram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem. O ladrão não vem senão para furtar, matar e destruir. Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas. O mercenário, porém, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge; o lobo rouba e dispersa as ovelhas. O mercenário, porém, foge, porque é mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor[398].

Análise

Existem, sem dúvida, muitos bons pastores. Como então Jesus fala como se ele fosse o único bom pastor?

Observemos primeiro, com a Escritura, que o próprio martírio não serve para nada sem o amor e não se é um bom pastor só porque se derramou o próprio sangue. É preciso tê-lo derramado por amor e, consequentemente, na unidade. Então, se o Filho de Deus, depois de ter instituído ele mesmo bons pastores, parece se dizer o único bom pastor, é para nos ensinar que todos os outros devem se reportar a ele e, por consequência, viver na unidade entre eles e com ele.

É verdade que os donatistas citam um texto dos Cânticos para autorizar seu cisma. Mas, primeiramente, eles não o compreendem, já que a noiva nesse texto pede para conhecer quais são os verdadeiros pastores, os pastores abrasados pelo amor e isso para não se arriscar a se perder seguindo os passos dos pastores rebeldes. Depois, esse texto explicado literalmente, como deve sê-lo, é uma condenação manifesta aos donatistas. Eles são obrigados assim a alterá-lo, para interpretá-lo de acordo com seus interesses.

01 – Porque o bom pastor é invocado no singular.

Acabamos de ouvir Nosso Senhor Jesus Cristo nos pregar os deveres de um bom pastor e, por consequência, nos avisar assim que há bons pastores. No entanto, para

afastar de nossa mente toda ideia falsa sobre a pluralidade dos pastores, ele acrescenta: *Eu sou o bom pastor*.

De que forma ele é o bom pastor? Vejam só; ele diz: *O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas. O mercenário, porém, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge*.

Cristo é, então, o bom pastor.

E Pedro? Ele também não é um bom pastor? Ele também não deu sua vida por sua ovelhas? E Paulo? E os outros Apóstolos? E os bem-aventurados bispos mártires que lhes sucederam? E seu São Cipriano também[399]? Todos eles não eram bons pastores, invés de serem os mercenários sobre os quais o Senhor diz: *Em verdade, eu vos digo: já receberam sua recompensa*[400]?

Todos estes grandes homens eram então bons pastores. O que prova isto é não somente que eles verteram o próprio sangue, como o verteram em favor de suas ovelhas. Isto não foi por orgulho; foi o amor que os levou a verterem o próprio sangue.

02 – O martírio é nulo sem o amor.

Vemos entre os heréticos pessoas que, por terem sofrido alguns contratempos por causa de suas iniquidades e falsas doutrinas, apregoam vaidosamente que são mártires e se cobrem com este manto para praticarem suas iniquidades mais facilmente, pois não passam de lobos.

Vocês querem saber, de fato, o que se deve pensar deles? Saibam através de um bom pastor, o apóstolo Paulo, pois não se deve considerar que todos aqueles que derramaram o próprio sangue o fizeram por amor às suas ovelhas, pois foi mais contra elas que eles entregaram seus corpos às chamas.

O Apóstolo diz: *Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada*[401].

Que poder tem essa fé capaz de transportar montanhas! Que grandes dons são enumerados! Mas, segundo São Paulo, se os possuo sem possuir o amor, sem dúvida eles não perderiam nada do seu valor, mas eu, eu não seria nada.

O Apóstolo, no entanto, não falou ainda daqueles que, nas punições que lhes são infligidas, se glorificam falsamente alegando ser mártires.

Vejam agora o golpe que ele lhes dá. Ou melhor: como ele os perfura de lado a outro. Ele diz: *Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria!*[402]

Que essas pessoas prestem bem atenção ao final do texto: *se não tiver amor, de nada valeria!*

Pode-se até mesmo chegar aos tormentos, derramar o próprio sangue, entregar o corpo às chamas; isto não serve para nada, se não se tem amor.

Com o amor tudo é benéfico e nada é benéfico sem o amor.

03 – O amor é o maior dos bens.

Como então esse amor é um grande bem, meus irmãos! O que há de mais precioso, de mais glorioso, de mais firme, de mais útil, de mais sólido?

Deus concede muitos dons aos próprios ímpios, que um dia dirão: *Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?* O Senhor não dirá que eles não fizeram o que dizem ter feito. Sob o olhar de um juiz assim, eles ousariam mentir ou se vangloriar de obras imaginárias? Mas, como eles não fizeram nada por amor, o Senhor dirá a todos eles: *Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!*[403]

Há a mínima parcela de amor naquele que odeia a unidade, mesmo que esteja convencido da verdade? Foi então para recomendar essa unidade aos bons pastores que o Senhor evitou falar dos pastores no plural.

Sem nenhuma dúvida, eu já falei isto, Pedro, Paulo e os outros Apóstolos eram bons pastores, bem como os santos bispos que os substituíram e o bem-aventurado Cipriano. Sim, eles eram todos bons pastores; no entanto, o Senhor

não falou de muitos bons pastores, mas de um só. *Eu sou o bom pastor*, ele disse.

04 – Pedro e outros são bons pastores.

Interroguemos o Senhor como pudermos. Questionemos com a mais profunda humildade esse divino Pai de Família.

O que dizes então ó Senhor, ó Bom Pastor? Se vós sois o cordeiro de Deus, vós sois também o Bom Pastor. Vós sois, ao mesmo tempo, pastor e pastagem, cordeiro e leão. O que nos ensinais? Ajudai-nos a vos escutar e a vos compreender. O que dizeis?

Eu sou o bom pastor.

E Pedro então? Ele é um bom pastor ou um mau pastor? Examinemos se ele é um bom pastor.

Simão, filho de João, amas-me? Fostes vós, Senhor, que lhe perguntastes: *Simão, filho de João, amas-me?*

Sim, Senhor, tu sabes que te amo, respondeu Pedro.

Apascenta as minhas ovelhas, respondestes vós a ele.

Fostes vós, fostes vós, Senhor, que, depois de havê-lo questionado, estabelecestes como pastor, pela autoridade de vossa palavra, esse amante devotado. Ele é pastor porque vós lhe deste vossas ovelhas para que ele apascentasse.

Vejamos agora se ele não é um bom pastor. Ficamos sabendo disto também através da pergunta e da resposta. Vós lhe perguntaste se ele vos amava e ele vos respondeu: *Sim, Senhor, tu sabes que te amo*. Vós vistes em seu

coração que ele dizia a verdade. Ele não seria bom, já que ele vos ama desta maneira; vós, o Bem Supremo? Sua resposta não jorrou, como aconteceu, do fundo do seu coração? No momento em que ele sentiu vosso olhar penetrar até o fundo de suas entranhas, ele não ficou aflito por tê-lo questionado, não uma vez, mas duas e três vezes, para que ele pudesse apagar sua tripla negação, confessando três vezes seu amor? Ele não se afligiu por ter sido interrogado várias vezes por Aquele que sabia o que perguntava e que inspirava a resposta? Ele não clamou, tocado por sua tristeza: *Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo*[404]?

Ele mentiria ao fazer esta confissão, ou melhor, essa profissão solene? Ele foi então sincero ao responder que vos amava. Foi do fundo mesmo de seu coração que escapou esse grito de amor.

Ora, vós haveis dito: *A pessoa boa tira boas coisas de seu bom tesouro*[405]. Pedro é, então, pastor e um bom pastor. Sem dúvida que ele não é nada, comparado com o poder e a bondade do Pastor dos Pastores. No entanto, ele também é um pastor e mesmo um bom pastor e aqueles que se parecem com ele são bons pastores igualmente.

05 – Todavia, um só é o Bom Pastor: Cristo.

Por que então não falar de bons pastores, mas de um só pastor, se não é porque vós quereis assim recomendar a unidade?

Isto é o que dirá mais claramente ainda o próprio Senhor, através de nós. Ele se dirige então, de acordo com o mesmo Evangelho, às suas caridades.

Ele diz: “Saibam o que eu quis fazer vocês sentirem. Eu disse: *Eu sou o bom pastor* porque todos os outros bons pastores são meus membros. Porque só há uma Cabeça, um só corpo, um só Cristo. Consequentemente, só há um Pastor dos Pastores e todos os pastores estabelecidos por ele são, com suas ovelhas, originários desse Pastor Supremo”.

Não é isto o que ensina o Apóstolo? Ele diz: *Como o corpo é um todo tendo muitos membros e todos os membros do corpo, embora muitos, formam um só corpo, assim também é Cristo*[406].

Se é assim com relação a Cristo, é com razão que, estando compreendidos nele todos os bons pastores, ele só fale de um só e diga: “*Eu sou o bom pastor*. Eu sou o pastor, o único pastor. Todos são um só ser em unidade comigo. Pastorear então fora de mim é estar contra mim e *quem não recolhe comigo, espalha*[407]”.

Vocês querem ver a unidade recomendada ainda mais fortemente?

Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil. Ele falava do primeiro redil formado pelo povo saído carnalmente de Israel, pois havia outros fora dele e entre os gentios predestinados que deveriam ter a fé de Israel, mas que ainda não tinham se reunido ao redil.

O Salvador sabia deles, pois fora ele que os predestinara. Ele os conhecia, pois tinha vindo resgatá-los

com o preço do seu sangue. Ele os via sem ser visto ainda por eles. Ele os conhecia sem que eles ainda acreditassem nele.

"*Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil*. Que não são da descendência de Israel. Mas elas não ficarão para sempre fora do redil, pois, *preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor*".

06 – O amor da noiva por Cristo.

É então com razão que a noiva bem-amada desse Pastor dos Pastores, que essa noiva ornamentada e embelezada por sua misericórdia e sua graça, já que antes ela estava suja por todo tipo de iniquidade, que essa noiva se dirige a ele no ardor que a transporta e lhe pergunta: *Onde apascentas o teu rebanho?*[408]

Observem, meus irmãos, o quanto se inflama aqui, com que ardor se eleva o amor espiritual. Para sentir vivamente as alegrias desse amor, é preciso ter degustado um pouco que seja de suas doçuras. Aqueles que amam Cristo me compreendem, pois é por sua boca e é deles que fala a Igreja no Cântico dos Cânticos.

Se o Cristo que eles amam parece sem beleza, nem por isso sua beleza deixa de ser incomparável.

Não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares e seu aspecto não podia seduzir-nos[409], está escrito.

Foi neste estado que ele compareceu perante a cruz e que subiu nela com sua coroa de espinhos. Então, ele *não*

tinha graça nem beleza. Poder-se-ia dizer que ele havia perdido todo seu poder e que não era o Filho de Deus.

Foi neste estado que os cegos o viram, pois, foi em nome dos judeus que Isaías clamou: *Não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares e seu aspecto não podia seduzir-nos*.

Também disseram sobre ele: *Ele salvou a outros e não pode salvar a si mesmo! Se é rei de Israel, desça agora da cruz e nós acreditaremos nele!*[410]

Também *bateram-lhe com os punhos e deram-lhe tapas, dizendo: "Adivinha, ó Cristo: quem te bateu?"*[411]

Ele então *não tinha graça nem beleza*. Mas, se vocês pensaram isto, ó judeus, foi porque uma parte de Israel caiu na cegueira até a chegada da totalidade dos gentios; até que viessem as outras ovelhas[412]. Sim, foi por terem caído na cegueira que vocês viram sem beleza a própria beleza.

Ah! Mas se vocês o tivessem *conhecido, não teriam crucificado o Senhor da Glória*[413]. Vocês o crucificaram porque não o conheceram. No entanto, ele não apoiou vocês, apesar dos seus crimes?

Ele não foi belo, quando rezou por vocês, dizendo: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[414]?

Se ele fosse sem beleza, ele seria amado por sua noiva, que lhe disse: *Dize-me, ó tu, que minha alma ama*[415]?

Por que ela o ama? Por que ela se inflama? Por que ela teme tanto se afastar dele? Por que ela ama tanto sua presença, a ponto de temer ser privada dela? Ela o amaria, enfim, se ele não fosse belo? Mas, como ela o amaria, se ela

visse nele o que viam aqueles carrascos que o atormentaram sem saber o que faziam?

O que ela amava então nele, o mais belo dos filhos dos homens? *Sois belo, o mais belo dos filhos dos homens. Espalha-se a graça em vossos lábios*[416].

Ah! Com esses lábios abençoados, *dize-me, ó tu, que minha alma ama*. *Dize-me, ó tu, que ama*, não meu corpo, mas, *minha alma*. *Dize-me onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros*[417].

07 – As palavras da noiva e os companheiros.

Esta passagem parece obscura e ela o é, de fato, pois trata-se do mistério sagrado do leito nupcial. A noiva não havia dito: *O rei introduziu-me nos seus aposentos*[418]? Trata-se aqui do segredo comunicado então.

Quanto a vocês, que não estão afastados desse santuário como os profanos, escutem o que é dito a vocês, juntos com noiva. Se é que, todavia, vocês amam como ela e estão unidos a ela. Digam todos; ou melhor: que ela diga sozinha, pois é a própria unidade que fala: *Dize-me, ó tu, que minha alma ama*, pois devemos ter em Deus *um só coração e uma só alma*[419]. *Dize-me onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*.

O que lembra o meio-dia? Um grande calor e uma luz esplendorosa.

A noiva quer dizer então:

“Mostre-me quais são seus sábios, quais são as pessoas que unem o fervor do espírito com o esplendor de sua doutrina. *Mostre-me o poder de vossa destra e quais são os corações penetrados por vossa sabedoria*[420]. Eu quero me juntar a eles em vosso corpo, estar associada a eles e desfrutar de vós com eles. Diga-me então, diga-me *onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*, para que eu não me jogue no meio daqueles que falam de vós da maneira diferente do que eles pensam, que acreditam de maneira diferente do que pregam, que possuem seus rebanhos particulares, que são vossos companheiros, que comem em vossa mesa e que celebram o Sacramento que receberam de vós”.

Eles são companheiros, mas quase companheiros devoradores[421]. É a eles que se dirige esta censura em um Salmo: *Se o ultraje viesse de um inimigo, eu o teria suportado. Se a agressão partisse de quem me odeia, dele me esconderia. Mas eras tu, meu companheiro, meu íntimo amigo, com quem me entretinha em doces colóquios; com quem, por entre a multidão, íamos à casa de Deus*[422].

Por que agora essas mentes se levantam contra a casa de Deus e se opõem a nós? É porque *eles saíram dentre nós, mas não eram dos nossos*[423].

Não permita então, *ó tu, que minha alma ama*, que eu me jogue no meio deles. Eles são vossos comensais, mas, como eram aqueles de Sansão: infiéis ao seu amigo e que procuram corromper sua noiva[424].

Não, que eu *que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros*, que eu não seja uma desconhecida, como uma mulher escondida e velada, invés de estar sentada no alto de uma montanha.

Dize-me, então, *ó tu, que minha alma ama, onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*. Diga-me quais são os sábios e os fiéis em quem depositais vossa preferência, para que eu não vagueia às cegas. Não no meio dos vosso rebanhos, mas no meio dos rebanhos dos vossos comensais, pois vós não dissestes a Pedro: "Apascenta suas ovelhas", mas sim: *Apascenta minhas ovelhas*[425].

08 – A resposta do Noivo.

A essa noiva bem-amada responde agora esse Bom Pastor, *o mais belo dos filhos dos homens*. Que ele responda, já que ele a fez a mais bela das mulheres.

Escutem então e compreendam o que ele diz. Temam suas ameaças e observem os avisos que ele lhe dá. O que ele lhe diz? Ele não a bajula, mas, em forma de elogios, ele lhe dá advertências severas. Ele a repreende para mantê-la, para preservá-la.

Ele lhe diz então: *Se não o sabes, ó mais bela das mulheres*[426].

Por mais belas que sejam as outras, por dom do Noivo, nem por isso elas deixam de ser heréticas. Elas possuem beleza exterior; não é o coração que as embeleza. Elas

brilham externamente, vestindo o claro nome da justiça, mas, *toda a glória da filha do rei está no interior*[427].

"*Se não o sabes*, se você não sabe que é única, que você está espalhada por todas as nações, que você é pura e que não deve se deixar corromper pelo linguajar perverso dos comensais indignos; se você não sabe que é uma noiva legítima e que deve ser apresentada a Cristo como uma virgem pura; se você não se apresenta a mim mesmo por medo de que, *como a serpente seduziu Eva com sua astúcia*[428], as más doutrinas corrompam em você a castidade que você me dedicou; se então, você não conhece em você estas coisas, saia, saia.

"A outros eu direi: *Vem regozijar-te com teu senhor*[429], mas a você não direi: *Vem*, mas: *Saia*. Junte-se àqueles que nos deixaram.

"*Saia*, mas somente se você não se conhece, pois, se você se conhece, *Vem*. *Se não o sabe, ó mais bela das mulheres, saia, siga as pegadas das ovelhas e apascente os cabritos junto às cabanas dos pastores*[430].

"*Siga as pegadas*, não do rebanho, mas *das ovelhas e apascente*, não, como Pedro, meus cordeiros, mas, *os cabritos;* não na cabana do Pastor, mas, *junto às cabanas dos pastores*; não na unidade, mas na desunião; sem ficar onde só há um rebanho e um só pastor".

Assim se encoraja, assim se constrói, assim se torna mais forte essa noiva bem-amada, igualmente pronta para morrer por seu noivo, quanto viver por ele.

09 – As palavras da noiva são difamadas.

Estas palavras que recordamos vêm do livro sagrado dos Cânticos, que é como o canto nupcial do Noivo e da Noiva.

Há, de fato, núpcias espirituais que exigem de nós uma grande pureza, pois Cristo concedeu à sua Igreja ser espiritualmente o que foi fisicamente sua mãe: virgem e mãe, ao mesmo tempo.

Mas, a estas palavras os donatistas dão um sentido particular muito diferente e completamente falso. Eu não quero deixar de mostrar isto para vocês e nem de expor para vocês brevemente, com a graça de Deus e na medida de minhas forças, como vocês podem responder a eles.

Quando pressionamos os donatistas, mostrando a eles a viva luz da unidade da Igreja espalhada por todo o mundo, quando lhes pedimos para citarem das Escrituras alguma passagem em que Deus tenha profetizado que sua Igreja se estabeleceria na África, enquanto que as outras regiões estariam perdidas para ele, eis o que eles têm o costume de responder: a África fica no sul, então, quando a Igreja pergunta ao Senhor onde ele apascenta e onde ele repousa, o Senhor responde: "no sul"[431].

A questão estaria então contida nestas palavras: *Dize-me, ó tu, que minha alma ama, onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*[432]. E a resposta do Senhor seria esta: "no sul", ou seja, na África.

Mas, se é a Igreja que faz a pergunta e se é o Senhor que responde: "Eu apascento na África",

consequentemente, a Igreja está na África. Logo, a Igreja que interroga não está lá.

Dize-me, ó tu, que minha alma ama, onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia, perguntou a Igreja. E, a esta Igreja que não está na África, supostamente foi respondido: “no sul”.

Eu outros termos: “É na África que eu repouso. É na África que eu apascento”. Isto é quase que dizer então: “Eu não apascento você”.

Agora, se a pergunta é formulada por uma Igreja __ e ninguém duvida disto, sendo que os próprios donatistas não discordam __ e se esses sectários veem, não sei onde, algo que os lembra a África, evidentemente então a Igreja que interroga não está na África. No entanto, ela é uma Igreja verdadeira e existe então fora da África.

10 – O desmentido.

Admitamos que a África esteja no meio-dia[433], embora o Egito esteja, mais do que ela, no ponto preciso do meio-dia. Ora, o que faz no Egito o divino Pastor?

Vocês que sabem, despertem suas lembranças e, vocês que não sabem, saibam do imenso rebanho que ele reuniu lá, do número considerável de santos que ele possui lá e santos que renunciaram completamente ao mundo.

O rebanho santo cresceu tanto lá que chegou a banir todas as superstições; sem falar que, ao se desenvolver, ele afastou o culto aos ídolos que exercia ali seu império.

Eu admito o que vocês dizem, ó pérfidos comensais. Eu admito absolutamente. Eu quero acreditar que a África fique no meio-dia e que se fala dela nestas palavras: *Onde apascentas o teu rebanho? Onde o levas a repousar ao meio-dia*?

Mas, da parte de vocês, observem também que é a Noiva e não o Noivo que fala assim. Sim, é a Noiva que diz: *Dize-me, ó tu, que minha alma ama, onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros*.

Ó surdo! Ó cego! Se você vê a África na palavra meio-dia, como você não vê __ como um cego __ que as outras palavras designam uma mulher? *Dize-me, ó tu, que minha alma ama*; é a um homem que são dirigidas estas palavras: *tu, que minha alma ama* (***quem dilexit***).

Se lêssemos: *Dizei-me, vós, que amais* (***quam dilexit***), compreenderíamos que é o Noivo falando à Noiva. Mas, como está escrito: *Dize-me, ó tu, que minha alma ama* (***quem dilexit***), *onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*, é a Noiva falando ao Noivo.

Mas, é ela também que acrescenta *ao meio-dia*. E ela pergunta: *Onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros*. Eu admito então e admito completamente que aqui se trata da África, como vocês sustentam que a palavra meio-dia designa. Não se conclui então que é a Igreja de Cristo, situada além-mar, que se dirige ao seu

Noivo, temendo se chocar com o erro espalhado pela África?

“Dize-me, ó tu, que minha alma ama; ensina-me! Eu soube que há no sul __ ou seja, na África __ duas seitas. Ou melhor: numerosas facções. *Dize-me*, então, *onde apascentas*, quais são suas ovelhas, a que redil eu devo me dirigir, a qual me unir, *para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros*. De fato me insultam, me acusam de ficar velada, de ficar escondida, como que perdida e como que não existindo em nenhum outro lugar. Temo então vaguear como uma cega, como uma mulher desconhecida e nas trevas, no meio dos rebanhos, das assembleias de heréticos, *dos teus companheiros*, dos donatistas, dos maximinianistas, dos rogatistas e das outras seitas venenosas que recolhem fora de vós e que, por consequência espalham. Eu vos peço: esclareça-me, para que, ao procurar lá meu Pastor, eu não me jogue no abismo aberto pelos rebatizadores”.

Eu peço a vocês, eu exorto vocês, pela santidade dessa núpcia sagrada: amem esta Igreja, perseverem nessa Igreja, sejam tal como essa Igreja. Amem o Bom Pastor, o noivo tão belo que não engana ninguém e que não quer a morte de ninguém.

Rezem também pelas ovelhas desgarradas. Que elas retornem, que elas reconheçam e que elas amem a Verdade, para que só haja um rebanho e um só Pastor.

Sermão 139 - A consubstancialidade do Filho com o Pai.

Eu e o Pai somos um[434].

Análise

Se Deus possui um grande número de filhos adotivos, ele só tem, no entanto, um filho propriamente dito; um filho que seja de mesma natureza e de mesma substância que ele.

Inutilmente os arianos objetam que um filho, ao nascer, é inferior ao seu pai. Se ele lhe é inferior é somente na idade e porque ele está submetido às ações do tempo, mas ele lhe é igual em natureza.

Que injúria então os heréticos não cometem ao Pai eterno e ao seu Filho! Ao considerarem este inferior ao seu Pai, eles o acusam de não passar de um filho degenerado, assim como acusam o Pai de ter gerado um monstro.

01 – Cristo como o Unigênito de Deus Pai.

Jesus Cristo Nosso Senhor e nosso Deus; Jesus Cristo, o Filho único de Deus, que nasceu de Deu Pai sem a participação de nenhuma mãe e da Virgem sua mãe sem a participação de nenhum pai mortal; Jesus Cristo disse, como vocês acabaram de ouvir: *Eu e o Pai somos um*.

Aceitem e acreditem nesta afirmação, para merecerem compreendê-la, pois a fé deve preceder a compreensão e a compreensão deve ser a recompensa da fé, como ensina

expressamente um Profeta: *Se não acreditares, não compreendereis*[435].

Desta forma então, é à fé que se dirige a pregação, ao expor simplesmente os mistérios e é a compreensão que quer esclarecer a discussão, ao aprofundá-los. Assim, para começar a espalhar a fé na alma de vocês, pregamos Jesus Cristo Filho Unigênito de Deus.

Por que dizer Unigênito? Porque o Pai deste Filho Unigênito fez, por sua graça, muitos outros filhos. Todos os santos, de fato, são filhos de Deus pela graça, mas somente Jesus Cristo o é pela natureza.

Ser filho de Deus pela graça é não ter a mesma natureza do Pai. Aí está porque nenhum santo jamais ousou dizer, como o Filho Unigênito: *Eu e o Pai somos um*.

No entanto, o Pai também não é nosso Pai? Se ele não o é, como dizemos a ele, ao rezar: *Pai nosso que estais nos céus*[436]?

É verdade que somos seus filhos, mas ele nos fez assim por sua vontade, sem nos ter gerado de sua substância e se é dito que ele nos gerou, é para expressar que ele nos adotou, ao nos comunicar seus dons e não por nos transmitir sua natureza.

Assim, temos o título de filhos porque fomos chamados por ele para a adoção[437]. Somos pessoas adotadas por Deus.

Se Jesus Cristo é chamado de Filho Unigênito, é porque ele tem a mesma natureza de seu Pai. Nós, pelo contrário, não passamos de pessoas que têm Deus como Pai.

Foi porque Jesus tem a mesma natureza que seu Pai que ele disse e disse com verdade: *Eu e o Pai somos um*.

O que significa *somos um*? Somos de uma mesma e única natureza; de uma mesma e única substância.

02 – O Filho de Deus e seu Pai são de uma mesma substância.

Talvez vocês não compreendam suficientemente o que quer dizer “de uma mesma e única substância”. Esforcemo-nos e que Deus nos ajude; eu a explicar e vocês a entender; eu para colocar a verdade ao alcance de vocês e vocês para acreditar, o que é necessário antes de tudo e depois compreender, na medida das possibilidades de vocês.

O que significa então: “de uma mesma e única substância”?

Para esclarecer com exemplos o que pode não estar suficientemente claro, farei comparações.

Suponha que Deus seja feito de ouro. O Filho então será de ouro também.

Por que comparações tiradas das coisas terrenas não serviriam para nos elevar às coisas do céu, se está escrito: *Todos bebiam da pedra espiritual que os seguia e essa pedra era Cristo*[438]?

Assim, o Filho é tudo o que o Pai é. Se, como eu já supus, o Pai fosse de ouro, o Filho também seria de ouro. Dizer que o Filho não é da mesma substância que o Pai, não seria dizer, por exemplo, o Pai é de ouro, mas o Filho é de prata?

Se o Pai é de ouro e o Filho é de prata, então o Filho Unigênito do Pai é um Filho degenerado.

Uma pessoa gera uma pessoa. O pai que gera é da mesma substância que o filho gerado por ele. O que quer dizer então da mesma substância? Um é uma pessoa e o outro também. Um tem uma alma e o outro também tem uma. Um tem um corpo e o outro também tem um. Um é, por fim, o que o outro é.

03 – A objeção dos arianos.

Mas, eu ouço a heresia ariana. O que ela me diz?

“Lembre-se do que você acaba de dizer”.

O que foi que eu disse?

“Que se pode estabelecer uma comparação entre um filho do homem e o Filho de Deus”.

Sim, uma comparação, mas uma comparação de semelhança e não uma comparação de igualdade. Mas, o que você quer concluir disto?

“Você não vê então que o pai que gera é maior do que o filho gerado por ele? Como, diga-me, como você ousa ensinar que o Pai e o Filho, que Deus e Cristo são iguais, quando você vê entre os humanos o filho sempre inferior ao pai?”

Ó sábio! Você vai procurar então o tempo na eternidade e a sucessão das eras onde não há tempo? Se entre nós o pai é maior do que o filho é porque ambos estão no tempo, é porque um cresce enquanto o outro envelhece, pois, como

eu disse, não é a natureza que dá superioridade ao pai, mas é a idade.

Você quer a prova disto? Espere, deixe o filho crescer e ele será igual ao seu pai. Por menor que seja a criança, ela poderá, ao crescer, atingir o tamanho do seu pai. Mas você, ao representar o Filho de Deus como inferior ao seu Pai, você quer que ele não cresça e nem se eleve à altura Daquele que o gerou. Desta forma, você colocou um simples filho do homem em uma condição superior à do Filho de Deus.

Como? Porque o filho do homem cresce e consegue se igualar ao seu pai, enquanto que Cristo, em sua opinião, nasce inferior ao seu Pai, para permanecer inferior a ele, sem poder esperar o desenvolvimento da idade e, desta forma, dando-lhe uma natureza diferente.

Mas, por que lhe dão uma natureza diferente, se não é por acreditar que ele seja de mesma substância que seu Pai? Confesse ao menos que ele tem a mesma natureza que seu Pai e diga depois que ele lhe é inferior.

Vejamos as pessoas. Aqui está uma pessoa. O que ela é, em substância? Uma pessoa. E o filho que ela gera? Uma pessoa também, embora pequena. A idade é diferente, a natureza é a mesma.

Diga então também: o Filho é de mesma natureza que o Pai, mas lhe é inferior. Diga isto, dê um passo adiante, diga que o Filho é de mesma substância que o Pai, mas que, no entanto, ele é menor que ele. Você conseguirá, assim, ver nele um seu igual.

Sim, reconheça que ele é de mesma substância, embora menor que ele. Isto é avançar muito e se aproximar muito da verdade que nos mostra ele como seu igual.

Mas, você afirma que o Filho não é de mesma substância que o Pai. Isto é dizer que um é de ouro e o outro é de prata. É dizer que uma pessoa gera um cavalo, já que a pessoa não é da mesma substância que o cavalo.

Ora, se o Filho é de uma substância diferente da do Pai, conclui-se que o Pai gerou um monstro. De uma criatura, de uma mulher que deu à luz um ser que não é humano, não dizemos que ela deu à luz um monstro?

Para não ser um monstro, é preciso que o que nasce seja de mesma substância de quem o gerou; que uma pessoa gere uma pessoa, um cavalo gere um cavalo, uma pomba uma pomba e um pardal um pardal.

04 – É uma grave blasfêmia afirmar que o Filho é de substância diferente da do Pai.

Deus então concedeu às suas criaturas que elas gerassem o que elas são. Às suas criaturas, às criaturas mortais e terrestres, ele concedeu gerar o que elas são e ele, antes de qualquer tempo, não pôde manter este poder para ele mesmo?

Ele é sem nenhum começo e seu Filho não seria o que ele é? Ele teria tido um Filho degenerado?

Que blasfêmia então é sustentar que o Filho Unigênito de Deus não é de mesma substância que seu Pai!

Sim, isto é dizer que ele degenerou e é uma tremenda injúria dizer que o filho de uma pessoa qualquer é um degenerado!

O que é ser degenerado? É, por exemplo, ter um pai corajoso e ser covarde e tímido. Quando se vê um covarde assim se humilhar, o que se diz? “Sai, degenerado! Seu pai era valente e o medo faz você tremer”.

Mas, é por sua culpa que um filho degenera de seu pai, já que por natureza ele é seu igual.

O que quer dizer que por sua natureza ele é seu igual? Significa que ele é uma pessoa tanto quanto seu pai.

Sem dúvida que o pai é corajoso e o filho um covarde, o pai é intrépido e o filho vacilante. Mas ambos, no entanto, são pessoas, o que prova que é o vício e não a natureza que faz do filho um degenerado.

Você, quando acusa o Filho Unigênito do Pai de ser um Filho degenerado, de não ser como é seu Pai, você o acusa, não de ter degenerado depois do nascimento, mas de ter sido gerado degenerado.

Quem pode ouvir uma blasfêmia assim?

Ah! Se os arianos pudessem ver a gravidade disto, de uma maneira qualquer! Como eles fugiriam de sua seita para se tornarem católicos!

05 – Os arianos, ofendendo o Filho, fingem honrar o Pai.

O que dizer, então, meus irmãos? Não nos irritemos por causa deles, mas peçamos a Deus para eles o dom da

inteligência.

Talvez, de fato, eles tenham nascido com este erro. O que se pode dizer? Que talvez eles tenham recebido este ensinamento de seus pais e, por isso, se apeguem tanto a ele. Infelizmente eles preferem suas famílias à verdade!

Para poder permanecer o que eles são, que eles se tornem o que não são. Que eles se tornem católicos, para poderem permanecer humanos, para não perderem o que lhes deu a criação divina e para juntarem a ela a divina graça.

Eles acreditam honrar o Pai ultrajando o Filho e se for dito a um deles: “Você blasfema”, ele pergunta: “Em quê?”

Ao dizer que o Filho não é de mesma natureza que o Pai.

“É você que blasfema”, ele replica.

Por quê?

“Porque você quer igualar o Filho ao Pai”.

Sim, eu pretendo igualar o Filho ao seu Pai, mas o Filho é estranho a ele? O Pai não fica feliz ao me ver igualar seu Filho Unigênito a ele?

Ele fica feliz, pois não conhece o ciúme e foi por não ter ciúme de seu Filho Unigênito, que ele, pela geração, lhe transmitiu tudo o que ele é.

Você, pelo contrário, ultraja o Pai, ultrajando o Filho, pois é para honrar o Pai que você desonra seu Filho. Se, de fato, você afirma que o Filho não é de mesma substância, é para não ofender seu Pai.

Pois bem! Vou lhe mostrar em poucas palavras que você ofende a ambos.

“Como?”

Se eu digo a alguém: “Degenerado! Você não se parece com seu pai. Degenerado que você é, bem diferente do seu pai!” Esta pessoa, ao me ouvir, se irrita e grita: “Foi ao nascer que degenerei?”

Por outro lado, o pai, ao me ouvir, se irrita mais ainda e o que ele diz, em sua cólera? “Eu gerei um filho degenerado? Se eu gerei o que não sou, eu gerei um monstro!”

Você ainda pergunta como você ultraja o Pai e o Filho, honrando um em detrimento do outro? Você ofende o Filho sem se conciliar com o Pai. Ao procurar fazer com que o Pai se beneficie da desonra do Filho, você fere o Pai e o Filho.

Junto a quem agora você irá se refugiar? Se você quer escapar da cólera do Pai correndo para o Filho, ele dirá a você: “Oras! Você recorre a um Filho que julga ser um degenerado?!” E, se você recorrer ao Pai, depois de ter ofendido o Filho, ele dirá a você: “Oras! Você recorre a um Pai que você supõe ter gerado um Filho de outra natureza?!”

Contentem-se com isto, meus irmãos! Guardem isto, confiando-o à memória de vocês. Escrevam isto no caderno da crença de vocês e, para compreenderem bem, dirijam suas preces a Deus e ao seu Filho, pois eles são um só.

Sermão 140 - A igualdade do Filho com o Pai.

Jesus exclamou em voz alta: “Aquele que crê em mim, crê não em mim, mas naquele que me enviou e aquele que me vê, vê aquele que me enviou. Eu vim como luz ao mundo; assim, todo aquele que crer em mim não ficará nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, eu não o condenarei, porque não vim para condenar o mundo, mas para salvá-lo. Quem me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue: a palavra que anunciei julgá-lo-á no último dia. Em verdade, não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna. Portanto, o que digo, digo-o segundo me falou o Pai”[439].

Análise

Um bispo ariano, chamado Maximino e protegido do Conde Segilvulto, opunha ao ensinamento católico sobre a igualdade do Filho com o Pai, estas palavras de São João Evangelista: "Aquele que crê em mim, crê não em mim, mas naquele que me enviou" e estas outras: "Em verdade, não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna".

Para refutar esse bispo ariano, Santo Agostinho estabelece que o Pai, ao gerar seu Filho, lhe comunica uma igualdade perfeita com ele mesmo. É por isto que o Filho lhe presta homenagem reportando ao seu Pai a fé que temos em sua palavra.

Quanto ao mandamento que ele declara ter recebido do seu Pai, como esse mandamento é chamado por ele de vida eterna e dele mesmo a Escritura fala em outra passagem que ele é a vida eterna, esse mandamento não é outra coisa além do ser divino que ele deve ao seu Pai.

01 – A fé em Cristo.

Por que, meus irmãos, acabamos de ouvir o Senhor dizer: *Aquele que crê em mim, crê não em mim, mas naquele que me enviou*?

É saudável para nós acreditar em Cristo, sobretudo porque foi ele quem disse expressamente o que acaba de ser repetido diante de vocês, ou seja, que ele veio a este mundo para ser a luz dele e acreditar nele é não caminhar nas trevas, mas sim ter *a luz da vida*[440].

Então, é útil e extremamente vantajoso acreditar em Cristo e é um grande mal não acreditar nele. No entanto, como Cristo, Filho de Deus, deve ao seu Pai tudo o que ele é; como o Pai não procede do Filho, já que, pelo contrário, ele é seu Pai, mesmo recomendando ter fé nele, o Filho reporta toda sua glória ao seu Pai.

02 – São dois os nascimentos de Cristo

Efetivamente, se vocês querem permanecer católicos, acreditem de uma maneira firme e inabalável que Deus Pai gerou antes do tempo Deus Filho e que, no tempo, ele o fez nascer de uma Virgem.

O primeiro nascimento antecipa o tempo e o segundo ilumina o tempo. Ambos, no entanto, são admiráveis, pois, no primeiro não houve uma mãe e no segundo não houve um pai.

Ao gerar seu Filho, Deus o gerou de sua substância, sem a participação de nenhuma mulher e a Virgem, sua mãe, ao dá-lo à luz, o fez sem a participação de nenhum homem.

O Filho nasceu do Pai sem ter tido um começo e, de sua mãe, ele teve um hoje, uma data determinada.

Filho do Pai, ele nos fez. Filho de sua mãe, ele nos refez.

Ele nasceu do Pai para nos dar a existência e nasceu de sua mãe para nos impedir de perdê-la.

O Pai o gerou seu igual e tudo o que o Filho é ele deve ao seu Pai, enquanto que Deus Pai não deve nada ao seu

Filho o que ele é. Isto nos faz dizer que Deus Pai não teve um princípio e Deus Filho procede do Pai.

Daí vem que o Filho atribui ao Pai todos os milagres que ele realiza, todas as verdades que ele enuncia e não pode diferir do Autor do seu ser.

O primeiro ser humano pôde se tornar algo que ele não era em sua criação. A criação o fez justo e ele se tornou pecador, mas o Filho Unigênito de Deus não pode mudar nada do que ele é. Ele não pode nem transformá-lo e nem diminuí-lo. É impossível para ele não ser o que ele é e é impossível para ele não ser igual ao seu Pai.

O Pai, que deu tudo ao seu Filho desde seu nascimento e sem experimentar nenhuma necessidade, lhe deu também, sem nenhuma dúvida, ser seu igual.

Como ele lhe deu ser seu igual? Ele o gerou seu inferior, para acrescentar algo à sua natureza e elevá-lo até ele?

Se ele tivesse agido assim, ele teria deixado algo faltando para lhe dar depois. Ora, eu já disse e vocês devem estar perfeitamente seguros disto, foi desde seu nascimento e sem experimentar nenhuma necessidade que o Pai deu todo seu ser ao seu Filho.

Mas, se ele lhe deu então todo seu ser, ele certamente lhe deu a igualdade com ele mesmo e ele podia, ao lhe conferir essa igualdade, não gerá-lo seu igual?

Assim, mesmo que o Pai seja um e o Filho outro, ele não é diferente do Filho. Um é o que o outro é. Um não é o outro, mas um é o que o outro é.

03 – Porque Cristo é chamado de o verdadeiro Filho de Deus.

O Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna, ele disse e vocês ouviram bem.

Isto é o que diz o Evangelho de São João. Prestem atenção: *O Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna*.

Ah! Se me fosse permitido por Deus dizer o que quero! O que me atormenta é sua abundância e minha própria pobreza.

Ele mesmo me prescreveu o que devo dizer e o que devo ensinar. E sei que o seu mandamento é vida eterna, diz o Salvador.

Em uma Epístola deste mesmo João Evangelista, observem o que está escrito sobre Cristo. Lá está: *Sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para conhecermos o Verdadeiro. E estamos no Verdadeiro, nós que estamos em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna*[441].

O que significa *o verdadeiro Deus e a vida eterna*? Que o verdadeiro Filho de Deus é, ao mesmo tempo, Deus de verdade e vida eterna.

Por que chamar Cristo de *o Verdadeiro Filho de Deus*? Porque Deus teve muitos filhos e precisou discerni-lo, chamando-o de *o Verdadeiro Filho de Deus*.

Não bastava chamá-lo de seu filho. Precisava acrescentar que ele é seu *Verdadeiro Filho*, para distingui-lo dos numerosos filhos que Deus tem. Efetivamente, se somos filhos de Deus pela graça, Cristo o é pela natureza. Através dele o Pai nos criou e ele é tudo o que o seu Pai é. Podemos dizer que somos tudo o que Deus é?

04 – Ninguém, além de Cristo, ousou dizer que é um com o Pai.

Mas, eis um cego que cruza nosso caminho e que grita, sem saber o que diz: "Se está escrito: *Eu e o Pai somos um*[442], é para expressar a concordância de vontade e não a comunidade de natureza. Os próprios Apóstolos __ esta é uma afirmação do cego e não minha ___ fazem um com o Pai e com o Filho".

Horrível blasfêmia! Sim, concordamos que os Apóstolos são um com o Pai e com Filho porque eles obedecem a vontade do Pai e do Filho. É possível que se tenha ousado fazer uma afirmação destas?

Paulo então poderia dizer: "Deus e eu somos um!" Pedro também poderia dizer, assim como todos os Profetas: "Deus e eu somos um!" Mas eles não falam isto, Deus os livre!

Eles sabem que são de outra natureza, de uma natureza que precisou ser curada. Eles sabem que são de uma natureza que precisou ser esclarecida. Nenhum deles disse: "Deus e eu somos um".

Qualquer que seja o progresso deles, qualquer que seja a eminência da santidade deles, qualquer que seja a sublimidade de suas virtudes, jamais eles disseram: “Deus e eu somos um”. Se eles tinham realmente virtudes, bastaria ter um linguajar deste para que perdessem tudo.

05 – A igualdade do Filho com o Pai.

Creiam então que o Filho é igual ao Pai, mas também que o Filho procede do Pai e não o Pai do Filho. Em um está o princípio e no outro está a igualdade, pois, se o Filho não fosse igual ao Pai, ele não seria seu Filho verdadeiro.

O que, de fato, dizemos, meus irmãos? Se o Filho não fosse igual ao Pai ele seria inferior a ele. Se ele fosse inferior, como ele pôde nascer inferior?

Responda: esse filho inferior ao Pai cresce, não cresce? Se ele cresce, o Pai envelhece. Mas, se ele deve permanecer tal como nasceu, supondo que ele seja inferior em seu nascimento, ele permanecerá inferior para sempre. Então, sua perfeição será a imperfeição, já que perfeito e não aperfeiçoável em sem nascimento, ele não se tornará jamais igual ao seu Pai.

Desta maneira, ó ímpios, vocês ultrajam o Filho! Desta maneira vocês blasfemam, ó heréticos!

O que ensina, pelo contrário, a fé católica? Deus Filho procede de Deus Pai e não Deus Pai do Deus Filho. Deus Filho é, no entanto, igual ao Pai. Ele nasceu seu igual e não seu inferior. Ele nasceu seu igual e não se tornou assim. O que é o Pai, é o Filho também.

O Pai, em algum momento, existiu sem o Filho? Deus o livre! Mas não se fala de tempo onde não existe tempo. O Pai sempre foi, da mesma forma que o Filho. O Pai não teve um começo e o Filho também é sem começo. Jamais o Pai foi antes e sem seu Filho.

Portanto, como Deus Filho procede do Deus Pai e não Deus Pai do Deus Filho, não temamos honrar o Filho no Pai, pois a honra do Filho jorra sobre o Pai, sem diminuir sua divindade.

06 – O Verbo de Deus é o mandamento do Pai.

Mas, é preciso explicar estas palavras citadas por mim: *sei que o seu mandamento é vida eterna*.

Observem bem estas palavras, meus irmãos: *sei que o seu mandamento é vida eterna*.

O mesmo São João nos diz também de Cristo: *é o verdadeiro Deus e a vida eterna*.

Ora, se o mandamento do Pai é vida eterna e se, além disso, Cristo seu Filho é igualmente vida eterna, conclui-se que o Filho é o mandamento do Pai.

Como ele não seria seu mandamento, já que ele é seu Verbo? Vocês entendem de uma maneira carnal que o Pai deu um mandamento ao seu Filho, lhe dizendo, por exemplo: “Eu te ordeno isto, eu quero que você faça aquilo”?

Mas, que palavras ele teria empregado, para se fazer entender por Aquele que é seu Verbo único? Ele usaria palavras para ordenar ao seu Verbo?

Não. Sendo o mandamento do Pai a vida eterna e seu Filho sendo também a vida eterna, acreditem e admitam, acreditem e compreendam, pois um Profeta disse: *Se não acreditares não compreendereis*[443].

Vocês não compreendem? Abram seus corações. Escutem o Apóstolo. Ele diz: *Abri largamente os vossos corações. Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis*[444]. Ser infiel é se recusar a acreditar neste mistério antes de compreendê-lo.

Infiéis, ao quererem permanecer como tais, vocês permanecem na ignorância. Acreditem então para terem a compreensão.

Sim, o mandamento de Deus é vida eterna, pois o Filho, cujo nascimento honramos hoje, é também o mandamento de Deus. Não um mandamento dado no tempo, mas um mandamento nascido em toda a eternidade.

O Evangelho de São João serve para exercitar o espírito. Ele o purifica e o espiritualiza para nos formar sobre Deus, não com ideias carnais, mas com ideias espirituais.

Basta então por hoje, meus irmãos! Se prolongarmos a discussão corremos o risco de produzir o sono do esquecimento.

Sermão 141 - Jesus, nosso caminho.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida[445].

Análise

Os filósofos puderam, com as luzes da razão, terem alguma ideia da grandeza e da majestade de Deus. Mas, invés de pegarem o caminho que levaria à posse desse bem supremo, eles se desgarraram para adorar os ídolos.

Ah! Como somos felizes por a própria Verdade se fazer nosso caminho na pessoa de Jesus Cristo! Agarremo-nos inseparavelmente a ele.

01 – A verdade descoberta pelos filósofos deste mundo não é o caminho.

Durante a leitura do santo Evangelho, vocês ouviram, entre outras, estas palavras do Senhor Jesus: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*.

Toda pessoa não aspira à verdade e à vida? Mas, nem todos descobrem o caminho para elas.

Até mesmo alguns filósofos profanos viram em Deus uma vida eterna e imutável, inteligível e inteligente, sábio e princípio de toda sabedoria. Nele eles também viram uma verdade firme, estável, invariável e que compreende as ideias e as formas de todas as criaturas.

Infelizmente, eles só viram isto tudo de longe e no meio do erro. Assim, eles não descobriram a estrada que leva à posse dessa magnífica, dessa feliz e inefável herança.

O que prova, de fato, que eles viram realmente, na medida em que isto é possível ao ser humano, o Criador através da criatura, o artesão através de sua arte e no mundo inteiro o próprio autor do mundo, é o testemunho, irrecusável para os cristãos, do apóstolo São Paulo. Ele diz

então, ao falar deles: *A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade e perversidade das pessoas*.

Vocês reconhecem aqui a linguagem do Apóstolo: *A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade e perversidade das pessoas que, pela injustiça, aprisionam a verdade*[446].

O Apóstolo diz que essas pessoas não possuem a verdade? Não, mas que elas, *pela injustiça, aprisionam a verdade*.

O que eles possuem é bom, mas eles erraram ao manter a verdade desta forma. Eles, *pela injustiça, aprisionam a verdade*.

02 – Como eles vislumbraram a verdade.

Poderíamos perguntar a São Paulo: como esses ímpios chegaram à verdade? Deus dirigiu a palavra a algum deles? Eles receberam dele a Lei, como o povo de Israel, por intermédio de Moisés? Como então eles puderam reter a verdade na própria iniquidade?

Prestemos atenção ao que se segue. Esta é a resposta: *O que se pode conhecer de Deus eles o leem neles mesmos, pois Deus lho revelou com evidência*[447].

Como?! Ele se manifestou a eles, mas não lhes deu sua Lei?

Veja de que maneira: *Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência através de suas obras*[448].

Interrogue o mundo e a magnificência do céu, o brilho e a disposição dos astros, o sol, que basta para formar o dia e a lua que nos anima durante a noite. Interrogue esta terra que produz em abundância a verdura e as árvores; que se cobre com animais e que embeleza o gênero humano. Interrogue o mar, os grandes e numerosos peixes que o enchem. Interrogue a atmosfera e os pássaros que lhe dão vida. Interrogue, enfim, todos os seres e diga-me se todos não respondem, à sua maneira: "Foi Deus que nos fez".

Nobres filósofos interrogaram assim o mundo e esta obra os fez conhecer seu Artesão.

Mas então, como dizer que *a ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade*?

É que eles, *pela injustiça, aprisionam a verdade*.

Venha, Apóstolo! Explique-nos! Você já nos mostrou como eles chegaram a conhecer Deus: *as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência através de suas obras; de modo que não podem se desculpar*.

Mas eles, *conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato*[449].

É sempre o Apóstolo quem fala, não eu: *Extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato. Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos*[450].

Mais uma vez, é o Apóstolo quem assegura: *Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos*.

03 – A tolice dos adoradores de ídolos.

Mostre agora, prove que eles eram tolos, ó Apóstolo! Você que nos mostrou como eles puderam chegar a conhecer Deus, dizendo: *as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência através de suas obras*.

Mostre-nos, da mesma maneira, como, *pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos*.

Aqui está: eles *mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras humanas corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis*.

Os pagãos, de fato, fazem, das figuras de animais, deuses para eles.

Ora! Você conhece Deus, mas adora um ídolo! Você conhece a verdade, mas, *pela injustiça, aprisiona a verdade*. O que revela a você a obra de Deus, você sacrifica para uma obra humana!

Você examinou tudo. Você compreendeu a harmonia do céu e da terra, do mar e de todos os elementos e você não quer observar que, assim como o mundo é obra de Deus, esse ídolo é simplesmente a obra de um ser humano.

Se esse ser humano pudesse dar um coração a esse ídolo, como ele lhe deu uma fisionomia, esse ídolo adoraria seu autor.

Não é verdade, meu amigo, que esse ídolo é a obra de um ser humano, da mesma forma como você é obra de Deus?

O que é, de fato, seu Deus? Aquele que formou você. E o Deus do artesão de ídolos? Aquele que, igualmente, o formou. O deus do ídolo não é também o autor do ídolo e não se conclui que, se esse ídolo tivesse um coração, ele adoraria também o artesão que o formou?

Foi desta maneira que esses filósofos, *pela injustiça, aprisionaram a verdade* e que, depois de terem-na visto, eles não encontraram o caminho que leva até ela.

04 – Cristo se fez o caminho.

Mas Cristo, junto com seu Pai, é a verdade e a vida. Ele é o Verbo de Deus e é sobre ele que está escrito: *A vida era a luz dos seres humanos*[451].

Ele é então, junto com seu Pai, a verdade e a vida e, como não temos os meios de nos reunirmos a essa verdade, ele, o Filho de Deus, que é, eternamente como seu Pai, a verdade e a vida, se fez humano para se tornar nosso caminho.

Siga esse caminho de sua humanidade e você chegará à divindade. É ele que conduz você a ele mesmo e, para conseguir isto, não procure ninguém além dele.

Infelizmente estaríamos para sempre desgarrados, se ele não tivesse condescendido se fazer nosso caminho. Ele realmente se tornou o caminho por onde você deve caminhar.

Eu não direi então: “Procure o caminho”. Esse caminho já se apresentou pessoalmente a você. Siga em frente! Caminhe por ele!

Mas, é o comportamento que deve caminhar em você, não seus pés!

Há muitos cujos pés caminhem bem, mas o comportamento vai muito mal e, mesmo caminhando bem, eles se precipitam para fora do caminho.

Você encontrará, efetivamente, pessoas cujo comportamento é regular, mas que não são cristãos. Eles caminham bem, mas, infelizmente, fora do caminho e, quanto mais eles caminham, mais eles se desgarram, pois se afastam de seu caminho.

Ah, se essas pessoas pegassem o caminho certo e se mantivessem nele; que segurança para eles, pois caminhariam sem se desgarrarem!

O quanto eles têm para lamentar, por caminharem sem estar no caminho! É muito melhor caminhar nele mancando do que estar fora dele com um passo firme.

Que suas caridades queiram se contentar com isto!

Sermão 142 - A necessidade da humildade.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim[452].

Análise

Jesus Cristo é o caminho seguro que devemos seguir. Ora, Jesus Cristo é humilde e devemos nos dedicar a imitá-lo em sua humildade.

De fato, tendo o amor-próprio nos afastado de Deus para nos misturar com as criaturas, é preciso, para retornar a Deus, que nos envergonhemos do nosso afastamento. É preciso mesmo que possamos nos esquecer, para nos ligarmos intimamente a ele.

O orgulho é um enorme inchaço que nos impede de entrar no céu através Daquele que é sua porta: Jesus Cristo.

O que Jesus Cristo pede principalmente de nós é que reproduzamos os exemplos de humildade que ele deu ao mundo.

Por fim, o amor é incompatível com o orgulho. O amor é indispensável, pois, sem ele, nada nos beneficia e a perfeição do amor é a perfeição do cristão. Então, também para isto é preciso a humildade.

01 – Cristo é o caminho seguro.

Para nos preservar do abatimento do desespero, as divinas Escrituras nos animam e, por outro lado, elas nos assustam para que não nos deixemos levar pelo orgulho. Mas, seria muito difícil para nós mantermos o justo equilíbrio de caminhar entre o desespero à nossa esquerda e a presunção à nossa direita, se Cristo não nos dissesse: *Eu sou o caminho*.

“Para onde você quer ir? *Eu sou o caminho*. Aonde você quer chegar. Eu sou *a verdade*. Onde você quer ficar? Eu sou *a vida*”, ele parece dizer.

Desta forma então, caminhemos com segurança neste caminho, mas temamos os perigos que o rodeiam. O inimigo não ousa nos atacar quando caminhamos por ele, desde que estejamos unidos a Cristo, mas, ao lado do caminho, ele não deixa de erguer armadilhas.

É por isso que lemos em um Salmo: *Armam laços contra mim e estendem suas redes e junto ao caminho me colocam ciladas*[453]. E, em outro livro das Escrituras: *A morte está próxima, porque andas em meio de armadilhas e no meio das armas de inimigos encolerizados*[454].

Essas armadilhas, no meio das quais andamos, não estão no caminho, mas ao lado dele. O que você teme, então? O que você tem que temer se está no caminho?

Mas tema, se deixar o caminho. Se é permitido ao inimigo rodear-nos de armadilhas é para moderar a segurança de uma alegria muito viva que nos levaria a descuidar e cair no precipício.

02 – Cristo humilde é o caminho.

Cristo caminho é o Cristo humilde. Cristo verdade e vida é o Cristo exaltado e Deus. Se caminhamos na humildade de Cristo, chegamos até sua grandeza e se nossa fraqueza não desprezar suas humilhações, ao nos tornarmos fortes permaneceremos em sua glória.

Por que ele se rebaixou, se não foi para nos curar? Estávamos, efetivamente, sob o peso de uma doença incurável e, para nos livrar dela, veio até nós esse Médico celeste.

Nosso mal poderia parecer tolerável, se ele nos permitisse ir até o Médico, mas, como ele nos tornou incapaz disso, o Médico veio até nós.

Ele veio para nos ensinar a humildade necessária à nossa cura, pois o orgulho nos impedia de recuperar a vida, da mesma forma como ele já nos tinha feito perdê-la. De fato, o coração humano se levantou contra Deus e, ao negligenciar os preceitos saudáveis que tinha recebido quando em estado saudável, a alma caiu doente.

Que a alma aprenda então a escutar Aquele que ela desprezou em seu vigor. Que ela escute para se reerguer, já que caiu ao não escutá-lo. Que sua experiência a convença, enfim, do que ela se recusou a acreditar na voz do preceito.

Sua miséria não lhe ensinou o quanto é infeliz se corromper longe do Senhor?

De fato, é se prostituir, se afastar do Bem Supremo e Único, para se jogar loucamente no meio das volúpias, do amor ao mundo e à corrupção terrena.

A esta alma foi dirigido este grito de protesto: *Assumiste uma aparência de prostituta e não quiseste te envergonhar*[455].

Vejamos agora o objetivo da censura.

03 – Provoca-se uma perturbação no pecador para salvá-lo.

De fato, seu objetivo não é irritar essa alma, mas somente provocar-lhe uma perturbação saudável.

Vejamos nas Escrituras a vivacidade das repreensões. Certamente que elas não bajulam os culpados e querem somente reabilitá-los e curá-los.

Adúlteros, não sabeis que o amor ao mundo é abominado por Deus? Todo aquele que quer ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus[456], diz a Escritura.

O amor ao mundo torna a alma adúltera, assim como o amor ao Criador do mundo a faz casta. Mas, se ela não se envergonha de suas ignomínias, ela nem mesmo tem o desejo de retornar a esses castos abraços.

Que a perturbação a prepare então para o retorno, na mesma medida em que o orgulho a afastou, pois foi o orgulho que a afastou.

Assim, longe de serem censuráveis, as repreensões que são dirigidas à alma lhe mostram o quanto ela própria é censurável, ao lhe colocar diante dos olhos aquilo para o qual ela virou as costas.

Pense em você mesma! *Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?*[457]

As censuras então fazem com que a alma se lembre dela mesma, pois ela se abandonou e, na medida em que se abandonou, abandonou o próprio Deus.

Essa alma, de fato, se olhou, enamorou-se por ela mesma e, inflamada pelo amor à sua independência, se afastou de Deus, mas sem permanecer nela mesma, pois se repeliu, se baniu e se jogou no mundo exterior, amando o mundo, amando as coisas temporais e amando as coisas terrenas. No entanto, se ela somente se contentasse em

amar a ela mesma, em detrimento do seu Criador, ela já teria se apequenado e se esgotaria, por causa desse amor tão baixo. De fato, ela não é inferior e tão inferior a Deus quanto a arte é com relação ao seu artesão?

Ela devia então amar a Deus e devemos amá-lo até o ponto de esquecermos de nós mesmos, se possível.

Como então deve acontecer a conversão? A alma se perdeu de vista para amar o mundo; que ela agora se perca de vista novamente, mas para amar seu Criador.

Ao sair dela mesma, ela como que se esqueceu, não se dando conta dos próprios atos e justificando seus crimes; deixando-se levar e se vangloriando no meio da ira e da luxúria; buscando as honrarias, a força, as riquezas e a vaidade do poder.

Mas, que ela se reprima, que se corrija, que se mostre a si mesma. Ela então desgostará dela mesma, admitirá sua feiura e desejará recuperar sua beleza perdida. Assim, na mesma medida da dissipação que a afastou de Deus, a perturbação a reconduzirá a ele.

04 – Ódio pelo pecado e amor pelo pecador.

É contra ela ou por ela que se levanta esta prece: *Cobri-lhes a face da ignomínia*? Pode-se acreditar ver aqui um inimigo. Mas, observe o que se segue: *para que, vencidos, busquem o vosso nome, Senhor*[458].

Isto não é odiá-los, provocar neles uma perturbação? Mas não é também amá-los, querer que eles procurem o nome do Senhor?

O que há então aqui? É o amor? É o ódio? Nem uma coisa e nem outra?

Sim, há aqui, ao mesmo tempo, ódio e amor. Ódio contra o que vem de você e amor por você.

O que quer dizer: ódio contra o que vem de você e amor por você? Isto quer dizer que há ódio contra as suas obras e amor pela obra de Deus.

O que são suas obras, se não são seus pecados? Qual é a obra de Deus, se não é você mesmo, formado por ele à imagem dele e à semelhança dele?

Infelizmente, você despreza a obra de Deus e tem afeto pelas suas! Você ama, fora de você, o que você fez e negligencia, em você, a obra de Deus. Assim, você merece se desgarrar, cair, correr para longe de você mesmo e ouvir ser chamado de *um sopro que vai e não volta*[459].

Ah! Volte seu olhar para Aquele que chama você e que grita para você: *Voltai a mim e eu voltarei a vós*[460]. Deus não se afasta quando é olhado. Ele fica e é imutável, tanto para repreender quanto para corrigir. Se ele está longe de você foi porque você se afastou dele. Foi você que se separou; não foi ele que se escondeu[461].

Desta forma então, preste atenção à sua voz: *Voltai a mim e eu voltarei a vós*. Em outros termos: “Quando eu volto a você, é você que volta a mim”.

O Senhor, efetivamente, busca os fugitivos e se eles retornam para ele, eles se veem iluminados.

Para onde fugirá você, infeliz, ao fugir para longe de Deus? Para onde fugirá você, ao se afastar Daquele que não

está restrito a nenhum lugar e que não se ausenta de nenhum lugar? Ao se unir a ele encontra-se a liberdade e ao se afastar dele encontra-se o castigo. Para quem se afasta ele é um juiz e, para quem retorna, ele é um pai.

05 – O tumor da soberba é curado com o remédio da humildade.

A soberba produziu um inchaço enorme e esse inchaço não permitiu ao pecador retornar, pois ele precisava passar por um lugar muito estreito.

Assim, eu ouço clamar aquele que se fez nosso caminho: *Entrai pela porta estreita*[462]. Faz-se um grande esforço para passar, mas o inchaço impede e os esforços são tão mais perigosos quanto mais resiste o inchaço.

Esse inchaço, de fato, é ferido pela própria estreiteza da passagem que ele quer atravessar. Ferido desta forma, ele aumenta e, aumentando sempre, como passará? Que ele diminua então.

Mas, de que maneira? Que ele tome a humildade como um remédio. Que ele beba esta bebida. Ela é amarga, mas é saudável.

Sim, que o inchaço seja eliminado pelo copo da humildade.

O que o impede de penetrar? Seu próprio tamanho. Não propriamente o tamanho, mas o inchaço. Grandeza possui solidez, o que o inchaço não tem.

Que o orgulhoso, então, não se acredite grande. Que ele se desinche para ser grande; para ser, ao mesmo tempo,

sólido e firme. Que ele não deseje os bens temporais. Que ele não se vanglorie do brilho das coisas passageiras e corruptíveis. Que ele preste atenção Àquele que diz: *Entrai pela porta estreita* e também: *Eu sou o caminho*.

De fato, como se o Senhor supusesse que o orgulhoso lhe pergunta: "Que *porta estreita* é esta, pela qual devo entrar", ele logo acrescenta: "*Eu sou o caminho*. Entre por mim e, para entrar pela porta, não siga outro além de mim, pois, se eu disse: *Eu sou o caminho*, eu também disse: *Eu sou a porta*[463]".

Por que procurar por onde passar, por onde retornar, por onde entrar? Não ande de um lado para o outro. Você encontra tudo Naquele que, por você, se fez tudo e diz tudo nestas duas frases: "Seja humilde; seja manso".

Estas frases são claras. Escute-as e saiba assim onde está o caminho, o que ele é e aonde ele leva.

Aonde você quer ir? Sua avareza o leva a querer possuir tudo? *Todas as coisas me foram dadas por meu Pai*[464], diz o Salvador.

Você dirá que tudo foi dado a Cristo e não a você? Escute o Apóstolo. Escute-o para não se deixar abater pelo desespero, como eu já disse. Saiba dele o quanto você foi amado, quando estava todo coberto de sujeira e ignomínia; quando, enfim, você não merecia nenhum afeto, pois foi para torná-lo digno que ele foi concedido a você.

Diz então o Apóstolo: *Cristo, a seu tempo, morreu pelos ímpios*[465].

Que amor merecia o ímpio? Ou melhor, o que ele merecia?

“Ser condenado”, você responde.

No entanto, *Cristo, a seu tempo, morreu pelos ímpios*. Veja o que ele fez por você com sua impiedade. O que ele não reserva então para você quando você se tornar um devoto?

O que você recebeu com sua impiedade? *Cristo, a seu tempo, morreu pelos ímpios*. Mas você aspira ter tudo. Pois bem! Não trabalhe então para sua avareza, trabalhe pela sua devoção, trabalhe pela humildade; assim, você chegará a possuir Aquele que fez tudo e você possuirá tudo, ao possuí-lo.

06 – Cristo, como médico, bebe o cálice antes que os doentes.

Não é sobre o raciocínio que apoiamos esta doutrina. Escute o próprio Apóstolo dizer: *Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também, com ele, todas as coisas?*[466]

É desta forma, ó avarento, que você tem tudo. Para não ser afastado de Cristo, então, despreze tudo o que você ama e apegue-se Àquele cujo poder assegura a você o desfrute de tudo.

Então, o que fez esse Médico generoso? Para estimular a coragem do seu doente e sem precisar, propriamente, de um remédio assim, ele bebeu a taça que não lhe faria

nenhum bem. Ele bebeu primeiro para vencer nossas resistências e dissipar nossos terrores.

Como ele disse: “Este é *o cálice que eu devo beber*[467]. Esta bebida não tem nada para curar em mim. Mas a tomarei, no entanto, para animar você a tomá-la, pois você precisa dela”.

Eu pergunto a vocês, meus irmãos: a humanidade ainda tinha que estar doente, quando ele lhe deu um remédio assim?

Deus é humilde, mas o ser humano ainda permanece soberbo! Ah! Que ele escute, que ele ouça, enfim!

O Salvador disse: “*Todas as coisas me foram dadas por meu Pai*. Se você quer tudo, em mim você encontrará. Você quer o Pai? Você o terá através de mim e em mim”.

Ninguém conhece o Pai, senão o Filho. Não perca a coragem; vá até o Filho, pois ele acrescenta: *e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo*[468].

Aquele a quem quiser revelá-lo. Será que ele revelaria a mim também? Ele não viria até você humildemente se não quisesse lhe revelar o excelso.

Talvez aqui você diga a ele: “Não posso conseguir isto. Você me convidou a passar por um caminho muito estreito. Eu não conseguiria passar por ele”.

Ele responde a você: “*Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados* com o peso da soberba”.

Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendai comigo[469].

07 – Cristo quer que aprendamos com ele a humildade.

Assim clama o Senhor dos Anjos, o Verbo de Deus, que alimenta todas as inteligências sem se esgotar e que é comido sem ser consumido: *Aprendai comigo*!

Gente, escutem-no quando ele diz: *Aprendai comigo*. Perguntem a ele: “O que devemos aprender com o senhor?”

O que vai nos ensinar, de fato, esse grande Mestre, quando ele clama: *Aprendai comigo*?

Quem é, de fato, Aquele que diz: *Aprendai comigo*?

É Aquele que formou a terra, que separou o mar das terras áridas, que criou os pássaros, que criou os animais terrestres e todos os peixes, que colocou os astros no céu, que separou o dia da noite, que firmou o próprio firmamento e separou a luz das trevas. Foi ele que disse: *Aprendai comigo*!

Então ele quer que façamos todas essas maravilhas como ele? Quem de nós seria capaz disso? Só Deus é capaz disso.

Ele diz: “Não tema. Eu não peço nada que esteja acima das suas forças. Aprenda comigo somente o que eu me tornei por você. Aprenda comigo não a criar, pois fui eu que criei; nem mesmo a fazer o que eu quis conceder somente a alguns o poder de fazer, como ressuscitar os mortos, iluminar os cegos e abrir os ouvidos dos surdos. Isto não é tão importante que saiba e eu não lhe peço que procure aprender comigo”.

De fato, estando os discípulos um dia cheios de alegria e contentamento, eles disseram: *Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome!* O Senhor lhes disse então: *Não vos alegreis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus*[470].

Deus então deu a quem ele quis o poder de expulsar os demônios e o poder de ressuscitar os mortos a quem ele quis. Mesmo antes de encarnação estes milagres eram vistos. Mortos eram então ressuscitados e leprosos curados; nós lemos isto.

Quem realizava esses prodígios, se não era o mesmo Cristo que se encarnou depois de Davi e que era Deus antes de Abraão? Foi ele que concedeu então esses poderes e que fazia esses milagres por meio de certas pessoas.

Mas o Senhor não concedeu esses poderes a todos. Aqueles que não o receberam devem se desencorajar e dizer que são estranhos a ele, já que não mereceram dele esse favor?

Há, em um mesmo corpo, muitos órgãos e um não pode fazer o que o outro faz. O Criador, ao formar esse corpo, não deu ao ouvido a capacidade de ver, nem ao olho a capacidade de ouvir, nem à testa a capacidade de farejar, nem à mão a capacidade de saborear. Não, mas ele deu a todos os órgãos a saúde, a harmonia entre eles e a união. Ele animou todos e uniu com um mesmo sopro.

Da mesma forma, entre as pessoas, ele não deu a todos o poder de ressuscitar os mortos e o poder de ensinar. Mas

a todos, no entanto, ele deu alguma coisa.

“O quê?”

Aprendam comigo que eu sou manso e humilde de coração[471].

Então, nós o ouvimos dizer: *Eu sou manso e humilde de coração*.

Pois bem, meus irmãos! Todo o remédio que precisamos para nos curar consiste em aprender com o Senhor que ele é *manso e humilde de coração*.

Do que adianta fazer milagres e ser soberbo, não ser *manso e humilde de coração*? Isto não é se incluir dentre aqueles infelizes que, no fim dos tempos, irão ao Senhor lhe dizer: *Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?* E o Senhor lhes dirá: *Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!*[472]

08 – O amor sem a soberba.

O que é importante então que aprendamos? *Que eu sou manso e humilde de coração*.

Desta forma, o Senhor nos inspira o amor, mas o amor sincero, um amor que não envergonha, que não se enaltece, que não se orgulha, que não engana e esta inspiração está contida nestas palavras: *Aprendam comigo que eu sou manso e humilde de coração*.

Como poderia ter esse amor puro uma pessoa orgulhosa e arrogante? Ela não pode evitar a inveja. Um invejoso ama realmente? Nós nos enganamos, ao dizermos

o contrário? Que ninguém jamais suponha o amor em um coração invejoso.

Assim, sobre isto, o que diz o Apóstolo: *O amor não tem inveja*. Por quê? Porque *o amor não é orgulhoso, não é arrogante*[473].

Este é o motivo pelo qual São Paulo afasta a inveja do amor. Ou seja: *O amor não tem inveja* porque *não é orgulhoso* e *não é arrogante*.

Ele diz primeiro: *O amor não tem inveja*. E, como se lhe tivessem perguntado a razão disto, ele acrescenta: *o amor não é orgulhoso, não é arrogante*.

Se então a inveja nasce do orgulho, quando não há orgulho não há também a inveja. Mas, se o amor não é orgulhoso e nem invejoso, então, é ensinar o amor dizer: *Aprendam comigo que eu sou manso e humilde de coração*.

09 – Sem o amor os outros dons de Deus não beneficiam em nada.

Que todos então possuam o que bem quiserem e se vangloriem do que quiserem, mas, *Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine*.

O que há de mais belo do que falar muitas línguas? No entanto, isto sem o amor não passa de um bronze ou um címbalo fazendo barulho.

Ouçam outros dons.

Mesmo que eu conhecesse todos os mistérios. O que há de mais excelente, de mais magnífico?

Ouçam também: *Mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada*.

Vocês acham que existe coisa mais sublime ainda, meus irmãos? O que seria?

Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, se não tiver amor, de nada valeria!

O que se pode fazer de mais perfeito do que isto? Não é este o meio de se atingir a perfeição prescrito pelo próprio Senhor ao rico ao qual ele disse: *Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres*?

Mas, já somos perfeitos se vendemos tudo e damos aos pobres? Não, pois ele acrescenta: *Depois, vem e siga-me!*[474]

Por que segui-lo? Eu já vendi tudo e distribui tudo aos pobres; não sou então perfeito? Eu preciso segui-lo?

"Siga-me para aprender *que eu sou manso e humilde de coração*".

Mas, pode acontecer de que se venda tudo e se doe aos pobres, sem ser ainda *manso e humilde de coração*?

Certamente que sim.

"Mas, eu distribui tudo aos pobres!"

Continue ouvindo. Há aqueles que abandonaram tudo e se colocaram a seguir o Senhor, sem, no entanto, o seguirem perfeitamente, pois segui-lo perfeitamente é imitá-lo e eles não puderam suportar a prova do sofrimento.

Vejam Pedro, meus irmãos. Ele era daqueles que tinham abandonado tudo e se colocado a seguir o Senhor. Mas, ao verem o jovem rico se afastar com tristeza e depois de

terem pedido com emoção ao Senhor que os consolasse, qual deles poderia ser perfeito, se não temeram dizer ao Senhor: *Eis que deixamos tudo para te seguir. Que haverá então para nós?*[475]

O Senhor lhes disse então o que lhes daria, o que lhes reservara para o futuro.

Pedro então era um daqueles que tinham feito sacrifícios. No entanto, quando chegou o momento da Paixão, ele negou três vezes, perante uma criada, Aquele que com o qual tinha prometido morrer.

10 – Com a imitação chega-se à perfeição e ao amor de Cristo.

Que suas caridades observem bem então estas palavras: *Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e siga-me!*

Pedro se tornou perfeito. Mas ele só amadureceu depois que o Senhor já estava sentado à direita do seu Pai. Ele ainda não era assim quando seguia o Senhor em sua Paixão e só se tornou assim depois que não havia mais ninguém a seguir neste mundo.

O que digo? Temos sempre diante de nós alguém a seguir. O Senhor, ao nos dar o Evangelho, nos deu um modelo. Ele mesmo está conosco e não enganou ninguém ao dizer: *Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*[476].

Então, siga o Senhor!

O que isto quer dizer? Imite-o.

O que isto também quer dizer? *Aprendam comigo que eu sou manso e humilde de coração*.

De fato, *ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria!*[477]

É então ao amor que eu estimulo suas caridades e eu não faria isto se vocês já não tivessem um pouco dele. Eu convido vocês então a prosseguirem no que se propuseram, a aperfeiçoarem o que já começaram.

Eu peço também a vocês que rezem por mim, para que eu, igualmente, chegue à perfeição que prego a vocês.

Todos, de fato, somos imperfeitos e é somente lá, onde tudo é perfeito, que atingiremos a perfeição.

Diz o apóstolo Paulo sobre a perfeição: *Sou consciente de não tê-la ainda conquistado*. E ele se explica: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*[478].

Quem ousaria então se vangloriar de ser perfeito?

Pelo contrário, confessemos nossa imperfeição, para merecermos a perfeição!

Sermão 143 - O Espírito da Verdade prometido.

Digo-vos a verdade: convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei. E, quando ele vier, arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo. Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da

justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis. Ele o arguirá a respeito do juízo, que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado[479].

Análise

Ao explicar a passagem do Evangelho em que Nosso Senhor apresenta como útil ao mundo sua volta ao céu, Santo Agostinho constata no que consiste a utilidade dessa volta. É que, ele diz, a fé é o caminho do justo.

Ora, ao deixar a terra, o Filho de Deus exercitou e desenvolveu a fé e, assim, sua própria ausência nos torna mais saudáveis.

01 – A fé em Cristo é necessária para a justificação.

O remédio para todas as chagas da alma, o único meio dado aos humanos para expiar seus pecados é acreditar em Cristo e ninguém, absolutamente, pode se purificar, seja do pecado original contraído por Adão, em quem todos pecamos e nos tornamos *filhos da ira divina*[480], seja dos pecados pessoais, cometidos em seguida por não ter reprimido e sim seguido como escravo a concupiscência da carne, se abandonando aos crimes e às infâmias, sem se unir intimamente com o corpo do Cristo divino que foi concebido sem nenhum prazer carnal, sem nenhum deleite culposo, alimentado sem pecado pelo ventre maternal e isento de qualquer culpa e de qualquer *falsidade em sua boca*[481].

Acreditar nele, de fato, é se tornar filho de Deus, pois se recebe de Deus uma vida nova, ao receber a graça da adoção que comunica a fé em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Assim, meus caríssimos, é com razão que este mesmo Salvador e Senhor não fala aqui do pecado que o Espírito Santo vai arguir o mundo e que consiste em não acreditar nele.

Ele declara: *Digo-vos a verdade: convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei. E, quando ele vier, arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo. Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis. Ele o arguirá a respeito do juízo, que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado*.

02 – Só o pecado da descrença em Cristo é culposo.

Assim, o único pecado sobre o qual ele quer arguir o mundo é o de não ter acreditado nele. Com a fé nele apagando todos os pecados, era justo não imputar outro pecado além daquele ao qual todos os outros estão ligados.

Além disso, com essa mesma fé fazendo receber de Deus uma vida divina e gerando filhos de Deus, já que, a *todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*, acreditar no Filho de Deus é renunciar ao pecado, na

medida da união estabelecida com ele e da graça da adoção que gera filhos herdeiros de Deus e coerdeiros de Jesus Cristo.

Assim, São João diz: *Todo aquele que é nascido de Deus não peca*[482] e o pecado atribuído ao mundo é o de não acreditar nele. Foi deste mesmo pecado que o Senhor falou também: *Se eu não viesse e não lhes tivesse falado, não teriam pecado*[483].

Eles não tinham __ e em quantidade considerável __ outros pecados? Mas é que, com o advento do Salvador, eles cometeram, para manter seus outros pecados, o pecado de não acreditar nele, ao mesmo tempo em que a ausência deste pecado naqueles que acreditaram nele apaga todos os outros pecados.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo diz, unicamente por este motivo: *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus*[484] e *quem nele crer não será confundido*[485].

Isto também é o que está dito nesta passagem de um Salmo: *Aproxime-se dele e ilumine-se e vosso rosto não será confundido*[486].

Da mesma forma, glorificar-se é se condenar à perturbação, pois então não se fica isento de pecados. Só se evita a perturbação glorificando-se no Senhor, já que *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus*.

Foi por isto também que, ao falar da infidelidade dos judeus, o mesmo Apóstolo não disse: *Se alguns deles* pecaram*, acaso* seu pecado *destruirá a fidelidade de Deus?* Como ele poderia dizer: *Se alguns deles* pecaram*,* depois

de ter dito expressamente: *Todos pecaram*? Ele diz então: *Se alguns deles não foram fiéis, acaso a sua infidelidade destruirá a fidelidade de Deus?*[487]

Isto é falar da maneira mais expressa do pecado que basta para impedir a graça de Deus que perdoa todos os outros e é sobre este mesmo pecado que o mundo será arguido por ocasião da descida do Espírito Santo e da difusão da graça nas almas dos fiéis, como ensina o Senhor nestas palavras: *Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim*.

03 – O grande dom do Espírito Santo, depois da Ascensão de Cristo.

Mas, não haveria um grande mérito e nem uma gloriosa felicidade para acreditar se o Senhor se mostrasse sempre aos olhos humanos com seu corpo ressuscitado.

Assim, a grande graça concedida pelo Espírito Santo aos crentes foi extinguir neles as paixões carnais e abrasá-los com desejos totalmente espirituais, para fazê-los ansiar por Cristo, tornado invisível para eles pelos olhos do corpo.

Aí está porque o discípulo que tinha jurado só acreditar se fosse levado a tocar com as mãos as cicatrizes do Salvador, tendo como que despertado subitamente depois de ter tocado seu corpo sagrado e tendo clamado: *Meu Senhor e meu Deus!*, recebeu esta resposta de Jesus: *Creste, porque me viste. Felizes aqueles que creem sem ter visto!*[488]

O Espírito Santo, o Espírito Consolador torna então feliz, quando, vendo afastada de nós essa natureza de servo que Cristo assumiu no ventre da Virgem, eleva o olhar purificado de nosso espírito rumo à própria natureza divina que sempre fez dele o igual ao Pai, sem excluir o período em que ele condescendeu se mostrar aos seres humanos em uma carne mortal.

Assim, foi sob a impressão do Espírito Santo, com o qual estava pleno, que o Apóstolo disse: *Nós, daqui em diante, a ninguém conhecemos de um modo humano. Muito embora tenhamos considerado Cristo desta maneira, agora já não o julgamos assim*[489].

De fato, é conhecer a própria carne de Cristo __ não através da carne, mas através do espírito __ admitir a realidade viva de sua ressurreição. Não porque se toca seu corpo com curiosidade, mas porque se acredita com uma plena certeza.

Não se diz então, com o coração: “Quem subiu ao céu?”, *para trazer do alto o Cristo*. E também não se diz: “Quem desceu ao abismo?”, *para fazer voltar Cristo dentre os mortos*. Diz-se, pelo contrário: *A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração*. Esta Palavra é o Senhor Jesus. *Essa é a palavra da fé, que pregamos. Portanto, se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. É crendo de coração que se obtém a justiça e é professando com a boca que se chega à salvação*[490].

É isto, meus irmãos, o que diz o Apóstolo e que exala da sua santa embriaguez provocada pelo Espírito Santo.

04 – A justiça da fé.

Então, é bem verdade que, se o Espírito Santo não nos tivesse concedido esta graça, não teríamos a felicidade de acreditar sem ver. Por consequência, foi com razão que foi dito: *Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei*.

O Salvador, sem dúvida, está sempre conosco em sua natureza divina. No entanto, se ele não afastasse de nós seu corpo, nós o veríamos sempre de forma carnal e não poderíamos acreditar nele de uma maneira puramente espiritual. Todavia, essa fé é necessária para fazer com que mereçamos contemplar, com um coração penetrado pela justiça e coberto de felicidade, o próprio Verbo de Deus junto ao seu Pai; esse Verbo Deus por quem tudo foi feito e que se fez carne para habitar no meio de nós.

Mas se, para sermos justificados, acreditamos com o coração e não por tocar com as mãos, não é com razão que nossa justiça é a condenação deste mundo, que só quer acreditar no que vê?

Ora, foi para nos comunicar essa justiça da fé que será a condenação do mundo incrédulo que o Senhor disse: *Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis*.

Em outros termos: “Sua justiça será acreditar em mim, seu Mediador. Em mim você saberá, com plena certeza, ter

ascendido para junto do meu Pai depois da minha ressurreição. Embora você não possa me ver de uma maneira carnal, reconciliado por mim, você poderá chegar a ver Deus espiritualmente”.

Desta forma, tendo uma mulher, que simbolizava a Igreja, caído aos seus pés depois da ressurreição, Jesus lhe disse: *Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai*[491].

Palavras misteriosas cujo sentido é este: “Não tenha em mim uma fé carnal, que se apoia no contato físico. Tenha em mim uma fé espiritual. Depois do meu retorno para junto do meu Pai, você só poderá me tocar espiritualmente”.

Feliz, de fato, aqueles que acreditam sem ver e é nisto que consiste a justiça da fé. Ora, como o mundo não a tem e nós a temos e já que *o justo vive pela sua fé*[492], nós servimos para condená-lo.

Assim então, seja para expressar que, ao ressuscitar com Jesus Cristo e ao subir com ele para junto do seu Pai, aperfeiçoamos em nós a justiça invisível; seja para significar que, ao acreditar sem ver vivemos pela fé, como está escrito sobre o justo; o Salvador disse: *a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis*.

05 – A indesculpável incredulidade do mundo.

Que o mundo, para se desculpar por não acreditar em Cristo, não use como pretexto que é o demônio que o impede. De fato, para aqueles que acreditam, o príncipe deste mundo está banido[493] e ele não pode agir nos

corações daqueles dos quais Cristo se tornou o senhor através da fé, como ele age sobre os filhos da desconfiança[494], que ele leva muitas vezes a tentar e a atormentar os justos. Como ele está banido do coração, onde ele reinava como um tirano, ele só pode atacar o exterior e embora o Senhor se sirva de suas perseguições para fazer com que os humildes avancem na justiça[495], pelo fato de estar banido do coração, ele está julgado.

Ora, esse julgamento serve também para a condenação do mundo. Como, de fato, o mundo que se recusa a acreditar em Cristo estaria autorizado a se queixar do demônio __ já que ele está julgado, ou seja, banido e reduzido, para nos exercitar na virtude, a nos atacar exteriormente apenas __ o demônio está derrotado, não somente pelos homens, mas também pelas mulheres, pelos meninos e pelas meninas cobertos também pela glória do martírio.

E através de quem eles o venceram, se não foi através Daquele a quem eles deram sua fé; se não foi por Aquele que eles amaram sem ver e cujo império, ao se estabelecer em seus corações, afastou a pavorosa dominação que os mantinha sob seu jugo?

Como tudo isso é devido à graça, ou seja, ao Espírito Santo, compreende-se porque é o Espírito Santo que argui *o mundo a respeito do pecado*, pois o mundo não acredita em Cristo *a respeito da justiça*, pois aqueles que tinham boa vontade acreditaram nele, mesmo não o vendo e esperaram conseguir assim, em virtude de sua ressurreição, chegar a

uma ressurreição plena. Enfim, *a respeito do juízo*, já que, se os mundanos quiserem acreditar, por sua vez, ninguém os impedirá, pois, *o príncipe deste mundo já está julgado e condenado*.

Sermão 144 - O Espírito Santo julgando o mundo.

Digo-vos a verdade: convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei. E, quando ele vier, arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo. Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis. Ele o arguirá a respeito do juízo, que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado[496].

Análise

O Espírito Santo condena o mundo e essa condenação repousa sobre três motivos: 1) sobre o pecado que comete o mundo ao não acreditar em Cristo e ao permanecer assim sob o jugo de todas as iniquidades que o libertaria a fé em Cristo; 2) sobre a justiça feita ao Filho de Deus, ressuscitado e glorificado por seu Pai e praticada pelos fiéis ressuscitados com ele pela fé e com ele erguidos até o céu, num certo sentido; 3) sobre o julgamento pronunciado contra o demônio, que a fé em Cristo bane do coração e é reduzido a só atacar exteriormente.

01 – Porque só o pecado da incredulidade é condenado.

Ao prometer enviar o Espírito Santo __ o que ele, de fato, fez __ Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo disse, entre muitas outras coisas: “Ele arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo”. Então, antes de passar para outro assunto, ele condescendeu parar para explicar seu pensamento mais claramente.

Ele disse: Ele *arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis. Ele o arguirá a respeito do juízo, que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado*.

Aqui então surge em nós o desejo de compreender as seguintes questões: 1) as pessoas só pecam por não acreditarem em Cristo? 2) por que o Salvador parece dizer que o Espírito Santo só condenará o mundo por este pecado? 3) não é claro que existem no mundo muitos outros pecados além deste? 4) por que este pecado deve ser o único que deverá ser censurado pelo Espírito Santo?

Seria porque a infidelidade mantém o império de todos os pecados, enquanto que a fé os apaga todos e Deus, por este motivo, imputaria principalmente __ e mesmo unicamente __ o pecado que impede a remissão de todos os outros?

De fato, é o orgulho que impede o ser humano de acreditar em um Deus humilhado e está escrito: *Deus*

resiste aos soberbos, mas concede sua graça aos humildes[497]. Essa graça é, sem dúvida, um dom de Deus.

Ora o dom supremo é o Espírito Santo e, assim, ele é uma graça e, portanto, concedido gratuitamente.

Com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus[498]. *Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[499].

Daí a graça: porque foi dada gratuitamente. Ela não é uma recompensa concedida depois do exame dos méritos. Ela é um favor dado após o perdão das faltas.

02 – Crer na existência de Cristo e crer em Cristo são coisas diferentes.

Desta forma então, é por causa do pecado que estão condenados os infiéis, ou seja, os escravos do mundo, designados pelo termo *mundo*.

Quando é dito que o Espírito Santo *arguirá o mundo a respeito do pecado*, trata-se somente do pecado cometido por não acreditar em Cristo. De fato, suprima este pecado da infidelidade e não restará mais nenhum, pois o justo, ao viver *pela sua fé*[500], obtém a remissão de todas as suas iniquidades.

Mas, há uma diferença importante entre acreditar na existência de Cristo e acreditar em Cristo. Os demônios, efetivamente, acreditam na existência de Cristo, mas não acreditem em Cristo.

Acreditar em Cristo é, ao mesmo tempo, esperar nele e amar, pois, ter fé sem esperança e sem amor, é acreditar na existência de Cristo, mas não é acreditar nele.

Ao se acreditar em Cristo, recebe-se ele, une-se a ele, de certa maneira e torna-se membro do seu corpo, o que não pode acontecer se à fé não for acrescentada a esperança e o amor.

03 – A justiça sobre a qual o mundo será arguido.

O que significam também estas outras palavras: *Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai*? O que há na justiça que merece condenação? Devemos entender que, se o mundo está condenado, é por causa de seu próprio pecado e por causa da justiça de Cristo?

Eu não vejo outro sentido a dar a estas palavras, enquanto eu leio: *Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai*. São os mundanos que não acreditaram e é ele que vai para junto do Pai. Assim, o pecado é para eles e a justiça para ele.

Mas, por que só mostrar a justiça em seu retorno para junto do Pai? Não havia justiça também, quando ele veio do Pai para junto de nós? Ou seu advento para junto de nós seria misericórdia e seu retorno para junto do Pai seria justiça?

04 – Porque razão é justiça o retorno de Cristo ao Pai.

Eu creio, meus irmãos, que, diante da espantosa profundeza das Escrituras, quando há em suas palavras algum mistério útil para ser desvendado, é bom, para merecer descobri-lo com proveito, que pesquisemos juntos com fé. Perguntemos então porque o Salvador coloca a justiça em seu retorno para junto do Pai e não em sua vinda para junto de nós.

Seria porque, tendo a misericórdia feito com que ele descesse para junto de nós, seria a justiça que o reconduziria para Deus? Nós aprendemos que não podemos ser perfeitamente justos se somos negligentes em fazer misericórdia, em nos ocupar com os interesses dos outros e não apenas com os nossos.

Da mesma forma, depois de ter recordado este dever, o Apóstolo logo cita o exemplo do Senhor. Ouçam suas palavras: *Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses e sim os dos outros*.

Imediatamente ele acrescenta estas palavras: *Dedicai-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos. E, sendo exteriormente reconhecido como humano, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente*

até à morte e morte de cruz. Esta é a misericórdia que o trouxe do céu.

Onde está então a justiça que o reconduziu para o Pai? Continuemos a ler: *Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor*[501].

05 – Uma é a unidade de Cristo com o Pai, outra é sua unidade conosco.

Mas, se ele retorna sozinho para seu Pai, que vantagem há nisto para nós? Como o Espírito Santo pode condenar o mundo por causa desta justiça?

Por outro lado, se ele não retornasse sozinho para junto de seu Pai, ele não diria, em outra passagem: *Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu: o Filho do Homem que está no céu*[502].

No entanto, o apóstolo Paulo também diz: *Nós, porém, somos cidadãos dos céus*[503]. De que maneira? Aqui está: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*[504].

Como então dizer que Cristo subiu ao céu sozinho? Seria porque Cristo com todos os seus membros formam

um só ser, assim como a cabeça forma um só ser com o corpo? E quem é o corpo de Cristo, se não é a Igreja?

Diz o mesmo doutor dos gentios: *Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros*[505].

De acordo com esta interpretação, como somos caídos e Cristo desceu por causa de nós, as palavras: *Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu* não significam que só se sobe ao céu na medida em que se faz um com ele e que se seja um membro harmonioso do seu corpo?

Foi neste sentido que ele disse aos seus discípulos: *Sem mim nada podeis fazer*[506].

Mas, sua união conosco não é a mesma união com seu Pai[507]. Ele é um com seu Pai porque o Filho tem a mesma natureza que seu Pai. Ele é um com seu Pai porque, *sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*[508]. Ele se fez um conosco porque *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[509]. Ele se fez um conosco segundo a descendência de Abraão, na qual serão benditas todas as nações da terra.

Sabemos que, depois de ter recordado esta profecia, o Apóstolo observa: *Não foi dito: "aos seus descendentes", como se fossem muitos, mas se fala de um só: "em sua descendência", isto é, em Cristo*[510].

Assim, como pertencemos a Cristo, como todos juntos estamos incorporados a ele e unidos estreitamente como à nossa Cabeça, Cristo é uno.

Cristo é uno também porque a nós foi dito: *Ora, se sois de Cristo, então sois verdadeiramente a descendência de Abraão; herdeiros segundo a promessa*[511].

Se Abraão só teve uma descendência, se essa descendência é somente Cristo e se somos também essa única descendência, não concluímos que todos __ a Cabeça e o corpo __ formamos um só Cristo?

06 – De que maneira é nossa a justiça de Cristo.

Por isso, não devemos nos considerar como estranhos à essa justiça mencionada pelo Senhor ao dizer: *Ele o arguirá a respeito da justiça, porque eu me vou para junto do meu Pai*.

Agora, de fato, estamos ressuscitados com Cristo __ nossa Cabeça __ e permanecemos nele pela fé e pela esperança, esperando que essa esperança se realize na futura ressurreição dos mortos.

Quando se realizar nossa esperança, nossa justificação também se completará. Antes dela se completar, o que devemos esperar, o Senhor se mostrou em sua carne __ ou seja, em nossa própria cabeça __ ressuscitando e subindo com ela para junto ao Pai. Por isso, está escrito: *foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[512].

O mundo então é arguido *a respeito do pecado* cometido por aqueles que não acreditam em Cristo e *a respeito da justiça* praticada por aqueles que ressuscitam

como um dos seus membros. Por isso foi dito: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[513]. Assim, se não estamos nele, não somos justiça de Deus.

Mas, se estamos nele e como ele sobe inteiro ao céu, ele retorna conosco para seu Pai e, desta forma, a justiça em nós é perfeita.

Daí vem que o mundo é arguido também *a respeito do juízo, que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado*. Este príncipe é o demônio, o líder dos pecadores, que têm seus corações presos somente a este mundo onde habitam, que só amam este mundo e que, por consequência, são chamados de *mundo*, da mesma forma como *nós somos cidadãos dos céus*[514], se somos ressuscitados com Cristo.

Assim como o Salvador forma um só Cristo conosco, que somos seu corpo, assim também o demônio forma um só corpo com todos os ímpios, dos quais ele é a cabeça e eles os membros.

Por fim, da mesma forma como não somos estranhos à justiça mencionada pelo Senhor, quando ele diz: *vou para junto do meu Pai*, assim também os ímpios não são estranhos ao julgamento a que se referem estas palavras: *o príncipe deste mundo já está julgado e condenado*.

Sermão 145 - O que é pedir alguma coisa?

O que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará. Até agora não pedistes nada em meu nome. Pedi e

recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita[515]. "Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome!" "Não vos alegreis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus"[516].

Análise

Nosso Senhor censura seus discípulos por nunca não terem pedido nada no nome dele. Mas, no nome dele eles já tinham feito muitas coisas. Como então entender estas palavras?

Está dito nas Escrituras que Deus recusa os prazeres divinos àqueles que estão sob o jugo do medo e que ele os concede àqueles que vivem na esperança.

Nada é mais verdadeiro, pois aqueles que só servem Deus por medo têm os corações presos ao mal que só o medo os faz evitar, enquanto que aqueles que a esperança coloca a serviço de Deus têm por ele um amor verdadeiro, de cujas delícias eles desfrutam.

Esse amor que torna o coração feliz é então a grande graça que é preciso pedir.

Ora, os discípulos, até então, tinham vivido mais sob o jugo do medo do que sob o jugo do amor. Sem dúvida que eles já tinham pedido muitos favores, mas Jesus considera esses favores como sendo nada, ou quase nada, em comparação com o que ele queria que eles pedissem. Foi por isso que ele disse que, até então, eles não tinham pedido nada.

01 – A passagem de São João está relacionada com a passagem de São Lucas.

Observamos, durante a leitura do santo Evangelho, um pensamento que deve, sem nenhuma dúvida, colocar em movimento toda alma séria e determiná-la, não a se desencorajar, mas a buscar.

Sem movimento, de fato, não há mudança possível. Mas, se existe um movimento perigoso, como aquele sobre qual está dito: *Ele não permitiu resvalassem nossos pés*[517], há também outro movimento que consiste em buscar, bater e pedir.

Todos, claro, ouviram o leitor. Mas, nem todos, presumo, o compreenderam. Sua voz então nos mostra o que, comigo, vocês devem procurar, examinar e pedir a graça de compreender. Deus, eu espero, nos ajudará com sua bondade e me concederá o que desejo compartilhar com vocês.

Por que então, digam-me, o Senhor dirigiu esta observação aos seus discípulos: *Até agora não pedistes nada em meu nome.* Não são aqui os mesmos discípulos que ele enviou com o poder de pregar o Evangelho e fazer milagres e que voltaram para ele cheios de alegria, dizendo: *Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome*?

Vocês se lembram, vocês reconhecem esta passagem que eu citei do Evangelho, em que todas as partes e todos os pensamentos são incontestavelmente verdadeiros e sem nada de errado. Como então conciliar estes dois textos: *Até*

agora não pedistes nada em meu nome e este: *Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome*?

Qual é a mente que não deseja resolver esta questão? Então, precisamos perguntar, buscar e bater. Façamos isto com uma devoção cheia de fé. Não com uma preocupação carnal, mas com uma humilde dependência e Aquele que nos vê bater condescenderá em abrir para nós.

02 – O medo e a esperança.

Recebam então com atenção e com devota avidez o que o Senhor vai colocar em minhas mãos para distribuir para vocês e, depois de terem ouvido minhas palavras, a pureza do gosto de vocês lhes dirá, sem dúvida, de que divino tesouro eu as tirei.

O Senhor Jesus sabia o que podia tranquilizar a alma humana, essa inteligência criada à imagem de Deus. Ele sabia que era preciso nada menos do que ele próprio e ele sabia também que ela não estava ainda plena dele, pois, se ele se mostrava sob um aspecto, ele se escondia sob outro, sabendo perfeitamente o que convinha destacar e o que convinha deixar na penumbra.

É dito em um Salmo: *Quão grande é, Senhor, a abundância de vossa bondade, que escondestes dos que vos temem e que comunicais aos que têm esperança em vós*[518].

Sim, vós escondeis essas delícias divinas, imensas, infinitas, daqueles que vos temem. Mas, se vós as escondeis daqueles que vos temem, a quem as revelais? Vós as *comunicais aos que têm esperança em vós*.

Temos aqui então uma dupla questão, mas a solução de uma é o esclarecimento da outra. A segunda é: por que *escondestes dos que vos temem e comunicais aos que têm esperança em vós*?

Os que temem são diferentes dos que têm esperança? Os que temem Deus não têm esperança nele? Como ter esperança nele sem temê-lo? Como temê-lo devotamente sem ter esperança nele?

Temos então que resolver esta questão. Quero dizer umas palavras sobre a esperança e sobre o medo.

03 – O medo sob a Lei e a esperança sob a graça.

O medo é a característica da Lei e a esperança é a característica da graça.

Pode haver uma diferença entre a Lei e a graça, já que a Lei e a graça jorram da mesma fonte?

A Lei assusta aqueles que presumem deles mesmos e a graça sustenta aqueles que têm esperança em Deus.

Sim, a Lei assusta; não passe rapidamente sobre esta palavrinha; pese-a e aprecie sua importância. Compreenda bem esta dupla característica; escute-a e compreenda nossas provas.

A Lei, dizíamos, assusta aqueles que presumem deles mesmos e a graça sustenta aqueles que têm esperança em Deus. De fato, o que contém a Lei? Muitas prescrições. Mas, por que enumerá-las? Recordarei uma só. Ela é muito curta

e já lembrada pelo Apóstolo. Quem, no entanto, a observa? Aqui está ela: *Não cobiçarás*[519].

Atenção, meus irmãos! Isto é a Lei, mas, sem a graça, é a condenação.

Por que, presunçoso, por que se vangloriar tanto e se vangloriar de sua inocência? Como pode lisonjear-se tanto?

Sem dúvida que você pode dizer: “Eu não me apropriei de bens alheios”. Eu escuto você e acredito em você. Talvez eu mesmo possa constatar que você não se apropria de bens que não são seus. Mas, trata-se de não cobiçar.

“Eu não me aproximo da mulher alheia”.

Eu escuto também você aqui, eu acredito em você e eu constato isto. Mas, trata-se de não cobiçar.

Por que olhar em volta de você e não dentro de você? Olhe para você e você verá em seus órgãos uma lei contrária.

Olhe bem para você. Por que olhar para fora? Desça em você mesmo e você descobrirá em seus órgãos uma lei que resiste à lei em seu espírito e que sujeita você a ela, à *lei do pecado* que vive em seus órgãos[520].

É com razão que se escondem de você as doçuras de Deus. A lei que está em seus órgãos e que se opõe à lei no seu espírito torna você cativo.

As doçuras que estão escondidas de você são desfrutadas pelos santos anjos. Cativo que é, você não pode tolerar e nem desfrutar dessas delícias.

Você *não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás!”*[521]

Ao ouvir a Lei você teve medo, você tentou combater, mas não pôde vencer, pois, *o pecado, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências; por que, sem a Lei, o pecado estava morto*[522].

Assim fala o Apóstolo. Você reconhece sua linguagem. Ele diz: *o pecado, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências*.

Soberbo, do que você tanto se vangloriava? Você viu que foi com suas próprias armas que o inimigo derrotou você. Você quis uma lei que instruísse você, mas foi essa mesma Lei que serviu de entrada para o seu inimigo.

Diz o Apóstolo: *O pecado, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*[523].

Como eu pude dizer: "foi com suas próprias armas que o inimigo derrotou você"? Escute a sequência do discurso do Apóstolo.

Por conseguinte, a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom[524].

Como isto aconteceu? Aconteceu porque você teve medo pelo mandamento e não amor por ele. Você temeu o castigo e não amou a justiça. Ora, quando se teme o castigo, deseja-se fazer, se for possível, o que agrada, sem ter nada que temer.

Assim, Deus proíbe o adultério. Mas, você tem diante de você uma mulher estranha. Você não a aborda e não pratica o mal com ela. Você tem a oportunidade, o tempo e o lugar propícios. Não há testemunhas e, no entanto, você não comete o crime. Por quê? Porque você tem medo do castigo.

“Mas, ninguém saberá”.

Deus também não saberá? Assim, foi por causa do olho de Deus que tudo vê, que você se absteve do que ia fazer. Então, aqui você não teme as ameaças de Deus, cujas ordens você não ama?

De fato, por que se controlar? Porque, ao praticar o mal, você seria jogado no inferno. Então é o fogo que você teme. Se você amasse a castidade, você se controlaria mesmo que não tivesse nada que temer e se Deus dissesse a você: “Faça o que você quiser. Eu não condenarei você. Eu não o condenarei ao inferno. Apenas você não me verá”. Então, se você se abstivesse depois desta ameaça, isto seria amor a Deus e não medo do seu julgamento.

Mas você se absteria? É possível que sim. Mas não cabe a mim julgar isto. Seja como for, você é ajudado, se se abstiver, pela graça que faz os santos e é ela que inspira um justo horror pela impureza do adultério e, pelo seu Senhor, um amor verdadeiro que faz você suspirar depois de suas promessas, muito mais do que temer suas ameaças.

Sim, isto acontece por causa da graça. Não reivindique para você este mérito. Não atribua isto à sua natureza.

Você se abstém com prazer; muito bem. Com amor; melhor ainda. Eu aplaudo isto com todo meu coração. É o

amor que inspira em você essa boa vontade e sua confiança em Deus faz você desfrutar as delícias divinas.

04 – O amor não vem de nós; vem de Deus.

Mas, de onde vem esse amor? Se é que você o possui realmente, pois ainda temo que seja o medo que impulsione você e que, portanto, você se considere uma grande pessoa.

Certamente que você é grande se age por amor, mas, você tem mesmo amor?

“Eu o tenho”, você diz.

De onde ele vem?

“De mim mesmo”.

Se ele vem de você mesmo, você está longe então de desfrutar das divinas delícias. Ame a você mesmo e, assim, amarás a fonte do amor.

Mas, eu provo que você não tem amor e a prova disto é que você atribui a você este bem tão precioso. Se você o possuísse realmente, você saberia de onde ele vem.

Ao afirmar que você o tem por você mesmo, na verdade você não o está considerando como algo de muito pouca importância? No entanto: *Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em*

sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria![525]

Que posto ocupa então esse amor cuja ausência torna tudo inútil? Compare-o, não com sua fé, não com sua ciência, não com sua língua, não com coisas menores ainda: o olho, a mão, o pé, o último dos seus membros. Que semelhança estabelecer entre ele e estes bens mínimos?

Enquanto só Deus pôde lhe dar os olhos e as mãos, você atribui o amor somente a você? Não é rebaixar Deus, afirmar ser você o autor desse amor que é mais importante do que tudo?

O Senhor não pode dar a você mais coisas ainda? Mas, tudo mais que ele pode dar a você não é necessariamente menor? O amor é superior a tudo e você o atribui a você. Se você o tem de fato, ele não vem de você. Afinal, *que é que possuis que não tenhas recebido?*[526]

Quem, então, concede esse dom, seja a você, seja a mim? É Deus. Reconheça-o como benfeitor, para não senti-lo como condenador.

Sim, de acordo com a fé nas Escrituras, foi Deus quem concedeu a você o amor; esse bem imenso, esse bem que ultrapassa todos os bens. Deus o concedeu a você, *porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações*. Por você? De forma alguma, mas, *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[527].

05 – A Lei anula a presunção e a graça anula a servidão.

Voltemos agora ao escravo. Voltemos à proposição que estabeleci nestes termos: a Lei assusta aqueles que presumem de si mesmo e a graça sustenta aqueles que têm esperança em Deus.

Pense, de fato, no escravo mencionado. Ele sente em seus órgãos uma lei que resiste à lei de seu espírito e que o sujeita a ela, por mais carnal que ela seja. Ei-lo então derrotado, arrastado, acorrentado sob seu jugo. Do que serve a ele, infelizmente, ter ouvido: *Não cobiçarás*? O inimigo foi mostrado a ele, mas ele não conseguiu derrotá-lo. Ele ignoraria a concupiscência, ou seja, seu inimigo, se a fé não tivesse dito a ele: *Não cobiçarás*!

Pois bem! Aí está seu inimigo; combata-o! Liberte-se! Torne-se livre! Sufoque esse pensamento voluptuoso! Aniquile essa sensação culposa! Arme-se com a Lei! Avance e triunfe, se puder!

De que vale esse deleite com a Lei de Deus que lhe provoca o princípio da graça em seu ser mais íntimo, se você vê em seus órgãos uma lei diferente que resiste a essa lei espiritual e contra a qual você resiste inutilmente, já que ela o tem sob o jugo do pecado?

Aí está de que forma o medo priva você da abundância das divinas delícias. Mas, se o medo priva você dessas delícias, como elas serão distribuídas generosamente, se você tiver esperança em Deus?

Grite sob as mãos do inimigo, pois, se você tem um adversário, você tem também um Apoiador que espera que você combata, para ajudar seus esforços. Mas, com a

condição de que você tenha esperança Nele, pois ele detesta o orgulho.

E o que dizer, ao gritar assim sob as mãos do inimigo? *Infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[528]

Por ter gritado, algo se mostra a você. Que este seja seu grito. No cansaço da servidão, diga e diga do fundo do seu coração, diga com fé justa: "*Infeliz que sou!* Eu, infeliz; infeliz por ser eu. Infeliz por ser humano. Infeliz por ser eu e infeliz por ser humano".

É inutilmente que se perturba, pois, *de fato, o ser humano passa como uma sombra e é em vão que ele se agita*[529].

Infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? Será você? Mas, onde estão suas forças? Sobre o que repousa sua presunção?

Pare então. Pare de se orgulhar, mas não de invocar a Deus. Deixe então de se vangloriar e grite.

Deus mesmo não se cala, ao mesmo tempo em que grita? Ele se cala como juiz, mas não se cala como legislador.

Faça você o mesmo: imponha silêncio ao seu orgulho, mas não à invocação. Que Deus não tenha que dizer a você: *Muito tempo guardei o silêncio, permaneci mudo e me contive. Mas agora grito*[530].

Grite então: *Infeliz que sou!* Admita sua derrota, confesse sua fraqueza e diga: *Infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*

O que eu já havia dito? Que a Lei assusta quem presume de si mesmo. Observe uma pessoa que presumiu dela mesma. Ela tentou combater, mas, sem ter condições de vencer e, pelo contrário, acabou derrotada, arrasada, colocada sob o jugo e acorrentada. Com isso, ela aprendeu a confiar em Deus e, depois de ter ficado assustada pela Lei, quando presumia de si mesma, ela, agora que tem esperança em Deus, será socorrida por sua graça.

É isto o que quer dizer, com felicidade: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[531]

Ah! Sinta agora a doçura! Desfrute dela e a saboreie. Escute o Salmo: *Provai e vede como o Senhor é doce*[532].

Ele se tornou doce para você; mas depois de ele ter libertado você. Ele era amargo para você, quando você se presumia de você.

Beba essa doçura. Receba o prêmio de tanta abundância.

06 – Quem ainda está sob a Lei não está livre de desejos.

Os discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo ainda estavam sob a Lei e precisavam ainda ser purificados e alimentados, reprimidos e corrigidos, pois ainda estavam sujeitos à cobiça, embora a Lei diga: *Não cobiçarás!*

Não quero ferir esses cordeiros sagrados, esses condutores do rebanho divino. Não, não os ferirei, pois não direi que a verdade, a verdade expressa pelo Evangelho é

que eles disputavam entre eles *qual deles seria o maior*[533]. Embora o Senhor ainda estivesse com eles sobre a terra, a ambição do primeiro lugar os dividia e agitava.

De onde vinham neles esses impulsos, se não era *do velho fermento*[534], se não era da lei dos seus órgãos, que resistia neles à lei de seus espíritos? Eles queriam subir, escravos que ainda eram da cupidez e se perguntavam *qual deles seria o maior*.

Então, surgiu uma criança para confundir o orgulho deles. Jesus, de fato, chamou aquele pequeno ser, para abater suas pretensões soberbas[535]. Assim, eles se voltaram para o Senhor e clamaram: *Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome!*[536] Eles se alegraram por um nada, de fato, pois, o que era esse poder, comparado com o que Deus lhes reservava?

O Senhor, o bom Mestre lhes respondeu então, para reprimir neles o espírito de medo e firmar neles a confiança: *Não vos alegreis porque os espíritos estão sujeitos a vós*[537].

Por quê?

"Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres?' E, no entanto, eu lhes direi: 'Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!'[538] *Não vos alegreis porque os espíritos estão sujeitos a vós, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus*[539]. Vós não podeis estar ainda lá, mas vossos nomes já estão lá. Alegrai-vos,

portanto. Se eu digo que *até agora não pedistes nada em meu nome*, é porque o objeto dos desejos de vocês é nada, comparado com o que eu me proponho a dar a vocês. O que você pediram, de fato? Que os espíritos estejam sujeitos a vocês? *Não vos alegreis porque os espíritos estão sujeitos a vós*".

Portanto, esse pedido é nada, pois, se fosse alguma coisa, o Senhor lhes ordenaria que se alegrassem

Sem dúvida que ele não é inteiramente um nada, mas ele é muito pouca coisa, diante das recompensas magníficas prometidas pelo Senhor.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo não era absolutamente um nada. No entanto, ele disse, colocando-se diante de Deus: *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[540].

Apliquem-se então a isto. Nós mesmos nos aplicamos a isto, assim como vocês, quando pedem coisas temporais, pois certamente que vocês as pedem.

E quem não pede? Quem está doente pede a saúde; quem está na prisão pede a libertação; numa tempestade se pede a chegada segura ao porto; num conflito se pede a vitória; tudo isto se pede em nome de Cristo. No entanto, tudo isto é nada.

O que se deve pedir então? *Pedi e recebereis*, diz o Senhor. Ele não diz o que se deve pedir, mas suas palavras devem nos fazer compreender.

O que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará. Até agora não pedistes nada em meu nome. Pedi e recebereis.

Pedir o quê? Qualquer coisa, seguramente, *para que a vossa alegria seja perfeita*.

Peçam então o que deixará vocês contentes. Se, de fato, você pedir o que é nada, lembre-se que *todo aquele que beber desta água tornará a ter sede*[541]. Desce-se assim ao poço da água da cobiça, tira-se de lá o que beber e se continua com sede.

Pedi para que a vossa alegria seja perfeita. Ou seja: peça para ficar saciado completamente e não para experimentar deleites passageiros.

Pedi para que a vossa alegria seja perfeita. Diga como Filipe: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta* e o Senhor lhe responderá: *Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai*[542].

Desta forma, dê graças a Cristo, que sofreu tanto para nos livrar de nossas enfermidades e para encher nossos corações. Apeguemo-nos à sua divindade, para sermos saciados.

Sermão 146 - O rebanho de Cristo.

Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?” Respondeu ele: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”.
Perguntou-lhe outra vez: “Simão, filho de João, amas-me?” Respondeu-lhe: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta os meus cordeiros”.

Perguntou-lhe pela terceira vez: “Simão, filho de João, amas-me?” Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: “Amas-me?” e respondeu-lhe: “Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”543.

Análise

Ao saberem que eles são o rebanho de Cristo e que Cristo os confiou à vigilância daqueles que o amam, para conduzi-los ao céu, os fiéis devem se alegrar.

Mas também devem evitar com cuidado imitar os maus cristãos e se misturar, seja com os heréticos, seja com os cismáticos, tão formalmente reprovados nas Escrituras.

01 – Os pastores e as ovelhas.

Suas caridades observaram na leitura de hoje que o Senhor perguntou a Pedro: *Amas-me?*

Pedro lhe respondeu: *Senhor, tu sabes que te amo*.

Ele respondeu assim duas e três vezes e, a cada vez, o Senhor lhe dizia: *Apascenta as minhas ovelhas*.

Assim, Cristo confiou a Pedro o cuidado de apascentar suas ovelhas e era ele que apascentava Pedro.

O que podia Pedro fazer em favor do Senhor, já que ele tinha um corpo imortal e estava a ponto de subir ao céu?

Assim, ao lhe perguntar: *Amas-me?,* o Senhor parecia lhe dizer: “Para mostrar que me ama, *apascenta as minhas ovelhas*”.

Por isso, meus irmãos, lembrem-se com submissão que vocês são as ovelhas de Cristo, como nós nos lembramos,

com temor, destas palavras: *Apascenta as minhas ovelhas*.

Se não cumprimos nosso dever com temor, se tememos por causa de nossas ovelhas, como elas não devem, por outro lado, temer por elas mesmas!

A nós então, cabe o cuidado e a vocês a obediência. A nós cabe a vigilância do pastor e a vocês a humildade do rebanho.

Vocês nos veem, é verdade, dirigindo a palavra a vocês de um lugar mais elevado. Nem por isso o temor não deixa de nos colocar aos pés de vocês, pois sabemos o quanto é temível a conta que precisaremos prestar desta, aparentemente, cadeira magnífica que ocupamos[544].

Assim, meus caríssimos filhos, ternos brotos da Igreja católica, membros de Cristo, pensem na Cabeça ilustre que vocês possuem. Filhos de Deus, pensem no Pai que lhes foi dado. Cristãos, pensem na herança que lhes foi prometida. Ela não se parece com as propriedades terrenas, que os filhos só podem possuir depois da morte dos pais.

Todos, de fato, só herdam dos pais após a morte destes, enquanto que, mesmo vivo, nosso Pai, que não pode morrer, nos faz donos de seus bens.

Eu digo mais, eu digo mais e que, no entanto, é verdade: nosso Pai será ele mesmo nossa herança!

02 – Os recém-batizados devem evitar os maus cristãos e os cismáticos.

Vivam então honradamente. Sobretudo vocês, filhos de Cristo vestidos de branco que acabam de receber o

batismo. Vivam conforme os conselhos que dei a vocês, conforme aqueles conselhos que já havia lhes dado e que agora repito, pois a preocupação que tenho, depois da última leitura, fez com que meus medos redobrassem

Pensem em vocês mesmos e não imitem os maus cristãos.

Não digam: “Posso fazer isto, porque muitos fiéis fazem”. Isto não seria apresentar uma defesa, mas procurar companheiros para o inferno.

Cresçam neste território do Senhor, pois aqui vocês encontrarão, se forem bons, bons cristãos que terão a simpatia de vocês.

Vocês são então nossa propriedade? Os heréticos e os cismáticos formaram patrimônios com os bens que apropriaram do Senhor, para fazer deles suas propriedades particulares. Eles alegam que apascentam rebanhos de Cristo, mas apascentam rebanhos deles, contra Cristo.

Sem dúvida que eles colocaram o nome de Cristo nesses rebanhos que eles arrebataram, mas foi como se quisessem defender o que saquearam através do nome de quem é poderoso.

O que faz então Cristo, quando se convertem essas pessoas que, fora da Igreja, recebem seu nome com o batismo?

Ele afasta o ladrão, conserva o título da casa e ele entra nela, como seu nome convida. Por que ele mudarias um nome que é o seu?

Esses sectários pensam nestas palavras do Senhor, dirigidas a Pedro: *Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas*?

Ele não lhe diz: *Apascenta os* "seus" *cordeiros. Apascenta as* "suas" *ovelhas*.

Então, uma vez excluídos do seu rebanho, o que o Senhor diz à sua Igreja, no Cântico dos Cânticos? Lá, o Noivo fala assim à noiva: *Se não o sabe, ó mais bela das mulheres, saia*.

Em outros termos: "Eu não afasto você. Saia, se você não sabe quem é você mesma; se você não sabe quem é você mesma, ó mais bela das mulheres, no espelho das Escrituras; se você não se coloca diante desse espelho que não dá a você um esplendor mentiroso; se você não sabe que é a você que se aplicam estas palavras: *Brilhe a vossa glória sobre a terra inteira*[545] e estas outras: *Dar-lhe-ei por herança todas as nações. Tu possuirás os confins do mundo*[546] e muitos outros testemunhos sobre a Igreja Católica; se você então não sabe nada disto, então, nada de partilha para você e você só pode se tornar herético. Assim, *saia, siga as pegadas das ovelhas* __ não siga *com* o rebanho __ *e apascente os cabritos*. Os *seus* cabritos e não as *minhas* ovelhas, como eu disse a Pedro".

A Pedro, de fato, ele disse: *as minhas ovelhas*. Aos cismáticos ele disse: *os cabritos*. Aqui, *ovelhas*; lá, *cabritos*. Aqui, *as minhas ovelhas*; lá, *os seus cabritos*.

Lembrem-se de quem estará à direita e de quem estará à esquerda do nosso Juiz. Lembrem-se de que lado estarão

os cabritos e de que lado estarão as ovelhas[547]. Assim vocês verão onde está o grupo da direita e onde está o grupo da esquerda; onde está a clareza e onde está a obscuridade; onde está a luz e onde estão as trevas; onde está a beleza e onde está a deformidade; a quem está destinado o reino eterno e quem deve esperar pelo suplício eterno.

Sermão 147 - A transformação de São Pedro.

Senhor, por que não posso te seguir agora? Darei a minha vida por ti! Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo até que me negues três vezes[548]. Jesus perguntou a Simão Pedro: "Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?" Respondeu ele: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta os meus cordeiros". Perguntou-lhe outra vez: "Simão, filho de João, amas-me?" Respondeu-lhe: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta os meus cordeiros". Perguntou-lhe pela terceira vez: "Simão, filho de João, amas-me?" Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: "Amas-me?" e respondeu-lhe: "Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Apascenta as minhas ovelhas"[549].

Análise

A presunção levou São Pedro prometer ao Salvador uma inviolável fidelidade no futuro e, tendo o Salvador abandonado São Pedro a ele mesmo, o apóstolo o negou três vezes. Ele se beneficiou com esta situação e quando Jesus Cristo lhe perguntou depois se ele o amava, ele evitou

com cuidado a presunção em que havia caído. Então o Senhor lhe prometeu a glória do martírio, que ele, de fato, sofreu com muita coragem.

01 – A presunção e a negação de Pedro.

Vocês se lembram de que o primeiro dos Apóstolos, que o apóstolo Pedro ficou perturbado no momento da Paixão do Senhor. Sim, ele ficou perturbado por ele mesmo, mas Cristo o renovou e o fortaleceu.

Pedro, de fato, tinha audaciosamente presumido dele mesmo e timidamente depois ele negou seu Mestre. Ele prometera morrer pelo Salvador, quando era o Salvador que deveria morrer por ele.

Assim como ele clamou: *Senhor, por que não posso te seguir agora? Darei a minha vida por ti!*, o Senhor lhe respondeu: *Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo até que me negues três vezes*.

Chegado o momento, como Cristo era Deus e Pedro não passava de um ser humano, viu-se o cumprimento deste oráculo: *Em meu pavor eu dizia: "Todo ser humano é um mentiroso"*[550].

Se *todo ser humano é um mentiroso*, como vemos ao observar este Apóstolo, Deus é verdadeiro. Cristo então foi verdadeiro e Pedro um mentiroso.

02 – O verdadeiro amor de Pedro por Cristo.

Mas, e depois? O Senhor interrogou Pedro, como vocês observaram na leitura do Evangelho, perguntando-lhe:

Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Sim, Senhor, tu sabes que te amo, respondeu Pedro.

Esta questão foi dirigida a ele uma segunda e uma terceira vez e, como a cada vez o Apóstolo respondeu que o amava, o Senhor, a cada vez, lhe confiou seu rebanho: *Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas*.

Só Pedro recebeu esta incumbência. Ele representou assim a união dos bons pastores; dos pastores que sabem conduzir para Cristo e não para eles mesmos.

Pedro hoje em dia ainda seria um mentiroso? Ele se enganaria, assegurando que ama o Senhor? Ele disse a verdade, pois ele disse o que viu em seu próprio coração. Mas, quando ele clamou: *Darei a minha vida por ti,* ele presumiu de suas próprias forças no futuro.

Todos podem saber o que é no momento em que fala, mas, quem sabe o que será amanhã? Pedro então olhava para sua alma no momento em que o Senhor o interrogou e, de acordo com o que ele viu, ele respondeu com confiança: "*Sim, Senhor, tu sabes que te amo*. Tu sabes o que te digo e o que eu vejo. Aqui, no meu coração, tu vês também".

No entanto, Pedro não ousou responder precisamente ao que o Senhor lhe perguntou.

De fato, o Senhor não tinha simplesmente perguntado a ele: *Amas-me?* O Senhor lhe perguntou: *Amas-me mais do que estes?* Ou seja: *Amas-me mais do que* os outros discípulos*?*

Pedro só pôde responder: *Tu sabes que te amo*. Ele não ousou acrescentar: “mais do que estes”. Ele não quis mentir. Para ele bastava dar o testemunho da disposição do coração dele. Ele não devia julgar as disposições dos corações alheios.

03 – Pedro é abandonado por Cristo e depois fortalecido.

A verdade vinha então do próprio Pedro ou de Cristo na pessoa de Pedro? O Senhor abandonou Pedro quando ele quis e Pedro não passava de um ser humano. O Senhor também plenificou Pedro com ele mesmo, quando ele quis e Pedro foi verídico. Pedro deve essa veracidade a Pedro ou à Pedra, ou seja, a Cristo[551]?

Ora, quando Pedro, pela terceira vez, respondeu que amava Cristo e que, pela terceira vez também, Cristo lhe confiou suas humildes ovelhas, o que lhe foi anunciado?

Cristo anunciou o martírio de Pedro: *Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, cingias-te e andavas aonde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres*[552].

O Evangelista nos expõe assim qual era o pensamento de Cristo. Ele observa: *Por estas palavras, ele indicava o gênero de morte com que havia de glorificar a Deus*[553]. Ou seja, para indicar que Pedro deveria ser crucificado pelo Salvador, pois é o que significa *estenderás as tuas mãos*.

Como ficou então o renegado? O Senhor Jesus acrescentou: *Segue-me!*[554] Mas, não no mesmo sentido que ao chamar para ele seus discípulos. Ele disse então: *Segue-me!*, mas para se instruir e, hoje em dia, para ser coroado.

Pedro não temia a morte, quando negou Cristo? Ele temia ter que suportar o que suportou o Salvador. Mas ele não deve mais temer isto hoje em dia, pois ele revê vivo em seu próprio corpo Aquele que ele viu pendurado no cadafalso.

Cristo então, ao ressuscitar, lhe tirou o medo da morte e, como ele lhe tirou esse medo, ele pode, com razão, lhe pedir contas do seu amor.

Tendo o medo se manifestado por uma tríplice negação, o amor se revelou com uma tríplice confissão. Ao negar três vezes, ele abandonou a verdade, mas proclamou seu amor confessando três vezes.

Sermão 148 - Ananias e Safira.

Santo Agostinho

Um certo homem chamado Ananias, de comum acordo com sua mulher Safira, vendeu um campo e, combinando com ela, reteve uma parte da quantia da venda. Levando apenas a outra parte, depositou-a aos pés dos apóstolos. Pedro, porém, disse: “Ananias, por que tomou conta Satanás do teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e enganasses acerca do valor do campo? Acaso não o podias conservar sem vendê-lo? E depois de vendido, não podias livremente dispor dessa quantia? Por que imaginaste isso em teu

coração? Não foi aos homens que mentiste, mas a Deus”.
Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu morto. Apoderou-se grande terror de todos os que o ouviram. Uns moços retiraram-no dali, levaram-no para fora e o enterraram.
Depois de umas três horas, entrou também sua mulher, nada sabendo do ocorrido. Pedro perguntou-lhe: “Dize-me, mulher. Foi por tanto que vendestes o vosso campo?” Respondeu ela: “Sim, foi por este preço”. Replicou Pedro: “Por que combinastes para pôr à prova o Espírito do Senhor? Estão ali à porta os pés daqueles que sepultaram teu marido. Hão de levar-te também a ti”. Imediatamente caiu aos seus pés e expirou. Entrando aqueles moços, acharam-na morta. Levaram-na para fora e a enterraram junto do seu marido.
Sobreveio grande pavor a toda a comunidade e a todos os que ouviram falar desse acontecimento. Enquanto isso, realizavam-se entre o povo, pelas mãos dos apóstolos, muitos milagres e prodígios. Reuniam-se eles todos unânimes no pórtico de Salomão[555].

Análise

A morte temporal infligida a Ananias e a Safira é a punição por suas mentiras e Santo Agostinho espera que eles sejam preservados da morte eterna. Mas, como este castigo deve nos levar a cumprir os votos que fizemos a Deus?

01 – As mortes de Ananias e Safira não são uma punição muito severa.

Na leitura feita do livro intitulado Atos dos Apóstolos, vocês observaram como foram atingidos aqueles cristãos que, depois de terem vendido uma propriedade, desviaram uma parte do valor conseguido e colocaram o resto aos pés dos Apóstolos como se fosse a soma inteira. Uma só palavra bastou para fulminar os dois: o homem e a mulher.

Há os que veem como um castigo muito severo, a mortes desses dois cristãos, por terem subtraído o dinheiro proveniente, afinal, do seu próprio bem.

Não foi o desejo de posse que levou o Espírito Santo a agir assim; foi a mentira que ele quis punir neles. Vocês ouviram as palavras do bem-aventurado Pedro: *Acaso não o podias conservar sem vendê-lo? E depois de vendido, não podias livremente dispor dessa quantia?*

Se você não queria vender, quem o forçou a isto? Se você só queria doar a metade, quem foi que lhe exigiu tudo? Ao oferecer somente a metade, não era preciso dizer que aquilo era a soma toda. Foi por dizer isto que você se tornou culpado de mentira.

No entanto, meus irmãos, não consideremos como um castigo severo essa morte temporal e, graças a Deus, que a vingança não tenha ido mais longe.

Esses cristãos, de fato, não eram mortais? Eles não deveriam morrer um dia? Deus quis somente que a morte deles fortalecesse a disciplina e é preciso acreditar que ele os poupou no além deste mundo, pois sua misericórdia é imensa.

Com relação àqueles que trataram indignamente o corpo e o sangue do Salvador, o apóstolo São Paulo fala, em uma passagem, das mortes que Deus inflige por punição. Ele diz: *Esta é a razão por que entre vós há muitos adoentados e fracos e muitos dormem*[556]. Um número grande o suficiente para causar uma impressão salutar.

Muitos dormem, ou seja, estão mortos. A justiça divina os atingiu e eles caíram doentes e morreram

O Apóstolo acrescenta, em seguida: *Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, sendo julgados pelo Senhor, ele nos castiga para não sermos condenados com o mundo*[557].

Não foi isto o que aconteceu com Ananias e Safira? Eles receberam a pena de morte para não serem condenados ao suplício eterno.

02 – Os votos devem ser cumpridos.

Que suas caridades façam agora a seguinte reflexão: se o Senhor se mostrou tão descontente com o desvio de uma parte do dinheiro que eles tinham prometido, quando, no entanto, esse dinheiro só podia servir às pessoas, qual não deve ser sua irritação, quando se faz um voto de castidade e esse voto não é cumprido ou quando se faz um voto de virgindade e não se é fiel a ele?

Esses votos, de fato, são para Deus e não para as pessoas. O que quer dizer que eles são para Deus?

É que Deus faz, dos santos, sua morada e o templo onde ele condescende habitar e ele quer que esse templo

permaneça inviolado. À virgem, à religiosa que se casa, poderíamos então aplicar o que Pedro disse com relação ao dinheiro e dizer: “Estando em suas mãos sua virgindade, ela não pertencia a você e ela não estava em seu poder, antes que você fizesse os votos?”

No entanto, quando se comporta de uma maneira tal que, se faz um voto mas ele não é cumprido, deve-se esperar não ser corrigido com a morte temporal, mas ser condenado às chamas eternas.

Sermão 149 - Quatro questões.

Pedro subiu ao terraço da casa para fazer oração. Então, como sentisse fome, quis comer. Mas, enquanto lho preparavam, caiu em êxtase. Viu o céu aberto e descer uma coisa parecida com uma grande toalha de linho que baixava do céu à terra, segura pelas quatro pontas. Nela havia de todos os quadrúpedes, dos répteis da terra e das aves do céu. Uma voz lhe falou: “Levanta-te, Pedro! Mate e coma”. Disse Pedro: “De modo algum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma profana e impura”. Esta voz lhe falou pela segunda vez: “O que Deus purificou não chames tu de impuro”. Isto se repetiu três vezes e logo a toalha foi recolhida ao céu[558]

Brilhe vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus[559].

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante das pessoas, para serdes vistos por elas. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu. Quando, pois, dás esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas

e nas ruas, para serem louvados pelas pessoas. Em verdade, eu vos digo: já receberam sua recompensa. Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita. Assim, a tua esmola se fará em segredo e teu Pai, que vê o escondido, recompensar-te-á[560].
Tendes ouvido o que foi dito: "Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo". Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem. Deste modo sereis os filhos de vosso Pai do céu, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos?[561]

Análise

Santo Agostinho, neste sermão, resolve quatro questões que no domingo anterior ele tinha prometido aprofundar.

A primeira é relativa à visão celeste que São Pedro teve imediatamente antes de ser chamado à casa do Centurião Cornélio. Os animais puros e impuros que lhe foi ordenado comer podem significar que as observâncias legais estavam abolidas sob o cristianismo, porque seus significados proféticos já estavam compridos.

No entanto, como serpentes se misturaram a esses animais e serpentes não podem servir de alimento às pessoas, é preciso dar também a essa visão outra interpretação e entendê-la como a entendeu Pedro, no

sentido de que os gentios eram chamados, como os judeus, para fazer parte do corpo da Igreja.

A segunda questão é relativa às boas obras. De um lado, nos é recomendado fazê-las anonimamente e, por outro lado, somos obrigados a fazê-las brilhar publicamente. Isto não é uma contradição? O meio de conciliar estes preceitos que parecem opostos é fazer o bem em público, quando se deve fazê-lo, mas sem se propor como objetivo a estima humana. É preciso ter em vista unicamente a glória de Deus e a edificação do próximo.

Isto é o que lembra a terceira questão. Ela pergunta como a mão esquerda pode ignorar o que faz a direita. Santo Agostinho responde que a esquerda representa os bens temporais e a direita os bens eternos. Não se deve misturar, nas boas obras, o desejo pelas primeiras com o desejo pelas últimas e assim a esquerda ignorará o que faz a direita.

Por fim a quarta questão. Como o Evangelho nos ordena amar nossos inimigos, quando o Antigo Testamento diz: "Ame seu próximo e odeie seu inimigo"?

Estes preceitos são verdadeiros; tanto um como o outro, pois o próximo que nos é ordenado amar a antiga Lei designa todas as pessoas e o inimigo que ela ordena odiar não é outro além do diabo.

Apresentemos então, aos nossos inimigos, ardentes provas de amor. Este geralmente é o meio de transformá-los em nossos amigos.

01 – Primeira questão: a visão de São Pedro.

Eu me lembro de que desde o último domingo eu me comprometi com suas santidades resolver algumas questões tiradas das Escrituras. Chegou o momento de cumprir minha promessa, na medida em que o Senhor condesceda me fazer esta graça, pois, sem falar do amor que devemos sempre e que sempre cumprimos, eu não gostaria de continuar por mais tempo devedor de vocês.

A propósito da visão de São Pedro, dizemos que é preciso examinar primeiramente o que significa *essa coisa parecida com uma grande toalha de linho que baixava do céu à terra, segura pelas quatro pontas*, em que *havia de todos os quadrúpedes, dos répteis da terra e das aves do céu*; o que significam também as palavras divinas dirigidas ao mesmo Apóstolo: *Mate e coma*; e, por fim, porque essa toalha se abaixa e se levanta três vezes.

02 – Pedro não foi obrigado a ser voraz.

É fácil refutar aqui aqueles que dizem que o Senhor nosso Deus quis, com isso, ordenar a voracidade a Pedro. De fato, mesmo quando tomamos literalmente o sentido destas palavras: *Mate e coma*, o pecado não está em matar e comer, mas em usar sem moderação os bens que Deus concede às pessoas para prover suas necessidades.

03 – A abstinência dos judeus dos animais impuros era apenas um símbolo.

A antiga Lei havia determinado alguns animais que os judeus podiam comer e outros dos quais deviam se abster.

Essa distinção simbolizava coisas futuras. O apóstolo São Paulo ensina isto mais claramente nas seguintes palavras: *Ninguém, pois, vos critique por causa de comida ou bebida, ou espécies de festas ou de luas novas ou de sábados. Tudo isto não é mais que sombra do que devia vir*[562].

Da mesma forma, ele diz em outra passagem, quando a Igreja já estava estabelecida: *Todas as coisas, em verdade, são puras, mas o que é mau para uma pessoa é o fato de comer provocando um escândalo*[563]. E também: *Para os puros todas as coisas são puras. Para os corruptos e descrentes nada é puro*[564].

Quando o Apóstolo escreveu isto, havia, de fato, cristãos que comiam certas carnes para o escândalo de algumas almas fracas. Vendia-se então no mercado as carnes dos animais abatidos pelos arúspices e muitos irmãos se abstinham de comê-las para não induzir os ignorantes a comprar essas carnes sacrificadas aos ídolos.

Foi então para tranquilizar as consciências sobre este assunto que o mesmo Apóstolo disse, em outra epístola: *Comei de tudo o que se vende no açougue, sem indagar de coisa alguma por motivo de consciência. Do Senhor é a terra e tudo que ela encerra*. E ele acrescentou: *Se algum infiel vos convidar e quiserdes ir, comei de tudo o que se vos puser diante, sem indagar de coisa alguma por motivo de consciência. Mas se alguém disser: "Isto foi sacrificado aos ídolos", não o comais, em atenção àquele que o advertiu e por motivo de consciência*[565].

Conclui-se disto que, sobre este tema, a pureza ou a impureza consiste não em tocar, propriamente falando, mas em ter a consciência limpa ou suja.

04 – Os animais proibidos aos judeus são símbolos.

Assim, para os cristão foi dada uma permissão que os judeus não tinham, pois, se os judeus não podiam comer certos animais, era porque eles eram, como já observamos, símbolos ou sombras do que devia acontecer.

Da mesma forma, sua circuncisão representava a circuncisão do coração e, como eles não queriam esta, se contentavam com a da sua carne. Da mesma maneira, os alimentos permitidos ou proibidos eram preceitos misteriosos e sinais do futuro. Eles podiam, segundo as Escrituras, comer animais que ruminavam e que tinham a unha partida, mas não aqueles que não possuíam uma ou outra ou ambas estas características[566].

Isto era para designar algumas pessoas que não são da sociedade dos santos. De fato, a unha partida tem relação com o comportamento e a ruminação lembra uma propriedade da sabedoria.

Qual é a relação entre a unha partida e o comportamento? É que os animais cujas unhas são partidas não caem facilmente e a queda é um símbolo do pecado.

Que relação existe entre a sabedoria e a ruminação? É o que está dito nas Escrituras: *Um tesouro precioso repousa na boca do sábio, mas o tolo o engolirá*[567]. Assim, ouvir a

verdade e esquecê-la em seguida, por negligência, é como engoli-la, é não conservá-la para saboreá-la, é sepultá-la no próprio esquecimento. Já meditar sobre a Lei do Senhor, dia e noite, é como ruminá-la e saborear suas delícias em seu coração.

A proibição feita então aos judeus significa que à Igreja ou ao corpo de Cristo, que à graça e à sociedade dos santos não pertencem aqueles que ouvem indolentemente as divinas palavras, nem aqueles que vivem mal e muito menos ainda aqueles que, ao mesmo tempo, ouvem mal e vivem mal.

05 – Porque as prescrições das observâncias judaicas devem ser lidas.

Existem também outras observâncias semelhantes impostas aos judeus e que são sombras figurativas do futuro e, desde o advento da Luz do Mundo, de Jesus Cristo Nosso Senhor, quando elas são lidas, é somente para ter o conhecimento delas e não para serem praticadas.

É permitido então aos cristãos não obedecer a esses costumes inúteis e comer o que quiserem, desde que isto seja feito com moderação, com bênção e ação de graças.

Se então foi dito a Pedro: *Mate e coma*, foi talvez para lhe dizer para não observar mais esses costumes dos judeus, mas não, certamente, para lhe recomendar que fizesse da barriga um poço sem fundo e uma infame voracidade.

06 – A visão de Pedro decifrada.

Todavia, o que prova que se tratava de um ensinamento figurado é que na espécie de toalha da visão de Pedro havia serpentes. Pedro podia comê-las? Qual é então o sentido dessa visão?

Essa toalha imensa representa a Igreja e as quatro pontas por onde ela era segurada representam as quatro partes do mundo por onde se espalha a Igreja, já que ela cobre o mundo todo.

Assim, querer formar uma seita e se separar da Igreja Católica é não estar mais incluído no mistério das quatro pontas e não estar mais incluído nela é não ter mais as chaves dadas a Pedro.

Se, de fato, o Senhor disse que, no fim dos tempos, *ele enviará seus anjos com estridentes trombetas e que juntarão seus escolhidos dos quatro ventos do céu*[568], é porque hoje em dia a fé do evangelho está disseminada pelos quatro pontos cardeais.

Os animais mostrados a Pedro representam então os gentios, pois, imundos e entregues aos seus erros, às suas supertições e às suas concupiscências antes do advento de Cristo, eles receberam dele o perdão de suas faltas e se tornaram assim puros. E, uma vez seus pecados perdoados, por que eles não fariam parte do corpo de Cristo, ou seja, da Igreja representada pela pessoa de Pedro?

07 – Pedro representa a Igreja.

Muitas passagens das Escrituras mostram, efetivamente, que Pedro representa a Igreja. Vemos isto

principalmente nestas palavras dirigidas a ele: *Eu te darei as chaves do Reino dos Céus. Tudo o que ligares na terra será ligado nos céus e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus*[569].

Somente Pedro recebeu essas chaves? Elas não foram dadas também a Paulo? Só Pedro as recebeu e elas foram recusadas a João, a Tiago e aos outros Apóstolos? Elas não estão nas mãos da Igreja, onde diariamente são perdoados os pecados?

Sim, como Pedro personificava a Igreja, à Igreja foi dado o que foi dado a Pedro em particular. Desta forma, este Apóstolo representava a Igreja, ou o corpo de Cristo.

Que ele admita então os gentios, pois eles estão purificados, já que suas iniquidades lhes foram perdoadas. Foi por este motivo que o gentio Cornélio, bem como os gentios que o acompanhavam, enviaram a Pedro outros para buscá-lo. As doações feitas por este gentio tinham agradado o céu e o tinham purificado, até um certo ponto. Ele só tinha então que ser incorporado, como um bom alimento, à Igreja, ou ao corpo de Jesus Cristo.

No entanto, Pedro temia entregar o Evangelho aos pagãos, pois os crentes da circuncisão se opunham a que os Apóstolos ensinassem a fé cristã aos incircuncisos. Eles afirmavam que estes últimos não podiam participar das graças do Evangelho sem terem recebido a circuncisão dada aos seus pais.

08 – Os pagãos admitidos à Igreja.

A visão de Pedro põe fim a esta hesitação. Então, o Espírito Santo lhe diz em seguida para descer e acompanhar os enviados de Cornélio e ele faz isto. De fato, Cornélio e os gentios como ele eram considerados como esses animais que Pedro tinha visto sobre a toalha de linho. Mas, como Deus já os havia purificado, ao receber suas doações, Pedro precisava "matá-los e comê-los", ou seja, destruir neles a vida antiga que eles tinham passado na ignorância sobre Cristo e uni-los ao seu corpo, fazendo com que eles recebessem uma nova vida na comunhão da Igreja.

Assim, Pedro, ao chegar perto deles, os lembrou, em poucas palavras de sua visão. Ele lhes disse: *Vós sabeis que é proibido a um judeu aproximar-se dum estrangeiro ou ir à sua casa. Todavia, Deus me mostrou que ninguém deve ser considerado profano ou impuro*[570].

Foi, de fato, o que lhe fez entender o Senhor, através destas palavras: *O que Deus purificou não chames tu de impuro*[571].

Mais tarde também, tendo ido visitar os irmãos em Jerusalém e com vários deles se queixando de ver o Evangelho entregue aos gentios, ele lhes lembrou, para acalmá-los, a visão que havia tido[572]. Ele os lembraria disto, se este não fosse o sentido dela que acabamos de indicar?

09 – A toalha de linho.

Talvez pudéssemos questionar também porque esses animais parecem estar sobre uma toalha de linho.

Certamente que isto não foi por acaso. O linho, de fato, não é roído pelos vermes que roem os outros tecidos.

Que todos então afastem de seus corações a corrupção das más paixões e se fortaleçam muito energicamente na fé, para não se deixarem levar pelos maus pensamentos, que são como que vermes roedores. Este é o meio de se aproveitar da lição misteriosa que nos dá o linho, um símbolo da Igreja.

10 – O tríplice abaixamento.

Por que essa toalha foi abaixada do céu três vezes? Porque todos os gentios espalhados pelas quatro extremidades do mundo, com os quais se ocupa a Igreja e que são designados pelos quatro cordões que sustentam a toalha, são batizados em nome da Santíssima Trindade. Eles são renovados pela fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para entrar na sociedade e na comunhão dos santos.

Esses quatro cordões de linho e o rebaixamento por três vezes lembram também os doze Apóstolos ou três multiplicado por quatro, já que três vezes quatro são doze.

É o suficiente, eu acho, sobre esta visão.

11 – A segunda questão: esconder ou divulgar as boas obras?

Adiamos também outra questão, que foi a de saber por que o Salvador, em seu Sermão da Montanha, diz primeiro aos seus discípulos: *Brilhe vossa luz diante das pessoas,*

para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus, mas, um pouco depois, sempre no mesmo sermão, diz: *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante das pessoas, para serdes vistos por elas* e também: *A tua esmola se fará em segredo e teu Pai, que vê o escondido, recompensar-te-á*.

Frequentemente oscilamos na prática entre estes dois preceitos e não sabemos a qual nos ater para obedecermos ao Senhor que nos impôs ambos[573]. Como fazer brilhar nossas boas obras perante as pessoas, de maneira a que elas vejam realmente nossas ações louváveis, se, por outro lado, somos obrigados a manter essas boas ações em segredo?

Ao procurar observar o primeiro preceito, eu violo o segundo e eu peco se cumpro este. É preciso então encontrar entre essas duas passagens da Escritura algum equilíbrio e mostrar que os divinos preceitos não podem ser contraditórios.

A oposição que parece se revelar nestes termos pede uma grande calma para ser compreendida. Que todos fiquem em paz interiormente com as palavras de Deus e ninguém encontrará nenhuma contradição.

12 – A discordância surge de uma má interpretação.

Suponhamos uma pessoa que faz uma boa ação em total segredo e que chega a ficar incógnito, se possível, até mesmo para quem foi contemplado com essa boa ação, o

que ocorreria se, para escapar dos seus olhos, ele fizesse o beneficiado receber a boa ação invés de receber o autor da ação. O que mais ele pode fazer para se manter incógnito?

Desta forma, ele se vê diante desta recomendação, sem praticá-la: *Brilhe vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras*.

Ninguém, de fato, viu o que ele fez e foi levado a imitá-lo. Assim, no que depende dele, as outras pessoas foram condenadas à esterilidade, pois, se nos esforçamos para não deixar serem vistos os bens praticados, as pessoas podem imaginar que ninguém observa os divinos mandamentos. No entanto, há mais amor em dar bom exemplo à alma do que em alimentar o corpo.

Outra suposição. Trata-se de alguém que divulga e se vangloria das suas boas obras e que não tem outro objetivo além de buscar sua glória. Suas obras brilham, assim, perante as pessoas.

Evidentemente que ele não falta para com esta recomendação, mas fere a outra: *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante das pessoas, para serdes vistos por elas*. Ele logo relaxa, se encontra pessoas que o censuram por este comportamento.

Escravo dos louvores, esta segunda pessoa se parece com as virgens que não levavam óleo com elas. Vocês conhecem, de fato, a história das cinco virgens tolas que não levavam óleo com elas e, ao mesmo tempo, as cinco virgens prudentes que sempre o levavam com elas. Todas tinham lâmpadas que brilhavam, mas umas não tinham

como manter esse brilho e as outras sim. Isto estabeleceu entre elas a distinção entre virgens prudentes e virgens tolas[574].

O que significa, de fato, levar óleo consigo, se não é conscientemente procurar agradar a Deus com suas boas obras, sem se propor como objetivo o prazer de ser louvado pelas pessoas, que não podem ler nas almas, pois, se as pessoas podem ver o que fazemos, somente Deus conhece a intenção que nos leva a agir.

13 – A conciliação das passagens aparentemente contraditórias.

Imaginemos agora alguém que observa estes dois preceitos e quer se mostrar, assim, fiel tanto a um como ao outro. A quem tem fome ele dá pão e faz isto diante das pessoas que ele quer ver imitá-lo, se inspirando nas palavras do Apóstolo: *Sejais meus imitadores, assim como eu imito Cristo*[575].

Ele dá, então, pão ao pobre e vemos sua ação, mas sua devoção permanece em seu coração. Ele visava sua própria glória ou a glória de Deus?

Ninguém sabe e ninguém pode determinar isto nas pessoas. No entanto, aqueles que a boa vontade leva a imitá-lo olham como inspirado pela devoção do coração quem eles veem fazer o bem e bendizem Deus, cujas palavras e graça determinam essas boas obras.

Desta maneira, a ação aparece para que as pessoas a vejam e glorifiquem seu Pai que está nos céus, mas o

coração gostaria que a boa ação ficasse em segredo, para receber com isso a recompensa do Pai Santo que vê o que está escondido.

Desta forma, o comportamento foi correto e nenhuma obrigação foi desprezada, já que ambos os preceitos foram observados perfeitamente. Evitou-se praticar a justiça perante as pessoas, ou seja, propor-se os louvores como fim último, já que, ao fazer o bem, procurou-se não se destacar, mas honrar Deus e, como esta intenção era interior, escondida na consciência, a boa obra, neste sentido, é secreta, se habilitando à recompensa Daquele que tudo vê.

Quem pode, de fato, quando age, expor seu coração aos olhos humanos e lhes mostrar a intenção que o dirige?

14 – O sentido correto das passagens está nas próprias palavras de Cristo.

Assim, meus irmãos, observem com que precisão o Senhor pesou suas palavras. Prestem atenção em como ele se expressa: *Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante das pessoas, para serdes vistos por elas*.

Ao nos propormos sermos vistos pelas pessoas, nos tornamos dignos de repreensão e somos culpados de querer fazer o bem para sermos louvados pelos mortais, sem buscar outra coisa.

Aí está o que censura o Senhor nas palavras citadas. Assim, ao nos ordenar mostrarmos nossas boas obras, ele não quer que nos proponhamos como objetivo somente sermos vistos pelas pessoas e louvados por elas. Ele vai

mais para cima, até à glória de Deus e exige que a tenhamos em vista quando agimos.

Ele diz então: *Brilhe vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras*. No entanto, não é isto que devemos ambicionar.

“O que é então?”

É o que o Salvador acrescenta: para que as pessoas *glorifiquem vosso Pai que está nos céus*.

Ao procurar desta maneira a glória de Deus, não tema ser observado pelas pessoas. Sua boa ação nem por isso deixará de estar no santuário secreto onde somente o olhar de Deus vê claramente que você tinha em vista sua glória.

Aí está porque o apóstolo Paulo, depois de ter caído como perseguidor e se levantado como pregador, escreveu: *Eu era ainda pessoalmente desconhecido das comunidades cristãs da Judeia. Tinham elas apenas ouvido dizer: “Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia”. E glorificavam a Deus por minha causa*[576].

Assim, sua alegria não vinha do fato de que conheciam nele um homem que tinha recebido a graça, mas vinha do fato de que eles bendiziam Deus que a tinha dado a ele.

Desta forma, ele também disse: *Se quisesse ainda agradar as pessoas, não seria servo de Cristo*[577].

No entanto, ele disse em outro trecho: *Fazei como eu: em todas as circunstâncias procuro agradar a todos*. Sem dúvida poderíamos renovar aqui nossa questão. Mas, o que ele acrescenta? *Não busco os meus interesses próprios, mas os interesses dos outros, para que todos sejam salvos*[578].

Este é o mesmo sentido que está nestas outras palavras do mesmo Apóstolo: *Glorificavam a Deus por minha causa* e nestas outras, do Salvador: *para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus*.

Então, é cuidar da própria salvação, quando, ao se ver pessoas fazendo o bem, se glorifica Aquele que lhes concedeu essa graça.

15 – Terceira questão: que a mão esquerda não saiba o que faz a direita.

Restam ainda duas questões. Mas temo que elas sejam demais para aqueles que já têm o bastante e pouco para aqueles que ainda não têm o suficiente.

Todavia, eu me lembro do que já resolvi e do que ainda tenho que resolver. Devo, de fato, examinar o que significa esta recomendação: *Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita*. Devo explicar também, com relação ao amor aos inimigos, porque os antigos parecem que tinham permissão de odiá-los e a nós nos é ordenado amá-los.

Como fazer isto? Se eu trato destas questões em poucas palavras, eu posso não ser suficientemente compreendido e temo, ao desenvolvê-la mais, que meu sermão seja mais tedioso do que útil minha explicação.

No entanto, se vocês não compreenderem o suficiente, me considerem sempre devedor de vocês e eu vou me empenhar para me aprofundar mais em outra circunstância. Seja como for, não devo deixar estas questões passarem hoje em silêncio.

A mão esquerda representa na alma a concupiscência carnal e a mão direita representa o amor totalmente espiritual. Segue-se daí que, ao fazermos uma obra de caridade tendo alguma vantagem temporal em vista, estamos fazendo com que a mão esquerda conheça o que faz a direita.

Se for, pelo contrário, com um verdadeiro amor e uma consciência totalmente pura perante Deus que se vai em socorro do próximo, sem ambicionar outra coisa além de agradar Aquele que impõe este dever, a esquerda ignora o que faz a direita.

16 – Quarta questão: o amor e o ódio ao inimigo.

É muito mais difícil de tratar e não se pode resolver tão rapidamente a questão do amor aos inimigos. Mesmo então nos escutando, rezem por nós e o Senhor nosso Deus talvez nos conceda bem rápido o que achamos tão difícil de obter.

Membros de uma mesma família, nós nos provemos no mesmo celeiro e é possível que o que acreditamos esteja trancado bem no fundo, tenha sido colocado de fato na entrada, por Aquele que promete nos ouvir, para que possamos mais facilmente distribuir a quem pede.

Cristo Nosso Senhor amou realmente os inimigos dele. Ele não disse, quando estava pendurado na cruz: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[579]?

Estevão o imitou, no momento em que o apedrejavam. Ele disse: *Senhor, não lhes leves em conta este pecado*[580]. Se o servidor imitou assim o Mestre, quem poderá hesitar e acreditar que só o Senhor era capaz de um gesto assim?

Se acreditamos que é muito para nós seguir o exemplo do Senhor, imitemos pelo menos aquele que era um servidor como nós, já que fomos chamados a receber a mesma graça.

Por que então foi dito aos antigos: *Amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo*[581]?

Talvez eles também tenham entendido bem estas palavras. Mas, nas circunstâncias atuais, nós as compreendemos melhor ainda, graças à presença Daquele que sabe muito bem o que é preciso esconder e o que é preciso revelar a cada um.

De fato, não temos todos um inimigo que somos obrigados a odiar? O diabo é este inimigo. Então: *Amarás o teu próximo*, os seres humanos *e odiarás teu inimigo*, o diabo.

No entanto, muito frequentemente surgem inimizades entre as pessoas, já que a infidelidade abre espaço interiormente para o demônio[582] e estas pessoas se tornam seus instrumentos, quando ele age sobre os filhos da rebeldia[583].

Mas, como pode acontecer também de a pessoa renunciar à maldade e se apegar ao Senhor, é preciso amar nosso inimigo, rezar por ele e lhe fazer o bem, mesmo quando ele ainda está contra nós e nos persegue.

Desta forma, cumprimos o preceito antigo, pois amamos a pessoa que é o próximo e odiamos o diabo que é nosso inimigo. Cumprimos também o preceito novo, pois amamos as pessoas, por mais inimigas que nos sejam e já que rezaremos por aqueles que nos perseguem.

17 – Deve-se rezar pelos perseguidores.

Vocês não acreditam que, nos primeiros tempos do cristianismo, os cristãos não rezavam por Saulo, que os perseguia? Não foi a prece do mártir Estevão que obteve de Deus sua conversão? Saulo estava entre seus perseguidores e ele guardou suas roupas.

Este Apóstolo escreveu a Timóteo: *Acima de tudo, recomendo que se façam preces, orações, súplicas, ações de graças por todas as pessoas, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, para que possamos viver uma vida calma e tranquila, com toda a piedade e honestidade*[584].

Assim então, ele ordenou que se rezasse pelos reis, que então perseguiam as Igrejas, enquanto que hoje em dia eles defendem essas mesmas Igrejas que rezavam então por eles e que agora são ouvidas, para sua felicidade.

18 – Está prescrito amar até os inimigos.

Vocês querem também observar o preceito dado aos antigos?

Ame o seu próximo, ou seja, todas as pessoas, pois todos viemos de dois primeiros pais e somos, consequentemente, todos próximos uns dos outros.

É certo, aliás, que Aquele que nos ordena amar nossos inimigos, Jesus Cristo Nosso Senhor, resumiu toda a Lei e os Profetas nestes dois preceitos: *Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito* e *amarás teu próximo como a ti mesmo*[585].

“Não são mencionados aqui os inimigos. Não podemos presumir de que estes dois mandamentos não resumem então toda a Lei?”

De forma alguma, pois, ao dizer: *Amarás teu próximo*, ele inclui nestas palavras todas as pessoas, inclusive os inimigos.

Sob o ponto de vista do parentesco espiritual, ignoramos o que existe sobre nós na presciência divina e sobre o que acreditamos neste momento ser nosso inimigo. De fato, como a paciência de Deus atrai para a penitência, é possível que o inimigo acabe por reconhecer e seguir essa atração.

Se Deus mesmo, se Deus que sabe antecipadamente quais são aqueles que continuarão a trama de suas iniquidades e aqueles que abandonarão os caminhos da justiça e se jogaram irrevogavelmente no mal, esse Deus não deixa de fazer seu sol se levantar sobre os bons e sobre os maus, nem de fazer chover sobre os justos e sobre os pecadores. Se sua paciência os convida a fazer penitência, ameaçando, para o fim, com os rigores de sua justiça, aqueles que ignoraram os atrativos de sua bondade, com que empenho cada um de nós não deve se acalmar, para não se expor, na ignorância do futuro, a odiar aquele com quem ele reinará na felicidade eterna e que é visto agora como inimigo?

Cumpramos então o antigo preceito: amar como nosso próximo todas as pessoas e odiar o diabo nosso inimigo. Cumpramos também o preceito novo: amar nossos inimigos, já que eles são humanos e rezar pelos que nos perseguem, já que são humanos também e, como são humanos também, fazer o bem aos que nos odeiam.

19 – As brasas na cabeça do inimigo.

Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber. Procedendo assim, amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça[586].

Há aqui também uma questão: como amar uma pessoa que se quer queimar com *carvões em brasa*?

Mas, basta compreender bem para fazer desaparecer esta dificuldade.

Os carvões mencionados aqui são os carvões devoradores que Deus dá ao ser humano para livrá-lo da *língua pérfida*587. Ao se fazer o bem a um inimigo, ao não se deixar vencer por sua malícia e ao se derrotar o mal com o bem, geralmente se leva ao arrependimento por sua raiva e ao lamento por ter prejudicado uma pessoa que lhe fez tanto bem.

A queima experimentada é a própria penitência que destrói, como *carvões em brasa*, o ódio e a maldade.

Sermão 150 - A fonte da felicidade.

Alguns filósofos epicuristas e estoicos conversaram com ele. Diziam uns: "O que quer dizer esse semeador de palavras?" Outros: "Parece que é pregador de novos deuses". Pois lhes anunciava Jesus e a Ressurreição. Tomaram-no consigo e levaram-no ao Areópago e lhe perguntaram: "Podemos saber que nova doutrina é essa que pregas? Pois o que nos trazes aos ouvidos nos parece muito estranho. Queremos saber o que vem a ser isso".
Ora, como se sabe, todos os atenienses e os forasteiros que ali se fixaram não se ocupavam de outra coisa senão a de dizer ou de ouvir as últimas novidades.
Paulo, em pé no meio do Areópago, disse: "Homens de Atenas, em tudo vos vejo muitíssimo religiosos. Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei também um altar com esta inscrição: 'A um Deus desconhecido'. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio! O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra e não habita em templos feitos por mãos

humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa, porque é ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. Ele fez nascer de um só homem todo o gênero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra. Fixou aos povos os tempos e os limites da sua habitação. Tudo isso para que procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo como que às apalpadelas, pois na verdade ele não está longe de cada um de nós. Porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser, como até alguns dos vossos poetas disseram: 'Nós somos também de sua raça...' Se, pois, somos da raça de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra lavrada por arte e gênio dos seres humanos. Deus, porém, não levando em conta os tempos da ignorância, convida agora a todos de todos os lugares a se arrependerem. Porquanto fixou o dia em que há de julgar o mundo com justiça, pelo ministério de um homem que para isso destinou. Para todos deu como garantia disso o fato de tê-lo ressuscitado dentre os mortos". Quando o ouviram falar de ressurreição dos mortos, uns zombavam e outros diziam: "A respeito disso te ouviremos outra vez". Assim saiu Paulo do meio deles. Todavia, algumas pessoas aderiram a ele e acreditaram. Entre eles, Dionísio, o areopagita e uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, ainda outros.[588]

Análise

Antes de relatar o sermão de São Paulo diante do Areópago e o sucesso que ele obteve, os Atos dizem que ele conversava com vários filósofos epicuristas e vários filósofos estoicos. Não foi sem uma disposição especial da

Providência que apareceram aqui estas duas seitas. A elas, de fato, parecem se reportar todas as outras.

Qual é o objetivo de todos os filósofos e todas as pessoas? Conseguir a felicidade, a vida bem-aventurada. Ora, os epicuristas colocam a felicidade nos prazeres do corpo e os estoicos na força da alma. Não é a estas duas opiniões que se reportam todas as outras opiniões filosóficas, já que só se pode distinguir em nós o corpo e a alma?

Mas, uma e outra são combatidas pelo Apóstolo. Invés de colocar a felicidade nos prazeres dos sentidos, ele ordena a mortificação dos sentidos e toda sua doutrina faz a virtude depender fortemente da graça de Jesus Cristo.

01 – A pregação de Paulo em Atenas.

Suas caridades observaram conosco, na leitura dos Atos dos Apóstolos, que São Paulo dirigiu a palavra aos atenienses e, para ironizar a pregação da verdade, estes lhe deram o apelido de *semeador de palavras*. No pensamento daqueles que faziam isto, este apelido era um insulto, mas a fé não deve considerá-lo assim, pois o Apóstolo realmente semeava palavras para colher virtudes.

Nós mesmos, que somos tão pequenos e não temos nada que se compare a esse grande homem, não semeamos as palavras de Deus no próprio campo de Deus, ou seja, em seus corações e não esperamos de vocês uma ampla colheita de virtudes?

Seja como for, nós estimulamos vocês a prestarem bastante atenção ao tema que a leitura dos Atos nos aconselha conversar com vocês. Talvez possamos expor, com a ajuda do Senhor nosso Deus, ideias que nem todos podem compreender facilmente, se ninguém as explicar e que ninguém deve desprezar quando compreender.

02 – A fé dos cristãos.

Paulo falava em Atenas. Ora, os atenienses tinham, entre os outros povos, uma grande reputação em todo gênero de literatura e de doutrina. Atenas era a pátria dos grandes filósofos e desse centro se espalhavam, para as outras regiões da Grécia e do mundo, numerosos e variados ensinamentos.

Foi então lá que o Apóstolo falou, foi lá que ele anunciou o *Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. Mas, para os eleitos - quer judeus quer gregos -, força de Deus e sabedoria de Deus*[589].

Pensemos no perigo a que se expunha quem pregasse assim, no meio dos filósofos e sábios.

Quando o Apóstolo terminou seu sermão, muitos zombaram dele, porque ele tinha mencionado a ressurreição dos mortos, que é um dos temas principais da fé cristã. Outros disseram: *A respeito disso te ouviremos outra vez*. Houve também outros que acreditaram nele e, dentre estes, um chamado Dionísio, o areopagita, um dos magistrados de Atenas, pois o areópago era como o senado

dos atenienses. Também acreditaram nele uma mulher da nobreza e alguns outros.

Assim, a palavra apostólica chamou a atenção de três grupos do povo ateniense e os vemos caracterizados com uma precisão memorável: o grupo dos zombadores, o grupo dos céticos e o grupo dos crentes.

Lemos que *uns zombavam e outros diziam: "A respeito disso te ouviremos outra vez"*. Estes últimos duvidavam então e, como houve os que acreditaram, eles estavam no meio, entre os zombadores e os crentes.

Mas, rir é cair, acreditar é se manter de pé e duvidar é cambalear. *A respeito disso te ouviremos outra vez*. Eles não sabiam então se caíam como os zombadores ou se se firmavam como os crentes.

Podemos concluir então que o *semeador de palavras* trabalhou inutilmente?

Se ele tivesse temido os zombadores, ele não teria chegado até os crentes. Assim como o semeador evangélico mencionado pelo Senhor __ e São Paulo, como vimos, também era um semeador __ ele não teria podido lançar suas sementes na boa terra se ele tivesse tido medo de espalhá-la pelo caminho, pelos espinhos e no meio dos lugares pedregosos.

Semeemos então nós também; lancemos bem longe. A vocês cabe preparar seus corações e dar frutos.

03 – Os estoicos e os epicuristas discutindo com Paulo.

A mesma leitura nos recordou também, se suas caridades se lembram, que alguns filósofos epicuristas e estoicos discutiam com o Apóstolo.

Quem eram e o que são ainda esses filósofos epicuristas e estoicos? O que eles pensavam? Onde eles viam a verdade? O que procuravam com seus trabalhos filosóficos?

Muitos de vocês não sabem, sem dúvida, mas, como dissemos em Cartago, muitos também sabem. Estes então devem nos auxiliar no que diremos, pois o tema é de grande importância.

Prestem atenção vocês que sabem e vocês que não sabem. Vocês que não sabem, para aprender e vocês que sabem, para recordar. Uns para conhecer e outros para reconhecer.

04 – Todos desejam a vida feliz.

Saibam primeiro que todos os filósofos buscavam um mesmo objetivo e que, ao buscá-lo, eles se dividiram em cinco grupos; cada um com sua doutrina particular. O que todos ambicionavam em seus estudos, em suas pesquisas, em suas disputas e em seu gênero de vida era chegar à vida feliz. Este era o único motivador de todos os filósofos. Ele não é também o nosso?

Se eu perguntasse a vocês porque vocês têm fé em Jesus Cristo, porque vocês se fizeram cristãos, todos me responderiam, conforme a verdade: “Para obter a vida feliz”.

Assim, a aspiração à vida feliz é comum aos filósofos e aos cristãos. Mas, o que faz a questão e em seguida a divisão é saber onde encontrar essa felicidade tão adequada à nossa natureza.

Sim, buscar a vida feliz, querê-la, ambicioná-la, desejá-la, se esforçar para consegui-la é, eu creio, uma característica comum a todas as pessoas. Assim, eu não disse tudo ao dizer que esta aspiração é comum aos filósofos e aos cristãos. Eu deveria ter dito que é comum a todas as pessoas.

Sim, aos bons e aos maus. É para ser feliz que se é bom e os maus não seriam maus se não vissem sua felicidade no mal.

É fácil provar que, se os bons são bons, é porque eles aspiram à vida feliz. Quanto aos maus, talvez pudéssemos nos perguntar se eles também a buscam.

Suponhamos, no entanto, que eu possa separar aqui os maus dos bons e interrogá-los à parte. “Você quer ser feliz?”, eu lhes perguntaria. Nenhum deles me responderia que não quer.

Vejamos, por exemplo, um ladrão. Eu lhe pergunto: “Por que roubar?”

“Foi porque eu queria o que eu não tinha”.

Por que querer o que você não tem?

“Porque é uma infelicidade não ter”.

Mas, se é uma infelicidade não ter, ele acredita então que é uma felicidade ter. Apenas há uma cegueira e um desvio na procura da felicidade no mal.

Sem dúvida que querer ser feliz é um bem.

Por que esse ladrão não faz o bem? Por que, ao procurar o bem, ele faz o mal.

O que ele procura desta forma? Por que a cobiça dos maus aspira a recompensa dos bons?

A recompensa dos bons é a vida feliz. Ser bom é o dever; ser feliz é o salário.

É Deus quem ordena o dever e quem propõe a recompensa. Ele diz: “Faça isto e aqui está o que darei a você”.

Mas o mau nos responde: “Pelo contrário. Eu não serei feliz se não fizer o mal”.

Isto não é o mesmo que dizer: “Só chegarei ao bem através do mal?” Você não vê que o bem e o mal são opostos?

Você busca o bem, mas faz o mal? Isto é correr virando as costas para o objetivo. Quando você vai alcançá-lo?

05 – As opiniões dos epicuristas e dos estoicos sobre a vida feliz.

Deixemos esses ímpios. No entanto, talvez convenha retornarmos a eles, quando fizermos com os filósofos o que planejamos.

Havia então, na cidade de Atenas, um grande número de seitas filosóficas, mas, eu creio, não foi sem uma disposição particular da divina Providência, que faz a ignorância servir para grandes propósitos, que estavam lá os epicuristas e os estoicos para conversarem com o

Apóstolo e vocês compreenderão a razão disto quando eu tiver recordado o sentimento particular de cada uma destas seitas.

Paulo não podia escolher ele mesmo os debatedores a quem ele poderia responder, mas a divina Sabedoria, que governa tudo, o colocou diante destas duas seitas, cujas doutrinas parecem resumir todas as divisões da filosofia.

Eu resumo assim: vocês que não sabem, acreditem e, vocês que sabem, apreciem. Eu ousaria dizer falsidades, quando tenho por juízes aqueles que sabem e quando, sobretudo, eu vou enunciar coisas cuja verdade pode ser apreciada tanto por aqueles que não sabem quanto pelos que sabem?

Primeiro eu digo então que o ser humano é composto de uma alma e um corpo. Eu não peço aqui que vocês acreditem em mim, mas que me avaliem, pois não temo que esta afirmação faça recair sobre mim uma avaliação desfavorável de todos que se conhecem.

O ser humano então __ e ninguém duvida disto __ é composto de uma alma e um corpo. Além disso, essa natureza, esse ser, essa pessoa chamada ser humano, busca a vida feliz. Vocês sabem disto também e não peço também que acreditem em minha palavra, mas que somente reconheçam esta verdade.

Sim, o ser humano, esse ser que não é dos mais pequenos, esse ser que é superior a todos os animais domésticos, a todos os pássaros, a todos os peixes e a todos os seres corpóreos que não são humanos; o ser humano,

que é composto de uma alma e de um corpo, mas não de uma alma qualquer, pois os animais também possuem uma alma e um corpo, mas sim de uma alma racional unida a uma carne mortal; o ser humano está em busca da vida feliz.

Uma vez que ele saiba o que torna a vida feliz, se ele não se apega a isto, se não o busca, se não se propõe a isto e não se apropria disto quando pode e se ele não pede isto quando isto é difícil de conseguir, ele não pode ser feliz.

Desta forma, toda a questão está em saber o que faz a vida feliz.

Imaginem então, diante de vocês, epicuristas, estoicos e o Apóstolo. Ou, o que dá no mesmo, epicuristas, estoicos e cristãos.

Perguntemos primeiro aos epicuristas o que torna a vida feliz.

Eles respondem: “É o prazer dos sentidos”.

Acreditem nesta afirmação, pois tenho juízes aqui. Vocês que não leram esse tipo de escritos, ignoram se esta é a linguagem, se esta é a opinião dos epicuristas, mas, há aqui pessoas que os leram.

Retomemos, por consequência, nossas questões. Diga-nos, epicuristas, o que faz a vida feliz?

“É o prazer dos sentidos”, eles respondem.

E vocês, estoicos, digam-nos também o que faz a felicidade da vida?

“É a força da alma”, eles respondem.

Que suas caridades queiram examinar isto comigo, pois somos cristãos e queremos nos pronunciar para filósofos.

Compreendam primeiro porque Deus quis colocar estas duas seitas diante do Apóstolo. Só há, para formar a natureza e a substância do ser humano, o corpo e a alma. É em uma destas duas partes, o corpo, que os epicuristas colocam a vida feliz e é na outra, a alma, que a colocam os estoicos.

Efetivamente, se a felicidade depende do ser humano, ela só pode estar em sua alma ou em seu corpo. É, necessariamente, o corpo ou a alma que faz essa felicidade e procurar mais seria procurar fora do ser humano.

Desta forma, as mentes que atribuem ao ser humano a causa da sua felicidade, só podem estabelecê-la em seu corpo ou em sua alma.

À frente daqueles que colocam a felicidade no corpo caminham os epicuristas e à frente daqueles que a colocam na alma caminham os estoicos.

06 – O Apóstolo não aprova a opinião dos epicuristas.

Aqui estão eles então, conversando com o Apóstolo. O Apóstolo sabe mais do que eles? É preciso que ele se junte a uma dessas seitas e também coloque na alma ou no corpo a causa da felicidade?

Mas São Paulo jamais colocaria no corpo a fonte da felicidade, pois o corpo não é grande coisa. Nem aqueles que valorizam o corpo colocam nele a causa da felicidade.

De fato, os epicuristas até mesmo afirmam que tanto o corpo como a alma morrem. E, o que é ainda mais detestável, eles dizem que, após a morte, a alma se dissolve antes que o corpo.

Eles dizem que, enquanto o cadáver ainda subsiste depois do último suspiro, enquanto os membros subsistem algum tempo ainda com suas configurações particulares, assim que a alma deixa o corpo, *nosso espírito se dissipará como um vapor inconsistente*[590].

Como então nos espantar que eles coloquem o soberano bem ou a causa da beatitude no corpo, já que, aos olhos deles, o corpo é superior à alma?

Seria esta a opinião do Apóstolo? Longe dele colocar no corpo o soberano bem, pois o bem soberano é a causa da felicidade.

Ele não lamentou, pelo contrário, ter visto alguns cristãos só de nome adotarem a opinião desses epicuristas, que são mais porcos do que seres humanos?

Assim eram os miseráveis que corrompiam a pureza dos costumes com a perversidade de sua linguagem e que repetiam: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*[591].

Havia então epicuristas para conversar com o apóstolo São Paulo. Havia também cristão epicuristas. Não é ser epicurista, repetir diariamente: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*?

A esta frase se juntam estas: “Não há nada além do túmulo” e *A passagem de uma sombra: eis a nossa vida*[592].

Eles repetem também, na loucura dos pensamentos deles: *Coroemo-nos de botões de rosas antes que eles murchem! Ninguém de nós falte à nossa orgia. Em toda parte deixemos sinais de nossa alegria, porque esta é a nossa parte, esta a nossa sorte!*[593]

07 – O jejum, combinado com a prece e a boa ação.

Se nos erguemos com maior força contra esta forma de pensar, se resistimos a essas paixões com mais energia, eles acrescentam o que se segue: *Tiranizemos o justo na sua pobreza!*[594]

Mas, nem por isso deixaremos de clamar do alto deste púlpito: não sejam epicuristas.

Reflitam no que eles dizem, em um mau sentido: *amanhã morreremos*.

Não morremos inteiramente, de fato, pois, à morte, segue-se alguma coisa e o moribundo terá por sorte a vida ou o suplício.

Não diga: *Não há notícia de ninguém que tenha voltado da região dos mortos*[595]. Infelizmente, aquele rico coberto de púrpura quis voltar de lá, mas já era tarde e isto não lhe foi permitido. Depois de ter escorraçado o pobre esfomeado, ele foi reduzido a pedir uma gota de água, no ardor de sua sede[596].

Não diga, então, também: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*. Diga, se quiser: *amanhã morreremos*.

Eu concordo com isto. Mas, desde que antes você deseje outra coisa.

Porque eles não querem viver depois da morte e porque eles só conhecem os prazeres dos sentidos, os epicuristas repetem: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*.

Mantenham, então, que *amanhã morreremos*, mas digam então: "Jejuemos e rezemos, *porque amanhã morreremos*".

Eu peço e peço veementemente outra coisa também. Eu não quero omitir um terceiro dever que todos devem observar, ou seja, que o seu jejum sirva para apaziguar a fome dos pobres. E, se você for incapaz de jejuar, empenhe-se mais em alimentar os pobres, para obter com isso o perdão de suas faltas.

Digam então, cristãos: "Jejuemos, rezemos e doemos, *porque amanhã morreremos*".

Todavia, se você tiver que escolher, eu prefiro que você diga: "Doemos e rezemos", do que: "Jejuemos sem doar".

Desta forma então, não acreditemos que o Apóstolo tenha colocado no corpo o soberano bem ou o princípio da beatitude.

08 – O Apóstolo não aprova a opinião dos estoicos.

Talvez a luta seja menos desproporcional com os estoicos, pois, se perguntarmos a eles onde eles colocam a causa eficiente da vida feliz; em outros temos, o que torna

feliz a vida humana, eles responderão que não são os prazeres dos sentidos, mas a força da alma.

E o Apóstolo? Ele é desta opinião? Se ele for, sejamos também. Mas ele não é, pois a Escritura censura aqueles que confiam em suas próprias forças[597].

Ao colocar o soberano bem no corpo, o epicurista confia nele mesmo. Ao colocar na alma o mesmo bem soberano, o estoico arma para ele mesmo, sem dúvida, uma armadilha mais honrosa, mas também confia nele mesmo.

Além disso, epicuristas e estoicos não passam de seres humanos e, *maldita a pessoa que confia em outra pessoa*[598].

O que fazer ainda? Depois de termos colocado diante de nós o epicurista, o estoico e o cristão, questionemos cada um deles.

Segundo você, epicurista, o que faz a felicidade humana?

“Os prazeres dos sentidos”.

E segundo você, estoico?

“A força da alma”.

E quanto a você, cristão?

“A graça de Deus”.

09 – Rejeitamos as afirmações dos epicuristas e dos estoicos sobre a felicidade.

Assim, meus irmãos, vimos, num certo sentido, os epicuristas e os estoicos conversarem com o Apóstolo e sua

conversa nos ensinou o que devemos rejeitar e o que devemos admitir.

As forças da alma são dignas de elogio. Seja a prudência, que distingue o bem do mal; seja a justiça, que dá a cada um o que lhe é devido; seja a temperança, que reprime as paixões; seja a fortaleza, que suporta as adversidades com calma.

Sim, as virtudes são grandes coisas. Elas são dignas de elogios. Estoico, louve-as com todas as suas forças, mas, diga-me: a quem vocês as atribui?

O que faz você feliz não são as forças de sua alma, mas Aquele que lhe concedeu essas forças; Aquele que inspirou você a querê-las e que deu a você o poder de tê-las[599].

Eu sei que você vai rir de mim e se juntar àqueles que riam de Paulo. Mesmo que você seja um caminho, eu não deixo de semear, pois eu também sou, em minha fraqueza, um *semeador de palavras*. O que é um ultraje em seus lábios é meu título.

Eu semeio então, mas, eu semeio em você como sobre uma terra dura. Eu não me desencorajo e chego à terra boa.

Como tratar você? Você é digno de censura e é considerado assim pelo oráculo divino. Você é daqueles que confiam em suas próprias virtudes; daqueles que colocam suas esperanças nos seres humanos.

Você ama as virtudes; muito bem! Você tem sede delas, eu sei. Mas você pode fazê-las jorrar em você.

Você está seco e, no entanto, se eu mostrar para você a fonte da vida, você não rirá? Você não dirá para você mesmo: “Como ele quer me fazer beber desse rochedo”?

Mas a vara bateu no rochedo e a água jorrou[600]. Isto aconteceu porque *os judeus* pediam *milagres*.

Você, estoico, não é judeu, mas grego, eu sei disso. Se *os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria*[601]. *Mas nós pregamos Cristo crucificado*[602].

Os judeus se escandalizam e os gregos zombam. De fato, Cristo crucificado *é escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. Mas, para os eleitos - quer judeus quer gregos -, ele é força de Deus e sabedoria de Deus*[603].

Você ainda vai rir do rochedo? A cruz é a vara misteriosa. Cristo é a fonte que jorra e, se você tem sede, beba nela sua virtude. Enriqueça-se nessa fonte e do seu coração jorrará ações de graças. Você não se atribuirá mais o que tiver tirado dela, mas clamará em êxtase: *Eu vos amo, Senhor, minha força!*[604]

Você não dirá mais: “É minha própria força que me faz feliz”.

Você não será mais uma daquelas pessoas que *conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato. Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos*[605].

O que significa, de fato: *pretendendo-se sábios*, se não é porque diziam possuir a sabedora por eles mesmos e se bastavam?

Eles *tornaram-se estultos* e isto foi justo, pois a tolice não é outra coisa além de uma falsa sabedoria.

Pelo contrário, você será considerado como um daqueles sobre os quais está escrito: *ele caminha na luz de vossa face, Senhor. Vosso nome lhe é causa de contínua alegria. Pela vossa justiça, ele se glorifica, porque sois o esplendor de sua força*[606].

Você buscava a força. Diga então: *Deus é nosso refúgio e nossa força*[607].

Você aspirava a vida feliz. Diga então: *Feliz é aquele a quem ensinais, Senhor e instruís em vossa lei*[608]. Feliz não é o povo que se entrega aos prazeres dos sentidos e nem aquele que atribui a si mesmo sua força, mas *feliz o povo cujo Deus é o Senhor*[609].

Nele está a pátria da beatitude, à qual todos aspiram e que nem todos procuram onde devem. Nós, para chegarmos até lá, não formamos uma estrada de acordo com nossas ideias e não tentamos construir atalhos enganosos, pois o caminho verdadeiro vem de lá até nós.

10 – Cristo é a felicidade e a vida feliz.

O que quer, de fato, a pessoa feliz? O que ela quer, se não é evitar as decepções, a morte e a dor?

O que ela procura também? Ter mais fome e comer mais? Não é preferível não sentir mais isto?

Só há felicidade em viver eternamente livre do medo e da enganação. A alma odeia o engano. O que prova isto é que as pessoas que possuem bom senso lamentam pelos

alienados que riem. Apesar de que as pessoas prefiram rir a chorar.

Se perguntarmos a alguém: “Você quer rir ou chorar?” Quem não responderia: “Eu quero rir”?

Façamos outra pergunta: “Você quer ser enganado ou conhecer a verdade?” Não há quem não responda: “Conhecer a verdade”.

Assim, o que o ser humano prefere é a alegria e a verdade; o riso, ou, ao choro, o riso; entre o engano e a verdade, é a verdade.

O império da verdade é tão invencível que o ser humano acha melhor chorar com a razão do que rir com a loucura.

Assim, naquela pátria feliz reinará a verdade, sem decepção e sem erro algum. Além disso, não haverá lágrimas com a verdade, pois lá se conhecerá o riso verdadeiro e a alegria que inspira a verdade, pois a vida lá será real.

Se lá houvesse a dor, de fato, não seria vida. Como chamar de vida um suplício perpétuo e imortal? Desta forma, o Senhor não chama de vida o destino reservado aos ímpios, embora eles devam viver de forma sem fim; embora eles não atinjam o limite de suas existências para não atingirem o limite dos seus suplícios, pois, *o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá*[610].

Não, ele não chama isto de vida. Ele reserva este termo para a vida bem-aventurada e eterna[611].

Um rico então perguntou um dia ao Senhor: *Bom Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?* Por

vida eterna ele queria dizer só a vida feliz, pois, se a vida dos ímpios deve ser eterna, ela não será feliz, mas cheia de tormentos.

O rico perguntou então: *Bom Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?*

Observa os mandamentos, respondeu o Senhor.

Tenho observado tudo isto desde a minha infância, retomou o rico.

Ao falar dos mandamentos, como o Senhor fala? *Se queres entrar na vida*[612].

Ele não diz: "*Se queres entrar na vida* feliz", já que uma vida infeliz não deve nem mesmo ser chamada de vida.

Ele não diz também: *Se queres entrar na vida* eterna, pois não se vive quando se teme a morte.

Pois bem! Aí está o que todos querem, o que nós todos queremos: a verdade e a vida. Mas, por onde chegar a essa vasta propriedade, a essa felicidade imensa?

Os filósofos abriram para eles mesmos caminhos enganosos. Uns dizem: "É por aqui!" Outros dizem: "Não, é por este lado!"

Infelizmente, eles não conheceram o caminho, pois, *Deus resiste aos soberbos*[613].

Nós também não o conheceríamos, se ele não tivesse descido até nós. Assim, o Senhor disse: *Eu sou o caminho*.

Viajante desencorajado, você não quis se aproximar desse caminho, mas ele se aproximou de você. Você buscava por onde caminhar. *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*[614]. Ao ir até ele e por ele, você não se desviará.

Este é o ensinamento cristão. Ele não é para ser comparado, mas é incomparavelmente preferível ás doutrinas dos filósofos; seja a impureza dos epicuristas, seja o orgulho dos estoicos.

Sermão 151 - A luta do espírito contra a carne.

Não entendo absolutamente minhas ações, pois não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, por que o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal. Deleito-me na Lei de Deus, no mais íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros.
Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor![615]

Análise

É importante compreender bem a passagem em que o apóstolo São Paulo diz que ele não faz o bem que quer e que faz o mal que não quer, pois muitos abusam desta passagem e se perdem.

Lembremo-nos então que, para sermos eternamente coroados, devemos agora fazer guerra. E, no que consiste esta guerra? Em não consentir, em resistir aos impulsos desordenados produzidos em nós, tanto pelos maus hábitos, quanto pelo pecado original.

Seria melhor não sentir esses impulsos concupiscentes, pois, propriamente, eles são perversos, eles são um mal. Mas, na impossibilidade de extingui-los nesta vida, não se pode consentir com eles, à exemplo do Apóstolo, pois, são esses impulsos que ele sentia, mesmo não os desejando e que ele não conseguia sufocar.

Ora, para combatê-los, é preciso lutar e rezar. Desta forma mereceremos a coroa.

01 – A passagem de São Paulo é perigosa para quem a entende mal.

Todas as vezes que repetimos esta divina lição de uma das epístolas de São Paulo, é de se temer que seja mal compreendida e motivo de escândalo para aqueles que procuram uma oportunidade para isto.

As pessoas, infelizmente, são tão levadas pelo mal que dificilmente resistem a ele. Assim, muitos se dedicam a ele, quando ouvem estas palavras do Apóstolo.

Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Humilhados então, por terem feito o mal, eles se tranquilizam recordando estas palavras apostólicas: *Não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*.

Como lemos estas palavras de tempos em tempos, somos obrigados a examiná-las à fundo. Poderíamos, ao entendê-las mal, transformar em veneno um alimento saudável.

Que suas caridades fiquem então atentos enquanto eu disser o que o Senhor me sugerir. E se vocês me virem embaraçado na explicação de algumas palavras difíceis e obscuras, ajudem-me com seus sentimentos de piedade.

02 – A vida do justo é uma guerra e não um triunfo.

Lembrem-se primeiro de que, como recordamos frequentemente para vocês, pela graça de Deus, a vida presente do justo é um combate e não ainda um triunfo. Mais tarde é que virá o triunfo a essa guerra.

Assim, lemos no Apóstolo os gritos de guerra e os cantos de triunfo. Os gritos de guerra nós acabamos de ouvir: *Não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal. Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*. Estas palavras de combate e de cativeiro não descrevem uma guerra?

Não são ainda os cantos de triunfo, mas eles virão um dia e é isto o que nos ensina o Apóstolo, nestes termos: *É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade*.

E aí é entoado o canto de triunfo: *Então se cumprirá a palavra da Escritura: A morte foi tragada pela vitória.*

Gritem, triunfadores: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[616]

Então, nós pronunciaremos estas palavras. Nós as pronunciaremos um dia e esse dia não está longe, pois o mundo não durará tanto quanto durou.

Isto então é o que diremos, mas neste momento em que estamos em guerra, é de se temer que, se estas palavras forem mal compreendidas, seja para o inimigo e não para nós que soe a trombeta e que o empenho do inimigo seja estimulado, invés de preparado para a derrota.

Examinem estas palavras com cuidado, meus irmãos e vocês que lutam, continuem lutando, pois aqueles que não combatem não compreenderão. Eu só serei compreendido por aqueles que combatem. Minha voz será ouvida externamente, enquanto outra voz lhes falará silenciosamente no interior.

Recordemos primeiro uma passagem da Epístola aos Gálatas que pode jogar muita luz sobre esta aqui. Nela, o Apóstolo se dirige aos fiéis que haviam recebido o batismo e que, por consequência, tiveram todos os seus pecados apagados no banho da salvação. Mas eles ainda combatiam

e o Apóstolo lhes disse: *Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne*[617].

Ele não disse: “não experimentareis”, mas sim: *não satisfareis*.

Por que: *não satisfareis*? A resposta está na sequência: *Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis. Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*[618]. Não, mas sob a graça.

Se vos deixais guiar pelo Espírito. O que isto quer dizer?

Ser conduzido pelo Espírito é seguir as ordens do Espírito de Deus e não as concupiscências da carne.

A carne, no entanto, continua a cobiçar e a resistir. Ela quer uma coisa e você não quer. Persevere em não querer.

03 – O fim da concupiscência deve ser desejado.

No entanto, você deve, perante Deus, não desejar sentir essa concupiscência à qual você deve resistir.

Observe bem este pensamento. Sim, você deve desejar, perante Deus, não sentir mais essa concupiscência à qual você está obrigado a resistir.

Você resiste a ela, sem dúvida e, ao não consenti-la, você é um vencedor.

Muito melhor, no entanto, é não ter um inimigo do que vencê-lo. Um dia você não terá mais este.

Para estimulá-lo, lembre-se deste canto de triunfo: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* Você vai procurá-lo e não vai encontrá-lo.

Pensem, de fato, pensem com muito cuidado que o mal não é, em nós, uma segunda natureza, como sonha a loucura maniqueísta. O mal é uma doença, um defeito em nossa natureza. Ele não é algo que sobrevive à parte, pois, uma vez curado, ele não existirá em parte alguma.

Então, *não satisfareis os apetites da carne*. Melhor seria, sem dúvida, não tê-los, como recomenda a Lei[619], pois esta ausência de concupiscência é a suprema virtude, a justificação perfeita, a palma da vitória.

Mas, como não podemos nesta vida conseguir isto, que pelo menos sejamos fiéis a esta recomendação da Escritura: *Não siga tuas concupiscências*[620]. Seria preferível não tê-las, mas, como você as tem, não siga à reboque delas.

Elas se recusam segui-lo; não as siga você. Se elas quisessem obedecê-lo, elas não existiriam, pois não se rebelariam contra seu espírito.

Se elas se rebelam, rebele-se. Se elas atacam, ataque-as. Se elas lutam, lute também. Tome sempre cuidado para não ser derrotado por elas.

04 – Como se opor à concupiscência e aos maus hábitos.

Para jogar mais luz sobre este tema, farei uma suposição. Vocês sabem que há pessoas sóbrias. Elas são

poucas, é verdade, mas elas existem. Vocês sabem também que existem beberrões e existem muitos, infelizmente!

Uma pessoa sóbria vem a receber o batismo. Com relação à embriaguez ela não tem nada que combater, mas, sob outras coisas ela tem que combater. Para que tenhamos uma ideia dessas lutas que devem ser travadas contra outras paixões, assistamos aqui a guerra contra uma delas.

Um beberrão então recebe o batismo. Ele aprendeu e aprendeu com medo, que dentre os numerosos vícios que fecham a entrada do Reino de Deus figura a embriaguez.

De fato, na passagem onde está dito que *nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus*, está dito também: *nem os bêbados*[621].

Ele então ouviu isto com pavor e ei-lo batizado. Todos os seus antigos pecados da embriaguez lhe foram perdoados, mas lhe ficou o mau hábito e ele deve, depois de sua regeneração, lutar contra ele. Tudo em seu passado lhe foi remido, mas, cabe a ele agora ficar vigilante, ficar atento e lutar para não mais se embriagar.

Mas, eis que lhe retorna o desejo de beber. Ele bate no peito, ele fica com a boca seca, o desejo se faz sentir em toda parte e ele chega a querer, se puder, pular o muro atrás do qual o batizado se mantém seguro, para se deixar arrastar cativo pelo vício.

O vício o ataca; ataque-o de volta!

Ah, se ele não existisse! Mas, se o mau hábito se formou, o hábito contrário o destruirá. Não o satisfaça! Não ceda a ele para apaziguá-lo! Pelo contrário; resista a ele!

Mas enquanto ele existir, ele será seu inimigo. Se você não der ouvido a ele, se você jamais se embriagar, ele se enfraquecerá dia a dia. É se submetendo a ele que você o fortifica. Sim, se você cede e se deixa levar pela embriaguez, você lhe dá forças.

Isto acontece contra mim e não vai acontecer contra você?

Eu, do alto deste púlpito, grito, advirto, instruo. Eu previno os beberrões sobre os males que os ameaçam. Você não poderá dizer: “Eu não ouvi”. Você não poderá dizer: “Aquele que não me advertiu que preste conta da minha alma perante Deus”.

É verdade que você fez mal por ter dado forças ao seu inimigo, através do hábito perverso ao qual se deixou levar. Para alimentá-lo, você não tomou cuidado. Tome cuidado agora para vencê-lo. E, se você não tem forças para lutar contra ele, dirija-se a Deus.

Se então o mau hábito não triunfar sobre você; se com todo o combate contra você o mau hábito não conseguir vencê-lo, em você se realizará esta recomendação do apóstolo Paulo: *não satisfareis os apetites da carne*. A concupiscência se fez sentir em você, mas, ao não beber, você não realizou seus desejos.

05 – A concupiscência é inata e herdada do primeiro ser humano.

O que eu disse sobre a embriaguez se aplica a todos os vícios e a todas as paixões. Alguns vícios nós trouxemos ao nascer e outros são formados pelo hábito. É por causa dos primeiros que batizamos as crianças. Queremos livrá-las da culpa transmitida pelo nascimento e não contraída pelos hábitos perversos, já que elas não os tem.

Desta forma, é preciso combater sempre, entendendo que essa perversa concupiscência original jamais vai desaparecer durante a vida presente. Podemos enfraquecê-la dia a dia, mas não extingui-la. É ela que faz nosso corpo ser chamado de "corpo de morte". É dela que fala o Apóstolo, quando ele diz: *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*.

Ora, esta lei surgiu com a transgressão da primeira lei. Eu repito: esta lei surgiu quando se desprezou e se transgrediu a primeira lei.

Qual foi a primeira lei? Foi a lei que os seres humanos receberam no Paraíso. Aquele casal não estava nu, mas sem se envergonhar[622]? Por que ele estava nu sem se envergonhar, se não era porque ele não sentia ainda em seus órgãos esta lei que combate a lei do Espírito?

Os seres humanos, infelizmente, cometeram um ato digno de castigo e eis que logo surgiram os impulsos que os enchem de confusão. Aqueles dois primeiros humanos violaram a proibição divina, ao comerem do fruto proibido e imediatamente seus olhos se abriram.

Isto quer dizer que eles andavam, pelo Paraíso, cegos ou com os olhos fechados? De forma alguma. Como, de fato, Adão poderia dar nomes aos pássaros e aos animais dos campos, quando eles eram levados à sua presença[623]? Como ele lhes daria nomes, se não os visse?

Além disso, está escrito: *A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer...*[624]. Eles tinham, então, os olhos abertos e, no entanto, estavam nus e não se envergonhavam. Se então seus olhos abriram foi porque eles sentiram algo novo, algo que não os tinha amedrontado antes nos impulsos de seus corpos.

Então, seus olhos se abriram para observar e não para ver e, logo que sentiram a perturbação, se apressarem em se cobrir.

Eles então, *vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para eles*[625].

O mal estava no que eles cobriram. Daí vem o pecado original. Daí vem que ninguém nasce isento de pecado. Daí vem que o Senhor não quis ser concebido como nós, mas de uma Virgem. Isento de pecado, ele nos livrou dele, pois ele não vem deste princípio.

Aí está também porque dois Adãos: um que deu a morte e outro que deu a vida. O primeiro mata e o segundo ressuscita.

Por que o primeiro mata? Porque ele não passa de um ser humano.

Por que o segundo devolve a vida? Porque ele é um ser humano Deus.

06 – É importante conhecer a luta do Apóstolo para que não percamos as esperanças.

Desta forma, o Apóstolo não faz o que ele quer. Ele gostaria de não sentir concupiscências, mas ele as sente e o que ele quer fazer, ele não consegue fazer.

Mas essa concupiscência perversa arrastaria o Apóstolo, como se fosse um escravo, para as fornicações e o adultério? Longe disso! Que tais pensamentos não surjam em nossos corações!

Ele combatia e não se submetia ao jugo. Se ele dizia: *não faço o bem que quero*, era porque ele gostaria de não ter que lutar.

“Eu não quero a concupiscência, mas eu a sinto. Assim, não faço o que quero. No entanto, não consinto com os desejos culposos”.

Ele diria: *não satisfareis os apetites da carne*, se ele mesmo os satisfizesse?

Ele então colocou diante dos seus olhos a luta que ele travava para preservá-lo do medo, quando você mesmo travá-la.

Se o bem-aventurado Apóstolo não tivesse feito isto, talvez quando você sentisse a concupiscência despertando em você, mesmo sem consentir com ela, talvez você se desesperasse e clamasse: “Eu não experimentaria isso, se eu realmente pertencesse a Deus”.

Pense no Apóstolo! Ele combateu. Não se desencoraje!

Ele disse: “*Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito*. Eu gostaria que ela não

lutasse, pois é minha carne. Sou eu. É uma parte de mim mesmo. Daí vem que *não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*. Eu sinto a concupiscência".

07 – No que consiste fazer o bem ou o mal.

Qual é então o bem que eu faço? É não consentir com a concupiscência. Eu faço o bem, mas não o perfeito bem. A concupiscência hostil também faz o mal, mas não também o mal perfeito.

De que maneira eu faço o bem, mas não o bem perfeito? Eu faço o bem ao não consentir com a má concupiscência. Mas eu não faço o bem perfeito porque ainda sinto a concupiscência.

Por outro lado, como essa concupiscência inimiga faz o mal, mas sem fazê-lo de forma perfeita? Ela faz o mal porque me faz senti-la, mas ela não o faz completamente, porque eu resisto a ela.

Os santos passam toda a vida nesse combate. O que pensar dos pecadores que nem mesmo lutam? Eles são escravos que são arrastados. Ou melhor: eles não são arrastados, pois seguem com prazer.

Os santos, então, se dedicam a esses combates e, até o último suspiro, todos estão expostos a essa batalha. Mas, no fim da vida, no momento do triunfo, depois de ter recebido a vitória, o que dirá, ou melhor, o que diz o Apóstolo, diante desse triunfo?

Então se cumprirão estas palavras da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória". "Onde está, ó morte, a tua

vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão"? Este é o canto dos triunfadores.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado[626], pois seu golpe causou a morte. O pecado é como o escorpião; ele nos pica com seu ferrão e estamos mortos.

Mas, quando se diz: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*, trata-se do aguilhão que o gerou e não o aguilhão que você produziu. Quanto então se clamar: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*, ele não existirá mais, pois não haverá mais pecado.

Ora, o aguilhão da morte é o pecado. Deus deu a Lei para combatê-lo mas, *a força do pecado é a Lei*[627].

Como *a Lei* é *a força do pecado*? É que *sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*[628].

De que maneira? Antes da Lei, o ser humano, sem dúvida, era pecador, mas, com a Lei, ele a transgrediu e se tornou assim prevaricador. O pecado tornou os seres humanos culpados, mas a prevaricação da Lei os tornou mais culpados ainda.

08 – Um dia a concupiscência será sufocada pela graça de Cristo.

O que esperar ainda, se não é o que se segue: *onde abundou o pecado, superabundou a graça*[629]?

Assim, pense em um hábil soldado. Um soldado totalmente treinado nesse tipo de luta e tão experiente que se torna um general. No momento em que ele se esforçava

no combate contra o inimigo e dizia: *Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*. Uma lei vergonhosa, uma lei degradante, uma espécie de fraqueza, uma espécie de ferida esbranquiçada. Ele então acrescentou: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* Seus lamentos foram então ouvidos e a ajuda lhe foi enviada.

Como? Aqui está: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Sim, você ficará livre dessa lei de morte __ ou melhor, desse corpo de morte __ através da *graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

E quando você terá um corpo completamente isento de qualquer concupiscência? *Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade*. Então se dirão estas palavras para a morte: *"Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão"*. E ela jamais o terá de volta.

Mas, neste momento, o que dizer?

"Eu mesmo, *de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[630].

"Pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus, ao não consentir com o mal e, *por minha carne, sou escravo da lei do pecado*, ao sentir ainda as concupiscências.

“Sim, *pelo espírito, à Lei de Deus* e *pela carne, à lei do pecado*. Em uma me deleito, na outra eu cobiço, mas sem ser derrotado. Ela estimula meus desejos, ela me monta armadilhas, ela me empurra e tenta me fazer cair. *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* Não aspiro vencer sempre, mas gostaria de, enfim, ter paz”.

Daqui em diante, então, meus irmãos, sigam esta linha de conduta: obedeçam, pelo espírito, à Lei de Deus e, pela carne somente, à lei do pecado, mas porque vocês são forçados a isso. É neste sentido somente que vocês sentem a concupiscência sem consentir com ela.

Pérfida concupiscência que faz algumas vezes os santos sentirem durante o sono o que eles não são capazes de sentir acordados!

Por que vocês todos aplaudem, se não é porque todos compreenderam? Eu teria vergonha em seguir adiante, mas, não hesitemos em rezar a Deus para este tema.

Sermão 152 - A salvação através de Cristo.

De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo. A Lei do Espírito de Vida me libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte. O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne, a fim de que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que

vivemos não segundo a carne, mas segundo o espírito[631].

Análise

Depois de ter convidado seus ouvintes a elevar seus desejos para Deus, com o objetivo de obter sua luz, Santo Agostinho aborda o exame do texto indicado. Ele lembra primeiro que os impulsos da concupiscência que não são consentidos, não são pecados para aqueles que são regenerados em Jesus Cristo.

Ele constata ainda que das três leis mencionadas por São Paulo no mesmo texto, ou seja: a lei do pecado, a lei das obras e a lei do Espírito de Vida, somente esta última dá força para evitar o que ela proíbe e fazer o que ela ordena.

Mas, de onde vem essa eficácia, tanto do batismo, quanto da lei do Espírito de Vida ou da graça? Vem do fato de que Deus enviou seu Filho para o meio de nós e nos concedeu seu favor em consideração ao sacrifício de Jesus Cristo.

01 – Não há dificuldade na escuridão do sentido quando o Espírito Santo ajuda.

Suas caridades devem se lembrar de que já examinei uma questão muito espinhosa tirada desta passagem de uma epístola de São Paulo: *Não faço o bem que quero; mas, o mal que odeio, isso eu faço*[632].

Vocês que estiveram aqui devem se lembrar. Agora então, estejam atentos e continuemos.

É por aqui que começa a lição de hoje: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito*.

E aqui está o que foi lido anteriormente e não explicado: *De um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[633].

De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo. A Lei do Espírito de Vida nos *libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte.*

Em seguida, repete-se o texto lido hoje: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne* [634].

As passagens obscuras não apresentam dificuldades quando se é ajudado pelo Espírito Santo. Que as preces de vocês consigam então que ele nos esclareça, pois o desejo de vocês de compreender é realmente uma prece dirigida a Deus e é dele que vocês devem esperar o socorro necessário.

Nós, de fato, como os trabalhadores do campo, só trabalhamos exteriormente. Se não houvesse ninguém para

agir no interior, nem a semente se enraizaria no chão, nem o broto surgiria, nenhum ramo se fortaleceria também até se tornar um tronco de árvore e não haveria, enfim, nem ramos, nem frutos e nem folhagens.

Assim, o Apóstolo, para distinguir o que faz o trabalhador do que faz o Criador, diz: *Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer*. Depois, ele acrescenta: *Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[635].

Neste momento então, se Deus não provocar o crescimento interior, será em vão que o som das minhas palavras atingirá os ouvidos de vocês. Enquanto que, se Deus produzir esse crescimento, terá sido útil para nós plantar e irrigar e nosso esforço não terá sido estéril.

02 – A luta contra os desejos carnais.

Eu já disse a vocês que o sentido que se deve dar às palavras do Apóstolo: *De um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado* é que só devemos deixar nos órgãos do corpo as sensações que, sem elas, não podemos existir.

Se vocês consentirem, sem resistir, com os maus desejos, vocês serão derrotados e se lamentarão. Mas, é de se desejar que vocês lamentem, pois assim não perderão o sentido da dor.

É bem verdade que todos os nossos votos, todos os nossos desejos, todas as nossas aspirações, quando

repetimos: *Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*[636] é de que não sintamos mais nenhum desejo perverso em nosso corpo, mas, enquanto estivermos nesta carne, não podemos conseguir isto.

Daí, estas palavras: *O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*[637].

O que tenho que fazer? Não consentir com as más sensações.

Mas, *não sou capaz de efetuá-lo*. Não sou capaz de deixar de ter más sensações.

O que é preciso fazer então, nesse combate, é não consentir intimamente com os maus desejos e obedecer, assim, à lei de Deus, enquanto que se obedece à lei do pecado, ao sentir, sem combater, os desejos carnais.

Se a carne produzir as sensações dela, produza também as suas. Se a carne não sufocar, não extinguir as dela, que você não extinga as suas também. Lute, então, com coragem e você não será derrotado e nem acorrentado.

03 – O mal da concupiscência nos batizados não é culposo.

O Apóstolo continua assim: *De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo*[638]. Se você sente, sem consentir com eles, desejos carnais, se há em seus órgãos uma lei que se ergue contra a lei do seu espírito e que procura colocar sua alma sob seu jugo, como a graça do batismo e do banho regenerador apagou tanto a mácula que você trouxe ao

nascer quanto os pecados que você cometeu ao consentir com seus maus desejos, crimes ou impurezas, pensamentos ou palavras culposas, sim, como tudo foi purificado na fonte sagrada onde você entrou como escravo para sair com liberto, dali por *diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo*.

Não há mais, mas havia, pois, *pelo pecado de um só homem*[639], veio a condenação de todos. Essa condenação é obra da geração e a justificação é devida à regeneração, pois, *A Lei do Espírito de Vida* nos *libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte*[640].

Esta lei do pecado continua em seus membros, mas sem torná-lo culpado. Você se libertou dela. Combata-a como uma pessoa livre, mas tome cuidado para não ser derrotado e cair novamente sob seus ferros.

Se é cansativo combater, que alegria é triunfar!

04 – O erro dos maniqueístas deve ser evitado.

Sobre a luta sem a qual não podemos existir, eu fiz uma observação que vocês, particularmente, devem se lembrar.

Eu disse que o justo __ ou melhor, principalmente o justo __ tem as armas à mão, pois aquele que não vive na justiça também não combate e se deixa arrastar. Mas não acredite que, por causa disso, haja em nós como que duas naturezas vindas de princípios diferentes. Este é o sonho insensato dos maniqueístas, que não admitem que a carne seja formada por Deus.

Isto é falso; nossas duas substâncias vêm igualmente de Deus. Se nossa natureza é o teatro de tantas hostilidades, isto é mérito do pecado. Trata-se então de uma doença. Curemos essa doença e ficaremos em paz.

Essa luta que separa atualmente a carne do espírito tem por objetivo estabelecer a paz. O espírito trabalha para fazer com que a carne se submeta a ele.

Se em uma casa o homem e a mulher guerreiam, o homem deve fazer um esforço para domar sua mulher. A mulher, uma vez domada, se submeterá ao seu esposo e a paz, com isso, será estabelecida.

05 – As três leis: do pecado, da fé, da obra.

Estas palavras: *A Lei do Espírito de Vida* nos *libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte* nos convidam a estudar a natureza dessas leis.

Observe e distinga bem. Você precisa fazer bem a distinção. *A Lei do Espírito de Vida*; esta é a primeira lei. Ela nos *libertou da lei do pecado e da morte*; esta é a segunda lei. O que vem a seguir indica a terceira lei: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez*[641].

Esta última é mesmo uma terceira lei ou é um resumo das outras duas? Examinemos e, tratemos de compreender, com a ajuda de Deus.

O que diz o Apóstolo sobre a boa lei? *A Lei do Espírito de Vida* nos *libertou da lei do pecado e da morte*. Esta lei não é ineficaz, pois, ela nos *libertou da lei do pecado e da*

morte. Assim, a boa lei nos libertou da má lei. Qual é essa má lei? *Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[642].

Por que chamar este fenômeno de lei? Porque é muito justo que a carne se recuse a obedecer ao ser humano, já que ele se recusou obedecer ao seu Senhor.

Acima de você está seu Senhor e sua carne está abaixo. Obedeça ao seu superior para ser obedecido pelo seu inferior. Mas você se recusou a obedecer ao seu superior e então você é punido pelo seu inferior. Isto é chamado de lei do pecado ou, então, de lei da morte, pois o pecado introduziu a morte.

Não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente[643]. É esta lei do pecado que tenta o espírito e procura colocá-lo sob seu jugo.

Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser[644]. Assim, eu me empenho na luta e clamo: *De um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[645].

A Lei do Espírito de Vida nos *libertou da lei do pecado e da morte*. Como ela nos libertou? Primeiro, ao nos dar o perdão por todos os nossos pecados, pois é desta lei que fala o Salmo, quando ele diz a Deus: *Afastai-me do caminho da mentira e fazei-me fiel à vossa lei*[646].

Esta é, então, a lei da misericórdia, a lei da fé e não a lei das obras. Qual é então a lei das obras?

Nestas palavras: *A Lei do Espírito de Vida* nos *libertou da lei do pecado e da morte*, vocês ouviram a excelente lei da fé. Vocês ouviram nelas também a lei do pecado e da morte. Agora, em: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez*, vocês ouvem uma terceira lei em que falta algo que foi incluído pela lei do Espírito de Vida, já que esta nos *libertou da lei do pecado e da morte*.

A lei mencionada em terceiro lugar é então a lei que foi dada ao povo no Monte Sinai, por intermédio de Moisés e que é chamada de lei das obras. Ela sabe ameaçar, mas não socorrer; ordenar, mas não ajudar. Ela diz: *Não cobiçarás*[647] e o Apóstolo diz: "*Eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: 'Não cobiçarás!'*[648] Do que me serviu essa lei me dizer: *Não cobiçarás*? *O pecado, aproveitando da oportunidade do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*[649]. Proibiram-me de cobiçar, eu não obedeci e fui derrotado. Assim, eu era pecador antes da Lei e, depois de tê-la recebido, eu me tornei prevaricador, pois, *o pecado, aproveitando da oportunidade do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*".

06 – Sem poder obedecer a Lei, pede-se a graça.

Por conseguinte, a Lei é santa[650], prossegue o Apóstolo. Esta lei então também é boa, embora os maniqueístas a condenem, como eles condenam a carne.

Sobre ela, disse o Apóstolo: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom*[651].

Estas são palavras do Apóstolo; observem e fiquem atentos.

A Lei é santa. O que há de mais santo do que dizer: *Não cobiçarás*?

Não seria um mal infringir a lei, se a lei não fosse boa. Não, não seria, pois, não é um mal rejeitar o que é mau e, se é um mal infringi-la, isto acontece porque ela é boa.

Como o Apóstolo insiste! Como ele busca deixar claro seu pensamento!

Poderíamos dizer que ele clama contra os caluniadores: "O que você diz então, maniqueísta? Que a Lei dada por Moisés é má?"

"Ela é má", eles repetem.

Que monstruosidade! Que desfaçatez! Você a qualifica com uma só palavra: "má".

Ouça o que o Apóstolo diz: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom.*

Você se calará, enfim?

O Apóstolo prossegue: *Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom*.

Observem: *por meio do que é bom*. Isto é acusar o pecador sem deixar de elogiar a Lei.

O pecado acarretou para mim a morte, por meio do que é bom. Qual é essa coisa boa? O mandamento. E mais o quê? A Lei.

Como foi produzida a morte? Pelo *pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*[652].

Antes do mandamento, o pecado era menor. Depois do mandamento, ele ultrapassou todas as medidas.

Quando não há uma proibição, pensa-se estar fazendo o bem. Quando surge a proibição, inicialmente não se quer infringi-la. Depois se é derrotado, arrastado, colocado sob jugo e, não tendo conseguido observar a proibição, só se pode pensar em pedir a graça.

07 – As três leis.

É bem verdade então, que a lei mencionada pelo Apóstolo nestes termos: *A Lei do Espírito de Vida* nos *libertou da lei do pecado e da morte* é a lei da fé, a lei do Espírito, a lei da graça, a lei da misericórdia, enquanto que a *lei do pecado e da morte* não é a Lei de Deus, mas, realmente, a lei do pecado e da morte.

Aquela outra também, mencionada pelo Apóstolo nestes termos: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*, ela também é a Lei de Deus. Mas é a lei das obras, das

observâncias, a lei que ordena mas não ajuda, que mostra o pecado mas não o destrói.

Uma lei então mostra o pecado e a outra o apaga.

Há duas alianças: a antiga e a nova. Escute o Apóstolo: *Dizei-me, vós que quereis estar sujeitos a uma lei: não ouvis a Lei? A Escritura diz que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O da escrava, filho da natureza e o da livre, filho da promessa. Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão, é Agar*, escrava de Sara, que foi dada a Abraão como concubina e gerou o escravo Ismael. O Antigo Testamento é então representado por Agar*, que gera para a escravidão. Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe*[653].

Conclui-se que os filhos da graça são os filhos da mulher livre e os filhos da Letra são os filhos da serva.

Você quer buscar os filhos da serva? *A letra mata*.

Você quer buscar os filhos da livre? *O Espírito, por outro lado, vivifica*[654].

A Lei do Espírito de Vida nos *libertou da lei do pecado e da morte*; o que não pôde fazer a lei da letra, pois, *a carne a tornava impotente*[655].

Essa carne, de fato, se revoltou contra a Lei e a tornou sua escrava. Ela ouvia a voz da Lei e só fazia estimular mais vivamente a concupiscência.

Foi assim que, pela carne, se enfraqueceu a lei da letra e foi impossível para essa lei libertar da lei do pecado e da morte.

08 – Somente a carne de Cristo não é carne de pecado.

Deus, enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne[656]. Não em uma carne de pecado. Em uma carne sim, mas não numa carne de pecado.

A carne de todo mundo é, então, uma carne de pecado, mas a do Filho de Deus é a única exceção, pois sua mãe o concebeu sem concupiscência, através da graça.

Mas sua carne se parecia com uma carne de pecado e era isto que o permitia comer, ter fome e sede, dormir, se cansar e morrer.

Deus enviou*, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado*.

09 – Em Cristo o pecado é condenado.

Deus, por causa do pecado, numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne[657]. Qual pecado e por qual pecado?

Ele, em sua carne, condenou o pecado pelo próprio pecado, *para que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós*[658].

Sim, que se realize em nós, que se cumpra em nós, com a ajuda do Espírito, a justiça que nos é prescrita. Em outros

termos: que a letra se cumpra, através do Espírito de Vida, em nós, *que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito*[659].

Com qual pecado, então, o Senhor condenou o pecado?

Eu vejo, eu vejo com qual pecado ele condenou. Eu vejo bem na minha frente: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*[660].

Qual pecado foi condenado? Todos os pecados; todos os nossos pecados foram condenados.

Mas, com qual pecado? Ele não tinha pecado. Sobre ele foi dito: *Ele, que não cometeu pecado, nem se achou falsidade em sua boca*[661].

Não, ele não tinha nenhum pecado; nem original e nem pessoal. Nenhum pecado lhe foi transmitido e nenhum pecado foi cometido por ele. A Virgem nos mostrou qual foi sua origem e sua vida santa nos mostrou suficientemente que ele nunca fez nada que lhe fizesse merecer a morte. Por isto, ele disse: "*Vem o príncipe deste mundo* (referindo-se ao diabo)*, mas ele não tem nada em mim*[662]. O príncipe da morte não tem motivos para dar-me a morte".

E por que então ele vai morrer? *O mundo deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou*[663].

Então, ele se encaminhou para a morte; uma morte voluntária, uma morte escolhida livremente e não uma morte imposta.

O Pai me ama porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e

tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de reassumi-la[664].

Se você se espanta com este poder, lembre-se de sua majestade. É Cristo quem fala; ele fala como Deus.

10 – Algumas opiniões sobre esta passagem de São Paulo.

Por qual pecado então foi condenado o pecado? Alguns deram a estas palavras um sentido que não é ruim, mas creio que eles não compreenderam totalmente o pensamento do Apóstolo.

Repito que a interpretação deles não é ruim. Eu a relatarei primeiro e em seguida exporei a minha. Mostrarei, através das divinas Escrituras, o quanto ela é incontestável.

Eles se perguntaram então, com espanto, através de qual pecado Deus condenou o pecado. Deus é culpado? Eles então responderam: "Se Deus, *pelo pecado condenou o pecado*, não foi, seguramente, com um pecado dele".

No entanto, ele realmente, *pelo pecado condenou o pecado*. Se não foi por um pecado dele, por qual então?

Foi pelo pecado de Judas e pelo pecado dos judeus.

Como, de fato, ele derramou seu sangue para a remissão dos pecados? Sendo crucificado pelos judeus.

Quem o entregou? Judas.

Assim, Judas o traiu e os judeus o prenderam à cruz. Eles fizeram bem ou mal? Eles pecaram. Foi por este pecado que Deus condenou o pecado.

Sem dúvida que é justo, é verdadeiro dizer que foi pelo pecado dos judeus que Cristo condenou todos os pecados, pois foi a fúria deles que o fez derramar o sangue expiatório de todos os pecados.

Observem, no entanto, o que o mesmo Apóstolo também diz, em outra passagem: "*Desempenhamos a função de embaixadores em nome de Cristo e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio*. Suponham que é o próprio Cristo que fala com vocês, pois é em seu nome que falamos com vocês. Então: *Em nome de Cristo vos rogamos: reconciliai-vos com Deus!*[665]"

Depois ele acrescenta: *Aquele que não conheceu o pecado*. Em outros termos: esse Deus, com o qual vos conjuramos que se reconciliem, vendo *Aquele que não conheceu o pecado*, vendo inocente seu Cristo, Deus como ele, *Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[666].

Como ver aqui o pecado de Judas, o pecado dos judeus, o pecado de qualquer outro mortal, se lemos claramente: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós*?

Quem fez e quem foi feito?

Foi *Deus* quem *fez* Cristo *pecado por nós*.

O Apóstolo não diz que Deus fez Cristo "pecador", mas sim que o fez *pecado*.

Seria uma blasfêmia dizer que Cristo pecou. Mas, como suportar que ele seja acusado de ser o próprio pecado? No entanto, não podemos desmentir o Apóstolo. Não podemos

lhe dizer: “O que você pretende com isso?” Falar assim com o Apóstolo seria nos levantar contra Cristo, pois o Apóstolo também questiona em outra passagem: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim?*[667]

11 – A interpretação correta do Apóstolo.

Qual é então o verdadeiro sentido? Que suas caridades contemplem aqui um grande e profundo mistério. Vocês serão felizes se desejarem compreendê-lo e se chegarem a amá-lo.

Inteiramente, absolutamente, Cristo Senhor nosso, Jesus Salvador nosso, Redentor nosso, foi feito pecado para que fôssemos justiça de Deus nele.

Como? Observem a Lei. Aqueles que a conhecem sabem o que eu digo. Aqueles que não conhecem devem lê-la ou ouvi-la.

Na Lei então, eram chamado de pecados os sacrifícios oferecidos pela expiação dos pecados. Sobre a vítima que era levada para o sacrifício, escute o que diz a Lei: “Que os sacerdotes coloquem suas mãos sobre o pecado”[668], ou seja, sobre a vítima sacrificada pelo pecado.

E, o que é Cristo, se não é a vítima sacrificada pelos pecados?

Diz São Paulo: *Cristo nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor*[669].

Aqui está então por qual pecado o Senhor condenou o pecado. Ele o condenou pelo sacrifício dele mesmo para a expiação dos nossos pecados. Esta é *a Lei do Espírito de*

Vida que nos *libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte*.

Por melhor que ela fosse, de fato; por mais que fossem santos, justos e bons seus mandamentos; essa outra lei, a lei da letra, a lei das ordenações, *visto que a carne a tornava impotente*, não permitia que cumpríssemos suas prescrições.

Como eu disse então, uma lei mostrou para vocês o pecado e outra lei os libertará dele. A lei da letra mostrou a vocês o pecado e a lei da graça os libertará dele.

Sermão 153 - A Lei incapaz de eliminar o pecado.

De fato, quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte. Agora, mortos para essa Lei que nos mantinha sujeitos, dela nos temos libertado e nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra.
Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás!”. Foi o pecado, portanto, que, se aproveitando da oportunidade que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências; por que, sem a Lei, o pecado estava morto. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, o pecado recobrou vida e eu morri. Assim, o mandamento que devia me dar a vida conduziu-me à morte. Porque o pecado, se aproveitando da oportunidade do mandamento,

seduziu-me e por ele me levou à morte. Por conseguinte, a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso670.

Análise

Em sua oposição violenta à antiga Lei, os maniqueístas afirmavam se apoiar na autoridade do próprio São Paulo. Santo Agostinho os refuta, mostrando primeiramente que, se eles lessem toda a passagem de São Paulo, eles encontrariam ali a defesa formal e a justificação da Lei que eles condenavam.

Além disso, se eles observavam, no mesmo texto de São Paulo, que a Lei condena a concupiscência, eles ainda acusavam a mesma Lei de ser má por condenar o vício? Ela o condena tão ostensivamente que até mesmo o Apóstolo, antes de tê-la estudado, ignorava que a concupiscência fosse um vício.

Depois, se São Paulo reconheceu que esse reconhecimento do vício, dado pela Lei, foi para ele um motivo de pecado, foi porque ele presumiu de suas próprias forças. Ele mesmo aponta isto e nos mostra assim a necessidade que temos da graça, essa concessão divina que é tão doce para os corações puros.

O preceito é mesmo uma arma para nos defender, mas a presunção vira esta arma contra nós mesmos. Tenhamos

então plena confiança na graça de Deus. Ela combate em nós a inclinação original para o mal e ela é devida a Jesus Cristo Nosso Senhor.

01 – É difícil explicar a Epístola de São Paulo.

Nós ouvimos cantar e nossos corações, em uníssono com nossas vozes, também cantaram perante nosso Deus: *Feliz é aquele a quem ensinais, Senhor e instruís em vossa lei*[671].

Façam silêncio e vocês me ouvirão. Não encontra lugar a sapiência onde falta paciência. Somos nós que falamos, mas é Deus quem ensina.

Quem foi chamado de feliz? Não foi aquele ensinado pelo ser humano, mas aquele que vós ensinais e instruís, Senhor.

Nós podemos muito bem plantar e irrigar, *mas só Deus faz crescer*[672]. Plantar e irrigar são trabalhar do lado de fora. Dar crescimento é agir no interior.

A passagem da Epístola de São Paulo que acabam de nos pedir a explicação é muito difícil, muito obscura, perigosa mesmo, se não for compreendida ou se for mal compreendida. Isto vocês observaram, meus irmãos __ não duvido disto e mesmo estou certo disto __ quando foi feita sua leitura.

Assim, eu vi inquietos aqueles de vocês que simplesmente observaram estas dificuldades. Quanto àqueles que compreenderam todo o pensamento do

Apóstolo __ se é que eles existem __ eles viram o quanto é difícil compreendê-lo.

No entanto, é esta passagem, com todas as suas dificuldades e obscuridades, que nos propomos discutir, com a ajuda da misericórdia divina, porque ela possui um sentido que é muito saudável penetrar.

Eu sei que temos dívidas para com vocês e eu sinto que vocês querem ser pagos. Pois bem! Já que pedimos para vocês a graça de bem compreender, implorem por nós a graça de bem explicar, pois se nossas preces se unirem, Deus concederá a vocês o entendimento que convém e a nós a explicação como deve ser feita.

02 – Os maniqueístas abusam desta passagem.

Diz então o Apóstolo: *De fato, quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte*.

Isto não é censurar e acusar a Lei de Deus? Se não compreendermos o pensamento do Apóstolo, este sentido que aparece inicialmente não é um perigo formidável?

Que cristão pode ter uma ideia assim, pode-se questionar. Não seria uma loucura também imaginar uma suspeita destas sobre o Apóstolo?

No entanto, meus irmãos, estas palavras mal compreendidas serviram para estimular o delírio e a loucura dos maniqueístas, pois eles sustentam que a lei

mosaica não veio de Deus e que ela é contrária ao Evangelho.

Se nos colocamos a discutir com eles, eles citam, sem compreender, estas palavras do apóstolo São Paulo e buscam, com isto, conquistar católicos, talvez mais negligentes do que inteligentes.

No entanto, é muito difícil, quando se ouviu as acusações desses heréticos, pelo menos ler o contexto na própria epístola? Só é preciso um pouco de zelo e logo se fica em condições de interromper a tagarelice desses adversários e de abater esses inimigos que se insurgem contra a Lei.

Façamos o esforço para penetrar o pensamento do Apóstolo e veremos seguramente nele o elogio formal da Lei divina.

03 – A calúnia é rejeitada pelas palavras seguintes à citação.

Comecem por vocês mesmos reconhecerem. Ele diz: *Quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros*.

Aqui já se levanta o maniqueísta. Ele levanta orgulhosamente a cabeça, se lança impetuosamente contra você e diz: “Aqui está: *as paixões pecaminosas despertadas pela Lei*. Como pode ser boa essa Lei que desperta em nós as paixões pecaminosas. As paixões que agem em nossos membros*, a fim de frutificarmos para a morte*?”

Leia então um pouco mais além. Leia a passagem inteira, senão com inteligência, pelo menos com paciência.

Sem dúvida que você terá dificuldade para compreender estas palavras: *as paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros*. Mas comece por fazer comigo o elogio da Lei e você merecerá compreendê-la.

Oras! Você está com o coração fechado e ainda segura a chave dele?

Pois bem! Deixemos de lado, por enquanto, o que não compreendemos e leiamos primeiro o elogio formal à Lei.

Diz o Apóstolo: *As paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte. Agora, mortos para essa Lei que nos mantinha sujeitos, dela nos temos libertado e nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra*.

Aqui também o Apóstolo parece censurar, acusar, condenar, rejeitar a Lei, mesmo com horror, mas é porque não o compreendemos.

Sim, estas palavras: *Quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte. Agora, mortos para essa Lei que nos mantinha sujeitos, dela nos temos libertado e nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra* parecem uma acusação e uma condenação da Lei.

O próprio Apóstolo percebeu isto, sentiu que não seria compreendido e que a obscuridade de sua linguagem jogaria confusão na mente do leitor e o afastaria do seu pensamento. Ele viu o que se poderia objetar e replicar a ele e, para evitar isto, ele respondeu antecipadamente.

04 – O próprio Apóstolo condena os que denigrem a Lei.

Que diremos, então?, clama o Apóstolo, imediatamente após. *Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum*.

Somente estas palavras bastam para absolver a Lei e condenar aqueles que a acusam.

Contra mim, ó maniqueísta, você se apoiou na autoridade do Apóstolo e, para denegrir a Lei você me disse: "Escute o Apóstolo: *As paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte. Agora, mortos para essa Lei que nos mantinha sujeitos, dela nos temos libertado e nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra*".

Assim, você se vangloriava, você clamava, você dizia: "Escute, leia, veja" e, se virando bruscamente de costas, você procurava se escapar. Mas, espere. Eu ouvi você. Agora, escute-me. Ou melhor, não escutemos nem um e nem outro, mas escutemos ambos o próprio Apóstolo. Veja como, ao se justificar, ele condena você.

Questiona o Apóstolo: *Que diremos, então? Que a Lei é pecado?*

Isto foi o que você afirmou. Você disse realmente que a Lei é pecado. Sim, foi isto o que você sustentou. Veja agora o que falta a você sustentar.

Você acusou então de ser um pecado a Lei de Deus, quando a censurou de maneira cega e imprudente. Você se desgarrou, Paulo percebeu e ele utilizou sua linguagem.

Que diremos, então? Que a Lei é pecado? Nós diremos, como você, que a Lei é pecado? *De modo algum*.

Se então você se agarrou à autoridade do Apóstolo, pese estas palavras e se aconselhe com ela: *A Lei é pecado? De modo algum.*

Escute bem este: *De modo algum.* Sim, se você é discípulo deste Apóstolo, se você tem em grande conceito sua autoridade, escute este: *De modo algum* e afaste de você mesmo esta opinião.

Que diremos, então? O que concluiremos? Se eu disse: *As paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos para a morte*; se eu disse: *Agora, mortos para essa Lei que nos mantinha sujeitos, dela nos temos libertado*; se eu disse: *nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra*; conclui-se que *A Lei é pecado? De modo algum.*

Por que então, ó Apóstolo, dizer tudo o que você acaba de dizer?

05 – Não é má a lei que proíbe desejar o mal.

Não, a Lei não é pecado. *Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!"*.

Agora, cabe a mim interrogar você, maniqueísta. Eu o interrogo e você me responde. Como chamar de má uma Lei que diz: *Não cobiçarás*?

Mesmo um depravado, uma pessoa das mais degradadas não afirmaria isto. Os libertinos, de fato, não se envergonham quando são repreendidos e eles não temem se abandonar às suas infâmias, quando estão na companhia de pessoas decentes?

Se você condena esta Lei que clama: *Não cobiçarás*, é porque você gostaria de cobiçar impunemente. Você só a acusa porque ela reprime suas paixões.

Meus irmãos! Se não ouvíssemos estas palavras do Apóstolo: *A Lei é pecado? De modo algum*, mas somente esta citação da Lei: *Não cobiçarás*, sim, mesmo que ele não fizesse o elogio à Lei, nós deveríamos fazê-lo. Nós deveríamos louvá-la e nos condenar.

Não é esta Lei, não é esta autoridade divina que clama nos ouvidos humanos: *Não cobiçarás*?

Não cobiçarás! Censure isto, se você puder e se você não pode, coloque em prática.

Não cobiçarás! Você não ousa condenar esta proibição!

Ela é então boa e a concupiscência é má. Assim, a lei proíbe o mal e a Lei proíbe o que lhe faria mal.

Sim, a Lei proíbe a cobiça como sendo um mal e como sendo o seu mal. Faça o que ela ordena! Evite o que ela

proíbe! Evite a concupiscência!

06 – O mal da concupiscência não era conhecido antes da Lei.

No entanto, o que diz ainda o Apóstolo? *“Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás!”*. Eu fui à reboque da minha concupiscência. Eu corri para onde ela me arrastou e eu vi como uma grande felicidade desfrutar das suas seduções e dos seus abraços carnais”.

A própria Lei não diz: “Glorifica-se o pecador pelos desejos de sua alma e abençoa-se o autor de iniquidades”?

Aí está uma pessoa que se dedica como escravo e inteiramente às paixões carnais. Por toda parte ela busca o prazer, a fornicação e a embriaguez. Eu não digo mais nada; simplesmente enumero a fornicação e a embriaguez, o que é proibido pela Lei de Deus e que não é proibido pelas leis humanas.

Quem nunca, de fato, foi levado perante um juiz por ter entrado na casa de uma prostituta? Quem nunca foi acusado perante os tribunais por ter se dedicado à depravação e à impureza com atrizes? Que marido não foi denunciado por ter violado uma serva?

Eu falo da terra e não do céu; das leis do mundo e não das leis do Criador do mundo.

Chega-se mesmo a proclamar como felizes esses voluptuosos, esses depravados e esses infames, por causa

dos prazeres que eles se propiciam em abundância e das delícias que eles desfrutam.

O que digo? Se eles se enchem de vinho; se, sem medida, eles bebem além das medidas, eles não se contentam em não acusá-los, mas chegam a louvar sua coragem.

Humanos, infelizmente! Tão mais abjetos quanto menos cambaleiam sob a ação das bebidas.

Ao mesmo tempo em que se louvam tais atos; ao mesmo tempo em que glorificam sua felicidade, sua grandeza, seu bem-estar; ao mesmo tempo em que, longe de ver tudo isso como culposo, ousa-se considerar como um favor do céu ou, pelo menos como um bem agradável, delicioso e inocente, aparece subitamente a Lei de Deus que clama: *Não cobiçarás!*

Essa pessoa então, que considerava como um grande bem, como uma grande felicidade não recusar à concupiscência nada do que ela podia lhe propiciar e seguir todos os seus chamados, ouve então esta proibição: *Não cobiçarás* e fica sabendo que a concupiscência é um pecado.

Deus falou, o ser humano ouviu, acreditou, conheceu o pecado e passou a considerar como um mal o que era um bem, sob seu ponto de vista. Ele quer reprimir a concupiscência e não ser mais um escravo dela. Ele se contém, ele faz esforços, mas, ei-lo derrotado.

Infelizmente, ele não conhecia seu mal e só ficou sabendo dele para ser vergonhosamente derrotado por ele,

pois agora ele não é somente um pecador, mas também um prevaricador.

Sem dúvida que antes ele pecava, mas ele não acreditava ser um pecador, antes de conhecer a Lei.

A Lei falou com ele; ele conheceu o pecado; em vão ele trabalha para vencê-lo. Ele é derrotado, ele é derrubado e, de pecador que ele era independente de sua vontade, agora ele é um prevaricador da Lei.

Esta é a doutrina contida nestas palavras do Apóstolo: *A Lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!"*.

07 – Por causa da Lei a concupiscência é estimulada e não derrotada.

O pecado, se aproveitando da oportunidade que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências. A concupiscência era menor quando, antes da Lei, você pecava sem preocupação. Agora que a Lei levanta diante de você todas as suas barragens, esse rio de concupiscências parece contido, mesmo que pouco. Mas, infelizmente, esse rio não está seco e as vagas que arrastavam você, antes que houvesse diques, crescem cada vez mais, rompendo os diques e engolindo você.

Sim, a concupiscência era menor em você quando ela só fazia levar você ao prazer. Ela não está no seu ápice, agora que ela espezinha a própria Lei?

Você quer ter uma ideia de sua violência? Veja como ela zomba desta proibição: *Não cobiçarás!*

Esta proibição, no entanto, não vem de um ser humano, de um ser qualquer; ela vem do próprio Deus, do Criador, do Juiz Eterno. Respeite-a então. Você não faz nada a respeito. Observe que o Legislador é também seu Juiz. O que você fará diante dele, infeliz? Se você não venceu foi porque confiou em você mesmo.

08 – Quem presume de si mesmo é derrotado.

Desta forma, observe as palavras precedentes e que parecem obscuras para você: *Quando estávamos na carne*. Sim, observe bem estas palavras; as primeiras desta passagem que nos parece tão obscura: *Quando estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei*.

Por que elas foram *despertadas pela Lei*? Porque *estávamos na carne*.

O que quer dizer: *estávamos na carne*? Nós presumíamos da carne.

De fato, quando o Apóstolo falava assim, ele já tinha deixado a carne ou ele se dirigia a pessoas que a morte tinha feito sair dela? Certamente que não; no que se refere a esta vida, tanto ele que falava quanto aqueles a quem falava estavam na carne.

O que significam então estas palavras: *Quando estávamos na carne*, se não é quando presumíamos da carne, ou seja, de nós mesmos? Não é às pessoas, a todas as

pessoas que se dirigem estas palavras: *Toda carne verá a salvação de Deus*[673].

Ora, o que quer dizer *Toda carne*, se não é “todas as pessoas”?

O que quer dizer igualmente: *O Verbo se fez carne*[674], se não é “*O Verbo se fez* humano”?

O Verbo, de fato, não assumiu uma carne sem alma; a carne designa um ser humano nesta frase: *O Verbo se fez carne*.

Assim então, *Quando estávamos na carne*, ou seja, “quando nos entregávamos às concupiscências da carne e colocávamos todas as nossas esperanças na carne ou em nós, *as paixões pecaminosas despertadas pela Lei* (ocasionadas pela própria Lei) tiveram um novo crescimento”.

A proibição da Lei só serviu para gerar prevaricadores e tornou-se um prevaricador quem não se apoiou em Deus.

As paixões pecaminosas despertadas pela Lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarmos. Para quem? *Para a morte*.

Mas, se o pecador tem que ser condenado, o que ele pode esperar, uma vez que se tornou prevaricador?

09 – Não se pode confiar em si mesmo, mas em Deus.

Se então, ó mortal, você foi derrotado pela concupiscência, se você foi derrotado por ela, foi porque você ocupava um terreno desvantajoso. Você estava na

carne; aí está porque você foi vencido. Deixe essa má posição.

O que você teme? Eu não estou dizendo para você: “Morra!” Não tema, se eu digo para você: “Deixe a carne”. Eu não estou dizendo para você morrer. No entanto, eu convido você a morrer. Se você estiver morto com Cristo, procure o que está no alto.

Mesmo vivendo na carne, não permaneça na carne. *Toda carne é como a erva e toda a sua glória como a flor dos campos, mas o Verbo de nosso Deus permanece eternamente*[675].

Refugie-se junto ao Senhor. A concupiscência se levanta, ela pressiona você, ela adquire novas forças, com a própria proibição da Lei redobrando seu vigor e você enfrenta um inimigo terrível. Ah! Refugie-se junto ao Senhor; que ele seja para você, diante do inimigo, *uma torre forte*[676] de defesa.

Não permaneça então em sua carne, mas viva no Espírito.

O que isto quer dizer? Coloque em Deus sua confiança. Se você a colocar em seu espírito humano, este espírito logo recairá na carne, por ele não ter sido confiado por você Àquele que pode sustentar você, pois seu espírito não pode se aguentar se não for sustentado.

Não permaneça em você mesmo. Erga-se acima de você mesmo e se coloque Naquele que fez você.

Com a confiança em você mesmo, você se tornará um prevaricador da Lei que foi dada a você.

O inimigo, efetivamente, encontra você sem abrigo e ele se joga sobre você. Tome cuidado para que ele não *arrebate você* como faz um leão devorador, sem que *haja quem vos salve*[677].

Fique atento a estas palavras em que, mesmo louvando a Lei, o Apóstolo se acusa, se reconhecendo culpado perante a autoridade da Lei e talvez represente você na pessoa dele: *Eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!". Foi o pecado, portanto, que, se aproveitando da oportunidade que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências; por que, sem a Lei, o pecado estava morto*.

O que significa essa morte? Que o pecado era desconhecido, não era visto, só era pensado como um cadáver sepultado.

Mas, sobrevindo o preceito, o pecado recobrou vida. O que isto também quer dizer? Que o pecado começou a se mostrar, a se fazer sentir, a se insurgir contra mim.

10 – O deleite na Lei de Deus e o deleite na concupiscência.

E eu morri. O que isto quer dizer? Eu me tornei prevaricador.

Assim, o mandamento que devia me dar a vida conduziu-me à morte. Observe este elogio à Lei: *o mandamento que devia me dar a vida*.

Que vida! Existir sem concupiscência! Oh, que doce vida!

Há prazer na concupiscência, é verdade. As pessoas não se abandonariam a ela se não encontrassem prazer nela. O teatro, os espetáculos, os amores lascivos, os cânticos efeminados agradam à concupiscência. A concupiscência encontra nisto prazeres, atrativos, delícias. Mas os ímpios me *narraram seus prazeres iníquos e eles não são como vossa Lei, Senhor*[678].

Feliz é a alma que desfruta das delícias da Lei divina, onde nada de vergonhoso mancha e onde o puro brilho da verdade santifica.

Aquele então que ama assim, a Lei de Deus e que a ama a ponto de rejeitar todos os prazeres carnais não deve se atribuir as delícias desse amor, pois, é *o Senhor* que *nos dará suas amenidades*[679].

Qual delas eu pedirei, Senhor? Pedirei indistintamente qualquer uma? *Vós sois bom e em sua bondade ensinai-me as vossas leis*[680].

Ensinai-me em sua mansidão, pois vós me ensinais então. Quando vós me ensinais assim, em vossa mansidão, eu aprendo visivelmente a praticar.

É verdade que, quando a iniquidade ainda tem atrativos e encantos para a alma, a verdade parece amarga.

Ensinai-me *em sua bondade* e, para me fazer amar a verdade, que vossa unção tão doce me encha de desprezo pelas iniquidades.

Há na verdade infinitamente mais valor e mais encantos. Mas, para desfrutar desse pão delicioso, é preciso gozar de boa saúde.

Há algo melhor e mais precioso do que o pão celeste? Mas, para desfrutar dele, no entanto, é preciso que as iniquidades não tenham desgastado os dentes. *Como o vinagre nos dentes e a fumaça nos olhos, assim é*[681] o pecado para os que se abandonam a ele, diz a Escritura.

Do que serve então a você louvar o pão do céu, se você vive mal; se, mesmo louvando-o, você não o come?

É bom escutar as palavras santas; escutar e louvar as palavras de justiça e de verdade. Mas, melhor ainda é praticá-la. Pratique-a então, já que a elogia.

Talvez você diga: “Eu gostaria, mas não posso”.

Por que não pode? Porque você não tem saúde. Mas, como você a perdeu, se não foi ofendendo o Criador com seus crimes?

Assim, para poder comer com prazer e, consequentemente, com plena saúde, o pão divino que você louva, clame: *Piedade para mim, Senhor! Curai-me, porque pequei contra vós*[682].

Aí está em que sentido *o mandamento que devia me dar a vida conduziu-me à morte*. O pecador, antes do mandamento, não se conhecia. Depois, ele se tornou ostensivamente prevaricador. Assim, ele encontrou a morte no que devia lhe comunicar a vida.

11 – O soberbo é vítima da própria espada.

O pecado, se aproveitando da oportunidade do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte. Isto foi o que aconteceu, pela primeira vez, no Paraíso.

O pecado, se aproveitando da oportunidade do mandamento. Lembrem-se da linguagem insinuante da serpente para a mulher. Ela lhe pede o que Deus proibiu. *A mulher respondeu-lhe: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais'"*. Este é o preceito divino.

Mas, a serpente, pelo contrário diz: *"Oh, não! Vós não morrereis! Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal"*[683].

Assim, *o pecado, se aproveitando da oportunidade do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*. Seu inimigo o levou à morte com a espada que você carregava. Com sua arma ele derrotou você; com ela ele degolou você.

Retome este mandamento e saiba que ele é uma arma para tirar a vida do seu inimigo e não para que você seja abatido por ele.

Mas evite presumir das suas forças. Lembre-se do pequeno Davi diante de Golias; o menino diante do gigante. Aquele menino confiou no nome do Senhor. Ele disse: *Tu vens contra mim com espada, lança e escudo. Eu, porém, vou contra ti em nome do Senhor*[684].

Aí está, aí está com que meio ele derrubou o colosso. Ele não triunfou de outra maneira e o homem que se apoiou em

sua própria força caiu antes mesmo de combater.

12 – O Apóstolo louva a Lei repetidamente e com a máxima franqueza.

Observem, no entanto, meus bem-amados; observem além disso que o Apóstolo, para condenar a cegueira dos maniqueístas, faz um elogio bem claro à Lei divina. Ele acrescenta, de fato: *Por conseguinte, a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*.

O que se pode acrescentar a este elogio? Com a expressão: *De modo algum*, ele já tinha antes rejeitado uma acusação, mas sem louvar a Lei. Uma coisa, de fato, é rejeitar uma censura e outra coisa é tecer elogios merecidos.

Aqui está a censura: *Que diremos, então? Que a Lei é pecado?*

Aqui está a refutação: *De modo algum*.

Estas últimas palavras bastam para sustentar a verdade, levando em conta a grande autoridade do defensor.

Por que ele falaria mais? Foi o suficiente dizer: *De modo algum*.

Em outra ocasião ele questionou: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim?*[685] Agora ele diz: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*.

13 – Prossegue a argumentação.

Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não, pois o que é bom não é a mesma coisa que a morte. *Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte*.

Não foi a Lei, foi o pecado a causa da morte. Ele havia dito antes: *Sem a Lei, o pecado estava morto*. Eu disse então que o pecado morto significava o pecado escondido, o pecado desconhecido.

Vejam com que exatidão ele diz agora, pelo contrário: *Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado*!

Como, *para se mostrar realmente pecado*?

Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!".

Não lemos: "Não sentiria a concupiscência". Mas, *não teria ideia da concupiscência*.

Igualmente não lemos: "O pecado, **para existir**". Mas, *o pecado, **para se mostrar realmente pecado**, acarretou para mim a morte*.

Que morte? *A fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*.

Observem: *A fim de que o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*. Por que *excessivamente pecaminoso*?

Porque foi acrescentada a prevaricação ao pecado, pois, *onde não existe Lei, não há prevaricação*[686].

14 – O pecado veio do primeiro homem.

Assim, pensem meus irmãos, pensem que o gênero humano tem a fonte do pecado na primeira morte do primeiro homem, pois, foi pelo primeiro homem que *entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[687].

Observem esta expressão: *a morte passou*. Examinem seu sentido com atenção.

A morte passou a todo o gênero humano. Aí está o que tornam culpados os bebês. Eles não cometeram, mas contraíram o pecado.

O primeiro pecado, efetivamente, não ficou em sua fonte; ele *passou*, não a este ou aquele, mas, *a todo o gênero humano*.

O primeiro pecador, o primeiro prevaricador gerou pecadores condenados à morte. O Salvador, para curá-los, nasceu de uma Virgem. Ele não veio, então, até você, pelo caminho que você seguiu, pois ele não nasceu da concupiscência entre o homem e a mulher, da concupiscência da carne.

Foi dito à Maria: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra*[688]. Isto lhe foi dito com todo o calor da fé e não com os ardores da concupiscência carnal.

O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Como, sob tal sombra, queimar com as chamas da paixão?

Pois bem! Foi precisamente porque ele não veio a este mundo pelo mesmo caminho que você que o Salvador pode libertar você.

Em que estado ele encontrou você? Você tinha sido vendido como escravo ao pecado; tinha sido atingido pela morte do primeiro ser humano, envolvido em seu pecado e considerado culpado antes mesmo de ter o livre arbítrio.

Foi esta então a situação em que seu Redentor encontrou você, quando você ainda era pequeno. Mas hoje você não é mais criança. Você cresceu e acrescentou numerosos pecados ao primeiro pecado. A Lei foi dada a você e você se tornou prevaricador.

Tome cuidado, no entanto, com o desencorajamento, pois: *Onde abundou o pecado, superabundou a graça*[689].

Sermão 154 - A perfeição final.

Não entendo absolutamente minhas ações, pois não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal. Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta

contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros.
Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!
Assim, pois, de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado690.

Análise

Após ter resumido o que ele disse no sermão precedente, Santo Agostinho repete que a Lei nos foi dada para fazer com que nós conheçamos a nós mesmos.

Ora, o que ela revela em nós? São Paulo se queixa dolorosamente de ser servo do pecado, ou seja, da concupiscência. Mas, é dele mesmo que fala São Paulo?

Não se pode duvidar disso, ao aproximar do texto que é explicado outras passagens de suas epístolas. Ele não era, então, nem inteiramente carnal, pois ele não consentia com o pecado e nem inteiramente espiritual, pois ainda sentia impulsos desregrados. Ele era, portanto, espiritual e carnal ao mesmo tempo.

Assim acontece com as pessoas mais santas. Elas devem lutar a vida inteira e é só após suas mortes, só após a ressurreição, que elas chegam à perfeição suprema e não sentem mais os atrativos da concupiscência.

01 – Com que objetivo foi dada a Lei.

Vocês que assistiram o sermão de ontem, ouviram a leitura feita de uma epístola do apóstolo São Paulo. A leitura

de hoje é retirada de uma passagem imediatamente após aquela. É a mesma passagem difícil e perigosa que resolvemos explicar e esclarecer para vocês, com a ajuda que o Senhor condescender me conceder e que ele proporciona à afeição devota que vocês dirigiram junto a ele em meu favor.

Que suas caridades me escutem com paciência e se tenho dificuldade em expor estas obscuras questões, que eu possa pelo menos me fazer ouvir facilmente. Não seria muito trabalhoso lutar ao mesmo tempo contra estes dois obstáculos?

Queira Deus, no entanto, que nossos esforços não sejam em vão! Afim então de torná-los proveitosos, escutem com paciência.

O Apóstolo não condena a Lei. Nós, eu creio, demonstramos suficientemente ontem àqueles que nos seguiram. Aqui estão, de fato, suas palavras:

Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!". Foi o pecado, portanto, que, aproveitando-se da oportunidade que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências; por que, sem a Lei, o pecado estava morto (estava adormecido, não se mostrava). *Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, o pecado recobrou vida e eu morri. Assim o mandamento, que me devia dar a vida* (o que há, de fato, mais própria para dá-la do que estas

palavras: *Não cobiçarás*?)*, conduziu-me à morte*. *Porque o pecado, se aproveitando da oportunidade do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*[691].

O mandamento então ameaçou a concupiscência, mas não a eliminou. Ele a ameaçou, mas sem reprimi-la, provocando o medo do castigo, mas não fazendo a justiça ser amada.

O Apóstolo prossegue: *Por conseguinte, a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não*[692].

Não foi a Lei, mas o pecado que morreu. E, por causa do mandamento, o que aconteceu? *O pecado, para se mostrar realmente pecado*__ pois ele era desconhecido quando parecia morto __ *acarretou para mim a morte, por meio do que é bom, a fim de que*, acrescentando à transgressão a prevaricação, *pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*[693].

De fato, se não houvesse o mandamento, a prevaricação não levaria ao cúmulo o pecado. O Apóstolo, de fato, não diz em outra passagem: *Onde não existe Lei, não há prevaricação*[694]?

Por que duvidar agora que, se a Lei foi dada, foi para ensinar o ser humano a se conhecer? O ser humano não se conhecia, quando Deus lhe proibiu o mal. Ele só sentiu sua fraqueza ao ouvir a proclamação da proibição.

Foi então que ele se reconheceu mergulhado no mal. Mas, para onde fugir, já que ele carrega o mal sempre com ele? Do que lhe vale ter ciência com feridas na consciência?

02 – Talvez o Apóstolo fale dele mesmo.

Vejam então na leitura de hoje a linguagem de uma pessoa que aprendeu a se conhecer. Ele diz: *Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado. Não entendo absolutamente minhas ações, pois não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*[695].

A questão tratada aqui com muita aplicação é de saber se se trata aqui do próprio Apóstolo ou de qualquer outra pessoa que ele personificou nele, como ele fez quando disse, em outra passagem: *Se apliquei tudo isso a mim e a Apolo foi por vossa causa, para que, por meio de nós, aprendais*[696].

Mas, se é o Apóstolo que fala aqui __ e ninguém duvida disto __ se é ele e não outro que diz: *não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço*, o que devemos entender, meus irmãos?

Seria verdade que, mesmo não querendo cometer adultério, por exemplo, o apóstolo Paulo se deixava levar? Que ele era avarento, sem querer ser avarento?

Quem de nós ousaria proferir tal blasfêmia e ter tal ideia deste Apóstolo?

Talvez então se trate aqui de qualquer outro: de você, dele, de mim. Se for assim, prestemos atenção ao que ele parece se atribuir, para nos corrigirmos sem nos irritarmos.

E, se for dele mesmo que se trata, pois isto é possível, não compreendamos estas palavras: *não faço o que quero, mas o que odeio*, no sentido de que ele gostaria de ser

casto, mas seria adúltero; misericordioso, mas seria cruel; devoto, mas seria ímpio.

Não, não entendamos assim estas palavras: *não faço o que quero, mas o que odeio*.

03 – Nem mesmo o Apóstolo foi livre da concupiscência.

Então, o que ele quer dizer? Não quero cobiçar, mas cobiço.

O que diz a Lei: *Não cobiçarás*[697].

O ser humanou ouviu esta proibição, ele reconheceu sua falta, ele declarou guerra ao vício, mas ele se viu escravo dele.

Possivelmente se trata de outro homem, não do Apóstolo.

O que dizer, meus irmãos? Que o Apóstolo não sentia em sua carne nenhuma paixão que ele não desejava, sem, no entanto, consentir com suas impressões, sugestões, impulsos, ardores e tentações?

Eu declaro perante suas caridades: para achar que o Apóstolo não experimentava absolutamente nenhuma dessas más sensações da concupiscência que ele devia combater, seria preciso ser muito ousado. No entanto, eu gostaria que tivesse sido assim, pois, longe de ter inveja dos Apóstolos, devemos imitá-los.

No entanto, meus caros amigos, eu ouço o Apóstolo confessar ele mesmo que não tinha ainda chegado à perfeição completa da santidade que a fé nos revela nos

anjos; nos anjos que esperamos, no entanto, nos tornar iguais, se conseguirmos dar um término aos nossos desejos.

O Senhor não nos promete outra coisa, para o momento da ressurreição, quando ele diz: *Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos, mas serão como os anjos de Deus no céu*[698].

04 – Confirma-se que o Apóstolo fala da sua própria imperfeição.

Talvez você questione: "Como sei que o apóstolo Paulo não tinha chegado ainda à justiça e à perfeição dos anjos?"

Não é ultrajando este Apóstolo; é se reportando a ele mesmo, ao seu próprio testemunho, sem se preocupar com suspeitas ou louvores imoderados dos quais ele pode ser objeto.

Falemos então de você mesmo, ó Apóstolo e numa passagem onde ninguém duvida de que se trate de você mesmo, já que há pessoas que afirmam que, ao escrever: *não faço o que quero, mas o que odeio*, você personificava o trabalho, o fracasso, a derrota e a escravidão de outra pessoa qualquer e não de você mesmo. Fale-nos de você numa passagem onde, mesmo se tratando de uma confissão de todos, trata-se mesmo de você.

Diz então o Apóstolo: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*. O que você faz então, ó Apóstolo?

"Uma coisa: *Eu me empenho em conquistá-la. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto:*

prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo[699]".

Ele disse então, bem claramente: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*.

Mas então surgem novas objeções. Dizem que o Apóstolo, ao falar assim, queria dizer que não tinha atingido ainda a imortalidade e não que não tinha atingido a perfeição da justiça. Ele já era então tão justo quanto os anjos, mas não era imortal como eles. É seguro, muito seguro, eles afirmam, que este era o pensamento dele.

Isto quer dizer então que o Apóstolo era tão justo quanto os anjos, mas não era ainda imortal como eles. Assim então, ele possuía a santidade em toda sua perfeição, mas, ao buscar a palma celeste, ele buscava a imortalidade gloriosa.

05 – O Apóstolo confessa a fraqueza de sua alma.

Mostre-nos então, santo apóstolo, outra passagem mais clara ainda, em que você confessa suas fraquezas, sem falar das suas aspirações à imortalidade.

Eu ainda ouço murmúrios e objeções. Parece que leio o pensamento de muitos. Eles me dizem: "É verdade que eu sei qual passagem você vai citar. Nela o Apóstolo confessa fraquezas, mas são fraquezas da carne e não do espírito; do corpo e não da alma. Ora, é na alma e não no corpo que habita a perfeição da justiça. Quem não sabe, de fato, que o

Apóstolo tinha um corpo frágil, um corpo mortal? Ele mesmo não disse: *Temos este tesouro em vasos de barro*[700]? Oras! O que importa esse vaso de barro? Fale do tesouro que ele carrega”.

Pesquisemos então se lhe faltava alguma coisa e se ele ainda podia acrescentar algo ao ouro divino de sua santidade. Para não parecer que lhe faltamos com o respeito, interroguemos ele mesmo.

Ele diz: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho*[701]. Aqui, sem nenhuma dúvida, você reconhece no Apóstolo a grandeza de suas revelações e o medo de cair no abismo do orgulho.

Para saber que este mesmo Apóstolo, que queria salvar os outros, estava ainda em tratamento; para saber, repito, que ele estava ainda em tratamento, não considere somente as honras que o cumulavam; saiba qual remédio o Médico Supremo lhe fazia tomar contra o inchaço do orgulho. Saiba, não de mim, mas dele mesmo.

Ouça sua confissão, para conhecer sua doutrina. Escute então: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho*.

Pois bem! Posso entender que você tinha medo de se ensoberbecer, santo apóstolo? Você ainda tinha que tomar cuidado com o orgulho, que ainda temia? Você ainda tinha, para se preservar dessa doença, que procurar algum remédio?

06 – O curativo para a ferida do Apóstolo.

Você diz: “O que você está dizendo? Saiba então o que sou e, invés de querer saber coisas profundas, antes tema. Saiba de que maneira o cordeiro caminha onde o carneiro corre perigo”.

Ele diz então: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade*[702].

De que orgulho ele estava ameaçado, para ser forçado a um remédio tão violento? Diga-nos agora que a justiça era nele tão perfeita quanto nos santos anjos. No céu os santos anjos também sentem esse aguilhão? Esse anjo de Satanás também lhes esbofeteia, para lhes retirar o orgulho?

Deus nos livre de ter tais suspeitas sobre os santos anjos!

Somos humanos. Reconheçamos que os santos apóstolos também eram humanos. Vasos de uso nobre, sem dúvida, mas frágeis ainda. Peregrinos na terra, sem serem ainda triunfadores na pátria celeste.

Além disso, o Apóstolo, tendo pedido por três vezes ao Senhor para ser livre desse aguilhão carnal, sem ser ouvido segundo seus desejos, porque Deus tinha em vista sua cura, é de se estranhar que ele tenha dito: *A Lei é espiritual, mas eu sou carnal*[703]?

07 – Todo santo nesta vida é carnal e espiritual ao mesmo tempo.

Então, este Apóstolo disse aos outros: *Vós, que sois espirituais, admoestai-o em espírito de mansidão* e ele mesmo seria carnal? Ele chama as outras pessoas de espirituais e ele mesmo seria carnal ainda?

No entanto, o que ele diz desses espirituais que não tinham atingido ainda a perfeição do céu e dos anjos e não desfrutavam ainda do tranquilo repouso da pátria, mas experimentavam sempre as preocupações e ansiedades do peregrino? O que ele lhes diz então?

Ele os chama de espirituais. *Vós, que sois espirituais, admoestai-o em espírito de mansidão.* Mas acrescenta, logo em seguida: *E tem cuidado de ti mesmo, para que não caias também em tentação!*[704]

Assim, mesmo para esse cristão que ele considera como espiritual ele teme a fraqueza e a queda. Ele teme que a tentação caia sobre esse espiritual, agindo diretamente sobre sua carne ou então sobre seu espírito.

Se essa pessoa é espiritual é porque ela vive conforme o espírito. Mas seu corpo mortal ainda a torna mortal, de sorte que ela é, ao mesmo tempo, espiritual e carnal.

Aqui está o espiritual: *Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser*[705].

E aqui o carnal: *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[706].

Não é verdade, então, que ele é, ao mesmo tempo, espiritual e carnal? Isto é algo incontestável, por todo o tempo que dure a vida sobre esta terra.

08 – Os que são completamente carnais e os que são em parte ou totalmente espirituais.

Não se espante aqui, seja você quem for, que consente e se deixa levar pelas concupiscências carnais, que talvez possa acreditar que elas sejam inocentes e destinadas a acalmar sua paixão pelos prazeres ou que, mesmo condenando-as, se abandona a elas como escravo e siga suas inclinações vergonhosas. Você é inteiramente carnal. Sim, quem quer que você seja, você é carnal; totalmente carnal.

E você que, apesar da proibição da Lei: *Não cobiçarás*[707], sente sensações de concupiscência, sem, no entanto, violar esta proibição da Lei: *Não siga tuas concupiscências*[708]; se, por um lado, você é carnal, por outro, você é espiritual, pois, há uma diferença grande entre sentir a concupiscência e se deixar levar por ela. Para não sentir a concupiscência é preciso ter atingido a perfeição suprema e, para não se deixar levar por ela, basta combatê-la, lutar e sofrer.

Mas, como perder as esperanças da vitória, quando se combate com ardor? Então, quando venceremos? Quando a morte for absorvida pelo seu triunfo. Então, de fato, serão ouvidos os cantos de triunfo e não o som do trabalho árduo dos combatentes.

E como serão esses cantos, na ocasião em que este corpo corruptível tiver se revestido de incorruptibilidade e, mortal que é, tiver se tornado imortal?

Aqui está o vencedor! Escute seus cantos de alegria. Preste atenção às suas aclamações triunfais.

Então se cumprirão estas palavras da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória". "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão"?[709]

Onde ele está? Ele estava aqui, mas não está mais.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

Aqui está ele, por enquanto: *Não faço o bem que quero*.

Aqui está ele ainda: *Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal*[710].

Ora, se é dele mesmo que fala o Apóstolo; se é dele mesmo, como suponho, mas sem afirmar; se então ele diz dele mesmo: *Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal*; isto indica que, pelo corpo ele é carnal, mas pelo espírito ele é espiritual.

Quando ele será espiritual por inteiro?

Quando, *semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[711].

Neste momento, no entanto, que a morte trabalha com ardor, *não faço o bem que quero*. Eu sou em parte carnal e em parte espiritual. Espiritual na melhor parte de mim mesmo e carnal na parte inferior.

Estou ainda na escaramuça, ainda não venci, mas já é muito para mim não estar derrotado.

Não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço.

O que você faz?

“Eu cobiço. Sem dúvida que não consinto com minha cobiça e não me entrego às minhas paixões. Mas eu ainda cobiço e esta parte que cobiça também faz parte de mim”.

09 – Carnal e espiritual ao mesmo tempo.

Eu não sou uma pessoa em meu espírito e outra em minha carne. O que sou então?

Sou eu nas duas partes; eu em minha carne e eu em meu espírito. Não tenho duas naturezas contrárias, mas sou uma só pessoa composta por duas naturezas, pois Deus, que me fez humano, também é uno.

Assim, pois, sou eu mesmo que, *de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus* e, *de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[712].

Minha alma não concorda com a lei do pecado e eu gostaria mesmo que ela não se manifestasse em meus órgãos, mas, como meu querer não se cumpre, segue-se que *não faço o bem que quero* e eu cobiço, independente de minha vontade e assim, *o mal que odeio, isso eu faço*.

O que eu odeio? A concupiscência. Sim, eu odeio a concupiscência e, no entanto, ela está em minha carne, mesmo não estando em meu espírito. Assim, *o mal que odeio, isso eu faço*.

10 – A concordância com a Lei.

Então, *se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa*.

O que significa: *se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa*?

Sem dúvida que você concordaria com a Lei, se você fizesse o que ela exige. Mas você faz o que ela proíbe. Como então você reconhece que ela é boa?

"É verdade mesmo que, *se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa*".

Mas, de que maneira?

"A Lei diz: *Não cobiçarás*. E eu, do que eu gostaria? Eu gostaria de não cobiçar. Eu quero então o que quer a Lei e *reconheço que a Lei é boa*. Se a Lei dissesse: *Não cobiçarás* e eu quisesse cobiçar, então eu não estaria em concordância com a Lei e este desvio da minha vontade me colocaria em guerra com ela. Eu estaria em concordância com ela, se eu quisesse cobiçar, quando ela diz: *Não cobiçarás*?"

E você, Lei, o que diz sobre isto?

Não cobiçarás.

"Eu não quero cobiçar mesmo. Não, eu não quero. Eu não quero o que você não quer. Então, eu estou de acordo com você. Mas, minha fraqueza, no entanto, nem sempre cumpre a Lei. Mas, minha vontade, pelo contrário, a abençoa. É por isso que, mesmo não fazendo o que quero, eu estou de acordo com ela. De acordo, ao não querer o que ela não quer e em desacordo, ao fazer o que eu não quero. Eu faço, cobiçando, mas sem consentir com a cobiça, no entanto".

Assim, para pecar e dar um mau exemplo, ninguém deve se autorizar baseando-se no exemplo do Apóstolo, pois ele diz bem claramente: *não faço o bem que quero*.

O que diz, de fato, a Lei? *Não cobiçarás*.

Eu não quero, então, cobiçar, mas, no entanto, eu cobiço, mesmo não consentindo com minha cobiça e mesmo sem conseguir me livrar dela.

Eu resisto a ela, de fato. Eu a afasto do meu espírito. Eu lhe recuso armas. Eu vigio os meus sentidos.

Infelizmente, no entanto, acontece em mim o que eu não quero.

O que a Lei não quer eu não quero. Eu não quero tanto quanto ela. Eu recuso o que ela recusa. Então, estamos de acordo.

11 – Ignorar o pecado.

É verdade que eu estou ao mesmo tempo em minha carne e em meu espírito. Mas, eu estou mais em meu espírito do que em minha carne, pois, estou em meu espírito como na parte que comanda e o corpo é governado pelo espírito e há mais de mim no que comanda do que no que é comandado em mim.

Mas, então, como eu estou mais no meu espírito, *se faço o que não quero, já não sou eu que faço*.

Mas, então; o que isto quer dizer?

Mas, então, eu, que antes estava vendido ao pecado e agora estou redimido, agora que recebi a graça do Salvador para me comprazer na Lei de Deus, *se faço o que*

não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita.

Novamente *em mim*. Em que parte de mim habita o pecado? *Na minha carne*, pois nela *não habita o bem* e *por que o querer o bem está em mim*.

O que você sabe? *Eu sei que na minha carne não habita o bem*.

Mas, você acaba de dizer: *Não entendo absolutamente minhas ações*. Se você não entende, como você sabe?

Você diz: *Não entendo*. Depois, você diz: *Eu sei*. Eu, por outro lado, não sei no que devo acreditar. O que devo entender?

Onde você diz: *Não entendo absolutamente minhas ações*, o *não entendo* talvez signifique que você não aprova, que não concorda, que não se agrada, que não consente, que não aplaude.

Neste sentido, para Cristo serão desconhecidos, sem dúvida, aqueles a quem ele dirá: *Nunca vos conheci*[713]. Sim, é neste sentido que eu entendo estas palavras: *Não entendo absolutamente minhas ações*.

De fato, eu não faço o que não entendo. *Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita*. Foi isto o que me fez dizer que *não sou eu que faço*, como foi dito que o Senhor foi *aquele que não conheceu o pecado*[714].

Como o Senhor *não conheceu o pecado*? Ele não conhecia o que ele condenava? Ele não conhecia o que ele castigava? Se ele não o conhecia, o castigo não era injusto?

Mas, sendo o castigo justo, ele conhecia então o pecado e se foi dito que ele não o conheceu, foi para indicar que ele não o cometeu.

"*Assim, não entendo absolutamente minhas ações, pois não faço o bem que quero, mas, o mal que odeio, isso eu faço. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa*. Agora que eu recebi a graça, não sou eu que faço isso. Minha alma está livre, mas minha carne continua escrava. *Não sou eu que faço* isso, *mas sim o pecado que em mim habita*. *Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem*".

12 – Nesta vida não é concedida aos santos a perfeita observância da Lei.

De fato, *o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*. Eu posso querê-lo, mas não posso efetuá-lo. Ele não diz: "Eu não posso fazê-lo", mas sim, "Não posso efetuá-lo". Você não poderia dizer: "Infelizmente, não posso fazer nada!"

A cobiça surge e você a reprime. Aí estão os encantos de uma mulher estranha. Você não cede, afasta a mente, volta-se para o santuário da sua alma.

Aqui estão também espetáculos ruidosos e você os condena, preferindo a pureza da sua consciência. Não, você diz, não permito isto.

"Mas, como isso é bom!"

Eu não quero, tenho outros prazeres. *Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser*.

Por que fazer tanto com este corpo? Por que me exaltar tanto com esses prazeres insensatos, passageiros, efêmeros, vãos, nocivos e glorificá-los com tão vazia eloquência?

Para mim narraram seus prazeres iníquos. Como estes, a cobiça exibe seus prazeres diante de mim, *mas eles não são como vossa lei*[715], Senhor, pois, *deleito-me na Lei de Deus*, não por virtude minha, mas pela graça divina.

Ó, concupiscência! Manifeste-se em meu corpo! Nem por isso você sujeitará meu espírito. *É em Deus que eu ponho minha esperança. Nada temo. Que mal pode me fazer um ser de carne?*[716]

É em vão que a carne se agita, quando não dou meu consentimento, o consentimento da minha vontade.

É em Deus que eu ponho minha esperança. Nada temo. Que mal pode me fazer um ser de carne? Uma carne como a minha e como a de qualquer outro.

Então! É fazer nada, fazer tudo isso? Isto é fazer muito. Isto é fazer muitíssimo, mas não é efetuar.

O que é efetuar?

É estar em condições de dizer: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[717]

Aqui está então o sentido destas palavras: *O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*.

13 – Ainda estamos em tratamento.

Definitivamente, não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ele insiste: *Ora, se faço o que não*

quero... __ ele sente a concupiscência __ *já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita*. Eu aprovo então a *lei, quando quero fazer o bem*. Eu a acho boa. Sim, ela é uma coisa boa.

Como eu a aprovo? Ao querer cumpri-la.

Reconheço que a Lei é boa, porque o querer o bem está em mim, mas o pecado em mim habita.

Novamente aqui o *em mim*. Minha carne é estranha a mim. Ela não é de outra pessoa e nem de outro princípio. Será que minha alma veio de Deus e minha carne veio do "povo das trevas"? Seguramente que não.

A doença é o contrário da saúde. Eu sou o homem deixado no caminho semimorto[718]. Ainda estou em tratamento. Trabalha-se para curar todas as minhas *enfermidades*[719].

Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita.

Que pecado?

14 – A luta no mais íntimo do ser humano.

Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros, outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros.

Ele está então cativo, mas em sua carne. Cativo, mas em uma parte somente dele mesmo, pois sua alma resiste ao mal e se prende à Lei de Deus. É este o sentido que

devemos dar a estas palavras, se a entendemos como se referindo ao próprio Apóstolo.

Daí concluímos que, se a vontade não consente com as tentações, nem com as inspirações e nem com os afagos do pecado; se ela prefere, a esses prazeres, os prazeres que ela desfruta interiormente e que, com os primeiros, não tem nada de comparável; se ela não consente com eles, há em nós a vida e a morte; a morte trabalha, mas o espírito vive e resiste.

A própria morte não está em nós? Esta parte morta não faz parte de nós mesmos?

Você tem, então, que lutar ainda. O que você está esperando?

15 – A vida é curta e a separação entre o corpo e o espírito é inevitável.

Homem infeliz que sou! Se não no espírito, pelo menos na carne, pois não se é homem somente no espírito e não na carne. Quem, de fato, *jamais odiou a própria carne*[720]?

Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? O que significa isto, meus irmãos? O Apóstolo parece não querer ter mais corpo. Mas, que pressa é essa?

Se você aspira não ter mais corpo, a morte virá e seu último dia o afastará do seu corpo, sem nenhuma dúvida. É necessário reclamar tanto?

Por que então questionar: *Quem me livrará*? Um mortal, um moribundo pode falar assim?

Sim, sua alma um dia se separará do seu corpo. Sendo a vida curta, essa separação não está longe. Só a época é que é incerta, por causa dos acidentes que acontecem todo dia.

Assim, que se apresse ou se diminua o passo, toda vida humana é de curta duração. Há necessidade de reclamar e gritar: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*

16 – Na ressurreição, só os justos estarão livres do corpo.

Ele acrescenta: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Assim, os pagãos, que não tem a graça de Deus por Jesus Cristo Nosso Senhor, estarão isentos da morte? Eles se verão livres da carne no último dia? Eles serão livre do *corpo que acarreta a morte* naquele dia? Por que atribuir, como sendo um grande favor, à *graça de Deus, por Jesus Cristo*, a libertação do *corpo que acarreta a morte*?

Se compreendemos bem o sentido da fala do Apóstolo; ou melhor, como é certo que compreendemos bem, com a ajuda do Senhor, eis aqui o que responde a você o Apóstolo:

“Eu sei o que digo. Você afirma que os pagãos se livrarão do *corpo que acarreta a morte*, porque virá para eles o último dia de vida e eles se separarão dele. Mas virá igualmente o dia *em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz* (a voz de Cristo). *Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida*. Eles se libertarão do *corpo que acarreta a morte*. Da

mesma forma, *aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*[721]".

Ei-los então de volta ao *corpo que acarreta a morte*. Este corpo será devolvido ao ímpio para não mais deixá-lo. Isto não será a vida eterna, mas a morte eterna ou a pena eterna.

17 – O corpo dos santos será imortal depois da ressurreição.

Mas você, cristão, reze com todas as suas forças. Clame: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* E você obterá a resposta: "Sua salvação virá, não de você, mas do seu Senhor; da promessa divina que você recebeu. Espere que você possuirá, com Cristo, o próprio reino de Cristo. Você não tem seu sangue como garantia? Questione então e questione sempre: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*, para que você receba esta resposta: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*".

A libertação do *corpo que acarreta a morte* não consistirá em não tê-lo mais. Você o terá, mas ele não será mais um *corpo que acarreta a morte*. Ele será e não será o mesmo. Ele será o mesmo porque será a mesma carne, mas não será o mesmo, porque não será mais mortal.

Sim, essa libertação consistirá *em que este corpo corruptível* será *revestido da incorruptibilidade e este corpo mortal* será *revestido da imortalidade*[722].

De quem e por quem lhe virá essa transformação? D'*a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Com efeito, se por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem (e este é o motivo de nossas lágrimas, este é o motivo de nossas lamentações, esta é a causa de nossas lutas contra a morte e é este o princípio deste *corpo que acarreta a morte*) *em Cristo, todos reviverão*[723].

Você reviverá ao se reunir ao seu corpo que se tornou imortal e poderá dizer então: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[724]

Você estará então livre desse *corpo que acarreta a morte*. Não graças a você, mas pel'*a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Sermão 155 - O destino feliz do verdadeiro cristão.

De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo. A Lei do Espírito de Vida me libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte. O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito. Os que vivem segundo a carne gostam do que é carnal; os que vivem segundo o espírito apreciam as coisas que são do espírito.

Ora, a sabedoria da carne é a morte, enquanto a sabedoria do espírito é a vida e a paz. Porque o desejo da carne é hostil a Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode.
Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais mais na carne, mas no espírito, se realmente o Espírito de Deus habita em vós.
Se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é dele. Ora, se Cristo está em vós, o corpo, em verdade, está morto pelo pecado, mas o espírito vive pela justificação. Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.[725]

Análise

Este sermão é apenas a explicação dos onze versículos da leitura do Evangelho. Por consequência, Santo Agostinho nele mostra, como São Paulo, o quanto é feliz o destino do verdadeiro cristão.

De fato, apesar dos impulsos descontrolados que ele experimenta, ele não é culpado por eles e nem sujeito à condenação por causa deles, pois ele encontra, na Lei nova, a graça de não consentir com eles e esta graça é devida à imolação do Salvador, que se tornou vítima do pecado por amor a nós.

Tenhamos então o grande cuidado de viver a vida do espírito e não a vida da carne e de nos apoiarmos em Jesus Cristo e não em nós mesmos.

Por fim, o verdadeiro cristão, ao se aproveitar da graça evangélica nesta vida, chegará, certamente, à glória da ressurreição bem-aventurada depois de sua morte.

01 – Porque a concupiscência deve ser chamada de pecado.

A leitura que fizemos ontem do santo Apóstolo terminou com estas palavras: *Assim, pois, de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*[726].

Esta conclusão demonstra que, ao dizer um pouco antes: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita*[727], São Paulo quis dizer que não havia nele nenhum consentimento de sua vontade, mas somente a concupiscência de sua carne. É então essa concupiscência que ele chama de pecado, porque ela é a fonte de todos os pecados.

De fato, tudo o que há de mal em nossas palavras, em nossas ações e em nossos pensamentos provém de desejos descontrolados e prazeres culposos.

Mas, se resistimos a esses atrativos perversos, se não damos nosso consentimento a eles, se não transformamos nossos corpos em instrumentos deles, o pecado não reina em nossos corpos mortais. Seu reino, de fato, cai antes mesmo que ele seja aniquilado. Ele perde, nesta vida mesmo, todo império sobre os santos e, na outra vida, ele expira.

O pecado perde seu império quando não seguimos à reboque de nossas concupiscências e mais tarde ele expirará. Então exclamaremos: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[728]

02 – De que maneira, por ora, não há nenhuma condenação aos santos.

Depois então de haver dito: *De um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado*, não entregando os sentidos à iniquidade, mas experimentando sensações de concupiscência, sem, no entanto, dar as mãos a elas, o Apóstolo acrescenta: *De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo*[729].

Há condenação para aqueles que vivem na carne, mas, para aqueles que vivem em Jesus Cristo, absolutamente nenhuma.

Observem que ele fala aqui do que acontece neste momento e não do que acontecerá mais tarde. Esperem, para mais tarde, não sentirem a concupiscência, não terem mais que se esforçar e nem que lutar contra ela, não ter que lhe recusar seu consentimento, não ter que se sujeitar a ela e nem ter que domá-la. Esperem tudo isso para mais tarde, pois seguramente não haverá mais concupiscência.

Se então este corpo mortal se insurgisse contra nós, não seria falso dizer: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*

É isto então o que acontecerá mais tarde: *Então se cumprirão estas palavras da Escritura: "A morte foi tragada pela vitória" "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" Ora, o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*[730], pois, invés de extinguir o desejo, a Lei só faz estimulá-lo. Ela até mesmo o fortificou, ordenando literalmente, mas sem ajudar o espírito.

É isto então o que acontecerá mais tarde. Mas, e neste momento? Você quer saber? O Apóstolo acaba de dizer: "*Mas, então, não sou eu que faço*". Observem a expressão: *Mas, então*.

O que significa: *não sou eu que faço*? Eu não consinto com isso, eu não dou minha permissão, eu só digo não, eu rejeito sempre, eu reprimo meus sentidos.

Ora, isto é muito! Vindo a concupiscência da carne e os sentidos estando também na carne, quando o pecado ou a concupiscência não reina, é porque o espírito tem o império sobre os sentidos, para impedi-los de se tornarem órgãos de iniquidades, para que a própria concupiscência não estimule os membros carnais.

Sem dúvida que ainda são percebidos os estímulos dos sentidos e a concupiscência, mas é o espírito que governa, desde que ele seja, no entanto, apoiado pelo céu, pois, se deixarmos que ele resista muito à graça de Deus, nós fazemos dele não um rei, mas um tirano.

Se deixarmos então que ele governe, porque ele mesmo consente em ser governado, seu império se fortalece a tal

ponto sobre os sentidos e sobre a concupiscência, que ele se torna capaz de observar esta recomendação do Apóstolo: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites. Nem ofereçais os vossos membros ao pecado, como instrumentos do mal*[731].

03 – Ninguém se livra da lei do pecado se não for através da graça.

De agora em diante, pois, já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo[732]. Que eles não se preocupem em sentir ainda impulsos descontrolados. Que eles não se preocupem em sentir ainda em seus órgãos uma lei que se insurge contra a lei do espírito.

Já não há nenhuma condenação para eles. Mas, sob que condições? Sob que condições neste momento?

Que eles estejam *em Jesus Cristo*.

Mas, como conciliar isto com o outro pensamento expresso um pouco antes: *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[733]? O sujeito que sente aqui é a carne e não o espírito.

Mas, enfim, o que se tornou essa lei, se *não há* mais *nenhuma condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo*?

É que há uma *Lei do Espírito de Vida em Jesus Cristo*. Uma lei, mas não a Lei da letra dada no Monte Sinai. Uma lei, mas não aquela que repousa na decrepitude da letra,

mas a *Lei do Espírito de Vida em Jesus Cristo*. *Foi ela que me libertou da lei do pecado e da morte*.

Como você poderia se deleitar no íntimo do seu ser com a Lei de Deus, se essa *Lei do Espírito de Vida em Jesus Cristo* não libertasse você *da lei do pecado e da morte*?

Ó alma humana! Não se atribua nada. Não seja tão orgulhosa. Ou melhor, não seja orgulhosa de maneira alguma. Se você não dá seu consentimento aos desejos da carne, se a lei do pecado não faz você cair do trono é porque *Lei do Espírito de Vida em Jesus Cristo* libertou você *da lei do pecado e da morte*.

Essa libertação não veio da Lei sobre a qual foi dito: *Nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra*[734].

Mas, por quê? Essa Lei não foi escrita também pelo Dedo de Deus? E o Dedo de Deus não é o Espírito Santo?

Leia o Evangelho e você constatará o pensamento do Senhor expresso por estas palavras de um evangelista: *Se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios*[735]. E outro evangelista diz: *Se expulso os demônios pelo Dedo de Deus*[736].

Mas, se essa Lei antiga foi escrita também pelo Dedo ou pelo Espírito de Deus, pelo Espírito que venceu os magos do faraó e que os fez dizerem: *Isso é o Dedo de Deus*[737]; sim, se essa Lei, ou melhor, como essa Lei foi escrita também pelo Dedo ou pelo Espírito de Deus, por que não chamá-la de *Lei do Espírito de Vida em Jesus Cristo*?

04 – Qual é a lei do pecado e da morte?

De fato, não é esta Lei, a Lei do Monte Sinai que é chamada de lei do pecado e da morte. É chamada assim aquela que inspirou estes lamentos: *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[738].

Sobre a Lei mosaica é dito o seguinte: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*[739]. E o Apóstolo continua: *Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*[740].

O que revelam estas palavras: *o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso*? Elas significam que a violação da Lei se juntou ao pecado.

Por consequência, a Lei serviu para mostrar a fraqueza humana. Não sendo bastante, ela serviu também para mostrar o mal e para estimular, pelo menos, a busca pelo médico. O mal teria sido negligenciado, se ele fosse leve e, ao negligenciá-lo, não se teria recorrido ao médico e, ao não se recorrer a ele, não haveria a cura.

Assim então, *onde abundou o pecado, superabundou a graça*[741]. Ela apagou todos os crimes que ela encontrou e ela apoiou o esforço de nossa vontade para não mais pecar. Mas, não é ela mesma, mas Deus que deve ser aplaudido por nossa vontade, pois está escrito: *Era em Deus que, em todo o tempo, nos vangloriávamos*[742] e também: *Vanglorie-*

se a minha alma no Senhor. Ouçam-me os humildes e se alegrem[743].

Ouçam-me os humildes, pois os espíritos soberbos e questionadores não sabem ouvir.

Mas, por que não é essa Lei antiga, escrita também pelo Dedo de Deus, que comunica essa indispensável ajuda que falamos?

Por quê? Porque ela foi escrita em tábuas de pedra e não sobre as tábuas carnais do coração[744].

05 – A Páscoa verdadeira.

Enfim, meus irmãos, vejam a analogia profundamente misteriosa que une as duas Leis e a diferença que separa os dois povos.

O povo antigo, vocês sabem, celebrava a Páscoa imolando e comendo um cordeiro e pães ázimos. Essa imolação do cordeiro representava a imolação de Cristo e os pães ázimos representavam a vida nova, a vida que não conserva nada do antigo fermento.

Assim, o Apóstolo nos diz: *Purificai-vos do velho fermento, para que sejais massa nova, porque sois pães ázimos, porquanto Cristo, nossa Páscoa, foi imolado*[745].

O povo antigo não celebrava então a Páscoa à luz do dia, mas na sombra do mistério e cinquenta dias depois da Páscoa __ como todos podem verificar __ ele recebeu a Lei do Monte Sinai, escrita pelo Dedo de Deus.

Eis que vem o verdadeiro Cordeiro Pascal. Cristo é morto e nos faz, assim, passar da morte à vida.

A palavra hebraica *páscoa* significa *passagem*. É a isto que se referem estas palavras de um Evangelista: *Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai*[746]...

Então essa Páscoa é celebrada, o Senhor ressuscita e faz a Páscoa verdadeira ou a passagem da morte à vida. Depois, cinquenta dias se passam e o Espírito Santo, ou o Dedo de Deus, desce.

06 – A diferença entre as duas leis.

Vejam o quanto as circunstâncias são diferentes. No Monte Sinai o povo ficou afastado[747]. Havia medo e não amor[748]. Esse medo os levou mesmo a dizer a Moisés: *Fala-nos tu mesmo e te ouviremos, mas não nos fale Deus, para que não morramos*[749].

Deus desceu sobre a montanha, como relata a Escritura, mas no meio de chamas[750]. Por um lado, causando pavor no povo e, por outro, escrevendo com seu Dedo sobre a pedra[751] e não nos corações.

Quando, pelo contrário, o Espírito Santo desceu, os fiéis estavam reunidos e, invés de assustá-los no alto de uma montanha, ele entrou na casa deles. Do céu, é verdade, se ouviu *um ruído, como se soprasse um vento impetuoso*[752], mas esse ruído não causou terror.

Houve também fogo aqui. Na montanha também se viu fogo e se ouviu um ruído, mas o fogo na montanha era acompanhado de fumaça, enquanto que agora é um fogo sem fumaça.

Diz a Escritura: *Apareceu-lhes então como que línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles*. Este fogo os manteve ao longe, apavorados? De forma alguma, pois, *ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem*[753].

Escute essa língua que fala; é o Espírito Santo escrevendo, não em tábuas de pedra, mas nos corações. Esta é a *Lei do Espírito de Vida* __ escrita nos corações e não nas tábuas de pedra; dada por Jesus Cristo, o verdadeiro cordeiro pascal __ que *nos libertou da lei do pecado e da morte*[754].

Esta é a diferença clara que separa o Antigo do Novo Testamento.

Assim, o Apóstolo diz: *Escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações*[755]. E o Senhor diz, através de um Profeta: *Firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que concluí com seus pais no dia em que, pela mão, os tomei para tirá-los do Egito; aliança que violaram, embora eu fosse o Senhor deles.* Depois, assinalando com precisão a diferença essencial, ele acrescenta: *Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração*[756].

Se esta Lei está gravada nos corações, não há motivo para terrores vindos de fora. Desfrute, invés disso, de seus

encantos interiores e esta *Lei do Espírito de Vida* o libertará, *em Jesus Cristo, da lei do pecado e da morte*.

07 – A impotência da Lei para eliminar o pecado.

O que era impossível à Lei. Esta é a sequência do texto do Apóstolo.

O que era impossível à Lei. No entanto, que não se acuse a Lei, pois São Paulo acrescenta: *visto que a carne a tornava impotente*. Assim, ela ordenou o que não se podia cumprir, por causa das resistências insuperáveis que lhe opunha a carne sem a graça. Desta forma, a carne enfraqueceu o império da Lei.

"*Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado*[757]. Como então poderia me ajudar essa Lei que se contenta em ordenar na letra, mas não dá a graça?"

A carne a tornava impotente. Diante da impotência da Lei e da enfermidade da carne, o que Deus fez? *Deus enviou seu Filho*[758].

O que provocava a fraqueza e a impotência da Lei? *A carne a tornava impotente*.

O que fez então Deus? Deus opôs carne à carne. Ou melhor, enviou carne em socorro da carne e, ao destruir o pecado da carne, ele conseguiu libertar a própria carne.

Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne. A carne era real, mas não era uma carne de pecado.

O que significa: *uma carne semelhante à do pecado*? Que era realmente uma carne, uma carne verdadeira.

Mas, como ela era *semelhante à* carne *do pecado*? Como toda carne vem do pecado, toda carne de pecado está submetida à morte. Foi isto que fez o Apóstolo dizer que *o nosso velho ser foi crucificado com ele, para que fosse reduzido à impotência o corpo outrora subjugado ao pecado*[759].

Com a morte pesando assim sobre toda carne de pecado, encontra-se, em toda carne de pecado, o pecado e a morte; não somente a morte, mas a morte e o pecado.

Diferentemente, só havia a morte e não o pecado na *carne semelhante à do pecado*. Se o pecado estivesse nessa carne e se, por consequência, ela merecesse a morte que ela sofreu, o Salvador não teria dito: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[760].

"Por que me matar? Porque eu pago o que não devo"[761].

Assim, o Senhor fez pela morte o que ele fez pelo imposto. Pediram que ele pagasse o imposto chamado didracma. Perguntaram a Pedro: *Teu mestre não paga a didracma?* Pedro respondeu: *Paga sim*. Mas, ao chegar em casa, o Mestre perguntou a Pedro: *Que te parece, Simão? Os reis da terra, de quem recebem os tributos ou os impostos? De seus filhos ou dos estranhos? Pedro respondeu: "Dos estranhos". Jesus replicou: "Os filhos, então, estão isentos. Mas não convém escandalizá-los. Vai ao mar, lança o anzol e, ao primeiro peixe que pegares*

(como o primogênito dos mortos)*, abrirás a boca e encontrarás um estatere* (ou seja, dois didracmas ou quatro dracmas, pois se exigia, de fato, um didracma ou dois dracmas por pessoa)*. Toma-o e dá-o por mim e por ti”*[762].

O que significa *por mim e por ti*? O próprio Cristo e Pedro, a Igreja de Cristo, a Igreja dos quatro Evangelhos.

Há então aqui um mistério profundo. Cristo pagou o tributo sem ser obrigado a fazê-lo. Da mesma forma, ele sofreu a morte sem merecê-la. Se ele não tivesse pagado sem dever, ele nunca teria nos livrado de nossas dívidas.

08 – Cristo feito pecado.

O que era impossível à Lei, já que ela só gerou prevaricações, visto que a carne a tornava impotente e com a alma não convencida ainda de sua impotência e não recorrendo, assim, à ajuda do Salvador, *Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne*.

Mas, ele podia, sem ter pecado, condenar o pecado pelo pecado?

Nós já explicamos esta passagem[763]. No entanto, vamos reavivar as ideias daqueles que se lembram do que dissemos, informar àqueles que não estavam aqui e despertar a memória daqueles que se esqueceram.

Na antiga Lei chamava-se pecado o sacrifício oferecido pelo pecado. Este sentido é repetido constantemente. Não uma ou duas vezes, mas muito frequentemente os

sacrifícios feitos pelos pecados são chamados de pecados. É neste sentido que o próprio Cristo foi um pecado.

Diríamos então que Cristo tinha algum pecado? Deus nos livre disto! Ele foi sem pecado, mas foi um pecado. Sim, ele foi um pecado no sentido de que ele foi vítima pelos nossos pecados.

A prova disto pode ser vista nas próprias palavras do Apóstolo. Ele diz, ao falar do Senhor: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[764]. Esta é a mesma ideia que eu expus a vocês, quando expliquei esta passagem.

Aquele que não conheceu o pecado. No entanto, esse mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor, *que não conheceu o pecado*, Deus Pai *fez pecado por nós*.

Sim, Deus Pai fez pecado por nós o mesmo Jesus Cristo *que não conheceu o pecado, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*.

Observem aqui duas coisas. A justiça é de Deus, não nossa. Ela está nele e não em nós. É por ele que são formados os grandes santos, sobre os quais está dito em um Salmo: *Vossa justiça é semelhante às montanhas de Deus*[765]. *Vossa justiça* e não nossa. *Vossa justiça é semelhante às montanhas de Deus*.

Da mesma forma, *Para os montes levanto os olhos. De onde me virá socorro?* Este socorro não virá dos próprios montes, pois, *O meu socorro virá do Senhor, criador do céu e da terra*[766].

Então, de acordo com estas palavras: *Vossa justiça é semelhante às montanhas de Deus*, o Profeta supõe que se poderia perguntar: “Como explicar o nascimento daqueles que não participam dessa justiça de Deus?” E ele mesmo responde: *Vossos juízos são profundos como o mar*[767].

O que significa: *Profundos como o mar*? Significa que seus julgamentos são impenetráveis e inacessíveis à mente humana, pois, *impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus!*[768]

Foi assim que ele enviou seu próprio filho, para chamar, justificar e glorificar aqueles que ele conheceu em sua pré-ciência e predestinou para dizer às suas montanhas: *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*[769]

Deus, então, *enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós*.

A Lei então não foi suficiente para se fazer cumprir e Cristo deu então a graça para fazer isto, pois ele *não veio abolir a Lei ou os Profetas*. Ele não veio *para aboli-los, mas sim, para levá-los à perfeição*[770].

09 – Caminhar de acordo com a carne e de acordo com o espírito.

Mas, como e em que condições essa *justiça prescrita pela Lei* é *realizada em nós*?

Você quer saber? O Apóstolo diz: “Ela se realiza em nós, porque *não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito*”.

O que significa viver segundo a carne? Consentir com os desejos da carne.

E viver segundo o espírito? É ter a alma apoiada pelo espírito e não seguir as sensações carnais.

É desta forma que se realiza em nós a Lei, a justificação de Deus. Assim, de fato, observamos esta recomendação: *Não siga tuas concupiscências e refreia os teus apetites*[771]. Com isto entendemos aqui as concupiscências descontroladas.

Não siga tuas concupiscências e refreia os teus apetites. Isto é o que deve fazer nossa vontade, com a ajuda da graça de Deus. Ela não deve seguir à reboque das concupiscências.

Sem dúvida que todos os antigos pecados gerados em nós pela concupiscência __ pecados de ações, de palavras ou de pensamentos __ são apagados, extintos pelo santo batismo, pois esse grande perdão abrange tudo. Mas, nos resta lutar contra a carne. Mesmo que a iniquidade tenha sido extinta, a fraqueza não desapareceu. A concupiscência descontrolada permanece em nós e ela provoca.

Combata! Resista! Não consinta! Desta maneira você não vai seguir suas concupiscências. Mesmo que elas surjam em nós e se apresentem aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, sobre nossa língua e em nossa imaginação,

mesmo então não perdemos a esperança pela nossa salvação.

Por isto repetimos a cada dia: *Perdoai as nossas ofensas*[772], *para que a justiça, prescrita pela Lei,* seja *realizada em nós*.

10 – A sabedoria da carne e do espírito.

Mas, em nós quem? *Em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito*. De fato, *os que vivem segundo a carne gostam do que é carnal; os que vivem segundo o espírito apreciam as coisas que são do espírito. Ora, a sabedoria da carne é a morte, enquanto a sabedoria do espírito é a vida e a paz. Porque o desejo da carne é hostil a Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode*.

Como *a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode*?

Não é o próprio ser humano, não é a alma, não é a própria carne, enquanto criatura de Deus, que é incapaz disso; é a própria sabedoria da carne que não pode; é o vício e não a natureza que é incapaz disso.

É como se você dissesse: “Um coxo não caminha corretamente, pois ele não é capaz disso”. Como ser humano ele pode fazê-lo, sem dúvida nenhuma, mas não enquanto coxo. Se ele deixar de ser coxo, ele será capaz de fazê-lo e caminhará corretamente. Caso contrário, ele não consegue.

Da mesma maneira, a sabedoria da carne não pode ser submissa a Deus. Que o ser humano se livre dessa sabedoria e ele poderá ter essa submissão, pois, *a sabedoria do espírito é a vida e a paz.*

Desta forma, quando o Apóstolo diz: *a sabedoria da carne é hostil a Deus*, não acredite que essa inimizade seja capaz de prejudicar o Altíssimo. Ela é hostil a ele por resistir a ele e não por feri-lo, pois ela só fere aquele que ela controla, na medida em que ela é um vício e todo vício prejudica a natureza onde ele está instalado.

Para extinguir o mal e curar a natureza, o remédio foi inventado. O Salvador veio até o gênero humano e não encontrou ninguém saudável. Por esta razão este grande Médico veio.

11 – Curado o vício, está reparada a natureza.

Eu disse isto porque os maniqueístas, querendo colocar a natureza do mal como oposta a Deus, afirmam que este testemunho do Apóstolo, em certa medida, apoia o erro deles e entendem que é a esta natureza do mal que ele se refere quando diz: *o desejo da carne é hostil a Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode*.

Eles são cegos que não veem que não é da carne, nem do ser humano e nem da alma, mas da *sabedoria da carne* que está escrito: *e nem o pode*. Esta sabedoria é um vício.

Você quer saber o que é *a sabedoria da carne*? *É a morte*.

Mas o mesmo ser humano, a mesma natureza que ontem pensava segundo a carne, hoje pensa segundo o espírito. Expulso o vício, a natureza ficou curado. Enquanto essa natureza vivia segundo *a sabedoria da carne*, ela não poderia se submeter à Lei de Deus, da mesma forma como o coxo não pode andar corretamente enquanto ele permanece coxo. Mas, curado o vício, está reparada a natureza.

Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor[773].

12 – Não viver na carne.

Observem o que se segue: *Os que vivem segundo a carne* __ que colocam nela sua confiança, que seguem suas concupiscências, que se apegam a elas, que amam seus prazeres e que colocam nos prazeres carnais a alegria e a felicidade da vida __ *não podem agradar a Deus*.

De fato, as palavras: *Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus* não significam que as pessoas não podem agradá-lo enquanto estão nesta vida. Os santos Patriarcas não lhe agradavam? Os santos Profetas? Os santos Apóstolos? E os santos Mártires que, antes de deixarem seus corpos glorificando Cristo no meio de torturas, não somente espezinharam as seduções da carne, como também suportaram os suplícios com uma invencível paciência?

Todos eles foram agradáveis a Deus. Leiam! Eles não estavam na carne. Eles carregavam seus corpos sem serem arrastados por ele, pois eles tinham ouvido estas palavras

dirigidas ao paralítico: *Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa*[774].

Os que vivem segundo a carne não são então aqueles que vivem neste mundo, como eu acabei de explicar, mas são aqueles que se deixam levar pelas concupiscências da carne. Estes *não podem agradar a Deus*.

13 – Não viver na carne, mas no espírito.

Mas, escute o próprio Apóstolo resolver a questão sem deixar nenhuma sombra de dúvida. Certamente que ele falava a quem vivia ainda neste corpo. No entanto, ele acrescentou: *Vós, porém, não estais mais na carne, mas no espírito*.

Existe aqui alguém a que isto se aplique? No entanto, foi ao povo de Deus, foi à Igreja que São Paulo falou isto. Sem dúvida que ele estava escrevendo aos romanos, mas era à toda a Igreja que ele se dirigia. Era ao trigo e não à palha; ao bom grão escondido sob a palha e não à própria palha.

Cabe a cada um examinar seu coração. Nós falamos aos ouvidos, mas não lemos as consciências. Mas eu creio, no entanto, em nome de Jesus Cristo, que no povo de Deus há fiéis a quem se pode dizer, no sentido que acabamos de mostrar: *Vós, porém, não estais mais na carne, mas no espírito, se realmente o espírito de Deus habita em vós*.

Vós não estais mais na carne, pois não fazeis suas obras, seguindo suas concupiscências.

Vós estais no espírito, pois, interiormente, vós vos deleitais com a Lei de Deus.

Vós estais no espírito, se realmente o Espírito de Deus habita em vós, pois, se vos presumis de vosso próprio espírito, vós estais ainda na carne e, para não estar mais nela, é preciso estar no Espírito de Deus.

Se este Espírito vier a se afastar, o espírito humano, arrastado pelo seu próprio peso, recai na carne e retorna às obras das carne e às paixões do mundo. Seu estado final se torna então pior do que o inicial[775].

Mesmo conservando seu livre arbítrio, implore então o socorro do alto.

Vós não estais mais na carne? Foi graças às suas forças? De forma alguma. Foi graças a quem então? *Se realmente o Espírito de Deus habita em vós*.

Se alguém não possui o Espírito de Cristo, este não é dele. Não se vanglorie então, não se orgulhe, não se atribua nenhuma virtude própria, ó natureza humana indigente e corrompida!

Ó Adão! Antes de ficar doente, você caiu. Será por você mesmo que você se levantará?

Se alguém não possui o Espírito de Cristo. O Espírito de Deus é o Espírito de Cristo, pois ele é comum ao Pai e ao Filho.

Se alguém não possui o Espírito de Cristo, não tenha ilusão, pois, *este não é dele*.

14 – O que se deve esperar do corpo.

Mas, pela misericórdia divina, temos o Espírito de Cristo. Nosso amor pela justiça e a integridade de nossa fé, a nossa fé católica, nos indicam que temos o Espírito de Deus.

O que se tornará nosso corpo mortal? O que se tornará essa lei dos membros que se insurge contra a lei do espírito? O que se tornará este lamento: *Homem infeliz que sou*[776]?

Escutem: *Ora, se Cristo está em vós, o corpo, em verdade, está morto pelo pecado, mas o espírito vive pela justificação*.

É preciso se desesperar pelo nosso corpo, que está morto por causa do pecado? Não há mais esperança? Ele está *deitado, para não mais se levantar*[777]?

Longe disso! Se *o corpo está morto pelo pecado, o espírito vive pela justificação*.

Continua-se a se afligir por causa dessa morte do corpo. De fato: *Ninguém jamais odiou a própria carne*[778]. Somos testemunhas do cuidado que se tem com as sepulturas dos mortos.

Sim, *o corpo está morto pelo pecado*, mas, *o espírito vive pela justificação*.

Você disse isto para se consolar: “Eu gostaria realmente que meu corpo estivesse vivo, mas, como isto não pode ser, esteja vivo pelo menos meu espírito, esteja viva pelo menos minha alma”.

Espere! Não se preocupe!

15 – Aos fiéis é prometida a reintegração e a imortalidade da carne.

Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.

O que você teme? Qual é sua preocupação para com seu próprio corpo? *Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça*[779].

Adão, com seu pecado, condenou seus corpos à morte. Mas Jesus, se *seu Espírito habita em vós*, devolverá *a vida aos vossos corpos mortais*, já que, por vocês, ele deu seu sangue.

Como desconfiar do cumprimento desta promessa, quando vocês têm uma garantia tão preciosa?

Aqui está então como terminará essa luta e como será atendido este pleito: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[780]

Jesus Cristo, se *seu Espírito habita em* você, devolverá *a vida ao* seu *corpo mortal* e você se *livrará deste corpo que* te *acarreta a morte*. Não ficando sem corpo ou recebendo outro, mas não morrendo jamais.

Se a estas palavras: *Quem me livrará deste corpo* o Apóstolo não acrescentasse: *que me acarreta a morte*, a mente humana poderia se enganar e dizer: “Você vê claramente que Deus quer nos deixar sem corpos”. Então, o Apóstolo diz: *deste corpo que me acarreta a morte*. Expulse a morte e o corpo só terá o que é bom. Expulse a morte __ o

último inimigo que me resta __ e terei em minha carne uma amiga eterna.

Foi dito a nós: *Ninguém jamais odiou a própria carne*. E se *os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne*[781], se há agora divisão na família, não é que o marido procura a ruína de sua esposa; ele quer estabelecer a concórdia com ela.

Deus não queira, meus irmãos, que o espírito odeie a carne e se insurja contra ela! O que ele odeia são os vícios da carne, é a *sabedoria da carne*, é a guerra que lhe *acarreta a morte*.

Que este corpo então se revista da incorruptibilidade. *Quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade*[782], quando, *semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[783], você contemplará então a paz mais harmoniosa e você verá a criatura louvar seu Criador.

Assim, *se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós*. Não por causa dos seus méritos, mas por dádiva Dele.

Sermão 156 - A necessidade da graça.

Irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne. De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer, mas se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis, pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.

Porquanto, não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados[784].

Análise

A necessidade da graça é, de fato, a ideia principal que Santo Agostinho destaca na explicação dos versículos lidos.

Ao relembrar o que ele disse nos sermões precedentes, ele mostra que a graça é necessária para a justificação. A Lei não justifica; ela faz o pecador sentir sua impotência e o pressiona para implorar a mediação e o poder do Salvador.

Não basta ter sido justificado; é preciso, além disso, levar uma vida santa, viver segundo o Espírito de Deus e não segundo a carne.

O Espírito de Deus ou sua graça nos é igualmente indispensável para viver santamente e não somente, como afirmam alguns, para poder fazer o bem, pois sem a graça somos incapazes disso e nossa liberdade só pode nos conduzir ao mal.

Conclui-se então que, com a graça e a fidelidade à graça, devemos contar com a herança dos filhos de Deus e a posse e o desfrute de nosso Pai que está no céu. Assim, a graça é necessária para nos tirar do pecado, para nos ajudar a levar uma vida santa e para nos conduzir ao céu.

01 – Nas Escrituras, algumas expressões são inacessíveis e outras são manifestas.

A profundidade das palavras de Deus estimula nosso fervor, sem deixar de se fazer compreender, pois, se tudo nelas estivesse fechado, como penetraríamos as obscuridades? E, se tudo estivesse enterrado nelas, como a alma encontraria seu alimento e a força para sondar seus mistérios?

Ao explicar às suas caridades, com a ajuda que o Senhor quis nos conceder, as passagens precedentes do Apóstolo, nós tivemos muitas dificuldades e preocupações.

Nós nos compadecemos com as necessidades de vocês e fomos muito cuidadosos, não somente para com vocês, mas também para conosco mesmo. No entanto, se não estou enganado, o Senhor teve piedade de nós e, por nosso ministério, condescendeu jogar luzes sobre o que nos parecia mais impenetrável, de maneira a não deixar mais nenhum problema a ser resolvido na mente dos devotos.

Quanto aos ímpios, eles têm horror da própria evidência. Vemos esses infelizes profundamente pervertidos temendo conhecer para não se sentirem forçados a praticar. É sobre essas pessoas que é dito em um Salmo: *Renunciou a compreender para fazer o bem*[785].

Quanto a vocês, meus bem-amados, como convém que eu tenha ideias favoráveis sobre vocês, vocês pedem para compreender como Deus ordena que vocês façam o bem, pois, está escrito: *Compreender é bom para todos os que praticam*[786].

É verdade que nos resta explicar o que acaba de ser lido, mas ele não apresenta tanta dificuldade quanto a que encontramos no texto precedente e que, no entanto, sustentados pelas mãos de Deus, conseguimos transpor as passagens perigosas.

Todavia, é preciso que vocês ainda se esforcem, pois aqui é como a conclusão das proposições espinhosas em foi preciso tomar cuidado para não fazer do Apóstolo alguém coberto, de alguma forma, por todos os crimes, pois ele mesmo havia dito: *Não faço o que quero*[787].

Foi preciso também tomar cuidado para não acreditar, por um lado, que a Lei divina, com o livre arbítrio, basta para o ser humano, sem nenhuma ajuda do céu e, por outro lado, que ela foi dada inutilmente.

Foi por isso então que explicamos o bem que ela foi chamada a produzir, sem, no entanto, substituir a graça.

02 – A necessidade da graça como remédio.

Dissemos, de fato, vocês devem se lembrar e não tememos repetir com uma força e um cuidado novos: o objetivo da Lei era fazer com que o ser humano conhecesse ele mesmo. Não curá-lo, mas estimulá-lo a recorrer ao Médico, vendo as prevaricações se multiplicarem proporcionalmente à sua fraqueza[788].

Ora, que Médico é esse, se não é Aquele que disse: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes*[789].

Mas, da mesma forma como não reconhecer o Criador é negar com orgulho que se seja devedor da existência a alguém, assim também, negar que se esteja doente é pretender que um Salvador é inútil.

Mas nós, melhor inspirados, louvamos nosso Criador e, para curar as chagas com que nos infligimos, imploramos o Salvador.

E o que pediremos ao Salvador? Que nos dê uma Lei? Isto é muito pouco, pois, *se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei*[790].

Mas, se a Lei outorgada não podia comunicar a vida, por que dá-la? O Apóstolo continua, diz em que sentido ela foi promulgada e explica que, por mais inútil que fosse a Lei, ela nos ajuda a não nos considerarmos curados.

Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei, diz o Apóstolo. Prosseguindo, como se lhe tivéssemos perguntado: "Então para que serve a Lei?", ele diz: *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*[791]. Quando você ouvir a palavra *promessa*, espere aquele que a cumprirá.

A natureza humana conseguiu se ferir com seu livre arbítrio, mas, depois de ferida e maltratada, ela não pode ser curada pelo livre arbítrio.

Para viver na intemperança e ficar doente, você não precisa de médico. Você se basta para fazer mal a si mesmo. Mas, uma vez que você perdeu a saúde por causa da

intemperança, não é tão fácil para você recuperá-la da mesma maneira como foi fácil arruiná-la no desregramento.

O que digo? Mesmo quando se está bem de saúde, o médico não recomenda sobriedade? Se o médico é bom, ele não quer que a doença venha a fazer com que ele seja necessário.

Assim, depois de ter criado o ser humano sem uma tendência para o mal, o Senhor nosso Deus condescendeu lhe recomendar a temperança e se o ser humano tivesse sido fiel em observá-la, ele não teria precisado em seguida de chamar o Médico.

Infelizmente, por não ter mantido a temperança, ele caiu doente e, doente, ele criou __ ou melhor, gerou __ outros doentes.

No entanto, em todos aqueles que nascem assim, doentes, Deus não deixa de fazer tudo o que há de bom. É ele que dá ao corpo a forma e a vida, que o alimenta e que derrama a chuva e o sol sobre os bons e sobre os maus. Nem mesmo os maus podem se queixar de sua bondade.

Apesar de tudo, ele não quis deixar o gênero humano arruinado na morte eterna, por mais justo que isso fosse, por ele ter condenado a ele mesmo. Então, ele enviou um Médico, um Salvador, para curar o gênero humano gratuitamente, Para nos recompensar mesmo, depois de ter nos curado gratuitamente.

Nada se pode dizer diante de tanta bondade.

Nós vemos uma pessoa e lhe dizemos: “Deixe-me curar você e eu lhe pagarei por isto”?

Ah! Ele se aconselhou somente com seu próprio coração. Ele sabia muito bem que, ao vir a nós, ele era rico e nós pobres. Assim, ele nos curou de nossos males e, depois de ter nos curado, ele nos concedeu uma dádiva, que não é outra coisa além dele mesmo, se mostrando assim nosso Médico, quando estamos doentes e nossa recompensa, quando estamos curados.

03 – O uso legítimo da Lei.

Irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne; esta é a leitura de hoje. É por não vivermos nela que recebemos o socorro de Deus, o Espírito de Deus e, no meio de nossos trabalhos do dia a dia, solicitamos sua graça.

A Lei que ameaça não dá a força para fazer o que ela ordena. Assim, ela faz com que todos estejam sob a Lei, mas não sob a graça. Então, *a Lei é boa, contanto que se faça dela uso legítimo*[792].

O que é fazer *dela uso legítimo*? É, com ela, constatar as enfermidades que nos acometem e implorar, para nos curarmos, a assistência do céu.

Eu já disse e não custa repetir: *Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei*[793]. Então, não seria preciso procurar um Salvador, Cristo não precisaria ter descido e ele não teria resgatado, ao custo do seu sangue, suas ovelhas desgarradas.

De fato, vejam o que diz, em outra passagem, o mesmo Apóstolo: *Em verdade, se a justiça se obtém pela Lei, Cristo*

morreu em vão[794].

Mas então, para que serve a Lei; qual é a vantagem que ela nos proporciona? São Paulo diz: *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem. Assim a Lei se tornou para nós um pedagogo encarregado de levar-nos a Cristo*[795].

Observem esta comparação; ela explica meu pensamento. Um pedagogo não mantém uma criança junto a ele; ele a conduz ao mestre. Quando a educação da criança se conclui, ela não está mais sob a autoridade do seu pedagogo.

04 – A utilidade da Lei.

O Apóstolo também trata deste tema em outra passagem, pois ele retorna a ela muito frequentemente. Se ao menos não houvesse surdos!

Frequentemente então ele retorna a este tema e recomenda aos gentios as vantagens da fé. É pela fé que se obtém a graça de cumprir a Lei. Não é pela Lei, é pela fé que se obtém a força para isso. Se o Apóstolo insiste tão recorrentemente nesta verdade é porque ele estava diante de judeus que tinham orgulho de ter a Lei e que pensavam que o livre arbítrio lhes bastava para cumpri-la.

Ora, ao acreditarem assim que o livre arbítrio bastava para cumprir a Lei, eles desconheciam *a justiça de Deus*, eles ignoravam que ela vem de Deus *e, procurando estabelecer a sua própria justiça*, eles estavam convencidos

de que a deviam a eles mesmos e não a deviam por tê-la pedido com fé e assim, *não se sujeitaram à justiça de Deus. Por que Cristo é o objetivo da Lei, para justificar todo aquele que crê*[796], conclui o Apóstolo.

Ao tratar desta forma este tema, ele se coloca este questionamento: *Então, o que é a Lei?* Qual é então sua utilidade? E ele responde: *É um complemento ajuntado em vista das transgressões*[797]. Em outros termos, como ele diz em outra passagem: *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*. Mas também, ele prossegue: *onde abundou o pecado, superabundou a graça*[798].

O mal parecia muito leve e se negligenciava recorrer aos remédios. O mal então se agravou e procurou-se finalmente o médico.

Então, o que é a Lei? É um complemento ajuntado em vista das transgressões e que visava curvar o orgulho dos espíritos soberbos que presumiam muito deles mesmos e que tinham, de suas vontades, uma ideia muito exagerada, acreditando que seus livres arbítrios bastavam para torná-los justos.

Infelizmente, no entanto, quando, no Paraíso terrestre, essa liberdade estava ainda com toda sua força, ela mostrou do que ela era capaz: capaz de cair, mas não de se levantar.

Desta forma, a Lei foi estabelecida *em vista das transgressões, até que viesse a descendência a quem fora feita a promessa. Foi promulgada por anjos, passando por um mediador*[799].

05 – A necessidade de um Mediador.

Mas não há mediador, tratando-se de uma só pessoa e Deus é um só[800].

O que significa: *não há mediador, tratando-se de uma só pessoa*? Que só pode haver mediador entre dois e, se Deus é um só e *não há mediador, tratando-se de uma só pessoa*, é entre Deus e quem que nós procuramos um mediador?

O que quer dizer então: *não há mediador, tratando-se de uma só pessoa*? O Apóstolo vai nos ensinar, pois, em outra passagem, ele diz: *Há um só mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo, humano*[801].

Se você não tivesse caído, você não precisaria de um mediador. Mas, como você está por terra, sem poder se levantar, Deus, num certo sentido, ofereceu seu próprio braço como mediador. *A quem foi revelado o braço do Senhor?*[802]

Mas, que ninguém resolva dizer: "Já que não estamos mais sob a Lei, mas sob a graça, pequemos o quanto quisermos e façamos o que bem quisermos". Falar assim é amar a doença e não a saúde.

A graça é um remédio. Querer estar sempre doente é rejeitar o remédio.

"Assim, irmãos, depois de termos recebido o remédio divino; depois que Deus, do alto do céu, nos ofereceu seu socorro, seu braço sagrado, com a assistência do Espírito Santo; *irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne*".

A fé, aliás, só pode fazer o bem através do amor e é por isso que a fé dos fieis se distingue da fé dos demônios, já

que, *também os demônios creem e tremem*[803].

06 – A alma deve estar sujeita a Deus e a carne à alma.

Irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne. De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer. Não que a carne seja má por natureza, já que ela também é obra de Deus, formada por Deus tanto quanto a alma, sem ser, como ela, uma parte de Deus, mas sua obra, como ela.

Não, a carne não é má por natureza. O que é mau é viver segundo a carne. Deus é soberanamente bom, porque ele é o Ser soberano, como ele diz nestas palavras: *Eu sou aquele que sou*[804].

Deus então é soberanamente bom. A alma, por sua vez, é um grande bem, mas ela não é o bem soberano. Ora, quando eu digo que Deus é soberanamente bom, não creia que eu fale somente do Pai. Eu falo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pois estes três são um só. Um só Deus e este Deus é o Deus soberanamente bom.

É neste sentido que Deus é um e é assim que você deve responder, quando questionarem você sobre a Trindade, mas, sem acreditar que a pessoa do Pai seja a mesma do Filho e a do Espírito Santo. Não é assim. O Pai, na Trindade, não é o Filho, o Filho nela não é o Pai e o Espírito Santo não é nela também o Pai e nem o Filho, mas o Espírito do Pai e do Filho. Sim, ele é realmente o Espírito do Pai e do Filho; coeterno ao Pai e ao Filho; consubstancial, igual a um e a

outro. Esta é toda a Trindade, este é o Deus único e soberanamente bom.

Quanto à alma, como eu já disse, ela foi criada por esse soberano Bem e, sem ser o soberano bem, ela é um grande bem.

Quanto à carne, ela não é nem um soberano bem e nem um grande bem, mas um bem de ordem inferior.

Assim, a alma é um grande bem, sem ser o soberano bem e ela vive entre o bem soberano e o bem de ordem inferior. Em outros termos, ela vive entre Deus e a carne; inferior a Deus, mas superior à carne.

Por que então ela adequaria sua vida ao bem inferior e não ao bem supremo? De forma mais clara: “Por que ela não vive segundo Deus, mas segundo a carne?” Pois ela não é devedora da carne, para viver segundo a carne.

A carne é que deve viver segundo a alma e não a alma viver segundo a carne. A carne não deve adequar sua vida ao princípio de sua vida? Isto não é um dever, tanto para a carne quanto para a alma?

A carne não é sua própria vida; a alma é a vida da carne. A alma também não é a vida da alma; é Deus que é.

Portanto, obrigada a viver segundo Deus e não segundo a carne, a alma degenera, se vive segundo ela mesma e, se ela viver então segundo a carne, ela progride?

Mas, para que a carne tenha razão em conformar sua vida à da alma, é preciso que a alma, por sua vez, conforme sua vida à vontade de Deus.

O que aconteceria, de fato, se a alma quisesse viver, não segundo a carne, mas segundo ela mesma, como eu acabo de dizer?

Vou mostrar para vocês, pois é bom, é mesmo muito vantajoso que vocês saibam.

07 – Os que vivem segundo a carne e os que vivem segundo a alma.

Houve filósofos profanos que só colocavam a felicidade em viver segundo a carne e só viam o bem para o ser humano nos prazeres do corpo. Chamado Epicuro, seu fundador e mestre, eram chamados epicuristas esses filósofos e seus semelhantes.

Houve outros que, cheios de orgulho, se elevavam, num certo sentido, acima da carne e colocavam em suas almas toda esperança de felicidade, fazendo consistir o soberano bem em suas próprias virtudes.

A piedade de vocês reconheceu aqui uma expressão dos Salmos. Vocês sabem, vocês veem, vocês se lembram como lá são cobertos de zombaria aqueles que *confiam em suas virtudes*[805].

Assim foram os filósofos chamados estoicos. Os primeiros viviam segundo a carne e estes segundo a alma. Nem um nem outro vivia segundo Deus.

Era em Atenas, principalmente, que estas seitas agiam e discutiam. O apóstolo Paulo foi até lá, como lemos no livro dos Atos dos Apóstolos e eu fico feliz em ver que os conhecimentos de vocês e suas lembranças lhes permitem

antecipar o que quero dizer. Assim, neste livro está escrito: *Alguns filósofos epicuristas e estoicos conversaram com ele*[806].

Portanto, aqueles que viviam segundo a carne e aqueles que viviam segundo a alma conversaram com um homem que vivia segundo Deus.

Minha felicidade, disse o epicurista, é desfrutar da carne. Minha felicidade, respondeu o estoico, é desfrutar do meu espírito. *Mas, para mim, a felicidade é me aproximar de Deus, é pôr minha confiança no Senhor Deus*[807], disse o Apóstolo.

Feliz é aquele que desfruta das volúpias da carne, disse o epicurista. Mais feliz é aquele que desfruta das virtudes de sua alma, clamou o estoico. *Para mim, a felicidade é pôr minha confiança no Senhor Deus*, rebateu o Apóstolo.

O epicurista está errado. É falso que o ser humano seja feliz desfrutando das volúpias da carne. O estoico também está enganado, pois é falso, absolutamente falso que o ser humano seja feliz por desfrutar das virtudes de sua alma. Feliz então, é aquele que põe sua *confiança no Senhor Deus*. E, como esses filósofos são tão vaidosos quanto mentirosos, o autor sagrado acrescenta: *e não volta seus olhares para vaidades e insanidades falsas*[808].

08 – A alma que vive em si mesma é carnal.

Portanto, *irmãos, não somos devedores da carne, para que vivamos segundo a carne*, como fazem os epicuristas.

O que digo? Ainda que a alma queira viver segundo ela mesma, ela se tornará carnal, caindo, sem poder se levantar, nas aflições carnais. E, como ela se levantaria, se ela não agarra o braço libertador que lhe é estendido?

Se viverdes segundo a carne, diz o Apóstolo. Observem que nas palavras: *Não temo o que pode me fazer a carne*[809]. *Não temo o que pode me fazer o ser humano*[810], carne e ser humano são sinônimos.

Se viverdes segundo a carne, haveis de morrer. Não a morte que separa a alma do corpo, já que você morrerá desta maneira, mesmo vivendo segundo o espírito, mas a morte que fala o Senhor desta maneira terrível, quando ele diz no Evangelho: *Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode precipitar a alma e o corpo na Geena*[811].

Portanto, *se viverdes segundo a carne, haveis de morrer*.

09 – Nossa tarefa nesta vida deve ser a mortificação da carne.

Mas se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis. Nossa tarefa nesta vida é então, mortificar pelo espírito as obras da carne, reprimi-las, restringi-las, pressioná-las, eliminá-las a cada dia.

Quantas paixões outrora agradáveis se tornaram insípidas para quem fez algum progresso! Elas foram mortificadas quando se resistiu a elas, apesar dos seus

encantos e agora que elas não possuem mais atrativos, elas estão como que mortas.

Espezinhe esse cadáver e corra para o que ainda está vivo. Espezinhe esse inimigo estendido sem vida e vá lutar contra aquele que ainda resiste, pois, se há paixões mortas, há outras que ainda vivem. Você mortificará estas não dando seu consentimento a elas e, quando para você elas não tiverem mais nada de encantador, será porque você as exterminou.

Esta é a nossa tarefa. É nisto que deve consistir a luta para nós. Luta laboriosa em que temos Deus como espectador e para quem imploramos ajuda, quando combatemos com coragem. Sem sua ajuda, de fato, não podemos vencer e nem mesmo podemos combater.

10 – A presunção de si deve ser evitada na mortificação da carne.

Assim, observem o que acrescenta o Apóstolo: *Mas se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*. Em outros termos: “Vivereis se mortificardes pelo Espírito as concupiscências carnais que é tão glorioso não seguir e tão perfeito não sentir mais as obras corrompidas da carne que procuram vossa morte”.

Ora, era de se temer que todos viessem a contar com seu próprio espírito para repelir os assaltos da carne, pois, não somente se diz que Deus é um Espírito, mas se diz também que a alma, que a inteligência são espíritos, como nestas palavras: *De um lado, pelo meu espírito, sou*

submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado[812], por que *Os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros*[813].

Então, nas ações de mortificação da carne, seu espírito não deve presumir que é capaz de dar morte às obras da carne, para que não pereça por causa da soberba, pois, *Deus resiste aos soberbos, mas concede sua graça aos humildes*[814].

E, para afastar de você essa soberba, eis o que o Apóstolo acrescenta. Depois de haver dito: *Se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*, para afastar do espírito humano a ideia de se levantar e se acreditar suficientemente poderoso e forte para conseguir essa vitória, ele acrescenta logo em seguida: *pois todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*.

Por que você quer se exaltar, ao ouvir estas palavras: *Se, pelo Espírito, mortificardes as obras da carne, vivereis*? Você ia dizer: “Para isso, só preciso da minha vontade e do meu livre arbítrio”.

Infelizmente, o que pode sua vontade? O que pode seu livre arbítrio? Se Deus não conduzir você, você cai e permanece caído, se ele não levantar você.

Como então contar com seu espírito, quando o Apóstolo clama para você: *São filhos de Deus todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus*. Você ainda quer se conduzir, conduzir você mesmo na mortificação da carne?

Mas, o que lhe serve não ser um epicurista, se você é um estoico? Seja você um epicurista ou um estoico, você não é um dos filhos de Deus, *pois, são filhos de Deus todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus*.

Não são aqueles que vivem segundo a carne, nem aqueles que vivem segundo seu próprio espírito, nem aqueles que seguem os atrativos da carne e nem aqueles que se deixam levar pelo seu próprio espírito, mas *são filhos de Deus todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus*.

11 – Sejamos guiados e nos movamos rumo ao bem.

Alguém me interrompe aqui e questiona: “O que fazemos, se não conduzimos a nós mesmos?”

Eu respondo: não apenas você age, quando é conduzido, como você age melhor, quanto melhor você é conduzido, pois é o Espírito de Deus que o conduz e o ajuda a agir bem. Ele toma, com relação a você o título de adjutor (auxiliar), para mostrar para você que você age com ele.

Reflita sobre o que você pede e reflita sobre o que você professa, quando lhe diz: *Vós sois o meu adjutor, não me rejeiteis*[815]. Sim, você invoca Deus como seu auxiliar, mas, não se ajuda quem não faz nada.

Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus. Conduzidos não pela letra, mas pelo Espírito. Conduzidos não pela Lei que ordena, que ameaça, que promete, mas

pelo Espírito que estimula, que ilumina e que ajuda aqueles que *são filhos de Deus*.

Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus[816], diz o mesmo Apóstolo. Se você não for um operador, Deus não pode ser seu cooperador.

12 – Nenhum bem é possível sem a ajuda de Deus.

Mas, tenham aqui muito cuidado! Que os espíritos de vocês não digam: “Se Deus retirasse sua cooperação e sua ajuda, eu posso realizar. Ainda que com cansaço, ainda que com dificuldade, eu posso realizar”. Seria como se dissesse: “Remando chegaremos ao porto com alguma dificuldade”.

Ah! Se o vento nos ajuda, como fica mais fácil!

Mas não é esta a natureza do socorro que recebemos do Pai, que recebemos do Filho e que recebemos do Espírito Santo. Não podemos, sem este socorro, fazer absolutamente nenhum bem. É verdade que você age sem ele com liberdade, mas você age mal. É para isto que pode servir a você essa vontade que você considera livre e que, ao fazer o mal, se torna uma escrava digna de condenação.

Quando eu digo que sem a ajuda de Deus você não faz nada, eu quero dizer nada de bom. A sua vontade é livre, é suficiente para fazer o mal e sem a ajuda de Deus. No entanto, ela não é livre, pois *o ser humano é feito escravo daquele que o venceu*[817]. Além disso, *todo aquele que se*

entrega ao pecado é seu escravo[818]. E, por fim, *se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*[819].

13 – A graça não é necessária somente para que se possa agir mais facilmente, mas para agir de forma absoluta.

Acreditem então que, ao agirem assim, vocês agem através da boa vontade. Desde que vocês nascem vocês agem. O Espírito Santo não ajudaria vocês se vocês não trabalhassem e se vocês não agissem como operadores ele não lhes serviria como cooperador. Não se esqueçam, no entanto, que vocês só fazem o bem na medida em que vocês o tem como cooperador e que sem ele vocês não podem fazer absolutamente nenhum bem.

Mas, não falamos como certas pessoas que se viram forçadas a reconhecer a graça e que, portanto, bendizemos Deus por este reconhecimento tardio, pois, se continuarem avançando, eles poderão chegar à verdade.

Eles dizem então que, se a graça de Deus nos ajuda é para agir mais facilmente e aqui estão algumas de suas expressões: “O objetivo pelo qual Deus dá ao ser humano sua graça é para torná-los capazes de cumprir mais facilmente, com a graça, o que são obrigados a fazer com seu livre arbítrio”[820].

A navegação é mais fácil com velas do que com remos, mas os remos, no entanto, são suficientes. Viaja-se mais facilmente à cavalo do que à pé, mas os pés, no entanto, nos levam ao nosso objetivo.

Não é assim. Escutem o próprio Mestre da Verdade, o Mestre que não bajula e não engana ninguém, o Mestre que ensina e que salva ao mesmo tempo e a quem nos conduziu um importuno pedagogo.

Ao falar das boas obras, que ele compara aos frutos dos sarmentos e dos ramos da vinha, ele não diz: “Vocês podem sem mim fazer qualquer coisa, mas comigo vocês fazem mais facilmente”. Ele não diz também: “Vocês produzirão frutos sem mim, mas comigo vocês produzirão mais”.

Ele não diz nada disso. Então, o que ele diz? Leiam, no santo Evangelho, diante de quem se abaixam as cabeças soberbas. Nele vocês não verão que a doutrina de Agostinho é diferente da doutrina do Senhor.

O que diz então o Senhor? *Sem mim nada podeis fazer*[821].

Neste momento, quando vocês ouvem estas palavras: *todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*, não se deixem abater. Vocês, empregados para a construção do seu templo, Deus não os toma como pedras sem movimentos, que são erguidas e colocadas pelo pedreiro.

Não são deste tipo as pedras vivas. *É nele que também vós outros entrais conjuntamente, pelo Espírito, na estrutura do edifício que se torna a habitação de Deus*[822].

Desta forma, quando ele conduzir vocês, corram. Sigam, quando ele conduzir vocês. Nem por isso será menos verdadeiro que, sem ele, vocês não podem fazer

nada, pois, *a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[823].

14 – A Lei antiga e a Lei nova.

Talvez vocês digam: “A Lei nos basta”.

A Lei inspira medo. Mas, veja o que acrescenta o Apóstolo. Ele diz: *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*. Como ser conduzido pelo Espírito Santo é agir conduzido pelo amor e como *o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[824], ele conclui: *não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor*[825].

O que quer dizer *ainda*? Como no tempo em estavam sob o jugo do pedagogo importuno.

O que quer dizer *ainda*? Como no tempo em que, no Monte Sinai, você recebeu o espírito de servidão.

Talvez me digam: “O espírito que torna escravo não pode ser o mesmo espírito que liberta”.

Se ele fosse outro, o Apóstolo não empregaria a palavra *ainda*.

O Espírito é o mesmo, portanto, mas, na primeira vez, ele escreveu em tábuas de pedras, para provocar o medo e, na segunda vez, sobre tábuas do coração, para impregnar de amor.

Vocês que estiveram aqui anteontem se lembram de como o povo se manteve afastado no Monte Sinai e como o barulho, o fogo e a fumaça na montanha o congelou de pavor[826] e, como, ao contrário, o Espírito de Deus, ou o

Dedo de Deus, desceu no quinquagésimo dia após a Páscoa e pousou sob a forma de línguas de fogo sobre cada um dos discípulos[827]. Não havia então medo, mas amor. Não era mais para nos fazer de escravos, mas para fazer de nós filhos.

Fazer o bem por medo de castigo, não é amar Deus, não é ser ainda um dos seus filhos e, no entanto, se todos, pelo menos, tivessem medo de sua severidade!

O medo é um escravo, o amor é livre. Ousarei mesmo dizer que o medo é um escravo do amor.

Para afastar o diabo do seu coração, faça seu escravo caminhar na frente e que ele guarde lugar para seu futuro senhor.

Aja, aja por medo do castigo, se você não pode ainda agir por amor à justiça.

Virá o senhor e o escravo irá embora, pois, *o perfeito amor lança fora o temor*[828] e *não recebestes um espírito de escravidão, para viverdes ainda no temor*.

Estamos agora sob o Novo Testamento e não sob o Velho. *Passou o que era velho e eis que tudo se fez novo! Tudo, no entanto, vem de Deus*[829].

15 – Aba e Pai; dois povos em Cristo.

O que lemos em seguida? É como se o Apóstolo ouvisse você perguntar: “O que recebemos?” Então ele acrescenta: *Não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!*

Teme-se um senhor, ama-se um pai. *Recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!*

Este clamor vem do coração e não da boca e nem dos lábios. Ele ressoa no interior, ressoa nos ouvidos de Deus. Foi assim que gritou Suzana, sem abrir a boca e sem mover os lábios[830].

Recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai! Cabe ao coração gritar: *Pai Nosso que estais no céu!*[831]

Mas, por que não dizer somente: *Pai*? Por que dizer: *Aba, Pai*?

Se você perguntar o que significa *Aba*, responderão que significa *Pai*. Este é seu sentido em hebraico.

Por que o Apóstolo empregou este dois termos ao mesmo tempo?

É que ele tinha em vista *a pedra rejeitada pelos arquitetos* e que *se tornou a pedra angular*[832]. Ele sabia que ela só recebe este nome porque reúne e faz abraçar duas paredes que chegam de direções opostas.

Essas duas paredes são a circuncisão e a gentilidade, tão mais afastadas uma da outra quanto mais distantes estão da pedra angular e tão próximas quanto mais próximas estão da pedra angular, onde se unem intimamente[833].

É ele a nossa paz; ele, que de dois povos fez um só[834]. Ele formou, com a circuncisão e a gentilidade, um só. Estas duas paredes são a glória da pedra que os une.

Recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!

16 – O espírito é um depósito e não uma promessa.

Se esta é a garantia, como será a realidade? Não devemos falar de garantia, mas sim de antecipação, pois se devolve a garantia quando se recebeu o objeto garantido por ele, enquanto que se conserva a antecipação, quando se toma posse do que se esperou. A antecipação é então uma parte do que foi prometido.

Que todos então entrem em seus corações e examinem se é do fundo de suas almas, se é com um amor sincero que se clama: *Pai!*

Não se trata neste momento de saber a extensão do seu amor. Se ele é grande, pequeno ou médio. Mas, trata-se de saber pelo menos se você o tem.

Se você o tem, ele crescerá secretamente e, ao crescer, ele se aperfeiçoará e, uma vez aperfeiçoado, ele sobreviverá, pois, uma vez aperfeiçoado, ele não envelhece, para ir da velhice à morte. Quando ele se aperfeiçoa é para sobreviver eternamente.

Escute, de fato, o que se segue: *Clamamos: Aba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus.* Não é nosso espírito que *dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus*. É o próprio Espírito de Deus. Esta é a antecipação que nos garante o cumprimento da promessa.

O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus.

17 – A herança dos filhos de Deus.

E, se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo.

Não se é chamado de filho em vão. Há uma recompensa para isto, que é a herança. Eu não tive razão em dizer para vocês agora à pouco que, não contente em nos dar a saúde, nosso Médico condescendeu também nos oferecer uma recompensa por no-la ter dado?

No que consiste esta recompensa? Em ser seus herdeiros.

Esta é uma herança bem diferente das heranças humanas! Um pai somente passa seus bens para seus filhos; ele não os possui em conjunto com os filhos. No entanto, ele acredita fazer muito e quer que o agradeçam por desejar doar o que ele não pode levar.

O que um pai pode levar ao morrer? Se ele pudesse levar, ele deixaria aqui alguma coisa para sua família?

Mas, é Deus mesmo a herança dos seus herdeiros! Assim, está escrito sobre ele em um Salmo: *Senhor, vós sois a minha parte da herança*[835].

Sim, herdeiros de Deus! Se isto não é o suficiente para vocês, aqui está o que levará a felicidade de vocês ao ápice: *Herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo*.

Sermão 157 - A esperança cristã.

Pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, porque o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos[836].

Análise

A esperança cristã pede que, afastados das coisas presentes, fixemos nossos olhares nos bens futuros. É verdade que é preciso, para isto, coragem e paciência, mas a visão da glória do Salvador não nos diz o destino feliz que nos espera, se permanecermos fiéis em imitar seus exemplos?

É verdade também que os mundanos riem de nossa esperança e se vangloriam de sua felicidade, mas há algo mais fugidio, de mais incerto e de mais vão do que seus prazeres?

Por outro lado, quantos acontecimentos que testemunhamos nos garantem a fidelidade com a qual Deus cumprirá as promessas que nos foram feitas?

01 – A esperança cristã diz respeito à realidade eterna.

Suas santidades se lembram, meus caríssimos, que o Apóstolo disse: *Pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, porque o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos*.

Aqui então, o Senhor nosso Deus nos convida a dirigir a vocês algumas palavras de encorajamento e de conforto. É a ele que dizemos em um Salmo: *Vós sois minha esperança, meu quinhão na terra dos vivos*[837].

Ele então, que é nossa *esperança na terra dos vivos*, nos ordena estimular vocês, na terra dos moribundos, a não fixarem seus olhares no que se vê, mas no que não se vê, *pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas*[838].

Então, já que esperamos assim o que não vemos e esperamos com paciência, há o direito de ser dirigida a nós estas palavras de um Salmo: *Espere no Senhor e seja forte! Fortifique o seu coração e espere no Senhor!*[839]

As promessas do mundo são sempre enganosas, enquanto que as promessas divinas jamais enganam.

No entanto, o mundo parece ter que dar o que ele promete aqui mesmo, na terra dos moribundos onde estamos. Deus, pelo contrário, só nos coloca em posse do que nos oferece na terra dos vivos. Daí vem que muitos se cansam de esperar Aquele que não pode induzi-los em erro, mas não se envergonham em se apegar ao que só faz enganá-los.

É desses cegos que a Escritura fala em uma de suas passagens: *Ai daqueles que perderam a paciência, que saíram do caminho reto e se transviaram nos maus caminhos*[840]!

Além disso, quando se age com coragem e se espera Deus com resolução, é-se constantemente ultrajado pelas

vítimas da morte eterna que não param de apregoar suas alegrias efêmeras; alegrias pérfidas que só lisonjeiam por um instante para logo em seguida ultrapassarem o fel em amargura.

Eles repetem: “Onde está o que é prometido a vocês para depois desta vida? Quem veio do pós-vida para assegurar a vocês que suas esperanças são fundamentadas? Nós, pelo menos, sabemos desfrutar dos nossos prazeres, pois esperamos o que vemos. Mas vocês, que acreditam no que vocês não veem, vocês só sabem se imporem abstinências e torturas”.

Depois, eles acrescentam, como lembrou São Paulo: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*[841].

Observem, no entanto, contra o que o Apóstolo nos previne. Ele diz: *Não vos deixeis enganar: más companhias corrompem bons costumes. Despertai, como convém e não pequeis!*[842]

02 – A necessidade da paciência e da mansidão.

Tomem cuidado, meus irmãos, para que conversas assim não corrompam seus costumes, não abatam suas esperanças, não enfraqueçam suas paciências e não joguem vocês *nos maus caminhos*.

Pelo contrário, sejam mansos e dóceis, para seguirem os caminhos retos, aqueles que o Senhor mostra para vocês e que são mencionados desta maneira no Salmo: *O Senhor é bom e reto, por isso reconduz os extraviados ao caminho*

reto. Dirige os humildes na justiça e lhes ensina a sua via. Todos os caminhos do Senhor são graça e fidelidade, para aqueles que guardam sua aliança e seus preceitos[843].

De fato, para praticar sempre, no meio das provas da vida, a paciência, sem a qual é impossível conservar a esperança da felicidade futura, é absolutamente necessário ser manso e dócil e não resistir à vontade de Deus; do Deus cujo jugo é suave e o fardo é leve, mas para aqueles que acreditam nele, que esperam nele e que o amam.

Se vocês são assim, mansos e dóceis, vocês não apenas amarão as consolações de Deus, como também, como bons filhos, vocês saberão suportar também os golpes do seu chicote e esperar com paciência o que vocês esperam sem ver.

Ajam, ajam assim, pois é Cristo que vocês seguem e ele disse: *Eu sou o caminho*[844].

Aprendam com seus exemplos e com suas palavras de que maneira vocês devem segui-lo. Ele é o Filho único do Pai e o Pai não o poupou, mas o entregou por nós todos[845], sem que o Filho recusasse ou resistisse, pois ele quis o que seu Pai quis, tendo com ele uma só e mesma vontade, na igualdade da divina natureza; igualdade que lhe permitiu, sem usurpação, se igualar a Deus.

Portanto, que incomparável obediência ele praticou na natureza de escravo que assumiu, ao se aniquilar![846]

Ele *nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor*[847].

Portanto, assim como o Pai não poupou seu próprio filho e o entregou por nós todos, da mesma forma, o Filho também se sacrificou por nós.

03 – Vemos, naquele que é nosso Mestre, o que esperamos.

Foi ao se entregar assim, em sua natureza humana, à desonra humana, ao escárnio da multidão, aos ultrajes, aos chicotes e à morte na cruz, que esse Deus Altíssimo, por quem tudo foi feito, nos ensinou com que paciência devemos caminhar em seu amor e, pelo exemplo de sua ressurreição, ele nos diz também o que, com paciência inabalável, devemos esperar dele.

Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos. É verdade que esperamos o que não vemos, mas somos o corpo de uma Cabeça divina que já realizou o objeto de nossa esperança.

Sobre ele foi dito: *Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o Princípio, o primogênito dentre os mortos e por isso tem o primeiro lugar em todas as coisas*[848]. E sobre nós: *Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros*[849].

Se *esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos*. Mas também com tranquilidade, já que nossa esperança está sob a guarda da nossa Cabeça ressuscitada.

Além disso, tendo essa Cabeça sido flagelada antes de ressuscitar, com isso vemos nossa paciência fortalecida.

Em outra passagem está escrito que *o Senhor corrige a quem ama e castiga todo aquele que reconhece por seu filho*[850]. Assim, para ressuscitar com alegria, não nos desencorajemos sob a mão que castiga. Tanto é verdade que ele *castiga todo aquele que reconhece por seu filho*, que ele *não poupou seu próprio Filho, mas por todos nós o entregou*[851].

Com o olhar fixo no Filho que foi flagelado sem ter merecido, que foi *entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[852], não temamos que Deus nos deixe, quando nos castiga. Pelo contrário, tenhamos confiança de que ele nos receberá junto a ele, depois de ter nos santificado desta forma.

04 – É de curta duração a satisfação que o pecado propicia.

De fato, embora nossa felicidade esteja longe de ser completa, não fomos deixados sem alegria alguma, já que estamos salvos em esperança.

Desta forma, se nesta passagem o Apóstolo diz: Se *esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos*, em outras ele diz: *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração*[853]. *Em posse de tal esperança, procedemos com total desassombro*[854]. *Que as vossas conversas sejam sempre amáveis, temperadas com sal e sabei responder a cada um devidamente*[855].

O que se deve responder, de fato, àqueles infelizes que renunciaram ou que jamais se consagraram ao serviço de Deus e que, no entanto, têm a coragem de nos insultar; nós, que eles deveriam imitar, porque o servimos, porque esperamos e esperamos com paciência o que não vemos?

É preciso lhes dizer: “Pois bem! Onde estão então essas alegrias que vocês perseguem, percorrendo caminhos tortuosos? Não lhes perguntamos o que elas se tornarão depois desta vida. Neste momento mesmo, onde elas estão? O ontem foi levado pelo hoje e o hoje será levado pelo amanhã. Quais são então os objetos da afeição de vocês que não desaparecem e não se dissipam? Há algo que não se vá antes mesmo de ser pego, quando do dia atual não se pode reter nem mesmo uma hora, quando a décima-segunda hora deve ser substituída pela décima-terceira, como a primeira desapareceu diante da segunda, quando a hora que parece presente atualmente não tem nada de presente, já que todas as suas partes e todos os seus pontos só fazem se escoar?”

05 – A vaidade das coisas temporais.

Se ao menos o ser humano não fosse tão cego e pensasse por que motivo ele peca ou se abandona ao pecado! Ele poderia observar que ele aspira sem pensar por um prazer que deve passar e que, depois de desfrutado dele, ele só pensa nele com remorso.

Vocês zombam de nós porque esperamos bens eternos que não vemos, quando, escravos das coisas temporais que

vocês veem, vocês não sabem o que será para vocês o dia de amanhã. O dia que vocês geralmente esperam que seja bom, mas que reconhecem que é mau e não podem pará-lo em sua fuga, quando, às vezes, ele é bom.

Vocês zombam de nós porque esperamos bens eternos que não passarão quando eles tiverem chegado. Melhor dizendo: eles não chegarão, pois eles existem eternamente. Nós é que iremos até eles, quando, seguindo o caminho divino, tivermos passado para o além do que passa.

Mas vocês não deixam de esperar por bens temporais que escapam de vocês tão frequentemente, apesar do ardor dos seus desejos, que só fazem superestimulá-los antes de chegar, que corrompem vocês ao chegar e que torturam vocês ao escapar.

Não é verdade que vocês ardem antes de possuí-los, que eles se aviltam em suas mãos e que, uma vez perdidos, eles não passam de um sonho?

Nós também utilizamos esses bens, mas para atender as necessidades de nossa peregrinação, sem fazer nossa felicidade depender deles, pois eles poderiam nos arrastar com eles.

Nós utilizamos, de fato, este mundo, mas como se não o utilizássemos[856] e com o propósito de chegar até Aquele que fez este mundo, de permanecer nele e de desfrutar com ele de sua eternidade.

06 – A certeza da nossa esperança.

Por que dizer também: “Quem foi que retornou dos mortos para informar aos mortais o que se passa além do túmulo?” O Senhor não calou a boca de vocês, ao ressuscitar um morto de quatro dias[857]; ao ressuscitar ele mesmo no terceiro dia, para não morrer jamais; ao mostrar, enfim, antes de sua morte e com a certeza Daquele por quem nada está escondido, seja na paz que desfruta o pobre, seja nas chamas onde está mergulhado o rico, que vida espera os seres humanos além desta vida[858]?

Mas, não acreditam nestas verdades aqueles que repetem: “Quem foi que retornou dos mortos?” Eles querem que se acredite que eles acreditariam, se um dos seus próximos recobrasse a vida. Mas, *maldita a pessoa que confia em outra pessoa*[859]!

Foi mesmo para afastar de nós esta maldição que um Deus feito humano quis morrer, depois ressuscitar e mostrar, assim, em uma carne humana, o que espera o ser humano, contanto que ele não se apoie nele mesmo, mas em Deus.

Aliás, a Igreja fiel está espalhada por todo o mundo e está sob seus olhos. Que eles leiam e reconheçam que, muitos séculos antes do seu estabelecimento, Deus fez uma promessa a um homem; a um homem que esperava contra toda esperança. O Senhor disse a este homem que ele se tornaria o pai de um povo inumerável[860].

Assim, vemos atualmente cumprida esta promessa feita a um só crente, a Abraão e nós não esperaremos com

certeza o que foi prometido a todos os crentes, ao mundo inteiro?

Que eles sigam então repetindo: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*. Eles morrerão mesmo amanhã, como eles dizem. Mas, na verdade, eles já estão mortos, quando falam assim.

Quanto a vocês, meus irmãos, filhos da ressurreição, concidadãos dos santos anjos, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, evitem imitar esses infelizes que morrerão amanhã, no sentido em que amanhã eles expirarão, mas que, desde hoje, já estão sepultados no vinho.

Para preservar os costumes de vocês da corrupção das más conversas, como diz o Apóstolo: *Sede sóbrios e vigiai*[861]. *Despertai, como convém e não pequeis!*[862] Sigam o caminho estreito mas seguro, que leva à imensa Jerusalém celeste, nossa mãe por toda a eternidade[863]. Esperem firmemente o que vocês não veem e esperem com paciência o que vocês ainda não possuem, já que vocês estão apegados inseparavelmente a Cristo, cujas promessas não podem faltar.

Sermão 158 - A predestinação.

Aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou. Que diremos depois disso? Se Deus é por nós, quem será contra nós?[864]

Análise

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” O importante então é saber se Deus é por nós. Ora, o Apóstolo ensina que ele é por aqueles que ele predestinou, chamou, justificou e glorificou. Vejamos o que há em nós destas quatro características, para que tenhamos um ponto de apoio para obter de Deus o que ainda nos falta.

Antes mesmo que tivéssemos a existência, Deus nos predestinou e nos chamou nos fazendo cristãos. Mas, somos justificados para estarmos um dia dentre os glorificados?

Examinemos o que podemos possuir de justiça, pois ela não é completa neste mundo e procuremos adquirir o que nos falta.

A justificação compreende a fé, a esperança e o amor. Se já temos em nós a fé e a esperança, aperfeiçoemos e desenvolvamos sem descanso o amor, já que no céu não teremos mais a fé e nem a esperança e só conservaremos o amor.

Desta forma, Deus nos demonstrou suficientemente sua bondade para nos inspirar confiança nele. Cabe a nós desenvolver, com sua graça, o amor em nossas vidas, para fortalecer cada vez mais nossa confiança.

01 – Ninguém tem o poder de prejudicar os predestinados.

Acabamos de ouvir o bem-aventurado Apóstolo nos encorajar e tranquilizar com estas palavras: *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*

Ele é por quem? O Apóstolo acaba de dizer, da seguinte maneira: *Aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou. Que diremos depois disso? Se Deus é por nós, quem será contra nós?*

Deus é por nós ao nos predestinar; Deus é por nós ao nos chamar; Deus é por nós ao nos justificar; Deus é por nós ao nos glorificar.

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele nos predestinou antes de nossa existência; ele nos chamou quando estávamos longe dele; ele nos justificou quando éramos pecadores; ele nos glorificou quando éramos mortais.

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Para tentar arruinar aqueles que Deus predestinou, chamou, justificou e glorificou, seria preciso se dispor a lutar primeiro, se for possível, contra o próprio Deus.

Já que nos foi dito: *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*, não é verdade que não é possível nos atingir sem triunfar sobre Deus?

Mas, quem triunfa sobre o Onipotente? Procurar resistir a ele é se matar. Foi isto o que Cristo clamou do alto do céu ao Apóstolo que ainda se chamava Saulo. Ele lhe disse: *Duro te é resistir ao aguilhão*[865].

Que se golpeie, que se golpeie o quanto se puder. Golpear o aguilhão não é golpear a si mesmo?

02 – Por causa das promessas, Deus se fez nosso devedor.

Ao examinar as quatro características que o Apóstolo especificou e que, segundo ele, distinguem os favoritos de Deus __ ou seja, a predestinação, o chamado, a justificação e a glorificação __ observemos aquelas que já possuímos e aquelas que ainda esperamos.

Ao vermos o que temos, louvaremos Deus que deu isso. Ao constatarmos o que nos falta, estejamos seguros de que Deus nos é devedor disso. Ele nos deve não por que recebeu algo de nós, mas porque ele nos prometeu o que ele bem quis nos prometer.

Podemos dizer a uma pessoa: “Você me deve, pois eu dei algo a você”. E a Deus podemos dizer: “Você me deve, pois você me prometeu”.

Quando podemos dizer: “Você me deve, pois eu dei algo a você”, isto acontece porque entregamos algo em troca de algo, invés de simplesmente doarmos.

Mas, quando dizemos: “Você me deve, pois você me prometeu”, não entregamos nada a ninguém e, no entanto, exigimos. Exigimos porque a bondade que prometeu dará fielmente, caso contrário, ela não seria mais bondade e sim maldade, já que, para enganar é preciso ser mau.

Podemos, por acaso, dizer a Deus: “Retribua, porque eu lhe dei?”

O que demos a Deus, se tudo o que somos e temos de bom recebemos dele?

Não, não demos nada a ele e não podemos, com este argumento, reclamar nada dele.

O Apóstolo, aliás, bem que diz, com muita razão: *Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído?*[866]

Mas, aqui está como podemos confrontar o Senhor Nosso Deus. Temos que lhe dizer: "Dê-nos o que nos prometestes, pois fizemos o que prescrevestes e também fostes vós que o fizestes em nós, já que vós nos ajudastes a fazê-lo".

03 – Fomos chamados e predestinados gratuitamente.

Que ninguém então diga: "Deus me chamou porque eu o servi". Como você o serviria, se ele não o tivesse chamado? Se ele o chamou por tê-lo servido, ele teria então retribuído, por ter recebido primeiro algo de você. Mas o Apóstolo não desmonta este argumento, ao questionar: *Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído?*

Pelo menos você já existia, quando ele o chamou, mas ele poderia predestiná-lo, se você já tivesse a existência? O que você deu então a Deus, se nem mesmo a existência você tinha?

E, o que fez Deus, ao predestinar você antes da sua existência? O que diz o Apóstolo: *Deus chama à existência as coisas que estão no nada*[867].

Não, Deus não o predestinaria se você já existisse e não o chamaria, se você não estivesse afastado. Se você não

fosse ímpio, ele não o justificaria e não o glorificaria, se você não fosse de terra e de lama.

Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Dele, por ele e para ele são todas as coisas.

O que lhe retribuiremos? *A ele a glória por toda a eternidade!*[868]

Éramos nada, quando ele nos predestinou. Estávamos afastados, quando ele nos chamou. Quando ele nos justificou, éramos pecadores. Então, vamos dar graças a ele e não sejamos ingratos.

04 – A luta que permanece, mesmo nos justificados.

Nós nos propusemos examinar o que temos e o que nos falta para adquirir das quatro características enunciadas por São Paulo.

Desde antes de nosso nascimento nós fomos predestinados e fomos chamados quando nos tornamos cristãos. É isto o que nós já temos.

Mas estamos justificados? Qual nossa situação, com relação a isto? Ousaremos dizer que, com relação a esta terceira característica, nós já a temos? Haverá, entre nós, uma só pessoa que ouse dizer: “Eu sou justo?” Eu sou justo, em minha opinião, significa que não sou pecador.

Antes de você ousar dizer isto, ouça primeiro o que diz o apóstolo João: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[869].

Mas, então, somos alheios a toda justiça? Ou somos só um pouco justos, sem sê-lo completamente?

Isto é o que precisamos examinar, pois, se somos justos sem sê-lo completamente, nos bastará, para sê-lo, acrescentar o que nos falta.

Quando as pessoas são batizadas, não podemos negar que todos os seus pecados são perdoados. No entanto, ainda lhes falta lutar contra a carne, lutar contra o mundo, lutar contra o demônio.

Quando lutamos, nós golpeamos e somos golpeados; às vezes vencemos e às vezes somos derrotados; mas precisamos ver em que estado deixaremos a arena.

Sim, *se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*.

Por outro lado, se dizemos que somos alheios à justiça, isto é uma mentira que se levanta contra os dons divinos. De fato, estar inteiramente alheio à justiça é não ter nem mesmo a fé. Mas, se não temos a fé, não somos cristãos. Se, pelo contrário, somos cristãos, somos, pelo menos, um pouco justos.

Você quer saber o valor imenso desse pouco?

O justo viverá por sua fé[870]. Sim, o justo vive por sua fé, acreditando no que não se vê.

05 – A fé realmente envolve alguma justificação.

Quando nossos pais, quando os condutores do rebanho sagrado, quando os santos apóstolos anunciam o

Evangelho, eles divulgam não apenas o que eles viram, mas também o que eles tocaram com suas mãos[871] e, no entanto, quando um dos seus discípulos o tocou com a mão, procurando se assegurar e se assegurando efetivamente de sua realidade, o que ele clamou, ao pressioná-lo? *Meu Senhor e meu Deus!*

Esse Senhor e esse Deus, que nos reservou o dom da fé, inicialmente respondeu: *Creste, porque me viste*. Depois, visando o que nós faríamos, ele disse: *Felizes aqueles que creem sem ter visto!*[872]

Nós então, que não vimos e que acreditamos por termos ouvido, fomos antecipadamente proclamados bem-aventurados e seríamos completamente estranhos à justiça?

O Senhor se mostrou com seu corpo aos olhos dos judeus e eles o levaram à morte. Ele não se mostrou visivelmente a nós e nós o recebemos.

Gente que eu não conheço me serve e ao me ouvir me obedece[873]. Nós somos essa gente e não haveria em nós nenhum traço de justiça?

Certamente que há. Sejamos reconhecidos pelo que recebemos e assim obteremos mais, sem nada perder do que já nos foi dado.

Resulta que agora aparece em nós a terceira característica. Somos justificados, mas a justiça progride em nós, na medida em que progredimos. Vou expor a vocês seus desenvolvimentos e, num certo sentido, conferi-los com vocês.

Todos nós, embora já justificados, no sentido de que recebemos a remissão dos nossos pecados no banho da regeneração[874] e também o Espírito Santo, para avançar dia a dia, poderemos reconhecer o estágio em que estamos e caminhar, progredir e crescer até à chegada. Não ao término, mas à perfeição.

06 – Graças à esperança e ao amor, a fé que justifica o ser humano é diferente da fé dos demônios.

Começamos pela fé. No que consiste a fé? Em acreditar.

Essa fé, no entanto, deve ser diferenciada da fé dos espíritos imundos. Ela consiste, como dissemos, em acreditar. Mas, observa o que diz o apóstolo Tiago: *Também os demônios creem e tremem*[875].

Você acredita, mas vive sem esperança ou talvez sem amor? *Também os demônios creem e tremem*.

Você acredita ter feito muito, ao proclamar Cristo o Filho de Deus. Pedro também o proclamou e ele ouviu: *Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus*[876]. Mas o espírito imundo também o proclamou e ouviu: *Cala-te!*[877]

Pedro fala e ouve: *Não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus*. O espírito imundo fala a mesma coisa, recebe ordem para se calar e é expulso.

Sem dúvida que as palavras são as mesmas, mas o Salvador olha para a raiz e não para a flor. Daí veio a

recomendação feita aos hebreus: *Estai alerta para que ninguém deixe passar a graça de Deus e para que não desponte nenhuma planta amarga, capaz de estragar e contaminar a massa inteira*[878].

Pensem então, antes de tudo, em tornar a fé de vocês diferente da fé dos demônios.

De que maneira? Os demônios professam Cristo com medo. Pedro professa com amor.

Junte então a esperança à fé. Mas, como ter esperança se a consciência não está em bom estado?

Junte então, à esperança, o amor.

Este é o caminho excelente mencionado assim pelo Apóstolo: *Vou indicar-vos o caminho mais excelente de todos*[879]. *Ainda que eu falasse as línguas dos humanos e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine*[880].

Em seguida o Apóstolo prossegue sua enumeração e assegura que, sem o amor, todos os outros bens não valem nada.

Conservemos então *a fé, a esperança e o amor; os três. Porém, o maior deles é o amor*[881]. Empenhem-se no amor e, com isso, tornem a fé de vocês diferente; vocês que estão entre os predestinados, os chamados e os justificados.

São Paulo também diz: *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pelo amor*[882].

Ó Apóstolo, não pare! Fale mais! Mostre a diferença, pois, *também os demônios creem e tremem*. Mostre então a

diferença que deve separar nossa fé da fé dos demônios que tremem porque odeiam. Fale, Apóstolo! Diferencie minha fé e separe minha causa da causa dos ímpios[883].

E o Apóstolo diferencia, separa e delimita: "A diferença é *a fé que opera pelo amor*".

07 – Somente o culto gratuito a Deus satisfaz a alma.

Que cada um de vocês então, meus irmãos, olhe para seu interior, que se pese, que se julgue em todos os seus atos e em todas as suas boas ações, para reconhecer o que fez com amor, sem esperar uma recompensa temporal, mas apenas o que Deus prometeu: a felicidade de vê-lo.

Quaisquer que sejam as promessas de Deus, sem ele tudo é nada.

Não, Deus não me satisfaria, se ele não se prometesse a mim.

O que é toda a terra? O que é todo o mar? O que é todo o céu e todos os astros e o sol e a lua e todos os coros dos anjos? É do Criador de todas estas maravilhas que eu tenho sede. É dele que tenho fome.

Eu tenho sede e fome dele e lhe digo: *Em vós está a fonte da vida*[884]. E ele, por sua vez, me diz: *Eu sou o pão que desceu do céu*[885].

Que eu tenha fome e sede em minha peregrinação, para ser saciado quando chegar ao término.

O mundo inteiro me sorri através de uma variedade imensa de criaturas esplendorosas em beleza e em força,

mas o Criador é, ao mesmo tempo, muito mais belo, muito mais forte, muito mais esplendoroso e muito mais agradável!

Saciar-me-ei com a visão de vosso ser[886].

Se então você tem essa fé que age com amor, você está dentre os predestinados, dos chamados e dos justificados. Faça então com que essa fé cresça em você.

Essa fé que age com amor é inseparável da esperança. Nós ainda a teremos, quando chegarmos ao término? Então ainda nos dirão para acreditarmos?

Seguramente que não, pois O veremos então e O contemplaremos face a face.

Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Como então *não se manifestou ainda o que havemos de ser*, a fé ainda é necessária.

Desde agora somos filhos de Deus. Somos predestinados, chamados e justificados por ele.

Somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Antes então de vermos o que seremos, acreditemos já.

Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus. Por que acreditamos? Não. Por que então? Porque *o veremos como ele é*[887].

08 – A esperança é o conforto nesta situação de peregrinação.

E quanto à esperança? Ela ainda existirá? Não, pois possuiremos a realidade.

A esperança é necessária ao peregrino. É ela que o sustenta na estrada, pois, se ele suporta corajosamente as fadigas da marcha, é porque ele espera chegar ao término. Retire dele essa esperança e suas forças logo se enfraquecem. Isto mostra que a esperança atual nos é necessária para praticar a justiça durante nossa peregrinação.

Escute o Apóstolo. Ele diz: *Nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo*[888].

Quando ainda há gemidos, podemos reconhecer a felicidade com que é dito na Escritura: *A alegria e o gozo possuí-los-ão; a tristeza e os queixumes fugirão*[889].

Então, São Paulo diz: *gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo*. No entanto, gememos ainda. Por quê? *Por que pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança, porque o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos*[890].

Foi com esta paciência que os mártires mereceram a coroa, aspirando ao que não viam e desprezando o que sofriam. E eles disseram, com esta esperança: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Realmente, está escrito: "Por amor a ti somos entregues à*

morte o dia inteiro. Somos tratados como gado destinado ao matadouro”[891].

E onde estava Aquele por amor a quem foram *entregues à morte o dia inteiro*?

Felizes aqueles que creem sem ter visto![892]

Aí está o que indica onde ele está. Ele está em você, pois sua fé também está aí. O Apóstolo nos enganou, quando nos disse: *Cristo habita pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor*[893]? Ele está aí hoje pela fé e estará um dia pela visão. Hoje, pela fé, na medida em que somos peregrinos e prosseguimos em nossa peregrinação, pois, *sabemos que todo o tempo que passamos no corpo é um exílio longe do Senhor. Andamos na fé e não na visão*[894].

09 – Deus será tudo em todos os santos e somente o amor permanecerá para sempre.

Se a fé nos dá tanto, o que nos dará a clara visão? Aqui está: *Deus* será *tudo em todos*[895].

O que ele quer dizer com *tudo*? Ele quer dizer que você possuirá então tudo o que você buscou, tudo o que você valorizou aqui. Tudo isto será Deus para você.

O que você queria? O que você amava? Comer e beber? Deus será para você alimento e bebida.

O que você queria? A saúde do corpo, por mais frágil e efêmera que fosse? Deus será para você a própria imortalidade.

O que você buscava? Riquezas? Ó avarento! Com o que você se contentará, se Deus não bastar para você?

O que você amava? A glória, as honrarias? Deus mesmo será sua glória e desde já você lhe diz: *Senhor, vós sois minha glória, vós me levantais a cabeça*[896].

Desde já, de fato, ele louvou minha Cabeça; minha Cabeça que é Cristo.

Por que, afinal, o seu espanto? Tanto os membros quanto a Cabeça serão elevados em glória e *Deus* então será *tudo em todos*.

Aí está no que acreditamos hoje; o que hoje esperamos. Mas, uma vez chegados ao término, possuiremos; e não na fé, mas na visão. Uma vez chegados ao término, possuiremos; e não será na esperança, mas na realidade.

Mas, e o amor? Ele também existe hoje para desaparecer no final? Se amamos agora, que acreditamos sem ver, como não amaremos ao término, quando veremos e possuiremos?

Então, o amor também sobreviverá e ele será perfeito.

Assim, o Apóstolo diz: *Por ora subsistem a fé, a esperança e o amor; os três. Porém, o maior deles é o amor*[897].

Conservemo-lo, alimentemo-lo em nós, perseveremos nele com a ajuda divina e digamos: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada? Realmente, está escrito: "Por amor a ti somos entregues à morte o dia inteiro. Somos tratados como gado destinado ao matadouro"*.

Ora, quem pode sofrer e suportar tudo isso?

Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores.

Mas, como?

Pela virtude daquele que nos amou[898].

Não é, então, verdade, dizer: *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*

Sermão 159 - O amor à justiça.

Considerai que é suma alegria, meus irmãos, quando passais por diversas provações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Mas é preciso que a paciência efetue a sua obra, a fim de serdes perfeitos e íntegros, sem fraqueza alguma[899].

Análise

É nos mártires que se encontra o amor verdadeiro pela justiça. De fato, este amor demanda: 1) que ele seja preferido a todos os prazeres permitidos que oferece a natureza e é preciso que a justiça tenha para nós mais encantos que tudo o resto; 2) que façamos pela justiça o que não se faz costumeiramente para satisfazer as paixões, ou seja, que por ela nós enfrentemos todos os suplícios e a própria morte.

Mas, é a Deus que precisamos nos dirigir, seja para agradecê-lo pelo amor que já temos pela justiça, seja para lhe pedir o que ainda nos falta.

01 – Neste mundo nossa justificação não é perfeita.

Ontem tratamos longamente da justificação que nos concede o Senhor Nosso Deus. Nós falamos, Deus nos concedeu a graça e vocês escutaram.

É verdade que o fardo da carne corruptível que carregamos nesta vida faz com que nós não fiquemos isentos de pecado nela e, *se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[900].

Creio, no entanto, que suas caridades compreenderam claramente que somos justificados na medida em que permite nossa peregrinação, pois vivemos pela fé, esperando estar um dia diante da feliz realidade.

Assim, começamos pela fé para chegar à clara visão e cruzamos a estrada para chegar até à pátria.

A alma repete durante esta viagem: *Senhor, diante de vós estão todos os meus desejos e meu gemido não vos é oculto*[901].

Mas, na pátria, não haverá mais lugar para a prece e só haverá lugar para o louvor.

Por que não haverá lugar para a prece? Porque lá não nos faltará mais nada. Lá veremos o que aqui acreditamos; lá possuiremos o que aqui esperamos; lá receberemos o que aqui pedimos.

Agora, no entanto, há uma perfeição relativa à qual chegaram os mártires. Assim, como sabem os fiéis, a disciplina eclesiástica não quer que se peça pelos mártires, quando seus nomes são pronunciados no altar. Pede-se pelos outros defuntos cuja memória é recordada. Seria uma injúria rezar pelos mártires, já que devemos, pelo contrário, nos recomendar às preces deles, já que combateram até o derramamento de sangue contra o pecado.

Existem cristãos que, embora ainda imperfeitos, já são, no entanto, em parte justificados. O Apóstolo diz, em sua Epístola aos Hebreus: *Ainda não tendes resistido até o sangue, na luta contra o pecado*[902].

Se eles não tinham combatido ainda até o derramamento de sangue, outros, seguramente, chegaram a isso.

Os santos mártires, sem nenhuma dúvida, fizeram isso e é a eles que se aplicam estas palavras do apóstolo São Tiago, cuja leitura acabamos de fazer: *Considerai que é suma alegria, meus irmãos, quando passais por diversas provações*.

Isto foi dito aos já perfeitos, que também podem dizer: *Sondai-me, Senhor e provai-me*[903].

Continua o Apóstolo: *Sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Mas é preciso que a paciência efetue a sua obra*.

02 – O primeiro grau do amor à justiça.

Devemos, de fato, amar a justiça e há, nesse amor pela justiça, graus que marcam o progresso que se faz.

O primeiro grau é não preferir nada que encanta e preterir assim o amor à justiça.

Este é o primeiro grau. Mas, o que quero dizer com isto? Que de tudo o que encanta, nada encante você como a justiça. Eu não peço que nada mais agrade você; eu peço que a justiça agrade mais você.

É preciso admitir: há coisas que exercem sobre nossa fraqueza um atrativo natural. Assim, comer e beber possuem este atrativo, quando temos sede e fome.

Assim é também a luz, tanto aquela que irradia do alto do céu, quando o sol está sobre o horizonte, quanto aquela que é projetada pelas estrelas e pela luz e aquelas que são espalhadas pelas tochas acesas no chão, para consolar nossos olhos no meio das trevas.

Da mesma forma, uma voz harmoniosa, melodias suaves e perfumes deliciosos.

O próprio toque desperta em nós todo tipo de prazer sensorial.

Ora, dentre todos esses prazeres que estimulam nossos sentidos, há os permitidos. Tais são, como acabo de citar, os grandes espetáculos da natureza que encantam nossos olhos. Mas o olho ama também os espetáculos dos teatros e se os primeiros são permitidos, estes não o são.

O ouvido se deleita com o canto harmonioso de um salmo sagrado, mas ele também se encanta com os histriões. Um é permitido e o outro não é.

As flores e os perfumes, que também são obra de Deus, agradam o olfato. Mas ele também aspira com igual alegria o incenso queimado no altar dos demônios.

Nem tudo é permitido. O gosto ama os alimentos que não são proibidos e ele ama também o que é servido nos banquetes sacrílegos dos sacrifícios idolátricos. O primeiro caso é permitido, mas o segundo não é.

Há também abraços permitidos e abraços impuros.

Vocês veem então, meus bem-amados, que dentre os prazeres sensoriais, há os permitidos e há os proibidos.

Ora, é preciso que a justiça nos agrade mais do que até mesmo os prazeres. Sim, você deve preferir a justiça ao que encanta você, mesmo que inocentemente.

03 – O prazer do espírito quanto à justiça e à fé.

Para melhor compreensão, imaginemos uma espécie de confronto interior.

Você ama a justiça?

“Eu amo”, você responde.

Sua resposta não seria sincera se a justiça não tivesse para você qualquer atrativo. De fato, só se ama o que se tem.

Põe tuas delícias no Senhor[904], diz a Escritura. Mas o Senhor é a própria justiça. Não devemos, de fato, imaginá-lo como um ídolo. Deus é da natureza do que é invisível. Ora, o que é invisível é o que temos de melhor.

Assim, a fidelidade é preferível ao corpo, preferível ao ouro, preferível à prata, preferível aos tesouros, preferível às propriedades, a uma grande casa, às riquezas. Todos estes bens são visíveis, enquanto que a fidelidade não é.

Com o que então comparar Deus? Com o que é visível ou com o que é invisível? Com o que é mais vil ou com o que é mais precioso?

Falemos do que é mais vil.

Você tem dois servos. Um é feio de corpo e o outro é de uma beleza avassaladora. Mas o primeiro é fiel e o outro não é. Qual dos dois você prefere? Diga-me!

Eu vejo mesmo que você ama o que não se vê. Ora, preferir o servo fiel, com sua feiura física, ao escravo infiel, embora belo, não é se enganar e preferir a feiura à beleza?

De forma alguma! Pelo contrário! É amar mais a beleza do que a feiura. É dar menos valor ao testemunho dos olhos do corpo e mais aos olhos do coração.

O que responderam a você os olhos do corpo, quando você os interrogou? Que, dos dois servos, um era belo e o outro feio.

Você não aceitou esta avaliação e a colocou de lado. Fixando em seguida os olhos do coração sobre os dois servos, você viu que um era feio de corpo, mas fiel e que o outro era infiel, apesar da beleza física.

Você tirou então a sua conclusão e disse: “O que há de mais belo do que a fidelidade e de mais feio do que a infidelidade?”

04 – Espera-se que a justiça seja amada mais do que todos os prazeres permitidos.

A todos os prazeres, a todos os deleites, mesmo os permitidos, é preciso preferir a justiça. E, se é verdade que você tem sentidos interiores, todos esses sentidos estão à disposição dela.

Você tem olhos interiores? Contemple sua luz. *Em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz*[905].

Outro Salmo também diz dessa luz: *Iluminai meus olhos com vossa luz, para eu não adormecer na morte*[906].

Você tem também ouvidos interiores? Abra-os à justiça. Foi isto o que pediu Aquele que clamou: *Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!*[907]

Você tem, na alma, também uma espécie de olfato? *Somos, para Deus, o perfume de Cristo entre os que se salvam e entre os que se perdem*[908], diz o Apóstolo.

Também é dito, com relação ao gosto: *Provai e vede como o Senhor é doce*[909].

Quanto ao tato espiritual, observe o que a Noiva fala do seu Noivo: *Sua mão esquerda está sob minha cabeça e sua direita abraça-me*[910].

05 – O prazer da justiça deve ser preferido a todos os outros prazeres.

Voltemos ao imaginado confronto que anunciei. Quem quer me responder? Questionarei e estarei mesmo em condições de constatar se realmente se prefere a justiça a tudo o que estimula os sentidos físicos.

Você ama o ouro e ele encanta seus olhos. De fato, o ouro é um metal belo, brilhante, agradável de ver. Ele é belo, não nego. Negar isto seria ultrajar o Criador.

Mas, surge uma tentação. Dizem para você: “Eu levo seu ouro, se você não prestar um falso testemunho em meu favor e, se você fizer isto por mim, eu dou ouro a você”.

Você sente então uma dupla atração. Diga-me o que você vai preferir: sua atração pelo ouro ou sua atração pela

verdade? Sua atração pelo ouro ou sua atração por depor segundo a verdade? É só o ouro que brilha ou a verdade, à sua maneira, também brilha?

Para prestar um testemunho verdadeiro, é preciso ser fiel à verdade. Se o ouro brilha, a verdade também não tem seu esplendor?

Envergonhe-se e abra os olhos! Você não vai oferecer ao seu Mestre o que encantou você no seu servo?

Quando, há poucos instantes, eu perguntei se você preferia o servo belo, mas infiel ao escravo feio, mas fiel, você me respondeu conforme a justiça. Volte-se para você mesmo, pois agora se trata de você mesmo.

Sim, você ama o escravo fiel. Deus é indigno de ter em você um servo fiel?

Qual foi a recompensa que você prometeu a esse servo fiel? Como prova do seu vivo apego e como recompensa suprema, você lhe prometeu a liberdade.

Sim, o que você assegurou de grande a esse servo fiel? A liberdade temporal. No entanto, quantos servos não vemos que, sem sentirem falta de nada, são libertados e passam a mendigar?

No entanto, antes de prometer essa liberdade, você exigiu do seu servo que ele fosse fiel e você não é fiel a Deus, quando ele promete a você a eternidade?

06 – A justiça, combinada com a complacência, deve ser buscada com entusiasmo pelo amor.

Seria muito longo aplicar o mesmo raciocínio a cada um dos sentidos físicos. Entendam, de todos os outros, o que eu disse sobre a visão e prefiram sempre as alegrias do espírito às alegrias da carne.

Os corpos de vocês são atraídos para os prazeres culposos. Que as almas de vocês se apeguem aos encantos invisíveis da justiça, sempre tão bela, tão casta, tão harmoniosa e tão doce e que ela não seja observada por coação. O que deve afastar vocês do pecado não é o medo do castigo, mas o amor pela justiça.

Daí vem estas palavras do Apóstolo: *Falo humanamente, por causa da fraqueza da vossa carne. Pois, como pusestes os vossos membros a serviço da impureza e do mal, para cometer a iniquidade, assim ponde agora os vossos membros a serviço da justiça, para chegar à santidade*[911].

O significa: *Falo humanamente*? Eu digo o que está ao alcance de vocês.

Quando vocês colocaram seus *membros a serviço da impureza e do mal, para cometer a iniquidade*, foi o medo que impulsionou vocês ou foi o prazer que os atraiu? Qual dos dois? Respondam-nos, pois, se hoje vocês são sábios, talvez nem sempre tenham sido.

Quando então vocês pecaram, quando vocês tiveram prazer em pecar, foi o medo que os levou a isso ou foi o deleite que encontraram no pecado?

Vocês me respondem que foi o deleite.

Pois bem! Então é o prazer que atrai para o pecado, mas é preciso o medo para levar à justiça?

Sondem-se! Examinem-se!

Ah, que o tentador que me ameaça que ele leve meu ouro; há na justiça mais satisfação e mais brilho.

Que aquele que me promete ouro, que ele não me dê. Ao ouro, eu prefiro a justiça; eu encontro nela mais delícias, mais brilho, mas beleza, mais encanto, mais doçura.

Mas, se examinamos assim seu coração e triunfamos nessa espécie de confronto, é por que demos atenção a estas palavras do Apóstolo: *Falo humanamente, por causa da fraqueza da vossa carne.*

Sem dúvida alguma que se trata aqui de indulgência para com a fraqueza e ignoro se algum dia algo esteve mais ao alcance dos menos avançados.

07 – Pela justiça, não só a sensualidade deve ser desprezada, como também se deve tolerar a dor.

É como se ele tivesse falado da seguinte maneira: “Eu me coloco no nível de vocês. Vocês entregaram seus sentidos aos prazeres culposos e foi essa atração pelo pecado que os levou a cometê-los. Assim, deixem-se levar a fazer o bem pelos encantos e a doçura da justiça. Amem a justiça como vocês amaram a iniquidade. Ela merece conseguir que vocês façam por ela o que vocês fizeram pela iniquidade”.

É isto o que significa: *Falo humanamente*. Em outros termos: eu falo o que está ao alcance da própria fraqueza de vocês.

O Apóstolo tinha então alguma coisa reservada; mas o quê? O que foi que ele adiou dizer? Eu direi, se puder.

Coloque em uma balança a justiça e a iniquidade. A justiça vale tanto quanto valia a iniquidade para você? Uma é tão amada como você amou a outra?

Que comparação! Quisera Deus, no entanto, que fosse assim!

Você deve então, à justiça, mais? Sem nenhuma dúvida. Você buscava o prazer, ao fazer o mal; enfrente a dor, ao fazer o bem.

Eu repito: se você buscava o prazer na injustiça, suporte a dor em favor da justiça. Isto será fazer mais por ela.

Imaginemos um jovem libertino, na idade perigosa, levado pela paixão. Ele pôs os olhos em uma mulher alheia, se apaixonou e quer ter prazer com ela. Mas, ele quer que isto aconteça em segredo. Esse rapaz ama o prazer, mas teme muito mais a dor.

Por que, de fato, esse desejo de não ser conhecido? É porque ele tem medo de ser pego, acorrentado, conduzido, preso, levado ao tribunal, torturado e levado à morte. É o medo de tudo isso que o leva a se esconder, mesmo buscando satisfazer sua paixão.

Aí está porque ele espera a ausência do marido e teme até mesmo se encontrar com seu cúmplice e ter, assim, uma testemunha do seu crime.

É evidente que ele obedece ao atrativo do prazer. Esse atrativo, no entanto, não é suficientemente poderoso para

fazê-lo vencer o medo da tortura e o medo das penalidades.

Vejamos agora a beleza da justiça e a beleza da fidelidade. Que elas apareçam abertamente, que elas se mostrem aos olhos do coração e que elas abrasem de zelo seus amigos.

“Você quer ter prazer comigo?”, perguntará uma delas. “Despreze qualquer outra coisa. Despreze por mim qualquer outro prazer”.

Você obedece, mas isto não é suficiente. É isto o que ela aconselha humanamente, por causa da fraqueza da carne.

Sim, é pouco desprezar por ela qualquer outro prazer. Por ela despreze também tudo o que dava medo em você. Ria das prisões, ria das correntes, ria dos instrumentos de torturas, ria das torturas, ria da morte.

“Ao superar tudo isso, você obtém minha mão”, diz a justiça.

Quanto a vocês, meus irmãos, subam este duplo degrau, para provar também o quanto vocês a amam.

08 – Os mártires amam perfeitamente a justiça.

Talvez encontremos alguns fiéis que prefiram os atrativos da justiça às volúpias e às alegrias dos sentidos. Mas, existe entre vocês alguém que despreze por ela os castigos, as dores e a morte?

Contentemo-nos pelo menos com elevar nossos pensamentos à altura das disposições que não ousamos nos vangloriar de possuir. Onde encontrar essas disposições?

Onde encontrá-las? Há sob nossos olhos milhares de mártires em quem reluz esse verdadeiro e sincero amor pela justiça.

É neles que se verifica esta recomendação: *Considerai que é suma alegria, meus irmãos, quando passais por diversas provações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Mas é preciso que a paciência efetue a sua obra, a fim de serdes perfeitos e íntegros, sem fraqueza alguma*.

O que falta à paciência para tornar as obras perfeitas? Ela é abrasada de amor e de zelo, ela espezinha tudo o que bajula e ela se precipita para frente. Ei-la diante das dificuldades, dos horrores, das atrocidades, das ameaças. Ela espezinha tudo isso, ela ri e segue em frente.

Oras! Isto não é amar, caminhar, morrer para si mesmo e chegar a Deus?

Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á. Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á[912]. Aqui está, aqui está como deve se preparar um amigo da justiça, um amigo da beleza invisível.

O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras. O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados[913]. O que significa: *O que vos digo na escuridão, dizei-o às claras*? Anunciem com confiança o que eu digo a vocês e o que vocês ouvem no fundo dos seus corações.

O que vos é dito ao ouvido, publicai-o de cima dos telhados. O que significa: *O que vos é dito ao ouvido*? O que

eu digo a vocês secretamente, porque vocês ainda temem confessar e divulgar.

O que significa, por fim: *publicai-o de cima dos telhados*? Suas casas são seus corpos; suas casas são seus órgãos carnais. Subam no teto, espezinhem a carne e preguem minhas palavras.

09 – Se temos uma certa justiça, ela vem de Deus.

Antes de tudo, no entanto, meus irmãos, deplorem o que vocês são e vocês poderão se tornar o que vocês não são.

O que eu digo é importante. Como conseguir isto?

O que eu digo é a perfeição mais elevada, a perfeição suprema. Como chegar a isto?

Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima; descem do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade[914]. Dele vem o que há de bom em nós e dele vem o que ainda não temos.

Falta algo a você? *Pedi e se vos dará*[915].

Diz o Senhor: *Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem*[916].

Todos então devem se examinar e se encontrar em si mesmo algum dom que tenha relação com a justificação, que dê graças Àquele que é seu autor e mesmo dando graças pelo que recebeu, que peça o que ainda não recebeu, pois se você ganha ao receber, ele não perde nada em dar e qualquer que seja sua avidez, por mais

devoradora que seja sua sede, você sempre poderá mergulhar nessa fonte.

Sermão 160 - Vangloriar-se de Jesus Cristo.

Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor[917].
Por vossa justiça, livrai-me, libertai-me, inclinai para mim vossos ouvidos e salvai-me[918].

Análise

Há pessoas que se vangloriam dos seus próprios méritos. Elas não compreendem nada da religião, pois ela quer que nos vangloriemos apenas de Jesus Cristo.

De fato, primeiramente, não há nada nele que possa nos envergonhar, já que ele possui todas as perfeições divinas. Depois, se ele sofreu as humilhações e os ultrajes da cruz, foi para nossa salvação e nós precisamos, para chegar à glória eterna, esvaziar nós mesmos a taça das ignomínias.

Evitemos então nos envergonhar da cruz. Saibamos nos vangloriar dela. É por isso que a trazemos gravada em nossa testa.

Evitemos também nos vangloriar dos nossos méritos e tenhamos orgulho somente da cruz de Jesus Cristo.

01 – Devemos nos vangloriar pelo Senhor e não da própria justiça.

O Apóstolo acaba de nos recomendar que, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor* e, ao nos dirigirmos

ao próprio Senhor, devemos dizer: *Por vossa justiça, livrai-me e salvai-me*.

Assim, vangloriar-se pelo Senhor é se vangloriar não dos próprios méritos, mas da própria justiça do Senhor. Essa justiça parece ignorada por aqueles que se vangloriam da própria. Esta desordem se revela principalmente nas pessoas dos judeus, que rejeitam o Novo Testamento e que conservam o velho ser humano[919].

Foi em vão, foi sem proveito algum que eles cantaram em seus livros: *Por vossa justiça, salvai-me*, pois, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[920].

Portanto, que ninguém então, mesmo sendo justo, se vanglorie de sua justiça, pois, pode ser dito a você: *Que é que possuis que não tenhas recebido?*[921]

E, se for se vangloriar, *vanglorie-se pelo Senhor*. Há algo mais seguro do que se vangloriar Daquele que ninguém absolutamente pode se envergonhar?

De fato, se você coloca sua glória em uma pessoa, você pode encontrar nela algum motivo ou mesmo numerosos motivos de confusão para você.

Ora, já que você não deve se vangloriar por causa de ninguém, você deve também evitar se vangloriar de você mesmo, já que você não passa de um ser humano.

O que estou dizendo? Não há nada de mais insensato, nada de mais detestável do que se vangloriar assim, de si mesmo.

Se você colocar sua glória em uma pessoa justa e sábia, esta pessoa mesma, por ser sábia, não coloca nela mesma a glória dela. Mas você, ao colocar sua glória em você mesmo, demonstra que não é sábio e nem justo. Se é proibido colocar a glória mesmo em uma pessoa sábia, como colocá-la em um tolo?

Seguramente é um tolo quem coloca a glória em si mesmo. Só este ato já basta para provar isto.

Portanto, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*. Não há nada de mais prudente, de mais seguro. Se for preciso, você tem em que se apoiar e não terá jamais que se envergonhar. Não se pode encontrar nenhum defeito Neste pelo qual se vangloria.

Assim, aquele que clamou: *salvai-me*, não disse "por minha justiça", mas sim: *por vossa justiça* e ele tinha acabado de dizer: *É em vós, Senhor, que procuro meu refúgio. Que minha esperança não seja para sempre confundida*[922].

02 – Os cegos que presumem da própria justiça.

Assim, de onde veio o erro dos judeus e qual foi o vício que os afastou das graças do Evangelho? Não foi unicamente aquele que acabo de recordar e o Apóstolo não o disse formalmente?

O Apóstolo disse: *Pois lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*[923]. Aí está, ao mesmo tempo, um elogio e uma crítica.

Do que ele os censura? De que, mesmo tendo zelo por Deus, eles não baseiam este zelo na ciência.

Depois, é como se perguntássemos ao Apóstolo: “O que é este zelo que não é baseado na ciência? Que ciência é esta que não possuem essas pessoas zelosas por Deus:”.

Você quer saber? Ele parece repreender e observem o que se segue: *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[924].

Por isso, se você tem zelo por Deus, se quer baseá-lo na ciência e entrar na aliança nova da qual os judeus não fazem parte, porque seu zelo não está conforme com a ciência, reconheça a justiça de Deus e evite, se você for um pouco justo, atribuí-la a você. Não, se sua vida é sábia, se você observa os divinos mandamentos, não a atribua a você. Isto seria procurar estabelecer sua própria justiça. Reconheça a quem você a deve e de quem você recebeu tudo o que você possui. Você não tem nada, efetivamente, que não tenha recebido. *E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tivesses recebido?*[925]

Vangloriar-se desta maneira é vangloriar-se de si mesmo, mas, *quem quiser se vangloriar*, não deve se vangloriar *pelo Senhor*? Conserve a benesse, mas não se esqueça do Benfeitor.

Quando o Senhor prometeu enviar seu Espírito, ele disse: *Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura: “Do seu interior manarão rios de água viva”*[926].

De onde vem em você esses rios? Lembre-se da sua antiga aridez, pois, se você não tivesse secado, você não teria sede e, não tendo sede, não teria bebido.

O que eu quero dizer com: “não tendo sede, não teria bebido”? Eu quero dizer que você não teria acreditado em Jesus Cristo se você não tivesse se sentido na necessidade.

Antes de dizer: *Do seu interior manarão rios de água viva*, ele disse: *Se alguém tiver sede, venha a mim e beba*. Para ter esses rios de água viva é preciso beber e para beber é preciso ter sede.

Você teve, então, sede; por que querer se vangloriar como se esses rios viessem de você?

Sim, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*.

03 – Conhecer Cristo crucificado é uma grande sabedoria.

Diz o Apóstolo: *Quando fui ter convosco, irmãos, não fui com o prestígio da eloquência nem da sabedoria anunciar-vos o testemunho de Deus*[927]. E ele acrescenta: *Julguei não dever saber coisa alguma entre vós, senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado*[928].

Mas, saber só isso era não ignorar nada. Que tesouro de ciência em Cristo crucificado! O Apóstolo o colocou diante dos olhos dos filhos como um tesouro embrulhado.

Estas duas palavras: *Cristo crucificado*, o que elas não incluem?

Também em outra passagem, como ele temia que muitos se deixassem afastar de Cristo pela isca enganadora da filosofia e por uma ciência vã, ele lhes promete que eles teriam em Cristo o tesouro infinito da ciência e da sabedoria divinas.

Ele disse: *Esteja de sobreaviso, para que ninguém o engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se apoiar em Cristo*[929]*, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência*[930]*.*

Cristo crucificado compreende, assim, todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

Ah, tomem cuidado para não se deixarem seduzir pelo nome mentiroso de ciência. Aproximem-se, invés disso, do tesouro escondido, embrulhado e peçam que ele seja mostrado para vocês.

Filósofo desgarrado deste mundo! O que você procura é nada. Aquele que você não procura é que é alguma coisa. Do que serve a você ter essa sede devoradora, se você caminha desrespeitosamente sobre a fonte[931]? Você despreza a humildade dela, mas é porque você desconhece sua majestade, *pois se a houvessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da Glória*[932].

Sim, *julguei não dever saber coisa alguma entre vós, senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado*. Somente sua humildade, da qual zombam os orgulhosos, mas, para atrair para eles esta ameaça: *Repreendestes os soberbos; malditos os que se apartam de vossos mandamentos*[933].

Que lei de Deus é esta, se não é a de acreditar nele e de nos amarmos uns aos outros? Nele quem? Em Jesus Cristo crucificado.

Escutemos com sabedoria o que recusa escutar o orgulho!

O mandamento imposto por Deus é de acreditar em quem? No Cristo crucificado.

Sim, o que ele nos ordena é acreditar no Cristo crucificado. É isto, sem dúvida. Mas o orgulhoso levanta a cabeça, estufa o peito, enche a boca e zomba insolentemente do Cristo crucificado.

Malditos os que se apartam de vossos mandamentos!

Por que eles zombam, se não é porque, diante de uma embalagem grosseira, eles não veem o tesouro que está dentro?

Veem a carne, veem o homem, veem a cruz, veem a morte e riem de tudo isso.

Pare! Não prossiga! Retenha seus insultos e seus desprezos. Espere, cave; não há no interior nada que o encante? E se você encontrar *coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*[934]?

O olho vê o corpo, mas há dentro dele coisas que o olho não vê. O ouvido ouve a voz, mas na voz há coisas que o ouvido não ouve. No coração surge como que um pensamento terrestre, a lembrança de um homem morto preso na cruz, mas há nele o que não imagina o coração humano.

Só surgem em nossos corações ideias comuns. Diz a Escritura: “No coração de Moisés surgiu o pensamento de visitar seus irmãos”. Isto é um pensamento comum.

Quando os discípulos estavam indecisos sobre a própria pessoa do Salvador, quando se questionavam, ao vê-lo ressuscitado tão rápido: “É ele? Não é ele? É o corpo dele? É um fantasma”, ele os repreendeu nestes termos: *Por que estão perturbados e por que essas dúvidas surgem em seus corações?*[935]

04 – A humildade da cruz é o caminho que leva à cruz.

Busquemos então, se pudermos, não o que pode surgir em nossos corações, mas em que nossos corações merecem ser elevados. Eles merecerão ser glorificados com Jesus Cristo em seu reino, se eles aprenderam a se glorificarem com ele em sua cruz.

O Apóstolo viu ao mesmo tempo o onde e o por onde. Muitos viram a meta, mas não viram o caminho para ela e amaram a pátria da grandeza, mas não conheceram o caminho da humildade. Por isso, o Apóstolo __ por causa da experiência e empenhado em refletir e prever não somente o onde, mas também o por onde __ clama com profunda convicção: *Quanto a mim, não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*[936].

Ele poderia ter dito: “A não ser na sabedoria de Jesus Cristo” e estaria dizendo a verdade; a não ser em sua majestade e teria também dito a verdade; a não ser em seu

poder e teria sido igualmente verdadeiro. Mas, ele disse: *a não ser na cruz*.

O que provoca a vergonha no filósofo do mundo é, para o Apóstolo, um tesouro. Ele não despreza a embalagem grosseira e descobre o ouro escondido.

Não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo!

De que fardo feliz você se incumbiu, ó Apóstolo! Ele reúne tudo o que você ambiciona. Você mesmo mostrou o que ele tem de rico.

Mas, no que isto ajudou? "Com isto, *o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*[937]".

Como, de fato, o mundo estaria crucificado para você, se primeiro não tivesse sido crucificado por ele o próprio Autor do mundo?

Assim, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*. Qual Senhor? O Cristo crucificado. Há humildade nele, mas também a própria majestade; há fraqueza, mas também a força; a morte, mas também a vida.

Se quiser obter os segundos, não desprezes os primeiros.

05 – Os filhos de Zebedeu, desejando a glória, são chamados a seguir o caminho.

Vocês se lembram, do Evangelho, dos filhos de Zebedeu. A mãe deles queria a grandeza e pediu ao Senhor que um se sentasse à direita e o outro se sentasse à esquerda do Pai da grande família[938]. Não é possível esconder que eles

ambicionavam uma grande posição. Mas eles não tinham compreendido a maneira de se conseguir isto. Cristo então os lembrou do fim que eles queriam atingir e o meio que eles deviam empregar para isso.

Assim, o que foi que o Senhor lhes respondeu? Ele lhes disse: *Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu devo beber?*[939]

Que cálice é este, se não é o cálice da humildade, o cálice da paixão, se não é o cálice que ele deveria beber quando, personificando nossa fraqueza, ele disse ao seu Pai: *Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice!*[940]

Colocando-se no lugar daqueles que se recusavam beber esse cálice e buscavam uma posição privilegiada, descuidando do caminho da humildade, ele lhes questionou: *Podeis vós beber o cálice que eu devo beber?*

Se você deseja o Cristo no trono, aproxime-se primeiro do Cristo na cruz. Aprenda primeiro a dizer: *Quanto a mim, não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*[941].

Esta é a doutrina cristã; ela nos ordena, ela nos recomenda a humildade; ela nos diz para só nos vangloriarmos pela cruz de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Não é difícil se vangloriar pela sabedoria de Cristo. O que é grande é se vangloriar de sua cruz, é o fato de que o devoto fica honrado com o que envergonha o ímpio, é o fato do cristão transformar em glória o que despreza o soberbo.

Não se envergonhe da cruz de Cristo! Para preservar você dessa vergonha, você recebeu na testa o sinal sagrado

e, para não ter medo das intenções estranhas, pense em sua testa.

06 – A cruz é o sinal da Nova Aliança.

O sinal do Antigo Testamento era a circuncisão, marcada na carne. O sinal do Novo Testamento é a cruz, marcada abertamente na testa.

Antigamente os mistérios eram escondidos, mas agora, eles são à descoberto. Havia antigamente um véu. Hoje o rosto fica descoberto. Está escrito: *Até o dia de hoje, quando leem Moisés, um véu cobre-lhes o coração*[942].

Por que esse véu? Porque eles ainda não chegaram até Cristo, pois, *esse véu só será tirado quando se converterem ao Senhor*[943], para que, invés de levarem a circuncisão em lugar oculto, levem a cruz na fronte.

Continua o Apóstolo: *Mas todos nós temos o rosto descoberto, refletimos como num espelho a glória do Senhor e nos vemos transformados nesta mesma imagem, sempre mais resplandecentes, pela ação do Espírito do Senhor*[944].

Não se atribua essa transformação. Não a veja como sua obra, caso contrário, desconhecendo a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua, você não será submisso à justiça divina.

Passe para o Cristo, você que se sente honrado em ser circuncidado. Você não está colocando sua glória no que tem vergonha de mostrar?

Sem dúvida que a circuncisão é um sinal e um sinal verídico ordenado por Deus, mas é um sinal do que está escondido, pois o Novo Testamento estava velado no Antigo, como o Antigo se revela no Novo.

Portanto, coloque à descoberto esse sinal escondido e exiba em sua fronte o que fica velado por suas roupas. Quem pode duvidar, de fato, que nesse símbolo estava prefigurado Cristo?

Assim, usava-se nesse símbolo uma faca de pedra[945]; *essa pedra era Cristo*[946]. A circuncisão também era feita no oitavo dia e o oitavo dia é consagrado ao Senhor, por causa de sua ressurreição.

Por isso, o Apóstolo, ao deixar essas sombras, se unir a Cristo e rejeitar o véu antigo, sabe do que ele deve se vangloriar: *Quanto a mim, não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*.

O que ele acabara de dizer? *Nem os próprios circuncisos observam a Lei. E se fazem questão de que vos mandeis circuncidar, é para terem motivo de se vangloriarem na vossa carne*[947].

E você, o que você quer, grande Apóstolo?

“Passe o sinal sagrado para sua fronte. *Não pretendo, jamais, vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*. Sei agora o que eu ignorava: a nova aliança está feita e eis colocado à luz do dia o que estava nas sombras. A luz se levantou sobre aqueles que estavam sentados à sombra da morte[948]. Eles veem o que não viam.

O que era secreto está agora à descoberto. A Pedra fundamental desceu sobre nós, a todos nós circuncidou espiritualmente e na testa dos fiéis resgatados ela gravou o símbolo da humildade”.

07 – A glória está na cruz de Cristo e não em nossa justiça.

Agora então glorifiquemo-nos pela cruz de Cristo e não tenhamos vergonha da humildade do Excelso.

Até quando vai durar essa distinção de alimentos e essa circuncisão da carne?

Há pessoas que fazem do seu ventre uma divindade e colocam sua glória em suas partes pudendas. Que eles acreditem, enfim, pois veem realizado o que lhes foi anunciado antecipadamente.

Se clamamos pelo seu advento[949], não sejamos ingratos para com o Salvador, pois ele veio.

No entanto, como os judeus se tornaram, com relação à graça nova, banidos, estranhos, trânsfugas? É que eles *têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento*[950].

Mas, que discernimento? É que, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[951]; só vendo Deus em seus mandamentos, eles acharam que podiam cumpri-los com suas próprias forças e se afastaram então do socorro divino que lhes era, no entanto, necessário, *porque Cristo é o objetivo da Lei* (ele é seu aperfeiçoamento)*, para justificar todo aquele que crê*[952].

E o que faz Cristo? Ele justifica o ímpio, mediante a fé em quem justifica o ímpio; não o santo, mas o ímpio que ele torna santo, pois, *aquele que, sem obra alguma, crê Naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*[953].

Se Abraão foi justificado em virtude de suas obras, como se ele fosse seu autor, como se tudo o que ele fez ele devesse a ele mesmo, *ele tem que se vangloriar; mas não diante de Deus*[954].

Pelo contrário, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*. Assim, pode dizer com segurança: *Por vossa justiça, livrai-me, libertai-me, inclinai para mim vossos ouvidos e salvai-me*[955].

É o Senhor, efetivamente, que liberta e que salva, não aqueles que atribuem a eles mesmos o que receberam, mas aqueles que esperam nele.

Já é sabedoria o saber de onde vem o dom[956]. Quem fala assim? Uma pessoa que pediu a Deus para ser continente. Mas, é possível, sem nenhuma continência, cumprir, não digo toda a justiça, mas um dever qualquer de justiça, já que é o prazer que leva ao pecado, sem o que não se pecaria?

A justiça, infelizmente, tem menos atrativos e talvez não ofereça nem mesmo algum. No mínimo não temos por ela o atrativo que deveríamos ter.

Por que essa espécie de desgosto? Ele não vem da fraqueza da alma?

O pão horroriza e o veneno dá prazer.

Como então, eu pergunto, nos livrarmos dessa doença? Somos, por nós mesmos, capazes disso?

Todos, infelizmente, pudemos nos ferir, mas quem de nós pode curar essa ferida voluntária?

Esta é bem a imagem dos nossos pecados; quem não os comete quando quer? Mas nenhum de nós pode fechar a ferida quando bem quer.

Ah! Que nossos corações se tornem devotos, fielmente cristãos e sensíveis à graça.

Reconheçamos nosso Médico, pois nunca um doente curou a ele mesmo.

Sermão 161 - O pecado da carne.

Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus.
Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum!
Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis?[957]

Análise

Este pecado deve nos horrorizar. 1) Porque ele comete uma injúria grave a Jesus Cristo, do qual somos os membros e ao Espírito Santo, do qual somos seus templos;

2) Porque ele nos torna dignos da eterna condenação. Como, infelizmente, não temer mais esses suplícios apavorantes e intermináveis, quando fazemos tanto para escapar dos males efêmeros da vida presente? 3) Porque devemos agir por amor a Deus, pelo desejo de agradá-lo e pelo temor de desagradá-lo. Amor feliz que leva as virgens cristãs a renunciar absolutamente aos prazeres carnais, mesmo os permitidos.

01 – Devemos fugir da imoralidade, pois a imoralidade ofende Cristo.

Acabamos de ouvir, durante a leitura, o Apóstolo repreender e reprimir as paixões humanas. Ele disse: *Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum!*

Se o Apóstolo diz que nossos membros são membros de Cristo, é porque, ao se fazer humano por nós, Cristo se tornou nossa Cabeça; nossa Cabeça sobre a qual foi dito: *Cristo é a cabeça da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador*[958]. *Ele é a cabeça do corpo, da Igreja*[959].

Se Nosso Senhor Jesus Cristo só estivesse unido à alma humana, somente nossas almas seriam seus membros, mas, como ele também se uniu ao corpo, ele se tornou, sob qualquer relação, nossa Cabeça; nós, que somos compostos por um corpo e uma alma; portanto, conclui-se, seguramente, que nossos corpos também são seus membros.

Se então um cristão se desprezasse e se aviltasse a ponto de querer se abandonar à impureza, gratuitamente, que ele respeite Cristo nele e não diga: “Cederei, pois não sou nada e *toda carne é como a erva*[960]”.

Seu corpo então não é um membro de Cristo? Aonde você vai? Volte!

Aonde você queria se jogar? Poupe em você o Cristo! Reconheça-o em você!

Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? Pois, é preciso que ela seja uma prostituta, para consentir em cometer adultério com você. No entanto, talvez ela seja uma cristã que pega membros de Cristo para fazer deles membros de um adultério.

Desta forma, ambos ultrajam Cristo, sem considerar seu Senhor e o resgate que ele pagou para libertar vocês.

Como qualificar então esse Senhor que fez dos seus servos seus próprios irmãos? E isto não bastou; ele fez deles seus membros.

E uma honra assim não é nada para você?!

Porque ele demonstrou tanta bondade, você faz pouco caso?

Se ele não tivesse sido tão condescendente, você teria desejado que ele o fosse. Mas, porque ele o foi, você o despreza?

02 – O imoral ultraja o Espírito Santo.

Não contente em ter chamado nossos corpos de membros de Cristo, pelo fato de Cristo ter tomado um corpo de mesma natureza que o nosso, o Apóstolo diz também que esses corpos são para nós templos do Espírito Santo, que recebemos de Deus. Assim, o corpo de Cristo faz com que nossos corpos sejam os membros de Cristo e o Espírito Santo, permanecendo em nós, faz desses mesmos corpos, templos do Espírito Santo.

Sobre o que agora vão recair seus desprezos? Sobre Cristo, do qual você é membro ou sobre o Espírito Santo, do qual você é o templo?

A infame prostituta que consente em praticar o mal com você, talvez você não ouse introduzi-la em seu quarto, no quarto onde você tem seu leito nupcial. Então, para mergulhar no lodo, você procura em seu lar um lugar abjeto e infame. Assim, você respeita o leito da sua esposa, mas não respeita o templo do seu Deus?

Você não deixa uma impudica entrar no lugar onde você dorme com sua esposa e, embora você seja o templo de Deus, você mesmo vai se encontrar com a prostituta? O templo de Deus, no entanto, me parece ser mais honroso do que o quarto da sua esposa.

Além do mais, aonde quer que você vá, Jesus vê você. Ele que criou você, ele que o resgatou quando você estava vendido, ele que morreu por você, quando você estava morto.

Você não se reconhece, mas ele não desvia o olhar de você. Mas é para castigar você, é verdade e não para ajudá-

lo, pois, *Os olhos do Senhor estão voltados para os justos e seus ouvidos atentos aos seus clamores*[961].

Para gelar de terror aqueles que se vangloriam de uma segurança fatal e se dizem: “Agirei, pois Deus não observa essas ações ignóbeis”, o Profeta acrescenta algo imediatamente. Escute-o, examine a quem você pertence, pois Jesus vê você em qualquer lugar aonde você vá. O Profeta então acrescenta: *O Senhor volta a sua face irritada contra os que fazem o mal, para apagar da terra a lembrança deles*[962].

E de que terra? Daquela sobre a qual está escrito: *Senhor, vós sois minha esperança, meu quinhão na terra dos vivos*[963].

03 – A imoralidade exclui do Reino de Deus.

É possível que, neste momento, uma pessoa corrompida, ímpia, adúltera, impudica e corruptora que aplauda seu próprio comportamento, que envelheceu sem deixar envelhecer sua própria paixão, questione:

“Sim, é bem verdade que *o Senhor volta a sua face irritada contra os que fazem o mal, para apagar da terra a lembrança deles*. Mas, aqui estou eu, bem velho. Desde minha juventude até os dias de hoje eu não poupei nada. Eu sepultei muitas pessoas castas e mais jovens do que eu. Eu participei de funerais de um número muito grande de pessoas puras. A quantas pessoas sábias eu sobrevivi em minha libertinagem! Por que então nos dizer que o Senhor

lança seus olhares sobre aqueles que praticam o mal, para apagar da terra até mesmo suas lembranças?”

Mas, há outra terra onde não há impudicos Outra terra onde Deus reina pessoalmente.

Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus.

É desta forma que será apagada da terra até mesmo suas lembranças.

Enquanto se entregam aos crimes, muitos se iludem. Foi por causa desses infelizes que vivem abominavelmente e que ainda esperam o Reino de Deus, onde não entrarão, é que foi escrito: *o Senhor volta a sua face irritada contra os que fazem o mal, para apagar da terra a lembrança deles*.

Haverá, para morada dos justos, um novo céu e uma nova terra. Mas lá não poderão habitar os ímpios, os maus e nem os lascivos.

Você que se reconhece aqui, escolha onde você quer morar, enquanto o tempo ainda permite a você mudar.

04 – Dois lares: no fogo e no Reino.

Há duas moradas: uma no meio do fogo eterno e outra no Reino eterno.

Pense que os tormentos serão diferentes nas chamas eternas. Mas todos os que estiverem lá serão atormentados; uns mais, outros menos. Não está escrito que Sodoma, no

dia do juízo será tratada de maneira mais tolerável do que outra cidade[964] e que muitos percorrem *mares e terras para fazer um prosélito e, quando o* conseguem*,* fazem *dele um filho do inferno duas vezes pior que* eles *mesmos*[965]?

Imagine que um é torturado duas vezes mais que o outro, que uns o são menos e outros mais; no entanto, não é uma morada que você escolhe. Os tormentos lá são mais apavorantes do que os mais temidos por você neste mundo.

Pense no pavor que tomaria conta de você, se você se visse acusado e ameaçado de ser lançado nas masmorras. No entanto, você é tão inimigo de você mesmo, a ponto de merecer ser jogado, por causa do seu comportamento, nas chamas eternas?

Eu vejo você tremer, se perturbar, empalidecer, correr até a Igreja, pedir para ver o bispo e se prostrar aos seus pés. Ele pergunta a você o porquê disso tudo.

“Salve-me!”, você pede.

Do quê?

“Alguém me acusa injustamente”.

O que ele pretende contra você?

“Senhor, ele quer tomar meus bens. Senhor, ele quer me jogar na prisão. Tenha piedade de mim. Salve-me!”

Aí está a que ponto se teme a prisão e a perda dos bens. No entanto, se teme tão pouco ser queimado no inferno?!

Enfim, quando o perigo se torna mais urgente, quando o infortúnio vai mais longe e se é exposto à morte, quando alguém teme sucumbir e ser condenado à morte, todos

gritam que precisam de socorro e apelam para todos os recursos.

“Corram! Ajudem! Pela minha vida!” O que se pode dizer de mais sério para aumentar o infortúnio é dizer que a vida está em perigo.

Sem dúvida que se deve ajudar e não se pode recusar o socorro numa situação dessas. Se se tem algum poder, ele deve ser todo empregado nessa situação.

05 – A morte da alma deve ser mais temida do que a morte do corpo.

Quero, no entanto, questionar essa pessoa em perigo. Essa pessoa, cujo perigo me comove até às entranhas, porque disse: “Corram! Ajudem! Pela minha vida!”

É fácil responder a ela. Sim, eu corro para salvar a vida do seu corpo; mas, se ao menos você corresse para salvar sua alma! Se ao menos você soubesse que, ao correr para salvar seu corpo, eu não posso fazer nada por sua alma!

Eu prefiro então ouvir a verdade da boca de Cristo, invés de ouvir os gritos que inspira em você um falso pavor. Ele diz: *Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes Aquele que pode precipitar a alma e o corpo na Geena*[966].

Você quer que eu corra para salvar sua vida, mas, aquilo que você teme, aquilo cujas ameaças fazem você empalidecer, não pode matar sua alma. Sua fúria se limita ao seu corpo. Cabe a você poupar sua alma. Ele não pode

matá-la, mas você pode. Você pode fazer isso. Não com sua arma, mas com sua língua.

Seu inimigo, ao golpear você, põe fim à sua vida, mas, *a boca que mente mata a alma*[967].

Seria preciso então que a visão do que se teme no tempo elevasse o pensamento até o que se deve realmente temer. Teme-se a prisão, mas não se teme a Geena? Temem-se os carrascos torturadores, mas não se temem os anjos do inferno? Teme-se um castigo temporal, mas não se temem os suplícios do fogo eterno? Teme-se, enfim, morrer momentaneamente, mas não se teme morrer eternamente?

06 – A vida da alma e a vida do corpo.

Afinal, o que pode fazer a você essa pessoa que quer sua morte, que você teme, que você tem horror, da qual você foge, cujo medo não deixa você dormir, que faz você tremer até mesmo durante o sono, se acontece dela aparecer em seu sono? Ela separará sua alma do seu corpo.

Mas, pense para onde vai essa alma, uma vez separada, pois tudo o que pode fazer seu inimigo, ao matar seu corpo, é separar a alma que o faz viver, já que sua vida vem realmente da presença da alma e é essa presença, enquanto ela durar, que torna a vida indestrutível.

O inimigo que jurou você de morte quer então simplesmente afastar do seu corpo a alma que o faz viver.

Mas sua alma também não tem um princípio de vida? A alma igualmente não retira sua vida de algum lugar? E se a morte do corpo consiste em expulsar a alma ou a vida, a

alma, por sua vez, não expulsa, ao morrer, o que a faz viver?

Pois bem! Se conseguirmos descobrir, não qual é a vida do corpo, pois já sabemos que é a alma, mas qual é a vida da sua alma, você deverá, eu creio, temer perder essa vida da sua alma, mais do que você teme perder a vida do seu corpo. Uma morte deve inspirar em você mais pavor do que a outra.

Enfim, por que ficar muito tempo neste ponto? A alma é a vida do corpo e Deus é a vida da alma. O Espírito de Deus habita nossa alma e, por nossa alma, nosso corpo, que se torna assim o templo do Espírito Santo, que Deus nos deu.

Este Espírito, efetivamente, desceu em nossa alma, tendo *o amor de Deus* sido *derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[968], ficando o todo dependente do que ocupa a parte dominante.

Em você, efetivamente, essa parte dominante é a natureza mais nobre, donde se conclui que Deus, ocupando essa natureza que é o seu coração, o seu intelecto, a sua alma, possui também, através dela, a natureza que lhe é subordinada, ou seja, seu corpo.

Que o inimigo apareça então, que ele o ameace com a morte e que ele obtenha seu intento, se ele puder, separando assim sua alma do seu corpo, contanto que sua alma não se separe da própria vida dela!

Se você implora com razão diante desse inimigo poderoso e lhe diz, em um tom lamentoso: “Não atire! Poupe meu sangue!”, Deus também não diz a você: *Tenha*

compaixão por sua alma, torne-se agradável a Deus e seja firme[969]?

Talvez seja sua alma que clame a você: “Implore a ele que não atire, caso contrário, eu o deixo. Eu não poderei ficar mais com você e, se você quiser que eu fique, peça-lhe para não atirar”.

Que alma é essa que pergunta: “Se você quiser que eu fique”?

É você mesmo. É você que fala assim. Você é a alma. É você que foge, se o inimigo golpeia seu corpo. É você que se vai, que emigra enquanto o pó jaz sobre o pó.

Onde estará então esse princípio que animou esse pó? Para onde irá esse espírito que foi dado a você pelo sopro de Deus[970]? Se ele não perdeu sua vida, ou seja, seu próprio Deus, ele permanecerá Nele. Sim, se ele não O perdeu, se ele não O afastou, é Nele que permanecerá seu espírito.

Se você deu ouvidos à fraqueza da sua alma, quando ela clamou: “Ele vai me golpear e eu vou deixar você”, você não teme, quando Deus mesmo diz para você: “Vou abandonar você, se você pecar”?

07 – O medo infundado e o medo útil.

Eu gostaria que nossos medos vãos nos inspirassem um medo útil. É um medo vão aquele de todas as pessoas que temem perder os bens temporais, já que devem partir daqui e, temendo partir daqui, querem adiar para sempre o que deve inevitavelmente acontecer.

Sim, são medos vãos e, no entanto, eles existem. Eles são sentidos vivamente e não se pode evitá-los. Daí o dever de censurar, reprimir, lamentar e deplorar esses infelizes que têm medo de morrer e que insistem em trabalhar para retardar um pouco que seja a morte.

Por que não trabalham para não morrerem jamais? Porque, apesar de tudo, eles não conseguirão jamais isso.

Eles não podem então fazer nada, para conseguirem isso? Absolutamente nada. Seja o que for que você faça, tome todas as precauções possíveis, fuja para onde quiser, abrigue-se atrás das mais sólidas muralhas, empregue todas as riquezas imagináveis para comprar sua vida e todos os mais hábeis estratagemas para enganar o inimigo; uma febre basta para parar você e, ao tentar todos os meios para não expirar imediatamente sob os golpes do inimigo, no máximo você consegue morrer de febre um pouco mais tarde.

No entanto, você pode não morrer jamais. Se você teme a morte, ame a vida.

Ora, sua vida é o próprio Deus. Sua vida é Cristo. Sua Vida é o Espírito Santo. Não é praticando o mal que você o agrada. Ele não quer um templo arruinado. Ele não entra em um templo sujo.

Gema perante ele para conseguir que ele purifique o santuário dele. Gema perante ele para que ele reconstrua o templo dele; para que ele reerga o que você derrubou; para que ele repare o que você destruiu; para que ele refaça o que você desfez.

Clame para Deus! Clame em seu coração, pois é lá que ele ouve. Se você peca onde ele vê, clame onde ele ouve.

08 – Não é digno de louvor evitar o mal por medo da pena.

No entanto, quando você tiver corrigido em você o medo; quando você tiver começado a temer em seu benefício, não os tormentos passageiros, mas o suplício das chamas eternas; quando, por consequência, você não cometer mais adultério, pois foi deste vício que começamos a falar, por causa destas palavras do Apóstolo: *vossos corpos são membros de Cristo*; quando então o medo de queimar no fogo que não se extingue tiver feito com que você renuncie ao adultério, você não merecerá elogios ainda. Sem dúvida que você será menos digno de censuras, mas não será ainda digno de louvores.

De fato, o que há de honroso em temer o castigo? Belo é amar a justiça.

Para conhecer você melhor, eu vou interrogá-lo. Escute minhas perguntas soarem em seus ouvidos e interrogue-se em silêncio.

Responda-me então: quando, vencido pela paixão, você tem uma cúmplice, por que você não comete adultério?

Você responde: “Porque tenho medo. Tenho medo do inferno, Eu temo o suplício dos fogos eternos. Eu temo o julgamento de Cristo. Eu temo a companhia dos demônios. Eu temo ser condenado por Cristo e queimado pelos demônios”.

Pois então! Eu vou censurar este medo, como eu censurei o medo do inimigo que queria lhe tirar a vida do seu corpo? Eu havia dito então e com razão: “Você está errado, pois seu Senhor o tranquilizou com estas palavras: *Não temais aqueles que matam o corpo*”.

Agora que você disse: “Tenho medo do inferno. Temo ser queimado. Tenho medo de ser castigado eternamente”, o que eu responderei? Que você está errado? Que o seu medo não tem fundamento? Eu não ouso fazer isto, pois, depois de ter condenado seu medo, o Senhor recomendou que você tivesse medo.

Ele disse: *Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes Aquele que pode precipitar a alma e o corpo na Geena*[971]. Sim, eu repito: tema Este.

O Senhor então inspirou o medo; um medo vivo e ameaçador, ao repetir duas vezes o verbo temer. Como eu posso então dizer a você que está errado em ter medo?

Eu não direi. Sim, tema. Não há nada mais digno de se temer; não há nada que você deva temer mais.

Mas, há outra questão. Se Deus não visse você praticando o mal e ninguém pudesse interpelá-lo perante um tribunal por tê-lo praticado, você o praticaria?

Examine-se bem! Caso contrário, você não poderia responder a todas as minhas questões. Examine-se!

Pois bem! Você praticaria o mal? Se você responder sim, significa que é o castigo que dá medo em você. Você ainda não ama a castidade. Você não tem ainda o amor, mas um

medo servil. Há em você o medo do mal, mas não o amor pelo bem.

Continue, no entanto, a temer. Esse medo poderá preservar você e levá-lo ao amor, pois esse medo do inferno que o impede de praticar o mal é realmente um freio para você. Ele impede sua vontade de executar o mal que agrada você.

É o medo que preserva você e que o faz cumprir a Lei com o chicote na mão. Isto ainda é a letra ameaçando e não a graça dando forças.

Que o medo continue, no entanto, a preservar você e, ao se abster por medo, você acabará por receber o amor. Este entrará em seu coração e, na medida em que ele for penetrando, ele irá afastando o medo de lá.

O medo o impedia de praticar o mal e o amor o impedirá de dar seu consentimento a ele, mesmo quando você puder praticá-lo impunemente.

09 – O amor afasta um medo e introduz outro.

Eu acabo de dizer o que vocês devem temer e o que vocês devem buscar. Dediquem-se ao amor! Que o amor penetre em vocês! Acolham-no com o medo de pecar! Invoquem em vocês o amor que não peca, o amor que controla a vida!

Eu disse agora há pouco que, quando o amor começa a entrar no coração, o medo começa a sair de lá. Quanto mais um entra, mais o outro desaparece e quando um entrou totalmente, não fica mais nada do outro, pois, *o perfeito*

amor lança fora o temor[972], ele o afasta ao penetrar na alma.

No entanto, o amor não entra no coração sozinho. Ele leva com ele um medo especial que é obra dele, mas que é um medo puro e que *permanece pelos séculos dos séculos*[973].

Diferencia-se então o medo servil __ por exemplo, o de queimar com os demônios __ do medo puro, que é o que agrada a Deus. Façam uma ideia dele, meus irmãos, considerando as disposições do coração humano.

Um servo tem medo do seu senhor, mas é para não ser castigado, para não ser acorrentado pelos pés, para não ser jogado nas masmorras e nem condenado a ser esmagado girando a mó. Tais medos afastam o servo do pecado, mas, no instante em que ele se livra dos olhos do senhor e não tem mais nenhuma testemunha, ele pratica o mal.

Por que ele o pratica? Porque ele teme o castigo mas não ama a justiça.

Quanto à pessoa de bem, que é justa e livre __ pois não é por ser livre que a pessoa é justa, já que todo pecador é escravo do pecado[974] __ é a justiça que ela ama, pois, mesmo podendo pecar sem testemunha, ela teme o olhar de Deus e se Deus mesmo lhe dissesse: “Eu vejo quando você peca e não o condenarei, mas você me desagrada”, isto bastaria.

A pessoa de bem não quer desagradar seu Pai, que, no entanto, não é um juiz terrível. Ela não teme ser condenada, punida, torturada, mas sim ferir o coração

paterno e desagradar Aquele que a honra com seu amor. Se ela ama realmente e se sente amada por seu Senhor, como ela poderia fazer o que o ofende?

10 – O poder do amor desonesto.

Pense mesmo nos amores perigosos e desonestos. Imagine um miserável, um devasso que se vista ou que se enfeita de maneira diferente do que agrada a mulher que causa sua perda. Ela lhe diz: “Não use esta capa”. Ele não a usa. Mesmo que ela lhe diga em pleno inverno: “Eu prefiro você em roupas leves”. Ele prefere tremer de frio a lhe contrariar.

Essa mulher, por acaso, pode condená-lo, enviá-lo à prisão, colocá-lo nas mãos dos carrascos? Ele só teme ouvir dela: “Eu não o verei mais”. Ele só teme estas palavras: “Você não me verá mais”.

Oras! Estas palavras ditas por uma impudica fazem tremer, mas ditas por Deus não fazem tremer?!

Sem dúvida alguma que fazem, mas com a condição de que o amemos! Se não o amamos, elas não nos aterrorizam, a não ser como servos, por medo do fogo do inferno, das apavorantes ameaças da Geena, dos inumeráveis anjos perversos e assustadores que estão sob as ordens do diabo e dos seus terríveis suplícios.

Pois bem! Temamos pelo menos isto. Se amamos pouco o bem, temamos pelo menos os atrozes infortúnios.

11 – As virgens consagradas por amor.

Chega, portanto, de imoralidades! *Sois o templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós. Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá*[975].

O casamento é permitido; não procure nada fora dele. Este fardo não é muito pesado.

Por um amor maior, as virgens assumiram um fardo muito mais pesado. Para agradarem mais o coração de quem elas se devotaram, elas renunciaram ao que lhes era permitido, ambicionando assim, para suas almas, uma beleza maior.

É como se elas tivessem dito ao Senhor: "O que nos ordenais? Que não sejamos adúlteras? Pois bem! Faremos mais, por amor a vós".

Diz o Apóstolo: *A respeito das pessoas virgens, não tenho mandamento do Senhor*. Então, por que fazem isto? *Porém, dou o meu conselho*[976].

Essas almas amorosas, que desprezam as núpcias terrenas e não querem os abraços terrenos, seguem por elas mesmas, não apenas os preceitos, mas também o conselho. Para serem mais agradáveis, elas querem se embelezar mais.

De fato, quanto mais se procuram os ornamentos do corpo, do ser exterior, mais a alma perde sua graça. A beleza dos costumes ornamenta muito mais, quanto menos se cobiçam os embelezamentos exteriores.

Assim, São Pedro diz: *Não seja o vosso adorno*. Com estas primeiras palavras __ *Não seja o vosso adorno* __ as pessoas carnais não pensam que se trata de ornamentos

visíveis? Mas, logo este pensamento sugerido pela concupiscência desaparece. *Não seja o vosso adorno o que aparece externamente: cabelos trançados, ornamentos de ouro, vestidos elegantes; mas tende aquele ornato interior e oculto do coração, a pureza incorruptível de um espírito suave e pacífico, o que é tão precioso aos olhos de Deus*[977].

Deus, de fato, não prepararia ornamentos para o ser exterior e deixaria o ser interior na nudez. Assim, à alma invisível, ele deu tesouros e ornamentos invisíveis.

12 – O amor das virgens consagradas.

Buscando esses santos ornamentos, as virgens cristãs não desejaram o que lhes era permitido e nem mesmo consentiram ser coagidas a isso. Em quantas delas o amor divino derrotou violências de seus pais!

O pai se irritou, a mãe ficou em lágrimas, mas a filha se elevou acima disto tudo, porque ela tinha diante dos olhos *o mais belo dos filhos dos homens*[978].

Por ele então ela quis se ornamentar, para só se ocupar com ele, pois, a mulher *que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito; mas a casada cuida das coisas do mundo, procurando agradar ao marido*[979].

Aí está o que é amar. O Apóstolo não disse: “Ela pensa em como escapará da condenação de Deus”. Isto ainda seria um medo servil, um medo preservador, que afastaria essas almas do mal, para torná-las dignas de receber o espírito do amor. Mas essas almas não querem saber como

evitar os castigos divinos e sim como agradar a Deus; querem saber como elas agradarão a Deus com encantos interiores, com as graças secretas, com a beleza do coração, descobertos aos seus olhos. É aí somente e não nos corpos que elas estão à descoberto. Sempre puras, aliás, tanto no corpo como na alma.

Que o exemplo dessas virgens ensine pelo menos os esposos e as esposas a evitarem o adultério. Se as primeiras fazem mais do que lhes é ordenado, que os segundos pelo menos façam o que lhes é.

Sermão 162 - Pecar no próprio corpo.

Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo[980].

Análise

Este sermão, que muitas edições dizem não passar de um fragmento, é a solução, com um duplo ponto de vista, destas palavras de São Paulo: "Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo".

Se entendermos aqui a fornicação em seu sentido próprio, as palavras do Apóstolo podem significar que, ao cometer a impureza, o ser humano fica tão absorvido pelos sentidos e submergido nos deleites carnais que ele não vê nada fora dele. Ele está então inteiramente em seu corpo, enquanto que não acontece desta mesma maneira quando ele comete outros pecados.

Se a palavra fornicação for tomada aqui em um sentido figurado e para expressar o apego do pecador a tudo o que não é Deus, este pecado é contraposto aos pecados do esquecimento e da fragilidade, que são cometidos sem apego perverso. O corpo designaria aqui a concupiscência, à qual o Apóstolo relaciona todos os pecados propriamente ditos e que seriam cometidos fora do corpo, quando se peca sem paixão e por pura fragilidade.

Santo Agostinho adverte, no entanto, que não está seguro de ter penetrado inteiramente no pensamento do Apóstolo.

01 – A difícil questão nas palavras do Apóstolo.

A questão que nos sugerem estas palavras do bem-aventurado Apóstolo, em sua Epístola aos Coríntios: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*, poderá ser perfeitamente resolvida?

Eu ignoro, tamanha é sua profundidade!

Podemos, no entanto, com a ajuda de Deus, lhe dar um sentido provável.

O Apóstolo tinha acabado de dizer, nesta mesma epístola: *Não vos enganeis: nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os beberrões, nem os maledicentes, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus*[981] e, um pouco além: *Não sabeis*

que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum! Ou não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: "Os dois serão uma só carne". Pelo contrário, quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito[982]. Depois, ele acrescenta: *Fugi da fornicação. Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai e levai, pois, Deus, no vosso corpo*[983].

Como vimos, o Apóstolo assinala primeiro um grande número de pecados horríveis que excluem do Reino de Deus e que o ser humano só poder cometer por intermédio do seu corpo, o corpo que ele chama, nos fiéis, de templo do Espírito Santo que Deus nos deu. O corpo desses membros que ele assegura ser os membros de Cristo e dos quais ele diz, em tom de censura e interrogação: *Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta?*, para responder: *De modo algum!* e para acrescentar logo: *Não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: "Os dois serão uma só carne". Pelo contrário, quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito.*

Ele conclui assim: *Fugi da fornicação*. E é então que ele acrescenta: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*, como se todos os pecados que ele enumerou ao dizer: *Não vos enganeis: nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os beberrões, nem os maledicentes, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus*?, como se todos esses crimes e vergonhas pudessem ser praticados sem o corpo.

Quem, em sã consciência, afirmaria isto?

O Apóstolo, em toda esta passagem só visava o corpo, resgatado tão caro, ao preço do próprio sangue adorado de Cristo e transformado no templo do Espírito Santo. Ele quis dizer que, invés de sujar esse corpo com abominações, ele fosse conservado em uma pureza inviolada, como a habitação do próprio Deus.

Por que então ter acrescentado, para levantar uma questão tão difícil: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*?

Não é verdade que a fornicação e todos os outros pecados relacionados a ela só podem ser cometidos e praticados pelo corpo? Para não falar dos outros pecados, quem poderia, sem a ajuda dos órgãos corporais, ser um ladrão, um beberrão, um maledicente ou um assaltante?

Por que então estas palavras: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem*

fornica, peca em seu próprio corpo?

Podemos constatar primeiro que todas as concupiscências descontroladas às quais se abandona o ser humano de uma maneira puramente interior, não acontecem fora do corpo, já que, seguramente, elas são produzidas pela sensualidade e pela sabedoria carnal, enquanto o ser humano estiver em seu corpo.

O próprio crime assinalado nestas palavras de um Salmo: *Diz o insensato em seu coração: "Não há Deus!"*[984], o bem-aventurado apóstolo São Paulo não pôde considerar independente do corpo, pois ele diz em outra passagem: *Teremos de comparecer diante do tribunal de Cristo. Ali cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*[985]. Seria preciso, de fato, que o ímpio ainda estivesse em sua carne para poder dizer: *"Não há Deus!"*.

Sem falar do que o mesmo Doutor dos Gentios escreveu em outra de suas epístolas, onde lemos: *As obras da carne são estas: fornicação, impureza, despudor, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, competição, ódio, rixa, discórdias, sectarismo, invejas, homicídios, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes. Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus!*[986]

Não parece que, nesta enumeração, as invejas, os ódios, as brigas, os ciúmes e o partidarismo não pertencem ao corpo? No entanto, eles são apresentados como obras da

carne, por este mesmo doutor que iniciou os gentios na fé e na verdade.

O que significam então estas palavras: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo*? E por que falar de um só pecado: *mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*?

02 – Porque só o pecado carnal é considerado pecado contra o próprio corpo.

Por mais inculto e de mente fechada que se possa ser, percebe-se a dificuldade desta questão. Se, no entanto, atendendo nossos devotos desejos, o Senhor condescender nos esclarecer e nos ajudar um pouco, será possível retirar dela um sentido aceitável.

Aqui então, o bem-aventurado Apóstolo, em quem falava Cristo[987], parece ter desejado elevar a gravidade do pecado da fornicação acima de todos os outros pecados cometidos por intermédio do corpo, mas que, no entanto, não tornam a alma humana escrava e dependente do corpo, como ela se torna, de maneira exclusiva, na prática da fornicação, onde o ardor impetuoso da paixão a confunde com o corpo, a une a ele, a gruda a ele, num certo sentido, acorrentando-a estreitamente; tão estreitamente que, no momento em que ele se entrega freneticamente a esse ato brutal, lhe é impossível ver ou querer outra coisa que não seja o que leva sua alma a isso. E, como que submersa e engolida nesse lodo vergonhoso, a alma não passa de uma escrava.

Se então o Apóstolo disse: *mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*, é porque então e sobretudo no momento do ato infame, o coração se torna verdadeira e absolutamente escravo do corpo e seria para afastar mais eficazmente de tais horrores que ele teria dito: *Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta?* E teria respondido com execração e rejeição: *De modo algum! Não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: "Os dois serão uma só carne".*

Poderíamos dizer o mesmo dos outros crimes, quaisquer que eles sejam, que são cometidos pelas pessoas?

No momento em que se entrega a um deles, o espírito conserva a liberdade de pensar nele e de se dedicar a outras coisas, enquanto que, no momento em que se abandona à fornicação, ele não pode se ocupar com mais nada, absolutamente. A pessoa então fica tão absorvida no que faz que não se pode dizer que seu pensamento seja dela. Poderíamos dizer, pelo contrário, que ela não passa de *simples carne, um sopro que vai e não volta*[988].

Donde se segue que, com as palavras: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*, o Apóstolo parece ter querido nos dizer, para nos inspirar um vivo horror à fornicação, que, comparados a ela, os outros pecados são fora do corpo, enquanto que este mal pavoroso retém a alma no corpo, já que a violência dessa paixão, que

não tem igual, faz dessa alma uma escrava e uma cativa da volúpia carnal.

03 – Num sentido mais geral: quem não está próximo de Deus é adúltero.

Isto deve ser entendido da fornicação, propriamente dita. No entanto, os livros santos dão a este vício um sentido mais amplo. Esforcemo-nos, com a ajuda de Deus, para aplicar a este sentido nossas reflexões.

É preciso tomar, evidentemente, a fornicação em um sentido geral, quando se lê estas palavras de um Salmo: *Perecem aqueles que de vós se apartam, destruís os que procuram satisfação fora de vós*[989]. E, quando se observa em seguida, nas palavras seguintes, o meio de evitar esta espécie de fornicação geral: *Mas, para mim, a felicidade é me aproximar de Deus*[990], fica fácil ver, de fato, que há fornicação para a alma humana, quando, invés de se unir a Deus, ela se une ao mundo.

Daí vem estas palavras do apóstolo São João: *Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai*[991] e estas outras de São Tiago: *Adúlteros, não sabeis que o amor ao mundo é abominado por Deus? Todo aquele que quer ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*[992].

Isto demonstra que o amor a Deus é incompatível com o amor ao mundo e que, ao se querer amar o mundo, vira-se inimigo de Deus.

É isto o que significam também estas palavras do Senhor, no Evangelho: *Ninguém pode servir a dois*

senhores, por que ou odiará a um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. E esta conclusão que ressalta delas: *Não podeis servir a Deus e à riqueza*993.

Desta forma, como dissemos, a fornicação, entendida em um sentido geral e abrangendo absolutamente tudo, consiste em se apegar ao mundo e não a Deus e é nesta acepção de prostituição geral que devemos tomar estas palavras do Apóstolo: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*.

De fato, se a alma humana é isenta do pecado da fornicação, quando ela se apega intimamente a Deus e, de forma alguma, ao mundo, quaisquer que sejam os pecados que ela comete, seja por ignorância, seja por negligência, seja por esquecimento, seja por falta de inteligência, como estes pecados não vem da concupiscência da carne, mas da fragilidade humana, podemos vê-los nestas palavras: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo*.

Não sendo, efetivamente, esses pecados rastros de nenhuma concupiscência, tem-se razão em considerá-los como sendo fora do corpo.

Se, pelo contrário, a alma mundana se apega ao mundo, se afastando de Deus, como ela assim se prostitui, ao se separar de Deus, ela peca em seu próprio corpo, pois a concupiscência carnal a joga sobre tudo o que é carnal e efêmero. A sensualidade e a sabedoria da carne a arrastam,

num certo sentido e a colocam à serviço da *criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos*994.

04 – A dupla interpretação das palavras do Apóstolo.

Estes são, em minha opinião, o sentido geral e o sentido especial que podemos assinalar, sem ferir a fé, na famosa passagem em que lemos estas palavras do grande e incomparável Doutor: *Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo*.

O Apóstolo quis nos inspirar um vivo horror pela fornicação propriamente dita e se, segundo ele, ela é cometida no corpo, é porque o ser humano, ao pecar, em nenhuma outra situação está tão ligado ou preso ao prazer carnal de uma maneira tão completa e tão insuperável. Assim, comparados à desordem deste pecado abominável, os outros pecados, mesmo os cometidos por intermédio do corpo, parecem ser cometidos fora do corpo.

Por sujeitar a alma ao corpo e fazer deste seu escravo vil, há, na fornicação, sobretudo no momento em que se consuma esta impura iniquidade, uma força impetuosa e irresistível que não é encontrada em nenhuma outra parte e a alma não pode então realmente pensar ou suportar outra coisa que não seja o que se passa em seu corpo.

Podemos admitir também que o Apóstolo quis falar da fornicação em um sentido mais amplo, quando disse:

Qualquer outro pecado que o ser humano comete é fora do corpo, mas, quem fornica, peca em seu próprio corpo.

Seria preciso então entender que, ao se apegar ao mundo e não a Deus, por amor ou desejo pelos bens temporais, todos pecam em seu próprio corpo, no sentido em que, entregues e sujeitos a todas as concupiscências carnais, fica-se inteiramente escravo das criaturas e que se rompeu com o Criador por causa deste *orgulho* que *é o princípio de todo pecado* e que se revela primeiro ao *renegar a Deus*[995].

Em qualquer pecado então que se seja arrastado pela corrupção e a mortalidade que pesam sobre todos, como se estaria isento desse vício da fornicação, tomada em sentido geral, se pecaria fora do corpo, pois, como já dissemos várias vezes, se estaria, num certo sentido, fora do corpo e se estaria alheio a essa concupiscência viciosa e carnal.

É somente essa concupiscência geral que afasta a alma de Deus e que a prostitui em todos os pecados que ela comete, ligando-a, de alguma forma e prendendo-a a todos os desejos e a todas as seduções do corpo e do tempo. Ela peca assim, em seu próprio corpo, já que é para obedecer às concupiscências do corpo que ela se sujeita ao mundo e se afasta de Deus. Isto é o que significa que dissemos: *O início do orgulho é renegar a Deus*.

Assim, para nos afastar desse vício geral da fornicação, o bem-aventurado João clama: *Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo - a*

concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida - não procede do Pai, mas do mundo. O mundo passa com as suas concupiscências, mas quem cumpre a vontade de Deus permanece eternamente[996].

Este amor pelo mundo, que abrange todas as concupiscências, é então próprio da fornicação geral que se comete no corpo, já que a alma só trabalha então para satisfazer os desejos e as impressões provocadas pelas coisas visíveis, materiais e passageiras, ao mesmo tempo em que ela é deixada e abandonada pelo Criador Universal.

Sermão 163 - O templo novo ou a vida nova.

Digo, pois: deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne. Porque os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis. Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei.
Ora, as obras da carne são estas: fornicação, impureza, despudor, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, competição, ódio, rixa, discórdias, sectarismo, invejas, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes. Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus![997]

Análise

Para consagrar ao Deus verdadeiro um templo anteriormente dedicado aos ídolos, há partes que precisam

ser totalmente derrubadas e há outras que são santificadas. Da mesma forma, para nos dedicarmos ao serviço de Deus, devemos destruir em nós o pecado e viver para Jesus Cristo, o Salvador enviado por Deus à terra e, precisamos, por consequência, estar em armas e combater.

Mas, por quais meios obter a vitória?

Dois meios são necessários: a humildade, que nos inspira Deus através da luta constante e a sensação de nossa fraqueza e a graça divina, que a Lei antiga não nos conferiu, só multiplicando o pecado, invés de destruí-lo.

Imploremos então, com fé, a ajuda do céu.

01 – A consagração de um templo profano.

Considerando, meus irmãos, o que nós éramos antes da graça e o que a graça fez de nós, nos convencemos facilmente que, se as pessoas melhoram, há também edifícios que se tornam como que instrumentos da graça, depois de terem sido erguidos contra ela.

De fato, como disse o Apóstolo: *Somos o templo de Deus vivo, como o próprio Deus disse: "Eu habitarei e andarei entre eles e serei o seu Deus e eles serão o meu povo"*[998]

Os ídolos que estavam aqui bem que poderiam ter permanecido aqui, mas não poderiam andar por aqui. Quanto à Majestade suprema, ela está em movimento em nossos corações, já que eles foram ampliados pelo amor.

É a isto que nos exorta o Apóstolo com estas palavras: *Abri largamente os vossos corações. Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis*[999].

Sim, Deus caminha em nós, se nós nos ampliamos desta forma. Mas, é preciso que ele mesmo opere para nos ampliar.

Se, efetivamente, é o amor que nos amplia e o amor não se fecha jamais, não é Deus quem produz em nós essa ampliação, já que o Apóstolo nos ensina que *o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[1000]?

Não nos esqueçamos de que é essa ampliação de nossos corações que permite que Deus caminhe em nós.

02 – Em nós, como em um templo profano, há coisas que precisam ser destruídas e outras que devem ser consagradas.

Na leitura da epístola do Apóstolo, foi isto o que ouvimos: *Deixai-vos conduzir pelo Espírito e não satisfareis os apetites da carne. Porque os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*.

Foi a batizados que São Paulo falou assim. Isto não foi construir, sem consagrar ainda o templo?

O que acontece, meus irmãos, quando se consagra para usos mais nobres os edifícios terrenos? Derruba-se e corta-se de um lado e melhora-se de outro.

O mesmo acontece conosco. Há em nós obras carnais e vocês acabam de ouvir o Apóstolo enumerá-las. Ele disse: *As obras da carne são estas: fornicação, impureza, despudor, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, competição, ódio, rixa, discórdias, sectarismo,*

invejas, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes. Isto é o que precisa ser destruído e não melhorado.

Assim, São Paulo acrescenta: *Dessas coisas vos previno, como já vos preveni: os que as praticarem não herdarão o Reino de Deus!*

Destruamos em nós estes vícios, como quebramos os ídolos!

Quanto aos órgãos dos nossos corpos, são eles que precisam ser consagrados para usos mais nobres, empregando-os no serviço glorioso da caridade, depois deles terem sido empregados por muito tempo no interesse vergonhoso da cupidez.

03 – A edificação pela fé e a consagração pela ressurreição.

No entanto, observem e examinem com cuidado o pensamento do Apóstolo. Somos os trabalhadores de deus ocupados ainda na construção do templo. Esse templo, no entanto, já está consagrado na pessoa da nossa Cabeça.

O Senhor, de fato, não ressuscitou dentre os mortos, depois de ter derrotado a morte e não subiu ao céu, depois de ter feito desaparecer nele mesmo tudo o que havia de mortal?

Desta forma, foi para ele que foi escrito o Salmo da Dedicação e se foi dito depois de sua Paixão: *Vós convertestes o meu pranto em prazer, tirastes minhas vestes de penitência e me cingistes de alegria para minha*

glória vos louvar sem tristeza[1001], foi porque esta dedicação só aconteceu depois da Paixão, na própria ressurreição.

Portanto, é bem verdade que neste momento a fé constrói o templo e a consagração acontecerá na ressurreição final.

Aí está porque este Salmo da Dedicação, onde é revelada a ressurreição da nossa Cabeça, é seguido e não precedido, por outro Salmo, que tem por título: "Enquanto a casa era construída, depois do cativeiro"[1002].

Lembrem-se aqui daquela escravidão em que chorávamos, enquanto o mundo inteiro, como uma massa de infiéis, estava sob o jugo do demônio. Foi para destruir essa escravidão que o Redentor veio, derramou seu sangue e, depois de ter pagado assim nosso resgate, cancelou *o documento escrito contra nós*[1003] referente ao nosso cativeiro.

Diz o Apóstolo: *A Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado*[1004]. Sim, estávamos inicialmente vendidos e sujeitos ao pecado, mas fomos depois libertos pela graça e agora que nossas correntes foram rompidas, o templo se constrói. Não é para construí-lo que se prega o Evangelho?

Assim, o Salmo que mencionamos começa desta forma: *Cantai ao Senhor um cântico novo*.

E não pensemos que esse templo é construído à parte, como constroem os heréticos ou os cismáticos, pois eis o que se segue: *Cantai ao Senhor a terra inteira*[1005].

04 – O cântico novo.

Cantai ao Senhor um cântico novo. Um cântico diferente do cântico antigo. Isto é o Novo Testamento sucedendo o Antigo. É o novo ser humano substituindo o velho ser humano.

Despojai-vos do velho ser humano, corrompido pelas concupiscências enganadoras e revesti-vos do novo ser humano, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade[1006].

Portanto, *Cantai ao Senhor um cântico novo*. *Cantai ao Senhor a terra inteira*. Cante e construa; cante e cante bem.

Anunciai cada dia a salvação que ele nos trouxe[1007], Cristo. Que salvação é essa, se não é Cristo?

Foi para consegui-lo que dissemos em outro Salmo: *Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia e dai-nos a vossa salvação*[1008].

Foi por essa salvação que aspiravam os antigos justo, como o Senhor disse aos seus discípulos: *Muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não viram e ouvir o que vós ouvis e não ouviram*[1009].

Dai-nos a vossa salvação. Aqueles antigos pediam isto: "*Dai-nos a vossa salvação*. Concedei-nos ver vosso Cristo enquanto ainda vivemos nesta carne. Que o vejamos na carne, já que ele deve nos libertar dela. Dai-nos essa carne que deve santificar a carne e que ela sofra para resgatar a alma tanto quanto o corpo".

Dai-nos a vossa salvação. Este era o desejo do velho santo Simeão. Sim, ele tinha este desejo, o velho santo

cumulado de méritos junto a Deus. Ele também repetia, sem dúvida: *Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia e dai-nos a vossa salvação*. Foi quando ele traduziu estes anseios por estes lamentos que lhe foi assegurado que ele não passaria pela morte antes de ter visto Cristo Senhor[1010].

Cristo então nasceu; ele veio e o velho se foi. Mas este não queria ir embora antes de tê-lo visto. A maturidade da velhice o arrastava, mas sua devoção sincera o retinha. Como Cristo desceu e nasceu, como Simeão o viu nos braços de sua mãe, esse velho devoto reconheceu a divina criança, a tomou em seus braços e clamou: *Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação*[1011].

Aí está em que sentido ele disse: *Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia e dai-nos a vossa salvação*. As aspirações do velho estavam então realizadas, quando o próprio mundo chegou à velhice. O Salvador se deu a este velho, no momento em que ele visitava este velho mundo.

Mas, se desde então o mundo já estava velho, que ele preste atenção a esta advertência: *Cantai ao Senhor um cântico novo*. *Cantai ao Senhor a terra inteira*.

Que se destrua a decrepitude; que surja o novo!

05 – A pregação de Cristo.

Cantai ao Senhor um cântico novo. *Cantai ao Senhor!*

Vejam com que empolgação trabalham os construtores.

Cantai ao Senhor e bendizei o seu nome, anunciai cada dia a boa nova, ou seja, o Evangelho.

Anunciar quando? *Cada dia*.

O quê? *A salvação que ele nos trouxe*.

Ele quem? A luz da luz, o Filho do Pai, *a salvação*.

Proclamai às nações a sua glória, a todos os povos as suas maravilhas.

É assim que se constrói o templo depois do cativeiro.

Porque o Senhor é grande e digno de todo o louvor, o único temível de todos os deuses. Quais deuses? *Sejam quais forem, porque os deuses dos pagãos não passam de ídolos*[1012]. Mas foi o Senhor quem criou os céus. Ele fez os santos, os Apóstolos, os céus que contam a glória de Deus. Não há idioma, não há língua que não ouça sua voz e suas palavras[1013].

Assim, toda a terra canta o cântico novo.

06 – A luta entre a carne e o espírito.

Prestemos atenção a este Apóstolo que se autointitula arquiteto do Senhor. Ele diz: *Como sábio arquiteto lancei o fundamento, mas outro edifica sobre ele*[1014].

Escutemos este arquiteto, edificando de um lado e destruindo de outro.

Deixai-vos conduzir pelo Espírito. Isto é uma construção nova.

E não satisfareis os apetites da carne. Isto é como uma demolição.

Ele prossegue: *Porque os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*. Isto é uma prova de que vocês ainda estão construindo e não fizeram a consagração do templo.

É por isso que não fazeis o que quereríeis. O que vocês gostariam, de fato? Não experimentar mais nenhuma inclinação para os prazeres descontrolados e culposos.

Existe um santo sequer que não tenha esta aspiração? Mas ela não se realiza, não se cumpre durante a vida presente.

Porque os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis.

Não é possível deixar de ter qualquer inclinação para o mal. O que fazer então?

Deixai-vos conduzir pelo Espírito. Já que não é possível extinguir completamente os desejos da carne, *não satisfareis os apetites da carne*.

Vocês devem aspirar, sem dúvida, destruí-los, arrancá-los, desenraizá-los completamente, mas, enquanto eles ainda estiverem em vocês, enquanto ainda existir em seus membros uma lei que resiste à lei dos seus espíritos, *não satisfareis os apetites da carne*.

Vocês gostariam de não sentir mais esses desejos, mas eles resistem. Resistam então a eles! Vocês gostariam de não tê-los mais, mas os tem.

Os desejos da carne se opõem aos do espírito. Que o espírito então também se oponha aos desejos da carne.

É por isso que não fazeis o que quereríeis. Vocês não conseguem destruir essas inclinações da carne; que ela não faça também o que ela quer; que ela não consiga também fazer o que ela deseja.

Se a carne não cede completamente perante você, não ceda também. Combata! Já que atacam você, combata também, para um dia conseguir a vitória.

07 – A vitória virá depois da ressurreição.

De fato, meus irmãos, seguramente haverá a vitória. Acreditemos, esperemos, amemos! Haverá a vitória um dia; no dia em que se fará a consagração do templo que neste momento se constrói, depois do cativeiro.

A própria morte acabará por ser destruída, *quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade*. Mas pense deste já neste canto dos triunfadores: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*[1015]

Este é mesmo o canto de triunfo e não o grito dos combatentes, pois eis o que estes dizem: *Tende piedade de mim, Senhor, porque sou doente. Curai-me, pois sinto abalados os meus ossos. Minha alma está muito perturbada. Vós, porém, Senhor, até quando?*[1016]

Não é este o cenário da luta? *Vós, porém, Senhor, até quando?*

Senhor, até quando? “Até que você se convença de que sou eu que te sustento. Se eu o socorresse neste mesmo instante, você não sentiria o trabalho da luta. Não sentindo o trabalho da luta, você presumiria das suas forças e esse orgulho o impediria de conseguir a vitória”.

Na verdade, está escrito: *Às tuas invocações, o Senhor responderá e a teus gritos dirá: “Eis-me aqui!”*[1017]

Mas, ao retardar, Deus não nos esquece. Ele nos ajuda adiando e seu adiamento mesmo é um socorro, pois, ao atender muito rápido nossos desejos, ele não nos asseguraria uma saúde perfeita.

08 – O remédio para o orgulho em Paulo.

Ele faltava ao apóstolo São Paulo, meus irmãos, quando, no meio da escaramuça, este temia se orgulhar? *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne; um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade*[1018], ele disse.

Este Apóstolo estava então ainda na arena, sem desfrutar ainda da segurança da vitória.

Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne.

Quem diz: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho*?

O que temer? Do que tremer?

Quem diz: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho*?

Se ele reprime frequentemente o orgulho, que ele abaixe a presunção. Mas ele diz: *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho*.

Não foi suficiente para ele temer o orgulho. Então, pensem no remédio que ele foi obrigado a tomar.

Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne; um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade.

Que praga venenosa que só o veneno pode curar!

Foi-me dado um espinho na carne; um anjo de Satanás para me esbofetear.

Para impedir que se levante a cabeça, golpeia-se a cabeça!

Que contraveneno, formado, por assim dizer, com a própria serpente e que mereceu assim o nome de teriaga!

Foi a serpente que nos inspirou o orgulho. *No dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses*[1019], ela disse. Isto foi mesmo inocular o orgulho. Isto foi nos fazer cair por onde ela mesma havia caído. Não convinha então que a serpente servisse para curar a praga venenosa produzida pela serpente?

O que disse ainda o Apóstolo? *Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim*[1020].

Mas, o que aconteceu então com esta promessa: *Às tuas invocações, o Senhor responderá e a teus gritos dirá: "Eis-me aqui"*?

Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim. Nem uma, nem duas, mas três vezes.

Ele também não havia questionado: *Vós, porém, Senhor, até quando?*

Se o Senhor adiava, nem por isso ele deixava de estar lá e nem por isso ele desmentia o que havia sido dito: *Às tuas invocações, o Senhor responderá e a teus gritos dirá: "Eis-me aqui!"*

Se o médico está presente quando ele faz o que você quer, ele não está presente também quando ele o corta? Você não grita para ele, quando sente o corte do bisturi e o amor dele por você não faz com que ele continue?

Para convencer você de que o Senhor não abandonou seu Apóstolo, veja o que ele respondeu à sua prece, repetida três vezes: *Mas ele me disse: "Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que a virtude se aperfeiçoa"*[1021].

Disse o divino Médico: "Eu sei o que há. Eu sei que proporções tomou esse tumor que eu quero curar. Fique tranquilo! Eu não ignoro o que tenho de fazer. Mas, *basta-te minha graça*, não sua vontade".

Isto foi então o que disse esse soldado na escaramuça. Assim ele narrou os perigos que correu e o socorro divino que ele implorou.

09 – A vitória é conseguida com humildade.

Como serão então os cantos dos triunfadores? O combatente fala enquanto constrói o templo. O vencedor

clama, enfim, quando faz a consagração: *“Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” Ora, o aguilhão da morte é o pecado*[1022].

O Apóstolo disse estas palavras como se já estivesse nessa situação. No entanto, para nos mostrar que não se trata aqui da luta atual, mas da recompensa futura, ele antes disse: *Então se cumprirão*[1023]. O quê? *Estas palavras da Escritura: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”*.

Então não haverá mais em nenhum lugar *o aguilhão da morte* e nem o pecado, por consequência. Por que se apressar tanto?

Mais tarde, mais tarde! Mereça para mais tarde com sua humildade, pois o orgulho o impediria de conseguir algum dia essa felicidade. Mais tarde!

Neste momento então, enquanto você luta, enquanto você se fatiga e corre perigos, repita e repita: *Perdoai as nossas ofensas*[1024].

Repita combatendo. Repita o que é verdadeiro. Repita com todo seu coração: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[1025]. Isto seria exercer contra você mesmo o ofício do diabo. *Enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*. Não sendo possível viver neste mundo sem pecado, mentimos quando pretendemos estar isentos dele.

Digamos então a verdade, para um dia conseguirmos a tranquilidade.

Digamos a verdade combatendo, para conseguirmos a segurança que dá a vitória. Então, diremos com razão: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Ora, o aguilhão da morte é o pecado*.

10 – A Lei sem a graça.

Mas você conta com a Lei, pois uma Lei lhe foi dada, com seus preceitos. No entanto, para não ser morto pela letra[1026], convém que o Espírito lhe dê a vida.

Acredito que você tenha boa vontade, mas a boa vontade não lhe basta. Você precisa ser ajudado para querer plenamente e executar o que você quer.

Você quer saber o que pode, sem a ajuda do Espírito de Deus, a letra que ordena? A resposta você vai encontrar na mesma passagem citada. Depois de ter perguntado: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão?*, o Apóstolo acrescenta imediatamente: *A força do pecado é a Lei*[1027].

O que quer dizer: *A força do pecado é a Lei*? Não é ordenando o mal e nem proibindo o bem, mas, pelo contrário, ordenando o bem e proibindo o mal.

A força do pecado é a Lei porque *sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*[1028].

O que quer dizer: *sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*? Enquanto faltava a graça, a proibição aumentou o desejo e, ao se presumir da própria força, o mal aumentou.

Mas, o que fez a graça? *Onde abundou o pecado, superabundou a graça*[1029].

O Senhor veio e tudo o que você recebeu de Adão e tudo o que você acrescentou ao vício original, com seus costumes depravados foi apagado, perdoado inteiramente por ele. Além disso, ele ensinou a rezar, prometeu a graça, convocou ao combate, socorreu o fatigado e coroou os vencedores.

Diante disso, diz o Apóstolo: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Então o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado*[1030] __ pois ele existia antes da proibição, mas não era percebido __ *pois, eu não conheci o pecado senão pela Lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!" Foi o pecado, portanto, que, aproveitando-se da oportunidade que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências*[1031] *e eu morri*[1032].

Aí está o que significa: *A letra mata*[1033].

11 – A necessidade da ajuda divina.

Portanto, se você quer fugir da Lei que mata, fuja para o Espírito que ajuda, pois o que a Lei ordena a fé espera. Peça ajuda ao seu Deus. Não permaneça como réu sob a Lei, pois Deus o ajuda com seu Espírito, para que não se pareça com os judeus soberbos.

Sendo *o pecado o aguilhão da morte* e sendo *a Lei a força do pecado*, o que poderia, infelizmente, a fraqueza humana, com sua vontade fatigada?

Está escrito: *Querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*[1034].

O que fazer então? De um lado: *o aguilhão da morte é o pecado*. De outro: *a força do pecado é a Lei*. Mas, s*obreveio a Lei para que abundasse o pecado*, pois, *se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado*[1035].

Por que *a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado*? Para impedir você de se desviar, de se jogar no abismo, de desaparecer nas ondas, a Lei ergueu diante de você uma barreira, para que, não encontrando uma saída, você recorresse à graça.

A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem[1036]. Prometer é se comprometer a fazer você mesmo e não prever o que você fará. Não fosse assim, não seria prometer, mas anunciar antecipadamente.

Então, *a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*.

Observem a expressão: *fosse cumprida*. Do que vocês se orgulham? *A promessa* deve ser *cumprida aos que creem*. De fato, *que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tivesses recebido?*[1037]

Portanto, como *o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*, a Providência Divina decidiu, em

sua bondade, encerrar *tudo sob o império do pecado*, para determinar os seres humanos a implorar por socorro, a recorrer à graça, a recorrer a Deus e a não mais presumir das próprias forças.

Se então, depois de ouvir as palavras: *o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*, você treme, você se preocupa, você se cansa, ouça também as palavras seguintes: *Graças, porém, sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!*[1038]

Então, é de você que vem a vitória? *Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo!*

12 – A ajuda divina deve sempre ser invocada.

Por conseguinte, se você se sente sobrecarregado, ao lutar contra a carne, deixe-se *conduzir pelo Espírito*, implore pelo Espírito, peça o dom de Deus. Se, apesar de tudo, a lei dos membros ainda resiste em sua parte inferior ou na carne à lei do Espírito e o mantém cativo sob a lei do pecado, pode contar que esta desordem será reparada pela vitória.

Tenha o cuidado somente de clamar, de rezar. *É necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo*[1039]. Reze com todo seu coração! Clame por socorro! *Às tuas invocações, o Senhor responderá e a teus gritos dirá: "Eis-me aqui!"*[1040]

Recolha-se em seguida e você ouvirá ser dito à sua alma: *Eu sou a tua salvação*[1041].

Sim, quando a lei da carne começar a se erguer contra a lei do Espírito e a empurrar você para a escravidão da lei do pecado que está nos seus membros, diga em tom de oração e confissão: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[1042]

O que é o ser humano, afinal? *O que é o ser humano, se não se lembrares dele?*[1043]

"*Homem infeliz que sou!* O que seria de mim, se o Filho do Homem não tivesse vindo?"

Grite em sua angústia: "*Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* A lei dos meus órgãos resiste à lei do meu espírito. *Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser*[1044]. *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*"

Se é com fé, se é com humildade que você diz tudo isto, a própria verdade responderá a você: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[1045]

Sermão 164 - O duplo fardo.

Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos e, deste modo, cumprireis a Lei de Cristo.
Quem pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo.
Cada um examine o seu procedimento. Então poderá vangloriar-se do que lhe pertence e não do que pertence a outro. Pois cada um deve carregar o seu próprio fardo[1046].

Análise

Cada um deve, conforme a doutrina de São Paulo, carregar seu próprio fardo e ajudar a carregar também o fardo dos seus irmãos.

O fardo próprio que cada um leva é o fardo dos seus pecados. Por mais pesado e esmagador que ele seja, devemos nos apressar para nos livrarmos dele e colocar em seu lugar o suave e consolador fardo de Jesus Cristo.

Quanto ao fardo dos nossos irmãos, devemos carregá-lo duplamente: no plano físico e no plano moral. No plano físico, compartilhando nossos bens com os pobres. Se os ajudarmos assim a carregar seus fardos na pobreza, eles nos ajudam, em troca, a carregar o fardo, talvez mais pesado, da riqueza.

No plano moral, devemos suportar os defeitos dos nossos irmãos e não nos separar deles, como fazem os donatistas, tantas vezes lembrados de seus erros e tão teimosos em permanecer neles. Oponhamos, ao seu orgulho, um respeito humano e uma caridade compassiva.

01 – A lei de Cristo é cumprida por aqueles que carregam os fardos alheios.

A própria Verdade nos convida a todos, por intermédio do Apóstolo, a carregarmos mutuamente nossos fardos e, ao convidar a carregar os fardos uns dos outros, ela mostra o que ganharemos ao fazê-lo, pois ela acrescenta: *deste modo, cumprireis a Lei de Cristo*, que não seria cumprida, se não suportássemos nossos fardos mutuamente.

Que fardos são esses e como devemos suportá-los? Isto é o que eu vou mostrar, com a assistência do Senhor, pois somos todos obrigados a cumprir, na medida em que podemos, a Lei de Cristo.

Tenham o cuidado de exigir o que eu me proponho mostrar, mas também não reclamem nada, quando eu tiver pagado minha dívida.

O eu me proponho então, se o Senhor atender meus desejos e ouvir as preces que vocês dirigem a ele em minha intenção, é mostrar quais são os fardos que o Apóstolo nos ordena carregar e como devemos carregá-los.

Ao cumprirmos este dever, desfrutaremos, naturalmente, do benefício prometido por este Apóstolo, que é o de observar completamente a Lei de Cristo.

02 – Os fardos são diferentes.

Talvez alguém me questione: “Então o texto sagrado não é claro, já que você tenta mostrar quais sãos esses fardos e de que maneira devemos suportá-los?”

É que somos obrigados a diferenciar várias espécies de fardos.

De fato, lemos na própria passagem que explicamos: *Cada um deve carregar o seu próprio fardo*. Não é apressado questionar: “Se, segundo o Apóstolo, *cada um deve carregar o seu próprio fardo*, como então ele mesmo diz: *Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos*”?

Para não colocarmos São Paulo em contradição com ele mesmo, precisamos, evidentemente, ver aqui vários tipos de

fardos, pois estas duas afirmações opostas __ *Cada um deve carregar o seu próprio fardo* e *Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos* __ não estão afastadas uma da outra. Elas estão na mesma epístola e na mesma passagem; tão próximas, enfim, que se tocam.

03 – Dois tipos de fardos.

Uma coisa então é a obrigação de carregar o próprio fardo, sem poder ser ajudado e sem poder passá-lo para ninguém e outra coisa é a obrigação que nos faz dizer ao nosso irmão: “Eu vou carregá-lo com você” ou “Eu vou carregá-lo em seu lugar”.

Então, se é preciso diferenciar é porque não é fácil perceber.

Há pessoas que acreditam que se pode ficar sujo com os pecados alheios. Mas o Apóstolo lhes diz: *Cada um deve carregar o seu próprio fardo*.

Há outros também que, mesmo certos de não serem culpados pelos pecados alheios, podem, por negligência, se ocupar muito em repreender o próximo. A estes o Apóstolo clama: *Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos*.

O Apóstolo, ao falar, faz a distinção em poucas palavras. Esta brevidade, no entanto, não parece prejudicar a clareza do que ele diz. Algumas palavras, de fato, bastam para compreendermos a verdade.

Eu não li em seus corações, mas eu ouvi os testemunhos que acabam de escapar deles.

Agora então que estamos seguros de sermos compreendidos, ouçamos um pouco mais; não para fazer com que vocês vejam o que já veem, mas para que penetrem mais fundo.

04 – A cada um seu fardo.

Os pecados são os fardos pessoais que todos carregam. Aos que suportam o peso de tais cargas, o Senhor diz: *Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei*[1047].

Como ele pode aliviar aqueles que carregam o peso dos seus pecados, se não é concedendo-lhes o perdão?

É como se, do alto da sua incomparável autoridade, o Doutor do Universo clamasse: “Escute humanidade! Escutem filhos de Adão! Escutem todos vocês que trabalham em vão! Sou testemunha do trabalho de vocês, mas pensem em minha generosidade. Eu sei que vocês sofrem e estão sobrecarregados. O que é mais triste é que vocês mesmos colocam em seus ombros essas cargas que matam vocês. E, o que é ainda pior é que, invés de se livrarem dessas cargas, vocês só fazem aumentá-la”.

05 – O fardo da ganância e o fardo da preguiça.

Quem de nós poderia dar, em poucos instantes, uma ideia de tantos fardos, com suas múltiplas variedades? Lembremos, no entanto, algumas características deles. Isto nos permitirá avaliar o resto.

Imaginem uma pessoa curvada sob o peso da ganância. Ela sua, respira com dificuldade, tem uma sede ardente e todas as suas ações só fazem aumentar o peso que a sobrecarrega.

O que você espera, ó ganancioso, ao agarrar esse fardo e prendê-lo aos seus ombros com as correntes da cupidez? O que você espera? Por que se cansar tanto? Ao que você aspira? Qual é o objeto dos seus desejos?

Você quer satisfazer sua ganância!

Ó desejos supérfluos e ações perversas!

Você quer satisfazer sua ganância? A ganância pode muito bem impulsionar você, mas você não pode satisfazê-la.

Isto não é um fardo enorme?! E, sob este fardo, sua sensibilidade já estaria extinta a este ponto?!

A ganância não pesa sobre você?!

Por que então ela o mantém acordado? Por que ela o impede de dormir?

É possível também que a ganância seja acompanhada em seu coração por outra paixão: a da preguiça. Mas, são dois carrascos inimigos entre eles que perseguem você e dilaceram você, pois suas ordens não são as mesmas e suas prescrições não se parecem.

“Durma!”, diz a preguiça. “Levante-se!”, diz a ganância.

“Não se exponha ao frio deste tempo”, diz uma. “Não tema nem mesmo as tempestades”, diz a outra.

A primeira diz: “Descanse”, mas a outra não permite. Ela quer que você se mantenha em movimento e clama:

“Atravesse os mares, procure regiões desconhecidas, transporte suas mercadores até às Índias”.

Você não fala a língua dos indianos, mas a ganância se faz compreender em toda parte. Você encontrará um desconhecido para quem você também é desconhecido. Você dá algo a ele e ele dá algo a você. Você compra e leva.

Você foi até o meio dos perigos e do meio dos perigos você retorna. Quando as ondas da tempestade sacodem você, você clama: “Salve-me, Senhor!”

Mas, você não ouve o Senhor lhe responder: “Por quê? Fui eu que enviei você? Foi a ganância que ordenou você procurar o que você não tinha, enquanto eu ordenei você doar o que você tinha, ao pobre que mendiga em sua porta”.

A ganância ordenou você ir até à Índia, para trazer ouro. Eu coloco Cristo em sua porta, para que você compre dele o Reino dos Céus.

Você se esgota seguindo as ordens da ganância, mas não se empenha em seguir as minhas ordens. Ambos demos ordens a você, mas você não me ouviu. Que liberte você aquela a quem você obedeceu.

06 – Devemos trocar o fardo da ganância pelo fardo da caridade.

Quantos, infelizmente, estão sobrecarregados com tais fardos! Quantos, mesmo angustiados sob esses fardos, levantam suas vozes contra mim, que falo contra esses fardos!

Eles estavam sob este jogo ao entrarem e continuam sob ele ao saírem. Avaros entraram e avaros saíram.

Eu não me canso de falar contra essas paixões. Joguem fora esses fardos, já que aplaudem!

Ou melhor: não me escutem. Escutem a Cabeça de vocês. É ele que clama: "*Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados*. Mas vocês não podem vir, sem deixar de estar sobrecarregados. Vocês gostariam de correr até mim, mas o peso do jugo não lhes permite fazer isso. *Vinde a mim, vós todos que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei*. Eu perdoarei seus pecados passados, eu retirarei o que lhes cobre os olhos, eu curarei as feridas dos seus ombros. Mas, ao descarregar vocês, não deixarei de carregar vocês. Retirarei os fardos que sobrecarregam vocês, mas os substituirei por fardos que não sobrecarregam".

De fato, depois das palavras: *eu vos aliviarei*, o Senhor acrescentou estas: *Tomai meu jugo sobre vós*[1048].

Para o seu mal, você estava sob o jogo da cobiça. Para a sua salvação, subjugue-se à caridade.

07 – O que Cristo quer que se aprenda com ele.

"*Tomem meu jugo sobre vocês e aprendam comigo*. Se vocês não têm confiança nos ensinamentos humanos, *aprendam comigo*".

É Cristo, é o Mestre, é o Filho Unigênito de Deus, é o Doutor Infalível, o Doutor Verdadeiro, é a própria Verdade

que clama: *aprendam comigo*.

Aprender o quê? Que *no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[1049] e que *tudo foi feito por ele*[1050]?

Poderemos algum dia aprender a construir o mundo, a encher os céu com chamas, a regular as alternâncias entre o dia e a noite, a presidir o curso do tempo e dos séculos, a dar a vida às sementes e a povoar a terra com animais?

Não é nada disso que quer nos ensinar o Mestre Celeste, pois é Deus quem faz tudo isso.

Este Deus, no entanto, condescendeu se fazer humano. Se o que ele fez como Deus deve animar você, você deve imitar o que ele fez como humano.

Ele diz: "*Aprendam comigo* não a criar o mundo ou novas naturezas. Não também a fazer o que eu fiz visivelmente como humano e invisivelmente como Deus. Não a expulsar a febre do corpo dos doentes, a colocar os demônios em fuga, a ressuscitar os mortos, a comandar os ventos e as ondas, a caminhar sobre as águas. Não, não aprendam isto comigo".

De fato, existiram cristãos a quem o Salvador deu estes poderes e outros a quem ele os recusou. Mas, as palavras *aprendam comigo* são dirigidas a todos e ninguém pode se excluir desta obrigação: *Aprendam comigo que eu sou manso e humilde de coração*[1051].

Por que hesitar em carregar este fardo? É uma carga excessiva ser humilde e piedoso? É uma carga esmagadora

ter fé, esperança e caridade? Pois estas são as virtudes que tornam humilde e piedoso.

Tenha certeza de que, ao ouvi-lo, você não será esmagado.

De fato, ele diz: *Meu jugo é suave e meu fardo é leve*[1052].

O que significa *leve* aqui? Não devemos entender que seu jugo é menos pesado e que a avareza pesa mais do que a justiça?

Não quero que se entenda desta forma.

O fardo do Senhor não é um peso que sobrecarrega, mas sim, são asas que levantam.

As asas dos pássaros não são também fardos? Mas, o que dizer dessas asas? Se o pássaro as carrega, elas também carregam o pássaro. O pássaro as carrega na terra e elas o carregam no céu.

Seria ter piedade do pássaro, sobretudo no verão, dizer: “Esse pobrezinho está sobrecarregado com o peso de suas asas. Vou livrá-lo delas”? Ao querer socorrê-lo, você não o estará condenando a ficar na terra?

Receba então as asas da caridade. Use essa asas que assegurarão a você a paz.

Este é o fardo de Cristo. Assim se cumpre sua Lei.

08 – Todos carregam um peso: ou a cobiça ou a caridade.

Nós fizemos a distinção entre vários tipos de fardos. Suponhamos então que entre aqui um avarento e que eu

não o conheça.

Você o conhece, pois ele é seu vizinho. Mas você não é avarento como ele. Você é mesmo um compassivo, que doa aos pobres o que você tem, sem cobiçar o que você não tem.

Você presta atenção às palavras do Apóstolo: *Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos nem ponham suas esperanças nas riquezas incertas, mas em Deus, que nos dá abundantemente todas as coisas para delas usufruirmos. Que pratiquem o bem, se enriqueçam de boas obras, doem com facilidade, compartilhem, ajuntem um tesouro sólido e excelente para seu futuro, a fim de conquistarem a verdadeira vida*[1053].

Você escutou estas recomendações. Você as apreciou, aprendeu, reteve, praticou. Continue; continue sem relaxar, sem cessar.

Aquele que perseverar até o fim será salvo[1054].

Você fez o bem a uma pessoa e esta pessoa é ingrata?

Não se arrependa, pois este arrependimento o faria perder o que você ganhou com sua bondade. Invés disso, diga com todo seu coração: “Se não tenho o reconhecimento daquele a quem eu fiz o bem, eu o tenho Daquele por quem eu o fiz. Se essa pessoa fosse reconhecida, se ela não fosse ingrata, seu reconhecimento a beneficiaria mais do que a mim. Quanto a mim, eu só quero me apegar a Deus, que não ignora nenhuma de minhas obras e nem mesmo nenhum sentimento do meu coração. É

dele que eu espero minha recompensa. Minhas ações não precisam ser atestadas por ninguém a ele”.

Eu suponho então que você é o que eu acabo de descrever e que, na assembleia do povo de Deus, você tem como vizinho um avarento, um predador, uma pessoa que cobiça os bens alheios.

Esse infeliz é um fiel. Ou melhor: ele se diz um fiel. Você o conhece, mas você não pode afastá-lo da Igreja. Você não tem nenhum meio de corrigi-lo; nem através de castigos e nem através de censuras. Ele até mesmo se aproxima do altar com você.

Não tenha medo. *Cada um* carregará *o seu próprio fardo*!

Lembre-se, para estar em segurança no altar, destas palavras do Apóstolo: *Cada um deve carregar o seu próprio fardo*.

Que ele não te convide para dividir o fardo dele com você, pois, ao compartilhar da avareza dele, você não aliviará o seu fardo e ambos serão esmagados.

Que ele fique com a carga dele e você com a sua. Deus, de fato, só retira um fardo para substituir por outro. Ele retira de você o jugo da cupidez, para substituí-lo pelo jugo da caridade.

Cada um deve carregar o jugo que merecem suas disposições. O mau, um jugo que esmaga; o bom, um jugo que levanta.

09 – Os fardos que devem ser carregados juntos.

Observem também agora esta recomendação: *Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos*.

A partir do momento em que você carrega o fardo de Cristo, você pode ajudar seu irmão a carregar o fardo pessoal dele.

Seu irmão é pobre e você é rico. A pobreza é o fardo do seu irmão e este você não tem. Se ele pedir algo a você, não lhe responda: *Cada um deve carregar o seu próprio fardo*. Lembre-se deste outro preceito: *Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos*.

A pobreza não é o seu fardo, mas é o do seu irmão. Mas a opulência não seria para você um fardo mais pesado? Você não tem o fardo da pobreza, mas tem o fardo da riqueza.

Sim, se você observar bem, a riqueza é um fardo.

Seu irmão tem um fardo e você tem o seu. Carregue o seu com ele e ele, por sua vez, que carregue o dele com você. Assim, vocês ajudarão um ao outro *a carregar os vossos fardos*.

No que consiste o fardo da pobreza? Em não ter nada. E o fardo da riqueza? Em ter mais do que se precisa. Se seu irmão está sobrecarregado, você também está. Carregue com ele a pobreza e que ele carregue a riqueza com você. Assim vocês se equilibrarão.

Ao doar ao seu irmão pobre, você alivia o fardo dele, que é não ter nada. Assim que ele começar a receber de você, evidentemente você alivia a carga dele. Ele também diminui a sua, que consiste em ter muito. Vocês dois

caminharão pela estrada do Senhor, durante a peregrinação desta vida.

Você está sobrecarregado com uma bagagem magnífica e supérflua. Seu irmão pobre não tem bagagem e ele se aproxima com o desejo de acompanhá-lo. Não despreze seu oferecimento, não o rejeite, não o deixe.

Você não sente o quanto você está sobrecarregado? Seu irmão pobre não tem nada e não carrega nada, portanto. Dê a ele alguma coisa e assim você ajudará esse companheiro de viagem, aliviando-se ao mesmo tempo.

Aí estão, eu acho, explicações suficientes sobre este pensamento de São Paulo.

10 – Os que se obstinam em manter seus fardos.

Não de deixem enganar por aqueles que dizem: “Somos santos, não carregamos seus fardos e, por isso, não nos envolvemos com vocês”.

Esses “grandes santos” carregam, no entanto, enormes fardos de divisão, fardos de separação, fardos de cismas, fardos de heresia, fardos de discórdias, fardos de ressentimento, fardos de falsos testemunhos, fardos de acusações caluniosas.

Nós tentamos e tentamos de novo retirar desses nossos irmãos esses fardos pesados, mas eles teimam em ficar com eles. Eles acreditam que se apequenariam, se se separassem desses volumes com os quais acreditam ter crescido.

Não parece mesmo que ficamos menores, quando deixamos um fardo que carregamos na cabeça? Mas é o peso que diminui, não a altura.

11 – Tolerar os iníquos não significa aprovar suas iniquidades.

Mas, você diz: “Quanto a mim, eu não me misturo com os pecados alheios”.

E, por acaso, estou dizendo a você: “Vá! Compartilhe dos pecados alheios”?

Eu não digo isto. Eu sei o que recomenda o Apóstolo e o mesmo digo eu. Mas, por causa dos pecados alheios, sendo eles verdadeiros e não os seus maiores, você não deveria deixar o rebanho de Deus, onde os bodes estão misturados com as ovelhas; sair da eira real, onde a palha é batida com os bons grãos[1055]; nem rasgar as redes do Divino Pescador, porque elas arrastam para a praia tanto os peixes bons quanto os maus que elas capturam[1056].

“Mas, como suportar aquele que eu sei que é mau?”, você questiona.

Não seria melhor suportá-lo do que se afastar? Para suportá-lo é só observar as palavras do Apóstolo: *Cada um deve carregar o seu próprio fardo*. Este pensamento deve ser a sua salvaguarda.

Você compartilharia com ele não a avareza, mas a mesa de Cristo. O que você perderia, ao compartilhar esta mesa com ele? O Apóstolo não disse: *Aquele que comer o pão ou*

beber o cálice do Senhor indignamente come e bebe a sua própria condenação[1057]. A condenação dele e não a sua.

Por outro lado, se você for juiz dele, se você recebeu o poder de julgar, segundo as regras canônicas, se ele for acusado perante você e você estiver convencido por provas e testemunhos, neste caso corrija-o, repreenda-o, excomungue-o mesmo e o degrade. Assim, vigie a tolerância, para que não durma a disciplina.

12 – Ceciliano e Primiano, ausentes, são condenados.

Mas, dizem, Ceciliano foi condenado.

Condenado? Por quem?

Primeiro ele foi condenado estando ausente. Depois, foi declarado inocente pelos traidores. Suas alegações foram incluídas nas Atas e seus atos provados.

Inutilmente tentaram enfraquecer a força da verdade e velar seu brilho o quanto puderam, erguendo sobre ela nuvens inúteis de perseguidores imaginários. O Senhor estava conosco e os raios da verdade dissiparam essas sombras inúteis.

Vejam mesmo, como, sem saber, eles justificaram a Igreja universal, em que somos tão felizes em partilhar a comunhão, sejamos quem formos. Não é nossa causa que defendemos, mas é a dela que sustentamos, que fazemos triunfar, quando defendemos a eira do Senhor, quando pregamos por ela.

O que importa o que sou nessa eira sagrada? Eu espero o Grande Joeireiro[1058].

Não se preocupe então com isso. No entanto, se você quer saber, examine em paz, para poder curar seu irmão.

Tome cuidado com a palha, se você puder. Mas, se não puder tirar partido disso, não deixe o trigo, por este motivo. Acontece às vezes de a palha ser levada pelos ares e até mesmo bons grãos deixarem a eira desta forma. Mas eles não vão longe, pois há bons trabalhadores que circulam incessantemente ao redor dessa eira santa e que fazem com que eles retornem a ela, com os instrumentos que a limpam e agitam com alguma violência os grãos que saíram dela. Esses instrumentos são as leis do império.

Traga de volta esse trigo. Ele deve estar misturado com um pouco de terra, mas a presença dessa terra não deve ser motivo para sua perda.

Ceciliano foi condenado, eles dizem. Sim, ausente ele foi condenado uma vez e, presente, justificado três vezes. Isto foi o que lhe respondemos.

Nós até mesmo dirigimos __ na medida em que pudemos __ a essas pessoas teimosas, uma lição tirada de sua própria conduta. Nós lhes dissemos: “Por que citar contra Ceciliano um sínodo de setenta bispos, já que esses bispos só condenaram um ausente? Os maximianistas pronunciaram várias de suas sentenças contra Primiano ausente e nós dissemos aos donatistas: ‘Aqueles condenaram Ceciliano em sua ausência e estes, em sua ausência, condenaram Primiano. Se então o julgamento

pronunciado contra Primiano ausente não prova nada contra ele, que valor poderia ter o que foi feito contra Ceciliano em sua ausência?’”

13 – Os donatistas são condenados por sua própria sentença.

Pressionados assim por nós, o que vocês pensam que eles responderam? E o que eles podiam responder? Como eles podiam escapar dessa rede onde eles envolveram a própria verdade? No entanto, sacudindo-a violentamente para rompê-la, eles expressaram em poucas palavras um pensamento conclusivo em nosso favor.

Eles deram muitas outras respostas que, quase todas, eram por nossa causa, como suas caridades podem comprovar ao lerem as atas da conferência que logo serão publicadas. Mas há uma que eu rogo a vocês, que eu exorto vocês, em nome de Cristo, que guardem, que repitam com cuidado, que tenham sempre à mente, pois seria impossível que nos justificássemos de uma maneira mais precisa, mais sólida e mais clara.

Que resposta é essa? Nós lhes objetamos que a sentença pronunciada contra Ceciliano não foi mais prejudicial a ele do que foi a sentença contra Primiano. Seu defensor clamou então: “Uma causa não prejudica outra, assim como uma pessoa não prejudica outra”[1059].

Que resposta! Tão curta quanto verdadeira e sólida!

Esse advogado não sabia o que dizia e, quando clamou: “Uma causa não prejudica outra, assim como uma pessoa

não prejudica outra”, ele foi como Caifás, que profetizou porque era sumo sacerdote[1060].

Ora, se uma causa não prejudica outra, assim como uma pessoa não prejudica outra, conclui-se que cada um carrega seu próprio fardo.

Que se venha então agora, que se venha também opor Ceciliano, que se venha opô-lo não a uma pessoa qualquer, mas ao mundo inteiro; isto não é opor um inocente a outro inocente?

As atas demonstrarão com a máxima evidência, pois Ceciliano foi completamente justificado. Mas, suponha, no entanto, que ele não o tenha sido. Suponha que sua culpabilidade tenha sido constatada. O mundo inteiro não repete estas palavras: “Uma causa não prejudica outra, assim como uma pessoa não prejudica outra”?

Ó herético, ó incorrigível, ó coração amargo! Por que acusar seu juiz, quando você condena você mesmo?

Se eu o corrompi para levá-lo a se pronunciar em meu favor, quem corrompeu você, para que você se pronunciasse contra você mesmo?

14 – O que impede os donatistas de errarem.

Se ao menos eles fizesses estas reflexões um dia; se eles as fizessem mesmo que mais tarde, quando seus corações amargos estivessem menos inchados! Se eles se voltassem para eles mesmos, se examinassem, se interrogassem e se respondessem seriamente. Se no interesse da verdade eles

não temessem os infelizes a quem durante muito tempo venderam mentiras!

Pois eles temem ofendê-los. Eles têm medo da fraqueza humana e não tem medo da verdade invencível.

O que eles temem é que se lhes diga: “Por que então vocês nos enganaram? Por que nos seduziram? Por que nos ensinaram tantos erros malignos?”

Com algum medo de Deus, eles deveriam responder: “Afastar-se foi uma fraqueza humana. Permanecer no erro por animosidade seria uma impiedade diabólica. Teria sido melhor não termos nos afastado. Façamos ao menos o que ainda é bom: retornarmos do nosso afastamento. Nós enganamos vocês porque nós mesmos estávamos enganados. Nós ensinamos o erro porque tínhamos confiança em quem nos ensinou”.

Que eles digam aos seus seguidores: “Nós erramos juntos; voltemos juntos do erro. Nós guiamos vocês para o precipício e vocês nos seguiram. Agora vocês devem nos seguir também, já que os conduziremos para a Igreja”.

É isto o que eles poderiam dizer. Sem dúvida que eles seriam ouvidos com indignação e com cólera. Mas eles acabariam por se acalmar e para se reconciliar, mais tarde pelo menos, com a unidade.

15 – É preciso paciência para com o outro.

Ao esperarmos, meus irmãos, sejamos pacientes com eles. Eles têm os olhos inflamados e inchados. Não desistamos de curá-los. Sejamos cuidadosos para não

amargurá-los ainda mais, com palavras de desprezo. Expliquemos a eles nossas razões com doçura, sem nos empolgarmos orgulhosamente com a vitória.

Diz o Apóstolo: *Não convém a um servo do Senhor altercar. Bem ao contrário, seja ele condescendente com todos, capaz de ensinar, paciente em suportar os males. É com brandura que deve corrigir os adversários, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento e o conhecimento da verdade e voltem a si, uma vez livres dos laços do demônio, que os mantém cativos e submetidos aos seus caprichos*[1061].

Desta forma, suporte-os pacientemente, se você não está doente. Suporte-os com uma paciência proporcional à sua saúde.

Quem goza de uma saúde perfeita? Quando o Rei Justo se sentar em seu trono, quem poderá dizer: *Meu coração está puro, estou limpo de pecado?*[1062]

Portanto, enquanto nossa condição for esta, nosso dever é *ajudar-nos uns aos outros a carregar os nossos fardos*.

Sermão 165 - O mistério da graça.

Por isso vos rogo que não desfaleçais nas tribulações que sofro por vós; elas são a vossa glória. Por esta causa dobro os joelhos em presença do Pai, ao qual deve a sua existência toda família no céu e na terra, para que vos conceda, segundo seu glorioso tesouro, que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso ser interior.

Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer o amor de Cristo, que desafia todo o conhecimento e sejais plenificados com toda a plenitude de Deus[1063].

Análise

A passagem que é explicada prova a necessidade da graça e os pelagianos só opõem a esta necessidade argumentos insignificantes.

O Apóstolo ensina a necessidade da graça, pois ele pede, para os efésios, a graça de fazer o que ele lhes recomenda e, ao pedir assim que eles compreendam a largura, o comprimento e a altura misteriosos da cruz, ele reza para que eles compreendam igualmente sua profundidade, para que eles saibam ao menos que a distribuição da graça é um mistério inexplicável.

Para explicar esse mistério houve heréticos que sustentaram que nós agimos bem ou mal em uma vida anterior e que a graça era dada ou recusada neste mundo segundo o que se tinha merecido antes de nascer.

Outros afirmaram que, sendo a morte um castigo pelos pecados pessoais, até mesmo as crianças que morrem antes da idade da razão ou no ventre de suas mães não são isentas de pecados atuais.

Estas duas opiniões são tão opostas ao ensinamento formal das Escrituras quanto irracionais e a distribuição da

graça pela vontade de Deus é realmente um mistério impenetrável.

01 – A esperança deve ser colocada em Deus, não no livre arbítrio.

Acabamos de ouvir o Apóstolo, ouvir os Salmos e ouvir o Evangelho. Todos estes divinos escritos proclamam unanimemente que devemos colocar nossas esperanças, não em nós, mas em Deus.

Diz São Paulo: *Não desfaleçais nas tribulações que sofro por vós; elas são a vossa glória*. Ou seja, eu peço a vocês que não se deixem desencorajar quando souberem que suporto aflições, porque essas aflições são a glória de vocês.

Ora, se ele pede que eles não se deixem abater, não é para estimular neles a vontade? Não fosse assim, se poderia responder a ele: “Por que exigir de nós o que não está em nosso poder?”

Se, aliás, o Apóstolo não soubesse que a vontade deles consente, quando eles fazem alguma coisa, ele não diria: “Eu vos rogo”. E seria em vão que ele diria: “Eu vos ordeno”, se ele não acreditasse que eles fossem capazes de aplicar suas vontades às ordens dele.

Por outro lado, ele sabia o quanto a vontade humana é impotente sem a ajuda de Deus. Assim, depois de haver dito: *Eu vos rogo*, para afastar deles a ideia de que eles não eram livres, ele quer impedi-los de dizer: “Nossa liberdade nos basta”.

O que ele acrescenta então? *Por esta causa*. Em outros termos: “Por causa do pedido que eu fiz a vocês. *Não desfaleçais nas tribulações que sofro por vós; elas são a vossa glória*. Eu fiz este pedido porque vocês têm o livre arbítrio, mas, como esse livre arbítrio não basta para vocês cumprirem o que eu peço a vocês, *por esta causa dobro os joelhos em presença do Pai, ao qual deve a sua existência toda família no céu e na terra, para que vos conceda*”.

Para que vos conceda o quê? Para que ele vos conceda o que eu peço a vocês. Eu peço então a vocês, porque vocês têm a liberdade e eu peço que seja dado a vocês, porque vocês precisam do socorro de sua Majestade.

02 – Pede-se a Deus o mesmo que se quer do ser humano.

Mas, estamos diante das expressões do Apóstolo e vocês que não conhecessem seu texto, desejam saber, sem dúvida, se é mesmo verdade que, ao dobrar os joelhos diante do Pai celeste, ele queria obter para eles o que ele pedia a eles mesmos.

Lembrem-se então do que ele lhes pediu: *Rogo que não desfaleçais nas tribulações que sofro por vós*. É isto o que ele pede a eles. E, o que ele pede para eles é isto: *Dobro os joelhos em presença do Pai, para que vos conceda, segundo seu glorioso tesouro, que sejais poderosamente robustecidos*.

Não é a mesma coisa não desfalecer e ser *poderosamente robustecido pelo seu Espírito*? Ele fala do

Espírito da graça.

É isto o que ele pede por eles. Então, ele pede a Deus o que ele exige deles.

Efetivamente, para que Deus queira dar, você deve, do seu lado, dispor sua vontade para aceitar. Como você espera receber a graça da bondade divina, se você não lhe abrir, num certo sentido, o ventre de sua própria vontade?

Para que vos conceda, diz o Apóstolo, pois vocês não terão, se ele não lhes conceder.

Para que vos conceda que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito. Conceder ser poderosamente robustecido é conceder, por isto mesmo, não se deixar abater.

Que Cristo habite pela fé em vossos corações.

Que Deus conceda a vocês tudo isso, *a fim de que possais, arraigados e consolidados no amor com todos os cristãos, compreender*.

Compreender o quê?

Que vos conceda que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito e *que Cristo habite pela fé em vossos corações, a fim de que possais, arraigados e consolidados no amor, com todos os cristãos, compreender*.

Compreender o quê?

Qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade.

Na língua latina a palavra *altitudo* (altura) tem dois significados. Ela designa tanto o que tem direção ascendente quanto o que tem direção descendente. O

tradutor teve então razão em chamar especialmente de altura o que se eleva e profundidade o que desce.

03 – Nas quatro dimensões está o mistério da cruz.

O que isto significa, meus irmãos, eu vou explicar.

Talvez seja mais fácil para outro compreender isto. O que acontece então? Porque sou menos capaz de compreender e de explicar *a largura, o comprimento, a altura e a profundidade*, as quatro dimensões mencionadas pelo Apóstolo, devo ignorá-las? Ou devo rezar e ser sustentado pelas preces de vocês, para poder lhes apresentar um ensinamento útil?

Por que, cristão, deixar sua imaginação correr através da largura da terra, no comprimento do tempo, na altura do céu e na profundeza do abismo? Você pode compreender tudo isso em seus pensamento ou em seu braço? Você pode fixar com exatidão, sobre todas estas dimensões, seu espírito ou seu olhar?

Invés disso, escute o Apóstolo dizer também: *Quanto a mim, Deus não permita vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*[1064].

Nós também, vangloriemo-nos nesta cruz, nem que seja porque nos apoiamos nela. Talvez nela encontremos *a largura, o comprimento, a altura e a profundidade* que procuramos e que nos revelam, de alguma forma, essa própria cruz.

Na cruz, de fato, distinguimos a largura, onde as mãos são pregadas; o comprimento, ou seja, a madeira que se estende do alto até o chão; a altura, ou seja, o que se eleva um pouco acima da parte transversal onde são pregadas as mãos, a parte onde repousa a cabeça do crucificado e, por fim, distinguimos a profundidade, que é o que penetra na terra e se esconde da visão.

Contemple aqui um grande mistério. É da profundidade que não se vê que surge tudo o que se vê.

04 – A largura, o comprimento, a altura e a profundidade da cruz.

Onde está então a largura? Pense na vida dos santos que dizem: *Deus não permita vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*. Encontramos em sua conduta a largura do amor.

Assim, o Apóstolo lhes diz: *Abri largamente os vossos corações. Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis*[1065]. Mas, ao exortá-los a abrir assim, largamente, os corações deles, ele mesmo não tinha essa largura misteriosa do amor, já que ele escrevera: *Ó coríntios, acabamos de vos falar com toda a franqueza. O nosso coração está todo ele aberto. Não é estreito o lugar que nele ocupais*[1066]?

A largura designa então o amor, já que só ele pratica o bem. A largura faz com que Deus tenha amor por *aquele que dá com alegria*[1067].

Se, de fato, tivermos o coração estreito, damos com tristeza e se damos com tristeza, perdemos todo o mérito. Para não perder então o mérito do bem feito, é preciso ter o coração aberto largamente pelo amor.

Mas, como o Senhor também disse: *Ante o progresso crescente da iniquidade, o amor de muitos esfriará*[1068], dê-me também o comprimento.

Em que consiste o comprimento? *Aquele que perseverar até o fim será salvo*[1069]. Aí está o que significa o comprimento da cruz, esta parte onde se estende todo o corpo, onde ele fica como que de pé e permanece como que de pé.

Você que se vangloria da cruz, deseje ter também a largura da cruz e tenha a força de fazer o bem.

Se você gostaria de ter o comprimento da cruz, persevere com constância.

Você aspira ainda ter a altura da cruz, pense no que significam estas palavras e onde você as escuta: “Corações ao alto!”

O que significa: “Corações ao alto”?

Que é do alto que se deve esperar, que é o alto que se deve amar, que é de lá que se deve pedir a virtude e esperar a recompensa.

Ao fazer o bem e ao doar com alegria, você parecerá ter o amor em sua largura e parecerá tê-lo em seu comprimento, perseverando até o fim em suas boas obras. Mas, se você não faz tudo isso com vistas à recompensa

celeste, você não terá a altura e desaparecerão tanto a largura quanto o comprimento.

O que é, de fato, ter a altura do amor, se não é pensar em Deus, amar Deus e amá-lo sem interesse; ele que nos sustenta, que vela por nós, que nos coroa e nos recompensa; se não é, enfim, considerá-lo como recompensa e só esperar dele ele mesmo?

Então, se você ama, ame sem interesse. Se você ama realmente, considere como recompensa o objeto do seu amor. Você amaria tudo e rejeitaria Aquele que fez tudo?

05 – A profundidade da cruz.

Foi para nos tornar capazes de amar assim, foi para obter para nós a graça que o Apóstolo dobrou seus joelhos por nós.

O Evangelho, infelizmente, não vem ele mesmo nos gelar de medo? Ele diz: *Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não. Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas, ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem*[1070].

Mas, quem é aquele *que tem* e que ainda *terá em abundância*, se não é aquele que já recebeu?

Mas, ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem. Quem é o *que não tem*, se não é aquele que não recebeu?

Por que ter dado a uns e não a outros? Eu não hesito em dizer: isto é a profundidade da cruz.

Dessa profundidade misteriosa dos desígnios de Deus, que não poderíamos sondar e nem contemplar, vem tudo o

que somos capazes de fazer. Sim, dessa profundidade misteriosa do juízo divino, que não podemos contemplar, porque não podemos sondar, procede tudo o que somos capazes.

Eu vejo bem o que eu posso, mas não vejo porque eu posso. Eu sei somente que todo meu poder vem de Deus. Mas, por que Deus dá esse poder a este e não àquele?

Aí está o que me ultrapassa. Isto é um abismo, isto é a profundidade da cruz. Isto é o que provoca em mim gritos de espanto. Isto é sobre o que eu não posso raciocinar justamente.

O que eu posso dizer diante de uma profundidade assim? *Senhor, estupendas são as vossas obras! E quão profundos os vossos desígnios!*[1071]

Os gentios são esclarecidos, os judeus caem nas trevas; umas crianças são purificadas nas águas do batismo e outras são deixadas no estado de morte do primeiro homem.

Senhor, estupendas são as vossas obras! E quão profundos os vossos desígnios!

O Profeta acrescenta: *Não compreende estas coisas o insensato, nem as percebe o néscio*[1072].

O que não compreendem o insensato e o néscio? Que há aqui uma grande profundidade. Ela não o seria, se o sábio e não o insensato compreendesse. O que o sábio compreende aqui é que há uma profundidade impenetrável e é isto também o que não compreende o insensato.

06 – O erro que admite a pré-existência da alma ao corpo.

Assim, muitos, para tentarem dar conta desse profundo mistério, se desgarraram em fábulas ridículas.

Segundo alguns, as almas pecam no céu, depois são enviadas aos corpos e ali são, de alguma forma, aprisionadas, conforme seus méritos.

Essas pessoas caíram no abismo, ao quererem discutir as profundidades divinas.

A eles se apresenta o Apostolo. Ele prega a graça e, citando os dois filhos que Rebeca carregava em seu ventre, ele diz: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum (para que fosse confirmada a liberdade da escolha de Deus, que depende não das obras, mas daquele que chama), foi dito a Rebeca: "O mais velho servirá o mais moço"*[1073].

Vejam como o Apóstolo faz desaparecer a vã fantasia de uma vida anterior ao corpo e passada no céu. Se, de fato, as almas viveram lá, elas lá fizeram o bem ou o mal e é conforme seus méritos que elas foram ligadas a corpos na terra.

Ousaríamos contradizer estas palavras do Apóstolo: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum*? Estas expressões são muito claras e a fé católica rejeita a ideia de que as almas viveram primeiro no céu e lá mereceram, segundo suas condutas, os corpos aos quais foram unidas.

Os novos hereges não ousam afirmar isto.

07 – A morte é devida apenas ao pecado.

O que eles dizem então? Soubemos como pensam alguns deles.

Se as pessoas morrem, eles dizem, seguramente foi porque elas mereceram, por causa dos seus pecados, já que, sem o pecado, não se morreria.

Muito bem! É mesmo certo que, sem o pecado, não se morreria. Mas, eu só aprovo este argumento considerando a morte primeira e o pecado do primeiro ser humano.

Diz o Apóstolo: *Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[1074]. *Como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram*[1075]. Todos, efetivamente, estavam em um só.

É neste sentido então que, segundo você, a morte humana vem do pecado?

“Não”.

Como então você a entende?

“Ainda hoje deus cria cada ser humano imortal”.

Estranha novidade! Prossiga!

“Sim, Deus cria cada um de nós imortal”.

Por que então, neste caso, as criancinhas morrem? Se eu perguntasse a você: “Por que as grandes pessoas morrem?” Você me responderia: “É porque elas pecaram”.

Eu deixo de lado então as grandes pessoas e invoco contra você o testemunho das criancinhas. Sem falar, elas

confundirão você. Sem nada dizer, elas provam em meu favor.

Aí estão as criancinhas! Inocentes em suas ações, elas só tem de mau o que lhes foi legado do primeiro ser humano. Se elas precisaram, para receber a vida cristã, da graça de Cristo, foi porque Adão lhes deu a morte. Manchadas desde seu nascimento, elas precisaram, para serem purificadas, de passar pela regeneração.

Estes são os testemunhos que apresento. Responda agora: se é verdade que todas as pessoas nascem imortais e que elas só morrem porque pecam, por que as criancinhas morrem?

O que vocês pensam que eles puderam responder, meus irmãos?

Ah! Que ouvidos podem escutar isso?!

“Essas criancinhas também pecaram”, eles dizem.

Onde elas pecaram? Digam-me! Quando elas pecaram? Como elas pecaram? Elas não distinguem nem o bem e nem o mal e, incapazes de compreender uma ordem, elas pecam?!

Provem-me que as criancinhas são pecadoras. Realmente você se esqueceu do que você era na idade delas, mas prove sua afirmação.

Mostre-me em que pecam essas criancinhas. É ao chorar que elas pecam?

Seus pecados consistem em rejeitar a dor e em aceitar o prazer com movimentos que parecem aqueles dos animais sem palavras?

Se esses movimentos são pecados, o batismo só faz essas crianças ainda mais pecadoras, já que, no momento em que são batizadas, elas resistem com muita violência.

Por que não consideramos também essa resistência como pecado? Não é porque a vontade dessas crianças não é senhora dela mesma?

08 – Os mortos no ventre materno.

Vejamos outra coisa. As crianças já nascem com pecados, você diz, pois, segundo você, se elas não tivessem pecado elas não morreriam. Mas, e aquelas que morrem no ventre materno?

Que dificuldade!

“Estas também pecaram. É por isso que elas morrem”, eles respondem.

Você quer nos enganar ou você mesmo está enganado?

Contra você se levanta o Apóstolo. Ele diz: *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum*.

Eu acho melhor escutar o Apóstolo do que escutar você. Eu acredito mais nele do que em você.

Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum.

Você não aceita este testemunho? Volte então para suas vãs imaginações e sustente que as criancinhas pecaram no céu e que foram jogadas em seus corpos. Eu não digo isto.

“Por que não?”

Porque, segundo o Apóstolo, quando não se é nascido, não se faz nem bem nem mal.

“Assim, você não lhes atribui crimes no céu, mas lhes atribui crimes no ventre de suas mães?”

O Apóstolo rejeita as duas opiniões; tanto a que coloca o pecado no céu, quanto aquela que o coloca no ventre materno. Ambas, de fato, caem diante desta afirmação: antes de seus nascimentos, elas não fizeram nem bem e nem mal.

Por que, enfim, as criancinhas morrem? Eu deveria acreditar mais em você do que no Mestre dos Gentios?

09 – É inescrutável o mistério da graça.

Diga-me então, ó apóstolo São Paulo, porque morrem as criancinhas?

Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que nele todos pecaram[1076].

Foi então o primeiro ser humano que fez ser condenado todo o gênero humano.

Venha, venha, Senhor Nosso! Venha, ó Segundo Adão, venha, venha! Mas venha por outro caminho. Venha por uma Mãe Virgem. Vivo, venha para os mortos e morra para ajudar os moribundos, para devolver a vida aos mortos, para resgatá-los da morte, para conservar a vida na morte e para matar a morte com a própria morte.

Esta é a única graça que convém tanto aos pequenos quanto aos grandes e a única que salva tanto os grandes

quanto os pequenos.

Por que então ele escolhe este e não aquele? Por que escolhe um e não outro?

Que não me apresentem esta questão. Sou apenas humano. Eu constato a profundidade da cruz, mas não a penetro. Ela me apavora e eu não consigo sondá-la. *Impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*[1077]

Eu sou humano e você é humano também. Era humano também aquele que disse: *Quem és tu, ó homem, para contestar Deus?*[1078]

Humano, ele se dirigia a humanos. Que escute o ser humano, para que não pereça o ser humano, por quem Deus se fez ser humano.

Assim, diante dessa profundidade misteriosa da cruz, diante de tais obscuridades, apeguemo-nos ao que cantamos. Não presumamos de nossas virtudes, não atribuamos nada nesse mistério à fraca capacidade de nosso espiritozinho.

Repitamos o Salmo e digamos com ele: *Tende piedade de mim, ó Deus! Tende piedade de mim!*

Por quê?

É porque minhas virtudes me fazem merecê-lo?

Não.

Por que então? É porque o livre arbítrio da minha vontade me faz merecer sua graça?

Também não.

Por que então?

Porque em vós confia a minha alma[1079].

Que grande sabedoria é esta confiança!

Sermão 166 - O ser humano deificado.

Renunciai à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros[1080]. Em meu pavor eu dizia: "Todo ser humano é um mentiroso"[1081].

Análise

De um lado, o Apóstolo nos ordena renunciar à mentira e Davi nos ensina, por outro lado, que todo ser humano é mentiroso. Se todo ser humano é mentiroso, é possível a ele renunciar à mentira?

Isto não lhe é possível, diz Santo Agostinho, a não ser que ele deixe de ser humano para se tornar humano-deus, não por natureza, como Jesus Cristo, mas por graça e por adoção.

Assim, o chamado a todos nós é para nos tornarmos deuses, neste sentido. Por que não responder a este chamado?

01 – É proibida a mentira ao ser humano.

O Apóstolo acaba de nos dizer: *Renunciai à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade*. Mas, lemos em um Salmo: *Todo ser humano é um mentiroso*.

Estes dois pensamentos não são contrários?

Em poucas palavras eu direi a vocês que não, desde que o Senhor condesceda nos iluminar.

O que significam então, de um lado: *Renunciai à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade* e, de outro lado: *Todo ser humano é um mentiroso*?

Deu não está ordenando o impossível, através do seu Apóstolo?

Não.

O que ele ordena então?

Eu ouso dizer, mas não se sintam ultrajados, pois estou tão confuso quanto vocês. Deus exige que não sejamos humanos.

Se eu dissesse que Deus exige que vocês não sejam humanos, vocês poderiam ficar chateados. Então, para afastar esse descontentamento de vocês, eu me declaro tão confuso quanto vocês.

02 – A mentira é própria do velho ser humano e a verdade é própria do novo ser humano.

Eu vou mais longe com suas santidades. É certo que o Apóstolo considera um crime ser humano. Ele fala a ele em tom de censura.

Da mesma forma como, na ira, dizemos: “Você é um animal”, o Apóstolo, com o chicote da justiça divina na mão, censura os seres humanos por eles serem humanos.

Mas, se ele considera ser humano um crime, o que ele gostaria que os seres humanos fossem?

Ele diz: *Enquanto houver entre vós ciúmes e contendas, não será porque sois carnais e procedeis de um modo totalmente humano? Quando, entre vós, um diz: “Eu sou de*

Paulo” e outro: “Eu, de Apolo”, não é este modo de pensar totalmente humano?[1082]

Portanto, é mesmo para censurá-los que ele questiona: *Não é este modo de pensar totalmente humano?*

O que ele queria então que eles se tornassem, se não é o que é dito em um Salmo: *Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo*[1083]?

É Deus, de fato, quem diz isto e como um convite para essa grandeza. Mas, depois ele acrescenta: *Contudo, morrereis como simples humanos e, como qualquer príncipe, caireis*[1084].

Também não é em tom de censura que é dito: *Contudo, morrereis como simples humanos*?

De fato, Adão era humano, mas não era filho de humano. Já Cristo era, ao mesmo tempo, filho de humano e Filho de Deus.

O velho ser humano, ou Adão, está para a mentira assim como o novo ser humano, o Filho do Homem ou Cristo Deus está para a Verdade.

Para renunciar à mentira, despoje-se de Adão. Para dizer a verdade, vista-se de Cristo e você não verá contradição entre estas duas passagens da Escritura.

Efetivamente, é para nos engajar a despojarmo-nos do velho ser humano e vestirmos o novo que o Apóstolo diz: *Renunciai à mentira. Fale a verdade*.

E foi para deplorar a sorte daqueles que se recusam se despirem de Adão e vestirem Cristo, querendo permanecer humanos sem se tornarem novos humanos, que o Salmista

lhes dirigiu esta severa e merecida advertência: *Contudo, morrereis como simples humanos* e também: *Todo ser humano é um mentiroso*.

03 – Como ficam nossas prerrogativas junto a Deus.

Você será então um mentiroso, se quiser permanecer humano. Recuse-se permanecer assim e você não mentirá. Vista-se de Cristo e você dirá a verdade, pois o que você disser então não será de você e nem imaginado por você, mas virá mesmo do brilho e da luz da Verdade em sua alma.

Uma vez separado da luz, você não permanecerá em suas trevas, somente capaz de dizer mentiras? Foi o Senhor mesmo quem disse isto: *Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio*[1085], pois, *Todo ser humano é um mentiroso*.

Disto se conclui que falar a verdade não é falar de acordo com si mesmo, mas de acordo com Deus. Não falamos então sobre o que não nos pertence, pois o fazemos nossos, quando amamos e damos graças Àquele que nos envia o que dizer.

O ser humano, privado da luz da verdade, ficará como que despido dessa esplêndida vestimenta, só podendo dizer mentiras e permanecendo o que é dito nestas palavras: *Todo ser humano é um mentiroso*.

04 – O chamado não é para ser simplesmente humano, mas filho de Deus.

Assim, ninguém tem o direito de me acusar e me dizer: “Mentirei, já que sou humano”, pois eu lhe responderei,

com a maior segurança: “Pois bem! Para não mentir, não seja mais humano”.

“Como! Não ser mais humano?!”

Não. Foi para não ser mais humano que você foi chamado por Aquele que por você se fez humano.

Não critique. Se é dito para você não ser mais humano é para não incluí-lo dentre os animais, mas dentre aqueles a quem foi dado o poder de se tornar filho de Deus.

Deus quer fazer de você um deus, não por natureza, como o Filho que ele gerou, mas por sua graça e por adoção.

De fato, da mesma forma que, por condescendência, ele se tornou participante de sua mortalidade, assim também, ao elevá-lo, ele o faz participar da imortalidade dele.

Dê graças a ele e compreenda depressa o que ele dá a você, para merecer desfrutar do que ele promete a você.

Não seja um Adão e assim não continuará a ser humano. Você não será mais um mentiroso, já que, *Todo ser humano é um mentiroso*.

Mas, quando começar a não mais mentir, não se atribua isto, não se ensoberbeça, como se isto fosse mérito seu. Tal como uma chama que acaba de ser acesa na fogueira, você pode ser apagado pelo sopro do orgulho e recair em seus erros.

Não mintam então, meus irmãos! Antes vocês eram velhos seres humanos, mas, ao receberem a graça de Deus, vocês se tornaram novos seres humanos.

A mentira vem de Adão e a verdade vem de Cristo. *Renunciai à mentira. Fale cada um a verdade*, para que, uma vez seus espíritos renovados, essa própria carne mortal que vocês receberam de Adão mereça, por sua vez, ser também renovada e transformada, no momento em que ela ressuscitar e, deificado assim, por inteiro, o ser humano se apega igualmente inteiro à imortalidade e à imutável Verdade.

Sermão 167 - Aproveitar o tempo.

Vigiai, pois, com cuidado sobre a vossa conduta; que ela não seja conduta de insensatos, mas de sábios que aproveitam ciosamente o tempo, pois os dias são maus[1086].

Análise

Os dias são maus, diz São Paulo e o que os torna maus, observa Santo Agostinho, é a miséria e a maldade. A maldade em fazer o mal o em perseguir os bons, pois os bons são sempre perseguidos pelos maus.

Então, é preciso comprar o tempo. Quando se comprar, dá-se algo para se ter algo; sacrifica-se para adquirir. Comprar o tempo é sacrificar vantagens e direitos temporais, para se dedicar mais em adquirir os bens eternos.

O que dizer dos cristãos que, invés de sacrificar seus direitos, usurpam os direitos alheios?

01 – Porque os dias são maus.

Vocês acabam de ouvir, ou melhor, todos nós acabamos de ouvir o Apóstolo dizer: *Vigiai, pois, com cuidado sobre a vossa conduta; que ela não seja conduta de insensatos, mas de sábios que aproveitam ciosamente o tempo, pois os dias são maus*.

Duas coisas, meus irmãos, tornam os dias maus: a maldade e a miséria. Sim, são a maldade e a miséria que nos fazem passar maus dias.

Considerados sob o ponto de vista da duração, os dias são regulares. Eles se sucedem e medem o tempo com ordem. O sol se levanta e se deita e os tempos passam regularmente.

No que esses tempos prejudicariam as pessoas, se as pessoas não prejudicassem elas mesmas? Assim, só existem duas coisas, eu repito, para tornar os dias maus: a miséria e a maldade humanas.

A miséria é comum a todos, mas não deve ser assim com a maldade. Desde a queda de Adão e sua expulsão do Paraíso, os dias jamais deixaram de ser miseráveis.

Perguntemos às crianças que acabam de nascer, por que elas iniciam a vida com choros, quando poderiam igualmente iniciá-la com risos. Nasce-se e imediatamente se chora. Quantos dias se passam antes que se ria? Eu ignoro.

Ora, ao chorar assim, desde seu nascimento, cada criança profetiza seus males e suas lágrimas atestam seus sofrimentos. Ela ainda não fala, mas já é um profeta. E o que ela prediz? Que viverá na dor ou no medo.

Sim, mesmo que ela se conduza sabiamente e seja uma dos justos, ela estará exposta por todos os lados a tentações e viverá constantemente com medo.

02 – Neste mundo os justos nunca estarão livres de tribulações.

O que diz o Apóstolo? *Todos os que quiserem viver piamente, em Jesus Cristo, terão de sofrer a perseguição*[1087].

Aí está também o que fazem os dias maus: os justos não podem viver neste mundo sem serem perseguidos. Eles são perseguidos simplesmente pelo fato de que estão no meio de ímpios e, quando estes não os atacam com ferros e pedradas, suas condutas e seus costumes são os carrascos desses justos.

Quem perseguia Lot em Sodoma? Ninguém se armava contra este santo personagem, mas ele vivia no meio de ímpios e, ao viver no meio dessa gente impura, orgulhosa, blasfemadora, ele sofria, não com golpes físicos que ele recebesse, mas com o que se passava diante de seus olhos.

Você que me ouve e não leva ainda uma vida pia em Jesus Cristo, comece a levar essa vida e você experimentará o que eu digo Assim, veja o que disse o Apóstolo, ao lembrar os perigos que ele correu: *Viagens sem conta, exposto a perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte de meus concidadãos, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos entre falsos irmãos!*[1088]

Os outros perigos podem cessar, mas, daqui até o fim do mundo, os perigos da parte dos falsos irmãos não cessarão jamais.

03 – Aproveitar o tempo.

Aproveitemos o tempo, pois os dias são maus. Talvez você espere aprender comigo o que é aproveitar o tempo. Ao explicar, vou dizer o que bem poucos entendem, o que bem poucos suportam, o que bem pouco realizam, o que bem poucos praticam. Mas eu direi, no entanto, em favor do pequeno número daqueles que devem me escutar e que vivem no meio dos maus.

Aproveitar o tempo é, por exemplo, fazer o sacrifício de alguma coisa, quando somos processados por alguém, para nos ocuparmos com Deus, invés de com litígios. Não hesite em perder alguma coisa, pois o que você der assim será o preço do tempo.

Quando você vai ao mercado, você dá dinheiro para comprar pão, vinho, óleo, madeira ou algum utensílio. Você dá então e recebe; você perde e ganha. Isto se chama comprar. Adquirir sem nada sacrificar é encontrar, é receber um donativo ou uma herança. Mas, adquirir doando algo é comprar. O que se adquire assim é comprado. O que se dá por isso é o preço.

Pois bem! Assim como você não hesita em gastar seu dinheiro para comprar alguma coisa, não hesite também em gastar para comprar tranquilidade.

É nisto que consiste aproveitar o tempo.

04 – Um provérbio cartaginês em concordância com Cristo.

Há um provérbio púnico muito conhecido. Eu o traduzirei para o latim, já que nem todos conhecem a língua púnica. Este provérbio é antigo e ele diz: “A peste lhe pede uma moeda? Dê-lhe duas e que ela se vá”.

Este provérbio não lhe parece tirado do Evangelho? O Senhor nos recomenda, entre outras coisas, que aproveitemos o tempo, quando ele diz: *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa*[1089].

Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica. Ele quer afastar você de Deus, levando-o aos tribunais? Você não teria então nem paz no coração e nem tranquilidade na alma. Você ficaria então cheio de preocupações e até mesmo irritado com seu adversário. Mas, além de tudo, isto seria uma perda de tempo. Não seria muito melhor sacrificar um pouco de dinheiro e aproveitar esse tempo precioso?

Meus irmãos, eu tenho então razão, quando vou julgar seus processos e seus negócios, em aconselhar àquele que é cristão que sacrifique alguma coisa para aproveitar o tempo. Mas, eu não devo, com muito mais cuidado e segurança ainda, convidar a devolver o bem alheio?

Aqueles que eu julgo são ambos cristãos. Eu vejo o acusador injusto __ aquele que quer processar seu irmão e lhe tirar alguma coisa, nem que seja por acordo __ tremer ao ouvir estas palavras. O Apóstolo, ele se lembra,

recomenda *aproveitar ciosamente o tempo, pois os dias são maus*. “Então vou atacar este cristão e, querendo ou não, ele me cederá alguma coisa para aproveitar o tempo dele, como o bispo falou”.

Mas, diga-me, acusador: se eu aconselho seu irmão a fazer um sacrifício para conservar a paz, eu não aconselharia a você, caluniador, filho perdido de Satã? Por que você trabalha para se apropriar do que não lhe pertence? Você não tem nenhum motivo de queixa e, mesmo assim, o acusa?

Se eu digo a ele: “Sacrifique alguma coisa, para que ele desista de suas acusações iníquas”, o que você se tornará, depois de ter sido pago como falso acusador?

Sem dúvida que ele passa maus tempos, ao comprar o tempo, para afastar suas acusações caluniosas. Mas você, mesmo se beneficiando de suas injustas delações, você não somente terá dias maus neste mundo, como, no dia do julgamento e depois dele, dias muito piores lhe virão.

Talvez você ria deste pensamento, ao espoliar seu irmão. Ria! Continue rindo e debochando. Eu vou continuar a ceder, mas outro virá para lhe cobrar contas.

Sermão 168 - O dom da fé.

Paz aos irmãos, amor e fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo[1090].

Análise

O objetivo deste sermão é provar que a graça é necessária até mesmo para nos dar a fé. Ele o prova primeiro com seus próprios argumentos e com o testemunho do apóstolo São Paulo, ao falar de sua conversão. Depois ele o prova ao refutar aqueles que atribuem a eles mesmos o início da fé.

Estes estão errados, pois eles receberam de Deus a fé, antes que pudessem dar a Deus qualquer coisa. Estão errados porque a Igreja rezou para que fosse concedida a fé a São Paulo. Até mesmo o Apóstolo afirma não ter nada que não foi obtido através da graça. Por fim, os fiéis, ao rezarem pela conversão de seus parentes infiéis, pedem para eles a fé.

01 – Aquele que prometeu concedeu filhos para a fé de Abraão.

Que com leituras devotas, santos cânticos, a audição de suas santas palavras e, sobretudo, por sua graça, o Senhor alimente a devoção de vocês. Desta forma, não será para a condenação de vocês, mas para recompensa de vocês que vocês ouvirão a verdade. Deus fará isso e temos como garantia sua promessa e sua onipotência.

Foi assim que Abraão acreditou na glória de Deus e acreditou com uma inteira certeza de que o Senhor pode fazer o que ele prometeu[1091].

Que motivo de alegria para nós! Pois somos nós que Deus prometeu ao Patriarca e somos nós os filhos dessa promessa[1092], já que era sobre nós que se tratavam estas

palavras: *Todas as nações da terra serão benditas em tua descendência*[1093].

Se então nos tornamos pela fé os descendentes de Abraão, isto é obra Daquele que pode cumprir o que promete.

Que ninguém então diga: “Isto é obra minha”. Se foi Deus quem prometeu, é você que vai cumprir?

Podemos dizer que Deu cumpre o que você promete, pois você é fraco e não onipotente e sejam quais forem as promessas que você fez, se Deus não age, essas promessas são inúteis, enquanto que as promessas de Deus só dependem Dele e não de você.

“No entanto, sou eu que acredito”, você insiste.

Eu concordo. Você tem razão. É você quem acredita. Mas, não foi você quem deu a fé a você. Como acreditar sem fé? A fé é um dom de Deus.

02 – A fé é o início da salvação e está unida ao amor.

Escute o próprio Doutor da Fé, o grande defensor da graça. Escute o Apóstolo, pois é ele quem diz: *Paz aos irmãos, amor e fé*.

Aí estão três grandes coisas: a paz, o amor e a fé. O Apóstolo começa pelo fim e termina pelo começo, já que, começa-se pela fé para terminar pela paz, sendo a fé a própria crença.

Essa fé deve ser uma fé de cristãos e não uma fé de demônios. Como diz o apóstolo São Tiago: *Os demônios*

também creem e tremem[1094]. Eles não disseram a Jesus: *Tu és o Filho de Deus*[1095]?

Assim, os demônios proclamaram o que muitas pessoas ainda não acreditavam. Aqueles demônios tremiam, enquanto muitas pessoas ousaram dar a morte ao Senhor. Mas, pelo fato de que os demônios clamaram: *Sei quem és: o Santo de Deus*[1096], segue-se que eles deveriam reinar com ele? De forma alguma. É preciso então distinguir a fé dos demônios da fé dos santos. É preciso insistir com cuidado nessa distinção importante.

Pedro também não fez a mesma confissão? *O Senhor lhe perguntou: "E vós, que dizeis quem eu sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!" Jesus então lhe disse: "Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus"*[1097].

Ó Senhor! Já que os demônios disseram a mesma coisa, por que eles não são bem-aventurados também?

Por quê? É porque os demônios falaram por medo e Pedro falou por amor.

Assim, começa-se pela fé. Que fé? Aquela sobre a qual o Apóstolo disse: *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé*. Que fé? *A fé que opera pelo amor*[1098].

Essa *fé que opera pelo amor* os demônios não possuem, mas unicamente os servos de Deus, seus santos, os filhos espirituais de Abraão, os filhos do amor, os filhos da promessa.

Por isso o texto que examinamos menciona o *amor*.

O Apóstolo neste texto enumera três coisas: *paz*, *amor* e *fé*.

Paz aos irmãos. Donde vem essa paz? Do *Amor*. Donde vem esse amor? Da *fé*.

Não se ama sem acreditar e, por isso, o Apóstolo disse, indo do fim ao começo: *Paz, amor e fé*.

Digamos nós: “Fé, amor e paz”. Acredite, ame, reine.

Se você acredita sem amar, você ainda não distingue sua fé daqueles que tremiam e clamaram: *Sei quem és: o Santo de Deus*.

Assim então, ame e o amor, acompanhado da fé, o levará à paz.

À que paz? À paz verdadeira, à paz completa, à paz sólida, à paz inalterável, à paz que não teme nem a doença e nem o inimigo, à paz aonde levam todas as boas aspirações.

Amor e fé, diz São Paulo; embora se possa dizer também: “Fé e amor”.

03 – Todos os bens e a fé são de Deus.

São então grandes bens, bens preciosos, os mencionados pelas palavras do Apóstolo: *Paz aos irmãos, amor e fé*.

Mas, donde vem estes bens? De nós ou de Deus? Dizer que é de nós é glorificar a si mesmo e não a Deus. Mas, conhecendo estas outras palavras do Apóstolo: *Quem quiser*

se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor[1099], admitimos que a paz, o amor e a fé só podem nos vir de Deus.

Eu ouço você me questionar: “Esta é sua afirmação. Prove-a”.

Eu a provarei e será com o testemunho do próprio Apóstolo.

Vocês já conhecem estas palavras do Apóstolo: *Paz aos irmãos, amor e fé*.

Mas, o que elas provam?

Continue a ler.

Paz aos irmãos, amor e fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tivesses recebido?[1100]

Se Abraão foi honrado, ele o foi por causa da fé dele. Mas, qual é a fé plena e perfeita? É aquela que acredita que todos os bens e a própria fé nos vem de Deus.

Assim, o Apóstolo diz também: *Dou o meu conselho, como homem que recebeu da misericórdia do Senhor a graça de ser fiel*[1101].

Testemunho admirável! Ele não diz: “Recebi *da misericórdia do Senhor* porque eu era fiel”, mas sim, “Recebi *da misericórdia do Senhor a graça de ser fiel*”.

04 – A graça dada aos fiéis e ao perseguidor cruel.

Vejamos os primórdios dele. Pensemos no Saulo cheio de crueldade e fúria, exalando ódio e sedento de sangue. Observemos, meus irmãos, esse espetáculo admirável.

Estevão tinha acabado de morrer. O sangue deste mártir tinha sido derramado sob um monte de pedras e, como que para também lapidá-lo com suas próprias mãos, Saulo guardou as roupas dos carrascos. Depois, os irmãos que moravam em Jerusalém se dispersaram e, levado pelo ódio e não contente em ter visto correr e ter derramado o sangue de Estevão, Saulo obteve junto ao príncipe dos sacerdotes cartas de autorização para ir até Damasco e trazer acorrentados todos os cristãos que ele pudesse encontrar. Ele pôs-se então a caminho.

Cristo ainda não era seu caminho e ele ainda era Saulo e não Paulo.

Ele pôs-se então a caminho. O que ele tinha no coração? O quê, se não era o mal?

Que me mostrem seus méritos! O que ele merecia era a condenação e não a libertação.

Assim, ele pôs-se a caminho para despejar seu ódio sobre os membros de Cristo e derramar seu sangue. Era um lobo que acabaria se tornando um pastor.

Ele caminhava então com seus propósitos malignos. Ele podia ter outros propósitos, quando ia cumprir uma missão dessas?

Então, enquanto ele caminha, ocupado com esses pensamentos e exalando carnificina; enquanto a cólera apressa seus passos e o ódio dá agilidade a seus membros;

enquanto ele corre; enquanto ele voa para obedecer a crueldade; eis que uma voz vem do céu e pergunta: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*[1102]

Foram estas palavras que o fizeram dizer: “Recebi *da misericórdia do Senhor a graça de ser fiel*”

Ele era realmente infiel. Mas, dizer isto é pouco; à infidelidade ele acrescentava a crueldade. Mas ele obteve *da misericórdia do Senhor a graça de ser fiel*.

O que responder, quando Deus diz: “Eu quero você”?

Oras, Senhor! Esse homem que fez tanto mal e que queria fazer ainda mais mal aos seus santos é julgado digno por vós de uma tão grande misericórdia?!

“Eu o quero! *Porventura vês com maus olhos que eu seja bom?*[1103]”

05 – A fé e a oração da graça de Deus.

Tenha fé, mas, para tê-la, reze com fé. Mas, você poderia rezar com fé, se não já a tivesse? Realmente, só a fé permite rezar.

Porém, como invocarão aquele em quem não têm fé? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados[1104].

Assim, é porque fomos enviados que falamos. Escutem-nos! Escutem em nós Aquele que nos enviou.

Dizem alguns que é por isto mesmo que pedimos a Deus que nos faça perseverar na prática das virtudes que já

temos e que ele nos acrescente aquelas que nos faltam. Assim, temos primeiro a fé que reza.

Tudo, sem nenhuma dúvida, vem de Deus, pois eu lhe pedi tudo. Mas, para pedir a ele, eu comecei por acreditar. Assim, eu me dei a fé e foi Deus, depois, que me deu o que eu lhe pedi com fé.

Resolvamos esta objeção, já que não lhe falta importância.

Não parece que você está dizendo que você começou por se dar a Deus, para obter coisas dele em seguida? Pois você lhe apresentou primeiro sua fé e sua prece. Mas, você se esquece destas palavras apostólicas: *Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído?*[1105]

Você afirma que é você. Então, você deu primeiro a Deus e lhe deu o que não tinha recebido dele? Onde você encontrou, pobre mendigo, o que lhe dar? Mas, o que você tinha para lhe dar? O que você tinha, efetivamente, que não tinha recebido?

Não! Você só dá a Deus o que você recebeu dele. Ele só recebe de você o que ele deu a você e se ele não lhe tivesse dado primeiro, você estaria, pobre mendigo, na mais completa miséria.

06 – A prece em favor do incrédulo Saulo prova que a fé é um dom de Deus.

Aqui está uma prova ainda mais contundente. Admitamos que você tenha recebido porque você tinha fé. Mas, e aqueles que, como Saulo, ainda não acreditam? Saulo obteve primeiro a crença em Cristo e, quando acreditou nele, ele começou a invocá-lo. A graça de Cristo lhe concedeu então a crença e, depois, já acreditando, a oração e, ao orar, o resto.

O que vocês acham, meus irmãos? Quando Saulo ainda não tinha a fé, aqueles que a tinham rezavam por ele ou não rezavam por ele? Mas, se não rezavam por ele, o que significam estas palavras de Estevão: *Senhor, não lhes leves em conta este pecado*[1106]?

Então, para ele e para os outros incrédulos, pedia-se a fé. Eles não a tinham ainda e eles a obtiveram graças às preces dos fiéis. Eles não tinham nada a oferecer ainda, antes de terem obtido misericórdia por serem fiéis.

Além disso, quando Saulo foi convertido; quando a mesma palavra o derrubou e o levantou; derrubou como perseguidor e levantou como pregador; quando ele começou a anunciar a fé que ele tinha perseguido, o que ele disse sobre ele mesmo? *Eu era ainda pessoalmente desconhecido das comunidades cristãs da Judeia. Tinham elas apenas ouvido dizer: "Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia". E glorificavam a Deus por minha causa*[1107].

Ele disse: "*E glorificavam a Deus por minha causa*. Como eu pregava a fé que tinha procurado destruir, não era eu que eles glorificavam, mas Deus".

Se então Saulo deixou a velha túnica que o pecado tinha deixado em farrapos e que estava pingando sangue, para vestir a roupa da humildade e se tornar Paulo, de Saulo que era, é a Deus que ele deve isto.

07 – Paulo o pequeno, anunciador da graça que estava nele.

O que significa Paulo? Pequenino.

Eu sou o menor dos apóstolos[1108], ele disse. É isto o que significa Paulo.

Paulo em latim é sinônimo de *pouco*, de *pequeno*. É como dizemos: "Eu o verei daqui a pouco" (*Post paulum video te*); "Farei isto em pouco tempo" (*Paulo post facio illud*).

O que quer dizer: "pouco depois" (*paulo post*)? Pouco tempo depois, daqui a pouco, depois de um pequeno espaço de tempo.

Por que, então, Paulo? Porque pequeno e pequeno porque o último.

Ele disse: *Eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus*[1109].

Isto é verdade. Deus deveria tê-lo condenado, mas lhe deu do que merecer a coroa. De quem ele recebeu do que merecer a coroa?

Você quer saber? Escute, não eu, mas ele mesmo: *Eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela*

graça de Deus, sou o que sou e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles. Não eu, mas a graça de Deus que está comigo[1110].

Se é pela graça de Deus que você é o que você é, era então por sua culpa que você era o que você era.

A graça que ele me deu não tem sido inútil, ele acrescenta. Aí está ele pregando a fé que, pouco tempo antes, queria destruir. *A graça que ele me deu não tem sido inútil*, ele disse.

A graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles. Tome cuidado! Você já está começando com a soberba.

O que você está fazendo Paulo?! Você que agora há pouco se dizia pequeno.

Tenho trabalhado mais do que todos. Com que meios? Diga, porque você não tem nada que não tenha recebido.

Ele para no mesmo instante e, depois de haver dito tinha *trabalhado mais do que todos*, ele parece ter medo do que disse e, se mostrando novamente humilde, se corrige e diz: *Não eu, mas a graça de Deus que está comigo*.

08 – Reza-se para os incrédulos para que eles recebam a fé.

Portanto, meus irmãos, para ficar mais claro que a fé nos vem de Deus nosso Senhor, rezem por aqueles que ainda não a tem.

Se algum de vocês não tem ainda a fé, eu peço que rezem por ele.

Mas, é preciso que eu lhes peça isto? Se o marido é cristão e a esposa não é, ele não rezaria para que sua esposa obtivesse a fé? Se é a esposa que é cristã e o marido não, essa mulher devota não rezaria para conseguir a fé para seu marido?

Quando rezamos por isto, o que fazemos? Não pedimos a Deus que conceda a fé?

A fé é então um dom de Deus. Que ninguém então se enalteça, que ninguém se vanglorie de ter se dado o que quer que seja.

Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor[1111].

Sermão 169 - A vida cristã.

A verdadeira circuncisão somos nós, que prestamos culto a Deus pelo Espírito de Deus e pomos nossa glória em Jesus Cristo e não confiamos na carne. No entanto, eu poderia confiar também na carne. Se há quem julgue ter motivos humanos para se vangloriar, maiores os possuo eu: circuncidado ao oitavo dia, da descendência de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível. Mas, tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de

esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé.
Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos.
Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo.
Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto e, se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer. Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente[1112].

Análise

Em alguns poucos versículos São Paulo assinala, para a vida cristã, três características opostas às ideias dos judeus. Estes colocavam sua glória nas vantagens que São Paulo chama de carnais. Eles tinham orgulho sobretudo por serem da descendência de Abraão. Os cristãos, pelo contrário, se desapegam de tudo o que é exterior, para só se apegar a Jesus Cristo.

Além disso, os judeus se apoiam em sua própria justiça, se acreditando capazes de merecer o céu. Os cristão, pelo

contrário, só contam com a misericórdia e a graça do Salvador.

Por fim, os judeus se consideram perfeitos, mas os cristãos, seja o que for que eles tenham feito, jamais se acreditam ter atingido a perfeição.

Ao desenvolver e explicar este texto do Apóstolo, Santo Agostinho assinala estas mesmas características na vida cristã.

01 – O que quer dizer: *pelo Espírito de Deus*.

Que suas santidades se empenhem em escutar bem e compreender bem esta lição que nos dá o Apóstolo. Que as pias aspirações de vocês consigam para nós, ao mesmo tempo, do Senhor nosso Deus, a graça de explicar conveniente e utilmente para vocês as ideias que ele condescender nos revelar.

Durante a leitura, vocês ouviram o apóstolo São Paulo nos dizer: *A verdadeira circuncisão somos nós, que prestamos culto a Deus pelo Espírito de Deus*.

A maior parte dos manuscritos traz, eu sei: *nós, que prestamos culto a Deus em espírito*. Mas os textos gregos que pudemos consultar trazem: *nós, que prestamos culto a Deus pelo Espírito de Deus*.

Seja como for, não há nenhuma dificuldade aqui, pois os dois sentidos são igualmente claros e ortodoxos, pois, é verdade que servimos o Espírito de Deus e é verdade também que servimos Deus em espírito e não segundo a carne.

Servir Deus segundo a carne seria contar agradá-lo com o que se obtém pela carne. Mas, quando, para fazer o bem, a própria carne é submetida ao espírito, é em espírito que servimos Deus.

Então, de fato, domamos a carne para submeter a Deus o espírito que a governa e o espírito não pode governá-la como convém, se ele mesmo não for governado.

02 – Como somos a circuncisão e a justiça.

A verdadeira circuncisão somos nós. Examine o que o Apóstolo quer dizer com essa circuncisão que foi imposta sob o reino das sombras misteriosas[1113] e que foi revogada com a aparição da luz verdadeira.

Por que ele não diz: "A verdadeira circuncisão temos nós" e sim: *A verdadeira circuncisão somos nós*?

É como se ele quisesse dizer: "A verdadeira justiça somos nós", já que a circuncisão é a justiça.

Mas, ser justiça é mais do que ser justo; portanto, São Paulo, ao dizer que somos justiça, quer dizer que somos justos. De fato, não somos a justiça imutável da qual participamos.

Assim como dizemos juventude numerosa querendo dizer numerosas pessoas jovens, também dizemos justiça para designar os justos.

Vejam isto mais claramente nestas palavras do mesmo Apóstolo: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[1114].

Justiça de Deus e não justiça de nós mesmos; justiça recebida dele e não retirada de nós mesmos; justiça obtida e não usurpada; dada e não expropriada.

Houve um ser que usurpou essa justiça, procurando se igualar a Deus, mas ele encontrou sua ruína com essa ambição. Mas Jesus Cristo, *sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*. Como, aliás, ele teria usurpado, se por natureza ele era seu igual? No entanto, *ele aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[1115], *para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*.

Se ele não tivesse aceitado nossa pobreza, não deixaríamos de ser pobres. Mas, *sendo rico, ele se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza*[1116], diz a Escritura.

O que não devemos esperar então de sua riqueza, se até mesmo sua pobreza contribui para nos enriquecer?

Assim, o Apóstolo não nega que você seja circunciso; somente ele explica a circuncisão, traz a luz e afasta as sombras.

03 – A circuncisão de quem se vangloria pelo Senhor.

A verdadeira circuncisão somos nós, que prestamos culto a Deus pelo Espírito de Deus e pomos nossa glória em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Ele visava as pessoas que colocavam na carne sua confiança, que se vangloriavam da circuncisão carnal e sobre elas ele

também diz: *Cujo destino é a perdição, cujo deus é o ventre, para quem a própria ignomínia é causa de envaidecimento e só têm prazer no que é terreno*[1117].

Compreenda melhor a circuncisão e seja a circuncisão. Compreenda e pratique, pois, *compreender é bom para todos os que praticam*[1118].

Não é sem razão que o menino devia ser circuncidado no oitavo dia[1119]. Cristo não é a pedra que nos circuncida? O povo judeu circuncidava com facas de pedra[1120], mas a pedra simbolizava Cristo[1121] e se a operação acontecia no oitavo dia, era porque, na sucessão das semanas, o oitavo dia é o primeiro, já que, decorridos os sete dias, retorna-se ao primeiro.

Quando termina o sétimo dia, o Salvador ainda está no túmulo e ele ressuscita quando reaparece o primeiro dia e sua ressurreição é para nós a promessa do dia eterno e a consagração do domingo.

Domingo, de fato, parece se referir ao Senhor, porque neste dia o Senhor ressuscitou. A Pedra nos foi devolvida neste dia.

Circuncidem-se então, vocês que querem dizer: *A verdadeira circuncisão somos nós*, pois ele *foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[1122].

Essa justificação ou essa circuncisão não vem de você, *porque foi gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de*

Deus. Não provém das obras, para que ninguém se vanglorie[1123].

Não diga então: “Se eu recebi foi porque eu mereci”. Não acredite ter recebido por causa dos seus méritos, pois você não teria se não tivesse recebido.

Assim, a graça antecipou o mérito. Não é a graça que vem do mérito, mas o mérito que vem da graça. Se a graça viesse do mérito, seria uma compra e não um dom gratuito.

Por nada os salvareis[1124].

O que significa: *Por nada os salvareis*? “Vós não encontrareis neles nada que mereça a salvação e, no entanto, vós lhes a concedereis. Vós dais, vós salvais gratuitamente. Vossos dons precedem todos os meus méritos, para que meus méritos sigam vossos dons. Vós dais então e salvais gratuitamente, pois, invés de encontrar em mim algo que vos leve a me salvar, vós encontrais muitos motivos para me condenar”.

04 – Ter fé na carne.

Então, ele diz: *A verdadeira circuncisão somos nós, que prestamos culto a Deus pelo Espírito de Deus e pomos nossa glória em Jesus Cristo*, pois, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*[1125] *e não confiamos na carne*.

O que é colocar a confiança na carne? Escute o que ele disse: “*Eu poderia confiar também na carne. Se há quem julgue ter motivos humanos para se vangloriar, maiores os possuo eu*. Não pensem vocês que eu desdenho do que eu

não posso ter. É de se espantar que uma pessoa de condição humilde e vil despreze a nobreza e mostre com relação a isso uma humildade verdadeira? Sim, *eu poderia confiar também na carne*. Eu posso, portanto, ensinar a vocês a não dar nenhum valor ao que veem eu mesmo espezinhar. *Se há quem julgue ter motivos humanos para se vangloriar, maiores os possuo eu*".

05 – Qual era para Paulo a razão de vangloriar-se pela carne.

Aqui está, enfim, a natureza dessa confiança. "Fui *circuncidado ao oitavo dia*. Não sou, portanto, um novato e nem um estranho ao povo de Deus. Não fui circuncidado em uma idade avançada, mas no oitavo dia, realmente, pois nasci de pais judeus, *da descendência de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja*".

Os fariseus eram como que os primeiros da nação, como que a nobreza judia. Eles não eram considerados como das camadas inferiores do povo.

A palavra fariseu significa, dizem, uma espécie de separação, como em latim a palavra *egregius* (distinto) significa separado do rebanho.

Da descendência de Israel faziam parte também as tribos que tinham renunciado ao templo. Mas as tribos de Benjamin e de Judá tinham permanecido fiéis. Na época do cisma, que aconteceu sob o reinado de Jeroboão, servo de Salomão, houve, de fato, para continuar a frequentar

Jerusalém e o templo do verdadeiro Deus, somente a tribo sacerdotal de Levi, a tribo de Judá e a tribo de Benjamin[1126].

Não podemos passar, no entanto, rapidamente sobre a expressão: *da tribo de Benjamim*, ou seja, ligado a Judá e fiel ao templo.

Hebreu e filho de hebreus. Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja. Ele considera, então, como um dos seus méritos, ter perseguido os cristãos. *Quanto ao zelo*, ele diz. Em outros termos: "Eu não era um judeu preguiçoso, eu suportava com impaciência e atacava com vigor tudo o que parecia contrário à minha lei".

Todos estes detalhes eram, para os judeus, características de nobreza, mas, é preciso ser humilde para ser cristão. Então o Apóstolo se chamava Saulo, quando era judeu e recebeu o nome de Paulo, quando se tornou um dos nossos.

O nome Saulo vem de Saul. Vocês sabem quem foi Saul e que grande estatura ele tinha. A Escritura diz que ele ultrapassava todos os outros, quando foi escolhido para receber a unção real[1127]. Não era este o caso de Paulo, mas somente quando ele recebeu o nome de Paulo, que quer dizer pequeno.

"*Quanto ao zelo, perseguidor da Igreja*. Compreendam com isto qual era a posição que eu ocupava entre os judeus, pois o zelo por nossas tradições paternas me determinavam perseguir a Igreja de Cristo".

06 – Observar irrepreensivelmente a Lei.

Ele acrescenta: *Quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível*.

Suas caridades não ignoram o que é dito sobre Zacarias e Isabel: que eles *observavam irrepreensivelmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor*[1128]. Assim se comportava também nosso Apóstolo, quando ele se chamava Saulo. Ele seguia a Lei de forma irrepreensível, mas foi ao não merecer nenhuma reprovação que ele acabou por merecer uma reprovação muito grave.

Que reprovação foi essa?

Meus irmãos, devemos considerar como um mal viver irrepreensivelmente na justiça ordenada pela Lei? Se houvesse um mal nisso, haveria então um mal na própria Lei.

No entanto, o mesmo Apóstolo nos diz: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*. Sendo então a *Lei santa e o mandamento santo, justo e bom*, como seria um mal viver de forma irrepreensível na observação da justiça ordenada por essa Lei santa? Isto não é, pelo contrário, ser santo?

No entanto, é mesmo ser santo viver assim? Continuemos a ouvir o mesmo Apóstolo. Eis o que ele diz: *Tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo*. Ele fala aqui de suas perdas reais e, dentre essas perdas, ele coloca a vida irrepreensível quer ele levava, de acordo com a justiça legal.

Ele diz: "*Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de*

Jesus Cristo, meu Senhor. Eu examino o que faz minha glória e coloco diante da grandeza incomparável de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tenho sede disto e desgosto por aquilo. Isto é pouco. *Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele*".

07 – Porque a justiça que vem da Lei afasta de Deus.

Temos aqui, grande Apóstolo, uma questão mais profunda. Você vivia sem merecer reprovação, conforme a justiça ordenada pela Lei. Essa vida, no entanto, é considerada por você como perda, como um dano, como esterco, em comparação com a aquisição que você quer fazer de Cristo. Não se conclui então que essa justiça afastava de Cristo?

Eu rogo a você, Apóstolo: condesceda nos explicar um pouco mais.

Ou melhor, peçamos a Deus para ele nos esclarecer, pois foi ele que esclareceu o autor desta epístola, *escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo*[1129].

Vocês veem bem, meus caríssimos, que há aqui uma dificuldade muito grande e de difícil compreensão. De um lado, a Lei é seguramente *santa e o mandamento santo, justo e bom*. Para os católicos também é certo __ e só pode negar isto aqueles que procuram sair da Igreja __ que essa Lei antiga foi outorgada pelo Senhor nosso Deus.

Por outro lado, no entanto, a vida irrepreensível e conforme essa justiça legal afastou o Apóstolo de Cristo e

ele só se uniu a Cristo quando considerou como perda, como um dano, como um esterco, sua irrepreensível fidelidade à justiça ordenada pela Lei.

Aí está a dificuldade.

Vamos continuar a ler e dar um passo adiante. Talvez encontremos nas próprias palavras de São Paulo um raio de luz que dissipe essas sombras.

Ele diz: *Tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele*. Prestem atenção, eu lhes peço.

"Vejo todas essas vantagens, inclusive a fidelidade inviolável de minha vida à justiça legal, como perda, como dano, como esterco verdadeiro. Sim, considero tudo isso como perda, como esterco, *a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei"*.

Vocês que já compreenderam antes que eu tivesse explicado imaginem-se como viajantes mais rápidos que estão na estrada com viajantes com um passo mais lento. Diminuam um pouco seus passos, para não deixarem para trás seus companheiros.

Diz então o Apóstolo: *a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei*. Se a justiça é sua, como dizer então que ela vem da Lei? Se ela vem da Lei, como ela vem de você? Foi você que deu a você a Lei?

Foi Deus que a deu. Foi Deus que a impôs. Foi Deus que ordenou que ela fosse observada. Se essa Lei não o ensinou a viver, como você se diz irrepreensível sob o ponto de vista da justiça que a Lei prescreve? E, se é dela que lhe vem

essa justiça, como você afirma que possui *não a justiça que vem da Lei, mas a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*?

08 – A justiça da Lei vem de sua observância com temor.

Resolverei esta questão da melhor maneira que conseguir. Condesceda Aquele que habita em nós jogar um pouco de luz sobre ela e nos dar a graça de ver e de amar a verdade, pois, se ele nos conceder amá-la, ele nos concederá também a graça de praticá-la.

Aqui está então meu pensamento.

Deus outorgou sua Lei. Eu falo da Lei que diz: *Não cobiçarás*[1130] e não das observâncias carnais que eram sombras *dos bens futuros*[1131]. Tendo Deus então outorgado essa Lei, se uma pessoa teme, se ela acredita poder cumpri-la com suas próprias forças, se ela faz realmente o que a Lei prescreve, não por amor à justiça, mas por medo do castigo, essa pessoa é irrepreensível sob o ponto de vista da justiça legal, pois ela não rouba, não comete adultério, não pratica falsos testemunhos e nem homicídios, não cobiça os bens alheios.

Mas, será que ela vai tão longe? Ela pode ir?

Se ela consegue isto, ela o consegue por medo do castigo. Mas abster-se de cobiçar unicamente por medo do castigo não é cobiçar?

Diante de um aparato formidável de armas defensivas e ofensivas, diante de uma multidão que o cerca ou que corre

ao seu encontro, até mesmo um leão deixa de perseguir sua presa. Mas, ele deixa de ser um leão? Ele deixou sua presa, mas não sua ferocidade.

Isto não se parece com você? Você pratica, sem dúvida, a justiça e é ela que diz a você para se afastar dos tormentos. Mas, é de se espantar que se temam os suplícios? Quem não os teme? Qual é o ladrão, qual é o bandido, qual é o celerado que não os teme? A diferença que separa seu medo do medo de um ladrão é que, mesmo temendo as leis humanas, este não deixa de ser ladrão, porque ele conta escapar da vigilância das leis, enquanto que as leis e penas que você teme são de um poder tal que você não pode escapar. O que você não faria, se você pudesse?

Assim, suas cobiças culposas não são extintas por amor, mas sufocadas pelo medo.

O lobo que se lança sobre um rebanho e que é forçado a se afastar pelos latidos dos cães e os gritos dos pastores, deixa de ser lobo? Que ele se transforme e se torne uma ovelha.

O Senhor, de fato, pode fazer essa transformação. Mas então é a justiça dele e não a sua. Você pode, com a sua justiça, temer o castigo, já que não tem pela justiça um amor real.

Ora, meus irmãos! A iniquidade tem seus encantos, mas a justiça não tem os dela? O mal tem atrativos, mas o bem não tem?

Certamente que tem, mas *o Senhor nos dará suas benesses e nossa terra produzirá seu fruto*[1132]. Se ele não nos der primeiro suas benesses, nossa terra permanecerá estéril.

Foi esta, portanto, a justiça que o Apóstolo desejou, a justiça que ele amou. Ele se lembrou de Deus e ficou feliz[1133]. A alma dele desejou e ardeu *pelos átrios do Senhor*[1134] e desprezou, considerou como perda, como dano e como vil esterco tudo o que ele antes amara.

09 – Saulo perseguindo a Igreja queria estabelecer sua própria justiça.

Foi então seu zelo ardente pelas tradições de seus pais que o levou a perseguir a Igreja[1135], a estabelecer sua própria justiça, invés de procurar a justiça de Deus[1136].

Vocês querem a prova disso? Ele clama em outra passagem: *Então, que diremos? Que os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justificação*. Qual? *A que vem da fé*[1137].

Os gentios não buscavam a justiça baseada na Lei, como se fosse sua própria justiça, uma justiça que vem do temor do castigo e não do amor pela própria justiça. Como então eles não buscavam essa justiça, eles *alcançaram a justificação*, mas a justificação *que vem da fé*. *Ao passo que Israel, que procurava uma lei que desse a justificação, não a encontrou*[1138]. Por quê? Porque não buscaram a justiça *que vem da fé*.

O que quer dizer: “Não buscaram a justiça que vem da fé”?

Quer dizer que Israel não colocou suas esperanças em Deus, não esperou dele a justiça, não teve fé *Naquele que justifica o ímpio*[1139], não fez como o publicano que, baixando os olhos para o chão, bateu em seu peito e disse: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*[1140]

Aí está porque Israel, mesmo procurando *uma lei que desse a justificação, não a encontrou. Por quê? Porque Israel a buscava como fruto não da fé e sim das obras. E tropeçou na pedra do escândalo*[1141].

Aí está porque Saulo perseguia a Igreja: ele se chocava contra a pedra de escândalo, contra Cristo estendido, por assim dizer, no chão da humildade.

Sem dúvida que Cristo tinha subido ao céu, com seu corpo ressuscitado de entre os mortos, mas, se ele não estivesse ao mesmo tempo na terra, ele não poderia ter clamado a Saulo: *Por que me persegues*[1142]. Ele tinha então descido até a terra com sua humildade e Saulo tropeçou nele com sua cegueira.

De onde vinha essa cegueira de Saulo? Do inchaço causado pela soberba.

O que isto quer dizer? Que ele se apoiava na justiça dele.

Essa justiça, na verdade, vinha da Lei, mas ela era também dele.

Como ela vinha da Lei? Ela vinha da Lei porque estava contida nas prescrições legais.

E como ela era também dele? Vinha dele porque ele a atribuía a ele mesmo. Ela não vinha do amor, o amor pela justiça, o amor ao amor de Cristo.

Mas, de onde lhe viria esse amor? Quando ele só tinha nele o medo, esse medo ocupava em seu coração o lugar que deveria ser ocupado pelo amor.

Quando então ele flagelava com orgulho os cristãos e se vangloriava cheio de soberba perante os judeus de perseguir a Igreja por zelo pelas tradições paternas; quando ele se acreditava uma grande pessoa; ele ouviu do alto do céu a voz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele já estava sentado em seu trono, mas nem por isso o Salvador deixava de recomendar humildade.

"*Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro te é resistir ao aguilhão*[1143]. Eu poderia deixá-lo ir. Você feriria você mesmo, sem me atingir com seus golpes. Mas, eu não deixo você ir. Você está furioso e eu sou misericordioso. *Por que me persegues?* Não tenho medo que você me crucifique novamente. Eu quero somente me revelar para você, para evitar que você leve à morte, não eu, mas você mesmo".

10 – Paulo se horroriza com a própria justiça, para ter a justiça de Deus.

O Apóstolo estremece, é atingido e derrubado. Mas logo foi levantado e fortalecido. Nele se cumpriram estas palavras: *Eu firo e curo*[1144].

Não é dito: "Eu curo e depois firo", mas, *Eu firo e curo*. "Eu o ferirei e depois me darei a você".

Ferido desta forma, ele teve desgosto pela sua própria justiça; a justiça que ele praticava de forma irrepreensível e que o tornava honroso, grande e glorioso aos olhos dos judeus. Ele passou a vê-la então como perda, como um dano, como esterco, aspirando *não a justiça que vem da Lei, mas a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*[1145].

O que diz depois o mesmo Apóstolo daqueles que tropeçam na *pedra de escândalo*? Que eles se apoiam não na fé *e sim nas obras*[1146] e que foi, num certo sentido, sua própria justiça que fez com que eles tropeçassem na *pedra de escândalo*, como está escrito: *Eis que ponho em Sião uma pedra de escândalo, um rochedo que faz cair. Quem nele crer não será confundido*[1147].

Ao se acreditar nessa Pedra, de fato, não se conta mais com a justiça que vem da Lei, por melhor que seja essa Lei, mas se cumprirá a Lei com a ajuda da justiça outorgado por Deus e, desta forma, não se será confundido, pois, *o amor é o pleno cumprimento da Lei*[1148].

Mas, por quem foi derramado esse amor em nossos corações? Não foi por nós mesmo, com toda certeza, mas *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[1149].

Os judeus então se chocaram contra a *pedra de tropeço* e contra a *pedra de escândalo*. E o Apóstolo fala sobre eles: *Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que dirijo a Deus por eles são para que se salvem*[1150].

Assim, o Apóstolo pede a fé para aqueles que não acreditam e a conversão para os ímpios, o que prova que a

própria conversão não acontece sem a graça.

A súplica que dirijo a Deus por eles são para que se salvem, pois lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento[1151].

Ele também tinha zelo por Deus, mas que zelo? Um zelo igual ao deles, *um zelo sem discernimento*.

De que forma era *um zelo sem discernimento*? É que, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[1152].

Então, voltando desse afastamento, o Apóstolo disse: "Não tenho mais minha própria justiça. Eles, querendo estabelecer a deles, preferiram permanecer no esterco. Eu não tenho mais *minha justiça, que vem da Lei*, mas tenho *a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé.* Sim, a justiça *Daquele que justifica o ímpio*[1153]".

11 – A verdadeira justificação só é dada pela graça.

Saia, saia de você mesmo! Você é para você um obstáculo e, ao se enaltecer, você só prepara ruínas. *Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem*[1154].

Não procure adquirir sua própria justiça. Sim, a justiça vem e deve vir da Lei dada por Deus, mas, já que ela vem da Lei, que não venha de você. É o Apóstolo quem diz: não

me caluniem os amigos de sua própria justiça. Veja o livro onde isto está escrito: abra-o, leia, compreenda.

Não procure sua justiça. Embora ela venha da Lei, o Apóstolo a considera como esterco, já que ela é sua, pois, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*.

Não pense que, como cristão, você não pode se chocar com a *pedra de tropeço*. Você se choca contra ela quando retira qualquer coisa da graça. Há menos culpa em ofender Cristo pendurado em sua cruz do que sentado em seu trono.

Seja justo, mas pela graça, pelo socorro de Deus e não por você.

Revestirei de salvação seus sacerdotes[1155]. Recebe-se uma vestimenta; ela não nasce com os cabelos. Só os animais nascem todos vestidos. Assim é a graça que preconiza o Apóstolo: você deve esperá-la de Deus. Gema para consegui-la; chore para consegui-la; creia para consegui-la.

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo[1156], está escrito.

Observe que não se trata aqui da cura de qualquer mal físico, como a febre, a peste, a gota ou qualquer outro. Não. *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*, ou seja, será justificado.

Se o Senhor disse: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes*, ele não explicou

seu pensamento com estas outras palavras: *Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*[1157]?

12 – Conhecer o poder da ressurreição de Cristo é algo grande.

Assim, vejam o que diz também o Apóstolo: *Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei*, pois é sempre a minha, *mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé. Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua ressurreição*.

Que felicidade é conhecer o poder da ressurreição de Cristo!

Vocês estão espantados que ele tenha ressuscitado seu corpo? É nisto que consiste o *poder da sua ressurreição*? Não ressuscitaremos também no fim dos tempos? Este corpo corruptível não se revestirá de incorruptibilidade e este corpo mortal de imortalidade?

Cristo ressuscitou dentre os mortos, ele não morre mais e *a morte não terá mais domínio sobre ele*[1158]. Não ressuscitaremos __ se ouso dizer isto __ de uma maneira ainda mais admirável? A carne de Cristo ressuscitou sem ter sido corrompida e a nossa sairá cheia de vida da própria corrupção.

É belo, sem dúvida, que Cristo tenha se antecipado a nós, para ser nosso modelo e para nos mostrar o que devemos esperar. Mas, isto não é tudo o que o Apóstolo

tinha em mente, ao falar, não de sua justiça, mas da que vem de Deus e ao fazer menção ao poder da ressurreição de Cristo. Ele quis nos mostrar nossa justificação, pois é a ressurreição do Salvador que nos justifica, como era a Pedra que realizava a circuncisão.

Aí está porque São Paulo começou com estas palavras: *A verdadeira circuncisão somos nós*.

Como ela aconteceu? Através da Pedra.

Que Pedra é essa? Cristo.

Quando ela aconteceu? No oitavo dia, pois foi neste dia que o Senhor ressuscitou.

13 – Nossa justificação é pela graça, mas não sem nossa vontade.

Aí está, meus irmãos, a justiça que devemos conservar, se a temos; aumentar, no que lhe falta e levar à sua perfeição, na ocasião em que se cantará: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* [1159]

Tudo isso, no entanto, deve vir a nós de Deus. Mas não devemos dormir, nem nos esquecer de nos esforçarmos e nem deixar de querer. Sem a vontade de nossa parte, não devemos contar ter em nós a justiça de Deus.

Sem dúvida que você não tem outra vontade que não seja a sua, mas você também não pode ter outra justiça que não seja a de Deus. A justiça de Deus é independente de sua vontade, mas, sem desejá-la, você não a terá.

Foi mostrado a você o que você deve fazer. A Lei disse a você: “Não faça isto e nem aquilo, mas isso e isso”. A Lei

falou então com você, ordenou a você, mostrou a você e, se você tem inteligência, você compreendeu seu dever. Peça agora a graça de cumpri-la, se você conhece o poder da ressurreição de Cristo, pois ele *foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[1160].

Para nossa justificação? Para nos justificar, para nos tornar justos. Assim, você será duplamente a obra de Deus: como ser humano e como justo.

Mais vale para você ser justo do que humano. Se então foi Deus quem o fez humano e se é você que se faz justo, sua obra tem mais valor do que a de Deus.

Mas não é assim. Deus o fez sem você, pois você não lhe deu consentimento para ser criado por ele. E como você lhe daria consentimento, se você ainda não existia?

Mas, se Deus fez você sem você, sem você ele não justifica você.

Deus então formou você sem que você soubesse, mas ele só justifica você na medida em que você o queira. Mas é ele, no entanto, que justifica você; não é você.

Você não deve retornar ao que era para você uma perda, um dano, esterco, mas procurar em Deus sua própria justiça, *a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*. Para obter o *conhecimento de Cristo e o poder da sua ressurreição, pela participação em seus sofrimentos*. Nisto estará sua força. A participação no sofrimento de Cristo será sua força.

14 – A participação nos sofrimentos de Cristo em virtude do amor.

Todavia, como participar dos sofrimentos de Cristo sem o amor?

Não vemos, no meio de torturas, ladrões mostrarem um temperamento firme e que, longe de denunciarem seus cúmplices, muitos até mesmo se recusam a dar seus nomes? Eles são dilacerados, esmagados, têm as costas quebradas, os membros esfarrapados e nada pode vencer sua obstinação culposa.

O que eles amam? Pois é impossível que eles resistam assim sem um amor ardente. Não os comparemos, no entanto, com aquele que ama Deus, pois só se ama através Dele.

O bandido ama outra coisa; outra coisa que está em sua carne, pois ele é humano. Mas, qualquer que seja o objeto do seu amor, que seu amor recaia sobre seus cúmplices, sobre o desejo de não ser conhecido ou sobre a glória que ele atribui aos seus crimes; qualquer que seja, enfim, o objeto do seu amor, ele o tem muito, para não ceder sob os golpes da tortura.

Se então esse miserável não pode, sem amar, suportar tantos tormentos; suportá-los e não sucumbir a eles; você também não poderá, sem amar, compartilhar dos sofrimentos de Cristo.

15 – O amor e a ampliação do coração vêm do Espírito Santo.

Como deve ser seu amor? Ele deve ser caridoso e não concupiscente.

Ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria[1161], está escrito.

Para então se beneficiar da participação nos sofrimentos de Cristo, você deve ter amor. Mas, como tê-lo?

Pobre mendigo! Como ter o amor de Deus? Você quer que eu lhe diga? Invés disso, interrogue o guardião dos celeiros do Senhor.

Sim, como o amor, a participação nos sofrimentos de Cristo o tornará verdadeiramente um mártir. Sendo o mártir aquele que é coroado pelo amor.

Mas, enfim, como ter o amor? *Temos este tesouro em vasos de barro*, diz o mesmo Apóstolo, *para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós*[1162].

Isto não é o mesmo que dizer: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[1163]?

É isto que você deve aspirar. Despreze seu espírito e receba o Espírito de Deus. Que seu espírito não tema achar apertado seu corpo, quando o Espírito de Deus começar a reinar em você. Não, o Espírito de Deus não vai banir seu espírito. Não tema isso.

Você ficará apertado se hospedar uma pessoa rica. Você não saberá onde alojá-la, onde colocar sua cama, sua esposa, seus filhos e toda sua família.

O que fazer então, você se questionará. Aonde ir? Onde ficar?

O Espírito de Deus é rico, mas receba-o, no entanto. Ele deixará você confortável, invés de deixá-lo apertado.

Alargais o caminho a meus passos[1164]. É isto o que você canta. Você dirá então ao seu hóspede divino: "*Alargais o caminho a meus passos*. Eu vivia apertado quando vós não estáveis aqui. Vós ampliastes meu lar e, invés de me afastares, vós expulsastes meu aperto".

Nestas palavras, aliás, *O amor de Deus foi derramado*, o termo derramado não desperta a ideia de extensão?

Não, não tema ficar apertado. Acolha seu hóspede e não o trate como um daqueles que só estão de passagem. Você não ganharia nada com sua partida. É ficando que ele se dá.

Seja dele e não permita que ele o deixe, que ele parta. Retenha-o para sempre e lhe diga: *Possua-nos, ó Senhor nosso Deus!*[1165]

16 – O Apóstolo reconhece não ser perfeito.

Sim, conservemos a justiça que vem de Deus, para conhecê-lo, bem como *o poder da sua ressurreição, pela participação em seus sofrimentos*, nos conformando à sua morte, pois, *fomos sepultados com ele na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*[1166].

Morra, para viver e, para ressuscitar, sepulte-se. É depois de seu sepultamento e sua ressurreição que verdadeiramente você terá o "coração ao alto".

Vocês gostaram do que eu disse. Vocês teriam gostado, se não tivessem sentido nisto uma secreta doçura?

Torno-me semelhante a ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos, prossegue o Apóstolo. Ele falava da justificação; da justificação pela fé em Cristo; da justificação que vem de Deus e é assim como ele termina.

Depois de haver buscado essa justificação e haver dito: *a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*, ele acrescenta: *com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos*.

Por que haver dito: *com a esperança de conseguir*?

"*Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo*. Sua justiça me antecipou; que a minha o siga. Mas a minha o seguirá se não for a minha".

Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Mas eu me empenho em conquistá-la.

Houve quem se espantasse ao ouvir o Apóstolo dizer: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição.*

Que meta que ele não havia alcançado ainda? Ele tinha fé, coragem e esperança. O amor o abrasava, ele fazia milagres, ele pregava com um indomável vigor. Ele sofria todo tipo de perseguição e se mostrava paciente em toda

parte, cheio de amor pela Igreja e de solicitude para com todas as comunidades cristãs. O que ele ainda não tinha?

Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. O que você está dizendo? Você fala e ficamos todos espantados. Você fala e ficamos todos estupefatos, pois não fazemos ideia do que seja.

O que você está dizendo?

“Irmãos”, ele clama.

O que você quer dizer, afinal? O que você está dizendo?

“*Não pretendo dizer que já alcancei esta meta*. Não se enganem comigo. Eu me conheço melhor do que vocês. Se eu ignoro o que me falta, eu não sei o que tenho”.

“*Não pretendo dizer que já alcancei esta meta*. *Uma só coisa* eu creio não ter ainda. Eu tenho muito, mas há uma coisa que eu não tenho ainda”.

Uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente.

O que é que você pede incessantemente ao Senhor?

É habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida.

Por quê?

Para admirar aí a beleza do Senhor e contemplar o seu santuário[1167].

Aí está a única coisa que o Apóstolo assegurava não ter obtido ainda e, quanto mais ele estava afastado dela, menos perfeito ele era.

17 – Marta e Maria. A contemplação e a ação.

Vocês se lembram, meus irmãos, da passagem do Evangelho onde são mencionadas duas irmãs, Marta e Maria, que hospedaram o Senhor.

Sim, vocês se lembram. Marta se apressava em fazer numerosos preparativos e cuidava da casa, pois, afinal, ela receberia o Senhor e seus discípulos. Ela buscava, com uma pressa toda religiosa, fazer com que não faltasse nada em sua casa para seus santos hóspedes.

Enquanto Marta se agitava dessa maneira, Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, prestando atenção às suas palavras. Chateada, no meio de tantas tarefas, em ver sua irmã sentada, sem se preocupar com o que ela fazia, ela interpelou o Senhor e disse: *Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Diga-lhe que me ajude*.

Respondeu-lhe o Senhor: "Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada[1168]. A sua é boa, mas a dela é melhor. A sua é boa porque é bom se dedicar a servir os santos, mas a dela é melhor. De fato, o que você escolheu passa. Você sacia a fome e a sede, nos prepara leitos para o repouso e abre a porta quando precisamos nos abrigar. Mas, tudo isso passa e virá o tempo em que não haverá mais necessidade de comer, de beber e nem de dormir. Você perderá então sua função. *Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada*, pois ela escolheu contemplar e viver da palavra".

Como será essa vida pelo Verbo sem o som das palavras?

Maria vivia então da palavra, mas da palavra que tem som. Um dia ela viveria ainda do Verbo, mas do verbo que não tem som e esse Verbo é a vida[1169]. *Quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[1170].

Esta era então a única graça pedida: *admirar a beleza do Senhor*. Não podemos desfrutar isto na noite deste mundo.

É a vós que eu invoco, Senhor, desde a manhã. Desde o raiar do dia vos apresento minha súplica e espero[1171].

Desta forma então, *uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente*.

18 – É preciso perseverar no caminho que leva a Deus.

O que eu faço então? *Prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*.

Sim, eu ainda caminho, eu avanço, estou na estrada, eu me apresso, ainda não cheguei.

Você então, igualmente, se caminha, se ainda avança, se pensa no futuro, esqueça o passado. Não pare, para não se deter no ponto onde seus olhos se fixarem. *Lembrai-vos da mulher de Lot*[1172].

Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto.

Ele tinha dito: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*.

Agora ele diz: *Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto*.

Antes: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*.

Agora: *Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto*.

Ele falou assim porque é possível ser perfeito e imperfeito ao mesmo tempo. É possível ser um peregrino perfeito sem ser ainda um possuidor perfeito.

Para convencê-lo de que o Apóstolo fala aqui de peregrinos perfeitos, dos que são perfeitos como peregrinos, sem estarem ainda de posse do soberano bem, observe o que se segue.

"*Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto e, se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer*. Porque vocês podem ficar tentados a acreditar que são alguma coisa, apesar destas palavras: *Quem pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo*[1173]. E também apesar destas: *Se alguém pensa que sabe alguma coisa, ainda não conhece nada como convém conhecer*[1174]".

"Portanto, *se tendes outro sentir*, como se fossem crianças. Então, *sobre isto Deus vos há de esclarecer.*

Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente”.

Então, para que Deus se revele a nós, não fiquemos no que já sabemos; prossigamos decididamente.

Vejam bem que somos peregrinos.

Vocês querem saber o que é caminhar? Eu digo em poucas palavras: caminhar é progredir. Digo isto preocupado com que, ao não entenderem, vocês caminhem mais lentamente do que deveriam.

Avancem então, meus irmãos! Examinem-se sempre sem se enganarem, sem se bajularem, sem autoindulgência, pois não há ninguém dentro de vocês para fazerem vocês se envergonharem ou se gabarem.

Na verdade, há Alguém, mas é Alguém a quem agrada a humildade. Que Ele controle vocês.

Saibam também se controlar e, para conseguir o que vocês não têm ainda, tenham constantemente horror ao que vocês são. Contentar-se com alguma coisa seria estagnar.

Se então, para sua infelicidade, acontecer a você pensar em dizer: “Chega!”, também persista.

Acrescente sempre algo, caminhe continuamente e progrida sempre.

Não pare, não volte, não se desvie.

Não avançar é parar. Voltar é recair nas desordens às quais você tinha renunciado. Desviar-se é se afastar do caminho. É muito melhor permanecer mancando do que se desviar correndo.

Sermão 170 - No céu, a verdadeira justiça.

Se há quem julgue ter motivos humanos para se vangloriar, maiores os possuo eu: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível. Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé.

Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua Ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos.

Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo.

Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente,

persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo.

Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto e, se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer. Contudo, seja qual for o grau a que

chegamos, o que importa é prosseguir decididamente[1175].
Senhor, ouvi a minha oração; pela vossa fidelidade, escutai a minha súplica, atendei-me em nome de vossa justiça. Não entreis em juízo com o vosso servo, porque ninguém que viva é justo diante de vós[1176].
Esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia[1177].

Análise

Por que o apóstolo São Paulo vê como esterco a justiça que ele praticou ao viver irrepreensivelmente sob o jugo da Lei?

Santo Agostinho fornece três razões principais. A primeira é que, por causa do pecado original, do qual Cristo estava isento, todas as pessoas sentem inclinações maléficas que não as deixam inocentes perante Deus. A segunda é que os judeus atribuíam a eles mesmos a justiça que eles observavam sob a Lei, invés de atribuí-la a Deus, sem a graça de quem não se pode nada. A terceira razão, enfim, é que toda perfeição praticada neste mundo não é nada, se for comparada com a perfeição e a felicidade do céu.

Unamo-nos então definitivamente a Cristo que nos leva até lá.

01 – A justiça que deriva da Lei parece uma perda para o Apóstolo.

Há uma ligação tão íntima entre todos estes textos sagrados que eles parecem formar uma só lição. Isto é porque todos são do mesmo autor. Numerosos são os ministros que exercem o ministério da palavra, mas todos bebem em uma única fonte.

Na passagem do Apóstolo que acaba de ser lida, pode-se ficar espantado ao encontrar estas palavras: *Se há quem julgue ter motivos humanos para se vangloriar, maiores os possuo eu: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível. Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da Lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*.

Como comparar com uma perda, com o esterco, a vida irrepreensível que se levou de acordo com a justiça da Lei? Quem outorgou essa Lei? Não foi Aquele que viria em seguida perdoar os culpados que a infringiram?

É bem verdade que ele veio perdoar aqueles que a Lei considerou como criminosos, mas a Lei consideraria como criminosos aqueles que em sua vida observaram irrepreensivelmente a justiça que ela ordenou?

Além disso, se o Filho de Deus veio trazer aos infratores da Lei o perdão de todas as suas faltas, ele recusaria esse perdão ao apóstolo Paulo, afirmando que ele vivera sob a Lei sem merecer reprovação?

Escutemos o mesmo Apóstolo; em outra passagem ele diz o seguinte: *Não por causa de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas unicamente em virtude de sua misericórdia, ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação*[1178]. Ele diz também: *Outrora era blasfemo, perseguidor e injuriador. Mas alcancei misericórdia, porque ainda não tinha recebido a fé e o fazia por ignorância*[1179].

Assim, de um lado ele afirma ter vivido irrepreensivelmente sob a Lei e, de outro, ele se descreve como um grande pecador. Considerando então o perdão que ele obteve, não há nenhum pecador que deva perder as esperanças quanto a própria salvação.

02 – Com que finalidade foi outorgada a Lei.

Examinemos com cuidado, meus irmãos e busquemos atentamente o sentido desta passagem onde o Apóstolo compara a uma perda e ao vil esterco a vida irrepreensível que ele levara sob a Lei e onde ele se descreve como tendo sido, na mesma época e ao mesmo tempo, antes de ter recebido o batismo e a graça, um observador e um infrator da Lei.

Não é sem razão que ele emprega aqui a palavra *perda*. Afaste aqui a maléfica ideia de acreditar que, segundo ele, o

autor da Lei seria diferente do autor do Evangelho, como pensam falsamente os maniqueístas e outros heréticos.

Segundo estes hereges, de fato, não se deve atribuir a Lei de Moisés ao distribuidor da graça evangélica. A Lei viria do Deus mau e a graça viria do Deus bom, segundo eles.

Por que ficaríamos surpresos com uma afirmação assim, meus irmãos? Se esses infelizes só veem trevas nas obscuridades da Lei, é porque eles não fazem com que a porta seja aberta, batendo nela com devoção.

É verdade, no entanto, que o mesmo Apóstolo diz algumas vezes, em termos bem claros, que a Lei é boa[1180], embora ele ensine também que ela foi dada para que se multiplicassem os pecados e, com isso, superabundasse a graça mais ainda[1181].

Isto aconteceu porque as pessoas presunçosas, ao fazerem tudo o que elas acreditavam permitido, infringiam a Lei secreta de Deus. Como eles não se acreditavam de forma alguma culpados, Deus lhes outorgou visivelmente sua Lei. Ele lhes outorgou a Lei não para curá-los, mas para mostrar-lhes que eles estavam doentes.

Essa Lei antecipou, assim, a chegada do Médico, para desenganar o doente, que se acreditava em boa saúde e foi por este motivo que ela lhe disse: *Não cobiçarás*[1182].

Além disso, não sendo a Lei violada antes de ser outorgada, já que, *onde não existe Lei, não há prevaricação*[1183], como diz São Paulo, pecava-se, sem dúvida, antes da Lei, mas, ao se pecar depois do advento da

Lei, pecava-se mais, pois a prevaricação se juntou ao pecado.

O ser humano reconheceu então que ele tinha sido derrotado pelas paixões desordenadas que seus maus hábitos tinham alimentado contra ele mesmo. No entanto, ele era sujeito do pecado pelo simples fato de ser descendente de Adão.

Isto foi o que fez o Apóstolo dizer: *Éramos, como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira divina*[1184]. E Jó dizer que nem mesmo uma criança de um dia está isenta de pecado[1185]. Não do pecado atual, mas do pecado original.

03 – A ausência do pecado em Cristo.

Prestem atenção agora a um Salmo que revela o que há em nossa alma que expõe as nossas desordens mais secretas. Nele é dito ao Salvador, em nome do gênero humano: *Só contra vós pequei. O que é mau fiz diante de vós*[1186].

Não é somente em nome de Davi que é dito isto, mas igualmente em nome de Adão, o pai da humanidade.

Vejam a sequência. Ele disse: *Só contra vós pequei. O que é mau fiz diante de vós* e depois acrescentou: *Para que vós sejais justificado em vossas palavras*.

Estas são palavras dirigida a Cristo. De onde deduzimos isto? Ouçam a sequência: *e venças com justiça*.

Deus Pai não é julgado e o Espírito Santo também não. Somente o Filho foi julgado e o foi na natureza humana que

ele condescendeu assumir por nós. Mas não por meio da união carnal, pois sua mãe era virgem quando acreditou, virgem quando concebeu, virgem quando deu à luz, virgem sempre.

Aí está porque é dito: *e venças com justiça*. De fato, ele não foi vitorioso quando foi julgado, já que foi julgado sem que se descobrisse pecado nele e seu julgamento mostrou sua paciência e não seus crimes?

Muitas vezes pessoas inocentes são julgadas, mas que são inocentes com relação à causa do processo, pois, sob outras relações, elas estão longe de serem inocentes, já que, aos olhos de Deus, o pensamento é uma falta, assim como a ação perante os olhos humanos.

Sim, seu pensamento é um ato perante Deus e ele é, ao mesmo tempo, testemunha e juiz, assim como sua consciência é seu acusador.

Somente o Salvador então era verdadeiramente inocente quando foi julgado. Então, ele foi vitorioso e não Pôncio Pilatos, que o condenou e nem os judeus, implacáveis contra ele. Muito menos o diabo, que procura nossos pecados com todo o empenho que lhe inspira a inveja.

04 – O mundo, os pecadores e os amantes do mundo.

De fato, o que fala sobre o diabo, o Senhor Jesus? *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[1187].

Muitas vezes eu já comentei com suas caridades que o mundo representa os pecadores.

Por que os pecadores são chamados de mundo? Porque seu amor os prende a ele e quem não o ama não deve viver nele.

Nós somos cidadãos dos céus[1188], diz São Paulo. Se então, quem ama Deus mora no céu com ele, seguramente que, ao amar o mundo mora-se no mundo com o príncipe do mundo. Conclui-se então que todos os amigos do mundo

formam o mundo, pois eles moram nele não apenas com o corpo, como os justos, mas também com o espírito, o que é próprio dos pecadores que possuem o demônio como líder.

Não dizemos *a casa*, para falar dos que moram nela? Da mesma forma chamamos de *uma casa de mármore* uma má casa e uma *casa enfumaçada* como uma boa casa. Quando você acaba de encontrar uma casa enfumaçada, habitada por pessoas de bem, você diz: "Aí está uma boa casa!". Por outro lado, ao passar em frente de um palácio coberto e ornamentado com soberbos lambris, mas que é habitado por criminosos, você diz: "Aí está uma má casa". Deste modo, você chama de casa, não as paredes e nem os cômodos, mas os próprios moradores. É neste sentido que as Escrituras chamam de mundo aqueles que mantém no mundo não apenas seus corpos, mas também seus corações. Isto é o que explica estas palavras: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*.

Cristo é o único de quem o demônio não tem nada para reivindicar. Depois, como se lhe tivessem perguntado: "Mas então, por que você vai morrer?", o Salvador acrescenta: *O mundo, porém, deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou*[1189]. Ele se levanta então e vai sofrer. Por quê? *Procedo como o Pai me ordenou*.

Foi então em testemunho dessa inocência incomparável que o Salmista disse: "*Só contra vós pequei. O que é mau fiz diante de vós, para que sejais justificado em vossas palavras e venças com justiça*, pois não será descoberto em vós nenhum mal".

Por que, pelo contrário, o mal é encontrado em vocês, ó humanidade?

Aqui está: *Eis que nasci na culpa; minha mãe concebeu-me no pecado*[1190].

Foi Davi quem disse isto. Como Davi nasceu? Pesquise e você descobrirá que ele nasceu de uma esposa legítima e não foi fruto de um adultério, portanto. No entanto, é deste nascimento que ele fala: *Nasci na culpa; minha mãe concebeu-me no pecado*. Isto não foi para nos mostrar que há um germe de morte que todos tiram da união entre o homem e a mulher?

05 – A vida irrepreensível, segundo a Lei.

Todo ser humano então traz em si a concupiscência e quando ele ouve a Lei dizer: *Não cobiçarás*[1191], ele não pode dissimular que há nele o que a Lei proíbe e que, consequentemente, ele a viola. Mas, ao reconhecer nele essa concupiscência da qual ele é escravo, ele clama: *Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[1192].

E, após se reconhecer doente assim, ele implora ao seu Médico: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[1193] E o Médico lhe responde: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[1194] *A graça de Deus*, não seus méritos.

Por que, então, o Apóstolo afirmara que vivia sob a Lei e com justiça, sem merecer reprovação?

Observem que era sem merecer reprovação por parte das pessoas. Há, de fato, um grau de justiça que a pessoa pode atingir sem merecer reprovação por parte das outras pessoas. Assim, se a Lei diz: *Não cobiçarás os bens alheios* e você se abstém de se apropriar dos bens alheios, as pessoas não terão motivo para censurá-lo. Mas, como você pode cobiçar sem se apropriar, você continua, ao cobiçar, merecendo a condenação de Deus. Você se torna culpado perante a Lei, mas somente aos olhos do Legislador.

Admitamos, no entanto, que você realmente não mereça nenhuma reprovação. Por que então, neste caso, comparar sua justiça a uma perda, ao próprio esterco?

Esta objeção forma um nó bem apertado, mas que será desatado por Aquele que soube desatar tantos outros e, para merecer esta graça, se eu o interrogo com uma devota submissão, vocês pedem com devota intenção.

Tudo o que faziam os judeus para se tornarem irrepreensíveis aos olhos das outras pessoas e para viverem sob a Lei sem reprovação, eles atribuíam a eles mesmos. Eles reivindicavam para eles o mérito de terem observado a justiça legal. Eles não conseguiam observá-la perfeitamente, mas eles faziam o que podiam e faziam mal ao se atribuírem o mérito por isto.

06 – Não há verdadeira justiça que não seja a de Deus.

Para observar completamente a Lei então seria preciso não cobiçar. A qual ser vivo isto é possível?

Busquemos luz no Salmo que acabamos de cantar. *Senhor, ouvi a minha oração. Pela vossa fidelidade, escutai a minha súplica. Atendei-me em nome da vossa justiça*[1195]. *Em nome da vossa justiça* e não da minha. Se o autor sagrado tivesse dito: *Atendei-me em nome da* minha *justiça*, ele estaria reivindicando o que ele mereceu.

É verdade que ele, às vezes, fala de sua própria justiça, mas aqui ele fala mais claramente. Quando ele fala de sua própria justiça, ele fala da justiça que recebeu.

Não é assim, quando falamos: *O pão nosso de cada dia nos daí hoje*[1196]? Como entender de outra forma as palavras *nosso* e *dai*?

Ele se expressa então mais claramente ao dizer: *Atendei-me em nome da vossa justiça*.

Ele acrescenta: *Não entreis em juízo com o vosso servo*.

O que significam estas palavras: *Não entreis em juízo com o vosso servo*?

Não venha me julgar; não peça contas de tudo o que me prescreveu, de tudo o que me ordenou. O Senhor me considerará culpado se entrar em julgamento comigo. Eu preciso mais é da sua misericórdia e não do seu julgamento rigoroso.

Mas, por quê? Por que dizer: *Não entreis em juízo com o vosso servo*?

Ele logo se explica: *Porque ninguém que viva é justo diante de vós*. Sou seu servo; por que me fazer comparecer

perante seu tribunal?

Recorrerei à clemência do meu Mestre. Por quê? *Porque ninguém que viva é justo diante de vós.*

O que se pode dizer? Nesta vida não há perante Deus nenhum justo verdadeiro.

Perante Deus, pois pode-se ser justo aos olhos humanos. Assim, foi perante as pessoas que o Apóstolo teria observado, sem merecer reprovação, a *justiça que vem da Lei*, enquanto que, aos olhos de Deus, *ninguém que viva é justo*.

07 – A nulidade da justiça desta vida, comparada com a justiça futura.

O que fazer então? Clamar: *Não entreis em juízo com o vosso servo!* E clamar também: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Ouvimos o primeiro clamor, feito pelo Salmista e o segundo, feito pelo Apóstolo. Uma vez atingido o grau de justiça em que vivem os anjos, quando não haverá mais cobiças, ah... que diferença haverá entre nós e nós mesmos!

Que se compare uma justiça com a outra: uma não passará de perda e esterco, comparada com a outra.

Considere ainda que, ao se acreditar capaz de cumprir simplesmente a justiça que consiste em observar o que se passa aos olhos humanos, para ser honesto e inocente, para-se no caminho e não se deseja mais, já que se acredita

ter chegado ao supremo grau e, ao se atribuir um grande mérito, fica-se soberbo.

Um pecador humilde, no entanto, vale mais que um justo soberbo. Assim, o Apóstolo deseja, não a *justiça que vem da Lei*, aquela com a qual se contentavam os judeus, *mas a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé*.

Depois, ele acrescenta: *com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos*. É para este momento que ele conta cumprir a justiça e possuí-la em sua plenitude.

Comparada com essa ressurreição gloriosa, a vida presente não passa de esterco. Escute o Apóstolo ensiná-la mais claramente ainda: *Com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos*. *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não*.

Vejam como ele compara a justiça com a justiça, a salvação com a salvação, a fé com a clara visão, o exílio com a pátria.

08 – A justiça atual é desprezada pelo desejo da justiça perfeita.

Pensem na maneira como ele quer conseguir o que ele acredita não ter ainda conseguido. *Só procuro isto*, ele diz. Isto o quê? Não é viver na fé e na esperança da salvação eterna, onde reinará em toda sua perfeição a justiça, comparada com a qual é preciso considerar como perda tudo o que passa e como esterco tudo o que se deve reprovar?

Prossigamos, então. *Prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*.

Dirigindo-se em seguida àqueles que ficaram tentados a se considerar como perfeitos, o Apóstolo diz: *Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto*.

Ele acabara de se dizer imperfeito e agora se diz perfeito. Por quê?

Não é porque a perfeição no ser humano consiste em saber que ele não atingiu ainda a perfeição?

Nós, perfeitos que somos, ponhamos nisto o nosso afeto e, se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer.

Em outros termos: "Se você acha que fez algum progresso na justiça, você descobrirá, ao ler as Escrituras e ao fazer uma ideia exata da verdadeira e perfeita justiça, que você ainda é culpado. O desejo pelo futuro fará com que condene o presente. Você viverá pela fé, pela esperança e pelo amor. Você compreenderá que ainda está longe do que acredita possuir o que você espera e ter conseguido o objetivo supremo dos seus desejos".

Se é possível ter um amor bem vivo no meio das sombras da peregrinação, que amor não se terá nos esplendores da pátria?

Não se pode então duvidar que, ao preconizar a justiça de Deus, sem estabelecer a dele, o Apóstolo não tenha dito como o Salmista: *Senhor, ouvi a minha oração; pela vossa*

fidelidade, escutai a minha súplica, atendei-me em nome de vossa justiça. Não entreis em juízo com o vosso servo, porque ninguém que viva é justo diante de vós.

09 – Com a visão de Deus vem a justiça perfeita e a felicidade.

Foi pensando nesta vida que foi dito a Moisés: *O ser humano não poderia me ver e continuar a viver*[1197].

Assim, não devemos viver esta vida com a esperança de ver agora a face divina. Invés disso, precisamos primeiro morrer para este mundo, a fim de viver eternamente para Deus.

Quando contemplarmos essa face adorável, cujos encantos superam infinitamente todas as concupiscências, não pecaremos mais, nem por ações e nem por desejos. Essa face é tão doce, meus irmãos, tão bela, que nada poderia agradar mais, depois de tê-la contemplado.

Desfrutaremos então de uma saciedade insaciável, de uma saciedade sem enjoo. Sempre saciados, jamais teremos fome.

Escutem estes dois pensamentos das Escrituras. *Aqueles que me comem terão ainda fome e aqueles que me bebem terão ainda sede*[1198], disse a Sabedoria.

Isto não quer dizer que se deva sofrer de fome ou de qualquer outra necessidade. Invés disso, escute o Senhor: *Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede*[1199].

Você questiona: “Quando virá essa felicidade?”

Seja quando for, *Espere no Senhor e seja forte! Fortifique o seu coração e espere no Senhor!*[1200]

Faltam ainda tantos séculos quantos já decorreram? Desde Adão até nossos dias, calcule quantos séculos se passaram e deixaram de existir.

Num certo sentido, não temos mais que alguns dias. É assim que devemos pensar dos anos que ainda devem se passar, se compararmos com as eras que já se foram.

Estimulemos então uns aos outros. Que sobretudo nos estimule Aquele que desceu no meio de nós e que se lançou na carreira clamando: "Sigam-me!"

Ele subiu primeiro ao céu para poder, do alto dessa região elevada, socorrer na terra seus membros que estão no sofrimento e do alto do seu trono ele clamou: *Saulo, Saulo, por que me persegues?*[1201]

Que ninguém então perca as esperanças. O que nos foi prometido acabará por ser concedido e então a justiça será perfeita para nós.

10 – Devemos nos voltar para o céu com pleno desejo.

O Evangelho mostrou a vocês também um ensinamento semelhante.

É a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia[1202].

Ele ressuscitou no primeiro dia e ele nos ressuscitará *no último dia*. O primeiro dia foi para a Cabeça da Igreja, pois

Jesus Nosso Senhor é para nós um dia que não conhece noite.

O último dia é o fim dos tempos. Não pergunte: “Quando virá esse dia?” Por mais distante que esteja este dia para o gênero humano, para cada um de nós está próximo o último dia, que é a morte.

Logo, de fato, que você partir daqui, você receberá o que tiver merecido e esperará a ressurreição para recolher o fruto das suas obras. Deus então coroará menos os seus méritos do que seus dons. Ele reconhecerá, se você guardou, tudo o que ele deu a você.

Portanto, meus irmãos, tenhamos somente desejos pelo céu e pela vida eterna. Não enalteçam vocês mesmos, como se já vivessem na justiça, comparando-se com os pecadores, como fez aquele fariseu que elogia dele mesmo[1203] e que não tinha ouvido o Apóstolo dizer: *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição*.

São Paulo, por consequência, não tinha ainda alcançado seus objetivos. Ele havia recebido um penhor, como ele disse: *Aquele que nos formou para este destino é Deus mesmo, que nos deu por penhor o seu Espírito*[1204]. Mas ele aspirava possuir o que lhe havia prometido esse penhor.

Esse penhor já era, sem dúvida, uma participação na felicidade, mas que diferença, no entanto!

Desfrutaremos então de forma bem diferente do que agora. Desfrutamos hoje, graças a esse Espírito divino, pela fé e pela esperança, mas desfrutaremos então a própria

visão e a realidade e será sempre o mesmo Espírito, o mesmo Deus, a mesma plenitude.

Agora ele nos chama de longe, como que a ausentes. Ele se mostrará então bem perto de nós. Ele nos chama hoje no exílio e nos alimentará e nos saciará então na pátria.

11 – Cristo é o nosso caminho.

Se Cristo se fez nosso caminho, como perder as esperanças de chegar? Este é um caminho que não tem fim, que não pode ser cortado, que não pode ser destruído pelas chuvas e pelas inundações, que os salteadores não podem, enfim, tomar conta.

Caminhem com confiança nesse caminho sagrado. Caminhem sem tropeçar, sem cair, sem olhar para trás, sem parar, sem se desviar. Evitem todos os obstáculos e vocês chegarão do final.

Mas, uma vez chegado ao fim, louve-se por esta felicidade e não por você mesmo. Louvar a si mesmo é não louvar a Deus, é se afastar dele.

Mas, infelizmente, afastar-se do fogo é deixar seu calor e se esfriar. Afastar-se da luz é deixar seu brilho e mergulhar nas trevas.

Não nos afastemos do calor do Espírito Santo e nem da luz da Verdade.

Neste momento, nós só ouvimos sua voz, mas o veremos então face a face.

Que ninguém então fique contente consigo mesmo e que ninguém ultraje ninguém.

Procuremos todos avançar, mas sem causar inveja àqueles que não avançam e sem desprezar aqueles que recuam e nós desfrutaremos com felicidade do comprimento desta promessa evangélica: *É a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia*.

Sermão 171 - Alegrar-se pelo Senhor.

Alegrai-vos sempre pelo Senhor. Repito: alegrai-vos! Seja conhecida de todos a vossa bondade. O Senhor está próximo.
Não vos inquieteis com nada! Em todas as circunstâncias apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas e a ação de graças[1205].

Análise

Três motivos principais devem nos levar a colocar nossa alegria no Senhor, invés de colocá-la no mundo.

Se vivemos no meio do mundo, vivemos melhor ainda junto a Deus. Se o mundo é nosso próximo, Jesus o é ainda mais, pois ele assumiu nossos males, para nos comunicar seus bens. Nada é mais perigoso do que as bajulações do mundo, enquanto que em Deus tudo nos é saudável, especialmente os castigos que ele nos inflige.

01 – Que a nossa alegria seja pelo Senhor e não pelo mundo.

O Apóstolo nos aconselha que nos alegremos, mas que nos alegremos pelo Senhor e não pelo mundo. Ele diz: *Todo aquele que quer ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*[1206].

E, da mesma forma como não se *pode servir a dois senhores*[1207], também não se pode esperar a alegria do mundo e do Senhor ao mesmo tempo. Estas duas alegrias são muito diferentes e são mesmo absolutamente contrárias. Quando se espera a alegria do mundo, ela não é esperada do Senhor, assim como ela não é esperada do mundo, quando ela é esperada de Deus.

Que a alegria santa vença então a alegria profana até o ponto de destruí-la. Que a primeira cresça sempre e que sempre decresça a segunda, até a eliminação total.

Não é que não devamos desfrutar de nenhuma alegria enquanto estamos neste mundo; é que devemos desde já nos alegrar pelo Senhor.

Mas, me dirão: “Eu estou no mundo. Se eu me alegrar, não devo me alegrar onde estou?”

Mas então, conclui-se que você não está com o Senhor? Escute o Apóstolo se dirigindo aos atenienses. Leia nos Atos o que ele fala de Deus, Nosso Senhor e Criador: *É dele que temos a vida, o movimento e o ser*[1208].

Onde ele não está, de fato, já que está em toda parte? Não é então à alegria que nos convidam estas palavras: *O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada*?

É uma coisa admirável, sem dúvida, que, elevado acima de todos os céus, ele esteja tão próximo de nós que vivemos

na terra!

Aliás, como ele está tão longe e tão próximo de nós? Não é porque sua misericórdia o aproximou?

02 – Cristo é o samaritano que socorre o ferido.

É preciso ver, de fato, o gênero humano inteiro naquele homem que os bandidos deixaram estendido e semimorto na estrada, perto do qual passaram, sem parar, o sacerdote e o levita e do qual o samaritano se aproximou para socorrer e cuidar.

O que levou o Salvador a contar esta história? Alguém lhe havia perguntado quais eram os principais e mais importantes preceitos da Lei e ele respondera que havia dois deles: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento e a teu próximo como a ti mesmo*.

E quem é o meu próximo?, retomou o interlocutor.

O Senhor contou então que havia um homem que descia de Jerusalém para Jericó. Era, portanto, um israelita. Ele caiu no meio de bandidos e estes o roubaram, feriram gravemente e deixaram semimorto na estrada.

Chegou um sacerdote, um homem ligado por sangue, passou e o deixou. Veio um levita, um homem igualmente unido pelos laços do sangue e também passou. Ele o deixou caído também sem se preocupar com ele. Chegou, enfim, um samaritano que se aproximou do homem caído, não por causa do sangue, mas por compaixão e o salvou[1209].

O Senhor quis se representar na pessoa desse samaritano. Samaritano, de fato, significa *guardião* e se Jesus Cristo, *tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele*[1210], não está escrito também que *não há de dormir, nem adormecer o guardião de Israel*[1211]?

O que ele respondeu, enfim, quando, ao carregá-lo de ultrajes e terríveis blasfêmias, os judeus lhe disseram: *Não dizemos com razão que és samaritano e que estás possesso por um demônio?*

Havia nestas palavras duas injúrias: *Não dizemos com razão que és samaritano e que estás possesso por um demônio?* E Jesus poderia ter respondido: "Não sou samaritano e não estou possuído por um demônio". Mas ele se contentou em dizer: *Eu não estou possesso de demônio*[1212].

O que ele disse foi uma refutação e o que ele deixou de dizer foi uma confirmação. Ele negou que estivesse possuído, pois sabia que os expulsava, mas ele não negou que fosse o guardião de nossa fraqueza.

Assim, *o Senhor está próximo*[1213], porque ele se fez próximo por nós.

03 – Deus, com a encarnação, se fez próximo do ser humano.

O que há, no entanto, o que há de mais distante, de mais afastado do que Deus dos seres humanos; o imortal, dos mortais; o justo, dos injustos?

Não é o espaço, é a diferença que provoca esse afastamento. Não dizemos comumente, ao falarmos de duas pessoas cujos costumes são bem diferentes: “Eles estão muito longes um do outro”?

Mesmo que fossem próximos um do outro, suas casas fossem vizinhas, eles estivessem presos a uma mesma corrente, nós repetiríamos que há uma distância entre o ímpio e o devoto, entre o inocente e o culpado, entre o justo e o injusto.

Então, se falamos assim quando se trata de duas pessoas, o que dizer quando falamos dos seres humanos e Deus?

Mas, por mais distante que estivesse o Imortal dos mortais, o Justo dos injustos, ele desceu no meio de nós, para ficar tão próximo quanto distante ele estava.

O que ele fez em seguida?

Ele tinha com ele dois bens imensos e nós dois males. Ele tinha a justiça e a imortalidade e nós tínhamos a injustiça e a mortalidade.

Se ele tivesse com ele nossos dois males, ele teria se tornado igual a nós e, como nós, teria precisado de um Libertador.

O que ele fez então para se aproximar de nós? Para se aproximar de nós, mas não para se tornar o que somos.

Pense bem: ele é justo e imortal e você, culpado e castigado, você é injusto e mortal. Para se aproximar então de você, ele assumiu a sua condenação e não seus crimes.

E, ao assumir sua condenação, ele o fez para destruí-la e não para se entregar aos seus crimes,

Justo e imortal, ele é mesmo bem distante dos injustos e mortais. Como pecador e mortal, você estava realmente a uma grande distância desse justo e imortal. Mas, ele não se fez pecador como você, mas mortal como você.

Mesmo permanecendo justo, ele se tornou mortal. Ao assumir o castigo sem assumir a culpa, ele eliminou a culpa e o castigo.

É desta forma que *o Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada!*

Seu corpo subiu até o mais alto de todos os céus, mas sua majestade não nos deixou. Autor de tudo, ele está presente em toda parte.

04 – A alegria no mundo.

Alegrai-vos sempre pelo Senhor. Donde vem a alegria do mundo? Ela vem da iniquidade, da vergonha, da desonra, da infâmia. É isto o que faz a alegria do mundo.

Tudo isto é produto da vontade humana. Mas, além do que as pessoas fazem voluntariamente, há coisas que elas sofrem e suportam independentemente de suas vontades.

O que é então este mundo e qual é sua alegria?

Em poucas palavras, meus irmãos, na medida em que entendo e que Deus me conceda sua graça, em poucas palavras então e apressadamente eu digo: a alegria do mundo consiste na impunidade do crime.

Entregando-se às desordens, à fornicação e aos espetáculos fúteis; mergulhado na embriaguez, manchado pelas infâmias e sem sofrer nada; aí está o mundo na alegria.

Que não venha, para castigar todas essas desordens, a fome, o som da guerra, o terror, a doença, adversidades quaisquer; que tudo nade na abundância; que se desfrute da paz dos sentidos e a tranquilidade artificial de uma consciência em desordem; aí está também a alegria do mundo.

No entanto, como os pensamentos de Deus se parecem tão pouco com os pensamentos humanos! Como seus propósitos diferem dos nosso propósitos!

Sua misericórdia está em não deixar o crime impune, para não ser forçado a condenar mais tarde ao inferno. É por bondade que agora ele castiga a golpes de chicote.

05 – A impunidade é a maior vingança de Deus.

Você quer saber que terrível castigo é ficar sem castigo?

Eu falo aqui do pecador cujas penas temporais devem preservar das penas eternas.

Eu repito: você quer saber que terrível castigo é ficar sem castigo?

Interrogue o Salmo. Está escrito nele: “O pecador irritou o Senhor”[1214]. Isto é um grito de indignação que

escapa dele. O Profeta pensou, examinou e gritou: “O pecador irritou o Senhor”.

Mas, o que ele viu, eu pergunto? Ele viu o pecador se entregar impunemente às desordens, fazer o mal e transbordar de bens. Foi então que ele clamou: “O pecador irritou o Senhor”.

Por que falar assim? O que o inspirou isso?

É que “segundo a imensidão de sua ira o Senhor não questionará”[1215].

Compreendam, meus caríssimos irmãos, no que consiste a misericórdia de Deus. Quando Deus castiga o mundo, ele não quer condenar o mundo. “Segundo a imensidão de sua ira o Senhor não questionará” seus crimes, porque ele está muito irritado. Sua ira é imensa. Sua severidade consiste em poupar e sua severidade é justa.

Severidade (*severitas*), aliás, vem de verdade (*veritas*).

Se, então, a severidade de Deus consiste em poupar, não é desejável que ele seja misericordioso conosco nos castigando? No entanto, o que sofremos, em comparação com o que fazemos?

Deus não nos trata como merecem nossas ofensas[1216]. É que somos seus filhos.

Quer saber a prova disso? Para não continuar sendo único, o Filho Único morreu por nós. Ele morreu só para não permanecer único. Desta forma, o Filho único de Deus gerou muitos filhos para Deus, pois ele quis derramar seu sangue para conseguir irmãos, ser rejeitado para fazer com que eles fossem acolhidos, ser vendido para poder resgatá-

los, ser coberto de injúrias para cobri-los com honrarias, morrer para lhes dar a vida.

Você duvida que repartirá seus bens quem condescendeu assumir seus males?

Portanto, irmãos, *Alegrai-vos sempre pelo Senhor. Repito: alegrai-vos!* Não pelo mundo, mas pela verdade. Não pela iniquidade e pelas flores da frivolidade, mas pela esperança da eternidade.

Alegrem-se assim, pois, em qualquer lugar e em qualquer tempo que vocês estejam, lembrem-se de que *O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada!*

Sermão 172 - Nossos deveres para com os mortos.

Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como as outras pessoas que não têm esperança[1217].

Análise

É preciso chorá-los, pois nossa natureza assim o quer. Mas chorá-los com confiança, pois a religião exige. É preciso sobretudo consolar, com santos sacrifícios, as preces e as boas obras, aqueles dentre os mortos que mereceram, durante sua vida, poder se aproveitar destes socorros e, se é louvável fazer para eles belos funerais e erguer monumentos para perpetuar sua lembrança, melhor ainda é socorrê-los por todos os meios.

01 – Quando a aflição pelos mortos é proibida.

Ao nos falar daqueles que dormem, ou seja, dos nossos bem-amados defuntos, o bem-aventurado Apóstolo nos recomenda não nos afligirmos como aqueles que são sem esperança, ou seja, que não contam com a ressurreição e nem com a incorruptibilidade sem fim.

Assim, quando comumente a infalível verdade da Escritura compara a morte ao sono é para que, com a ideia do sono, não percamos a esperança pelo despertar.

É por isto também que cantamos em um Salmo: *Será que aquele que dorme não mais se levantará?*[1218]

A morte então, quando se ama, causa uma tristeza totalmente natural, pois é da natureza humana e não da imaginação, ter horror à morte e o ser humano não morreria, se não fosse o castigo merecido pelo seu crime.

Se, aliás, os animais, que são criados para morrer, cada um em seu tempo, fogem da morte e procuram a vida, como o ser humano não fugiria dela, já que foi formado para viver eternamente, se não tivesse pecado?

Daí vem que nós nos entristecemos inevitavelmente quando a morte nos separa daqueles que amamos. Sabemos, sem dúvida, que eles não nos deixam aqui para sempre e que eles só nos antecederam um pouco. No entanto, quando recai sobre aqueles que amamos, a morte, que horroriza naturalmente, entristece em nós o próprio amor.

Assim, o Apóstolo não diz para não ficarmos tristes, mas que não fiquemos desolados, *como as outras pessoas que*

não têm esperança. Ficamos na dor quando a inevitável morte nos separa dos nossos, mas temos a esperança de nos unirmos a eles.

É isto o que produz em nós, de um lado, a dor e, do outro, o consolo; o abatimento que vem da fraqueza e o vigor que dá a fé; a dor que sente nossa natureza e a cura que asseguram as divinas promessas.

02 – A prece, o sacrifício da salvação e a boa obra em intenção ao falecido.

Por consequência, as pompas fúnebres, as procissões imensas, as despesas feitas para a sepultura, a construção de monumentos esplêndidos, são, para os vivos, um consolo, propriamente. Mas, eles não servem para nada aos mortos.

Mas as preces da santa Igreja, o sacrifício para nossa salvação e as boas ações feitas em intenção às almas dos mortos, obtém, para eles, sem nenhuma dúvida, que o Senhor os trate com mais clemência do que mereceram seus pecados.

De fato, a tradição de nossos pais e a prática universal da Igreja querem que, fazendo no momento prescrito e durante o próprio sacrifício, a recordação dos fiéis que estão mortos na comunhão com o corpo e o sangue de Jesus Cristo, reza-se por eles e proclama-se que para eles se sacrifica.

Então, se para recomendá-los a Deus faz-se obras de caridade, quem poderia duvidar de que eles se beneficiam disto, quando é impossível que se reze em vão por eles? É

incontestável que tudo isso serve para os mortos, mas para os mortos que mereceram antes de sua passagem poder tirar vantagem depois dela.

Há mortos que deixaram seus corpos sem terem *a fé que opera pelo amor*[1219] e sem estarem munidos dos sacramentos da Igreja. É em vão que seus amigos lhes prestam os deveres de piedade, já que eles não possuíam, durante suas vidas, o próprio penhor da piedade, ou porque não o receberam ou porque, mesmo o recebendo, acumularam tesouros de ira e não de misericórdia.

Não creiam, portanto, que os mortos adquirem novos méritos quando se faz o bem em intenção a eles. Esse bem é, de certa forma, a consequência de seus méritos anteriores. Só se beneficiam aqueles que mereceram em vida encontrar um alívio depois da morte. Só se poderá receber depois da morte o que se foi digno de receber antes dela.

03 – O luto e os deveres para com os mortos.

Deixemos então os corações devotos chorarem a morte de seus próximos e derramarem sobre eles as lágrimas provocadas pela visão do que eles sofreram. Apenas que sua dor não seja inconsolável e que, às doces lágrimas, suceda logo a alegria que dá a religião, ao nos mostrar que, se os fiéis se afastam de nós nos poucos momentos da morte, é para passarem para um estado melhor.

Quero também que levemos a eles consolações fraternais, seja participando dos seus funerais, seja nos

dirigindo diretamente às suas dores e que eles não tenham motivo para se queixarem e dizerem: *Esperei em vão quem tivesse compaixão de mim, quem me consolasse e não encontrei*[1220].

Todos podem, de acordo com seus recursos, fazer funerais e construir túmulos. As Escrituras consideram isto como boas obras. Ela louva e exalta não apenas aqueles que cumpriram seus deveres para com os Patriarcas, para com os santos e para as outras pessoas indistintamente, mas também àqueles que honraram desta maneira o corpo sagrado do Senhor.

Isto é, para os vivos, um último dever para com os mortos e um alívio para sua própria dor. Quanto ao que diretamente beneficia as almas dos mortos __ ou seja, as oferendas sagradas, as preces e as distribuições de esmolas __ que eles se dediquem com muito mais cuidado, perseverança e generosidade, se eles têm para com seus próximos, cujos corpos estão mortos mas não as almas, um amor verdadeiramente espiritual e não apenas um amor carnal.

Sermão 173 - As consolações da morte.

Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como as outras pessoas que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus levará com Jesus os que nele morreram.

Eis o que vos declaramos, conforme a palavra do Senhor: por ocasião da vinda do Senhor, nós que ficamos ainda vivos não precederemos os mortos. Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens ao encontro do Senhor nos ares e assim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras[1221].

Análise

O horror que nos inspira a morte parece vir, primeiramente do perigo que corre a alma ao deixar este mundo para ir para o outro e, depois, pelo fato de que ela é forçada a separar do corpo, pelo qual ela sente uma insuperável simpatia.

Quais são então as consolações fornecidas pela prática fiel da religião? Quando, de fato, o cristão morre no estado em que ele deve estar, primeiro ele passa para um mundo incomparavelmente melhor e, depois, ele só deixa momentaneamente seu corpo para retomá-lo quando esse corpo estiver gloriosamente transformado.

01 – O que deve ser refletido nos funerais.

Quando celebramos os dias consagrados a nossos irmãos mortos, devemos nos lembrar do que se deve esperar e do que se deve temer.

É preciso esperar, pois, *É preciosa, aos olhos do Senhor, a morte de seus santos*[1222]. Devemos temer também, pois, *A morte do pecador é péssima*[1223].

Para estimular a esperança está escrito: *Eterna será a memória do justo*[1224]. E, para encher de terror: Ele *não temerá ouvir coisas ruins*[1225].

As palavras mais terríveis que poderão ser ouvidas serão estas, dirigidas aos que forem colocados à esquerda do Senhor: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*[1226].

Mas o justo não temerá estas palavras, pois ele será colocado à direita do Senhor e a estes será dito: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*.

Esta vida acontece entre os bens extremos e os extremos males. Ela é uma mistura de bens e de males medianos; de bens e de males que, sob nenhuma relação, são levados ao grau supremo.

Assim, sejam quais forem os bens desfrutados pelos seres humanos, eles não são nada, se comparados com os bens eternos. E, sejam quais forem os males suportados, esses males não podem ser comparados às chamas eternas. Esta vida então acontece, de certa forma, em um meio termo.

Nesta vida mediana devemos reter então este pensamento que o Evangelho acaba de nos fazer ouvir: *Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá*[1227].

Aqui temos, ao mesmo tempo, a vida e a morte.

Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

O que significa: *ainda que esteja morto, viverá*?

Mesmo que o corpo esteja morto o espírito está vivo.

O Salvador acrescenta: *Todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá*[1228].

Como conciliar estas palavras: *ainda que esteja morto* e *jamais morrerá*?

Desta maneira: *Ainda que esteja morto* no tempo, *jamais morrerá* na eternidade.

Assim se resolve esta questão, para não colocar em contradição as palavras da própria Verdade e para edificar a devoção.

Por consequência, por mais condenados à morte que estejamos, se acreditamos, viveremos.

02 – A fé na ressurreição é o conforto na morte dos entes queridos.

É sobretudo com relação à ressurreição dos mortos que nossa fé difere da fé dos gentios. Eles absolutamente não acreditam nela, já que não há lugar neles para esta fé.

Está escrito que o Senhor prepara a vontade humana para construir um lugar para a fé[1229].

A minha palavra não penetra em vós[1230], disse o Senhor aos judeus. Ela só penetra naqueles onde ela encontra por onde penetrar.

Essa palavra cativante só penetra naqueles que Deus não deixa alheios às suas promessas. Quando, de fato, ele procura uma ovelha desgarrada, ele já conhece a ovelha

que ele procura. Além disso, ele sabe onde procurá-la, como tratar seus membros deslocados para devolver-lhes a saúde e como, enfim, restabelecê-la de maneira que ela não se perca mais.

Desta forma, consolemo-nos uns aos outros, sobretudo meditando sobre estas verdades.

O coração humano pode, sem dúvida, não se afligir quando morre o que ele tem de mais caro. Mais vale, no entanto, apaziguar esta dor do que se ver isento dela por desumanidade.

Que estreita união havia entre Maria e o Senhor! Nem por isso ela deixou de chorar a morte do seu irmão.

Por que, aliás, se espantar em ver Maria chorando, quando o próprio Senhor chorou[1231]?

Pode-se, sem dúvida, achar estranho que ele tivesse chorado essa morte, já que ele iria restituir-lhe a vida, mas ele não chorou tanto o morto, ressuscitado por ele, mas sim a morte, atraída pelo pecado humano.

Se o pecado não tivesse aberto o caminho, a morte não teria entrado no mundo e a morte do corpo só viria com morte da alma. A alma morre ao abandonar Deus e o corpo morre em seguida porque foi abandonado pela alma.

É voluntariamente que a alma abandona Deus e é forçosamente que ela abandona o corpo. É como se dissessem a ela: “Você se afastou Daquele que você devia amar. Afaste-se agora do que você ama”.

Quem então quer morrer? Ninguém, seguramente. Esta é uma verdade tão segura que foi dito ao bem-aventurado

Pedro: *Outro te cingirá e te levará para onde não queres*[1232].

Se, aliás, a morte não apresentasse nenhuma amargura, os mártires não demonstrariam uma coragem tão grande.

03 – O conforto no luto pelos mortos.

O Apóstolo disse então: *Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos que dormem, para que não vos entristeçais, como as outras pessoas que não têm esperança*.

Ele não disse simplesmente: *para que não vos entristeçais*. Ele acrescentou: *como as outras pessoas que não têm esperança*. É natural que vocês se entristeçam, mas, quando se entristecerem, que a esperança console vocês.

Como não se entristecer ao ver sem vida o corpo cujo alma era a vida? Ele caminhava e agora está imóvel; ele falava e agora está mudo; em seus olhos fechados não penetra mais a luz; seus ouvidos não se abrem mais para nenhum som; nenhum dos seus órgãos executa mais suas funções; mais nada faz seus pés caminharem, suas mãos trabalharem, seus sentidos perceberem.

Não é uma casa que era ornamentada por um morador invisível? Esse morador invisível deixou a casa e só ficou o que entristece o olhar. É isto que provoca a tristeza.

Mas, a essa tristeza há uma consolação. Qual seria ela? Esta: *Por ocasião da vinda do Senhor, nós que ficamos ainda vivos não precederemos os mortos. Quando for dado*

o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens, ao encontro do Senhor nos ares.

"Será assim provisoriamente?"

Não.

"Por quanto tempo?"

E assim estaremos para sempre com o Senhor.

Fora tristeza! Diante de uma consolação tão sublime, que o luto saia do coração e que a fé afaste a dor!

Convém que, com uma esperança tão grande, o templo de Deus permaneça na tristeza? Ele não é habitado por um consolador excelente, pelo Autor de infalíveis promessas?

Por que chorar tanto por um morto? É porque a passagem é amarga? Mas o Senhor mesmo não a sofreu?

É o suficiente para suas caridades. Vocês encontrarão consolações mais abundantes Naquele que não abandona seus corações. Que ele, ao condescender habitá-lo, condesceda também transformá-lo!

Sermão 174 - A graça e o batismo das crianças.

Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro[1233].
Jesus entrou em Jericó e ia atravessando a cidade. Havia aí um homem muito rico chamado Zaqueu, chefe dos recebedores de impostos. Ele procurava ver

quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão e porque era de baixa estatura. Ele correu adiante, subiu a um sicômoro para o ver, quando ele passasse por ali. Chegando Jesus àquele lugar e levantando os olhos, viu-o e disse-lhe: "Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa". Ele desceu com toda a pressa e recebeu-o alegremente.
Vendo isto, todos murmuravam e diziam: "Ele vai hospedar-se na casa de um pecador..."
Zaqueu, entretanto, de pé diante do Senhor, disse-lhe: "Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo". Disse-lhe Jesus: "Hoje entrou a salvação nesta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido"[1234].

Análise

Foi para nos salvar, com sua graça, que o Filho de Deus se fez humano. Sem essa graça não podemos praticar nenhum bem meritório.

A humanidade do Salvador mereceu estar unida, em sua pessoa, à sua divindade? Zaqueu, como Natanael, não foi visto por Jesus Cristo antes que ele pudesse contemplá-lo?

A graça preveniente não é menos indispensável às crianças; caso contrário, Jesus não seria para elas Jesus. Elas estão manchadas pelo pecado original que é apagado nelas pelo batismo, desde que ele lhes seja conferido com fé.

01 – A vinda de Jesus ao mundo deve ser entendida com relação à carne.

Acabamos de ouvir o bem-aventurado apóstolo Paulo nos dizer: *Eis uma verdade* humana *e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro*.

Uma verdade humana *e merecedora de fé*. Por que esta é uma verdade humana e não divina? Essa verdade, sem nenhuma dúvida, não seria *merecedora de fé*, se ela não fosse divina e ao mesmo tempo humana.

Ela é então ao mesmo tempo divina e humana, como Cristo é ao mesmo tempo Deus e humano. Se, no entanto, temos razão em dizer que essa verdade é humana e divina ao mesmo tempo, por que o Apóstolo achou melhor considerá-la humana e não divina? Ele não mentiria ao considerá-la divina, então ele teve algum motivo para considerá-la mais humana.

Pois bem! Ele escolheu preferencialmente a relação dessa verdade com o Cristo que desceu no meio de nós. Foi na qualidade de humano que ele veio a este mundo, pois, Deus, ele não é sempre? Onde Deus não está, afinal, já que ele *enche com sua presença o céu e a terra*[1235]?

Cristo é, indubitavelmente, a Virtude e a Sabedoria de Deus e é dito sobre ela que *Ela estende seu vigor de uma extremidade do mundo à outra e dispõe todas as coisas com suavidade*[1236]. Assim, ele *Esteve no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu*[1237].

Ele estava aqui e ele veio. Ele estava aqui com a majestade divina e ele veio com a fraqueza humana.

Foi porque ele veio com a fraqueza humana que, ao falar do seu advento, o Apóstolo disse: “Esta é uma verdade humana”.

Não, o gênero humano não seria libertado se a Verdade divina não tivesse condescendido se fazer humana.

Não chamamos de humana uma pessoa que sabe se mostrar humana, sobretudo ao se mostrar hospitaleira? Se chamamos então de humana uma pessoa que recebe alguém em sua casa, o quanto não é humano Aquele que recebeu a humanidade em si mesmo?

02 – A fraqueza do livre arbítrio e a graça.

Assim, *uma verdade* humana *e merecedora de fé* é que *Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores*.

Consulte o Evangelho e verá que nele está escrito: *o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido*[1238]. Se então o ser humano não estivesse perdido, o Filho do Homem não teria vindo. Mas, estando o ser humano perdido, o Filho do Homem veio e o encontrou. O ser humano se perdeu com sua liberdade e Deus então se fez humano e veio libertá-lo com sua graça.

Você quer saber o que pode a liberdade para o mal? Lembre-se dos pecados humanos.

Você quer saber também qual o socorro que nos traz o Homem Deus? Pense na graça libertadora nele.

Para saber o que pode a vontade humana dedicada ao orgulho, para evitar o mal sem a ajuda divina, não há meio mais eficaz do que vê-la no primeiro ser humano. Esse primeiro ser humano se perdeu e o que ele teria se tornado sem o advento de outro ser humano? Foi por causa do primeiro que o segundo veio.

Assim, esta é a “Verdade humana” e em nenhum outro lugar se revelam as doçuras da graça e a generosidade da onipotência divina com tanto brilho do que na pessoa do Mediador estabelecido entre Deus e os seres humanos: *Jesus Cristo* feito *humano*[1239].

Onde queremos chegar, meus irmãos? Falo a almas criadas na fé católica ou conquistadas pela paz católica. Sabemos então e estamos seguros de que o Mediador estabelecido entre Deus e os seres humanos, que Jesus Cristo feito humano é, como humano, da mesma natureza que nós. Sua carne, de fato, não é de uma natureza diferente da nossa carne, nem sua alma de uma natureza diferente da nossa alma. Ele se uniu à própria natureza que ele acreditou ter que salvar. Ele assumiu essa natureza inteiramente, mas não o pecado, de sorte que essa natureza é toda pura nele.

Essa natureza humana não está só nele. Nele há também a divindade, o Verbo de Deus e, assim como se distingue em você a alma e o corpo, da mesma forma se vê em Cristo a divindade e a humanidade.

Quem ousaria dizer que a natureza humana desse divino Mediador começou por merecer, com seu livre

arbítrio, estar unida à divindade e formar assim, através da aliança entre a humanidade e a divindade, a única pessoa de Jesus Cristo?

Poderíamos afirmar que, com nossas virtudes, nosso comportamento e nossos costumes, merecemos nos tornar filhos de Deus e poderíamos clamar: uma Lei nos foi dada e seremos admitidos como filhos de Deus se a observarmos. Mas, em Jesus Cristo o Filho do Homem viveu separadamente primeiro, para merecer com sua sabedoria se tornar depois o Filho de Deus? Não é verdade, pelo contrário, que sua existência só se inicia no momento da encarnação? Pois está escrito: *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*[1240].

Sim, quando o Verbo de Deus, quando o Filho Unigênito de Deus assumiu uma alma e um corpo humanos, nem essa alma e nem esse corpo tinham merecido e nem agido, com sua energia natural, para serem elevados a um grau assim de glória.

O Filho de Deus agiu de maneira totalmente gratuita. Nenhuma parte da humanidade do Salvador precedeu sua encarnação. Sua humanidade foi formada na própria encarnação.

Uma Virgem concebeu o Filho do Homem mediador. Ele existia antes de ser concebido? Ele não foi portanto, anteriormente um homem justo. Como ele poderia ter sido justo se ele não existia?

Uma Virgem concebeu e Cristo foi formado pela união do Verbo com a natureza humana. Por isso, é dito com

razão: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade*[1241].

Você ama a independência e gostaria de dizer ao seu Pai: *Dá-me a parte da herança que me toca*[1242]? Por que se abandonar assim a você mesmo? Aquele que antes do seu nascimento deu a você a existência é muito mais capaz de cuidar de você.

Reconheça Cristo; ele é cheio de graça e quer derramar em você o que transborda nele. Ele diz a você: "Procure meus dons e esqueça seus méritos. Se eu prestasse atenção aos seus méritos, você não obteria meus favores. Não cresça! Fique pequeno; pequeno como Zaqueu".

03 – A alegoria de Zaqueu.

Você vai me dizer: "Se eu for pequeno como Zaqueu, a multidão me impedirá de ver Jesus"[1243].

Não se preocupe! Suba na árvore onde Jesus foi pregado por você e você o verá.

Em que espécie de árvore subiu Zaqueu? Foi em um sicômoro. Nossa região não produz ou produz muito raramente sicômoros, mas esta árvore e seus frutos são muito comuns nos países do Oriente.

O fruto do sicômoro se parece com o figo, sem, no entanto, se confundir com ele, como sabem aqueles que já o viram ou que o degustaram. A se acreditar na etimologia da palavra, o fruto do sicômoro é um *figo louco*.

Fixe os olhos agora sobre meu modelo Zaqueu. Pense, por favor, no ardor com que ele queria ver Jesus no meio da multidão e sem conseguir. Ele era pequeno e a multidão muito orgulhosa. Assim, aquela multidão, como acontece muito comumente, perturbava ela mesma e não conseguia ver o Salvador. Então, Zaqueu sai do meio dela e, não encontrando mais obstáculos, contempla Jesus.

Não é a multidão que diz, com ironia, aos humildes, àqueles que seguem o caminho da humildade, que deixam que Deus se encarregue dos ultrajes que eles recebem e que não querem se vingar de seus inimigos: "Pobre criatura! Não consegue nem mesmo se defender"?

Desta forma, ela impede ver Jesus. Tão feliz e tão orgulhosa por ter podido se vingar, essa multidão não permite ver Aquele que disse na cruz: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[1244].

Portanto, Zaqueu, o humilde típico, não ficou, para ver Jesus, no meio da multidão incômoda. Ele subiu em um sicômoro; a árvore que, como dissemos, produz frutos loucos.

Mas, o Apóstolo não disse: *Nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos*[1245]? Aí está o fruto do sicômoro.

Daí vem que os sábios deste mundo se utilizam da cruz para nos insultar. Eles nos perguntam: "Que coração vocês têm, para adorarem um Deus crucificado?"

Que coração nós temos? Não temos o coração de vocês, seguramente, *porque a sabedoria deste mundo é loucura*

diante de Deus[1246]. Não temos o coração de vocês.

“É o coração de vocês que é insensato”, digam vocês também.

“Digam o que vocês quiserem. Nós vamos subir no sicômoro para ver Jesus, pois, se vocês não podem vê-lo, é porque têm vergonha de subir nessa árvore”.

Que Zaqueu agarre o sicômoro! Que o humilde suba na cruz!

Não é suficiente subir na cruz. Para não se envergonhar da cruz, marque-a em sua testa, a sede do pudor. Sim, é nesta parte do corpo, onde se manifesta a vergonha, que se deve marcar com o sinal do qual ninguém deve se envergonhar.

Você ri do meu sicômoro, ó gentio! Mas, graças a ele eu vejo Jesus.

Você ri, no entanto, mas é porque você é humano. Ora, a loucura de Deus é preferível a toda a sabedoria humana.

04 – A necessidade da graça preveniente.

E o Senhor vê Zaqueu. Então, Zaqueu é visto e vê. Assim, se não tivesse sido visto, ele não teria visto. Aqueles, de fato, que são predestinados são chamados[1247].

Quando Natanael já dava uma espécie de testemunho ao Evangelho e dizia: *Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?*, o Senhor não lhe respondeu: *Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira*[1248]?

Vocês sabem com o que os primeiros pecadores, Adão e Eva, fizeram para eles cinturas. Foi com folhas de figueira

que, depois de seu pecado, eles cobriram suas partes pudendas[1249], pois foi o pecado que transformou essas partes em vergonhosas.

Então, foi com folhas de figueira que os primeiros pecadores fizeram para eles cinturas para cobrir as partes vergonhosas que são como a fonte envenenada que nos deu a morte, ao nos dar a vida. E essa morte chamou Aquele que veio procurar e salvar o que estava perdido.

O que significa então: *Eu te vi quando estavas debaixo da figueira*? Não é como se o Salvador tivesse dito: "Você não viria Àquele que apaga os pecados, se primeiro ele não o tivesse visto na própria sombra do pecado"?

Assim, para ver, nós fomos vistos e para amar, nós fomos amados. *Ó meu Deus, sua misericórdia me antecede*[1250].

05 – Acolher Jesus no coração.

Então, depois de ter feito Zaqueu entrar em seu coração, o Senhor condescendeu entrar ele mesmo em sua casa e lhe disse: *Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa*.

Este homem considerava uma grande felicidade ver Cristo. Era para ele um imenso e inefável favor vê-lo, mesmo de passagem. Mas, subitamente, ele merece lhe dar abrigo. Isto foi a graça derramada sobre ele; foi *a fé que opera pelo amor*[1251]. Cristo entra em sua casa, mas ele já morava em seu coração.

Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo, disse

então Zaqueu. Em outros termos: “Se conservo a metade, não é para guardar, mas para devolver”. É isto o que se chama acolher Jesus em seu coração.

Ah! Cristo estava lá! Ele estava em Zaqueu e foi ele que colocou em seus lábios estas palavras que este homem lhe dirigiu.

O Apóstolo não disse: *Que Cristo habite pela fé em vossos corações*[1252]?

06 – Muitos que se acreditam saudáveis se voltam contra o médico.

Mas, era Zaqueu, era um líder dos publicanos, era um grande pecador. E, como se ela não tivesse nada para ser censurado, aquela multidão que o impedia de ver Jesus se espantou e censurou o Salvador por estar com aquele pecador. Isto foi censurar o Médico por estar com o doente.

Assim, para responder àqueles pecadores que acreditavam estar rindo de um pecador; àqueles doentes que zombavam de um homem curado, o Senhor clamou: *Hoje entrou a salvação nesta casa*.

“Por que eu entrei nessa casa? É por isto: ela está salva”.

Aquela casa não estaria salva se o Salvador não tivesse entrado nela. Por que, doente, ainda se espantar com isto? Chame você também Jesus! Não se acredite saudável!

Há esperança para o doente que procura o Médico. Mas não há para aquele que se joga como um furioso contra Ele.

Mas, qual não é a fúria daquele que chega até a matá-lo?

Qual não é também a bondade e o poder do Médico que faz com seu sangue um remédio para o furioso que o derramou?

Não foi em vão que, do alto da cruz onde ele subiu ao vir procurar e salvar os que estavam perdido, ele clamou: "*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[1253]. Eles estão delirando, mas eu sou o Médico deles. Que eles batam, pois eu suporto os golpes. Eu os curarei, mesmo que eles me levem à morte".

Sejamos então um daqueles que ele cura.

Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, grandes e pequenos.

Para salvar os pecadores, pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

07 – Cristo é Jesus até para as criancinhas.

Dizer que na infância Jesus não encontra nada para salvar é negar que Cristo seja Jesus para todas as crianças fiéis. Sim, dizer que na infância não há nada para Jesus salvar é dizer absolutamente que Cristo Nosso Senhor não é Jesus para as crianças fiéis. Em outros termos, para as crianças que receberam seu batismo.

De fato, o que significa Jesus? Jesus significa Salvador. Então Cristo não é Jesus para aqueles que ele não salva, porque neles não há nada para salvar.

Agora, se os corações de vocês suportam ouvir que para alguns daqueles que receberam o batismo Cristo não é Jesus, eu não sei se a fé de vocês está saudável. São crianças, é verdade, mas elas se tornam seus membros. São crianças, mas elas recebem seus sacramentos. São crianças, mas elas compartilham sua mesa, para ter nelas a vida.

Por que me dizer: “Essa criança tem boa saúde; ela não tem nada de errado”? Se ela não tem nada de errado, por que você corre para levá-la ao Médico?

Você não tem medo que o Médico lhe diga: “Fora daqui com esta criança, já que você acredita que ela está com boa saúde. O Filho do Homem só veio procurar e salvar o que estava perdido. Por que me trazê-la, se ela não está perdida”?

08 – A causa da vinda de Cristo.

Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo. Por que ele veio a este mundo? *Para salvar os pecadores*.

Ele veio só por este motivo. Não foi por causa dos nossos méritos, mas por causa dos nosso pecados, que ele foi atraído do céu para a terra. Ele veio então realmente *para salvar os pecadores*.

Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, está escrito.

Por que *Jesus*? *Porque ele salvará o seu povo de seus pecados*[1254].

A quem porás o nome de Jesus. Por que *Jesus*? Qual é o motivo desta denominação? Aqui está: *Porque ele salvará o seu povo*. Do quê? *De seus pecados*.

Ora, desse povo que Jesus *salvará de seus pecados* não fazem parte as crianças?

Sim, sim meus irmãos! Elas fazem parte dele! Acreditem e convençam-se disto! É com esta fé que vocês devem apresentar seus filhos à graça de Cristo. Sem ela, de fato, vocês os levariam à morte, ao responderem por eles.

Por que, sem esta crença, se apressar em levar seu filho ao batismo? Não é ser sério dizer: "Ele tem boa saúde. Ele não tem vício e nem defeito. Mas, mesmo assim, eu o apresentarei ao Médico".

Por quê?

"Porque é o costume".

Você não teme que o médico lhe diga: "Saia daqui com esta criança. *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes*[1255]"?

09 – Todas as crianças devem ser consideradas como órfãs.

Gostaria de confiar a vocês a causa daqueles que não podem falar em sua própria defesa. Todos e mesmo aqueles que não perderam seus pais, devem ser considerados como órfãos. Esses jovens que esperam sua salvação do Senhor precisam do povo de Deus como tutor.

O gênero humano inteiro foi envenenado no primeiro homem pelo inimigo comum e ninguém passa do primeiro

Adão para o Segundo sem o sacramento do batismo. Adão vive ainda nas criancinhas que não receberam o batismo. Depois que o batismo lhes foi conferido, é Cristo que passa a viver nelas.

Não ver Adão nas criancinhas, logo que elas acabam de nascer, é se colocar na impossibilidade de ver nelas Cristo, depois do renascimento delas.

No entanto, questionam: por que uma pessoa já batizada e fiel, a quem os pecados já foram perdoados, geraria filhos manchados pelo pecado do primeiro ser humano?

Porque essa geração é feita pela carne e não pelo espírito e *o que nasceu da carne é carne*[1256].

Sem dúvida, *ainda que exteriormente se desconjunte nosso ser exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*[1257]. Mas a geração das crianças não é obra do que se renova; ela é obra do que se corrompe.

Foi para não morrer eternamente que você teve a felicidade de renascer depois de nascer. As crianças nasceram, mas ainda não tiveram a felicidade de renascer. Foi ao renascer que você chegou à vida. Deixe então a criança renascer, para que ela também viva. Sim, deixe-a, deixe-a renascer!

Por que se opor a isto? Por que tentar com novas discussões quebrar a antiga regra de fé? Por que dizer que as criancinhas não possuem o mesmo pecado original?

Por que dizer isto, se não é para mantê-las afastadas de Jesus?

Jesus, no entanto, clama para você: *Deixai vir a mim os pequeninos*[1258].

Sermão 175 - A esperança dos pecadores.

Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro. Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna[1259].

Análise

Jesus Cristo só veio a este mundo para salvar os pecadores. O que prova o quanto os pecadores devem ter confiança nele é a graça da conversão que ele condescendeu propiciar aos judeus em geral e a São Paulo em particular. Aos judeus, que cometeram os maiores crimes, ao levá-lo à morte em sua fúria, sendo que muitos deles se converteram e se tornaram santos alguns dias após e a São Paulo, o primeiro e o maior dos pecadores, por ter se mostrado o mais obstinado dos perseguidores e que disse que Deus o havia convertido para que ninguém perdesse as esperanças pela conversão.

01 – O motivo da encarnação de Cristo.

O que acaba de ser lido no santo Evangelho é expresso por estas palavras de São Paulo: *Uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio*

a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro.

Cristo não tinha outro motivo além de salvar os pecadores. Se não houver doenças e chagas, para que serve o médico? Se um médico desceu do céu foi porque havia na terra um grande doente acamado. Esse doente era o gênero humano inteiro.

Nem todos possuem a fé[1260], no entanto, mas, *o Senhor conhece os que são seus*[1261].

Os judeus eram então orgulhosos, se enalteciam, tinham eles mesmos em grandes conceitos e se acreditavam justos. Chegaram mesmo a considerar como crime o chamado que o Senhor fazia aos pecadores[1262].

Esse povo então, soberbo e altaneiro, foi deixado nas montanhas, onde fazem parte das noventa e nove ovelhas[1263].

Eles foram deixados na montanha. O que isto quer dizer?

Que eles foram abandonados aos pavores terrenos.

Eles fazem parte das noventa e nove ovelhas. O que isto também quer dizer?

Que eles não estão à direita, mas à esquerda, pois as noventa e nove representam a esquerda. Uma a mais e eles estariam à direita.

O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido[1264], como ele mesmo disse em outra passagem.

Mas, se tudo estava perdido, já que tudo estava perdido desde o pecado daquele em quem todos estavam, outro veio

então, isento de todo pecado, para salvar do pecado.

Mas, o que foi mais deplorável, os orgulhosos, em seu orgulho, estavam doentes mas se acreditavam saudáveis.

02 – A doença perigosíssima e a fúria contra o Médico.

A doença é mais perigosa quando a febre afastou o espírito. Ri-se então, enquanto choram aqueles que possuem saúde. É o frenético que ri às gargalhadas. Infelizmente, no entanto, ele está doente.

Se for proposta esta questão: "É melhor rir do que chorar?" Quem não responderia que é melhor rir?

No entanto, com vistas aos frutos saudáveis que produz a dor do arrependimento, o Senhor fez das lágrimas um dever e apresentou o riso como uma recompensa.

Quando foi isto? No momento em que ele disse, ao anunciar o Evangelho: *Bem-aventurados vós que agora chorais, porque vos alegrareis!*[1265]

É verdade então que nosso dever é chorar e que rir é a recompensa devida à sabedoria.

Mas rir aqui é sinônimo de alegria. Significa não as gargalhadas barulhentas, mas a alegria do coração.

Dissemos que, se fosse proposta esta questão: "O que é melhor: rir ou chorar?", ninguém diria que é melhor chorar, mas rir. Vá mais longe agora e, personificando, de certa maneira, a questão que acaba de ser feita, pergunte se seria preferível o riso do insensato do que o choro do sábio.

Todos responderiam que seria preferível chorar com o sábio do que rir com o insensato. Sim, a saúde mental é de tão grande valor que sempre é preferida, mesmo que acompanhada de angústias.

A doença dos judeus era tão perigosa e tão desesperadora que eles se acreditavam saudáveis e essa doença, que os fez perder o juízo, os levou, ao mesmo tempo, a atacar o Médico celeste.

O que digo? Atacá-lo? Digamos a verdade inteira.

Para eles não foi suficiente atacá-lo; eles o levaram à morte!

Mas ele, enquanto era levado à morte, nem por isso foi menos Médico. Enquanto era dilacerado, ele curava. Mesmo sentindo os golpes do frenético, ele não abandonou o doente. Ele foi agarrado, amarrado, esbofeteado, atacado com porrete, ridicularizado, insultado, condenado e por fim pendurado no cadafalso. Por todos os lados estremecia a raiva ao redor dele. Mas, nem por isso ele foi menos Médico.

03 – Cristo faz de seu sangue o remédio para os assassinos.

Você sabe que muitos daqueles furiosos contemplaram os atos do Médico.

Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem[1266].

Em seu ódio cego ele avançaram contra ele e, ao derramarem seu sangue, fizeram um remédio para curar,

pois não foi inutilmente que ele disse: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*.

Um cristão reza e Deus o ouve. Cristo, ao rezar, não seria ouvido?

Ele nos ouve com seu Pai, porque ele é Deus e, como humano, ele não seria ouvido, já que ele se fez humano por amor a nós?

Ah! Ele o é, sem nenhuma dúvida.

Aqueles cruéis estavam lá quando ele rezou e se entregaram totalmente à própria fúria. Dentre eles estavam os debochados que clamaram: *Ele come com os publicamos e com gente de má vida*[1267]. Eles faziam parte do povo que levou à morte o divino Médico, enquanto este lhes preparava com o próprio sangue um contraveneno.

Não apenas, de fato, o Salvador deu seu sangue por eles e aceitou a morte para curá-los; ele quis também que sua ressurreição fosse a imagem daquela que ele lhes prometera. Ele sofreu para que sua paciência servisse de modelo para a nossa e ressuscitou também para nos mostrar que recompensa merece esta virtude.

Com este objetivo também, vocês sabem e todos nós proclamamos, ele subiu ao céu e depois enviou o Espírito Santo que havia prometido aos seus discípulos, nestes termos: *Permanecei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto*[1268].

Esta promessa se cumpriu, de fato. O Espírito Santo desceu, encheu os discípulos e estes começaram a falar todas as línguas.

Isto foi o símbolo da unidade. A Igreja, em toda sua unidade, devia falar todos os idiomas, como um só homem lhe falara então.

As testemunhas dessa maravilha ficaram tomadas pelo espanto. Eles sabiam que os discípulos eram sem instrução e só conheciam uma língua. Como então não se espantar e ficar surpreso que pessoas que só conheciam uma língua, ou duas, no máximo, se expressassem subitamente em todos os idiomas?

Impressionados com tal prodígio, seu orgulho diminuiu e aquelas montanhas se transformaram em vales. Sim, ao se tornarem humildes, eles se tornaram vales. Eles recolhem, sem deixar que se perca, a graça que se derrama sobre eles.

Ao cair em um ponto alto, a água escorre e desce. Quanto mais ela permanece mais ela penetra, quando desce sobre um terreno baixo e profundo. Esta é a imagem daquelas mentes orgulhosas. O espanto e a admiração ocupou neles o espaço da fúria.

04 – A conversão dos assassinos de Cristo.

Assim, eles se entregaram ao remorso, quando Pedro falou com eles e assim se cumpriu neles esta profecia de um Salmo: *Mergulhei na dor, enquanto um espinho foi colocado em mim*[1269].

O que significa aqui o espinho, se não é o remorso do arrependimento que é mencionado em termos formais nesta passagem sagrada dos Atos dos Apóstolos: *Ao*

ouvirem essas coisas, ficaram tomados pelo remorso no íntimo do coração e indagaram a Pedro e aos demais apóstolos: "Que devemos fazer, irmãos?"[1270]

Por que perguntaram: *Que devemos fazer, irmãos?*

"Sabemos o que fizemos, mas, daqui por diante, *Que devemos fazer, irmãos?* Pensando em nossas ações passadas, não podemos perder as esperanças por nossa salvação. Se há para nós alguma esperança ainda, dê-nos um conselho. Sabemos o que fizemos. Diga-nos agora o que devemos fazer".

"Infelizmente, o que foi que fizemos? Não foi uma pessoa qualquer que levamos à morte. No entanto, que iniquidade já não seria, se tivéssemos levado à morte um simples inocente! Mas nós salvamos um ladrão e demos a morte a um inocente! Nós optamos pelo cadáver e matamos nosso Médico! Ah! *Que devemos fazer?* Diga-nos!"

Pedro lhes respondeu: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo[1271]. Assim vocês deixarão de fazer parte das noventa e nove ovelhas e farão parte das cem. Fazendo parte das noventa e nove, vocês acreditam que não precisam de penitência. Vocês chegaram mesmo a ultrajar o Salvador, quando ele chamava os pecadores para levá-los à penitência.

"Agora então que vocês estão tomados pelo remorso pelo crime que cometeram, *arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo*. Em nome Daquele que vocês levaram à morte, embora inocente.

Assim acontecerá a *remissão dos vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo*".

Estas palavras despertaram neles a esperança e eles choraram, gemeram, se converteram e foram curados[1272]. Este foi o resultado desta prece: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*.

05 – Cristo ama os pecadores para que eles não sejam pecadores para sempre.

No entanto, meus caríssimos irmãos, ao ouvir que Nosso Senhor Jesus Cristo não veio para os justos, mas para os pecadores, que ninguém se deleite no pecado e diga a si mesmo: "Se eu sou justo Cristo não me ama. Pelo contrário, ele me amaria, se eu fosse pecador, já que ele desceu do céu, não para os justos, mas para os pecadores".

Poderia ser respondido a você: já que você vê nele o Médico, por que não temer a febre? Sim, ele é o Médico que se aproxima do doente, mas ele só se aproxima dele para curá-lo.

O que pensar então? O que concluir disto? Como se certificar disto? É mesmo a doença e não a saúde que procura o Médico?

O que ele ama não é o que ele encontra, mas o que ele quer produzir. Sem dúvida que ele se aproxima do doente e não daquele que está saudável. Mas não é isto, no entanto, o que deve ser considerado, pois ele prefere realmente a saúde à doença. Para se convencer disto, faça-se esta

simples pergunta: “Ele procuraria estabelecer a saúde, se ele tivesse horror dela?”

06 – Em que sentido Paulo é o primeiro dos pecadores.

Voltemos ao Apóstolo. *Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro*.

Dos quais sou eu o primeiro. Como? Antes dele não houve entre os judeus inumeráveis pecadores? Não houve um número imenso deles no seio da humanidade? Não houve entre todas as pessoas uma só que não estivesse sujeita ao pecado? O primeiro de todos os pecadores, aquele que nos entregou à morte, Adão, não viveu muito antes de Paulo?

O que significa então: *Dos quais sou eu o primeiro*?

O Apóstolo quer dizer que ele é o primeiro daqueles que se aproximaram do Salvador?

Mas, este sentido também não é verdadeiro, pois antes dele foram chamados Pedro, André e os outros apóstolos[1273].

Você, Paulo foi o último deles. Como então você pode dizer: *sou eu o primeiro*?

Sim, ele se diz o último dos apóstolos e o primeiro dos pecadores. Mas, em que sentido ele é o primeiro dos pecadores? Pedro não pecou antes, ao negar três vezes seu Mestre[1274]?

Eu poderia dizer também que se este Apóstolo não estivesse no meio dos pecadores ele não teria passado da esquerda para a direita.

07 – O primeiro dos pecadores porque o pior de todos.

Mas, enfim, o que quer dizer: *Dos quais sou eu o primeiro*?

“Porque sou o pior de todos”. Primeiro aqui é sinônimo de pior.

O que diz um arquiteto no meio dos trabalhadores? Ele pergunta: “Qual de vocês é o primeiro pedreiro? Qual é o primeiro carpinteiro?”

O que diz igualmente um doente que quer se curar? “Quem é aqui o primeiro médico”. Não se pergunta então qual é o mais idoso, nem o mais antigo em sua profissão, mas qual é o mais hábil.

Pois bem! Assim como se chama de primeiro ao mais hábil, Paulo chama a si mesmo de primeiro para dizer que ele é o maior pecador.

Mas como ele é o maior pecador? Lembrem-se do que era Saulo e vocês compreenderão. Se vocês só focarem em Paulo, perderão de vista Saulo. Vocês só pensarão que ele é um pastor e se esquecerão de que ele fora um lobo.

Não é verdade que, não tendo o suficiente em suas mãos para apedrejar Estevão, ele guardou as roupas dos outros carrascos? Não é verdade que ele perseguia a Igreja? Não é verdade que ele tinha obtido cartas de

autorização dos príncipes dos sacerdotes, para prender os cristãos?

Não foi suficiente para ele investir contra os cristãos que estavam em Jerusalém e ele quis encontrá-los também em outros lugares, acorrentá-los e arrastá-los para o suplício.

Não é verdade que dele escorria e exalava sangue, quando foi atingido do alto do céu e que, felizmente derrubado por um raio, ouviu a voz do Senhor? Que ele foi derrubado no caminho e cegado, para em seguida recuperar a visão?

Ele fora, assim, o primeiro dos perseguidores. Nenhum outro o ultrapassou em fúria.

08 – A conversão de Paulo.

Vejamos aqui o que facilitará a compreensão. Tendo já Saulo sido derrubado e levantado, o Senhor Jesus se dirigiu em pessoa a Ananias e lhe disse: *Levanta-te, vai à rua Direita e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso, chamado Saulo; ele está orando*[1275]. Saulo, no mesmo instante, viu Ananias se aproximar dele e batizá-lo.

Mas, com a menção do nome Saulo, Ananias tremeu, embora ele fosse um dos braços do Médico.

Há aqui um detalhe que é muito tocante. Vocês se lembram, sem dúvida, de onde veio o nome Saulo. Eu o recordarei, no entanto, em favor daqueles que não se lembram.

Saulo vem de Saul, o rei que perseguia Davi. Davi representava, simbolizava Cristo, assim como Saul representava Saulo. Não parece então que foi Davi que clamou do alto do céu: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* [1276]

Quanto ao nome Ananias, ele significa ovelha. Foi então o Pastor que se dirigiu à ovelha e esta ficou com medo dos dentes do lobo, pois este lobo fazia, mesmo ao longe, tanto barulho que, mesmo sob a proteção do Pastor a ovelha não se acreditava em segurança. Ela tremeu então ao ouvir a voz do Salvador e lhe respondeu: *Senhor, muitos já me falaram deste homem, quantos males fez aos teus fiéis em Jerusalém. E aqui ele tem poder dos príncipes dos sacerdotes para prender a todos aqueles que invocam o teu nome*[1277].

"Para onde o senhor está me enviando? Não está jogando a ovelha na goela do lobo?"

Mas o Senhor não aceita esta desculpa. Ele já havia dito ao pequeno número de suas ovelhas: *Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos*[1278].

"Se eu enviei minhas ovelhas para o meio dos lobos, por que temer, Ananias, abordar esse homem que não é mais um lobo? Era do lobo que você tinha medo, mas escute o Senhor seu Deus: desse lobo eu fiz uma ovelha e dessa ovelha eu faço agora um pastor".

09 – Deve-se louvar a habilidade médica de Cristo na cura de Saulo.

Escutem como esse mesmo homem, como esse Saulo, que mais tarde se chamaria Paulo, se felicita por ter obtido misericórdia de Deus, depois de ter sido o primeiro, ou seja, o maior dos pecadores.

Ele diz: *Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*.

Para que todos pensem: "Se Saulo foi curado, por que me desencorajar? Se um doente tão desesperado pôde ser curado por esse incomparável Médico, por que não deixar que ele trate minhas feridas? Por que não correr e me jogar em seus braços?"

Foi para que todos pensem assim que Deus transformou em Apóstolo esse grande perseguidor[1279].

De fato, quando um médico chega em um lugar, ele procura para curar um doente desesperado. Que esse doente seja sem qualquer recurso, pouco importa, contanto que ele não tenha mais esperança. Não é a recompensa que o médico tem em vista. Ele quer somente mostrar sua habilidade.

Voltemos à nossa ideia. Paulo então se felicita por ter sido escolhido e curado por Cristo, tão pecador que ele era. Ele não pensou: "Quero permanecer no crime, pois foi por mim e não pelos justos que Cristo veio a este mundo".

Não continue então dormindo em cama macia, você que acaba de saber que o Filho de Deus não desceu do céu para *chamar os justos, mas os pecadores*[1280]. Invés disso, escute

este clamor do Apóstolo: *Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará*[1281].

Não prefira continuar repousando nessa cama de pecado, pois está escrito: “Todo teu leito transformaste em enfermidade”[1282].

Levante-se, então! Cure-se! Ame a saúde e, em seu orgulho não vá da direita para a esquerda, do vale para a montanha, da humildade para a soberba.

Uma vez curado, quando tiver começado a viver na justiça, atribua essa felicidade não a você mesmo, mas a Deus, pois não é ao se louvar, mas ao se acusar que você encontra a salvação.

Sua doença se tornará mesmo mais perigosa, se você se enaltecer com orgulho, *pois, todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado*[1283].

Sermão 176 - A graça de Deus.

Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro. Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna[1284].

Vinde, inclinemo-nos, prostremo-nos, choremos diante do Senhor que nos criou[1285], apresentemo-nos diante dele em confissão e cantemos-lhe alegres cânticos[1286].

Ao entrar numa aldeia, vieram-lhe ao encontro dez leprosos, que pararam ao longe e elevaram a voz, clamando: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!”

Jesus viu-os e disse-lhes: “Ide, mostrai-vos ao sacerdote”. E quando eles iam andando, ficaram curados. Um deles, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em alta voz. Prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. E era um samaritano. Jesus lhe disse: “Não ficaram curados todos os dez? Onde estão os outros nove? Não se achou senão este estrangeiro que voltasse para agradecer a Deus?!” E acrescentou: “Levanta-te e vai, tua fé te salvou”[1287].

Análise

Neste sermão são estudadas três santas leituras que abordam a mesma verdade. Elas mostram o quanto a graça de Deus é necessária a todos, mesmo às crianças, o quanto devemos ter confiança nela, já que ela santifica os maiores pecadores e, por fim, com que fidelidade e reconhecimento devemos lhe atribuir todo bem que possa haver em nós.

01 – As leituras e os cânticos na Igreja.

Escutem atentamente, meus irmãos, o que o Senhor condescendeu nos ensinar através destas divinas leituras. É dele que vem a verdade que vocês recebem por meu intermédio.

A primeira leitura é tirada do Apóstolo: *Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro. Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*.

Aí está o que chamamos de texto do Apóstolo.

Em seguida cantamos um Salmo para estimularmos uns aos outros. Com uma só voz e um único coração, dissemos: *Vinde, inclinemo-nos, prostremo-nos, choremos diante do Senhor que nos criou*. Também dissemos: *Apresentemo-nos diante dele em confissão e cantemos-lhe alegres cânticos*.

Por fim, o Evangelho nos mostrou dez leprosos curados e somente um deles, que era estrangeiro, dando graças ao seu Libertador.

Estudemos estes três textos, na medida em que permitir o tempo que podemos dispor. Digamos algumas palavras sobre cada um deles, evitando, com a graça de Deus, nos reter muito longamente sobre um, em detrimentos dos outros.

02 – A ação de graças devida por todos ao Médico.

O Apóstolo quer primeiro nos ensinar a dar graças. Lembrem-se de que na última leitura o Senhor Jesus louva o leproso curado que o agradece e censura os ingratos que conservam em seus corações a lepra que ele apagou de seus corpos.

O que diz então o Apóstolo? *Uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé*.

Que verdade é esta? *Jesus Cristo veio a este mundo*.

Para quê? *Para salvar os pecadores*.

E você, o que você é? “*Sou eu o primeiro* deles”.

Teria sido uma ingratidão para com o Salvador dizer: “Eu não sou. Eu jamais fui pecador”, pois não há nenhum dos descendentes mortais de Adão, nenhuma pessoa absolutamente que não esteja doente e que não precise da graça de Cristo para se curar.

O que pensar das criancinhas, se todos os descendentes de Adão estão doentes? Elas são trazidas à Igreja, já que não podem vir até aqui com seus próprios pés. Elas vêm até aqui com os pés dos outros, para aqui buscar a cura.

A Igreja nossa mãe lhes empresta, por assim dizer, pés alheios para que caminhem, um coração alheio para que acreditem e, para confessar a fé, uma boca alheia também.

Se a doença que as acomete vem de um pecado que elas não cometeram, não é justo que a saúde lhes seja devolvida por uma profissão de fé feita por outros em seu nome? Que ninguém então venha murmurar nos ouvidos de vocês doutrinas estranhas. Este é o ensinamento ao qual a Igreja sempre se apegou e que sempre professou. Este é o ensinamento que ela recebeu da fé dos antigos e que ela conservará com perseverança até o fim dos tempos.

Já que o médico não é necessário àqueles que estão saudáveis, mas sim àqueles que estão doentes, se a criança não estivesse doente, ela precisaria de Cristo? Se ela está saudável, por que aqueles que a amam a levam ao Médico? Se é verdade que, no momento em que elas acorrem a ele, em braços devotos, elas não possuem nenhuma mácula original, por que não se diz na Igreja àqueles que a apresentam: “Longe daqui com esses inocentes. Aqueles

que estão bem não precisam de Médico, mas sim os doentes. Cristo não veio para chamar os justos, mas os pecadores[1288]”?

A Igreja, no entanto, jamais falou assim e jamais falará.

Cabe a todos, portanto, meus irmãos, dizerem o que podem em favor desses pequeninos que não podem dizer nada. Se se tem o cuidado de recomendar aos bispos que cuidem do patrimônio dos órfãos, com quanto maior cuidado não se deve recomendar-lhes que cuidem da graça das criancinhas?

Se, para impedir que estranhos oprimam os órfãos depois da morte de seus pais, o bispo se faz tutor deles, que gritos de alerta não se deve dar em favor dos pequeninos, quando se teme que até mesmos seus pais os levem à morte?

Não devemos então repetir como o Apóstolo: *Uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé* é que *Jesus Cristo veio a este mundo para salvar* unicamente *os pecadores*.

Todos os que recorrem a Cristo têm, sem dúvida, alguma enfermidade para ser curada. Se não se tem nada, por que procurar o Médico?

Que os pais façam então sua escolha: admitir que Cristo cura em seus filhos a doença do pecado ou deixar de levá-los até ele, pois seria conduzir ao Médico aquele que está em plena saúde.

O que você tem para apresentar?

“Alguém para batizar”.

Quem?

“Uma criança”.

A quem você a apresenta?

“A Cristo”.

Ao Cristo que veio ao mundo?

“Sim”.

Por que ele veio ao mundo?

“Para curar os pecadores”.

A criança que você apresenta tem, então, nela, alguma coisa para ser curada?

Se você responder sim, esta admissão serve para dissipar seu mal. Mas ele permanece, se você disser não.

03 – Em que sentido Paulo é o primeiro dos pecadores.

Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro.

Não houve pecadores antes de Paulo? Adão foi, seguramente, o primeiro de todos. A terra estava coberta de pecadores, quando foi purificada pelo dilúvio. E por quantos depois se multiplicaram os pecadores!

Como dizer então: *sou eu o primeiro*?

Ele é o primeiro não em relação ao tempo, mas sim na enormidade. Foi a enormidade dos seus pecados que o fez dizer que era o primeiro dos pecadores.

Não dizemos, por exemplo, que uma pessoa é o primeiro dos advogados? Não que ele exerça a profissão há

mais tempo do que os outros, mas porque ele é o melhor de todos.

Portanto, veja como ele diz, em outra passagem, como ele é o primeiro dos pecadores: *Eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus*[1289].

Nenhum perseguidor foi mais ardente e nem, consequentemente, mais culpado do que ele.

04 – A salvação de Paulo mostra a esperança de salvação para todos.

No entanto, *encontrei misericórdia*, ele prossegue. Por que motivo? Ele expõe nestes termos: *Para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*.

Em outros termos: "Cristo quis perdoar os pecadores que se convertessem a ele, mesmo que fossem seus inimigos. Ele me escolheu, seu mais ardente adversário, para que ninguém perdesse as esperanças, ao me ver curado por ele".

Não é isto o que fazem os médicos? Eles chegam em um lugar onde são desconhecidos e escolhem primeiro, para curar, os doentes desesperados. Eles querem assim praticar sua humanidade e fornecer, sobre sua habilidade, uma grande ideia. Eles querem que, naquele lugar, todos possam dizer ao seu parente próximo: "Vá até o médico. Tenha total confiança. Ele vai curar você".

“Ele me curará? Você não sabe do que sofro?”, questiona o enfermo.

“Eu conheço seus males, pois eu também sofri deles”.

É assim que Paulo fala a cada doente, mesmo que ele esteja desesperado:

“Aquele que me curou me envia até você. Ele mesmo me disse: ‘Vá até o desesperado e conte-lhe sobre seus sofrimentos, do que e com que rapidez eu curei você. Eu o chamei do alto do céu. Com uma palavra eu o atingi e o derrubei. Com outra eu o levantei e o elegi. Com uma terceira eu cumulei você com meus dons e o mandei pregar. Com uma quarta, enfim, eu salvei você e o coroei[1290]. Vá então dizer aos doentes, clamar aos desesperados: *Uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores*’.

“O que você teme? Do que você tem medo? *Sou eu o primeiro* desses pecadores. Sim, eu que falo a vocês. Eu que vocês veem em plena saúde, enquanto vocês estão doentes; de pé, enquanto vocês estão derrubados; cheio de confiança, enquanto vocês estão desesperados. *Se encontrei misericórdia, foi para que em mim primeiro Jesus Cristo manifestasse toda a sua magnanimidade e eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*.

“Por muito tempo ele sofreu com o meu mal e, então, ele me libertou dele. Médico calmo, ele pacientemente suportou minha fúria, aguentou meus golpes e depois me concedeu a felicidade de sofrer por ele. Realmente, em mim

ele demonstrou *toda a sua magnanimidade*, para que *eu servisse de exemplo para todos os que, a seguir, nele crerem, para a vida eterna*".

05 – A salvação vem de Deus, não de nós.

Portanto, não percam as esperanças. Se você está doente, vá até Ele e você será curado. Se você está cego, vá até Ele e será iluminado. Se você tem saúde, dê graças a Ele.

Você, sobretudo, que sofre, corra até Ele para buscar sua cura e digamos todos: "*Inclinemo-nos, prostremo-nos, choremos diante do Senhor que nos criou*, que nos deu a vida e a saúde".

Se ele tivesse nos dado somente a existência e a saúde fosse obra nossa, nossa obra valeria mais do que a dele, já que a saúde é mais importante do que a simples existência. Desta forma, se Deus o fez humano e você se fez bom, você fez mais do que ele.

Ah! Não se coloque acima de Deus. Submeta-se a ele, adore-o, incline-se, bendiga Aquele que o criou, pois ninguém recria, a não ser Aquele que cria e ninguém refaz, a não Aquele que faz.

Assim, lemos em outro Salmo: *O Senhor é Deus; ele nos fez e não nós mesmos*[1291].

Quando ele criou você, você não tinha nada para fazer. Mas hoje, que você existe, é diferente. Você precisa recorrer ao Médico que está em toda parte e implorar a ele.

No entanto, ainda é ele que estimula seu coração a recorrer a ele e que lhe concede a graça de suplicar a ele, *porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[1292], como está escrito.

Foi preciso, de fato, para inspirar em você a boa vontade, que a graça dele o antecedesse. Clame então: *Ó meu Deus, sua misericórdia me antecede*[1293].

Sim, a misericórdia dele antecedeu você, para dar a você a existência, para dar a você o sentimento, para dar a você a inteligência, para dar a você a submissão. Ela antecedeu você em todas estas coisas; que pelo menos você se antecipe a ele em alguma coisa: à ira dele.

"Como?", você questiona.

Como?

Proclamando que de Deus vem tudo o que há de bom em você e de você tudo o que há de mal. Não o coloque de lado, para exaltar você mesmo por tudo o que você tem de bom e para se desculpar e acusá-lo por tudo que há de mal em você. Esta é a forma de bendizê-lo realmente.

Lembre-se também que, depois de ter cumulado você com tantos dons, ele virá a você para pedir contas a você por esses dons e pelas suas iniquidades. Ele já o vê desfrutando de suas graças.

Mas, se ele se antecipou a você com esses dons, examine como, por outro lado, você pode se antecipar à face dele, quando ele chegar. Escute o Salmo: *Apresentemo-nos diante dele em confissão e cantemos-lhe alegres cânticos*.

Apresentemo-nos diante dele em confissão e cantemos-lhe alegres cânticos. Vamos torná-lo propício a nós antes que ele venha. Vamos apaziguá-lo antes que ele se mostre.

Não há somente um sacerdote que pode ajudá-lo a apaziguar seu Deus? E esse sacerdote não é, ao mesmo tempo, Deus com seu Pai e humano por amor a você?

É desta forma que você cantará com alegria Salmos à sua glória e se antecipará à sua presença: louvando-o.

Cante então e se antecipe à sua presença com suas confissões.

Acuse-se! Empolgue-se, ao cantar! Louve-o!

Se você tiver o cuidado de se acusar assim e de louvar Aquele que fez você, Aquele que morreu por você logo virá e lhe dará a vida.

06 – Uma doutrina variada e inconstante é a lepra da alma.

Apegue-s a esta doutrina! Persevere nela! Que ninguém a mude!

Não se torne um leproso, pois um ensinamento que varia, que nem sempre oferece o mesmo aspecto é como uma lepra da alma e é desta lepra que Cristo nos cura.

Talvez você tenha mudado, de alguma maneira e, depois de ter se examinado de perto, adotado uma opinião melhor. Neste caso então você reestabeleceu a harmonia. Mas, não se atribua esta mudança feliz. Isto seria se colocar entre os nove leprosos que não deram graças.

Um só dos leprosos veio agradecer. Os outros eram judeus e só este era estrangeiro. Ele representou os gentios e deu a Cristo como que o dízimo que lhe era devido.

É bem verdade então que somos devedores a Cristo pela nossa existência, pela nossa vida, pela nossa inteligência. Se somos humanos, se nos conduzimos bem na vida, se temos o espírito correto, é a ele também que somos devedores. Temos de nós somente o pecado.

Que é que possuis que não tenhas recebido?[1294]

Vocês então, sobretudo, que compreenderam o que foi dito; depois de terem purificado então seus corações de toda lepra espiritual: "Corações ao alto!"[1295], para se curarem de toda enfermidade. E deem graças a Deus.

Sermão 177 - Contra a avareza.

Nada trouxemos ao mundo, como, tampouco, nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto.
Aqueles que ambicionam tornarem-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam as pessoas no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é a cupidez. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições. Mas tu, ó homem de Deus, fuja desses vícios e procure com todo empenho a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão.
Combata o bom combate da fé. Conquiste a vida eterna, para a qual foste chamado e fizeste aquela nobre profissão de fé perante muitas testemunhas.
Em presença de Deus, que dá a vida a todas as coisas

e de Cristo Jesus, que ante Pôncio Pilatos abertamente testemunhou a verdade, recomendo-te que guardes o mandamento sem mácula, irrepreensível, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual a seu tempo será realizada pelo bem-aventurado e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade e habita em luz inacessível, a quem nenhum ser humano viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém.

Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos nem ponham suas esperanças nas riquezas incertas, mas em Deus, que nos dá abundantemente tudo para usufruirmos. Que pratiquem o bem, se enriqueçam de boas obras, doem com facilidade, compartilhem, ajuntem um tesouro sólido e excelente para seu futuro, a fim de conquistarem a verdadeira vida[1296].

Análise

Dois tipos de pessoas devem se manter em guarda contra a avareza: aquelas que não são ricas e aquelas que o são, sem querer se tornar mais.

Quem não é rico, que evite procurar se tornar. Os pagãos censuraram este desejo, mas nós temos, para condená-lo, motivos muito mais imperativos do que os deles. Afinal, não somos de Deus? Ora, quando se ocupa um lugar tão importante, é indigno se rebaixar para as concupiscências terrestres. Além disso, este desejo perturba nossa caminhada e nossa ascensão ao céu. Por fim, este desejo só faz aumentar nossas necessidades e nossas dores.

Quando se é rico, é preciso, para evitar a avareza, evitar o orgulho e a soberba, não se apoiar nas riquezas e sim em Deus. Por fim, doar generosamente para adquirir um tesouro na vida eterna.

01 – A avareza diante dos nossos olhos.

O tema do nosso sermão é a leitura do Apóstolo.

Nada trouxemos ao mundo, como, tampouco, nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto.

Aqueles que ambicionam tornarem-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam as pessoas no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é a cupidez. Acossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições.

Aí está com o que vocês devem ficar atentos e o que nos determinou comentar.

Estas palavras colocam, de alguma forma, a avareza diante dos nossos olhos. Ela comparece como acusada e que ninguém a defenda. Pelo contrário, que todos a condenem, para não serem condenados com ela.

Eu não sei qual é a influência que a avareza exerce nos corações, pois todas as pessoas __ ou, para me expressar com mais exatidão e prudência, quase todas as pessoas __ a acusam da boca para fora, mas a defendem com sua ações.

Muitos falaram longamente contra ela e a carregaram com defeitos tão sérios quanto merecidos. Poetas e

historiadores, oradores e filósofos, escritores de todo tipo, todos se levantaram contra a avareza. Mas o importante é não ser atingido por ela.

Ah! Mais vale ser isento dela do que saber mostrar sua feiura.

02 – Não se torna escravo da avareza aquele cujo preço é o sangue de Cristo.

Todavia, entre os filósofos __ por exemplo __ e os apóstolos que se levantaram contra a avareza, há alguma diferença? Que diferença seria esta?

Ao examinarmos o tema de perto, descobrimos aqui um ensinamento que só é dado pela escola de Cristo. Eu já citei estas palavras: *Nada trouxemos ao mundo, como, tampouco, nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto.*

Muitos outros, além dos apóstolos, fizeram esta reflexão, assim como esta: *A raiz de todos os males é a cupidez*. Mas nenhum profano disse o que se segue: *Mas tu, ó homem de Deus, fuja desses vícios e procure com todo empenho a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão*. Não, nenhum profano disse isto; para se ver o quanto a piedade sólida é estranha a esses falastrões barulhentos!

Assim, meus bem-amados, foi para afastar de nós ou das pessoas de Deus, o pensamento de considerar como grandes homens essas mentes estranhas à nossa sociedade, que jogaram sobre a avareza sua condenação e seu

desprezo, que o Apóstolo clamou: *Mas tu, ó homem de Deus!*

Querem tentar colocá-los diante de nós? Lembrem-se primeiro que uma característica que nos distingue é que agimos por Deus. O culto ao verdadeiro Deus é uma reprovação à avareza e devemos nos comportar com muito mais cuidado com relação ao que é um dever de piedade.

Que vergonha, que confusão e que dor para nós, se víssemos os adoradores de ídolos vencerem a avareza e os servidores do Deus único serem subjugados por ela e se tornarem escravos dessa paixão, quando o sangue divino lhes serviu de resgate!

O Apóstolo também disse a Timóteo: *Em presença de Deus, que dá a vida a todas as coisas e de Cristo Jesus, que ante Pôncio Pilatos abertamente testemunhou a verdade* __ aqui também constatamos a que distância estamos dos profanos __ *recomendo-te que guardes o mandamento sem mácula, irrepreensível, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual a seu tempo será realizada pelo bem-aventurado e único Soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade e habita em luz inacessível, a quem nenhum ser humano viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Amém*.

É da família deste grande Deus que fazemos parte. Nela entramos por adoção e graça. Não por nossos méritos, mas por sua bondade, nos tornamos seus filhos.

Não seria bastante assustador, não seria muito horrível ser acorrentado neste mundo pela avareza, quando

dizemos: *Pai Nosso que estais nos céus*[1297] a esse Deus cujo amor faz tudo empalidecer; quando também o mundo onde nascemos é tão pouco feito por nós e um novo nascimento nos une a Deus?

Usemos suas criaturas por necessidade e não por amor a elas. Que o mundo seja para nós como uma hospedaria, por onde se passa e não como uma propriedade, onde se mora.

Descanse e passe, viajante! Pense em quem você vai retribuir a visita. Que grandeza, de fato, há Naquele que visitou você!

Ao deixar esta vida, você dá lugar a outro que entra nela. Não é como se sai de uma hospedaria, para ser substituído por outro nela?

Mas, se você quiser chegar à morada do repouso perfeito, que Deus não se afaste de você, pois é a ele que dizemos: *Pelos caminhos retos ele me leva, por amor ao seu nome*[1298] e não por amor aos meus méritos.

03 – O caminho segundo a natureza mortal.

Desta forma, uns são os caminhos da nossa mortalidade e outros são os caminhos da devoção. Os caminhos da mortalidade são frequentados por todos e basta ter nascido para segui-los. Mas, só se segue os caminhos da devoção na medida em que se está regenerado.

Ao percorrer os primeiros caminhos, nasce-se, cresce-se, envelhece-se e morre-se. Consequentemente, precisa-se

de roupas e alimentos. Mas, que se contente com o necessário.

Por que se sobrecarregar? Por que acumular, durante esta curta viagem, não o que pode ajudar a chegar ao final, mas o que pode sobrecarregar além da medida?

Seus desejos não são estranhos além de toda capacidade de expressão? Para viajar, você se sobrecarrega e se sobrecarrega mais ainda. Você está sobrecarregado pelo peso do dinheiro e mais ainda pela tirania da avareza.

Mas a avareza é a impureza no coração. Desta forma, deste mundo que o apaixona, você não leva nada; nada além do vício ao qual você se apegou. E, ao continuar a amar este mundo, você será completamente imundo aos olhos do seu Autor.

Se, pelo contrário, você só guarda com moderação o necessário para a viagem, você estará nos limites prescritos por estas palavras do Apóstolo: *Vivei sem avareza. Contentai-vos com o que tendes*[1299].

Observe que ele coloca em primeiro lugar viver sem avareza. Desfrute, mas sem prender seu coração a nada. Ao prender seu coração às riquezas pelos laços do amor, você mergulha em uma infinidade de males.

É para se prestar atenção a estas palavras: *Tu, ó homem de Deus, fuja desses vícios*. Ele não diz: “Deixe, abandone”. Ele diz: “Fuja!” Como se foge de um inimigo.

Você procurou fugir com seu ouro. Fuja do ouro! Que seu coração escape dele e que o ouro se torne seu escravo. Nada de avareza! Não! Mas sim devoção.

Mas há um meio de empregar seu ouro, se você é seu senhor e não seu escravo.

Senhor do ouro, você o utiliza para fazer o bem. Escravo dele, ele o induz ao mal.

Senhor do ouro, você doa roupas que louvam o Senhor. Escravo do ouro, você despe e faz o Senhor ser blasfemado.

É a paixão que o torna escravo do ouro e a caridade o liberta dele. Fuja então, sem o que você será escravizado.

Tu, ó homem de Deus, fuja!

Não há meio termo; ou se é fugitivo ou se é cativo.

04 – A riqueza interior.

É disso então do que você deve fugir. Mas, você tem também que buscar alguma coisa, pois não se foge para o vazio. Não se deixa algo para não buscar nada.

Então, *procure com todo empenho a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão*. Saiba se enriquecer com isto. Estes são bens interiores dos quais os ladrões não se aproximam, a não ser que a má vontade lhes abra a porta.

Guarde então com cuidado este cofre, que não é outra coisa além da sua consciência. Estas são riquezas preciosas que não poderão tomar de você os ladrões, os inimigos, por mais poderosos que eles sejam, nem os bárbaros, nem os invasores. Não, nem mesmo o naufrágio, pois, mesmo que você perdesse tudo, você salvaria todas.

Embora tendo sido espoliado de tudo, não era desprovido de tudo o Patriarca que disse: *Nu saí do ventre*

de minha mãe, nu voltarei. O Senhor deu, o Senhor tirou. Bendito seja o nome do Senhor![1300]

Que maravilhosa opulência! Que riquezas imensas! Ele estava privado de tudo, mas cheio de Deus. Privado de todos os bens que passam, mas repleto da vontade de seu Senhor.

Por que tantos esforços e viagens em busca de ouro? Ame este outro tipo de riqueza e imediatamente você será cumulado dela. Abra seu coração e a fonte jorrará nele.

É com a chave da fé que se abre o coração e a fé o purifica, ao abri-lo. Não acredite que ele seja muito pequeno para conter o divino tesouro. Este tesouro não é outra coisa além do seu Deus e ele faz crescer o coração ao entrar nele.

05 – O que diferencia o rico dos que querem ser ricos.

Desta forma, *Vivei sem avareza. Contentai-vos com o que tendes*.

Por que *com o que tendes*? Porque *nada trouxemos ao mundo, como, tampouco, nada poderemos levar*. É por isso que deveis se contentar *com o que tendes*, sem se preocupar com o futuro.

Mas, de que forma o ser humano se deixa levar pela avareza?

“E se eu viver por muito tempo?”

Aquele que dá a vida, dá também seu sustento.

Se algo é lucrativo, por que buscar também acumular? Se o negócio, se o trabalho, se o comércio geram lucros, por que também querer acumular? Você não teme deixar seu coração onde você coloca seu tesouro? É inútil e falsamente que você ouve e responde: “Corações ao alto”[1301]?

Oras! Quando você responde a estas palavras sagradas, quando sua voz as aprova, você não sente seu próprio coração acusar você? Por mais angustiado e oprimido que esteja esse coração, ele não diz a você secretamente: “Você me sepulta embaixo da terra”? Ele não lhe questiona também: “Eu não estou onde está o seu tesouro”?

Sim, você mente. Mentiria também o Mestre que disse: *Onde está o teu tesouro, lá também está teu coração*[1302]?

Você ousa dizer que ele não está lá, quando a Verdade afirma que sim?

“Ele não está lá porque eu não amo esse tesouro”, você afirma.

Prove então com suas ações. Você não ama esse tesouro mas é rico. Seu raciocínio e seu discernimento são justos, pois você não confunde aquele que é rico com aquele que quer ser rico. Não se pode negar que entre um e outro há uma séria diferença. Aqui a possibilidade e lá a avareza.

06 – A avareza é realmente insaciável.

Além disso, o próprio Apóstolo não diz: “Aqueles que são ricos”, mas sim: *Aqueles que ambicionam tornarem-se ricos*

caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos.

É porque eles *ambicionam tornarem-se ricos* que o Apóstolo emprega a palavra *desejos*, pois o desejo se aplica ao que se busca e não ao que se possui. Por mais insaciável que seja a avareza, aqueles que possuem muito desejam, não o que possuem, mas o que querem possuir.

Alguém possui uma propriedade e gostaria de possuir outra e depois mais outra. O que ele deseja não é o que ele possui, mas o que ele não possui. Assim, ao querer se tornar rico fica-se preso aos desejos e a uma sede ardente que aumenta como a sede do hidrópico, que aumenta na medida em que ele bebe.

O avarento tem então em seu coração uma espécie de hidropisia que se parece maravilhosamente com a hidropisia propriamente dita. Embora repleto de um líquido que pode colocar sua vida em perigo, o hidrópico pede sempre mais.

Da mesma forma, o avarento tem tantas necessidades quanto mais rico ele é. Quando ele possui pouco, ele pede pouco e precisa de pouco para desfrutar da vida. Algumas migalhas fazem sua felicidade. Mas, quando ele está repleto de bens, ele parece que só faz se dilatar para absorver sempre mais. Ele bebe sem parar e sempre tem sede.

Ele diz: “Ah! Se eu tivesse isto, eu poderia fazer aquilo. Eu posso fazer pouco, porque tenho pouco”.

É o contrário! Possuir mais é querer mais ainda. Isto é aumentar, não seu poder, mas sua pobreza.

07 – Sem o amor pela riqueza o coração pode voltar-se para o alto.

“Mas eu não amo o que tenho, para ter o coração voltado para o alto”, você diz.

Concordo plenamente! Se você realmente não ama o que você possui, seu coração pode estar voltado para o alto. Que obstáculo impediria voltar para o alto um coração livre?

Mas, você realmente não ama o que você possui? Responda com sinceridade para você mesmo. Não espere que eu acuse você. Interrogue-se!

“Não. Eu não amo realmente. Eu sou rico, é verdade. Mas, como eu sou rico realmente e não um d*aqueles que ambicionam tornarem-se ricos*, eu não tenho que cair em tentações, nem *nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam as pessoas no abismo da ruína e da perdição*. Isto é um mal perigoso, um mal opressor e horrível e uma doença mortal!”

“Eu sou rico e não um d*aqueles que ambicionam tornarem-se ricos*”, você diz. Você é rico e não um d*aqueles que ambicionam tornarem-se ricos*?

“Sim”.

Mas, e se você não fosse, você gostaria de se tornar rico?

“Não”.

Então, já que você é rico e já que, ao encontrá-lo rico materialmente, a palavra de Deus o cumulou de riquezas interiores, considere dito a você o que é dito aos ricos; o

que é dito nestas palavras: *Nada trouxemos ao mundo, como, tampouco, nada poderemos levar. Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto. Aqueles que ambicionam tornarem-se ricos caem nas armadilhas do demônio e em muitos desejos insensatos e nocivos, que precipitam as pessoas no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é a cupidez*.

Estas palavras, de fato __ *aqueles que ambicionam tornarem-se ricos* __ provam que o Apóstolo falava àqueles que não o são.

Você é pobre então? Repita estas palavras e você será rico. Mas repita-as com todo seu coração. Diga do fundo do seu coração: “Eu não trouxe nada a este mundo e não poderei levar nada daqui. Tendo alimento e vestuário, estou contente, pois, se quiser me tornar rico, cairei em tentações e armadilhas”.

Fale assim e continue a ser o que você é. Evite mergulhar em numerosas aflições, para não se dilacerar procurando se livrar dessas aflições.

Então, você é rico. Temos outras palavras para falar para você.

Não pense, ó rico, que o Apóstolo não disse nada para você. Ele escreveu ao mesmo Timóteo, pobre como ele. O que ele escreveu a esse pobre sobre os ricos?

Ele disse o seguinte; escute: *Exorte os ricos deste mundo*.

Existem também pessoas que são ricas de Deus. Estas são realmente ricas e uma delas foi este mesmo Paulo que

disse: *Aprendi a contentar-me com o que tenho*[1303]. Já o avarento não se satisfaz com nada.

Então, *exorte os ricos deste mundo*.

“O que devo dizer a eles? Que eles não procurem se tornar ricos? Mas, isto eles já são”.

Que eles escutem o que é dito a eles. Primeiro que tudo: *Que não sejam orgulhosos*[1304].

Oras! Ainda se tem riquezas e elas são amadas loucamente!

Mas elas são como um ninho onde o orgulho se desenvolve e cresce! Cresce, infelizmente, não para voar para longe, mas para ficar onde está.

Antes de tudo, então, o rico não deve ser orgulhoso. Assim, ó rico, convença-se e se lembre de que você é mortal e que os pobres, mortais como você, são seus iguais.

O que ambos têm de parecido neste mundo? Não são ambos sujeitos à doença e não são ambos atingidos pela morte? Em sua cama de chão o pobre suporta o sofrimento e o rico não pode impedi-lo de chegar a ele em seu leito de prata.

Portanto, *exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos*. Que eles vejam nos pobres seus iguais. Se eles são humanos, os pobres também são. A roupa é diferente, mas o sangue é o mesmo. Embora o rico seja embalsamado depois da morte, nem por isso ele está isento da corrupção. Ela chega mais tarde e, por vir mais tarde, isto significa que ela deixa de vir?

Suponhamos, no entanto, que o rico e o pobre não apodreçam igualmente; mas, não são ambos sensíveis?

Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos. Não, que eles não sejam orgulhosos e eles serão, na realidade, o que eles querem parecer ser. Eles possuirão suas riquezas sem amá-las e, consequentemente, eles não serão escravos delas.

08 – Uma coisa é desfrutar dos bens e outra é apreciá-los.

Pense então no que se segue: *Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos nem ponham suas esperanças nas riquezas incertas*.

Você ama o ouro. Você pode estar seguro de não ter que temer perdê-lo?

Você acumulou bens. Você pode se assegurar a tranquilidade?

Nem ponham suas esperanças nas riquezas incertas. Separe então sua confiança dos objetos onde você a colocou.

Mas no Deus vivo. Fixe nele suas esperanças. Jogue nele a âncora que segura seu coração[1305], para que as tempestades do mundo não possam afastar você dele.

Mas no Deus vivo, que nos dá tudo abundantemente para usufruirmos. Se ele nos dá tudo, quanto mais ainda ele nos dará, ao dar-se-nos ele mesmo?

Sim, é mesmo verdade que nele desfrutaremos de tudo. Assim, o *tudo que* ele *nos dá abundantemente para*

usufruirmos, me parece não ser nada menos do que ele mesmo.

Uma coisa é usar e outra coisa é desfrutar. Nós usamos por necessidade e desfrutamos por prazer. Por consequência, Deus nos dá as coisas temporais para usarmos e ele mesmo para desfrutarmos.

Mas, se é ele mesmo que ele dá, por que ter dito *tudo*, se não é porque está escrito: *A fim de que Deus seja tudo em todos*[1306]?

Nele, então, coloque seu coração, para desfrutar dele e seu coração será elevado. Desloque-o daqui e coloque-o lá no alto.

Que perigo é para você não estar ancorado no meio de todas as tempestades!

09 – Corações ao alto, não à terra.

Nem ponham suas esperanças nas riquezas incertas.

A esperança, portanto, não está proibida, mas ela deve ser colocada *no Deus vivo, que nos dá tudo abundantemente para usufruirmos*.

Onde está tudo, se não é Naquele que fez tudo?

Ele não faria tudo se ele não conhecesse tudo. Quem ousaria dizer: "Deus fez isto sem saber"? Ele fez o que ele sabia. Este objeto estava então nele antes de ser feito por ele. Mas ele estava nele de uma maneira maravilhosa. Ele estava nele não como ele é visto pronto, de um jeito temporal e passageiro, mas como a ideia está no artesão.

Este traz nele mesmo o que ele produz exteriormente e é assim que tudo está em Deus soberanamente, imortalmente, imutavelmente, sempre no mesmo estado e é assim também que Deus será tudo em todos. Mas é para seus santos que ele será tudo em todos.

Ele então e somente ele nos baste. Assim, está escrito: *"Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta". Respondeu Jesus: "Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai"*[1307].

Deus então é tudo: Deus Pai, Deu Filho e Deus Espírito Santo. É com razão, então, que ele nos basta.

Ah! Amemo-lo então, se somos avarentos. Só ele poderá nos satisfazer, se cobiçamos as riquezas, pois está dito sobre ele: *É ele que cumula de benefícios a tua vida*[1308].

E o pecador não se contenta com isso? Não é suficiente um bem tão grande e tão incomparável? Infelizmente, ao querer ter tudo, ele acaba perdendo tudo, *porque a raiz de todos os males é a cupidez*.

Assim, é com razão que, pela boca de um Profeta, o Senhor dirige estas censuras à alma infiel que se prostitui longe dele: *Você imaginou que ganharia mais afastando-se de mim*[1309], mas, como o filho pródigo, aqui está você pastoreando porcos[1310]. Você perdeu tudo, ficou na miséria e muito tarde retornou todo esgotado.

Compreenda então que o que seu pai deu a você estava mais seguro junto a ele.

Você imaginou que ganharia mais afastando-se de mim.

Ó pecadora, ó prostituída, ó alma coberta de vergonha, desfigurada e imunda! Apesar de tudo, você ainda é amada.

Para recuperar sua beleza, retorne então à própria beleza. Retorne e diga a Deus que só ele pode satisfazer você e que: *Perecem aqueles que de vós se apartam*[1311].

Do que então eu preciso? *Para mim, a felicidade é me aproximar de Deus, é pôr minha confiança no Senhor Deus*[1312].

Então, “coração ao alto!” Que ele não permaneça sobre o chão, no meio de tesouros mentirosos e de objetos que

não passam de podridão.

A raiz de todos os males é a cupidez. Nós não vimos isto no próprio Adão? Se ele procurou mais do que ele tinha recebido foi porque Deus não lhe bastou.

10 – O Senhor nosso Deus nos quer comerciantes.

Mas, o que você fará com o que você possui, você que é rico?

Você não é soberbo. Muito bem!

Você não coloca suas esperanças na inconstância das riquezas. Ótimo!

Sua esperança está *no Deus vivo, que nos dá tudo abundantemente para usufruirmos*. Louvável!

Não seja então preguiçoso no cumprimento disto: *Que pratiquem o bem, se enriqueçam de boas obras*.

Meditemos sobre estas palavras e acreditemos no que ainda não vemos.

Você disse: “Eu possuo ouro, mas, sem apego”. Observe que esta falta de apego está em você. Se então você tem por mim alguma consideração, demonstre-me isto também. Sim, mostre ao seu irmão o que você não pode esconder do olhar do seu Deus.

Como demonstrar isto? Aqui está a maneira: *Que pratiquem o bem, se enriqueçam de boas obras, doem com facilidade*.

Faça sua riqueza consistir em doar facilmente. É em vão que o pobre deseja doar. Ele não tem como fazer isto. Mas,

na mesma medida em que é difícil ao pobre fazer isto, é fácil para você fazê-lo.

Use a seu favor então o fato de ser rico e não adie o bem que você deseja praticar.

Que doem com facilidade, compartilhem. Isto é perder? *Que ajuntem um tesouro sólido e excelente para seu futuro*.

Portanto, não desejemos possuir então ouro, nem prata, nem propriedades e nem nada que encanta neste mundo os olhares humanos.

Embora ele nos diga: “Tire daqui e coloque lá seu tesouro”, o Apóstolo nos previne contra estas ideias carnais e nos diz: *a fim de conquistarem a verdadeira vida*. Conquistar não este ouro que fica na terra e nem também os bens que apodrecem e que passam, mas, *a verdadeira vida*.

É verdade que nossos bens emigram, num certo sentido, quando daqui eles vão lá para cima. No entanto, lá nós não os teremos do mesmo jeito como os enviamos daqui.

O Senhor nosso Deus quer fazer de nós como que comerciantes e ele mesmo negocia conosco. Nós damos o que encontramos aqui por toda parte, para receber o que está perto dele em plena abundância. É como os numerosos negociantes que trocam suas mercadorias e que dão aqui uma coisa para em outro lugar receber outras.

Se, por exemplo, você dissesse a um amigo seu: “Eu ofereço ouro aqui para você e, em troca, você me dá óleo na África”. O ouro foi transferido aqui, mas não foi recebida a

mesma mercadoria aqui. Foi recebida a mercadoria desejada em outro lugar.

É esta a ideia que devemos ter, meus irmãos, do nosso comércio espiritual. O que damos de um lado e o que recebemos do outro? Nós damos o que, apesar dos nossos maiores esforços, não conseguiremos levar conosco. Por que deixar então perecer?

Damos aqui o que é menor e recebemos em outro lugar o que é maior. Damos então a terra, para receber o céu. Damos o que é temporal, para receber o que é eterno. Damos o que se corrompe, para receber o que é inalterável. Enfim, damos o que recebemos de Deus para receber em troca o próprio Deus.

Ah! Não deixemos de fazer esta troca; de exercer esse feliz e inefável comércio. Coloquemos para render nossa existência na terra, nosso nascimento, nosso exílio. Não permaneçamos pobres.

11 – A garantia de Deus.

Não deixemos entrar em nossos corações um pensamento maligno que seria como que um verme roedor. Não digamos: “Não vou doar para não me faltar amanhã”. Não pense tanto no futuro. Ou melhor: pense muito nele, mas pense no futuro final. *Que ajuntem um tesouro sólido e excelente para seu futuro, a fim de conquistarem a verdadeira vida*.

No entanto, é preciso seguir esta regra: *Não se trata de aliviar os outros fazendo-vos sofrer penúria, mas sim que*

haja igualdade entre vós[1313].

Possuam então. Evitem somente amar, se apegar, acumular, se apoiar nas coisas criadas, ou seja, *não ponham suas esperanças nas riquezas incertas*.

Quantos não foram dormir ricos e acordaram pobres?

Há então um mal pensamento que o Apóstolo quis combater, ao dizer: *Vivei sem avareza. Contentai-vos com o que tendes*.

É este mal pensamento que o faz dizer: “Se eu não tiver um tesouro, quem me dará, quando eu precisar? Sem dúvida que tenho abundantemente do que viver. Eu tenho o suficiente. Mas, se me atacam violentamente, como me livrar? O que fazer, se eu tiver que me defender? Onde encontrar recursos?”

Infelizmente, enquanto se procura enumerar todos os males que podem afligir a humanidade, sem chegar a uma conclusão, frequentemente um só acidente perturba todos os cálculos e não resta nada, absolutamente nada dos recursos com os quais se contava.

Então, para destruir esse verme roedor, para destruir este pensamento, Deus colocou em suas Escrituras um ensinamento que se pode comparar com os perfumes destinados a afastar as traças dos tecidos. Que ensinamento é este? Você pensava nos infortúnios que podem recair sobre você, mas talvez não tenha pensado no maior de todos eles. Escute: *Vivei sem avareza. Contentai-vos com o que tendes, pois Deus mesmo disse: “Não te deixarei nem desampararei”*[1314].

Você temia um acidente qualquer e, para enfrentá-lo, você acumulou ouro. Tome nota do compromisso sagrado que Deus estabelece com você: *Não te deixarei nem desampararei*.

Se uma pessoa fizesse esta promessa a você, você confiaria. É Deus mesmo quem a faz e você duvida?

Sim, ele prometeu a você. Está escrito. Ele deu a você uma promissória. Esteja então seguro.

Leia o que você tem. Você tem em mão a promissória de Deus. Deus mesmo se tornou seu devedor, embora você o suplique que perdoe suas dívidas[1315].

Amém!

Sermão 178 - Sobre a justiça.

Seja hospitaleiro, amigo do bem, prudente, justo, piedoso, continente, firmemente apegado à doutrina da fé tal como foi ensinada, para poder exortar segundo a sã doutrina e rebater os que a contradizem[1316].

Análise

Sendo o bispo obrigado a combater não apenas aqueles que contradizem a santa doutrina com seus discursos, mas também aqueles que resistem a ela com suas ações, Santo Agostinho acredita dever refutar aqui aqueles que ferem a justiça.

Ele lembra a eles e lhes prova que a justiça impõe três deveres: 1) não se apropriar dos bens alheios. Se o Evangelho condena com tanto rigor aqueles que não fazem

boas ações com seus próprios bens, que suplícios não esperam aqueles que roubam o que não lhes pertence! Inutilmente eles dão o pretexto de que com os bens roubados eles assistem os infelizes ou que só expropriam os pagãos. Ao expropriarem os pagãos eles os impedem de se tornarem cristãos. 2) o segundo dever prescrito pela justiça é o de restituir o bem alheio. A Escritura fez disso uma obrigação sagrada até mesmo ao povo judeu, como mostra um exemplo memorável de restituição. 3) outra obrigação imposta pela justiça é o de praticá-la não com um medo servil, mas com um amor que só pede por recompensa a felicidade de desfrutar de Deus.

01 – As obrigações dos bispos.

O que acaba de ser lido da Epístola do bem-aventurado Apóstolo sobre a escolha dos bispos foi para nós todos uma advertência.Nós aprendemos com ela a nos examinarmos seriamente e vocês a não julgar, sobretudo por causa deste pensamento que segue a passagem do Evangelho cuja leitura foi feita para nós: *Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça*[1317].

De fato, para não julgar estranhos com parcialidade, não se pode também julgar a si mesmo com parcialidade.

O bem-aventurado Apóstolo diz, em outra passagem: *Assim, eu corro, mas não sem rumo certo. Dou golpes, mas não no ar. Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, por medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros*[1318].

Este medo se transmite a nós. De fato, o que fará o cordeiro se o carneiro tremer?

Dentre os numerosos deveres aos quais o Apóstolo exige que sejam próprios dos bispos, há um que acaba de nos ser lembrado também e que poderemos nos contentar em examinar e aprofundar, pois, se procurarmos estudá-los todos em detalhes e tratar de cada um deles, como seria adequado, nem nossas forças e nem as de vocês bastariam; as nossas para falar e as de vocês para escutar.

Que dever é este que tenho em vista, com a ajuda Daquele que acaba de me gelar de medo?

É que, sem falar de todas as outras obrigações, o bispo deve ser, segundo o Apóstolo, forte na boa doutrina, para poder confundir os opositores.

Que obra importante! Que fardo pesado! Que subida íngreme!

Mas, está escrito: *Meu Deus, em quem eu confio. É ele quem te livrará do laço do caçador e da peste perniciosa*[1319].

Não há nada como o medo das palavras duras das réplicas para tornar preguiçoso um ministro de Deus, quando se trata de confrontar os opositores.

02 – O avarento que se apega aos seus bens é condenado.

Começarei então, na medida em que Deus me conceder esta graça, por explicar para vocês o que significa: *rebater os que a contradizem*.

O verbo contradizer é suscetível de muitos sentidos. Muito poucos, de fato, nos contradizem com suas palavras, mas muitos com suas vidas desordenadas.

Qual é o cristão que sustentaria que é correto roubar o que pertence a outros, quando nenhum se permitiria dizer que é correto conservar com tenacidade o que pertence a nós mesmos?

As Escrituras falam de um rico que tinha recebido uma herança e que não tinha mais lugar para armazenar suas colheitas. Ele se louvava pela intenção de destruir seus velhos celeiros, para construir novos maiores e enchê-los. Ele também dizia à sua própria alma: *Ó minha alma, tens muitos bens em depósito para muitíssimos anos; descansa, come, bebe e regala-te*[1320].

Esse rico procurava se apropriar dos bens alheios? Ele queria fazer boas colheitas e pensava num meio de armazená-las. Ele não pensava em se apoderar dos campos de seus vizinhos, nem em deslocar os limites de sua propriedade, nem em espoliar os pobres, nem em enganar o simples, mas unicamente em armazenar o que era dele.

Porque ele tinha apego ao que lhe pertencia, saibam o que foi dito a ele e vocês compreenderão com isto o que tem que esperar os espoliadores dos bens alheios.

No momento então em que ele pensava ter sido uma sábia ideia derrubar seus velhos e pequenos celeiros, para construir outros maiores, com o objetivo de armazenar e guardar suas colheitas, sem pensar em cobiçar e nem em se apropriar dos bens alheios, Deus lhe disse: “*Insensato!* Ao

se acreditar sábio, você não passa de um insensato”. *Insensato! Nesta noite ainda exigirão de ti a tua alma. E as coisas que ajuntaste de quem serão?*[1321] Por tê-las conservado, elas não serão mais suas. Elas pertenceriam a você para sempre, se você as tivesse doado. Para que serve guardar o que se tem que deixar?”

Assim foi repreendido o miserável que guardava seus bens por avareza.

Mas, se por este motivo Deus o chama de insensato, que nome receberia, digam-me, aquele que rouba? Se o primeiro está coberto de lama, o segundo não está cheio de úlceras?

Este, no entanto, está longe de parecer com aquele pobre que jazia à porta do rico e que os cães lambiam as feridas![1322] O pobre só tinha úlceras em seu corpo e o ladrão as tem em seu coração!

03 – O rico é punido por não ter misericórdia.

Talvez alguém diga: “Não foi uma pena muito grande para aquele avarento ouvir Deus lhe dizer: *Insensato!*”

Mas é que na boca de Deus esta palavra tem uma gravidade bem diferente de quando ela está na boca humana. Na boca de Deus ela é uma sentença.

De fato, o Senhor dará o Reino dos Céus aos insensatos? E, aos que não tiverem acesso a este reino, o que restará, se não é o inferno?

Vocês pensam que estamos aqui apenas especulando. Mas, vejam a verdade em todo seu brilho.

Para retribuir ao rico que via estendido à sua porta o pobre coberto de úlceras, não está dito que ele tinha se apropriado de bens alheios. Está escrito: *Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo e que todos os dias se banqueteava e se regalava*[1323].

O Salvador disse que ele era um homem rico e não que era um caluniador, um opressor dos pobres, um sequestrador, um ladrão ou receptador de bens alheios, um espoliador de órfãos, um perseguidor de viúvas; nada disso. O Senhor somente disse que ele era *um homem rico*.

O que há de errado nisto? Ele era rico, mas de seus próprios bens.

O que ele havia roubado? Se ele tivesse roubado, o Senhor não teria dito? Ele esconderia suas faltas para ser parcial com sua pessoa, embora ele nos proíba a parcialidade em nossos julgamentos no que quer que seja?

Você quer saber no que consiste a culpa desse rico? Não procure saber mais do que diz a você a própria Verdade. Ela diz: *Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho finíssimo e que todos os dias se banqueteava e se regalava*. Qual é, afinal, seu crime?

Seu crime foi não ter aliviado o sofrimento do pobre homem coberto de úlceras. Isto prova claramente o quanto ele era sem misericórdia.

Meus bem-amados, se aquele infeliz que jazia à porta do rico tivesse recebido dele o pão necessário, estaria escrito que *ele avidamente desejava matar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico*[1324]?

Apenas este crime, esta desumanidade, com a qual o rico desdenhava do pobre estendido diante de sua porta, sem lhe dar o alimento necessário, lhe valeu a morte. Uma vez sepultado e mergulhado nos tormentos do inferno, ele levantou os olhos e viu o pobre junto a Abraão.

O que dizer mais?

No inferno, o rico suspirava por uma gota de água. Ele, que não tinha doado sequer uma migalha de pão. Uma avareza cruel o tinha impedido de fazer isto e uma sentença cheia de justiça o tinha condenado a não receber isto.

Portanto, se um castigo assim está reservado aos avarentos, o que não devem esperar os ladrões?

04 – A esmola do ladrão não agrada a Deus.

Um desse predadores me diz: “Eu não me pareço com esse rico. Eu forneço comida de caridade, envio pão aos prisioneiros, roupas ao que não tem e hospedo estrangeiros”.

Desta forma, você acredita estar fazendo uma boa ação?

Ela seria se você não roubasse. Quem recebe algo de você fica contente, mas aquele que você rouba fica em lágrimas. Qual do dois o Senhor ouvirá?

Você diz a um deles: “Agradeça-me por ter doado a você”. Mas o outro diz a você, por outro lado: “Eu sofro pelo que você roubou de mim”.

Além disso, o que você roubou você conserva quase todo e o que você doa é muito pouca coisa. E, mesmo que

você tivesse doado tudo, Deus ainda assim não se agradaria com sua conduta.

Ele diz a você: “Insensato! Eu ordenei que você doasse, mas não o bem alheio. Se você tem alguma coisa, doe o que é seu. Se você não tem nada para doar, é melhor não dar nada do que expropriar os outros”.

Quando Cristo Nosso Senhor presidir seu tribunal e colocar uns à sua direita e outros à sua esquerda, ele dirá aos que tiverem feito boas obras: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[1325].

Por outro lado, aos improdutivos, aos que não fizeram nada de bom aos pobres, ele dirá: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*[1326].

Aos bons, o que ele dirá também? *Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim.*

Eles perguntarão: *Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e fomos te visitar?*[1327]

Responderá o Senhor: *Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*[1328].

Você, insensato, que faz o bem com os bens alheios, compreenda, enfim, que, se você alimenta Cristo alimentando um cristão, expropriar um cristão é também expropriar Cristo.

Observe bem o que ele dirá aos que estiverem à esquerda dele: *Ide para o fogo eterno!*

"Por quê?"

Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; era peregrino e não me acolhestes; nu e não me vestistes; enfermo e na prisão e não me visitastes[1329].

Ide!

"Aonde?"

Para o fogo eterno!

Sim, ide!

"Por quê?"

Porque estive nu *e não me vestistes*.

Mas, se deve ir *para o fogo eterno*, aquele a quem Cristo dirá: "Estive *nu e não me vestistes*", que lugar ocupará nas chamas aquele a quem ele poderá dizer: "Eu tinha roupas e você as roubou de mim"?

05 – Não é lícito roubar os bens dos pagãos.

Para escapar desta sentença e não ouvir Cristo se dirigir a você com estas palavras: "Eu tinha roupas e você as roubou de mim", você gostaria, contra o costume estabelecido, de expropriar os pagãos para vestir os cristãos?

Neste caso, Cristo também responderá a você. Sim, ele responderá a você também neste caso, através de um de seus ministros, por mais insignificante que ele seja: “Também neste caso, não me prejudique. De fato, quando um cristão rouba um pagão, ele o impedirá de se tornar um cristão”.

Você insistirá e dirá: “Mas, não é por ódio, é por amor à ordem que eu lhe inflijo este castigo. Eu pretendo que, por meio dessa severa e saudável correção, ele se torne cristão”.

Eu escutaria você e acreditaria em você se você doasse aos cristãos tudo o que você tirou desse pagão.

06 – A repreensão aos ladrões.

Acabamos de falar contra o erro que provoca em toda a parte a desordem no meio da humanidade e ninguém nos contradisse. E quem ousaria se levantar com palavras contra uma verdade tão clara?

Assim, nós não fazemos neste momento o que prescreve o Apóstolo, pois não refutamos opositores. Longe de refutar opositores, nós falamos a fiéis submissos e instruímos pessoas que nos aprovam.

Infelizmente, não é com palavras que nos contradizem, mas com suas vidas.

Eu advirto e roubam, eu ensino e roubam, eu ordeno e roubam, eu acuso e roubam. Isto não é contradizer?

Eu direi então sobre este tema o que eu achar necessário.

Abstenham-se, meus irmãos! Abstenham-se, meus filhos! Abstenham-se do hábito de roubar! E vocês que se lamentam por serem vítimas dos ladrões, abstenham-se, por sua vez, do desejo de roubar.

Alguém poderoso rouba o bem alheio. Você, pelo contrário, reclama por ser vítima dele. Mas, se você não faz como ele é porque você não tem o poder para fazer. Mostre-me o poder de fazer isto e eu admitirei contente que essa paixão está domada em você.

07 – Devolver os bens encontrados.

A Escritura afirma ser *bem-aventurado o rico que foi achado sem mácula, que não correu atrás do ouro, que não colocou sua esperança no dinheiro e nos tesouros! Àquele que foi tentado pelo ouro e foi encontrado perfeito, está reservada uma glória eterna. Ele podia transgredir a lei e não a violou, ele podia fazer o mal e não o fez*[1330].

Quanto a você, você nunca recusou devolver o bem alheio, você diz. Mas, não foi porque ninguém jamais confiou estes bens a você ou, se confiou, foi em presença de várias testemunhas?

Diga-me se você devolveu também quando você e aquele que confiou esses bens a você só tinham como testemunhas o olhar de Deus. Se você devolveu então, se após a morte do depositário você devolveu ao filho os bens que o pai confiou aos seus cuidados, eu o louvarei por não ter corrido atrás do ouro, por ter podido transgredir e não transgredido, fazer o mal e não tê-lo feito. Eu o louvarei

também se você devolveu sem demora o saco de moedas que pode ter encontrado em seu caminho e quando não havia ninguém para ver.

Vamos, meus irmãos! Voltem-se para vocês mesmos! Examinem-se! Interroguem-se! Prestem-se contas com sinceridade e julguem-se sem parcialidade, mas segundo a justiça rigorosa.

Você é cristão, você frequenta a Igreja, você escuta a palavra de Deus e você ouve as leituras com a mais sincera alegria. Ao mesmo tempo em que você aplaude aquele que a explica, eu peço que você a pratique. Sim, ao mesmo tempo em que você louva quem prega, eu peço que a observe.

Você é, então, cristão. Você frequenta a Igreja, você ama a palavra divina e a escuta com prazer. Pois bem! Aqui uma palavra divina que eu apresento a você. Saiba examinar-se à luz dela e se pesar. Suba ao tribunal de sua consciência para comparar você mesmo com você mesmo, se julgar e se corrigir, se encontrar algum erro nela.

Deus então diz em sua Lei que é preciso devolver o que você encontrar[1331]. Nessa Lei, outorgada por ele ao primeiro povo, por quem Cristo ainda não tinha sido morto, ele diz então que é preciso devolver, como sendo o bem alheio, o que for encontrado.

Assim, por exemplo, se você encontrou na estrada a bolsa de alguém, você é obrigado a devolvê-la. Mas, e se você não sabe a quem ela pertence? Você não usará a

desculpa da ignorância, se não estiver dominado pela avareza.

08 – Um exemplo notável de devolução de um bem alheio.

Vou contar algo às suas caridades, pois trata-se de dons de Deus. Há em seu povo aqueles que não escutam em vão sua palavra. Vou contar o que fez um homem muito pobre, quando estávamos morando em Milão.

Aquele homem era muito pobre e trabalhava como auxiliar[1332] de um gramático. Era também um excelente cristão, embora seu patrão fosse pagão e merecesse mais ficar de pé à porta do que sentado na cátedra.

Aquele pobre então encontrou uma bolsa que continha, se não me engano, em torno de umas duzentas moedas de prata. Para cumprir a lei, ele colocou então um cartaz em público. Se ele sabia da obrigação de devolver a bolsa, ele não sabia a quem fazer isso.

O cartaz dizia o seguinte: “Quem tiver perdido alguma prata deve se dirigir a tal lugar e procurar fulano”. O infeliz que tinha perdido a bolsa e que levava seus prantos para toda parte encontrou o cartaz, o leu e seguiu apressado até o endereço divulgado.

Para não ser enganado por um ladrão, aquele que tinha encontrado a bolsa perguntou como ela era, quais os selos que ela tinha e qual era seu conteúdo. Sendo as respostas satisfatórias, ele devolveu a bolsa.

Cheio de alegria e querendo demonstrar seu reconhecimento, o dono da bolsa ofereceu como dízimo vinte moedas de prata a quem a tinha encontrado. Este as recusou. O dono insistiu que ele aceitasse pelo menos dez moedas. Nova recusa. Cinco, pelo menos. Também recusadas.

De mau humor então, o dono jogou a bolsa no chão, dizendo: “Eu não perdi nada! Eu não perdi nada, se você não aceita nada!”

Que combate, meus irmãos! Que luta! Que duelo! Que conflito! O mundo era o teatro e Deus seu único espectador.

O pobre, no entanto, se deixou vencer. Ele aceitou o que lhe era oferecido, mas foi para ir logo distribuir aos pobres, sem guardar com ele a menor parcela.

09 – Evitar praticar o mal só por medo.

Pois bem! Se eu causei alguma impressão em seus corações; se a palavra de Deus encontrou espaço lá; se ela fica à vontade lá; sigam suas inspirações, meus irmãos. Não acreditem que vocês perdem. Pelo contrário, vocês ganham muito ao fazerem o que eu digo a vocês.

“Mas, eu perdi vinte, eu perdi duzentas, eu perdi quinhentas moedas”.

O que você perdeu? Esse dinheiro saiu de sua casa, mas foi outro e não você que perdeu primeiro. A terra não é como uma grande casa, como uma hospedaria onde vocês dois entraram, já que os dois são viajantes nesta vida?

Um de vocês deixou cair a bolsa e a esqueceu. Ou seja, ela caiu enquanto ele partia e você a encontrou em seguida.

O que é você, afinal? Um cristão.

O que é você? Uma pessoa que conhece a Lei. Sim, um cristão que a ouviu.

O que é você também? Um coração generoso que aplaudiu muito ao ouvir essa Lei.

Pois bem! Se seus aplausos eram sinceros, devolva então o que você encontrou. Caso contrário, esses aplausos seriam como que testemunhas contra você em um processo.

Sejam fiéis em devolver o que vocês encontraram. Vocês terão então o direito de reclamar contra a iniquidade dos ladrões.

Você não é um ladrão, quando não devolve o que encontrou? Isto é roubar, na medida em que você é capaz disto. E, se você nãorouba mais é porque não tem o poder de fazer isto.

Recusar devolver o bem alheio é provar que se roubará se houver oportunidade. Só o medo então o impede de fazer isto e isto não é fazer o bem; é temer o mal.

10 – O medo não impede a perversidade no coração.

Que mérito há em temer o mal? Mérito há em não praticar o mal. Mérito há em amar o bem.

O ladrão também não teme o mal? Se ele não pratica o mal por falta de oportunidade, nem por isso ele é menos

ladrão, pois é o coração e não as mãos que Deus tem em vista.

Um lobo avança em um rebanho de ovelhas. Ele quer penetrar, degolar e devorar. Mas os pastores estão atentos, os cães latem e o lobo, reduzido à impotência, não ataca e não degola nada. Ele não se afasta tão lobo quanto era quando se aproximou? Por não ter levado nenhuma ovelha, ele, de lobo se tornou ovelha? Ele se aproximou com fúria e se afastou com medo; a fúria e o medo não são sempre de um lobo?

Você então que quer julgar, examine-se! Se você reconhecer que não praticou o mal quando poderia tê-lo praticado sem sofrer a vingança humana, realmente você teme Deus.

Ninguém está por perto. Ninguém além de você, sua vítima e Deus, que vê ambos. Veja-o você também e tema-o!

Não é suficiente vê-lo e simplesmente temer o mal. Ame também o bem!

Não basta, de fato, para ser perfeito, não praticar o mal por medo do inferno. Eu ouso dizer que, se há em você somente esse medo, você tem fé, já que acredita no julgamento futuro de Deus. Eu fico feliz em ver em você esta crença. Mas eu me preocupo também com sua tendência para o mal.

O que eu quero dizer com isto? Que evitar o mal por medo do inferno é não fazer o bem por amor à justiça.

11 – A prova do amor puro pela justiça.

Há uma diferença grande entre temer a sentença e amar a justiça. Este amor deve ser puro em seu coração. Ou seja: ele deve levar você a desejar ver não o céu e a terra, não as planícies transparentes do mar, não os espetáculos fúteis, não o brilho e o esplendor das pedrarias, mas seu Deus.

Deseje então vê-lo. Deseje amá-lo, já que está escrito: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é. E todo aquele que nele tem esta esperança torna-se puro, como ele é puro*[1333].

Aí está a contemplação para a qual eu exorto vocês a fazerem o bem e, além disso, evitarem o mal.

Suponhamos que você deseje desfrutar da visão do seu Deus e que este amor não deixa de se manifestar em você durante sua peregrinação. O Senhor seu Deus quer testá-lo e diz a você: “Faça o que quiser. Satisfaça suas paixões, dê livre curso à devassidão, multiplique suas ações de luxúria e acredite ser permitido tudo o que é agradável a você. Por nada disso eu punirei você e nem o jogarei no inferno. Vou somente recusar a você minha presença”.

Se você fica abalado ao ouvir estas palavras, isto significa que você ama Deus. Sim, se com estas palavras: “Seu Deus não se deixará ser visto por você”; se seu coração fica tocado pelo medo; se você vê como uma grande infelicidade para você a privação da visão do seu Deus, é porque seu amor é puro.

Ah! Se minhas palavras encontram em vocês alguma centelha desse amor puro por Deus, então, para fazer crescer todas as suas forças, recorram à prece, à humildade, à dor da penitência, ao amor pela justiça, às boas obras, às santas lamentações, à edificação da vida, à fidelidade em suas relações com seus irmãos.

Estimulem e desenvolvam em vocês esta centelha preciosa do amor divino. Quando ela tiver crescido, quando suas chamas puras tiverem se transformado em um imenso braseiro, ela consumirá em um piscar de olhos a palha das paixões carnais.

Sermão 179 - A palavra de Deus.

Já o sabeis, meus diletíssimos irmãos: toda pessoa deve estar pronta para ouvir, porém tarda para falar e tarda para se irar. Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes; isto equivaleria a vos enganardes a vós mesmos[1334].

Análise

A palavra de Deus nos impõe dois deveres: o de escutá-la e o de praticá-la.

É bem mais seguro escutar a palavra de Deus do que anunciá-la e Santo Agostinho inveja a felicidade daqueles que só tem que escutá-la. Esta felicidade não é comparável com a de Maria sentada aos pés de Jesus?

As obras às quais se dedica Marta passarão, embora a recompensa merecida por ela não deva passar. Mas, a ocupação de Maria não passará e só será aperfeiçoada.

Quanto ao dever de praticar a divina palavra, ele pesa sobre os pregadores tanto quanto sobre os ouvintes e todos devem cumpri-la interiormente e exteriormente. Interiormente pela pureza de intenção e exteriormente pela pureza da vida e sua conformidade com os divinos mandamentos.

Escutar a santa palavra sem praticá-la é construir sobre a areia. Escutá-la e praticá-la é construir sobre a rocha. Não fazer nem uma coisa e nem outra não é nem mesmo construir; é permanecer sem nenhum abrigo e exposto aos perigos.

É preciso então praticar; praticar sem se preocupar com as deficiências e até mesmo os vícios que possam ser encontrados no pregador.

01 – As obrigações de quem prega e de quem ouve a palavra de Deus.

O bem-aventurado apóstolo Tiago se dirige aos ouvintes assíduos da palavra divina e lhes diz: *Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes; isto equivaleria a vos enganardes a vós mesmos*.

Enganardes a vós mesmos e não Àquele que transmite a vocês esta palavra e nem aquele que a anuncia.

Este pensamento jorra da mesma fonte da Verdade e nos é apresentado pela boca infalível de um Apóstolo. Nós, por outro lado, nos apoderamos dele com confiança, para fazer dele o tema da nossa exortação. Mas, ao nos

dirigirmos a vocês, tomamos o cuidado de não nos esquecermos de nós mesmos.

De que serviria pregar exteriormente a palavra de Deus, se primeiro não a tivéssemos ouvido em nossos corações? Somos, por acaso, tão alheios assim à humanidade e à toda reflexão séria, para não compreendermos os perigos que corremos ao anunciarmos aos povos a santa palavra?

Uma coisa nos encoraja: o socorro que nos asseguram as preces de vocês no meio de nossas perigosas funções.

Mas, para mostrar para vocês, meus irmãos, o quanto o lugar que vocês ocupam é mais seguro do que o nosso, vou citar para vocês outro pensamento do mesmo Apóstolo: *Toda pessoa deve estar pronta para ouvir, porém tarda para falar*.

Com relação então a esta recomendação de estar pronto para escutar e tardo para falar, uma palavra primeiro sobre o dever que cumprimos e, depois de termos dito o porquê de pregarmos tão assiduamente, retornarei ao primeiro objeto deste sermão.

02 – Escutar a palavra de Deus é mais seguro do que pregá-la.

Nosso dever é de estimular vocês não somente a escutarem a palavra de Deus, mas também praticá-la. Qual é, no entanto, a pessoa que não nos julga, quando, pouco preocupada com esta obrigação, lê estas palavras sagradas:

Toda pessoa deve estar pronta para ouvir, porém tarda para falar?

Vejam que o fervor de vocês não nos permite observar esta recomendação. Mas, quando eu me jogo assim no meio dos perigos, é para vocês uma necessidade nova nos apoiar com suas preces.

Todavia, meus irmãos, vou fazer uma confissão para a qual eu peço que deem fé, pois vocês não podem ler o que está em meu coração. Para obedecer as ordens de meu senhor e irmão, o bispo de vocês, bem como para fazer justiça aos pedidos de vocês, eu falo com vocês frequentemente. Mas, minha grande alegria não é, no entanto, pregar, mas escutar. Sim, eu repito, minha grande alegria é poder escutar e não pregar.

Quando eu escuto, de fato, minha alegria não corre nenhum perigo, já que eu não estou exposto ao orgulho, pois não há que se temer cair neste abismo quando se está apoiado na rocha inabalável da verdade.

Vocês querem uma prova do que eu digo a você? Escutem estas palavras: *Fazei-me ouvir uma palavra de gozo e de alegria*.

Então, minha felicidade é ouvir, mas, o Profeta logo acrescenta: *para que exultem meus ossos na humildade*[1335].

Ouvir então é ser humilde, enquanto que, para não cair, ao pregar, em uma complacência vã, é preciso se conter. Eu não me enalteço, então, mesmo estando exposto a isto.

Invés disso, ao ouvir, eu desfruto de uma alegria tão segura quanto secreta.

Esta felicidade não era estranha ao amigo do Esposo, quando ele disse: *Aquele que tem a esposa é o Esposo. O amigo do Esposo, porém, está* de pé *e o ouve*. Se ele está de pé, ele ouve.

Também o primeiro homem estava de pé, já que escutou Deus e caiu, quando deu ouvidos à serpente.

É bem verdade então que: *O amigo do Esposo está* de pé*, o ouve e regozija-se sobremodo com a voz do Esposo*[1336]. Regozija-se não com sua própria voz, mas com a voz do Esposo.

João, no entanto, não escondeu publicamente das pessoas esta voz do Esposo, que ele ouvia secretamente.

03 – As ocupações de Maria e de Marta: contemplação e ação.

Esta é a felicidade que Maria igualmente escolheu, ao mesmo tempo em que deixou com sua irmã Marta as numerosas tarefas da casa, para permanecer sentada aos pés do Senhor, ouvindo em repouso suas palavras.

Se João ficou de pé e Maria sentada, nem por isso Maria estava menos de pé em seu coração e João sentado em sua humildade, pois a atitude de João é o símbolo da perseverança, como a de Maria é a indicação da humildade.

Para convencer vocês de que a atitude de João designa a perseverança, lembrem-se de que o demônio não persevera e que está escrito sobre ele: *Ele era homicida*

desde o princípio e não permaneceu de pé *na verdade, porque a verdade não está nele*[1337].

Para convencer vocês de que a posição de Maria simboliza a humildade, aqui está o que diz um Salmo sobre a penitência: “Levantem-se vocês que estavam sentados e que comem o pão da dor”.

Por que se levantar, depois de ter estado sentado? *Porque todo aquele que se exaltar será humilhado e todo aquele que se humilhar será exaltado*[1338].

Agora o Senhor mesmo nos dirá, ao falar de Maria sentada aos seus pés e acolhendo suas palavras, que felicidade há em ouvi-lo. Quando sua irmã estava sobrecarregada com os preparativos da casa, ela se queixou com o próprio Jesus por não ser ajudada por ela e Jesus lhe respondeu: *Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a parte boa, que não será lhe tirada*[1339].

Havia um mal no que fazia Marta? Quem de nós poderia louvar suficientemente o mérito imenso de hospedar santos? Mas, se há tanto mérito em hospedar santos, que mérito muito mais considerável é praticar esta virtude com relação ao próprio Cabeça dos santos e seus principais membros: Cristo e seus apóstolos?

Vocês todos que amam exercer esta virtude, não dizem, ao ouvir falar do que fazia Marta: “Oh! Como ela era feliz! Como ela era uma privilegiada em receber o próprio

Senhor e ter como hóspedes seus apóstolos, enquanto eles viviam neste mundo”?

Mas, não se entristeçam, no entanto, por não poderem, como Marta, acolher em casa o Senhor com seus apóstolos. Ele mesmo nos tranquiliza sobre isto: *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*[1340], ele diz.

O Apóstolo então nos prescreve alguma coisa de muito grande e excelente, ao nos dizer: *Socorrei às necessidades dos fiéis. Esmerai-vos na prática da hospitalidade*[1341].

Depois, ao louvar esta virtude na Epístola aos Hebreus, ele diz: *Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos*[1342].

Que função magnífica! Que grande dom!

Maria, portanto, *escolheu a parte boa*: ficar sentada, em repouso e escutando, enquanto sua irmã andava de um lado para o outro, se cansando e pensando em muitas coisas.

04 – A parte de Maria não lhe é tirada e a de Marta não fica sem recompensa.

O Senhor mostra, no entanto, o que tornava melhor a parte de Maria. Depois de haver dito: *Maria escolheu a parte boa*, ele logo acrescenta, como que para responder ao nosso desejo de saber a razão disso: *que não será lhe tirada*.

O que ver aí, meus irmãos? Se a razão pela qual a parte de Maria é preferível é porque essa parte não lhe será tirada, conclui-se, seguramente, que a parte escolhida por

Marta não será conservada para sempre. Sim, todo aquele que fornece aos santos o que é necessário à vida corpórea, não fará isso para sempre. Não é para sempre que ele exercerá esta função.

Por que lhes prestar esses favores, se não é porque eles são fracos? Por que também, se não é por eles são mortais? Por que, se não é porque eles têm fome e sede?

Mas, o que eles sentirão, *quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade*[1343]?

Que serviço prestar à necessidade, quando não haverá mais necessidade? Então, não haverá mais trabalho e sim a recompensa.

Para que dar de comer, se não haverá mais fome? De beber, quando ninguém terá mais sede? A quem oferecer hospedagem, se não haverá mais estrangeiro?

Foi para poder recompensar a prática da caridade que o Senhor condescendeu se deixar na necessidade com seus apóstolos. Se ele teve fome e sede, não foi por necessidade, foi por bondade. Foi bom que o criador de todas as coisas tivesse necessidades, pois isto foi um meio de fazer feliz quem o socorreu.

Além disso, quando o Salvador foi socorrido assim, o que lhe foi dado? Quem lhe deu? De onde tirou para lhe dar? A quem foi dado?

O que foi dado? Pão ao próprio Pão.

Quem lhe deu? Quem queria receber dele muito mais.

De onde foi tirado para lhe dar? Foi dado o que lhe pertencia?

Mas, o que possuía quem deu, que não tinha sido recebido?

Por fim, a quem foi dado? Não foi Àquele que tinha criado tudo ao mesmo tempo: o que lhe foi dado e aquele que deu?

Que nobre ação! Que função magnífica! Que favor imenso!

No entanto, *Maria escolheu a parte boa, que não será lhe tirada*. A parte de Marta passa, mas, repito, sua recompensa não passa.

05 – De que forma não passa a parte de Maria.

A parte de Maria não passa; veja como. De onde vinha, digam-me, a alegria de Maria ao ouvir? O que ela comia? O que ela bebia? Vocês sabem o que ela comia e o que ela bebia?

Perguntemos ao próprio Senhor. Perguntemos a ele qual o banquete que ele preparou para seus amigos.

Ele diz: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!*[1344]

Foi desta fonte, foi deste celeiro que Maria tirou algumas migalhas que comeu com avidez aos pés do Senhor. O Senhor lhe deu o quanto ela podia absorver, mas nem seus discípulos, nem mesmo seus apóstolos eram então capazes de receber o tanto que ele dará um dia no banquete celeste.

Assim, ele lhes disse: *Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora*[1345].

Eu perguntei de onde vinha a felicidade de Maria; o que ela comia, o que ela bebia em seu coração, com uma avidez tão grande.

Era a justiça, era a verdade. A verdade fazia sua delícia. Ela escutava a verdade. Ela aspirava à verdade e suspirava por ela. Ela tinha fome dela e ela a comia; ela tinha sede dela e a bebia. Ela se saciava assim sem nada retirar do que lhe era servido de alimento.

Quais eram as delícias de Maria? O que ela comia? Eu me detenho nesta ideia porque ela faz minhas próprias delícias.

Eu ouso então declarar que ela comia então Aquele que ela ouvia. Ela comia a Verdade, pois Ele não disse: *Eu sou a verdade*[1346]?

O que dizer mais? Ele se deixava comer como um pão, pois, ele disse: *Eu sou o pão que desceu do céu*[1347].

Aí está! Aí está o pão que alimenta sem se esgotar.

06 – O desfrute da luz da verdade.

Peço às suas caridades que fiquem bem atentos agora.

Servir os santos, preparar-lhes do que comer, oferecer-lhes do que beber, por-lhes a mesa, preparar-lhes uma cama, lavar-lhes os pés e recebê-los em sua casa, tudo isso, dissemos, deve passar. Mas, quem ousaria dizer que, se agora vivemos da verdade, não viveremos mais dela quando chegarmos à imortalidade?

Não é verdade que agora só podemos recolher migalhas dela e que então estaremos sentados à mesa do próprio Deus?

Foi desses alimentos que falou o Senhor, quando elogiou a fé do centurião, dizendo: *Em verdade vos digo: não encontrei semelhante fé em ninguém de Israel. Por isso, eu vos declaro que multidões virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino dos Céus com Abraão, Isaac e Jacó*[1348].

Longe de nós o pensamento de comparar esses alimentos celestes com aqueles mencionados nesta passagem do Apóstolo: *Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos: Deus destruirá tanto aqueles como este*[1349].

Ele destruirá? É que não se sentirá mais fome e o alimento que se ingerir então durará para sempre. Esta é a recompensa que ele promete dar aos santos em seu reino. Ele diz: *Em verdade vos digo: cingir-se-á, fá-los-á sentar à mesa e passará servindo-os*[1350].

O que significa: *fá-los-á sentar à mesa*, se não é: ele os fará repousar, repousar completamente?

O que significa também: *passará servindo-os*? Que ele os servirá, depois de ter passado aqui, pois Cristo passou aqui e teremos que nos juntar a ele na morada de onde ele não passa mais.

A palavra *páscoa* em hebraico significa *passagem*. A isto fez alusão o Salvador __ ou melhor, seu Evangelista __

quando disse: *Chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai*[1351].

Se desde agora o Senhor nos serve __ e com que alimento! __ o que não devemos esperar então? A parte escolhida por Maria deve crescer então e não passar.

Quando o coração humano desfruta da luz da verdade, da abundância, da sabedoria; quando, sobretudo, esse coração humano é um coração fiel e santo; com que delícias comparar o que ele sente?

De nenhuma outra satisfação se poderia dizer que este é menor. Seria como deixar acreditar que, ao aumentar, ela poderá se igualar com as divinas delícias.

Não se trata então aqui de um grau menor. Não há uma comparação a fazer. As alegrias são de naturezas muito diferentes.

Por que, neste momento, vocês estão tão atentos, tão concentrados? Por que esta emoção e este prazer quando vocês vislumbram a verdade? O que vocês veem então? O que vocês percebem? Que cor brilhante impressionou os olhos de vocês? Que forma, que figura passou diante de vocês? Qual era sua grandeza? Como eram seus membros? Como era sua beleza física?

Não era nada disso. No entanto, vocês amaram. Vocês teriam aplaudido, se não tivessem amado? Vocês amariam, se não tivessem visto nada?

Sim, sem que eu mostre formas físicas, nem cores, nem contornos, nem movimentos cadenciados, sem que eu

mostre para vocês nada disso, vocês veem, vocês amam, vocês aplaudem.

Ah! Se neste momento a verdade tem tantos encantos, como não terá então?

Maria escolheu a parte boa, que não será lhe tirada.

07 – Devemos colocar em prática a palavra, tanto interna quanto externamente.

Na medida em que pude e que o Senhor condescendeu me dar esta graça, eu mostrei à doce caridade de vocês o quanto vocês estão mais seguros permanecendo de pé para escutar do que nós ao pregar. Vocês não fazem hoje o que todos faremos mais tarde? Na pátria celeste, de fato, não haverá mais ninguém para levar a palavra; o Verbo se levará ele mesmo.

Ma hoje, o dever de vocês é praticar e o nosso de estimular vocês a isto, já que vocês são ouvintes e nós pregadores. No entanto, somos todos ouvintes; ouvintes na parte secreta de nós mesmos onde nenhum olhar humano penetra; ouvintes no coração, no intelecto onde nos fala Aquele que nos leva a aplaudir, pois eu só faço som exterior com palavras, mas é Deus quem impulsiona a alma de vocês e é lá que devemos todos escutar.

Mas devemos todos também praticar, exterior e interiormente, na presença de Deus.

Por que praticar interiormente? Porque *todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração*[1352].

Podemos, portanto, nos tornarmos culpados deste crime sem que ninguém mais o perceba. Mas não se fica sem que Deus o castigue.

Quem é então aquele que pratica interiormente? Aquele que não olha para cobiçar.

E quem é aquele que pratica exteriormente? É aquele que reparte *seu alimento com o esfaimado, dá abrigo aos infelizes sem asilo, veste os maltrapilhos, em lugar de desviar-se de seu semelhante*[1353].

O próximo o vê então; no entanto, só Deus conhece a intenção que move você.

Assim, *sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes; isto equivaleria a vos enganardes a vós mesmos*. *Enganardes a vós mesmos*, não a Deus. Nem eu e nem nenhum outro pregador conseguimos ler em seus corações. Não podemos julgar o que vocês fazem pelo que está em seus pensamentos. Mas, se o ser humano não pode ver isto, Deus pode e o coração humano não pode ter para ele recantos escondidos. Ele vê com que intenção vocês escutam, o que vocês pensam, o que vocês guardam, o quanto vocês aproveitam das graças dele, com que frequência vocês rezam, como vocês pedem o que não têm e como vocês agradecem pelo que têm. Ele que deve pedir conta de tudo isto a vocês, sabe de tudo isto.

Podemos muito bem desperdiçar as riquezas do Senhor, mas ele virá um dia reclamá-las e ele pode nos dizer: *Servo mau, pelas tuas palavras te julgo. Sabias que sou rigoroso, que tiro o que não depositei e ceifo o que não semeei. Por*

que, pois, não puseste o meu dinheiro num banco? Na minha volta, eu o teria retirado com juros[1354].

08 – Alguns edificam sobre a rocha e outros sobre a areia.

Tomem cuidado então, meus irmãos, para não enganarem a vocês mesmos, pois não é suficiente vir aqui apressadamente ouvir a palavra de Deus. É preciso, sem relaxar, colocar em prática o que vocês ouvem. Se é belo ouvir, não é muito mais belo praticar?

Ao deixarem de escutar, vocês não constroem nada. Escutar sem praticar é se preparar uma derrocada. Aqui está a comparação impressionante que Nosso Senhor Jesus Cristo fez, para explicar esta verdade: *Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a uma pessoa prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa. Ela, porém, não caiu*. Por quê? *Porque estava edificada na rocha*.

Assim, escutar e praticar é construir sobre a rocha, já que escutar é construir.

Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a uma pessoa insensata, prossegue o Senhor. Ela também constrói. O que ela constrói? Ela constrói sua casa. Mas, como ela não pratica o que ouve, ela só faz, ao ouvir, construir *sua casa na areia*.

Desta forma, ouvir sem praticar é construir sobre a areia. Mas, nem mesmo ouvir é não construir nem sobre a rocha e nem sobre a areia.

E o que acontece então? *Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa. Ela caiu e grande foi a sua ruína*[1355].

Que triste espetáculo!

09 – Não escutar é como não construir.

Alguém, sem dúvida, me questionará: "Preciso ouvir o que não vou praticar, já que, ao ouvir sem praticar eu só construirei ruínas? Não é mais seguro não escutar?"

O Senhor não quis, em sua comparação, tocar neste ponto da questão. Ele, no entanto, sugeriu a solução dela. Nesta vida, de fato, a chuva, os ventos e os rios estão sempre em movimento. Oras! Não é para não ser derrubado por eles que você constrói sobre a rocha? Não é para que eles não derrubem sua casa em seu curso que você não a constrói sobre a areia?

Ao não ouvir, então, você quer ficar sem abrigo. Vem a chuva, vem o vento e você corre menos perigo de ser levado se estiver totalmente desabrigado? Que sorte você não se prepara desta forma?

Não! Desengane-se! Ao não ouvir, você não se coloca em segurança. Sem abrigo e sem roupas, você será inevitavelmente abatido, levado e afundado.

Ora! Se é um mal construir sobre a areia, também é um mal não construir nada. Só se faz bem construindo sobre a

rocha.

Sim, é um mal não escutar e é um mal também escutar sem praticar. Só se deve então escutar e praticar.

Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes; isto equivaleria a vos enganardes a vós mesmos.

10 – O ouvinte imprudente não deve usar as falhas do pregador como pretexto.

Não é de se temer que, ao estimular vocês assim, eu não os faça cair no desespero, invés de encorajá-los com minhas palavras?

Talvez, de fato, nesta assembleia tão numerosa, um ou dois ou muitos digam: “Eu gostaria de saber se aquele que nos fala assim pratica ele mesmo o que ouve ou o que diz aos outros”.

Eu lhes diria o seguinte: *A mim pouco se me dá ser julgado por vós ou por tribunal humano, pois nem eu julgo a mim mesmo*[1356].

Sem dúvida que posso saber, em parte, o que sou hoje, mas ignoro o que serei amanhã. Quanto a você que se preocupa assim comigo, fique tranquilo com relação a isto. Deus assim o quer. Se eu faço o que digo ou o que eu ouço, *vos conjuro a que sejais meus imitadores, assim como eu imito Cristo*[1357].

Mas, se, pelo contrário, eu prego sem praticar, escute esta recomendação do Salvador: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*[1358].

Concluamos dizendo que, se você me louva por ter uma boa ideia de mim ou me acusa por pensar mal de mim, não se justifique com isto.

Como você se justificaria lançando uma acusação contra um pregador indigno da verdade que anuncia a você a palavra de Deus e que vive mal, já que seu Senhor, seu Redentor, Aquele que derramou seu sangue para resgatar você, para alistar você sob suas bandeiras e fazer de você, seu servo, seu próprio irmão, proíbe você de desprezar e clama para você: *Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, pois dizem e não fazem*?

Eles dizem bem, mas fazem mal. Quanto a você, escute bem e evite fazer mal.

Você objetará: "Como uma pessoa má pode me ensinar a ser bom? *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos?*[1359]"

Sermão 180 - O juramento.

Antes de mais nada, meus irmãos, abstende-vos de jurar. Não jureis nem pelo céu nem pela terra, nem empregueis qualquer outra fórmula de juramento. Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento[1360].

Análise

Há duas questões sobre este tema sério que o santo doutor ainda não tinha ousado tratar.

1) Por que o juramento é proibido por São Tiago e por Nosso Senhor? Primeiro porque o juramento expõe a

pessoa ao perjúrio. Depois, o perjúrio é um crime enorme que provoca a morte da alma.

2) O que é preciso fazer para se curar do hábito de jurar? Primeiro é preciso, acima de tudo, se aplicar a isto com todas as forças, diz São Tiago e é possível vencer este hábito, como prova Santo Agostinho.

Depois, deve-se se abster de pedir que se jure, a menos, bem entendido, em caso de necessidade especial e extraordinária. Além disso, não se deve jurar nem pelos falsos deuses, pois isto seria um escândalo. Por fim, basta, para se livrar deste mau costume, resistir a ele durante três dias.

01 – Advertência para se evitar o juramento.

A primeira lição, do apóstolo São Tiago, que nos foi lida hoje, pede para ser examinada. Isto é, por assim dizer, uma obrigação que nos é imposta.

O que mais nos chama a atenção nela é que, acima de tudo, não devemos jurar. Mas esta é uma questão difícil de tratar, pois, se é realmente proibido jurar, quem não é culpado disto?

Que o perjúrio seja um pecado e um grande pecado, ninguém duvida. Mas, na passagem que estudamos, o Apóstolo não diz: “Antes de mais nada, meus irmãos, abstende-vos de perjurar”, mas sim: *Antes de mais nada, meus irmãos, abstende-vos de jurar*.

Já Nosso Senhor Jesus Cristo tinha feito também no Evangelho uma recomendação semelhante. Ele disse: *Ouvistes ainda o que foi dito aos antigos: “Não jurarás*

falso", mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum, nem pelo céu, por que é o trono de Deus; nem pela terra, por que é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, por que é a cidade do grande Rei. Nem jurarás pela tua cabeça, por que não podes fazer um cabelo tornar-se branco ou negro. Dizei somente sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno[1361].

O texto citado antes, do Apóstolo, está tão de acordo com esta advertência do Senhor, que é, evidentemente a mesma ordem dada por Deus. Assim, a recomendação evangélica não é diferente do que foi dito pelo Apóstolo: *Antes de mais nada, meus irmãos, abstende-vos de jurar. Não jureis nem pelo céu nem pela terra, nem empregueis qualquer outra fórmula de juramento. Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não*.

De diferente aqui são somente estas palavras: *Antes de mais nada*, acrescentadas pelo Apóstolo. O que impressionou vocês tão vivamente é também o que aumenta a dificuldade da questão.

02 – De quantas maneiras se pode perjurar.

É certo que, de fato, os santos juraram e que Deus mesmo, em quem não se encontra pecado algum, jurou primeiro. *O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec*[1362].

Assim, ele prometeu com um juramento, ao seu filho, a eternidade do sacerdócio.

Nós lemos também: *Juro por mim mesmo, diz o Senhor*[1363]. E ainda: *Dir-lhes-ás: juro por mim mesmo, diz o Senhor*[1364].

Da mesma forma então que o ser humano jura por Deus, Deus jura por ele mesmo. Não se pode concluir então que não é pecado jurar? Como afirmar que é um pecado, se Deus jura? Isto não seria uma terrível blasfêmia? Deus é sem pecado e ele jura; então não é crime jurar, mas sim, perjurar.

Talvez se pudesse responder que, quando de trata de juramento, não se pode tomar como modelo o Senhor Nosso Deus, pois, já que ele é Deus, ele não pode perjurar e, portanto, só a ele é permitido jurar.

Quando as pessoas fazem um falso juramento? Quando elas se enganam ou são enganadas. De fato, pode-se acreditar que algo falso seja verdadeiro e se jurar imprudentemente. Ou então, vemos ou suspeitamos pelo menos da falsidade de alguma coisa e afirmamos com um juramento que ela é verdadeira. Neste caso, o juramento é então um crime.

Entre estes dois falsos juramentos há então uma diferença. Vejamos primeiro a pessoa que acredita ser verdadeiro o que ela afirma. Ela acredita que seja verdadeira, mas a coisa é falsa.

Esta pessoa não comete um perjúrio voluntário. Ela está enganada, ao tomar como verdadeiro o que é falso. Ela não faz voluntariamente um falso juramento.

Vejamos depois aquela que sabe da falsidade da coisa, mas que sustenta que ela é verdadeira. Sim, ela afirma com um juramento o que sabe que é falso. Não se trata então de um monstro execrável que é preciso banir da sociedade humana?

Quem gosta de uma conduta assim? Quem não a abomina?

Podemos fazer uma terceira suposição. Uma pessoa acredita que uma coisa seja falsa, mas afirma que ela é verdadeira e acaba que se descobre que ela é mesmo verdadeira.

Assim, por exemplo e para maior clareza, você pergunta a essa pessoa: “Choveu naquele lugar?” A pessoa acredita que não choveu, mas tem interesse em dizer que choveu. Embora ela pense o contrário, quando lhe perguntam: “Choveu mesmo lá?”, ela responde: “Sim” e jura por isto. É verdade que choveu mesmo lá, mas ela ignora isto e acredita no contrário.

Isto então é perjúrio, já que a intenção influencia no caráter da palavra! A língua não é culpada se a alma não for culpada primeiro!

Quem, infelizmente, não se engana, mesmo procurando não se enganar? Quem é a pessoa que é sempre incapaz de errar?

No entanto, não se deixa de jurar, os juramentos se multiplicam e eles são, geralmente, em maior número do que as simples palavras.

Ah! Se fôssemos examinar quantas vezes se jura em um dia, quantas vezes se fere, quantas vezes se atinge e se perfura com o dardo da própria língua, quantas partes de nós mesmos estaria isenta de feridas?

Assim, como o perjúrio é um crime enorme, as Escrituras nos indicaram o melhor caminho para escaparmos dele: não jurar.

03 – O perigo do perjúrio no juramento.

O que direi mais, meus amigo? Que jure segundo a verdade?

Sem dúvida que, ao jurar segundo a verdade, você não peca. Não. Mas, você é um ser humano, vive no meio de tentações e está envolvido pela carne. Você é pó pisando pó, enquanto este *corpo corruptível torna pesada a alma e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados*[1365].

Ora, no meio de tantos pensamentos incertos e frívolos, no meio de tantas conjecturas e humanas perfídias, como não ser seduzido pelo que é falso, no próprio território da falsidade?

Você quer então se afastar do perjúrio? Então não jure!

Algumas vezes pode-se, ao jurar, jurar segundo a verdade. Mas, é impossível, sem jurar, afirmar uma mentira com um juramento.

Deus pode jurar, já que ele jura sem perigo algum, pois nada o engana e ele não ignora nada e, sendo incapaz de ser enganado, ele não consegue também enganar ninguém. Quando ele jura, ele toma a ele mesmo como testemunha.

Da mesma forma como você, ao jurar, invoca o testemunho dele, quando ele jura, ele invoca a ele mesmo. Mas você, ao tomá-lo como testemunha, para talvez atestar uma mentira, você invoca em vão o nome do Senhor seu Deus[1366].

Então, para não perjurar, não jure. O perjúrio é um precipício em que o juramento é como que a borda. Conclui-se então que, ao jurar nos aproximamos desse precipício e nos afastamos dele ao não jurarmos.

Peca-se e peca-se gravemente ao jurar em falso. Não se peca ao jurar verdadeiramente, mas não se peca também ao não jurar de maneira alguma. No entanto, ao não se pecar ao não jurar, fica-se afastado do pecado, enquanto que nos aproximamos dele, mesmo jurando verdadeiramente.

Suponha que você caminhe por uma estrada em que você tem, à sua direita, uma planície imensa e sem obstáculos e, à sua esquerda, um abismo. De que lado você prefere ficar? Na borda ou longe do abismo?

Sem dúvida que você se afastará do abismo. Da mesma forma, ao jurarmos, caminhamos na borda do precipício e estamos tão expostos a ele quanto, humanos que somos, não temos os pés muito firmes. Se você vier a tropeçar ou escorregar, você cai no abismo. E, para encontrar o que lá? O castigo reservado aos perjuros.

Você só queria jurar segundo a verdade, mas, escute o conselho de Deus e não jure de forma alguma.

04 – Jurar verdadeiramente é lícito, mas não jurar é mais seguro.

No entanto, se o juramento fosse um pecado, a antiga Lei não diria: *Não jurareis falso em meu nome, porque profanaríeis o nome de vosso Deus*[1367]. Seria nos ordenado aqui um pecado?

Mas, Deus disse a você: “Se você jurar, ou seja, se jurar pela verdade, eu não o condenarei”.

Então, serei condenado se não jurar?

Prossegue Deus: “Há dois casos em que não o condenarei jamais: jurar verdadeiramente e não jurar. Mas, eu reprovo o falso testemunho”.

O falso juramento é desastroso e o juramento verdadeiro é perigoso. O mais seguro é não jurar jamais.

Eu sabia que esta questão é difícil e eu admiti, perante suas caridades, que sempre evitei tratar dela. Mas, como neste domingo ela foi lida como tema do sermão que devo pregar para vocês, eu acreditei que o próprio céu me inspiraria para me dirigir a vocês.

Se então Deus quer que eu fale com vocês sobre isto, ele quer também que vocês me escutem sobre este ponto. Eu peço a vocês que não desprezem este tema, que controlem a mobilidade de seus pensamentos e que retenham a atividades de suas línguas.

Não, não é sem razão que, depois de ter procurado sempre evitar esta questão, eu me sinto hoje obrigado a abordá-la e ocupar suas caridades com ela.

05 – O juramento do Apóstolo.

O que deve convencer vocês também de que o juramento conforme com a verdade não é um pecado é que o próprio apóstolo Paulo seguramente jurou.

Cada dia, irmãos, expondo-me à morte, tão certo como vós sois a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor[1368].

As palavras: *tão certo como vós sois a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor* são um tipo de juramento.

As palavras: *Expondo-me à morte, tão certo como vós sois a minha glória* não significam que é a glória que o expõe à morte.

É comum se dizer: "Fulano morreu pelo veneno", "Ele morreu pela espada", "Ele morreu por causa de um animal", "Ele foi morto por seu inimigo". Ou seja: alguém morreu por causa de um veneno, sob os golpes de uma espada, sob os golpes de seu inimigo, por meio da espada, do veneno ou por qualquer outro meio.

Não foi neste sentido que o Apóstolo clamou: *Expondo-me à morte, tão certo como vós sois a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor*.

O texto grego não permite nenhum equívoco. Basta lê-lo para descobrir nele uma fórmula autêntica de juramento.

En umeteran laukheste, é dito nele. *En ton Teon* é um juramento em grego. Vocês que diariamente ouvem gregos e que sabem grego, estão convencidos disto e sabem que estas expressões significam: "Por Deus!"

Assim, ninguém duvide de que o Apóstolo tenha jurado, ao pronunciar estas palavras: *tão certo como vós sois a*

minha glória. Mas, não se trata de uma glória humana. Ele logo acrescenta: *em Jesus Cristo nosso Senhor*.

Em outra passagem ele faz também um juramento, tão certo quanto formal. Ele diz: *Invoco a Deus por testemunha. Juro por minha vida que foi para vos poupar que não voltei a Corinto*[1369].

Também em outra passagem, escrevendo aos Gálatas, ele diz: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[1370].

06 – As diversas maneiras de jurar.

Esforcem-se, eu peço a vocês e sigam com atenção. Se minhas palavras não convencem vocês o suficiente, atribuam às dificuldades do tema. Vocês se beneficiarão, no entanto, se conseguirem penetrá-las.

O Apóstolo então jurou. Mas não se deixem desviar por essas mentes que, para diferenciar, ou melhor, por não compreenderem as fórmulas de juramento, repetem o que não é para se dizer: “Deus sabe!”, “Deus é testemunha!”, “Eu invoco Deus!”, “Pela minha alma que eu estou dizendo a verdade!”

“Eu invoquei Deus”, eles dizem. Ele foi citado como testemunha; isto é jurar?

Este linguajar prova que eles, ao apelarem pelo testemunho de Deus, só têm em vista mentir.

Mas então, ó coração perverso e depravado, é jurar dizer: “Por Deus!” e não é jurar pronunciar as palavras: “Deus é minha testemunha”?

“Por Deus!” não significa: “Deus é minha testemunha”?

“Deus é minha testemunha” expressa algo diferente de “Por Deus!”?

07 – No que consiste o juramento.

O que quer dizer jurar, se não é fazer justiça a Deus quando se jura por ele, fazer justiça para sua salvação, quando se jura por sua salvação e a seus filhos, quando se jura por eles.

Mas, o que devemos à nossa salvação, aos nossos filhos, a nosso Deus, se não é a verdade e o amor e não a mentira?

Há um juramento verdadeiro sobretudo quando se invoca Deus. Além disso, quando se diz: “Por minha salvação”, ela é colocada nas mãos de Deus, assim como, ao jurar por nossos filhos, eles são entregues a Deus, para que ele faça recair sobre suas cabeças o que se diz: a verdade, se for a verdade que foi dita e a falsidade, se foi ela que foi pronunciada.

Se, ao jurar pelos filhos, pela própria cabeça ou pela salvação, envolve-se Deus em tudo isso, não se faz muito mais quando se ousa, em um perjúrio, invocar o próprio Deus?

Teme-se perjurar em nome de um filho e se ousa perjurar em nome de Deus?

Dizem interiormente: “Eu temo que meu filho morra, se em nome dele eu fizer um falso juramento. Mas Deus não morre. O que se tem que temer por ele, ao jurar em falso por ele?”

Sem dúvida que Deus não perde nada, se você jurar em falso por ele. É você que perde muito, ao tomar Deus por

testemunha para enganar seu irmão.

Suponha que você fez alguma coisa em presença do seu filho e depois diga a um amigo, a um parente ou a qualquer outra pessoa que não fez. Você chega mesmo a colocar a mão na cabeça desse filho que você invoca como testemunha e diz: “Pela salvação dele eu digo que não fiz”.

Todo tremendo sob a mão de seu pai, sem temê-la, no entanto, mas temendo a mão divina, esse filho não clamaria: “Não, não, pai! Não faça tão pouco caso da minha salvação! Você invocou sobre mim o testemunho de Deus. Eu vi que você fez o que você nega. Não cometa um perjúrio! É verdade que você é meu pai, mas eu temo mais o meu Criador e o seu”?

08 – O perjúrio causa a morte da alma.

No entanto, quando você invoca o testemunho de Deus, ele não diz a você: “Eu vi você. Não jure. Você fez”. No entanto, você teme que ele o leve à morte. Mas, é você mesmo que causa sua própria morte antes.

Porque Deus não diz a você: “Eu vi você”, você conclui que se livrou dos olhares dele? Mas, não foi ele que clamou: *Muito tempo guardei o silêncio, permaneci mudo e me contive. Mas agora grito*[1371]?

Aliás, ele não diz frequentemente: “Eu vi você”, quando ele pune o perjúrio?

Mas, é verdade que nem todos os perjúrio são punidos e, por isso, este crime se propaga.

Alguém diz: “Estou seguro que alguém cometeu um falso juramento contra mim e continua vivo”.

Ele cometeu um falso juramento contra você e continua vivo?

“Sim, ele jurou em falso e continua vivo. Seguramente que ele jurou em falso”.

Você está enganado! Ah, se você tivesse olhos para constatar como ele está morto...

Se você compreendesse o que é estar morto e o que é não estar, você saberia que ele está morto realmente.

Lembre-se somente das Escrituras e você se convencerá de que, longe de estar vivo, como você imagina, esse perjuro está morto. Porque seus pés caminham, porque suas mãos tocam, seus olhos veem, seus ouvidos ouvem e seus outros órgãos cumprem suficientemente suas funções, você acredita que essa pessoa está viva.

Mas, é seu corpo somente que está vivo. Quando à sua alma, quanto à melhor parte dela mesma, ela está morta. A casa está viva, mas aquele que mora nela está morto.

“Mas, como a alma está morta, se o corpo está vivo? O corpo estaria vivo, se a alma não lhe comunicasse a vida? Como pode estar morta essa alma que dá vida ao corpo?”, você questiona.

Escute. Aqui está a doutrina.

O corpo humano é obra de Deus e a alma humana igualmente é sua obra. É através da alma que Deus faz o corpo viver e a alma o faz viver não por ela mesma, mas através de Deus. Portanto, a alma é a vida do corpo e Deus é a vida da alma.

O corpo morre, quando a alma o deixa. A alma morre, por sua vez, quando Deus se separa dela.

A alma deixa o corpo se este recebe um golpe de espada e Deus não deixaria a alma, quando ela é ferida pelo perjúrio?

Você quer constatar se o culpado mencionado por você está realmente morto? Leia então esta passagem das Escrituras: *A boca que mente mata a alma*[1372].

Você acreditaria que Deus pune o perjúrio se aquele que vem a enganá-lo com um falso testemunho morresse imediatamente. Mas, se ele morresse diante dos seus olhos, seria seu corpo que teria morrido.

O que isto quer dizer? Neste caso, seria o corpo que rejeitou o sopro que o animava. Expirar, de fato, é rejeitar o sopro que faz viver o corpo. Mas, ao perjurar, ele rejeitou o sopro ou o espírito que dava vida à sua alma. Ele está morto, portanto, mas independente da vontade dele. Ele está morto, mas você não vê isso. Você vê um cadáver estendido sem sua alma, mas você não pode ver uma alma desafortunada privada de seu Deus.

Acredite então. Apele para o olhar da fé. Não, nenhum perjúrio fica impune. Nenhum! Todos trazem seu castigo com ele.

Ele seria punido, sem dúvida, se em sua própria casa um carrasco lhe torturasse o corpo. O carrasco da consciência dele está no fundo do coração dele e então ele vai ser considerado impune?

Mas, o que você diz, no entanto?

“Essa pessoa prestou um falso juramento contra mim e continua viva. Ela está na alegria, nos prazeres. Por que me falar do que é invisível?”

Porque Deus, invocado por essa pessoa, é invisível. Ele jurou por um ser invisível e é atingido por uma pena invisível.

“Mas ela está viva e até mesmo lépida e fagueira no meio dos prazeres”, você insiste.

Se o que você diz é verdade, esses impulsos que a movem são como os vermes que roem sua alma morta. Assim, toda pessoa prudente, cujo alento interior permaneceu puro, se afasta desses perjuros que vivem nas delícias. Ela não quer nem mesmo vê-los ou ouvi-los.

Por que essa aversão, se não é porque a alma morta exala um odor infecto?

09 – Porque é preciso evitar ao máximo o juramento.

Agora, meus irmãos, vamos, em poucas palavras à conclusão deste sermão. Que eu possa colocar em seus corações um cuidado saudável!

Antes de mais nada, meus irmãos, abstenham-se de jurar!

Por que: *antes de mais nada*? É um crime enorme perjurar, mas não é errado jurar verdadeiramente. Por que então dizer: *Antes de mais nada, abstenham-se de jurar*?

O Apóstolo deveria ter dito: “Antes de mais nada, abstenham-se de perjurar” e não *Antes de mais nada, meus irmãos, abstenham-se de jurar*, como ele disse.

É um mal maior jurar do que roubar; jurar do que ser adúltero?

Eu não falo jurar em falso, mas simplesmente jurar.

Ora, é um mal maior jurar do que matar uma pessoa? Esta é uma ideia muito preocupante!

É pecado matar, cometer adultério, roubar. Não é pecado jurar, mas sim jurar em falso. Por que então: *Antes de mais nada*?

É para nos manter vigilantes contra nossa língua!

Antes de mais nada significa: estejam particularmente atentos, vigiem com cuidado para não contrair o hábito de jurar.

Você deve estar, de certa maneira, em sentinela contra você mesmo. *Antes de mais nada*, aqui está você, para se observar, suspenso acima de tudo.

O Apóstolo sabe o quanto você jura. “Por Deus, por Cristo, eu o mato!” Quantas vezes você fala assim em um dia, em uma hora! Quase que você só abre a boca para este tipo de juramento. E você não quer que lhe digam: *Antes de mais nada*, para que você fique totalmente atento contra este mau hábito? Para levar você a pensar em tudo o que diz respeito a você? Para colocar você seriamente vigilante contra todos os movimentos da sua língua? Para mantê-lo acordado e fazê-lo reprimir este hábito detestável?

Preste então bastante atenção a estas palavras: *Antes de mais nada*. Você estava dormindo e eu bato em você dizendo: *Antes de mais nada*. Eu bato em você com espinhos.

E para o que eu convido você, ao dizer: *Antes de mais nada*? A despertar*, antes de mais nada* e a ficar, *antes de mais nada*, totalmente atento.

10 – Em que condição o juramento deve ser usado.

Infelizmente, nós também juramos, algumas vezes! Tínhamos também este hábito hediondo e mortal. Mas, eu declaro perante suas caridades que, depois que nos colocamos a serviço de Deus e compreendemos a enormidade do perjúrio, nos sentimos tomados pelo medo e esse medo profundo nos ajudou a reprimir este hábito fatal. Uma vez reprimido, ele perde sua força, enfraquece e depois expira, para ser substituído por outro bom.

No entanto, não queremos dizer que nunca juramos. Isto seria mentir. Por minha própria conta, eu juro, mas somente, creio, quando sou obrigado por uma necessidade séria.

Isto acontece quando percebo que não acreditam em mim e se perde muito em não acreditar. Esta é uma razão que eu peso, uma circunstância que examino com cuidado. Depois, penetrado por um medo profundo, eu digo: “Diante de Deus” ou “Deus é minha testemunha” ou também: “Cristo sabe que falo sinceramente”.

Percebo que isto tem mais peso do que dizer: *Sim, se é sim; não, se é não* e que este peso maior vem do mal. Mas este mal não vem daquele que jura e sim daquele que não acredita.

Assim, o Senhor não diz que aquele que acrescenta o peso é culpado. Ele não diz: "*Dizei somente sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto* **é** um mal". O que ele diz é: *Dizei somente sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto* ***vem*** *do Maligno*[1373].

Cabe a você procurar saber: se vem do Maligno, vem através de quem?

Infelizmente, não é este o caso dos costumes detestáveis das pessoas. Se acreditam em você, você jura; não exigem seu juramento, mas você jura. Você faz isto até mesmo diante de pessoas que têm horror a este hábito. Se você não deixa de jurar, você não é culpado de algum perjúrio?

Vocês acham então, meus irmãos, que se o apóstolo Paulo soubesse que os Gálatas tinham acreditado em suas palavras, ele lhes teria dito com um juramento: *Isto que vos escrevo - Deus me é testemunha - não o estou inventando*[1374]?

Mas, se ele via entre eles alguns que acreditavam, ele via também outros que não acreditavam.

Você também, então, não deixe de jurar, quando for necessário. O juramento vem do Maligno, sem dúvida, mas através de quem o exige, pois ele é para você um meio indispensável, seja para se justificar, seja para cumprir outro dever indispensável.

Não se esqueça também de que é muito diferente ser obrigado a jurar e jurar espontaneamente. Diferente

também é jurar perante alguém que não acredita em você e jurar levianamente perante alguém que acredita em você.

11 – O pecado quando se exige um juramento.

Reprima então com todas as suas forças a sua língua e este mau hábito. Não imite aquelas pessoas que dizem para você, quando você fala com elas: “O que você diz é verdade?”; “Eu não acredito em nada disso!”; “Você fez isto?!”; “Eu não acredito!”; “Que Deus seja o juiz!”; “Jure!”

Além disso, quando se exige assim um juramento, há também uma enorme diferença entre saber ou não saber se aquele que jurar fará um falso juramento. Se isto for ignorado e por acreditar nessa pessoa se diz a ela: “Jure!”, eu não digo que haja pecado nisto, mas certamente isto é uma oportunidade para o pecado.

Se, pelo contrário, se está seguro de que alguém fez o que ele nega, se ele foi visto fazendo o que nega e se o obriga a jurar, comete-se um homicídio. Como já dissemos, o perjúrio provoca a morte da alma daquele que o pratica, mas aquele que coage alguém a perjurar segura a mão dessa pessoa e a volta contra ela mesma.

E se acontecer de um ladrão consumado ser convidado por alguém que ignora se ele é culpado, a jurar que não roubou, que ele não cometeu o crime de que o acusam?

Se ele responder: “Um cristão não pode jurar. Não é permitido a ele jurar, quando lhe pedem. Eu sou cristão e não posso então jurar”, use de astúcia com ele. Mude de assunto. Pare de falar do caso sobre o qual ele está sendo interrogado. Fale de diferentes amenidades e você o

surpreenderá jurando milhares de vezes. Ele, que tinha se recusado jurar uma só vez.

Ah, meus irmãos! Este costume horroroso de jurar sem motivo, sem que ninguém exija, sem que ninguém coloque em dúvida suas palavras, de jurar diariamente e tão frequentemente o dia inteiro; extirpe-o do meio de vocês! Que ele não seja encontrado jamais na língua e nem nos lábios de vocês!

12 – É preciso resistir tenazmente ao hábito de jurar.

“Mas, é um costume”, dizem. É um costume, mas, até quando?

Não foi por isso que o Apóstolo disse: *Antes de mais nada*?

O que quer dizer: *Antes de mais nada*? Precavenha-se acima de todas as coisas. Empenhe-se neste dever mais do que aos outros.

Um hábito inveterado exige mais esforços do que um hábito leve. Se fosse o caso de trabalhos manuais, seria bem fácil dizer para suas mãos não agirem. Se fosse preciso caminhar, você poderia facilmente, apesar das reclamações da preguiça, se determinar a se levantar e a se por na estrada.

Mas a língua tem um movimento muito fácil! Em um ambiente muito úmido, ela desliza muito facilmente!

Assim, quanto mais fáceis e rápidos os movimentos, mais você precisa se mostrar firme. Para domar a língua é

preciso estar vigilante. Para estar vigilante é preciso temer. Para temer, você precisa pensar que é um cristão.

O perjúrio é um mal tão grande, que até mesmo aqueles que adoram pedras têm medo de jurar em falso perante elas. Mas, você, você não teme o Deus que está presente em toda parte? O Deus vivo que tudo sabe, que vive eternamente e que se vinga daqueles que o desprezam?

O idólatra, quando fecha seu templo, ele deixa lá a pedra que ele adora e vai para casa. Ele então trancou o deus dele. No entanto, quando lhe dizem: “Jure por Júpiter!”, ele teme o olhar de Júpiter como se ele estivesse presente.

13 – Jurar pelos ídolos é uma falsidade e um perjúrio.

Mas, eu declaro perante suas caridades: invocar mesmo uma pedra para um falso testemunho é cometer perjúrio.

Por que esta observação?

Porque muitos aqui estão na ilusão, acreditando que jurar pelo que não é nada não é ser culpado de perjúrio. Não é perjúrio jurar em falso pelo que você acredita ser santo?

“Sim, mas eu não acredito na santidade dessa pedra”.

Mas aquele para quem você jura acredita. Quando você jura, não é por você e nem pela pedra, mas pelo seu próximo. É, portanto, a uma pessoa que você faz um juramento perante essa pedra. Mas, Deus não está presente? Se a pedra não ouve você falar com ela, Deus pune você por querer enganar alguém.

14 – Como se elimina o hábito de jurar.

Antes de mais nada, então, meus irmãos, eu insisto com vocês que não seja inutilmente que Deus tenha me pressionado para falar com vocês sobre este tema. Eu novamente confesso diante dele que muitas vezes evitei abordar esta questão. Eu temia tornar ainda mais culpados aqueles que não seguissem minhas advertências e nem as ordens de Deus.

Hoje, pelo contrário, eu temi muito mais resistir à obrigação de falar. Quase como se fosse, na realidade, um fruto pequeno deste meu esforço, se todos aqueles que me aplaudiram clamassem ao mesmo tempo contra eles mesmos e se empenhassem em não se arruinarem jurando em falso.

Se as pessoas que prestaram a mais perfeita atenção a mim se mostrarem daqui por diante atentas a elas mesmas; se elas pregarem para elas mesmas, uma vez de volta às suas casas e quando, inadvertidamente, elas se deixarem levar por uma das palavras que elas usam comumente; se elas repetirem umas às outras: “Foi isto o que ouvimos hoje!”; aí está o meu dever cumprido!

Que não se recaia neste mau hábito nos instantes após este sermão; que não se recaia nele hoje; eu falo por experiência própria: amanhã não se recairá nele tão facilmente.

Que não se recaia amanhã e se terá menos dificuldade em se manter vigilante, já que se será ajudado pelo esforço da véspera.

Três dias bastam para se curar desta doença maligna.

Oh, como ficaremos felizes com este resultado que vocês obterão, pois vocês estarão se propiciando um bem imenso ao se livrarem desse mal tão grande!

Sermão 181 - Ninguém neste mundo é sem pecado.

Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade[1375].

Análise

O apóstolo São João diz, em termos formais, que, se acreditar sem pecado é enganar a si mesmo. Os pelagianos, no entanto, pretendem ser sem pecados e se apoiam no texto de São Paulo onde está dito que Cristo quis construir uma Igreja sem máculas e sem rugas.

Mas, 1) eles não confessam frequentemente que são pecadores? Se eles então não acreditam no que dizem, isto não é uma prova de que são pecadores?

2) A Oração do Senhor nos obriga a pedir perdão por nossas faltas. Ela nos obrigaria a isto se não tivéssemos faltas?

3) Se está dito que Cristo quis formar uma Igreja que fosse sem máculas e sem rugas, este era realmente seu objetivo. Ele pretende que essa Igreja empregue neste mundo os meios de santificação que ele lhe outorgou,

sobretudo a confissão dos pecados, a prudência no comportamento, o perdão aos inimigos e a prece fervorosa. É desta maneira que ela seguramente conseguirá ser, no céu, sem máculas e sem rugas.

01 – Ninguém vive sem pecado neste mundo.

O bem-aventurado apóstolo João, cujos escritos são tão salutares quanto verdadeiros, diz, entre outras coisas: *Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade*.

Estas palavras do bem-aventurado João __ ou melhor, de Nosso Senhor Jesus, que falava através de sua boca __ nos ensinam que, nesta carne, neste corpo corruptível, que nesta terra, no meio deste mundo perverso e nesta vida cheia de tentações, ninguém é isento de pecado.

O pensamento é absoluto e não exige explicação. Ele diz: *Se dizemos que não temos pecado*.

Então, quem é isento dele? “Nem mesmo a criança que só tem um dia nesta terra”[1376], diz a Escritura.

Essa criança, é verdade, não cometeu ela mesma nenhum pecado, mas herdou de seus pais. Donde se segue que ninguém pode pretender ter sido, em algum momento, isento de pecado.

Além disso, a alma fiel entrou com fé no banho regenerador e todas as suas faltas lhe foram perdoadas. Agora então ela vive na graça e na fé, tornando-se assim um

dos membros de Cristo e o templo de Deus. Mas, mesmo sendo membro de Cristo e templo de Deus, se ela pretende ser sem pecado, ela se ilude e a verdade não está com ela. Sim, ela mente, se ela ousa dizer: “Sou justa”.

02 – Há quem diga que existem justos isentos de pecado.

No entanto, há odres inflados, pessoas cheias de orgulho, que não possuem grandeza real, mas que se incham e se inflam miseravelmente a ponto de ousarem dizer que existem pessoas sem pecado e que nesta vida existem justos que não possuem absolutamente nenhum pecado. Essas pessoas são os heréticos chamados pelagianos ou celestianos.

Quando os questionamos: “O que vocês afirmam? Existe uma só pessoa que viva aqui sem pecado, que não comete absolutamente nenhum, nem de ação, nem de palavras e nem de pensamentos?”, eles, com o orgulho ventoso que os preenche, logo respondem que sim.

Seria melhor, no entanto, que eles acabassem com este espírito de orgulho, que eles o rejeitassem inteiramente, para manterem silêncio. Em outros termos: que fossem humildes, invés de soberbos como são.

Eles replicam então: “Não. Essas pessoas santas e fiéis a Deus não podem ser culpadas de nenhum pecado, absolutamente, nem de ação, nem de palavra e nem mesmo de pensamento”.

Questionemos então: “Mas, quem são essas pessoas justas isentas de qualquer pecado?”

“A Igreja inteira”, eles dizem.

Eu me espantaria se encontrasse um, dois, três, dez, se eu procurasse, como procurou Abraão, pois, de cinquenta, ele desceu até dez[1377]. Mas você, herético, me assegura que a Igreja inteira é justa. Como você prova isto?

“Eu sei!”

Mostre as provas, eu lhe peço, pois você me dará um grande prazer se conseguir me demonstrar que a Igreja inteira, que todos os seus fiéis são isentos de qualquer pecado.

“Aqui estão minhas provas”.

De onde você as tirou?

“Das palavras do Apóstolo”.

O que diz o Apóstolo?

Cristo amou a Igreja e se entregou por ela.

Eu ouço e reconheço estas palavras como sendo mesmo do Apóstolo.

Para santificá-la, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível[1378].

Aí estão grandes estrondos de tempestade ressoando nas nuvens!

O Apóstolo é como uma nuvem no céu e o ruído de suas palavras nos faz tremer.

03 – A refutação através das mesmas palavras.

No entanto, antes de examinar em que sentido o Apóstolo falou assim, diga-nos, sim, digam-nos se vocês são justos ou se vocês não são.

“Nós somos justos”, eles respondem.

Então, vocês são sem pecados? Nem de dia nem de noite; nunca vocês praticaram, disseram ou pensaram nada de mal?

Eles não ousam afirmar isto. Mas, o que eles respondem?

“É verdade que somos pecadores. Mas, nós falamos dos santos e não de nós”.

Mas, vocês são cristãos? Eu não estou perguntando se são justos, mas se são cristãos.

Eles não ousam negar isto.

“Somos cristãos”, eles respondem.

Vocês são então fiéis? Vocês são batizados?

“Sem nenhuma dúvida”.

Então, todos os pecados de vocês foram perdoados?

“Sim”.

Como então vocês continuam pecadores?

Para refutar vocês, este pensamento basta. Vocês são cristãos, são batizados, são fiéis, são membros da Igreja, mas ainda possuem máculas e rugas?

Como explicar então que a Igreja é sem mácula e rugas, se vocês, que fazem parte dela, possuem máculas e rugas?

Se vocês querem então que esta Igreja seja sem mácula e sem rugas, separem-se de seus membros, separem-se do seu corpo, com as máculas e rugas de vocês.

Mas, por que dizer a eles que se separem da Igreja, se eles já fizeram isto? Já que são heréticos, eles estão fora do seu meio. Eles estão separados da Igreja, com suas impurezas.

Ah! Mas voltem e escutem! Escutem e acreditem.

04 – A falsa humildade.

Talvez vocês digam, em seus corações inchados e inflados: “Poderíamos dizer que somos justos? A humildade não nos obrigaria a dizer que somos pecadores?”

Então, é a humildade que faz vocês mentirem? Você é justo e sem pecado, mas, por humildade, se diz pecador. Como aceitar você como uma testemunha fiel para os outros, se você é uma falsa testemunha para você?

Você é justo e sem pecado, mas se diz um pecador. Isto não é ser uma falsa testemunha para você mesmo?

Deus não aceita esta humildade mentirosa. Examine sua vida, abra sua consciência.

Como é? Você é justo mas não pode admitir ao menos que é um pecador?

Escute João; ele vai repetir mais uma vez o que ele acaba de dizer com tanta verdade: *Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós*.

Mas você, você é sem pecado, mas se diz um pecador. A verdade não está então com você.

João, de fato, não diz: “*Se dizemos que não temos pecado, a* **humildade** *não está em nós*”. O que ele diz é: *Se*

*dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a **verdade** não está em nós*.

Então, mentimos, se dizemos ser sem pecado. João temia a mentira. Mas você não a teme, já que, sendo justo, você se diz um pecador?

Como então aceitar você como testemunha em uma causa alheia, quando você mente quando se trata da sua própria causa?

Os próprios santos você representa como culpados, ao fazê-los deporem falsamente contra você. O que você fará para os outros, quando você se difama desta maneira?

Quem poderá escapar das suas calúnias, quando você levanta contra você mesmo acusações mentirosas?

05 – A mentira disfarçada de humildade é um pecado.

Nova questão: você é um justo ou um pecador?

“Pecador”, você responde.

Você mente, pois sua boca não fala o que pensa seu coração. Consequentemente, ao afirmar que não era um pecador, já que mentiu, começou a sê-lo.

Você diz: “É por humildade que dizemos que somos pecadores. Mas Deus sabe que somos justos”.

Você mente, então, por humildade e conclui-se então que, se antes você não era um pecador, sua mentira o tornou um.

A verdade só estará em você se, ao se dizer pecador, você reconhece ser um, já que a própria verdade exige que

você diga o que você é. Como ver a humildade onde reina a falsidade?

06 – Neste mundo é impossível que a Igreja seja sem pecado.

Deixemos, enfim, as palavras de São João. Você diz que a Igreja é sem mácula, sem ruga e nem nada de semelhante e que ela é santa. Mas chega para esta Igreja a hora da prece e toda a Igreja se põe a rezar.

Você não faz parte do seu corpo, mas venha, no entanto, na hora da prece que lhe foi ensinada pelo próprio Senhor.

Venha examinar! Venha e diga: *Pai nosso que estais nos céus*.

Continue!

Santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra como nos céus. O pão nosso de cada dia nos daí hoje.

Não pare!

Perdoai as nossas dívidas.

Diga-me, herético, que dívidas são essas? Você pegou algum dinheiro emprestado ao seu Deus?^

“Não!”

Eu não preciso levar mais longe minhas questões. O próprio Senhor vai nos explicar que dívidas são essas, cujo perdão nós pedimos.

Leiamos o que se segue.

Assim como nós perdoamos os nossos devedores.

Explique-nos, Senhor!

Porque, se perdoardes às pessoas os pecados delas, vosso Pai celeste também perdoará os vossos delitos.

Então, nossas dívidas são nossos pecados.

Ó herético! Que esta prece por fim o reconduza, já que você se mostrou surdo aos verdadeiros ensinamentos da fé.

Perdoai as nossas dívidas. Você diz isto ou não? Se você não diz isto, é em vão que seu corpo está na Igreja, já que, de fato, você está separado dela.

Esta prece é, de fato, a prece da Igreja. Ela é um ensinamento emanado da própria autoridade de Deus, pois foi ele que disse: *Eis como deveis rezar*[1379]. Ele disse isto aos seus discípulos, ele disse isto aos seus apóstolos. Ele disse a nós, fracos cordeiros, ao mesmo tempo em que disse aos carneiros do seu rebanho sagrado.

Pensem então em quem é Aquele que disse isto e a quem ele falou. Foi a própria Verdade que falou aos seus filhos. Foi o Pastor dos pastores que falou aos carneiros do rebanho.

Eis como deveis rezar: "Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores". Este é o Rei se dirigindo aos seus soldados; o Senhor, aos seus servos; Cristo, aos seus Apóstolos; a Verdade, às pessoas; a própria Grandeza, aos pequenos.

Ele diz: "Eu sei o que se passa com vocês. Eu coloco vocês em minha balança e mostro a vocês o resultado. Sim, eu digo a vocês o que se passa com vocês, pois sei muito mais do que vocês mesmos. Rezem então assim: *Perdoai as*

nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores”.

07 – A Igreja inteira pede perdão pelos pecados.

Cabe a você agora, homem justo, santo, sem máculas e sem rugas, responder-me: esta prece da Igreja é para os fiéis ou para os catecúmenos?

Sem dúvida que ela é para os cristãos regenerados, ou seja, para os batizados. Melhor ainda: ela é para os filhos de Deus. Se ela não fosse para os filhos de Deus, com que cara se ousaria dizer: *Pai nosso que estais nos céus*?

Pois bem! Vocês, justos e santos, o que são? Vocês são ou não membros da Igreja? Vocês eram, mas não são mais.

Ah! Deus queira que, no estado infeliz em que vocês se encontram, vocês ouçam nossos argumentos e retornem à fé!

Pensem bem! Se toda a Igreja repete: *Perdoai as nossas dívidas*, conclui-se que, não pronunciar estas palavras é ser reprovado.

É verdade que, nós que repetimos este pedido, também somos reprovados, no sentido de que somos pecadores, até que sejamos ouvidos. Mas, ao fazermos o que vocês não fazem, ou seja, ao confessarmos nossos pecados, nós somos purificados, se, no entanto, praticamos estas outras palavras: *Assim como nós perdoamos nossos devedores*.

O que são vocês então, ó heréticos, sejam pelagianos ou celestianos?

A Igreja inteira clama: *Perdoai as nossas dívidas*. Isto é uma prova de que ela possui máculas e rugas. Mas esta confissão alisa essas rugas e lava essas máculas.

A Igreja se sustenta com a prece e ela se purifica pela confissão que ela faz através dela. E, enquanto ela existir neste mundo, ela se sustentará desta maneira.

Além disso, quando cada fiel tiver deixado seu corpo, Deus lhe perdoará tudo o que ele tiver que perdoar. As preces de cada dia apagam essas dívidas. É por isso que o fiel sai purificado e porque a Igreja entra como um ouro refinado nos tesouros divinos, onde ela é verdadeiramente sem máculas e sem rugas.

Ora, se é lá que ela não tem nem máculas e nem rugas, o que é preciso pedir aqui? O perdão. O perdão apaga a mácula e alisa a ruga.

Onde Deus estende essa ruga para alisá-la? Eu devo dizer?

É sobre a tábua do divino apoio: a cruz de Cristo. Não foi nessa cruz, nessa tábua que ele derramou seu sangue por nós?

Ó fiéis! Vocês sabem que testemunho vocês dão desse sangue, depois de tê-lo recebido, já que respondem: “Amém!” Vocês sabem que sangue foi derramado por vocês, para que vocês obtenham a remissão dos seus pecados.

Aí está como a Igreja elimina suas máculas e suas rugas, como ela se endireita, depois de ter sido purificada na árvore da cruz.

É nesta vida mesma que pode acontecer esta transformação. É neste momento que o Senhor se faz uma Igreja gloriosa, sem máculas e sem rugas. Mas é depois desta vida que ele a faz aparecer em toda sua beleza.

Seu objetivo é, então, apagar em nós as máculas e alisar as rugas. Um grande trabalhador, ele é, ao mesmo tempo, um excelente médico e um artista incomparável. Depois de ter tirado nossas máculas, nos lavando, ele nos estende sobre a madeira sagrada para alisar nossas rugas.

Embora sem máculas e sem rugas, ele mesmo não foi estendido? Mas isto foi por nós e não por ele. Foi, para que nós ficássemos sem máculas e sem rugas.

Ah! Peçamos a ele que termine sua obra! Que nos coloque em seguida em seus celeiros; nos lugares felizes onde não precisaremos mais ser pisoteados!

08 – O remédio para os pecados inevitáveis da vida.

Quanto a você, que levantou a voz; você é mesmo sem máculas e sem rugas? Então, o que você faz na Igreja, já que ela repete sempre: *Perdoai as nossas dívidas*?

Ela confessa que tem dívidas para serem perdoadas. Não confessar não significa não tê-las. Isto é só impedir que o perdão seja dado.

Assim, o que nos cura é a confissão, é a vida prudente, a humildade na vida, é a prece feita com fé, é a contrição do coração, são as lágrimas sinceras que jorram do fundo da alma, para obter o perdão das faltas sem as quais nos é impossível viver.

Sim, a confissão nos cura, como disse o apóstolo João: *Se reconhecemos os nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda iniquidade*.

No entanto, pelo fato de que não podemos viver neste mundo sem pecado, não se segue que devemos nos entregar ao homicídio, ao adultério ou aos outros pecados mortais que matam no primeiro golpe.

Estes crimes são estranhos a todo cristão animado por uma verdadeira fé e uma santa confiança. Ele só comete faltas que podem ser apagadas pela oração de cada dia.

Assim, repitamos diariamente, com humildade e devoção: *Perdoai as nossas dívidas*.

Mas isto só acontecerá se praticarmos ao mesmo tempo o que se segue: *Assim como nós perdoamos nossos devedores*.

Este contrato é sério, é um comprometimento verdadeiro, uma condição estabelecida com Deus.

Ó criatura! Se devem a você, você também deve!

Mas Deus, do qual você se aproxima para lhe pedir o perdão de suas dívidas, não deve nada, mas devem a ele. No entanto, aqui está o que ele diz a você: “Eu não tenho dívidas, mas você tem. Você me deve, de fato e seu irmão deve a você. Você é meu devedor, mas você também tem um devedor. Você é meu devedor por ter pecado contra mim. Seu irmão é seu devedor por tê-lo ofendido. Pois bem! O que você fizer com relação ao seu devedor eu farei com relação a você. Se você o perdoar, eu o perdoo também. Se

você tem algo a receber dele, eu também tenho que ser pago. Se você não perdoá-lo, só fará sua infelicidade”.

Desta forma, que ninguém pretenda ser sem pecado. Mas também evitemos amar o pecado e, pelo contrário, odiemo-lo, meus irmãos! Se não podemos viver completamente sem pecado, não deixemos de odiá-lo.

Evitemos primeiro os pecados graves. Evitemos também, com todas as nossas forças, os pecados leves.

“Mas eu não tenho pecados”, diz não sei quem.

Você está enganando a você mesmo. A verdade não está com você.

Portanto, rezemos com devoção para que Deus nos perdoe. Mas pratiquemos também o que pedimos e perdoemos aqueles que são nossos devedores, para que consigamos nosso perdão.

Ao pedirmos e concedermos diariamente esta graça, nós a conseguimos para nós diariamente.

Incapazes de viver neste mundo sem pecados, com esta prática sairemos dele isentos deles.

Sermão 182 - A crença na encarnação I.

Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo. Nisto se reconhece o Espírito de Deus: todo espírito que proclama que Jesus Cristo se encarnou é de Deus; todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus, mas é o espírito do Anticristo de cuja vinda tendes ouvido e já está agora no mundo[1380].

Análise

Neste sermão e no sermão seguinte, que é como uma segunda parte deste, Santo Agostinho quer demonstrar a verdade da afirmação de São João Evangelista de que todo espírito que acredita verdadeiramente na encarnação vem de Deus e que só estes, realmente, acreditam nela.

Depois de ter mostrado o texto e estabelecido seu sentido, ele conclui então que os maniqueístas não vêm de Deus, já que eles negam abertamente a encarnação de Cristo. Inutilmente eles se apoiam no mesmo texto de São João para tentar provar a realidade das duas naturezas opostas que eles apresentam como sendo os princípios de todas as coisas.

É Evidente que, de acordo com o Apóstolo, é o próprio erro e não o ser humano que não vem de Deus. Isto demonstra, ao mesmo tempo, que a natureza humana não é uma parte de Deus, já que Deus não pode se enganar. Ora, não apenas o ser humano se engana, como ele peca também muito frequentemente por causa de sua fraqueza.

O orador termina anunciando que continuará, no sermão seguinte, o desenvolvimento do mesmo tema.

01 – Não se deve crer em toda e qualquer inspiração.

Durante a leitura do apóstolo São João ouvimos o Espírito Santo nos dizer através de sua boca: *Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus*.

Eu repito porque é necessário repetir e imprimir fortemente, com a graça de Deus, este texto em suas mentes.

Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo.

O Espírito Santo nos proíbe, então, de acreditar em todo e qualquer espírito. Além disso, ele diz o motivo desta proibição.

E que motivo é este? *Porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo*.

Conclui-se então que desprezar esta proibição e ter confiança em todo e qualquer espírito é se jogar, necessariamente, nos braços dos falsos profetas e, o que é pior, ultrajar os profetas de verdade.

02 – Não é de Deus quem nega que Cristo teve uma carne.

Uma vez então atento, por causa desta proibição, você não vai agora me dizer: “Eu ouvi e não me esquecerei. Eu quero obedecer, pois eu também não quero me chocar contra esses falsos profetas”? Afinal, quem gostaria de ser enganado por uma mentira?

Ora, o falso profeta é um profeta da mentira. Se a pessoa é religiosa, ela não quer enganar. Se a pessoa é ímpia e sacrílega, ela quer enganar, mas não quer ser enganada. Conclui-se que, se os bons não querem enganar, ninguém quer ser enganado.

Quem, então, quer ser seduzido pelos falsos profetas? Eu me lembro do conselho que me deram, mas é somente independente de sua vontade que alguém se deixa enganar por um falso profeta.

Eu ouvi a proibição de João; ou melhor, do Senhor através de João: *Não deis fé a qualquer espírito*. Eu concordo com ele e quero obedecer.

O Apóstolo acrescenta: *examinai se os espíritos são de Deus*.

Como examiná-los? Eu quero fazer isto, mas, não corro o risco de me enganar? Todavia, se eu não examinar, para ver *se os espíritos são de Deus,* eu me jogarei nos braços daqueles que não vem dele e, consequentemente, serei enganado por falsos profetas.

O que fazer então? O que levar em conta?

Ah, se São João não se contentasse em nos dizer: *não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus* e condescendesse nos indicar também quais são os sinais que os identificam!

Pois bem! Não se preocupe! Escute!

Ele diz: *Nisto se reconhece o Espírito de Deus*.

O que você gostaria de saber?

“A maneira de saber se o espírito vem de Deus”.

Ora, *nisto se reconhece o Espírito de Deus*, diz São João. São João e não eu; e ele o faz imediatamente na sequência da passagem que examinamos.

De fato, depois de ter nos advertido para ficarmos atentos e não darmos fé em qualquer espírito, mas

examinar para ver qual espírito vem de Deus, já que, *muitos falsos profetas se levantaram no mundo*, São João percebeu qual desejo foi despertado em nós e, se antecipando a este desejo e fixando o olhar em nosso pensamento silencioso, ele acrescentou e Deus seja louvado por ter condescendido nos dar, através dele, este ensinamento: *nisto se reconhece o Espírito de Deus*.

Coragem e escute! Escute e compreenda! Faça bem a distinção! Atenha-se à verdade! Resista ao que é falso!

Nisto se reconhece o Espírito de Deus.

Como? Me diga! É isto o que quero saber.

Todo espírito que proclama que Jesus Cristo se encarnou é de Deus; todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus.

Por consequência, meus bem-amados, afastem para bem longe de vocês todo argumentador, todo pregador, todo escritor e todo caluniador que negue a encarnação de Jesus Cristo.

Por consequência também, afastem os maniqueístas de suas casas, dos seus ouvidos e dos seus corações, pois eles negam veementemente esta encarnação de Cristo. Donde se conclui que seus espíritos não vem de Deus.

03 – O erro sobre as duas naturezas.

Eu vejo aqui por onde o lobo procura entrar. Eu vejo e vou mostrar com todas as minhas forças o quanto é preciso se afastar dele.

Eu disse; ou melhor, eu lembrei estas palavras do Apóstolo: *todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus*. Ora, os maniqueístas se voltam para esta passagem e proclamam: “Como os espíritos que negam Cristo não vem de Deus, de onde eles vem? Sim, de onde eles vem, se não vem de Deus? Já que eles existem, eles não vem, seguramente, de algum lugar? Mas, como eles não vem de Deus e eles vem de algum lugar, você não vê aqui a existência de duas naturezas?”

Aí está o lobo! Estiquemos redes para nos proteger! Vamos persegui-lo, capturá-lo e degolá-lo!

Sim, degolemo-lo! Matemos o erro! Mas salvemos a pessoa!

Somente estas palavras: vamos capturá-lo, degolá-lo, matar o erro, mas salvar a pessoa, já equacionam a questão. Mas lembrem do que já foi dito, pois se vocês se esquecerem da questão, vocês não compreenderão a resposta: *todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus*.

“Donde ele vem então? Ele pode não vir de Deus, mas ele vem de algum lugar e, se ele vem de algum lugar, existem então duas naturezas”, logo proclama o maniqueísta.

Retenham bem esta objeção e direcionem suas mentes segundo estas palavras: vamos capturar, degolar, matar o erro, mas salvar a pessoa. O erro não vem de Deus, mas de Deus vem a pessoa.

Repitamos mais uma vez as palavras que resumem a questão: *todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus*. Mas eu acrescento: *Tudo foi feito por ele*[1381] e *Todo espírito louve o Senhor!*[1382]

Mas, se nem todo espírito vem de Deus, como o espírito que não vem dele é chamado a louvar o Senhor?

Sim, que *todo espírito louve o Senhor!*

Eu vejo aqui duas coisas. Eu vejo um doente. Curemos o mal e salvemos a natureza. O mal não é a natureza; ele é um inimigo dela. Suprima o mal que o enfraquece e ficará a

natureza que o levará a louvar. Não é contra o mal e não contra a natureza que age o remédio?

Todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus. É quando ele não proclama Jesus que ele não é de Deus, já que não é de Deus que vem este erro.

Por que, meus irmãos, a nossa regeneração? Porque um segundo nascimento, se o primeiro fosse perfeito?

Este segundo nascimento é destinado a reparar a natureza corrompida; a levantar a natureza caída; a reformar e embelezar a natureza degradada e desfigurada.

Somente ao Criador único, Pai, Filho e Espírito Santo, a esta unidade em três pessoas, a esta Trindade em uma só natureza, a esta natureza única, imutável e invariável, que não pode enfraquecer e nem progredir pertence não decair para se apequenar e não se erguer para crescer, pois só ela é perfeita, só ela é eterna e só ela é imutável sob todos os pontos de vista.

Quanto à criatura, por melhor que ela seja, a que distância ela está do Criador!

Querer igualar a criatura ao Criador é procurar se unir ao diabo desertor.

04 – A alma não é parte de Deus.

Que a alma saiba então o que ela é; ela não é Deus. Ao se acreditar Deus ela ultraja Deus e, invés de ser salva por ele, ela é condenada por ele. Ao condenar as almas perversas, Deus não se condena. Ora, ele se condenaria, se a alma fosse Deus.

Ah, meus irmãos! Honremos nosso Deus! O Deus para o qual clamamos: *Livrai-nos do mal*[1383].

Se, para tentá-lo, algo vier a sussurrar para você durante a oração: “Por que pedir: *Livrai-nos do mal*? Você não quer que o mal não sobreviva?”, responda: “Sou eu o mal. Se Deus me livrar do mal, eu serei bom, de mau que sou. Ah! Que ele me livre de mim, para que eu não me entregue a você!”

Ao maniqueísta você deve dizer:

“Se Deus me livrar de mim, eu não me entregarei a você. De fato, se Deus me livrar de mim, que sou mau, eu serei bom. Se eu for bom, eu serei sábio. Se eu for sábio, eu não me afastarei e se eu não me afastar, eu não poderei ser seduzido por você.

“Sim, que Deus me livre de mim, para que eu não me entregue a você. O mal em mim seria me afastar e acreditar em você, *porque minha alma está cheia de ilusões*[1384].

“Eu não sou luz por mim mesmo, porque, se fosse, eu nunca erraria. O que prova que eu não sou uma porção da divindade é que a natureza de Deus, a substância mesma de Deus não pode cair no erro. Ora, eu caio. Você mesmo admite isto, pois, com a pretensão de ser sábio, você age para me salvar do erro. Mas, eu cairia no erro, se eu fosse da mesma natureza de Deus?

“Envergonhe-se e dê glórias a Deus!

“Eu afirmo que neste momento você está nas profundezas do erro e você admite ter se desgarrado. Foi a natureza de Deus então que se desgarrou? Foi a natureza

de Deus que mergulhou na desordem? Foi a natureza de Deus que se dedicou ao adultério? Foi a natureza de Deus que cometeu abominações? Foi a natureza de Deus que caminhou na cegueira? Foi a natureza de Deus que se precipitou em todo tipo de desordens e impurezas?

"Envergonhe-se e dê glórias a Deus!"

05 – O mal não procede da natureza, mas do vício da natureza.

Você não pode ser sua própria luz! Não! Não!

Existiu uma *luz verdadeira*. Com relação a João, podemos dizer que ele era a *luz verdadeira*? Certamente que não; mas ele iluminava. *João era uma lâmpada que ardia e iluminava*[1385], disse o Senhor.

"Mas, uma lâmpada não é um luz?"

Sem dúvida que é uma *luz verdadeira*. Mas, uma lâmpada pode ser acesa e pode ser apagada. Já a *luz verdadeira* pode ser acesa, mas não pode ser apagada.

Existiu, no entanto, uma *luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todos*[1386].

Nós, portanto, precisamos ser iluminados, já que não somos a luz.

Desperte-se então e clame comigo: *O Senhor é minha luz!*[1387].

Neste momento, você ainda dirá que há coisas más?

Certamente que há, mas elas são suscetíveis de mudança e, uma vez mudadas, elas se tornam boas, já que o mal é nelas um defeito e não suas naturezas.

O que significa dizer: *Livrai-nos do mal*[1388]? Não poderíamos dizer também: “Livrai-nos das trevas”?

De que trevas? De nós mesmos, enquanto permanecer ainda em nós traços de erros e até que sejamos totalmente de luz; até que não haja em nós nada que se oponha à luz, que se oponha à verdade; nada que seja sujeito à fraqueza; nada que se curve sob o peso da mortalidade.

Ah, que transformação total, *quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirão estas palavras da Escritura: “A morte foi tragada pela vitória”. “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” Ora, o aguilhão da morte é o pecado*[1389]!

Onde estará então o mal?

06 – Dois são os males humanos: o erro e a enfermidade.

Quais são então os males da humanidade? O erro e a enfermidade. Pode-se não saber o que fazer e assim pecar ou pode-se saber o que se deve fazer, mas se é impedido pela enfermidade. Conclui-se então que todos os males da humanidade consistem em erro e enfermidade.

Para combater o erro, clame: *O Senhor é minha luz.*

Para combater a enfermidade, clame também: *e minha salvação*[1390].

Tenha fé! Trabalhe para se tornar bom, de mau que você é hoje.

Nada de cisões; a natureza precisa ser curada e não dividida.

Você quer saber o que você é? Trevas!

Por que trevas? Ora, meu amigo! Há algo mais tenebroso do que uma pessoa que acha que Deus é corruptível?

Acredite então! Reconheça que Cristo veio se encarnar; que ele assumiu o que ele não era, sem perder nada do que era; que ele elevou o ser humano até ele, sem confundir sua própria natureza com a natureza humana.

Reconheça isto e, de perverso que você é, você se tornará bom; de trevas que você é, você se tornará luz.

Esta é uma afirmação falsa e não há como convencê-lo dela?

Você reconhece a autoridade do Apóstolo. A menos que falte sinceridade a você.

Você lê, então, o Apóstolo. Mas você está enganado e também engana.

De que forma você se enganou? Ao se afastar, para sua infelicidade.

Mas, se você crescer e dissipar este erro, o Apóstolo dirá a você: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz*.

Luz, ele diz, mas, *no Senhor*[1391].

Reduzido a você mesmo, você é então trevas. Mas, *luz no Senhor*.

Incapaz de iluminar você mesmo, você se ilumina ao se aproximar do Senhor, da mesma forma como se torna

trevas ao se afastar dele. Não sendo sua luz, você a recebe de fora. *Aproxime-se dele e ilumine-se*[1392].

07 – Uma questão intocada.

Eu vejo, meus irmãos, que esta passagem de São João me reteve muito tempo em uma mesma ideia. Eu sei também que não devo cansar muito vocês e nem lhes dar nada além da medida. É preciso igualmente levar em conta nossa própria fraqueza, pois há, nestas palavras de São João, novas e imensas profundezas.

No entanto, rejeitem aqueles que negam a encarnação de Cristo, pois é certo que ele não vem de Deus. Eles não vêm de Deus sob o ponto de vista de que são desgarrados, são pecadores e são blasfemadores. Se eles se curarem, eles virão dele, pois, sob o ponto de vista de suas naturezas, eles vêm dele.

Seja o que for que eu tenha dito sobre este tema, fiquem atentos aos ensinamentos das Escrituras e não deem fé àqueles que negam a encarnação de Cristo.

Sem dúvida que você me fará esta objeção:

“Oras! Vem-se de Deus quando se reconhece a encarnação de Cristo? Escutemos então os donatistas, que a reconhecem e os arianos, que a admitem igualmente. Escutemos também os eunomianos e os fotinianos, que professam também esta crença. Se todos os espíritos que admitem publicamente a encarnação vêm de Deus, quantas heresias mentirosas, sedutoras e insensatas não temos que admitir?”

O que responder a isto? Como resolver esta dificuldade?

Qualquer que seja a solução dela, ela não pode ser encontrada hoje. Eu fico devendo-a e exijam-na! Mas, ao mesmo tempo, implorem a ajuda de Deus para vocês e para mim.

Sermão 183 - A crença na encarnação II.

Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo. Nisto se reconhece o Espírito de Deus: todo espírito que proclama que Jesus Cristo se encarnou é de Deus; todo espírito que não proclama Jesus esse não é de Deus, mas é o espírito do Anticristo de cuja vinda tendes ouvido e já está agora no mundo[1393].

Análise

Este sermão, como já dissemos, é como a sequência, a segunda parte do precedente.

Os maniqueístas não negam Deus, mas eles não admitem a encarnação de Cristo. Mas, em que sentido São João diz que todos que admitem isto vem de Deus? Devemos considerar como vindos de Deus os arianos, os eunomianos, os sabelianos, os fotinianos? Devemos considerar também como vindos de Deus os pelagianos, os donatistas e, em geral, todos os heréticos e todos os maus católicos?

Seguramente que não, pois eles professam, ao menos em prática, uma ideia falsa de Jesus Cristo. Os arianos, ao não reconhecerem sua geração eterna; os eunomianos, ao

não admitirem nem mesmo sua semelhança com o Pai; os sabelianos, ao confundirem-no com ele; os fotinianos, ao verem nele somente um homem; os donatistas, ao afirmarem que ele não é o Esposo da Igreja Católica; os pelagianos, ao não admitirem que ele assumiu uma carne semelhante à nossa carne de pecado.

Assim acontece com todas a heresias, se as examinarmos com detalhes. Mas, mesmo confessando com a boca a verdade da encarnação, os maus católicos a negam com suas ações. É a Deus que é preciso pedir a graça de adequar sua crença.

01 – Os inúmeros heréticos e a encarnação.

Diante da expectativa de suas caridades, vejo que devo pagar minha dívida.

Vocês se lembram, certamente, do que prometi cumprir, com a ajuda do Senhor, sobre a última leitura de São João. Então, ao ouvir o leitor, vocês me fizeram sentir, eu não duvido, obrigado a cumprir minha promessa.

Como o sermão anterior adquiriu uma extensão longa, adiamos a importante questão de saber em que sentido devemos entender estas palavras do bem-aventurado João. Não São João Batista, mas São João Evangelista.

Todo espírito que proclama que Jesus Cristo se encarnou é de Deus.

Quantos heréticos vemos admitir esta encarnação, sem que possamos, no entanto, admitir que eles vêm de Deus!

Os maniqueístas negam a encarnação e não é preciso muito esforço e nem muito tempo para convencer vocês de que este erro não tem Deus como autor.

Os arianos, os eunomianos, os sabelianos e os fotinianos admitem a encarnação. Por que procurar aqui testemunhos para confrontá-los? Quem poderia contar todas essas espécies de contágios? Limitemo-nos, então, ao que é mais conhecido.

Muitos, de fato, ignoram as heresias que acabo de citar e esta ignorância é desejável.

O que sabemos todos é que os donatistas também admitem a encarnação. Longe de nós, no entanto, o pensamento de que este erro vem de Deus!

Para falar de heréticos mais recentes, os pelagianos admitem igualmente a encarnação e seguramente, no entanto, não é Deus quem lhes ensina este erro.

02 – Os heréticos não reconhecem a encarnação de Cristo.

Apliquemo-nos então, meus bem-amados e, como não colocamos em dúvida a verdade esta afirmação: *Todo espírito que proclama que Jesus Cristo se encarnou é de Deus*, provemos a todos esses heréticos que eles realmente não a admitem.

Se nós admitirmos que eles a admitem, isto seria admitir que eles vêm de Deus. Como então poderíamos afastar vocês, desviar vocês de seus erros e proteger vocês com o escudo da verdade, contra os assaltos deles?

Que o Senhor condesceda nos dar o socorro que solicita para nós a expectativa de vocês e nós lhes mostraremos que eles não admitem verdadeiramente a encarnação de Cristo.

03 – A maneira como os arianos negam a encarnação.

O ariano ouve falar e ele fala, por sua vez, do Filho da Virgem Maria. Mas ele admite também a encarnação?

“Não”.

Como provar isto?

Muito facilmente, se o Senhor espalhar sua luz em suas mentes.

De fato, o que queremos saber? Se o ariano confessa a encarnação de Cristo. Mas, como ele pode confessar a encarnação de Cristo se ele nega Cristo?

Na realidade, quem é Cristo? Interroguemos o bem-aventurado Pedro.

Vocês acabam de ouvir o que foi lido no Evangelho. Nosso Senhor Jesus Cristo perguntou o que as pessoas pensavam dele, *o Filho do Homem*. Seus discípulos contaram as diferentes maneiras como ele era visto. Eles disseram: *Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou um dos profetas*.

Quem dizia isto, dizia, na verdade, que Jesus Cristo não passava de um homem. Mas, só ver em Jesus Cristo sua humanidade, não é conhecê-lo, pois não é correto dizer que Jesus Cristo é somente um homem.

Disse-lhes Jesus: "E vós, que dizeis quem eu sou?"

Falando em nome de todos, pois todos tinham a mesma fé, *Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!"*[1394]

04 – Se o Verbo tivesse sido feito, ele não seria o Filho de Deus.

Aí está uma profissão de fé verdadeira, uma profissão de fé completa!

Junte o que Cristo disse dele mesmo com o que Pedro disse de Cristo. O que Cristo disse dele mesmo? Ele perguntou o que as pessoas pensavam dele, *o Filho do Homem*. E Pedro? *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*. Una estas duas ideias e você tem o Cristo encarnado.

Cristo falou sobre o que é mais humilde nele mesmo e Pedro falou sobre o que é mais glorioso em Cristo. A humildade deu seu testemunho à verdade e a verdade à humildade. Em outros termos: a humildade do homem à verdade de Deus e a verdade de Deus à humildade do homem.

"*No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?* Eu digo aqui o que eu me fiz por vocês. Cabe a você, Pedro, nos dizer quem é Aquele que fez vocês".

Desta forma, confessar a encarnação de Jesus Cristo é confessar a encarnação do Filho de Deus. Diga-nos então, ó ariano, se você realmente admite esta encarnação.

Se ele reconhecer que o Filho de Deus veio na carne, certamente ele reconhece que Cristo veio na carne. Se ele

não reconhecer que Cristo é o Filho de Deus, ele não conhece Cristo, ele chama um pelo outro e fala de um como se fosse o outro.

Quem é, na verdade, o Filho de Deus? Nós não perguntamos agora há pouco quem é Cristo? E nós respondemos: é o Filho de Deus. Perguntemos agora quem é o Filho de Deus.

Aqui está a resposta: No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus[1395].

Mas você, ariano, o que diz? Nós lemos no Gênesis: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[1396]. Mas vocês dizem que, pelo contrário, no princípio Deus fez o Verbo, pois afirmam que o Verbo foi feito, que ele é uma criatura e que Deus o fez no princípio.

Já o Evangelista diz que *ele estava no princípio junto de Deus* e foi porque *ele estava no princípio junto de Deus*, que Deus fez, *no princípio*, o céu e a terra.

Tudo foi feito por ele[1397]. Mas, você, ariano, diz que ele foi feito. Se ele tivesse sido feito, ele não seria o Filho de Deus.

05 – Os arianos não acreditam no Cristo.

Trata-se aqui de um Filho natural e não de um filho pela graça; de um Filho unigênito, de um Filho único, gerado e não adotado. O Filho que buscamos é um Filho verdadeiro, um Filho que *sendo de condição divina* __ como diz São Paulo, que invoco aqui por causa dos menos instruídos, para

que não atribuam a mim estas palavras __ *não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*[1398].

Não sendo então esta igualdade uma usurpação, era então sua própria natureza. Ele a tinha desde toda a eternidade. Ele era eterno como o Pai; igual, absolutamente, a ele.

Mas aniquilou a si mesmo, ou seja, encarnou.

Aniquilou a si mesmo. Como? Foi deixando o que ele era para se tornar o que não era?

Continuemos a ouvir o Apóstolo. *Aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo*[1399].

Então, ele *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo*, mas sem deixar sua natureza divina. Ele se uniu a uma, sem se afastar da outra.

Aí está como deve ser entendida a encarnação. Daí se conclui que o ariano não a admite. De fato, ao não acreditar na igualdade do Filho com o Pai, ele não acredita que ele seja Filho. Ao não acreditar que ele é Filho, ele não acredita também que ele é Cristo. Ora, se não acredita em Cristo, como acreditar na encarnação de Cristo?

06 – Os seguidores de Eunômio.

O mesmo acontece com os eunomianos, seus iguais, seus associados e que possuem poucas diferenças com os arianos. Os arianos, dizem, admitem ao menos que o Filho é semelhante ao Pai. Eles não dizem que ele é igual, mas semelhante. Já os eunomianos não admitem nem mesmo esta semelhança. Isto não é, igualmente, negar o Cristo?

Efetivamente, se Cristo, se o verdadeiro Filho de Deus é, ao mesmo tempo, igual e semelhante ao seu Pai, não é negá-lo, afirmar que ele não tem esta igualdade e nem esta semelhança? Não é também negar, por isso mesmo, sua encarnação?

Eu pergunto: Cristo encarnou?

“Sim”, responde o eunomiano.

Seríamos levados a acreditar que eles possuem a fé. Então, eu prossigo: o Cristo que encarnou é igual ou não ao Pai?

“Ele não é igual”.

Assim, foi um ser diferente do Pai que, segundo você, se encarnou. Então, não foi Cristo, pois Cristo é igual ao Pai.

07 – Os seguidores de Sabélio.

Escutem os seguidores de Sabélio. O Filho não é diferente do Pai, eles dizem. Desta forma, eles promovem uma larga abertura à fé, para espalhar ao longe o veneno de sua doutrina.

O Filho, segundo eles, não é diferente do Pai. Deus, como bem quer, uma hora é Pai e outra hora é Filho.

Mas este ser não é Cristo. Eles também erram, ao dizerem que Cristo veio na carne, já que este não é Cristo. Portanto, eles não acreditam na encarnação de Cristo, já que este ser não é Cristo.

08 – Fotino.

E você, Fotino, o que diz?

“Que Cristo não é Deus e que ele é simplesmente um homem”.

Então, você admite nele a natureza humana, mas não a natureza divina. No entanto, Cristo, em sua natureza divina, é igual a Deus, enquanto que sua natureza humana o torna semelhante a nós.

Você também então nega a encarnação de Cristo.

09 – Os seguidores de Donato.

O que pensam os donatistas? Há entre eles aqueles que admitem, como nós, que o Filho é igual ao Pai e de mesma natureza que ele. Outros reconhecem a identidade de natureza e rejeitam a igualdade.

Por que argumentar contra estes últimos? Ao rejeitarem a igualdade, eles negam a filiação. Ao negarem a filiação, eles negam Cristo.

Então, como negam Cristo, como acreditariam na encarnação de Cristo?

10 – Provocar divisões também é negar Cristo.

É preciso argumentar mais contra aqueles que, mesmo sendo donatistas, admitem, como nós, que o Filho é igual ao Pai e que eles têm a mesma natureza e a mesma eternidade.

Digamos a eles então: “Vocês confessam com a boca, mas negam com os atos”.

Pode-se negar, de fato, com atos e nem toda negação consiste em palavras. Há negações pelos feitos.

Voltemo-nos para o Apóstolo. Ele diz: *Para os puros todas as coisas são puras. Para os corruptos e descrentes nada é puro; até a sua mente e consciência são corrompidas. Proclamam que conhecem a Deus, mas na prática o renegam, detestáveis que são, rebeldes e incapazes de qualquer boa obra*[1400].

O que é renegar Deus na prática? É se dedicar ao orgulho e provocar divisões; é colocar sua glória não em Deus, mas nas pessoas.

Isto também não é negar Cristo, já que Cristo ama a unidade?

Digamos mais claramente ainda como os donatistas negam Cristo. Para nós, Cristo é aquele sobre o qual São João disse: *Aquele que tem a esposa é o esposo*[1401].

Bem-aventurada união! Santas núpcias!

Cristo é o Esposo e a Igreja é a Esposa. É o Esposo que nos faz conhecer a Esposa. Que o Esposo nos diga então qual é sua Esposa. Que ele nos diga para nos impedir de nos afastarmos e perturbarmos a solenidade santa para a qual ele nos convidou. Que ele nos instrua nos ensinando primeiro que ele é verdadeiramente o Esposo.

11 – Dizer sobre Cristo o que ele não é é negar sua encarnação.

Após sua ressurreição, ele disse aos seus discípulos: *Era necessário que se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos*.

Prossegue o Evangelista: *Abriu-lhes então o espírito, para que compreendessem as Escrituras, dizendo: "Assim é que está escrito e assim era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia"*[1402].

Este é o Esposo confessado por Pedro. É o próprio Filho do Deus vivo, que estava destinado a padecer assim e ressuscitar no terceiro dia.

Ora, este evento aconteceu mesmo. Os discípulos foram testemunhas dele. Eles viram a Cabeça divina. Mas, onde estava o corpo?

Cristo é a Cabeça que padeceu e ressuscitou no terceiro dia e é da Igreja que ele é a Cabeça. Daí se conclui que a Igreja é seu corpo.

Mais uma vez: os discípulos viram a Cabeça, mas não viram o corpo. Diga-lhes, ó Cabeça sagrada, onde está seu corpo, que eles não viram.

Fale, Senhor Jesus! Fale, ó santo Esposo! Fale-nos do seu corpo[1403], de sua esposa[1404], da sua bem-amada[1405], da sua pomba[1406], daquela a quem você deu por dote seu próprio sangue[1407]! Diga que *era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia.*

Isto é sobre o Esposo. Fale-nos agora da Esposa. Firme o contrato matrimonial.

Agora, então, é sobre a Esposa. É a sequência das palavras: *era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia.*

Que em seu nome se pregue a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém[1408].

Onde se esconder? *A todas as nações, começando por Jerusalém*.

Isto foi o que foi feito. Quando lemos esta promessa, nós a vemos cumprida.

Esta é a luz sob a qual eu caminho. De onde você faz vir as trevas onde você mergulha?

Assim, Cristo tem por Esposa essa Igreja que é pregada *a todas as nações*, que se multiplica e que se estende até às extremidades da terra, *começando por Jerusalém*. É mesmo desta Esposa que Cristo é o Esposo.

Mas você, o que você afirma? Qual é, na sua opinião, a esposa de Cristo? A facção de Donato?

Não, não, não, homem! Cristo não tem como esposa essa facção.

Ou melhor: “Não, ímpio! Cristo não é seu Esposo”.

Temos conosco o contrato. Leia-o e não discuta.

Você pode dizer também que Cristo é o Esposo da facção de Donato?

Eu leio o contrato matrimonial e constato, pelo contrário, que Cristo tem como Esposa a Igreja espalhada por todo o mundo.

Ora, dizer sobre ele o que ele não é é negar sua encarnação.

12 – Os seguidores de Pelágio.

Das heresias que mencionei, no pouco tempo que dediquei a elas, resta o pelagianismo, pois há muitas outras heresias ainda e eu mesmo já disse: quem poderá enumerar todos esses contágios?

O que dizem então os pelagianos? Escutem! Eles parecem, inicialmente, admitir a encarnação, mas, olhando de mais de perto, vemos que eles a rejeitam. De fato, Cristo assumiu uma carne que não era uma carne de pecado, mas que se assemelhava a uma.

Estes são os termos do próprio Apóstolo: *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, pelo pecado, condenou o pecado na carne*[1409].

Deus não enviou então seu Filho em uma espécie de carne ou em uma carne que não era uma carne, mas *numa carne semelhante à do pecado*. Uma carne real, mas que não era uma carne de pecado.

Pelágio não quer que a carne de todas as crianças seja totalmente semelhante à carne de Cristo? Não é assim, meus bem-amados. Por que enfatizar tanto que Cristo tinha uma carne apenas semelhante à uma carne de pecado, se as outras carnes não eram de pecado? O que importa dizer que Cristo encarnou, quando se faz dele, com relação à carne, uma criança como outra qualquer?

Eu direi então o que eu disse ao donatista: você não está falando de Cristo. Eu vejo as próprias entranhas da Igreja nossa mãe prestarem testemunho da verdade. As

mães correm com seus filhos nos braços, oferecendo-os ao Salvador, para que os salve e não a Pelágio, para que os perca. Que eles sejam batizados e que sejam salvos, clamam as mães devotas, trazendo apressadamente seus queridos filhos.

“Para que sejam salvos? Não há nada para salvar neles. Não há nenhum vício neles. Nada foi tirado de condenável de onde foi tirada a vida. Se ele é realmente igual a Cristo, por que recorrer a Cristo?”, replica Pelágio.

Escute-me então. O Esposo, o Filho de Deus encarnado é o Salvador dos grandes e dos pequenos, dos adultos e das crianças. É este o Cristo. Você, diferentemente, afirma que ele é o salvador dos adultos somente e não das crianças. Este não é o Cristo. Se este não é o Cristo, é evidente que você nega a encarnação.

13 – Não reconhecer a encarnação de Cristo é comum aos heréticos e aos maus católicos.

Nós constataríamos, ao estudar cada heresia, que todas são contrárias à encarnação. Sim, todos os heréticos negam a encarnação de Cristo.

Por que se espantar que os pagãos a neguem, que os judeus a neguem e que os maniqueístas a neguem abertamente? Eu ouso mesmo dizer às suas caridades que todos os maus católicos, mesmo confessando da boca para fora, a negam com suas ações.

Então, por favor, não contem somente com a fé. Acrescentem, à verdadeira fé, uma vida santa. Confessem a

encarnação de Cristo através da justiça de suas ações, tanto quanto pela verdade das suas palavras. A confissão com a boca acompanhada da negação com as ações é uma fé de maus católicos, que se parece muito com a fé dos demônios.

Escutem meus bem-amados! Escutem para que meu suor não se volte contra vocês! Ah, escutem-me!

O apóstolo São Tiago falou da fé e das boas ações para condenar as mentes que acreditam que a fé basta, sem querer juntar a ela a prática das virtudes. Ele disse o seguinte: *Crês que há um só Deus. Fazes bem, mas os demônios também creem e tremem*[1410].

Porque os demônios *creem e tremem*, eles serão tirados do fogo eterno?

Vocês acabam de ouvir no Evangelho esta resposta de Pedro: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!*[1411] Continuem lendo e vocês verão também o que os demônios também disseram: *Sabemos quem és: o Santo de Deus!*[1412]

Pedro, no entanto, é aplaudido e os demônios expulsos. As palavras são as mesmas, mas as ações são diferentes. Onde está a diferença entre estas duas confissões? Uma é inspirada por um amor louvável e a outra é inspirada por um medo condenável, pois não foi o amor que fez os demônios dizerem: *Sabemos quem és: o Santo de Deus!* Foi o medo e não o amor, pois, ao mesmo tempo, eles também disseram: *Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste perder-nos?*[1413], enquanto Pedro disse: *Senhor, estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte*[1414].

14 – São de Deus uma fé correta e uma vida saudável.

Todavia, meus irmãos, como Pedro podia dizer com amor: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*? De onde lhe vinha esse amor? Unicamente dele mesmo?

De forma alguma! A mesma passagem nos mostra o que lhe vinha de Deus e o que vinha dele mesmo. Tudo está lá. Leiam e vocês não precisarão das minhas explicações.

Eu recordo o texto sagrado. *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*, diz Pedro. *Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas*, retoma o Senhor.

Por quê? É de você que vem esta bem-aventurança?

De forma alguma! *Porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto*, pois você é carne e sangue, *mas meu Pai que está nos céus*[1415].

O Salvador acrescenta muitas outras coisas, que seria muito longo relatar. Um pouco depois, no entanto, depois destes elogios à fé de Pedro, que ele mostrou como uma pedra misteriosa, o Senhor começou a informar aos seus discípulos que ele iria a Jerusalém, que lá sofreria muito, seria reprovado pelos anciãos, pelos escribas, pelos sacerdotes, seria levado à morte e ressuscitaria no terceiro dia.

Inspirado então por ele mesmo, Pedro tremeu. A ideia da morte do Senhor o horrorizou. Era um pobre doente que recuava diante do remédio.

Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não te acontecerá![1416], clamou Pedro.

“Você se esquece que *dou a minha vida para retomá-la*? *Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de reassumi-la*[1417]”.

Você se esqueceu disto, Pedro? Você se esquece também que: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*[1418]? Você não pensa nisto.

Este esquecimento vinha dele mesmo. Seu medo, o horror que ele sentiu, o medo da morte, tudo isso vinha de Pedro. Ou melhor: de Simão e não de Pedro.

Assim, *Afasta-te, Satanás!*, diz então o Senhor.

Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas!

Afasta-te, Satanás!

Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas! Isto é o que vem de Deus.

Afasta-te, Satanás! De onde vem isto?

Lembre-se de onde vem sua felicidade. Eu já disso isto. *Não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus*.

Por que ele é Satanás? Saibamos com o próprio Senhor. Ele diz: *Teus pensamentos não são de Deus, mas dos humanos!*[1419]

15 – Com a fé e uma vida saudável reconheçamos que Cristo veio na carne.

Coloque então no Senhor as suas esperanças e à fé verdadeira acrescente as boas obras. Confesse a

encarnação de Cristo com a pureza da sua crença e a santidade da sua vida.

Se você recebeu dele esta dupla graça, agarre-se a ela e espere dele seu crescimento e sua perfeição.

De fato, está escrito: *Maldita a pessoa que confia em outra pessoa, que da carne faz o seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor!*[1420] E está escrito também: *Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*[1421].

Sermão 184 - Rebaixamento e elevação.

Para o dia de Natal.

Análise

Se o Filho de Deus, ao se fazer humano, tivesse deixado de ser Deus, se compreenderia a repugnância dos sábios do mundo em acreditar neste mistério e na utilidade da encarnação. Mas, ao se tornar o que somos, Jesus não perdeu nada do que ele era e, ao se abaixar até nós, ele quer nos elevar até ele.

Que todos então se alegrem e contemplem com empolgação as maravilhas deste nascimento temporal, onde brilha um pouco do esplendor da geração eterna.

01 – O mistério da encarnação permanece oculto aos soberbos.

Hoje retorna e brilha entre nós a solenidade do aniversário de nascimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Hoje *a Verdade* brotou *da terra*[1422] e o Dia do

Dia nasceu em nosso dia. Que *ele seja para nós dia de alegria e de felicidade*[1423].

O que não devemos ao rebaixamento dessa incomparável majestade! A fé dos cristãos sabe, mas o coração do ímpio não compreende nada disso. É que Deus escondeu essas maravilhas dos sábios e astutos deste mundo, ao mesmo tempo em que as revelou aos pequeninos[1424].

Que os humildes então se apeguem a este rebaixamento de um Deus e, apoiados nesse poderoso socorro, suas fraquezas poderão se elevar até sua altura.

Quanto aos sábios e astutos que só procuram em Deus sua grandeza, sem acreditar em seu rebaixamento, ao não quererem este, não atingirão aquela. Espíritos vãos e superficiais, que só têm por eles o inchaço e o orgulho, eles ficam como que suspensos entre o céu e a terra, sempre agitados pelo soprar dos ventos.

Sem dúvida que eles são sábios e astutos, mas para este mundo e não para Aquele que fez este mundo.

Ah! Se eles tivessem a verdadeira sabedoria, a sabedoria de Deus, que é o próprio Deus, eles compreenderiam que Deus pôde tomar um corpo sem se tornar um corpo. Eles compreenderiam que ele se tornou o que não era, sem deixar de ser o que era; que ele veio a nós como humano, sem se afastar de seu Pai; que, ao permanecer o que era, ele se mostrou o que somos e, ao encarnar seu poder no corpo de uma criança, ele, nem por isso, deixou de se dedicar ao governo do mundo.

Ele, que criou o mundo, permanecendo junto ao seu Pai, permitiu a uma Virgem dar à luz, para vir até nós.

É, de fato, uma prova de sua majestade essa Virgem que se torna mãe e que permanece Virgem depois de tê-lo colocado no mundo, como era antes de conceber. Uma virgem que foi encontrada grávida sem ter estado com um homem; que carregou um homem em seu ventre sem a ajuda de nenhum homem e que, sem perder nada de sua integridade, deu à sua fecundidade uma nova felicidade e uma nova glória.

Invés de darem fé a tão espantosas maravilhas, os orgulhosos acham melhor acreditar que elas não passam de simples ficções. Assim, não podendo ver a humanidade em um Deus feito humano, eles desprezam Cristo e, porque sentem a divindade acima de seu desprezo, eles não acreditam nele.

Mas, quanto mais eles desprezam o rebaixamento de um Deus feito humano, mais devemos amá-los e, quanto mais lhes parece impossível que uma Virgem tenha dado à luz um homem, mais devemos ver nisto a marca do poder divino.

02 – O Natal é alegria para todos.

Celebremos então o nascimento do Senhor com toda empolgação e solenidade que convém. Homens e mulheres, encham-se de alegria, pois Cristo se fez homem nascendo de uma mulher e honrando, assim, os dois gêneros.

Que todos se transformem no segundo homem, já que todos fomos condenados com o primeiro[1425].

Uma mulher nos inoculou a morte. Uma mulher gerou a vida para nós. Para purificar a carne de pecado, ela deu nascimento a uma carne semelhante apenas a uma carne de pecado[1426].

Não condene então a carne; destrua apenas o pecado nela, para fazer viver sua natureza. Para dar uma nova vida ao pecador, um homem nasceu sem pecado.

Rejubilem-se, rapazes santos! Que vocês se dediquem, com um cuidado especial, em seguir os passos de Cristo e que renunciem às uniões carnais. Não foi através de uma união carnal que Cristo se apresentou a vocês. Assim, ele quis servir de modelo a vocês e lhes conceder a graça de desprezar a união que os fez nascerem.

De fato, vocês não devem o nascimento de vocês a essa união carnal, fora da qual Cristo veio convidar vocês para uma união toda espiritual? E, mesmo chamando vocês para umas núpcias, ele não lhes concedeu a graça de desprezar outras núpcias?

Assim, vocês não querem o que lhes deu a existência. É que vocês amam, mais do que a qualquer outro, Aquele que não nasceu como vocês.

Rejubilem-se, virgens santas! Uma Virgem gerou para vocês o Esposo ao qual vocês poderão se unir, sem contrair nenhuma mácula. Assim, ao não conceberem e ao não darem à luz, vocês não poderão perder o tesouro que vocês amam.

Rejubilem-se, justos! Eis o nascimento Daquele que fez os justos.

Rejubilem-se enfermos e doentes! Eis o nascimento do Salvador.

Rejubilem-se, cativos! Eis o nascimento do Redentor.

Rejubilem-se, servos! Eis o nascimento do seu Senhor.

Rejubilem-se, livres! Eis que nasce Aquele que lhes concedeu a liberdade.

Rejubilem-se, cristãos! Eis o nascimento do seu Cristo.

03 – Os dois nascimentos de Cristo.

Ao nascer de sua mãe, ele fez deste dia um dia memorável para todo o sempre, como ele criou todo o tempo, ao nascer de seu Pai.

Ele não podia ter uma mãe em sua geração eterna e ele não quis um homem como pai em sua geração temporal.

Assim, Cristo nasceu, ao mesmo tempo, de um pai e de uma mãe e sem pai e sem mãe. De um Pai, como Deus e de uma mãe, como humano. Sem mãe, como Deus e sem pai, como humano.

Quem pensou em narrar sua geração?[1427] Seja a primeira, que acontece fora do tempo; seja a segunda que é sem a participação de um homem. Seja a primeira, que é sem começo; seja a segunda, que é sem precedente. Seja a primeira, que nunca deixou de ser; seja a segunda, que nunca se reproduziu, nem antes e nem depois. Seja a primeira, que não tem fim; seja a segunda, que tem hoje seu começo, mas quando terá um fim?

Foi então justo que os Profetas anunciassem seu nascimento futuro e que os céus e os anjos divulgassem seu nascimento acontecido.

Ele repousou em um estábulo e governou o mundo.

Criança sem palavra, ele era a própria Palavra.

Os céus não puderam contê-lo, mas uma mulher o carregou em seu ventre. Sim, ela dirigiu nosso Rei; ela carregou Aquele em quem existimos[1428]; ela aleitou o nosso pão[1429].

Que incontestável fraqueza! Que rebaixamento prodigioso!

No entanto, a divindade inteira está contida nele.

A criança dependeu de sua mãe, mas seu poder a conduziu. Ele tomou seu seio, mas a alimentou com a Verdade.

Que nos cumule com seus dons aquele que condescendeu partilhar nossos princípios!

Que ele nos torne filhos de Deus, já que quis, por amor a nós, se tornar Filho do Homem!

Sermão 185 - A justificação humana.

Para o dia de Natal.

Análise

Se Cristo se rebaixou tanto, não foi para benefício dele, mas para o nosso. Isto aconteceu para nos justificar e, consequentemente, par nos dar a paz e a felicidade.

01 – A Verdade brotou da terra.

O que é o nascimento do Senhor? É a Sabedoria de Deus se mostrando sob a forma de uma criança; é o Verbo de Deus se fazendo ouvir na carne sem voz.

Esse Deus oculto foi testemunhado pelos céus perante os Magos e se fez anunciar aos pastores pela voz dos anjos.

Assim, celebramos hoje o dia do aniversário daquele em quem se cumpriu esta profecia: *A Verdade brotou da terra e a justiça olhou do alto do céu*[1430].

A Verdade que está junto ao Pai brotou na terra, para estar também no ventre de uma mãe. A Verdade que carrega o mundo brotou na terra para ser carregada pelas mãos de uma mulher. A Verdade que alimenta com ela a inalterável felicidade dos anjos, brotou na terra para viver ela mesma do leite de uma mãe. A Verdade que o céu não pôde conter brotou na terra para ser colocada em um estábulo.

Para o benefício de quem essa incomparável grandeza se apresentou a nós na forma de tão prodigioso rebaixamento? Não foi, seguramente, para seu próprio benefício, mas, se acreditamos, dele resultarão para nós benefícios imensos.

Ó criatura! Desperte! Foi por você que Deus se fez humano.

Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará[1431].

Sim, foi por você que Deus se fez humano e se ele não tivesse nascido no tempo, eternamente você estaria morto. Jamais você se livraria desta carne de pecado, se ele não

tivesse assumido uma semelhante a ela. Se ele não tivesse concedido a você tão grande misericórdia, você estaria entregue a uma miséria sem fim. Você não teria recuperado a vida, se ele não tivesse se sujeitado à morte como você. Você teria sucumbido, se ele não tivesse socorrido você. Você teria perecido, se ele não tivesse vindo.

02 – A justiça veio do céu.

Assim, celebramos com alegria o dia de nossa salvação e de nossa redenção. Celebramos o dia solene em que o grande Dia, em que o Dia eterno que nasce de um Dia igualmente grande e igualmente eterno fez sua entrada em nosso dia temporal e tão curto[1432].

Foi ele que *se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito: "Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor"*[1433].

Devemos evitar nos parecer com aqueles judeus que, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[1434].

Assim, após as palavras: *a Verdade brotou da terra*, também lemos estas: *e a justiça olhou do alto do céu*.

Isto foi para evitar que a fraqueza dos mortais procurasse se atribuir esta justiça e se apropriar dos dons divinos. Foi para impedir que o ser humano pretendesse dizer que é ele que se justifica, ou seja, que é ele que torna justo ele mesmo e desdenhasse assim da justiça de Deus.

A Verdade brotou da terra. Cristo, que disse: *Eu sou a verdade*[1435], nasceu, então, de uma Virgem.

E a justiça olhou do alto do céu. Ao acreditar na Criança recém-nascida, o ser humano é justificado. Não por ele mesmo, mas por Deus.

A Verdade brotou da terra, pois, *o Verbo se fez carne*[1436].

E a justiça olhou do alto do céu. Pois, *toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima; descem do Pai das luzes*[1437].

A Verdade brotou da terra. A carne nasceu de Maria.

E a justiça olhou do alto do céu. Pois, *ninguém pode atribuir a si mesmo senão o que lhe foi dado do céu*[1438].

03 – Tudo é dom de Deus.

Justificados, pois, pela fé, temos a paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por ele é que tivemos acesso a essa graça, na qual estamos firmes e nos glorificamos na esperança de possuir um dia a glória de Deus[1439].

Vocês reconhecem comigo, meus irmãos, estas poucas palavras do Apóstolo. Gostaria também de compará-las com algumas palavras dos Salmos que citamos e descobrir a relação que as unem.

Justificados, pois, pela fé, temos a paz com Deus. Porque *a justiça e a paz de novo se darão as mãos*[1440].

Por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, *a Verdade brotou da terra*.

Por ele é que tivemos acesso a essa graça, na qual estamos firmes e nos glorificamos na esperança de possuir um dia a glória de Deus. Não está dito: “possuir a nossa glória”, mas sim: *possuir um dia a glória de Deus*. Assim, não é de nós que vem a justiça; *a justiça olhou do alto do céu*.

Por isso, *quem quiser se vangloriar, vanglorie-se pelo Senhor*.

Por isso também, quando a Virgem deu à luz ao Senhor, cuja Natividade celebramos hoje, os anjos cantaram este hino: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz às pessoas de boa vontade*[1441].

De onde vem esta paz dada à terra, se não é do fato de que *a Verdade brotou da terra*? Do fato de que Deus recebeu um nascimento carnal e também *porque ele é a nossa paz. Ele, que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava*[1442], nos aproximando com os doces laços da unidade, para fazer de nós *pessoas de boa vontade*.

Rejubilemos com esta graça, para colocar nossa glória no testemunho de nossa consciência! Para nos glorificarmos, não por nós, mas pelo Senhor.

Aí está porque está escrito: *Vós sois, Senhor, minha glória. Vós me levantais a cabeça*[1443].

Poderia Deus fazer brilhar aos nossos olhos uma graça mais gloriosa? Só há um Filho Unigênito e ele fez dele um Filho do Homem, para elevar o filho do homem até à dignidade de Filho de Deus!

Procure aqui qual é nosso mérito, qual é nossa justiça, qual motivo determina o Senhor. Você descobrirá outra coisa além de sua graça?

Sermão 186 - O Filho de Deus se tornou Filho do Homem.

Para o dia de Natal.

Análise

Pelo fato de que, ao se encarnar, o Verbo de Deus não perdeu nada do que ele era, muitos concluem que não se pode dizer que o Filho de Deus tenha se tornado Filho do Homem.

Eles se enganam, apesar da correção de suas intenções e esta maneira de falar estar conforme a linguagem habitual das Escrituras.

01 – O parto virginal de Maria.

Rejubilemo-nos, meus irmãos! Que os povos exultem de felicidade e alegria. Não foi este sol visível, mas seu Criador invisível que fez para nós, deste dia, um dia sagrado.

Quando se tornou visível, por amor a nós, o invisível Criador de sua mãe nasceu de seu ventre fecundo, sem nenhum atentado à sua pureza virginal, pois ela permaneceu Virgem ao conceber seu Filho, Virgem ao dar à luz, Virgem ao carregá-lo, Virgem ao alimentá-lo em seu seio, Virgem sempre.

Por que se espantar com isto, ó mortal! Foi preciso que, ao condescender se fazer humano, Deus nascesse desta maneira e formasse, assim, Aquela que deveria lhe dar à luz.

De fato, ele existia antes de nascer e, com usa onipotência, ele podia nascer, mesmo permanecendo o que ele era. Ele criou então para ele uma Mãe, mesmo permanecendo junto ao seu Pai e, ao nascer dela, ele não saiu de junto a Ele.

Como ele teria deixado de ser Deus, ao se fazer humano, já que ele concedeu à sua Mãe não deixar de ser Virgem, mesmo dando à luz?

Assim, ao se fazer carne, o Verbo não pereceu, transformando-se em carne. Foi a carne que se uniu ao Verbo para não perecer e, assim como há no ser humano uma alma e um corpo, Cristo é Deus e humano, ao mesmo tempo.

Desta forma, o humano é Deus e Deus é humano. Não há confusão de naturezas, mas unidade de pessoas.

Desta forma ainda, o Filho de Deus, que é coeterno com seu Pai, ao nascer eternamente dele, passou, ao nascer de uma Virgem, a ser Filho do Homem e foi assim que a humanidade se juntou a ele em sua divindade, sem formar, no entanto, uma quarta pessoa e sem se juntar à Trindade.

02 – O Filho de Deus se tornou Filho do Homem.

Não se deixem convencer, no entanto, pela opinião de certas mentes muito pouco atentas à regra da fé e aos divinos oráculos das Escrituras. O Filho do Homem, dizem, se tornou Filho de Deus, mas o Filho de Deus não se tornou filho do homem.

Ao falarem assim, eles raciocinam corretamente, mas não se expressam corretamente. O que eles querem dizer, se não é que a natureza humana pôde melhorar, mas a natureza divina não pôde se deteriorar?

Isto é incontestável. No entanto, embora a divindade não se deteriore de nenhuma maneira, nem por isto o Verbo deixou de se fazer carne.

O Evangelho, de fato, não diz: "A carne se fez Verbo", mas sim: *O Verbo se fez carne*[1444]. Ora, o Verbo é Deus, já que está escrito: *E o Verbo era Deus*[1445].

Quanto à carne, ela não designa o ser humano? De fato Cristo assumiu uma carne, sem deixar de tomar uma alma, ao mesmo tempo, pois, ele diz: *Minha alma está triste até à morte*[1446].

Se, então o Verbo é Deus e a carne é o ser humano, o que significa: *O Verbo se fez carne*, se não é que Deus se fez humano? Se não é também: o Filho de Deus se fez Filho do Homem, tomando uma natureza inferior e sem mudar sua natureza divina, unindo-se ao que não era, sem perder o que ele era?

Como, aliás, confessaríamos, de acordo com a regra da fé, que acreditamos no Filho de Deus que nasceu da Virgem Maria, se da Virgem Maria tivesse nascido, não o Filho de

Deus, mas o Filho do Homem? Que cristão negaria que ela deu à luz o Filho do Homem, mas também que Deus, ao se fazer humano, o ser humano se tornou assim Deus? Pois, *o Verbo era Deus* e *o Verbo se fez carne*.

Reconheçamos então: o Filho de Deus, por ter nascido da Virgem Maria, se tornou Filho do Homem, tomando uma natureza de servo. Continuando a ser o que era, ele se tornou o que ele não era. Ele passou a ser o que o torna inferior a seu Pai, mesmo conservando o que o torna um com ele.

03 – O Verbo de Deus se tornou humano.

Se o Salvador, que é sempre o Filho de Deus, não tivesse se tornado realmente Filho do Homem, como o Apóstolo diria sobre ele: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[1447].

Não se trata de outro ser, é o igual ao Pai, do qual ele possui a divina natureza. Foi o Filho Unigênito de Deus que *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*.

Não foi outro também, foi o igual ao Pai, do qual tem a natureza divina, que *humilhou ainda mais*, não um estranho, mas ele mesmo, *tornando-se obediente até à morte e morte de cruz*[1448].

Ora, o Filho de Deus só fez isto na medida em que se tornou Filho do Homem, ao assumir sua natureza.

Além disso, se, sendo eternamente o Filho de Deus, ele não tivesse se tornado o Filho do Homem, o Apóstolo diria também aos Romanos: *Paulo, servo de Jesus Cristo, escolhido para ser apóstolo, reservado para anunciar o Evangelho de Deus. Este Evangelho Deus prometera outrora pelos seus profetas na Sagrada Escritura, acerca de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, descendente de Davi quanto à carne*[1449]?

Aí está o Filho de Deus, o Filho eterno de Deus, tornado membro da descendência de Davi segundo a carne, sem nunca ter sido seu membro antes.

Além disso também, se o Filho de Deus não se tivesse feito Filho do Homem, Deus teria enviado *seu Filho, que nasceu de uma mulher*[1450]?

Observemos que este último termo (*mulher*) designa, em hebraico, somente o gênero, sem contestar a glória da virgindade.

Ora, quem foi enviado pelo Pai, se não foi o Filho Unigênito? E como ele teria nascido de uma mulher, se não foi se tornando o Filho do Homem, quando foi enviado? Ele, que junto ao seu Pai é o próprio Filho de Deus?

Ele nasceu de seu Pai fora do curso do tempo e hoje ele nasceu de sua Mãe. Após haver criado este dia, ele o escolheu para ser criado nele, da mesma forma como, depois de ter criado sua Mãe, ele a escolheu para nascer dela.

Este dia, aliás, a partir do qual o dia cresce, não convém à missão de Cristo, através de quem, dia a dia se renova em

nós nosso ser mais íntimo[1451]?

E, já que o eterno Criador condescendeu se tornar criatura no tempo, ele não deveria ter como dia de nascimento um dia que indicasse o que ele viria criar no tempo?

Sermão 187 - Jesus Cristo Deus e humano.

Para o dia de Natal.

Análise

Para explicar como o Verbo de Deus, ao se fazer humano, não perde nada de sua divindade, Santo Agostinho o compara à palavra ou melhor, ao pensamento humano, que se dá a todos sem se esgotar nem diminuir e que não perde sua natureza, ao tomar, na voz, uma espécie de corpo.

O santo Doutor prova em seguida, através de vários textos das Escrituras, que o Salvador não mudou nada de sua natureza divina, ao se unir à natureza humana.

01 – A grandeza e a humildade de Cristo.

Minha boca vai proclamar a glória do Senhor[1452]. Desse Senhor por quem tudo foi feito[1453], que também foi gerado, como todas as coisas, que mostrou seu Pai e criou sua Mãe.

Filho de Deus, ele tem um Pai, mas não uma Mãe. Filho do Homem, ele tem uma Mãe, mas não um pai. Ele é, ao mesmo tempo, o grande dia dos anjos e pequena luz, entre os humanos.

Verbo de Deus antes de todos os tempos, Verbo feito carne no tempo adequado. Criador do sol e criado sob o sol.

Junto ao seu Pai governa todos os tempos e junto à sua mãe consagra o dia presente, permanecendo junto a um e saindo da outra, formando o céu e a terra e nascendo sob o sol e a terra.

Inefavelmente sábio e sabiamente criança. Preenchendo o mundo e deitado em um estábulo. Dirigindo os astros e pesando o ventre materno.

Tão grande em sua natureza de Deus e tão pequeno com sua natureza de servo. Que sua pequenez não diminua em nada sua grandeza e que sua grandeza não esmague em nada sua pequenez.

De fato, ao tomar um corpo humano, ele não interrompeu suas ações divinas e continuou a estender *seu vigor de uma extremidade do mundo à outra e dispor todas as coisas com suavidade*[1454] quando, incorporando a enfermidade da carne, ele entrou, sem se limitar, no ventre de uma Virgem e, sem tirar dos anjos o alimento divino de sua sabedoria, ele nos concedeu a graça de poder sentir o quanto o Senhor é suave.

02 – A palavra humana e a palavra de Deus.

Por que ver com surpresa essa maravilhas no Verbo de Deus, quando nossa própria palavra entra tão livre na mente que ela penetra nela sem ficar limitada a ela? Efetivamente, se ela não penetrasse nela ela não a

esclareceria e se ela ficasse limitada a ela, ela não entraria em outras mentes.

Mesmo formado por palavras e sílabas, o sermão que dirijo a vocês neste momento não é cortado em pedaços por vocês, como o alimento material. Todos vocês ouvem tudo inteiramente e tudo é inteiramente recolhido por cada um de vocês.

Não tememos, ao nos dirigirmos a vocês, que um só se apodere de tudo sem deixar nada para os outros. Pelo contrário, pedimos a vocês uma atenção assim: uma atenção do corpo e uma atenção da mente. Que cada um ouça tudo e permita aos outros ouvir igualmente tudo.

Além disso, não há aqui uma sucessão, no sentido de que um deve recolher primeiro a palavra e depois passá-la a outro. É ao mesmo tempo que ela se apresenta a todos e é inteira que ela se faz ouvir por cada um e se o sermão pode ser retido totalmente pela memória, cada um de vocês, ao retornar para casa, o leva inteiro, como vocês todos quiseram, ao virem aqui, ouvi-lo inteiro.

Portanto, esse Verbo de Deus, por quem tudo foi feito e que, *imutável em si mesmo, renova todas as coisas*[1455], que não se limita no espaço, que não se alonga no tempo, que não diferencia as sílabas longas das breves, que não é uma sequência de sons e que não termina com o silêncio, com uma razão muito mais forte esse Verbo pôde, ao tomar um corpo, fecundar o ventre de sua Mãe sem deixar a companhia de seu Pai; sair de um para se mostrar aos humanos e permanecer junto ao outro para iluminar os

anjos; vir de um para a terra e junto ao outro estender o céu; em um se fazer humano e junto ao outro criar os humanos.

03 – O pensamento e as palavras.

Ninguém deve acreditar, portanto, que o Filho de Deus se transformou e mudou para se tornar Filho do Homem. Acreditemos, invés disso, que, sem nada mudar de sua divina substância e ao tomar, em toda sua perfeição, a natureza humana, ele continuou a ser o Filho de Deus mesmo se tornando o Filho do Homem.

Está escrito: *O Verbo era Deus*[1456] e também: *O Verbo se fez carne*[1457]. Isto não está assim para mostrar que, ao se fazer carne, ele deixou de ser Deus. Não está dito também que esse Verbo, depois do seu nascimento carnal é: *Emanuel, que significa: Deus conosco*[1458]?

Para escapar através de nossa boca, nosso pensamento interior se torna uma voz, sem, no entanto, se transformar em uma voz. Esse pensamento continua sem alteração, quando toma uma voz para se expressar. Ele permanece em nós para se fazer compreender, ao mesmo tempo em que o som o leva para fora, para se fazer entender.

Esse som expressa a mesma coisa que havia soado no silêncio da mente. Assim, mesmo se tornando uma voz, meu pensamento não se confunde com ela. Ele permanece na luz do intelecto e quando ele se une ao som produzido pelos meus órgãos, é para chegar às mentes de vocês sem deixar minha mente.

Observem que eu não falo aqui da meditação silenciosa que procura expressões gregas, latinas ou de qualquer outra língua, mas da meditação que procura o próprio pensamento, antes de se ocupar com a linguagem; quando esse pensamento, que precisou, para se expressar, da roupagem da palavra, está, em certo sentido, no santuário interior, completamente nu aos olhos do intelecto.

No entanto, esse pensamento do intelecto, como o som que o expressa, é mutável e cambiante. Não resta nada dele, quando ele é esquecido, assim como não resta nada da palavra, quando se faz silêncio.

Mas o Verbo de Deus vive eternamente e vive imutavelmente.

04 – Cristo Deus e humano.

Assim, quando ele tomou um corpo no tempo, para partilhar de nossa vida temporal, ele não perdeu sua eternidade, mas, ao próprio corpo ele conferiu a imortalidade. É desta forma que, *qual esposo que sai do seu tálamo, exulta, como um gigante, a percorrer seu caminho*[1459].

Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus e, para se tornar, por nós, o que ele não era, ele *aniquilou a si mesmo*, não perdendo sua natureza divina, mas *assumindo a condição de servo* e, com essa natureza, *assemelhando-se aos humanos*, não com sua própria substância, mas, *sendo exteriormente reconhecido como humano*[1460].

Exteriormente, pois tudo o que somos, tanto na alma quanto no corpo, é nossa natureza.

Quanto a Jesus Cristo, trata-se do exterior, pois, se não tivermos nossa natureza, não existimos, mas ele, se não a tiver, nem por isso ele deixa de ser Deus. Quanto ele tomou nossa natureza, ele se fez humano permanecendo Deus, de maneira que ele pode dizer dele mesmo duas coisas incontestáveis. Uma trata de sua humanidade: *O Pai é maior do que eu*[1461]. A outra é relacionada à sua divindade: *Eu e o Pai somos um*[1462].

Se o Verbo tivesse se confundido com a carne, Deus com o ser humano, ele teria podido dizer verdadeiramente: *O Pai é maior do que eu*, porque realmente o Pai é maior do que o ser humano. Mas, de forma alguma ele poderia ter dito: *Eu e o Pai somos um*, pois o ser humano não é o mesmo que Deus.

Da mesma forma, ele poderia ter dito também: "Eu e o Pai não somos um, mas já fomos", pois ele não seria mais o que ele tinha sido. No entanto, a natureza de escravo que ele uniu à dele lhe permitiu dizer: *O Pai é maior do que eu* e a natureza divina que ele não perdeu, lhe permitiu dizer, com verdade: *Eu e o Pai somos um*.

Se então ele se aniquilou no meio da humanidade, não foi para deixar de ser o que ele era ao se tornar o que ele não era. Foi para esconder o que ele era e para mostrar o que ele havia se tornado.

Assim, tendo a Virgem concebido e posto no mundo esse Filho em quem se manifestou a natureza de escravo __

como está escrito: *um menino nos nasceu, um filho nos foi dado*[1463] __ e o Verbo divino que existe eternamente se fazendo carne para habitar entre nós, escondendo, ao mesmo tempo que conservando, sua natureza divina, nós lhe damos, como Gabriel, o nome de *Emanuel*. Já que ele se fez humano permanecendo Deus, temos o direito de dar a este Filho do Homem o nome de *Deus conosco*, sem que o humano seja nele uma pessoa diferente de Deus.

Exultem então, ó mundo dos crentes! Pois, para salvar você, veio para o meio de nós o próprio Criador do mundo.

O Pai de Maria é também o Filho de Maria. O Filho de Davi é o Senhor de Davi. O descendente de Abraão existia antes de Abraão[1464]. Aquele que formou a terra foi formado sobre a terra. O Criador do céu foi criado sob o céu. Ele é, ao mesmo tempo, o dia que fez o Senhor. O dia e o Senhor do nosso coração.

Caminhemos sob sua luz![1465] Rejubilemos nele e sejamos levados pela alegria![1466]

Sermão 188 - O objetivo da encarnação.

Para o dia de Natal.

Análise

Por que um Deus, tão grande que não podemos falar adequadamente dele, se rebaixou até se fazer uma criancinha? Foi para o nosso bem, para aplicar aos nossos males os remédios mais capazes de nos curar. Ele mostra a

magnificência dos seus propósitos ao conceder à Maria o duplo privilégio da virgindade e da maternidade reunidas.

01 – O Verbo de Deus permanece um mistério.

Vamos nos dedicar a louvar o Filho de Deus tal como ele é junto ao seu Pai, igual e coeterno ao seu Pai; ele, por quem tudo foi formado, no céu e na terra, coisas visíveis e coisas invisíveis; ele, o Verbo de Deus e Deus ao mesmo tempo; ele, a vida e a luz da humanidade. Algum pensamento, alguma palavra humana seria capaz disso?

Nossa língua, de fato, poderia celebrar dignamente Aquele que nosso coração não pode ver ainda, embora o Verbo tenha aberto nele um olho que poderá contemplá-lo, quando estivermos purificados de nossas iniquidades, curados de nossas enfermidades e sintonizados com a beatitude que desfrutarão os corações puros, ao verem Deus[1467]?

Sim, por que se espantar por não encontrarmos palavras para expressar esse Verbo único que nos chamou à existência[1468] e convidou a dizer sobre ele alguma coisa?

É nossa mente que forma as palavras que meditamos e que verbalizamos externamente, mas nossa mente foi formada, por sua vez, por esse Verbo supremo.

Quando uma pessoa forma as palavras, ela não age como agiu o Verbo ao formá-la, porque o Pai não age também, ao gerar seu Verbo, como ele age ao criar todas as coisas através dele. É um Deus que gera então um Deus e o Filho gerado é também Deus com seu Pai.

Quanto ao mundo, Deus o criou, mas o mundo passa, enquanto que Deus permanece e, assim como nada do que foi feito pôde se fazer, da mesma forma, Aquele que pôde fazer tudo não foi feito por ninguém.

Portanto, não é surpreendente que, tendo sido feito como tudo o resto, o ser humano não encontre palavras para explicar o Verbo que o fez.

02 – O Verbo eterno nasceu no tempo por nós.

Todavia, ao escutar e refletir um pouco, talvez possamos falar com alguma adequação e alguma dignidade, não do Verbo que *estava no princípio junto de Deus*[1469] e que *era Deus*[1470], mas do Verbo *que se fez carne*[1471]. Talvez possamos falar também do motivo pelo qual ele *habitou entre nós*[1472].

Ele não permitiria falar dele, onde ele se tornou visível? Não foi porque ele quis se mostrar aos nossos olhos que celebramos hoje o dia em que ele condescendeu nascer de uma Virgem?

Ele também não quis que pessoas relatassem, à sua maneira, essa geração humana, enquanto que, na alta eternidade onde ele é igual a Deus seu Pai, *quem pensou em narrar sua geração*[1473]?

Não há um dia em particular que deva ser celebrado com mais solenidade. Este dia não passa, para retornar no ano seguinte, pois ele é sem fim, como foi sem começo. Este dia é, nada mais nada menos, do que próprio Verbo Unigênito de Deus. Ele, que é a vida e a luz da humanidade.

Já o dia atual, em que, depois de ter se encarnado, ele se mostrou como o Esposo que sai do leito nupcial, se chama agora hoje, como amanhã ele se chamará ontem e, se o dia atual é dedicado a glorificar o Filho eterno da Virgem, foi porque ele mesmo o consagrou, ao nascer dela hoje.

Como então louvar esse amor de um Deus? Como lhe dar graças? Que sentimento, de fato, nós demonstraremos a ele?

Foi ele quem fez o tempo e, por nós, ele nasceu no tempo.

Sua eternidade o torna bem mais antigo do que o mundo e, por nós, ele se fez, no mundo, mais jovem do que muitos dos seus servidores.

Ele fez o ser humano e se fez humano. Ele nasceu de uma Mãe, depois de tê-la criado. Ele foi pego nos braços que ele mesmo formou, foi colocado junto ao seio que ele mesmo encheu, fez ser ouvido em um estábulo os vagidos inarticulados de uma criança muda, quando ele é o Verbo sem o qual está reduzido ao silêncio qualquer eloquência humana.

03 – O Verbo que é o mestre da humildade.

Contemple, ó mortal, o que Deus se fez por você e, com este Mestre que ainda não fala, aprenda o quanto são profundos seus rebaixamentos.

Sua loquacidade era tal no Paraíso terrestre, que ela permitiu a você dar nomes a todos os seres vivos[1474] e seu

Criador, por amor a você, está deitado sem palavras, sem chamar nem mesmo sua Mãe pelo nome.

No jardim imenso coberto de árvores carregadas de frutos, você se perdeu, ao se recusar a obedecer, mas seu Criador desceu, por obediência e como um mortal, a este lar estreito, para nele procurar os mortos que se dedicam a morrer.

Você não passava de um simples humano, mas, para sua perdição, você quis ser Deus[1475]. Ele era Deus e, para encontrar o que estava perdido, ele quis se fazer humano.

Por fim, você se deixou sobrecarregar tanto pelo orgulho humano, que só pôde ser aliviado por uma humildade divina.

04 – A virgindade de Maria e da Igreja.

Com alegria então celebramos este dia em que vimos Maria dar á luz seu Salvador. Uma mulher gerar Aquele que instituiu a união conjugal. Uma Virgem gerar o Rei das virgens. Uma esposa se tornar mãe sem um esposo. Uma Virgem permanecer sempre Virgem, tanto antes do casamento, quanto ao levar seu Filho no ventre e ao aleitá-lo.

Esse Filho onipotente teria, depois de seu nascimento, desprovido sua santa Mãe dessa virgindade que atraiu sua escolha antes de seu nascimento?

A fecundidade do casamento é louvável, sem dúvida, mas a integridade virginal é mais louvável ainda.

Cristo, que é, ao mesmo tempo, Deus e humano, tendo como Deus o poder de outorgar à sua Mãe o duplo privilégio da maternidade e da virgindade, não lhe concederia o mínimo, aquilo que desejam as esposas, para retirar-lhe o mais precioso, que é o que ambicionam as virgens ao desprezarem o ato de se tornarem mães.

Daí vem que a Igreja, que também é virgem, celebra hoje o miraculoso parto dessa Virgem.

Não foi à Igreja que o Apóstolo disse: *Eu vos consagro um carinho e amor santos, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura*[1476]?

Composta por numerosas pessoas dos dois gêneros, tanto por rapazes quanto por moças, pais e mães unidos pelos laços do matrimônio, como a Igreja pode ser chamada de *virgem pura*, se não é por causa da integridade de sua fé, de sua esperança e do seu amor?

Cristo quis então formar para ele uma Igreja que fosse virgem de coração. Por isso ele conservou em Maria a virgindade do próprio corpo.

Nas uniões humanas, uma mulher é entregue ao seu marido para deixar de ser virgem. A Igreja não poderia permanecer virgem se ela não tivesse por Esposo do seu coração o próprio Filho de uma Virgem.

Sermão 189 - Verdade e justificação.

Para o dia de Natal.

Análise

O Verbo nascendo da Virgem é a Verdade brotando da terra. O que ele propõe não é somente nos iluminar, mas também nos justificar. Então, vamos até ele e nos unamos a ele.

01 – Cristo, luz eterna da criação.

O Dia que é o autor de todos os dias, santificou por nós, meus irmãos, o dia de hoje. É sobre este Dia supremo que fala um Salmo: *Cantai ao Senhor um cântico novo. Cantai ao Senhor a terra inteira. Cantai ao Senhor e bendizei o seu nome, anunciai cada dia a salvação que ele nos trouxe*[1477].

"Bendigam seu Salvador, o Dia saído do Dia".

Quem é esse Dia saído do Dia, se não é o Filho saído do Pai, a luz da luz?

O Dia então gerou o Dia que nasce hoje do ventre da Virgem e este dia, por consequência, não tem nascer e nem se por.

Eu chamo de Dia a Deus Pai. Jesus, de fato, não seria o Dia do Dia, se o Pai também não fosse Dia.

O que é o Dia, se não é luz? Não essa luz que chega até os olhos do corpo e que ilumina os animais tanto quanto nós, mas a luz que brilha aos olhos dos anjos e que precisa, para que chegue até nós, que purifiquemos nossos corações.

Não vivemos em uma noite que passa e na qual são acesas para nós as tochas das Escrituras?

A esta noite sucederá a manhã que é mencionada nesta palavras do Salmo: *De manhã me levantarei perante vós e*

vos contemplarei[1478].

02 – A justiça da fé.

Esse Dia então, que é o Verbo de Deus, esse dia que ilumina os anjos e que irradia na pátria da qual estamos exilados, ele se revestiu de carne e nasceu da Virgem Maria.

Nascimento maravilhoso! O que há de mais maravilhoso do que o parto de uma Virgem? De uma Virgem que concebeu sendo Virgem e que dá à luz sendo Virgem ainda?

Seu Filho foi, assim, formado por aquela que ele formou. Ele lhe deu a fecundidade, sem alterar em nada sua integridade.

De onde vem Maria? De Adão. E Adão? Da terra. Mas, Maria vindo de Adão e Adão vindo da terra, não se conclui que Maria é também terra como ele?

Ora, sendo Maria terra, como não compreender o que cantamos: *A verdade brotou da terra*?

O que ganhamos com isso? *A verdade brotou da terra e a justiça olha do alto do céu*[1479].

Por quê? É que, como diz o Apóstolo, os judeus, *desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[1480].

Como alguém pode se tornar justo? É por ele mesmo?

Qual é o pobre que pode dar pão a si mesmo? Qual é a pessoa nua que pode se cobrir, se alguém não lhe der roupas?

De onde vem então a justiça? Ela pode existir sem a fé, já que *o justo viverá pela sua fé*[1481]?

Dizer-se justo quando não se tem fé, é mentir. Ora, se quando não se tem fé, se mente, é preciso então voltar-se para o lado da Verdade.

Mas a Verdade estava bem afastada. Ela *brotou da terra*. Você estava dormindo, ela veio e chegou perto de você.

Você estava no mais profundo sono, ela o despertou e, para afastá-lo da perdição, ela abriu para você um caminho nela mesma.

Assim então, a Verdade brotando da terra é Cristo nascendo da Virgem e se *a justiça olha do alto do céu*, é para reconduzir à Sabedoria aqueles que a injustiça afastou dela.

03 – Cristo nasceu para o nosso renascimento.

Éramos mortais, esmagados sob o peso dos nosso pecados, sobrecarregados pelos castigos que merecemos. A vida de todos não começa com o sofrimento?

Por que procurar astrólogos? Interrogue a criança que acaba de vir ao mundo. Compreenda seu choro.

Pois então! A terra inteira trazia assim a ira de Deus. Mas, subitamente, que clarão de bondade! *A verdade brotou da terra*.

Aquele que tudo criou veio a ser criado também. Ele fez o dia e ele é dado ao dia.

Cristo Nosso Senhor é da eternidade e, portanto, sem começo junto ao seu Pai. Ele tem agora seu dia de nascimento.

No princípio era o Verbo[1482]. Se esse Verbo não tivesse passado por um nascimento, jamais conseguiríamos ser divinamente renascidos. Ele, portanto, nasceu para nos fazer renascer.

Cristo nasceu; como hesitar em renascer? Ele foi gerado, mas não tem nenhuma necessidade de ser regenerado. Quem é aquele que precisa ser regenerado, se não é aquele que está condenado já em sua própria geração?

Que sua misericórdia aja então em nossos corações. Sua mãe o carregou em seu ventre. Carreguemo-lo em nossas almas!

Uma Virgem gerou o Salvador. Que nossas almas, por sua vez, gerem a salvação.

Geremos também o louvor!

Não sejamos estéreis e que por Deus nossas almas sejam fecundas.

04 – Os dois nascimentos de Cristo.

Cristo não teve Mãe quando foi gerado por seu Pai e não teve Pai quando foi gerado por sua Mãe.

Gerações maravilhosas! A primeira é eterna e a segunda é temporal.

O Eterno nasceu do Eterno. Por que se espantar com isso? Ele é Deus!

Que se pense na Divindade e qualquer surpresa desaparecerá.

Que se coloque de lado o espanto para fazer subir gritos de louvor!

Tenha fé e acredite no que aconteceu.

Deus não foi suficientemente humilde para você? Ele era Deus e nasceu.

Que estábulo minúsculo! Ele foi envolvido em trapos e depositado em uma manjedoura. Quem não ficaria surpreso com isso?

Ele enche o mundo e, para ele, não havia lugar em uma hospedaria.

O quê!? O nosso pão celeste foi colocado em uma manjedoura!

Ah! Que desta manjedoura se aproximem os dois povos.

O boi conhece o seu dono e o asno, o estábulo do seu dono[1483].

Não se envergonhe por ser, para seu Deus, um destes animais. Você carregará Cristo e não se desgarrará. Você está no verdadeiro caminho, já que Cristo monta você.

Sim, que Cristo nos monte também e que ele nos leve para onde ele quiser. Sejamos para ele como animais de carga e vamos até Jerusalém.

Esse fardo não sobrecarrega. Guiados por ele, não nos desgarraremos.

Através dele chegamos a ele, para partilhar da eterna alegria da Criança que nasce hoje.

Sermão 190 - Três circunstâncias.

Para o dia de Natal.

Análise

Jesus Cristo escolheu para nascer no dia do ano em que os dias começam a crescer. Isto foi para nos mostrar que dali por diante devíamos crescer na luz e na santidade.

Ele poderia nascer sem a ajuda de uma mãe, como nasceu sem um pai, Mas, ele quis ter uma mãe, para dar esperança para as mulheres, como ele deu aos homens, se fazendo um homem.

Ele quis nascer em um estábulo, ser depositado em uma manjedoura, como se servisse de alimento aos animais. Isto foi para nos ensinar com que docilidade devemos servi-lo e como ele se dispôs a nos alimentar com ele mesmo.

01 – Cristo é a nossa luz.

Junto ao seu Pai, onde estava antes de nascer de sua Mãe, Jesus Nosso Senhor escolher não apenas a Virgem que devia colocá-lo no mundo, mas também o dia em que ele deveria nascer.

Pessoas desgarradas geralmente preferem um dia ao outro, seja para plantar ou para construir, seja para se por a caminho e, algumas vezes, para contrair matrimônio. Elas fazem isto na esperança de obterem melhores resultados.

No entanto, ninguém fixa o dia do próprio nascimento. Mas o Salvador pôde escolhê-lo como ele pôde escolher sua

Mãe, já que a criação tanto de um como da outra dependia dele.

Ora, ao preferir um dia ao outro, ele não entrou nas vãs ideias dessas mentes superficiais que ligam os destinos das pessoas à disposição dos astros.

Foi o dia do seu nascimento que fez a felicidade de Cristo? Invés disso, não foi Cristo quem abençoou o dia em ele condescendeu nascer entre nós?

Assim, o dia do seu nascimento é o sinal misterioso da luz que ele veio espalhar.

Disse o Apóstolo: *A noite vai adiantada e o dia vem chegando. Despojemo-nos das obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia*[1484].

Distingamos os dia e sejamos dia nós mesmos, pois éramos noite ao vivermos na infidelidade. Ora, essa infidelidade, que tinha se abatido sobre o mundo inteiro, como uma noite espessa, devia diminuir na medida em que crescia a fé e é por esta razão que, no dia do nascimento de Jesus Cristo, a noite começa a decrescer e a luz a crescer.

Que este dia, meus irmãos, seja então para nós um dia solene. Celebremo-lo, não como os infiéis, em consideração ao sol, mas em consideração Àquele que criou o próprio sol, pois, se o Verbo se fez carne[1485], foi para viver por amor a nós sob o sol.

Seu corpo não foi iluminado por este astro, quando sua majestade se ergueu acima de todo este mundo onde ele se colocou? E esse mesmo corpo não domina hoje esse sol a

quem prestam culto os cegos que não conseguem contemplar o verdadeiro Sol da justiça?

02 – Em seu nascimento Cristo honra o homem e a mulher.

Hoje então, meus irmãos, celebremos não a geração divina de Cristo, mas o nascimento humano que ele quis vivenciar para se adaptar à nossa fraqueza, fazendo-se visível, de invisível que ele era, para nos erguer das coisas visíveis para as coisas invisíveis.

A fé católica, de fato, não nos permite esquecer essas duas gerações do Salvador: uma divina e outra humana. Sendo que uma está acima do tempo e a outra acontece no tempo, sendo ambas maravilhosas, já que em uma o Salvador não tem Mãe e na outra ele não tem Pai. Se não compreendermos uma, como imaginar a outra?

Como, afinal, compreender um fato tão novo, tão singular e único no mundo; um fato tão incrível mas que, no entanto, se tornou crível e incrivelmente aceito no mundo inteiro; ou seja, que uma Virgem concebeu, deu à luz e, mesmo dando à luz, permaneceu Virgem?

Mas, o que não se pode explicar pela razão humana, a fé consegue e essa fé cresce na medida em que a razão falta.

De fato, quem ousaria dizer que o Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, pôde, mesmo sem uma Mãe, formar para ele mesmo um corpo, como ele tinha formado um para o primeiro ser humano, que não tinha pai e nem mãe?

No entanto, já que ele tinha criado os dois gêneros __ o masculino e o feminino __ e vinha libertar ambos, ele quis, ao nascer, honrar ambos os gêneros.

Você conhecem, seguramente, a queda do primeiro ser humano e sabem que a serpente não ousou se dirigir a Adão e, para abatê-lo, ela recorreu à ajuda da mulher. Com a ajuda do membro mais fraco do casal, ela ganhou o mais forte e, depois de se servir de um para chegar ao outro, ela venceu os dois.

Era de se temer que, sob a impressão de uma justa dor, tivéssemos horror à mulher, como a causadora de nossa morte e que ela fosse considerado por nós como irremediavelmente perdida. Foi para afastar este sentimento que, ao vir procurar o que estava perdido, o Senhor quis honrar o homem e a mulher, ambos perdidos.

Evitemos ultrajar o Criador por causa de um gênero qualquer. Seu nascimento nos convida a esperar a salvação de todos. A glória do gênero masculino é que Cristo faz parte dele e a glória do gênero feminino é que a Mãe de Cristo faz parte dele.

A graça do Senhor triunfou sobre a astúcia da serpente.

03 – Cristo, criança e Verbo.

Assim, que ambos renasçam com Aquele cujo nascimento honramos hoje e que todos celebrem este grande dia.

Não é de hoje, sem dúvida, que data a existência de Cristo Nosso Senhor, já que eternamente ele existe junto ao

seu Pai. Mas foi hoje que ele tomou um corpo no ventre de sua Mãe e que se mostrou aos nossos olhos, tornando sua Mãe fecunda sem lhe tirar sua virgindade.

Então, ele foi concebido, ele nasceu e ele é uma criança. Ora, o que é essa Criança? Criança (*infans*) significa que ele não consegue falar (*fari*). Assim, o próprio Verbo não pode falar. Mas, se com seu próprio corpo ele mantém silêncio, ele fala através dos anjos e estes anunciam aos pastores o Príncipe e o Pastor dos pastores.

Além disso, ele foi colocado em uma manjedoura, como que para servir de alimento aos animais fiéis. Um Profeta não tinha feito esta profecia, ao dizer: *O boi conhece o seu dono e o asno, o estábulo do seu dono*[1486]?

Assim, ele montou em uma jumenta, por ocasião das aclamações das multidões que o precediam e o seguiam, ao fazer sua entrada em Jerusalém[1487].

Que nós também o reconheçamos, que nos aproximemos da manjedoura e que comamos ali. Que carreguemos o Senhor, nos deixando guiar por ele, para que consigamos chegar também à Jerusalém celeste.

A geração de Cristo por sua Mãe aconteceu na enfermidade, mas sua geração por seu Pai aconteceu em ampla majestade.

Cristo teve no tempo um dia temporal, mas ele é o Dia eterno nascido do Dia eterno.

04 – Cristo se fez fraco para gerar fortes.

Convém então que nos exultemos com o som deste Salmo que ressoa em nossos ouvidos como o estrondo de uma trompa celeste: *Cantai ao Senhor um cântico novo. Cantai ao Senhor a terra inteira. Cantai ao Senhor e bendizei o seu nome, anunciai cada dia a salvação que ele nos trouxe*[1488].

Assim, reconheçamos e divulguemos a glória deste Dia saído do Dia, que recebe hoje um nascimento físico. Esse Dia nascido do Dia é o Filho nascido do Pai, Deus de Deus, luz da luz.

Ele é também o Salvador, sobre o qual está dito em outro Salmo: *Para que se conheçam na terra os seus caminhos e em todas as nações a sua salvação, que os povos vos louvem, ó Deus, que todos os povos vos glorifiquem*[1489].

Primeiro está dito: *na terra* e depois está dito: *que todos os povos*. Primeiro se disse: *seus caminhos* e depois se disse: *sua salvação*. O mesmo Senhor disse, como recordamos: *Eu sou o caminho*[1490].

Há pouco também, na leitura do Evangelho, vimos que o bem-aventurado idoso Simeão tinha recebido de um oráculo divino a certeza de não experimentar a morte ante de ter contemplado Cristo Senhor. Ele tomou em seus braços a divina Criança e, reconhecendo a suprema grandeza naqueles pequenos membros, disse: *Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos viram a vossa salvação que preparastes diante de todos os povos, como luz para*

iluminar as nações e para a glória de vosso povo de Israel[1491].

Que nós também proclamemos esse Dia saído do Dia, esse Salvador de Deus. Divulguemos, *em todas as nações, cada dia, a salvação que ele nos trouxe*.

Ele está deitado em uma manjedoura, mas ele suporta o mundo. Ele toma o seio de sua Mãe, mas ele alimenta os anjos. Ele está envolvido em trapos, mas ele nos dá as roupas da imortalidade. Ele é aleitado, mas, ao mesmo tempo, adorado. Para ele, não houve lugar na hospedaria, mas ele constroi para ele um templo nos corações dos crentes. Para fortificar a fraqueza, sua força se enfraqueceu.

Ah! Saibamos admirar este nascimento temporal, invés de desdenhar dele e reconheçamos nele os rebaixamentos profundos da mais suprema Majestade. E, para chegarmos à sua eternidade, inflamemos junto a ele nosso amor.

Sermão 191 - A virgindade.

Para o dia de Natal.

Análise

O amor do Salvador pela virgindade é tal que, no momento em que ele vem se submeter com todo seu coração a tantos ultrajes, ele só quer uma virgem como mãe e ele exige que toda sua Igreja seja também virgem de coração e cumula com suas graças privilegiadas os cristãos

que guardam a virgindade espiritual e física, a exemplo de Maria.

01 – O grande amor de Cristo pela humanidade.

Ao se fazer carne, o Verbo do Pai, por quem tudo foi feito, nos dá para celebrar o dia do seu nascimento no tempo. Autor divino de todos os dias, ele quis reservar um deles para lembrar sua Natividade.

Junto ao seu Pai, ele é anterior à longa sequência dos séculos e, ao deixar neste dia o ventre de sua Mãe, ele segue o curso dos anos.

Criador do ser humano, ele se fez humano, para, assim, tomar o seio materno. Ele, que dirige os astros, condena o Pão[1492] a suportar a fome[1493], a Fonte[1494] a ter sede[1495], a Luz[1496] a dormir[1497], o Caminho[1498] a se cansar na estrada, a Verdade a ser acusada por falsos testemunhos, o Juiz dos vivos e dos mortos a ser julgado por um mortal, a Justiça a ser condenada pela iniquidade, a disciplina ser castigada com chicotes, o cacho de uvas ser coroado com espinhos[1499], o fundamento do edifício ser pendurado na madeira[1500], a força ser enfraquecida, a própria saúde ser ferida e a que Vida viesse a morrer.

Sim, foi para suportar em nosso favor essas enormidades e outras mais, foi para libertar indignos, já que, ao sofrer tantos males por amor a nós, ele não merecia nenhum e, ao recebermos dele tantos benefícios, nós não merecíamos um só deles. Foi, repito, com este objetivo que

o Filho de Deus, antes de todos os séculos e sem tido jamais um começo, condescendeu nestes últimos dias se fazer Filho do Homem.

Nascido de um Pai sem ter sido formado por ele, ele teve uma Mãe que ele mesmo formou e ficou devedor de sua existência humana àquela que jamais e em lugar algum teria existido sem ele.

02 – A virgindade de Maria.

Assim se cumpriu esta profecia de um Salmo: *A verdade brotou da terra*[1501]. Esta terra é Maria, que permaneceu Virgem depois do parto, como era antes de conceber. Como admitir a perda da integridade nesse corpo, nessa terra onde *a Verdade brotou*?

Assim, quando, depois de sua Ressurreição, o Salvador foi considerado não como tendo um corpo, mas como sendo um espírito puro, ele disse: Apalpem e vejam. *Um espírito não tem carne nem ossos, como veem que tenho*[1502].

Ora, esse corpo jovem e firme nem por isso deixará de entrar na casa onde estavam reunidos os discípulos, embora suas portas estivessem fechadas[1503]. Então, se ele pôde, apesar de todo seu desenvolvimento, passar através de portas fechadas, como lhe teria sido impossível, quando era bem pequeno, sair do ventre materno sem violá-lo?

No entanto, os incrédulos não querem admitir nem um nem outro desses fatos e o que estimula os crentes a admiti-los com mais confiança é que eles são rejeitados, tanto um

como o outro, pelos descrentes, por aqueles que não acreditam na divindade de Cristo.

Mas, com a certeza que Deus mesmo se encarnou, a fé não duvida de que esses fatos sejam igualmente possíveis: que Deus tenha podido, na idade madura, entrar sem abrir a porta em casa e mostrar seu corpo àqueles que ali estavam fechados e que ele tenha podido, ao se tornar uma criancinha, sair como um esposo do seu leito nupcial, do ventre da Virgem, sem ferir de forma alguma a integridade de sua Mãe[1504].

03 – A Igreja Mãe e Virgem.

Foi lá, efetivamente, que o Filho Unigênito de Deus tomou a natureza humana, para se unir a uma Igreja imaculada como seu Cabeça.

Assim, o Apóstolo diz que essa Igreja é virgem, não apenas por causa das virgens propriamente ditas que ele vê nelas, mas também por causa da inviolável pureza que ele desejava a todas as almas. Então, ele escreve: *Eu vos consagro um carinho e amor santos, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura*[1505].

Então, para imitar a Mãe de seu Senhor, como a Igreja não poderia ser, fisicamente, virgem e mãe ao mesmo tempo, ela o é em espírito. E, se Cristo quer que sua Igreja seja virgem e que ela se purifique das máculas contraídas com o demônio, ele retiraria, ao nascer, a virgindade de sua Mãe?

Vocês virgens consagradas, que são fruto dessa incorruptível virgindade, que desprezam as núpcias terrestres e que querem permanecer virgens até mesmo em seus corpos, celebrem hoje com alegria, celebrem com pompa o parto da Virgem. É uma mulher que dá à luz sem ter se aproximado de nenhum homem. Aquele que concedeu a vocês o dom de amar o que vocês amam não privaria dele sua Mãe. Como acreditar que, ao curar em vocês a doença que vocês herdaram de Eva, ele corromperia em Maria a virtude que para vocês tem tantos encantos?

04 – Imitar a virgindade de Maria.

É certo então que essa Virgem, seguindo os passos de quem vocês caminham, não conheceu um homem para conceber seu Filho e que ela permaneceu Virgem mesmo depois de colocá-lo no mundo. Imitem-na então na medida de suas forças, não na fecundidade, o que lhes é proibido, mas em toda sua pureza. Somente ela pôde juntar estes dois dons, sendo que um deles determinou a escolha de vocês e vocês perderiam esta escolha, se quisessem reunir os dois dons como Maria fez. Se ela desfrutou de ambos foi pela graça do Onipotente que se tornou seu Filho, pois somente ao Filho de Deus foi permitido nascer desta maneira para se tornar o Filho do Homem.

No entanto, por ser Cristo filho de uma Virgem, não se conclui que ele seja estranho a vocês. Vocês não podem dar

nascimento à humanidade dele, mas em seus corações ele é seu Esposo.

E que Esposo! Um esposo a quem você devem se apegar como o Autor da felicidade de vocês, sem temer que ele retire suas virgindades.

Se mesmo nascendo fisicamente ele não retirou a virgindade de sua Mãe, ele não conservará muito melhor ainda a de vocês, dando-lhes abraços puramente espirituais?

Evitem ainda acreditar que vocês são estéreis ao permanecerem virgens, pois a santa pureza do corpo contribui para fecundar a alma.

Sigam as recomendações do Apóstolo e, já que vocês não se preocupam com as coisas do mundo e nem em agradar um marido, dediquem-se aos interesses de Deus, procurando agradá-lo em tudo[1506]. Mais fecundas assim do que seus corpos, as almas de vocês poderão se enriquecer de virtudes.

Uma palavra final para vocês todas. Aqui está então o que tenha a dizer a vocês; a vocês que o Apóstolo uniu em matrimônio a Cristo como virgens castas. O que vocês admiram exteriormente em Maria, reproduzam no interior de suas almas.

Acreditar de coração para ser justificado é conceber Cristo e confessar com a boca para ser salvo é dá-lo à luz. Esta é uma feliz maneira de unir em vocês a mais rica fecundidade com a virgindade constante!

Sermão 192 - A bondade de Deus na encarnação.

Para o dia de Natal.

Análise

Quaisquer que sejam as maravilhas que se manifestam na encarnação, a bondade de Deus se revela nela com mais brilho ainda. Foi por nós, de fato, que ele se fez humano; foi por nós, em geral, e por cada um em particular. Quando ele retornou ao céu, também foi para velar por nós.

01 – Admiramos o parto da Virgem.

Hoje *a verdade brotou da terra*[1507]; Cristo nasceu da carne. Entreguemo-nos a uma santa alegria. Que este dia ligue seus espíritos ao pensamento do dia eterno. Desejem e esperem firmemente os bens celestes e, já que vocês receberam este poder, contem com se tornarem filhos de Deus.

Não foi por vocês que nasceu no tempo o próprio autor do tempo? Não foi por vocês que se mostrou ao mundo o fundador do mundo? Não foi por vocês, enfim, que o Criador do mundo se tornou criatura?

Por que então, ó mortais, manter ainda suas mentes no que é mortal? Por que consagrar todas as suas forças para manter, como se fosse possível, uma vida fugitiva?

Ah! Esperanças muito mais brilhantes raiaram sobre a terra e aqueles que a habitam receberam nada menos do que a promessa de viver nos céus.

Para fazer com que se acredite nesta promessa, algo bem mais incríveis acaba de ser dado ao mundo. Para tornar os humanos deuses, Deus se fez humano. Sem perder nada do que ele era, ele quis se tornar o que ele tinha feito. Sim, se tornar o que ele fez, unindo o humano a Deus, sem eliminar Deus no humano.

Ficamos espantados ao vermos uma Virgem se tornar Mãe. É preciso se esforçar para convencer os incrédulos da realidade desse parto todo novo; para fazer com que admitam que uma mulher concebeu sem a ajuda de qualquer homem; que ela deu à luz a uma Criança da qual nenhum mortal foi pai; enfim, que o selo sagrado de sua virgindade permaneceu inviolado no momento da concepção e no momento do parto.

O poder de Deus se mostra aqui maravilhoso, mas sua misericórdia é mais admirável ainda, já que ao poder ele acrescentou a vontade de nascer também. Ele era o Filho Único do seu Pai, antes de se tornar o Filho Único de sua Mãe. Ele mesmo a havia formado, antes de ser formado em seu ventre. Com seu Pai ele é eterno e com sua mãe ele é filho de um dia. Com menos idade do que a Mãe que ele formou, ele é anterior a tudo, sem ser formado por seu Pai. Sem ele seu Pai jamais existiu e sua Mãe não existiria sem ele.

02 – O nascimento de Cristo é alegria para todos.

Virgens de Cristo, rejubilem-se! Sua Mãe é uma de vocês!

Vocês não podem dar à luz Cristo e por ele vocês não querem dar à luz a ninguém.

Ele não nasceu de vocês, mas foi por vocês que ele nasceu. Se vocês se recordam, como devem se recordar, de suas palavras, vocês são também suas mães, já que vocês cumprem a vontade de seu Pai. Ele não disse: *Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*[1508]?

Viúvas cristãs, rejubilem-se! Ele fez fecunda a virgindade e foi a ele que vocês fizeram o voto sagrado da continência.

Rejubilem-se também, castidade conjugal! Vocês todos que guardam a fidelidade conjugal, conservem em seus corações o que não tem mais em seus corpos. Se a carne não pode se manter alheia a certos estímulos, que a consciência seja virgem na fé; virgem como é toda a Igreja.

A virgindade santa de Maria deu origem à Cristo. A longa viuvez de Ana conheceu Cristo em sua pequenez. Por Cristo combateu a castidade conjugal e a miraculosa fecundidade de Isabel.

Assim, todas as ordens da Igreja fizeram por Cristo o que, por sua graça, membros fiéis puderam em favor de sua Cabeça.

Quanto a vocês, como Cristo é a Verdade, a Paz e a Justiça, concebam-no pela fé; gerem-no com suas obras. Que seus corações façam por sua Lei o que fez por seu

corpo o ventre de sua Mãe. Vocês são alheios ao parto da Virgem, já que são membros de Cristo?

Ao Cabeça de vocês Maria deu o nascimento e a vocês ela deu a Igreja. A Igreja também é mãe e virgem. Mãe, pelas entranhas da caridade e virgem pela integridade da fé e da piedade. Ela gera povos inteiros, mas eles não passam de membros Daquele do qual ela é, ao mesmo tempo, o corpo e a esposa. Semelhante também, neste sentido, à Virgem que se tornou para todos a Mãe da unidade.

03 – O nascimento de Cristo é misericórdia.

Desta forma então, celebremos todos com unanimidade de coração; celebremos com pensamentos castos e sentimentos santos o dia do nascimento do Senhor. Foi neste dia, como já dissemos no início, que *a Verdade brotou da terra*.

Também o que é dito em seguida no mesmo Salmo se realizou. De fato, da mesma forma como Aquele que *brotou da terra*, ou seja, que nasceu da carne, desceu do céu e *é superior a todos*[1509], é fora de dúvida que, ao retornar para junto do seu Pai, ele é *a justiça* que *olha do alto do céu*[1510].

Ele mesmo, ao prometer o Espírito Santo, disse expressamente que é justiça. Esse Espírito, ele disse: *arguirá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo. Arguirá o mundo a respeito do pecado que consiste em não acreditar em mim. Ele o arguirá a respeito da justiça,*

porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis[1511].

Esta é a justiça que *olha do alto do céu*. Ela *sai de um extremo do céu e no outro termina o seu curso. Não há quem se esconda do seu calor*[1512].

Era de se temer que se viesse desprezar a Verdade por ela ter brotado da terra, quando, semelhante ao *esposo que sai do tálamo*, ela se lançou do ventre materno onde o Verbo de Deus contraiu com a natureza humana uma inefável união. Mas, para afastar esse desprezo e para impedir que, apesar de seu nascimento admirável, de suas palavras e de suas ações maravilhosas, a semelhança da carne de Cristo com a carne de pecado só fizesse ver um homem, depois das palavras: *qual esposo que sai do seu tálamo, exulta, como um gigante, a percorrer seu caminho*[1513], logo vem estas: *sai de um extremo do céu e no outro termina o seu curso*.

Se então, *a Verdade brotou da terra*, foi por bondade e não por necessidade, foi por misericórdia e não desamparo. Para brotar da terra, essa Verdade desceu do céu e, para sair do tálamo, o Esposo saiu *de um extremo do céu*.

Aí está porque ele nasceu neste dia. Este dia é o mais curto dos dias da terra e é a partir dele que os dias começam a crescer. Assim, Aquele que se encolheu para nos fazer crescer, escolheu o dia que é, ao mesmo tempo, o menor e o princípio dos grandes dias.

Ao nascer desta forma e apesar do seu silêncio, ele clama para nós, de certa maneira, com uma voz

retumbante, que, por nós ele se fez pobre e que, com ele, devemos aprender a ser ricos; que por nós ele assumiu uma natureza de escravo e que devemos com ele recuperar a liberdade; que por nós ele *brotou da terra* e devemos, com ele, possuir o céu.

Sermão 193 - Jesus nossa paz.

Para o dia de Natal.

Análise

Convinha que os anjos felicitassem abertamente Maria. Convém também que repitamos o cântico dos anjos, pois somos nós que seremos um dia a glória de Deus nos céus e, se tivermos a boa vontade e se pedirmos insistentemente a graça divina em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor, ele mesmo será nossa paz.

01 – Glória no céu e paz na terra.

Na leitura do Evangelho ouvimos este cântico dos anjos anunciando aos pastores que Jesus Cristo Nosso Senhor havia nascido da Virgem: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz às pessoas de boa vontade*[1514].

Este cântico de felicitação não é dirigido somente à Mãe da Criança divina, mas também a toda a humanidade a quem ela veio dar um Salvador. Era digno então e do mais alto decoro que Aquela que acabara de dar à luz o Senhor do céu e da terra conservasse toda sua integridade virginal

e fosse felicitada, não por mulheres que tivessem lhe dirigido louvores, mas por anjos cantando a glória de Deus?

Que nós também elevemos a voz, não para anunciar a pastores o nascimento do Salvador, mas para celebrá-lo com suas ovelhas fiéis e com toda a devoção de nossos corações. Clamemos então também em alta voz: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz às pessoas de boa vontade*.

Além disso, meditemos com toda a força de nossa atenção o sentido dessas divinas palavras, desses louvores divinos, desse cântico angélico. Meditemos com fé, esperança e amor, pois, conforme o que acreditamos, conforme o que esperamos e conforme o que desejamos, nós também glorificamos Deus no mais alto dos céus e, por ocasião da ressurreição, nosso corpo, tornado espiritual, será transportado para as nuvens perante Cristo[1515], desde que, no entanto, durante nossa passagem por este mundo nós unamos a paz à nossa boa vontade[1516].

A vida, de fato, não é aquela no mais alto dos céus, já que é lá a morada dos vivos? Não é lá também que nossos dias serão felizes, já o Senhor lá é sempre o mesmo, sem que seus anos diminuam[1517]?

Ora, quando se procura a vida, quando se aspira ver dias felizes, deve-se preservar a língua de toda palavra má e os lábios de toda enganação. Deve-se evitar o mal e fazer o bem, para ser assim uma pessoa de boa vontade. Deve-se também mirar a paz e ir *ao seu encalço*[1518], pois, é *às pessoas de boa vontade* que ela está assegurada.

02 – A misericórdia do Senhor precede nossa vontade.

Se você pensar, ó criatura: *Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*[1519], mantenha-se nesta boa vontade e clame como o Apóstolo: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[1520]

É dele, de fato, essa paz prometida *às pessoas de boa vontade*, quando estiver terminada essa guerra em que *os desejos da carne se opõem aos do espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros*[1521], já que nos mostrou que realmente *é ele a nossa paz; ele, que de dois povos fez um só*[1522].

Sim, mantenhamos nossa boa vontade diante desses desejos perversos e, mantendo-a, imploremos a ajuda da *graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*.

Se sentimos se manifestar a lei da carne, ou se até mesmo já sucumbimos a ela, imploremos também o socorro divino, sem nos apoiarmos em nossas próprias forças e, pelo menos nesse momento opressivo, não desprezemos a ação de nos humilhar. Desta forma virá em nossa ajuda Aquele que disse às pessoas já crentes: *Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos, conhecereis a Verdade e a Verdade vos livrará*[1523]. A Verdade então virá em nossa ajuda e nos *livrará deste corpo que* nos *acarreta a morte*.

Assim, quando essa Verdade, cujo nascimento celebramos, *brotou da terra*[1524], foi para ser nesta terra a *paz às pessoas de boa vontade*.

Quem poderia, de fato, querer e fazer o bem, sem ser ajudado pelo poder; sem a ajuda interior Daquele que, ao nos chamar, nos deu o querer?

Assim, foi em todos os sentidos que nos precedeu sua misericórdia, para nos chamar quando ainda não queríamos e para nos dar o poder de realizar, quando passamos a querer.

Digamos a ele então: *Faço juramento e me obrigo a guardar os vossos justos decretos*. Eu me obrigo, sem dúvida e, para lhe obedecer, eu mesmo prometi obediência. Mas, *sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[1525]. *Estou extremamente aflito, Senhor. Conservai-me a vida como prometestes. O querer o bem está em mim.* Então, *aceitai, Senhor, a oferenda da minha promessa e ensinai-me as vossas ordens*[1526], para trazer a esta terra a *paz às pessoas de boa vontade*.

Falemos a Deus desta maneira. Digamos também a ele o que nos sugerir nossa devoção iluminada por santas leituras. Assim não celebraremos em vão o Senhor que nasce de uma Virgem. Nós, cuja santificação começa pela boa vontade e termina com o amor perfeito. Amor que não possuímos por nossos méritos, mas porque *foi derramado*

em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado[1527].

Sermão 194 - O pão da vida.

Para o dia de Natal.

Análise

Nascido de seu Pai, Jesus Cristo é o alimento dos anjos e ele se fez alimento dos seres humanos ao nascer de sua Mãe. Mas, se os seres humanos se dedicarem a viver dele neste mundo, eles desfrutarão dele como os anjos no céu e serão plenamente felizes.

Por que hesitar?

01 – Escute, reflita, ame, pregue.

Escutem, filhos da luz, adotados para fazerem parte do Reino de Deus! Meus bem-amados irmãos, escutem! Escutem, justos e exultem no Senhor! Assim, seus corações retos serão dignos de cantar seus louvores[1528].

Escutem o que vocês sabem! Lembrem-se do que lhes foi dito! Amem o que vocês acreditam e divulguem o que vocês amam! Hoje celebramos a volta do aniversário deste grande dia! Aguardem pelas poucas palavras que ele exige!

Cristo nasceu! Como Deus, de seu Pai. Como humano, de sua Mãe. De seu Pai, sem prejudicar sua imutabilidade. De sua Mãe, sem alterar sua virgindade. De seu Pai, sem ter Mãe. De sua Mãe, sem ter Pai. De seu Pai, fora do tempo. De sua Mãe, fora do homem. De seu Pai, como princípio de

vida. De sua Mãe, como aniquilador da morte. De seu Pai, como dirigente de todos os dias. De sua Mãe, como consagrador deste dia.

Quando ele enviou João Batista antes dele, ele quis que ele nascesse no momento em que os dias começam a diminuir. Mas ele mesmo nasceu quando os dias começam a crescer. Isto foi um símbolo misterioso do que João Batista diria mais tarde: *Importa que ele cresça e que eu diminua*[1529].

É que, propriamente, a vida humana deve decrescer, mas crescer em Jesus Cristo, de sorte *que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu*[1530] e que cada um de nós diga, como o Apóstolo: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*[1531]. Que ele cresça e eu diminua.

02 – O Verbo como alimento dos anjos e dos humanos.

Os anjos lhe dirigem louvores dignos dele. Ele também é seu alimento eterno e lhes comunica um incorruptível vigor.

Mas, é como Verbo de Deus que eles vivem de sua vida, participam de sua eternidade e partilham de sua felicidade. Eles o louvam magnificamente como Deus junto a Deus. Eles glorificam nele o Deus que reside no mais alto dos céus.

Nós somos o povo de que ele é o pastor, as ovelhas que as suas mãos conduzem[1532]. Trabalhemos, na medida de

nossa fraqueza, para merecer a paz com nossa boa vontade, depois de nos reconciliarmos com ele.

Não foi hoje que os anjos, ao celebrarem com entusiasmo o Salvador que nasceu, disseram: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz às pessoas de boa vontade*[1533]? Se então os anjos o louvam com magnificência, louvemo-lo com obediência. Eles são seus mensageiros e nós somos seu rebanho.

Ele cobre com um alimento divino sua mesa no céu e enche também nossa mangedora nesta terra. O que cobre sua mesa é Aquele sobre o qual está escrito: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*. O que enche nossa mangedoura é Aquele sobre o qual está escrito: *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*[1534].

Assim, para permitir que o ser humano coma o Pão dos anjos, o Criador dos anjos se fez humano.

Os anjos o louvam com suas próprias vidas e nós com nossa fé. Eles, ao desfrutarem delas e nós, ao pedirmos a ele. Eles, se saciando e nós, buscando. Eles, entrando e nós, batendo.

03 – No Verbo estão todos os tesouros da sapiência e da ciência.

Qual de nós, efetivamente, conhece todos os tesouros de sabedoria e de ciência reunidos em Cristo[1535] e escondidos do olhar por sua pobreza material?

Sendo rico, se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza[1536]. Ele se mostrou pobre quando, para aniquilar a morte, ele assumiu nossa mortalidade.

No entanto, ele não perdeu então suas riquezas e no-las prometeu para mais tarde.

Como são grandes os prazeres que ele esconde para aqueles que o temem e que ele mostra para aqueles que têm esperança nele![1537] Em parte, na verdade, sabemos, até que venha o que é perfeito[1538].

Ora, para nos tornar capazes de desfrutar assim do que é perfeito, Aquele que, como Deus, é igual ao Pai e que, como servo, se tornou semelhante a nós, nos reforma à imagem do próprio Deus.

Filho único de Deus, ele veio a ser Filho do Homem e promove, em grande número, humanos, até à dignidade de filhos de Deus.

Por sua natureza visível de servo, ele alimenta seus servos e os faz filhos capazes de ver a própria natureza de Deus.

Esta escrito: *Desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[1539].

Por que, de fato, estas expressões: *tesouro de sabedoria e de ciência*, *divinas riquezas*, se não é para dizer que Deus nos basta? Por que falar também de *grandes prazeres*, se não é para mostrar que ele nos satisfaz plenamente?

Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta[1540].

Assim, é dito por um de nós, é dito em nós ou para nós, em um Salmo: *Ao despertar, saciar-me-ei com a visão de vosso ser*[1541].

Além disso, como o Pai e o Filho são um só, ver o Filho é ver também o Pai[1542] e *o Senhor das virtudes é* __ por isso mesmo __ *o Rei da glória*[1543].

Ao se voltar para nós, ele nos mostrará sua face, seremos salvos[1544], seremos saciados e isto nos bastará.

04 – A espera da glória.

Digamos então do fundo de nossos corações: *A vossa face, ó Senhor, eu a procuro. Não afaste de mim vossa face*[1545]. E que nosso coração também lhe responda: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele*[1546].

Aqueles a quem ele falava assim o viam bem com os olhos do corpo, ouviam sua voz e pensavam no humano nele. Mas o que ele prometeu mostrar àqueles que o amam não foi o que *os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*[1547], mas sim, ele mesmo.

Até que se cumpra esta promessa, até que o Salvador nos mostre o que nos bastará, retirando o que podemos dele, a verdadeira fonte da vida, a própria saciedade, enquanto vivendo da fé estamos afastados dele, enquanto temos fome e sede de justiça e com um ardor inefável aspiramos contemplar a beleza da própria natureza de

Deus, celebremos com humilde devoção o dia em que ele nasce como escravo.

Incapazes ainda de contemplar o que ele recebe do Pai, que o gera antes da aurora[1548], cantemos o que ele recebe de sua Mãe, que o gera na noite.

Não vemos ainda o nome que ele carrega desde antes do sol[1549]. Reconheçamos sua tenda que ele colocou ao sol.

Não vemos ainda o Filho único vivendo junto ao seu Pai. Lembremo-nos do Esposo saindo do tálamo[1550].

Não podemos nos sentar ainda na mesa de nosso Pai. Reconheçamos a manjedoura de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Sermão 195 - Os títulos do Salvador.

Para o dia de Natal.

Análise

Aquele cujo nascimento honramos hoje é, ao mesmo tempo, o Filho de Deus e o Filho de Maria, o Esposo da Igreja e o Salvador da humanidade, em favor de quem ele sabe usar de mansidão e de força, de severidade e de bondade.

01 – Os dois nascimentos maravilhosos de Cristo.

Aquele que é, ao mesmo tempo, Filho de Deus e Filho do Homem, Jesus Cristo Nosso Senhor, como Filho de Deus não tem Mãe e é criado todos os dias. Como Filho do Homem ele não tem Pai e a ele foi consagrado este dia.

Invisível em seu nascimento divino, tornou-se visível em seu nascimento humano. Ele é admirável tanto em um caso como no outro.

Quando então um Profeta questionou sobre ele: *Quem pensou em narrar sua geração?*[1551], de qual geração ele falava? É difícil saber se foi aquela em que seu nascimento é eterno e, por causa disso, ele é coeterno com seu Pai ou se é este em que, formado no tempo, ele antes criara sua Mãe, para depois nascer dela.

Se foi aquela em que ele jamais teve início, já que existiu sempre, quem poderia explicar como a Luz nasceu da Luz, formando, no entanto, uma e mesma luz; como um Deus nasceu de um Deus, sem que haja, no entanto, vários deuses; como se apresenta esse nascimento como um fato consumado, quando é impossível distinguir nele um tempo passado que o mostre como passado, ou um tempo futuro que o apresente como devendo acontecer, ou um tempo presente que o designe como acontecendo, sem ter se realizado ainda?

Quem então contará essa geração, já que o ato de contar sobrevive ao longo do tempo e as palavras da narrativa passam com o tempo?

Quanto à outra geração, a que lhe foi dada por uma Virgem Mãe, quem a contará também, já que sua concepção na carne não aconteceu de uma maneira carnal e já que, ao nascer da carne, ele encheu de leite o seio de sua nutriz, sem alterar a integridade de sua Mãe.

Quem então contará estas duas gerações ou ao menos uma delas?

02 – Cristo filho de Maria e esposo da Igreja.

Aí está o Senhor nosso Deus! Aí está o Mediador entre Deus e os seres humanos! Nosso Salvador feito humano.

Filho do Pai, ele criou sua Mãe. Filho da Mãe, ele glorificou seu Pai. Como Filho único do Pai, ele não teve Mãe e, como Filho único de sua Mãe, ele não teve Pai entre os homens.

Aí está *o mais belo dos filhos dos homens*![1552] O Filho de Santa Maria, o Esposo da santa Igreja, que ele tornou semelhante à sua Mãe, já que ele no-la deu para ser nossa mãe e já que ele lhe conserva uma pureza virginal. Não foi isto o que disse o Apóstolo: *Eu vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura*[1553]?

Não foi também dessa Mãe que ele disse que ela é, não a serva, mas a mulher livre cujos filhos são mais numerosos, apesar do seu abandono, do que os filhos daquela que tem um esposo[1554]?

A Igreja tem, então, como Maria, uma virgindade inalterável e uma inviolável fecundidade. O que Maria mereceu possuir em sua carne, a Igreja conserva em sua alma. A diferença entre as duas está somente no fato de que Maria teve um só filho, enquanto que a Igreja gera um grande número deles, entre os quais será estabelecida a unidade, pela graça do Filho único de Maria.

03 – O motivo do nascimento de Cristo.

Este dia é, então, aquele em que veio ao mundo o próprio Criador do mundo. O dia em que ele se tornou fisicamente presente, embora, pelo seu poder, ele jamais tenha sido ausente, já que sempre esteve neste mundo e que tenha descido ao seu próprio lar.

Sem dúvida que ele estava neste mundo, mas estava oculto. A luz brilhava nas trevas sem que as trevas a compreendessem[1555].

Ele veio com um corpo de carne, para purificar os vícios da carne. Ele veio com um corpo de terra, que deveria ajudar a curar em nós os olhos do coração, privados de luz por nosso corpo de barro.

Assim, depois de nossa cura, nós nos tornaríamos luz no Senhor, de trevas que éramos[1556]. Assim também, a Luz não brilharia mas nas trevas para pessoas ausentes; ela se revelaria a olhares que não duvidariam da Verdade.

Este foi o objetivo para o qual o Esposo saiu do tálamo e, *como um gigante*, percorreu *seu caminho*[1557], pois o Filho de Maria é belo como um esposo e forte como um gigante. Ele é, ao mesmo tempo, amável e terrível, manso e severo; cheio de encantos para com os bons e cheio de rigores para com os ímpios; permanecendo junto ao seu Pai e preenchendo o ventre de sua Mãe.

É no ventre da Virgem, nesse leito nupcial, que a natureza divina se uniu à natureza humana. Foi aí que o Verbo se fez carne, para permanecer no meio de nós[1558], depois de tê-lo deixado e para nos preceder junto ao seu Pai, com o objetivo de nos preparar junto a ele um lar.

Então, celebremos este dia com alegria, com solenidade e, pela graça do Eterno que por nós nasceu no tempo, aspiremos com uma fidelidade constante, contemplar o eterno Dia.

Sermão 196 - Por quem foi a encarnação.

Para o dia de Natal.

Análise

A geração do Filho de Deus junto ao seu Pai é inefável. Seu nascimento do ventre de sua Mãe não é maravilhoso também? Por quem ele nasceu? Para todos os gêneros de vida que estão na Igreja: para os virgens, para os casados e para os viúvos.

Foi então por nós todos que ele se rebaixou tanto e sofreu tanto!

01 – Os dois nascimentos de Cristo.

Aqui está, para nós, a festa do nascimento de Jesus Cristo Nosso Senhor. Este dia é aquele em que nasceu o próprio Dia e se ele o escolheu foi porque, a partir deste dia, os dias começam a crescer.

Nosso Senhor Jesus Cristo tem dois nascimentos: um é divino e o outro é humano, mas ambos admiráveis. Em um ele não tem uma mulher como mãe e, no outro, ele não tem um homem como pai. Assim, podemos aplicar a estes dois nascimentos o grito do santo Profeta Isaías: *Quem pensou em narrar sua geração?*[1559]

Quem poderia explicar adequadamente como um Deus gera e como uma Virgem gera? A geração divina é fora de qualquer dia e a geração virginal é em um dia determinado, mas ambos os atos são maravilhosos e ultrapassam as concepções humanas.

Escute então sobre a primeira geração: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[1560].

Verbo de quem? Do Pai. Quem é este Verbo? O Filho. O Pai jamais existiu sem o Filho, mas o Pai, no entanto, gerou seu Filho. Ele o gerou e, no entanto, o Filho não teve um princípio.

Como o Filho teria um princípio, se sua geração jamais teve um princípio? No entanto, repito, ele é realmente seu Filho e foi gerado realmente.

Como, questionaremos, ele foi gerado, se ele não teve um princípio? Se ele foi gerado, ele seguramente teve um princípio. Se ele não teve um princípio, ele poderia ter sido gerado?

“Como?”

Eu não sei. É a um ser humano que você ousa perguntar como um Deus foi gerado? Sua pergunta me embaraça. Portanto, apelarei para um Profeta. Ele questiona: *Quem pensou em narrar sua geração?*

Pense comigo na geração humana; a geração em que ele se aniquilou, assumindo uma natureza de escravo. Pelo menos ela poderemos compreender? Será possível, pelo menos, dizer alguma coisa sobre ela?

Mas, quem seria capaz de compreender isto: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[1561].

Sim, quem pode compreender isto? Quem pode ter uma ideia correta sobre isto? Que inteligência ousaria sondar este abismo? Que língua teria a ousadia de falar sobre isto? Que mente é poderosa o suficiente para conceber este mistério?

Mas, deixemos isto de lado por enquanto; está muito acima de nossas forças.

Para se abaixar então até nós, ele *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*.

Onde ele assumiu essa condição? No ventre da Virgem Maria. Falemos então desse acontecimento. Mas, conseguiremos?

Um anjo o anuncia, a Virgem o escuta, acredita nele e o concebe. Ela tem então a fé no coração e Cristo no ventre.

Virgem, ela concebe. Quem não ficaria admirado com isto?

Virgem, ela dá à luz. Espanto maior ainda.

Depois de dar à luz, ela permanece Virgem. Quem pensaria em narrar esta geração?

02 – Os três modos de vida na Igreja.

Aqui está o que vai agradar vocês, meus caríssimos. Há na Igreja três modos de vida para os membros de Cristo: a

conjugal, a virginal e a viuvez.

Como estas vidas deveriam ser, em toda sua pureza, as vidas dos membros santos de Cristo, todas foram chamadas para lhe dar testemunho.

A primeira destas vidas é a vida conjugal. Quando Maria concebeu, permanecendo Virgem, Isabel, esposa de Zacarias, já tinha concebido e levava em seu ventre o arauto do Grande Juiz.

Santa Maria foi até ela, como que para prestar suas homenagens a uma parenta e o filho que levava Isabel estremeceu em seu ventre[1562]. O filho estremeceu e a mãe profetizou. Isto não é prova da pureza conjugal?

E o testemunho das viúvas? Vejam Ana. Vocês acabam de ouvi-la também durante a leitura do Evangelho. Era uma santa profetisa idosa com a idade de oitenta e quatro anos, que tinha passado sete anos com seu marido e que, desde sua viuvez, estava constantemente no templo, servindo a Deus e rezando noite e dia[1563].

Ela também reconheceu Cristo naquela criancinha. Ela viu uma grandeza totalmente divina e lhe prestou homenagens.

Isto é sobre as viúvas. Quanto às virgens; elas são representadas por Maria.

Cabe a cada um escolher entre estes três modos de vida. Querer estar fora de todos, é não querer estar entre os membros de Cristo.

Que as esposas não digam então: “Somos estranhas a Cristo”, pois santas mulheres foram casadas.

Que não se orgulhem as virgens. Quanto mais grandiosas elas são, mais humildes elas são em todas as coisas[1564].

Não há santos exemplos que não tenham sido mostrados aos nossos olhos. Que ninguém se afaste muito do caminho. Que ninguém procure outra além de sua esposa.

É preferível não ter um, mas, se se quiser um modelo de castidade conjugal, ele está em Suzana[1565]; de pureza na viuvez, ele está em Ana e de santidade virginal, ele está em Maria.

03 – O lugar da descida de Cristo.

Foi por nós que o Senhor Jesus quis se fazer humano. Não desprezemos sua misericórdia, pois ele é a Sabedoria espalhada na terra.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.

Ó Pão divino e alimento dos anjos! Vós sois o que comem os anjos. É de vós que eles se saciam, sem se enjoarem. É de vós que eles vivem. É de vós que eles retiram a sabedoria e a felicidade.

Onde vós descestes por minha causa? Em um pequeno estábulo, envolto em faixas, deitado em uma manjedoura.

E por quem?

Sim, Aquele que dirige os astros toma o seio de uma mulher. Aquele que alimenta os anjos e que fala junto ao seu Pai, mantém silêncio no ventre de sua Mãe.

Mas, ele falará quando chegar a idade adequada e, por nós, ele divulgará então todo o Evangelho.

Ele sofrerá por nós, por nós ele morrerá e, para nos mostrar nele qual será nossa futura recompensa, ele ressuscitará, subirá ao céu diante dos olhos dos seus discípulos e retornará para julgar o mundo.

Desta forma então, ao se abaixar em uma manjedoura, ele não perdeu nada dele mesmo. Ele se tornou o que não era, sem deixar de ser o que era.

Estamos diante dessa divina Criança. Cresçamos com ela!

04 – Os costumes pagãos da passagem de ano.

Que suas caridades se contentem com isto.

Tendo a solenidade atraído para aqui uma numerosa assistência, eu devo fazer umas observações.

O dia primeiro de janeiro já vai chegar. Vocês todos são cristãos. Sim, pela graça de Deus, a cidade é cristã. No entanto, há misturados nesta cidade judeus e cristãos.

Que não se faça nada que desagrade a Deus!

Há divertimentos em que se praticam iniquidades. Há jogos onde se pratica a injustiça. Evitem atrair a vingança dos juízes, para não caírem nas mãos do Juiz Supremo.

Vocês são cristãos. Vocês são membros de Cristo. Pensem em suas dignidades. Pensem no preço que foi pago para resgatar vocês.

Mas, o que vocês fazem então?

Eu me dirijo apenas aos culpados. Os que se incomodam com esse comportamento não se ofendam. Eu falo apenas aos que se entregam e que gostam dessas desordens.

Vocês querem saber então o que vocês fazem e que dor vocês nos provocam? Vocês imitam os judeus!

Ao menos tenham vergonha e não façam novamente!

No dia da natividade de São João Batista __ há seis meses, pois o arauto precede o Juiz em todo este tempo __ cristãos vieram se lavar no mar, segundo um costume supersticioso dos pagãos.

Eu não estava aqui, mas me disseram e alguns sacerdotes, zelosos pela disciplina cristã, impuseram a alguns desses culpados uma penitência adequada e canônica.

Reclamaram e muitos disseram: “Custava terem nos avisado? Se tivéssemos sido avisados antes, não teríamos agido assim. Por que esses mesmos sacerdotes não nos preveniram? Não teríamos feito isso”.

Pois bem! O bispo de vocês hoje os previne. Eu advirto, eu proclamo, eu declaro. Ouçam o bispo quando ele ordena! Ouçam o bispo quando ele adverte! Ouçam o bispo quando ele suplica! Ouçam o bispo quando ele implora!

Sim, em nome Daquele que nasceu hoje, eu imploro a vocês, eu obrigo vocês a isto: não continuem!

Desta forma, eu cumpro com meu dever. Mas, é melhor escutarem minhas advertências do que sentirem o peso da minha dor.

Sermão 197 - Orgulho e humildade.

Para o dia primeiro de janeiro.

Análise

Este sermão não está completo. Ele é composto de vários fragmentos, que nem sempre estão interligados, cujo objetivo é mostrar como o orgulho levou os pagãos a todo tipo de desordens a que eles se entregaram. Assim, a humildade é a característica essencial das virtudes cristãs.

01 – Adorar a criatura e não o Criador é transformar a verdade em mentira.

A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade[1566]. De quem, se não é dos judeus e dos gentios?

Poder-se-ia objetar: “Por que sobre a impiedade dos gentios? Os gentios jamais receberam a Lei para terem-na violado. É justo que a ira divina recaia sobre os judeus, já que a Lei lhes foi dada e eles se recusaram a observá-la. Mas, ela não foi dada aos gentios”.

Olhem, meus irmãos, e vejam como o Apóstolo prova que todos são culpados e todos precisaram da salvação e da misericórdia de Deus.

Ele diz então: *A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade e perversidade das pessoas que, pela injustiça, aprisionam a verdade.* Observem bem que ele não diz que essas pessoas não possuem a verdade, mas que elas, *pela injustiça, aprisionam a verdade*.

Você também poderia perguntar: “Como é possível que elas conhecessem a verdade, já que elas não receberam a Lei?”

O Apóstolo então continua: *O que se pode conhecer de Deus eles o leem neles mesmos*[1567].

Da mesma forma, sem que eles tivessem recebido a Lei, como eles leem neles mesmos o que se pode conhecer de Deus?

A resposta está na sequência do texto. *Pois Deus lho revelou com evidência. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência através de suas obras; de modo que não podem se desculpar*[1568]. Certamente subentendidas, mas compreendidas pelo intelecto.

Por que, de fato, pensar na arte sem pensar no artesão? Vejam a terra e seus produtos, vejam o mar e seus animais que o povoam, vejam o ar e os pássaros que o animam, vejam o céu e o brilho dos seus astros, vejam tantas outras maravilhas. Vocês não pensam em quem é seu Autor?

“Eu vejo mesmo essas maravilhas, mas não vejo seu autor”, você diz.

Para ver suas maravilhas, ele deu a você os olhos do corpo e o intelecto para ver a ele mesmo.

Você vê a alma humana? Os movimentos e a direção dada ao corpo revelam a você a existência da alma que você não vê. Da mesma forma, o governo de todo o universo e o

comportamento da própria alma devem fazer você conhecer o Criador.

No entanto, não basta conhecê-lo. Os pagãos o conheciam e, no entanto, o que diz deles o Apóstolo? *Conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato*[1569].

Por que isto aconteceu, se não foi por causa do orgulho? Assim, pense no que se segue: *Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos*[1570].

Eles não deveriam atribuir a eles mesmos os dons de Deus e nem se vangloriarem pelo que eles tinham, pois não eram deles mesmos, mas de Deus. Eles deveriam, pelo contrário, darem graças a Deus por terem sido curados por ele e por poderem conservar os conhecimentos que tinham sido concedidos a eles. Ao agirem assim, eles teriam praticado a humildade, teriam podido se purificar e se unir inseparavelmente à beleza suprema que teria feito a felicidade deles.

Mas, como eram orgulhosos, eles foram seduzidos por este espírito falso, enganador e soberbo que lhes prometeu purificar suas almas através de não sei que práticas de orgulho e eles se viram então adorando demônios.

Esta é a origem de todos os costumes religiosos dos pagãos, representados como capazes de lhes comunicar a pureza da alma.

Assim, observem como o Apóstolo ensina em seguida que foi para eles um justo castigo para seu orgulho, terem sido punidos desta forma por não terem glorificado Deus como ele deve ser.

Mudaram a majestade do Deus incorruptível em representações e figuras humanas corruptíveis[1571]. São os ídolos. Os ídolos dos gregos e de todos os outros povos, que adoram imagens.

Mas, de todos os tipos de idolatria, não há um mais acentuado e mais supersticioso do que o dos egípcios, pois foi o Egito que cobriu o mundo com simulacros inúteis mencionados em seguida pelo Apóstolo. Depois de haver dito: *Mudaram a majestade do Deus incorruptível em representações e figuras humanas corruptíveis*, ele, de fato, acrescenta: *de aves, quadrúpedes e répteis*.

Digam-me, meus irmãos, vocês já viram em outros templos estátuas com cabeças de cachorro, de bois e outras representações de animais irracionais? Esses ídolos são todos egípcios e o Apóstolo fala deles e dos outros, quando diz: *representações e figuras humanas corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis*.

Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície, de modo que desonraram entre eles os próprios corpos[1572].

Esses pecados vinham de sua impiedade orgulhosa e, já que vinham do orgulho, eles são tanto castigos como pecados. Este é o motivo desta expressão: *Deus os entregou*. Ela designa a vingança por algum crime e essa

vingança consiste em deixar que sejam cometidas todas as vergonhosas desordens daquelas pessoas que *trocaram a verdade de Deus pela mentira*[1573].

O que quer dizer: *trocaram a verdade de Deus pela mentira*?

Quer dizer que eles *mudaram a majestade do Deus incorruptível em representações e figuras humanas corruptíveis, de aves, quadrúpedes e répteis.*

Algum desses pagãos teria podido dizer: "Eu não adoro a estátua, mas o que ela representa".

O Apóstolo lhe diria então imediatamente: *adoraram e serviram à criatura em vez do Criador*[1574].

Apliquem aqui toda a atenção de vocês. Eles adoram a própria estátua ou a obra de Deus. Adorar a estátua é transformar a verdade em mentira. De fato, pode-se considerar o mar como sendo uma verdade e Netuno como uma mentira fabricada pelo ser humano. Isto é transformar *a verdade de Deus* em uma mentira, pois o mar é obra de Deus e a estátua de Netuno é uma criação humana.

Da mesma forma, tendo Deus feito o sol, o ser humano que fabrica um ídolo do sol transforma em mentira *a verdade de Deu*s.

Então, para que não se tenha o pretexto de dizer: "Não é a imagem do sol que eu adoro; é o sol", São Paulo escreveu: *adoraram e serviram à criatura em vez do Criador*.

02 – Quem se apega a Cristo não perde a esperança.

Não poderiam nos fazer esta objeção: “Sem dúvida que Cristo nasceu na humildade, mas ele pretendeu colocar sua glória na honra de seus discípulos?”

Ora, ele não escolheu nem reis, nem senadores e nem oradores; ele preferiu pessoas do povo, pobres, ignorantes, pescadores. O pescador Pedro teve prioridade com relação a Cipriano, o orador e se primeiro o pescador não tivesse se mostrado fiel, o orador não teria se tornado um discípulo humilde.

Que ninguém, portanto, perca suas esperanças, por mais humilde que seja. Apeguem-se a Cristo e não ficarão decepcionados em suas esperanças.

03 – É Cristo quem faz crescer a fé.

O que pretendia Simão, o Mago[1575]? Não era a glória de fazer milagres, a elevação da soberba? Foi a soberba, de fato, que o levou a acreditar que se podia comprar com dinheiro o dom do Espírito Santo.

Ah! Como o Apóstolo estava distante dessa soberba quando, com uma humildade bem constante, um fervor espiritual bem ardente e uma prudência bem iluminada, ele disse: *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*!

Ele disse isto depois de haver dito: *Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer*[1576] e também isto: *Foi Paulo quem foi crucificado por vós? Foi em nome de Paulo que fostes batizados?*[1577]

Vejam como ele recusa as honras devidas a Cristo, como ele está distante de querer tomar o lugar do Esposo aos olhos da alma infiel.

Ele não tinha méritos, por plantar e irrigar? No entanto, *nem o que planta é alguma coisa nem o que rega*.

Como ele tem medo! Ele não é nada para a salvação das almas que ele desejava com tanto ardor fazer progredir nos caminhos de Cristo.

04 – O perigo dos falsos profetas soberbos e vangloriadores.

Ele não queria também que se tivesse esperanças nele, mas somente na Verdade da qual ele era o arauto. O que ele dizia valia mais do que ele.

Se isto não for suficiente, escutem o que ele escreveu também: *Ainda que alguém - nós ou um anjo baixado do céu - vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema*[1578].

Ele sabia que um falso mediador podia se transformar em um anjo de luz e pregar a mentira. Pessoas soberbas procuram se fazer adorar, em lugar de Deus; procuram se atribuir tudo o que elas podem; procuram tomar o nome de Cristo e receber, se for possível, mais glória do que ele. Isto é o que fazem o demônio e seus anjos.

Para os donatistas, Donato não é o Cristo? Se eles ouvem um pagão ultrajar Cristo, eles poderão demonstrar mais paciência do que se ouvirem Donato ser ultrajado.

05 – Amar Cristo nos servos de Cristo.

No entanto, Cristo fala em seus santos. Questiona São Paulo: *Exigis a prova de que é Cristo que fala em mim?*[1579]

O mesmo Apóstolo também disse, sem dúvida: *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*. Isto foi para atrair as afeições, não sobre ele, mas para Deus nele.

Ele também não deixa de dar a muitos o seguinte testemunho: *Fui para vós uma provação, por causa do meu corpo. Mas nem por isto me desprezastes nem rejeitastes, antes me acolhestes como um anjo de Deus, como Cristo Jesus*[1580].

É Cristo, portanto, que se deve amar em seus santos. Assim, ele disse: *Tive fome e me destes de comer*[1581]. Ele não disse: "E lhes deram de comer", mas sim: *E me destes de comer*, de tão vivo que é o amor da Cabeça por seu corpo!

06 – Ficar alerta contra os intérpretes.

O que é Juno? "Juno é o ar", eles dizem. Quiseram, agora há pouco, nos fazer adorar o mar, em um simulacro de terra. Agora é para o ar que pedem nossas homenagens.

Mas tudo isso são elementos que compõem o mundo e o apóstolo São Paulo fala assim, sobre este assunto, em uma de suas epístolas: *Esteja de sobreaviso, para que ninguém o engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se apoiar em Cristo*[1582].

Ele se referia às mentes que pretendem explicar aos sábios os sentidos dos ídolos. Por isso ele compara as *filosofias* com os *rudimentos do mundo*. Ele quer que se evite, não propriamente os adoradores dos ídolos em geral, mas aqueles que parecem interpretar mais sabiamente seus significados.

Sermão 198 - O Ano Novo cristão.

Para o primeiro dia de janeiro.

Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações, para que possamos celebrar o vosso santo nome e ter a satisfação de vos louvar[1583].

Análise

Vocês acabam de pedir a Deus que os separem dos gentios. Esta separação deve ser entendida como sendo a separação de costumes e não de corpos.

Os gentios se dedicam neste dia a divertimentos indignos de um cristão e trocam presentes. Mais inspirados, doem esmolas e façam exercícios devocionais.

01 – A festa pagã de ano novo.

Ao vermos vocês reunidos hoje como para um dia de festa e mais numerosos do que de costume, nós convidamos suas caridades a se lembrarem do que acaba de ser cantado, a não terem seus corações mudos quando a língua fala tão alto, a levarem com ardor até os ouvidos de Deus o

que vocês ouviram exteriormente com os ouvidos uns dos outros.

Foi isto o que, de fato, vocês acabaram de cantar: *Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações, para que possamos celebrar o vosso santo nome e ter a satisfação de vos louvar*.

Ora, vocês serão recolhidos do meio dos gentios se não tomarem parte do que eles fazem neste dia, de suas alegrias profanas e carnais, ao som de seus cânticos tão fúteis quanto vergonhosos, em seus banquetes e em suas danças, na solenidade e na festa mentirosa que eles celebram.

02 – A separação entre os cristãos e os pagãos.

Sim, vocês cantaram isto e o eco deste canto ainda está em seus ouvidos: *Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações*.

Como ser recolhido do meio dos gentios se não for se salvando? Ficar misturado no meio deles é não se salvar e ser recolhido do meio deles é obter a salvação que dá a fé, que dá a esperança, que dá um amor sincero; enfim, a salvação espiritual ligada às promessas de Deus.

No entanto, não basta, para ser salvo, acreditar, esperar e amar; o importante é o que deve ser acreditado, esperado e amado, pois ninguém vive neste mundo sem estes três sentimentos: a fé, a esperança e o amor.

Mas, para ser recolhido do meio dos gentios, ou seja, para ser separado deles, não se deve acreditar no que eles acreditam, esperar o que eles esperam e nem amar o que eles amam. Assim, separado mentalmente, não tema estar fisicamente no meio deles.

Poderia haver uma diferença mais marcante entre você e eles do que você acreditar que existe um único e verdadeiro Deus, quando eles acreditam que os demônios são deuses; em esperar, como você espera, a vida eterna com Cristo, quando eles esperam as frivolidades deste mundo; em amar, como você ama, o Criador do mundo, quando eles só amam o mundo?

Mas, se há diferenças entre você e eles pela fé, pela esperança e pelo amor, prove isto com sua vida e demonstre isto com suas ações. Se você tem que dar presentes de ano novo, se dedicar aos jogos de azar e à embriaguez, como um pagão, você tem outra fé, outra esperança, outro amor. Como então você ousa levantar a cabeça para cantar: *Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações*?

Essa separação consiste em levar uma vida diferente da vida dos gentios, mesmo permanecendo exteriormente no meio deles.

Quão marcante deve ser esta diferença? Reconheça-a, no entanto, se você quer fazer com que aconteça em sua vida.

Não é verdade que o Filho de Deus, Jesus Cristo Nosso Senhor, depois de se fazer humano por amor a nós, pagou

com ele mesmo nosso resgate? Ele pagou com seu sangue, pagou para nos resgatar, pagou para nos recolher do meios dos gentios.

Ora, ao se misturar a eles, você se recusa a caminhar atrás do seu Redentor e você se mistura a eles com sua vida, com suas ações, com os sentimentos do seu coração, com sua comunidade de fé, esperança e amor. Com isso, você se mostra ingrato para com seu Salvador, sem ligar para seu resgate: o sangue do Cordeiro sem mácula.

Então, por favor, para seguir seu Salvador, Aquele que o resgatou com seu sangue, evite se misturar aos gentios, reproduzindo seus costumes e seus comportamentos.

Eles trocam presentes de ano novo; dê esmolas. Eles se distraem com cantos lascivos; distraia-se com as palavras das Escrituras. Eles correm para os teatros; corra para a Igreja. Eles se embriagam; jejue, ou, se não pode jejuar, coma com sobriedade.

Ao se comportar desta maneira, você terá cantado dignamente: *Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações*.

03 – A vida dos cristãos e a vida dos pagãos.

Mas, muitos ficarão preocupados hoje com algo que ouviram. Nós dissemos: “Não deem presentes. Invés disso, deem esmolas aos pobres”.

Mas, não basta dar esmolas; deem abundantemente.

Não querem dar abundantemente? Deem, pelo menos.

“Mas, quando eu dou presentes, eu também recebo”, você diz.

Mas, quando você dá aos pobres, você não recebe nada em troca?

Seguramente que o objetivo da sua fé e da sua esperança deve ser diferente daquele dos pagãos.

No entanto, se você repete que não recebe nada em troca quando dá algo aos pobres, você faz parte dos gentios. Foi inutilmente que você cantou: *Salvai-nos, Senhor, nosso Deus e recolhei-nos de entre as nações*.

Não se esqueça deste provérbio: *O que dá ao pobre, não padecerá penúria*[1584].

Não se esqueça também do que dirá o Senhor àqueles que não assistiram os indigentes: *Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[1585], nem das palavras que ele dirigirá àqueles que não os assistiram: *Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*[1586].

Se há aqui quem não tenha me ouvido com prazer, seguramente há outros que ficaram satisfeitos. É a estes verdadeiros cristãos que eu me dirijo neste momento. Se a fé de vocês, se a esperança de vocês, se o amor de vocês é diferente dos deles, vivam diferentemente deles e mostrem, com a diferença dos seus costumes, essa diferença.

Escutem a advertência do Apóstolo: *Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis. Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunidade entre a luz e*

as trevas? Que compatibilidade pode haver entre Cristo e Belial? Ou que acordo entre o fiel e o infiel?[1587]

Ele diz também, em outra passagem: *Não! As coisas que os pagãos sacrificam, sacrificam-nas a demônios e não a Deus. E eu não quero que tenhais comunhão com os demônios*[1588].

Os costumes dos gentios agradam aos deuses deles. O Apóstolo, então, ao dizer: *Eu não quero que tenhais comunhão com os demônios*, quer dizer que os cristãos se diferenciarão, pelos seus comportamentos e pelos seus costumes, dos escravos dos demônios.

Esses demônios amam os cantos frívolos, os espetáculos dos bufões, as múltiplas vergonhas do teatro, a loucura do circo, a crueldade do anfiteatro, os combates animados daqueles que lutam e competem, geralmente até à inimizade, em favor de pessoas pestilentas, em favor de um ator, de um historiador, de uma pantomímico, de um cocheiro, de um gladiador.

Estes atos são como incensos ofertados em seus corações aos demônios, pois esses espíritos sedutores têm prazer em fazer bobagens. Eles se alimentam, em certo sentido, das iniquidades, das vergonhas e das infâmias de suas vítimas.

Quanto a nós, como diz o Apóstolo: *Não foi para isto que nos tornamos discípulos de Cristo, se é que o ouvimos e com ele aprendemos, como convém à verdade em Jesus*[1589].

Portanto, *não vos comprometais com eles*, pois, *outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Comportai-vos como verdadeiras luzes*[1590], para que nós também, que anunciamos a vocês estas divinas palavras, possamos, com vocês e por causa de vocês, desfrutarmos dessa luz eterna.

Sermão 199 - A glória de Cristo.

Para a Epifania I.

Análise

A glória de Cristo nos é revelada hoje. Primeiro, pelos Magos que vieram do Oriente para adorá-lo; depois, pela estrela que os dirigiu; por fim, pelas Escrituras que lhe prestam homenagem.

Em vão os sábios superficiais tentam apoiar na aparição da estrela o sistema ímpio da astrologia. Os astros, evidentemente, não exercem nenhuma influência em Cristo. Pelo contrário, eles o obedeceram por ocasião de seu nascimento, como o obedeceram por ocasião de sua passagem.

01 – Cristo, a pedra angular.

Celebramos há pouco tempo o dia em que o Senhor nasceu entre os judeus. Celebramos hoje o dia em que ele foi adorado pelos gentios.

Assim, *a salvação vem dos judeus*[1591] e essa salvação se propaga *até os confins do mundo*[1592].

No primeiro dia, foram os pastores que o adoraram; hoje são os Magos. Aos primeiros, ele foi anunciado por anjos e, aos outros, por uma estrela.

Todos, ao verem sobre a terra o Rei do Céu, souberam pelo próprio céu que Deus ia ser glorificado no mais alto dos céus e a paz ia ser concedida na terra *às pessoas de boa vontade*[1593], pois o Salvador, *é ele a nossa paz; ele, que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava*[1594] e é assim que, mudo ainda, ele se anuncia como *a pedra angular*[1595] e que ele, como tal, se mostra desde o início de sua vida.

Desde então, de fato, ele começa a unir nele os dois muros que vem de direções diferentes, trazendo os pastores da Judeia e os Magos do Oriente, fazendo, nele *mesmo, dos dois povos, uma única humanidade nova, pelo restabelecimento da paz e reconciliando ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade. Veio para anunciar a paz a vós que estáveis longe e a paz também àqueles que estavam perto*[1596].

Aí está porque uns, vindo logo cedo e de perto e outros, vindo de longe e somente alguns dias depois, assinalaram, para os séculos futuros, dois dias para celebrar, embora todos tenham visto uma única e mesma Luz do Mundo.

02 – A fé dos Magos e a incredulidade dos judeus.

Mas, hoje devemos falar daqueles que a fé conduziu, de regiões distantes, até os pés de Cristo. Eles vieram e o procuraram, dizendo: *Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo*[1597].

Isto é, ao mesmo tempo, anunciar e questionar, acreditar e buscar. Não é a imagem daqueles que são conduzidos pela fé e que desejam a visão da realidade[1598]?

No entanto, não havia muitas vezes nascido na Judeia outros reis dos judeus? Por que Este foi reconhecido por estrangeiros no céu e procurado na terra? Por que ele se irradiou no alto e se escondeu embaixo?

Os Magos viram uma estrela no Oriente e compreenderam que havia nascido um Rei na Judeia! Que Rei é este então, tão pequeno e tão grande, que ainda não fala na terra, mas que já promulga suas leis no céu?

Todavia, como ele queria se fazer conhecer a nós através das santas Escrituras, depois de ter feito brilhar para os Magos um sinal tão brilhante no céu e lhes ter revelado no coração que ele havia nascido na Judeia, o Senhor quis, por causa de nós, que sua fé nele fosse apoiada também sobre seus Profetas.

Ao se informarem sobre a cidade onde havia nascido Aquele que eles aspiravam contemplar e adorar, eles precisaram interrogar os príncipes dos judeus, para saber que resposta eles encontrariam para eles nas Escrituras. Nas Escrituras que eles tinham nos lábios, não nos corações.

Eram então infiéis que instruíam os fiéis no tocante ao benefício da fé. Pessoas que mentiam para eles mesmos e que, contra eles mesmos, proclamavam a verdade.

Ah! Como eles estavam distantes de acompanhar aqueles estrangeiros em busca de Cristo, embora eles tivessem sabido através deles que fora depois que eles tinham visto sua estrela que eles tinham vindo adorá-lo! Como estavam longe de conduzi-los eles mesmos até a cidade de Belém de Judá, que eles tinham acabado de mostrar a eles, de acordo com os livros santos! Como eles estavam longe, enfim, de contemplar, de compreender e adorar, como eles!

Infelizes que estavam mortos de sede, depois de terem mostrado aos outros a fonte de Vida! Eram como as placas de beira de estrada, que indicam o caminho aos viajantes, mas que permanecem insensíveis e imóveis.

Os Magos, então, procuraram para encontrar e Herodes procurou para matar. Já os judeus leram o nome da cidade onde nascera o novo Rei, mas não compreenderam o tempo de sua chegada.

Colocados entre o amor devoto dos Magos e o terror cruel de Herodes, os judeus se perderam, mesmo indicando Belém. Sem procurar então o Cristo que acabara de nascer naquela cidade, eles deveriam vê-lo mais tarde. Vê-lo, não criança silenciosa, mas pronunciando seus oráculos e para renegá-lo e levá-lo à morte.

Quão mais feliz era a inconsciência daquelas crianças que Herodes assustado perseguiu, com relação à ciência

dos doutores que ele consultou em sua perturbação! Sem poder confessar ainda Cristo, aquelas crianças sofreram por ele, enquanto que, depois de terem conhecido a cidade onde ele havia nascido, aqueles doutores não se apegaram à Verdade que ele pregava.

03 – Contra a astrologia.

Foi mesmo a estrela que conduziu os Magos ao lugar preciso onde estava o próprio Deus, o Verbo que se tornara criança.

Envergonhe-se, no entanto, tolice sacrílega, ciência ignorante, se posso falar assim, se imagina que Cristo, ao nascer, estava submetido à sentença dos astros, porque, segundo o Evangelho, Magos viram, por ocasião do seu nascimento, sua estrela no Oriente[1599]. Você não teria razão mesmo que as outras pessoas estivessem sujeitas, ao nascer, a esse tipo de fatalidade, já que elas não nascem, como o Filho de Deus, por vontade própria, mas de acordo com as leis de uma natureza mortal.

É tão pouco verdadeiro que Cristo tenha nascido sob o império dos astros que ninguém que tenha a fé verdadeira diria isto, absolutamente, de qualquer pessoa.

Que essas mentes superficiais espalhem sobre os nascimentos humanos o que lhes sugere sua falta de sentido; que eles neguem neles a existência da liberdade, quando eles pecam; que eles imaginem, não sei que fatalidade, para desculpar seus crimes; que eles trabalhem para fazer remontar até mesmo ao céu as desordens que os

fazem ser detestados pelas pessoas sobre a terra; que eles multipliquem as mentiras, para jogar a responsabilidade sobre os astros; ao menos que nenhum deles perca de vista como ele acha que pode controlar, não sua vida, mas sua família, seja qual for a autoridade que ele possua nela. Ele poderia, com estas ideias, castigar seus servos, quando eles cometerem alguma falta em sua casa, sem terem antes que blasfemar contra seus deuses que brilham no alto do céu?

No entanto, nem os fúteis raciocínios dessas pessoas nem os livros deles __ não livros reveladores, mas, seguramente, livros mentirosos __ lhes permitem acreditar que Cristo tenha nascido sob o império dos astros, porque, em seu nascimento, os Magos viram uma estrela no Oriente.

Essa aparição prova, pelo contrário, que, longe de ser dominado por ela, Cristo dominava aquela estrela. Assim, ela não seguia a trajetória comum das estrelas, já que ela conduzia, até o lugar onde acabara de nascer Cristo, aqueles que o procuravam para adorá-los.

Não é, portanto, à estrela, que se deve reportar a vida admirável de Cristo. É a Cristo, pelo contrário, que se deve atribuir a maravilha de sua aparição. Ela não foi a autora dos milagres de Cristo. Cristo mostrou, pelo contrário, que ela foi um dos seus milagres. Filho do Pai, foi ele que formou o céu e a terra. Como Filho de sua Mãe, ele fez brilhar no céu um novo astro, aos olhos da terra. Se uma nova estrela espalhou, em seu nascimento, uma nova luz, a antiga luz do mundo se eclipsou, em sua morte, no próprio

sol. Os céus, em seu nascimento, irradiaram uma glória nova, como os infernos, em sua morte, foram tomados por um novo pavor; como os discípulos, em sua Ressurreição, se sentiram abrasados por um novo amor, como se, ao se abrir em sua Ascensão, o Empíreo[1600] lhe prestasse nova homenagem.

Desta forma então, celebremos com pompa e com devoção o dia em que Cristo foi reconhecido e adorado pelos Magos da gentilidade[1601], como celebramos aquele outro dia, em que os pastores da Judeia foram contemplá-lo, depois do seu nascimento[1602].

Foi ele, o Senhor Nosso Deus, que escolheu, na Judeia, pastores __ ou seja, seus Apóstolos __ para recolher para ele os pecadores da gentilidade, para os salvar.

Sermão 200 - A grandeza de Cristo.

Para a Epifania II.

Análise

Tudo aqui proclama a grandeza de Cristo. Primeiro foi a adoração dos Magos e o aparecimento da estrela miraculosa. Depois foi o pavor de Herodes, que treme em seu trono, quando, mais sábios hoje, os reis da terra se tornam servidores de Cristo. Em seguida está o testemunho que os judeus dão do Messias, embora tenham condenado sua conduta. Por fim, está a união que Jesus começa a formar, unindo os judeus fiéis e os gentios que se convertem.

01 – A manifestação de Cristo.

Magos vieram do Oriente para adorar o Filho da Virgem. Este é o motivo da festa de hoje, este é o porquê desta solenidade e deste sermão, que são para nós como que o pagamento de uma dívida.

Os Magos conheceram primeiro este dia e para nós ele retorna anualmente como uma festa. Eles foram os primeiros da gentilidade e nós somos seu povo. Nós fomos instruídos pelas línguas dos Apóstolos e eles o foram por uma estrela, mensageira do céu.

Esses mesmos Apóstolos, como se fossem o céu, nos contaram a glória de Deus[1603]. Por que, aliás, não veríamos neles o céu, já que eles se tornaram o trono de Deus, conforme estas palavras da Escritura: “A alma do justo é a sede da sabedoria”. Não foi no céu que Aquele que criou e habita o céu fez soar seu trovão e tremer o mundo inteiro, que agora é crente?

Ó mistério espantoso! Ele estava deitado em uma manjedoura e, do Oriente, ele trouxe os Magos. Ele estava escondido no fundo de um estábulo e se proclamou do alto do céu, para que, proclamado assim no céu, ele fosse reconhecido no estábulo. Isto foi o que fez este dia ser chamado de Epifania, ou seja, manifestação.

Desta forma ele destacou sua grandeza e sua humildade, pois, se os astros o revelaram ao longe, no céu, foi preciso procurá-lo para encontrá-lo em um lugar minúsculo. E, se ele estava frágil em seu corpinho envolvido

pelas faixas da infância, nem por isso ele deixou de ser adorado pelos Magos e temido pelos ímpios.

02 – O medo de Herodes.

Pois Herodes o temeu, quando ouviu os Magos, ainda a procurar aquela Criancinha que o céu lhes tinha atestado o nascimento.

Como será seu tribunal, quando ele vier nos julgar, já que reis soberbos tremeram diante do berço de sua infância muda?

Como os reis de agora são melhor inspirados, já que, invés de procurar, como Herodes, levá-lo à morte, eles ficam felizes em adorá-lo como os Magos! Sobretudo agora que, ao sofrer por seus inimigos e da parte de seus inimigos a morte que nos ameaçava o inimigo, ele a sufocou em seu próprio corpo.

No entanto, se um rei ímpio tremeu diante dele, quando ele ainda tomava o seio de sua Mãe, agora que ele está sentado à direita de seu Pai, que os reis tenham por ele um temor devoto. Que eles escutem estas palavras: *Agora, ó reis, compreendei isto! Instruí-vos, ó juízes da terra! Sirvam o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor!*[1604]

De fato, esse grande Rei que castiga os reis ímpios e que dirige os reis devotos não nasceu como nascem os reis da terra, já que sua coroa não lhe vem deste mundo. Sua grandeza se manifesta desde seu nascimento na virgindade

de sua Mãe, como a grandeza de sua Mãe se manifesta na divindade de seu Filho.

Se, então, de tantos reis que nasceram e morreram entre os judeus, nunca houve um que Magos tenham procurado para adorar, é que não houve nenhum outro que lhes tenha ensinado a linguagem dos céus.

03 – A incredulidade dos judeus.

Não nos esqueçamos, no entanto, o quanto esse brilho da verdade na mente dos Magos fez ressaltar a cegueira dos judeus. Os Magos foram ver o Messias na terra dos judeus, mas estes não o viram. Eles o encontraram entre os judeus sob a forma de uma criança sem palavras, mas estes o renegaram, quando ele ensinou na presença deles.

Vindos de longe, estranhos adoraram entre os judeus o Cristo na forma de uma criança que ainda não falava nada. Mas eles, seus concidadãos, o crucificaram no vigor de sua idade e quando ele fazia milagres.

Uns o reconheceram como seu Deus, apesar da fraqueza de seus membros e os outros não pouparam nem mesmo sua humanidade, apesar do poder de suas obras.

Mas, era para se ficar mais espantado ao ver uma estrela nova brilhar no céu por ocasião de seu nascimento, do que ver o sol se escurecer no momento de sua morte?

É verdade que a estrela que conduziu os Magos ao lugar onde estava o Deus-Criança com a Virgem sua Mãe e que pôde conduzi-los até à cidade onde ele havia nascido desapareceu subitamente e não se mostra mais desde

aquela época. Eles tiveram que perguntar aos judeus o nome da cidade onde devia nascer Cristo; perguntar- lhes o que diziam sobre isso as divinas Escrituras e os judeus tiveram que responder: *Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: "E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo"*[1605].

A Divina Providência não quis nos mostrar com isso que os judeus apenas conservariam os livros santos para iluminar os gentios e cegarem eles mesmos e que eles os levariam pelo mundo, não como um meio de salvação para eles, mas como um testemunho da salvação que nos seria concedida?

Assim, quando hoje em dia nós citamos as antigas profecias sobre Cristo e cujos eventos acontecidos fizeram brilhar a luz, se acontece de os pagãos que queremos conquistar nos objetarem que elas não são tão antigas e que nós as fabricamos depois do fato acontecido para dar a esses fatos a aparência de terem sido profetizados, nós abrimos, para dissipar esta dúvida, os exemplares judeus.

Desta forma, os pagãos são representados por aqueles Magos a quem os judeus mostraram, segundo a Escritura, a cidade onde havia nascido Cristo, sem que eles mesmos tivessem o cuidado de procurá-lo ou de reconhecê-lo.

04 – O povo novo e único.

Agora então, meus bem-amados, filhos e herdeiros da graça, reflitam sobre o chamado de vocês e, já que Cristo

foi revelado aos judeus e aos gentios como sendo a pedra angular, apeguem-se a ele com um amor em que nada doma a perseverança.

Sim, desde o berço onde repousou sua infância, aqueles que estavam perto e aqueles que estavam longe igualmente o conheceram. Os judeus, que estavam perto, nas pessoas dos pastores e os gentios, que estavam longe, nas pessoas dos Magos.

Uns foram a ele no mesmo dia do seu nascimento e, os outros, neste dia, segundo se acredita.

Se ele se manifestou aos primeiros, não foi porque eles eram sábios. Aos segundos, não foi porque eles eram justos.

A ignorância não é a característica dos pastores dos campos e a impiedade não é a marca dos magos sacrílegos? Ambos, no entanto, foram atraídos pela Pedra Angular, pois ela veio escolher o que há de insensato no mundo, para confundir os sábios[1606] e veio chamar os pecadores e não os justos[1607], para que ninguém se orgulhe de sua grandeza e nem se desespere com sua baixeza. Então, não é de se espantar que os escribas e os fariseus, por se acharem muito sábios e muito justos, o tenham rejeitado do seu edifício, depois de terem mostrado, através da leitura dos oráculos proféticos, a cidade onde ele viria nascer.

Nem por isso ele deixou de se tornar a primeira pedra do ângulo[1608], cumprindo, com sua paixão. o que ele tinha indicado em seu nascimento e, por este motivo, apeguemo-nos a ele, com esse muro onde eu vejo os restos de Israel que devem sua salvação à escolha da graça[1609].

Os israelitas que não tiveram que sair de longe para se juntar à Pedra Angular foram representados pelos pastores, como nós, que fomos chamados de bem longe, fomos representados pelos Magos, para não sermos mais hóspedes e estrangeiros, mas para sermos concidadãos dos santos, para fazermos parte da casa de Deus, para sermos colocados juntos sobre o fundamento dos Apóstolos e dos Profetas e para termos como principal pedra angular o próprio Jesus Cristo. *Ele, que de dois povos fez um só*[1610], para nos fazer amar a unidade em sua pessoa, para também nos inspirar um ardor incansável para recolher os ramos que, depois de terem sido enxertados na oliveira selvagem, foram separados pelo orgulho, para se unirem à heresia e que *Deus é* suficientemente *poderoso para enxertá-los de novo*[1611].

Sermão 201 - O Messias glorificado.

Para a Epifania III.

Análise

Celebramos a Epifania tão justamente quanto a Natividade, pois esta data nos mostra Cristo glorificado. Primeiramente, pela aparição da estrela maravilhosa. Depois, pela adoração que ele recebe dos Magos. Em seguida, pelo título de Rei dos Judeus, que os Magos lhe dão e que, mais tarde, Pilatos adotará, como que para fazer alusão futura à esta profecia do Salvador: "Os filhos do reino serão jogados nas trevas". Por fim, pelo testemunho

que os sacerdotes de Jerusalém dão de Cristo, em presença dos Magos. Este testemunho é um prelúdio do testemunho que eles devem lhe dar, espalhados por todo o mundo.

01 – A manifestação de Cristo aos pagãos.

Há poucos dias apenas celebramos o nascimento do Senhor e celebramos hoje, com a mesma solenidade, o dia solene em que ele começou a se revelar aos gentios.

Pastores judeus, no outro dia, o contemplaram logo que ele nasceu. Agora, Magos vindos do Oriente o adoram. Isto aconteceu porque, logo ao nascer, ele já era a Pedra Angular sobre a qual deveriam se unir as duas muralhas: a da circuncisão e a da incircuncisão, que acorreram para ele de direções bem opostas, para se unir nele e nele se tornarem nossa paz e formarem um só povo, dos dois que eram[1612].

Isto foi o que representaram os pastores entre os judeus e os Magos entre os gentios. Neles começou o que deveria se desenvolver e se estender pelo mundo inteiro.

Desta forma então, celebremos com uma alegria viva e completa espiritualidade estes dois dias: o da Natividade e o da Manifestação de Nosso Senhor.

Foi à voz de um anjo que os pastores judeus acorreram a ele e os Magos da gentilidade seguiram a indicação de uma estrela. Essa estrela provoca confusão nos cálculos inúteis e nas especulações dos astrólogos, já que ela leva os adoradores dos astros a adorarem o Criador do céu e da terra.

Foi ele, de fato, que fez brilhar, ao nascer, essa estrela nova, da mesma forma como ele obscureceu, ao morrer, o sol já tão velho.

Sob a luz da estrela nova começou a fé dos gentios, assim como sob as trevas da morte do Senhor, se acusou a perfídia dos judeus.

O que era, de fato, aquela estrela que jamais tinha sido percebida entre os astros e que jamais pôde ser assinalada depois?

O que era ela, se não era a linguagem magnífica do céu contando a glória de Deus, iluminando com seu brilho novo o parto novo de uma Virgem e o prelúdio do Evangelho que deveria substituí-la no mundo inteiro, quando ela tivesse desaparecido?

O que é também o que disseram os Magos ao chegar? *Onde está o Rei dos Judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo*[1613].

Oras! Não tinha nascido antes muitos reis dos judeus? Como foi que estrangeiros desejaram, com tanto ardor, conhecer e adorar este?

Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo, eles disseram.

Eles procurariam com tanto ardor e desejariam adorá-lo com uma devoção tão afetuosa, se nesse Rei dos Judeus eles não vissem, ao mesmo tempo, o Rei do Mundo?

02 – Pilatos e os Magos prefiguram a conversão dos pagãos.

Assim, Pilatos foi inspirado como que por um sopro de Verdade, quando, no dia da Paixão do Senhor, escreveu e fixou em cima da sua cruz: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus*[1614]. Este título os judeus tentaram corrigir, invés de corrigirem a eles mesmo. Pilatos então lhes disse: *O que escrevi, escrevi*[1615].

Já estava, de fato, profetizado em um Salmo: *Não destruas!*[1616]

Mas, estudemos esse grande e maravilhoso mistério.

Os Magos eram gentios e Pilatos era igualmente gentio. Os primeiros viram a estrela no céu e o segundo gravou o título na cruz, mas, todos buscaram ou reconheceram em Jesus, não o Rei dos Gentios, mas o Rei dos Judeus.

Mas, os judeus mesmo não viram e nem seguiram a estrela e nem adotaram o título.Ah! Isto foi um símbolo do que diria mais tarde o Senhor em pessoa: *Multidões virão do Oriente e do Ocidente e se assentarão no Reino dos Céus com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes*[1617].

Os Magos, efetivamente, vieram do Oriente e Pilatos do Ocidente. Aí está porque os primeiros homenagearam o Rei dos Judeus, em seu nascente, ou seja, seu nascimento e, o último, por ocasião do seu poente, ou seja, sua morte, para se sentar *no Reino dos Céus com Abraão, Isaac e Jacó*, dos quais os judeus se originaram. A estes os Magos e Pilatos se juntaram pela fé, sem descenderem deles pela carne. Isto

foi um símbolo da oliveira selvagem enxertada na boa oliveira, mencionada pelo Apóstolo[1618].

Se então aqueles gentios não procuraram e nem adoraram o Rei dos Gentios, mas o Rei dos Judeus, foi porque a oliveira selvagem deveria ser enxertada na boa oliveira e não o contrário. Além disso, quando os Magos perguntaram onde Cristo deveria nascer, os ramos que deveriam ser cortados, os judeus infiéis, responderam: *Em Belém, na Judeia*[1619]. E, quando Pilatos lhes censurou por quererem crucificar seu rei, sua animosidade contra ele se mostrou muito mais intensa.

Se então os Magos são devedores dos judeus, por lhes mostrarem onde Jesus nasceria, para poderem adorá-lo, foi porque as Escrituras confiaram primeiro aos judeus revelarem isto a nós mesmos. E, se Pilatos lavou as mãos, quando os judeus pediram a morte do Salvador[1620], foi porque o sangue derramada por ele nos serve para nos purificar dos nossos pecados.

Mas, trataremos no tempo da Paixão do testemunho prestado por Pilatos ao escrever no alto da cruz que Jesus era o Rei dos Judeus.

03 – Os guardiões das Escrituras.

Completemos o que temos ainda que dizer sobre a Manifestação ou, como falam os gregos, sobre a Epifania do Salvador, quando, depois do seus nascimento, ele começou a se revelar aos gentios e recebeu as adorações dos Magos.

Não podemos deixar de pensar como os judeus responderam as perguntas dos Magos sobre o lugar onde deveria nascer Cristo, lhes dizendo que seria: *Em Belém, na Judeia*, sem, no entanto, eles mesmos irem até lá. E como também a estrela reapareceu, quando os Magos deixaram os judeus e os conduziu até o lugar onde estava a Criança Divina. Isto não foi para mostrar claramente que ela podia muito bem indicar a cidade de Belém e que se ela havia desaparecido por uns instante foi para levar os Magos até os judeus?

Se então os judeus foram interrogados foi para ensinar que eles eram os depositários dos divinos oráculos; menos para sua própria salvação, do que para a instrução dos gentios. E, se este povo esta expulso do seu próprio país e espalhado pelo mundo, é para forçá-los a dar testemunho à própria fé de quem eles são inimigos.

Sem templo, sem sacrifícios, sem sacerdotes, sem império, alguns ritos antigos lhes bastam para manter seu nome e sua nacionalidade, impedindo-os de desaparecerem, fundindo-se completamente com os povos entre os quais eles se espalharam e perderem o testemunho que eles dão da Verdade. Isto é Caim recebendo na testa um sinal que o impede de levá-lo à morte, embora, por orgulho e por inveja, ele tenha dado a morte ao justo, seu irmão[1621].

Também podemos interpretar neste sentido uma passagem do Salmo cinquenta e nove, onde Cristo diz, em nome do seu corpo místico: *Não destruí-os, ó meu Deus,*

para que não esqueçam sua lei. Dispersai-os com vosso poder, ó Deus[1622].

Esses inimigos da fé cristã não mostraram aos gentios como Cristo foi profetizado? E, vendo com que brilho são cumpridas as profecias, eles não seriam levados a acreditar que elas tinham sido produzidas pelos cristãos após os fatos acontecidos?

Mas, quando os judeus distribuem suas cópias, é Deus que informa sobre nós através dos nossos inimigos. Ao não levá-los à morte e ao não permitir que desapareçam completamente da terra, ele preserva sua Lei do esquecimento e, quando os judeus a leem, quando eles a observam em alguns pontos, mesmo que de uma maneira puramente carnal, se pode dizer que eles buscam com isso sua própria condenação e nossa justificação.

Sermão 202 - A unidade da Igreja.

Para a Epifania IV.

Análise

Foi hoje que representantes da gentilidade, os Magos, vieram, depois dos pastores judeus, se unir a Jesus Cristo e fundar, assim, a unidade da Igreja.

Mas, os donatistas não querem esta festa. É hoje, no entanto, que o Salvador remove gloriosamente os despojos de Damasco e da Samaria.

Se ele parece dar marcas de fraqueza, é para nos ensinar a humildade e se ele quer que os Magos

interroguem os judeus e retornem por outro caminho, é para nos lembrar a docilidade de suas palavras, bem como o espírito de penitência necessários aos verdadeiros membros de sua Igreja.

01 – A manifestação do Senhor.

O dia de hoje solicita um sermão comemorativo da alegria que traz ao mundo inteiro o evento celebrado anualmente.

A palavra grega Epifania pode ser traduzida em nossa língua como Manifestação. Foi neste dia, de fato, que se acredita que os Magos vieram adorar o Senhor, avisados pelo aparecimento de uma estrela e guiados por ela em sua viagem. No mesmo dia da Natividade eles viram essa estrela no Oriente e compreenderam qual era o evento que ela anunciava. Daquele dia até este, eles cruzaram distâncias, assustaram Herodes com a notícia que eles souberam e, quando os judeus, interrogados por eles, lhes responderam, de acordo com as profecias das Escrituras, eles souberam que o Senhor havia nascido na cidade de Belém.

Conduzidos então pela mesma estrela, eles chegaram até junto ao Senhor e, depois de reconhecê-lo, o adoraram e lhe ofereceram ouro, incenso e mirra. Depois, retornaram por um outro caminho[1623].

É verdade que no mesmo dia do seu nascimento o Senhor se manifestou aos pastores, que ele mandou avisar através de um anjo. Naquele mesmo dia também ele se fez

anunciar pela estrela, ao longe, no Oriente, aos Magos. Mas, foi neste dia apenas que ele foi adorado por eles.

Se então toda a Igreja dos gentios quis celebrar este dia com uma grande devoção, não foi porque os Magos eram as primícias da gentilidade?

Os pastores eram israelitas e os Magos eram gentios. Os primeiros estavam perto e os últimos estavam distantes. Mas ambos correram para se juntar à mesma Pedra Angular.

Como diz o Apóstolo, *Cristo veio para anunciar a paz aos que estavam longe e a paz também àqueles que estavam perto, porque ele é a nossa paz. Ele, que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava. Desse modo, ele queria fazer, em si mesmo, dos dois povos, uma única humanidade nova pelo restabelecimento da paz e reconciliá-los ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade*[1624].

02 – Os Magos foram as primícias dos gentios.

Compreende-se porque os donatistas jamais quiseram celebrar conosco esta festa: eles não amam a unidade e não estão em comunhão com a Igreja do Oriente, onde se mostrou essa estrela. Mas nós, pelo contrário, honramos, ao permanecermos na unidade católica, este dia em que Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo se revelou e em que ele recolheu, de certa maneira, as primícias da gentilidade.

Não foi então que, segundo o oráculo de um Profeta, antes ainda de poder gaguejar os nomes de seu Pai e de sua Mãe[1625]; em outros termos, antes de poder, como Filho do Homem, articular qualquer palavra humana, ele se apoderou dos despojos de Samaria e do poder de Damasco, do que fazia a glória dessa cidade?

Desfrutando, em certa época, do que o mundo chama de prosperidade, Damasco se tornara orgulhosa de suas riquezas. Mas as riquezas são principalmente representadas pelo ouro e os Magos ofereceram, com humildade, ouro para Cristo.

Quanto aos despojos de Samaria, devemos entender com isso aqueles que lá habitavam, pois Samaria aqui é o símbolo da idolatria, à qual se entregou, em seus muros, o povo de Israel, ao se separar do Senhor.

Antes então de marchar, com sua glória espiritual, contra o reino do demônio estabelecido por todo o mundo, Cristo ainda criança retirou de seu domínio essas primícias da idolatria, afastando os Magos dessa superstição contagiosa, depois de tê-los determinado a adorá-lo, lhes falando do alto do céu, por meio de uma estrela, antes de falar em terra, pelo órgão humano do pensamento, lhes ensinando, ao mesmo tempo, não através da boca, mas pela impressão do Verbo feito carne, porque ele estava naquela região e em favor de quem ele tinha vindo ao mundo.

Esse Verbo, que desde o princípio era Deus em Deus e que acabara de se fazer carne, para habitar entre nós, estava, ao mesmo tempo, perto de nós e junto ao seu Pai,

não deixando os anjos no céu e, sobre a terra, nos atraindo para ele por meio dos anjos. Como Verbo, ele fazia brilhar a imutável verdade aos habitantes do céu, ao mesmo em que, obrigado, pela exiguidade do estábulo, permanecia deitado em uma manjedoura. Ele mostrava no céu uma estrela nova e se apresentava pessoalmente às adorações da terra.

No entanto, essa Criança tão poderosa, esse Pequeno tão grande, fugiu para o Egito, levado pelos braços de seus pais, para escapar da inimizade de Herodes. Assim, ele já dizia aos seus membros, não com palavras, mas com suas ações e mantendo silêncio: *Se vos perseguirem numa cidade, fugi para uma outra*[1626].

De fato, para nos servir de modelo, ele não assumira uma carne mortal, uma carne onde deveria sofrer por nós a morte, no tempo adequado?

Assim, os Magos lhe ofertaram não apenas ouro, para honrá-lo e incenso para adorá-lo, mas também mirra, para mostrar que ele deveria ser sepultado um dia.

Ele mostrou assim nas pessoas das criancinhas mortas por Herodes, o que deveriam ser; que inocência e que humildade deveriam ter aqueles que morreriam por sua glória, pois os dois anos que elas tinham lembram os dois mandamentos que *resumem toda a Lei e os Profetas*[1627].

03 – As testemunhas involuntárias de Cristo.

Mas, quem não se pergunta, com surpresa, por que os judeus, questionados pelos Magos, lhes informaram, de

acordo com as Escrituras, em que lugar deveria nascer Cristo, sem irem adorá-lo com eles?

Este fenômeno não se reproduz ainda em nossos dias, sob nossos olhos, já que as práticas religiosas às quais se submetem esses corações duros não pregam nada além do que Cristo, em quem eles se recusam a acreditar? Quando então eles imolam e comem o Cordeiro Pascal[1628], eles não estão mostrando Cristo aos gentios, sem, no entanto, adorá-lo como eles?

Quando encontramos pessoas que questionam se as passagens dos Profetas relativas a Cristo não foram escritas por cristãos depois dos fatos acontecidos, nós lhes mostramos exemplares das Escrituras que os judeus têm em mão, para dissipar suas dúvidas. Neste caso também, não são os judeus mostrando Cristo aos gentios, sem querer adorá-lo como eles?

04 – A mudança de vida.

Mas nós, caríssimos, que os Magos eram como que as primícias; nós que somos a herança de Jesus Cristo até às extremidades da terra; nós, em favor de quem uma parte de Israel caiu na cegueira *até que haja entrado a totalidade dos pagãos*[1629]; nós também fomos levados a adorar Cristo pela verdade que brilha no Evangelho, como brilhou a estrela no céu; nós também ouvimos docilmente as profecias proclamadas pelos judeus e os testemunhos dados pelos judeus que não caminham conosco; nós também vimos em Cristo nosso Rei, nosso Pontífice e vítima imolada

por nós e nossos louvores foram para ele como que uma oferenda de ouro, de incenso e de mirra.

Só nos resta então seguir um caminho novo, para proclamar sua glória e não retornar pelo caminho por onde viemos.

Sermão 203 - A humildade.

Para a Epifania V.

Análise

Foi neste dia que os gentios começaram a se tornar cristãos. Se os judeus tiveram o privilégio de serem chamados primeiro a esta graça, os gentios, parece, de acordo com as Escrituras, demonstraram uma humildade mais profunda e os doze dias que separam o nascimento do Senhor da adoração dos Magos, parecem designar que os gentios deveriam se converter no mundo inteiro.

01 – A instituição da festa da Epifania.

A palavra Epifania vem do grego e pode ser traduzida por Manifestação. Foi então, por ter neste dia se manifestado aos gentios, que o Redentor de todos os gentios estabeleceu esta festa para a gentilidade inteira. E, depois de termos celebrado há poucos dias seu nascimento, celebramos hoje sua manifestação.

Nascido há doze dias, Jesus Cristo Nosso Senhor, foi hoje, como diz a tradição, adorado pelos Magos. Que a adoração aconteceu temos a garantia da verdade

evangélica e que o dia é hoje, proclama a autoridade de sua comemoração solene por toda parte.

Como aqueles Magos foram os primeiros dos gentios a conhecer Jesus Cristo Nosso Senhor e já que, sem ter ainda ouvido suas palavras, eles seguiram a estrela que lhes apareceu e cuja eloquência celeste e visível substituiu a palavra do Verbo ainda criança, não foi justo, verdadeiramente justo que os gentios vissem com reconhecimento o dia em que foi concedida a graça da salvação àqueles primeiros deles e que consagrassem este dia a Nosso Senhor Jesus Cristo, para agradecê-lo e servi-lo solenemente?

Os primeiros dos judeus que foram chamados à fé e ao conhecimento de Cristo foram aqueles pastores que, no mesmo dia de seu nascimento, foram até ele para contemplá-lo. Eles foram convidados a isto pelos anjos, como os Magos o foram por uma estrela.

Aos pastores foi dito: *Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz às pessoas de boa vontade*[1630] e com os Magos se cumpriu este oráculo: *Narram os céus a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos*[1631].

Ambos foram, no entanto, como que as primeiras pedras das duas paredes que chegam de direções diferentes: a circuncisão e a incircuncisão. Eles acorreram para se reunir à Pedra Angular, para encontrarem a paz e se fundirem na unidade[1632].

02 – A humildade dos gentios.

No entanto, os primeiros louvaram Deus por terem visto Cristo, mas, não contentes em terem visto Cristo, os segundos o adoraram. Uns foram chamados primeiro à graça, mas os segundos mostraram uma humildade mais profunda.

Não se pode dizer que, menos culpados, os pastores sentiram uma alegria mais intensa pela salvação que lhes vinha do céu, enquanto que, mais carregados de pecados, os Magos imploraram mais humildemente o perdão? Assim, as divinas Escrituras mostram nos gentios mais humildade do que nos judeus.

Não era gentio aquele centurião que, depois de ter propiciado ao Senhor uma acolhida tão cordial, se proclamou indigno de recebê-lo em sua casa, não querendo que ele fosse até lá ver seu servo doente e que somente ordenasse sua cura, mantendo-o assim em seu coração, quando, para honrá-lo mais, o afastava de sua casa?

Então, o Senhor clamou: *Em verdade vos digo: não encontrei semelhante fé em ninguém de Israel*[1633].

Não era gentia também aquela cananeia que, depois de ter ouvido tratá-la como cadela e declarar que ela não era digna que se jogasse para ela o pão das crianças, não deixou de pedir as migalhas que não se recusa aos cães, merecendo assim não continuar a ser o que ela não negou que havia sido?

Ela também ouviu o Senhor clamar: *Ó mulher, grande é tua fé!*[1634] Assim, a humildade fez sua fé grande, por ela mesma ter se feito pequena.

03 – A imagem da salvação dos gentios.

Portanto, os pastores saíram de perto para ver Cristo e os Magos saíram de longe para adorá-lo. Essa humildade fez a oliveira selvagem merecer ser enxertada na oliveira doméstica e, contra sua natureza, produzir azeitonas verdadeiras[1635], com a graça mudando assim sua natureza.

E eles vieram não apenas de um lado, mas, como ensina o Evangelho de São Lucas, *do Oriente e do Ocidente, do norte e do sul*, para sentarem-se *à mesa no Reino de Deus*[1636], ao lado de Abraão, Isaac e Jacó.

Assim, é dos quatro pontos cardeais que a graça da Trindade chama à fé o mundo inteiro. Ora, estes dois números __ o quatro e o três __ multiplicados ressaltam os doze Apóstolos e parecem querer dizer que a salvação seria concedida às quatro partes do mundo pela graça da augusta Trindade.

Este número também estava marcado pela imensa toalha que São Pedro viu repleta com todos os tipos de animais[1637] representando todos os gentios. Suspensa pelos quatro cantos, ela foi baixada e levantada três vezes do céu. Novamente, três vezes quatro fazem doze.

Não seria por este motivo que durante doze dias, desde o nascimento do Senhor, os Magos, as primícias da gentilidade, estiveram em marcha para irem ver e adorar Cristo, merecendo serem salvos e símbolos da salvação de todos os gentios?

Celebremos então este dia mais uma vez, com ardente devoção. Se nossos pais na fé adoraram o Senhor Jesus

deitado em um lugar humilde, nós também devemos adorá-lo, agora que ele mora no céu. A glória que os Magos louvaram no futuro, nós a vemos no presente. As primícias dos gentios adoraram a Criança colocada junto ao seio de sua Mãe e os gentios adoram hoje o Triunfador sentado à direita de Deus, seu Pai.

Sermão 204 - A pedra angular.

Para a Epifania VI.

Análise

Já desde o dia de Natal os judeus se juntaram ao Salvador. Hoje é o dia dos gentios, representados pelos Magos. Assim se cumpre a profecia que mostra Jesus Cristo como a Pedra Angular onde se unem os judeus e os gentios.

Se é dito que os judeus rejeitaram essa pedra, é porque havia neste povo duas partes que eram representadas pelo patriarca Jacó, que as Escrituras mostram como sendo, ao mesmo tempo, manco e cumulado de bênçãos.

01 – Natal e Epifania: as manifestações do Senhor.

Celebramos, há alguns dias, o nascimento do Senhor. Celebramos hoje sua Epifania. Esta palavra vem da língua grega e significa *manifestação*. Ela lembra estas palavras do Apóstolo: *Sim, é incontestavelmente sublime o mistério da bondade divina manifestado na carne, justificado no*

Espírito, visto pelos anjos, anunciado aos povos, acreditado no mundo e exaltado na glória![1638]

Existem então dois dias em que Cristo se manifestou. Em um ele deixou, como ser humano, o ventre de sua Mãe; ele, que está eternamente junto ao seu Pai. Foi à carne que ele se mostrou então, já que ela não podia vê-lo em sua natureza espiritual.

No dia então de seu nascimento, ele foi contemplado por pastores da Judeia e hoje, no dia de sua Epifania, ou de sua Manifestação, ele foi adorado por Magos da gentilidade.

A uns, ele foi anunciado por anjos e aos outros, ele foi mostrado por uma estrela. Como os anjos moram no céu e as estrelas são seu ornamento, pode-se dizer que aos pastores e aos Magos, os céus contaram a glória de Deus.

02 – Cristo é a pedra angular de dois povos.

Aos dois, então, apareceu a Pedra Angular, aquela que *de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava*, para fazer *em si mesmo, dos dois povos, uma única humanidade nova pelo restabelecimento da paz e reconciliá-los ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade*[1639], como diz o Apóstolo.

O que é, de fato, um ângulo, se não é o que serve para ligar dois muros que vem de direções diferentes e que se dão, por assim dizer, como que um beijo de paz?

A circuncisão e a incircuncisão __ em outros termos, os judeus e os gentios __ eram inimigos entre eles, por causa

da diversidade e da própria oposição que se estabelece entre o culto ao único e verdadeiro Deus, por um lado e, por outro, o culto a uma multidão de falsos deuses.

Assim, uns estavam próximos e outros mais afastados dele, mas ele atraiu ambos, *reconciliando ambos com Deus, reunidos num só corpo pela virtude da cruz, aniquilando nela a inimizade*, como acrescenta o Apóstolo.

Ele também *veio para anunciar a paz a vós que estáveis longe e a paz também àqueles que estavam perto. Portanto, é por ele que ambos temos acesso junto ao Pai num mesmo espírito*[1640].

Pense se isto não é colocar diante de nossos olhos a imagem de duas paredes que partem de pontos opostos e diversos e convergem em um ponto. Depois, imagine o Senhor como sendo a pedra angular que une estas duas paredes provenientes de direções diferentes. Eu falo daqueles que acreditam nele, provenientes dos judeus e provenientes do gentios e aos quais parece que foi dito: "Vocês que estão perto e vocês que estão longe, *aproximem-se dele e iluminem-se e vossos rostos não serão confundidos*[1641]".

Também está escrito em outra passagem: *Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida, preciosa. Quem nela puser sua confiança não será confundido*[1642].

Os corações dóceis e submissos vieram dos dois lados, fizeram as pazes e puseram fim à sua inimizade. Os pastores e os Magos são como que as primícias deste

movimento. Foi com eles que *o boi conheceu seu dono e, o asno, o estábulo do seu dono*[1643].

Aquele, destes dois animais, que possui chifres representa os judeus, por causa da cruz que prepararam para o Salvador e o que tem longas orelhas representa os gentios, sobre os quais uma profecia disse: *Gente que eu não conheço me serve e ao me ouvir me obedece*[1644].

Quanto ao Dono do boi e do asno, ele ficou deitado na manjedoura e pareceu servir, aos dois animais, um mesmo alimento.

Isto foi então a paz, tanto para aqueles que estavam longe quanto para aqueles que estavam perto.

Assim, os pastores de Israel estavam bem perto e se apresentaram a Cristo no próprio dia de seu nascimento. Eles o viram e exultaram de alegria nesse dia.

Mais distantes, os Magos da gentilidade só chegaram até ele neste dia, muitos dias depois do seu nascimento. Somente hoje eles o viram e o adoraram.

Não devemos então, nós que somos a Igreja recrutada entre os gentios, celebrar solenemente este dia em que Cristo se manifestou às primícias da gentilidade, como nós celebramos solenemente também o outro dia, em que ele nasceu entre os judeus e consagrar, com uma dupla festa, a memória de tão importantes mistérios?

03 – Alguns acreditaram e outros não.

Quando nos lembramos dessas duas muralhas __ a Judeia e a gentilidade __ que se uniram à Pedra Angular

para conservar a unidade de espírito no laço da paz, não devemos nos espantar ao vermos o grande número dos que foram reprovados.

Dentre eles estavam arquitetos, ou seja, pessoas que pretendiam ser doutores da lei, pois, como diz o Apóstolo, eles: *não compreendiam nem o que diziam nem o que afirmavam*[1645].

Essa cegueira de espírito os fez rejeitarem a pedra colocada no alto do ângulo[1646]. Essa pedra, no entanto, não seria a pedra angular se, pelo cimento da graça, ela não unisse na paz os dois povos inicialmente opostos.

Não vejam, no entanto, na muralha formada por Israel os perseguidores e os assassinos de Cristo; as pessoas que derrubaram a fé, sob o pretexto de afirmar a fé, que rejeitaram a Pedra Angular e atraíram a ruína para sua desafortunada pátria. Não pensem nesses judeus espalhados em tão grande por todos os países, para darem testemunhos dos santos livros que eles carregam por toda parte sem compreendê-los. Eles são como que a perna manca de Jacó, pois este Patriarca teve a perna ferida por um anjo e como que deslocada[1647], para simbolizar profeticamente o grande número de seus descendentes que se desviariam do caminho traçado para eles.

Vejam, pelo contrário, na grande muralha formada por sua nação para se unir à Pedra Angular, aqueles nos quais Jacó é abençoado, pois Jacó era, ao mesmo tempo, manco e abençoado. Abençoado naqueles que foram santificados e manco naqueles que foram rejeitados. Nesta muralha está a

multidão que precedeu e que seguiu o Salvador, em sua entrada em Jerusalém, clamando: *Hosana ao filho de Davi! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!*[1648] Pensem nos discípulos, escolhidos nesse povo e transformados em Apóstolos. Pensem em Estevão, cujo nome grego significa *coroa* e que primeiro recebeu a coroa de mártir, depois da ressurreição do Senhor. Pensem nas milhares de pessoas que saíram das fileiras dos perseguidores, depois da descida do Espírito Santo, para se tornarem crentes. Pensem nas Igrejas sobre as quais o Apóstolo fala: *Eu era ainda pessoalmente desconhecido das comunidades cristãs da Judeia. Tinham elas apenas ouvido dizer: "Aquele que antes nos perseguia, agora prega a fé que outrora combatia". E glorificavam a Deus por minha causa*[1649].

Esta é a ideia que é preciso ter da muralha de Israel, para compará-la com a muralha da gentilidade que vemos por toda parte. Desta forma se compreenderá que não foi sem motivo que os Profetas representaram antecipadamente Nosso Senhor como sendo a Pedra Angular. Do estábulo onde ela foi colocada inicialmente, ela subiu até o mais alto dos céus.

Sermão 205 - As mortificações da Quaresma.

Para a Quaresma I.

Análise

O cristão deve, todo o tempo, crucificar seus vícios e suas concupiscências e estar preso à cruz com Jesus Cristo, para não cair na lama. Mas é sobretudo na Quaresma que ele deve se crucificar desta maneira.

Santo Agostinho, neste sermão, pede que os cristãos se dediquem a boas, especiais e detalhadas obras e dá indicações interessantes sobre a disciplina e os costumes do anticristianismo.

01 – O cristão deve se pendurar na cruz da mortificação.

Hoje retornam solenemente as observâncias quaresmais e também hoje devemos, como a cada ano, dirigir a vocês algumas palavras. Alimentados assim, por nosso ministério, com um alimento espiritual e divino, enquanto vocês praticam o jejum corporal, suas mentes poderão entregar seus corpos à mortificação exterior ao mesmo tempo em que são fortalecidos.

A própria devoção não pede de nós que, às vésperas de celebrar a Paixão e a crucificação de Nosso Senhor, nós façamos para nós uma cruz, para nela prendermos as paixões carnais?

Diz o Apóstolo: *Os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências*[1650].

É verdade que, durante todo o curso desta vida, assediado por tentações contínuas, o cristão deve estar constantemente atado à cruz e nunca é o momento de

arrancar os pregos mencionados em um Salmo: *Pregai vosso medo em minhas carnes*[1651].

As carnes são aqui as concupiscências carnais e os pregos designam os preceitos de justiça que fazem penetrar em nós o medo de Deus, aos nos pregar na cruz como uma hóstia agradável ao Senhor.

Assim, o mesmo Apóstolo também diz: *Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. É este o vosso culto espiritual*[1652]. Esta é a cruz na qual o servo de Deus se glorifica, invés de se envergonhar.

Este Apóstolo também diz: *Quanto a mim, Deus não permita vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*[1653].

A esta cruz, então, devemos ficar pregados, não por quarenta dias, mas por toda a nossa vida, pois este misterioso número quarenta a designa em toda sua extensão, seja porque antes de viver, o ser humano fica quarenta dias se organizando no ventre materno, segundo a opinião de muitos, seja porque os quatro Evangelhos estão em acordo perfeito com os dez preceitos da Lei e a união destes dois livros no número quarenta mostra que precisamos, ao longo desta vida, de ambos os Testamentos, seja, enfim, por outras razões melhores que saberá descobrir uma mente mais penetrante e mais perspicaz.

Desta forma, Moisés, Elias e o próprio Senhor jejuaram durante quarenta dias. Isto foi para nos mostrar que o

objetivo buscado por Moisés, por Elias e por Jesus Cristo __ ou seja, pela Lei, pelos Profetas e pelo Evangelho __ é nos afastar da imitação e do amor pelo mundo e nos levar a crucificar em nós nosso velho ser, sem nos deixarmos levar pelos excessos da mesa e da embriaguez, às dissoluções e às imoralidades, ao espírito contencioso e à inveja. A nos determinar, enfim, a nos revestirmos do Senhor Jesus Cristo, sem procurar satisfazer a carne em suas concupiscências[1654].

É desta maneira que você precisa viver sempre, cristão! Se você não quer se deixar prender os pés na lama que cobre a terra, evite descer da cruz. E, se você deve permanecer nela em toda sua vida, com muito mais razão você deve fazer isto neste período da Quaresma, que é não apenas uma parte da vida, mas o símbolo da vida.

02 – A ação da penitência.

Em qualquer outro tempo não pesem suas consciências com a devassidão e a embriaguez[1655], mas, especialmente neste, pratique também o jejum. Em qualquer outro tempo evite o adultério, a fornicação e todos os prazeres proibidos, mas neste, abstenham-se até mesmo de suas esposas.

O que vocês pouparem com o jejum, acrescentem às suas boas obras cotidianas dando esmolas.

Dediquem à prece o tempo que vocês passariam cumprindo o dever conjugal. O corpo que se desfazia em afetos carnais que se prostre em súplicas que purificam. As

mãos que se cruzavam para abraçar que se estendam para rezar.

Vocês que já jejuam em outras épocas, agora jejuem mais ainda.

Vocês que comumente crucificam seus corpos com uma continência perpétua, dediquem-se neste momento a implorar ao seu Deus com mais frequência e com mais fervor.

Vivam todos em pleno acordo. Sejam todos fiéis uns aos outros, abrasados neste peregrinação pelo santo desejo pela pátria celeste e ardentes de amor.

Que ninguém inveje ao outro e nem zombe dos favores divinos que não possui. Diante dos dons espirituais, considere como seu o que você ama em seu irmão e que ele, por outro lado, considere como dele o que ele ama em você.

Sob o pretexto da abstinência, que ninguém mude seus prazeres invés de renunciar a eles, se propiciando alimentos desejados em lugar da carne evitada, bebidas raras em lugar do vinho privado. Isto não seria favorecer a volúpia, quando se trata de domar a carne?

Sem dúvida que, para aqueles que são puros, todos os alimentos são puros[1656], mas ninguém o é quando se trata da sensualidade.

03 – Abster-se acima de tudo das discórdias.

Sobretudo, meus irmãos, abstenham-se dos litígios e das discórdias. Lembrem-se destas vivas censuras proferidas por um Profeta: *No dia de vosso jejum, só cuidais de vossos negócios e oprimis todos os vossos*

operários. Passais vosso jejum em disputas e altercações, ferindo com o punho o pobre. Não é jejuando assim que fareis chegar lá em cima vossa voz[1657].

Após estas censuras, ele acrescenta: *"Sabeis qual é o jejum que eu aprecio?", questiona o Senhor Deus. "É romper as cadeias injustas, desatar as cordas do jugo, mandar embora livres os oprimidos e quebrar toda espécie de jugo. É repartir seu alimento com o esfaimado, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir os maltrapilhos, em lugar de desviar-se de seu semelhante"*[1658].

Se sentir vontade de clamar, levante com frequência um clamor como este: *Minha voz lança um grande brado ao Senhor. Em alta voz imploro ao Senhor*[1659]. Neste clamor não há amargura, mas amor. Não é um clamor da boca para fora, mas um clamor que vem do coração. Não é um clamor como este outro: *Esperei deles a prática da justiça e eis o sangue derramado. Esperei a retidão e eis os gritos de socorro*[1660].

Perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á[1661]. Estas são as duas asas com as quais a prece chega até Deus: perdoar a quem nos ofende e dar a quem precisa.

Sermão 206 - A prece, a obra de caridade e o jejum I.

Para a Quaresma II.

Análise

O cristão deve em todo tempo se dedicar à prece, às boas obras e ao jejum. Mas ele deve fazer isto sobretudo na

Quaresma. Que nestes dias, tão próximos das humilhações sofridas pelo Salvador, ele não tema, portanto, se humilhar mais profundamente diante dele. Que ele pratique mais perfeitamente a caridade, seja doando, seja perdoando. Enfim, que ele tenha o grande cuidado de acompanhar seu jejum com a prática de todas as virtudes. Assim, seguramente suas preces serão ouvidas.

01 – A quaresma é tempo de humildade.

Após um ano, retornou o tempo da Quaresma e eu me sinto no dever de exaltá-la, assim como vocês devem a Deus ações em harmonia com este período, embora essas obras não sejam de nenhuma utilidade para o Senhor, mas a vocês somente.

Em todo tempo, é verdade, o cristão deve ser cheio de ardor pela prece, o jejum e as boas ações. Mas, neste grande momento da Quaresma deve se revelar o fervor daqueles que o deixam se extinguir nos outros momentos e ser reanimado também naqueles que ele leva constantemente a essas ações cristãs.

Toda esta vida deve ser para nós um tempo de se fazer humilde. Essa humildade é representada por esta época solene, em que a cada ano Cristo parece renovar para nós os sofrimentos que ele realmente suportou. O que ele fez uma vez só em todos os tempos, para renovar nossa vida, é celebrado a cada ano, para perpetuar sua memória.

Se então, durante toda esta peregrinação que atravessamos no meio de provas devemos ser sincera,

afetuosa e devotamente humildes de coração, com muito mais forte razão, estes dias, que são, ao mesmo tempo, uma parte e um símbolo misterioso do tempo, devemos passar na humildade!

Ao se deixar levar à morte pelos ímpios, a humildade de Cristo nos ensinou a ser humildes e, ao se antecipar, com sua ressurreição, a ressurreição dos fiéis devotos, ele nos eleva até ele. *Se morrermos com ele, com ele viveremos. Se soubermos perseverar, com ele reinaremos*[1662], diz o Apóstolo.

A primeira parte desta citação do Apóstolo nós a vivenciamos neste momento, com a devida devoção, nos aproximando de sua paixão. A segunda parte nós celebramos depois da Páscoa, a ressurreição do Senhor.

Então, de fato, quando se passarem os dias de nossas humilhações atuais, se não podemos realmente ver ainda a feliz época do nosso triunfo, nós amamos representá-la e meditar sobre ela desde já.

Neste momento então, que nossos suspiros sejam mais profundos na prece e, assim, nossas alegrias serão mais abundantes na ação de graças.

02 – Duas boas ações: dar e perdoar.

Mas, para dar às nossas preces um voo mais fácil e fazê-las chegar a Deus, prendamos nelas as asas do amor, das boas ações e do jejum.

Assim como o cristão compreende vivamente a obrigação de não usurpar o bem alheio, como ele não

sentiria que é uma espécie de furto não dar seu supérfluo àquele que está na necessidade?

Diz o Senhor: *Perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á*[1663].

Dediquemo-nos com bondade e com fervor a estas duas espécies de boas ações, que consistem em distribuir e em perdoar, pois nós pedimos a Deus para nos fazer o bem e não nos fazer o mal que merecemos.

Dai e dar-se-vos-á, diz o Senhor. Há algo mais adequado e mais justo do que ficarmos privados de algo ao não o recebermos, quando nos recusamos a dar ao outro?

Com que cara um trabalhador esperaria boas colheitas de uma terra que ele não semeou? Com que cara também ele estenderia a mão para o Deus das riquezas, quando ele fechou os ouvidos aos pedidos do pobre?

Sem jamais ter passado fome, Deus não quer ser alimentado nas pessoa do indigente?

Ah! Não desprezemos no pobre as necessidades de nosso Deus, para que nossas necessidades sejam um dia satisfeitas por este rico. Se encontramos pobres, nós também somos pobres. Doemos então para recebermos.

Qual é o valor do que doamos? Por pouco que sejam, no entanto, esses bens visíveis, passageiros e terrestres, o que ambicionamos?

"Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou", tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam[1664].

Sem as divinas promessas, não seria vergonhoso dar tão pouco para receber tanto? O que pensar então de quem se recusa a dar mesmo tão pouco, quando este pouco devemos à generosidade de quem nos estimula a doar? Como ousar também esperar ainda os dois tipos de bens, quando desprezamos seu Autor, ao não nos submetermos ao uso ao qual ele ordena consagrar o mínimo?

Perdoai e sereis perdoados. Ou seja, não leve em conta o mal alheio, para que o seu não seja considerado. Que o servo se reconcilie com seu companheiro, para não ser castigado por seu Mestre.

Para fazer este tipo de boa ação, ninguém é pobre e se pode praticá-la mesmo quando não se tenha do que viver neste momento. Neste caso, não se doa nada e se enriquece, pois não se empobrece ao doar.

Se então ainda existem inimizades que perduram, que elas sejam apagadas, que se coloque um fim nelas. Que elas sejam mortas, para que elas não matem. Que elas sejam libertadas, para que não aprisionem. Que elas sejam levadas à morte pelo Redentor, para que não levem à morte a alma que as faz viver.

03 – O jejum que agrada a Deus.

Que seu jejum não seja como aquele que é condenado pelo Profeta, quando ele diz: *Não é jejuando assim que fareis chegar lá em cima vossa voz*[1665].

Ele não quer o jejum dos briguentos, mas o das pessoas gentis. Ele condena os opressores. Ele quer que se tenha o

coração amplo. Ele condena os disseminadores de inimizades. Ele ama aqueles que libertam os escravos.

Além disso, o motivo pelo qual, nestes dias de salvação, vocês devem desviar seus desejos do que é permitido, é para que vocês não se deixem levar para o que não é permitido.

Que jamais então se empanturre de vinho ou de impurezas, aquele que nesta época se abstém no casamento.

Apoiada assim na humildade, no amor, no jejum, na boa ação, na abstinência, no perdão, na preocupação em fazer o bem sem retribuir o mal, em evitar o mal e fazer o bem, nossa prece procura a paz e chega até ela[1666]. Seu voo é sustentado pelas asas destas virtudes e elas a levam mais facilmente ao céu, onde nos precedeu Jesus Cristo nossa paz.

Sermão 207 - A prece, a obra de caridade e o jejum II.

Para a Quaresma III.

Análise

É sobretudo na Quaresma que é preciso se dedicar à obra de caridade, ao jejum e à prece.

À obra de caridade, porque a Quaresma vai nos colocar diante dos olhos a obra de caridade imensa, a misericórdia infinita que Deus demonstrou para com este mundo. Ao jejum, para colocar um freio em nossa sensualidade e não

apenas mudar seu alvo. À prece, por fim, que subirá mais facilmente ao céu, se ela for acompanhada da obra de caridade e do jejum espirituais, assim como a obra de caridade e o jejum materiais.

01 – Grande é a misericórdia do Senhor.

É através da obra de caridade, do jejum e da prece que precisamos triunfar, com a ajuda misericordiosa do Senhor nosso Deus, das tentações do mundo, das perfídias do demônio, das perturbações do mundo, das seduções da carne, das tempestades de nossos tempos agitados, enfim, de todas as adversidades do corpo e da alma.

O cristão, durante toda sua vida, deve se dedicar com fervor a essas boas obras, mas, é sobretudo nas proximidades pascais, cuja recorrência anual inspira a nossas almas um vigor todo novo, reproduzindo nelas a lembrança saudável do que fez por nós o Filho único de Deus, Jesus Cristo Nosso Senhor, fazendo reviver em nós sua misericórdia, o jejum e a prece aos quais ele se dedicou por nós.

A palavra *esmola* vem da língua grega e significa *misericórdia*. Poderia haver misericórdia maior do que aquela que fez o Criador do céu descer do céu e o Criador da terra assumir um corpo mortal, por nós?

Aquele que permanece igual ao seu Pai, em sua natureza eterna, deu uma natureza de escravo ao Senhor do mundo, condenou o próprio Pão da Vida a ter fome e a Plenitude a ter sede, reduziu o Poder à fraqueza, a Saúde

ao sofrimento, a Vida à morte e tudo isso para saciar em nós a fome, estancar a sede, aliviar nossos sofrimentos, extinguir a iniquidade, inflamar o amor.

Que espetáculo mais tocante é ver o Criador se tornar criatura, o Senhor se tornar escravo e o Redentor se deixar vender! Tocante também é ver tão rebaixado Aquele que tudo eleva e levado à morte Aquele que ressuscita os mortos.

Ele nos ordenou, como obra de misericórdia, que déssemos pão àquele que tem fome[1667], mas ele, para se dar a nós como alimento, primeiro se entregou à fúria de seus inimigos.

Ele nos ordenou que acolhêssemos os estrangeiros e ele, vindo à sua própria casa, *os seus não o receberam*[1668].

Que nossa alma o bendiga, pois é ele que apaga todas as nossas iniquidades, que cura todas as nossas fraquezas, que livra nossa vida da corrupção e que a coroa em sua misericórdia e compaixão, cumulando de bens todos os seus desejos[1669].

Desta forma, façamos obras de misericórdia, com mais intensidade e mais frequência na medida em que nos aproximamos do dia em que celebramos a imensa obra de misericórdia que recebemos.

De nada adianta jejuar, se não tivermos misericórdia.

02 – Jejuar verdadeiramente.

Jejuemos, portanto, mas fazendo nossa alma humilde, pois nos aproximamos do dia em que o próprio Senhor da

humildade se rebaixou até à morte na cruz[1670].

Imitemos sua crucificação, pregando com os pregos da abstinência, nossas concupiscências subjugadas. Castiguemos nossos corpos e o reduzamos à servidão e, para evitar que a carne rebelde nos arraste para o que é proibido, saibamos, para domá-la, retirar-lhe até mesmo uma parte do que é permitido.

Em qualquer tempo é preciso evitar todo tipo de concupiscência e de embriaguez. Mas nesta época, renunciemos até mesmo aos banquetes legítimos.

Sempre devemos detestar e fugir do adultério, bem como da fornicação. Nesta época deve haver abstinência até mesmo entre os esposos.

A carne o obedecerá facilmente, quando for o caso de não se apegar ao que é alheio, quando ela tiver adquirido o hábito de se abster até mesmo do que pertence a ela mesma.

Mas, tome cuidado para não mudar simplesmente seus prazeres, invés de restringi-los. Você poderia ver pessoas procurando bebidas raras para substituir o vinho do dia a dia; pedindo o suco de outros frutos para substituir o suco de uva cotidiano; consumindo alimentos delicados e variados ao infinito, para substituir a privação de carne. Desta forma, eles se propiciam, nesta época, prazeres sensoriais que em outra época teriam vergonha de procurar. Eles aproveitam as observâncias da Quaresma não para reprimir as concupiscências do velho ser, mas para buscar novas delícias.

Meus irmãos! Consagrem toda a vigilância que puderem para não se deixarem dominar por tais abusos. Juntem a economia ao jejum. Se vocês diminuem a quantidade de seus alimentos, evitem também o que provoca os sentidos.

Não é que se deva ter horror aos alimentos próprios para alimentar o ser humano, mas é preciso colocar um freio nos prazeres da carne.

Não foi comendo carne gorda e aves gordurosas, mas cobiçando sem moderação algumas lentilhas que Esaú mereceu ser reprovado por Deus[1671]. O santo Rei Davi não se arrependeu de ter, com excesso, desejado um pouco de água[1672]?

Portanto, não é com alimentos caros e laboriosamente preparados, mas sim com alimentos comuns e de pouco valor que é preciso, em tempos de jejum, restaurar, ou melhor, sustentar nossos corpos.

03 – A verdadeira oração.

As obras de caridade verdadeiramente religiosas e o jejum frugal ajudarão, neste momento, nossas preces chegarem até o céu, pois, não há indiscrição em implorar a misericórdia de Deus quando nós mesmos não a recusamos a alguém e quando a serenidade dos desejos do coração não é alterada pelas representações dos prazeres carnais.

Que nossa prece seja pura. Evitemos seguir as aspirações da cupidez mais do que as da caridade, desejar o mal aos nossos inimigos e colocar na oração a amargura

que não podemos demonstrar ao lhes fazer o mal ou ao nos vingar deles.

Na mesma medida em que o jejum e a obra de caridade favorecem em nós a prece, a prece, por sua vez, torna agradável a obra de caridade, quando ela se eleva do fundo do coração, no interesse de nossos inimigos, bem como de nossos amigos e na medida em que ela se abstém de toda cólera, de todo ódio e dos outros vícios tão nocivos.

Se conseguimos nos abster de alimentos, com muito mais razão a prece deve conseguir se abster do que lhe é venenoso! Nós podemos também, quando o momento chegar, manter nossos corpos ingerindo alimentos, mas jamais devemos permitir à prede esses alimentos proibidos. Quanto a isto, que seu jejum seja perpétuo, pois há para ela um alimento que ela não deve jamais parar de ingerir. Que ela sempre então se abstenha do ódio, mas que sempre viva também do amor.

Sermão 208 - O jejum, a prece e as lágrimas.

Para a Quaresma IV.

Análise

É sobretudo na Quaresma que é preciso praticar o jejum, a obra de caridade e a prece. O jejum, restringindo os prazeres e não simplesmente mudando-os e mantendo a continência. A obra de caridade, doando aos pobres o que se corta na alimentação e perdoando de bom coração

aqueles sobre os quais se tem alguma queixa. Assim se merecerá ser ouvido em suas preces.

01 – A Quaresma é tempo de penitência.

Eis o momento solene em que devemos alertar em nome do Senhor e estimular o ardor de suas caridades. No entanto, o próprio momento, quando guardamos o silêncio, nos convida e nos exorta o suficiente para nos aplicarmos ao jejum, à prece e às obras de caridade, com mais ardor e generosidade do que o costume.

Se nosso ministério faz ouvir aqui as divinas palavras, é para que nossa voz, como uma trombeta guerreira, reanime as forças dos espíritos de vocês, na luta que ele vai manter contra a carne.

Jejuem então, evitando as discussões, as agressões e os gritos. É preciso, com prudência e bondade, deixar um pouco de descanso àqueles que estão submetidos a vocês, temperar a austeridade e a severidade, sem, no entanto, romper os laços de uma saudável disciplina.

Além disso, ao se absterem, para castigar o corpo, de alguns alimentos permitidos em outras épocas, lembrem-se de que *para os puros todas as coisas são puras*[1673] e não considerem como impuro o que, porventura, pode ter sido maculado pela infidelidade, pois, *todas as coisas, em verdade, são puras*[1674] e, *para os corruptos e descrentes, nada é puro*[1675], como diz o Apóstolo.

Por fim, quando os fiéis sujeitam seus corpos à mortificação, seus espíritos se aproveitam dos prazeres

negados aos seus corpos.

Mas também é preciso ter cuidado, quando vocês se abstém de carnes, de não procurarem alimentos caros ou diferentes dos comuns ou até mais procurados do que o habitual. Se vocês querem tratar seus corpos com energia e dominá-los, vocês devem limitar os prazeres e não apenas mudá-los. O que importa, afinal, o tipo de alimento, quando se apega a ele com desejo imoderado e culposo?

Os israelitas rejeitavam não apenas a carne, mas também alguns frutos e alguns produtos dos campos. Nem por isso deixaram de ser condenados pela voz de Deus[1676]. Não foi também por uma torta de carne de porco, mas por um prato de lentilha que Esaú perdeu seus direitos de primogenitura[1677].

Não recordarei o que o Senhor disse sobre o próprio pão, quando, tendo fome, foi tentado pelo demônio[1678]. Ele não buscava, sem dúvida, domar sua carne como uma carne rebelde, mas ele nos ensinou, em sua misericórdia, o que devemos responder quando experimentamos tentações deste tipo.

Desta forma, caríssimos, sejam quais forem os alimentos dos quais vocês queiram se privar, sejam fiéis às suas resoluções para observarem as regras da temperança religiosa e não para condenarem injusta e sacrilegamente as obras de Deus.

E vocês que estão unidos pelo laço conjugal, é nesta época sobretudo que vocês devem, por respeito à recomendação do Apóstolo, se absterem *um ao outro, de*

comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração[1679].

Seria muito vergonhoso não fazer nesta época o que, em qualquer época, é benéfico. Acho que os esposos não devem considerar muito difícil observar anualmente e em certos dias solenes, o que as viúvas praticam em uma parte de suas vidas e as virgens consagradas em suas vidas inteiras.

02 – A obra de caridade e o perdão.

É também um dever multiplicar as obras de caridade nesta época. Onde colocar mais adequadamente o que vocês cortaram com a abstinência do que nas obras de beneficência? Não seria uma iniquidade acumular o que foi poupado com o jejum, por causa de uma avareza obsessiva, ou simplesmente esbanjar em prazeres adiados?

Pensem então em quem vocês são devedores do que vocês cortaram. Façam com que a misericórdia dê à caridade o que a temperança retirou da volúpia.

O que dizer agora dessa obra particular de misericórdia que consiste, não em tirar coisas dos seus celeiros ou das suas bolsas, mas em tirar dos seus corações o que se perde ao guardar lá e não em dissipar?

Eu quero falar do ressentimento alimentado contra quem quer que seja. Há algo de mais insensato do que evitar um inimigo no exterior e conservar um bem mais cruel no fundo de sua alma?

Assim, o Apóstolo diz: *Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento* e logo acrescenta: *Não deis espaço ao demônio*[1680].

Não poderíamos dizer que não afastar imediatamente a cólera do coração é como que abrir a porta para deixar que penetre nele o diabo?

Tenhamos então primeiro o cuidado de não deixar que o sol se deite sobre nossa cólera, se não queremos que se eclipse para nossa alma o Sol da justiça. Depois, se houver ainda ressentimento em nossa alma, que ele desapareça, pelo menos tão perto do dia da Paixão do Senhor, pois o Senhor não se irritou contra seus carrascos, já que, por eles, ele derramou do alto da cruz seu sangue e sua prece[1681].

Se então houver entre vocês alguém que o coração guardou até estes santos dias uma cólera teimosa, que agora pelo menos ele se livre dela[1682], para que sua prece possa se elevar sem preocupação, sem se chocar, sem tremer, sem ser sufocada sob o peso do remorso da consciência, quando tiver chegado o momento em que ela deverá dizer: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos ofendeu*[1683].

Até certo ponto, vocês pedem que algo não lhes seja cobrado e que algo lhes seja retribuído. Então, *perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á*[1684].

Mesmo que eu não lhes falasse destes deveres, irmãos, vocês são obrigados a se aplicarem em observá-los e meditarem sobre eles continuamente. Mas hoje, que lembro

a vocês todos estes preceitos, nossa voz é ajudada pela própria solenidade deste dia e eu não tenho que temer que nenhum de vocês desprezem __ ou melhor, desprezem em mim __ o Senhor de todos. Eu devo esperar, pelo contrário, que reconheçam suas palavras no que eu disse. Seu rebanho o ouvirá fielmente, para ser também ouvido.

Sermão 209 - O perdão, a obra de caridade e o jejum.

Para a Quaresma V

Análise

Devemos, na época da Quaresma, perdoar as injúrias, derrotando os vícios que puderam nos impedir de perdoar até então. Quanto à obra de caridade, aquele que jejua deve distribuir entre os pobres o que corta de si mesmo e aquele que pode jejuar deve, por compensação, doar mais ainda. A abstinência, por fim, deve ser séria, assim como a continência.

01 – É tempo de eliminar a inimizade.

Chegamos à época solene em que devo exortar suas caridades a pensarem mais cuidadosamente na alma e a conter os estímulos do corpo. Estamos, de fato, nos quarenta dias mais sagrados em todo o mundo. Nesta época, o mundo com o qual Deus se reconcilia através de Jesus manifesta publicamente sua devoção.

As inimizades não deveriam jamais nascer ou deveriam morrer logo ao nascer. No entanto, se a negligência, a teimosia ou uma vergonha mais soberba do que modesta a mantiveram entre nossos irmãos até este dia, que pelo menos nesta época se saiba por um fim nelas.

Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento[1685]. Depois de tantas vezes o sol ter se deitado e levantado sobre ele, que ele se extinga finalmente e se deite para nunca mais se levantar.

O negligente se esquece de extinguir a inimizade, o teimoso se recusa a conceder o perdão a quem o pede e quem se envergonha por soberba se recusa a pedir o perdão. Estes três vícios sustentam as inimizades maléficas que matam as almas em quem elas não morrem.

A negligência, então, oponha a lembrança, a compaixão à teimosia e uma humilde prudência à vergonha orgulhosa.

Aquele então que se lembra de ter negligenciado na busca da reconciliação, que desperte e sacuda esse torpor.

Quem quer exigir do outro tudo o que este lhe deve, que se lembre do quanto deve a Deus.

Quem tem vergonha de pedir o perdão ao seu irmão que vença essa vergonha maléfica com um temor louvável.

Ao darem um fim, desta forma, às inimizades fatais, levando-as à morte, vocês recuperarão a vida. O amor se encarrega de todos estes deveres, pois ele não age insolentemente[1686].

Se então vocês tiverem o amor, meus irmãos, pratiquem-no com uma santa conduta e se vocês não o

possuem, consigam-no através da prece.

02 – Fortaleça a prece com a obra de caridade.

Como devemos agora tornar nossas preces mais fervorosas, para lhes dar sólidos apoios, façamos obras de caridade com muito mais fervor ainda. Acrescentemos à nossa generosidade o que poupamos com o jejum e a abstinência de nossos alimentos cotidianos.

No entanto, aqueles que por necessidade ou por hábito adquirido não podem praticar a abstinência e nem, consequentemente, doar aos pobres o que poupam, devem doar mais abundantemente ainda. Doar com devoção, precisamente porque não se abstém de nada. Se não podem doar nada quando são solicitados, castigando seus corpos, eles devem colocar nos corações dos pobres uma ação de caridade mais abundante, pois ela saberá orar por eles.

Este, de fato, é o conselho claramente salvífico e digno de toda confiança que dão as santas Escrituras: *Coloque sua obra de caridade no coração do pobre e ela rogará por ti*[1687].

03 – Como se mortificar.

Convidamos também aqueles que se abstém de carnes que não rejeitem como impuras as vasilhas onde elas foram preparadas, pois, como diz o Apóstolo: *Para os puros todas as coisas são puras*[1688].

Aos olhos da verdadeira ciência, essas observâncias não têm como objetivo o afastamento do que é impuro, mas a repressão da concupiscência. Quantos então não se desviam, ao se afastarem das carnes para procurarem outros alimentos mais difíceis de serem preparados e com um preço mais alto!

Isto não é praticar a abstinência, mas modificar seus prazeres. Como convidar essas pessoas a doarem aos pobres o que elas cortam, se elas só renunciam aos seus alimentos cotidianos para gastarem muito mais na busca por outros?

Nesta época, então, jejuem mais frequentemente, gastem menos com vocês mesmos e doem mais generosamente aos desafortunados.

Convém ainda deixar, nesta época, o leito conjugal, *por algum tempo, para vos aplicardes à oração e depois retornai novamente um para o outro, para que não vos tente Satanás por vossa incontinência*[1689], como exorta o Apóstolo.´

É tão difícil e penoso, quando se é casado, praticar durante alguns dias o que as santas viúvas praticam até o fim de suas vidas e, as virgens consagradas, durantes suas vidas inteiras?!

Mas, ao cumprirem todos esses deveres, é preciso uma fervorosa devoção, evitando, no entanto, o orgulho. Que ninguém se rejubile pelo mérito da doação, para não perder o mérito da humildade.

Quaisquer que tenham sido as graças recebidas de Deus, elas perdem qualquer mérito se não forem ligados pelo laço do amor.

Sermão 210 - O tempo escolhido para a Quaresma.

Para a Quaresma VI.

Análise

Este sermão é dividido em duas partes: uma parte dogmática e uma parte moral.

Por que a Quaresma é fixada nas proximidades da Paixão do Salvador e por que ela deve durar quarenta dias?

À primeira destas questões, Santo Agostinho responde da seguinte maneira: tendo Nosso Senhor jejuado depois de seu batismo, pareceria, em princípio, que o batismo, sendo conferido pela Igreja na festa da Páscoa, o jejum da Quaresma deveria seguir e não preceder esta festa. Mas o batismo é administrado também indistintamente em todos os outros dias do ano. Depois, o batismo de São João Batista, recebido por Nosso Senhor, estava longe de conferir as graças que nos confere seu próprio batismo e não há nenhuma paridade a ser estabelecida entre um e outro.

Conclui-se então que, se Nosso Senhor jejuou depois do batismo que recebeu de São João Batista, isto não é razão para que nós jejuemos depois do dele. O que melhor explica porque a Quaresma está fixada nas proximidades da Paixão

é que está dito nas Escrituras que Jesus Cristo jejuou quando deveria ser tentado pelo demônio. Ora, existe algo que nos lembre melhor as tentações e as provas desta vida do que a Paixão do Senhor? Se então jejuamos nas proximidades da Paixão é porque sempre devemos jejuar e nos mortificar para resistir à tentação.

À segunda questão: por que o jejum dura quarenta dias, enquanto que as alegrias do tempo pascal duram cinquenta, o santo doutor responde que os quarenta dias da Quaresma designam toda a vida presente, tanto a vida de trabalhos e sofrimentos, da mesma forma como os cinquenta dias do tempo pascal designam a felicidade da eternidade.

Na parte do sermão relativa à moral são apresentadas as ideias sobre a prece, o jejum, a abstinência, a continência, as boas obras e o perdão às injúrias, que vimos nos sermões precedentes.

01 – Algumas questões.

Chegamos à época solene que nos lembra que devemos nos aplicar à prece e ao jejum mais do que em qualquer outro tempo do ano, iluminando nossas almas e castigando nossos corpos.

Mas por que ela acontece nas proximidades da solenidade da Páscoa do Salvador e por que ela dura o intervalo misterioso de quarenta dias?

Muitos se fazem frequentemente estas perguntas e, por isso, vamos transmitir a vocês, sobre este assunto, as

reflexões que o Nosso Senhor condescendeu nos sugerir e o que nos ajudará poderosamente conseguirmos tratar desta matéria, será a fé e a devoção daqueles de vocês que eu sei que se dedicam a isto, não para contradizer, mas para se instruir.

02 – Por que o jejum quaresmal acontece antes do batismo?

Isto dá origem à seguinte questão: após ter assumido um corpo e se mostrado à humanidade como um de nós, para nos ensinar a viver, morrer e ressuscitar como ele, Jesus Cristo Nosso Senhor não jejuou antes de receber o batismo, mas depois de tê-lo recebido.

É isto, de fato, o que se lê no Evangelho: *Depois que Jesus foi batizado, saiu logo da água. Eis que os céus se abriram e se viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus. E do céu baixou uma voz: "Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição"*[1690]. *Em seguida, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo demônio. Jejuou quarenta dias e quarenta noites. Depois, teve fome*[1691].

Mas nós, pelo contrário, jejuamos com aqueles que devem receber o batismo, antes do dia em que eles devem recebê-lo, ou seja, até as vésperas da Páscoa, depois do que deixamos de jejuar durante cinquenta dias.

Esta explicação teria algum valor se só pudéssemos conferir e ou receber o batismo no dia eminentemente solene da Páscoa. Mas, pela graça Daquele que nos deu o

poder de nos tornarmos filhos de Deus, todos podem receber este sacramento o ano todo, de acordo com a necessidade ou a vontade, enquanto que só é permitido celebrar o aniversário da Paixão do Salvador uma vez no ano, na Páscoa.

É preciso então estabelecer entre a Páscoa e o batismo uma diferença incontestável, já que o batismo pode ser recebido todos os dias e a Páscoa só pode ser celebrada uma vez ao ano em um dia determinado e tendo o batismo o objetivo de conferir uma vida nova e a Páscoa o objetivo de recordar mistérios da religião.

Se há na Páscoa um número muito mais considerável de catecúmenos para serem batizados não é porque se receba então uma graça especial para a salvação, mas porque se é estimulado pela alegria mais viva desta festa.

03 – Os batismos de Jesus e de João Batista.

Não poderíamos assinalar também a diferença que existe entre o batismo de João Batista, recebido então por Jesus Cristo e batismo de Jesus Cristo, recebido hoje pelos fiéis?

Pelo fato de que Jesus Cristo está acima dos cristãos, não se segue que o batismo recebido por ele seja superior ao recebido hoje pelos cristãos. Este último, pelo contrário, leva ao outro precisamente porque foi estabelecido por Jesus Cristo.

João Batista, de fato, batizou Cristo reconhecendo o quanto ele era inferior a Cristo, mas é Cristo quem batiza o

cristão, mostrando o quanto é superior a João Batista.

O mesmo acontece com a circuncisão: Jesus Cristo foi circuncidado e o cristão não o é mais. Acima desta circuncisão está o sacramento que nos faz ressuscitar com o Salvador e que é, para o cristão, uma espécie de circuncisão que o retira de sua vida antiga carnal e o faz ouvir estas palavras do Apóstolo: *Como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*[1692].

O mesmo acontece com a Páscoa antiga, que devia ser celebrada imolando um cordeiro. Pelo fato de que Cristo a celebrava com seus discípulos não se conclui que ela seja preferível à nossa Páscoa, que consiste na imolação do próprio Cristo.

Se o Salvador condescendeu receber na terra estes sacramentos antigos que anunciavam seu futuro Advento, foi para nos dar exemplos de humildade e de religiosidade. Foi para nos ensinar com que respeito devemos receber os outros sacramentos que nos mostram este mesmo Advento como já tendo sido realizado.

Assim, porque Cristo jejuou logo após ter recebido o batismo de João Batista, não se deve acreditar que ele quis nos ordenar imitá-lo, jejuando logo após receber seu próprio batismo. Ele quis somente nos ensinar, com seu exemplo, que é necessário jejuar quando nos acontece ter que lutar mais energicamente contra o tentador.

Portanto, depois de ter condescendido em se fazer humano, o Senhor, para ensinar ao cristão, através de sua

autoridade, a não se deixar vencer pelo inimigo, condescendeu também se deixar tentar como os humanos o são. Seja então logo após ter recebido o batismo ou em qualquer outro momento, quando atacado por tais tentações, o cristão deve recorrer ao jejum. O corpo combaterá se mortificando desta forma e o espírito vencerá se humilhando desta maneira.

Assim, a causa deste jejum, modelar e divino, não é o batismo recebido no rio Jordão, mas a tentação causada pelo demônio.

04 – Porque o jejum da Quaresma antecede à Páscoa.

Agora, por que é antes do dia da solenidade da Paixão do Senhor que jejuamos, enquanto que interrompemos nosso jejum nos cinquenta dias que o seguem?

Todo aquele que jejua corretamente tem o objetivo de se tornar humilde e com uma fé não fingida, através da mortificação do corpo e dos murmúrios da prece. Através da privação da sedução dos prazeres carnais chega-se, de alguma forma, pelos interrompidos prazeres, a uma fome e uma sede ligados à sabedoria e à verdade.

O Senhor falou destes dois tipos de jejum, quando lhe perguntaram porque seus discípulos não jejuavam. Ele disse, de fato, sobre o primeiro, que ele tem por objetivo tornar a alma humilde. Ele disse: *Podem os amigos do esposo afligir-se enquanto o esposo está com eles? Dias*

virão em que lhes será tirado o esposo. Então eles jejuarão[1693].

Com relação à segunda espécie de jejum, ele acrescenta: *Ninguém põe um remendo de pano novo numa veste velha, porque arrancaria uma parte da veste e o rasgão ficaria pior. Não se coloca tampouco vinho novo em odres velhos; do contrário, os odres se rompem, o vinho se derrama e os odres se perdem. Coloca-se, porém, o vinho novo em odres novos e assim tanto um como outro se conservam*[1694].

Concluamos que, já que o Esposo nos foi levado, nós que somos seus filhos devemos estar em luto. Ele é superior em beleza a todos os filhos dos homens, a graça está espalhada em seus lábios[1695] e, no entanto, ele não tinha nem graça e nem beleza nas mãos de seus perseguidores e sua vida desapareceu da face da terra[1696].

Nosso luto é sincero se ardemos de desejo de vê-lo. Felizes daqueles que tiveram o privilégio de desfrutar de sua presença antes de sua Paixão, interrogá-lo à vontade e ouvi-lo sempre que precisavam!

Os Patriarcas, antes do seu advento, quiseram vê-lo vivo, mas eles não o viram, porque receberam de Deus outra missão. Invés de serem destinados a ouvi-lo, quando ele viesse, eles deveriam anunciar que ele viria.

Assim então, isto foi o que ele disse aos seus discípulos: *Eu vos declaro, em verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não ouviram*[1697].

Nós, por outro lado, vemos serem cumpridas estas outras palavras, de mesma natureza: *Virão dias em que desejareis ver um só dia o Filho do Homem e não o vereis*[1698].

05 – No meio dos perigos desta vida é preciso jejuar e rezar.

Quem não sente o ardor desses santos desejos? Quem não está aqui em luto? Quem não está cansado de tanto chorar? Quem não clama: *Minhas lágrimas se converteram em alimento dia e noite, enquanto me repetem sem cessar: "Teu Deus, onde está?"*[1699]

Acreditamos, sem dúvida, que ele já está sentado à direita de seu Pai e não deixa de ser verdade que estamos longe dele enquanto vivemos neste corpo[1700] e que, às mentes céticas ou incrédulas, não podemos mostrá-lo quando eles repetem: *"Teu Deus, onde está?"*

O Apóstolo tinha razão em desejar a morte para estar com Jesus Cristo e não considerar a conservação de sua vida como uma felicidade para ele, mas como uma necessidade por nós[1701].

Aqui, de fato, *tímidos são os pensamentos dos mortais e incerta a nossa providência, porque o corpo corruptível torna pesada a alma e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados*[1702]

Daí vem que a vida nesta terra é uma tentação perpétua[1703] e na noite deste mundo o leão espreita e busca o que devorar[1704]. Não o leão da tribo de Judá que chamamos de nosso Rei, mas o demônio, nosso inimigo, pois

nosso Rei reúne nele as características de quatro animais que estão descritos no Apocalipse de São João[1705]. Ele nasceu como homem, trabalhou como um leão, foi imolado como a vítima dos sacrifícios e, em seguida, levantou voo como uma águia[1706].

Cavalgou sobre um querubim e voou, planando nas asas do vento. Envolveu-se nas trevas como se fossem véu[1707]. Ele mesmo produziu essas trevas que se estenderam e se transformaram em noite e nela passaram *a rondar os animais das selvas*[1708].

Rugem os leõezinhos por sua presa[1709]. Estes são aqueles que nos tentam e que o demônio lança contra nós para procurar nos devorar.

No entanto, eles só têm poder se receberem esse poder. Assim, o Salmo acrescenta: *e pedem a Deus o seu sustento*[1710].

No meio das trevas de uma noite tão perigosa, tão cheia de tentações, quem não teria medo? Quem não tremeria em todos os seus membros? Quem não teria medo de merecer ser jogado nas garras de um inimigo bem cruel, para ser devorado por ele.

É preciso então jejuar e rezar.

06 – Porque precisamos jejuar nesta vida.

Precisamos jejuar com mais ardor sobretudo nas proximidades da Paixão do Salvador, já que esta solenidade, que acontece anualmente, tem por objetivo reforçar em nossas almas a lembrança da noite em que vivemos, nos

prevenir contra o esquecimento e contra o sono espiritual, no qual poderíamos ser surpreendidos pelo inimigo rugidor e devorador.

O que é que, sobretudo, de fato, na pessoa de Jesus Cristo nossa Cabeça, nos ensina a Paixão do Salvador? Não são as tentações desta vida?

Assim, ele disse a São Pedro, quando se aproximava a hora de sua morte: *Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça e tu, por tua vez, fortaleça os teus irmãos*[1711].

Ele não nos fortaleceu com seu apostolado, com seu martírio, com suas epístolas? Nós o ouvimos até mesmo nos falando, nestas últimas, sobre a noite temível que tratamos aqui e nos convidando para velar, para ficarmos atentos, para nos lembrarmos sempre das profecias que ele compara a uma chama na noite.

Ele diz: *Demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a estrela da manhã se levante em vossos corações*[1712].

07 – Porque é bom jejuar antes da Páscoa.

Desta forma, tenhamos *cingidos nossos rins e acesas nossas lâmpadas, semelhantes aos que esperam o seu senhor, ao voltar de uma festa, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram*[1713].

Invés de dizermos uns aos outros: *comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*[1714], jejuemos e rezemos com tanto mais ardor quanto mais incerta é nossa morte e o tempo da vida mais doloroso.

Sim, amanhã morreremos!

Disse o Salvador: *Ainda um pouco de tempo e não me vereis e depois, mais um pouco de tempo e tornareis a me ver*.

Estamos agora, no momento em que ele profetizou: *Haveis de lamentar e chorar, mas o mundo há de se alegrar*. Isto acontece porque o mundo é cheio de tentações e nele estamos longe do Senhor.

Mas, o Senhor prossegue: *Agora estais tristes, mas hei de ver-vos outra vez e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria*[1715].

Esta esperança, baseada em promessas tão seguras, nos causa desde já uma certa alegria, na espera de que desfrutaremos dessa alegria superabundantemente, quando seremos semelhantes a Ele, para o vermos tal como Ele é[1716], quando então essa alegria não mais nos será tirada por ninguém.

Como um penhor feliz e gratuito dessa esperança, não recebemos o Espírito Santo, que revela em nossos corações os murmúrios inefáveis dos santos desejos?

Como diz o Profeta Isaías: *Nós concebemos e sofremos para dar à luz o espírito* de salvação[1717].

Ora, *quando a mulher está para dar à luz, ela sofre porque veio a sua hora. Mas, depois que deu à luz a*

criança, já não se lembra da aflição, por causa da alegria que sente de haver nascido uma pessoa no mundo[1718], diz o Senhor.

Assim será para nós a alegria que não nos será tirada e para a qual seremos levados, depois de passarmos pelas obscuridades da fé onde, em certo sentido, fomos concebidos e chegarmos à luz do dia da eterna luz.

Neste momento, então, que estamos sendo gerados, jejuemos e rezemos.

08 – Jejuemos e rezemos, pois é tempo de tribulações.

É isto o que faz em todo o mundo por onde está espalhado o corpo de Cristo, ou seja, a Igreja, essa comunidade que clama em um Salmo: *Dos confins da terra clamo a vós, quando me desfalece o coração*[1719].

Isto já nos faz compreender porque essa humilhação solene deve durar quarenta dias. Ao clamar dos confins da terra, quando lhe *desfalece o coração*, a Igreja clama das quatro partes do mundo, que geralmente são representadas nas Escrituras pelos nomes de Oriente, Ocidente, Norte e Sul. Ora, em todas essas partes do mundo foi divulgado o Decálogo, não apenas para inspirar o medo da letra, mas também para ser completado pela graça do amor. Multipliquemos dez por quatro e obtemos o número quarenta.

No entanto, temos ainda que nos bater contra as tentações e solicitar o perdão por nossas faltas. Quem de

nós, de fato, cumpre perfeitamente este preceito: *Não cobiçarás*[1720]?

É preciso então jejuar e rezar, sem deixar de fazer o bem. Este esforço acabará por receber a recompensa designada nas Escrituras sob o termo denário[1721].

A palavra denário (*denarius*) vem de dez (*decem*), como ternário vem de três e quaternário vem de quatro. Ao unirmos este termo ao quarenta, como a expressão da recompensa devida ao trabalho cristão, chegamos ao número cinquenta, que designa assim o momento feliz em que desfrutaremos da alegria que não nos será tirada.

Não desfrutamos ainda dessa alegria nesta vida. No entanto, quando celebramos a Paixão do Senhor, não a fazemos soar, em certo sentido, nos cinquenta dias que seguem a ressurreição, quando nosso jejum é interrompido e, ao cantarmos os divinos louvores, repetimos: “Aleluia!”?

09 – A simbologia dos números quarenta e cinquenta.

Agora então, para evitar que vocês sejam abordados por Satã, eu exorto vocês, meus caríssimos, em nome de Jesus Cristo, que se dediquem a apaziguar Deus através do jejum de cada dia, de abundantes ações de caridade e das preces mais fervorosas.

Estamos na época em que os esposos devem se abster um do outro, para se dedicarem à prece, embora isto deva ser praticado também em alguns dias ao longo do ano e isto será tão benéfico quanto mais for praticado, pois, usufruir

de uma permissão desmedidamente é ofender aquele que a concedeu.

Sendo a oração uma obra espiritual, quanto mais ela for feita espiritualmente, mais ela é agradável a Deus e, quanto mais ela for feita afastada dos prazeres sensuais, mais ela é espiritual.

Moisés, o ministro da Lei, jejuou quarenta dias. Quarenta dias jejuou também o grande profeta Elias. Assim também fez o Senhor, a testemunha da Lei e dos Profetas. Por isso, os três estiveram juntos na montanha.

Nós, que não podemos manter um jejum tão longo sem ingerir algum alimento durante tantos dias e tantas noites, façamos ao menos o que podemos e, fora dos dias em que, por motivos especiais, a tradição da Igreja proíbe o jejum, agrademos ao Senhor nosso Deus jejuando diariamente ou frequentemente.

Mas, se não for possível se abster totalmente da bebida e da comida por tantos dias, não se poderia renunciar inteiramente então às relações sexuais, quando, pela graça de Cristo, vemos muitos cristãos e cristãs conservarem em total pureza os corpos que consagraram a Deus?

Penso que não seria tão difícil à castidade conjugal fazer durante todo o tempo das solenidades de Páscoa o que fazem por toda a vida as virgens consagradas.

10 – A gula na Quaresma.

Não há mais nenhuma observação a fazer, depois de ter explicado a vocês, na medida das minhas forças, que o

tempo atual é sobretudo uma época para praticar a humildade da alma. No entanto, os desvios de algumas pessoas, com discursos fúteis e sedutores e hábitos depravados, não deixam de nos inspirar, para a salvação de vocês, cansativas preocupações e eu não posso me calar.

Há os que observam a Quaresma mais prazerosa do que religiosamente e que se dedicam mais em imaginar novos prazeres do que em eliminar a velha concupiscência. Essas pessoas fazem imensos e caros estoques de frutos, com o objetivo de preparar os mais variados e os mais saborosos pratos. Elas têm medo de tocar nos utensílios utilizados para o preparo de carnes, mas não temem alimentar seus corpos com o que há de mais refinado para os prazeres dos sentidos. Elas jejuam, não para moderar sua sensualidade habitual em ingerir seus alimentos, mas para estimular, ao variarem esses alimentos, um apetite imoderado.

Quando, de fato, a hora da refeição chega, elas se jogam sobre suas mesas esplêndidas como rebanhos sobre a pastagem. Elas dilatam seus estômagos sobrecarregando-os com pratos muito mais numerosos e, para evitar a saciedade que gera uma alimentação demasiado copiosa, eles despertam seus apetites com variados e estranhos temperos imaginados pela arte culinária.

Elas comem, enfim, em tão grande quantidade que o tempo do jejum não basta para a digestão.

11 – A Quaresma como oportunidade para novos prazeres.

Há também aqueles que se privam de vinho, mas extraem o suco de outras frutas; não para a saúde, mas para a volúpia, como se a Quaresma não fosse um tempo em que se deve praticar a humildade devota, mas sim para imaginar novos prazeres.

Se a fraqueza do estômago não pode se contentar com água, não seria mais adequado beber um pouco do vinho verdadeiro do que procurar outras espécies de vinhos desconhecidos à vindima e estranhos às prensas, não por serem uma bebida de digestão mais fácil, mas por não serem bebidas muito comuns?

Na época em que se deve mortificar mais severamente a carne, não é claramente irracional procurar satisfazê-la de uma maneira que a própria sensualidade lamentaria por não ter que praticar a Quaresma?

Há incoerência maior em, na própria época em que todos devem viver humildemente, em que todos devem se dedicar a viver como os pobres e, pelo contrário, se viva de uma maneira tão dispendiosa que, mesmo os mais ricos mal conseguiriam financiar, se esse estilo de vida durasse para sempre?

Tomem cuidado com esses abusos, meus caríssimos! Lembrem-se destas palavras das Escrituras: *Não siga tuas concupiscências e refreia os teus apetites*[1722].

Se este preceito salutar é para ser observado todo o tempo, não seria principalmente neste momento, em que é vergonhoso buscar para a sensualidade prazeres

extraordinários, quando se é censurado por não se colocar um limite no que pode satisfazê-la comumente?

12 – A obra de caridade e o perdão.

Antes de tudo, não se esqueçam dos pobres e coloquem de reserva nos tesouros celestes o que vocês pouparem ao viverem com mais economia. Que se doe a Cristo, para apaziguar sua fome, o que cada cristão se priva na prática do jejum. Que a penitência voluntária sirva para alimentar os pobres. Que a pobreza voluntária do rico se torne a abundância necessária ao pobre.

Que o coração manso e humilde seja misericordioso e fácil em conceder o perdão. Que aquele que comete um ultraje que peça perdão e que aquele que sofreu o ultraje que o conceda, para que não caiamos em poder de Satã, que triunfa com as discórdias dos cristãos.

Que obra de caridade mais benéfica é perdoar ao seu irmão o que ele deve a você, para obter o perdão do que você deve ao Senhor!

Foi o Mestre celeste que recomendou aos seus discípulos este duplo dever: *Perdoai e sereis perdoados; dai e dar-se-vos-á*[1723], ele disse.

Lembrem-se daquele servo de quem seu senhor exigiu novamente o pagamento de toda sua dívida que ele havia quitado, porque, com relação ao seu companheiro, que lhe era devedor de cem denários, esse servo não foi misericordioso, como seu senhor tinha sido com relação à sua dívida de dez mil talentos[1724].

Ora, para este tipo de boa ação nenhuma desculpa é válida, pois basta a vontade.

Algumas vezes se pode dizer: “Não posso jejuar porque me faz mal ao estômago”. Pode-se dizer também: “Eu gostaria de doar aos pobres, mas não tenho nada”. Ou ainda: “Eu tenho tão pouco que, se der alguma coisa, tenho medo de cair na miséria”.

No entanto, observamos que, geralmente, nessas circunstâncias, são dadas falsas desculpas, já que não há solidez nelas. Mas, podemos dizer: “Se eu não concedi o perdão que me pediram, foi porque fui impedido pela minha saúde fraca”, ou então: “Eu não tive nenhuma condição de fazer isto”?

Perdoai e sereis perdoados. Não se trata aqui de uma boa ação física. Para conceder o que é pedido, a alma não precisa de nenhum dos órgãos do corpo. É a vontade que faz, que realiza tudo.

Aja então! Doe sem preocupação! Você não terá que sofrer nenhuma dor em seu corpo e nenhuma privação em sua casa.

Ó, meus irmãos! Que crime é não perdoar a um irmão que se arrepende, quando se é obrigado a amar até mesmo o inimigo!

Como é assim e como está escrito: *Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento*[1725], eu pergunto a vocês, meus irmãos: devemos chamar de cristão aquele que, nem mesmo nesta época, não quer acabar com as inimizades que jamais deveriam ter nascido?

Sermão 211 - O perdão às ofensas.

Para a Quaresma VII.

Eu vos escrevo agora um mandamento novo. Verdadeiramente novo, nele como em vós, porque as trevas passam e já resplandece a verdadeira luz. Aquele que diz estar na luz e odeia seu irmão, jaz ainda nas trevas. Quem ama seu irmão permanece na luz e não se expõe a tropeçar. Mas quem odeia seu irmão está nas trevas e anda nas trevas, sem saber para onde dirige os passos. As trevas cegaram seus olhos[1726].
Quem odeia seu irmão é assassino[1727].

Análise

A própria época em que estamos nos convida a viver em paz com nossos irmãos e a perdoar seus erros. Como rezar, como se colocar diante do que dizem as Escrituras contra aqueles que conservam o ódio, se não perdoamos?

"Eu gostaria de perdoar, mas ele não quer reconciliação". A infelicidade é dele e não é sua culpa.

"Eu gostaria de perdoar, mas ele não quer pedir perdão". Observe que ele não deve pedir a você, se ele não ofendeu você, se ele é superior a você e se ele teme prejudicar você e inspirar em você o orgulho ao pedir perdão a você. Ele deve fazer com que você se sinta de maneira diferente, através de algumas palavras gentis, ao dizer que se arrepende por ter faltado com você.

Mas, suponhamos que ele deva pedir perdão a você, mas não o faça. Como você está sinceramente disposto a

conceder o perdão, você não está cometendo nenhum erro.

Por fim e acima de tudo, devemos nos inspirar nos belos exemplos de perdão fornecidos por Nosso Senhor Jesus Cristo.

01 – A trave do ódio.

Estes dias santos que consagramos à observação da Quaresma nos convidam a falar com vocês sobre a união fraternal e para estimular vocês a por um fim nos ressentimentos que possam ter uns contra os outros, para que eles não acabem com vocês.

Não desprezem isto, meus irmãos! Esta vida frágil e mortal, esta vida que encontra tantos percalços e tentações neste mundo e que demanda a graça de não soçobrar, não pode, infelizmente, ficar isenta de alguns pecados, até mesmo nos justos.

Só há uma maneira de preservá-la e é aquela que nos indicou Deus nosso Senhor, ao nos ordenar dizer na prece: *Perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aqueles que nos ofenderam*[1728].

Nós fizemos um trato, um contrato com o Senhor. Nós colocamos nossa assinatura no documento que diz a condição para ele perdoar nossas faltas. Com plena confiança nós lhe pedimos que ele nos perdoe, com a condição de que também nós perdoemos.

Se então nós não perdoarmos, não acreditemos que ele nos perdoará, pois isto seria nos iludir. Que ninguém se engane aqui, pois Deus não engana quem quer que seja.

A irritação é uma fraqueza ligada à humanidade. No entanto, podemos ficar livres dela. Ligada então à condição humana, ela é, ao nascer, como que um brotozinho saindo da terra. Evite irrigá-la com suspeitas, pois assim, ela logo se transformará em ódio e o broto se transformará em uma enorme árvore.

O ódio é, de fato, diferente da irritação. Vemos frequentemente um pai se irritar com seu filho sem odiá-lo. Ele quer, com sua irritação, simplesmente corrigir o filho. Ora, se ele se zanga para corrigir, de alguma forma é o amor que inspira sua irritação.

Assim, está escrito: *Olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu*[1729].

Você condena a irritação de alguém, mas conserva o ódio em você mesmo. Comparada ao ódio, a irritação é como um broto, mas, se for alimentada, você a transformará em uma trave. Isto não acontecerá se você arrancá-la e jogá-la bem longe.

02 – Quem odeia o próprio irmão é um assassino.

Se vocês prestaram atenção à leitura do Evangelho, vocês devem ter ficado assustados com um pensamento de São João. Ele disse: *As trevas passam e já resplandece a verdadeira luz*. Em seguida, ele acrescenta: *Aquele que diz estar na luz e odeia seu irmão jaz ainda nas trevas*[1730].

Não podemos acreditar que essas trevas são da mesma natureza daquelas a que são condenados os prisioneiros?

Ah, se fosse só isso!

Todavia, ninguém procura estas últimas trevas e nelas podem ser jogados tanto os culpados quanto os inocentes. Os mártires foram jogados nelas!

Sim, eles estavam rodeados por todos os lados por essas trevas, mas uma luz brilhava em seus corações. Seus olhos estavam mergulhados na obscuridade, mas o amor por seus irmãos lhes permitia ver Deus.

Você quer saber de que natureza são essas trevas mencionadas nestas palavras: *Aquele que odeia seu irmão jaz ainda nas trevas*?

O mesmo Apóstolo diz em outra passagem: *Quem odeia seu irmão é assassino*[1731].

Essa pessoa carregada de ódio se movimenta. Ela sai, ela entra, ela viaja, ela não parece amarrada por correntes e nem presa em uma cela, mas ela está atada pelo crime. Não pense que ela não esteja em uma prisão; seu coração é uma cela.

Então, para afastar qualquer ideia de indiferença para com essas trevas mencionadas na frase: *Aquele que odeia seu irmão jaz ainda nas trevas*, o Apóstolo logo acrescenta: *Quem odeia seu irmão é assassino*.

Você então, que odeia seu irmão e viaja tranquilamente, embora Deus lhe dê os meios para isso, você se recusa se reconciliar com ele! Você é, então, um homicida e, no entanto, ainda vive!

Se Deus se vingasse, você seria levado subitamente, com seu ódio contra seu irmão!

Mas Deus o poupa. Poupe-se também e se reconcilie!

Você gostaria que seu irmão quisesse isto? Mas basta você!

Talvez você tenha, infelizmente, um motivo para se queixar. Mas você é livre. Seja qual for o motivo da recusa do seu irmão para a reconciliação, desde que você a queira, você pode dizer tranquilamente: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos ofendeu*.

03 – Perdoar a ofensa do irmão.

Talvez tenha sido você que cometeu uma falta contra ele. Você gostaria de fazer as pazes, você gostaria de lhe dizer: “Perdoe, irmão, meus erros contra você”. Mas ele não quer perdoar, ele não quer se esquecer de nada, ele se recusa perdoar o que você lhe deve.

Que ele abra então os olhos quando rezar. Essa pessoa que se recusa perdoar você pelo que você possa lhe dever, como ela se livrará do embaraço, quando lhe chegar a hora de rezar?

Que ela diga, para começar: *Pai nosso que estais no céu*.

Que diga em seguida: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*.

Que prossiga: *O pão nosso de cada dia, nos dai hoje*.

E agora?! Ela vai querer passar por cima do que se segue e, talvez, substituir por outra coisa?

Mas não há como passar por cima. Ela fica então empacada.

Que ela diga então e diga com sinceridade. A menos que ela não tenha motivos para pronunciar estas palavras: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos quem nos ofendeu*.

Mas, como fica então este oráculo do Apóstolo: *Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[1732]?

Ela não dirá isto? Então ela não obterá o perdão.

Ela dirá? Isto seria então mentir.

Que ela diga então e diga com sinceridade. Mas, como dizer sinceramente, depois de ter se recusado a perdoar o erro do irmão?

04 – Peça perdão ao irmão que tenha ofendido.

Eu acabo de advertir esse infeliz e agora eu me volto para você, para consolar você. Seja você quem quer que seja, mas que disse ao seu irmão: “Perdoe a ofensa que cometi contra você”.

Eu suponho então que você disse isto com todo seu coração, com uma humildade verdadeira e com um amor sincero. Suponho que você tenha dito somente o que vê em sua alma o olho de Deus e que, no entanto, tenham recusado o perdão a você.

Pois bem! Não se preocupe. Você e seu irmão são servos que possuem um mesmo Senhor. Você deve ao seu irmão, mas ele não quer quitar sua dívida. Dirija-se então ao

Senhor de vocês. Uma vez que esse Senhor tenha quitado sua dívida, o que poderá exigir de você um servo Dele?

Veja outra coisa. Àquele que recusa o perdão que lhe pede um irmão, eu aconselho que supere sua resistência, pois, ao rezar, ele não obterá para ele mesmo o que deseja.

Eu disse também àquele que, sem resultado, pediu perdão ao seu irmão por sua falta e eu lhe disse que, se ele não obteve o perdão de seu irmão, que ele pode contar com seu Deus.

Eu tenho também outra coisa para dizer. Seu irmão pecou contra você e se recusa lhe dirigir estas palavras: “Perdoe meus erros”?

Quantas vezes não encontramos casos assim?

Ah, quisesse Deus arrancar essa planta de seu campo, esse sentimento de seus corações!

Quantos não possuem a consciência de terem faltado para com seus irmãos, mas que se recusam a dizer estas palavras: “Perdoe-me”!

Infelizmente, eles não se envergonharam em pecar, mas se envergonhem em pedir o perdão!

Eles não se envergonharam em cometer a iniquidade, mas eles se envergonham em praticar a humildade?

É a eles então que eu me dirijo primeiro. Você então que está em discórdia com seus irmãos; você que, ao voltar-se para você mesmo, ao se examinar, ao se julgar de acordo com a verdade e do fundo do seu coração, reconheça que você não deveria ter feito ou dito o que você fez ou disse e peça perdão aos seus irmãos. Pratique esta recomendação

do Apóstolo: *Sede uns com os outros bondosos e compassivos. Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou, em Cristo*[1733].

Vá em frente! Não se envergonhe em pedir misericórdia!

Foi a todos que eu disse isto: aos homens e às mulheres, às crianças e aos adultos, aos leigos e aos eclesiásticos. Eu disse igualmente a mim mesmo.

Todos, então, prestem atenção e todos temam! Sim, se cometemos alguma falta para com nossos irmãos e a morte nos concedeu ainda um prazo, não estamos perdidos. Não estamos perdidos porque ainda vivemos e ainda não estamos incluídos na lista dos reprovados.

Pois bem! Já que ainda estamos vivos, façamos o que nos ordena nosso Pai, que logo se mostrará nosso Deus e nosso juiz e peçamos perdão aos nossos irmãos que, porventura, tenhamos ofendido ou ferido, faltando com eles de alguma maneira.

Todavia, há pessoas de condição humilde neste mundo que se orgulhariam se lhe pedissem perdão.

Assim, um senhor cometeu uma falta para com um servo seu. Ele cometeu uma falta, pois, mesmo ele sendo senhor e o outro servo, ambos são servos de um mesmo Senhor, já que ambos foram resgatados pelo preço do sangue de Jesus Cristo.

No entanto, pareceria muito severo para o senhor que tivesse cometido uma falta para com seu servo, ao

repreendê-lo ou puni-lo injustamente, se lhe fosse imposta a obrigação de dizer: “Tenha piedade. Perdoe-me”.

Sem dúvida que o senhor deve fazer isto, mas é de se temer que o servo seja tomado pela soberba.

O que fazer então? Que o senhor se arrependa perante Deus, que ele se puna interiormente perante Deus e, se ele não pode dizer para seu servo: “Perdoe-me”, que ele fale com este servo com mansidão. Uma linguagem mansa e suave é, algumas vezes, um pedido de perdão.

05 – Formando pacificadores para resolver discórdias.

Falta dirigir a palavra àqueles que foram ofendidos e aos quais se recusaram pedir perdão.

Eu já expressei meu pensamento àqueles que recusaram esse perdão, quando lhes foi pedido. Mas agora, nesta santa época em que eu pressiono a todos para não deixarem sobreviver suas discórdias, me parece que a muitos de vocês se apresentou um pensamento secreto.

Vocês sabem então que há entre vocês muitos motivos de discórdia, mas vocês estão convencidos de que a ofensa vem dos outros e não de vocês.

Vocês não me dizem nada, sem dúvida, pois neste lugar cabe a mim falar e a vocês escutar em silêncio. É possível, no entanto, que vocês digam a vocês mesmos: “Eu quero fazer as pazes, mas foi ele que me agrediu, que me ofendeu e que se recusa a pedir perdão”.

O que eu vou responder? Eu vou dizer: “Vá até ele e peça perdão”? De forma alguma. Eu não quero induzi-lo à mentira. Eu não quero que você diga: “Perdoe-me”, quando você tem consciência de não ter cometido nenhuma falta para com seu irmão.

Para que se acusar? Por que pedir perdão a quem você não ofendeu, a quem você não magoou? Essa ação não o beneficiaria em nada e, portanto, não a pratique.

Você sabe, após um exame rigoroso, que é dele que parte a ofensa e não de você.

“Sim, eu sei!”

Pois bem! Que sua consciência fique descansada diante dessa certeza bem fundamentada. Não vá até esse irmão que o ofendeu e nem lhe peça perdão espontaneamente. Entre vocês dois deve haver pacificadores que cumpram seu dever e levem o culpado a pedir perdão primeiro. O importante é que do seu lado você esteja disposto a conceder o perdão; que esteja pronto para perdoar do fundo do seu coração.

A disposição para perdoar já é o perdão concedido. No entanto, você também deve rezar; rezar para que lhe seja pedido o perdão. Convencido de que o outro perde, ao não pedir perdão, reze para que ele o peça e na prece diga ao Senhor: “O Senhor sabe, senhor, que eu não cometi nenhuma falta para com meu irmão. Foi ele quem faltou para comigo. O senhor sabe também que é ruim para ele não me pedir o perdão, depois de ter faltado para comigo. Eu suplico então, ao senhor, que o perdoe com amor”.

06 – Que ao menos na Páscoa cessem os litígios.

Eu acabo de lembrar a vocês que mantenham, sobretudo nestes dias de jejum, santas práticas e continência. Vocês devem também, tanto quanto eu, se reconciliarem com seus irmãos.

Concedam-me a alegria de ver vocês em paz, já que me provocam a dor de ver vocês em litígios. Ao se perdoarem mutuamente os erros que possam ter cometido uns para com os outros, vocês nos colocam em estado de celebrar tranquilamente a Páscoa e de celebrar sem preocupações a Paixão Daquele que, sem dever nada a ninguém, pagou por todos. Eu falo de Jesus Cristo Nosso Senhor, pois ele não ofendeu ninguém e quase todos, pelo contrário, o ofenderam. No entanto, longe de exigir de nós suplícios, ele nos prometeu recompensas.

Pois bem! Ele vê em nossos corações que, se ofendemos alguém, nós lhe pedimos sinceramente o perdão e que, se alguém nos ofendeu, estamos dispostos a lhe perdoar e a rezar por nossos inimigos.

Não peçamos para nos vingar, meus irmãos! O que é se vingar, se não é se regozijar com os males alheios?

Eu sei que diariamente aparecem pessoas que dobram seus joelhos, que prostram a testa na poeira, que algumas vezes mesmo molham seus rostos com suas lágrimas e que dizem no meio dessa emoção e dessa atitude tão humilde: “Vingue-me, Senhor! Faça meu inimigo perecer!”

Sim, peça ao Senhor que faça perecer seu inimigo, mas que salve seu irmão! Que ele destrua a inimizade, mas que preserve a pessoa. Peça a Deus que ele leve à morte o que perseguia você no seu irmão, mas que ele conserve seu irmão, para devolvê-lo à sua amizade.

Sermão 212 - O Símbolo I.

Para a quinta segunda-feira da Quaresma.

Análise

Nesta curta explicação dirigida aos catecúmenos, Santo Agostinho mostra principalmente a ligação e não o sentido detalhado das partes do Símbolo. Ele termina dizendo porque era antigamente proibido escrevê-lo.

01 – Breve explicação de todo o Símbolo.

É tempo de transmitir a vocês o Símbolo, que contém em poucas palavras o que vocês acreditam com vistas à salvação eterna.

A palavra símbolo é tomada aqui por analogia, em um sentido figurado. Dizemos que os negociantes fazem um símbolo quando, para a manutenção de sua sociedade, eles fazem entre eles um pacto de fidelidade.

A sociedade de vocês não é uma espécie de comércio espiritual e vocês não são como *um negociante que procura pérolas preciosas*[1734]? Esta pérola é *o amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[1735].

Ora, consegue-se isto pela fé contida no Símbolo. Creiam então em Deus Pai todo poderoso, invisível, imortal, o Rei dos séculos, o Criador do que é invisível, do que é visível e de tudo o mais que é digno dele, segundo a razão sincera ou o que diz a santa autoridade das Escrituras.

Mas, dessas grandezas, não exclua o Filho de Deus. Se elas são atribuídas ao Pai, não é para recusá-las Àquele que disse: *Eu e o Pai somos um*[1736] e sobre quem escreveu o Apóstolo: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*[1737].

Usurpar é se atribuir algo que não é seu. Ora, a igualdade com Deus é própria da natureza do Filho de Deus. Como então ele não seria onipotente, já que *tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*[1738] e *ele é a Força de Deus e a Sabedoria de Deus*[1739], sobre a qual está escrito que, *embora única, tudo pode*[1740].

Ele também é invisível por natureza; pela natureza que o torna igual ao Pai. De fato, é invisível o Verbo de Deus que, *no princípio estava junto de Deus* e que *era Deus*[1741]. Como tal, ele é também completamente imortal, ou seja, imutável sob todas as relações.

Imortal também é a alma humana, sob certo ponto de vista. Mas ela não possui a imortalidade verdadeira, já que é mutável e capaz de recuar e de progredir. Ela morre, quando renuncia à vida de Deus, por causa da ignorância que existe nela. Ela vive, quando corre para a fonte da vida, para desfrutar da claridade de Deus, da luz de Deus.

Vocês também vivem essa vida, quando, pela graça de Cristo, vocês saem do estado de morte à qual vocês renunciam.

Quanto ao Verbo de Deus; quanto ao Filho único de Deus; ele possui com seu Pai uma vida sempre imutável. Ele não perde nada, pois não há diminuição no que permanece sempre o mesmo. Ele também não adquire nada, pois o que é perfeito não pode crescer. Ele é também o Rei dos séculos, o Criador das coisas visíveis e das coisas invisíveis.

De fato, como disse o Apóstolo: *Todas as coisas nos céus e na terra; as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e todas as coisas subsistem nele*[1742].

No entanto, como ele *aniquilou a si mesmo*, não perdendo a natureza de Deus, mas *assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*[1743], com essa natureza de escravo ele se tornou visível, já que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Como escravo também o Onipotente se tornou fraco, já que sofreu sob Pôncio Pilatos.

Como escravo, o imortal morreu, já que foi crucificado e sepultado.

Como escravo, o Rei dos séculos ressuscitou no terceiro dia.

Como escravo, o Criador de todas as coisas visíveis e dos seres invisíveis subiu aos céus, embora ele nunca os tenha deixado.

Como escravo, ele está sentado à direita do Pai, embora ele seja o braço do Pai, como disse sobre ele um Profeta: *A quem foi revelado o braço do Senhor?*[1744]

Como escravo, ele virá julgar os vivos e os mortos, com os quais ele quis morrer, embora ele seja a Vida dos vivos.

Foi por ele que o Pai __ e ele mesmo __ enviou o Espírito Santo. Esse Espírito do Pai e do Filho foi enviado pelo Pai e pelo Filho, sem ser gerado nem por um e nem por outro. Ele é o laço de ambos e a ambos é igual.

Aí está a Trindade. Aí está o Deus único, onipotente, invisível, Rei dos séculos, Criador do que é visível e do que é invisível. Não dizemos que há três Senhores, nem três Onipotências, nem três Criadores. Não pronunciamos no plural nenhum dos nomes reservados à grandeza de Deus, já que não há três deuses, mas um só Deus.

No entanto, nessa augusta Trindade, o Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai, o Espírito Santo não é também nem o Pai e nem o Filho. O Pai é simplesmente o Pai do Filho; o Filho é o filho do Pai e o Espírito Santo é o Espírito do Pai e do Filho.

Creia para compreender, pois, *se não acreditares, não compreendereis*[1745].

Com esta fé esperem a graça que apagará todos os seus pecados. É com isso que vocês serão salvos e não por vocês mesmos, pois a salvação é um dom de Deus.

Esperem também que, após a morte que nos abate todos, como punição pelo antigo crime cometido pelo primeiro ser humano, seus próprios corpos ressuscitarão no

fim dos tempos. E não para serem tomados por dores, como acontecerá com os corpos dos ímpios, que também ressuscitarão. Não também para desfrutar das alegrias dos desejos carnais, como esperam os tolos. Mas para experimentar o que disse o Apóstolo: *semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[1746]. Um corpo que não será mais um fardo para a alma[1747] e que, não perdendo mais nada, não precisará também de mais nenhum alimento.

02 – O Símbolo não deve ser escrito, mas conservado na memória.

Eu devia a vocês este pequeno sermão sobre o conjunto do Símbolo. Ele está terminado e vocês veem que ele reúne em poucas palavras tudo o que compõe o Símbolo.

No entanto, para memorizarem este Símbolo, vocês não devem escrevê-lo, mas aprendê-lo enquanto o ouvem. Vocês não devem escrevê-lo nem depois de tê-lo aprendido, mas retê-lo na memória e recitá-lo sempre.

Sem dúvida que tudo o que vocês encontrarem no Símbolo está contido nas Santas Escrituras e se não é permitido escrevê-lo, depois de tê-lo recolhido assim e formado este resumo, é por lembrança das divinas promessas expressas assim por um Profeta, a propósito do Novo Testamento: *Eis a aliança que, então, farei - oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração*[1748].

Em memória então, destas palavras, aprende-se o Símbolo ao ouvi-lo. Ele não é escrito então no papel ou em qualquer outro material, mas no coração. Aquele que convida vocês para seu Reino e para sua glória concederá a vocês esta graça,

Quando vocês tiverem sido regenerados, o próprio Espírito Santo o escreverá também em seus corações. Com isso, vocês amarão o que acreditarem, a fé agirá em vocês através do amor e vocês agradarão assim o Dispensador de todos os bens: o Senhor nosso Deus. Não temendo o castigo, como os escravos, mas afeiçoando vocês à justiça, como filhos.

Aí está então o Símbolo da substância do que as Escrituras e os sermões da Igreja ensinaram a vocês e que os fiéis devem reter e professar sob esta curta fórmula.

Sermão 213 - O Símbolo II.

Análise

Esta segunda explicação do Símbolo é a sequência natural da primeira. A primeira considerou o Símbolo de uma maneira mais geral e esta entra nos detalhes do sentido de cada artigo.

Mas nela não se verá a frieza de uma obra didática. Santo Agostinho coloca nela seu coração, como ele o coloca em tudo e especialmente em seus sermões.

01 – Creio em Deus Pai todo-poderoso.

O Símbolo é a fórmula abreviada da nossa fé. É uma fórmula destinada a nos instruir sem sobrecarregar a memória. Ela se expressa em poucas palavras, para ensinar muito.

Creio em Deus Pai todo-poderoso. Que concisão e que força! Aí está tudo ao mesmo tempo. Um Deus e um Pai. Um Deus com seu poder e um Pai com sua bondade.

Como somos felizes em encontrar um Pai em nosso Deus!

Acreditemos então nele e esperemos tudo de sua misericórdia, pois ele é todo-poderoso. Então, digamos que acreditamos em Deus Pai todo-poderoso.

Que ninguém diga: “Ele não pode perdoar meus pecados”. Como não pode, se ele é todo-poderoso?

“Mas, eu tenho tantos pecados”, você insiste.

Mas ele é todo-poderoso, eu replico.

“Eu cometi tantos pecados que não posso ser libertado deles e nem purificado”.

Eu continuo insistindo: “Ele é todo-poderoso”.

Observe o que você diz, quando canta este Salmo: *Bendiga, ó minha alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todas as suas benesses. É ele que perdoa as tuas faltas e cura as tuas enfermidades*[1749].

É por isso que nos foi necessária sua onipotência. Todas as criaturas, para saírem do nada, precisaram dela.

Tanto para fazer o que é grande quanto o que é pequeno, Deus é todo-poderoso. Todo-poderoso para formar o que está no céu e o que está sobre a terra. Todo-

poderoso para criar o que é mortal e o que é imortal. Todo-poderoso para dar a existência ao que é espiritual e ao que é corpóreo. Todo-poderoso para tirar do nada o que é visível e o que é invisível. Ele é grande nas grandes coisas, sem ser pequeno nas mínimas. Ele é todo-poderoso, enfim, para fazer tudo o que ele quer.

Quantas coisas, de fato, ele não poderia fazer?

Ele não pode morrer, nem pecar, nem mentir, nem se enganar.

Quantas coisas mais ele não poderia fazer, se não fosse todo-poderoso!

Creia então nele e professe sua fé!

É crendo de coração que se obtém a justiça e é professando com a boca que se chega à salvação[1750].

Aí está porque, depois de ter acreditado, você deve confessar sua fé recitando o Símbolo.

Escute então agora o que você terá que guardar para sempre e recitar logo sem jamais esquecer.

02 – O Filho único de Deus encarnado por nós.

O que vem em seguida?

E em Jesus Cristo.

Você diz então: *Eu creio em Deus Pai todo-poderoso e em Jesus Cristo, seu Filho único, Nosso Senhor*.

Se ele é Filho único, ele é, por consequência, igual ao seu Pai. Se ele é Filho único, ele é, então, de mesma natureza que seu Pai. Se ele é Filho único, ele tem,

consequentemente, a mesma onipotência que seu Pai. Se ele é Filho único, ele é, também, coeterno ao seu Pai.

Isto é o que ele é nele mesmo. Nele mesmo e junto ao seu Pai. Mas, para nós e com relação a nós, o que ele é?

Que foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria.

Este é Aquele que veio, por onde veio e para quem veio. Ele veio pela Virgem Maria, por ação do Espírito Santo e não de um homem, seu esposo. Foi o Espírito Santo que fecundou essa Virgem pura e nela conservou sua integridade.

Foi assim que se revestiu de carne Cristo Nosso Senhor. Foi assim que se fez humano Aquele que criou os humanos. Ele se fez o que ele não era, sem perder o que ele era, pois, *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*[1751].

Não é que o Verbo tenha se transformado em carne, mas, permanecendo Verbo, ele tomou uma carne; permanecendo invisível, ele se tornou visível quando ele quis e *habitou entre nós*.

O que quer dizer *entre nós*? Na humanidade.

Ele se tornou um de nós, mesmo permanecendo único. Único por seu Pai. E por nós? Único também como Salvador, pois não temos outro Salvador além dele. Único também como Redentor, pois nenhum outro nos resgatou e resgatou não com ouro ou com prata, mas pagando com seu próprio sangue.

03 – Cristo crucificado e sepultado na carne.

Pensemos então por que negociações ele chegou a nos resgatar.

É dito no Símbolo: *Que foi concebido pelo Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria*.

Mas, enfim, o que ele fez por nós? O que está dito na sequência do texto: *Sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado*.

Sim, foi o Filho único de Deus, foi Nosso Senhor que foi crucificado. Foi o Filho único de Deus, foi Nosso Senhor que foi sepultado.

Mas, foi como humano que ele foi crucificado e como humano também ele foi sepultado. Como Deus ele não foi transformado, como Deus ele não foi levado à morte. No entanto, Deus foi levado à morte enquanto humano.

Diz o Apóstolo: *Se houvessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da Glória*[1752]. Ele o mostra aqui como o Senhor da Glória, mas confessa, no entanto, que ele foi crucificado.

Rasgar sua túnica sem ferir sua carne seria cometer uma injúria a você. Se você gritasse então, não seria para dizer: “Você rasgou minha túnica”, mas sim: “Você me dilacerou. Você me deixou aos pedaços”. Se você falasse assim, você diria a verdade, mesmo sem ter sido ferido, mesmo que, cometendo uma injúria a você, não tivessem tocado sua carne.

Foi assim que Cristo Nosso Senhor foi crucificado. Ele é realmente o Senhor, o Filho único do Pai. Ele é nosso Salvador e o Senhor da Glória. No entanto, ele foi

crucificado, mas crucificado em sua carne e sepultado em sua carne unicamente. Sua alma mesma não estava lá, nem no momento e nem no lugar onde o sepultaram e somente sua carne jazeu no sepulcro.

Nem por isso você deixa de reconhecer nele o Jesus Cristo, o Filho único e o Nosso Senhor.

Quem então foi concebido pelo Espírito Santo e depois nasceu da Virgem Maria? Jesus Cristo, o Filho único de Deus e Nosso Senhor.

Quem foi crucificado sob Pôncio Pilatos? Jesus Cristo, o Filho único de Deus e Nosso Senhor.

Que foi sepultado? Jesus Cristo, o Filho único de Deus e Nosso Senhor.

“Como! Eu só vejo a carne e você diz que é Nosso Senhor?”

Seguramente que eu digo isto, pois, ao ver a vestimenta, eu adoro Aquele que a usa. A carne, de fato, lhe serve como vestimenta, pois, *sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo*, não perdendo sua natureza divina, mas, *assemelhando-se aos humanos e sendo exteriormente reconhecido como humano*[1753].

04 – Ressuscitou, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.

No entanto, não desprezemos a carne, vista como ela mesma; foi quando ela foi abatida que ela nos resgatou.

De que maneira ela nos resgatou? Não permanecendo abatida para sempre.

No terceiro dia ressuscitou dos mortos. Esta é a sequência do Símbolo. Assim, nós proclamamos sua ressurreição, depois de termos confessado sua paixão.

O que ele fez ao sofrer? Ele nos ensinou o que temos que sofrer.

E ao ressuscitar? Ele nos mostrou o que devemos esperar.

Aqui está o dever e aqui está a recompensa. O dever, na paixão e a recompensa, na ressurreição.

Mas ele não permaneceu aqui, depois de ter ressuscitado de entre os mortos. O que é dito em seguida?

Ele subiu ao céu.

E agora, onde ele está?

Ele está sentado à direita do Pai.

Não veja aqui a direita como contraposição à esquerda. A direita de Deus significa a eterna felicidade. A direita de Deus significa o inefável, o inestimável, a incompreensível beatitude e a plenitude. Esta é a direita de Deus e é lá que está sentado o Salvador.

O que quer dizer: *Ele está sentado*?

Quer dizer que é lá onde ele reside, pois se chama assento[1754] ao lugar onde alguém fica.

Neste momento, então, onde vive Santo Estevão? Não nos enganaríamos se disséssemos: *Ele está sentado à direita do Pai*.

O que disse, de fato, Santo Estevão? *Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus*[1755].

Porque Santo Estevão viu Jesus de pé, à direita do Pai, mente-se ao dizer: *Ele está sentado à direita do Pai*?

Estar sentado é aqui sinônimo de ficar, de estar, de morar.

Como ele fica? Como você mesmo fica.

Em que posição? Quem sabe?

Contentemo-nos em expressar o que ele ensinou e de falar do que sabemos.

05 – Cristo nosso juiz e nosso advogado.

E depois?

De lá virá julgar os vivos e os mortos.

Abençoemos nele o Salvador, para não temer o Juiz, pois aquele que agora acredita nele, que cumpre seus preceitos e o ama sinceramente, não temerá quando ele vier julgar os vivos e os mortos. Não apenas não o temerá como aspirará sua vinda.

O que pode haver de mais feliz para nós do que a vinda Daquele que desejamos, Daquele que amamos?

Temamos, no entanto, pois ele será nosso juiz. Ele é agora nosso advogado, mas será nosso juiz então.

Escute São João Evangelista: *Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de*

toda iniquidade[1756]. *Filhinhos meus, isto vos escrevo para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai: Jesus Cristo, o Justo. Ele é a expiação pelos nossos pecados*[1757].

Vamos supor que você tenha que defender uma causa perante um juiz. Você procura um advogado para instruí-lo. Esse advogado o recebe perfeitamente, ele entra com sua queixa da melhor forma como ele pode, mas, antes que a sentença seja pronunciada, você fica sabendo que esse advogado vai ser seu juiz. Que alegria ter como juiz o advogado que você contratou para defendê-lo!

Neste justo momento é Jesus Cristo que defende nossa causa, que intercede por nós. É ele que temos como advogado e temeríamos tê-lo como juiz?

Pelo contrário! Como o enviamos na nossa frente para nos servir de advogado e nos tranquilizar, esperemos que ele retorne para ser nosso juiz.

06 – O Espírito Santo e a Trindade.

Percorremos no Símbolo o que se refere a Jesus Cristo, o Filho único de Deus e nosso Senhor. Em seguida é dito: *E no Espírito Santo*, para completar o que diz respeito à Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Se foi falado mais longamente do Filho é porque o Filho se fez humano; é porque o Filho, o Verbo, se fez carne e não o Pai ou o Espírito Santo, embora a humanidade do Filho seja obra da Trindade inteira, já que as obras da Trindade são inseparáveis.

Creia então, ao ouvir falar aqui do Espírito Santo, que ele não é inferior ao Filho e nem ao Pai, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou a Trindade inteira, fazem um só Deus. Não há entre eles nem diferença, nem variedade, nem inferioridade, nem oposição, mas igualdade, perpetuidade, invisibilidade e imutabilidade no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

Que condesceda esta augusta Trindade nos libertar da enorme quantidade de nossos pecados!

07 – A Igreja é como Maria, pois é virgem e gera os membros de Cristo.

É a nós que se refere o que vem em seguida: *Na santa madre Igreja*, pois somos nós a santa Igreja.

Ao dizer nós, eu não quero me referir somente a nós que estamos aqui, os que me escutam, os que, pela graça de Deus são cristãos e fiéis aqui, nesta igreja, nesta cidade. Eu me refiro também a todos aqueles que estão nesta região, nesta província, até mesmo além-mar e em todo o mundo habitado, pois, do levante ao poente bendiz-se o nome de Deus[1758].

Trata-se aqui da Igreja Católica, nossa mãe verdadeira e a verdadeira esposa do divino Esposo. Honremo-la, já que ela é a Senhora de um grande Senhor.

Que direi mais? Seu esposo condescendeu fazer por ela incomparáveis maravilhas. Ele a encontrou prostituída e a tornou virgem.

Ela pode negar suas prostituições sem se esquecer da misericórdia do seu Libertador? Como dizer que ela não era prostituída, quando se sujava com os ídolos e os demônios?

Infelizmente, todos eram adúlteros em seus corações. Poucos o eram em seus corpos, mas o eram em seus corações.

Cristo então veio e tornou sua Igreja virgem. Ela é virgem por sua fé. Ela conta com um pequeno número de virgens, propriamente ditas, que são consagradas a Deus. Mas, com relação à fé, todos nela devem ser virgens, tanto os homens quanto as mulheres, pois todos devem ser castos, puros e santos.

Vocês querem saber o quanto a Igreja é virgem? Escutem o apóstolo São Paulo, esse amigo zeloso para com o Esposo e não para com ele mesmo. Ele diz: *Eu vos consagro um carinho e amor santos, porque vos desposei com um esposo único*.

Ele falava assim da Igreja, mas, de que Igreja? De toda Igreja que podia receber suas epístolas.

Eu vos consagro um carinho e amor santos, porque vos desposei com um esposo único e vos apresentei a Cristo como virgem pura. Mas temo que, como a serpente enganou Eva com a sua astúcia..., ele diz então.

Essa serpente fez Eva perder sua castidade física? Não, mas fez com que ela perdesse a virgindade do coração.

Temo que, como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim se corrompam os vossos pensamentos e se apartem da simplicidade que está em Cristo[1759].

Assim, a Igreja é virgem. Sim, ela é virgem e que ela permaneça virgem. Que ela se precavenha contra o sedutor, para não encontrar nele um corruptor.

A Igreja é virgem. Talvez você me questione: “Se ela é virgem, como ela coloca filhos no mundo? E se ela não os coloca no mundo, como nos alistamos à ela para termos um novo nascimento?”

Eu respondo a você: a Igreja é virgem e mãe ao mesmo tempo. Nisto, ela imita Maria, a Mãe do Senhor.

A Santa Virgem Maria não se tornou Mãe, mesmo permanecendo Virgem? Assim acontece com a Igreja, que é virgem e mãe ao mesmo tempo.

Examinando mais de perto, ela é também mãe de Cristo, pois aqueles que recebem o batismo são seus membros. Como diz o Apóstolo: *Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros*[1760].

Se então a Igreja gera os membros de Cristo, não tem ela com Maria uma grande semelhança?

08 – A remissão dos pecados por meio do batismo e da Oração do Senhor.

A remissão dos pecados. Se esta graça não estivesse na Igreja, deveríamos nos desesperar. Não poderíamos esperar a vida futura e nem a eterna libertação, se não fosse possível na Igreja obter a remissão dos pecados. Agradeçamos então a Deus, por ter concedido esta graça à sua Igreja.

Vocês vão então se aproximar das fontes sagradas, serem purificados pelo batismo, receber uma vida nova no banho salvífico da regeneração e, ao saírem, vocês estarão sem pecado. Todos os pecados que ameaçam vocês desaparecerão e eles se parecerão com os egípcios que se lançaram contra os israelitas e que os perseguiram somente até o mar Vermelho[1761].

Somente até o mar Vermelho? O que isto quer dizer?

Somente até às fontes consagradas pela cruz e pelo sangue de Cristo.

De fato, o que é vermelho é o que assim parece. Ora, não vemos como parece vermelho tudo o que pertence a Cristo? Abra os olhos da fé. Ao olhar para a cruz, não vemos sangue? Você pode contemplar Aquele que está pendurado nela sem pensar, ao mesmo tempo, no que ele derramou, quando o seu lado foi aberto por uma lança e nosso resgate escorreu?

Aí está porque se marca com o sinal da cruz o batismo; ou melhor, a água usada no batismo. É assim que vocês atravessam, em certo sentido, o mar Vermelho. Seus pecados são apagados como seus inimigos. Eles os perseguem, mas somente até o mar Vermelho. Quando vocês tiverem entrado nele, dele vocês sairão, mas nele ficarão seus inimigos.

Foi assim que os israelitas atravessaram o mar com os pés secos e os egípcios foram engolidos pelas águas. O que diz a Escritura: *As águas recobriram seus adversários e nenhum deles escapou*[1762].

Sejam seus pecados em grande número ou em pequeno número, graves ou leves, nenhum deles permanecerá. Não escapará *nenhum deles*.

No entanto, como é preciso viver neste mundo e nele ninguém fica isento de pecados, os pecados não são perdoados somente nas fontes sagradas do batismo, mas também pela prece dominical e cotidiana que vocês aprenderão em oito dias. Ela será para vocês como um batismo cotidiano e vocês agradecerão a Deus por ter concedido à sua Igreja esse favor que reconhecemos no Símbolo, quando, depois de haver dito: *A santa madre Igreja*, acrescentamos: *A remissão dos pecados*.

09 – A ressurreição da carne.

Em seguida vem: *A ressurreição da carne* e é o fim. Mas será um fim sem fim a ressurreição da carne. Não haverá mais então para esta carne nem a morte, nem as angústias, nem a fome, nem a sede, nem as aflições, nem a velhice, nem o cansaço.

Não tema então a ressurreição da carne. Pense nas benesses que desfrutará esta carne e esqueça os males que ela sofre. Não haverá mais nenhuma das misérias das quais ela se queixa hoje em dia. Seremos eternos e iguais aos anjos de Deus[1763]. Formaremos com esses santos anjos uma mesma sociedade.

Deus nos possuirá, seremos sua herança e ele mesmo será a nossa. Assim, dizemos a ele desde já: *Senhor, vós sois a minha parte da herança*[1764] e ele mesmo diz, de nós, ao

seu filho: *Peça-me e dar-lhe-ei por herança todas as nações*[1765].

Assim, seremos, ao mesmo tempo, proprietários e propriedades, possuiremos e seremos possuídos.

Neste momento mesmo, não somos cultivados e, ao mesmo tempo, cultivamos? Mas, cultivamos como se pode cultivar Deus, enquanto que somos cultivados como um campo pode sê-lo.

Você quer ter certeza de que somos cultivados? Escute o Senhor. Ele diz: *Eu sou a videira verdadeira, vós os ramos e meu Pai é o agricultor*[1766].

Se o *Pai é o agricultor* é porque ele cultiva. Que campo? Nós.

Um agricultor desta terra que é vista por nossos olhos pode muito bem trabalhar, arar, plantar e irrigar, se encontrar água. Mas ele pode dar o crescimento, dirigir o broto para o interior da terra, fixar nela a raiz, fazer crescer a haste, fortificar os ramos, carregá-los com frutos, embelezá-los com folhas? Um agricultor pode fazer tudo isso?

Mas o divino Agricultor de nossas almas, Deus Pai, pode fazer em nós tudo isso. Por que ele pode? Porque acreditamos em *Deus Pai todo-poderoso*.

Memorizem então, muito bem, tudo o que acabamos de dizer para vocês c da forma como Deus nos concedeu a graça de explicar para vocês.

Sermão 214 - O Símbolo III.

Análise

Este sermão é, evidentemente, um dos primeiros que pronunciou Santo Agostinho quando deixou o retiro espiritual que havia pedido ao seu bispo, para poder se preparar para o ministério da palavra. Assim, o estilo e as ideias apresentam aqui uma maior semelhança, comparado com os outros sermões, com o estilo e as ideias de suas obras filosóficas, compostas mais ou menos na mesma época.

Esta explicação do Símbolo se propõe mais a elucidar e aprofundar as ideias dogmáticas do que em tirar conclusões morais. O leitor só poderá ficar impressionado com a precisão e a elevação doutrinal que o santo doutor já havia atingido, depois de tão pouco tempo após sua conversão; quatro anos somente, pois este sermão é do ano 391.

01 – A finalidade do Símbolo.

Já ministro do altar do qual vocês vão se aproximar, não podemos recusar a vocês o ministério de nossa palavra, apesar de nossa tão pouca idade e dando os primeiros passos nesta carreira. No entanto, somos apoiados pela nossa afeição por vocês.

O Apóstolo diz que: *Se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. É crendo de coração que se obtém a justiça e é professando com a boca que se chega à salvação*[1767].

Isto é o que edifica em vocês o Símbolo: o que, para serem salvos, vocês devem acreditar e confessar.

É verdade que o que vocês vão ouvir em poucas palavras, para que possam confiar às memórias de vocês e confessarem com suas bocas, não será nem novo e nem nunca ouvido antes. As santas escrituras e os sermões eclesiásticos apresentam tudo isso para vocês, sob diferentes formas.

Para que vocês aprendam, no entanto, foi feito um resumo abreviado e disposto em ordem, como um meio de edificar a fé de vocês e prepará-los para confessá-la e memorizá-la sem dificuldade.

É isto então o que vocês devem memorizar e recitar de cor. Depois das palavras introdutórias: *Creio em Deus Pai todo-poderoso*, é preciso recitar o Símbolo inteiro, sem fazer nenhuma reflexão sobre ele e vocês sabem que não se tem o costume de escrever este Símbolo.

02 – Deus todo-poderoso criou tudo do nada.

Vocês devem não apenas acreditar, mas também memorizar palavra por palavra e repetir as verdades que vocês acabam de ouvir em bem poucas palavras. É preciso, além disso, defendê-las contra aqueles que as combatem, contra os escravos do demônio que atacam perfidamente a fé, se opondo à nossa salvação.

Ao acreditarem então que Deus é onipotente, lembrem-se de acreditar também que não há nenhuma natureza que não tenha sido formada por ele e se ele pune o pecado que

ele não fez é porque o pecado mancha a natureza que ele fez.

Por consequência, todas as criaturas visíveis e invisíveis, sejam aquelas cujas almas racionais podem conhecer a imutável verdade, como os anjos e os seres humanos; sejam aquelas que possuem a vida e o sentimento, mas não a inteligência, como todos os animais que se movem sobre a terra, no meio das águas e no ar, quadrúpedes, répteis, peixes, pássaros; sejam aquelas que são privadas de inteligência e de sentido, mas não de uma vida propriamente, como as plantas que fixam suas raízes na terra, para se erguerem ao germinarem e se espalhar pelos ares; sejam aquelas que se limitam a ocupar algum espaço, como as pedras, como os elementos que podemos ver ou tocar neste mundo material; todas elas, enfim, foram criadas pelo Onipotente, que teve o cuidado de reunir entre elas os extremos aos meios e de fazer aparecer cada uma de suas obras no lugar e no tempo que lhe convém.

Mas ele não as formou de uma matéria pré-existente, da qual ele seria também o autor. Ele não trabalhou em uma base estranha e fez tudo em suas obras. Dizer que ele não pôde fazer nada do nada seria acreditar que ele é onipotente? Seguramente seria negar sua onipotência, dizer que Deus não pôde formar o mundo sem uma matéria pré-existente.

Que onipotência seria essa, de fato, se ele tivesse nele mesmo tanta fraqueza que, como um artesão comum, ele

não pudesse produzir sua obra sem a ajuda de uma matéria que não deveria sua existência a ele?

Afastem então de suas mentes essas ideias fúteis e mentirosas, vocês que acreditam em Deus Todo-poderoso!

Aliás, essa matéria chamada de disforme e que se diz suscetível de tomar formas diversas e de servir aos propósitos do Criador pode realmente se prestar para todas as modificações que ele quiser produzir nela. Deus, para criar o mundo, não a encontrou como se fosse um ser coeterno com ele. Ele tirou o mundo inteiramente do nada, como ele fez com essa matéria.

Essa matéria não precedeu as obras que ela serviu para formar e, assim, o Onipotente, desde o início, tirou tudo do nada; tanto a matéria prima como o resto. Se então o céu e a terra foram criados no princípio, a matéria com que eles foram formados foi criada ao mesmo tempo que eles.

Não, Deus não encontrou nada à mão para fazer o que ele fez desde o princípio. Nem por isso ele deixou de fazer o que fez, pois ele é Onipotente tanto para fazer como para colocar em seguida a ordem, a perfeição e a beleza. Sua onipotência se manifesta não apenas no fato de que ele fez tudo do nada no princípio, mas também porque ele pôde fazer tudo o que ele quis com o que ele criou primeiro.

03 – A onipotência de Deus usa para o bem a maldade dos ímpios.

Se os ímpios geralmente agem contra a vontade divina, que eles não concluam disso que Deus não é onipotente. Se

eles fazem o que ele não quer, ele faz deles o que ele quer e eles nunca modificam e nem dominam a vontade do Todo-poderoso. Essa vontade se cumpre sempre, seja na justa condenação, seja na libertação misericordiosa do ser humano.

Assim, nada é impossível ao Onipotente; a não ser o que ele não quer. Ele faz os ímpios servirem, não para os propósitos de suas vontades depravadas, mas para os propósitos de sua vontade sempre correta.

Da mesma forma como os ímpios fazem um mau uso de sua natureza boa __ ou seja, do que Deus fez bem __ assim também a bondade divina faz um bom uso de suas ações perversas e de forma alguma a vontade do Onipotente está abaixo delas. Se não houvesse em sua própria bondade o meio de fazer com que os ímpios sirvam à justiça e ao bem, ele não os deixaria nascer e nem viver.

Não foi ele, sem dúvida, que os fez maus; ele os fez somente humanos, criando, não o mal que está neles contra a natureza, mas sua própria natureza. No entanto, ele não pôde, com sua presciência, ignorar o que eles se tornariam e se ele sabia do mal que eles causariam, ele sabia também do bem que ele mesmo faria com eles.

Quem poderia descrever, quem poderia celebrar dignamente o quanto somos devedores à Paixão do Salvador, que derramou seu sangue para a remissão dos pecados? No entanto, esses bens imensos tiveram como instrumento a maldade do demônio, a maldade dos judeus e a maldade do traidor Judas. E não é a eles que se deve

prestar homenagem pelo bem que Deus __ e não eles __ quis fazer, por intermédio deles, à humanidade. Pelo contrário, eles são justamente atormentados por terem desejado prejudicá-lo.

Se este fato que citamos prova com clareza como Deus fez servir para nossa redenção e para nossa salvação os próprios crimes dos judeus e do traidor Judas, Deus não vê, nas misteriosas profundezas de toda criatura, onde não poderíamos mergulhar os olhos e nem os pensamentos, como ele mesmo emprega o mal para propiciar o bem e como se cumpre, em tudo o que nasce e se governa no mundo, a vontade do Onipotente?

04 – Deus não pode somente o que ele não quer.

Eu disse que para o Todo-poderoso é impossível o que ele não deseja e talvez possam me acusar de imprudência por ter dito que alguma coisa é impossível ao Todo-poderoso. Mas o Apóstolo também diz: *Se o renegarmos, ele nos renegará. Se formos infiéis... ele continua fiel e não pode desdizer-se*[1768].

Acrescentemos que se ele não pode é porque ele não quer também, pois ele não pode querer. A justiça pode querer fazer o que é injusto? A sabedoria pode se dedicar à insensatez? A verdade pode buscar o que é falso?

Diante disso, eu ouso dizer, apoiado na própria verdade e sem ousar dizer o contrário: apesar de sua onipotência,

Deus não pode morrer, nem mudar, nem se enganar, nem se tornar infeliz, nem ser derrotado.

Como o Todo-poderoso está distante de ter tal poder!

Assim, não apenas a própria verdade demonstra que ele é onipotente por não poder fazer nada de parecido como ela até mesmo obriga a reconhecer que, se ele tivesse esse poder, ele não seria todo-poderoso.

De fato, quando Deus quer, é tudo nele que quer: é o eterno, é o imutável, é o infalível, é o bem-aventurado, é o invencível que quer. Daí pode-se concluir que, se ele não pode tudo o que quer, é porque ele não é todo-poderoso.

Mas ele é. Então, tudo o que ele quer ele pode fazer e o que ele não quer não pode ser. Sua onipotência consiste em poder tudo o que ele quer. Está dito em um Salmo: *O Senhor faz tudo o que lhe apraz, no céu e na terra, no mar e nas profundezas das águas*[1769].

05 – Jesus Cristo, Filho único de Deus.

Esse Deus todo-poderoso que faz tudo o que quer, gerou também seu Verbo único, pelo qual tudo foi feito. Mas ele não o tirou do nada, mas dele mesmo e, por isso, não é dito que ele o fez, mas que o gerou.

Está escrito: *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[1770]. Mas ele não criou seu Verbo no princípio, pois, *no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[1771].

Esse Verbo é Deus de Deus, enquanto que o Pai é Deus, mas não Deus de Deus. O Verbo é também o Filho único de

Deus, porque Deus não tem nenhum outro Filho que seja formado de sua substância, que seja coeterno e igual ao Pai.

Esse Verbo ou Palavra é Deus, mas ele não se parece com a palavra humana com a qual o pensamento representa o som e a boca pode fazer com que seja ouvida. Esse *Verbo era Deus*; é isto o que se pode dizer de mais curto e de mais claro sobre ele.

O Verbo era Deus, permanecendo imutavelmente junto ao seu Pai e, como seu Pai, é imutável também. É dele que o Apóstolo fala assim: *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*[1772], pois essa igualdade vem de sua própria natureza e não é, portanto, estranha a ela.

Nós, então, acreditamos em Jesus Cristo, o Filho único de Deus Pai, Nosso Senhor.

06 – Nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Mas ele, que em sua natureza divina *não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*; ele, por quem fomos criados, aniqui*lou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos. E, sendo exteriormente reconhecido como humano, humilhou-se ainda mais*[1773], para procurar e salvar o que estava perdido.

Assim, acreditamos também que ele nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Seus dois nascimentos __ o divino e o humano __ são admiráveis. Em um, ele teve um Pai sem ter dito uma mãe e no outro ele teve uma Mãe, sem ter tido um pai. Um acontece fora do tempo e no outro ele nasceu no tempo adequado. Um é eterno e o outro é temporal. Um não lhe dá um corpo junto ao seu Pai e o outro lhe deu um corpo sem alterar a virgindade de sua Mãe. Um aconteceu fora de qualquer sexo e o outro aconteceu sem a união dos sexos.

Se dizemos que ele nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria é porque a Virgem Santa, tendo perguntado ao anjo: *Como se fará isso, pois não conheço homem?*, o anjo lhe respondeu: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra*. Depois, ele acrescentou: *Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus*[1774].

O anjo não disse: "O ente santo que nascer de ti será chamado Filho do Espírito Santo". É que toda a humanidade que foi unida pelo Verbo, ou seja, a alma racional e o corpo, para formar um mesmo Cristo, uma mesma pessoa divina, um só Filho de Deus, mesmo não sendo apenas o Verbo, mas o Verbo e sua humanidade, tudo é ao mesmo tempo Filho de Deus Pai, como Verbo e filho do homem como homem

Como Verbo, ele é igual ao Pai e, como homem, ele lhe é inferior. Unido à sua humanidade, ele é Filho de Deus, mas, por causa do Verbo que se uniu a ela. Unido ao Verbo, ele é filho do homem, mas por causa da humanidade com a qual o Verbo se uniu.

Em consideração à sua concepção totalmente santa no ventre da Virgem __ concepção que não foi por causa dos ardores da concupiscência, mas por causa do fervor de um amor pleno de fé __ dizemos também que ele nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria. Um destes dois nomes designa não Aquele que gerou, mas Aquele que santificou e o outro se aplica Àquela que o concebeu e o colocou no mundo.

Disse então o anjo: *Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus*. *Santo*, porque do Espírito Santo e *nascer de ti*, porque da Virgem Maria. *Filho de Deus*, porque é o Verbo feito carne[1775].

07 – Crucificado e sepultado sob Pôncio Pilatos.

Foi preciso que, ao se fazer humano, não somente o invisível se mostrasse e que, coeterno com o Pai, ele nascesse no tempo. Foi preciso também que o insaciável fosse saciado,que o invencível fosse pendurado no cadafalso, que a vida, que a própria imortalidade morresse na cruz e fosse sepultada no túmulo.

Pois bem! Tudo isso se viu no Filho de Deus, em Jesus Cristo Nosso Senhor.

Assim, devemos acreditar de coração, para sermos justificados e confessar com a boca para sermos salvos[1776], que esse mesmo Filho de Deus, que esse mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor não somente nasceu, como humano, de sua Mãe, mas também que ele sofreu até sua morte e

sepultamento o que podem suportar os seres humanos, pois esse Filho único de Deus, esse Jesus Cristo Nosso Senhor, sendo, ao mesmo tempo o Verbo e sua humanidade __ ou seja, o Verbo, sua alma e seu corpo __ se é dito que sua alma ficou triste até à morte[1777], essa tristeza está relacionada com toda sua pessoa e foi o Filho único de Deus, Jesus Cristo, que ficou triste.

Se é dito que somente como ser humano ele foi crucificado, isso está relacionado a toda sua pessoa também e foi o Filho único de Deus, Jesus Cristo, que foi crucificado.

Se é dito que seu corpo somente foi sepultado, isso está relacionado também a toda sua pessoa.

De fato, desde que começamos a dizer que acreditamos em Jesus Cristo, o Filho único Nosso Senhor, em tudo o que acrescentamos em seguida relativamente a ele, não se entende nada mais nada menos do que Jesus Cristo, o Filho único Nosso Senhor.

Por que se espantar com isso? Não podemos dizer que o Filho único de Deus, que Jesus Cristo Nosso Senhor foi sepultado, embora somente sua carne o tenha sido, como dizemos, por exemplo, que o apóstolo São Pedro jaz hoje em seu túmulo, embora possamos afirmar também, conforme a mais exata verdade, que ele goza com Cristo do repouso e da felicidade?

Aos nossos olhos, não é o mesmo Apóstolo? Pedro não é dois; ele é um só e é do mesmo que dizemos que somente com seu corpo ele está no sepulcro e que é somente com seu espírito que ele partilha da felicidade de Cristo.

Nós acrescentamos: *sob Pôncio Pilatos*, seja para fornecer um meio de determinar a época, seja para melhor ressaltar a humildade de Cristo, que sofreu tanto por ter sido julgado por uma pessoa; ele, que deve vir com todo seu poder para julgar os vivos e os mortos.

08 – Ressurgiu dos mortos, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.

No terceiro dia ele ressuscitou com seu corpo verdadeiro, mas para, dali por diante, ser para sempre isento da morte. Os discípulos se asseguraram disso, não apenas olhando-o, mas também tocando-o. A própria Bondade não podia brincar com sua boa fé e nem a Verdade induzi-los ao erro.

Para encurtar, logo se acrescenta: *subiu ao céu*, embora ele tenha permanecido quarenta dias com seus discípulos, para não permitir que, deixando-os muito cedo, fosse considerado como uma ilusão esse importante milagre da sua ressurreição. Neste momento então, *ele está sentado à direita do Pai*.

Devemos acrescentar aqui a prudência à fé e não imaginar o Filho de Deus parado em uma cadeira sem poder se movimentar, sem poder caminhar e nem mesmo ficar de pé. Se Santo Estevão afirmou que o viu de pé[1778], não se deve acreditar que ele se enganou ou que está desmentindo esta passagem do Símbolo.

Longe de nós pensarmos ou falarmos isto! Foi para indicar que ele permanece junto a uma felicidade sublime e

inefável que foi dito que Cristo está sentado à direita do Pai.

Da mesma forma, entre nós chamamos as residências de *sedes*[1779]. Quando perguntamos onde está alguém, nos respondem: *In sedibus suis* (Na casa dele). Aos servidores de Deus, muito frequentemente dizemos: “Fulano está sediado (*sedit*) há tantos anos neste ou naquele monastério”, querendo dizer que ele está residindo, que está morando, que já está lá há algum tempo.

Esta maneira de falar não é desconhecida das Santas Escrituras. Quando o rei Salomão ordenou ao famoso Semei que ele ficasse em Jerusalém, ameaçando-o com os castigos que ele merecia, caso ele saísse de lá, a Escritura diz que ele ficou “sentado” (*ekáthise*) lá por três anos[1780]. Isto quer dizer que ele ficou residindo lá por este intervalo de tempo.

Quanto à direita do Pai, não devemos imaginá-la materialmente e nem acreditar que o Pai está à esquerda do Filho, já que o Filho está à direita do Pai. A direita de Deus está colocada aqui para designar o inefável grau de glória e de felicidade a que o filho foi erguido.

No mesmo sentido é dito no Cântico dos Cânticos: *Sua mão esquerda está sob minha cabeça e sua direita abraça-me*[1781]. Isto significa que, ao deixarmos abaixo de nós as comodidades da terra, somo que abraçados pela felicidade eterna que está acima de nós.

09 – Donde há de vir julgar os vivos e os mortos.

É então dessa alta morada nos céus, onde neste momento seu corpo já é imortal, que Jesus Cristo Nosso Senhor virá julgar os vivos e os mortos. Esta é a segurança formal que nos deram os anjos e que lemos nos Atos dos Apóstolos.

De fato, quando os discípulos viam o Senhor subir ao céu e o observavam com um olhar bem vigilante, eles ouviram os anjos lhes dizerem: *Homens da Galileia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu*[1782].

Quantas suposições de todo gênero pode fazer a presunção humana!

Cristo, para nos julgar, terá a mesma natureza que tinha quando foi julgado, pois foi esta mesma forma que os Apóstolos viram subir ao céu, quando souberam que ele retornará da mesma maneira.

Sua humanidade será percebida então pelos olhares dos vivos e dos mortos, dos bons e dos maus, seja entendendo aqui por vivos os bons e por mortos os maus, seja porque os vivos designam aqueles que ainda não atingiram o término de suas vidas, na ocasião em que acontecer seu advento e os mortos aqueles que ele ressuscitará, pois ele mesmo diz isto em seu Evangelho: *Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz. Os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*[1783].

Uns, então, verão, em sua humanidade, Aquele em quem eles acreditaram e, os outros, Aquele que desprezaram. Quanto à sua natureza divina, que o torna igual ao seu Pai, os ímpios não verão, pois, como diz um Profeta: *O ímpio será levado, para que não veja a glória do Senhor*[1784].

Também está escrito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*[1785]

Sobre Jesus Cristo, Filho único de Deus e Nosso Senhor, basta o que foi dito.

10 – O Espírito Santo e o mistério da Santíssima Trindade.

Acreditamos igualmente no Espírito Santo, que procede do Pai[1786] sem ser seu filho, que repousa sobre o Filho[1787], sem ser seu Pai, que recebe do Filho[1788], sem, no entanto, ser seu Filho. No entanto, ele é o Espírito do Pai e do Filho; o Espírito Santo: uma das pessoas divinas.

Se, efetivamente, ele não fosse Deus, ele não teria um templo como aquele mencionado pelo Apóstolo: *Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis?*[1789]

Não é a criatura, mas sim o Criador que deve ter um templo. Longe de nós sermos o templo de uma criatura! *Porque o templo de Deus é sagrado e isto sois vós*[1790], diz também o Apóstolo.

Não há, nessa Trindade adorável, nem superior e nem inferior, nenhuma distinção nas obras e nenhuma diferença na natureza. O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus.

No entanto, o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três deuses, mas um só Deus, sem que o Pai seja o Filho, sem que o Filho seja o Pai e sem que o Espírito Santo seja o Pai ou o Filho, pois o Pai é o Pai do Filho, o Filho é Filho do Pai e o Espírito Santo é o Espírito do Pai de do Filho. Cada um deles é Deus e todos os três são um só Deus.

Que esta crença penetre em seus corações e que ela inspire a profissão de fé de vocês. Ao ouvirem este mistério, acreditem para conseguirem compreender, pois, ao progredirem, vocês poderão compreender realmente o que vocês acreditam.

11 – A santa Igreja e a remissão dos pecados.

Quanto à santa Igreja __ a mãe de vocês e que é como a Jerusalém celeste, a cidade santa de Deus __ honrem-na, amem-na, louvem-na! É ela que produz frutos e que se desenvolve no mundo inteiro, espalhando esta fé que acabo de explicar[1791].

Esta *é a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade*[1792], mas que, no entanto, sofre. Que os ímpios, dos quais ela está separada pela diferença dos costumes e que serão, no fim, separados completamente dela, participem dos seus sacramentos.

Em benefício do trigo que ainda sofre no meio da palha e que no momento da última limpeza da eira se mostrará digno de ser colocado no celeiro[1793], ela recebeu as chaves do reino dos céus, para poder, pelos méritos do sangue de Jesus Cristo e pela operação do Espírito Santo, perdoar os pecados. Nessa igreja poderá então reviver a alma que o pecado levou à morte, para ressuscitar com Jesus Cristo, cuja graça faz nossa salvação.

12 – A ressurreição da carne.

Não devemos duvidar também de que esta carne mortal deve ressuscitar no fim dos tempos. De fato, *é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade* e que, *semeado na corrupção, o corpo ressuscite incorruptível; semeado no desprezo, ressuscite glorioso; semeado na fraqueza, ressuscite vigoroso; semeado corpo animal, ressuscite corpo espiritual*[1794].

Esta é a crença cristã, a crença católica, a crença apostólica. Tenham fé em Cristo, quando ele diz para vocês: *Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça*[1795].

Rejeitando qualquer ideia, qualquer dúvida, pensem mais no quanto vocês valem. O que é, de fato, que nosso Redentor poderia desprezar do que nos pertence, quando ele não pode ser indiferente nem mesmo a um só fio dos nossos cabelos?

Como também poderíamos hesitar em acreditar que ele comunicará à nossa alma e ao nosso corpo a eterna vida,

quando, por amor a nós, ele tomou uma alma e um corpo, para poder morrer, quando ele deixou seu corpo, quando morreu e o retomou, para afastar da morte seus terrores?

Meus irmãos! Eu acabo de expor à caridade de vocês, na fraca medida de minhas forças, o que é transmitido no Símbolo. Ele é chamado de Símbolo porque nele está contida a fé genuína da nossa sociedade e ao professá-lo damos um sinal que mostra que somos cristãos e fiéis.

Sermão 215 - O Símbolo IV.

Análise

Por volta de oito dias depois de o Símbolo ter sido ensinado aos catecúmenos, eles são reunidos para que o recitem individualmente e em particular. Foi numa dessas reuniões que Santo Agostinho pronunciou este sermão.

O leitor observará que o grande doutor se dedica menos a explicar cada detalhe do Símbolo e mais a mostrar a beleza e a verdade do que ele contém.

01 – O Símbolo deve estar sempre na mente e no coração.

O Símbolo do santo testemunho que foi transmitido a todos vocês em conjunto e que cada um de vocês terá que recitar em particular é a expressão da fé da Igreja nossa mãe. Fé que foi estabelecida solidamente sobre o fundamento inabalável que é Jesus Cristo Nosso Senhor. De fato, *quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo*[1796].

Foi ensinado então a vocês e vocês recitaram o que devem ter sempre na alma e no coração, repetirem quando estiverem deitados, meditarem nos lugares públicos, não se esquecerem quando estiverem se alimentando e até mesmo murmurarem interiormente durante o sono de vocês. Ao renunciarem ao demônio, ao afastarem de suas pompas e seus anjos suas mentes e suas almas, vocês assumiram a obrigação de esquecer o passado, de desprezar suas vidas anteriores e de levarem, pela santidade dos seus costumes, uma vida nova, como pessoas novas que vocês se tornaram. Ou, como diz o Apóstolo, *prescindindo do passado e atirando-se ao que resta para frente, persigam o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*[1797]. Acreditarem, enfim, no que vocês não veem, para merecerem possuir o que vocês creem, pois, *o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que aguardamos*[1798].

02 – Creio em Deus Pai todo-poderoso.

Nossa fé, nossa regra de salvação consiste então em acreditar em Deus, o Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas, Rei dos séculos, Rei imortal e invisível. Ele é o Deus todo-poderoso, já que, desde a origem do mundo, ele criou tudo do nada e que, anterior a todos os séculos, formou e governa os séculos, pois ele não cresce com o tempo, ele não se estende no espaço, ele não está circunscrito por nada de material. Isto é a própria eternidade permanecendo plena e perfeita nela mesma, sem que

nenhum pensamento humano seja capaz de compreendê-la e sem que nenhuma língua seja capaz de explicá-la.

Aliás, se o olho não viu, se o ouvido não ouviu, se o coração humano não pressentiu a recompensa que ele promete aos seus santos, como o espírito poderia conceber, como o coração poderia imaginar o próprio Autor desta promessa e como a língua poderia falar dele dignamente?

03 – Inenarrável é o nascimento do Verbo, seja na eternidade, seja no tempo.

Acreditamos também em Jesus Cristo, seu Filho e Nosso Senhor, Deus verdadeiro de Deus, Filho divino de Deus seu Pai, sem que haja dois deuses, pois o Pai e ele são um só[1799]. Isto ele já havia dado a entender, quando disse ao seu povo, pela boca de Moisés: *Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor*[1800].

Se neste momento então você tenta imaginar como o Filho eterno nasceu, antes de todos os tempos, de seu Pai eterno, preste atenção a esta advertência de um Profeta: *Quem pensou em narrar sua geração?*[1801] Você não conseguiria então imaginar e nem explicar como um Deus nasce de um Deus. A você só é possível acreditar, para poder conseguir a salvação. Por isso, o Apóstolo disse: *Sem fé é impossível agradar a Deus, pois, para se achegar a ele, é necessário que se creia primeiro que ele existe e que recompensa os que o procuram*[1802].

Você quer saber também como ele nasceu, depois de ter condescendido tomar um corpo para nossa salvação?

Escute e acredite que ele nasceu da Virgem Maria, por ação do Espírito Santo.

No entanto, quem poderia explicar também este segundo nascimento? Quem poderia, de fato, imaginar adequadamente como um Deus quis nascer para salvar a humanidade; como uma virgem concebeu sem contato com nenhum homem; como ela deu à luz sem corrupção e como ela permaneceu virgem depois de ter se tornado mãe?

É bem verdade que Jesus Cristo Nosso Senhor condescendeu entrar no ventre de uma Virgem; penetrar sem nenhuma mácula no corpo de uma mulher; fecundar sua Mãe sem nenhuma alteração; sair de suas entranhas depois de ter formado ele mesmo e conservá-las em toda sua pureza, unindo assim, naquela que ele condescendeu escolher para Mãe, as honras da maternidade com a santidade da virgindade.

Mas, quem poderia conceber, explicar um mistério assim? Quem poderia explicar também este segundo nascimento?

Que mente, de fato, poderia compreender, que língua seria capaz de explicar, não somente como o Verbo existia desde o princípio, sem que seu nascimento jamais tivesse acontecido, mas também como esse Verbo se fez carne, escolhendo uma Virgem para fazer dela sua Mãe e, tornando-a Mãe, conservá-la Virgem? Como ele é Filho de Deus, sem ter sido concebido por uma Mãe e como ele é filho do homem, sem ter sido gerado por um Pai? Como, ao

vir a ela, ele traz fecundidade a uma mulher, sem lhe tirar sua integridade quando a deixa?

O que é isto?! Quem pode dizer? Quem pode se calar?

É uma coisa maravilhosa! De fato, não podemos falar e não nos é possível nos calar. Anunciamos em alta voz o que pensando não compreendemos.

Se não podemos falar de uma benesse de Deus é porque somos muito pequenos para alcançar sua grandeza e se nos sentimos forçados a bendizê-la é porque não queremos ficar com a ingratidão do silêncio.

Deus seja louvado, no entanto, porque podemos acreditar fielmente no que não podemos explicar dignamente.

04 – O milagre do nascimento de Cristo através da fé de Maria.

Assim, acreditamos em Jesus Cristo Nosso Senhor, que nasceu, por ação do Espírito Santo, da Virgem Maria. Essa Virgem bem-aventurada efetivamente concebeu pela fé Aquele que, com fé, ela colocou no mundo.

Quando um filho lhe fora prometido, ela perguntara como ele nasceria dela, que não conhecia seu marido, já que ela não sabia de outra maneira de conceber e dar à luz que não fosse a aproximação dos sexos. Não que ela o tivesse experimentado alguma vez, mas porque a natureza lhe mostrava isso frequentemente nas outras mulheres.

O anjo então lhe respondeu: *O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua*

sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus[1803].

Depois que o anjo lhe disse isto, plena de fé e recebendo Cristo em sua alma antes de recebê-lo em seu ventre, ela disse: *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*[1804].

"Que sem a ajuda de um homem eu conceba permanecendo Virgem; que do Espírito Santo nasça Aquele em quem a Igreja renascerá virgem do Espírito Santo; que esse Santo que nascer de uma Mãe sem ter um pai se chame Filho de Deus, pois é Aquele que nasceu de Deus seu Pai, sem ter tido uma mãe que deve se fazer filho do homem, tomar um corpo que lhe permita, em seu nascimento, sair de um ventre fechado e, mais tarde, por ocasião de sua ressurreição, entrar em uma morada igualmente fechada".

Essas coisas são maravilhosas porque são divinas e são inefáveis porque são incompreensíveis. E, se a boca humana não pode explicá-las, é porque o coração humano não pode penetrá-las.

Maria acreditou então e o que ela acreditou se cumpriu nela. Acreditemos também, para que também nos beneficiemos. Por mais maravilhoso que seja, por sua vez, esse segundo nascimento, pense, ó criatura, no que seu Deus fez por você, no que o Criador realizou para sua criatura. Deus, mesmo permanecendo junto a Deus; o Eterno, mesmo vivendo junto ao Eterno; o Filho, mesmo permanecendo igual ao seu Pai, não desprezou assumir

uma natureza de escravo, em favor dos seus escravos culpados e pecadores.

Ah! Não era o que merecia a humanidade! Nossas iniquidades clamavam mais pela vingança caindo sobre nossas cabeças! Mas, se Deus enxergasse desta maneira, quem teria sobrado?

Foi então por seus escravos ímpios e pecadores que o Senhor condescendeu se fazer humano, nascer do Espírito Santo e da Virgem Maria.

05 – Cristo morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores.

Será pouco que, pela humanidade, pelos pecadores, pelos culpados, pelos cativos e pelos escravos, Deus mesmo, o Justo, o Inocente, o Rei supremo, o Senhor soberano, tenha vindo revestido de um corpo humano, se mostrado na terra e vivido entre os mortais?

Mas, além disso, ele foi crucificado, morto e sepultado.

Você não acredita que ele tenha sido morto? Você pergunta em que época foi isso?

Aqui está: foi sob Pôncio Pilatos. Para afastar de você qualquer dúvida com relação à época desses eventos, teve-se o cuidado de dizer no Símbolo o nome próprio do juiz.

Acredite então que foi sob Pôncio Pilatos que o Filho de Deus foi crucificado, morto e sepultado.

Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por seus amigos[1805], disse o Senhor. Isto é realmente verdade? Não pode mesmo haver um amor maior?

Não; Jesus Cristo o disse. No entanto, interroguemos o Apóstolo e ele não se negará a nos responder. Ele disse: *Cristo, a seu tempo, morreu pelos ímpios* e, logo depois, acrescentou: *quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho*[1806].

Isto não foi, em Cristo, um amor muito maior ainda, já que ele deu sua vida, não pelos amigos, mas pelos seus inimigos?

Qual não é então o amor, qual não é então o apego de Deus pelos seres humanos, já que ele tem tanto afeto pelos pecadores que chegou a morrer por eles!

Diz também o Apóstolo: *Uma prova brilhante do amor de Deus por nós* é que, *quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós*[1807].

Creia você também e, para assegurar sua salvação, não se envergonhe em confessar, pois, *é crendo de coração que se obtém a justiça e é professando com a boca que se chega à salvação*[1808].

Deste modo, para afastar de você a hesitação e a confusão, assim que você começou a acreditar, você recebeu o sinal da cruz na testa, que é como que a sede do pudor. Pense então em sua testa, para não ter medo da língua alheia.

Diz o próprio Senhor: *Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os seus santos anjos*[1809].

Não tenha então vergonha da ignomínia dessa cruz que Deus mesmo não hesitou em carregar por você e diga como o Apóstolo: *Deus não permita vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*[1810].

O mesmo Apóstolo também lhe dirá: *Julguei não dever saber coisa alguma entre vós, senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado*[1811].

Ah! Aquele que um povo pregou em uma cruz está agora fixado nos corações de todos os povos!

06 – A fé na ressurreição diferencia os cristãos das outras pessoas.

Quanto a você, seja você quem for, que prefere colocar sua glória no poder mais do que na humildade, console-se, exulte de alegria. Depois de ter sido, sob Pôncio Pilatos, crucificado e sepultado, ele ressuscitou no terceiro dia de entre os mortos.

Você ainda duvida? Você ainda tem medo? Quando disseram para você: “Acredite que ele nasceu, que ele sofreu, que ele foi crucificado, morto e sepultado”, você acreditou mais facilmente, porque se tratava, em certo sentido, apenas de um ser humano. Mas agora dizem: “No terceiro dia ele ressuscitou de entre os mortos”. Você duvida, meu amigo?

Eu poderia dar a você muitas provas. Mas, eis uma somente. Pense em Deus. Pense que ele é todo-poderoso e não duvide mais. Se ele pôde formar você do nada, quando

você não existia, por que ele não poderia reanimar no meio dos mortos a humanidade que ele assumiu.

Acreditem então, meus irmãos! Não é preciso um longo sermão, quando se trata da fé. Ora, é somente esta fé que separa, que diferencia os cristãos das outras pessoas.

Que ele tenha sido morto e sepultado, hoje em dia até mesmo os pagãos acreditam. Isto foi o que viram os judeus então. Mas nem os pagãos e nem os judeus admitem que no terceiro dia ele tenha ressuscitado de entre os mortos.

Desta forma, é essa ressurreição de entre os mortos que distingue nossa fé viva da incredulidade morta. Assim, o santo apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, lhe disse: *Lembra-te de Jesus Cristo, saído da estirpe de Davi e ressuscitado dos mortos*[1812].

Acreditemos então, meus irmãos e esperemos que se cumprirá em nós o que vemos cumprido em Cristo. Foi Deus quem nos fez esta promessa e Deus não engana.

07 – A ascensão de Cristo e o juízo final.

Depois de sua ascensão de dentre os mortos, ele subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai.

Talvez aqui você não acredite também. Mas escute o Apóstolo: *Aquele que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas*[1813].

Você não teme ser castigado por aquele que você se recusa acreditar que tenha ressuscitado? *Quem não crê já está condenado*[1814].

Neste momento, então, ele está sentado, para servir de nosso advogado, à direita do Pai e é de lá que ele virá julgar os vivos e os mortos.

Acreditemos então, para que, *quer vivamos quer morramos, pertençamos ao Senhor*[1815].

08 – O Espírito Santo, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna.

Acreditemos igualmente no Espírito Santo, pois ele é Deus, já que está escrito: *Deus é espírito*[1816]. É através dele que recebemos a remissão dos pecados. É através dele que acreditamos na ressurreição da carne. É através dele que esperamos a vida eterna.

Tomem cuidado, no entanto, para não caírem no erro de imaginar que eu enumerei três deuses, ao mencionar Deus por três vezes. Na Trindade há somente uma natureza divina, uma só potência, uma só força, uma só majestade, um só nome adorável.

Isto foi o que o próprio Cristo ensinou aos seus discípulos, quando lhes disse: *Ide, pois e ensinai a todas as nações. Batizai-as em nome* __ no singular e não no plural __ *do Pai, do Filho e do Espírito Santo*[1817].

Ao acreditarem assim, na divina Trindade e na unidade das três pessoas divinas, tomem cuidado, meus bem-amados, para não se deixarem seduzir e arrastar para fora da fé e da unidade da Igreja católica. Se *alguém - nós ou um anjo baixado do céu - vos anunciasse um evangelho*

diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema.

Não sou eu que estou dizendo isto, mas foi o Apóstolo que disse: *Se alguém pregar doutrina diferente da que recebestes, seja ele excomungado!*[1818]

09 – A santa Igreja.

Vocês reconhecem então claramente, meus bem-amados, que até nas palavras do Símbolo se faz intervir a santa Igreja, como a sanção e o complemento dos artigos da nossa fé. Por consequência, fujam com todas as suas forças dos sedutores de todo gênero, cujas seitas e nomes são tão numerosos que é difícil enumerá-los.

Temos ainda muitas coisas para dizer para vocês, mas vocês não são ainda capazes de suportar o peso delas[1819]. Uma coisa que recomendo que vocês obtenham com suas preces é que afastem absolutamente a mente e os ouvidos daqueles que não são católicos, para que consigam chegar à remissão dos seus pecados, à ressurreição da carne e à vida eterna, por meio da única, verdadeira e santa Igreja católica, onde se aprende a conhecer um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A ele a honra e a glória por todos os séculos dos séculos.

Sermão 216 - Aos postulantes.

Análise

*Sabe-se que os catecúmenos __ ou seja, aqueles que se dispõem a receber o batismo __ eram divididos em várias classes. Uma dessas classes era composta por aqueles que chamamos aqui de **postulantes**; em latim, **competentes**. Esses postulantes eram aqueles que pediam para receber proximamente o batismo e cuja instrução religiosa era ou parecia suficiente.*

É a esses postulantes que se dirige aqui Santo Agostinho, ainda no início do seu ministério sacerdotal, como ele mesmo diz no começo do seu sermão. Este sermão é dedicado a lhes dar vários conselhos sobre as disposições com as quais eles devem se apresentar ao batismo e podemos resumir essas disposições em sete.

Eles devem então: 1) renunciar ao mundo, para se dedicar somente a Deus e à vida futura; 2) mortificar corajosamente suas paixões; 3) lutar contra o demônio ao qual eles renunciam; 4) confiar-se à Igreja, que determina a época do seu batismo; 5) estimar consideravelmente a nova vida que lhes será dada; 6) preparar-se para percorrer seus graus, através da prática de todas as virtudes e fugir de todos os vícios; 7) por fim, apegar-se a Deus invencivelmente e recorrer a ele em todas as suas necessidades com uma confiança que nada abala.

01 – Quem são os *competentes*.

É preciso ajudar, através das preces, o início do nosso ministério e o momento em que vocês começam a ser concebidos no seio da fé, para serem gerados pela graça. É

preciso conseguir que nossa palavra seja salvífica para vocês e que seu propósito se torne para nós uma fonte de santas consolações.

Se nós os instruímos de viva voz, cabe a vocês avançarem na virtude; se nós semeamos em vocês os ensinamentos sagrados, cabe a vocês produzirem os frutos da fé. E todos, segundo a vocação que Deus dirigiu a nós, percorramos seus caminhos e estradas, sem olhar para trás.

A própria Verdade __ que não engana e não pode jamais enganar __ diz expressamente: *Aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus*[1820]. É este Reino que vocês desejam; é ele que vocês aspiram com todas as forças de suas almas, como indicam seus títulos de postulantes, ou seja, *competentes*.

O que significa, de fato, este termo *competentes*, se não é "aqueles que postulam juntos". Da mesma forma como se chama de *condocentes*, *concurrentes* e *concidentes*, aqueles que instruem juntos, que correm juntos e que estão sentados juntos.

Assim, o termo *competente* só se aplica àqueles que demandam, que aspiram juntos um mesmo objetivo. E qual é este objetivo único ao qual vocês se dirigem, ao qual vocês querem atingir, se não é o objetivo que proclama com intrepidez o grande coração que pisoteou os desejos carnais e triunfou sobre os fúteis terrores do mundo.

Se todo um exército se acampar contra mim, não tremerá meu coração. Se se travar contra mim uma

batalha, mesmo assim terei confiança[1821].

Por quê? O que esse coração tem em vista? Ele logo responde: *Uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente: é habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida*.

Mas, qual é a felicidade dessa casa, dessa morada feliz? Ele diz imediatamente: *Para admirar aí a beleza do Senhor e contemplar o seu santuário*[1822].

02 – É preciso renunciar ao mundo e se apegar a Cristo.

Vocês percebem, meus irmãos de aprendizagem, a que felicidade divina vocês chegarão, ao rejeitarem os prazeres do mundo? Se vocês desprezarem o mundo vocês não terão mais o coração imundo e verão o Autor do mundo e, com sua graça, vocês triunfarão sobre o mundo, como ele triunfou.

Sim, vocês logo o vencerão e o espezinharão, desde que vocês não contem com suas forças, mas com a ajuda misericordiosa do Senhor.

Ah! Não desdenhem, pois não se vê ainda o que vocês verão. Saibam apenas que quando Deus se mostrar, vocês serão semelhantes a ele e o que vocês deverão ser será visto então. Saibam que vocês o verão não como ele veio para o meio de nós na plenitude dos tempos, mas como ele era ao nos criar e como ele será sempre[1823].

Dispam-se do velho ser e vocês vestirão o novo ser[1824]. O Senhor quer fazer um pacto com vocês. Vocês viveram

para o mundo, dedicando-se à carne e ao sangue e carregando a imagem do ser humano terreno. Da mesma forma como vocês carregaram a imagem desse ser humano saído da terra, carreguem agora, daqui por diante, a imagem Daquele que desceu do céu[1825]. Isto é falar *humanamente, por causa da fraqueza da vossa carne. Pois, como pusestes os vossos membros a serviço da impureza e do mal, para cometer a iniquidade, assim ponde agora os vossos membros a serviço da justiça, para chegar à santidade*[1826].

Para levar vocês à morte, o inimigo de vocês usou contra vocês as próprias flechas de vocês. Para dar a vida a vocês, é preciso, por sua vez, que o Defensor de vocês encontre armas nos próprios órgãos de vocês.

O inimigo de vocês não poderá prejudicar vocês se ele não tiver acesso aos órgãos de vocês. O Defensor de vocês se afastará de vocês se os desejos de vocês, se as vontades de vocês não estiverem de acordo com as dele.

03 – De acordo com as próprias possibilidades, é preciso gerar frutos de boas obras.

Aí está a condição, o preço que se propõe à fé de vocês, para vender para vocês o Reino dos Céus. Examinem com cuidado, juntem todos os bens de suas almas, reúnam sem se esquecerem de nada todas as riquezas dos seus corações.

No entanto, vocês o adquirirão gratuitamente, se vocês reconhecerem a graça totalmente gratuita que é oferecida

a vocês. Vocês não desembolsarão nada e adquirirão muito.

Por que se aviltarem diante dos seus próprios olhos, quando o Criador de todo o universo e de vocês avalia o preço de vocês tão alto que ele, por vocês, fez correr cada gota do sangue do seu adorável Filho único?

Ora, vocês não se aviltarão se souberem distinguir o que é precioso do que é vil; se não servirem as criaturas mais do que ao Criador; se não se deixarem dominar pelo que está abaixo de vocês, conservando-se puros de todo pecado grave e mortal[1827]; se, ao recolherem a semente da divina palavra que neste momento mesmo é espalhada em seus corações pelo trabalhador divino, não deixarem-na ser pisada pelos indignos que passam pelo caminho, nem secá-la quando já está germinando, como se ela só encontrasse pedras em suas consciências endurecidas e nem sufocá-la, enfim, no meio dos espinhos e dos maus impulsos das suas paixões.

Ao evitarem, com horror, serem estéreis como uma terra ingrata e votada à maldição, vocês encontrarão um terreno rico e fértil, onde, com alegria imensa, vocês apresentarão ao divino Semeador, que será ao mesmo tempo seu irrigador, sua semente multiplicada ao cêntuplo.

Ou então, se vocês não puderem chegar a tanto, vocês devolverão a ele sessenta por um. Ele se contentará até mesmo com trinta por um, se vocês não puderem chegar à sessenta[1828], já que todos serão recebidos nos celeiros celestes e admitidos no eterno repouso.

Esse pão celeste da felicidade será formado pelo trabalho de todos os eleitos e cada um dos trabalhadores que trabalham lealmente na vinha do Senhor receberá abundantemente e será saciado com alegria.

Não é verdade que Aquele que semeia, que faz chover, que irriga e que, tudo ao mesmo tempo, também dá o crescimento[1829], faz brilhar sua glória por toda parte, com a ajuda da pregação evangélica?

04 – É necessária a conversão para chegar à vida.

Aproximem-se então dele com um coração constrito, pois *o Senhor está perto dos que têm o coração atormentado e salva os que são humildes em espírito*[1830].

Aproximem-se dele e iluminem-se[1831], pois vocês estão ainda no meio de trevas e essas trevas até mesmo penetram vocês. Vocês serão então luz no Senhor, *que, vindo ao mundo, ilumina todos*[1832].

Vocês têm o coração do mundo; reformem-se no Espírito de Deus. Tomem, enfim, desgosto pelo cativeiro de Babilônia. Aqui está Jerusalém; aqui está sua mãe celeste que vem ao seu encontro. Ela os convida com alegria. Ela os suplica para buscarem a vida e desejarem ver os dias felizes que vocês ainda não tiveram[1833] e que jamais terão neste mundo.

Aqui, de fato, seus dias decorrem como a fumaça, pois eles não podem aumentar sem diminuir, crescer sem decrescer, nem subir sem desaparecer.

Vocês que viveram no pecado durante tantos e infelizes anos, aspirem viver em Deus. Não por muitos e longos anos, pois, apesar de tudo, eles terão um fim, já que correm para desaparecerem na sombra da morte. Mas pelos anos felizes que não terminam, porque são iluminados pela própria Verdade e neles se desfruta da vida que não tem fim.

Lá vocês não sentirão fome, nem sede, nem cansaço, porque a fé será seu alimento e a sabedoria será sua bebida, pois, se pela fé vocês bendizem o Senhor no seio da sua Igreja[1834], ao contemplá-lo então face a face vocês beberão abundantemente nas fontes de Israel.

05 – Pela vida eterna é preciso mortificar o corpo.

No entanto, esperando que as lágrimas de vocês lhes sirvam de pão, dia e noite, nesta peregrinação, ao mesmo tempo em que todo dia lhes perguntam: *Teu Deus, onde está?*[1835], sem que vocês possam mostrar a essas pessoas carnais *coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou*[1836], evitem decair, até o momento da chegada, onde vocês se mostrarão em presença do seu Deus, pois ele próprio virá cumprir suas promessas. Ele que espontaneamente se fez devedor de vocês. Ele que não pegou nada emprestado de ninguém, mas que condescendeu se fazer devedor de vocês.

Somos nós que lhe devemos e nossas dívidas se igualam aos nossos pecados. Ele veio sem dever nada, já que não fez

mal algum e nos encontrou sob o peso de uma crença danosa e culposa. Devolvendo o que ele não tinha levado, ele nos livrou, em sua misericórdia, de uma dívida eterna.

Havíamos cometido a falta e só podíamos esperar o castigo. Ele, sem ser cúmplice dessa falta, se fez participante da pena por ela e recebeu tanto a culpa como a pena por ela.

É ele, efetivamente, que livrará de suas faltas e de suas iniquidades as almas daqueles que acreditam[1837] e que dizem do fundo dos seus corações e em particular: *Sei que verei as benesses do Senhor na terra dos vivos!*[1838]

Caminhamos para sua conquista quando, nesta terra, mortificamos vigorosamente nossos membros. Não os membros cujo conjunto forma o corpo humano, mas os membros que, infelizmente, enfraquecem a energia da alma. São aqueles mostrados claramente por São Paulo __ apóstolo e vaso de eleição __ quando disse: *Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a avareza, que é uma idolatria*[1839].

É isto o que vocês devem mortificar nesta terra de moribundos, se vocês desejam viver na outra terra, a terra dos vivos. Tornem-se então membros de Cristo. Mas não para pegar esses membros e fazer deles membros de uma prostituta. Há, de fato, prostitutas mais ignominiosas e mais vis do que a fornicação, citada em primeiro lugar e a avareza, citada por último?

É com razão que essa avareza é considerada como uma idolatria, pois é preciso não apenas evitar a dissolução do corpo como também a perda do sentimento na alma, para não cair sob a ameaça do casto Esposo, o Juiz severo, a quem foi dito: *Destruís os que procuram satisfação fora de vós*[1840].

Ah! Como é melhor; como é mais vantajoso para todos vocês clamarem para ele com um coração casto: *Para mim, a felicidade é me aproximar de Deus*[1841]!

Essa ligação íntima é produzida pelo amor, sobre o qual também foi dito: *Amem sem fingimento. Odiai o mal e apegai-vos solidamente ao bem*[1842].

06 – Os ritos da Igreja e a luta espiritual.

Aí está! Esta é a arena onde vocês devem combater, prosseguir na corrida e se dedicar ao pugilato.

Vocês querem sufocar com seus braços o inimigo maligno que luta contra a fé de vocês? Espezinhem o mal e abracem o bem.

Vocês querem chegar ao fim da corrida? Fujam da iniquidade e busquem a justiça.

Vocês querem deixar de dar socos no ar e sim atingirem vigorosamente seu adversário? Castiguem seus corpos e os reduzam à servidão, abstendo-se de tudo e combatendo lealmente, para receberem em triunfo a recompensa celeste e a *coroa incorruptível*[1843].

O que fazemos em vocês, ao invocar o nome do seu Redentor, completem com o exame e o arrependimento dos

seus corações. É rezando a Deus e maldizendo o velho inimigo que resistimos aos seus propósitos malignos.

Empreguem com perseverança a contrição e os desejos do coração, para se arrancarem do poder das trevas e para chegarem ao Reino onde brilha a glória de Deus[1844]. Esta é agora a obra de vocês, a tarefa de vocês.

Jogamos sobre o espírito culposo os anátemas que merecem suas obras perversas. Dediquem a ele um glorioso combate, se afastando dele e o negando como quer a religião.

É preciso abater, acorrentar e banir esse inimigo de Deus, de vocês e, principalmente, dele mesmo, pois, se seu ódio se levanta com insolência contra Deus e contra vocês com raiva, a ele este ódio é fatal.

Que ele provoque devastações por toda parte, que ele arme armadilhas, que ele aguce todas as línguas pérfidas que o obedecem, mas vomitem seu veneno dos seus corações, invocando o nome do Salvador.

07 – Com paciência se ajuda a Igreja nas dificuldades.

Logo vai ser ressaltado, logo vai ser posto a nu tudo o que ele se propôs com suas inspirações criminosas e seus vergonhosos atrativos.

Abaixo as correntes tirânicas com as quais eles mantinham vocês cativos! Abaixo o jugo que ele fazia pesar cruelmente sobre vocês e que vai ser recolocado na cabeça dele!

Para obterem a libertação, somente deem seu consentimento ao seu Redentor e confiem nele.

Assembleia do povo novo! Povo nascente que o Senhor formou! Ajudem ao seu nascimento e não se tornem um aborto miserável!

Observem o ventre de sua mãe, a santa Igreja! Observem como ela trabalha e geme para darem vocês à luz, para gerarem vocês sob a luz da fé.

Evitem produzir, com a impaciência de vocês, movimentos bruscos nas entranhas maternas e tornar mais estreita a porta por onde vocês devem passar à vida.

Louve seu Deus, povo nascente! Louve seu Senhor! Louve-o, você que Deus criou! Louve-o porque ele deu leite para você. Louve-o porque ele alimenta você.

E, já que ele dá a você alimentos celestes, avance em sabedoria e na idade. Não conheceu estes progressos, em seu crescimento temporal, Aquele que não morre quando o tempo lhe falta e que não cresce quando o tempo se alonga, já que ele baniu de sua eternidade toda espécie de fim e toda espécie de tempo?

Como disse, aos seus alunos, um professor benevolente: *Irmãos, não sejais crianças quanto ao modo de julgar. Na malícia, sim, sede crianças, mas, quanto ao julgamento, sede adultos*[1845].

Postulantes! Cresçam com ardor em Jesus Cristo, para atingirem na juventude as proporções do ser humano perfeito[1846]. Com o progresso de vocês na sabedoria, façam, como está escrito, a alegria do pai de vocês e se

abstenham de ser, com seu relaxamento, a tristeza da mãe de vocês[1847].

08 – A excelência da regeneração.

Amem o que vocês devem ser, pois vocês devem ser filhos de Deus; seus filhos adotivos. Um incomparável privilégio que vos será concedido gratuitamente e do qual vocês desfrutarão tão mais amplamente quanto mais gratidão demonstrarem Àquele que é sua fonte.

Corram então para ele, pois ele conhece os que lhe pertencem e ele não deixará de notá-los entre estes, se, ao invocarem seu nome, vocês renunciarem a toda e qualquer injustiça[1848].

Os pais que vocês têm __ ou que vocês têm neste mundo __ geraram vocês para o trabalho, para o sofrimento e para a morte. Mas como, felizmente órfãos, todos vocês podem dizer: *Meu pai e minha mãe me abandonaram*[1849], ó cristãos, reconheçam como Pai Aquele que em sua ausência recolhe vocês quando vocês deixam o ventre de suas mães e a quem disse fielmente um dos seus fiéis: *Desde o ventre de minha mãe vós sois o meu Deus*[1850].

Esse Pai é o próprio Deus e a Igreja é essa mãe. Como a vida que eles dão é diferente da vida que vocês receberam dos seus primeiros pais! De fato, não foi para o trabalho, para a miséria, para o pranto, para a morte, que eles geraram vocês, mas para a tranquilidade, a felicidade, a alegria, a vida.

O nascimento que é dado por uns é digno de lágrimas, mas este é motivo de ambição. Por causa do pecado antigo, os primeiros nos geram para a pena eterna e os segundos nos regeneram para abolir a pena e a culpa.

Assim são regenerados aqueles que buscam Deus; aqueles *que buscam* ver *a face do Deus de Jacó*[1851]. Busquem essa felicidade com humildade, pois, ao encontrá-la, vocês atingirão uma grandeza que não expõe a nenhum perigo.

A infância consistirá para vocês na inocência; a primeira idade, no respeito; a adolescência, na paciência; a juventude, na força, a idade madura, no mérito; sua velhice, não será outra coisa além de uma serena e sábia inteligência. Ao atravessarem estas idades __ ou melhor, estes degraus da vida __ vocês não têm que mudar de lugar; vocês se renovam ocupando o mesmo lugar.

Não vemos a segunda idade brotar da primeira, para sucedê-la; a terceira se levantar para abater a segunda; nem nascer a quarta, para dar morte à terceira; a quinta não gera inveja na quarta por poder sobreviver e a sexta não sepultará a quinta?

Embora nem todas essas idades cheguem ao mesmo tempo, nada impede que elas permaneçam todas em paz em uma alma devota e justificada e é assim que elas os conduzirão à sétima, ou seja, ao repouso e à paz eterna.

Libertados assim, por até seis vezes, das idades portadoras de morte, como está escrito, na sétima idade o mal não poderá mais atingi-los[1852]. Como ele atingiria, se

não existirá mais? Como triunfaria, se não ousará nem mesmo se mostrar?

Então se desfrutará de uma imortalidade pacífica e uma paz imortal.

09 – Exortação à caminhada na fé.

E de onde virá esta mudança, se não é da mudança produzida pela destra do Altíssimo, do Altíssimo que abençoará seus filhos em você e que estabelecerá *a paz em suas fronteiras*[1853]?

Sejam então plenos de ardor para obter isso, vocês que são ao mesmo tempo unidos e separados (unidos aos bons e separados dos maus), eleitos, bem-amados, predestinados, chamados, mas que precisam ainda adquirir a santidade e a glória.

Cresçam desta maneira, saindo da juventude e envelhecendo com fé e a plenitude das forças e não chegando ao enfraquecimento do corpo, mas a uma velhice frutífera[1854].

Anunciem em paz as obras do Senhor que fez por vocês grandes coisas, que é onipotente, cujo nome é grande e cuja sabedoria é incomensurável.

Vocês procuram a vida? Corram para Aquele que é sua fonte e, depois de terem dissipado as trevas produzidas pela fumaça das suas paixões, vocês contemplarão a luz à luz do Filho único do Pai, do seu Redentor cheio de clemência, do brilhante sol da justiça.

Vocês procuram a salvação? Tenham esperança Naquele que salva aqueles que confiam nele[1855].

Vocês precisam da embriaguez e das delícias? Ele não lhes recusará nem mesmo isto. Apenas venham e adorem; prostrem-se e chorem diante Daquele que criou vocês[1856]. É desta maneira que ele inebriará vocês com a abundância de suas casas e os embriagará nas torrentes de suas delícias[1857].

10 – Combater com humildade para retornar à casa do Pai.

Mas, tomem cuidado para que o pé da soberba não os atinja e tenham cuidado para que a mão do pecador não os abale[1858]. Para escaparem do primeiro infortúnio, peçam a Deus que os purifiquem dos seus pecados e, para não serem derrubados e nem abatidos pelo segundo, peçam para serem preservados da malícia dos estranhos[1859].

Almas caídas, levantem-se! Levantem-se para permanecerem de pé! Fiquem de pé para resistir e resistam com perseverança.

Invés de carregarem o fardo por mais tempo, rompam suas correntes e sacudam seus jugos[1860]! Não deixem que lhes imponham a servidão.

O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada![1861]

Comam agora o pão da dor. Virá o momento em que, depois de terem comido esse pão da dor, vocês receberão

como partilha o pão da alegria. Mas, para merecerem um é preciso primeiro comerem o outro com paciência.

Foi ao se desviar e se afastar de Deus que você mereceu esse pão de lágrimas. Retorne arrependido sobre seus passos e se reaproxime do seu Senhor. Aos que retornam a ele arrependidos, ele está pronto para dar novamente o pão da alegria.

Mas não sejam dissimulados e não adiem, em suas misérias, pedir com lágrimas o perdão por suas fugas.

No meio de tantas aflições, vistam o cilício e, através do jejum, tornem humildes suas almas. A humildade substitui o que o orgulho perdeu.

É verdade, no entanto, que, no momento do seu exame, quando, sob o nome onipotente e temível da augusta Trindade, imprecações merecidas foram lançadas sobre esse desertor que os arrastou para a fuga e para a deserção, vocês não estavam usando o cilício, mas seus pés caminhavam, de alguma forma, sobre ele.

11 – A salvação, expressa com sinais exteriores, deve ser sempre mantida no coração.

É preciso, de fato, espezinhar os vícios, simbolizados pelas peles de cabras, reduzir a farrapos as vestes dos bodes da esquerda. Como o próprio Pai das misericórdias virá ao encontro de vocês, lhes devolvendo a roupa primordial, apressem-se em imolar *o novilho gordo*[1862], para afastar a fome maligna que os leva à morte!

Vocês comerão sua carne e beberão seu sangue. Esse sangue, cuja efusão apaga nossos pecados, quita nossas dívidas e faz desaparecer nossas sujeiras.

Comam com espírito de pobreza e vocês serão saciados e poderão assim se considerar como um daqueles sobre os quais foi dito: *Os pobres comerão e serão saciados*[1863].

Assim, saciados felizmente por Ele, vangloriem-se por esse Pão e divulguem sua glória. Corram para ele e renunciem ao passado. Não é ele, de fato, que chama aqueles que se afastam, que busca os fujões, que encontra aqueles que estão perdidos, que torna humildes os soberbos, que alimenta os famintos, que liberta os cativos, que ilumina os cegos, que purifica os impuros, que descansa os fatigados, que ressuscita os mortos e que arranca, dos espíritos do mal, aqueles que eles capturaram e que mantém a ferros?

Mas nós constatamos que vocês não estão sob o império desses espíritos. Então, ao felicitarmos vocês, nós os exortamos a conservarem em seus corações a isenção do mal que vimos em seus corpos.

Sermão 217 - O caminho para o céu.

Ao fim da Quaresma.

Pai, quero que, onde eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me concedeste, por que me amaste antes da criação do mundo[1864].

Análise

Jesus Cristo, como ser humano, pede ao seu Pai para nos colocar no céu com ele. Mas, para chegar a essa feliz morada, é preciso praticar o bem neste mundo de sofrimentos. Os dias de penitência são o símbolo desta vida, assim como os dias de prazeres representam as alegrias do outro mundo.

01 – 0 Filho é, como o Pai e o Espírito Santo, o único e verdadeiro Deus.

Cristo Nosso Senhor nos ouve com seu Pai. No entanto, por nós ele condescendeu rogar ao seu Pai. Há algo de mais seguro do que nossa felicidade, quando ela é pedida por Aquele que a concede?

Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, Deus e ser humano. Ele reza como ser humano e como Deus ele concede.

Se ele atribui ao Pai tudo o que devemos conservar dele é porque o Pai não procede dele, mas sim, ele do Pai. Ele atribui tudo à fonte de onde ele emana, embora, ao ter emanado dela, ele também seja a fonte, já que ele é a fonte da vida.

Trata-se então de uma fonte produzida pela fonte. Sim, o Pai, que é uma fonte, produz uma fonte. Mas estas duas fontes, uma sendo o Pai e a outra sendo o Filho, formam um só Deus.

No entanto, o Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai e o Espírito do Pai e do Filho não é nem o Pai e nem o Filho. Mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo formam um só Deus.

Apoiem-se nessa unidade, para não caírem em desunião.

02 – Para ocupar a morada feliz, pratique o bem na morada do mal.

Vocês ouviram o que pediu o Salvador, ou melhor, o que ele desejou. Ele disse: *Pai, quero que, onde eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste*.

Sim, *quero que, onde eu estiver, estejam comigo*.

Oh! A morada feliz! Oh! A pátria inatacável! Ela não tem que temer nem os inimigos e nem as epidemias.

Lá viveremos tranquilos, sem procurar sair de lá, já que não encontraríamos asilo mais seguro. Em qualquer lugar que nos fixemos aqui neste mundo temos que temer, pois não é um lugar para se estar em segurança.

Portanto, enquanto ocuparmos esta residência do mal, em outros termos, enquanto estivermos neste mundo, nesta vida cheia de tentações, de mortes, de prantos e de terrores, neste mundo realmente mau, escolhamos outro lugar para fixarmos residência. Mas, não podemos nos transportar para a morada do bem se não praticarmos o bem neste mundo do mal.

Que outra morada existe em que ninguém sofre com a fome? Mas, para habitar essa pátria feliz onde a fome é desconhecida, partilhemos o pão com quem tem fome nesta pátria infeliz em que estamos.

Você quer habitar essa morada feliz onde ninguém é estrangeiro? Nesta morada infeliz abra a porta para quem

está sem asilo. Dê hospitalidade ao estrangeiro neste mundo infeliz, para ser admitido na terra afortunada onde não precisará recebê-la.

Nessa terra abençoada, ninguém carece de roupas, pois não há frio e nem calor excessivos. Então, para que habitações e roupas? Invés de habitações, encontra-se lá a proteção divina. Lá se encontra o abrigo sobre o qual foi escrito: *Abrigo-me à sombra de vossas asas, até que a tormenta passe*[1865].

Aqui então receba em sua casa aquele que não tem casa e você poderá chegar ao lugar afortunado onde encontrará um abrigo que não precisa de manutenção, já que a chuva não pode deteriorá-lo.

Lá jorra perpetuamente a fonte da verdade, com uma água fecunda que espalha a alegria e não a umidade e que é a fonte da verdadeira vida. O que ver, de fato, nestas palavras: *Em vós está a fonte da vida*[1866], se não são estas: *O Verbo estava junto de Deus*[1867]?

03 – Soframos no presente e confiemos no futuro.

Portanto, meus bem-amados, pratiquem o bem nesta morada do mal, para chegarem à morada feliz mencionada nestes termos por Aquele que a prepara para nós: *Quero que, onde eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste*. Ele subiu até ela para prepará-la para nós, para que, ao encontrá-la pronta, nós entremos nela sem medo. Foi ele

quem a preparou; permaneçamos então nele. Cristo parece para você uma morada muito apertada?

Você ainda teme sua Paixão? Mas ele ressuscitou dos mortos e *já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele*[1868].

Este mundo é, ao mesmo tempo, a morada e o tempo do mal. Pratiquemos o bem nesta morada do mal e comportemo-nos bem neste tempo do mal. Esta morada e este tempo passarão, para darem lugar à eterna habitação e aos dias eternos do bem, que serão um só dia.

Por que dizemos que estes dias daqui são maus? Porque um passa para ser substituído por outro. O hoje passa para ser substituído pelo amanhã, assim como o ontem passou para ser substituído pelo hoje. Mas, onde nada passa, conta-se somente como um dia. Este dia é Cristo e seu Pai, com a diferença que o Pai é um dia que não veio de nenhum dia, enquanto que o Filho é um dia que veio de um dia.

Desta forma, Jesus Cristo, com sua Paixão, nos prega as fadigas e as opressões deste mundo. Ele nos prega, com sua ressurreição, a vida eterna e bem-aventurada do mundo futuro.

Soframos o presente e tenhamos confiança no futuro!

Assim, esta época em que passamos no jejum e nas observâncias próprias para nos inspirar a contrição é o símbolo das fadigas do mundo presente, assim como os dias que se preparam são o símbolo do mundo futuro, onde não estamos ainda, infelizmente.

Sim, eles são um símbolo, pois ainda não o temos e a tristeza deve durar até a Paixão.

Sermão 218 - Os mistérios da Paixão.

Para a Sexta-Feira Santa.

Análise

Tudo tendo sido voluntariamente permitido por Jesus Cristo em sua Paixão, não foi sem razões misteriosas que ele carregou sua cruz, que ele foi crucificado no Calvário com dois ladrões junto a ele, com o título de Rei dos Judeus gravado em três línguas acima de sua cruz. Não foi também sem razão que Pilatos recusou modificar esse título, que as roupas do Salvador foram divididas por quatro e sorteada e que sua mãe foi recomendada a São João, que vinagre lhe foi apresentado na ponta de uma esponja, que ele morreu falando e inclinando a cabeça, que as pernas dos ladrões foram quebradas, mas não as dele, que sangue e água escorreram dele e que, enfim, ele tenha sido sepultado por José e Nicodemos. Há razões misteriosas para estes quatorze detalhes.

01 – Em cada detalhe de sua Paixão Cristo quis mostrar alguma coisa.

Lemos solenemente e solenemente honramos a Paixão Daquele cujo sangue apagou nossos pecados, para que este culto anual reanime mais vivamente nossas lembranças e

que a afluência maior das pessoas jogue mais brilho sobre nossa fé.

Esta solenidade então exige que nós dirijamos para a Paixão do Senhor o sermão que ele queira nos inspirar. Foi, sem dúvida, para nos ajudar a garantir nossa salvação e atravessar utilmente esta vida que o Senhor condescendeu nos dar um grande exemplo de paciência, ao sofrer o que ele sofreu por parte dos seus inimigos e para nos dispor a sofrer, se ele assim o quisesse, a dores semelhantes, por honra ao Evangelho.

No entanto, como não houve coerção e tudo foi voluntário no que ele suportou em sua carne mortal, acreditamos com razão que, nas circunstâncias de sua Paixão, cuja narrativa ele fez consignar no Evangelho, ele quis também indicar outras coisas.

02 – Cristo carregou sua cruz.

Primeiro, se, depois de ter sido condenado a ser crucificado, ele próprio carregou sua cruz[1869], isto foi para nos ensinar a viver na reserva e para nos mostrar, ao caminhar na frente, o que deve fazer todo aquele que quer segui-lo.

Afinal, ele explicou isto formalmente, dizendo: *Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me*[1870]. É, de certa forma, carregar sua cruz, governar bem esta natureza mortal.

03 – O Calvário.

Se ele foi crucificado no Calvário[1871], foi para indicar que, através de sua Paixão, ele perdoava todos os pecados sobre os quais está escrito em um Salmo: *Minhas faltas me pesaram, a ponto de não aguentar vê-las; seu número se ergueu acima dos fios de cabelo de minha cabeça*[1872].

04 – Os dois ladrões.

Ele teve, um de cada lado, dois homens crucificados com ele[1873]. Isto foi para mostrar que devem ser esperados sofrimentos por aqueles que estão ao seu lado. Aos que estão à sua direita foi dito: *Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça*[1874]. Ao que estão à sua esquerda foi dito: *Ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria*[1875].

05 – O título.

Ao permitir que se colocasse acima de sua cruz o título onde ele foi designado como *Jesus de Nazaré, rei dos judeus*[1876], ele quis mostrar que, mesmo levando-o à morte, os judeus não puderam impedir que ele fosse seu Rei. Assim, ele virá com uma grande glória e um poder soberano lhes retribuir segundo suas obras. Por isto está escrito em um Salmo: *Sou eu quem me sagrei um rei em Sião, minha montanha santa*[1877].

06 – As três línguas.

Este título foi escrito em três línguas: *em hebraico, em grego e em latim*[1878]. Isto foi para mostrar que ele reinaria

não apenas sobre os judeus, mas também sobre os gentios.

Assim, após estas palavras, que designam seu domínio sobre os judeus: *Sou eu quem me sagrei um rei em Sião, minha montanha santa*, ele logo acrescenta: *Disse-me o Senhor: Tu és meu filho; eu hoje te gerei. Peça-me e dar-lhe-ei por herança todas as nações. Tu possuirás os confins do mundo*[1879].

Isto não aconteceu porque os gentios só falam o grego e o latim. Foi porque estas duas línguas se sobressaem diante das outras. A língua grega, por causa de sua literatura e a língua latina, por causa da habilidade política dos romanos.

As três línguas anunciam então que toda a gentilidade carregará o jugo de Cristo. O título, no entanto, não falava em Rei dos Gentios, mas sim Rei dos Judeus. Isto foi para lembrar, com esta designação, a própria origem da descendência cristã. *De Sião deve sair a lei e, de Jerusalém, a palavra do Senhor*[1880], está escrito.

Quem são aqueles, aliás, que dizem em um Salmo: *Ele submeteu a nós as nações, colocou os povos sob nossos pés*[1881], se não são aqueles sobre os quais o Apóstolo fala assim: *Se os pagãos têm parte nos bens espirituais dos judeus, devem, por sua vez, assisti-los com os bens materiais*[1882]?

07 – Rei dos judeus, mas também dos gentios.

Quando os príncipes dos sacerdotes pediram a Pilatos que não colocasse em um sentido absoluto que ele era Rei dos Judeus, mas que colocasse apenas que ele pretendia sê-

lo[1883], Pilatos foi chamado a descrever como a oliveira selvagem seria enxertada nos ramos partidos, pois Pilatos pertencia à gentilidade e ele escreveu então a profissão de fé desses mesmos gentios, sobre os quais o próprio Senhor Nosso havia dito: *Ser-vos-á tirado o Reino de Deus e será dado a um povo que produzirá os frutos dele*[1884].

No entanto, não se segue que o Salvador não seja o Rei dos Judeus. É a raiz que suporta o enxerto selvagem e não o contrário. Por causa de sua infidelidade, esses ramos, sem dúvida, se afastaram do tronco. Mas, não se deve concluir que Deus tenha rejeitado o povo predestinado por ele. *Eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim*[1885], diz São Paulo.

Além disso, embora os filhos do reino tenham se jogado nas trevas, ao rejeitarem o Filho de Deus como rei deles, muitos *virão do Oriente e do Ocidente* para tomar lugar no banquete. Não com Platão e Cícero, mas *com Abraão, Isaac e Jacó, no Reino dos Céus*[1886].

Pilatos então escreveu Rei dos Judeus e não Rei dos gregos e dos latinos, embora ele devesse reinar sobre os gentios. E o que ele escreveu, ele o fez sem consentir em mudar, apesar das reclamações dos seus infiéis[1887]. Isto aconteceu porque muito tempo antes havia sido ordenado no Livro dos Salmos: *Não destruas*[1888].

É então no Rei dos Judeus que acreditam todos os gentios. Ele reina sobre toda a gentilidade, mas, como Rei dos Judeus. A seiva dessa raiz foi de um poder tal que ela pôde comunicar sua natureza ao enxerto implantado nela,

sem que o enxerto pudesse lhe tirar o nome de oliveira verdadeira.

08 – A roupa dividida.

Se os soldados se apropriaram de suas vestes, depois de tê-las dividido em quatro[1889], foi porque seus sacramentos deveriam ser espalhados pelos quatro cantos do mundo.

09 – A túnica sem costura.

Se eles tiraram a sorte entre eles, invés de partilharem sua túnica sem costura e feita de uma única peça de tecido, de cima abaixo[1890], isto foi para demonstrar claramente que todos, bons ou maus, podem, sem dúvida, receber os sacramentos exteriores, que são como as vestes de Cristo, mas a fé pura *que opera pelo amor*[1891] e produz a perfeição da unidade e que, por sua vez, é produzida pelo *amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[1892], não é a partilha de todos, mas um dom especial, concedido como que por sorte, pela graça secreta de Deus.

Foi por isso que Pedro disse a Simão que ele havia recebido o batismo, mas não essa graça. *Não tens parte nem sorte neste ministério*[1893], ele disse.

10 – A Mãe confiada a João.

Do alto da cruz ele reconheceu sua Mãe e a recomendou ao discípulo bem-amado[1894]. Isto aconteceu no

momento em que ele morria como ser humano, para demonstrar seus sentimentos humanos.

Bem longe ainda deste momento, prestes a transformar água em vinho, ele dissera à sua mãe: *Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou*[1895]. Desta forma, ele não tinha recebido de Maria o que pertencia à sua divindade, mas tinha recebido dela o que estava pendurado na cruz.

11 – O vinagre oferecido com a esponja.

Se ele disse: *Tenho sede*[1896], foi porque ele tinha sede da fé do seu povo. Mas, como ele *veio para o que era seu, mas os seus não o receberam*[1897], invés da doce bebida da fé, estes lhe apresentaram um vinagre pérfido e com uma esponja.

Eles mesmos não se pareciam com essa esponja, sendo, como ela, inchados, sem ter nada de sólido e, também como ela, não se abrindo em linha reta para professar a fé, mas escondendo negros propósitos em seus corações retorcidos?

Essa mesma esponja estava presa *numa vara de hissopo*[1898]; uma planta humilde, cujas raízes vigorosas se prendem, dizem, fortemente às pedras. É que havia naquele povo almas para quem aquele crime deveria ser motivo de humilhação e arrependimento. Ao aceitar o hissopo com o vinagre, o Salvador as conhecia. Assim, ele rezou por elas, segundo conta outro evangelista e, do alto

da cruz, ele pediu: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*[1899].

12 – A morte com a cabeça reclinada.

Ao dizer: *Tudo está consumado*[1900] e, reclinando a cabeça, render o espírito, ele mostrou que sua sorte não era forçada, mas voluntária, já que ele esperava o cumprimento de tudo o que havia sido previsto pelos Profetas com relação a ele.

De fato, muito antes desses acontecimentos, já estava escrito: *Na minha sede, deram-me vinagre para beber*[1901].

Ele demonstrou também que possuía, como ele mesmo havia dito, o poder de dar sua vida, tanto quanto *o poder de reassumi-la*[1902]. Além disso, ele rendeu o espírito com humildade, reclinando a cabeça, porque ele deveria reassumir sua vida levantando-a, por ocasião de sua ressurreição.

Essa morte e esse reclinar de cabeça indicavam então nele um grande poder. Isto já havia sido anunciado pelo Patriarca Jacó, ao abençoar Judá. Ele dissera: *Reclina-se e deita-se como um leão*[1903]. O reclinar e deitar simbolizam a morte e o leão simboliza o poder.

13 – As pernas quebradas dos ladrões e não de Cristo.

As pernas dos dois ladrões foram quebradas, mas não as de Cristo e não foi porque ele já estava morto. O próprio Evangelho explica.

Isto foi uma prova de que, profeticamente, a Páscoa dos judeus se referia a Jesus, pois se prescrevia que nela não se quebrassem os ossos dos cordeiros sacrificados[1904].

14 – O sangue e a água escoados de Cristo.

O sangue e a água que escoaram do lado aberto por uma lança designam, sem nenhuma dúvida, os sacramentos que servem para formar a Igreja, da mesma forma como Eva, formada do lado de Adão adormecido, prefigurava o segundo Adão.

15 – O sepultamento feito por José e Nicodemos.

José e Nicodemos o sepultaram[1905]. De acordo com a interpretação de muitos, José significa "aumentado". Nicodemos, por outro lado, que é um nome grego, muitos sabem que é composto por vitória (*nikos*) e povo (*demos*).

Quem é então Aquele que, ao morrer, aumentou, se não é Aquele que disse: *Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto*[1906]?

Quem é também aquele que, ao morrer, venceu o povo perseguidor, se não é Aquele que o julgará, depois de ter ressuscitado?

Sermão 219 - A vigília de Páscoa I.

Para a vigília de Páscoa.

Análise

Esta é uma exortação para se guardar e santificar esta vigília, que os próprios pagãos observam, para se dedicarem a blasfemar.

01 – Velemos e rezemos para santificar.

Ao nos estimular a imitá-lo e lembrando várias provas notáveis de suas virtudes, o apóstolo São Paulo diz que ele fazia vigílias muito frequentemente[1907]. Com que ardor não devemos então observar esta vigília, que é como a mãe de todas as outras, já que o mundo inteiro está de pé!

Eu não falo do mundo sobre o qual está escrito: *Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo __ a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida __ não procede do Pai, mas do mundo*[1908].

Essa espécie de mundo, efetivamente __ ou seja, esses filhos da desconfiança __ é governado pelo demônio e por seus anjos; pelos espíritos contra os quais devemos lutar, como São Paulo também diz nesta passagem: *Não é contra pessoas de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso*[1909]. Mundo tenebroso no qual estivemos. Nós que agora estamos na luz do Senhor e que, na luz desta vigília, devemos resistir a essas criaturas das trevas.

Não é então esse mundo que está de vigília nesta noite solene; é aquele sobre o qual está escrito: *Deus, em Cristo, reconciliou consigo o mundo, não levando mais em conta os*

pecados humanos e pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação[1910].

No entanto, a solenidade desta noite é tão esplendorosa para todo o mundo que ela força a velar fisicamente até mesmo aqueles que, não digo que estão adormecidos, mas sepultados na sombra da impiedade do inferno.

Sim, até mesmo esses estão de vigília nesta noite em que até mesmo os olhos veem o cumprimento desta profecia: *A noite vos é transparente como o dia e a escuridão, clara como a luz*[1911].

Assim são iluminados os corações devotos aos quais foi dito: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*[1912].

Nossos invejosos também desfrutam dessa luz, de sorte que ela brilha tanto para aqueles que velam no Senhor quanto por aqueles que invejam o Senhor. Nesta noite então velam o mundo inimigo de Deus e o mundo reconciliado com ele. Este vela para abençoar o Médico que o salvou. Aquele vela para ultrajar o Juiz que o condenará. Este vela com o fervor e a luz na alma. Aquele vela com a fúria e a raiva nos dentes. Enfim, o amor de uns e o ódio de outros; o ardor dos cristãos e a inveja diabólica dos outros não deixam dormir ninguém nesta festa.

Até mesmo nossos inimigos nos ensinam, contra a vontade deles e, ao velarem por ódio a nós, eles nos ensinam como velar por amor a nós.

Naqueles, de fato, que, sob nenhuma condição recebem o título de cristãos, é bom que a dor impeça de dormir esta

noite. Muitos também são impedidos disso pela vergonha. Aqueles, em pequeno número, que foram tocados pela fé, são mantidos acordados pelo temor a Deus.

Então, é por diferentes motivos que se vela nesta solenidade. Como deve velar na alegria o amigo de Cristo, quando seu inimigo vela na dor?

Quando Cristo recebe tanta glória, com que ardor deve velar o cristão, quando o próprio pagão se envergonharia se dormisse? Aquele que já entrou na grande casa, como não seria adequado velar nesta festa, quando já vela Aquele que se dispõe a entrar nela?

Velemos então e rezemos, para santificar esta noite exterior e interiormente.

Que Deus nos fale, ao nos fazer ler suas palavras. Falemos a Deus, dirigindo a ele nossas preces. Se ouvimos com submissão suas palavras, é porque habita em nós Aquele para o qual se erguem nossas súplicas.

Sermão 220 - A vigília de Páscoa II.

Porque esta solenidade.

Para a vigília de Páscoa.

Análise

Jesus Cristo morreu e ressuscitou somente uma vez. Mas, para não deixar apagar a lembrança de sua morte e de sua ressurreição, renova-se a cada ano a memória com a celebração desta festa.

01 – Renovar a solenidade é não deixar passar o que se passou.

A fé nos ensina, meus irmãos, e estamos fortemente convencidos de que um dia Cristo morreu por nós; o Justo, para os pecadores; o Mestre, para os escravos; o Livre para os prisioneiros; o Médico, para seus doentes; o Bem-aventurado, para os desafortunados; o Rico, para os pobres; para os desgarrados, Aquele que sai à sua procura; o Redentor, para aqueles que foram vendidos; o Pastor, para o seu rebanho; e, o que é mais admirável ainda, o Criador para suas criaturas. No entanto, não perdendo nada do que ele é eternamente, mesmo dando tudo o que foi feito no tempo. Invisível como Deus e visível como ser humano, dando a vida por causa do seu poder e aceitando a morte por causa de sua fraqueza. Imutável em sua divindade e pacífico em sua humanidade.

Mas, como diz o Apóstolo: *Foi entregue por nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação*[1913].

Vocês sabem perfeitamente que isto só aconteceu uma vez. Embora todas as vozes das Escrituras digam que este acontecimento só ocorreu uma vez, esta solenidade o traz de volta dos tempos passados, como se ele ocorresse frequentemente.

No entanto, não há uma contradição entre a realidade e a solenidade. Uma não diz a verdade para desmentir a outra, mas, o que uma descreve como só tendo acontecido uma vez de fato, a outra o relembra para os corações devotos, para fazer com que eles o celebrem muitas vezes.

A realidade mostra o evento tal como ele aconteceu. A solenidade, sem realizá-lo, mas o renovando na memória, não deixa passar o que se passou. Desta forma, quando *Cristo, nossa Páscoa, foi imolado*[1914], ele só foi levado à morte uma vez. Ele não morre mais daqui por diante e *a morte* não *terá mais domínio sobre ele*[1915].

Aí está porque dizemos, de acordo com a realidade, que esta imolação só aconteceu uma vez e que ela não voltará a acontecer jamais, enquanto que, sob o ponto de vista da solenidade, ela deva retornar a cada ano.

É neste sentido, me parece, que devem ser explicadas estas palavras de um Salmo: *O pensamento humano vos glorificará e as relíquias do pensamento vos festejarão*[1916]. Se o pensamento não tivesse o cuidado de confiar à memória o que lhe ensinaram dos fatos acontecidos no tempo, não se encontraria mais nenhum traço deles.

O pensamento glorifica o Senhor quando ele está diante da realidade e o que resta desse pensamento na memória não se cansa de renovar a solenidade, para afastar dela a acusação de ingratidão.

É isto o que explica a brilhante solenidade desta noite. Nela nós velamos como que para renovar a ressurreição do Senhor pelo que resta do nosso pensamento, enquanto que realmente o próprio pensamento nos mostra como ela tendo acontecido somente uma vez.

Se então, ao nos pregar a verdade somos instruídos, evitemos cometer uma falta para com a religião, deixando de celebrar esta solenidade. É ela que, em todo o mundo,

torna esta noite tão esplendorosa. É ela que destaca a multidão dos cristãos, que faz os judeus se envergonharem de suas trevas e que derruba os ídolos dos pagãos.

Sermão 221 - A vigília de Páscoa III.

Para a vigília de Páscoa.

Análise

No Gênese, o dia se conta desde a manhã, mas, desde que o ser humano mergulhou nas trevas do pecado, dais quais Jesus Cristo veio nos livrar, todo dia começa com a noite. Portanto, o dia em que Jesus Cristo ressuscitou começa também na noite do dia precedente, o segundo de seu sepultamento. E, como ele ressuscitou nessa noite, não é conveniente que nessa noite nós também façamos uma vigília?

01 - Porque a vigília dessa noite.

É preciso explicar porque velamos com tanta solenidade, principalmente nesta noite.

Nenhum cristão coloca em dúvida que Cristo Nosso Senhor ressuscitou no terceiro dia e, no entanto, o Evangelho assegura que essa ressurreição aconteceu durante a noite. É que o dia inteiro começa a ser contado desde a noite precedente.

Não era assim que se considerava o dia no Gênesis, embora lá também as trevas tenham precedido a luz, já que

as trevas estavam sobre o abismo, *quando Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz foi feita*[1917].

Mas essas trevas não eram ainda a noite propriamente dita, pois o dia não as havia precedido. Deus, de fato, começou por separar a luz das trevas. Depois, ele deu à luz o nome de dia e, em seguida, às trevas, o nome de noite e foi desde a formação desta, até a manhã seguinte, que se estendeu o primeiro dia[1918].

É, portanto, evidente, que cada um desses dias começou com a aurora e só terminou na manhã seguinte.

Mas, desde que o ser humano, criado no brilho da justiça, se separou dela para mergulhar nas trevas do pecado, de onde a graça de Cristo trabalha agora para tirá-lo, contamos os dias desde a noite.

Não é, portanto, para passar da luz às trevas, mas para passar das trevas à luz que fazemos tantos esforços, com os quais esperamos vencer, com a ajuda do Senhor. O Apóstolo não disse, neste sentido: *A noite vai adiantada e o dia vem chegando. Despojemo-nos das obras das trevas e vistamo-nos com as armas da luz*[1919]?

Por consequência, o dia da paixão do Salvador, o dia em que ele foi crucificado, deve se juntar à noite precedente e ele termina na noite que os judeus chamam de santa ceia, já que eles começam desde o início dessa noite a observar o sabá. Depois, o dia do sabá, que começa com essa noite e acaba no início da noite seguinte, à qual pertence o dia que chamamos de domingo, *dies dominicus*, o dia do Senhor, porque o Senhor o consagrou para a glória de sua ressurreição.

Assim, é a lembrança dessa noite, que compõe a primeira parte do domingo seguinte, que nós solenizamos neste momento.

É na noite em que o Senhor ressuscitou que nós fazemos vigília e nos ocupamos com essa vida que vem a ser questão entre nós. Dessa vida em que não se conhece nem a morte e nem o sono e cuja primeira ideia o Salvador nos

deus em sua carne, ressuscitando-a de entre os mortos, preservando-a para sempre da morte e tirando da morte todo império sobre ela[1920].

Assim, quando, ao amanhecer, os amigos do Salvador chegaram ao sepulcro para procurar seu corpo, eles não encontraram nada e anjos lhes informaram que ele já havia ressuscitado. Isto mostra com evidência que a ressurreição aconteceu durante essa mesma noite, que acabou no despontar do dia.

Por outro lado, se para cantar a glória de sua ressurreição nós velamos por um pouco mais de tempo, é para que ele nos conceda reinar com ele, vivendo eternamente.

Supondo que, durante as horas em que prolongamos essa vigília, seu corpo ainda estivesse no sepulcro, não estivesse ainda ressuscitado, não seria conveniente velar da mesma forma? E Jesus Cristo não dormiu para que pudéssemos velar, da mesma forma como morreu para que pudéssemos viver?

Sermão 222 - Os espíritos das trevas.

Para a vigília de Páscoa IV.

Análise

Dissipando as trevas desta noite em que velamos solenemente para rezar, lembremo-nos que devemos lutar contra os espíritos das trevas que procuram constantemente nos arruinar.

01 – Vigiar e rezar para não cair em tentação.

Embora a própria solenidade desta santa noite nos estimule a velar e a rezar, meus caríssimos, nem por isso devemos deixar de lhes dirigir a palavra. Cabe à voz do pastor despertar o rebanho sagrado, para colocá-lo de guarda contra os animais noturnos, contra as forças inimigas e invejosas, contra os espíritos das trevas.

Diz o Apóstolo: *Não é contra pessoas de carne e sangue que temos de lutar* __ em outros termos: contra pessoas fracas e revestidas de um corpo mortal __ , *mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal espalhadas nos ares*[1921].

Não concluamos disso que o demônio e seus anjos, designados por estas expressões do Apóstolo, governam o mundo sobre o qual foi escrito: *o mundo foi feito por ele*[1922], pois, depois de tê-los chamado de *príncipes deste mundo*, ele mesmo temeu que se entendesse aqui o mundo designado tantas vezes nas Escrituras por céu e terra e, como que para se explicar, ele logo acrescentou: *tenebroso*, ou seja, os infiéis. Assim, ele diz para aqueles que tinham se tornado fiéis: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*[1923].

Se então esses espíritos de malícia estão no céu, não é no céu onde brilham os astros que estão colocados lá com tanta ordem e onde ficam os anjos, mas na sombria habitação da baixa atmosfera onde se acumulam as nuvens e sobre a qual está escrito: *Ele que cobre os céus de*

nuvens[1924]. Aí também voam os pássaros e eles são chamados de *os pássaros do céu*[1925].

Trata-se então do céu inferior e não da serena tranquilidade do céu superior o local de habitação desses espíritos de malícia contra quem nos foi ordenado lutar, para merecermos, depois de termos vencido os maus anjos, estarmos associados, na felicidade eterna, aos bons anjos.

Foi por isso que, ao falar, em outra passagem, do império tenebroso do diabo, o mesmo Apóstolo disse: *o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes*[1926].

Por consequência, o espírito deste mundo não significa outra coisa além dos dominadores do mundo e, da mesma forma como o Apóstolo indica o que ele entende por espírito deste mundo, ao acrescentar *nos rebeldes*, ele também explica seu pensamento acrescentando *tenebroso*.

Igualmente, às palavras: *o príncipe das potestades do ar* ele opõe estas: *nos ares*.

Graças então ao Senhor nosso Deus, que *nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado*[1927].

Mas, uma vez separados dessas trevas pela luz do Evangelho e resgatados dessa tirania ao preço de um sangue divino, velemos e rezemos para não sucumbirmos à tentação[1928].

Vocês que possuem *a fé que opera pelo amor*[1929], dos seus corações foi expulso o *príncipe deste mundo*[1930], mas ele circula ao redor, como um *leão que ruge, buscando a*

quem devorar[1931]. Pouco lhe importa por onde ele entra. Não lhe deixe então nenhuma abertura e, para se defenderem, façam com que permaneçam em vocês Aquele que o expulsou, sofrendo por vocês.

Quando ele dirigia vocês, vocês eram *trevas, mas agora* vocês são *luz no Senhor. Comportai-vos como verdadeiras luzes*[1932]. Fiquem em guarda contra as trevas e as potências das trevas. Velem na luz onde vocês acabam de nascer e nessa luz, que é como a mãe de vocês, implorem ao Pai das Luzes.

Sermão 223 - Aos novos batizados.

Para a vigília de Páscoa V.

Análise

Já que, ao receberem o batismo, eles se tornam filhos da luz, Santo Agostinho os exorta a se unirem aos verdadeiros filhos da luz, aos bons cristãos, sem se espantarem por encontrar maus cristãos, já que este mundo é como a eira em que a palha está misturada com o bom grão.

Eles devem evitar também se unir aos grãos que saem da eira e embora eles tenham que suportar os maus, que eles não se esqueçam de que a palha jamais é capaz de esmagar o bom grão.

01 – O dia que o Senhor fez.

As Escrituras dizem, no Livro do Gênesis: *Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia e às trevas noite*[1933].

Mas, se Deus deu à luz o nome de dia, segue-se que podemos chamar de dia aqueles a quem o Apóstolo dirige estas palavras: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*[1934], pois tinham sido iluminados por Aquele mesmo que ordenou à luz que jorrasse das trevas.

Essas crianças[1935], que vocês veem aqui tão brancas no exterior, no interior tão puras e que testemunham, com a brancura de suas roupas, a candura de suas almas, eram trevas quando estavam mergulhadas na noite de seus pecados. Agora então que foram purificadas no banho do perdão, irrigadas com a água da sabedoria e penetradas pela luz da justiça, elas são *o dia que o Senhor fez. Que ele seja para nós dia de alegria e de felicidade*[1936].

Então, prestem atenção, dias do Senhor; prestem atenção, dias formados pelo Senhor; prestem atenção e sejam dóceis, para nos inspirar alegria e felicidade. Sendo nossa *alegria* e nossa *coroa*, como diz o Apóstolo, que vocês permaneçam *firmes no Senhor*[1937].

Escutem-nos, ó jovens filhos de uma Mãe casta! Ou melhor, escutem-nos, filhos de uma Mãe Virgem! Já que, depois de terem sido trevas, agora vocês são luz no Senhor, *comportai-vos como verdadeiras luzes*[1938].

Unam-se aos filhos da luz e, para me expressar mais claramente, unam-se aos verdadeiros fiéis, pois, o que é assustador, é que há ímpios, há aqueles que carregam o

título de fiéis sem sê-lo de fato. Há aqueles que ultrajam os sacramentos de Cristo, com um comportamento que é causa de perdição para eles e para os outros. Para eles, por causa de seu próprio comportamento culposo. Para os outros, por causa dos maus exemplos que eles dão.

Não, meus bem-amados, não se unam a esses maus fiéis. Procurem os bons. Unam-se aos bons e sejam bons vocês mesmos.

02 – Os bons toleram os maus e os maus imitam os bons.

Não se espantem, aliás, com o grande número desses ímpios que existe na Igreja, que participam dos dons do altar, que aplaudem em alta voz as lições de moral dadas pelo bispo ou pelo sacerdote, que mostram, enfim, o cumprimento desta profecia feita em um Salmo por Aquele que nos chamou: *Anunciei e falei; inumeráveis eles se tornaram*[1939].

Eles podem agora se encontrar conosco na Igreja, mas eles não poderão estar na grande assembleia dos santos que acontecerá após a ressurreição dos mortos. A Igreja é hoje como a eira em que o grão está misturado com a palha, os bons com os maus. Mas, após o Julgamento, ela só conterá os bons e nem um só mau.

Vemos nessa eira a colheita semeada pelos Apóstolos, que os fiéis doutores que os seguiram irrigaram até este momento e que os inimigos, infelizmente, pisotearam bastante. Ela só tem que esperar ser limpa pelo Supremo

Joeireiro. Ele virá então, pois vocês disseram, ao repetirem o Símbolo: “Ele virá julgar os vivos e os mortos”.

Em outra passagem o Evangelho também diz: *Ele tem na mão a pá, limpará sua eira e recolherá o trigo ao celeiro. As palhas, porém, queimá-las-á num fogo inextinguível*[1940].

Tenho um aviso a dar aos fiéis mais antigos: o bom grão se alegra ao temer e permanece na eira sem deixá-la. Que ele não confie em seu próprio discernimento para se livrar, de alguma forma, da palha que o envolve, pois, ao procurar se afastar da palha, ele não pode permanecer na eira e, como o Juiz que não se engana jamais não poderá recolher ao celeiro o que não estiver na eira, é em vão que os grãos afastados agora da eira repetirão que se formaram na espiga. O celeiro se encherá então e depois se fechará. Tudo o que não for admitido no celeiro será lançado às chamas.

Então, meus bem-amados, cabe àquele que é bom tolerar aquele que é mau e àquele que é mau imitar o bom. Nessa eira misteriosa, de fato, o bom grão pode degenerar em palha e a palha, por sua vez, pode ser transformada em bom grão. Isto acontece diariamente, meus irmãos.

A vida é cheia dessas dores e dessas consolações. Vemos cair e perecer diariamente aqueles que parecem bons, como também vemos se converter e ressuscitar aqueles que pareciam maus, pois Deus não quer *a morte do malvado*, mas sim *que ele mude de proceder e viva*[1941].

Ouçam-me agora, bons grãos! Ouçam-me vocês que são o que eu desejo! Ouçam-me bons grãos! Não se entristeçam

por estarem misturados à palha. Essa mistura não será eterna. Afinal, quanto pesa essa palha sobre vocês? Graças a Deus, ela é leve. Sejamos apenas bons grãos e, por mais abundantes que sejam as palhas, elas não nos esmagarão.

Deus é fiel; não permitirá que sejais provados além das vossas forças, mas, com a provação, ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela[1942], para que vocês possam perseverar.

Uma palavra também à palha. Onde quer que ela esteja, que ela me escute. Eu gostaria que não houvesse nenhuma aqui. Falemos, no entanto, temendo que haja.

Escute-me então, palha! Mas, ao me escutar, você deixará de ser palha. Escute-me! Aproveite a paciência de Deus. Que a proximidade e os conselhos do bom grão transformem você em bom grão.

A chuva de palavras divinas não falta a você! Não deixe estéril o campo do Senhor! Enverdeça, granule, amadureça! Aquele que semeou você quer encontrar em você espigas e não espinhos.

Sermão 224 - Os pecados da carne.

Para o dia de Páscoa I.

Análise

Quem poderá descrever a graça incomparável que vocês receberam ao se tornarem cristãos? Aproveitem-na e não imitem os maus cristãos. Eles consideram leves os pecados da carne. Mas, não foi assim que o demônio

enganou nossos primeiros pais? Um homem não considerou como uma falta leve a infidelidade de sua mulher? O Apóstolo, enfim, nos mostra como horríveis os pecados da carne.

Então, que todos se corrijam o mais breve possível. Quanto a vocês, recém-batizados, eu exorto vocês, em nome do que vocês têm de mais sagrado, não imitem aqueles que se entregam aos pecados da carne.

01 – Os batizados se unem a todo o povo de Deus.

Nós nos dirigimos àqueles que hoje receberam o batismo e que foram, portanto, regenerados em Jesus Cristo. Nós nos dirigimos a eles, mas neles visamos todos vocês.

Vocês se tornaram membros de Cristo! Se vocês pensarem na mudança que foi feita em vocês, todos os seus ossos clamarão: *Senhor, quem é semelhante a vós?*[1943]

Não! Não se pode fazer uma ideia suficientemente grande da bondade de Deus. Nem as palavras e nem os pensamentos humanos podem representar essa graça realmente gratuita que vocês receberam, pois ela não encontrou em vocês nenhum mérito. Assim, é mesmo de sua gratuidade que vem seu nome de graça.

Que graça! Ser, como vocês são, membros de Cristo, filhos de Deus, irmãos do Filho Único!

Se o Filho de Deus é único, como vocês podem ser seus irmãos, se não é porque ele é Filho Único por natureza e

vocês são seus irmãos pela graça?

A vocês então, que se tornaram, assim, membros de Cristo, eu vou dar um conselho. Eu temo por vocês; menos por causa dos pagãos, por causa dos judeus, por causa dos heréticos e mais por causa dos maus católicos.

No próprio povo de Deus, escolham aqueles que devem imitar. Ao desejarem seguir os passos da multidão, vocês não poderão fazer parte do pequeno número dos que seguem o caminho estreito[1944].

Afastem-se da fornicação, do roubo, da fraude, do perjúrio, de tudo o que é proibido, das discussões. Tenham horror pela embriaguez. Temam o adultério como a morte. Não como a morte que separa a alma do corpo, mas como a morte que entrega o corpo e a alma para as chamas eternas.

02 – O diabo insinua que a incontinência não é uma falta grave.

Meus irmãos, meus filhos, minhas filhas, minhas irmãs! Eu sei que o demônio desempenha seu papel e não deixa de falar aos corações daqueles que ele tenta aprisionar. Eu sei que aos fornicadores e aos adúlteros que não se contentam com suas esposas, ele diz secretamente: “Esses pecados da carne não são um grande mal”.

Ah! Contra essa insinuação pérfida, chamemos, em nosso socorro, a encarnação de Cristo.

O meio empregado pelo inimigo para arrastar os cristãos aos prazeres carnais é de lhes mostrar como leve o

que é grave, como amável o que é pavoroso, como doce o que é amargo. Mas, o que importa se Satã representa como leve o que Cristo nos assegura ser grave?

Aliás, é algo novo, o demônio dizer aos cristãos: “Não há um grande mal no que você faz. Você peca no corpo e não no espírito. Os pecados da carne se apagam facilmente. Deus os perdoa facilmente”?

Por que se espantar com isso? Não foi este mesmo artifício que ele empregou no Paraíso, quando disse: *Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal*[1945]?

Deus havia dito: *Não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente*[1946]. O inimigo veio e disse o contrário: *Oh, não! Vós não morrereis!*[1947] *Vossos olhos se abrirão e sereis como deuses*.

Deixou-se de lado então a proibição de Deus para dar ouvidos à insinuação do diabo e viu-se o quanto uma era verdadeira e a outra falsa.

Então, eu pergunto a vocês: do que adiantou a mulher dizer que foi a serpente que a tinha seduzido? Esta desculpa foi aceita? Se ela foi aceita, qual o motivo da terrível condenação que veio em seguida?

03 – Que os incontinentes não tardem em se converter.

Aí está porque, meus irmãos e meus filhos que possuem uma esposa, o motivo para eu lhes recomendar que não ultrapassem os limites.

Quanto a vocês que não possuem uma esposa, mas que desejam ter uma, conservem a pureza de vocês, como vocês desejam que suas futuras esposas conservem as delas.

E vocês que fizeram o voto de continência, evitem olhar para trás[1948].

Vocês veem que eu aconselho, eu grito no ouvido de vocês. Assim, eu cumpro minha obrigação, pois Deus me constituiu distribuidor e não repressor[1949]. No entanto, quando podemos, quando aparece a oportunidade, quando conhecemos o mal, nós reprimimos, nós censuramos, nós anatematizamos, nós excomungamos. Mas, infelizmente, não destruímos o mal!

Por quê? Porque *nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*[1950].

Neste momento então, que falo a vocês, que aconselho vocês, o que é necessário então, se não é que Deus me ouça e que aja em vocês, ou seja, em seus corações?

Aqui estão também algumas palavras que recomendo a vocês. Elas são para assustar os fiéis e levá-los ao bem. Vocês são membros de Cristo. Escutem então! Não eu, mas o Apóstolo. Ele questiona: *Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta?*[1951]

Alguém pode argumentar: “Mas não é uma prostituta; é minha concubina. Ó santo bispo! O senhor está dizendo que minha concubina é uma prostituta?”.

Fui eu então que disse isto? Foi o Apóstolo que clamou isto e você acusa a mim? Eu quero curar você. Por que se jogar sobre mim como um furioso?

Você que fala assim, tem uma esposa?

“Sim”.

Pois bem! Por consequência, como eu já disse, essa outra que dorme com você é uma prostituta. Vá agora e diga à sua esposa que o bispo acaba de ultrajá-lo.

Sim, você que tem uma esposa legítima, se você dorme com outra mulher, seja ela quem for, ela é uma prostituta. Mas sua esposa guarda, com relação a você, a fidelidade. Ela só conhece você e não procura conhecer outro. Se ela é casta, por que você não é? Se ela só tem você, por que você tem duas?

Você argumenta: “É minha serva que me serve de concubina. O senhor acha que eu procuro a mulher alheia ou as mulheres públicas? Em minha própria casa eu não posso fazer o que quero?”

Não, eu digo. E os que fazem isso se jogam no inferno. Eles queimarão nas chamas eternas.

04 – Corrigir-se enquanto é tempo.

Que me permitam dizer também isto. Eu peço que se corrijam dessas desordens enquanto vocês ainda estão vivos, para que mais tarde não possam fazê-lo, mesmo querendo, pois a morte chega subitamente. Então não há mais como se corrigir, mas simplesmente se jogar no fogo.

Como! Não sabem quando chegará a última hora e dizem: “Vou me corrigir”?

Quando você vai se dedicar a se corrigir, a mudar?

“Amanhã!” você responde. Mas, ao dizer amanhã, amanhã, *crá*, *crá*, você faz como o corvo.

Pois bem! Eu digo a você que gritar como o corvo é preparar sua perda. Esse corvo cuja voz você imita saiu da arca e não voltou[1952]. Mas você, meu irmão, entre na Igreja, que a arca simbolizava.

Vocês, recém-batizados, escutem-me! Escutem-me, vocês que acabam de ser regenerados pelo sangue de Jesus Cristo! Eu lhes imploro pelo nome que vocês receberam, por este altar do qual vocês se aproximaram, por estes sacramentos aos quais vocês foram admitidos, por Aquele que virá julgar os vivos e os mortos; eu lhes imploro, eu lhes suplico em nome de Jesus Cristo: não imitem aqueles em quem vocês reconhecem um comportamento assim. Conservem em vocês a graça do sacramento. Se o Filho de Deus não quis descer da cruz foi porque ele quis sair vivo do túmulo.

Sermão 225 - O alto preço da graça.

Para o dia de Páscoa II.

Aos novos batizados.

Análise

O que deve nos inspirar uma estima singular pela graça recebida por nós é a grandeza incomparável do Filho de

Deus que no-la concedeu, pois ele é verdadeiramente eterno, ele é o Verbo ou a Palavra de Deus, por quem tudo foi feito.

É verdade que ele encarnou no ventre da Virgem, por operação do Espírito Santo, mas sem deixar a companhia do seu Pai, assim como nossa palavra interior __ ou nosso pensamento __ permanece em nós, mesmo sendo comunicada aos outros.

Então, aproveitemos a graça que recebemos, já que essa graça nos fez luz, de trevas que éramos. Vivamos como convém fazer o dia pleno e invés de nos deixarmos levar pela desordem dos sentidos, dediquemo-nos à embriaguez espiritual que inspira o amor de Deus.

01 – O que era Cristo antes da encarnação.

O que deve nos inspirar a mais profunda estima pela graça divina é que o Filho de Deus nasceu do Pai quando o tempo não existia ainda.

O que ele era, de fato, antes de ser unido à sua humanidade? Suponha que você lhe dirija esta pergunta e que ele a responda.

Vejamos, meus irmãos! Cristo, antes de nascer da Virgem Maria, existia ou não existia?

Suponhamos mais uma vez que nos façamos esta pergunta, embora não possamos ter, sobre este assunto, a menor dúvida.

Pois bem! O Senhor já respondeu esta pergunta. De fato, como haviam lhe dito: *Não tens ainda cinquenta anos*

e viste Abraão!, ele replicou: *Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, eu sou*[1953].

Então, ele já existia, mas sem ser humano ainda. Assim, ninguém pode dizer que somente os anjos existiam então, já que o santo Evangelho ensina expressamente que Cristo também existia.

"Mas, o que ele era?", vocês perguntam.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus[1954]. Aí está o que ele era: *No princípio* ele *era o Verbo*.

Esse Verbo não foi formado no princípio, mas ele *era o Verbo*.

Quanto a este mundo, o que dizem as Escrituras? *No princípio, Deus criou os céus e a terra*[1955].

Através do que ele os fez? *No princípio era o Verbo*, por quem foram feitos o céu e a terra.

Esse Verbo não foi feito; ele *era*. Mas, enfim, o que ele era? Nós também empregamos verbos ou palavras. Em nós o pensamento concebe a palavra e a voz a exterioriza. Mas, concebidas e pronunciadas, todas elas passam.

Mas... e o Verbo de Deus? *O Verbo estava junto de Deus*.

"Diga-nos onde ele estava. Diga-nos o que ele era".

Já foi dito. O santo Evangelho não disse, de fato: *No princípio era o Verbo*?

"Mas isto não é dizer onde ele estava e nem o que ele era".

O Verbo estava junto de Deus.

"Mas eu perguntei o que ele era".

Você quer saber o que ele era? *O Verbo era Deus*.

Oh! Que Verbo! Que Verbo!

Quem poderá mostrar o que há nestas palavras: *O Verbo era Deus*?

“Então, ele não foi feito por Deus?”

De forma alguma. Escute ainda o Evangelho: *Tudo foi feito por ele*[1956].

“O que quer dizer *tudo*?”

Tudo o que Deus fez, ele o fez através dele. Como então poderia ter sido feito Aquele que fez tudo? Ele teria feito ele mesmo? Se ele se fez, ele já existia então, para poder se fazer. E, se ele não existia para poder se fazer, é que ele jamais foi sem existência.

02 – A encarnação de Cristo é obra do Espírito Santo.

Como esse Verbo divino veio ao ventre da Virgem Maria? *Tudo foi feito por ele*. *Tudo*; isto quer dizer que por ele foi feito tudo o que Deus fez. Evite, meu irmão, deixar de associar a esta obra imensa da encarnação o Espírito Santo.

Que obra imensa, de fato! Os anjos não são uma das menores obras, mas uma das maiores obras de Deus. Pois bem! Os anjos adoram a carne de Cristo sentado à direita do Pai e essa carne é sobretudo a obra do Espírito Santo. É ele que aparece como seu autor, quando um anjo anuncia à santa Virgem que ela iria ter um filho.

A santa virgem tinha resolvido conservar sua virgindade. Seu marido não deveria retirá-la, mas guardá-la. Ou melhor: como era Deus mesmo quem a guardava, seu marido era apenas a testemunha do seu pudor virginal e deveria afastar dela toda suspeita de adultério.

Assim, depois de ter ouvido as comunicações do anjo, ela perguntou: *Como se fará isso, pois não conheço homem?*[1957]

Se ela estivesse disposta a conhecer, ela teria ficado embaraçada? A prova do seu propósito está então nestas palavras de espanto: *Como se fará isso, pois não conheço homem?*

Como se fará isso?

O Espírito Santo descerá sobre ti, replicou o anjo. É assim que acontecerá essa obra. *E a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus*[1958].

Como é justa esta expressão! *A força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra*. Isto foi para afastar da virgindade dela o ardor da paixão.

Dela também foi dito quando estava grávida: *Ela concebeu por virtude do Espírito Santo*[1959].

O Espírito Santo então realmente formou o corpo de Cristo. Cristo, o Filho único de Deus o formou igualmente. Como provar isto? Pelo que foi dito sobre isto na Escritura: *A Sabedoria edificou sua casa*[1960].

03 – Mesmo no ventre da Virgem, o Verbo não deixou o céu.

Atenção, agora! Como um Deus tão grande, como um Deus que mora junto a Deus, como esse Verbo de Deus por quem tudo foi feito, pôde se encerrar no ventre de uma mulher?

Antes, esse Verbo, para chegar até ela, ele deixou o céu? Ele deixou o céu para ficar no ventre da Virgem?

Mas como poderiam sobreviver os anjos, se o Verbo tivesse deixado o céu? Não é menos verdade que, para permitir que os seres humanos comam o pão dos anjos, o Senhor dos anjos se fez humano.

Procure então ainda, pensamento humano; procure no meio de suas nuvens; esgote-se, fale, descubra como, sem deixar os anjos, sem deixar seu Pai, esse Verbo de Deus por quem tudo foi feito pôde descer ao ventre de uma Virgem; como ele pôde se encerrar lá.

“Ele pôde descer lá, mas não se encerrar lá”.

No entanto, como, sendo tão grande, ele pôde descer a um lugar tão estreito? Esse ventre virginal pôde conter o que o mundo não pode conter?

No entanto, ele não se apequenou para descer lá. Ele esteve lá em toda sua grandeza e que grandeza não era aquela!

Como era essa grandeza? Fale-me dela.

O Verbo estava junto de Deus. Mas o que ele era? *O Verbo era Deus*.

Eu também, que dirijo a vocês estas palavras, sei isso, mas não compreendo. No entanto, a reflexão estende, de

alguma forma, nossa mente e, ao estendê-la, ela a expande e, ao expandi-la, ela pode compreender mais.

Admitamos, no entanto, que, apesar dessa nova capacidade, não podemos compreender inteiramente. Exercitem-se sobre minhas próprias palavras. O que eu disse a vocês, o que eu ainda vou dizer, escutem e compreendam. São as minha palavras. São palavras humanas.

Ora, se vocês não podem nem mesmo compreendê-la, o quanto vocês não estão distantes de compreender o Verbo de Deus?

O que nos surpreende é que Cristo tenha tomado um corpo, nascido de uma Virgem, sem deixar seu Pai. Mas eu, que falo com vocês neste momento, eu refleti no que diria a vocês antes de vir aqui.

Uma vez estabelecido o que eu diria a vocês, eu passei a possuir uma palavra em mim mesmo. Eu poderia falar a vocês, se antes eu não tivesse pensado?

Como vocês são latinos, eu devo falar com vocês em latim, assim como teria que falar em grego, fazer com que vocês ouvissem palavras gregas, se vocês fossem gregos.

Mas a palavra que tenho em mim não é nem grega e nem latina. Ela é, em minha mente, anterior a estas formas de linguagem.

Para produzi-la eu procuro sons; eu procuro um veículo para conduzi-la até vocês sem que ela me deixe.

Pois bem! O que estava então na minha mente não está agora na mente de vocês? Ele está na mente de vocês tanto

quanto está na minha, ao mesmo tempo. Vocês o possuem sem que eu tenha perdido nada.

Da mesma forma então que minha palavra assumiu um som para se fazer entender, da mesma forma, para se fazer ver, o Verbo de Deus assumiu um corpo.

Eu falei o que pude. Mas, o que foi que eu falei? O que eu sou, aliás? Uma pessoa que procurou falar de Deus a vocês. Mas Deus é tão grande e de uma natureza tal que não poderíamos falar dele adequadamente e nem mesmo falar dele.

04 – Encher-se com o Espírito Santo.

Eu vos dou graças, Senhor, por conhecerdes o que eu disse ou quis dizer. Se dou aos meus companheiros, em vosso serviço, migalhas caídas de vossa mesa, vós alimentais e saciais interiormente aqueles que regenerastes.

O que foi essa multidão? Trevas. Mas agora ela é luz no Senhor. Foi de pessoas semelhantes a ela que o Apóstolo disse: *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*[1961].

Vocês então que acabam de ser batizados, *outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*. Se vocês são luz, vocês são também dia, pois o Senhor deu à luz o nome de dia[1962].

Vocês eram trevas e Deus fez de vocês luz. Ele fez de vocês dia e é a vocês o que se aplica o que acabamos de

cantar: *Este é o dia que o Senhor fez. Que ele seja para nós dia de alegria e de felicidade*[1963].

Tenham horror às trevas. A embriaguez é uma obra das trevas. Não saiam sóbrios daqui para voltarem embriagados, pois nós nos veremos novamente à tarde.

O Espírito Santo começou a morar em vocês. Não o façam sair. Evitem afastá-lo dos seus corações. Hóspede generoso, ele os encontrou pobres e os enriqueceu. Ele os encontrou com fome e os alimentou; com sede e os embriagou. Sim. Que ele os embriague, já que o Apostolo disse: *Não vos embriagueis com vinho, que é uma fonte de devassidão*. Depois, como que para nos ensinar com o que devemos nos embriagar, ele continua: *mas enchei-vos do Espírito. Recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai de todo o coração os louvores do Senhor*[1964].

Ora, se alegrar no Senhor e cantar louvores a Deus com uma viva alegria não se parece com uma embriaguez? Amem então essa embriaguez, pois *dais de beber das torrentes de vossas delícias, porque em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz*[1965].

De onde vem então essa embriaguez? D*a fonte da vida,* d*a luz* em *que vemos a luz*.

Assim, o Espírito de Deus é, ao mesmo tempo, bebida e luz. Se você descobrisse uma fonte no meio das trevas, para se aproximar dela você acenderia uma tocha. Não é preciso uma tocha para ir até á fonte da luz. Ela é suficiente para nos iluminar e dirigir nosso caminho até ela.

Você quer ir até lá e beber dela? Quanto mais você se aproximar, melhor você verá. *Aproxime-se dele e ilumine-se*[1966]. Evite se afastar dele, pois você logo mergulhará nas trevas.

Senhor, meu Deus! Chame, para que se aproximem de vós! Fortifique, para que não se afastem de vós! Renove vossos filhos. Envelheça esses pequeninos, mas não faça morrer os velhos. Que possamos envelhecer na Sabedoria divina e não morrer nela.

Sermão 226 - O novo dia I.

Para o dia de Páscoa III.

Análise

Nosso Senhor, sendo a luz eterna, é o dia eterno. Foi ele também que fez o dia criado no principio do mundo e, ao nos chamar à luz do Evangelho, ele fez de nós um novo dia.

Então, conduzamo-nos como filhos da luz.

01 – Os recém-batizados são o dia que o Senhor fez e no qual devemos nos alegrar e exultar.

Vocês ouviram pregar sobre Nosso Senhor que, *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*[1967]. Pois, se esse mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor não tivesse se humilhado e tivesse desejado permanecer para sempre em sua grandeza, ele não teria se feito humano.

Reconhecemos, portanto, que o Verbo é Deus e permanece junto a Deus. Reconhecemos que o Filho único é igual ao Pai. Reconhecemos que ele é luz da luz e dia saído do dia.

Ele é o dia que fez o dia, sem ter sido feito, mas formado pelo dia. Ora, se esse dia saído do dia não foi feito, mas gerado, qual foi o dia que fez o Senhor?

Antes de tudo, por que chamá-lo de dia? Porque ele é luz e *Deus chamou à luz dia*[1968].

Agora, qual foi o dia que fez o Senhor, para que nele nos entregássemos à alegria e à felicidade?

Com relação à primeira formação do mundo, lemos que *as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia e às trevas noite*[1969].

Aí está o dia que fez o Senhor. Mas, este é o dia em que devemos nos entregar à alegria e à felicidade? Trata-se de outro dia, formado também pelo Senhor, ao qual devemos nos dedicar mais, para nele estimular em nós a alegria e a felicidade.

Não foi dito aos fiéis que acreditam no Cristo: *Vós sois a luz do mundo*[1970]? Se eles são luz, eles são dia, pois *Deus chamou à luz dia*.

Ainda ontem então o Espírito de Deus estava aqui mesmo, pairando sobre as águas e as trevas estavam acima do abismo, pois esses iniciantes estavam carregados com seus pecados.

Assim, foi quando esses pecados foram perdoados pelo Espírito de Deus que Deus disse: "*Faça-se a luz!*" *E a luz foi feita.*

Então, *este é o dia que o Senhor fez. Que ele seja para nós dia de alegria e de felicidade*[1971].

Dirijamos a esse dia as mesmas palavras do Apóstolo: “Ó Dia que o Senhor fez! *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor*. *Comportai-vos como verdadeiras luzes*[1972].

Sim, diz o Apóstolo: *Outrora éreis trevas*.

Vocês eram ou não? Perguntem ao seu comportamento passado se vocês eram ou não eram. Olhem em suas consciências os atos aos quais renunciaram.

Pois bem! Já que vocês outrora eram trevas e agora são luzes __ não em vocês mesmos, mas *no Senhor* __ comportem-se como verdadeiras luzes.

Queiram se contentar com estas poucas palavras, pois ainda temos que trabalhar e explicar hoje mesmo, aos iniciantes, os sacramentos do altar.

Sermão 227 - A Eucaristia.

Para o dia de Páscoa IV.

Aos recém-batizados.

Análise

Após ter recordado que a Eucaristia é realmente o corpo e o sangue de Jesus Cristo, Santo Agostinho quer

mostrar que esse sacramento é também um símbolo de união.

Que união admirável entre os grãos de trigo que compõem o pão eucarístico!

Assim, ao nos convidar solenemente para elevarmos nossos corações rumo a Deus e ao nos dar o santo beijo da paz, a Igreja nos repete que devemos estar ligados pelo amor a Deus e aos nossos irmãos.

Tomemos cuidado para não profanarmos um sacramento tão poderoso.

01 – O pão eucarístico é um sinal de unidade.

Eu não esqueci meu compromisso. A vocês que acabam de ser batizados eu prometi um sermão sobre o sacramento da mesa sagrada; sacramento que vocês contemplam neste exato momento e do qual vocês participaram na última noite. Vocês devem conhecer, de fato, o que vocês receberam, o que receberão e o que devem receber a cada dia.

Este pão então que vocês veem sobre o altar, uma vez santificado pela palavra de Deus, é o corpo de Cristo. Este cálice __ ou melhor, o que contém este cálice __ uma vez santificado também pela palavra de Deus é o sangue de Cristo e Cristo Nosso Senhor quis com isso propor, à nossa veneração, seu próprio corpo e o sangue que ele derramou a nosso favor para a remissão dos pecados.

Mas, se vocês os receberam bem, vocês são o que vocês receberam, sem nenhuma dúvida. De fato, diz o Apóstolo:

Nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão[1973]. Assim, ele mostrou o significado deste sacramento, recebido na mesa do Senhor: *embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão*.

Esse pão sagrado nos ensina então o quanto devemos amar a união. De fato, ele é formado por um só grão? Ele não é, pelo contrário, formado por muitos grãos de trigo? Esses grãos, antes de terem sido transformados em pão, estavam separados uns dos outros e a água serviu para uni-los, depois de terem sido moídos, pois se o trigo não for moído e se a farinha não for embebida pela água, jamais se faz um pão.

Assim, nestes dias passados vocês foram, em certo sentido, esmagados sob o peso das aflições do jejum e das práticas misteriosas do exorcismo. A água do batismo veio como que penetrá-los em seguida, para fazer de vocês uma espécie de massa espiritual.

Mas não há pão sem o calor do fogo. O que simboliza aqui o fogo? O Santo Crisma, pois o óleo que mantém o fogo entre nós é o símbolo do Espírito Santo.

Fiquem atentos à leitura dos Atos dos Apóstolos. É neste momento, é hoje mesmo que se começa a ler esta obra e todo aquele que quer fazer progressos na virtude encontra nela os meios para conseguir isso.

Quando vocês vierem à Igreja, deixem de lado suas preocupações fúteis e apliquem-se em estudar as

Escrituras. Somos para vocês como que os livros que as contém.

Observem então e reconheçam que o Espírito Santo descerá no dia de Pentecostes. Como ele virá? Como um fogo, já que ele se mostrou sob a forma de línguas de fogo.

É ele, de fato, que nos inspira o amor, para nos inflamar de ardor para com Deus e infundir em nós o desprezo pelo mundo e também para consumir em nós o que temos de palha e purificar nossos corações, como se faz com o ouro.

Portanto, o Espírito Santo virá como o fogo depois da água e vocês se tornarão um pão sagrado: o corpo de Jesus Cristo. Não é verdade então que o sacramento da mesa santa nos lembra a unidade?

Vejam também como os mistérios do sacrifício se seguem naturalmente. Depois de terem rezado, vocês são primeiro convidados a voltar seus corações para o alto. Não é isto o que devem fazer os membros de Cristo?

Vocês se tornaram os membros de Cristo, mas onde está a Cabeça de vocês? Os membros possuem uma Cabeça e se a Cabeça não caminha na frente, os membros não a seguirão.

Aonde foi então a Cabeça de vocês? O que vocês repetiram no Símbolo? “No terceiro dia ele ressuscitou dos mortos, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai”.

Então, nossa Cabeça está no céu. É por isso que, quando vocês são convidados a voltar seus corações para o alto, vocês respondem: “Nosso coração está em Deus”.

É de se temer, no entanto, que vocês atribuam às suas forças, aos seus méritos, aos seus esforços, terem voltado seus corações para o Senhor, enquanto que vocês só o fizeram por causa da graça de Deus.

Assim, quando o povo respondeu: “Nosso coração está em Deus”, o bispo __ ou o sacerdote que celebra __ continua e diz: “Demos graças ao Senhor nosso Deus”, por nosso coração estar junto a ele. Vamos dar graças a Deus, então, pois, sem ele, esse coração permaneceria na terra.

Por isso vocês aplaudem também ao responderem: “É justo e necessário”, que demos graças Àquele que nos propicia ter nossos corações erguidos para nossa Cabeça.

Em seguida, depois da consagração do divino sacrifício, como ele queria que também nós fôssemos esse sacrifício __ como é demonstrado no momento em que se coloca no altar o sacrifício de Deus e também nós, ou seja, o signo e a coisa significada que somos nós __ recita-se a Oração do Senhor, que foi ensinada para vocês e que vocês repetiram.

Depois, na sequência desta oração, é dito: “A paz esteja com vocês” e os cristãos se dão então um beijo santo. Este beijo é um símbolo de paz e o que os lábios demonstram devem acontecer no coração. Da mesma forma como seus lábios se aproximam dos lábios do seu irmão, assim também seu coração não deve se afastar do dele.

Que grandes, que profundos sacramentos!

Vocês querem saber a ideia que vocês devem ter deles?

Todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpável do corpo e do sangue

do Senhor[1974], diz o Apóstolo.

O que é recebê-los indignamente? É recebê-los com escárnio, com desprezo.

Não despreze o que você vê. O que você vê passa, sem dúvida, mas a realidade invisível não passa; ela permanece.

Recebe-se, come-se, consome-se; mas o que se consome? É o corpo de Jesus Cristo? É a Igreja? São seus membros?

De forma alguma. Seus membros, pelo contrário, retiram daí a santidade, para receberem, em outro lugar, a coroa.

É por isso que a realidade invisível sobreviverá eternamente, embora se vejam passar os emblemas sagrados. Recebe-os então, mas com recolhimento, para terem a união no coração e para terem constantemente seus corações fixados no céu.

Sim, coloquem suas esperanças no céu e não na terra. Que a fé de vocês em Deus seja firme e que ela seja agradável a Deus, pois o que vocês acreditam agora sem ver, vocês verão na pátria onde a alegria de vocês será sem fim.

Sermão 228 - Os bons exemplos.

Para o dia de Páscoa V.

Ao povo e aos recém-batizados.

Análise

Esta é uma curta e viva exaltação dirigida ao povo, para evitar que eles deem maus exemplos aos recém-batizados e aos recém-batizados para engajá-los a não perder de vista os exemplos de Jesus Cristo, a só tomarem como modelo os bons cristãos e para eles mesmos servirem de modelos.

01 – Os fiéis dão exemplos de retidão aos iniciantes.

Como *o espírito está pronto, mas a carne é fraca*[1975], não devo segurá-los por muito tempo, por causa do cansaço da última noite. No entanto, devo a vocês algumas palavras.

Estamos em festa e na alegria nos dias que se seguem à Paixão de Nosso Senhor, em que cantamos aleluia para louvar a Deus, até o dia de Pentecostes, quando o Salvador enviou do céu o Espírito Santo que ele havia prometido.

Ora, nestes cinquenta dias, há sete ou oito __ que são estes que estamos vivendo __ que consagramos aos sacramentos recebidos pelos iniciantes. Há pouco tempo nós os chamávamos de postulantes e agora os chamamos de iniciantes.

Eles eram chamados de postulantes porque então eles sacudiam, de certa forma, as entranhas de suas mães para conseguir que fossem dados à luz. Agora eles são chamados de iniciantes porque, se anteriormente eles estavam nascidos para o mundo, neste momento eles apenas acabam de nascer para Cristo e a vida, que já deve ser plena de força em vocês, mas que neles é ainda toda nova.

Vocês então que são fiéis antes deles, deem-lhes exemplos, não para lhes tirar essa vida, mas para desenvolvê-la neles.

Esses recém-nascidos observam os mais velhos e querem saber como eles vivem. Não é o que fazem os filhos de Adão? Bem pequenos ainda, logo que podem ver como vivem os grandes, eles os observam para imitá-los.

Ora, como os mais jovens caminham seguindo os passos dos mais velhos, é desejável que estes caminhem no bom caminho, para que, ao segui-los, os mais jovens não pereçam com eles. Portanto, meus irmãos, como vocês são, em certo sentido, visto o tempo da regeneração de vocês, os pais desses recém-batizados, é a vocês que eu me dirijo e os convido a merecerem, com seus comportamentos, não perecer, mas regozijar com aqueles que os imitam.

Suponhamos um fiel em estado de embriaguez e um iniciante o observa. Não é de se temer que ele diga: “Oras! Aquele ali é um fiel e se entrega a tais excessos?!”

Ele observa outro que é um agiota, que dá com pesar, que exige cruelmente o que lhe é devido e pensa: “Farei como ele”.

Dizem a ele: “Você agora é um fiel. Não aja assim. Você é batizado, você é regenerado, você tem outras esperanças; tenha também outros costumes”.

E ele replica: “Mas por quê? Fulano e Beltrano não são também fiéis?”

Não vou dizer mais nada. Como, aliás, recordar todos?

Então, meus irmãos, se vocês se conduzem mal, vocês que já são fiéis há mais tempo, vocês terão que prestar contas a Deus tanto por vocês quanto por eles.

02 – Os iniciantes devem seguir os exemplos dos bons.

É a eles agora que direi para serem como o bom grão na eira, que não sigam a palha que o vento leva à perdição e que, para chegarem ao reino da imortalidade, que se deixem reter sob o peso do amor.

Sim, meus irmãos, meus filhos, plantas novas da Igreja sua mãe, eu suplico a vocês em nome do que vocês receberam: tenham o olhar fixo Naquele que os chamou, que os amou, que os procurou quando vocês estavam perdidos e que os iluminou depois de terem sido encontrados. Não sigam os passos dessas pessoas perdidas em quem está muito mal colocado o título de fiéis, pois não se perguntará que título eles carregam, mas se seus comportamentos correspondem aos seus títulos.

Se essa pessoa foi regenerada, onde está sua nova vida? Se ela é fiel, onde está sua fé? Falam-me do título, mas eu gostaria de ver a realidade.

Escolham por modelo pessoas que temam a Deus, que entram com respeito em sua Igreja, que ouvem com atenção suas palavras, que as conservam na lembrança, que as meditam e que as praticam. Estes são os modelos que vocês devem escolher.

Não digam a vocês mesmos: “Oras! Onde encontraremos pessoas assim?” Sejam assim e vocês encontrarão pessoas assim.

Os semelhantes se unem aos semelhantes. Se você vive na desordem, só se unirão a você pessoas desordeiras. Comece a viver saudavelmente e você verá quantos amigos o cercarão, quantos irmãos farão sua alegria.

O quê?! Você não encontra ninguém a quem imitar? Pois então, mereça ser imitado.

03 – O sacramento do altar.

Ainda hoje devemos dirigir, do altar de Deus, um sermão aos iniciantes sobre o sacramento do altar.

Nós lhes falamos do sacramento do Símbolo, ou do que eles devem acreditar; do sacramento da Oração do Senhor, ou do que eles devem pedir; enfim, do sacramento das fontes sagradas, ou do batismo.

Eles ouviram todos estes mistérios serem tratados e receberam todos estes ensinamentos. Mas eles não aprenderam nada ainda sobre o sacramento do altar, que eles viram hoje pela primeira vez. Devo então falar com eles sobre este assunto.

Assim, nosso cansaço pessoal e a edificação desses iniciantes pedem que este sermão não se prolongue por mais tempo.

Créditos

© 2020 Valdemar Teodoro Editor. Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido por: Souza Campos, E. L. de

Original: *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Organizada pelo Abade Raulx. Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1864-1873.

Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Jean-Baptiste Raulx.

Conteúdo

SERMÕES II

Sermão 115 - A humildade na prece.
Análise
01 – Fé e prece precisam uma da outra.
02 – A parábola do fariseu e do publicano.
03 – Contra os pelagianos.
04 – Aos bebês é necessário o batismo de Cristo.
Sermão 116 - A economia da fé.
Análise
01 – Cristo ressuscitado aparece em seu corpo.
02 – A dúvida dos discípulos.
03 – Como os Apóstolos se convenceram da ressurreição de Cristo.
04 – Contra aqueles que negam a realidade da ressurreição de Cristo.
05 – Cristo mostrou-se como a cabeça e prometeu a Igreja como seu corpo.
06 – Está prometido que a Igreja vai espalhar-se por todos os povos.
07 – Saulo se torna pregador do Evangelho.
Sermão 117 - O Verbo de Deus.
Análise
01 – A que preço se obtém a compreensão do Verbo de Deus.
02 – A própria pessoa é o preço do Verbo.
03 – O Verbo de Deus é pura forma não formada, eterna e imutável.
04 – Íntegro tanto nas partes como no todo.
05 – Tocar Deus, sem compreendê-lo já é uma grande felicidade.
06 – O Verbo é coeterno com o Pai.
07 – É difícil explicar coisas divinas a pessoas carnais.
08 – Semelhanças que podem ser usadas para refutar os arianos.
09 – Nossa fé, no entanto, não se baseia em similitudes.
10 – Semelhanças inadequadas ao Filho de Deus.
11 – Nas coisas contemporâneas há uma certa semelhança com o Verbo.
12 – Outro exemplo de coexistência: a imagem e a realidade que a origina.
13 – Da semelhança apresentada resulta a dessemelhança.
14 – Duas ordens de similaridade: o Filho de Deus coeterno e igual.
15 – Para ver Deus é necessário purificar o olho do coração.
16 – Na encarnação o Verbo se fez como leite, para que pudéssemos absorvê-lo.
17 – A humildade deve ser aprendida com o Verbo encarnado.

Sermão 118 - A eternidade do Verbo de Deus.
Análise
01 – O Verbo eterno de Deus foi gerado, não criado.
02 – Com uma semelhança se explica que o Filho é coeterno ao Pai.
Sermão 119 - O Verbo de Deus feito carne.
Análise
01 – O Verbo eterno de Deus.
02 – O Verbo de Deus não foi criado.
03 – O incompreensível Verbo de Deus.
04 – O Verbo encarnado.
05 – O mistério da encarnação.
06 – A encarnação é obra do Verbo onipotente.
07 – E encarnação do Verbo explicada com uma similitude.
Sermão 120 - O Verbo onipresente de Deus.
Análise
01 – O incompreensível Verbo de Deus é revelado no Evangelho.
02 – O Verbo de Deus é tudo em tudo.
03 – Entender o Verbo divino através das palavras humanas.
Sermão 121 - Os dois nascimentos.
Análise
01 – O mundo foi feito pelo Senhor, mas não o reconheceu.
02 – O Senhor veio para sua própria gente, mas ela não o reconheceu.
03 – Os que o acolheram.
04 – O duplo nascimento.
05 – Filho de Deus e Filho do Homem. No alto e em baixo.
Sermão 122 - Jesus e Natanael.
Análise
01 – Natanael na figueira e a humanidade no pecado.
02 – O sonho simbólico de Jacó.
03 – Os dois nomes e a luta de Jacó.
04 – Abraão não conserva o primeiro e nem o segundo nome.
05 – A Israel que se tornar crente no fim dos tempos é prometida a visão de Deus.
06 – Cristo está presente na terra e no céu.
Sermão 123 - A humildade de Cristo.
Análise
01 – A humildade de Cristo é o remédio para nossa soberba.
02 – Por que não transformar pedra em pão e transformar água em vinho.
03 – A humildade de Cristo é o caminho para a Pátria.
04 – Cristo está no céu e na terra e é rico e pobre.

05 – Todos somos pobres e mendigos perante Deus.
Sermão 124 - A piscina de Betesda I.
Análise
01 – Foi simbólica a cura do paralítico na piscina.
02 – Toda esta vida é uma tribulação.
03 – O significado da piscina probatória.
04 – Cristo se tornou mortal para conceder a imortalidade.
Sermão 125 - A piscina de Betesda II.
Análise
01 – Não é inútil retomar temas já tratados.
02 – Os cinco pórticos representam a Lei mosaica.
03 – A cura de um só enfermo por vez.
04 – O repouso de Deus no sétimo dia.
05 – A providência de Deus na disposição dos males.
06 – A dupla causa de indignação dos judeus.
07 – O amor ao mundo não é conciliável com o amor a Deus.
08 – O que se recebe deve ser multiplicado e distribuído.
09 – Os quarenta dias de jejum de Moisés, Elias e Cristo.
10 – A Lei não pode ser cumprida sem o amor.
11 – A alma deve ser desapegada das coisas temporais.
Sermão 126 - O olhar do Verbo de Deus.
Análise
01 – A fé deve preceder a compreensão.
02 – É um absurdo não querer acreditar no que se vê.
03 – Das coisas criadas visíveis, deve-se voltar para o Criador.
04 – Cristo realizou milagres extraordinários para que Deus fosse reconhecido na vida cotidiana.
05 – O milagre do nascimento virginal se revelou em Cristo.
06 – Do milagre do nascimento de Cristo somos levados a acreditar no Verbo de Deus.
07 – Falar do que se acredita e do que se sabe.
08 – O erro dos arianos nas palavras do Senhor.
09 – As obras do Pai só se realizam através do Filho.
10 – É a Trindade que realiza as mesmas obras.
11 – Uma Trindade enquanto Pessoas, mas uma unidade enquanto Natureza Divina.
12 – O significado das palavras de Cristo deve primeiro ser buscado com a fé justa.
13 – A dificuldade de compreender a visão do Verbo, por não poder conhecê-la.
14 – Em Cristo era visível aos humanos a forma de servo e aos bem-aventurados era visível a forma de Deus.
15 – O olhar do Verbo não é diferente do Verbo.

Sermão 127 - A vida eterna.
Análise
01 – A esperança dos cristãos está nas coisas invisíveis.
02 – O quanto deve ser amada a vida eterna que nos é prometida.
03 – O preço da vida eterna.
04 – A geração eterna do Filho.
05 – A geração eterna do Filho não pode ser explicada.
06 – Deus é o alimento do espírito devoto.
07 – A alma é ressuscitada pela fé.
08 – A ressurreição do corpo é um bem para alguns e uma danação para outros.
09 – Causa e objetivo da encarnação do Filho de Deus.
10 – Cristo é um juiz em forma de servo.
11 – Ver Deus é a felicidade maior.
12 – A natureza de servo se manifestará a todos, mas a natureza divina somente aos crentes.
13 – Depois da ressurreição, a vida eterna na visão de Deus.
14 – O que será a ressurreição da carne.
15 – A ressurreição dos mortos por parte de Deus não é menos crível do que a criação.
Sermão 128 - O combate espiritual.
Análise
01 – Quão verdadeiro é o testemunho de Jesus Cristo sobre ele mesmo.
02 – O porquê do testemunho de São João Batista.
03 – Nos mártires, Cristo dá testemunho dele mesmo.
04 – O amor é dado através do Espírito Santo.
05 – A luta entre o espírito e a carne.
06 – O testemunho de Paulo sobre a luta entre a carne e o espírito.
07 – O perigo da interpretação errada do ensinamento do Apóstolo.
08 – O combate interior deve ser conduzido de modo que o espírito não seja subjugado pela carne.
09 – Combater os desejos da carne é um dom do Espírito Santo em nós.
10 – Como pode ser que nesse combate os santos não façam o que querem.
11 – O ser humano não quer os desejos da carne e não faz o que quer.
12 – A arma que nos foi dada para lutar.
13 – Em que consiste satisfazer os desejos da carne.
14 – Os três mortos ressuscitados por Cristo simbolizam três graus de pecados.
Sermão 129 - A credibilidade de Jesus.
Análise
01 – Enunciação da passagem evangélica.
02 – As palavras de Cristo aos discípulos também dizem respeito a nós.

03 – A infidelidade dos judeus.
04 – As palavras de Cristo contra os judeus e a união da Igreja contra os donatistas.
05 – Os testemunhos do Antigo Testamento sobre Cristo e a Igreja.
06 – Os testemunhos do Novo Testamento sobre Cristo e a Igreja.
07 – A imitação da impiedade do Anticristo.
08 – A doutrina católica e a doutrina donatista.
09 – A injustiça contra Cristo.
Sermão 130 - O pão da vida.
Análise
01 – O significado do milagre.
02 – Pela encarnação Cristo tornou-se pão, mercador, redentor e libertador.
03 – Cristo deve ser amado e, pelo que ele fez, ele fez ser digno de fé o que ele prometeu.
04 – O que Cristo nos deu é tão maravilhoso quanto o que ele nos prometeu.
05 – A segurança dos Cristãos é a proteção de Cristo.
Sermão 131 - Sobre a graça.
Análise
01 – O sacramento do corpo e do sangue de Cristo.
02 – A fé é um dom de Deus e a graça possui uma suave violência.
03 – Nem à fé e nem à vida boa se atribua a própria força.
04 – A graça é necessária para o batizado caminhar na via reta.
05 – Se quem trilha o caminho dos justos se atribui o mérito, acaba se desviando.
06 – A remissão dos pecados no batismo e o estado da enfermidade após o batismo.
07 – Os quatro benefícios da graça.
08 – O último benefício da graça: a coroa da justiça.
09 – A justiça ignorada e a graça oculto no Antigo Testamento e revelada no Novo Testamento.
10 – Questão encerrada.
Sermão 132 - A pureza e a santa comunhão.
Análise
01 – Os catecúmenos são convidados à graça da regeneração.
02 – Os fiéis casados devem observar a castidade antes da comunhão.
03 – O voto de castidade.
04 – Todos devem perseverar no seu próprio estado.
Sermão 133 - Jesus acusado de mentira.
Análise
01 – Exposição da leitura do Evangelho.
02 – Cristo não mentiu nesta passagem.
03 – Mentir é mais sério do que enganar-se.

04 – Qual é a diferença entre enganar-se e mentir.
05 – Cristo não pode enganar e nem mentir.
06 – Da própria verdade do Evangelho se reivindica a verdade em Cristo.
07 – A solução do problema.
08 – Outra solução.
Sermão 134 - A verdadeira liberdade.
Análise
01 – O mestre de todos é Cristo.
02 – O prêmio de quem permanece fiel à palavra de Cristo.
03 – A escravidão do pecado.
04 – Somente Cristo liberta da escravidão do pecado e da morte.
05 – Os pecados e os sacrifícios pelos pecados.
06 – Conclusão.
Sermão 135 - O cego de nascença I.
Análise
01 – Todos são cegos de nascença.
02 – Uma passagem interpretada erroneamente.
03 – O Pai e o Filho executam as mesmas obras.
04 – O Filho de Deus é da mesma substância do Pai e, como ele, eterno.
05 – Assim como o Filho faz as obras do Pai, o Pai faz as obras do Filho.
06 – As orações dos pecadores também são ouvidas.
07 – Ninguém é sem pecado neste mundo.
08 – Os Apóstolos foram expostos ao pecado mesmo depois da ressurreição de Cristo.
Sermão 136 - O cego de nascença II.
Análise
01 – A iluminação do cego de nascença.
02 – O cego errou ao dizer que os pecadores não são ouvidos.
03 – A cegueira dos que acusaram Cristo de desrespeitar o sábado.
04 – Como piorou a cegueira geral com a vinda de Cristo.
05 – O testemunho de Paulo sobre a impotência da Lei.
06 – O que representa Eliseu ao tentar restituir a vida a um morto?
Sermão 137 - O bom pastor I.
Análise
01 – A saúde dos membros na unidade e no amor.
02 – A unidade de Cristo e dos membros.
03 – Pedro, em sua fraqueza, desconhece a si mesmo.
04 – O que é exigido de Pedro: entrar no redil através da porta.
05 – As três pessoas que vão ao redil: o pastor, o ladrão e o mercenário.
06 – O que Cristo diz sobre os fariseus se aplica também aos maus pastores da Igreja.

07 – Os maus clérigos falsificam a verdade e induzem ao pecado.
08 – Uma interpretação distorcida do Evangelho.
09 – Os maus pastores são semelhantes aos fariseus.
10 – Deus deve ser buscado fielmente.
11 – De que modo são úteis os mercenários.
12 – O mercenário fujão, os lobos e os bandidos.
13 – Colher uvas no meio de espinhos.
14 – Os mercenários fujões favorecem os ímpios.
15 – As contas que os pastores devem prestar pelas ovelhas.
Sermão 138 - O bom pastor II.
Análise
01 – Porque o bom pastor é invocado no singular.
02 – O martírio é nulo sem o amor.
03 – O amor é o maior dos bens.
04 – Pedro e outros são bons pastores.
05 – Todavia, um só é o Bom Pastor: Cristo.
06 – O amor da noiva por Cristo.
07 – As palavras da noiva e os companheiros.
08 – A resposta do Noivo.
09 – As palavras da noiva são difamadas.
10 – O desmentido.
Sermão 139 - A consubstancialidade do Filho com o Pai.
Análise
01 – Cristo como o Unigênito de Deus Pai.
02 – O Filho de Deus e seu Pai são de uma mesma substância.
03 – A objeção dos arianos.
04 – É uma grave blasfêmia afirmar que o Filho é de substância diferente da do Pai.
05 – Os arianos, ofendendo o Filho, fingem honrar o Pai.
Sermão 140 - A igualdade do Filho com o Pai.
Análise
01 – A fé em Cristo.
02 – São dois os nascimentos de Cristo
03 – Porque Cristo é chamado de o verdadeiro Filho de Deus.
04 – Ninguém, além de Cristo, ousou dizer que é um com o Pai.
05 – A igualdade do Filho com o Pai.
06 – O Verbo de Deus é o mandamento do Pai.
Sermão 141 - Jesus, nosso caminho.
Análise
01 – A verdade descoberta pelos filósofos deste mundo não é o caminho.

02 – Como eles vislumbraram a verdade.
03 – A tolice dos adoradores de ídolos.
04 – Cristo se fez o caminho.
Sermão 142 - A necessidade da humildade.
Análise
01 – Cristo é o caminho seguro.
02 – Cristo humilde é o caminho.
03 – Provoca-se uma perturbação no pecador para salvá-lo.
04 – Ódio pelo pecado e amor pelo pecador.
05 – O tumor da soberba é curado com o remédio da humildade.
06 – Cristo, como médico, bebe o cálice antes que os doentes.
07 – Cristo quer que aprendamos com ele a humildade.
08 – O amor sem a soberba.
09 – Sem o amor os outros dons de Deus não beneficiam em nada.
10 – Com a imitação chega-se à perfeição e ao amor de Cristo.
Sermão 143 - O Espírito da Verdade prometido.
Análise
01 – A fé em Cristo é necessária para a justificação.
02 – Só o pecado da descrença em Cristo é culposo.
03 – O grande dom do Espírito Santo, depois da Ascensão de Cristo.
04 – A justiça da fé.
05 – A indesculpável incredulidade do mundo.
Sermão 144 - O Espírito Santo julgando o mundo.
Análise
01 – Porque só o pecado da incredulidade é condenado.
02 – Crer na existência de Cristo e crer em Cristo são coisas diferentes.
03 – A justiça sobre a qual o mundo será arguido.
04 – Porque razão é justiça o retorno de Cristo ao Pai.
05 – Uma é a unidade de Cristo com o Pai, outra é sua unidade conosco.
06 – De que maneira é nossa a justiça de Cristo.
Sermão 145 - O que é pedir alguma coisa?
Análise
01 – A passagem de São João está relacionada com a passagem de São Lucas.
02 – O medo e a esperança.
03 – O medo sob a Lei e a esperança sob a graça.
04 – O amor não vem de nós; vem de Deus.
05 – A Lei anula a presunção e a graça anula a servidão.
06 – Quem ainda está sob a Lei não está livre de desejos.
Sermão 146 - O rebanho de Cristo.

Análise
01 – Os pastores e as ovelhas.
02 – Os recém-batizados devem evitar os maus cristãos e os cismáticos.
Sermão 147 - A transformação de São Pedro.
Análise
01 – A presunção e a negação de Pedro.
02 – O verdadeiro amor de Pedro por Cristo.
03 – Pedro é abandonado por Cristo e depois fortalecido.
Sermão 148 - Ananias e Safira.
Análise
01 – As mortes de Ananias e Safira não são uma punição muito severa.
02 – Os votos devem ser cumpridos.
Sermão 149 - Quatro questões.
Análise
01 – Primeira questão: a visão de São Pedro.
02 – Pedro não foi obrigado a ser voraz.
03 – A abstinência dos judeus dos animais impuros era apenas um símbolo.
04 – Os animais proibidos aos judeus são símbolos.
05 – Porque as prescrições das observâncias judaicas devem ser lidas.
06 – A visão de Pedro decifrada.
07 – Pedro representa a Igreja.
08 – Os pagãos admitidos à Igreja.
09 – A toalha de linho.
10 – O tríplice abaixamento.
11 – A segunda questão: esconder ou divulgar as boas obras?
12 – A discordância surge de uma má interpretação.
13 – A conciliação das passagens aparentemente contraditórias.
14 – O sentido correto das passagens está nas próprias palavras de Cristo.
15 – Terceira questão: que a mão esquerda não saiba o que faz a direita.
16 – Quarta questão: o amor e o ódio ao inimigo.
17 – Deve-se rezar pelos perseguidores.
18 – Está prescrito amar até os inimigos.
19 – As brasas na cabeça do inimigo.
Sermão 150 - A fonte da felicidade.
Análise
01 – A pregação de Paulo em Atenas.
02 – A fé dos cristãos.
03 – Os estoicos e os epicuristas discutindo com Paulo.
04 – Todos desejam a vida feliz.

05 – As opiniões dos epicuristas e dos estoicos sobre a vida feliz.
06 – O Apóstolo não aprova a opinião dos epicuristas.
07 – O jejum, combinado com a prece e a boa ação.
08 – O Apóstolo não aprova a opinião dos estoicos.
09 – Rejeitamos as afirmações dos epicuristas e dos estoicos sobre a felicidade.
10 – Cristo é a felicidade e a vida feliz.
Sermão 151 - A luta do espírito contra a carne.
Análise
01 – A passagem de São Paulo é perigosa para quem a entende mal.
02 – A vida do justo é uma guerra e não um triunfo.
03 – O fim da concupiscência deve ser desejado.
04 – Como se opor à concupiscência e aos maus hábitos.
05 – A concupiscência é inata e herdada do primeiro ser humano.
06 – É importante conhecer a luta do Apóstolo para que não percamos as esperanças.
07 – No que consiste fazer o bem ou o mal.
08 – Um dia a concupiscência será sufocada pela graça de Cristo.
Sermão 152 - A salvação através de Cristo.
Análise
01 – Não há dificuldade na escuridão do sentido quando o Espírito Santo ajuda.
02 – A luta contra os desejos carnais.
03 – O mal da concupiscência nos batizados não é culposo.
04 – O erro dos maniqueístas deve ser evitado.
05 – As três leis: do pecado, da fé, da obra.
06 – Sem poder obedecer a Lei, pede-se a graça.
07 – As três leis.
08 – Somente a carne de Cristo não é carne de pecado.
09 – Em Cristo o pecado é condenado.
10 – Algumas opiniões sobre esta passagem de São Paulo.
11 – A interpretação correta do Apóstolo.
Sermão 153 - A Lei incapaz de eliminar o pecado.
Análise
01 – É difícil explicar a Epístola de São Paulo.
02 – Os maniqueístas abusam desta passagem.
03 – A calúnia é rejeitada pelas palavras seguintes à citação.
04 – O próprio Apóstolo condena os que denigrem a Lei.
05 – Não é má a lei que proíbe desejar o mal.
06 – O mal da concupiscência não era conhecido antes da Lei.
07 – Por causa da Lei a concupiscência é estimulada e não derrotada.
08 – Quem presume de si mesmo é derrotado.

09 – Não se pode confiar em si mesmo, mas em Deus.
10 – O deleite na Lei de Deus e o deleite na concupiscência.
11 – O soberbo é vítima da própria espada.
12 – O Apóstolo louva a Lei repetidamente e com a máxima franqueza.
13 – Prossegue a argumentação.
14 – O pecado veio do primeiro homem.
Sermão 154 - A perfeição final.
Análise
01 – Com que objetivo foi dada a Lei.
02 – Talvez o Apóstolo fale dele mesmo.
03 – Nem mesmo o Apóstolo foi livre da concupiscência.
04 – Confirma-se que o Apóstolo fala da sua própria imperfeição.
05 – O Apóstolo confessa a fraqueza de sua alma.
06 – O curativo para a ferida do Apóstolo.
07 – Todo santo nesta vida é carnal e espiritual ao mesmo tempo.
08 – Os que são completamente carnais e os que são em parte ou totalmente espirituais.
09 – Carnal e espiritual ao mesmo tempo.
10 – A concordância com a Lei.
11 – Ignorar o pecado.
12 – Nesta vida não é concedida aos santos a perfeita observância da Lei.
13 – Ainda estamos em tratamento.
14 – A luta no mais íntimo do ser humano.
15 – A vida é curta e a separação entre o corpo e o espírito é inevitável.
16 – Na ressurreição, só os justos estarão livres do corpo.
17 – O corpo dos santos será imortal depois da ressurreição.
Sermão 155 - O destino feliz do verdadeiro cristão.
Análise
01 – Porque a concupiscência deve ser chamada de pecado.
02 – De que maneira, por ora, não há nenhuma condenação aos santos.
03 – Ninguém se livra da lei do pecado se não for através da graça.
04 – Qual é a lei do pecado e da morte?
05 – A Páscoa verdadeira.
06 – A diferença entre as duas leis.
07 – A impotência da Lei para eliminar o pecado.
08 – Cristo feito pecado.
09 – Caminhar de acordo com a carne e de acordo com o espírito.
10 – A sabedoria da carne e do espírito.
11 – Curado o vício, está reparada a natureza.
12 – Não viver na carne.

13 – Não viver na carne, mas no espírito.
14 – O que se deve esperar do corpo.
15 – Aos fiéis é prometida a reintegração e a imortalidade da carne.
Sermão 156 - A necessidade da graça.
Análise
01 – Nas Escrituras, algumas expressões são inacessíveis e outras são manifestas.
02 – A necessidade da graça como remédio.
03 – O uso legítimo da Lei.
04 – A utilidade da Lei.
05 – A necessidade de um Mediador.
06 – A alma deve estar sujeita a Deus e a carne à alma.
07 – Os que vivem segundo a carne e os que vivem segundo a alma.
08 – A alma que vive em si mesma é carnal.
09 – Nossa tarefa nesta vida deve ser a mortificação da carne.
10 – A presunção de si deve ser evitada na mortificação da carne.
11 – Sejamos guiados e nos movamos rumo ao bem.
12 – Nenhum bem é possível sem a ajuda de Deus.
13 – A graça não é necessária somente para que se possa agir mais facilmente, mas para agir de forma absoluta.
14 – A Lei antiga e a Lei nova.
15 – Aba e Pai; dois povos em Cristo.
16 – O espírito é um depósito e não uma promessa.
17 – A herança dos filhos de Deus.
Sermão 157 - A esperança cristã.
Análise
01 – A esperança cristã diz respeito à realidade eterna.
02 – A necessidade da paciência e da mansidão.
03 – Vemos, naquele que é nosso Mestre, o que esperamos.
04 – É de curta duração a satisfação que o pecado propicia.
05 – A vaidade das coisas temporais.
06 – A certeza da nossa esperança.
Sermão 158 - A predestinação.
Análise
01 – Ninguém tem o poder de prejudicar os predestinados.
02 – Por causa das promessas, Deus se fez nosso devedor.
03 – Fomos chamados e predestinados gratuitamente.
04 – A luta que permanece, mesmo nos justificados.
05 – A fé realmente envolve alguma justificação.

06 – Graças à esperança e ao amor, a fé que justifica o ser humano é diferente da fé dos demônios.
07 – Somente o culto gratuito a Deus satisfaz a alma.
08 – A esperança é o conforto nesta situação de peregrinação.
09 – Deus será tudo em todos os santos e somente o amor permanecerá para sempre.
Sermão 159 - O amor à justiça.
Análise
01 – Neste mundo nossa justificação não é perfeita.
02 – O primeiro grau do amor à justiça.
03 – O prazer do espírito quanto à justiça e à fé.
04 – Espera-se que a justiça seja amada mais do que todos os prazeres permitidos.
05 – O prazer da justiça deve ser preferido a todos os outros prazeres.
06 – A justiça, combinada com a complacência, deve ser buscada com entusiasmo pelo amor.
07 – Pela justiça, não só a sensualidade deve ser desprezada, como também se deve tolerar a dor.
08 – Os mártires amam perfeitamente a justiça.
09 – Se temos uma certa justiça, ela vem de Deus.
Sermão 160 - Vangloriar-se de Jesus Cristo.
Análise
01 – Devemos nos vangloriar pelo Senhor e não da própria justiça.
02 – Os cegos que presumem da própria justiça.
03 – Conhecer Cristo crucificado é uma grande sabedoria.
04 – A humildade da cruz é o caminho que leva à cruz.
05 – Os filhos de Zebedeu, desejando a glória, são chamados a seguir o caminho.
06 – A cruz é o sinal da Nova Aliança.
07 – A glória está na cruz de Cristo e não em nossa justiça.
Sermão 161 - O pecado da carne.
Análise
01 – Devemos fugir da imoralidade, pois a imoralidade ofende Cristo.
02 – O imoral ultraja o Espírito Santo.
03 – A imoralidade exclui do Reino de Deus.
04 – Dois lares: no fogo e no Reino.
05 – A morte da alma deve ser mais temida do que a morte do corpo.
06 – A vida da alma e a vida do corpo.
07 – O medo infundado e o medo útil.
08 – Não é digno de louvor evitar o mal por medo da pena.
09 – O amor afasta um medo e introduz outro.
10 – O poder do amor desonesto.

11 – As virgens consagradas por amor.
12 – O amor das virgens consagradas.
Sermão 162 - Pecar no próprio corpo.
Análise
01 – A difícil questão nas palavras do Apóstolo.
02 – Porque só o pecado carnal é considerado pecado contra o próprio corpo.
03 – Num sentido mais geral: quem não está próximo de Deus é adúltero.
04 – A dupla interpretação das palavras do Apóstolo.
Sermão 163 - O templo novo ou a vida nova.
Análise
01 – A consagração de um templo profano.
02 – Em nós, como em um templo profano, há coisas que precisam ser destruídas e outras que devem ser consagradas.
03 – A edificação pela fé e a consagração pela ressurreição.
04 – O cântico novo.
05 – A pregação de Cristo.
06 – A luta entre a carne e o espírito.
07 – A vitória virá depois da ressurreição.
08 – O remédio para o orgulho em Paulo.
09 – A vitória é conseguida com humildade.
10 – A Lei sem a graça.
11 – A necessidade da ajuda divina.
12 – A ajuda divina deve sempre ser invocada.
Sermão 164 - O duplo fardo.
Análise
01 – A lei de Cristo é cumprida por aqueles que carregam os fardos alheios.
02 – Os fardos são diferentes.
03 – Dois tipos de fardos.
04 – A cada um seu fardo.
05 – O fardo da ganância e o fardo da preguiça.
06 – Devemos trocar o fardo da ganância pelo fardo da caridade.
07 – O que Cristo quer que se aprenda com ele.
08 – Todos carregam um peso: ou a cobiça ou a caridade.
09 – Os fardos que devem ser carregados juntos.
10 – Os que se obstinam em manter seus fardos.
11 – Tolerar os iníquos não significa aprovar suas iniquidades.
12 – Ceciliano e Primiano, ausentes, são condenados.
13 – Os donatistas são condenados por sua própria sentença.
14 – O que impede os donatistas de errarem.

15 – É preciso paciência para com o outro.
Sermão 165 - O mistério da graça.
Análise
01 – A esperança deve ser colocada em Deus, não no livre arbítrio.
02 – Pede-se a Deus o mesmo que se quer do ser humano.
03 – Nas quatro dimensões está o mistério da cruz.
04 – A largura, o comprimento, a altura e a profundidade da cruz.
05 – A profundidade da cruz.
06 – O erro que admite a pré-existência da alma ao corpo.
07 – A morte é devida apenas ao pecado.
08 – Os mortos no ventre materno.
09 – É inescrutável o mistério da graça.
Sermão 166 - O ser humano deificado.
Análise
01 – É proibida a mentira ao ser humano.
02 – A mentira é própria do velho ser humano e a verdade é própria do novo ser humano.
03 – Como ficam nossas prerrogativas junto a Deus.
04 – O chamado não é para ser simplesmente humano, mas filho de Deus.
Sermão 167 - Aproveitar o tempo.
Análise
01 – Porque os dias são maus.
02 – Neste mundo os justos nunca estarão livres de tribulações.
03 – Aproveitar o tempo.
04 – Um provérbio cartaginês em concordância com Cristo.
Sermão 168 - O dom da fé.
Análise
01 – Aquele que prometeu concedeu filhos para a fé de Abraão.
02 – A fé é o início da salvação e está unida ao amor.
03 – Todos os bens e a fé são de Deus.
04 – A graça dada aos fiéis e ao perseguidor cruel.
05 – A fé e a oração da graça de Deus.
06 – A prece em favor do incrédulo Saulo prova que a fé é um dom de Deus.
07 – Paulo o pequeno, anunciador da graça que estava nele.
08 – Reza-se para os incrédulos para que eles recebam a fé.
Sermão 169 - A vida cristã.
Análise
01 – O que quer dizer: *pelo Espírito de Deus.*
02 – Como somos a circuncisão e a justiça.

03 – A circuncisão de quem se vangloria pelo Senhor.
04 – Ter fé na carne.
05 – Qual era para Paulo a razão de vangloriar-se pela carne.
06 – Observar irrepreensivelmente a Lei.
07 – Porque a justiça que vem da Lei afasta de Deus.
08 – A justiça da Lei vem de sua observância com temor.
09 – Saulo perseguindo a Igreja queria estabelecer sua própria justiça.
10 – Paulo se horroriza com a própria justiça, para ter a justiça de Deus.
11 – A verdadeira justificação só é dada pela graça.
12 – Conhecer o poder da ressurreição de Cristo é algo grande.
13 – Nossa justificação é pela graça, mas não sem nossa vontade.
14 – A participação nos sofrimentos de Cristo em virtude do amor.
15 – O amor e a ampliação do coração vêm do Espírito Santo.
16 – O Apóstolo reconhece não ser perfeito.
17 – Marta e Maria. A contemplação e a ação.
18 – É preciso perseverar no caminho que leva a Deus.
Sermão 170 - No céu, a verdadeira justiça.
Análise
01 – A justiça que deriva da Lei parece uma perda para o Apóstolo.
02 – Com que finalidade foi outorgada a Lei.
03 – A ausência do pecado em Cristo.
04 – O mundo, os pecadores e os amantes do mundo.
05 – A vida irrepreensível, segundo a Lei.
06 – Não há verdadeira justiça que não seja a de Deus.
07 – A nulidade da justiça desta vida, comparada com a justiça futura.
08 – A justiça atual é desprezada pelo desejo da justiça perfeita.
09 – Com a visão de Deus vem a justiça perfeita e a felicidade.
10 – Devemos nos voltar para o céu com pleno desejo.
11 – Cristo é o nosso caminho.
Sermão 171 - Alegrar-se pelo Senhor.
Análise
01 – Que a nossa alegria seja pelo Senhor e não pelo mundo.
02 – Cristo é o samaritano que socorre o ferido.
03 – Deus, com a encarnação, se fez próximo do ser humano.
04 – A alegria no mundo.
05 – A impunidade é a maior vingança de Deus.
Sermão 172 - Nossos deveres para com os mortos.
Análise
01 – Quando a aflição pelos mortos é proibida.

02 – A prece, o sacrifício da salvação e a boa obra em intenção ao falecido.
03 – O luto e os deveres para com os mortos.
Sermão 173 - As consolações da morte.
Análise
01 – O que deve ser refletido nos funerais.
02 – A fé na ressurreição é o conforto na morte dos entes queridos.
03 – O conforto no luto pelos mortos.
Sermão 174 - A graça e o batismo das crianças.
Análise
01 – A vinda de Jesus ao mundo deve ser entendida com relação à carne.
02 – A fraqueza do livre arbítrio e a graça.
03 – A alegoria de Zaqueu.
04 – A necessidade da graça preveniente.
05 – Acolher Jesus no coração.
06 – Muitos que se acreditam saudáveis se voltam contra o médico.
07 – Cristo é Jesus até para as criancinhas.
08 – A causa da vinda de Cristo.
09 – Todas as crianças devem ser consideradas como órfãs.
Sermão 175 - A esperança dos pecadores.
Análise
01 – O motivo da encarnação de Cristo.
02 – A doença perigosíssima e a fúria contra o Médico.
03 – Cristo faz de seu sangue o remédio para os assassinos.
04 – A conversão dos assassinos de Cristo.
05 – Cristo ama os pecadores para que eles não sejam pecadores para sempre.
06 – Em que sentido Paulo é o primeiro dos pecadores.
07 – O primeiro dos pecadores porque o pior de todos.
08 – A conversão de Paulo.
09 – Deve-se louvar a habilidade médica de Cristo na cura de Saulo.
Sermão 176 - A graça de Deus.
Análise
01 – As leituras e os cânticos na Igreja.
02 – A ação de graças devida por todos ao Médico.
03 – Em que sentido Paulo é o primeiro dos pecadores.
04 – A salvação de Paulo mostra a esperança de salvação para todos.
05 – A salvação vem de Deus, não de nós.
06 – Uma doutrina variada e inconstante é a lepra da alma.
Sermão 177 - Contra a avareza.
Análise

01 – A avareza diante dos nossos olhos.
02 – Não se torna escravo da avareza aquele cujo preço é o sangue de Cristo.
03 – O caminho segundo a natureza mortal.
04 – A riqueza interior.
05 – O que diferencia o rico dos que querem ser ricos.
06 – A avareza é realmente insaciável.
07 – Sem o amor pela riqueza o coração pode voltar-se para o alto.
08 – Uma coisa é desfrutar dos bens e outra é apreciá-los.
09 – Corações ao alto, não à terra.
10 – O Senhor nosso Deus nos quer comerciantes.
11 – A garantia de Deus.
Sermão 178 - Sobre a justiça.
Análise
01 – As obrigações dos bispos.
02 – O avarento que se apega aos seus bens é condenado.
03 – O rico é punido por não ter misericórdia.
04 – A esmola do ladrão não agrada a Deus.
05 – Não é lícito roubar os bens dos pagãos.
06 – A repreensão aos ladrões.
07 – Devolver os bens encontrados.
08 – Um exemplo notável de devolução de um bem alheio.
09 – Evitar praticar o mal só por medo.
10 – O medo não impede a perversidade no coração.
11 – A prova do amor puro pela justiça.
Sermão 179 - A palavra de Deus.
Análise
01 – As obrigações de quem prega e de quem ouve a palavra de Deus.
02 – Escutar a palavra de Deus é mais seguro do que pregá-la.
03 – As ocupações de Maria e de Marta: contemplação e ação.
04 – A parte de Maria não lhe é tirada e a de Marta não fica sem recompensa.
05 – De que forma não passa a parte de Maria.
06 – O desfrute da luz da verdade.
07 – Devemos colocar em prática a palavra, tanto interna quanto externamente.
08 – Alguns edificam sobre a rocha e outros sobre a areia.
09 – Não escutar é como não construir.
10 – O ouvinte imprudente não deve usar as falhas do pregador como pretexto.
Sermão 180 - O juramento.
Análise
01 – Advertência para se evitar o juramento.

02 – De quantas maneiras se pode perjurar.
03 – O perigo do perjúrio no juramento.
04 – Jurar verdadeiramente é lícito, mas não jurar é mais seguro.
05 – O juramento do Apóstolo.
06 – As diversas maneiras de jurar.
07 – No que consiste o juramento.
08 – O perjúrio causa a morte da alma.
09 – Porque é preciso evitar ao máximo o juramento.
10 – Em que condição o juramento deve ser usado.
11 – O pecado quando se exige um juramento.
12 – É preciso resistir tenazmente ao hábito de jurar.
13 – Jurar pelos ídolos é uma falsidade e um perjúrio.
14 – Como se elimina o hábito de jurar.
Sermão 181 - Ninguém neste mundo é sem pecado.
Análise
01 – Ninguém vive sem pecado neste mundo.
02 – Há quem diga que existem justos isentos de pecado.
03 – A refutação através das mesmas palavras.
04 – A falsa humildade.
05 – A mentira disfarçada de humildade é um pecado.
06 – Neste mundo é impossível que a Igreja seja sem pecado.
07 – A Igreja inteira pede perdão pelos pecados.
08 – O remédio para os pecados inevitáveis da vida.
Sermão 182 - A crença na encarnação I.
Análise
01 – Não se deve crer em toda e qualquer inspiração.
02 – Não é de Deus quem nega que Cristo teve uma carne.
03 – O erro sobre as duas naturezas.
04 – A alma não é parte de Deus.
05 – O mal não procede da natureza, mas do vício da natureza.
06 – Dois são os males humanos: o erro e a enfermidade.
07 – Uma questão intocada.
Sermão 183 - A crença na encarnação II.
Análise
01 – Os inúmeros heréticos e a encarnação.
02 – Os heréticos não reconhecem a encarnação de Cristo.
03 – A maneira como os arianos negam a encarnação.
04 – Se o Verbo tivesse sido feito, ele não seria o Filho de Deus.
05 – Os arianos não acreditam no Cristo.

06 – Os seguidores de Eunômio.
07 – Os seguidores de Sabélio.
08 – Fotino.
09 – Os seguidores de Donato.
10 – Provocar divisões também é negar Cristo.
11 – Dizer sobre Cristo o que ele não é é negar sua encarnação.
12 – Os seguidores de Pelágio.
13 – Não reconhecer a encarnação de Cristo é comum aos heréticos e aos maus católicos.
14 – São de Deus uma fé correta e uma vida saudável.
15 – Com a fé e uma vida saudável reconheçamos que Cristo veio na carne.
Sermão 184 - Rebaixamento e elevação.
Análise
01 – O mistério da encarnação permanece oculto aos soberbos.
02 – O Natal é alegria para todos.
03 – Os dois nascimentos de Cristo.
Sermão 185 - A justificação humana.
Análise
01 – A Verdade brotou da terra.
02 – A justiça veio do céu.
03 – Tudo é dom de Deus.
Sermão 186 - O Filho de Deus se tornou Filho do Homem.
Análise
01 – O parto virginal de Maria.
02 – O Filho de Deus se tornou Filho do Homem.
03 – O Verbo de Deus se tornou humano.
Sermão 187 - Jesus Cristo Deus e humano.
Análise
01 – A grandeza e a humildade de Cristo.
02 – A palavra humana e a palavra de Deus.
03 – O pensamento e as palavras.
04 – Cristo Deus e humano.
Sermão 188 - O objetivo da encarnação.
Análise
01 – O Verbo de Deus permanece um mistério.
02 – O Verbo eterno nasceu no tempo por nós.
03 – O Verbo que é o mestre da humildade.
04 – A virgindade de Maria e da Igreja.
Sermão 189 - Verdade e justificação.

Análise
01 – Cristo, luz eterna da criação.
02 – A justiça da fé.
03 – Cristo nasceu para o nosso renascimento.
04 – Os dois nascimentos de Cristo.
Sermão 190 - Três circunstâncias.
Análise
01 – Cristo é a nossa luz.
02 – Em seu nascimento Cristo honra o homem e a mulher.
03 – Cristo, criança e Verbo.
04 – Cristo se fez fraco para gerar fortes.
Sermão 191 - A virgindade.
Análise
01 – O grande amor de Cristo pela humanidade.
02 – A virgindade de Maria.
03 – A Igreja Mãe e Virgem.
04 – Imitar a virgindade de Maria.
Sermão 192 - A bondade de Deus na encarnação.
Análise
01 – Admiramos o parto da Virgem.
02 – O nascimento de Cristo é alegria para todos.
03 – O nascimento de Cristo é misericórdia.
Sermão 193 - Jesus nossa paz.
Análise
01 – Glória no céu e paz na terra.
02 – A misericórdia do Senhor precede nossa vontade.
Sermão 194 - O pão da vida.
Análise
01 – Escute, reflita, ame, pregue.
02 – O Verbo como alimento dos anjos e dos humanos.
03 – No Verbo estão todos os tesouros da sapiência e da ciência.
04 – A espera da glória.
Sermão 195 - Os títulos do Salvador.
Análise
01 – Os dois nascimentos maravilhosos de Cristo.
02 – Cristo filho de Maria e esposo da Igreja.
03 – O motivo do nascimento de Cristo.
Sermão 196 - Por quem foi a encarnação.
Análise

01 – Os dois nascimentos de Cristo.
02 – Os três modos de vida na Igreja.
03 – O lugar da descida de Cristo.
04 – Os costumes pagãos da passagem de ano.
Sermão 197 - Orgulho e humildade.
Análise
01 – Adorar a criatura e não o Criador é transformar a verdade em mentira.
02 – Quem se apega a Cristo não perde a esperança.
03 – É Cristo quem faz crescer a fé.
04 – O perigo dos falsos profetas soberbos e vangloriadores.
05 – Amar Cristo nos servos de Cristo.
06 – Ficar alerta contra os intérpretes.
Sermão 198 - O Ano Novo cristão.
Análise
01 – A festa pagã de ano novo.
02 – A separação entre os cristãos e os pagãos.
03 – A vida dos cristãos e a vida dos pagãos.
Sermão 199 - A glória de Cristo.
Análise
01 – Cristo, a pedra angular.
02 – A fé dos Magos e a incredulidade dos judeus.
03 – Contra a astrologia.
Sermão 200 - A grandeza de Cristo.
Análise
01 – A manifestação de Cristo.
02 – O medo de Herodes.
03 – A incredulidade dos judeus.
04 – O povo novo e único.
Sermão 201 - O Messias glorificado.
Análise
01 – A manifestação de Cristo aos pagãos.
02 – Pilatos e os Magos prefiguram a conversão dos pagãos.
03 – Os guardiões das Escrituras.
Sermão 202 - A unidade da Igreja.
Análise
01 – A manifestação do Senhor.
02 – Os Magos foram as primícias dos gentios.
03 – As testemunhas involuntárias de Cristo.
04 – A mudança de vida.

Sermão 203 - A humildade.
Análise
01 – A instituição da festa da Epifania.
02 – A humildade dos gentios.
03 – A imagem da salvação dos gentios.
Sermão 204 - A pedra angular.
Análise
01 – Natal e Epifania: as manifestações do Senhor.
02 – Cristo é a pedra angular de dois povos.
03 – Alguns acreditaram e outros não.
Sermão 205 - As mortificações da Quaresma.
Análise
01 – O cristão deve se pendurar na cruz da mortificação.
02 – A ação da penitência.
03 – Abster-se acima de tudo das discórdias.
Sermão 206 - A prece, a obra de caridade e o jejum I.
Análise
01 – A quaresma é tempo de humildade.
02 – Duas boas ações: dar e perdoar.
03 – O jejum que agrada a Deus.
Sermão 207 - A prece, a obra de caridade e o jejum II.
Análise
01 – Grande é a misericórdia do Senhor.
02 – Jejuar verdadeiramente.
03 – A verdadeira oração.
Sermão 208 - O jejum, a prece e as lágrimas.
Análise
01 – A Quaresma é tempo de penitência.
02 – A obra de caridade e o perdão.
Sermão 209 - O perdão, a obra de caridade e o jejum.
Análise
01 – É tempo de eliminar a inimizade.
02 – Fortaleça a prece com a obra de caridade.
03 – Como se mortificar.
Sermão 210 - O tempo escolhido para a Quaresma.
Análise
01 – Algumas questões.
02 – Por que o jejum quaresmal acontece antes do batismo?
03 – Os batismos de Jesus e de João Batista.

04 – Porque o jejum da Quaresma antecede à Páscoa.
05 – No meio dos perigos desta vida é preciso jejuar e rezar.
06 – Porque precisamos jejuar nesta vida.
07 – Porque é bom jejuar antes da Páscoa.
08 – Jejuemos e rezemos, pois é tempo de tribulações.
09 – A simbologia dos números quarenta e cinquenta.
10 – A gula na Quaresma.
11 – A Quaresma como oportunidade para novos prazeres.
12 – A obra de caridade e o perdão.
Sermão 211 - O perdão às ofensas.
Análise
01 – A trave do ódio.
02 – Quem odeia o próprio irmão é um assassino.
03 – Perdoar a ofensa do irmão.
04 – Peça perdão ao irmão que tenha ofendido.
05 – Formando pacificadores para resolver discórdias.
06 – Que ao menos na Páscoa cessem os litígios.
Sermão 212 - O Símbolo I.
Análise
01 – Breve explicação de todo o Símbolo.
02 – O Símbolo não deve ser escrito, mas conservado na memória.
Sermão 213 - O Símbolo II.
Análise
01 – Creio em Deus Pai todo-poderoso.
02 – O Filho único de Deus encarnado por nós.
03 – Cristo crucificado e sepultado na carne.
04 – Ressuscitou, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.
05 – Cristo nosso juiz e nosso advogado.
06 – O Espírito Santo e a Trindade.
07 – A Igreja é como Maria, pois é virgem e gera os membros de Cristo.
08 – A remissão dos pecados por meio do batismo e da Oração do Senhor.
09 – A ressurreição da carne.
Sermão 214 - O Símbolo III.
Análise
01 – A finalidade do Símbolo.
02 – Deus todo-poderoso criou tudo do nada.
03 – A onipotência de Deus usa para o bem a maldade dos ímpios.
04 – Deus não pode somente o que ele não quer.
05 – Jesus Cristo, Filho único de Deus.

06 – Nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria.
07 – Crucificado e sepultado sob Pôncio Pilatos.
08 – Ressurgiu dos mortos, subiu ao céu e está sentado à direita do Pai.
09 – Donde há de vir julgar os vivos e os mortos.
10 – O Espírito Santo e o mistério da Santíssima Trindade.
11 – A santa Igreja e a remissão dos pecados.
12 – A ressurreição da carne.
Sermão 215 - O Símbolo IV.
Análise
01 – O Símbolo deve estar sempre na mente e no coração.
02 – Creio em Deus Pai todo-poderoso.
03 – Inenarrável é o nascimento do Verbo, seja na eternidade, seja no tempo.
04 – O milagre do nascimento de Cristo através da fé de Maria.
05 – Cristo morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores.
06 – A fé na ressurreição diferencia os cristãos das outras pessoas.
07 – A ascensão de Cristo e o juízo final.
08 – O Espírito Santo, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna.
09 – A santa Igreja.
Sermão 216 - Aos postulantes.
Análise
01 – Quem são os *competentes*.
02 – É preciso renunciar ao mundo e se apegar a Cristo.
03 – De acordo com as próprias possibilidades, é preciso gerar frutos de boas obras.
04 – É necessária a conversão para chegar à vida.
05 – Pela vida eterna é preciso mortificar o corpo.
06 – Os ritos da Igreja e a luta espiritual.
07 – Com paciência se ajuda a Igreja nas dificuldades.
08 – A excelência da regeneração.
09 – Exortação à caminhada na fé.
10 – Combater com humildade para retornar à casa do Pai.
11 – A salvação, expressa com sinais exteriores, deve ser sempre mantida no coração.
Sermão 217 - O caminho para o céu.
Análise
01 – 0 Filho é, como o Pai e o Espírito Santo, o único e verdadeiro Deus.
02 – Para ocupar a morada feliz, pratique o bem na morada do mal.
03 – Soframos no presente e confiemos no futuro.
Sermão 218 - Os mistérios da Paixão.
Análise

01 – Em cada detalhe de sua Paixão Cristo quis mostrar alguma coisa.
02 – Cristo carregou sua cruz.
03 – O Calvário.
04 – Os dois ladrões.
05 – O título.
06 – As três línguas.
07 – Rei dos judeus, mas também dos gentios.
08 – A roupa dividida.
09 – A túnica sem costura.
10 – A Mãe confiada a João.
11 – O vinagre oferecido com a esponja.
12 – A morte com a cabeça reclinada.
13 – As pernas quebradas dos ladrões e não de Cristo.
14 – O sangue e a água escoados de Cristo.
15 – O sepultamento feito por José e Nicodemos.
Sermão 219 - A vigília de Páscoa I.
Análise
01 – Velemos e rezemos para santificar.
Sermão 220 - A vigília de Páscoa II.
Análise
01 – Renovar a solenidade é não deixar passar o que se passou.
Sermão 221 - A vigília de Páscoa III.
Análise
01 - Porque a vigília dessa noite.
Sermão 222 - Os espíritos das trevas.
Análise
01 – Vigiar e rezar para não cair em tentação.
Sermão 223 - Aos novos batizados.
Análise
01 – O dia que o Senhor fez.
02 – Os bons toleram os maus e os maus imitam os bons.
Sermão 224 - Os pecados da carne.
Análise
01 – Os batizados se unem a todo o povo de Deus.
02 – O diabo insinua que a incontinência não é uma falta grave.
03 – Que os incontinentes não tardem em se converter.
04 – Corrigir-se enquanto é tempo.
Sermão 225 - O alto preço da graça.
Análise

01 – O que era Cristo antes da encarnação.
02 – A encarnação de Cristo é obra do Espírito Santo.
03 – Mesmo no ventre da Virgem, o Verbo não deixou o céu.
04 – Encher-se com o Espírito Santo.
Sermão 226 - O novo dia I.
Análise
01 – Os recém-batizados são o dia que o Senhor fez e no qual devemos nos alegrar e exultar.
Sermão 227 - A Eucaristia.
Análise
01 – O pão eucarístico é um sinal de unidade.
Sermão 228 - Os bons exemplos.
Análise
01 – Os fiéis dão exemplos de retidão aos iniciantes.
02 – Os iniciantes devem seguir os exemplos dos bons.
03 – O sacramento do altar.
Créditos
Conteúdo

Notas

[←1]

Lucas 18: 1-17.

[←2]

Romanos 10: 13 e 14.

[←3]

Lucas 22: 46.

[←4]

Lucas 22: 31 e 32.

[←5]

Lucas 17: 5.

[←6]

Marcos 9: 24.

[←7]

Cf. Salmo 137: 6. *Sim, excelso é o Senhor, mas olha os pequeninos, enquanto seu olhar perscruta os soberbos*.

[←8]

Cf. Jó 7: 1. A *vida do ser humano sobre a terra é uma luta, seus dias são como os dias de um mercenário*.

[←9]

Mateus 6: 12.

[←10]

Lucas 19: 10.

[←11]

Romanos 5: 12.

[←12]

Cf. Romanos 5: 20.

[←13]

Lucas 24: 36-47.

[←14]
Colossenses 3: 1-4.

[←15]
1 Coríntios 15: 42-44.

[←16]
1 Coríntios 3: 11.

[←17]
Cf. Atos 7: 57 e 58.

[←18]
Cf. Atos 4: 32.

[←19]
Cf. Atos 9: 1-12.

[←20]
Atos 9: 4.

[←21]
Atos 9: 5.

[←22]
Atos 9: 18-20.

[←23]
Gálatas 6: 14.

[←24]
Salmo 95: 1.

[←25]
João 1: 1-13.

[←26]
Salmo 103: 24.

[←27]
Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*.

[←28]
Sabedoria 7: 26.

[←29]
Filipenses 2: 6.

[←30]
Mateus 5: 8.

[←31]
1 João 3: 2.

[←32]
Mateus 11: 28-30.

[←33]
Cf. Mateus 10: 30. *Até os fios de cabelo de vossa cabeça estão todos contados*.

[←34]
Efésios 3: 17 e 19. *Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor e sejais plenificados com toda a plenitude de Deus*.

[←35]
João 1: 1-3.

[←36]
Gênesis 1: 1.

[←37]
Isaías 7: 9.

[←38]
Sabedoria 7: 26.

[←39]
João 1: 1-14.

[←40]
João 13: 25.

[←41]

Gênesis 1: 1.

[←42]
Isaías 40: 6-8.

[←43]
Cf. Lucas 10: 30-37.

[←44]
Cf. João 2: 19.

[←45]
João 1: 1-3.

[←46]
Cf.

[←47]
Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face*.

[←48]
João 1: 10-14.

[←49]
João 14: 30.

[←50]
Cf. 2 Coríntios 5: 19. *Foi Deus que, em Cristo, reconciliou consigo o mundo, não levando mais em conta os pecados humanos e pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação*.

[←51]
João 8: 58.

[←52]
João 1: 1.

[←53]
Mateus 21: 9.

[←54]
Lucas 19: 30 e 40.

[←55]
João 1: 7.

[←56]
Mateus 3: 7.

[←57]
João 8: 39 e 40.

[←58]
Mateus 3: 7-9.

[←59]
Mateus 15: 26.

[←60]
João 1: 45-51.

[←61]
Cf. Gênesis 28: 11-18.

[←62]
Salmo 117: 22.

[←63]
Mateus 21: 44.

[←64]
João 9: 16.

[←65]
Mateus 27: 40.

[←66]
Cf. Gênesis 25: 25.

[←67]
Gênesis 22: 24-32.

[←68]
Cf. João 10: 18.

[←69]

Mateus 21: 9.

[←70]

Cf. Romanos 10; 17. *Acaso não ouviram? Claro que sim! Por toda a terra correu a sua voz e até aos confins do mundo foram as suas palavras*.

[←71]

Salmo 17: 45 e 46. *Filii alieni mentiti sunt mihi, filii alieni inveterati sunt, et claudicaverunt a semitis suis*.

[←72]

Gênesis 17: 5.

[←73]

Salmo 16: 15.

[←74]

Filipenses 3: 5.

[←75]

Atos 9: 4.

[←76]

João 2: 1-11.

[←77]

Eclesiástico 10: 15.

[←78]

Mateus 4: 3.

[←79]

Mateus 4: 4.

[←80]

Cf. Mateus 4: 11.

[←81]

João 1: 50 e 51. Vide *Sermão 122*.

[←82]

Atos 9: 4.

[←83]
Mateus 6: 11.

[←84]
João 5: 2-9.

[←85]
Tiago 4: 14.

[←86]
Salmo 59: 13. *Quia vana salus hominis*.

[←87]
Isaías 40: 6-8; Tiago 1: 10 e 11; 1 Pedro 1: 24 e 25.

[←88]
Salmo 59: 13. *Da nobis auxilium de tribulatione*.

[←89]
João 1: 14.

[←90]
João 1: 1.

[←91]
João 5: 2-9.

[←92]
Filipenses 3: 1.

[←93]
Gálatas 3: 21 e 22.

[←94]
Romanos 5: 20.

[←95]
Romanos 4: 15.

[←96]

Salmo 6: 3. *Miserere mei, Domine, quoniam infirmus sum*.

[←97]
Salmo 40: 5.

[←98]
Romanos 7: 22 e 23.

[←99]
Romanos 7: 24 e 25.

[←100]
Cf. Apocalipse 17: 16.

[←101]
Salmo 81: 6.

[←102]
João 1: 1.

[←103]
Filipenses 2: 6.

[←104]
João 14: 8 e 9.

[←105]
Isaías 9: 6 (Septuaginta).

[←106]
João 1: 3.

[←107]
João 5: 17.

[←108]
Cf. Gênesis 2: 2.

[←109]
Gênesis 1: 3.

[←110]

Gênesis 1: 6.

[←111]
Salmo 32: 9.

[←112]
Cf. Gênesis 1: 27.

[←113]
João 5: 17.

[←114]
Atos 1: 25.

[←115]
João 5: 17.

[←116]
Romanos 7: 24 e 25.

[←117]
1 Coríntios 7: 29-32.

[←118]
Lucas 19: 22 e 23.

[←119]
Salmo 10: 6.

[←120]
Sabedoria 1: 9. *In cogitationibus enim impii interrogatio erit*.

[←121]
Cf. Mateus 5: 25.

[←122]
Mateus 5: 26.

[←123]
Cf. Mateus 4: 2; Êxodo 34: 28 e Reis 19: 8.

[←124]

Gálatas 6: 14.

[←125]
Cf. Romanos 3: 21.

[←126]
Salmo 143: 9.

[←127]
Atos 10: 11-13.

[←128]
Denário = que contém o número dez, relativo ao número dez, antiga moeda romana que correspondia a dez asses. (*Dicionário Houaiss*)

[←129]
Cf. Mateus 20: 1-10.

[←130]
Romanos 13: 10.

[←131]
Gálatas 5: 14.

[←132]
Mateus 22: 37-40.

[←133]
1 Coríntios 13: 1-3.

[←134]
João 13: 34.

[←135]
Mateus 5: 17.

[←136]
Marcos 2: 11. *Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa*.

[←137]
Jó 1: 21.

[←138]
João 14: 8.

[←139]
João 5: 19. *Amen, amen dico vobis : non potest Filius a se facere quidquam, nisi quod viderit Patrem facientem : quæcumque enim ille fecerit, hæc et Filius similiter facit.*

[←140]
Isaías 7: 9.

[←141]
2 Pedro 1: 19.

[←142]
Hebreus 11: 1.

[←143]
Romanos 1: 20.

[←144]
Salmo 31: 9.

[←145]
Cf. Mateus 14: 17-21.

[←146]

[←147]
Eclesiástico 36: 6.

[←148]
Salmo 16: 7.

[←149]
João 1: 1.

[←150]
Cf. Salmo 18: 6.

[←151]
João 1: 3.

[←152]
Cf. Efésios 1: 5 e 2.

[←153]
Cf. João 11.

[←154]
Cf. João 9.

[←155]
Gênesis 1: 26.

[←156]
Gênesis 1: 27.

[←157]
João 10: 30.

[←158]
Filipenses 2: 6.

[←159]
Mateus 5: 8.

[←160]
João 14: 21.

[←161]
João 14: 8.

[←162]
João 14: 9.

[←163]
João 13: 34.

[←164]
João 5: 24-29.

[←165]
1 Coríntios 2: 9.

[←166]
Mateus 25: 34.

[←167]
Mateus 25: 46.

[←168]
João 5: 24-26.

[←169]
João 1: 3.

[←170]
2 Coríntios 5: 6 e 7.

[←171]
1 João 3: 2.

[←172]
Mateus 8: 22.

[←173]
Cf. Romanos 1: 17 e Habacuc 2: 4. *O justo viverá pela sua fé*.

[←174]
Efésios 5: 14 e Isaías 26: 19 e 60: 1.

[←175]
2 Tessalonicenses 3: 2.

[←176]
Cf. João 1: 14.

[←177]
Zacarias 12: 10 e João 19: 37.

[←178]
Atos 1: 11.

[←179]
Mateus 5: 8.

[←180]
Isaías 26: 10 (Septuaginta).

[←181]
João 14: 21.

[←182]
1 João 3: 2.

[←183]
João 17: 3.

[←184]
Mateus 25: 34.

[←185]
Mateus 25: 46.

[←186]
João 5: 31-35.

[←187]
Gálatas 5: 14-17.

[←188]
João 14: 6.

[←189]
Salmo 131: 17 e 18.

[←190]
Mateus 21: 23-27.

[←191]
2 Coríntios 13: 3.

[←192]
Salmo 67: 19 e Efésios 4: 8. *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem, accepisti dona in hominibus*.

[←193]
C. Atos 1: 9.

[←194]
Romanos 5; 5.

[←195]
2 Coríntios 4: 7.

[←196]
Cf. Romanos 8: 37.

[←197]
Salmo 10: 6.

[←198]
João 3: 21.

[←199]
Romanos 6: 12.

[←200]
Romanos 8: 13.

[←201]
1 Coríntios 2: 11.

[←202]
Gênesis 6: 17 e 7: 22. *Spiritus vitæ* (sopro de vida).

[←203]
Salmo 148: 7 e 8. *Laudate Dominum de terra, dracones et omnes abyssi ; ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus*.

[←204]
Romanos 8: 14.

[←205]
1 Coríntios 15; 53-55.

[←206]
Romanos 6: 12.

[←207]
Romanos 6: 13.

[←208]
Romanos 7: 17.

[←209]
Gálatas 5: 16.

[←210]
Cf. Marcos 5: 22-42.

[←211]
Lucas 7: 14.

[←212]
João 11: 43.

[←213]
João 5: 39-47.

[←214]
Mateus 28: 20.

[←215]
Mateus 16: 6.

[←216]
Romanos 10: 2.

[←217]
Romanos 10: 3.

[←218]
Lucas 6: 46.

[←219]
Cf. Efésios 5: 3.

[←220]
Efésios 5: 31 e 32.

[←221]
João 7: 34.

[←222]
Gálatas 3: 16.

[←223]
Gênesis 22: 16-18.

[←224]
Salmo 56: 6.

[←225]
Salmo 21: 17-19.

[←226]
Salmo 21: 28 e 29.

[←227]
Salmo 18: 6 e 5.

[←228]
Lucas 24: 44-47.

[←229]
Romanos 10: 2 e 3.

[←230]
1 João 2: 18.

[←231]
Gálatas 1: 9.

[←232]
João 1: 33.

[←233]
1 Coríntios 4; 16.

[←234]
Mateus 23: 3.

[←235]
Cf. 1 Coríntios 10: 4. *Todos bebiam da pedra espiritual que os seguia e essa pedra era Cristo*.

[←236]

Cf. Mateus 7: 25. *Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, por que estava edificada na rocha.*

[←237]

Gênesis 22: 18.

[←238]

Lucas 16: 29-31.

[←239]

Lucas 24: 46.

[←240]

Lucas 24: 47.

[←241]

Salmo 82: 19.

[←242]

João 6: 5-14.

[←243]

João 5: 46.

[←244]

João 6: 41.

[←245]

Salmo 77: 24 e 25.

[←246]

Cf. Mateus 12: 29.

[←247]

Salmo 33: 9.

[←248]

Gênesis 12: 3.

[←249]

Gálatas 3: 29.

[←250]
Salmo 102: 14.

[←251]
Salmo 147: 1- 3.

[←252]
João 6: 54-66.

[←253]
João 6: 44.

[←254]
Gálatas 6: 14.

[←255]
Filipenses 2: 12 e 13.

[←256]
Cf. Tiago 4: 6 e Provérbios 3: 34.

[←257]
Romanos 11: 20.

[←258]
Salmo 29: 7.

[←259]
Salmo 115: 11.

[←260]
Salmo 29: 8.

[←261]
Salmo 58: 10.

[←262]
Salmo 142: 6.

[←263]
Salmo 2: 11.

[←264]
Filipenses 2: 12 e 13.

[←265]
Salmo 2: 11 e 12.

[←266]
Salmo 2: 10-12.

[←267]
Salmo 2: 13.

[←268]
Salmo 2: 13.

[←269]
Cf. Efésios 2: 8. *Porque foi gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus*.

[←270]
Cf. Lucas 10: 30-35.

[←271]
Cf. Sabedoria 9: 15.

[←272]
Mateus 6: 12.

[←273]
Salmo 102: 2.

[←274]
Salmo 102: 3.

[←275]
Salmo 102: 4.

[←276]
1 Coríntios 15: 54 e 55.

[←277]
1 Coríntios 15: 56.

[←278]
Isaías 26: 12.

[←279]
Cf. 2 Timóteo 4: 8.

[←280]
Salmo 102: 4. *Coronat te in misericordia et miserationibus*.

[←281]
Salmo 115: 2.

[←282]
Cf. Romanos 8: 30. *Aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou*.

[←283]
Romanos 11: 5 e 6.

[←284]
Romanos 4; 4.

[←285]
Salmo 3: 9. *Domini est salus*.

[←286]
Cf. Romanos 10: 3. *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*.

[←287]
Juízes 6: 37.

[←288]
Juízes 6: 39.

[←289]
Gálatas 2: 21.

[←290]
Romanos 10: 2 e 3.

[←291]
João 6: 55-58.

[←292]

Cf. 1 Coríntios 11: 29. *Aquele que o come e o bebe sem distinguir o corpo do Senhor come e bebe a sua própria condenação.*

[←293]

Mateus 7: 7.

[←294]

Cf. Efésios 5: 23. *O marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja.*

[←295]

Cf. Mateus 22: 30.

[←296]

1 Coríntios 15: 41 e 42.

[←297]

Mateus 25: 26 e 27.

[←298]

João 7: 2-10.

[←299]

Salmo 5: 7.

[←300]

Salmo 11: 3.

[←301]

Cf. Judite 5: 5.

[←302]

João 13: 23.

[←303]

João 1: 1-8.

[←304]

João 5: 35.

[←305]

João 1: 9.

[←306]
João 1: 14.

[←307]
Romanos 3: 4.

[←308]
Salmo 33: 6. *Accedite ad eum et illuminamini*.

[←309]
Cf. Mateus 2: 14.

[←310]
Mateus 10: 23.

[←311]
João 7: 25 e 26.

[←312]
Mateus 25: 40.

[←313]
Atos 9: 4.

[←314]
Cf. Efésios 1: 22. Deus *o constituiu cabeça suprema da Igreja, que é o seu corpo*. (*Ipsum dedit caput supra omnem ecclesiam, quæ est corpus ipsius)*.

[←315]
João 8: 31-34.

[←316]
Mateus 7: 24 e 25.

[←317]
Mateus 8: 22.

[←318]
João 14: 30.

[←319]
Romanos 8: 3 e 4.

[←320]
2 Coríntios 5: 21.

[←321]
João 14: 30.

[←322]
Levítico 4: 29.

[←323]
João 1: 14.

[←324]
João 14: 30.

[←325]
João 14: 6.

[←326]
João 9: 1-7.

[←327]
João 9: 30-33.

[←328]
João 16: 15.

[←329]
João 17: 10.

[←330]
João 5: 19.

[←331]
Salmo 109: 3.

[←332]
Gênesis 1: 1.

[←333]
João 1: 1.

[←334]
João 17: 24.

[←335]
João 5: 21.

[←336]
Salmo 73: 17.

[←337]
Salmo 138: 16. *Imperfectum meum viderunt oculi tui et in libro tuo omnes scribentur*.

[←338]
Lucas 10: 13.

[←339]
Levítico 16: 6 e Hebreus 7: 27.

[←340]
Mateus 6: 9 e 12.

[←341]
Mateus 26: 69-74.

[←342]
Cf. João 13: 23.

[←343]
1 João 1: 9-10.

[←344]
João 9: 1-7.

[←345]
João 9: 30-33.

[←346]
João 9: 35-38.

[←347]
Cf. Lucas 18: 10-14.

[←348]
João 4: 34; 5: 30 e 6: 38.

[←349]
Mateus 12: 13.

[←350]
Colossenses 2: 16.

[←351]
João 9: 16.

[←352]
João 9: 39.

[←353]
Cf. Números 15: 32-36.

[←354]
Romanos 11: 25.

[←355]
2 Reis 4: 31.

[←356]
Gálatas 3: 21.

[←357]
Gálatas 3: 22.

[←358]
2 Coríntios 3: 6.

[←359]
Cf. 2 Reis 4: 34.

[←360]
Filipenses 2: 6 e 7.

[←361]
Romanos 8: 3.

[←362]
João 10: 1-16.

[←363]
Mateus 25: 34-36.

[←364]
Mateus 25: 37-39.

[←365]
Mateus 25: 46.

[←366]
João 21: 15-17.

[←367]
Lucas 22: 33.

[←368]
Cf. Lucas 22: 55-61.

[←369]
Lucas 18: 10-14.

[←370]
Cf. Filipenses 1: 18.

[←371]
Mateus 23: 2.

[←372]
Cf. Efésios 2: 20.

[←373]
Lucas 5: 7.

[←374]
Cf. Gênesis 29.

[←375]
Cf. Mateus 20: 30-34.

[←376]
Cf. Mateus 27: 51.

[←377]
2 Coríntios 3: 16.

[←378]
2 Coríntios 3: 15.

[←379]
Mateus 23: 2 e 3.

[←380]
Mateus 23: 3.

[←381]
Mateus 23: 2 e 3.

[←382]
Mateus 23: 4.

[←383]
Mateus 7: 21-23.

[←384]
Filipenses 1: 17.

[←385]
João 21: 16.

[←386]
Filipenses 1: 18.

[←387]
1 Coríntios 4: 17.

[←388]
Filipenses 2: 20 e 21.

[←389]
Mateus 6: 2.

[←390]
2 Timóteo 2: 21.

[←391]
Lucas 14: 11.

[←392]
Mateus 7: 15.

[←393]
Mateus 7: 16.

[←394]
Mateus 23: 3.

[←395]
1 Coríntios 4: 3 e 4.

[←396]
Ezequiel 33: 7-9.

[←397]
Lucas 19: 20-23.

[←398]
João 10: 1-16.

[←399]
Esta passagem indica que este sermão foi feito sobre o túmulo do grande bispo de Cartago.

[←400]
Mateus 6: 2.

[←401]
1 Coríntios 13: 1 e 2.

[←402]
1 Coríntios 13: 3.

[←403]
Mateus 7: 22 e 23.

[←404]
João 21: 15-17.

[←405]
Mateus 12: 35.

[←406]
1 Coríntios 12: 12.

[←407]
Lucas 11: 23.

[←408]
Cântico 1: 7.

[←409]
Isaías 53: 2.

[←410]
Mateus 27: 42.

[←411]
Mateus 26: 67 e 68.

[←412]
Cf. Romanos 11: 25.

[←413]
Coríntios 2: 8.

[←414]
Lucas 22: 34.

[←415]
Cântico 1: 7.

[←416]
Salmo 44: 3.

[←417]
Cântico 1: 7.

[←418]
Cântico 1: 4. Ver *Sermão 046*, cap. 36-38.

[←419]
Atos 4: 32.

[←420]
Salmo 89: 12. *Dexteram tuam sic notam fac et eruditos corde in sapientia*.

[←421]
Sodales enim dicti sunt, quod simul edant, quasi simul edales.

[←422]
Salmo 54: 13-15.

[←423]
1 João 2: 19.

[←424]
Cf. Juízes 14.

[←425]
João 21: 15.

[←426]
Cântico 1: 7.

[←427]
Salmo 44: 4. *Omnis gloria ejus filiæ regis ab intus*.

[←428]
2 Coríntios 11: 2 e 3.

[←429]
Mateus 25: 21 e 23.

[←430]
Cântico 1: 8.

[←431]
Meridie em latim significa *meio-dia* e *sul*.

[←432]
Cântico 1: 6. *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie*.

[←433]
Meridie = meio-dia e sul.

[←434]
João 10: 30.

[←435]
Isaías 7: 9.

[←436]
Mateus 6: 9.

[←437]
Cf. Efésios 1: 6.

[←438]
1 Coríntios 10: 4.

[←439]
João 12: 44-50.

[←440]
João 8: 12.

[←441]
1 João 5: 20.

[←442]
João 10: 30.

[←443]
Isaías 7: 9.

[←444]
2 Coríntios 6: 13 e 14.

[←445]
João 14: 6.

[←446]
Romanos 1: 18.

[←447]
Romanos 1: 19.

[←448]
Romanos 1: 20.

[←449]
Romanos 1: 21.

[←450]
Romanos 1: 22.

[←451]
João 1: 4.

[←452]
João 14: 6.

[←453]
Salmo 139: 6.

[←454]
Eclesiástico 9: 20.

[←455]
Jeremias 3: 3. *Frons mulieris meretricis facta est tibi ; noluisti erubescere*.

[←456]
Tiago 4: 4.

[←457]
Mateus 7: 3.

[←458]
Salmo 82: 17.

[←459]
Salmo 77: 39.

[←460]
Zacarias 1: 3.

[←461]
Ver *Tratado 002 sobre São João,* cap. 8.

[←462]
Mateus 7: 13.

[←463]
João 10: 7.

[←464]
Mateus 11: 27.

[←465]
Romanos 5: 6.

[←466]
Romanos 8: 32.

[←467]
Mateus 20: 22.

[←468]
Mateus 11: 27.

[←469]
Mateus 11: 28 e 29.

[←470]
Lucas 10: 17 e 20.

[←471]
Mateus 11: 29.

[←472]
Mateus 7: 21 e 22.

[←473]
1 Coríntios 13: 4.

[←474]
Mateus 19: 21.

[←475]
Mateus 19: 27.

[←476]
Mateus 28: 20.

[←477]
1 Coríntios 13: 3.

[←478]
Filipenses 3: 13 e 12.

[←479]
João 16: 7-11.

[←480]
Efésios 2: 3.

[←481]
1 Pedro 2: 22.

[←482]
1 João 3: 9.

[←483]
João 15: 22.

[←484]
Romanos 3: 23.

[←485]
Romanos 9: 33.

[←486]
Salmo 33: 6.

[←487]
Romanos 3: 3.

[←488]
João 20: 28 e 29.

[←489]
2 Coríntios 5: 16.

[←490]
Romanos 11: 6-10.

[←491]
João 20: 17.

[←492]
Romanos 1: 17.

[←493]
Cf. João 12: 31.

[←494]
Cf. Efésios 2: 2.

[←495]
Cf. Salmo 24: 9.

[←496]
João 16: 7-11.

[←497]
Tiago 4: 6.

[←498]
Romanos 3: 23.

[←499]
Romanos 5: 12.

[←500]
Habacuc 2: 4, Romanos 1: 17, Gálatas 3: 11 e Hebreus 10: 38.

[←501]
Filipenses 2: 3-11.

[←502]
João 3: 13.

[←503]
Filipenses 3: 20.

[←504]
Colossenses 3: 1-3.

[←505]
1 Coríntios 12: 27.

[←506]
João 15: 5.

[←507]
Cf. João 10: 30.

[←508]
Filipenses 2: 6.

[←509]
Filipenses 2: 7.

[←510]
Gálatas 3: 16.

[←511]
Gálatas 3: 29.

[←512]
Romanos 4: 25.

[←513]
2 Coríntios 5: 21.

[←514]
Filipenses 3: 20.

[←515]
João 16: 24.

[←516]
Lucas 10: 17 e 20.

[←517]
Salmo 65: 9.

[←518]
Salmo 30: 20. *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te ; perfecisti eis qui sperant in te.*

[←519]
Êxodo 20: 17.

[←520]
Cf. Romanos 7: 23.

[←521]
Romanos 7: 7.

[←522]
Romanos 7: 8.

[←523]
Romanos 7: 11.

[←524]
Romanos 7: 12 e 13.

[←525]
1 Coríntios 13: 1-3.

[←526]
1 Coríntios 4: 7.

[←527]
Romanos 5: 5.

[←528]
Romanos 7: 24.

[←529]
Salmo 38: 7.

[←530]
Isaías 42: 14.

[←531]
Romanos 7: 24 e 25.

[←532]
Salmo 33: 9.

[←533]
Marcos 9: 34 e Lucas 22: 24. *Pelo caminho haviam discutido entre si qual deles seria o maior*.

[←534]
1 Coríntios 5: 7.

[←535]
Cf. Marcos 9: 33-36.

[←536]
Lucas 10: 17.

[←537]
Lucas 10: 20.

[←538]
Mateus 7: 22 e 23.

[←539]
Lucas 10: 20.

[←540]
1 Coríntios 3: 7.

[←541]
João 4: 13.

[←542]
João 14: 8 e 9.

[←543]
João 21: 15-17.

[←544]
Cf. Hebreus 13: 17.

[←545]
Salmo 56: 12.

[←546]
Salmo 2: 8.

[←547]
Cf. Mateus 25: 33.

[←548]
João 13: 37 e 38.

[←549]
João 21: 15-17.

[←550]
Salmo 115: 11.

[←551]
Cf. 1 Coríntios X, 4. *Todos bebiam da pedra espiritual que os seguia e essa pedra era Cristo.*

[←552]
João 21: 18.

[←553]
João 21: 19.

[←554]
João 21: 19.

[←555]
Atos 5: 1-12.

[←556]
1 Coríntios 11: 30. *Ideo inter vos multi infirmi et imbecilles et dormiunt multi.*

[←557]
1 Coríntios 11: 31 e 32.

[←558]
Atos 10: 9-16.

[←559]
Mateus 5: 16.

[←560]
Mateus 6: 1-4.

[←561]
Mateus 5: 43-47.

[←562]
Colossenses 2: 16 e 17.

[←563]
Romanos 14: 20.

[←564]
Tito 1: 15.

[←565]
1 Coríntios 10: 25-28.

[←566]
Cf. Deuteronômio 14.

[←567]
Provérbios 21: 20 (Septuaginta)

[←568]
Mateus 24: 31.

[←569]
Mateus 16: 19.

[←570]
Atos 10: 28.

[←571]
Atos 10: 15.

[←572]
Cf. Atos 11.

[←573]
Ver *Sermão 054*, cap. 1.

[←574]
Cf. Mateus 25: 1-13.

[←575]
1 Coríntios 4: 16 e 11: 1.

[←576]
Gálatas 1: 22 e 23.

[←577]
Gálatas 1: 10.

[←578]
Gálatas 10: 33.

[←579]
Lucas 23: 34.

[←580]
Atos 7: 60.

[←581]
Mateus 5: 43. *Diliges proximum tuum et odio habebis inimicum tuum*.

[←582]
Cf. Efésios 4: 27. *Não deis espaço ao demônio*.

[←583]
Cf. Efésios 2: 1 e 2. *E vós outros estáveis mortos por vossas faltas, pelos pecados que cometestes outrora seguindo o modo de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes*.

[←584]
1 Timóteo 2: 1 e 2.

[←585]
Mateus 22: 37 e 39.

[←586]
Romanos 12: 20.

[←587]
Salmo 119: 3 e 4. *Que ganharás, qual será teu proveito, ó língua pérfida? Flechas agudas de guerreiro, carvões ardentes de giesta*.

[←588]
Atos 17: 18-34.

[←589]
1 Coríntios 1: 23 e 24.

[←590]
Sabedoria 2: 3.

[←591]
1 Coríntios 15: 32.

[←592]
Sabedoria 2: 5.

[←593]
Sabedoria 2: 8 e 9.

[←594]
Sabedoria 2: 10.

[←595]
Sabedoria 2: 1.

[←596]
Cf. Lucas 16: 19-24.

[←597]
CF. Salmo 48: 7. *7. Eles confiam em suas forças e se vangloriam das suas riquezas*.

[←598]
Jeremias 17: 5.

[←599]
Cf. Filipenses 3: 13. *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*.

[←600]
Cf. Êxodo 17: 6.

[←601]
1 Coríntios 1: 22.

[←602]
1 Coríntios 1: 23.

[←603]
1 Coríntios 1: 23 e 24.

[←604]
Salmo 17: 2.

[←605]
Romanos 1: 21.

[←606]
Salmo 88: 16-18.

[←607]
Salmo 45: 2.

[←608]
Salmo 93: 12.

[←609]
Salmo 143: 15.

[←610]
Isaías 66: 24.

[←611]
Cf. Mateus 25: 41 e 46.

[←612]
Mateus 19: 16-21.

[←613]
Tiago 4: 6 e 1 Pedro 5: 5.

[←614]
João 14: 6.

[←615]
Romanos 7: 15-25.

[←616]
1 Coríntios 15: 53-55.

[←617]
Gálatas 5: 16.

[←618]
Gálatas 5: 17 e 18.

[←619]
Cf. Romanos 7: 7. *Não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!"*

[←620]
Eclesiástico 18: 30. *Post concupiscentias tuas non eas*.

[←621]
1 Coríntios 6: 9 e 10.

[←622]
Cf. Gênesis 2: 25.

[←623]
Cf. Gênesis 2: 19 e 20.

[←624]
Gênesis 3: 6.

[←625]
Gênesis 3: 7.

[←626]
1 Coríntios 15: 56.

[←627]
1 Coríntios 15: 56.

[←628]
Romanos 5: 20.

[←629]
Romanos 5: 20.

[←630]
Romanos 7: 26.

[←631]
Romanos 8: 1-4.

[←632]
Romanos 7: 15.

[←633]
Romanos 7: 26.

[←634]
Romanos 8: 1-3.

[←635]
1 Coríntios 3: 6 e 7.

[←636]
Mateus 6: 13.

[←637]
Romanos 7: 18.

[←638]
Romanos 8: 1.

[←639]
Romanos 5: 17.

[←640]
Romanos 8: 2.

[←641]
Romanos 8: 3.

[←642]
Romanos 7: 23.

[←643]
Gênesis 2: 17.

[←644]
Romanos 7: 22.

[←645]
Romanos 7: 26.

[←646]
Salmo 118: 29.

[←647]
Êxodo 20: 17.

[←648]
Romanos 7: 7

[←649]
Romanos 7: 11.

[←650]
Romanos 7: 12.

[←651]
Romanos 7: 12 e 13.

[←652]
Romanos 7: 13.

[←653]
Gálatas 4: 21-26.

[←654]
2 Coríntios 3: 6.

[←655]
Romanos 8: 3.

[←656]
Romanos 8: 3.

[←657]
Romanos 8: 3.

[←658]
Romanos 8: 4.

[←659]
Romanos 8: 4

[←660]
João 1: 29.

[←661]
1 Pedro 2: 22.

[←662]
João 14: 30.

[←663]
João 14: 31.

[←664]
João 10: 17 e 18.

[←665]
2 Coríntios 5: 20.

[←666]
2 Coríntios 5: 21.

[←667]
2 Coríntios 13: 3.

[←668]
Levítico 4 (?).

[←669]
Efésios 5: 2.

[←670]
Romanos 7: 5-13.

[←671]
Salmo 93: 12.

[←672]
1 Coríntios 3: 7.

[←673]
Lucas 3: 6. *Videbit omnis caro salutare Dei*.

[←674]
João 1: 14.

[←675]
Isaías 40: 6 e 8. *Omnis caro fœnum et omnis gloria ejus quasi flos agri; verbum, autem, Domini nostri, manet in æternum*.

[←676]
Salmo 60: 4. *Haveis de me elevar sobre um rochedo e me dar descanso, porque vós sois o meu refúgio, uma torre forte contra o inimigo*.

[←677]
Salmo 49: 22.

[←678]
Salmo 118: 85. *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua*.

[←679]
Salmo 84: 13.

[←680]
Salmo 118: 68. *Bonus es tu et in bonitate tua doce me justificationes tuas*.

[←681]
Provérbios 10: 26.

[←682]
Salmo 40: 5.

[←683]
Gênesis 3: 2-5.

[←684]
1 Samuel 17: 45.

[←685]
2 Coríntios 13: 3.

[←686]
Romanos 4: 15. *Ubi enim non est lex, nec prævaricatio*.

[←687]
Romanos 5: 12.

[←688]
Lucas 1: 35.

[←689]
Romanos 5: 20.

[←690]
Romanos 7: 16-25.

[←691]
Romanos 7: 7-11.

[←692]
Romanos 7: 12 e 13.

[←693]
Romanos 7: 13.

[←694]
Romanos 4: 15.

[←695]
Romanos 7: 14 e 15.

[←696]
1 Coríntios 4: 6.

[←697]
Êxodo 20: 17.

[←698]
Mateus 22: 30 e Lucas 20: 35 e 36.

[←699]
Filipenses 3: 12-14.

[←700]
2 Coríntios 4: 7.

[←701]
2 Coríntios 12: 7.

[←702]
2 Coríntios 12: 7.

[←703]
Romanos 7: 14. *Qui spirituales estis, hujusmodi instruite in spiritu lenitatis*.

[←704]
Gálatas 6: 1.

[←705]
Romanos 7: 22.

[←706]
Romanos 7: 23.

[←707]
Êxodo 20: 17.

[←708]
Eclesiástico 18: 30.

[←709]
1 Coríntios 15: 54 e 55.

[←710]
Romanos 7: 14.

[←711]
1 Coríntios 15: 44.

[←712]
Romanos 7: 25.

[←713]
Mateus 7: 23.

[←714]
2 Coríntios 5: 21.

[←715]
Salmo 118: 85.

[←716]
Salmo 55: 5.

[←717]
1 Coríntios 15: 54 e 55.

[←718]
Cf. Lucas 10: 30.

[←719]
Salmo 102: 2 e 3. *Bendiga, ó minha alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todos os seus benefícios.*
É ele que perdoa as tuas faltas e cura as tuas enfermidades.

[←720]
Efésios 5; 29. *Nemo enim umquam carnem suam odio habuit.*

[←721]
João 5: 28 e 29.

[←722]
1 Coríntios 15: 54.

[←723]
1 Coríntios 15: 21 e 22.

[←724]
1 Coríntios 15: 55.

[←725]
Romanos 8: 1-11.

[←726]
Romanos 7: 25.

[←727]
Romanos 7: 20.

[←728]
1 Coríntios 15: 55.

[←729]
Romanos 8: 1.

[←730]
1 Coríntios 15: 54-56.

[←731]
Romanos 6: 12 e 13.

[←732]
Romanos 8: 1.

[←733]
Romanos 7: 23.

[←734]
Romanos 7: 6.

[←735]
Mateus 12: 28.

[←736]
Lucas 11: 20.

[←737]
Êxodo 8: 19.

[←738]
Romanos 7: 23.

[←739]
Romanos 7: 12.

[←740]
Romanos 7: 13.

[←741]
Romanos 5: 20.

[←742]
Salmo 43: 9.

[←743]
Salmo 33: 3.

[←744]
Cf. 2 Coríntios 3: 3. *Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações.*

[←745]
1 Coríntios 5: 7.

[←746]
João 13: 1.

[←747]
Cf. Êxodo 20: 21.

[←748]
Cf. Êxodo 19: 16

[←749]
Cf. Êxodo 20: 19.

[←750]
Cf. Êxodo 19: 18.

[←751]
Cf. Êxodo 31: 18

[←752]
Atos 2: 2.

[←753]
Atos 2: 3 e 4.

[←754]
Romanos 8: 2.

[←755]
2 Coríntios 3: 3.

[←756]
Jeremias 31: 31-33.

[←757]
Romanos 7: 14.

[←758]
Gálatas 4: 4.

[←759]
Romanos 6: 6.

[←760]
João 14: 30.

[←761]
Cf. Salmo 68:5. *Porventura posso restituir o que não roubei?*

[←762]
Mateus 17: 23-26.

[←763]
Vide *Sermão 134*, caps. 4-6 e *Sermão 152*, caps. 10 e 11.

[←764]
2 Coríntios 5: 21.

[←765]
Salmo 35: 7.

[←766]
Salmo 120: 1 e 2.

[←767]
Salmo 35: 7.

[←768]
Romanos 11: 33.

[←769]
Romanos 8: 28-31.

[←770]
Mateus 5: 17.

[←771]
Eclesiástico 18: 30.

[←772]
Mateus 6: 12.

[←773]
Efésios 5: 8.

[←774]
Marcos 2: 11.

[←775]
Cf. Lucas 11: 24-26.

[←776]
Romanos 7: 24.

[←777]
Salmo 40: 9.

[←778]
Efésios 5: 29.

[←779]
Lucas 21: 18.

[←780]
Romanos 7: 24.

[←781]
Gálatas 5: 17.

[←782]
1 Coríntios 15: 54.

[←783]
1 Coríntios 15: 44.

[←784]
Romanos 8: 12-17.

[←785]
Salmo 36: 4.

[←786]
Salmo 110: 10. *Intellectus bonus omnibus facientibus eum*.

[←787]
Romanos 7: 15.

[←788]
Ver *Sermão 155*, cap. 4.

[←789]
Mateus 9: 12.

[←790]
Gálatas 3: 21.

[←791]
Gálatas 3: 22.

[←792]
1 Timóteo 1: 8.

[←793]
Gálatas 3: 21.

[←794]
Gálatas 2: 21.

[←795]
Gálatas 3: 22 e 24.

[←796]
Romanos 10: 3 e 4.

[←797]
Gálatas 3: 19.

[←798]
Romanos 5: 20.

[←799]
Gálatas 3: 19.

[←800]
Gálatas 3: 20.

[←801]
1 Timóteo 2; 5.

[←802]
Isaías 53: 1.

[←803]
Tiago 2: 19.

[←804]
Êxodo 3: 14.

[←805]
Salmo 48: 7.

[←806]
Atos 17: 18.

[←807]
Salmo 72: 28.

[←808]
Salmo 39: 5. *Et non respexit in vanitates et insanias falsas*.

[←809]
Salmo 55: 5. *Non timebo quid faciat mihi caro*.

[←810]
Salmo 55: 11. *Non timebo quid faciat mihi homo*.

[←811]
Mateus 10: 28.

[←812]
Romanos 7; 25.

[←813]
Gálatas 5: 17.

[←814]
Tiago 4: 6.

[←815]
Salmo 29: 9. *Adiutor meus esto, ne derelinquas me*.

[←816]
Romanos 8: 28.

[←817]
2 Pedro 2: 19.

[←818]
João 8: 34.

[←819]
João 8: 36.

[←820]
Cf. AGOSTINHO. *A graça de Jesus Cristo e o pecado original.* Livro I, Cap. 26, 27, 29 e 30.

[←821]
João 15: 5.

[←822]
Efésios 2: 22.

[←823]
Romanos 9: 16.

[←824]
Romanos 5: 5.

[←825]
Romanos 8: 15.

[←826]
Êxodo 19, 20, 31. Ver *Sermão 155*, cap. 6.

[←827]
Cf. Atos 2: 1-4.

[←828]
1 João 4: 18.

[←829]
2 Coríntios 5: 17 e 18.

[←830]
Cf. Daniel 13.

[←831]
Mateus 6: 9.

[←832]
Salmo 117: 22.

[←833]
Cf. Efésios 2: 11-22.

[←834]
Efésios 2: 14.

[←835]
Salmo 15: 5.

[←836]
Romanos 8: 24 e 25.

[←837]
Salmo 141: 6. *Tu es spes mea, portio mea in terra viventium.*

[←838]
2 Coríntios 4: 18.

[←839]
Salmo 26: 14.

[←840]
Eclesiástico 2: 16.

[←841]
1 Coríntios 15: 32.

[←842]
1 Coríntios 15: 33 e 34.

[←843]
Salmo 24: 8-10.

[←844]
João 14: 6.

[←845]
Cf. Romanos 8: 32.

[←846]
Cf. Filipenses 2: 6 e 7.

[←847]
Efésios 5: 2.

[←848]
Colossenses 1: 18.

[←849]
1 Coríntios 12: 27.

[←850]
Provérbios 3: 12 e Hebreus 12: 6.

[←851]
Romanos 8: 32.

[←852]
Cf.

[←853]
Romanos 12: 12.

[←854]
2 Coríntios 3: 12.

[←855]
Colossenses 4: 6.

[←856]
Cf. 1 Coríntios 7: 29-31.

[←857]
Cf. João 11: 39-44.

[←858]
Cf. Lucas 16: 19-31.

[←859]
Jeremias 17: 5.

[←860]
Cf. Romanos 4: 18.

[←861]
1 Pedro 5: 8.

[←862]
1 Coríntios 15: 34.

[←863]
Cf. Gálatas 4: 26.

[←864]
Romanos 8: 30 e 31.

[←865]
Atos 9: 5.

[←866]
Romanos 11: 34 e 35.

[←867]
Romanos 4: 17.

[←868]
Romanos 11: 36.

[←869]
1 João 1: 8.

[←870]
Habacuc 2: 4 e Romanos 1: 17.

[←871]
Cf. 1 João 1: 1.

[←872]
João 20: 28 e 29.

[←873]
Salmo 17: 45. *Populus quem non cognovi servivit mihi ; in auditu auris obedivit mihi.*

[←874]
Cf. Tito 3: 5.

[←875]
Tiago 2: 19.

[←876]
Mateus 16: 17.

[←877]
Marcos 1: 25.

[←878]
Hebreus 12: 15.

[←879]
1 Coríntios 12: 31.

[←880]
1 Coríntios 13: 1.

[←881]
1 Coríntios 13: 13.

[←882]
Gálatas 5: 6.

[←883]
Cf. Salmo 42: 1.

[←884]
Salmo 35: 10.

[←885]
João 6: 41.

[←886]
Salmo 16: 15.

[←887]
1 João 3: 2.

[←888]
Romanos 8: 23.

[←889]
Isaías 35: 10.

[←890]
Romanos 8: 24 e 25.

[←891]
Romanos 8: 34 e 35.

[←892]
João 20: 29.

[←893]
Efésios 3: 17.

[←894]
2 Coríntios 5: 6 e 7.

[←895]
1 Coríntios 15: 28.

[←896]
Salmo 3: 4.

[←897]
1 Coríntios 13: 13.

[←898]
Romanos 8: 37.

[←899]
Tiago 1: 2-4.

[←900]
1 João 1: 8.

[←901]
Salmo 37: 10.

[←902]
Hebreus 12: 4.

[←903]
Salmo 25: 2.

[←904]
Salmo 36: 4.

[←905]
Salmo 35: 10.

[←906]
Salmo 12: 5.

[←907]
Lucas 8: 8.

[←908]
2 Coríntios 2: 15.

[←909]
Salmo 33: 9.

[←910]
Cântico 2: 6.

[←911]
Romanos 6: 19. *Humanum dico, propter infirmitatem carnis vestræ : sicut enim exhibuistis membra vestra servire immunditiæ et iniquitati ad iniquitatem, ita nunc exhibete membra vestra servire justitiæ in sanctificationem.*

[←912]
Mateus 10: 39.

[←913]
Mateus 10: 27.

[←914]
Tiago 1: 17.

[←915]
Mateus 7: 7.

[←916]
Mateus 7: 11.

[←917]
1 Coríntios 1: 31.

[←918]
Salmo 70: 2.

[←919]
Cf. Colossenses 3: 9.

[←920]
Romanos 10: 3.

[←921]
1 Coríntios 4: 7.

[←922]
Salmo 70: 1.

[←923]
Romanos 10: 2.

[←924]
Romanos 10: 3.

[←925]
1 Coríntios 4: 7.

[←926]
João 7: 37 e 38.

[←927]
1 Coríntios 2: 1.

[←928]
1 Coríntios 2: 2.

[←929]
Colossenses 2: 8.

[←930]
Colossenses 2: 3.

[←931]
Cf. Ezequiel 34: 18 e 19.

[←932]
Coríntios 2: 8.

[←933]
Salmo 118: 21.

[←934]
I Coríntios 2: 9.

[←935]
Lucas 24: 32.

[←936]
Gálatas 6: 14.

[←937]
Gálatas 6: 14.

[←938]
Cf. Mateus 20: 20.

[←939]
Mateus 20: 22.

[←940]
Mateus 26: 39.

[←941]
Gálatas 6: 14.

[←942]
2 Coríntios 3: 15.

[←943]
2 Coríntios 3: 16.

[←944]
2 Coríntios 3: 18.

[←945]
Cf. Josué 5: 2.

[←946]
1 Coríntios 12: 4.

[←947]
Gálatas 6: 13.

[←948]
Cf. Isaías 9: 1. *O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma luz.*

[←949]
Cf. Mateus 11: 3.

[←950]
Romanos 10: 2.

[←951]
Romanos 10: 3.

[←952]
Romanos 10: 4.

[←953]
Romanos 4: 5.

[←954]
Romanos 4: 2.

[←955]
Salmo 70: 2.

[←956]
Sabedoria 8: 21.

[←957]
1 Coríntios 6: 9, 10, 15 e 19.

[←958]
Efésios 5: 23.

[←959]
Colossenses 1: 18.

[←960]
Isaías 40: 6.

[←961]
Salmo 33: 16.

[←962]
Salmo 33: 17.

[←963]
Salmo 141: 6.

[←964]
Cf. Mateus 10: 15.

[←965]
Mateus 23: 15.

[←966]
Mateus 10; 28.

[←967]
Sabedoria 1: 11.

[←968]
Romanos 5: 5.

[←969]
Eclesiástico 30: 24.

[←970]
Cf. Gênesis 2: 7.

[←971]
Mateus 10; 28.

[←972]
1 João 4: 18.

[←973]
Cf. Salmo 18: 10. *O temor ao Senhor é puro e permanece pelos séculos dos séculos*.

[←974]
Cf. João 8: 34.

[←975]
1 Coríntios 3: 16 e 17.

[←976]
1 Coríntios 7: 25.

[←977]
1 Pedro 3: 3 e 4.

[←978]

Salmo 44: 3.

[←979]

1 Coríntios 7: 34.

[←980]

1 Coríntios 6: 18.

[←981]

1 Coríntios 6: 9 e 10. *Nolite errare : neque fornicarii, neque idolis servientes, neque adulteri, neque molles, neque masculorum concubitores, neque fures, neque avari, neque ebriosi, neque maledici, neque rapaces regnum Dei possidebunt.*

[←982]

1 Coríntios 6: 15-17.

[←983]

1 Coríntios 6: 18 e 19.

[←984]

Salmo 13: 1.

[←985]

2 Coríntios 5: 10.

[←986]

Gálatas 5: 19-21.

[←987]

Cf. 2 Coríntios 13: 3.

[←988]

Salmo 77: 39.

[←989]
Salmo 72: 27.

[←990]
Salmo 72: 28.

[←991]
1 João 2: 15.

[←992]
Tiago 4: 4.

[←993]
Mateus 6: 24.

[←994]
Romanos 1: 25.

[←995]
Eclesiástico 10: 15 e 14. *O princípio de todo pecado é o orgulho. O início do orgulho numa pessoa é renegar a Deus.*

[←996]
1 João 2: 15-17.

[←997]
Gálatas 5: 16-21.

[←998]
2 Coríntios 6: 16.

[←999]
2 Coríntios 6: 13 e 14.

[←1000]
Romanos 5: 5.

[←1001]
Salmo 29: 12 e 13.

[←1002]
Salmo 95: 1.

[←1003]
Colossenses 2: 14.

[←1004]
Romanos 7: 14.

[←1005]
Salmo 95: 1.

[←1006]
Efésios 4: 22 e 24.

[←1007]
Salmo 95: 2.

[←1008]
Salmo 84: 8.

[←1009]
Lucas 10: 24.

[←1010]
Cf. Lucas 2: 26.

[←1011]
Lucas 2: 29 e 30.

[←1012]
Salmo 95: 1-5.

[←1013]
Cf. Salmo 18: 2 e 5.

[←1014]
1 Coríntios 3: 10.

[←1015]
1 Coríntios 15: 54 e 55..

[←1016]
Salmo 6: 3 e 4.

[←1017]
Isaías 58: 9.

[←1018]
2 Coríntios 12: 7.

[←1019]
Gênesis 3: 5.

[←1020]
2 Coríntios 12: 8.

[←1021]
2 Coríntios 12: 9.

[←1022]
1 Coríntios 15: 55 e 56.

[←1023]
1 Coríntios 15: 54.

[←1024]
Mateus 6: 12.

[←1025]
1 João 1: 8.

[←1026]
Cf. 2 Coríntios 3: 6. *A letra mata, mas o Espírito, por outro lado, vivifica*.

[←1027]
1 Coríntios 15: 56.

[←1028]
Romanos 5: 20.

[←1029]
Romanos 5: 20.

[←1030]
Romanos 7: 12 e 13.

[←1031]
Romanos 7: 7 e 8.

[←1032]
Romanos 7: 10.

[←1033]
2 Coríntios 3: 6.

[←1034]
Romanos 7: 18.

[←1035]
Gálatas 3: 21 e 22.

[←1036]
Gálatas 3: 22.

[←1037]
1 Coríntios 4: 7.

[←1038]
1 Coríntios 15: 57.

[←1039]
Lucas 18: 1.

[←1040]
Isaías 58: 9.

[←1041]
Salmo 34: 3.

[←1042]
Romanos 7: 24.

[←1043]
Salmo 8: 5.

[←1044]
Romanos 7: 22.

[←1045]
Romanos 7: 25.

[←1046]
Gálatas 6: 2-5.

[←1047]
Mateus 11: 28.

[←1048]
Mateus 11: 29.

[←1049]
João 1: 1.

[←1050]
João 1: 3.

[←1051]
Mateus 11: 29.

[←1052]
Mateus 11: 30.

[←1053]
1 Timóteo 6: 17-19.

[←1054]
Mateus 10: 22.

[←1055]
Cf. Mateus 3: 12 e Lucas 3: 17.

[←1056]
Cf. João 21: 11.

[←1057]
I Coríntios 11: 27 e 29.

[←1058]
Cf. Mateus 3: 11 e 12.

[←1059]
Ver Santo Agostinho. *Carta 141,* cap. 6.

[←1060]

[←1061]
2 Coríntios 2: 24-26.

[←1062]
Provérbios 20: 8 e 9.

[←1063]
Efésios 3: 13-19.

[←1064]
Gálatas 6: 14.

[←1065]
2 Coríntios 6: 13 e 14.

[←1066]
2 Coríntios 6: 11 e 12.

[←1067]
2 Coríntios 9: 7.

[←1068]
Mateus 24: 12.

[←1069]
Mateus 24: 13.

[←1070]
Mateus 13: 11 e 22.

[←1071]
Salmo 91: 6.

[←1072]
Salmo 91: 7.

[←1073]
Romanos 9: 11.

[←1074]
1 Coríntios 15: 22.

[←1075]
Romanos 5: 12.

[←1076]
Romanos 5: 12.

[←1077]
Romanos 11: 33.

[←1078]
Romanos 9: 20.

[←1079]
Salmo 56: 2.

[←1080]
Efésios 4: 25.

[←1081]
Salmo 115: 2.

[←1082]
1 Coríntios 3: 3 e 4.

[←1083]
Salmo 81: 6.

[←1084]
Salmo 81: 7.

[←1085]
João 8: 44.

[←1086]
Efésios 5: 15 e 16.

[←1087]
2 Timóteo 3: 12.

[←1088]
2 Coríntios 11; 26.

[←1089]
Mateus 5: 40.

[←1090]
Efésios 6: 23.

[←1091]
Cf. Romanos 4: 20 e 21.

[←1092]
Cf. Gálatas 4: 28.

[←1093]
Gênesis 22: 18.

[←1094]
Tiago 2: 19.

[←1095]
Marcos 3: 11.

[←1096]
Marcos 1: 24.

[←1097]
Mateus 16: 15-17.

[←1098]
Gálatas 5: 6.

[←1099]
1 Coríntios 1: 31.

[←1100]
1 Coríntios 4: 7.

[←1101]
1 Coríntios 7: 25. *Consilium, autem, do, tamquam misericordiam consecutus a Domino ut sim fidelis*.

[←1102]
Atos 9: 4.

[←1103]
Mateus 20: 15.

[←1104]
Romanos 10: 14 e 15.

[←1105]
Romanos 11: 34 e 35.

[←1106]
Atos 7: 60.

[←1107]
Gálatas 1: 22 e 23.

[←1108]
1 Coríntios 15: 9.

[←1109]
1 Coríntios 15: 9.

[←1110]
1 Coríntios 15: 9 e 10.

[←1111]
1 Coríntios 1: 31.

[←1112]
Filipenses 3: 3-16.

[←1113]
Cf. Hebreus 10: 1.

[←1114]
2 Coríntios 5: 21.

[←1115]
Filipenses 2: 6 e 7.

[←1116]
2 Coríntios 8: 9.

[←1117]
Filipenses 3: 19.

[←1118]
Salmo 110: 10.

[←1119]
Cf. Gênesis 17: 12 e Levítico 12: 3.

[←1120]
Cf. Josué 5: 2.

[←1121]
Cf. 1 Coríntios 10: 4.

[←1122]
Romanos 4: 25.

[←1123]
Efésios 2: 8 e 9.

[←1124]
Salmo 55: 8.

[←1125]
1 Coríntios 1: 31.

[←1126]
Cf.

[←1127]
Cf. 1 Samuel 9: 2.

[←1128]
Lucas 1: 6.

[←1129]
2 Coríntios 3: 3.

[←1130]
Êxodo 20; 17.

[←1131]
Hebreus 10: 1.

[←1132]
Salmo 84: 13.

[←1133]
Cf. Salmo 76: 4.

[←1134]
Salmo 83: 3.

[←1135]
Cf. Gálatas 1: 14. *Avantajava-me no judaísmo a muitos dos meus companheiros de idade e nação, extremamente zeloso pelas tradições dos meus pais*.

[←1136]
Cf. Romanos 10: 3.

[←1137]
Romanos 9: 30.

[←1138]
Romanos 9: 31.

[←1139]
Romanos 4: 5.

[←1140]
Lucas 18: 13.

[←1141]
Romanos 9: 32 e 33.

[←1142]
Atos 9: 4.

[←1143]
Atos 9: 4 e 5.

[←1144]
Deuteronômio 32: 39.

[←1145]
Filipenses 3: 9.

[←1146]
Romanos 9: 32.

[←1147]
Romanos 9: 33.

[←1148]
Romanos 13: 10.

[←1149]
Romanos 5: 5.

[←1150]
Romanos 10: 1.

[←1151]
Romanos 10: 1 e 2.

[←1152]
Romanos 10: 3.

[←1153]
Romanos 4: 5.

[←1154]
Salmo 121: 1.

[←1155]
Salmo 131: 16.

[←1156]
Joel 3: 5 e Romanos 10: 13.

[←1157]
Mateus 9: 12 e 13.

[←1158]
Romanos 6: 9.

[←1159]
1 Coríntios 15: 55.

[←1160]
Romanos 4: 25.

[←1161]
1 Coríntios 13: 3.

[←1162]
2 Coríntios 4: 7.

[←1163]
Romanos 5: 5.

[←1164]
Salmo 17: 37.

[←1165]
Isaías 26: 13 (Septuaginta)

[←1166]
Romanos 6: 4.

[←1167]
Salmo 26: 4.

[←1168]
Lucas 10: 38-42.

[←1169]
Cf. João 1: 4.

[←1170]
1 João 3: 2.

[←1171]
Salmo 5: 4.

[←1172]
Lucas 17: 32.

[←1173]
Gálatas 6: 3.

[←1174]
1 Coríntios 8: 2.

[←1175]
Filipenses 3: 4-16.

[←1176]
Salmo 142: 1 e 2.

[←1177]
João 6: 39.

[←1178]
Tito 3: 5.

[←1179]
1 Timóteo 1: 13.

[←1180]
Cf. Romanos 7: 12.

[←1181]
Cf. Romanos 5: 20.

[←1182]
Êxodo 20: 17.

[←1183]
Romanos 4: 15.

[←1184]
Efésios 2: 3.

[←1185]
Jó 14: 4 (Septuaginta).

[←1186]
Salmo 50: 6.

[←1187]
João 14: 30.

[←1188]
Filipenses 3: 20.

[←1189]
João 14: 31.

[←1190]
Salmo 50: 7.

[←1191]
Êxodo 20: 17.

[←1192]
Romanos 7: 22 e 23.

[←1193]
Romanos 7: 24.

[←1194]
Romanos 7: 25.

[←1195]
Salmo 142: 1.

[←1196]
Mateus 6: 11.

[←1197]
Êxodo 33: 20.

[←1198]
Eclesiástico 24: 29.

[←1199]
João 4: 13.

[←1200]
Salmo 26: 14.

[←1201]
Atos 9: 4.

[←1202]
João 6: 39.

[←1203]
Cf. Lucas 18: 11.

[←1204]
2 Coríntios 5: 5.

[←1205]
Filipenses 4: 4.

[←1206]
Tiago 4: 4.

[←1207]
Mateus 6: 24.

[←1208]
Atos 17: 28.

[←1209]
Lucas 10: 25-37.

[←1210]
Romanos 6: 9.

[←1211]
Salmo 120: 4.

[←1212]
João 8: 48 e 49.

[←1213]
Filipenses 4: 5.

[←1214]
Salmo 9: 25. *Irritavit Dominum peccator*.

[←1215]
Salmo 9: 25. *Prae magnitudine irae suae non requirit*.

[←1216]
Cf. Salmo 102: 10. *Ele não está sempre a repreender, nem eterno é o seu ressentimento*.

[←1217]
1 Tessalonicenses 4: 13.

[←1218]
Salmo 40: 9.

[←1219]
Gálatas 5: 6.

[←1220]
Salmo 68: 21.

[←1221]
1 Tessalonicenses 4: 13-18.

[←1222]
Salmo 115: 6.

[←1223]
Salmo 33: 22. *Mors peccatorum péssima*.

[←1224]
Salmo 111: 6.

[←1225]
Salmo 111: 7.

[←1226]
Mateus 25: 41.

[←1227]
João 11: 25.

[←1228]
João 11: 26.

[←1229]
Cf. Provérbios 8: 35. *As minhas saídas são as saídas da vida e nelas é preparado o favor do Senhor*. (Septuaginta).

[←1230]
João 8: 37.

[←1231]
Cf. João 11: 35.

[←1232]
João 21: 18.

[←1233]
1 Timóteo 1: 15.

[←1234]
Lucas 19: 1-10.

[←1235]
Jeremias 23: 24.

[←1236]
Sabedoria 8: 1.

[←1237]
João 1: 4.

[←1238]
Lucas 19: 10.

[←1239]
1 Timóteo 2: 5.

[←1240]
João 1: 14.

[←1241]
João 1: 14.

[←1242]
Lucas 15: 12.

[←1243]
Cf. Lucas 19: 2-4.

[←1244]
Lucas 23: 34.

[←1245]
1 Coríntios 1: 23.

[←1246]
1 Coríntios 3: 19.

[←1247]
Cf. Romanos 8: 30. *Aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou.*

[←1248]
João 1: 46 e 48.

[←1249]
Cf. Gênesis 3: 7.

[←1250]
Salmo 58: 11. *Deus meus misericordia ejus præveniet me*.

[←1251]
Gálatas 5: 6.

[←1252]
Efésios 3: 17.

[←1253]
Lucas 23: 34.

[←1254]
Mateus 1: 21.

[←1255]
Mateus 9: 12.

[←1256]
João 3: 6.

[←1257]
2 Coríntios 4: 16.

[←1258]
Marco 10: 14.

[←1259]
1 Timóteo 1: 15 e 16.

[←1260]
2 Tessalonicenses 3: 2.

[←1261]
2 Timóteo 2: 19.

[←1262]
Cf. Mateus 9: 11.

[←1263]
Cf. Mateus 18: 13. *Um homem possui cem ovelhas; uma delas se desgarra. Não deixa ele as noventa e nove na montanha, para ir buscar aquela que se desgarrou?*

[←1264]
Lucas 19: 10.

[←1265]
Lucas 6: 21.

[←1266]
Lucas 23: 34.

[←1267]
Marcos 2: 16.

[←1268]
Lucas 24: 49.

[←1269]
Salmo 32: 4. (Septuaginta)

[←1270]
Atos 2: 37.

[←1271]
Atos 2: 38.

[←1272]
Cf. Atos 2: 1-8 e 37-47.

[←1273]
Cf. Mateus 4: 18.

[←1274]
Cf. Mateus 26: 70-75.

[←1275]
Atos 9: 11.

[←1276]
Atos 9: 4.

[←1277]
Atos 9: 13 e 14.

[←1278]
Mateus 10: 16.

[←1279]
Cf. Atos 7-9.

[←1280]
Mateus 9: 13.

[←1281]
Efésios 5: 14.

[←1282]
Totum stratum eius vertisti in infirmitate eius.

[←1283]
Lucas 18: 14.

[←1284]
1 Timóteo 1: 15 e 16.

[←1285]
Salmo 94: 6.

[←1286]
Salmo 94: 2.

[←1287]
Lucas 10: 12-19.

[←1288]
Mateus 9: 12 e 13.

[←1289]
1 Coríntios 15: 9.

[←1290]
Cf. Atos X.

[←1291]
Salmo 99: 3.

[←1292]
Filipenses 2: 13.

[←1293]
Salmo 58: 11.

[←1294]
1 Coríntios 4: 7.

[←1295]
Breviário da Missa.

[←1296]
1 Timóteo 6: 7-19.

[←1297]
Mateus 6: 9.

[←1298]
Salmo 22: 3.

[←1299]
Hebreus 13: 5.

[←1300]
Jó 1: 21.

[←1301]
Breviário da Missa.

[←1302]
Mateus 6: 21.

[←1303]
Filipenses 4: 11.

[←1304]
1 Timóteo 6: 17.

[←1305]
Cf. Hebreus 6: 19 e 20. *Esperança esta que seguramos qual âncora de nossa alma, firme e sólida e que penetra até além do véu, no santuário onde Jesus entrou por nós como precursor e Pontífice eterno*.

[←1306]
1 Coríntios 15: 28.

[←1307]
João 14: 8 e 9.

[←1308]
Salmo 102: 5.

[←1309]
Isaías 57: 8 (Septuaginta).

[←1310]
Cf. Lucas 15: 15.

[←1311]
Salmo 72: 27.

[←1312]
Salmo 72: 28.

[←1313]
2 Coríntios 8: 13.

[←1314]
Hebreus 13: 5.

[←1315]
Cf. Mateus 6: 12.

[←1316]
Tito 1: 8 e 9.

[←1317]
João 7: 24.

[←1318]
1 Coríntios 9: 26 e 27.

[←1319]
Salmo 90: 2 e 3.

[←1320]
Lucas 12: 19.

[←1321]
Lucas 12: 20.

[←1322]
Cf. Lucas 16: 20.

[←1323]
Lucas 16: 19.

[←1324]
Lucas 16: 21.

[←1325]
Mateus 25: 34.

[←1326]
Mateus 25: 41.

[←1327]
Mateus 25: 37-39.

[←1328]
Mateus 25: 40.

[←1329]
Mateus 25: 42 e 43.

[←1330]
Eclesiástico 31: 8 e 10.

[←1331]
Cf. Deuteronômio 22: 3.

[←1332]
Proscholus. Auxiliar de professor (Gaffiot). Encarregado principalmente da disciplina em sala de aula. Ao dizer que o mestre merecia mais ficar à porta do que sentado na cátedra, Santo Agostinho deixa entender humildemente que o mestre mencionado era ele mesmo. O exemplo, portanto, é bem autêntico. Ver *Confissões*. Livro I, cap. 13.

[←1333]
1 João 3: 2 e 3.

[←1334]
Tiago 1: 19 e 22.

[←1335]
Salmo 50: 10.

[←1336]
João 3: 29.

[←1337]

João 8: 44.

[←1338]
Lucas 14: 11.

[←1339]
Lucas 10: 41 e 42.

[←1340]
Mateus 25: 40.

[←1341]
Romanos 12: 13.

[←1342]
Hebreus 13: 2.

[←1343]
1 Coríntios 15: 54.

[←1344]
Mateus 5: 6.

[←1345]
João 16: 12.

[←1346]
João 14: 6.

[←1347]
João 6: 41.

[←1348]
Mateus 8: 10 e 11.

[←1349]
1 Coríntios 6: 13.

[←1350]
Lucas 12: 37.

[←1351]

João 13: 1.

[←1352]

Mateus 5: 28.

[←1353]

Isaías 58: 7.

[←1354]

Lucas 19: 22 e 23.

[←1355]

Mateus 7: 24-27.

[←1356]

1 Coríntios 4: 3.

[←1357]

1 Coríntios 4: 16.

[←1358]

Mateus 23: 3.

[←1359]

Mateus 7: 16. Esta objeção não foi resolvida aqui, mas sim em sermões precedentes: *Sermão 046*, cap. 22 (*Essas uvas não vêm dos espinhos. Não vemos algumas vezes um ramo de parreira crescer, se entrelaçar em uma cerca viva e produzir uvas no meio desse arbusto de espinhos, embora elas não sejam produzidas por esses espinhos? Se você está pressionado pela fome e não tem outro recurso, estique o braço com cuidado, tome cuidado para não se machucar __ ou seja, imitar as ações dos maus __ colha essa uva produzida pela parreira e suspensa no meio do espinheiro. Aproveite esse cacho, pois os espinhos são destinados ao fogo*) e *Sermão 101*, cap. 10 (*É uma pessoa de bem que prega a você? Ele é como a uva na videira. Trata-se de uma má pessoa? Colha a uva que cresceu no meio do espinheiro. Trata-se de um ramo de videira que se perdeu em uma moita de espinhos. A uva cresceu ali, mas não foi o espinheiro que a produziu. Quando você encontrar um fenômeno destes e estiver pressionado pela fome, colha. Mas colha com precaução, para que, ao levar a mão à uva, você não seja ferido pelos espinhos. Em outros termos: escute o que é bom, sem imitar o que se faz de mal*).

[←1360]

Tiago 5: 12.

[←1361]

Mateus 5: 33-37.

[←1362]

Salmo 109: 4.

[←1363]
Gênesis 22: 16.

[←1364]
Números 14: 28.

[←1365]
Sabedoria 9: 15.

[←1366]
Cf. Êxodo 20: 7. *Não pronunciarás o nome de teu Deus em prova de falsidade*.

[←1367]
Levítico 19: 12.

[←1368]
1 Coríntios 15: 31.

[←1369]
2 Coríntios 1: 23.

[←1370]
Gálatas 1: 20.

[←1371]
Isaías 42: 14.

[←1372]
Sabedoria 1: 11.

[←1373]
Mateus 5: 37.

[←1374]
Gálatas 1: 20.

[←1375]
1 João 1: 8 e 9.

[←1376]

Jó 14: 4 e 5 (Septuaginta).

[←1377]
Cf. Gênesis 18: 20-32.

[←1378]
Efésios 5: 25-27.

[←1379]
Mateus 6: 9.

[←1380]
1 João 1: 1-3.

[←1381]
João 1: 3.

[←1382]
Salmo 150: 6.

[←1383]
Mateus 6: 13.

[←1384]
Salmo 37: 8.

[←1385]
João 5: 35.

[←1386]
João 1: 9.

[←1387]
Salmo 26: 1.

[←1388]
Mateus 6: 14.

[←1389]
1 Coríntios 15: 54-56.

[←1390]

Salmo 26: 1.

[←1391]
Efésios 5: 8.

[←1392]
Salmo 36: 6.

[←1393]
1 João 4: 1-3.

[←1394]
Mateus 16: 13-16.

[←1395]
João 1: 1 e 2.

[←1396]
Gênesis 1: 1.

[←1397]
João 1: 3.

[←1398]
Filipenses 2: 6.

[←1399]
Filipenses 2: 7.

[←1400]
Tito 1: 15 e 16.

[←1401]
João 3: 29.

[←1402]
Lucas 24: 44-46.

[←1403]
Cf. 1 Coríntios 12: 27 (*Vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros*) e Efésios 1: 22 e 23 (*Sujeitou a seus pés todas as coisas e o constituiu cabeça suprema de toda a Igreja, que é o seu corpo*).

[←1404]

João 3: 29 (*Aquele que tem a esposa é o esposo*).

[←1405]

Cf. Cântico 5: 2.

[←1406]

Cf. Cântico 2: 14. (*Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz*).

[←1407]

Cf. Efésios 2: 13 (*Vós que antes estáveis longe, vos tornastes presentes, pelo sangue de Cristo*).

[←1408]

Lucas 24: 47.

[←1409]

Romanos 8: 3.

[←1410]

Tiago 2: 19.

[←1411]

Mateus 16: 16.

[←1412]

Marcos 1: 24.

[←1413]

Marcos 1: 24.

[←1414]

Lucas 22: 33.

[←1415]

Marcos 16: 17.

[←1416]

Mateus 16: 22.

[←1417]

João 10: 17 e 18.

[←1418]
João 15: 13.

[←1419]
Mateus 16: 23.

[←1420]
Jeremias 17: 5.

[←1421]
1 Coríntios 1: 31.

[←1422]
Salmo 84: 12.

[←1423]
Salmo 117: 24.

[←1424]
Cf. Mateus 11: 25.

[←1425]
Cf. 1 Coríntios 15: 45-49.

[←1426]
Cf. Romanos 8: 3.

[←1427]
Isaías 53: 8.

[←1428]
Cf. Atos 17: 28. *É dele que temos a vida, o movimento e o ser*.

[←1429]
Cf. João 6: 35. *Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome*.

[←1430]
Salmo 84: 12.

[←1431]

Efésios 5: 14.

[←1432]

Cf. Salmo 117: 24. *Este é o dia que o Senhor fez. Que ele seja para nós dia de alegria e de felicidade*.

[←1433]

1 Coríntios 1: 30 e 31.

[←1434]

Romanos 10: 3.

[←1435]

João 14: 6.

[←1436]

João 1: 14.

[←1437]

Tiago 1: 17.

[←1438]

João 3: 27.

[←1439]

Romanos 5: 1 e 2.

[←1440]

Salmo 84: 11.

[←1441]

Lucas 2: 14.

[←1442]

Efésios 2: 14.

[←1443]

Salmo 3: 4.

[←1444]

João 1: 14.

[←1445]
João 1: 1.

[←1446]
Mateus 25: 38.

[←1447]
Filipenses 2: 6 e 7.

[←1448]
Filipenses 2: 8.

[←1449]
Romanos 1: 1-3.

[←1450]
Gálatas 4: 4.

[←1451]
Cf. Coríntios 4: 16.

[←1452]
Cf. Salmo 50: 17. *Senhor, abri meus lábios, a fim de que minha boca anuncie vossos louvores*.

[←1453]
Cf. João 1: 3.

[←1454]
Sabedoria 8: 1.

[←1455]
Sabedoria 7: 27.

[←1456]
João 1: 1.

[←1457]
João 1: 14.

[←1458]
Mateus 1: 23.

[←1459]
Salmo 18: 6.

[←1460]
Filipenses 2: 6 e 7.

[←1461]
João 14: 28.

[←1462]
João 10: 30.

[←1463]
Isaías 9: 5.

[←1464]
Cf. João 8: 58. *Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, eu sou.*

[←1465]
Cf. Isaías 60: 3. *As nações se encaminharão à tua luz e os reis, ao brilho de tua aurora.*

[←1466]
Cf. Salmo 117: 24. *Este é o dia que o Senhor fez. Que ele seja para nós dia de alegria e de felicidade.*

[←1467]
Cf. Mateus 5: 8. *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*

[←1468]
Cf. João 8: 58.

[←1469]
João 1: 3

[←1470]
João 1: 1.

[←1471]
João 1: 14.

[←1472]
João 1: 14.

[←1473]

Isaías 53: 8.

[←1474]

Cf. Gênesis 1: 20. *O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos*.

[←1475]

Cf. Gênesis 3: 5. *No dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses*.

[←1476]

2 Coríntios 11: 2.

[←1477]

Salmo 95: 1 e 2.

[←1478]

Salmo 5: 5. *Mane astabo tibi et videbo*.

[←1479]

Salmo 84: 12.

[←1480]

Romanos 10: 3.

[←1481]

Romanos 1: 17.

[←1482]

João 1: 1.

[←1483]

Isaías 1: 3.

[←1484]

Romanos 13: 12 e 13.

[←1485]

João 1: 14.

[←1486]

Isaías 1: 3.

[←1487]
Cf. Mateus 21: 1-9.

[←1488]
Salmo 95: 1 e 2.

[←1489]
Salmo 66: 2 e 3.

[←1490]
João 14: 6.

[←1491]
Lucas 2: 29-32.

[←1492]
Cf. João 6: 35. *Eu sou o pão da vida*.

[←1493]
Cf. Mateus 4: 2.

[←1494]
Cf. João 4: 14. *O que beber da água que eu lhe der jamais terá sede*.

[←1495]
Cf. João 19: 28. *Sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir plenamente a Escritura, disse: "Tenho sede"*.

[←1496]
Cf. João 1: 9. *O Verbo era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todos*.

[←1497]
Cf. Lucas 8: 23. *Durante a travessia, Jesus adormeceu*.

[←1498]

Cf. João 14: 6. *Eu sou o caminho*.

[←1499]
Cf. Mateus 27: 29. *Trançaram uma coroa de espinhos, meteram-lha na cabeça*.

[←1500]

Cf. 1 Coríntios 3: 11. *Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo*.

[←1501]

Salmo 84: 12. *Jejuou quarenta dias e quarenta noites. Depois, teve fome*.

[←1502]

Lucas 24: 39.

[←1503]

Cf. João 20: 19.

[←1504]

Cf. Salmo 18: 6. *E este, qual esposo que sai do seu tálamo, exulta, como um gigante, a percorrer seu caminho*.

[←1505]

2 Coríntios 11: 2.

[←1506]

Cf. 1 Coríntios 32-34.

[←1507]

Salmo 84: 12.

[←1508]

Mateus 12: 50.

[←1509]

João 3: 31.

[←1510]

Salmo 84: 12.

[←1511]

João 16: 8-10.

[←1512]

Salmo 18: 7.

[←1513]

Salmo 18: 6.

[←1514]

Lucas 2: 14.

[←1515]

Cf. 1 Tessalonicenses 4: 17. *Nós, os vivos, os que estamos ainda na terra, seremos arrebatados juntamente com eles sobre nuvens ao encontro do Senhor nos ares e assim estaremos para sempre com o Senhor*.

[←1516]

Cf. Hebreus 12: 14. *Procurai a paz com todos e, ao mesmo tempo, a santidade, sem a qual ninguém pode ver o Senhor*.

[←1517]

Cf. Salmo 101: 28. *Vós permaneceis o mesmo e vossos anos não têm fim*.

[←1518]

Salmo 33: 13-15.

[←1519]

Romanos 7: 18.

[←1520]

Romanos 7: 24 e 25.

[←1521]

Gálatas 5: 17.

[←1522]

Efésios 2: 14.

[←1523]

João 8: 31 e 32.

[←1524]

Salmo 84: 12.

[←1525]

Romanos 7: 23.

[←1526]

Salmo 118: 106-108.

[←1527]

Romanos 5: 5.

[←1528]

Cf. Salmo 32: 1. *Exultai no Senhor, ó justos, pois aos retos convém o louvor*.

[←1529]

João 3: 30.

[←1530]

2 Coríntios 5: 15.

[←1531]

Gálatas 2: 20.

[←1532]

Salmo 94: 7.

[←1533]

Lucas 2: 14.

[←1534]

João 1: 1 e 14.

[←1535]

Cf. Colossenses 2: 2 e 3. *Tudo sofro para que os seus corações sejam reconfortados e que, estreitamente unidos pela caridade, sejam enriquecidos de uma plenitude de inteligência, para conhecerem o mistério de Deus, isto é, Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência*.

[←1536]

2 Coríntios 8: 9.

[←1537]

Cf. Salmo 30: 20. *Quão grande é, Senhor, a abundância de vossa bondade, que escondestes dos que vos temem e que comunicais aos que têm esperança em vós, aos olhos de todos!*

[←1538]

Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*.

[←1539]

1 João 3: 2.

[←1540]
João 14: 8.

[←1541]
Salmo 16: 15.

[←1542]
Cf. João 10: 30. *Eu e o Pai somos um*.

[←1543]
Salmo 23: 10. *Dominus virtutum ipse est rex gloriæ*.

[←1544]
Cf. Salmo 79: 8. *Mostrai-nos serena a vossa face e seremos salvos*.

[←1545]
Salmo 26: 8 e 9.

[←1546]
João 14: 21.

[←1547]

[←1548]
Cf. Salmo 109: 3. *Semelhante ao orvalho, desde o ventre, eu te gerei antes da aurora*.

[←1549]
Cf. Salmo 71: 17. *Seu nome será eternamente bendito e durará tanto quanto a luz do sol*.

[←1550]
Cf. Salmo 18: 6. *Qual esposo que sai do seu tálamo, exulta, como um gigante, a percorrer seu caminho*.

[←1551]
Isaías 53: 8.

[←1552]
Salmo 44: 3.

[←1553]

2 Coríntios 11: 2.

[←1554]

Cf. Gálatas 4: 26 e 27. *A Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe, porque está escrito: "Alegra-te, ó estéril, que não davas à luz. Rejubila e canta, tu que não tinhas dores de parto, pois são mais numerosos os filhos da abandonada do que daquela que tem marido".*

[←1555]

Cf. João 1: 5, 10 e 11. *A luz resplandecia nas trevas e as trevas não a compreendiam. Esteve no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.*

[←1556]

Cf. Efésios 5: 8. *Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor.*

[←1557]

Salmo 18: 6.

[←1558]

Cf. João 1: 14. *O Verbo se fez carne e habitou entre nós.*

[←1559]

Isaías 53: 8.

[←1560]

João 1: 1.

[←1561]

Filipenses 2: 6 e 7.

[←1562]

Cf. Lucas 1: 41.

[←1563]

Cf. Lucas 2: 36 e 37.

[←1564]

Eclesiástico 3: 20.

[←1565]

Cf. Daniel 13.

[←1566]

Romanos 1: 18.

[←1567]
Romanos 1: 19.

[←1568]
Romanos 1: 19 e 20.

[←1569]
Romanos 1: 21.

[←1570]
Romanos 1: 22.

[←1571]
Romanos 1: 23.

[←1572]
Romanos 1: 24.

[←1573]
Romanos 1: 25.

[←1574]
Romanos 1: 25.

[←1575]
Cf. Atos 8: 9-24.

[←1576]
1 Coríntios 3: 7 e 6.

[←1577]
1 Coríntios 1: 13.

[←1578]
Gálatas 1: 8.

[←1579]
2 Coríntios 13: 3.

[←1580]

Gálatas 4: 14.

[←1581]
Mateus 25: 35.

[←1582]
Colossenses 2: 8.

[←1583]
Salmo 105: 47.

[←1584]
Provérbios 28: 27.

[←1585]
Mateus 25: 34.

[←1586]
Mateus 25: 41.

[←1587]
2 Coríntios 6: 14 e 15.

[←1588]
1 Coríntios 10: 20.

[←1589]
Efésios 4: 20 e 21.

[←1590]
Efésios 5: 7 e 8.

[←1591]
João 4: 22.

[←1592]
Isaías 49: 6.

[←1593]
Lucas 2: 14.

[←1594]

Efésios 2: 14.

[←1595]
Mateus 21: 42.

[←1596]
Efésios 2: 15-17.

[←1597]
Mateus 2: 2.

[←1598]
Cf. 2 Coríntios 5: 7. *Andamos na fé e não na visão*.

[←1599]
Cf. Mateus 2: 2.

[←1600]
O mais alto dos céus, o lugar reservado aos santos e bem-aventurados (Houaiss).

[←1601]
Cf. Mateus 2: 1-11.

[←1602]
Cf. Lucas 1: 8-20.

[←1603]
Cf. Salmo 18: 2. *Narram os céus a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos*.

[←1604]
Salmo 2: 10 e 11.

[←1605]
Mateus 2: 5 e 6.

[←1606]
Cf. 1 Coríntios 1: 27. *O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes*.

[←1607]

Cf. Mateus 9: 13. *Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*.

[←1608]

Cf. Salmo 117: 22. *A pedra rejeitada pelos arquitetos se tornou a pedra angular*.

[←1609]

Cf. Romanos 11: 5. *É o que continua a acontecer no tempo presente: subsiste um resto, segundo a eleição da graça*.

[←1610]

Cf. Efésios 2: 14.

[←1611]

Cf. Romanos 11: 23.

[←1612]

Cf. Efésios 2: 14. *Ele, que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava*.

[←1613]

Mateus 2: 2.

[←1614]

João 19: 19.

[←1615]

João 19: 22.

[←1616]

Salmo 56: 1.

[←1617]

Mateus 8: 11 e 12.

[←1618]

Cf. Romanos 11: 24.

[←1619]

Mateus 2: 5.

[←1620]

Cf. Mateus 27: 24.

[←1621]
Cf. Gênesis 4: 1-15.

[←1622]
Salmo 59: 11 (Septuaginta).

[←1623]
Cf. Mateus 2: 1-12.

[←1624]
Efésios 2: 14-17.

[←1625]
Cf. Isaías 8: 4. *Antes que o menino saiba dizer: papai, mamãe, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão carregados diante do rei da Assíria.*

[←1626]
Mateus 10: 23.

[←1627]
Mateus 22: 37-40.

[←1628]
Cf. Êxodo 12: 2-11.

[←1629]
Romanos 11: 25.

[←1630]
Lucas 2: 14.

[←1631]
Salmo 18: 2.

[←1632]
Cf. Efésios 2: 11-22.

[←1633]
Mateus 8: 5-10.

[←1634]
Mateus 15: 22-28.

[←1635]
Cf. Romanos 11: 18.

[←1636]
Lucas 13: 29.

[←1637]
Cf. Atos 10: 11.

[←1638]
1 Timóteo 3: 16.

[←1639]
Efésios 2: 14-16.

[←1640]
Efésios 2: 17 e 18.

[←1641]
Salmo 33: 6.

[←1642]
1 Pedro 2: 6.

[←1643]
Isaías 1: 3.

[←1644]
Salmo 17: 45.

[←1645]
1 Timóteo 1: 7.

[←1646]

[←1647]
Cf. Gênesis 32: 25.

[←1648]
Mateus 21: 9.

[←1649]
Gálatas 1: 2-24.

[←1650]
Gálatas 5: 24.

[←1651]
Salmo 118: 120. *Confige timore tuo carnes meas*.

[←1652]
Romanos 12: 1.

[←1653]
Gálatas 6: 14.

[←1654]
Cf. Romanos 13: 13 e 14.

[←1655]
Cf. Lucas 21: 34.

[←1656]
Cf. Tito 1: 15. *Para os puros todas as coisas são puras. Para os corruptos e descrentes nada é puro; até a sua mente e consciência são corrompidas*.

[←1657]
Isaías 58: 3 e 4.

[←1658]
Isaías 58: 6 e 7.

[←1659]
Salmo 141: 2.

[←1660]
Isaías 5: 7.

[←1661]
Lucas 6: 37 e 38.

[←1662]
2 Timóteo 2: 11 e 12.

[←1663]
Lucas 6: 36 e 37.

[←1664]
1 Coríntios 2: 9.

[←1665]
Isaías 58: 4.

[←1666]
Cf. Salmo 33: 15. *Aparta-te do mal e faze o bem, mire a paz e vai ao seu encalço*.

[←1667]
Cf. Isaías 58: 7.

[←1668]
João 1: 11.

[←1669]
Cf. Salmo 102: 2-5.

[←1670]
Cf. Filipenses 2: 8.

[←1671]
Cf. Gênesis 25: 29-34.

[←1672]
1 Crônicas 11: 17-19

[←1673]
Tito 1: 15.

[←1674]
Romanos 14: 20.

[←1675]
Tito 1: 15.

[←1676]
Cf. Números 11: 5, 33 e 34.

[←1677]

Cf. Gênesis 25: 29-34.

[←1678]

Cf. Mateus 4: 3 e 4. *Nem só de pão vive o ser humano, mas de toda palavra que procede da boca de Deus*.

[←1679]

1 Coríntios 7: 5.

[←1680]

Efésios 4: 26 e 27.

[←1681]

Cf. Lucas 23: 34.

[←1682]

Cf. Eclesiastes 11: 10. *Exclui a tristeza de teu coração, poupa o sofrimento a teu corpo*.

[←1683]

Mateus 6: 12.

[←1684]

Lucas 6: 37 e 38.

[←1685]

Efésios 4: 26.

[←1686]

Cf. 1 Coríntios 13: 4. *O amor é paciente, o amor é bondoso. Não tem inveja. O amor não é orgulhoso. Não é arrogante*.

[←1687]

Eclesiástico 29: 15.

[←1688]

Tito 1: 15.

[←1689]

1 Coríntios 7: 5.

[←1690]

Mateus 3: 16 e 17.

[←1691]
Mateus 4: 1 e 2.

[←1692]
Romanos 6: 4.

[←1693]
Mateus 9: 15.

[←1694]
Mateus 9: 16 e 17.

[←1695]
Cf. Salmo 44: 3.

[←1696]
Cf. Isaías 53: 2 e 8.

[←1697]
Mateus 13: 17.

[←1698]
Lucas 17: 22.

[←1699]
Salmo 41: 4.

[←1700]
Cf. II Coríntios 5: 6.

[←1701]
Cf. Filipenses 1: 23 e 24.

[←1702]
Sabedoria 9: 14 e 15.

[←1703]
Cf. Jó 7: 1.

[←1704]

Cf. 1 Pedro 5: 8.

[←1705]
Cf. Apocalipse 5: 5.

[←1706]
Cf. Apocalipse 4: 7.

[←1707]
Salmo 17: 11 e 12.

[←1708]
Salmo 103: 20.

[←1709]

[←1710]
Salmo 103: 21.

[←1711]
Lucas 22: 31 e 32.

[←1712]
2 Pedro 1: 19.

[←1713]
Lucas 12: 35 e 36.

[←1714]
1 Coríntios 15: 32.

[←1715]
João 16: 19-22.

[←1716]
Cf. 1 João 3: 2.

[←1717]
Isaías 26: 18.

[←1718]
João 16: 21.

[←1719]
Salmo 60: 3.

[←1720]
Êxodo 20: 17.

[←1721]
Cf. Mateus 20: 2-13.

[←1722]
Eclesiástico 18: 30.

[←1723]
Lucas 6: 37 e 38.

[←1724]
Cf. Mateus 18: 24-35.

[←1725]
Efésios 4: 26.

[←1726]
1 João 2: 8-11.

[←1727]
1 João 3: 15.

[←1728]
Mateus 6: 12.

[←1729]
Mateus 7: 3.

[←1730]
1 João 2: 8 e 9.

[←1731]
1 João 3: 15.

[←1732]
1 João 1: 8.

[←1733]
Efésios 4: 32.

[←1734]
Mateus 13: 45.

[←1735]
Cf. Romanos 5: 5. *A esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*.

[←1736]
João 10: 30.

[←1737]
Filipenses 2: 6.

[←1738]
João 1: 3.

[←1739]
1 Coríntios 1: 24.

[←1740]
Sabedoria 7: 27.

[←1741]
João 1: 1.

[←1742]
Colossenses 1: 16 e 17.

[←1743]
Filipenses 2: 7.

[←1744]
Isaías 53: 1.

[←1745]
Isaías 7: 9.

[←1746]
1 Coríntios 15: 44.

[←1747]
Cf. Sabedoria 9: 15. *O corpo corruptível torna pesada a alma.*

[←1748]
Jeremias 31: 33.

[←1749]
Salmo 102: 2 e 3.

[←1750]
Romanos 10: 10.

[←1751]
João 1: 14.

[←1752]
1 Coríntios 2: 8.

[←1753]
Filipenses 2: 6-8.

[←1754]
Sedes: assento, cadeira, trono, sede, residência, habitação (Gaffiot).

[←1755]
Atos 7: 56.

[←1756]
1 João 1: 8 e 9.

[←1757]
1 João 2: 1 e 2..

[←1758]
Cf. Salmo 112: 3. *Do nascente ao poente, seja louvado o nome do Senhor.*

[←1759]
2 Coríntios 11: 2 e 3.

[←1760]
1 Coríntios 12: 27.

[←1761]
Cf. Êxodo 14.

[←1762]
Salmo 105: 11.

[←1763]
Cf. Mateus 22: 30. *Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos, mas serão como os anjos de Deus no céu.*

[←1764]
Salmo 15: 5.

[←1765]
Salmo 2: 8.

[←1766]
João 15: 1 e 5.

[←1767]
Romanos 10: 9 e 10.

[←1768]
2 Timóteo 2: 13.

[←1769]
Salmo 134: 6.

[←1770]
Gênesis 1:1.

[←1771]
João 1: 1.

[←1772]
Filipenses 2: 6.

[←1773]
Filipenses 2: 7 e 8.

[←1774]
Lucas 1: 34 e 35.

[←1775]
Cf. João 1: 14.

[←1776]
Cf. Romanos 10: 9 e 10.

[←1777]
Cf. Mateus 26: 38.

[←1778]
Cf. Atos 7: 55 e 56.

[←1779]
Sedes: cadeira, banco, trono, sede, residência, habitação, domicílio (Gaffiot).

[←1780]
1 Reis 2: 38 (Septuaginta). *Kai ekáthise Semeï en Ierousalím tría éti*.

[←1781]
Cânticos 2: 6.

[←1782]
Atos 1: 11.

[←1783]
João 5: 28 e 29.

[←1784]
Isaías 26: 10 (Septuaginta).

[←1785]
Mateus 5: 8.

[←1786]
Cf. João 15: 26.

[←1787]
Cf. João 1: 32.

[←1788]
Cf. João 16: 14.

[←1789]
1 Coríntios 6: 19.

[←1790]
1 Coríntios 3: 17.

[←1791]
Cf. Colossenses 1: 6.

[←1792]
Cf. 1 Timóteo 3: 15.

[←1793]
Cf. Mateus 3: 12.

[←1794]
1 Coríntios 15: 53, 42-44.

[←1795]
Lucas 21: 18.

[←1796]
1 Coríntios 3: 11.

[←1797]
Filipenses 3: 13 e 14.

[←1798]
Romanos 8: 24 e 25.

[←1799]
Cf. João 1: 30.

[←1800]
Deuteronômio 6: 4.

[←1801]
Isaías 53: 8.

[←1802]
Hebreus 11: 6.

[←1803]
Lucas 1: 35.

[←1804]
Lucas 1: 38.

[←1805]
João 15: 13.

[←1806]
Romanos 5: 6 e 10.

[←1807]
Romanos 5: 8.

[←1808]
Romanos 10: 10.

[←1809]
Marcos 8: 38.

[←1810]
Gálatas 6: 14.

[←1811]
1 Coríntios 2: 2.

[←1812]
2 Timóteo 2: 8.

[←1813]
Efésios 4: 10.

[←1814]
João 3: 18.

[←1815]
Romanos 14: 8.

[←1816]
João 4: 24.

[←1817]
Mateus 28: 19.

[←1818]
Gálatas 1: 8 e 9.

[←1819]
Cf. João 16: 12.

[←1820]
Lucas 9: 62.

[←1821]
Salmo 26: 3.

[←1822]
Salmo 26: 4.

[←1823]
Cf. I João 3: 2. *Não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é.*

[←1824]
Cf. Colossenses 3: 9 e 10. *Vós vos despistes do velho ser, com os seus vícios e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem Daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento.*

[←1825]
Cf. 1 Coríntios 15: 49. *Assim como reproduzimos em nós as feições do ser humano terreno, precisamos reproduzir as feições do ser humano celestial.*

[←1826]
Romanos 6: 19.

[←1827]
Cf. Salmo 18: 14. *Preservai vosso servo do orgulho. Não domine ele sobre mim. Então serei íntegro e limpo de falta grave.*

[←1828]
Cf. Mateus 13: 1-8.

[←1829]
Cf. 1 Coríntios 3: 6. *Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer.*

[←1830]
Cf. Salmo 33: 19.

[←1831]
Salmo 33: 6.

[←1832]
João 1: 9.

[←1833]
Cf. Salmo 33: 13. *Quem é que não ama a vida e deseja longos dias para gozar de felicidade?*

[←1834]
Cf. Salmo 67: 27. *Bendizei a Deus nas vossas assembleias, bendizei ao Senhor, filhos de Israel!*

[←1835]
Salmo 41: 4.

[←1836]
1 Coríntios 2: 9.

[←1837]
Cf. Salmo 71: 14.

[←1838]
Salmo 26: 13.

[←1839]
Colossenses 3: 5.

[←1840]
Salmo 72: 27.

[←1841]
Salmo 72: 28.

[←1842]
Romanos 12: 9.

[←1843]
Cf. 1 Coríntios 9: 24-27.

[←1844]
Cf. Colossenses 1: 13.

[←1845]
1 Coríntios 14: 20.

[←1846]
Cf. Efésios 4: 13. *Até atingirmos o estado de adulto feito, a estatura da maturidade de Cristo*.

[←1847]
Cf. Provérbios 10: 1 e 15: 20. *O filho sábio é a alegria de seu pai; o insensato, porém, a aflição de sua mãe*.

[←1848]
Cf. 2 Timóteo 2: 19.

[←1849]
Salmo 26: 10.

[←1850]
Salmo 21: 11.

[←1851]
Cf. Salmo 23: 6.

[←1852]
Cf. Jó 5: 19. *Seis vezes te salvará da angústia e, na sétima, o mal não o atingirá*.

[←1853]
Cf. Salmo 147: 14.

[←1854]
Cf. Salmo 91: 13-15. *Os justos elevar-se-ão como o cedro do Líbano. Plantados na casa do Senhor, nos átrios de nosso Deus hão de florir. Até na velhice eles darão frutos, continuarão cheios de seiva e verdejantes*.

[←1855]
Cf. Salmo 16: 7. *Mostrai a vossa admirável misericórdia, vós que salvais dos adversários os que se acolhem à vossa direita*.

[←1856]
Cf. Salmo 94: 6. *Vinde, inclinemo-nos, prostremo-nos, choremos diante do Senhor que nos criou*.

[←1857]

Cf. Salmo 35: 9 e 10. *Eles se saciam da abundância de vossa casa e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias, porque em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz*.

[←1858]

Cf. Salmo 35: 12. *Não me calque o pé do orgulhoso, não me faça fugir a mão do pecador*.

[←1859]

Cf. Salmo 18: 13 e 14. *Quem pode, entretanto, ver as próprias faltas? Purificai-me das que me são ocultas. Preservai, também, vosso servo do orgulho. Não domine ele sobre mim. Então serei íntegro e limpo de falta grave*.

[←1860]

Cf. Salmo 2: 3.

[←1861]

Filipenses 4: 5 e 6.

[←1862]

Cf. Lucas 15: 27.

[←1863]

Salmo 21: 27.

[←1864]

João 17: 24.

[←1865]

Salmo 56: 2.

[←1866]

Salmo 35: 10.

[←1867]

João 1: 1.

[←1868]

Cf. Romanos 6: 9.

[←1869]

Cf. João 19: 17.

[←1870]
Mateus 16: 24.

[←1871]
Cf. João 19: 17 e 18.

[←1872]
Salmo 39: 13. *Comprehenderunt me iniquitates meæ et non potui ut viderem. Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei*.

[←1873]
João 19: 18.

[←1874]
Mateus 5: 10.

[←1875]
1 Coríntios 13: 3.

[←1876]
João 19: 19.

[←1877]
Salmo 2: 6.

[←1878]
João 19: 20.

[←1879]
Salmo 2: 6-8.

[←1880]
Isaías 2: 3.

[←1881]
Salmo 46: 4.

[←1882]
Romanos 15: 27.

[←1883]
Cf. João 19: 21.

[←1884]
Mateus 21: 43.

[←1885]
Romanos 11: 1.

[←1886]
Mateus 8: 11.

[←1887]
Cf. João 19: 22.

[←1888]
Salmos 56: 1 e 57: 1.

[←1889]
Cf. João 19: 23.

[←1890]
Cf. João 19: 23 e 24.

[←1891]
Gálatas 5: 6.

[←1892]
Cf. Romanos 5: 5.

[←1893]
Atos 8: 21. *Non est tibi pars neque sors in sermone isto*.

[←1894]
Cf. João 19: 26 e 27.

[←1895]
João 2: 4.

[←1896]
João 19: 28.

[←1897]
João 1: 11.

[←1898]
João 19: 29.

[←1899]
Lucas 23: 34.

[←1900]
João 19: 30.

[←1901]
Salmo 68: 22.

[←1902]
João 10: 17 e 18.

[←1903]
Gênesis 49: 9.

[←1904]
Cf. Êxodo 12: 46 e Números 9: 12.

[←1905]
João 19: 38-42.

[←1906]
João 12: 24.

[←1907]
Cf. 2 Coríntios 11: 27.

[←1908]
2 João 2: 15 e 16.

[←1909]
Efésios 6: 12.

[←1910]
2 Coríntios 5: 19.

[←1911]
Salmo 138: 12.

[←1912]
Efésios 5: 8.

[←1913]
Romanos 4: 25.

[←1914]
1 Coríntios 5: 7.

[←1915]
Romanos 6: 9.

[←1916]
Salmo 75: 11. *Cogitatio hominis confitebitur tibi et reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi.*

[←1917]
Gênesis 1: 3.

[←1918]
Cf. Gênesis 1: 4 e 5. *Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz DIA e às trevas NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia.*

[←1919]
Romanos 13: 12.

[←1920]
Cf. Romanos 6: 9. *Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele.*

[←1921]
Efésios 6: 12.

[←1922]
João 1: 10.

[←1923]
Efésios 5: 8.

[←1924]
Salmo 146: 8.

[←1925]

Salmo 49: 11.

[←1926]
Efésios 2: 2.

[←1927]
Colossenses 1: 13.

[←1928]
Cf. Mateus 26: 41.

[←1929]
Gálatas 5: 6.

[←1930]
João 12: 31.

[←1931]
1 Pedro 5: 3.

[←1932]
Efésios 5: 8.

[←1933]
Gênesis 1: 4 e 5.

[←1934]
Efésios 5: 8.

[←1935]
Termo usado de forma genérica para todos os novos batizados, independente de suas idades.

[←1936]
Salmo 117: 24.

[←1937]
Filipenses 4: 1.

[←1938]
Efésios 5: 8.

[←1939]
Salmo 39: 6. *Annuntiavi et locutus sum : multiplicati sunt super numerum*.

[←1940]
Mateus 3: 12.

[←1941]
Ezequiel 18: 23.

[←1942]
1 Coríntios 10: 13.

[←1943]
Salmo 34: 10.

[←1944]
Cf. Mateus 7: 14. *Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram*.

[←1945]
Gênesis 3: 5.

[←1946]
Gênesis 2: 17.

[←1947]
Gênesis 3: 4.

[←1948]
Cf. Lucas 9: 62. *Aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus*.

[←1949]
Cf. Mateus 24: 45. *O servo fiel e prudente que o Senhor constituiu para dar o alimento no momento oportuno*.

[←1950]
1 Coríntios 3: 7.

[←1951]
1 Coríntios 6: 15.

[←1952]

Cf. Gênesis 8: 7.

[←1953]
João 8: 57 e 58.

[←1954]
João 1: 1.

[←1955]
Gênesis 1: 1.

[←1956]
João 1: 3.

[←1957]
Lucas 1: 34.

[←1958]
Lucas 1: 35.

[←1959]
Mateus 1: 18.

[←1960]
Provérbios 9: 1.

[←1961]
Efésios 5: 8.

[←1962]
Cf. Gênesis 1: 5.

[←1963]
Salmo 117: 24.

[←1964]
Efésios 5: 18 e 19.

[←1965]
Salmo 35: 9 e 10.

[←1966]

Salmo 33: 6.

[←1967]
João 1: 1.

[←1968]
Gênesis 1: 5.

[←1969]
Gênesis 1: 2-5.

[←1970]
Mateus 5: 14.

[←1971]
Salmo 117: 24.

[←1972]
Efésios 5: 8.

[←1973]
1 Coríntios 10: 17.

[←1974]
1 Coríntios 11: 27.

[←1975]
Mateus 26: 41.